

LANI QUEIROZ

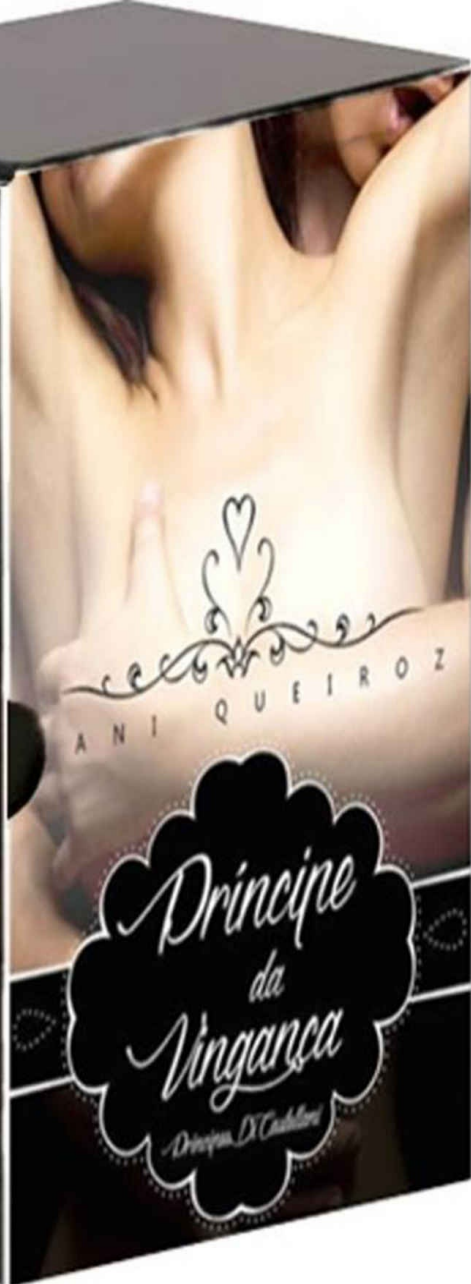
Príncipe da Verdade

LANI QUEIROZ

Príncipe da Justiça

LANI QUEIROZ

Príncipe da Vingança





SÉRIE PRÍNCIPES DI CASTELLANI:

LINDOS, ORGULHOSOS, INTENSOS E... APAIXONADOS!

LANI QUEIROZ

Capa:

Revisão: Valéria Avelar

Diagramação Digital: Middian Meireles

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PRÍNCIPE DA VINGANÇA

PRÍNCIPE DA VINGANÇA

PRÓLOGO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO QUATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

EPÍLOGO

CAPÍTULO BÔNUS

PRÍNCIPE DA LUXÚRIA

PRÍNCIPE DA LUXÚRIA

PRÓLOGO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO QUATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

EPÍLOGO

PRÍNCIPE DA PERDIÇÃO

PRÍNCIPE DA PERDIÇÃO

PRÓLOGO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO QUATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[EPÍLOGO](#)

“Assim que se olharam, amaram-se. Assim que se amaram-se, suspiram. Assim que suspiram, perguntaram um ao outro o motivo. Assim que descobriram o motivo, procuraram o remédio.”

William Shakespeare

“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis”

José de Alencar

Agradecimentos

À Deus, pela vida, inspiração e coragem que sempre me deu.

Dedicatória

Dedico primeiramente à minha família, que tem me apoiado nesse sonho antigo, mas latente dentro de mim: meu pai, Francisco, minha mãe, Maria, meus irmãos, Rozelha, Rozilene, Rony, minha cunhada, Irene, meus sobrinhos lindos, Maikon, Amanda (minha primeira leitora), Jeffrey, Jimmy e Riquelme. Meu esposo e companheiro, Hellielson, meus filhos amados, razão da minha vida, Kenneth Anderson e Kênia Railane.

Dedico às minhas queridas leitoras e amigas, minhas lindas princesas que me fazem acreditar diariamente no meu sonho. Todas dos grupos do facebook, do Wattpad que sempre estão junto comigo, me apoiando, me dando o combustível para continuar fazendo o que amo: escrever.

Quero destacar, porém, algumas lindas meninas que me ajudaram diretamente nessa jornada colocando a mão na massa: Gisele Gonzalez, minha primeira leitora no Wattpad; Carla Negreiros, através da sua mensagem, percebi que o sonho poderia se tornar realidade; Cristiana Pereira, me ajudou a criar os

grupos do Facebook e disseminou meu primeiro livro incansavelmente nas redes sociais; Zilda Colares e Camila Lima, administradoras dos grupos do face, minhas fiéis escudeiras. Todas e cada uma de vocês moram no meu coração. Muito obrigada, queridas!

Grande abraço!

Lani

PRÍNCIPE DA VINGANÇA

LIVRO 1

PRÍNCIPE DA VINGANÇA

**Príncipes Di Castellani: lindos, orgulhosos, intensos e...
Apaixonados!**

1/3

Ele planejou seduzi-la e abandoná-la...

Um engano. Um desejo de vingança. Uma paixão avassaladora. Duas vidas que se cruzam e se chocam intensamente.

Leon Di Castellani é o príncipe herdeiro de Ardócia, uma ilha localizada ao sul da Itália e vem ao Brasil com uma única missão: encontrar a mulher suspeita de seduzir seu irmão mais novo, levando-o ao suicídio e fazê-la pagar.

Júlia Smith é uma jovem e bela modelo brasileira em ascensão, que tem sua vida radicalmente alterada quando se vê sob a mira do lindo, rico e misterioso Leon. Em pouco tempo é seduzida e apresentada a um nível de sensualidade e erotismo irresistível.

Em meio ao forte desejo de vingança, Leon e Júlia são confrontados com a paixão e química explosiva que floresce desde o primeiro encontro. Os dois se entregam sem reservas a uma tórrida e erótica história de amor e ódio. Quando a verdade por trás da história é finalmente revelada, o príncipe terá uma tarefa árdua pela frente: convencer Júlia de que ela é a mulher da sua vida.

PRÓLOGO

Júlia

— Me chupe, putinha gostosa. — Leon disse baixo e rouco, puxando-me pelos cabelos até meus lábios tocarem seu membro. — abra a boca, porra! — grunhiu enfiando seu pênis até a minha garganta, dilatando-a. Meus olhos se encheram de lágrimas e eu comecei a chupá-lo. Ele fica exigente e mandão durante o sexo, mas eu gosto. — *Dio!* O que eu faço com você? Hum? Não consigo parar de pensar em você, porra! Isso putinha... Ahhhh! — gemeu estocando forte. — me chupa gostoso... Cristo! — continuou comendo minha boca sem trégua, segurando minha cabeça me deixando sem ar.

— Leon... — eu puxei minha boca respirando rápido. Não posso vê-lo, mas ouvi seu sorriso e pelo tom sei que seus olhos são perversos agora. Empurrou-me de volta para a cama. Deitou-me de bruços, beijando e mordiscando minhas costas, descendo pelo meu bumbum arredondado. Ele sempre dizia que adorava meu bumbum... Deliciou-me com suas carícias. Ele sabe a dose certa entre a dor e o prazer. Puxou-me grosseiramente pelos cabelos até ficarmos os dois de joelhos na cama. Sim, ele é mesmo mandão e dominante no sexo. Mas, eu amo isso, tudo que ele faz comigo... Então invadiu minha boca com uma ânsia louca, enquanto suas mãos exploravam meus seios e rasgava a pequena calcinha vermelha que eu usava. Eu gemi em sua boca. Ele riu baixinho e desceu a mão possessiva mapeando minha vulva latejante, massageando-a, enquanto sussurrava em meus lábios que havia sonhado comigo, que nenhuma mulher lhe deu tanto prazer, nunca. Introduziu um dedo dentro de mim e eu arquejei sentindo meus sucos jorrarem me preparando para ser tomada por ele. Leon grunhiu quando me sentiu molhada, pronta para ele.

— Não posso esperar mais, *delizia mia*... — grunhiu e puxou minhas nádegas de encontro a ele, forçando-me a ficar de quatro. Senti a cabeça grande do seu pênis em minha entrada e ele investiu poderosamente todo o caminho dentro de mim, me esticando ao limite. Puta merda! Choringuei. Ele é tão grande e espesso. Quase grande demais para mim, mas eu amo a sensação dele dentro de mim. Gemi me ajustando ao seu tamanho. — *Dio!*

Que saudade dessa bocetinha gostosa... Da minha putinha gostosa. — ele sussurrou tirando todo o pênis e metendo de volta com golpes duros e profundos. Ele ama essa posição. Eu podia senti-lo bater no meu útero. Gritei no limite entre a dor e o prazer.

— Oh! Ohhhhh! Deus! Leon... — Gemi sentindo um orgasmo se formar a partir do meu ventre. A venda deixava tudo muito mais intenso. Leon ficou cada vez mais insano, mergulhando em mim com investidas cada vez mais duras, profundas, sussurrando palavras em italiano. Ele me chamava de feiticeira, dizia que não conseguiria mais ficar sem o prazer que eu lhe proporcionava. Não entendi... Ele parecia estar... Se despedindo?

— Você gosta disso, não é? Você ama ser minha putinha. Diga! — ele exigiu tirando todo o pênis e esfregando no meu ânus. Seus dedos entraram na minha vagina levando meus sucos até meu orifício. — Vou foder você aqui. Ainda está dolorida da última vez? — ele disse rouco. Eu neguei tomada pela luxúria. Ele fazia isso comigo. Meu corpo era dele para fazer tudo. Senti seu dedo me sondando, entrando aos poucos. Eu fui empurrando de volta e relaxando, ele me ensinou na primeira vez que fizemos. Doeu pra caramba, mas gozei como nunca. Agora eram dois dedos totalmente dentro de mim me alargando para tomar o enorme pênis dele. — Eu amo esse rabinho, sabia. — ele grunhiu retirando os dedos e encaixando a cabeça robusta do Pênis no meu orifício. Meus sucos ajudaram e ele foi entrando devagar, retirando e entrando um pouco mais de cada vez até que estocou duro me rasgando, metendo até o talo. Gritei sentindo suas bolas batendo na minha vagina. Ofegamos e gememos juntos. — Vem, rebola essa bunda gostosa no meu pau até você se acostumar com ele. — Eu adoro quando ele fala sujo assim. Meu orgasmo vem muito rápido. Eu obedeci, rebolando no pênis dele ouvindo seus gemidos e rosnados. Levou uma das mãos e enrolou no meu cabelo, a outra apertou meu quadril e realmente começou a me foder. Ele metia com força no meu ânus apertado, causando ardência. Eu estava no limite da dor e do prazer.

— Que porra de visão linda! Minha putinha vendada e imobilizada tomando meu pau até as bolas no rabinho gostoso! Ohhhhh! — gemeu me fodendo loucamente.

— Leon... Ohhhhh... Deus! — gemi sentindo lágrimas nos meus olhos. Ele largou meu cabelo e puxou a venda. Debruçou-se sobre mim, tomando meu

queixo com força e me deu um beijo molhado. A mão do quadril foi para meu clitóris, ele o manipulou e beliscou até que eu estava gritando seu nome e gozando loucamente. Minha bunda indo de encontro a ele, deixando-o me rasgar com suas estocadas brutas. Ele continuou a comer meu ânus sem trégua. Uma palmada desceu com força na minha bunda e ele estocou tão forte que pensei que fosse me partir ao meio.

— Pooooorra! Que gostoso gozar nesse rabinho apertado! Ahhhhhhhhh!
— gritou e finalmente gozou rosnando, uivando como um animal no cio, alagando-me com jatos e jatos de sêmen. Eu caí na cama, sem forças. Leon era muito intenso, me drenava totalmente. Ele caiu por cima de mim gemendo, ainda enterrado completamente no meu ânus, palpitando os últimos espasmos de seu clímax. Instantes depois saiu de mim devagar e eu arquejei com a ardência. Nossos olhos se encontraram quando ele deitou-se ao meu lado. Ficamos assim nos olhando por um tempo. Um silêncio perturbador se instalou entre nós. Ele fechou os olhos, mas percebi algo lá.

Arrastei-me até ele e beijei seus lábios, nossas respirações se misturando. O cheiro dele era esplêndido. Ele abriu os olhos e a sombra estava ali de novo. Senti um frio estranho na espinha. Havia algo errado. Leon parecia atormentado, rolei para o lado, sai da cama e dirigi-me ao banheiro. Quando voltei vestindo um curto robe branco, já o encontrei vestido encarando a cama desarrumada como se o móvel fosse seu pior adversário. Era como se tivesse se arrependido do que havíamos feito ali. Ele desviou o olhar negro para mim e então, tive certeza de que havia algo muito errado. Seu olhar era abertamente hostil. Não havia o menor sinal do amante apaixonado de minutos atrás.

— Algum problema? — aproximei-me temerosa. — Nunca vi essa expressão em seu olhar.

Ele riu de forma sarcástica, os olhos negros mostrando um desprezo nunca antes percebido por mim.

— A farsa precisa acabar agora, *cara*— disse entre dentes vindo em minha direção.

Recuei atordoada. Leon parecia outra pessoa.

— Do que está falando, Leon? Que farsa?

— Para você é Vossa Alteza real, Leon Vincenzo Di Castelani, Príncipe herdeiro da Ilha de Ardócia! —sua voz era fria e cortante.

— O... O quê? Do que está falando? — indaguei confusa.

— Você, *cara*, foi amante de um príncipe. — sorriu cínico. — de dois príncipes na verdade.

— Você é um *príncipe*? Co-como? — balbuciei sem poder acreditar naquilo.

— *Si, cara*, Príncipe Leon Vincenzo Di Castellani, irmão do príncipe Damien Di Castellani, que teve a triste sorte de cruzar o caminho de uma putinha ordinária que o iludiu, roubou e o levou ao suicídio.

— Sinto muito... Eu não sabia...

— Você sente muito? — Ele me encurralou contra a parede. — Você é a vadia que acabou com a vida de meu único irmão! Pare com esse teatro de: *Oh, como eu sou pura e honesta!* Você não passa de uma maldita puta e vai pagar-me caro!

CAPÍTULO UM

Nova York, Estados Unidos...

Primeira Parte

Leon

Eu endireitei os ombros e desviei a atenção da vista do Central Park do último andar do edifício onde ficam meus escritórios em Nova York. Sempre me senti no topo do mundo aqui. Inatingível. Mas, não, não sou inatingível. Minha vida mudou drasticamente há dois anos quando meu irmão mais novo se suicidou no Brasil. Damien havia deixado Ardócia e sua vida privilegiada para trás há mais de quatro anos e eu nunca consegui entender por que. Éramos próximos enquanto crescíamos, mas no final da adolescência ele passou a se distanciar cada vez mais de mim. Eu não devia ter deixado, devia ter procurado me aproximar, entender meu irmão, mas nunca fiz até que... Damien foi embora de vez.

Esta é a história, eu havia acreditado piamente nas investigações feitas pelo palácio de Ardócia, minha terra natal sobre a morte de meu único irmão há dois anos. Os agentes descobriram que no período de seis meses anteriores ao seu suicídio uma quantia de dez milhões de dólares sumiu progressivamente da sua conta bancária. Damien vinha executando grandes saques. Os agentes trouxeram fotos que revelavam meu jovem irmão Damien na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, sempre ao lado da bela modelo Júlia Smith, filha de um professor inglês e de uma ex-modelo brasileira. Ela foi a única pessoa próxima ao príncipe que os agentes encontraram. A beleza dela foi algo que me chamou a atenção desde que senti o impacto daqueles olhos de um verde incomparável, como se tivessem olhando diretamente para mim, só para mim através das fotos. Havia fotos dos dois em almoços, jantares, mas também havia aquelas que ficaram gravadas em minha mente perseguindo-me. Nessas fotos Júlia usava trajes sumários na passarela em poses sensuais, mostrando um corpo além da perfeição que mulheres matariam para ter e que deixava homens babando e ofegando como cães famintos, inclusive eu. *Dio!*[\[1\]](#)

Aqueles olhos incríveis, pareciam me chamar cada vez que olhava as fotos! Passei a experimentar sensações contraditórias a cada foto apresentada pelos agentes. Júlia Smith se tornou rapidamente minha obsessão. Eu queria puni-la pelo que fizera a meu irmão, mas ao mesmo tempo queria, precisava vê-la, estar cara a cara com ela. Aquela oportunista não podia ser tão perfeita como as fotos retratavam, não, claro que não, hoje em dia os recursos tecnológicos eram muitos... Júlia Smith era uma farsa e eu comprovaria assim que pusesse os olhos nela. Contrariando todas as orientações de Emir, meu assessor e conselheiro particular decidi fazer justiça com as próprias mãos. Eu desmascararia aquela vadia interesseira! Cheguei ao Brasil e a cacei com determinação e fome implacáveis. Ela nunca teve a menor chance contra mim. Eu a seduzi, usei-a e quebrei tão completamente...

Enfim, o resultado das minhas ações: há dois meses estou vivendo meu inferno pessoal. Júlia, a mulher que amo. A minha mulher está lutando entre a vida e morte em coma em um hospital depois de sofrer um grave acidente de carro por minha culpa. Na semana passada Júlia abriu os olhos pela primeira vez, mas não disse nada, apenas os fechou de novo.

A porta se abriu naquele momento me tirando da introspecção e meu assessor acaba de adentrar eufórico no escritório quebrando todo o protocolo real. Justamente Emir, que se orgulha de cumprir todas as formalidades da realeza?

— Acabaram de ligar do hospital! A princesa acordou meu senhor! E ela está falando, alteza! — Exclamou o homem franzino com um sorriso que jamais havia visto em seu rosto antes. Esse era o efeito que Júlia causava em todos que a conheciam.

—Júlia está falando!?! – inquiri num misto de alívio e angústia.

— Alteza, não vai vê-la agora? — Emir quis saber ao me ver correr as mãos pelos cabelos até minha nuca. O desespero deve ter transparecido no meu rosto. O que eu faria agora? O que diria a ela? *Dio!* Eu estou tão fodido! Disse e fiz tantas coisas cruéis com minha menina linda.

— Tem esperado muito por isso, senhor, deve ir vê-la. — completou preocupado.

— Sim, tenho esperado muito por esse dia, velho amigo. — minha cabeça

começou a latejar e fechei os olhos com força. — Mas não é tão simples assim... Eu quase a matei, meu ódio quase a matou... Não tenho ideia de como encará-la depois de... Depois de tudo...

— O senhor descobrirá. — ele disse pegando meu terno ajudando-me a vesti-lo.

— Obrigado, amigo. — disse me sentindo incerto, impotente. — leve-me até ela.

Rio de Janeiro, Brasil, dezoito meses antes...

Júlia

— Júlia! É a sua vez! Dizem que temos até um príncipe mediterrâneo na primeira fila. Ele fez uma doação astronômica para a ONG ligada ao evento. — Minha melhor amiga, Kênia e uma das modelos participantes do evento, tagarela enquanto eu termino de me arrumar. A próxima a entrar na passarela serei eu. Não sei por que, mas me sinto um tanto apreensiva com o desfile de hoje, o que eu não entendo pois, estou nesse meio desde meus treze anos. Não há mais espaço para nervosismo.

— Acorda, Kênia! É só um evento beneficente para ajudar as crianças da Favela da Rocinha[2]. Pare de sonhar com príncipes encantados. Eles não existem. — examinei minha aparência pela milésima vez no espelho do minúsculo camarim. Nunca gostei de usar trajes tão reveladores, mas nessa profissão que minha mãe, uma ex-modelo famosa, me impôs desde que eu era apenas uma adolescente, não posso escolher o que uso. Nunca gostei desse meio. Sinto-me tão exposta. Num dos poucos atos de rebeldia, contrariei as expectativas da minha mãe, graduando-me com louvor em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com especialização em civilizações antigas. Às vezes me pergunto se isso foi uma tentativa de chamar a atenção do meu pai, o renomado professor do departamento de História de Cambridge[3], Inglaterra. Mas Não, realmente sou fascinada por história antiga desde pequena. Preciso dar um basta nos devaneios de minha mãe. Já tenho 23 anos e fiz de fato muitos trabalhos significativos, entretanto, o meio da moda é muito concorrido. É verdade que nas duas últimas décadas as modelos brasileiras invadiram as passarelas do mundo, mas tamanha sorte não é para

todas. Kênia me chamou novamente tirando-me da minha introspecção. Respirei fundo e saí para a passarela com passos firmes, usando um biquíni que para meu desgosto deixava pouco à imaginação.

Leon

Fiquei tenso quando anunciaram o nome da mulher que destruiu meu jovem e inocente irmão. Então ela entrou na passarela e tudo o mais sumiu de cena porque... *Dio Santo!*[\[4\]](#) As fotos não faziam jus àquela verdadeira deusa que andava com graça pela passarela, como se estivesse na São Paulo Fashion Week[\[5\]](#). Os cabelos dela de um loiro claro e vibrante eram muito mais bonitos que nas fotos e desciam até a cintura delicada. Os seios eram redondos e fartos para sua estrutura magra e estavam contidos em um sutiã que parecia quase pequeno para tamanho volume. Que os céus se compadeçam de mim... fui incapaz de impedir meu pau de ficar duro. Não consegui desviar os olhos daquela que era a mulher mais linda que já vi na minha vida. Eu me encontrava sentado no final da passarela ao lado dos organizadores do evento e da empresária de Júlia, uma mulher repugnante que me deu prontamente todas as informações sobre sua cliente apenas pela minha boa aparência e minhas roupas caras.

Ah, sim, isso sempre me abriu todas as portas. Dinheiro e boa aparência são uma combinação letal, mas no meu caso, há algo mais a acrescentar: meu título. Sou um príncipe, o príncipe herdeiro de Ardócia, uma próspera ilha ao sul da Itália. Eu não terei escrúpulos, usarei de todas as armas disponíveis para fazer esta mulher pagar por tudo que fez a meu irmão. Júlia continuou avançando graciosamente pela passarela, as pernas bem torneadas e impossivelmente longas em passos cadenciados davam uma influência nos quadris deliciosamente arredondados bem à moda brasileira. Eu quase gemi quando ela parou à minha frente e com a sugestão de um sorriso nos lábios luxuriosos levou as mãos às laterais da curta saída de praia de uma estampa verde e vibrante e a abriu revelando o corpo com que eu havia sonhado repetidamente desde que pusera os olhos na primeira foto. *Maledizione!*[\[6\]](#) Ela era sem sombra de dúvidas, a coisa mais linda e deliciosa que já vi. Não havia dúvida que era esse efeito desnorteador que aquela pequena puta exercia sobre o sexo masculino, a contar pela quantidade de marmanjos que

estavam babando por ela, observei.

Em breve, aquele sorriso sairia daquela boca... Boca feita para o prazer de um homem... Mas o que diabos deu em mim para deixar-me tocar pela aparência dessa oportunista? Sacudi a cabeça jogando para longe aqueles pensamentos e a encarei. Foi um erro... Encontrei aqueles olhos que tinham me encantado secretamente, mesmo que não fosse capaz de admitir. Então ela sorriu mais uma vez e... *maledizione! Bella, bellissima!*[\[7\]](#)

Júlia

Encerrei o desfile já sem a mesma confiança inicial. Aquele homem vestido impecavelmente na primeira fila, no final da passarela, me fez parecer um inseto sob a lente de um microscópio. Senti seus olhos negros e perturbadores seguindo-me pela passarela, se demorando em cada centímetro da minha pele. Senti coisas estranhas, um calor incendiando meu ventre e meus mamilos enrijeceram como se tivessem sido tocados. Ele percebeu e riu mostrando os dentes brancos e perfeitos. Lembrava um lobo à espreita, mas seu sorriso não alcançava os olhos, percebi. Seu olhar parecia o de um sultão avaliando uma nova escrava sexual. Quem era aquela figura imponente que me olhou de forma tão ofensiva e despudorada? Perguntei-me ainda tremendo sob o efeito daquele olhar negro. Kênia entrou na passarela a seguir e eu desabei na cadeira mais próxima ao entrar no camarim, ainda abalada pelas sensações que aquele estranho me despertou.

Uma hora depois, eu e os outros modelos fomos convidados a um coquetel numa luxuosa casa de praia em Angra dos Reis. Joana Miranda, minha empresária havia falado pouco sobre quem estava oferecendo a festa. Um jato de última geração fora disponibilizado para nos levar à Angra[\[8\]](#). Quem quer que fosse o tal homem estava claro que possuía muito dinheiro. Senti um calafrio, ao descer da aeronave e ver uma enorme limusine nos aguardando. Não estava com um bom pressentimento sobre aquela noite. Quando insisti novamente para que Joana revelasse quem era o misterioso ricoço ela dissera apenas que era um dos patrocinadores do evento, que estava fascinado com as belezas do Rio... Eu não gostei da expressão cínica que surgiu nos olhos dela.

Rodei por cerca de meia hora dentro da casa que por sinal era maravilhosa. O tempo inteiro senti os pelos da minha nuca se arrepiarem como

se alguém tivesse me observando. Mas sempre que procurava a fonte do desconforto não via ninguém em particular. Estava cansada, talvez não devesse ter vindo, mas Joana não me deixou escolha, praticamente me arrastou. Olhei mais uma vez ao redor e não consegui me encaixar em nenhuma roda de conversa. Já estava ficando cansada daquele meio onde a maioria das pessoas nunca eram verdadeiras, pensando assim, peguei uma taça do champanhe que o garçom oferecia e me dirigi para o jardim onde encontraria um pouco de paz. A área externa era linda! Não segurei um sorriso de alívio e de apreciação. O jardim bem cuidado se estendia até a areia branca da praia, onde as ondas quebravam mansamente.

— Linda vista...

Aquela voz num inglês com um sotaque suave e terrivelmente sexy me tirou dos devaneios, mas não estava preparada para a figura espetacularmente bela a poucos centímetros de mim quando me virei. Meu coração sofreu um baque. Era *ele*! O mesmo homem deslumbrante que me deixou desconcertada durante o desfile. Ele era muito alto, talvez mais de 1,90. Ombros largos, preenchendo um terno escuro sob medida. O encarei e percebi que ele não parecia falar da casa, pois aqueles olhos negros enigmáticos e intensos estavam cravados em mim. Meu coração gaguejou de novo. Puta merda! Senti-me uma corsa atordoada diante de faróis, não consegui piscar, nem respirar. Havia algo naquele olhar que me fazia estremecer e meu estômago realizar pequenas acrobacias. Uau! Mil vezes uau! Minha boca secou subitamente e eu passei a língua nos lábios involuntariamente. Ele sorriu com aqueles lábios levemente cheios de curvas absurdamente sensuais e dirigiu o olhar descaradamente para minha boca.

— Sim, a casa é mesmo linda. — me obriguei a responder também em inglês. Soltando o ar devagar. Falo fluentemente inglês, francês e o italiano. Cortesia de Laura Fontana, minha mãe. Ela sempre diz que na minha profissão devo estar preparada para o mundo.

— A casa é, sem dúvida muito bonita, mas era de você quem eu falava. — Ele se aproximou mais, deixando-me sentir seu maravilhoso perfume, uma mistura cítrica amadeirada, enquanto me observava com olhos semicerrados me avaliando abertamente. Sua postura me lembrou de um sultão novamente. O que há com ele? Por que esse ar de *sou o maior*?

Leon

Devia ser proibido a uma mulher ser tão luxuriante! Seu corpo era um verdadeiro banquete aos olhos. Os cabelos eram de um loiro claro, lisos com leves ondas que caíam em cascata até a cintura fina. Uma franja levemente desfiada caía sobre suas sobrancelhas castanhas, deixando-a com uma aparência quase angelical, inocente. Não sou especialista em cabelos, mas posso jurar que é a cor natural. De perto os olhos de um verde esmeralda são ainda mais incríveis. A pele tão clara parece zombar das praias maravilhosas do Rio de Janeiro. Os lábios carnudos e entreabertos parecem esperar por um beijo... Ela é uma profissional na arte de seduzir. *Maledizione!* Raiva e luxúria passaram a guerrear dentro de mim. Meu corpo a exige ferozmente para mim. Mas, meu cérebro exige vingança, que a esmague como a um inseto.

— Nos conhecemos? — Ela quis saber tentando se afastar, mas eu a puxei suavemente pelo pulso e sussurrei na sua orelha:

— Ainda não, *perla mia* [9]... Mas podemos corrigir isso agora. — tomei sua mão a beijei na palma, provocando-lhe arrepios e acrescentei: — Leon, a seu dispor.

— S-sou Júlia, é um prazer conhecê-lo, mas preciso voltar pra dentro... — ela disse visivelmente perturbada.

Não tão rápido *bella*. Eu estou só me aquecendo...

— Não, não vá ainda. — pedi acariciando a palma de sua mão deslizando para o pulso acelerado... Bingo! Eu a afetava também. Sorri internamente. Seduzi-la seria como roubar doce de criança.

— Não conheço você. — Ela puxou a mão, seu rosto corando lindamente. Profissional! Ironizei-a.

— Certo, não nos conhecemos. Mas gosto do que vejo... Gosto muito. — Eu a olhei de cima a baixo me demorando nos seios firmes e redondos sob o tecido do vestido sem alças. Pelo olhar dela deve ter desejado que o vestido fosse mais comprido e menos revelador. Sorte a minha que não era.

Júlia

Eu também gostava muito do que via. Ele era maravilhoso. Tom de pele

morena dourada como nunca vi igual, cabelos negros mais longos que o convencional, levemente ondulados abaixo dos ombros, mas estavam domados, presos à nuca. Olhos escuros enigmáticos sob sobrancelhas negras e bem feitas levemente arqueadas. Os cílios longos, tornando seu olhar uma mescla de perigoso e sedutor. As sensações mais loucas se espalhavam pelo meu corpo enquanto ele me olhava. Cristo! Ele parece um pirata moderno, vestindo um terno escuro que parecia valer uma fortuna, notei. Caras como aquele deviam vir com um letreiro na testa escrito: *perigo!* Entretanto, eu não consigo desviar os olhos do rosto seu rosto perfeito.

— Você também gosta do que vê. — Ele sorriu mais uma vez causando mais acrobacias das borboletas no meu estômago e deixando-me sem jeito por ter sido flagrada quase babando em cima dele. Chegou mais perto, levantando o meu queixo com suavidade.

— O que você está fazendo comigo? Não conheço você. — balbuciei tentando não entrar em pânico.

— Sentimos a mesma conexão quando você estava na passarela. — Ele passou dedo indicador pelo meu lábio inferior. — Esta casa é minha. Fique esta noite comigo. Quero conhecê-la melhor.

— O quê?! — Eu não acreditei naquilo. Sempre a mesma história. O empresário rico que acha que modelo é sinônimo de prostituta. — Não vou ficar com você. — o fuzilei com o olhar afastando-me. — Procurou a pessoa errada. Não sou esse tipo de mulher.

Ele me observou por um instante. Os cantos da boca máscula se levantaram num riso sexy. Seu corpo poderoso invadiu meu espaço pessoal de novo. Puta merda! Ele cheira tão bem.

— Certo. Talvez eu tenha sido direto demais. — disse com voz sedutora. — Apenas jante comigo, *perla mia*. Prometo não forçá-la a nada que não queira.

— Você é bem insistente, hein? — falei afetada pela proximidade. Ele parece saber bem o efeito que causa nas mulheres. É claro que sabe. Olhe só para ele! — E não me chame assim.

— Assim como? — quis saber bancando o inocente.

— *Minha Pérola*. De onde tirou isso? Ninguém nunca me chamou assim.

— Então compreende Italiano. — ele sorriu lentamente. Deus! Ele tira meu fôlego quando sorri. — Gosto de me diferenciar de todo o resto... — me tocou e deve ter sentido como estremeci sob seus dedos, pois seu sorriso ampliou. — É exatamente no que penso quando vejo essa pele. Uma pérola magnífica, única. — Deus! Eu não era imune a ele. Lembrei-me do seu sorriso de lobo na passarela. Ele me afetava de uma forma como ninguém havia feito até agora. Mas havia algo nos olhos dele que não conseguia identificar. Uma expressão quase... hostil. Eu posso sentir uma ferocidade por baixo do seu exterior polido. — Jante comigo esta noite. — Pediu prendendo-me com aqueles olhos tão negros. — Eu estou definitivamente ferrada. Onde está a Kênia que não vem me salvar desse assédio? Ele está muito fora da minha liga. Sua postura grita não só riqueza, mas poder, muito poder. Alguma coisa não bate. Mas meu corpo está louco para esquecer tudo que minha mãe sempre disse sobre não falar com estranhos sozinha.

— Por favor, se afaste. — minha voz saiu pateticamente fraca, enquanto ele acariciava lentamente a curva do meu pescoço, deixando-me sem forças. Meu cérebro parecia que ia derreter. — Não consigo pensar com você me tocando assim.

— Então não pense *perla mia*. — Ele abaixou a cabeça lentamente na minha direção e eu soube que estava perdida. Os olhos negros intensos me prenderam no lugar. Não conseguia me mover, minhas pernas me abandonaram. Ele sorriu. Um riso lento e arrogante e me beijou, provocando meus lábios sem pressa, enlouquecendo-me. Oh, rapaz! Ele realmente sabe o que está fazendo. Fiquei alarmada e... excitada. Soltei um pequeno gemido. Ele sorriu contra meus lábios e aprofundou o beijo e tudo foi levado à outra dimensão. Meus beijos anteriores eram ridículos comparados a esse. Leon me puxou pelo quadril e colocou meu corpo esguio ao físico poderoso dele. A sensação me fez bambejar as pernas e ele riu novamente segurando-me com mais força junto a si. Foi aí que me perdi e abandonei de vez o bom senso. O enlacei pelo pescoço, ansiosa, tremendo, sentindo a maciez dos cabelos longos e exóticos. O cheiro dele. Céus! O cheiro dele é viciante. Cheiro de perfume caro e... Macho alfa. Me puxou pela nuca segurando-me os cabelos de forma possessiva, enquanto tinha acesso total à minha boca, saqueando-a, tomando

tudo o que queria. Gememos juntos. O que esse homem estava fazendo comigo? Perguntava-me permitindo que ele explorasse meu corpo como nunca permiti a nenhum outro. Senti a mão dele acariciar meus seios, fazendo círculos em volta dos mamilos. Oh, isso é mágico... De repente senti algo sólido nas costas e sem entender como, soube que ele tinha me empurrado até uma coluna num ponto escuro do jardim. Levantou-me pelas nádegas, se posicionando entre minhas pernas, friccionando sua ereção latejante contra minha pélvis. Quase engasguei quando senti o volume rígido através do tecido. Ele é enorme e grosso. Puta merda! Isso é... É demais. Leon abaixou meu vestido desnudando meus seios. Uma sensação quente, gostosa começou a se formar em meu ventre e líquidos jorraram na minha calcinha.

Leon

— *Bella mia* [\[10\]](#)... Você é linda. — eu rosnei com os olhos cravados naquelas duas belezuras. Passei a sugá-los devagar rolando os olhos de prazer. O que essa mulher está fazendo comigo? Pensei sem conseguir parar de tocá-la. Preciso dela em minha cama. Não há outra opção, não depois de ter ficado nesse estado... Preciso me enterrar bem fundo no seu corpo delicioso agora, ou explodiria. *Dio!* Estou agindo como um maldito adolescente. Recriminei-me. Mas é demasiado tarde para voltar atrás. Ela será minha, até saciar esse desejo louco. Pensando assim, arrumei seu vestido e a levantei nos braços subindo a escada lateral que levava ao piso superior da casa. Não permitirei que ninguém atrapalhe esse momento. Principalmente Emir, que me aconselhou a não me envolver diretamente com ela. Ele percebeu minha obsessão por ela? Talvez. Emir é muito astuto. Tarde demais. Não conseguirei dar as costas a esse desejo incontrolável que senti desde o momento que a vi na passarela. Vou me saciar em seu corpo, depois terei minha vingança.

Entrei na ampla sacada e a deposei com cuidado no chão de mármore. Ela permaneceu com os braços entrelaçados no meu pescoço. Parecia confusa, mas extasiada assim como eu. Ela também sentia essa química que nos puxa em direção ao outro.

— Onde estamos? — os lindos olhos relancearam pelo amplo aposento na semiescuridão.

— Estamos no meu quarto, *tesoro* [\[11\]](#). — sussurrei beijando seus lábios

levemente. Ela parecia assustada. Eu entraria no jogo dela. Levaria as coisas mais devagar, mas só há uma opção para fechar a noite: ela amarrada, vendada, linda e nua comigo profundamente enterrado entre suas coxas. — Fique aqui um instante. Só vou pedir que nosso jantar seja enviado para cá.

— Leon... Eu acho que... Deus! Isso está indo rápido demais. — balbuciou parecendo verdadeiramente incomodada.

Eu abri o meu melhor sorriso arranca calcinha e os olhos dela dilataram, brilhando como pedras preciosas. Ótimo! Que as apostas comecem!

— É apenas um jantar, *perla mia*. Conversaremos, tomaremos champanhe...

— Eu não costumo beber. Já tomei uma taça. É suficiente para mim. — ela disse, seu corpo todo gritando tensão e... Desejo. Certo, isso dificultaria um pouco as coisas. Eu contava com ela bebendo e se abrindo para mim. Literalmente.

— Apenas coma alguma coisa comigo, então. — sorri acrescentando mais charme do que sedução dessa vez. — não me diga que você é uma dessas garotas que se mantém em dietas malucas.

Ela abriu um sorriso tímido. *Dio!* Ela sorriu pela primeira vez e meu coração sofreu um pequeno baque. Ela era simplesmente a porra da perfeição quando sorria. Chutei-me mentalmente: ela é uma puta! Não se esqueça disso imbecil!

— Não, não sou adepta de dietas. Pode parecer arrogante, mas não me privo de comer nada. Meu metabolismo é ótimo. — ela sorriu de novo. *Dio!* Eu já estava praticamente salivando com a língua de fora por ela. Quão patético é isso? Eu que deveria estar seduzindo, não o contrário. — Minha melhor amiga me odeia por isso. Ela também é modelo e tem que fazer as tais dietas malucas.

— Me agrada que você possa comer de verdade. De onde as mulheres tiraram que nós achamos atraente ver apenas folhas de alface em seus pratos quando as levamos para jantar? — Júlia tornou a rir, o som rouco reverberando em cada célula do meu corpo. Meu pau estava tão duro que doía. Ela estava visivelmente mais relaxada. — então, já que estabelecemos

que ambos gostamos de comer, vou providenciar isso. Dê-me um minuto. — beije uma de suas mãos e atravessei as amplas portas de vidro para o quarto.

Cerca de meia hora depois, havíamos saciado pelo menos um aspecto da nossa fome. Júlia *realmente* comia. A observei o tempo todo sentada em frente a mim na mesa redonda e íntima arrumada num canto da sacada. Meus olhos não cansavam de olhá-la. Estava completamente hipnotizado, louco por ela. As ondas quebravam mansamente a poucos metros da casa. A maresia despenteando levemente seus cabelos. Dei ordens expressas a Emir para não deixar ninguém vir ao piso superior. Somos só ela e eu, presos na nossa pequena bolha enquanto a festa continuava lá em baixo. Ela de repente estremeceu não sei se sob o meu intenso escrutínio ou pela brisa noturna que agora soprava mais forte.

— Está frio aqui. Você gostaria de entrar um pouco? — ofereci com cautela.

— Sim. Gostaria. — sussurrou abraçando a si mesma, seu rosto adquirindo um lindo tom rosado.

Sorri e me levantei oferecendo a mão, ajudando-a a levantar-se. Seus dedos tremiam levemente. Havia chegado a hora. Eu sabia e ela também sabia. A conduzi pelo quarto com fraca iluminação. Afastei-me deixando-a no centro do aposento e procurei algo para tocar no sistema de som. A introdução da música *Imbranato* encheu o ambiente num volume agradável e me voltei andando devagar para Júlia que agora respirava rápido. A voz de Tiziano Ferro^[12], um de meus cantores preferidos, soou rica e melodiosa. Parei quase a tocando, olhos presos aos dela.

E'iniziato tutto per un tuo capriccio

Tudo começou por um capricho teu

Io non mi fidavo...era solo sesso

Eu não confiava.. era só sexo

— Dança comigo? — pedi num sussurro.

Ela lutou alguns instantes para recuperar a compostura. Então colocou sua mão trêmula na minha e assentiu num leve gesto de cabeça. Ela estava tão afetada quanto eu. Quando enlacei sua cintura delicada e senti seu corpo

delicioso junto a mim, quase gemi. *Dio Santo!* Que reações estranhas são essas que sinto quando a olho, quando a toco? Movemo-nos lentamente o tempo inteiro olhos nos olhos. Coloquei as duas mãos em sua pequena cintura e a trouxe mais perto. Ela não conseguiu segurar um gemido, seus braços subindo para meu pescoço. Abri um sorriso que deveria ter escrito: vitória. Meus lábios desceram para os dela.

O beijo foi suave no início. Eu a queria totalmente relaxada e entregue a mim. Nossas línguas dançaram juntas conhecendo cada recanto da boca um do outro. Dessa vez eu gemi e aprofundei o beijo levando minhas mãos à sua nuca mantendo-a presa pelos cabelos.

E então as coisas realmente saíram do controle. Suas mãos espalmaram meu peito por cima da camisa, em seguida abrindo os botões com dedos trêmulos. Cavei minhas mãos na sua bunda linda e a levantei, encaixando-a direto no meu pau que latejava dentro da calça, babando por ela. Não quero me gabar, aos trinta e dois anos já tive uma cota invejável de amantes na minha cama, mas essa garota está me enlouquecendo. Meu pau nunca esteve tão descontrolado por uma mulher desde que atingi a idade adulta. Ela me abraçou com as pernas e eu me esfreguei desavergonhadamente na sua boceta quente como se minha vida dependesse disso. Gememos na boca um do outro, lambendo, chupando, mordiscando.

— Oh, Deus, o que está fazendo comigo? — Ela choramingou, tentando respirar.

— Desde o momento em que coloquei os olhos em você, soube que seria minha. Toda minha. — Disse ofegante segurando os seios firmes, que me enchiam as mãos. Eu estava mais afetado do que queria estar e odiava isso. Cristo! Eles eram perfeitos como o resto dela. Passei a beijar, lamber e mordiscar o pescoço deleitoso enquanto a carregava pelo quarto até a cama king size. Ela me olhou com aqueles olhos de esmeralda, quando a deitei na cama. Levantei seu vestido até a cintura e segurei sua boceta com possessividade, querendo marcá-la como minha. Por que ela me despertava tais sentimentos? Ela era só uma vadia que eu usaria para meu prazer.

— Oh... Leon. Isso é loucura... Nunca... Eu nunca... — calei sua tentativa de protesto num beijo voraz. Enfiei meus dedos pela calcinha, sentindo-a

molhadinha e receptiva...

— Feiticeira. Linda feiticeira. — rosnei despindo-a do vestido.

— Leon... —Júlia sussurrou. — e-eu não posso. — gaguejou.

Oh, ela é realmente boa. Sorri cínico. Parecia tão inocente e inexperiente. Os olhos espetaculares traziam uma expressão apreensiva. Já está começando a ficar cansativo esse jogo que ela faz. Quero-a disposta e atuante durante o sexo. Quero prazer total e ela me dará. Sou exigente e dominante na cama. Minhas parceiras têm que me dar tudo... Sorri de novo rasgando sua minúscula calcinha e a ouvi soltar um gritinho surpreso. Abri a gaveta do criado mudo e tirei os preservativos e os lenços de seda preta.

— Tudo bem, vamos jogar, *bella*. —Sussurrei e avancei sobre o corpo delicioso de Júlia. Por alguns instantes apenas parei acima dela bebendo aquela visão. Quantas vezes sonhei com ela em minha cama. Quantas vezes me dei prazer, me masturbei olhando as fotos dela como um adolescente inexperiente. Ela pagaria por isso também, por me afetar dessa forma. Saindo do transe puxei-lhe os pulsos e os preendi acima da cabeça. Os olhos dela arregalaram-se e dilataram-se. Oh! Ela gosta de sexo duro... Sorri perverso, pegando uma das faixas e comecei a amarrar seus pulsos. Seus olhos entraram em pânico.

— Shhhhh. — a acalmei beijando seu queixo. — não vou machucá-la *perla mia*. — e abaixei a boca num dos seios fartos sugando suave. Ela relaxou. Chupei mais duro e gememos. Repeti o processo no outro seio e desci pelo ventre liso beijando, chupando e mordendo a pele branca e macia, enquanto ela se debatia debaixo de mim. Aproximei-me da sua pélvis depilada e levantei o olhar abrindo um riso pecaminoso. Minhas duas mãos abriram seus lábios expondo sua boceta molhada totalmente para mim. Ela arquejou quanto sentiu meu nariz em sua vulva. Porra! Ela cheira como o céu! Minha língua lambeu lentamente seu clitóris. Gritou alto quando abocanhei o montinho e chupei duramente. Nos minutos seguintes a devorei sem dó levando-a a um orgasmo enlouquecedor.

Ela era agora uma massa trêmula embaixo de mim. Quando pôde registrar novamente alguma coisa, me viu vestir um preservativo, me posicionando entre suas coxas. Eu não a vendaria dessa vez. Quero olhar em

seus olhos enquanto como sua boceta brutalmente. Levantei uma perna macia por cima do meu quadril olhei nos lindos olhos verdes, suguei seus mamilos doces com força, fazendo-a se contorcer num gemido rouco. Então finalmente entrei nela, centímetro a centímetro. — *Dio! Oh, delizia mia* [\[13\]](#)... Que bocetinha apertada... — grunhi, mas havia algo errado. Os olhos dela de repente encheram-se de pânico de novo. O rosto ficou pálido. Ela era incrivelmente apertada... Não, não era possível... Definitivamente não! Completei a penetração com força entrando até o cabo e a encarei chocado. A mulher que estava sob meu corpo era uma virgem até poucos segundos atrás. Como isso era possível? Júlia Smith era uma devoradora de homens, meu amado irmão fora uma de suas vítimas. Divaguei confuso, mas fui trazido ao presente quando Júlia começou a puxar-me de volta com as pernas levantando o quadril para acomodar-me mais fundo. Eu me perdi naquele corpo tão quente e convidativo... — *Santo Cielo...* [\[14\]](#) Você tem a boceta mais perfeita... Mais quente e apertada... Tão gostosa... — rosnei puxando-lhe os cabelos da nuca trazendo o rosto rosado e bonito a poucos centímetros do meu. Gemi entrando nela de novo desta vez com mais cuidado para dar-lhe tempo de se ajustar à mim. Não quero me gabar, mas sou grande. Ela sussurrou meu nome exigindo mais. Grunhi de desespero.

A música estava em seu auge, novamente no refrão. Tornando tudo mais intenso. Aquilo saíra do controle no momento em que eu a toquei. Essa noite não será o suficiente... Golpei-a mais forte e profundo e mordi seu gordo lábio inferior. Ela se contorceu e me encontrou a cada estocada. Olhos nos olhos. Eu queria que ela soubesse que era minha e seria até que me cansasse dela. Comi sua bocetinha virgem com estocadas fortes até senti-la convulsionar debaixo de mim gozando novamente. — Isso, goze no meu pau, *delizia mia!* Ohhhhhhhhhh! — Me enterrei até o cabo naquela bocetinha apertada e gozei como um trem desgovernado. Porra! Esse foi o clímax mais avassalador que já senti na vida. Rosnei jorrando e jorrando litros de sêmen na camisinha. *Dio!* Definitivamente essa mulher era uma ameaça à minha sanidade mental. Fiquei atordoado sobre o corpo esguio. O que era essa sensação de plenitude que tomava conta de mim? Quase como se eu tivesse... Feliz?

— Nunca senti isso com nenhuma outra mulher... — as palavras saíram da minha boca sem meu consentimento. Porra! Não quis dizer isso! — Você

era... Hum... Era...

— Virgem? Sim. — Júlia admitiu corando ligeiramente.

Ela realmente era uma excelente atriz! Até corava. Há quanto tempo não via uma mulher corar? Desde a minha adolescência. A desamarrei e sai devagar de dentro dela. Levantando, me dirigi ao banheiro. Que jogo aquela mulher fizera com Damien? Ela nem mesmo havia ido para a cama com ele! Pensei entre surpreso, revoltado e... satisfeito. Sim, não podia negar que ser o primeiro homem a experimentar as delícias daquele corpo me dava certa satisfação, mas não podia deixar de sentir ódio por aquela putinha ter iludido meu pobre irmão e ter lhe negado o prazer de seu corpo. Deixei a água cair sobre meus músculos, precisava planejar o próximo passo. Júlia Smith seria meu objeto sexual até me cansar dela, o que não demoraria a acontecer. Nunca consegui ficar com uma amante mais de um mês. Sorri mais controlado desligando o chuveiro. Ela era muito gostosa, tinha que admitir. Não seria nenhum sacrifício fodê-la mais algumas vezes. Tirei o excesso de água dos cabelos e os deixei cair sobre os ombros. Enrolei uma toalha nos quadris e voltei ao quarto já pronto para a segunda rodada. Ela estava fora da cama tentando vestir o vestido. Tiziano gritava *Sere nere* agora.

— Aonde pensa que vai sr^a Smith? — Sussurrei no seu ouvido enquanto a impedia de vestir a roupa.

— Leon... Ouça... Não sou esse tipo de mulher. — ela tentou argumentar. Sério? Ela queria me convencer agora? Tarde demais *caríssima!* [\[15\]](#)

— Machuquei você? — a virei para mim encarando-a pela primeira vez com uma expressão sincera. Ela era virgem, posso tê-la machucado. A coisa toda foi muito intensa. Eu não sou um bastardo completo. Nunca machuquei uma mulher na minha cama. Mas também nunca tive uma virgem.

— Não. Estou bem. — ela sorriu tentando parecer constrangida. *Dio!* Que dissimulada! Ela não era nada inocente apesar do corpo virgem.

— Perdoe-me. Sei que foi rápido demais, *perla mia*. Mas o que eu disse sobre conhecê-la melhor era verdade. — Peguei-a nos braços e levei-a para a cama novamente. — Ficarei no Rio por algum tempo e quero tê-la comigo.

Os magníficos olhos verdes desceram pelo meu corpo com clara

admiração pelos músculos do meu peitoral e desceu pelo abdome reto e malhado. *Si*[16] eu me mantenho em forma com malhação e esgrima. Sei que ela está tão atraída por mim quanto estou por ela. Os olhos tímidos pararam na toalha branca que eu ainda mantinha enrolada nos quadris. Ela corou de novo quando conferiu o volume do meu pau já excitado.

— Não precisa ficar constrangida. Também adoro olhar você. — disse abrindo meu sorriso mais sexy que fazia calcinhas caírem desde a minha adolescência.

— Deus! Nós não nos conhecemos... — ela disse um tanto ofegante. *Si* a pequena putinha já estava pronta para mim de novo. Não importa se o corpo era virgem. Eu não podia esquecer quem era aquela vadiazinha e porque a procurei. Ela pagaria por tudo que fez a Damien e de quebra desfrutaria do seu corpo gostoso no processo. Iria fodê-la de todas as formas imagináveis.

— Teremos todo o tempo para nos conhecer. — pousei o dedo indicador nos lábios cheios. Eu sonhava com eles em volta do meu pau desde que vi a primeira foto dela. — Não vê que não podia ser de outra forma? Há uma química explosiva entre nós. Sentimos isso desde o momento em que colocamos os olhos um no outro. Quero você, Júlia. —avancei sobre ela encurralando-a contra os travesseiros. — e você também me quer. Não consegui dizer não para mim.

— Leon... Talvez devêssemos ir com mais calma... —ela arquejou ao sentir-me rijo entre suas coxas.

Dio! Que porra de mulher é essa? Já quero me enterrar nela outra vez. Ela é viciante, a olhei nos olhos lindos enquanto abaixava a cabeça, começando a lambar, morder e sugar aqueles peitos perfeitos.

— Tarde demais, Júlia. Você já é minha. — rosnei arrancando a toalha e encarando-a arreganhei suas coxas ao máximo, olhando sua bucetinha linda. Ela tem lábios cheios lá em baixo também... — *Dio Santo!* Que bocetinha mais linda. — gemi passando a lambar do seu clitóris até o ânus que com certeza também era virgem. — eu vou ser o primeiro aqui também. — grunhi levando os sucos de sua bocetinha encharcada para aquele buraquinho apertado, sondando-o com cuidado com o indicador. Ela me olhou em Pânico e

eu sorri. — Agora não, *cara*[\[17\]](#), mas em breve. — afirmei voltando a lamber sua vulva toda. Ela gemeu e relaxou sob mim. — *Si delizia mia*. Você é uma coisinha gulosa, não é? Essa bocetinha gostosa já quer meu pau todo enterrado nela, diga que sim. — exigi parando para vestir a camisinha. Abri mais suas pernas fazendo com que ela me abraçasse com elas e a penetrei lentamente. — diga Júlia! Diga que quer meu pau todo dentro de você! — dei uma estocada dura.

— Oh, Leon... Sim! — Ela gritou alto e eu sorri extasiado sem tirar o olhar das feições bonitas. Ela era a porra da coisa mais perfeita que já vi! Enfiei as mãos pela nuca puxando-lhe os cabelos trazendo o rosto para perto do meu, perfurando-a com o olhar me afundando nela forte e profundo. Gosto de imobilizar minhas parceiras enquanto as fodo duro. — *Delizia... Delizia mia!* — rosnei e passei a fazer com a língua em sua boca o que o meu pau fazia em sua pequena boceta quente. Penetrei o corpo deleitoso com uma voracidade nunca antes sentida. Ela era minha para fazer o que quisesse pelo tempo que quisesse. — Gostosa... Vou comer você sempre que eu quiser. Sua bocetinha é viciante, sabia? — ela me encontrou a cada estocada bruta. — Putinha gostosa! Gostosa do caralho! — rosnei metendo sem dó na sua bocetinha apertada.

— Ohhhhhh! Leon... — choramingou totalmente imobilizada embaixo de mim, tomando meu pau até as bolas. Arreganhei suas pernas em meus braços ao máximo e a fodi com tudo que tenho.

— Isso putinha safada! Goze! Goze no meu pau! — gritei e ela se desmanchou embaixo de mim. Completamente à minha mercê. Seu canalzinho me estrangulou em seu orgasmo e eu gritei de novo esporrando em jatos fortes. — poooooorra! Gostosa! Gostosa... — grunhi bombeando nos últimos espasmos de mais um clímax espetacular. Cristo! Ela era simplesmente *delizioso*![\[18\]](#) Permanecemos quietos tentando regularizar nossas respirações e contrariando a parte do meu cérebro que insistia para me afastar agora que já estava saciado, eu saí de dentro dela devagar e após me livrar da camisinha a aconcheguei no peito, pouco depois senti sua respiração suavizar. Ela adormeceu. Adormeceu exausta. Eu a desgastei. Seria assim até que eu me cansasse dela, porque isso fatalmente aconteceria. A foderia muitas vezes antes de destruí-la. Não ouviria aquela outra parte do meu cérebro que insistia

em lembrar que jamais senti um nível de conexão tão profunda com outra mulher. O sexo era magnífico, tinha que admitir, mas aquela *puttana*[\[19\]](#) não merecia o menor remorso da minha parte. Minha vingança não poderia ter começado melhor

CAPÍTULO DOIS

Oito semanas depois...

Júlia

Eu esperava Leon na suíte presidencial do Copacabana Palace no Rio. Observei o movimento da Avenida Atlântica e da orla da praia de Copacabana da ampla sacada, sentindo a maresia de encontro ao meu rosto. Às vezes pensava se não era um sonho que estava vivendo. Era tudo perfeito. Leon transformou as últimas oito semanas em um conto de fadas. Recebia flores frequentemente, mesmo quando ele não estava no Rio. Teve que voltar duas vezes a seu país, uma ilha localizada ao sul da Itália, mas sempre ligava para saber como eu estava. Levava-me sempre aos melhores lugares. Sabia que ele era um executivo de muito sucesso. Não sei exatamente qual é seu ramo, mas é óbvio que é bem sucedido. Franzi o cenho. Nunca tive a curiosidade de pesquisá-lo. Às vezes eu o sentia muito reservado. Seus olhos negros intensos me analisando como se tentassem enxergar dentro de mim. Leon transpira requinte e dinheiro, muito dinheiro. Não que isso me importe, jamais dei importância a esse tipo de detalhe. Mas ele insiste para me comprar roupas e joias caras e parece feliz quando aceito os presentes. Quase não trabalho mais como modelo, ele diz que não suporta me ver exposta a outros olhares masculinos. É tão possessivo. Tão intenso. Coro só de lembrar as coisas que diz e faz comigo na cama e fora dela... Ele é insaciável. Sorri sentindo-me excitada, louca para estar nos braços dele, senti-lo todo dentro de mim.

Foi inevitável, eu me apaixonei perdidamente por meu ilustre desconhecido e acredito que ele também me ama. Faltam apenas algumas semanas para ele retornar a seu país definitivamente, e eu sei que irei com ele. O que temos é intenso demais. Foi assim desde o início. Ele me olha e eu tremo por dentro. Ele me tem completa e irrevogavelmente. Quando estamos juntos não conseguimos nos desgrudar um do outro. Levei minhas mãos à minha barriga ainda plana e suspirei feliz. Sei que no momento em que der a notícia de que espero um filho, um filho dele, Leon ficará radiante, assim como eu fiquei quando constatei a gravidez há uma semana.

— Por que tão pensativa, *delizia mia*? — estremei ao ouvi-lo sussurrar no meu ouvido. Não o ouvi chegar. Eu amo esse sotaque italiano e sua voz profunda, sedutora.

— Leon... Não ouvi você chegar. —virei-me o enlaçando pelo pescoço, recebendo o beijo sedento que ele depositou nos meus lábios, enquanto me levantava nos braços fortes.

— Duas noites sem você e já estou louco *perla mia*. — Ele disse depositando-me sobre a enorme cama. — Pequena feiticeira... — rosnou livrando-me das roupas com sua urgência característica.

— Também me sinto assim, meu querido. —admiti ajudando-o a livrar-se das próprias roupas. Meus dedos tremiam. Ele era perfeito demais e era meu. Ainda não conseguia acreditar.

Leon me puxou de repente para a beira da cama eu fiquei de cara com seu pênis duro e enorme. Tirou um lenço de um dos bolsos de suas calças e me vendou com um riso perverso.

— Me chupe, putinha gostosa. — disse baixo e rouco, puxando-me pelos cabelos até meus lábios tocarem seu membro. — abra a boca, porra! — grunhiu enfiando seu pênis até a minha garganta, dilatando-a. Meus olhos se encheram de lágrimas e eu comecei a chupá-lo. Ele fica exigente e mandão durante o sexo, mas eu gosto. — *Dio!* O que eu faço com você? Hum? Eu não consigo parar de pensar em você porra! Isso putinha... Ahhhh! — gemeu estocando forte. — me chupa gostoso... Cristo! — continuou comendo minha boca sem trégua, segurando minha cabeça me deixando sem ar.

— Leon... — eu puxei minha boca respirando rápido. Não posso vê-lo, mas ouvi seu sorriso e pelo tom sei que seus olhos são perversos agora. Empurrou-me de volta para a cama. Deitou-me de bruços, beijando e mordiscando minhas costas, descendo pelo meu bumbum arredondado. Ele sempre dizia que adorava meu bumbum... Deliciou-me com suas carícias. Ele sabe o limite entre a dor e o prazer. Puxou-me grosseiramente pelos cabelos até ficarmos os dois de joelhos na cama. Sim, ele é mesmo mandão e dominante no sexo. Mas eu amo isso, tudo que ele faz comigo. Então invadiu minha boca com uma ânsia louca, enquanto suas mãos exploravam meus seios e rasgava a pequena calcinha vermelha que eu usava. Eu gemi em sua boca.

Ele riu baixinho e desceu a mão possessiva mapeando minha vulva latejante, massageando-a, enquanto sussurrava em meus lábios que havia sonhado comigo, que nenhuma mulher lhe deu tanto prazer, nunca. Introduziu um dedo dentro de mim e eu arquejei sentindo meus sucos jorrarem me preparando para ser tomada por ele. Leon grunhiu quando me sentiu molhada, pronta para ele.

— Não posso esperar mais, *delizia mia*... — grunhiu e puxou minhas nádegas de encontro a ele, forçando-me a ficar de quatro. Senti a cabeça grande do seu pênis em minha entrada e ele investiu poderosamente todo o caminho dentro de mim, me esticando ao limite. Puta merda! Choraminguei. Ele é tão grande e espesso, mas eu amo a sensação dele dentro de mim. Gemi me ajustando ao seu tamanho. — *Dio!* Que saudade dessa bocetinha gostosa... Da minha putinha gostosa. — ele sussurrou tirando todo o Pênis e metendo de volta com golpes duros e profundos. Ele ama essa posição. Eu podia senti-lo bater no meu útero. Gritei no limite entre a dor e o prazer.

— Oh! Ohhhhhh! Deus! Leon... — Gemi sentindo um orgasmo se formar a partir do meu ventre. A venda deixava tudo muito mais intenso. Leon ficou cada vez mais insano, mergulhando em mim com investidas cada vez mais duras, profundas, sussurrando palavras em italiano. Ele me chamava de feiteiceira, dizia que não conseguiria mais ficar sem o prazer que eu lhe proporcionava. Não entendi... Ele parecia estar... Se despedindo?

— Você gosta disso, não é? Você ama ser minha putinha. Diga! — ele exigiu tirando todo o pênis e esfregando no meu ânus. Seus dedos entraram na minha vagina levando meus sucos até meu orifício. — Vou foder você aqui. Ainda está dolorida da última vez? — ele disse rouco. Eu neguei tomada pela luxúria. Ele fazia isso comigo. Meu corpo era dele para fazer tudo. Senti seu dedo me sondando, entrando aos poucos. Eu fui empurrando de volta e relaxando, ele me ensinou na primeira vez que fizemos. Doeu pra caramba, mas gozei como nunca. Agora eram dois dedos totalmente dentro de mim me alargando para tomar o enorme pênis dele. — Eu amo esse rabinho, sabia. — ele grunhiu retirando os dedos e encaixando a cabeça robusta do Pênis no meu orifício. Meus sucos ajudaram e ele foi entrando devagar, retirando e entrando um pouco mais de cada vez até que estocou duro me rasgando, metendo até o talo. Gritei sentindo suas bolas batendo na minha vagina. Ofegamos e gememos juntos. — Vem, rebola essa bunda gostosa no meu pau até você se

acostumar com ele. — Eu adoro quando ele fala sujo assim. Meu orgasmo vem muito rápido. Eu obedeci, rebolando no pênis dele ouvindo seus gemidos e rosnados. Ele levou uma das mãos e enrolou no meu cabelo, a outra apertou meu quadril e realmente começou a me foder. Ele metia com força no meu ânus apertado, causando ardência. Eu estava no limite.

— Que porra de visão linda! Minha putinha vendada e imobilizada tomando meu pau até as bolas no rabinho gostoso! Ohhhhh! — gemeu me fodendo loucamente.

— Leon... Ohhhhh... Deus! — gemi sentindo lágrimas nos meus olhos. Ele largou meu cabelo e puxou a venda dos meus olhos. Debruçou-se sobre mim, tomando meu queixo com força e me deu um beijo molhado. A mão do quadril foi para meu clitóris, ele o manipulou e beliscou até que eu estava gritando seu nome e gozando loucamente minha bunda indo de encontro a ele, deixando-o me rasgar com suas estocadas brutas. Ele continuou a comer meu ânus sem trégua. Uma palmada desceu com força na minha bunda e ele estocou tão forte que pensei que fosse me partir ao meio.

— Pooooorra! Que gostoso gozar nesse rabinho apertado! Ahhhhhhhhh! — gritou e finalmente gozou rosnando, uivando como um animal no cio, alagando-me com jatos e jatos de sêmen. Eu caí na cama, sem forças. Leon era muito intenso, me drenava totalmente. Ele caiu por cima de mim gemendo, ainda enterrado completamente no meu ânus palpitando nos últimos espasmos de seu clímax. Saiu de mim instantes depois devagar e eu arquejei com a ardência. Nossos olhos se encontraram quando ele deitou-se do meu lado. Ficamos assim nos olhando por um tempo. Um silêncio perturbador se instalou entre nós. Ele fechou os olhos, mas percebi algo lá.

Arrastei-me até ele e beijei seus lábios, nossas respirações se misturando. O cheiro dele era esplêndido. Ele abriu os olhos e a sombra estava ali de novo. Senti um frio estranho na espinha. Havia algo errado. Leon parecia atormentado. Rolei para o lado, sai da cama e dirigi-me ao banheiro. Quando voltei vestindo um curto robe branco, já o encontrei vestido encarando a cama desarrumada como se o móvel, fosse seu pior adversário. Era como se tivesse se arrependido do que havíamos feito ali. Ele desviou o olhar negro para mim e então, tive certeza de que havia algo muito errado. Seu olhar era abertamente hostil. Não havia o menor sinal do amante apaixonado de minutos atrás.

— Algum problema? — aproximei-me temerosa. — Nunca vi essa expressão em seu olhar.

Ele riu de forma sarcástica, os olhos negros mostrando um desprezo nunca antes percebido por mim.

— A farsa precisa acabar agora, *cara*— disse entre dentes, vindo em minha direção.

Recuei atordoada. Leon parecia outra pessoa.

— Do que está falando, Leon? Que farsa?

— Para você é Vossa Alteza real, Leon Di Castelani, Príncipe herdeiro da Ilha de Ardócia! —sua voz era fria e cortante.

— O... o quê?! Do que está falando? — indaguei confusa.

— Você, *cara*, foi amante de um príncipe. — sorriu cínico. — de dois príncipes na verdade.

— Você é um príncipe? Co-como? — balbuciei sem poder acreditar naquilo.

— *Si, cara*, Príncipe Leon Di Castellani, irmão do príncipe Damien Di Castellani, que teve a triste sorte de cruzar o caminho de uma putinha ordinária que o iludiu, roubou e o levou ao suicídio.

— Sinto muito... Eu não sabia...

— Você sente muito? —Ele me encurralou contra a parede. —Você é a vadia que acabou com a vida de meu único irmão! Pare com esse teatro de: *Oh, como eu sou pura e honesta!* Você não passa de uma maldita puta e vai pagar-me caro! — gritou a centímetros do meu rosto.

Senti uma dor aguda no ventre e me encolhi, sentando-me na cama. Não era possível. Era tudo um terrível engano. Tinha que ser. Não conhecia nenhum príncipe Damien. Nada fazia sentido. Pensei enquanto as lágrimas banhavam-me o rosto.

Ele me olhou, sua expressão dura quase suavizando quando viu as lágrimas escorrendo pela minha face. Levantou uma das mãos, mas a abaixou antes de me tocar e se afastou. Correu as mãos pelos cabelos e cerrou os olhos com

força por alguns momentos. Quando os abriu estava no controle novamente e a expressão de ódio e desprezo havia voltado.

— Devo avisá-la de que sua carreira chegou ao fim. Você está arruinada como modelo. Sou bem relacionado. Meu pessoal está de olho em você desde o suicídio de Damien. Tenho o relatório completo sobre a sua vida, inclusive seu caso com meu irmão. Tenho fotos de vocês sempre juntos. Portanto, não tente negar. — Leon escarneceu. — Damien teve dez milhões de dólares sacado de sua conta bancária no período de seis meses anterior a seu suicídio. Você era a única pessoa próxima a ele. O que fez com o dinheiro? Diga-me como foi. Você o iludiu com esse rosto de anjo e esse corpo que escraviza homens? Diga o que aconteceu para meu irmão tirar a própria vida?

— Não conheci seu irmão. Precisa acreditar em mim. — pedi com voz fraca. Não sabia o que doía mais: a dor física, ou meu coração que Leon estava pisoteando.

Leon foi até sua pasta e tirou um calhamaço de papéis, jogando-o sobre mim. Peguei e fiquei estarrecida quando vi o conteúdo. Era realmente eu nas fotos. Mas aquele a quem Leon chamava de Damien, era meu querido amigo Paolo. O conheci há três anos. Participávamos do mesmo grupo de estudos e pesquisas de história antiga da Universidade Federal do Rio Janeiro. Paolo era tão fascinado por antigas civilizações quanto eu. Adorava as conversas com ele sobre o Império Romano. Ele conhecia muito sobre a história da Itália. Foi com ele que treinei meu italiano enferrujado. Havia ficado devastada com seu suicídio há seis meses.

— Isso tudo é um terrível engano, Leon. — encontrei forças para me levantar. — Esse é Paolo, um amigo querido que faleceu há seis meses. Não consigo entender.

— Paolo era a identidade secreta de Damien, todos nós da realeza temos uma para nossa privacidade. — ele disse seco.

— Não tínhamos um caso. Éramos amigos, muito amigos. — disse com dificuldade sentindo-me zozza. — estávamos sempre juntos, mas não como homem e mulher. Você sabe disso.

— Oh, sei que você nunca foi para a cama com ele. Você se negou a ele não foi? — ele sorriu cínico e prosseguiu atacando-me: — Então, como se

sente agora sabendo que foi apenas uma puta que eu usei só para o meu prazer? Oh, você sentiu prazer também... Não podemos esquecer isso. Poucas horas depois de me encontrar já estava sob o meu corpo se contorcendo e gemendo como a vagabunda que é. Apesar do corpo virgem, você já era uma prostituta na alma. Não pense que me sinto lisonjeado por ter sido seu primeiro amante, embora tenha me dado prazer como nenhuma outra — Leon despejou e deve ter visto como aquilo me feriu, pois quase recuou ao notar como eu tremia, mas seu ódio parecia não ter fim. — Você pediu por isso, *cara*, quando roubou e chutou meu irmão como se ele fosse um inseto. — concluiu verdadeiramente transtornado.

Então, tudo foi uma espécie de vingança? Eu não podia acreditar que meu doce sonho havia se transformado num terrível pesadelo. Observei o homem à minha frente julgando-me e condenando-me sumariamente. Nada foi real. Nunca houve interesse real dele por mim. Tudo uma grande e cruel farsa. Senti uma dor lancinante que roubou minha respiração e levei novamente a mão ao ventre, dessa vez Leon acompanhou o gesto. O quarto começou a rodar, meus olhos foram ficando pesados...

— Sente-se. Parece que vai desmaiar... — As palavras dele ficaram no vazio, pois eu desabei sobre a cama.

Quando abri os olhos já era dia. Onde estava? Relanceei os olhos pelo recinto e vi Leon sentado numa poltrona próxima à cama. Era um hospital? O bebê! Oh, Deus! Perdi meu bebê.

Levantei a cabeça devagar, ele parecia adormecido. Não ficaria no mesmo lugar que esse bastardo. Consegui levantar a muito custo e saí me arrastando pela cama, mas estaquei quando senti uma mão grande na minha cintura.

— Aonde pensa que vai? Você está muito fraca, precisa descansar. — Leon me encarou.

Por um momento parecia o meu Leon falando, mas não era, pensei desolada deixando que ele me deitasse de volta na cama. Virei o rosto de lado para que ele não visse minhas lágrimas. Era humilhante.

— O bebê está bem. — ele disse e eu virei o rosto banhado de lágrimas. Me olhou com expressão quase terna, mas virou-se indo até a janela. Ele claramente não queria nem olhar pra mim. — Por que não me disse nada e

quase me deixou matar meu próprio filho?

— O que quer dizer com isso? Que você quer esse bebê? Não me faça rir.

— Em meu país os homens não abandonam seus filhos. — Voltou-se para me olhar.

— Sério? Então agora quer me convencer de que é um homem honrado? Poupe-me.

Leon contraiu o maxilar visivelmente desconfortável.

— Sou um homem honrado e não vou abandonar meu filho. — afirmou, os olhos escuros fuzilando-me.

— Mesmo que ele seja fruto da relação com uma puta que só usou para seu prazer? — eu disse deixando toda a dor transparecer na minha voz.

— Ainda assim. — Ele afirmou com os olhos presos nos meus. — Não fico feliz em saber que uma mulher como você será mãe de um filho meu. Mas um filho é algo sagrado em meu país, em minha família. — Ele cerrou os olhos e disse com voz mais contida. — Ouça, você está frágil e o bebê também. Temos coisas a discutir, mas esse certamente não é o momento. Ficarei fora por duas semanas, tenho negócios em São Paulo, creio que será melhor até você se recuperar. A clínica está paga, você está sob os cuidados dos melhores médicos. Por favor, não faça nada que coloque em risco a vida do bebê.

O cretino agora vinha com aquela voz mansa e preocupada. Se tivesse forças poderia dizer onde enfiar aquela falsa preocupação. Mas por enquanto o bastardo tinha razão, eu precisava descansar pelo bem de meu bebê. Era só por ele que viveria a partir de agora.

Uma semana depois, eu já estava pegando um voo para a França, uma amiga de minha mãe me emprestou sua casa em Vernon. Fiquei por lá seis meses. Gastei quase todas as minhas economias, pois usava só dinheiro vivo. O bastardo poderia estar rastreando meu cartão de crédito. Minha amiga Kênia foi me visitar e viajou comigo até o leste da Inglaterra onde me escondi até dar à luz meu filho. Minha mãe chegou quando estava no sétimo mês e cuidou de mim até Ricardo, meu lindo bebê fazer dois meses.

Pesquisei o cretino pela internet o tempo todo. Fiquei com ódio de mim mesma por ter caído tão fácil na sedução dele, mas ele claramente estava acostumado a isso. Havia zilhões de fotos dele ao lado de mulheres lindas, atrizes, cantoras, modelos. A mídia o retratava como um príncipe playboy, mas descobri que Leon era também um dos maiores produtores de vinho da Europa. Sua fortuna pessoal era avaliada em bilhões. Eu o odiei a níveis estratosféricos por ter me obrigado a me esconder como uma criminosa. Não deixaria que aquele bastardo cruel colocasse as mãos em meu filho, nunca. Mas, o dinheiro finalmente acabou e tive que usar meu cartão para retirar um depósito de emergência feito pela minha mãe. Eu nunca contei a natureza de minha relação com o pai de Ricardo para ela. Eu teria que contar em algum momento. Só estou me fortalecendo um pouco mais, porque não é fácil aceitar que a pessoa que você amou e se entregou de todas as formas possíveis te deu uma rasteira e te deixou no chão. Eu só não consigo ainda falar sobre isso.

Chelmsford, leste da Inglaterra...

Leon

— *Ciao* [\[20\]](#), Júlia! Pensou mesmo que se esconderia de mim para sempre?

Ela empalideceu assim que abriu a porta da velha casa, naquele subúrbio no meio do nada e deu de cara comigo. Aqueles olhos... O rosto perfeito ainda perseguiu meus sonhos. Um ano. Havia se passado um ano desde que a deixei naquele hospital no Rio e ela sumiu sem deixar rastros. A vadia ordinária roubou meu filho. Meus olhos deslizaram pela figura alta e esguia dela como se tivessem vontade própria. Então a pequena ladra conseguiu manter a forma mesmo depois de dar à luz há apenas quatro meses. Estava tentadoramente linda. Percorri seu corpo perfeito sem pressa, enquanto todos os meus sentidos de macho eram despertados. Meu pau ficou rígido prontamente. Eu odeio, mas essa é a reação que ela arranca de mim. Usava um top colorido que deixava boa parte do ventre reto e firme à vista. Um short jeans desbotado, deixando as coxas esbeltas e torneadas totalmente à mostra. Os cabelos loiros presos num rabo de cavalo e a franja desfiada caindo na testa a deixava com aparência de adolescente. Tão fresca e vibrante... *Bella* como em minhas lembranças.

Ficamos ali nos analisando durante alguns preciosos segundos. Os olhos devorando cada detalhe do outro. Ela parecia tão perturbada quanto eu. *Si cara*, abri um riso cínico, isso definitivamente não acabou. Seus lindos olhos escureceram, sua língua rosada molhou os lábios cheios num gesto que denunciava seu nervosismo e... excitação. Um gritinho infantil quebrou o silêncio me tirando do meu patético encantamento por aquela *puttana*. Adentrei a casa, empurrando-a para longe do meu caminho, ela quase se desequilibrou, mas amparou-se na porta. Quando fechou a porta e voltou-se para mim, me encontrou ajoelhado frente o carrinho de bebê onde meu filho estava dando sinais de impaciência. Meu filho, *Dio!* Finalmente o encontrei. Uma emoção sem tamanho tomou conta de mim ao ver aquele corpinho se esticando e o rostinho rechonchudo sendo transformado numa careta de choro.

— *Tuo padre è qui*[21]. — peguei o pequeno corpo agitado no colo e o perfume suave me envolveu. — finalmente o encontrei *tesoro, piccolo mio*[22]. — O bebê foi se acalmado aos poucos enquanto me ouvia falar baixinho em italiano.

Pela minha visão periférica vi Júlia andando e parando à minha frente. Levantei os olhos do meu filho para encarar aquela criatura sórdida que infelizmente era a mãe dele. Ela estava apavorada, era isso que sua expressão dizia. Ótimo! Iria sofrer muito por ter me tirado o direito de ver meu filho nascer.

— O gato comeu sua língua, *cara mia?* — perfurei-a com o olhar, minha voz soando enganosamente suave.

— O que quer que eu diga Leon? Que é um prazer rever você? Que o estava esperando? — ela exasperou-se.

—Você devia estar me esperando, *cara*. Você fugiu com meu filho. Achou mesmo que eu a deixaria criá-lo? Mulheres como você não deveriam ter filhos! — minha voz saiu cortante, medindo-a de cima a baixo. Eu a odeio! Bem, pelo menos eu quero isso com todas as minhas forças.

— O que está dizendo? Não pode tentar tirar meu filho de mim, Leon. — ela aproximou-se de mim cuidadosamente, os olhos de esmeralda suplicantes.

— Não vou tentar *cara*. — disse, e vendo a apreensão se suavizar nos

olhos dela, continuei: — Vou tirá-lo de você, pode ter certeza disso.

Naquele momento o bebê choramingou, tentei acalmá-lo sem sucesso.

— Deixe-me acalmá-lo. — ela estendeu as mãos para pegá-lo, eu não queria perder o contato com ele ainda, mas enfim cedi e entreguei o menino que parecia chorar cada vez mais alto. — ele está com fome. — Júlia informou ao mesmo tempo em que se acomodava numa velha poltrona e tirava o seio para fora do pequeno top. O bebê atacou o seio com ânsia e logo estava calmo tendo o rostinho acariciado pela mãe.

Fui atingido por aquela imagem mais do que gostaria. Ela, contra todas as minhas suspeitas parecia ser uma boa mãe. O lindo rosto se encheu de amor quando encarou o bebê. Eu podia ver isso nos olhos de esmeralda, que brilhavam, enquanto ela sussurrava palavras em Português, acariciando sua cabeleira negra. O bebê era inegavelmente um Di Castellani. Sua pele era um pouco mais clara que a minha, mas seus cabelos e olhos eram escuros como os meus. Meu filho, meu filho. Não me cansava de repetir. Ele aparentava ser muito saudável e bem cuidado. Bem, um ponto para ela! Meu filho ainda dependia da mãe, tive que admitir a contragosto. Não poderia tirá-lo dela, não agora, pelo menos. Tentei reorganizar minhas ideias. Minha atenção focalizou o seio exposto. Eles estavam maiores. Tentadoramente maiores... Constatei incapaz de desviar o olhar enquanto meu filho sugava o líquido materno com avidez. Como era possível sentir ciúmes de meu próprio filho? Sorri e naquele momento meu olhar cruzou com os belos olhos verdes.

— Do que está rindo? — ela quis saber na defensiva. Olhando-me como se quisesse me estrangular.

— Ele suga com tanta avidez... — falei com uma expressão calculadamente pecaminosa nos olhos.

Júlia soube exatamente no que eu estava pensando. *Si, cara*, lembra como também sou ávido? Como costumava devorar você inteira? Ela enrubescou e baixou os olhos novamente para o bebê. Sorri. Eu sei, sou um bastardo. Mas no amor e na guerra vale tudo. Vence aquele que atinge o inimigo no seu ponto fraco. No caso da mulher à minha frente o seu ponto fraco é a atração intensa que ela ainda sente por mim.

— Ele está faminto. — ela disse entre dentes desafiando-me com o olhar,

agora mais controlada.

Oh, eu também! Exclamei mentalmente, fascinado enquanto a via trocando o bebê para o outro seio igualmente perfeito. Virei as costas suprimindo um gemido agasalhando a incômoda ereção que ostentava a partir do momento em que ela abriu a porta. Pus-me a examinar a pequena casa. Estava em péssimo estado de conservação. Como essa mulher teve coragem de submeter meu filho, um príncipe de Ardócia à essas condições de vida? Ela pagaria por isso! A excitação foi dando lugar à irritação. Pouco depois quando o bebê já estava alimentado e novamente sorridente, brincando com os brincos da mãe, eu disparei:

— Arrume suas coisas e as do meu filho. Vocês virão comigo para Ardócia. Tem um avião nos aguardando. — disse injetando a quantidade certa de desprezo na voz. Eu sou um diplomata e homem de negócios implacável não só em meu país, mas em toda a Europa. Sei exatamente como conseguir meus comandos atendidos.

— O-o quê? — ela levantou-se com o bebê nos braços. — Não vamos a lugar nenhum com você!

— Oh, vão sim! — aproximei-me dela ameaçador.

— Eu disse que não!

— Ouça, não tenho tempo para discussões. Você roubou meu filho! — disse cerrando o maxilar.

— Ele é meu filho! Você me seduziu, me fazendo acreditar que... Que... —sua voz morreu na garganta.

— Que estava apaixonado por você? — ri zombeteiro, medindo-a dos pés à cabeça. — Não era para termos ido tão longe... Mas você foi ridiculamente fácil. Você se iludiu, *cara*. Não me lembro de ter dito que a amava. Sempre deixei claro que me dava um prazer incrível, mais nada. — vi seu rosto empalidecer, mas tratei de ignorar qualquer remorso pelas duras palavras. Ela não me enganaria como fez com Damien.

— Por que quer nos levar para seu país? Qual é o seu plano, Leon? — ela inquiriu, os olhos apreensivos. Bem, ela não gostaria do viria a seguir.

— Meus planos mudaram. Meu desejo era levar meu filho comigo e deixá-la para trás de uma vez por todas, mas ele ainda é muito dependente de você neste momento. — fiz uma pausa e continuei. — e há outro motivo pelo qual preciso aturar você: meu filho não será um bastardo. — a encarei por alguns segundos deixando-a propositalmente desconfortável e completei: — Me casarei com você.

Júlia arregalou os olhos como se tivesse levado um soco.

— Quer se casar comigo?!

Não pude deixar de rir e a encarei, com evidente sarcasmo.

— Não ouviu o que eu disse? É óbvio que jamais me casaria com você em circunstâncias normais. — debochei. — Farei esse sacrifício pelo meu filho. Não posso permitir que a imprensa o descubra e o chame de bastardo. É só ele, quem me interessa. Quando ele não for mais tão dependente me livrarei de você de uma vez por todas.

— O que quer dizer com se livrar de mim de uma vez por todas? — ela quis saber empalidecendo. Parecia uma corsa assustada.

Ri novamente. Ela era cômica.

— Você tem uma imaginação fértil *cara mia*. Sou um príncipe de Ardócia. Não sujaria minhas mãos. Mas quando chegar o momento certo você pagará por tudo que fez a meu irmão e sairá de nossas vidas para sempre. — fulminei-a.

— Eu não fiz nada a seu irmão, Seu cretino! — Xingou-me em Português. — Jamais sairei da vida do meu filho a quem amo mais do que tudo no mundo. — berrou parecendo ofendida.

— Do que foi que me chamou? Fale em Inglês ou Italiano! — encarei-a tomado pela raiva. — E não perca seu tempo achando que pode me convencer da sua honestidade. Isso é cansativo.

— Não me casaria com você nem que fosse o último homem no mundo! — afirmou em Inglês.

Eu ouvi direito? Aquela putinha estava me rejeitando? Eu, o príncipe herdeiro de Ardócia?

— Acho que não consegui ser claro, Júlia. — disse entre dentes. — Você tem duas opções: casar-se comigo ou enfrentar-me nos tribunais, onde passarei por cima de você como um trator, ficando com meu filho no final!

Os olhos dela encheram-se de lágrimas, mas ela recusou-se a mostrar-se intimidada. Fez-se um longo silêncio, no qual nos encaramos como dois gladiadores no Coliseu. Por fim, Júlia deu um longo suspiro e começou a dirigir-se à escada que dava acesso ao andar superior.

— Onde está indo? — eu quis saber.

— Arrumar nossas coisas. — disse fuzilando-me com os olhos brilhantes. — *Vossa alteza real* venceu. — ela disse meu título como se fosse um insulto. Eu não consegui segurar o riso. Oh! A doce Júlia havia se transformado numa gata selvagem. Isso seria... Interessante.

CAPÍTULO TRÊS

Júlia

Leon Vincenzo Di Castellani, *o príncipe herdeiro* de Ardócia venceu. Ele é implacável e um príncipe playboy com uma lista interminável de amantes. Acostumado a ter todos a seus pés. Pela visão periférica o observei saborear seu champanhe caro. Senti os olhos negros intensos em mim. Deus! O bastardo continuava tão devastadoramente lindo como há um ano quando ele me seduziu e enganou calculadamente. Continuei a olhar o oceano pela janela a bordo do moderno jato da família real de Ardócia. Minha taça estava intocada na minha mão, num sinal claro de protesto. Quem aquele cretino pensava que era para brincar de Deus com a minha vida? Em breve seria princesa de Ardócia! Arg! Como isso tudo aconteceu? Como perdi o controle da minha vida tão rápido? Ele me olhava como se tivesse me fazendo um favor, deixando claro que eu deveria ser grata pela aparente trégua. Ele disse em alto e bom tom que não costumava dar honras a seus inimigos e que para uma mulher do meu nível, ser sua esposa era uma honra incomensurável. Bastardo! Bufei e ele riu com seu cinismo característico dizendo que em breve eu aprenderia a agradecer-lhe por sua generosidade. A julgar pelo brilho perverso que surgiu nos olhos escuros, o idiota arrogante tinha muitas ideias em mente... Ele usaria descaradamente a minha óbvia atração por ele. Meu estúpido corpo traidor cantava cada vez que aqueles olhos escuros hipnóticos cravavam em mim. Eu sou tão patética!

— Onde está Damien? — ele quis saber.

Voltei-me da paisagem que observava da janela e fuzilei-o. O imbecil anunciou logo que entramos no jato que trocaria o nome do meu filho!

— Está dormindo. Já disse que o nome dele é Ricardo. Já foi registrado.

— Sei disso. Você também teve a ousadia de colocar “pai desconhecido” no local reservado a mim. Ele é um príncipe de Ardócia. Ele tem um pai e um país inteiro que o amará. — disse entre dentes. — a certidão será anulada.

— Quero que você, seu país e esse seu maldito título vão para o inferno!

— berrei levantando-me e correndo direto para o quarto nos fundos da aeronave, mas antes que fechasse completamente a porta Leon enfiou o pé pela abertura e entrou batendo-a com força, trancando-a.

Eu acompanhei o gesto entrando em pânico. Ele avançou rapidamente na minha direção encurralando-me contra as portas do armário embutido.

— O que pensa que está fazendo? Se afaste de mim! — berrei novamente.

Ele puxou meus punhos com força e os prendeu acima da minha cabeça com uma única mão. Os olhos escuros tinham uma expressão letal.

— Seu cretino! Solte-me! — tentei acertá-lo entre as pernas, mas ele foi mais ágil. Rosnou em seguida.

— Nunca mais fale comigo daquela forma na frente de meus funcionários, entendeu? — ele esbravejou erguendo o meu queixo com força quase tocando meus lábios. A expressão nos olhos dele era perigosamente predadora. Ficamos nos encarando por alguns instantes. Nossas bocas quase se tocando e a atmosfera entre nós foi se alterando. Os olhos escuros queimaram nos meus com algo que eu conhecia bem: desejo.

— Solte-me. — pedi com desespero.

— Por quê? — ele riu perversamente, a voz perigosamente suave agora. — tem medo que eu faça isto? — seus dentes morderam meu lábio inferior e sua língua o lambeu acalmando-o em seguida. Então, sua boca apossou-se da minha deixando-me sem fôlego, tomando tudo num beijo rude. — E isto? — ele encheu a mão livre em um dos meus seios volumosos, massageando o mamilo. — ou isto? — sussurrou na minha orelha, lambendo um ponto sensível, enquanto introduzia uma perna musculosa entre minhas coxas friccionando minha pélvis. Gemi, vergonhosamente. Puta merda! Eu estava sem sexo há um ano. Ele era um bastardo maldito, mas o sexo com ele sempre foi enlouquecedor.

— Pare... — eu disse baixinho segurando outro gemido a muito custo.

— Isso foi um protesto? — ele riu soltando meus punhos e enfiando as mãos pela minha nuca, puxando meus cabelos grosseiramente invadindo-me com aquele olhar provocante e zombeteiro. — vai ter que se esforçar mais se

quiser realmente que eu pare *cara mia*. — disse continuando a massagear-me com a coxa musculosa e mordeu duramente meu ombro, sacudindo a língua no local, lambendo a pele sensível como um leão com sua fêmea. Minhas pernas quase cederam, mas ele me manteve montada na coxa poderosa.

— Pare Leon... — pedi esforçando-me para não ceder a ele.

— Esse cheiro... —ele inalou profundamente meu pescoço causando-me arrepios. — Essa pele de pérola... Esses olhos... Essa boca. — ele passou o indicador pelos meus lábios dormentes de seu beijo duro. — Me perseguiram por longos dozes meses. Veja o que faz comigo. — ele levou a minha mão até a coluna grande e grossa da sua ereção latente.

— Oh... —exclamei odiando-me por sentir as minhas partes íntimas se incendiando. Desejando-o com desespero. Como um viciado diante da droga.

— *Si*, oh! — ele zombou. — Mas agora a espera acabou! — disse abruptamente e sem me dar a chance de protestar, segurou meus seios. Com um riso diabólico rasgou o vestido de tecido fino, fazendo-me emitir um misto de grito e gemido. Seu sorriso se ampliou enchendo as mãos nos meus seios de novo. — *Dio!* Tão macios. — Gemeu alto e terminou de rasgar o vestido expondo meu ventre liso e a calcinha branca de algodão. — *Bella... Bellissima!* — sussurrou comendo-me com os olhos, percorrendo meu ventre até chegar à minha pélvis, enchendo a mão, constatando minha excitação. A calcinha teve o mesmo destino do vestido. Gemi ao sentir um dedo grosso entrando na minha vulva latejante. Ele movimentou o dedo indo fundo dentro de mim e se apossou da minha boca de novo com ânsia louca. — Sempre tão pronta para mim. — gemeu levantando-me pelas nádegas. Eu automaticamente o enlacei pelo pescoço, entregando-me de vez. Suas palavras, seu cheiro, me enlouqueciam. Ele abriu o zíper da calça num gesto desesperado e no segundo seguinte estava se alinhando na minha entrada e sem aviso mergulhou seu pênis em minha vulva numa estocada brutal, me esticando até o fundo.

Eu gritei com a invasão, arfando, procurando por ar. Ele ficou imóvel permitindo que me acostumassem com seu volume novamente. Parecia extasiado olhando-me nos olhos, nossas bocas abertas respirando com dificuldade uma na outra, então sua boca desceu numa trilha lambendo,

beijando, mordendo pelo queixo, pescoço, clavícula e passou a sugar um seio e depois o outro. Gritei de novo, insana, meus olhos revirando de prazer. — *deliziosa...* Pooorra! Que saudade de comer essa bocetinha apertada. — Rosnou quase uivando entrando em mim profundamente. Bateu dentro de mim num ritmo frenético cada vez mais fundo. Comeu-me como se tivesse privado de sexo por um longo tempo. — *Dio!* Minha putinha gostosa... — gemeu puxando-me os cabelos da nuca enquanto o outro braço me sustentava pela cintura me olhando dentro dos olhos, me levantando e descendo bruscamente em seu pau enorme. — Foda! Gostosa! — meteu me esticando sem dó entrando até as bolas.

— Ohhhhhh... Meu Deus! Leon... — eu quebrei estremecendo, o orgasmo me rasgou tão forte que fiquei sem respirar por vários segundos.

— Isso putinha, goze no meu pau... Toma tudo nessa bocetinha gulosa. — Ele riu perverso e entrou em mim com mais brutalidade. Mordeu meu ombro do outro lado com força e lambeu depois. Ele conhece meu corpo melhor do que eu mesma. Meu orgasmo se intensificou apertando-o em meu interior. — Pooooooooorra!! — gritou, senti seu pênis engrossar e pouco depois ele estava rosnando metendo enlouquecido em mim, me inundando com jatos quentes de sêmen. — *Oh! Delizia!* Gostosa... — Grunhiu nos últimos espasmos ainda estocando e derramando em meu ventre.

Fechei os olhos e abandonei a cabeça no peito largo. Agarramo-nos tentando recobrar nossos sentidos. Sua respiração ruidosa no meu pescoço. Estava ainda zonza e tremendo quando Leon soltou-me bruscamente. Tive que me esforçar para permanecer de pé. Minhas pernas ainda estavam bambas.

— Creio que agora entendeu quem está no comando aqui, *caríssima*. Menos de duas horas depois de nos reencontrarmos e olhe só pra você...

Eu abri meus olhos lentamente ao ouvir seu tom frio. Ele estava totalmente vestido. Ele nem ao menos se despiu! Não sei por que aquilo me incomodou tanto. Era o menor dos meus problemas. Não acredito que o deixei me foder como um animal enfurecido! Alguém me mate agora! Fui invadida pela vergonha, enquanto ele me olhava de cima a baixo com uma expressão de desprezo nos olhos negros. Ele me odiava! Não havia mais o menor sinal do homem apaixonado que me tomou com desespero contra o armário como se

tivesse sentido minha falta. Se não fosse pela ardência que sentia entre as pernas e o fato de estar nua, juraria que aquilo tudo fora fruto da minha imaginação. Mas não foi. Aquilo foi uma punição. Uma forma de me humilhar pelo modo como havia desrespeitado o “príncipe” diante de sua tripulação e eu, estúpida facilitei as coisas entregando-me como uma adolescente fascinada pelo galã da escola. Burra! Chutei-me mentalmente, enquanto juntava o que sobraram de minhas roupas e da minha dignidade.

— Você não usou camisinha. — voltei-me para ele, tentando desesperadamente parar de tremer. Os olhos escuros alargaram, como se só agora, se desse conta do lapso.

— Eu estou limpo. Você está? — indagou com evidente desprezo na voz.

— Como ousa me perguntar isso? Você foi o único com quem... Com quem...

— Fez sexo quente, duro, suado como uma cadela no cio? — ele completou jocoso. — talvez eu acredite em você. Estava muito apertada. Quase virgem de novo... — ele me prendeu com o olhar intenso e eu soube que estava ficando excitado de novo. Bastardo! — você ainda toma pílula para regular seu ciclo? — perguntou enfiando as mãos nos bolsos e se afastando. Ele se lembrava desse detalhe? Eu afirmei com um leve gesto de cabeça. Sua expressão relaxou visivelmente. — ótimo! Não quero mais imprevistos. Isto entre nós é temporário. É bom que não se esqueça disso. Vou foder você até extinguir essa atração inconveniente do meu sistema, mas não pense nem por um momento que terá o título de princesa por muito tempo. — seus olhos deslizaram pelo meu corpo com uma expressão gelada. — Recomponha-se. — Disse como se minha nudez agora fosse ofensiva a ele. — O jantar será servido em dez minutos. A tripulação espera ver uma princesa do meu lado, não uma puta que se deixa ser fodida contra um armário, gritando a plenos pulmões. — disse entre dentes.

— Odeio você! — Berrei descontrolada. — Cretino! Maldito! — Acrescentei em Português e avançando sobre ele desferi um tapa com toda a força na face morena.

Ele segurou-me os punhos com uma expressão de deboche no rosto. Entretanto, o lado que eu acertei estava marcado pelos meus dedos.

—Sério? Mas ainda há pouco estava implorando para eu enterrar meu pau em você cada vez mais rápido e profundo... Todos ouviram você, *cara mia*. — Ele riu, mas os olhos estavam turvos de raiva. — E pare de me ofender em Português. Isso é rude.

Eu gargalhei histérica. Meus olhos fulminando-o.

— Ouça bem o que vou lhe dizer seu idiota patético. Porque só vou dizer uma vez. — disse em voz baixa, fazendo-o me encarar novamente. — Chegará o dia em que você descobrirá a verdade sobre mim. Então me pedirá perdão de joelhos, mas presumo que não serei capaz de perdoá-lo porque já estarei ferida demais para isso.

Entrei no banheiro e bati a porta furiosa. Só então deixei as lágrimas caírem. Deus! Até quando poderia aguentar ser tratada como uma prostituta por ele? Meu futuro parecia sombrio, mas eu não desistiria. Meu filho era a única coisa que me faria seguir em frente.

Chegamos à noite na Ilha de Ardócia. Havia uma limusine preta enorme aguardando próximo ao jato. Leon desceu com Ricardo adormecido nos braços. O ar da noite quente me assaltou e senti um choque térmico em comparação com o ar condicionado do jato. Parei no topo da escada e não pude deixar de admirar o porte majestoso do cretino enquanto descia as escadas da aeronave. Emir, seu assessor, me ajudou a descer. Era um pequeno homem moreno de olhos astutos e amigáveis. Tive uma pequena vertigem e ele me amparou antes que caísse da escada. Meu corpo todo doía. Era só o que me faltava, pegar uma gripe ou virose. Leon me deixaria morrer sem cuidados? Aposto que meu futuro marido adoraria que caísse e quebrasse o pescoço logo na chegada. Segui atrás de Leon como uma serviçal, enquanto ele andava a passos largos para o automóvel sem se importar se eu o seguia ou não. Um homem jovem uniformizado fez uma reverência ridiculamente longa para ele. Deus! Por isso era tão arrogante. Percebi que a tripulação do voo só faltava lambar seus sapatos. O tratavam com a mesma adoração ridícula. O motorista abriu a porta traseira e minha respiração travou com a visão inesperada. Uma morena linda saiu de dentro do carro e praticamente pulou em Leon. Ela me parecia... Familiar.

— Helena, *cara*. — Leon disse com voz suave enquanto a beijava na face

perfeitamente maquiada. O termo *cara* parecia genuíno pela forma como a encarava. Nada do sarcasmo com que ele o usava comigo. Ele gostava daquela garota. Então me lembrei. Havia inúmeras fotos dele com ela na internet. Eu a odiei de imediato. Esperei por um tempo humilhantemente longo até ele se lembrar da minha existência. — esta é...

— *Júlia Smith*. — ela cuspiu meu nome como se fosse uma praga. Os olhos exóticos cor de âmbar me atiravam punhais. — *Dio!* O que ela faz aqui?

Leon acomodou Ricardo melhor em seu peito e os olhos dela fixaram no bebê como se só agora o tivesse visto.

— É uma longa história, *cara*. Basta saber que ela ficará conosco... Por um tempo. — ele disse fitando-a com carinho. Eu a odiava cada vez mais. Quem era ela? E por que Leon falava tão manso e suave com ela? Imbecil!

Helena me olhou de novo e desviou os olhos para meu filho nos braços de Leon. A compreensão a atingiu e uma máscara de ódio transformou seu rosto bonito.

— *Dio santo!* Essa criança... Você transou com *ela* quando foi ao Brasil no ano passado? Como você pôde Leon? — seus olhos se encheram de lágrimas. Bem-vinda ao clube, querida! Mais uma que ele faz chorar.

Leon teve a decência de parece envergonhado, mas se recuperou no segundo seguinte.

— Não me orgulho disso, mas está feito. Tenho um filho e não vou abandoná-lo por causa da moral duvidosa de sua mãe. — disse com firmeza dirigindo-se ao carro.

Como eles ousavam falar de mim como se eu não tivesse ali, na frente deles. Forcei-me a mover minhas pernas para segui-lo, mas Helena me impediu de avançar pondo-se na minha frente. O olhar me atirando adagas.

— Não pense que Leon ficará com você. — ela riu, mas sem o menor sinal de humor. — ele vai usar você, devorá-la e depois cuspir para fora num curto espaço de tempo. Ele jamais teria um relacionamento com você, *cara*. — olhou-me como se fosse um inseto. — admito que é muito bonita, mas não conseguirá prendê-lo, nenhuma consegue entendeu?

Uau! Aquela garota era apaixonada por ele. Não que eu, de todas as pessoas pudesse culpá-la. Leon era uma força da natureza. Era impossível ignorá-lo. Ela parecia uma ex-namorada ciumenta. Seria isso?

— Helena, não é? — eu coloquei a quantidade certa de desprezo na voz. — você deveria convencer seu querido Leon a me deixar em paz. *Ele* me arrastou até aqui. *Ele* foi o único a ir atrás de mim como um maníaco perseguidor. — disse entre dentes.

— Ele não quer você. Ele só quer puni-la. — ela murmurou com um riso cínico. — e isso inclui usar o seu corpo até se cansar dele. Você só tem uma utilidade para Leon e já deve saber bem qual é. — me analisou dos pés à cabeça e seus lábios se torceram num riso de escárnio. — pela sua aparência desgrenhada, imagino que já tenha aberto as pernas para ele em pleno voo. Uma puta. É só o que é para ele. É bom que nunca se esqueça disso.

Ela passou por mim deixando-me com a resposta na ponta da língua e juntou-se a Leon no mesmo banco traseiro da limusine. Oh! Sim, é oficial! Eu a odeio! Respirei fundo e entrei me acomodando no banco em frente à eles. Leon me olhou por alguns instantes, algo brilhando no fundo dos olhos escuros.

— Você está bem? — quis saber com voz neutra. — parece um pouco pálida.

— Estou bem. — foi tudo que consegui dizer e desviei a atenção para a janela do lado. Fechei os olhos por um instante sentindo minha cabeça latejar. Minha vida aqui não seria nenhum conto de fadas. Irônico, não?

Acordei sobressaltada pouco depois. Leon estava me tirando da limusine nos braços fortes.

— O que está fazendo? Eu posso andar. — protestei fraca, minha cabeça estava pior.

Ele me pôs no chão imediatamente e eu cambaleei. Teria caído se não tivesse me levantado de novo praguejando em italiano e com uma expressão nada feliz na face bonita.

— Sua tola! Está queimando de febre. Por que me disse que estava bem? — seu maxilar cerrou. — o que quer provar com essa atitude estúpida?

— Apenas me coloque em uma cama, meu corpo dói e minha cabeça parece que vai explodir. — eu pedi baixinho muito cansada para brigar, apoiando minha cabeça no peito largo. Mesmo no meu estado lamentável, não pude deixar de me embriagar com seu cheiro único. Sim, Sou tão patética!

Cerca de meia hora depois, eu estava sendo examinada pelo simpático Dr. Piazzoni, um homem que provavelmente estava na casa dos cinquenta. Deve ter sido muito bonito quando jovem, pois possuía olhos azuis escuros e cabelos que eram agora cinza, mas pelo tom de pele devem ter sido negros algum dia. Leon havia me trazido nos braços até o quarto e me depositou numa enorme cama dossel. Quando abri os olhos e observei o ambiente eu engasguei literalmente. Eu pensei que quartos assim só existiam como cenários de filmes. O aposento era enorme. À minha esquerda parecia ser uma sala de estar, ricamente decorada com estofados vermelho de bordas douradas. Do lado direito, paredes de vidro davam a vista para uma varanda ampla. Parece que estamos perto do mar, pois podia sentir o cheiro da maresia e o barulho fraco de ondas quebrando.

— Possivelmente trata-se de uma virose, alteza. De qualquer forma, coletarei sangue e levarei pessoalmente ao laboratório agora. Faremos exames mais detalhados amanhã. — a voz mansa do médico se dirigindo a Leon me trouxe da inspeção. — ministrarei remédio para a dor de cabeça e faça com que ela se alimente bem e beba muito líquido.

— Farei isso, obrigado, doutor. — Leon levou o médico até a porta após os últimos cuidados e eu permaneci onde estava.

— Onde está Ricardo? — o encarei assim que entrou no meu campo de visão junto à cama. Os olhos negros me fulminaram pronto para discutir a questão do nome, então sua expressão suavizou um pouco. Eu devia estar mesmo horrível.

— Está com Helena, minha prima. Além disso, contratei duas babás para cuidarem dele. — informou com a costumeira arrogância de *eu sou o príncipe! Sou dono do mundo!*

— Eu posso cuidar do meu filho. Não preciso de ninguém, ouviu? — tentei levantar, mas minha cabeça rodou e fui obrigada a deitar de volta gemendo. Leon resmungou uma série de palavrões em italiano e aproximou-se ajeitando

melhor os travesseiros sob a minha cabeça. Seu cheiro me invadiu de novo. Eu quase gemi de desgosto pela minha reação à proximidade dele. Nossos olhos se encontraram por um momento, seu rosto bem próximo ao meu. Sua mão veio suave na minha testa tirando a franja dos meus olhos. Ficamos assim alguns poucos instantes, então ele piscou e sua expressão endureceu.

— Não duvido que consiga cuidar dele, mas agora precisa se alimentar e descansar. — endireitou-se e franziu o cenho. — você não comeu nada a bordo do avião, pelo menos já havia almoçado quando cheguei à sua casa? — Neguei incapaz de falar. Novos palavrões e ele pegou o aparelho de telefone no criado mudo, discando quatro números furiosamente. No segundo seguinte, deu uma série de ordens num italiano rápido que não consegui acompanhar. — seu jantar estará aqui dentro de meia hora. Quer minha ajuda para mais alguma coisa?

Eu precisava urgentemente de um banho, mas estava fora de cogitação pedir a ele que me ajudasse nisso. Ele pareceu entender o que se passava na minha cabeça, pois os cantos da boca sensual subiram um pouco num arremedo de sorriso e ele se afastou da cama.

— Enviarei uma das criadas para ajudá-la, se precisar se refrescar antes do jantar. — ele já estava quase na porta quando perguntei:

— Este é seu quarto?

Os olhos negros se fixaram em mim por alguns segundos como se analisasse a resposta.

— Não. Este é o seu quarto. Esta ala foi reformada recentemente e possui três aposentos: o meu, o seu e o de Damien no meio. Todos são interligados. Mais alguma coisa?

— Não. Vou seguir os conselhos do médico. — ele virou-se abrindo a porta. — Leon? — chamei. Olhou-me por cima do ombro. — eu, hum... Obrigada. — balbuciei. Pareceu surpreso pelo meu agradecimento.

— Pensou que eu a deixaria morrer?

— Confesso que sim. — disse sincera.

Sua boca se curvou num sorriso cínico e os olhos escuros brilharam

perversamente quando disse:

— Oh! Não *cara*. Eu preciso de você bem viva e saudável para aguentar tudo que vou fazer com você na minha cama. — então saiu. Babaca! E eu agradecendo-o como uma idiota. As palavras de Helena vieram à minha cabeça, não consegui evitar.

No dia seguinte fui diagnosticada com uma virose. Passei três dias dentro do quarto, praticamente abandonada, já que quando estava acordada não via sinal de Leon, apenas Luíza, minha serviçal”, palavras de Leon, estava a maior parte do tempo lá me ajudando a tomar banho e tomar os remédios. Encostei a cabeça na borda da enorme banheira e desfrutei da água morna e os sais de banho que Luíza tão prontamente preparou para mim. Meu corpo já não doía e as tonturas haviam passado. A música de *Titãs* [\[23\]](#) *Porque eu sei que é amor* começou a tocar no meu ipod sobre a bancada de mármore junto à pia. Fechei os olhos e suspirei cantando baixinho.

Porque eu sei que é amor, eu não peço nada em troca,

Porque eu sei que é amor, Eu não peço nenhuma prova

Mesmo que você não esteja aqui, O amor está aqui, Agora

Mesmo que você tenha que partir, O amor não há de ir, Embora

Eu adoro essa banda. Aprendi a ouvir com a minha mãe. Continuei a sussurrar a letra quando senti a presença de mais alguém no banheiro.

— Eu estou ótima Luíza. Obrigada por tudo, você já pode ir. — falei, mas como não houve resposta eu abri os olhos e quase engasguei com a visão diante de mim. Leon parecia ter acabado de sair do banho, Os cabelos estavam ainda molhados caindo pelos ombros largos. Vestia uma camiseta de lã azul escuro com gola “V”, com as mangas arregaçadas até os antebraços, mostrando os pelos negros que os cobria, quase discretos. Uma calça jeans escura completava o conjunto. Estava lindo, casual e perigosamente sexy. Me vi presa na visão dele. Ele também me dissecou com aqueles olhos escuros intensos. Arrependi-me de não pedi espumas, pois isso deixou meu corpo nu totalmente à mostra sob a água. O olhar dele me deixou desconfortável analisando demoradamente cada parte de mim antes de finalmente me encarar nos olhos. Havia a sugestão de um sorriso perverso na sua boca.

— Eu vim perguntar como estava se sentindo, mas estou vendo que está bem... Muito bem, na verdade. — sussurrou rouco, seus olhos indo para o sul de novo.

Bastardo! Bufe!

— Já estou bem melhor, obrigada pela preocupação. — disse entre dentes — pode me dar licença agora?

Ele não fez menção de sair, pelo contrário, andou devagar até ficar diante de mim, os olhos negros em chamas. Oh! Deus! Ele... Certamente ele não queria... Suas mãos foram para a barra da camiseta e eu preendi a respiração. Ele ia se juntar a mim sem pedir permissão. Simples assim.

— O que você está fazendo? — minha voz saiu desesperada até para meus ouvidos.

Ele sorriu. Assim já era covardia. Ele era simplesmente irresistível quando sorria.

— Não é óbvio? — sussurrou tirando a camisa. — Bela música. — disse enquanto Titãs cantavam o refrão.

— Você não pode, ouviu? — agora eu estava realmente desesperada. — eu não quero. — afirmei encolhendo-me num canto mais afastado dele.

— Oh! Mas nós dois sabemos que você quer. Nós dois queremos. — sua frase foi interrompida pelo toque de seu celular. Ele o tirou do bolso com irritação, mas seu rosto suavizou quando viu o nome na tela. — Helena, estarei em seus aposentos dentro de meia hora, *caríssima*. — disse em italiano, seu cenho franziu ao ouvi-la, suspirou e acrescentou: — Certo, estou indo. *Si, cara*. — Observei entre aliviada e enciumada ele vestir a camiseta de novo, cobrindo o peitoral de dar água na boca. — Helena e eu temos *a noite do cinema* desde que ela era uma adolescente. Ela está me esperando na ala norte. Temos um cinema no Palácio, caso queira utilizá-lo em algum outro momento. — Não me passou despercebido que ele disse *outro momento*, o que significava que não era bem-vinda para a sessão com a *preciosa* Helena. — Parece que estou um pouco atrasado. — ele passou as mãos pelos cabelos num gesto nervoso. — que bom que já está melhor. Amanhã trataremos dos arranjos para o casamento. — fez uma pausa e sorriu arrogante comendo-me

com os olhos de novo. — e outros arranjos... — sussurrou e virou-se me deixando trêmula de desejo e sentindo-me ridícula por ele ter preferido a companhia da outra. O que só me deixou mais intrigada com a relação deles. Será que formavam um daqueles casais típicos da realeza destinados a se casarem? E por que esse pensamento me rasgava por dentro? A resposta era simples: eu nunca consegui superá-lo. Nunca consegui tirá-lo de dentro de mim, apesar de suas atitudes tiranas de merda.

Terminei o banho mais rápido e me dirigi ao quarto de Ricardo. Meu pequeno príncipe. A babá tinha acabado de dar banho. Pedi para terminar de agasalhá-lo sob os protestos da moça.

— Senhora, o príncipe deus ordens para não incomodá-la. Sua alteza está preocupado com sua saúde. Quer se recupere rápido. — informou suplicante.

Eu bufei. Preocupado, sei. Ele quer é me foder o quanto antes, isso sim!

— Ele mesmo tem alimentado o bebê pelo tempo que esteve doente. Apenas hoje...

— Hoje o príncipe arrumou algo mais divertido para fazer do que alimentar seu próprio filho. — minhas palavras saíram amargas. Deus! O que deu em mim? Eu não posso me importar com ele e sua... Sua *cara* Helena. — ouça, ele não precisa saber. Será nosso segredo. Além disso, já estou ótima e quero estar com meu filho. — a moça assentiu por fim, mas não muito satisfeita. Que se dane o príncipe e suas ordens.

Amamenteei meu filho balançando levemente na cadeira de balanço junto ao berço. Os olhinhos negros risonhos e brilhantes para mim. Lembrei-me dos olhos de Leon. Os dois eram tão parecidos. A diferença era que os olhos do meu lindo bebê me olhavam como se eu fosse seu mundo. Ele devia sentir que era o mundo para mim também. Mamou ávido como sempre. Debrucei-o sobre meu ombro para que arrotasse e passei a embalá-lo, não demorou muito a adormecer. Quando voltei para meu quarto estava inquieta, sem sono. A mente vagando e me torturando com cenas de Leon e a bela Helena entrelaçados numa cama. Só consegui dormir duas horas depois e foi um sono conturbado. Maldito Leon!

CAPÍTULO QUATRO

Leon

— Que tipo de idiota coloca uma exigência dessas num contrato nupcial? — Júlia cerrou os dentes jogando o contrato nupcial em cima de mim sob os olhares estupefatos do meu trio de advogados particulares. Eles estavam horrorizados porque ninguém ousava falar comigo de forma tão desrespeitosa. Nunca! Já passava das onze e estávamos presos no meu escritório desde as oito da manhã repassando ponto por ponto por insistência e implicância dela. A cláusula que causou o seu furor era uma que estabelecia que como minha esposa contratada me daria prazer sempre que fosse solicitada por mim. Era uma coisa simples, não precisava tanto alarde.

— Senhores, me deem licença um instante. — pedi sem desviar os olhos dela que havia levantado pronta para a briga. Eu ria de sua expressão ultrajada, se eu não estivesse tão puto. — você parece gostar de me desafiar na frente de meus funcionários. Por acaso esqueceu o que aconteceu da última vez? — minha voz não se alterou, mas ela enrubesceu. — *si, cara*, você lembra não é? — meu sorriso foi cruel. Ela precisava saber o seu lugar e jamais ultrapassar a linha novamente. — Você será minha pelo período de um ano e vai fazer tudo que eu quiser na cama e fora dela. Nós dois sabemos que não será sacrifício nenhum para você ir para a minha cama. A química entre nós ainda é perfeita. — fiz uma pausa. — mas talvez eu não a procure tanto, afinal doze meses é um tempo muito longo e devo avisá-la de que nenhuma mulher manteve meu interesse por tanto tempo. Meu desejo por você é temporário como tudo nessa situação. Você para mim é apenas um corpo gostoso que quero foder até tirar isso do meu sistema. — Júlia empalideceu com as últimas palavras. Fui duro, eu sei, mas não havia a menor possibilidade de um relacionamento com ela. Agora era a hora de colocar tudo em pratos limpos. — há outra coisa que precisa saber. — ela me olhou de queixo levantado, já recuperada, os olhos de esmeralda soltando faíscas. — nós já estamos praticamente casados.

— Como assim? — sua voz saiu cortante.

— Os documentos foram preparados com data retroativa. Para todos os efeitos nos casamos há mais de um ano no Rio de Janeiro, nos desentendemos pouco tempo depois e você fugiu. A procurei e a trouxe para Ardócia, onde se espera que seja o lugar da minha mulher. — informei calmo.

— Deus! Por que isso? Esse tipo de coisa pode mesmo ser feita? — ela quis saber, mas logo depois riu sarcástica. — não para pessoas normais. Mas para *vossa alteza real* tudo é possível. — completou com desprezo pelo meu título. Que mulherzinha irritante. Ela era a única que não caía a meus pés pelo meu título. Desafiando-me, desrespeitando-me o tempo todo. Eu simplesmente sorri. Ela bufou e disse em seguida: — ótimo! É até melhor assim sem festas extravagantes, sem nobres arrogantes me avaliando. Onde eu assino?

— Quem disse que não haverá festa? — o rosto dela caiu de novo. — meu tio ficou chateado por eu ter me casado em segredo e longe de meu povo. Em Ardócia os casamentos reais são tradição. As comemorações duram dias.

— O que exatamente está me dizendo Leon?

— Faremos um baile no sábado. Uma coisa mais íntima apenas para o parlamento e algo em torno de trezentos convidados. — ela arregalou os olhos.

— Trezentos convidados não se encaixam na definição de íntimo que conheço. — disse entre dentes.

— Já disse, meu tio, o rei é muito apegado às tradições e faz questão de nos apresentar como o novo casal real numa cerimônia oficial. Não posso e não vou contrariá-lo. — meu tom de voz não deixou margem para novos argumentos. Ela deu um suspiro resignado e virou-se em direção à porta. — Ah, e Júlia? — chamei.

— O quê? — me fulminou por cima do ombro.

— Eu quero você a partir de hoje todas as noites na minha cama. — os olhos dela se alargaram de ultraje, mas também nítido desejo. — *Ciao Perla mia*. — ela não disse nada, apenas saiu com as costas muito eretas.

Quando entrei no meu quarto já passava das onze da noite, fui direto tomar uma ducha. O dia foi agitado. Tive vídeo conferência a tarde toda com o gerente do Chateau DiCastellani[24] em Bordeaux[25] e marquei presença no Cassino no início da noite. Fazia um tempo que não aparecia por lá. Fiz a

social com os clientes mais ilustres depois subi ao escritório. Meu gerente é muito capaz e confiável, do contrário não estaria comigo. Aproximei-me das paredes de vidro do escritório que permitia a visão total do movimento lá embaixo. O material especial me permitia observar sem ser visto. Hoje recebemos um premiado ator de Hollywood acompanhado de uma bela ruiva, o detalhe era que a esposa dele, uma das mais lindas e talentosas atrizes da atualidade provavelmente estava em casa sozinha e grávida. Homem asqueroso. Observei a ruiva sentada no colo do ator, os dois quase fazendo sexo em público. Não sou santo, longe disso, mas jogo limpo. Traição não faz meu gênero. Exploro tudo que tiver para explorar no campo sexual, mas com uma parceira de cada vez. E exijo o mesmo da parte delas.

Enquanto a água caía no meu corpo, antecipava o que faria com minha cara esposa. Ela já devia estar na minha cama, me esperando. Sorri desligando o chuveiro e enrolei uma toalha na cintura. Qual foi a minha surpresa ao encontrar minha cama perfeitamente arrumada e vazia. *Dio!* Ela gostava mesmo de me contrariar. Virei nos calcanhares e abri a porta do quarto do meio, meu filho dormia tranquilamente no seu berço. Parei um instante admirando o corpinho rechonchudo adormecido. Eu já o amava tanto. *Mio piccolo* a única coisa boa dentro daquela loucura toda. Toquei seu rostinho, me sentindo mais calmo. O beije e segui para o quarto de Júlia.

Para ser sincero Damien não era a única coisa boa naquela situação. Júlia podia ser uma harpia, mas seu corpo ainda me incendiava os sentidos e meu pau vivia em estado permanente de excitação nesses quatro dias em que a arrastei de volta para minha vida. Lembrei-me do sexo explosivo no avião. Da sensação absurdamente deliciosa da bocetinha quente e apertada em volta do meu pau, me sugando gostoso. Ela era apaixonada, intensa, sempre se entregou sem reservas para mim. Chega de brincar de gato e rato. Eu a quero e quero agora. Escancarei a porta e entrei pelo quarto semiescuro. Ela estava dormindo? Sério? Aproximei-me da cama e parei bebendo a visão dela recostada contra os travesseiros. A camisola preta mal cobrindo os seios perfeitos. O lençol caindo na cintura. Sorri ao perceber a respiração dela se alterando. A espertinha estava fingindo. Debrucei-me na cama, apoiando uma mão de cada lado da sua cabeça mantendo-a presa.

— Uma dica para situações futuras, *delizia mia*. Seu peito está subindo

rápido demais para quem está adormecida. — sussurrei em sua orelha e ela estremeceu.

— Quer, por favor, sair de cima de mim? — ela disse entre dentes, mas seus olhos espetaculares estavam totalmente dilatados pela minha proximidade.

— Chega de jogos, *cara*. — puxei bruscamente o lençol que a cobria e ela sentou-se indignada. A levantei nos braços enquanto ela se debatia.

— O que pensa que está fazendo? Pra onde está me levando? Largue-me seu imbecil! — berrou tentando se livrar em vão, pois a segurei mais apertado contra meu peito.

— Shhhhh. — disse baixinho enquanto passávamos pelo quarto de Damien. — Deixe de escândalo ou vai acordar nosso filho. Além disso, você quer que a babá acorde e pense que eu vou estuprar minha própria mulher?

— Não sou sua mulher. Esse casamento é uma farsa. — desafiou assim que a deposei na minha cama. Ela ficava linda ali, onde a quis por tanto, tanto tempo.

— O casamento é perfeitamente legal e isso faz de você minha mulher. Minha para fazer tudo que eu quiser. — sussurrei arrancado minha toalha e jogando-a no chão. Os olhos de esmeralda voaram para meu membro esticado em toda a sua glória, pronto para ela. Babando por ela. Suas bochechas coraram. Ela era uma contradição. Era a única mulher que conhecia que corava como uma adolescente mesmo depois de ter realizado cada fantasia minha na cama. Acho que é isso que me mantém louco para fodê-la o tempo todo. Ela me dá tudo de uma forma que nenhuma outra deu. Eu ensinei tudo e ela foi uma aluna sempre ávida por mais. Era naturalmente sensual. Não precisava fazer nenhum esforço para ser linda. — tem ideia do quanto está linda aqui na minha cama? Do quanto desejei tê-la aqui? Do quanto quero estar dentro de você agora? — minha voz saiu rouca e fui subindo, me arrastando na cama até me posicionar em cima dela. Ela recostou-se nos travesseiros arquejante. A luta abandonou seu corpo. A luxúria assumiu em seu lugar. Ela sentia isso também. Essa vontade louca de estarmos um no outro. Nossos olhares travaram e baixeí minha boca lentamente na dela, mordiscando, lambendo, chupando. Ela suspirou trêmula e senti suas mãos em meu pescoço e meus cabelos puxando-me para baixo. Gemi e aprofundi o

beijo, levantando uma coxa macia para meu quadril, esfregando meu pau em sua vulva coberta pela calcinha toda empapada. — *Dio...* Tão molhadinha para mim... — grunhi puxando a camisola não tão gentil, louco para tê-la nua embaixo de mim. Segurei os seios perfeitos e os lambi juntos.

— Oh, meu Deus! Leon... — Ela gritou quando chupei forte os dois mamilos de uma vez.

— *Si, delizia mia.* Você me quer tanto quanto eu a quero, não é? — minha boca foi descendo pela barriga plana, beijando, lambendo, mordendo, me deleitando com cada centímetro delicioso dela. Como senti falta disso. — diga. Diga que me quer. — exigi segurando sua bocetinha quente. Rasguei a pequena calcinha e enchi a mão na carne molhada. — Diga! — repeti metendo dois dedos dentro do seu canal cremoso.

— Sim, oh... Leon... Eu... quero você. — balbuciou arqueando as costas da cama. Desci mais e meu rosto ficou diante da sua boceta perfeita. Fechei os olhos e enterrei o nariz em sua vulva aspirando profundamente o cheiro divino. Meu pau se contorceu o pré-sêmen caindo da ponta.

— Prometo que vou dar toda a atenção que essa bocetinha perfeita merece mais tarde. — lambi lentamente seu clitóris. — mas agora preciso comer você ou vou gozar aqui fora como um maldito adolescente. — Rosnei avançando sobre ela de novo. Ela deitou-se de volta escancarando as pernas para que eu me acomodasse entre elas. Alinhei a cabeça grande do meu pau na sua entrada e a encarei. Ela arquejou suspensa, ansiosa. Abri um sorriso safado e estoquei dentro dela com força indo até o fundo.

— Ahhhhhh! Leon... — choramingou me abraçando com as pernas, sua bocetinha palpitando em volta de mim. Dei uns segundos para ela se ajustar, tirei tudo para fora e voltei com tudo, me enterrando até o cabo de novo.

— Tão malditamente perfeita! — grunhi metendo duramente no seu pequeno canal. — eu amo essa bocetinha, sabia? Vou comer minha putinha gostosa toda noite aqui nessa cama. — ela ronronou me encontrando a cada estocada bruta. Ela gosta quando falo sujo na sua orelha. — você também adora, não é? Você não vai mais me negar isso, entendeu? — meti mais duro, enfiando os braços pelas costas esguias levantando-a e trazendo-a para tomar mais do meu pau, esticando-a quase além da sua capacidade. — entendeu?

— Sim... Deus! Eu vou... Ahhhhhhh! — sua bocetinha convulsionou no seu orgasmo, me apertando, mamando no meu pau desfazendo meu controle em mil pedaços.

— Isso... Toma meu pau todo nessa bocetinha gulosa... Gostosa... — girei o quadril entrando fundo em novo ângulo e soltei um rosnado animalesco gozando como um louco, esporrando dentro dela. Tomei sua boca num beijo erótico de olhos abertos e continuei a me derramar nela com pequenas e lentas estocadas. Desabei por cima dela ainda duro todo enterrado em seu calor, lutando por ar. Porra! Ela tinha a boceta mais gostosa que já comi. Era viciante. Levantei minha cabeça alguns minutos depois e ela parecia ter adormecido. Sorri e me movimenteí dentro dela, chupando um dos seios lentamente. Seus lábios torceram em um sorriso e os lindos olhos me encararam.

— Céus! Você é insaciável. — murmurou visivelmente gasta.

— Ainda não terminei com você, *delizia mia*. — bombeei lentamente dentro e fora dela, continuando a adorar seus seios, excitando-a de novo. Ela acariciou meus cabelos e deixou que eu a devorasse devagar. Não demorou muito ela soltou o ar agudamente quando chupei seus mamilos duros. Nossos olhos travaram e meti mais forte. Ela grunhiu e veio me encontrar levantando os quadris. Sai de dentro dela e sorri quando choramingou me puxando de volta. A puxei grosseiramente para fora da cama. — coloque as mãos na cama e empine essa bundinha linda. Tô louco para comer seu cuzinho de novo. — ela ficou prontamente na posição, empinando a bunda redonda e durinha. — linda! — sussurrei e puxei um lenço da gaveta ao lado cama. — Reconhece isso, putinha? — a vendei rapidamente e rosnei descendo minhas mãos pelo pescoço, ombros, abaixei e lambi toda a sua coluna, enquanto ela estremeia. Desci as mãos e acariciei os dois globos redondos me posicionando atrás. Acariciei suas costas subindo de novo devagar, me inclinei e afastei seus cabelos de um dos ombros. Ela ronronava e sem aviso mordi duro no ponto entre o ombro e o pescoço, lambi depois acalmando o local, ouvindo seu gemido alto, seu corpo delicioso tremendo. Ela adora quando faço isso. Fui descendo novamente beijando e mordendo suas costas, lambendo sua coluna graciosa. Mordi forte uma das bochechas firmes e as abri. Meu pau deu uma guinada diante de seu botãozinho rosado. Lambi lentamente do seu

clitóris até seu cuzinho.

— Leon... — ela contorceu sua bundinha gostosa. Minha mão desceu numa palmada forte. Ela se assustou e eu sorri da sua tensão.

— Fique quieta! Essa é a porra da imagem que ficou um ano na minha cabeça. Você vendada tomando meu pau todo em seu rabo gostoso. — rosnei puxando-lhe pelos cabelos da nuca e a beijei duro. Minha outra mão achou seus seios puxando os mamilos na medida certa para enlouquecê-la. Minha língua lambia a dela como um animal lambendo sua fêmea. — tem ideia de quantas vezes me masturbei com essa imagem na cabeça? — rosnei em sua boca e desci a mão para sua boceta enchendo a mão nela. Eu adoro fazer isso. É como se afirmasse que é minha cada vez que faço. Brinquei com seu brotinho, massageando, beliscando devagar. Ela gemia na minha boca, minha mão ainda mantendo-a presa pelos cabelos quase com brutalidade. Enfiei um dedo em sua vulva melada e massageei seu brotinho com o polegar, logo ela estava gozando em meus dedos. Soltei-a empurrando de volta para a cama. — empine essa bundinha linda, *delizia mia*. Quero gozar profundamente enterrado nesse rabinho apertado. — ela atendeu ansiosa. Abri suas nádegas e passei a lambar seu buraquinho com vontade. Meti dois dedos em sua vulva e levei seus sucos para cima encharcando seu ânus. Sondei devagar com um dedo, metendo lentamente. Ela relaxou como ensinei. Boa menina! Levei mais lubrificação e meti dois dedos alargando-a cada vez mais. Logo ela estava rebolando e gemendo em meus dedos. Enfiei três e girei algumas vezes. Levei mais sucos e substitui os dedos pelo meu pau que babava pré-sêmen, louco para foder seu cuzinho gostoso de novo. Meti a cabeça devagar. Ela relaxou, empurrou de volta e eu meti até as bolas numa estocada forte.

— Oh! Deus! Leon... — choramingou, tentando sair, mas eu a segurei forte pelos quadris, mantendo seu rabo totalmente esticado em volta do meu pau.

— Shhhhhh. — acalmei-a beijando e lambendo sua coluna de novo. Dei-lhe tempo para se ajustar à mim e passei a movimentar-me devagar, puxando quase tudo fora e voltando lentamente, girando meu quadril, minhas bolas massageando seu clitóris. Ela gemeu, me aceitando, rebolando a bundinha de novo. — *si delizia mia*, rebola esse rabinho gostoso no meu pau... Toma todinho dentro de você. — sua bundinha me encontrava agora com impulso,

me pedindo sem palavras para foder mais duro. — *Dio!* Que putinha safada... Quer mais duro, não é? — grunhi e tirei tudo batendo de volta em seguida até o fundo, minhas mãos segurando forte em seus quadris. Passei a comer seu cuzinho com violência. Ela era tão estreita, mas tomava todo o meu pau sem reclamar. — Gostosa! — meti e meti impiedoso em seu buraquinho. — Gostosa do caralho! — gritei levando uma das mãos para seu clitóris, manipulando-o e beliscando enquanto meu pau a fodia brutalmente, sem trégua. Ela miou sem forças com mais um orgasmo. Continuei montando duro nela perseguindo minha liberação. Não demorou muito, meti fundo e gozei jogando a cabeça para trás rosnando: — Pooooorra! Muito gostosa... — Seu rabo sugou até a última gota do meu sêmen. Maldita mulher viciante! Puxei a venda e saí de dentro dela devagar. Ela desabou na cama como uma boneca de pano. Totalmente fodida. Fui ao banheiro e tomei uma ducha rápida. Aquilo foi muito intenso. Meus planos eram passar a noite toda com ela, mas nesse momento preciso ficar sozinho. Preciso de uma pausa. Não quero e não vou sentir nada além de prazer quando estiver enterrado nela.

— Você pode voltar para seu quarto agora. — consegui manter meu tom neutro assim que voltei para o quarto. Ela ainda estava de bruços do jeito que a deixei. Totalmente gasta. Seu corpo enrijeceu visivelmente. Mas demorou a levantar-se. Por um momento pensei que estava dormindo, mas finalmente se levantou e sem me olhar nos olhos pegou sua camisola rasgada no carpete. Não se preocupou em vesti-la, apenas andou nua e rígida saindo do quarto. Soltei um longo suspiro e fui ao bar servindo-me uma dose de uísque. Essa mulher é perigosa. Tenho que manter minha guarda levantada. Nossa relação nunca poderia ser nada além de sexo. Eu jamais faria isso à memória de meu irmão. Teria sexo com ela até tirá-la do meu sistema e seguiria em frente. Ela não me importava. Não poderia me importar.

Júlia

A semana transcorreu e um padrão se desenvolveu. Eu ia até o quarto do cretino, fazíamos sexo quente e enlouquecedor. Infelizmente ele era especialista nisso. Sabia exatamente que botões apertar para me fazer entregue completamente a seus desejos. Após a primeira noite eu não o esperava mais na cama. Quando saía para o banheiro eu corria para meu quarto. Ainda não consigo esquecer o tom de desprezo da sua voz me

enxotando de seu quarto, enquanto meu corpo ainda estava cheio do seu esperma. Bastardo!

Quando encontrei Leon no dia seguinte àquela noite, eu mal o olhei, mas senti seus olhos me analisando, por mais que tentasse disfarçar com maquiagem, meus olhos estavam vermelhos e tinham bolsas escuras embaixo. Chorei muito antes de conseguir dormir.

— Você está bem? — sua voz era quase suave. Foda-se seu idiota!

— Estou ótima. — minha voz saiu estridente. — o que você quer?

— Você precisa se preparar para o baile. Só restam três dias. Helena irá ajudá-la com isso.

Sua voz era suave como se ele não tivesse me humilhado na noite anterior. Desviei os olhos da sua figura odiosamente linda e virei-me para Helena, só agora percebendo que estava junto à janela do amplo escritório de Leon. Ela estava perfeitamente arrumada num vestido creme com um casaquinho do mesmo tom. Os cabelos longos e lisos presos num rabo de cavalo elegante. Sua pele tão fresca, sem maquiagem hoje, ainda assim era perfeita. Eu a odiei a níveis estratosféricos. Não era justo que eu parecesse um espantalho enquanto Leon ficava trancado a maior parte do tempo com a linda prima Helena em seu escritório. Sim, porque ela trabalhava diretamente com ele. Mais um motivo para eu querer arrancar alguns cabelos da sua cabeça tão irritantemente arrumada.

— Obrigada pela sua preocupação, mas sei me virar sozinha. — eu imitei o tom suave dele. — era só isso?

Os cantos de sua boca subiram no que parecia ser um sorriso e os olhos negros brilharam. Que bom que eu o divirto, *alteza*!

— Pode me dizer a quantos bailes da realeza esteve presente, Júlia?

As palavras de Helena pingando sarcasmo me fizeram encará-la. A vaca queria me humilhar. Bem, eu não cairia no seu jogo.

— Isso é o quê? Uma entrevista para o cargo de princesa? — Ouvi Leon tentar conter o riso. Abri um sorriso que não alcançou meus olhos. — agradeço a sua generosidade *Oprah* [\[26\]](#), mas repito, sei me virar sozinha. —

girei nos calcanhares e os deixei sem palavras.

Três dias depois, meu telefone tocou assim que terminei meu café, sozinha na sacada, como sempre. Era Kênia, minha querida amiga do Rio. Vemo-nos pouco nesse último ano. Tive que sair do Rio às pressas. A última vez que nos vimos foi quando me acompanhou até a Inglaterra, há mais de seis meses. Sempre conversávamos por telefone, mas sinto falta dela da nossa relação diária. Ela havia assinado com uma grande marca de cosméticos e há quatro meses morava em Milão. Fiquei tão feliz por ela ter conseguido. Ao contrário de mim, Kênia, uma mulata linda de olhos escuros e risonhos, adorava sua profissão. Ela era a única que sabia de toda a minha história com Leon.

— Hei! Sumida! Por que não consegui falar com você na última semana? — soou sua voz alegre. Eu sentia tanta falta dela, das nossas conversas. Da nossa parceria. Nos conhecemos no nosso primeiro trabalho como modelos aos treze anos e nunca mais nos separamos, até o furacão Leon entrar na minha vida.

— Hei, amiga. — minha voz foi fraca.

— Você está bem, Ju? — disse preocupada dessa vez. — aconteceu alguma coisa com você?

— Aconteceu. Leon Aconteceu. — levantei indo até o parapeito, olhando a imensidão do mar à minha frente.

— Como assim?

— Ele me encontrou há oito dias e me arrastou até aqui.

— Aqui, aonde? O que esse babaca fez dessa vez? — sua voz era dura agora.

— Estou em Ardócia. Na ilha dele. No palácio dele. — e na cama dele, completei em pensamento.

— Deus! Que loucura! Por quê? O que ele quer de você?

— A mesma história de sempre. Atormentar-me, me humilhar... Mas agora há nosso filho. Ele o quer. Odeia-me, mas quer reconhecê-lo como herdeiro legítimo.

— Não gosto nada dessa linha de pensamento. — ela bufou.

— Eu também não, amiga. — suspirei. — tive que assinar um acordo maluco de casamento. Terei que permanecer com ele por um ano. Isso garante que Ricardo não seja um filho bastardo.

— Que situação amiga. — ela gemeu. — eu odeio que você esteja aí à mercê dele. — fez uma pausa significativa. — Ele... Ele, hum... Vocês...

— Transamos? — completei seu pensamento e gemi de vergonha. — infelizmente sim, muitas vezes. Ele mal me jogou dentro de seu jato e já me tinha contra um armário, rasgando meu vestido, tomando-me como um bruto...

— Deus! Ju! — ela gemeu dramaticamente. — eu quero continuar com raiva do babaca, mas a cena que descreveu me deixou com tesão. Vamos combinar, ele pode ser um completo babaca, mas Cristo! O homem com certeza dá uma nova definição à palavra *gostoso*.

Não consegui segurar a risada. Ela era hilária. Só minha amiga para me animar em meio ao caos que se tornou minha vida. Conversamos ainda por meia hora. Kênia tentou aliviar o clima contando suas peripécias com o novo namorado, um modelo italiano.

— Eu te amo. Sinto tanto sua falta. Prometo que irei ver você e meu afilhado lindo assim que der. — disse com suavidade.

— Também te amo. Espero que venha em breve. — nos despedimos e desligamos. Suspirei.

A noite caiu e agora estou aqui, uma pilha de nervos esperando Leon para me levar ao salão de festas no primeiro andar do palácio na ala central. Ainda estava me acostumando com tantas alas. Tanta riqueza. O palácio real era enorme e fora construído numa planície costeira, pela frente e nas laterais o verde predominava com jardins perfeitamente cuidados e um bosque que se estendia até onde a vista dava. Pelos fundos o mar mediterrâneo apresentava um cenário idílico. Fui até a sacada dos aposentos e senti a maresia. Os aposentos dessa ala tinham um jardim privativo e escadarias de pedra que levavam direto à areia branca da praia.

Senti a presença de Leon no exato momento em que entrou na sacada. Virei-me lentamente e minha respiração ficou presa nos pulmões. Ele estava simplesmente de tirar o fôlego. Usava um smoking branco contrastando com

seu tom de pele morena. Os cabelos estavam presos apenas na parte de cima, lembrando um samurai. Oh, Meu Deus! Eu preciso dizer alguma coisa. Preciso parar de comê-lo com os olhos de forma tão patética. Quando nossos olhares se cruzaram, ele estava com uma expressão intensa nos olhos negros. Eles me avaliaram lentamente passando por todo o meu corpo. Tenho certeza de que corei sob seu olhar ardente. Seus olhos trancaram nos meus de novo e seus lábios se curvaram num riso lento.

— Devo dizer que fiquei preocupado quando se rebelou querendo *se virar sozinha*. — seu tom foi divertido ao repetir minhas palavras. — mas o resultado me agradou. Você está ainda mais linda. — completou baixinho. Minha pele se arrepiou e ele chegou mais perto, seus olhos me mantendo presa. Eu usava um vestido longo no estilo sereia num verde escuro que ressaltava a cor dos meus olhos. O modelo de um ombro só descia delineando meus seios e minha cintura fina, marcando meus quadris abrandados e se abria numa calda discreta. Sandálias altíssimas do mesmo tom do vestido completavam o traje. Meus cabelos foram arrumados por uma profissional em uma trança raiz frouxa e elegante e minha franja penteada e escovada para o lado direito, deixando-me com aparência de mulher em vez de menina. Meus olhos estavam levemente esfumados e meus lábios pintados com gloss.

— Você também está hum... Ótimo. — minha voz saiu ridiculamente trêmula e ofegante.

Ele sorriu. O bastardo sorriu.

— Obrigado. — disse baixinho e abriu uma caixa preta que só agora percebi que trazia nas mãos. — quero que use isso. É nossa primeira aparição, então... hum... Todos esperam que...

— Oh! Meu Deus! Ela é linda! — exclamei ao ver a tiara delicada cravejada de diamantes brancos em volta e esmeraldas no centro. — você... Comprou para mim? Quer dizer...

— Não. Ela faz parte da coleção de joias da minha mãe. — disse dando de ombros como se não tivesse importância. Eu engasguei. Por que ele me deixaria usar algo que foi de sua falecida mãe?

— Ela é perfeita, mas não posso usar algo que foi de sua mãe. Não seria certo. Isso não é um casamento convencional. Você não me escolheu por

amor. Guarde a tiara para a mulher que será sua verdadeira princesa um dia. — senti um nó na garganta com a mera menção daquilo acontecer, mas fatalmente aconteceria. Outra princesa, uma que ele amasse... Uma que ele...

Leon suspirou ruidosamente interrompendo meu fluxo de pensamentos.

— Use-a, Júlia. É apenas uma joia. A escolhi porque combina com seus olhos. Será que pode fazer apenas uma maldita coisa sem me contestar o tempo todo? — sua voz se exaltou no final da frase.

— Ok. — falei simplesmente e ele colocou-a com cuidado em minha cabeça. Meu coração tolo deu uma guinada me deliciando com seu cheiro, desejando ser sua verdadeira princesa. Que ele me amasse como eu o amava. Ah! Não. De novo não. Eu quase gemi constatando o que meu corpo já sabia: Eu ainda o amava. Ele me olhou por alguns instantes, suas mãos desceram do cabelo para meu rosto e acariciou-me levemente. Seus olhos suavizaram em clara apreciação.

— Perfeita. — sussurrou baixando os lábios para o meus, mas antes de me beijar seu celular tocou. — *si*, Helena. — rosnou ao atender se afastando e eu revirei os olhos. Ela tinha um *timing*[\[27\]](#) de merda! — já estamos a caminho. *Tutto bene*[\[28\]](#)*ciao caríssima*. — guardou o celular. — Vamos? Os convidados começaram a chegar. — ofereceu-me a mão e respirando fundo a segurei. Era oficial: Júlia Smith era a princesa de Ardócia, bem apenas por algum tempo. Ok. Isso tirou um pouco da minha empolgação. Dez minutos depois estávamos no topo da ampla escadaria com o salão ricamente decorado e quase lotado. O mestre de cerimônias fez uma longa reverência para nós e anunciou:

— Sua Alteza Real, o príncipe herdeiro Leon Vincenzo Di Castellani e sua esposa, a princesa Júlia Di Castellani! — o salão ficou todo em silêncio, sua atenção em nós. Oh! Meu Deus! Eu nunca pensei que seria assim. Puta merda! Minhas pernas começaram a tremer ameaçando me derrubar dos saltos. Eu estava acostumada a ser o centro das atenções, mas ISSO!!! Isso é muito diferente. Leon sentiu minha tensão, pois me puxou de frente para ele, enlaçando minha cintura e sussurrou no meu ouvido:

— Sei que parece assustador, mas você pode fazer isso. Imagine-se em

um de seus desfiles. Todos eles vieram para vê-la. Você é a estrela.

Assenti levemente com a cabeça e ele me olhou nos olhos, levou a mão ao meu rosto e acariciou meu queixo. Sei que estava fazendo uma pequena encenação para seus súditos e convidados, mas isso não me impediu de sorrir e sonhar que ele se preocupasse comigo de verdade. Seu rosto se iluminou num sorriso que parecia quase carinhoso se eu não o conhecesse. — Obrigada. — murmurei. Ele me ofereceu o braço e eu o enlacei. Cada degrau foi um teste. Suspirei aliviada quando pisamos no piso de assoalho do salão. Então, como se saindo de um transe o salão explodiu em sons. A orquestra voltou a tocar e as pessoas a conversar. Leon rodou todo o salão comigo a reboque parando, cumprimentando, me apresentando. Os homens o bajulavam claramente e as mulheres o olhavam como se quisessem arrancar suas roupas. Em contrapartida olhavam-me e avaliavam-me escancaradamente. Algumas até tentaram ser simpáticas, outras me atiravam punhais com os olhos.

Em determinado momento conversamos com um velho conde italiano e sua jovem filha Francesca. Uma ruiva curvilínea com um vestido ousado. Seu decote ia quase até o umbigo, mostrando muito dos seios que pareciam duas bolas. Artificiais com certeza. A garota flertou desavergonhadamente com Leon na minha frente. E o cretino parecia satisfeito com o assédio, rindo de suas piadas sem graça e suas histórias ridículas das últimas férias na Riviera Francesa. Quase bufei, mas acho que uma princesa não pode fazer isso em público. Meu sorriso parecia congelado no rosto. Acho que ficaria assim, por pelo menos uma semana. De repente, a música parou e o mestre de cerimônias anunciou a entrada do rei Maximiliano. O monarca ao contrário de mim e Leon saiu de um elevador ao lado da escadaria. De acordo com Leon, o tio que estava com quase setenta anos mostrava sinais de cansaço nos últimos meses. Como príncipe herdeiro, Leon havia assumido a maior parte das responsabilidades do rei. O tio de Leon tinha um porte alto, elegante, devia ter sido um homem muito bonito como seu sobrinho. Mesmo tom de pele, mesmos olhos negros e inteligentes. Lembrei-me de quando Leon me levou até ele quando me recuperei da virose. O rei cravou os olhos avaliadores em mim me deixando desconfortável. Parece que os homens Di Castellani tinham esse efeito sobre mim. Ele abriu um sorriso e seu rosto se transformou. Parecia muito mais jovem quando sorria. O rei não estava a par das suspeitas que

levaram Leon até mim. A investigação foi sigilosa, Leon havia me informado. Gostei de rei de cara. Sorri de volta para ele.

— *Bella, sei molto bella* [\[29\]](#). — sua voz era profunda e teve um efeito calmante em mim. — seja bem-vinda à Ardócia Júlia.

— Obrigada majestade. — fiz uma respeitosa reverência.

— Nada disso! — cortou bem humorado. — aqui em família, chame-me de Maximiliano ou tio Max como seu marido me chama. — E eu me apaixonei por ele total e completamente.

Senti o aperto da mão de Leon na minha cintura e voltei das minhas divagações.

— Devemos dançar agora. Todos estão esperando para iniciarmos.

Olhei em volta e percebi realmente que ninguém dançava ainda. Isso é ridículo! Pensei que coisas assim estavam em desuso desde o fim da Idade Média.

— Então, não vamos privar as pessoas de dançar. — falei com ironia, deixando que me guiasse até o centro do salão. Todos iam imediatamente abrindo passagem. Não vou negar. A sensação de ter tanto poder é avassaladora. Por isso ele é tão altivo, tão arrogante. Comecei a entender a dimensão de tudo. O enorme palácio, as pessoas caindo a seus pés. Por isso detesta ser contestado. É o que ele é. É a essência dele: riqueza e poder. A orquestra começou a tocar um Jazz suave. Trancamos nossos olhares, suas mãos enlaçando minha cintura, meus braços subindo para seu pescoço. Ele sorriu sedutor e o resto do salão sumiu. Éramos apenas nós dois. Imagens da nossa primeira dança em Angra dos Reis me assaltaram. A forma como suas mãos seguravam possessivas em minha cintura, seu cheiro delicioso me inebriando. Movemo-nos lentamente, nossas respirações se alterando, nossos olhos presos no outro, nossas bocas quase se tocando. Desejei que tudo aquilo fosse real. Mais uma vez desejei ser sua verdadeira princesa. Então a música acabou. Pisquei confusa enquanto aplausos enchiam o salão. Droga! Isso foi muito rápido. Leon levantou minhas mãos juntas e as beijou galantemente, os olhos escuros brilhando intensos. Mais uma cena no grande show, certamente.

Vários casais se juntavam a nós agora. Uma música mais agitada

começou e ele me puxou de novo contra seu corpo. E ele dançou, realmente dançou. Havia uma só coisa que ele não fazia bem? Acho que não. Leon me girou para longe e trouxe de volta de frente para ele, sua mão na parte baixa das minhas costas, perigosamente perto da minha bunda. Eu arregalei os olhos, ele abriu aquele riso arrogante e sexy. Deus! Ele é tão bonito. E eu tô tão ferrada... Girou-me de novo dessa vez trazendo minhas costas contra seu peito duro. Gemi e encostei a cabeça no seu ombro. Beijou minha orelha, fazendo uma trilha até meu ombro nu. Estremeci e ele sorriu baixinho em meu ouvido, suas mãos descendo pelos meus braços lentamente, entrelaçando nossos dedos. Eu o senti duro na minha bunda e fui incapaz de conter outro gemido. Senti sua risada baixa de novo e suas mãos foram para frente na minha cintura, seus dedos abertos, descendo, descendo... Cobri as mãos dele com as minhas e as parei. Minha respiração descontrolada. Ele beijou meu ombro de boca aberta. Deus! O bastardo está me torturando com essa dança. Segurou forte na minha cintura e me virou de frente. Seus olhos estavam em chamas. Ótimo! Eu também o afeto. Sorri de novo, os olhos negros me fazendo todo tipo de promessa obscena e me girou por todo o salão, em passos mais comedidos. Eu me senti a própria Cinderela. Patético, eu sei, mas não pude evitar. E como Cinderela minha alegria durou pouco. Quando encerramos a dança e nos dirigíamos à mesa do rei fomos abordados por Helena.

— Helena, está maravilhosa, *cara*. — a voz de Leon era ridiculamente suave enquanto a beijava no rosto. A *maravilhosa* Helena me olhou dentro dos olhos e sorriu abraçando-o por um tempo longo demais. Vaca! Uma princesa pode jogar sua taça de champanhe na cabeça da prima do príncipe? Acho que não. Droga! É muito chato ser princesa. Entretanto, preciso ser justa. Helena é uma mulher incrivelmente bonita. Hoje trajava um longo azul marinho de alças finíssimas. Bonito, mas não ousado. Os cabelos lisos caíam livremente pelas costas e uma pequena tiara de diamantes azuis completava o traje. Possuía um porte altivo, tinha um corpo esguio de curvas suaves, elegante ao extremo. Sim, eu a odeio. *Ela* parece uma verdadeira princesa.

— Obrigada *caro mio*. Você está perfeito. — sua voz saiu rouca enquanto os olhos cor de uísque devoravam dissimuladamente meu marido. Vadia! — Júlia, você também está ótima. — o elogio pareceu sincero. Já havia percebido algumas coisas a respeito da prima de Leon. A primeira: ela era

presença constante na vida dele. Segunda: não dava para competir com ela, pois esse era o seu ambiente. Terceira: era muito polida para tentar alguma coisa com ele enquanto éramos casados. Ela parecia determinada a esperar pelo tempo que fosse necessário para se tornar a princesa de Leon. Quarta e mais importante: Leon parecia não a enxergar como mulher. Os olhos dele continham um carinho genuíno quando a olhavam, mas a tratava quase como uma irmã. Parece que Helena sofria de amor não correspondido. Exatamente como eu. A vida não era tão perfeita para ela também. Ok. Eu sei, foi um pensamento horrivelmente egoísta, mas não pude evitar.

— Dança comigo? — sua voz foi quase um ronronar. Eu mais uma vez me segurei para não bufar. Fui deixada na mesa do rei e eles se dirigiram à pista de dança. Tentei não olhar a cada cinco segundos, mas foi difícil. O bastardo dançou com ela exatamente do jeito que dançou comigo, sem os beijos. Talvez ele tenha percebido meu ciúme estúpido e me provocou. Algumas vezes ele me flagrou os observando e sorriu daquele jeito arrogante, perverso e... Lindo! Babaca! Suspirei e tentei ouvir o que o tio de Leon dizia. Depois de um tempo muito longo o casalzinho retornou à mesa. Helena era só risos. Ela precisava ser tão bonita? Deus! Eu preciso me controlar. Leon não é meu. Pelo menos não definitivamente. Eu acabei fazendo uma coisa que nunca fiz, sequei várias taças de champanhe praticamente uma atrás da outra. Leon franziu o cenho quando me viu com a quarta taça, ou seria a quinta? Não sei. Tudo estava ficando confuso. Seu rosto ficou duro. Ele levantou-se e pediu licença ao tio. Levantou-me e me firmou pela cintura levando-me para o elevador ao lado da escada. Minhas pernas pareciam de gelatina.

— Sua tola. O que acha que está fazendo? — me encurralou num canto assim que as portas se fecharam. — você está bêbada! *Dio!* Ainda bem que ninguém percebeu. Você não tem costume de beber. Por que fez isso, Júlia?

— Eu me senti... Tão... Tão...

— Tão o quê? — me olhou duro. — Tão linda? Tão invejada? Tão desejada? — gritou me tirando do torpor. Oh! Foi assim que ele me viu? Fiquei calada e ele continuou agora mais suave: — cada mulher naquele salão queria ser você, não apenas para ser princesa, mas porque você era sem sombra de dúvidas a mulher mais bonita lá dentro. — Oh! Eu gostei disso. Sorri atrevida encorajada pelo álcool, envolvendo meus braços no seu pescoço.

— Não sei o que houve comigo, mas obrigada por me dizer isso. — Sussurrei. De salto eu ficava quase no nível dos olhos dele. Roci meus lábios em sua boca e chubei seu lábio inferior num convite desavergonhado. — me beije, Leon. Eu quero você. Agora. — minhas mãos passearam pelo peitoral poderoso e ele assobiou colando nossos quadris me prendendo na parede espelhada.

— *Dio Santo!* Você é uma bêbada deliciosa. — sorriu safado contra meus lábios e me beijou. Seu pênis duro cavou na minha pélvis e eu gemi em sua boca. Ele se esfregou em mim saqueando minha boca com vontade. De repente me virou bruscamente de frente para o espelho enquanto uma das mãos apertava botões no painel do elevador parando-o, a outra descia o zíper lateral do meu vestido. — sabe como desejei levar você em qualquer canto escuro e te foder rápido e duro? — mordeu minha orelha descendo pelo pescoço e ombro, seus olhos nos meus através do espelho. — veja como é linda, perfeita. — suas mãos encheram nos meus seios assim que desceu o vestido até minha cintura. Puxou os mamilos já duros. — *Dio!* Eu estive malditamente duro a maior parte da noite. Foi tão difícil manter minhas mãos longe de você lá dentro. — empurrou o pênis duro no meio das bochechas da minha bunda. Gemeu, descendo uma das mãos pela minha coxa, puxando a barra do vestido. Logo seus dedos subiam pela minha virilha. Rosnou ao encontrar minha vulva nua. — *Dio!* Que putinha safada! Estava esse tempo todo sem calcinha. Isso vai ser duro *delizia mia*. Vou comer você sem dó para aprender a não me provocar desse jeito. — gemeu enfiando um dedo na minha vulva já lubrificada. — sempre pronta para o meu pau. — Chupou e mordeu meu ombro com força e eu gritei empinando minha bunda, rebolando contra seu Pênis. Um tapa duro queimou minha bunda quando ele desceu o vestido totalmente e me inclinou contra o espelho. — vou comer sua boceta tão forte que você nunca mais vai abusar da bebida de novo. Vou esticar seu buraquinho apertado até o limite. — sussurrou no meu ouvido, lambendo minha orelha sem tirar os olhos dos meus. Ouvi o zíper sendo aberto e pouco depois a cabeça gorda de seu pênis estava na minha entrada. Ele esfregou na minha racha para cima e para baixo. Eu choraminguei empinando mais a bunda para tomá-lo dentro. Mais um tapa ardeu em minha bunda no outro lado e em seguida seu pau entrou em mim bruscamente até o cabo. Fiquei sem ar com a invasão. Ele sorriu arrogante para mim, seus dedos no meu clitóris desviando minha

atenção da sua estocada bruta. — rebole essa bocetinha no meu pau, Júlia. Tome todo ele devagar até se acostumar. Depois vou meter duro e profundo como quis fazer a noite inteira. — rosnou. Eu grunhi e rebolei devagar, me acostumando com seu volume grande. Eu amava como ele me esticava quase ao ponto da dor. Fiquei mais lubrificada com seus dedos massageando e beliscando suavemente meu clitóris. Ele sentiu e então começou a me foder. Realmente me foder. Tirando todo o seu pau e batendo de volta dentro de mim até senti-lo no meu útero. — é isso que você quer putinha safada? Dar essa bocetinha perfeita para mim em pleno elevador? — Puxou meus cabelos da nuca e trouxe a boca para a minha saqueando-a num beijo indecente, nossos olhos travados no espelho. — Olhe para você. Tão linda. Uma *princesa*[\[30\]](#) lá no salão, mas aqui uma puta sendo fodida pelo seu dono. Minha! — rosnou puxando meu lábio inferior entre os dentes. — Minha putinha gostosa. Ohhhh! — gemeu me comendo sem dó. Girou o quadril entrando fundo, muito fundo e eu me desmanchei.

— Ahhhhhh! Leon... Oh, Deus... Que gostoso... — gritei fora de mim enquanto onda após onda me atingiu, gozando forte. Minhas pernas fraquejaram e ele estocou mais duro, mais rápido, meus pés foram levantados do chão, ele me abraçando apertado, me empalando no limite da dor. Estocou fundo de novo e uivou me alagando completamente com seu sêmen. Palavras incompreensíveis foram murmuradas em seus lábios enquanto metia em mim ainda duro. Ele me manteve suspensa ainda empalada no seu Pênis por alguns segundos, respirando ruidosamente no meu ouvido.

— Vamos *delizia mia*. Vamos terminar isso na cama. Quero gozar nessa boca pecaminosa na próxima vez. — sussurrou me beijando suavemente nos lábios e finalmente saiu de mim me firmando no chão.

CAPÍTULO CINCO

Júlia

Eu estiquei meu corpo, sentindo-o dolorido. Abri os olhos lentamente, minha cabeça um pouco latejante. Oh! Deus! Estou com ressaca pela primeira vez na vida. Mexi-me de novo na cama, os lençóis macios roçando meu corpo, então arregalei os olhos. Eu estava nua! Sentei-me e minha cabeça rodou, me deitei de novo.

— Ei, bom dia, dorminhoca...

A voz sedosa e rouca de Leon me fez virar para encará-lo. Ele estava terminando de vestir um terno cinza escuro, os cabelos presos junto à nuca. Eu dormi na cama dele? Como? Por que não me mandou embora? Franzi o cenho confusa com o significado daquilo. Os olhos negros tinham uma expressão suave esta manhã.

— Bom dia. Eu, hum... Acho que desmaiei... Eu não costumo beber daquele jeito...

— Eu sei. — sua voz foi baixa e suave. — como se sente? Pedi seu café da manhã. — apontou para a mesa posta na ampla sacada. — além disso, pedi um chá que pode ajudar com o mal-estar. — Andou até a cama e parou me observando com olhos intensos. Meus mamilos formigaram e percebi que o lençol estava abaixo da minha cintura. Seus lábios se torceram no conhecido sorriso sexy e arrogante. — adoraria voltar para a cama *delizia mia*, mas infelizmente estou de partida para Bordeaux. Haverá um evento de degustação em meu Chateau. Isso me manterá por lá a semana toda. Estarei de volta na sexta. — Meu rosto deve ter revelado minha surpresa e decepção, pois acrescentou: — prometo fazer valer a pena quando voltar. — seus olhos travaram com os meus por alguns instantes, brilhantes, intensos. Então se afastou e pegou uma pequena mala, a pasta de couro, saiu sem se voltar. Soltei um suspiro de frustração, mas então me espreguicei de novo sentindo os lençóis macios. O cheiro maravilhoso de Leon e do sexo enlouquecido que tínhamos feito por quase toda a noite, invadindo minhas narinas. Não pude

evitar um sorriso. Eu estava na cama dele! Ele havia me deixado dormir na cama dele! Era um avanço, pensei esperançosa.

A semana demorou a passar, mas utilizei esse tempo para conhecer mais da ilha. O rei me convidou para acompanhá-lo em duas visitas ao orfanato de Ardócia. Acabei me comprometendo a passar algumas horas por semana como contadora de histórias para as crianças mais pequenas. Fui conhecer também a Universidade de Ardócia. Encantei-me com a história da ilha que remonta ao Reino Itálico[\[31\]](#). Havia a parte histórica com suas construções arquitetônicas antigas e a parte cosmopolita com grandes edifícios de arquitetura contemporânea. Passeei com Ricardo nos jardins do palácio, tomei um pouco de sol na praia particular nos fundos dos nossos aposentos. O tempo todo tentava me manter tranquila com o fato de que Leon não havia mencionado a viagem até sua partida. Nós não compartilhávamos outros aspectos de nossas vidas, tudo que descobri dele foi com perguntas sutis aos funcionários do palácio e com pesquisas na internet. Patético eu sei, mas nosso relacionamento era apenas no nível físico. Ele tomava meu corpo como uma força da natureza, mas me mantinha à parte da sua vida. Aquilo era temporário, sempre fazia questão de me lembrar. Além disso, havia outra coisa me perturbando: Helena o acompanhara. Sabia que ela trabalhava diretamente com ele, mas odiava que ela estivesse sempre com ele. A maior parte das fotos nos sites de fofocas e revistas sensacionalistas eram dele com ela. Sempre sorrindo, parecendo perfeitos juntos.

Ontem vi uma foto dos dois no tal evento de degustação na França. Por que ele não me levou? O casamento é uma farsa, mas as pessoas não sabem disso. Aquilo me queimou por dentro. Leon me ligou todos os dias, mas nossas conversas eram curtas e giravam em torno de Ricardo. Estava mais do que claro que a preocupação dele era apenas com nosso filho. Senti-me horrível por ter ciúmes de meu pequeno bebê, mas senti. Queria que tivesse ligado uma única vez para saber como eu estava. Era noite da quinta- feira, estava amamentando meu pequeno príncipe balançando suavemente na cadeira junto ao berço.

— A mamãe está numa encrenca das grandes, meu amor. — Sussurrei encantada com suas sugadas ávidas. Os olhinhos escuros risonhos me fitaram brilhantes e sua mãozinha brincava com meu outro seio. — seu papai não quer

a mamãe por perto. Bem, pelo menos não por muito tempo. Mas você meu príncipezinho, ama sua mamãe incondicionalmente não é? Porque sua mamãe te ama mais do que tudo. — beijei sua cabecinha enquanto a boquinha sem dentes largava meu peito e ria para mim. Meus olhos se encheram de lágrimas. Pouco depois ele voltou a sugar o seio e seus olhinhos foram ficando pesados. Adormeceu com um sorrisinho infantil. Já passava das oito, tomaria uma ducha rápida e cairia na cama. Aproveitaria para ler um pouco antes de dormir.

Selecionei a pasta do Cold Play no meu ipod e a música *Fix You* (consertar você) encheu o ambiente no banheiro. Eu simplesmente amo essa banda! Entrei debaixo do chuveiro e comecei a cantar baixinho.

When you try your best, but you don't succeed

Quando você tenta o seu melhor, mas não tem sucesso

When you get what you want, but not what you need

Quando você consegue o que quer, mas não o que precisa

Eu adoro essa música. É um tanto triste, convém com meu atual estado de espírito. De repente, o box se abriu e meu queixo caiu quando um Leon completamente nu entrou. Seus olhos devoraram meu corpo nu e molhado. Eu o olhei com a mesma fome. Nossos olhos se encontraram e travaram.

Ele veio até mim. Lindo, viril, um deus grego. Eu estava muda, surpresa, extasiada, excitada, louca por ele. Senti tanta falta dele. Deus! Seu perfume maravilhoso invadiu meus sentidos. Meus mamilos endureceram e minha vagina apertou com saudade e antecipação.

Leon abriu o riso familiar e arrogante ao ver minha reação de fêmea pronta para ser tomada pelo seu macho. Não sei quem fez o primeiro movimento, mas no segundo seguinte nossas bocas se uniram, ávidas, chupando, lambendo, mordiscando. Suas mãos cravaram na minha bunda, amassando, apertando. Colei meu corpo no dele, sentindo seu Pênis duro cavando no meu ventre. Abracei-o pelo pescoço, gememos e a partir daí as coisas ficaram loucas, realmente loucas. A próxima coisa que eu soube é que fui bruscamente empurrada contra a parede. Leon caiu de joelhos na minha frente e sua língua lambeu minha vagina como se eu fosse sua sobremesa

preferida. Afastei mais minhas pernas e ele passou a chupar meu clitóris duramente. Enfiei as mãos em seus cabelos longos e não demorou muito, gritei convulsionando num orgasmo rápido e alucinante. Ele se levantou e eu tomei seu pau na mão masturbando-o, nossas respirações fortes se misturando com o som da água caindo. O solo da guitarra e depois dos outros instrumentos encheram o ambiente. Eu teria uma nova memória para essa música. Leon fechou os olhos gemendo.

Lindo! Não resisti e cai de joelhos diante dele. Cheirei toda a extensão de seu lindo pênis. Ele adora quando faço isso. Passei a lambê-lo da ponta à base. Leon rosnou e puxou meus cabelos da nuca, forçando-me abrir a boca para tomá-lo. Meus lábios se esticaram com sua espessura e ele bombeou duro. Relaxei a garganta tomando o máximo dele. Puxou meus cabelos grunhindo, estocando forte. Meus olhos lacrimejaram, mas continuei deixando-o foder minha boca vorazmente. Chupei mais duro, sentindo-o inchar, não demorou muito gritou rouco e esporrou na minha garganta. Muito sêmen. Jatoss grossos. Tentei engolir tudo, mas minha boca ficou cheia, seu esperma vazando pelos cantos dos meus lábios. Olhei para cima. Seus olhos estavam em mim, gemia baixinho, uma expressão fascinada me olhando tomar todo o seu gozo.

— Oi. — sussurrou ofegante nos meus lábios quando me puxou para cima. — senti sua falta *delizia mia*. Não consegui esperar até amanhã. Trabalhei como um louco para estar aqui hoje.

Oh! Meu Deus! O que é isso que ele acabou de dizer? Ele sentiu minha falta? Um sorriso bobo tomou meus lábios.

— Oi. — lambi os cantos dos lábios e enrubesci. — também senti sua falta.

Ele sorriu sexy me beijando lentamente e encostando na parede. Seu Pênis ainda estava duro esfregando no meu ventre. Sua boca desceu para meus seios, lambendo, chupando, mordiscando, segurando-os juntos. Gemi. Riu de novo, me olhando como um predador. Levantou-me pelas nádegas abracei-o com as pernas. Seu pênis sondou minha entrada encharcada e foi afundando devagar. Nossos olhos trancados. Ficamos assim por algum tempo. Ele tirava tudo e voltava girando o quadril, tocando aquele ponto que só ele sabia encontrar. Choraminguei. Ele puxou meus cabelos da nuca e nossas bocas

ficaram juntas e abertas respirando uma na outra, mas sem beijar.

— Leon... — gemi.

— O que é minha gostosa? — sussurrou ofegante. — o que você quer? Diga.

— Mais forte. — grunhi sem me importar com seu olhar presunçoso.

Ele tirou tudo, sorriu e bateu dentro de mim forte, profundo.

— Assim? — perguntou passando a me comer com estocadas duras. — minha putinha gosta quando sou bruto, não é?

— Ohhh... Sim... Deus! — balbuciei, meu corpo sacudindo com suas estocadas fortes, batendo em mim sem trégua até que gritei gozando forte. — Leon...

— Minha gostosa! *Dio!* Tão gostosa... — rosnou metendo mais duro e gozou sem deixar de me olhar. — adoro seus olhos quando gozo gostoso na sua bocetinha. Tão linda. Toda minha... — gemeu nos últimos espasmos do clímax, puxando-me para ele, esticando-me ao máximo em seu pau. Ele gosta de me dominar assim. Empalar-me completamente.

Ficamos na mesma posição tentando recuperar a respiração. Seus braços me apertando forte. Saiu de mim devagar e me firmou no chão. Banhamo-nos em silêncio.

— Pedi o jantar para nós no meu quarto. — disse se secando e enrolando uma toalha no quadril. — espero você lá. — me beijou suavemente nos lábios e me deixou no banheiro ainda nua, saciada e muito, muito confusa. *Clocks* enchia meus ouvidos agora. Ele estava diferente. Quase terno.

Na manhã seguinte acordei com uma boca muito macia depositando beijos por toda a minha coluna. Hum... Tão gostoso.

— Acorde bela adormecida. — a voz sexy de Leon me fez arregalar os olhos. Estava na sua cama. Havia dormido na cama dele mais uma vez. Uau! Isso definitivamente era um progresso. — seu café chegou.

— Hum... — gemi. — Que horas são? — me virei puxando o lençol até o peito. Ele sorriu do meu pudor e puxou o lençol de volta descobrindo meu corpo.

— Você tem o corpo mais perfeito que já vi. — disse rouco, seus olhos devorando cada detalhe meu. — nunca o esconda de mim. — tocou meus seios e eu gemi. Ele sorriu presunçoso e se afastou da cama. — Ainda é cedo. Damien está com a babá, você poderia dormir um pouco mais se não tivéssemos uma agenda cheia hoje. — terminou de ajustar a gravada azul. Já estava perfeitamente arrumado. Franzi o cenho e ele explicou: — existem alguns eventos em que precisamos aparecer juntos a partir da próxima semana. Você precisa se preparar. Comprar um novo guarda roupa, tomar orientações do protocolo real. — meu pânico deve ter transparecido no meu rosto, pois ele acrescentou: — não se preocupe, terá uma assessora que a ajudará em tudo.

Tentei ficar feliz em saber que pelo menos agora seríamos vistos como um casal. Eu não seria mais escondida dentro do quarto onde ele apenas me fodia sem sentido.

O dia foi realmente corrido, mas consegui me entender bem com Clara, a assessora contratada por Leon. Era uma bela mulher de uns trinta e poucos anos, morena, corpo pequeno.

— O príncipe nos deu carta branca para montar seu novo guarda roupa, alteza. — eu já havia pedido a ela que me chamasse apenas Júlia, mas Clara levava as ordens do *Príncipe* muito a sério. — além disso, tem hora marcada num spa e cabeleireiro amanhã.

Eu bufei cansada. Ela arregalou os olhos. É claro, esqueci que as princesas são entediantemente polidas.

— Desculpe, escapou. — sorri, ela acabou sorrindo também. Estava experimentando roupas das mais famosas grifes que Leon conseguiu que fossem enviadas ao Palácio em tempo recorde. Às vezes eu esquecia o que ele era do seu poder e sua influência.

— Há os eventos que exigem sobriedade como vestidos lisos com casaquinhos, mas também há os jantares, estreias, bailes e outros do gênero nos quais o mundo vai querer saber qual modelo e qual estilista a princesa de Ardócia estará usando. Esses trajes precisam ser de bom gosto, mas podem e devem valorizar sua beleza. Não tenho dúvidas de que em breve figurará na lista das mais belas princesas.

— Obrigada. — disse enquanto Clara me ajudava a sair de um vestido muito extravagante. Esse estava fora.

— De nada. O príncipe tem razão. Vossa Alteza é uma mulher lindíssima. Não faremos nada além de realçar sua beleza. — ela revelou.

— O príncipe disse isso? — quis saber não evitando um sorriso ridículo se formando no meu rosto.

— *Si*. Ah! Ele também proibiu terminantemente de cortarem ou alterar a cor de seus cabelos. — acrescentou me entregando outro vestido.

Bem, parece que meu marido fez muitos elogios a mim, pena que não os fazia diretamente. Parei de tentar entender a mente de Leon e me concentrei em vestir o modelo longo vermelho tomara que caia que Clara me entregou. Apaixonei-me por ele de imediato.

Leon

Terminei de arrumar a gravata borboleta no espelho do meu closet e me dirigi ao quarto de Júlia. Hoje seria nossa primeira aparição pública como o novo casal real de Ardócia. Era o baile beneficente anual para crianças com câncer promovido pela fundação que leva o nome de minha mãe, a princesa Antonela. Como sempre fazia parei para dar um beijo de boa noite no *mio piccolo*. Ele crescia a olhos vistos. Forte, saudável. Júlia fazia questão de amamentá-lo sempre falando da importância do leite materno para o crescimento do bebê. Era uma mãe muito dedicada. Tenho que reconhecer seu mérito. Como era modelo e sempre expôs o corpo perfeito, fiquei realmente surpreso pela sua falta de vaidade em relação aos seios que poderiam sofrer danos com a amamentação.

Particularmente não tenho nada a reclamar nesse quesito. Os peitos de Júlia são a coisa mais perfeita que já vi. Cheios, ainda mais agora pela amamentação, redondos e firmes com mamilos rosados. Como eu disse: perfeitos. Só de pensar neles e nas sacanagens que faço com eles meu pau fica prontamente duro. Sacudi a cabeça sorrindo do meu devaneio adolescente. Abri a porta do seu quarto e meu coração perdeu uma batida. Júlia estava parada ali pronta para sair. Sempre a achei a mulher mais linda que já vi, mas agora, *Santo Dio!* Eu fiquei mudo. Minha boca se abriu, mas não consegui emitir nenhum som. Ela usava um vestido vermelho longo sem

alças. O tecido abraçando os seios deixando-os ainda mais empinados e descia abraçando a cintura fina, envolvendo o quadril arredondado, marcando-o de forma elegante, mas sexy como o inferno. Os cabelos foram arrumados caindo sobre o ombro direito, uma presilha de brilhantes estava presa no lado esquerdo, ajudando a manter o penteado. A franja caía sobre a testa delicada deixando-a com uma aparência de menina. Minha menina. Franzi o cenho para o pensamento e tentei recobrar minha compostura. Pare de comê-la com os olhos, porra! Você é um homem de trinta e três anos, não um adolescente de merda!

— Então? — ela girou quase tímida na minha frente, como se não tivesse consciência de sua beleza e do que fazia comigo. Como se não fosse uma modelo acostumada a andar linda e confiante na passarela.

— Acho que minha reação diz tudo. Você está perfeita. — as palavras saíram suaves. Fui recompensado quando os lindos olhos verdes se ampliaram e dilataram me devorando descaradamente como fiz com ela. Não havia fingimento quanto a isso. Éramos atraídos um pelo outro da forma mais carnal e primitiva. Nossos encontros sexuais sempre foram e continuavam sendo explosivos. Nunca experimentei nada parecido com mais ninguém. Meu desejo por ela não diminuía. Pelo contrário aumentou com a intimidade e certa cumplicidade que construímos na cama. Podíamos discordar em todos os lugares, mas na cama sempre nos entendemos maravilhosamente bem.

— Você também está ótimo. — disse ruborizando. Eu adoro quando ela cora. E isso é muito frequente. Percebi que é natural dela. É tão sexy e sensual quando está nos meus braços, mas ruboriza como uma adolescente em outros momentos, principalmente quando estamos sozinhos, próximos como agora.

— Vamos *delizia mia*. Ou posso mudar de ideia e arrancar esse vestido do seu corpo, porque por mais que fique linda nele eu ainda prefiro você nua. — suas pupilas dilataram e eu sorri. Sim, sou um bastardo, mas adoro deixá-la em suspenso para depois fazer tudo com ela.

Ainda na Limusine fui avisado por Emir que a imprensa de Ardócia e alguns representantes da imprensa italiana estavam a postos na entrada. Todos esperavam ansiosos para ver aquela que supostamente havia conseguido

arrebatar-me. Não era segredo para ninguém que sempre gostei de mulheres, lindas mulheres. Mas nunca nenhuma chegou nem perto de me prender. Deviam estar curiosos, loucos para recontar a história cada um a seu modo fantasioso. Criar um verdadeiro conto de fadas.

Posamos para as fotos oficiais, sorrimos, acenamos e então tirei Júlia da loucura que havia se transformado depois. Choveram perguntas que eram gritadas. Ela fora bem orientada por Clara, manteve o sorriso no rosto e apenas acenava esquivando-se. Parecia feita para aquilo. Linda, régia como uma verdadeira princesa. Reprimi imediatamente esse pensamento. Não podia ir por esse caminho. Aquilo tudo era uma encenação com data para acabar era bom não esquecer isso. O baile estava acontecendo no clube de golfe do Conde Giácomo Rugieri. Há quase uma hora rodava o salão com Júlia pendurada no meu braço atraindo olhares de cobiça do sexo masculino. Malditos bastardos! Todos comendo minha mulher com os olhos! Maldito vestido! No futuro não deixarei que saia usando nada tão sensual. Paramos para cumprimentar a Condessa e Júlia pediu licença para ir ao toalete. Meu humor havia mudado com o avançar da noite. Passei de extasiado e encantado para irritado. Por que estou tão irritado? Ela foi perfeita até agora. No fundo eu torcia para que não se encaixasse no meu mundo, cometesse uma gafe atrás da outra, mas Júlia esteve impecável. Está cada vez mais difícil permanecer desprezando-a.

Durante a sua ausência, Francesca, a filha mais nova do Conde cercou-me. Trocou um olhar cúmplice com sua mãe e logo fomos deixados a sós. No ano passado comi a vadiazinha algumas vezes. Ela é linda, voluptuosa e até gostosinha na cama, o que me distraiu por um tempo da frustração e da demora em localizar Júlia. Nunca tivemos um relacionamento, nunca aparecemos em público juntos. Era apenas sexo duro do jeito que eu gosto. Foda casual que perdeu totalmente o atrativo quando reencontrei Júlia. Pronto! Lá estava ela de novo nos meus pensamentos. Abri um sorriso charmoso para Francesca. Havíamos feito sexo pela última vez há mais de três meses, mas a garota ainda flertava abertamente comigo em qualquer lugar que nos encontrávamos. Eu levava na esportiva e às vezes flertava de volta.

— Então, *caro mio*? — sussurrou com sua voz mais sedutora. — não quer ir ao escritório de papai? Lembra como nos divertimos da última vez? —

Si me lembrava. Eu a fodi duro e rápido em cima da mesa do Conde. Foi uma loucura absoluta, mas a garota ficou se esfregando em mim a noite toda. Ela queria o que a maioria das mulheres do meu meio quer: ser fodida pelo príncipe. No último ano transei com muitas mulheres. Mas na maioria das vezes não foi nem mesmo foda satisfatória. Tudo porque Júlia me enfeitiçou com sua beleza incomparável, seu corpo gostoso e sua submissão sem limites, fazendo todas as minhas vontades na cama. Às vezes só conseguia gozar quando imaginava que era ela embaixo de mim. Maldita boceta!

— Não é uma boa ideia, Francesca. — disse retirando as mãos com unhas pintadas de vermelho vivo do meu peito. Ela era muito ousada tocando em mim daquela forma ali onde qualquer um poderia ver. Então, percebi que seus olhos azuis estavam fixos em algo atrás de mim. Seus lábios se curvaram num sorriso de desdém. Virei-me lentamente para encontrar Júlia parada a poucos passos de nós. Seu rosto pálido. Oh! Merda! Ela teria ouvido nossa conversa e o que ela sugeria? Afastei-me completamente da garota oferecida. Júlia veio até nós e cumprimentou a outra com polidez, colocando-se rígida ao meu lado. Não fez contato visual comigo nenhuma vez mais durante o restante de tempo que ficamos na festa.

— Boa noite, eu estou com dor de cabeça. — disse baixinho ainda sem me olhar nos olhos e entrou no seu quarto fechando a porta na minha cara. Dor de cabeça uma ova! Ela estava me punindo por uma indiscrição que nem foi minha. Aquela maldita garota se pendurou em mim como sempre fazia. Entrei no meu quarto e despi-me irritado com a atitude de Júlia. Eu a queria tanto que doía. Andei nu, excitado, encurralado e me servi de uma dose de uísque. Eu não a deixaria se esconder de mim. Vesti um roupão e fui até seu quarto. Ela estava deitada de bruços na cama ainda no vestido da festa. Saltou assim que me viu, limpando os olhos. Ela estava chorando? Senti algo desconfortável dentro de mim com a cena.

— Júlia. Podemos conversar? — pedi me aproximando dela que agora estava de pé arisca, tomando distância de mim.

— Já disse que estou com dor de cabeça. — disse entre dentes. Sua expressão avisava que estava se contendo para não quebrar algo na minha cabeça.

Eu não me explico para mulher nenhuma. Nunca. Mas pareceu certo me explicar agora. Eu não quero aquela maldita garota!

— Aquela garota não significa nada para mim. Ela foi... Foi apenas...

— Você transou com ela? — cuspiu a pergunta com desprezo nos olhos.

Fechei os olhos e suspirei antevendo uma longa conversa. Os abri de novo encarando-a.

— *Si*. — admiti — mas nunca foi nada sério.

— Você esteve com ela depois que... Cheguei? — seus olhos estavam cravados em mim soltando faíscas.

— Não, *Dio!* Não estive com ela nem com qualquer outra depois que nos reencontramos. — disse suave me aproximando devagar, ela permaneceu no lugar, parei quase colando nossos corpos. — eu quero você. — acariciei seu rosto, deslizando minhas mãos para sua nuca trazendo sua boca carnuda para a minha. — Só você *delizia mia*. — sussurrei contra seus lábios. Suspirou, a luta a abandonando e seu corpo relaxou contra o meu. Beije-a devagar, excitando-a, mostrando o quanto a queria. Seus braços subiram para o meu pescoço, sem parar de beijá-la a levantei nos braços e a levei para a minha cama. Foi diferente dessa vez. A despi devagar, reverenciando seu corpo perfeito. A tomei com delicadeza, gozamos juntos, nos olhando nos olhos, nos beijando devagar. Eu nunca havia feito amor antes. Era sempre sexo puro, bruto, intenso, mas isso que fizemos agora não cabia mais nessa categoria. Júlia se aconchegou à mim como uma gatinha manhosa, saciada. Eu a mantive junto a mim, beije seus cabelos e sussurrei: — durma *Perla mia*. — Senti seu sorriso no meu peito e pouco depois ela havia adormecido. Sentia-me relaxado, feliz e não demorei a adormecer com ela nos braços.

Um padrão se desenvolveu depois daquela noite. Ainda éramos intensos na cama, mas havia algo mais: sentimentos. Estava cada vez mais claro que Júlia estava apaixonada por mim. Seus olhos incríveis me diziam cada vez que me olhava, cada vez que me movia dentro dela. Naquela manhã, havíamos feito sexo bruto, alucinante como gostávamos. Ainda estava deitado sobre seu corpo, enterrado dentro dela, nossos olhos cravados um no outro. Suas mãos acariciaram meu rosto, seus olhos se iluminando lindamente.

— Eu te amo, Leon. — sussurrou com voz embargada. Meu corpo ficou tenso imediatamente. Seus olhos se alargaram como se percebesse só agora o que tinha deixado escapar. Saí de dentro dela bruscamente e levantei-me. Ela permaneceu na mesma posição como se congelada, chocada, depois puxou o lençol sobre o corpo.

— Vou tomar uma ducha. — disse mais seco do que gostaria. Oh Merda! Aconteceu o que eu temia. Isso não é um maldito conto de fadas! Ela não é minha verdadeira princesa. Fiquei embaixo do chuveiro por um tempo que não sei dizer. Quando saí, ela já não estava. Ótimo! Não posso ter essa conversa agora.

CAPÍTULO SEIS

Leon

Desde as nove horas Helena esteve me passando a agenda do palácio e dos vinhedos para o próximo mês falando entusiasmada, incrementando minhas aparições com suas ótimas ideias. Ela é uma excelente profissional, perfeccionista e séria. Confio plenamente em sua capacidade. Entretanto, na última meia hora eu divaguei. Minha cabeça ficava repetindo a cena de hoje cedo na minha cama. Júlia me olhando com os aqueles olhos incríveis e emocionados dizendo-me que me amava. Eu a quero. Quero continuar tendo sexo com ela, mas não posso entrar nessa de *felizes para sempre*. Nosso acordo é de um ano e assim será. Tenho que admitir que nunca tive nenhuma outra mulher tão intensa, apaixonada e gostosa na cama, mas não podemos ter nada além de sexo.

— O que há com você? Está inquieto, sem concentração. — a voz de Helena me tirou do meu conflito interno.

— Não é nada. A agenda está perfeita como sempre *caríssima*. Está aprovada. — consegui dizer sem muita convicção.

— Eu acho que você não ouviu nem metade das coisas que falei, Leon. — seus olhos me examinaram preocupados. — está com algum problema? Conte-me *caro mio*.

Meu único problema se chama Júlia Smith. Maldita hora em que fui ao Brasil confrontá-la. Ela e sua maldita boceta viciante. É por isso que estou nesse dilema agora. Eu só quero sexo, mas ela quer um maldito conto de fadas! Mulheres... Por que é tão difícil para elas curtir sem compromisso enquanto der e depois partir para outra? *Dio!* Mas a verdade é que no ano em que estive longe dela nunca encontrei outra nem perto de me satisfazer como ela faz. Que porra de feitiço aquela mulher colocou em mim? Eu não a quero permanentemente porra! Eu posso sair a hora que eu quiser. Ela e sua boceta perfeita não me governam! Ela não importa nada para mim! Nunca vai importar! Nunca!

— Leon? — a voz de Helena me trouxe de volta de novo.

— Hum? Pode repetir a última parte Helena?

Naquele momento Júlia adentrou o escritório como se invocada por meus pensamentos caóticos. Foda-se se ela não era a porra da coisa mais linda que já vi. Meu pau simplesmente enlouquece quando ela está por perto. Maldito traidor. Eu odeio me sentir assim a mercê dela e de sua boceta viciante.

— Você não costuma bater antes de entrar? — minha voz soou um tanto ríspida. Seu rosto ficou tenso, mas ela andou até à frente da minha mesa.

— Podemos falar? — sua voz soou ligeiramente trêmula e desviou o olhar para Helena que estava sentada em uma das cadeiras. — em particular?

— Não tenho segredos para Helena. — informei. Eu estava irritado mais comigo do que com ela por ter perdido totalmente o controle da situação. Eu era o responsável por ela estar fantasiando a nosso respeito. Querendo algo que nunca poderia dar -lhe.

— Estive pensando. Gostaria de dar uma olhada nessas evidências que foram reunidas contra mim a respeito de Damien. Eu vou provar minha inocência a você, Leon. Eu preci...

— Por que isso agora, Júlia? — a cortei duro. — o que está nessa cabecinha? O que pensa que vai conseguir com isso? Ficar permanentemente no cargo de princesa, talvez? — seus olhos brilharam, se encheram de lágrimas e ela piscou para contê-las. Havia chegado a hora da verdade. Não haveria mais mal entendidos dali para frente. Dei o golpe final: — nosso acordo ainda será dissolvido ao final de um ano. Mas não se preocupe, serei generoso. Afinal é mãe do meu filho. Não vou esquecer disso.

— Mas você disse... fez coisas que me levaram a pensar que... — desviou o olhar para Helena mais uma vez nervosa e desconfortável.

— Os homens tendem a dizer qualquer coisa quando estão dentro de um corpo quente e gostoso, Júlia. — ela empalideceu e levou a mão à boca, mas não conteve um gemido estrangulado. Helena parecia tão chocada quanto ela, pois se levantou aproximando-se dela. Júlia recuou, lágrimas caindo pela face e tropeçou para fora da sala sem me olhar de novo.

— *Per amore di Dio!* [32] O que você acabou de fazer? Estas foram sem sombra de dúvidas as palavras mais cruéis que já ouvi saírem da sua boca. *Santo cielo!* Nenhuma mulher merece ser tratada dessa forma. — Helena olhou-me como se eu fosse o inseto mais baixo. — por que isso, Leon? Você não está conseguindo mais, não é?

— O que não estou conseguindo Helena? — cuspi irritado. Eu fui um bastardo cruel, sabia disso. Mas era preciso. Ela não pode ter esperanças de algo mais entre nós.

— Odiá-la, desprezá-la. — ela disse seu olhar se suavizando um pouco. — eu também não consigo mais. Já parou para pensar alguma vez sequer que algo não bate nessa história, Leon? Júlia... Ela não se encaixa no perfil delineado pelo dossiê apresentado a você. Ela é doce, amorosa. Ninguém consegue ser uma atriz tão boa o tempo todo.

— O que é isso? Tornou-se defensora dela agora?

— Não. Eu só acho que... Eu a tenho observado de perto Leon. É uma mãe maravilhosa...

— Oh! Ela tocou no seu ponto fraco, não foi? — a cortei brusco. Helena havia sido abandonada pela mãe aos dez anos. Seu pai, um conde de Ardócia e primo de meu tio se descontrolou completamente depois disso. Faleceu três anos depois num acidente de carro no Principado de Mônaco, onde vivia a maior parte do tempo torrando sua fortuna com jogos, bebida e mulheres. Helena fora trazida para viver no palácio e havia se tornado uma irmã para mim e Damien desde então.

— Não seja um bastardo comigo também, Leon. — seus lindos olhos cor de uísque me fulminaram. — Você não tem percebido que Júlia tem desempenhado um papel além do esperado? Que está sempre ansiosa para agradar você? Sabia que ela lê para as crianças do orfanato todas as tardes de quarta-feira? Sabia que ela tem se encontrado com um grupo de mães solteiras para apoiá-las na abertura de mais creches para atender seus filhos? Eu mesma a tratei mal no início. — ela suspirou e sentou-se novamente. — mas ela pode estar certa. Júlia pode ser inocente. — fez uma pausa dramática e disse baixinho num tom estranho, quase emocionado: — quer saber o que penso? Você não quer admitir, mas você se apaixonou por ela. É por isso que

está aí todo irritado querendo puni-la por isso. — eu bufei desdenhoso e ela continuou: — ela não o conhece e pode acreditar nesse showzinho que acabou de dar, mas eu o conheço como ninguém. Nunca vi você olhar para nenhuma mulher como olha para ela. Seus olhos se iluminam de uma forma tão especial, suave. Você a observa como um adolescente deslumbrado. Você...

— Chega! Agradeço sua análise perfeita da situação, mas você já pode sair Helena. — minha voz pingou sarcasmo cortando-a e voltei a encarar a tela do notebook, dispensando-a. Ela levantou-se irritada e deixou a sala também.

No final da tarde eu ainda estava com as palavras de Júlia me queimando por dentro. Ela parecia muito segura e convicta em provar-me sua inocência. Será? Não, os agentes que fizeram a investigação eram todos altamente preparados e respeitados. Ela estava tentando me confundir. Eu não cairia nessa. Ela quer foder com a minha cabeça agora, uma vez que meu corpo já está sob seu domínio.

Júlia

Duas semanas se passaram, nas quais eu e Leon nos evitamos mutuamente, onde eu chegava ele se retirava sutilmente e vice e versa. Intensifiquei minhas visitas a orfanatos, hospitais e à Universidade. Qualquer coisa era bem-vinda para me distrair do meu inferno pessoal. As palavras cruéis proferidas naquele escritório ainda queimavam nítidas na minha mente. Nada havia mudado da parte dele. Era tudo sexo. Como pude ser tão estúpida e interpretar sua sedução erroneamente? Meu telefone tocou assim que deitei na cama, sorri ao ver o visor. Era Kênia, minha amiga querida.

— Que cretino! — bufou quando contei como estava a situação entre nós. — esse babaca não a merece Ju.

— É eu sei, mas não posso deixá-lo. O maldito contrato nupcial me obriga a cumprir o período de um ano. Além disso, não quero que meu filho seja apontado pela imprensa como o filho bastardo do *príncipe*. — gemi desanimada.

— Esse cara tramou direitinho para ter você à mercê dele. Eu o odeio. — suspirou dramaticamente. — pena ele ser tão malditamente lindo. — Não pude deixar de sorrir com seu tom. Ela como todas as mulheres não era imune aos

óbvios encantos de Leon.

— Sim, é realmente uma pena, estou com tanta saudade de você amiga. Eu te amo, sabia disso? — disse sentindo meu peito apertar.

— Também te amo, sua vadia linda! — sorri de novo. Ela estava tentando me animar. Essa era a Kênia e seu alto astral. — Deus! Eu posso ser guilhotinada por chamá-la de vadia? Apesar de tudo é uma princesa agora.

— Acho que dizer isso em público seria muito ruim. Talvez eu faça uma intervenção e você vá apenas para a masmorra... — e caímos na gargalhada. Ela conseguiu. Fez-me sorrir. Eu realmente a amo. Conversamos por horas e já estava me sentindo menos miserável.

— As coisas estão realmente muito loucas aqui, Ju. Mas em breve terei uma folga de verdade. Prometo que irei conhecer meu afilhado lindo. — ela parou e acrescentou: — e chutar a bunda do pai dele, igualmente lindo.

Ri de novo. Despedi-me e me aconcheguei entre os lençóis com o coração mais leve depois de falar com alguém que realmente me amava. Minha mãe quase não ligava. Ela detestava Leon. O acusava de interromper minha promissora carreira como modelo me engravidando. Se ela soubesse toda a extensão da nossa ligação, seria pior. Colocaria a boca no trombone, chamaria a imprensa. Era assim que Laura Fontana funcionava. Minha mãe era muito independente, esse foi um dos motivos que a fez se separar do meu pai. Meu pai também tinha sua cota de culpa. Sempre dedicou a maior parte de seu tempo ao trabalho. Até hoje é difícil entender como duas pessoas tão diferentes se apaixonaram e conviveram por tanto tempo. O casamento durou dez anos. Eles se conheceram no carnaval do Rio. Ela, modelo despontando para o sucesso. Ele, recém-formado em férias no Brasil. Meu pai nunca precisou realmente ralar em sua carreira. Sua família é de classe média alta, mas ele ama História e acabou se tornando um profissional respeitadíssimo em sua área. Não temos tanto convívio como gostaria, mas eu o amo. Eu amo os dois com todas as suas falhas. Não sei dizer exatamente o que deu errado entre eles, pois me lembro de sentir claramente o amor dos dois quando era pequena. Acho que às vezes só o amor não é suficiente.

Meu telefone tocou ainda cedo, me sentia cansada, tive um sono agitado. Eu sentia falta de Leon, da cama dele, do cheiro dele, de estar em seus braços.

O amor é mesmo uma bela porcaria!

— Alô. — minha voz saiu baixa e rouca do sono.

— Oi. — a voz rica de Leon encheu meus ouvidos e me teve desperta imediatamente. — desculpe, eu acordei você.

— Não, eu hum... Já havia acordado. — tentei manter minha voz estável.

— Bom. Eu só liguei para avisar que haverá outro evento de caridade em que precisaremos comparecer hoje à noite. Não precisamos ficar muito tempo, apenas marcaremos presença por uma hora mais ou menos. — fez uma pausa, sua voz tensa. — posso contar com você?

— Sim, claro. — qualquer esperança que tenha surgido ao ouvir sua voz murchou rapidamente. — a que horas devo estar pronta?

— O motorista a levará até lá às oito e meia. O evento é no Palazzo Hotel. Estarei esperando lá. — disse com voz neutra. — até a noite, Júlia.

— Até a noite, Leon. — eu respondi, mas ele já havia desligado. Cai contra os travesseiros de novo. Eu poderia ser mais patética? Ele obviamente já teve todo o sexo que queria de mim. Era esse o *modus operandi* dos playboys como ele. Não toleravam mulheres pegajosas. Nunca vou esquecer a expressão em seu rosto quando deixei escapar que o amava. Era de puro de terror. E a forma como me humilhou depois...

Passei a manhã com Ricardo passeando na praia privativa. À tarde me submeti a mais uma sessão de tortura para estar à altura de ser vista com *sua alteza real*.

O motorista estacionou em frente ao Palazzo Hotel e em seguida veio abrir minha porta. Coloquei o pé para fora com minhas sandálias altíssimas. Engasguei quando uma mão grande e bem cuidada surgiu na minha frente. Não precisei olhar para cima para ver a quem pertencia: Leon. Aceitei sua mão e sai do carro. Muitos fotógrafos estavam na entrada. Estremeci e fiquei tensa quando ele enlaçou minha cintura e me girou diretamente para as câmeras. Se houvesse um *Oscar* para sorriso falso, nós brigáramos pau a pau pela estatueta. Os minutos pareceram intermináveis, então finalmente Leon me conduziu pelo tapete vermelho até o hall do luxuoso Hotel, que ficava na parte cosmopolita da ilha. Não trocamos nenhuma palavra, nem nos olhamos.

Éramos dois estranhos, como se nunca tivéssemos partilhado tantos momentos de intimidade. Como se não conhecêssemos cada centímetro do corpo do outro.

Aguntei estoicamente, andando pendurada no seu braço, sorrindo como se a vida fosse perfeita. Como se ele não tivesse pisado no meu coração e na minha dignidade de forma tão cruel dias antes. Helena chegou meia hora depois de nós. Estava sozinha, mas andava ativa, confiante. Claro, nascera naquele ambiente. Havíamos nos esbarrado algumas vezes depois da cena humilhante a que Leon me submeteu em sua presença. Fiquei intrigada com a simpatia que percebi em seu olhar. Pouco depois meu mal-estar estava completo. Francesca Rugiere adentrou o salão no braço do velho Conde Rugieri. Usava um vestido azul claro curtíssimo. Mesmo assim meu sorriso não escorregou. Mantive-me firme. Percebi que Leon estava tenso, já estava no seu terceiro copo de uísque. Nunca o vi beber assim em público. Quando os leilões começaram fomos para nossas mesas. Informei a Leon e Helena que iria ao toalete primeiro.

— Tá na cara que essa garota brasileira não o faz feliz. Você viu? Ele mal olha para ela. Leon ainda não se livrou dela por causa da criança. — ouvi a voz insuportável da vadia Rugieri assim que entrei no compartimento reservado. — Não vai demorar e estaremos juntos de novo. Ontem foi jantar conosco em casa a convite de papai. Eu sei do que Leon gosta. Ele jamais me recusou. Não gosta de se sentir preso. É livre assim como eu. Eu vou tê-lo hoje.

— Ele ainda é casado, Francesca. — ouvi outra voz claramente divertida. As duas vadias sabiam que eu estava ali. Haviam me seguido.

— Isso não me impedirá de tê-lo. Leon sempre foi louco pelo sexo que fazemos. Nunca nos importamos com nada além de prazer. É disso que ele gosta: sexo sem compromisso. Eu vou dar isso à ele. — as duas gargalharam e fez-se silêncio segundos depois. Fiquei ali me escondendo como uma covarde por um tempo que não soube dizer. Eu não podia sequer colocar aquela vadia em seu lugar, por uma razão muito simples: Leon não era e nunca seria meu. Eu odiava ter que ouvir tudo aquilo da vadia que ele fodeu enquanto eu estava grávida do filho dele. Bastardo!

— Júlia, você ainda está aí dentro? — ouvi a voz preocupada de Helena. Oh Deus! Era só o que faltava. Ela me ver humilhada mais uma vez.

— Eu, hum... Não estou muito bem. Acho que vou para casa. — passei direto por ela indo lavar as mãos. — você pode avisar Leon para mim?

— Infelizmente eu também ouvi aquela cadela. Vi as duas seguindo-a até aqui. — Helena parecia realmente chateada. Seria por mim ou por ela própria, já que claramente o amava também? Seus olhos exóticos me examinaram suavizando-se. — Sei que não tivemos um bom começo, mas quer um conselho? Volte pra lá e fique do lado de Leon. As coisas podem estar meio estranhas entre vocês, mas há algo que a vadiazinha não pode mudar: ele é seu marido.

Eu a encarei totalmente muda. A olhei nos olhos. Ela sustentou meu olhar não vacilando um segundo. Qual era o jogo dela afinal? Perguntei-me, mas ela parecia serena como sempre. Bom, pelo menos ela não se esfrega descaradamente em Leon como a vadia Rugieri.

— Obrigada, eu acho. — minha voz saiu incerta. Ela sorriu e seu rosto se iluminou como se soubesse de alguma informação privilegiada que eu ainda não sabia e deixou o banheiro. Helena pode ter razão. Leon ainda é meu marido e nenhuma vaca vai assediá-lo na minha cara. Dei a mim mesma, algumas palavras de incentivo e saí determinada. Mas ele não estava mais na mesa. O leilão ainda estava em andamento. Passei os olhos pelas mesas, não havia sinal dele.

— Está procurando o príncipe? Acho que ele foi por ali. — disse uma morena exuberante. Reconheci a voz de imediato. Era a amiga que estava com a cadela no banheiro. Nem me dei ao trabalho de agradecer, segui pelo corredor que ela me indicou. Saí num jardim de inverno. A luz estava baixa, quase não dava para ver nada, mas um movimento chamou minha intenção e eu gelei, meu sangue foi drenado do corpo e meu intestino se revolveu com a imagem que surgiu diante de mim: Leon beijando Francesca Rugieri como se sua vida dependesse disso. Ele a tinha presa contra a parede. O vestido minúsculo dela levantado de forma indecente. Suas pernas o envolvendo.

— Oh! Meu Deus! — minha voz saiu num soluço, estrangulada. Meu peito doendo absurdamente.

CAPÍTULO SETE

Leon

Eu ouvi um soluço, um barulho atrás de mim e me desvencilhei de Francesca bruscamente. Ela me largou relutante. Virei-me ajeitando meu smoking e congelei porque parada ali na semiescuridão estava Júlia. Oh! Merda! Os olhos de esmeralda brilhavam de lágrimas. Oh! Porra! O que foi que eu fiz? Olhei para Francesca. Seu vestido minúsculo ainda estava levantado, seus olhos estavam em Júlia, um sorriso arrogante, vitorioso no rosto.

— Júlia... Isso não é o que parece. — a frase soou uma merda até para os meus ouvidos.

Ela andou até mim. Seu lindo rosto transformado num caleidoscópio de emoções: ódio, desprezo, mágoa e... Decepção. Ela parecia quebrada.

— Você venceu Leon. — disse baixinho e as lágrimas desceram pela sua face. — você não quer meu amor. Eu realmente te odeio agora. Cansei disso. Pensei que você já tinha me humilhado o bastante, mas vejo que não. — inalou o ar bruscamente, seu corpo todo trêmulo. — Eu. Odeio. Você. — a expressão dos olhos dela quando disse isso fez meu sangue gelar. — Eu... Eu estou indo embora. — sua voz vacilou no final. Olhou de mim para Francesca, para mim novamente, seus olhos transbordaram de lágrimas de novo e saiu apressada sumindo no corredor.

— Leon, *caro mio*...

Virei-me para aquela garota oferecida do caralho e rosnei enfurecido:

— Suma da minha frente! — ela ainda tentou se aproximar de mim. — Saia, porra!

Ela ajeitou seu vestido, me olhou mais vez e saiu também. Eu fechei os olhos e passei as mãos pelo meu rosto. *Dio!* O que foi tudo isso? Que porra acabei de fazer? Eu estava me sentindo meio tonto no salão fechado. Claro, eu tinha virado rapidamente três copos de uísque como um maldito alcoólatra.

Estava tão difícil ficar perto de Júlia. Eu passei duas semanas de merda sem tê-la em meus braços e sentir seu cheiro, seu corpo tão perto de mim, mas tão longe ao mesmo tempo me deixou no limite. Eu peguei um copo d'água com o garçom e vim me refugiar aqui. Francesa apareceu logo depois insinuante como sempre. Meu cérebro embotado pelo álcool me fez querer provar que eu não sou um completo estúpido comandado por uma boceta. Então ela me beijou e eu retribui, louco para senti alguma faísca, qualquer coisa que me fizesse ter esperanças de não estar apaixonado por Júlia, a última mulher no mundo que eu poderia amar. Não senti nada. Mas a garota se agarrou em mim como uma maldita sanguessuga.

A empurrei contra a parede, tentando desesperadamente sentir alguma coisa e realmente a beijei. Foi aí que ouvi o barulho... *Dio!* Júlia viu aquilo. Ela acha que a trai. Eu nunca quis isso... Estava apenas... Não sei o que estava fazendo. Foi uma maldita estupidez comandada pelo álcool. *Dio!* Isso tudo é tão fodido! Sua expressão de dor quando disse que me odiava e que estava indo embora se fixou na minha mente. Eu parei um segundo. O tom de voz... O tom de voz quebrado, arrasado, definitivo. Cristo! A compreensão afundou em mim. Ela não está indo apenas para o palácio. Júlia está indo embora. Oh! Porra! Ela está me deixando. Não! Ela não pode ir. Eu preciso me explicar. Dizer tudo à ela. Soltei um gemido angustiado, então saí do meu torpor e comecei a correr, realmente correr para minha mulher. Eu espero que ela me perdoe pela minha estupidez, porque não posso mais mentir para mim mesmo. Não posso perdê-la. Foda-se! Eu a amo! *Oh! Dio mio!* Eu a amo! Eu a amo! Só a ela. Passei pelo hall e saí no tapete vermelho, escorreguei quase caindo à frente do hotel. Vasculhei de um lado, do outro, nada de Júlia. Alfredo, meu motorista veio até mim, solícito.

— A princesa. — falei rápido e ofegante. — Júlia saiu há alguns minutos do hotel. Você a viu?

— Não senhor. Sinto muito. Fui à copa tomar um café. — disse envergonhado e preocupado. Ele não tinha culpa de nada. Eu, somente eu sou o culpado de tudo!

— Busque o carro. Rápido! — rosnei sacando meu telefone do bolso. Disquei seu número. Foi direto para a caixa de mensagem. Redisquei de novo e de novo. Nada. Uma angústia sem tamanho começou invadir meu peito.

Alfredo não demorou muito. Entrei no carro antes mesmo que parasse totalmente, alguns paparazzi já começavam disparar suas câmeras em mim. Malditos abutres! Andamos por vinte minutos e finalmente entramos na avenida principal. Mas o trânsito estava estranhamente lento. Perdemos mais uns vinte minutos. — Por que diabos o trânsito está tão lento? — lati já sem a menor compostura. Devia ter vindo de helicóptero.

— Alteza, parece que há um acidente logo ali à frente. Há apenas um dos lados da pista liberado. — ele informou numa voz tensa. Meu telefone tocou. Era Emir. Atendi já saindo do carro para dar uma olhada no congestionamento à frente. Era muito grande. Mais à frente havia uma ambulância e uma multidão de pessoas. O acidente parecia grave.

— *Si Emir.* — disse impaciente quando atendi.

— Senhor. — sua voz soou num tom que me deu arrepios. Fez uma longa pausa e continuou: — a princesa... — sua voz falhou. — o taxi onde ela estava sofreu um acidente. Um grave acidente, alteza. — suas palavras me gelaram até os ossos. Abaixei o telefone da orelha e segui o resto do caminho, porque eu sabia. Algo me dizia que era ela lá na frente. Eu queria correr, mas minhas pernas estavam instáveis. Um medo que nunca senti antes se apossou de cada célula do meu corpo. Eu não posso perdê-la. Eu tenho que dizer a ela. Andei como se flutuasse. Pessoas se afastavam com expressões de horror e pesar para que eu passasse. Quando cheguei ao centro do grande círculo, meu coração sofreu um grande baque. Ali, no asfalto estava Júlia. Seu corpo deitado, ensanguentado, quase irreconhecível. O sangue... Oh! *Dio santo!* Tanto sangue! Eu soltei um gemido agudo e caí de joelhos, minhas mãos puxando meus cabelos com força. Uma dor lancinante me rasgando por dentro. Meus olhos arderam e então fiz algo que há muito, muito tempo não fazia. Eu... Chorei, meu corpo todo se sacudindo com meus soluços. Uma miríade de emoções: dor, amor, pesar e, principalmente culpa caindo sobre mim. Eu pensei que fosse desmaiar pela dor que sentia no peito.

— Salvem-na! Salvem-na! — berrei a plenos pulmões para os paramédicos que a atendiam. — Júlia! *Amore mio!* [\[33\]](#) Não! — fiquei lá repetindo as mesmas coisas, minha voz já rouca de tanto gritar. Então, eles a levantaram e colocaram rápido na ambulância. Senti mãos gentis nos meus

ombros. — Júlia... — minha voz era apenas um chiado agora.

— Vamos, Leon. Vou com você para o hospital, *caro mio*. — A voz suave e trêmula de Helena encheu meus ouvidos.

— Eu vou com ela. — eu disse me levantando meio cambaleando.

— Você não está em condições. Júlia está sendo atendida lá dentro. — naquele exato momento a ambulância saiu a toda velocidade com a sirene ligada. — venha comigo para o carro. — pediu suavemente. Eu me apoiei nela e fui para o carro. Eu não via nada na minha frente. Tudo passou num borrão.

Estávamos há mais de duas horas aguardando numa sala privada. Eu alternei entre momentos de choro desesperado e de quietude absoluta. Eu estava nesse último agora, sentado no chão, encostado na parede, meus joelhos puxados para o meu peito. Helena desistiu de falar comigo, uma vez que eu não respondia. Encarei um ponto fixo na parede branca à minha frente e olhei. Eu não enxergava nada, na verdade. Minha vida passava na minha frente agora como um filme em preto e branco. Imagens de Júlia. Linda! Tão linda. Tudo que eu fiz. Tudo que eu disse. A última imagem... Seu corpo quebrado. Eu a quebrei completamente. Eu fiz isso. Porra! Eu sou um bastardo maldito! Eu deveria estar lá dentro no lugar dela! Mais lágrimas desceram pela minha face.

Eu não emitia mais nenhum som, apenas as lágrimas silenciosas. Lágrimas por tudo que eu poderia estar perdendo agora, enquanto ela lutava lá dentro entre a vida e a morte. Lágrimas, porque fui covarde demais e nunca a deixei saber o quanto a amo. Há uma hora um dos médicos que a estava operando veio até nós. O quadro dela é muito grave. Teve uma forte pancada na cabeça. Eles estão tentando drenar o sangue do cérebro. Quebrou duas costelas e o pulso direito. Emir e Helena também estavam na sala, meu tio estava em uma viagem para a China. Não sei como ele reagiria. Ele já ama Júlia e ela também parecia retribuir seu carinho. Mais lágrimas desceram.

— Leon, precisamos avisar os pais dela. — a voz de Helena me tirou do meu casulo. Oh, *Dio!* A mãe dela me detesta. Com razão. Eu mesmo me odeio nesse momento. Não conhecia o seu pai ainda. Não me sentia bem para encarar nenhum deles sabendo que eu persegui e destruí sua única filha.

— Você pode fazer isso, *cara?* — levei minhas mãos ao meu rosto,

cansado, envergonhado da minha covardia. — eu... Eu não consigo falar com eles nesse momento. Não quando eu... Eu sou o culpado... Eu sou...

— Shhhhh. — suas mãos desceram para meus ombros, acalmando-me. — farei isso, *caro mio*. Fique firme. Vai ficar tudo bem. — então ela sentou-se ao meu lado e me embalou. Apoiei a cabeça em seu ombro.

— Eu a amo. — disse baixinho. — eu estava indo dizer isso a ela.

— Eu sei. A primeira vez que o vi olhando para ela eu soube. — a voz suave de Helena foi tão triste quanto a minha.

— *Dio!* Eu a magoei tanto... — engasguei com mais lágrimas.

— Reveja aquele dossiê sobre ela, Leon. Faça uma nova investigação. Você deve isso à ela. Júlia não pode ser a pessoa que destruiu Damien. — Helena disse baixinho, beijando minha cabeça como se eu fosse uma criança que tinha feito travessura. Eu apenas assenti, me sentindo fraco e impotente demais até para falar.

Júlia saiu da sala de cirurgia quase cinco horas depois. Eu estava a ponto de invadir a sala e exigir que eles me dissessem por que estavam demorando tanto. Porém, quando o cirurgião chefe veio até mim e me levou até o quarto dela, eu entendi a dimensão de tudo.

— Cristo! Não! — gemi ao me aproximar da cama. Minha Júlia... Minha linda menina... Seu rosto perfeito estava completamente cheio de hematomas. Sua cabeça... Eu sufoquei um soluço. *Oh! Dio mio!* Eles haviam raspado todo o seu lindo cabelo. Seus olhos estavam meio abertos. Eu enterrei as mãos nos meus cabelos. O desespero tomando conta de mim. Queria tanto tocá-la, mas eu não tinha ideia do que fazer. Eu fiz isso com ela. Eu a quebrei. Senti-me sufocando com a visão do seu corpo brutalmente machucado. — ela está...

— Ela está em coma, senhor. — o médico informou com voz cautelosa. — seus olhos parecem abertos por causa do inchaço no cérebro. Ela chegou aqui já inconsciente. Precisamos esperar pelos próximos dois dias. Se reagir, poderemos deixar que respire sem aparelhos. Agora precisará deles, pois teve duas paradas cardíacas na sala de cirurgia. Uma enfermeira virá checá-la a cada meia hora. — o médico falou mais alguma coisa e saiu, eu já não o ouvia. Caí de joelhos e chorei de novo. Rezando. Não sou um homem religioso, mas

eu pedi, implorei para Deus não tirá-la de mim. Fiz todos os tipos de promessa imagináveis. Eu faria tudo e qualquer coisa para ela voltar pra mim. *Dio!* Era tudo tão injusto! Porra! Eu merecia estar ali naquela cama não minha linda menina.

Júlia conseguiu passar das quarenta e oito horas tão críticas e agora respira sem aparelhos. Eu não deixei mais seu quarto desde que o médico havia me levado lá. Eu queria estar lá quando ela abrisse os olhos de novo. Mas os dias foram passando, passando e nada. Seus olhos estavam agora totalmente fechados, o inchaço do cérebro havia cedido. Os médicos disseram que isso era um bom sinal.

Passou-se uma semana e o cirurgião chefe aconselhou transferi-la para um hospital especializado em traumatismo craniano em Nova Iorque. Parece que havia pesquisas recentes e testes realizados com pacientes na mesma situação de Júlia que tiveram ótimos resultados. Emir providenciou uma UTI móvel para ao jato e a levamos. Passou-se outra semana e ainda nenhum sinal de que ela iria acordar. Que ela iria voltar para mim. Helena chegou hoje com Damien. *Mio piccolo. Dio!* Eu tirei sua mãe dele. Tão dependente ainda. Fez seis meses ontem e Júlia perdeu isso. Ela ama comemorar cada aniversário dele. Tão amorosa *mia principessa*. Acaricieei seu rosto que já estava mais parecido com ela. Os hematomas haviam sumido quase por completo. Seus cabelos começavam a crescer de novo. Eu ainda os veria como eu amava. Longos, loiros, brilhantes, perfeitos.

— *Dio mio!* Você precisa se cuidar, Leon. — Helena chutou minha bunda assim que entrou no quarto com Damien nos braços. — você quer ficar doente também? Damien precisa do pai dele. — a beijei e trouxe *mio bambino* [34] sorridente para meus braços. O abracei forte. Lágrimas vieram a meus olhos. Eu estava assim desde o acidente. Qualquer coisa me fazia chorar. Havia me transformado numa maldita *mulherzinha*. — você está muito magro, *caro mio*. A imprensa tem mostrado fotos irreconhecíveis suas...

— Eu não dou a mínima para a imprensa, Helena. — minha voz saiu dura. — eu só quero minha mulher de volta. Eu preciso consertar tudo que fiz de ruim para ela.

— Eu sei. — sua voz foi mais suave. — mas você tem se descuidado.

Precisa se alimentar direito. Faça isso, por favor. — seus olhos de uísque me fixaram com lágrimas não derramadas. — faça isso por Damien. Ele precisa de você forte para suportar a ausência de sua mãe. — engoli em seco. Ela tinha toda a razão. Eu me tranquei ali no quarto com Júlia e esqueci até do meu próprio filho.

— Farei isso, *cara mia*. Prometo. — ela assentiu e veio me abraçar corretamente. Eu a amo tanto. Minha irmãzinha.

Mais duas semanas se passaram. Helena e Damien estavam em meu apartamento em frente ao Central Park no edifício onde ficam meus escritórios. A chegada dela e de meu filho me deu novo alento. Ela tem estado atenta à minha alimentação. Meu tio havia passado três dias comigo. Ficou muito abalado com o estado de Júlia. Ainda bem que não a viu quando saiu da cirurgia. Aquela imagem ainda queima em meus olhos quando me deito à noite. Mandeí instalarem uma cama ao lado da dela. Não a deixo para nada. Meus negócios estão sem mim há um mês. Os pais de Júlia também vieram visitá-la. Laura chegou no dia seguinte ao acidente e não saiu mais do lado dela.

No início brigávamos pelo posto, mas depois acabamos nos suportando e não brigamos mais. O professor Philip chegou um dia depois de Laura e permaneceu por uma semana, depois voltou a Cambridge, mas tem ligado todos os dias. Sua melhor amiga Kênia também esteve em Ardócia na primeira semana e me chutou a bunda. Helena teve que tirá-la de perto de mim ou teria arrancado minha cabeça. Suspeito que ela saiba de toda a história entre Júlia e eu, pois gritou na minha cara todo o seu ódio. Esteve aqui em Nova Iorque na semana passada, estava mais calma e me olhou com certo pesar quando foi embora. Ela deve ter ficado tão assustada quanto Helena ao me ver. Sou apenas uma casca do homem que fui antes. Perdi seis quilos e minha barba estava enorme. Helena me fez me barbear e arrumar os cabelos que agora estavam mais compridos.

Hoje vou falar com a imprensa pela primeira vez depois do acidente. Histórias fantasiosas têm veiculado. Além de fotos minhas e de Júlia, ambos quebrados. Júlia no asfalto sendo atendida pelos paramédicos. Eu chorando do seu lado. Eu magro e descabelado embarcando em Ardócia e descendo do jato nos Estados Unidos. Malditos abutres! Não respeitam a dor e a privacidade de ninguém. Helena me convenceu a dar essa entrevista à imprensa de Ardócia e

Itália. A direção do hospital organizou uma sala para recebê-los. Sentei-me na cadeira que Helena me indicou atrás da grande mesa e encarei uma pequena multidão de repórteres. Flashes espocaram em meu rosto. Eu não consegui sorrir. Apenas os encarei estoicamente.

— Imprensa de Ardócia, alteza. — eu desviei minha atenção para uma moça loira no fundo da sala. — Qual é a real situação da princesa Júlia?

— A princesa continua dormindo. — dizer isso fazia doer meu coração. — mas os médicos estão esperançosos.

— Ela já é muito amada em Ardócia. — continuou a moça. — alguns jornais fazem comparações com outra princesa famosa e que infelizmente nos deixou, a princesa Diana[35]. — eu cerrei meus dentes. Ela não está morta, porra!

— Si tenho acompanhado essas comparações, mas devo lembrar que minha mulher continua viva. Está respirando. — disse um tanto seco.

— Aqui, senhor. — meus olhos foram para um homem franzino e moreno no meio da sala. — Imprensa de Roma. Poderia falar sobre as circunstâncias do acidente? Algumas pessoas afirmam ter visto a princesa sair chorando e correndo do Palazzo Hotel, tomando um táxi. Por que...

— Não falarei sobre isso. Próxima pergunta. — disse categórico e certo burburinho começou na sala.

— Ok. Há na imprensa uma provável lista de futuras princesas... O senhor voltará a se casar caso a princesa não...

— Essa lista é ridícula e desrespeitosa. — disse entre dentes, me contendo para não avançar naquele indivíduo abusado. — não haverá outra princesa. Nunca! Minha mulher vai acordar a qualquer momento. Ela só está...

— Em coma. Em coma profundo de acordo com os médicos.

Ele disse a palavra que eu odeio ouvir: *coma*. Levantei-me tomado pela ira e berrei para meus seguranças.

— Tirem-no da minha vista! Agora! — flashes voltaram a espocar violentamente no meu rosto. — essa entrevista acabou. — comecei a sair, mas

ainda ouvi o imbecil gritar enquanto era levado pelos seguranças.

— Há rumores de que Francesca Rugiere seja sua amante. É verdade?

Eu congelei no lugar. Como essa história tinha vazado para a mídia? Oh! *Dio mio!* Isso é muito ruim. Até quando eu pagaria por um erro estúpido? Emir e Helena me cercaram e deixamos a sala. Fomos para outra sala privada.

— O que foi aquilo, Leon? Se descontrolar daquele jeito. — Helena disse séria assim que entramos. Emir sentou-se num sofá de dois lugares ainda em silêncio. Ele não tinha a coragem e intimidade de Helena para me chutar o traseiro quando necessário.

— Você ouviu aquele imbecil? — rosnei enfiando as mãos nos cabelos até a nuca e olhei o teto. — ele insinuou que Júlia nunca vai... — minha voz quebrou e virei de costas cerrando os olhos.

— Isso é o que a maior parte dos jornais está especulando. É isso que eles fazem. — ela veio e parou na minha frente. — você esqueceu que é um príncipe? Esqueceu-se de tudo o que esperam de alguém na sua posição?

— Eu trocaria tudo por ela. — disse baixinho, cansado. — eu faria qualquer coisa para tê-la de volta. — suspirei ruidosamente. — Você também pensa assim? Também acha que ela não... — eu não conseguia terminar aquele pensamento. Era muito doloroso. Eu não quero. Não posso pronunciar isso.

— Eu não sei, *caro mio*. — tocou meu rosto, seus olhos suaves. — mas você precisa sair daquele quarto. Isso não está fazendo bem para você. Volte a trabalhar pelo menos um período. Distraia sua mente. Você não pode fazer nada para ajudá-la agora.

— Eu falo com ela todo dia, o tempo todo. Eu não vou deixá-la Helena. — disse firme.

— É só por um período. Você ainda viria dormir com ela toda noite. Falar com ela. — ela parou um instante e seus olhos se iluminaram. — há algo que ela goste muito? Como leitura, música ou...

— *Si*, Júlia adora música. Costuma dizer que é eclética, mas Cold Play

com certeza predomina na lista das mais ouvidas. — assenti, lembrando que a havia provocado algumas vezes dizendo que era música de *mulherzinha*.

— Então, traga isso para ela. Ouvi dizer que ajuda. — Helena disse esperançosa.

E assim, passamos os quinze dias seguintes. Júlia e eu ouvíamos Cold Play desde a hora que eu chegava do escritório, geralmente por volta das duas horas da tarde até dormirmos, bem, até eu dormir. Apreendi todas as letras e acabei virando fã. Tive que reconhecer que os caras são bons. Cantei *clocks*, *Yellow*, *im my place*, *fix you* bem em seu ouvido. Ela adora essas. Cantei também outras como *The scientist* e *warning sign* que retratavam exatamente como me sentia agora, morrendo de culpa, saudade e amor por ela. Helena voltará para Ardócia com Damien amanhã de manhã. Meu tio havia sentido um mal-estar e ela quer estar perto. Ele é como um pai para nós dois.

Depois da minha explosão com a imprensa, as últimas notícias eram mais animadoras. Eles agora me retratavam como o modelo de homem perfeito, esperando pacientemente pela mulher amada. Eu não sou perfeito, estou longe disso, mas quero desesperadamente a chance de consertar tudo com ela. Emir e Helena conseguiram conter a insinuação infeliz daquele sujeito de que Francesca era minha amante. Conseguiram a muito custo suplantar todas as possíveis fontes, usando inclusive de suborno. Eu não quero o nome da minha Júlia sendo alvo de piadas de mau gosto. Eu nunca a traí. Cometi um erro estúpido que me custou muito. Eu aprendi. Eu só preciso dela comigo. A olhei terminando de ajustar minha gravata antes de sair para o trabalho.

— Quando você vai voltar para mim, *perla mia*? — sussurrei contra seus lábios e a beijei com delicadeza. — Quando *amore mio*? — tomei sua mão e deposei um beijo em sua palma. Ela adora. Isso a excita. Eu ainda olhava seu rosto perfeito adormecido quando um pequeno espasmo em sua mão fez meu coração saltar. Oh! *Dio mio*! Ela... Ela mexeu a mão! — enfermeira! Enfermeira! — gritei para o corredor como um louco.

A enfermeira, uma senhora na casa dos cinquenta, me sorriu entrando no quarto. Ela achava que eu era um perfeito príncipe de contos de fadas. Ela me odiaria se soubesse toda a verdade.

— Ela mexeu a mão. Um pequeno espasmo, mas...

— Acalme-se. — ela pôs-se a examinar Júlia. — isso pode acontecer a qualquer hora, senhor. Não quero desanimá-lo, mas é provável que seja apenas um espasmo muscular. Ela já está aí deitada há algum tempo... — as palavras dela me esvaziaram como uma bexiga de gás.

No final da semana protagonizei mais uma das minhas sessões *Chris Martin* [\[36\]](#). Iniciei pela minha preferida *warning sign* (sinal de alerta)

A warning sign

Um sinal de alerta

I missed the good part then I realized

Perdi a parte boa então me dei conta

I started looking and the bubble burst

Comecei a observar e a bolha estourou

A sessão foi longa como sempre. Encerrei cantando *in my place* (em meu lugar), ela adora. Lembro as vezes em que ela a ouvia geralmente no banho. Ela gosta tanto de cantar. Sua voz suave e levemente rouca. Linda e sexy como toda ela. *Dio!* Até quando eu ficaria sem ela? Até quando? Eu estava morrendo de saudade de tê-la nos braços. De ouvir sua risada, de ver seus olhos brilhando como duas esmeraldas. Volte para mim, bebê. Volte.

In my place, in my place

Em meu lugar, em meu lugar

Were lines that I couldn't change

Estavam linhas que eu não podia mudar

I was lost, oh yeah

Eu estava perdido, sim

Quando beijei seus lábios levemente encerrando a música, minha menina fez algo que eu nunca vou esquecer enquanto viver: ela abriu os olhos de novo. Foi a coisa mais linda. Seus cílios longos tremeram um pouco, então os olhos incríveis se abriram e fixaram-se em mim. Meu coração gaguejou. Fiquei ali a

olhando de volta sem palavras. As lágrimas que tinham ido embora por um tempo voltaram com tudo.

— Enfermeira! Enfermeira! — eu gritei com a voz embargada no corredor e voltei para ela. Seus olhos ainda estavam abertos, piscando devagar, como se lutasse para mantê-los. Eles se fecharam e eu enlouqueci. — não, *amore mio!* Abra-os de novo! Volte para mim! Abra! — gritei fora de mim. Ela gemeu e os abriu de novo. — Oh! *Dio Santo! Si, tesoro! Si, perla!* — eu sorria e chorava ao mesmo tempo.

A enfermeira entrou com o cirurgião chefe passando a examiná-la. Fizeram alguns testes, então sorriram para mim. Isso só podia ser bom, porque em quase dois meses era a primeira vez que eles riam daquela forma. Minha Júlia voltou!

— Ela está ouvindo e enxergando perfeitamente bem. — disse o médico otimista — respondeu muito bem aos testes. Precisamos levá-la para fazer mais exames. — Eu assenti relutante. Eu não queria mais tirar os olhos dela.

Entretanto, essa ainda não foi a volta definitiva de Júlia. Ela abriu os olhos todos os dias seguintes, mas não dizia nada. A equipe médica não sabia explicar, pois não havia área danificada em seu cérebro que compromettesse a fala.

Tentei falar com ela em todas as vezes que abriu os olhos. Ela apenas me olhava e piscava lentamente. Seu rosto isento de qualquer emoção. Estava ficando cada vez mais apreensivo pelo seu estado. Eu continuei indo ao escritório pela manhã e voltando à tarde. Ela parecia abrir os olhos apenas quando ouvia Cold Play na minha voz. Cômico, porque Cristo! Eu canto mal pra caralho! Sua mãe precisou voltar ao Rio. Estávamos todos mais animados, apesar de Júlia ainda não ter falado. No entanto, confesso que aquela expressão estranha, vazia em seus olhos assustava-me. Eu só quero minha mulher de volta. *Dio!* O que eu preciso fazer?

CAPÍTULO OITO

Segunda Parte

Leon

O resultado das minhas ações cruéis: há dois meses estou vivendo meu inferno pessoal. Júlia, a mulher que amo. A minha mulher esteve lutando entre a vida e morte em coma no hospital depois de sofrer um grave acidente de carro por minha culpa. Na semana passada abriu os olhos pela primeira vez, mas não disse nada, apenas os fechou de novo.

A porta se abriu naquele momento e meu assessor acaba de adentrar eufórico no escritório quebrando todo o protocolo real. Justo Emir que se orgulha de cumprir todas as formalidades da realeza?

— Acabaram de ligar do hospital. A princesa acordou meu senhor! E ela está falando, alteza! — Exclamou o homem franzino com um sorriso que jamais havia visto em seu rosto antes. Esse era o efeito que Júlia causava em todos que a conheciam.

— Ela está falando!? – inquiri num misto de alívio e angústia.

— Alteza, não vai vê-la agora? — Emir quis saber ao me ver correr as mãos pelos cabelos até minha nuca. Meu desespero deve ter transparecido no meu rosto. O que eu faria agora? O que diria a ela? *Dio!* Eu estou tão fodido! Disse e fiz tantas coisas cruéis com minha menina linda. — Tem esperado muito por isso, senhor, deve ir vê-la. — completou preocupado.

— Sim, tenho esperado muito por esse dia, velho amigo. — minha cabeça começou a latejar e fechei os olhos com força. — Mas não é tão simples assim... Eu quase a matei, meu ódio quase a matou... Não tenho ideia de como encará-la depois de... Depois de tudo...

— O senhor descobrirá. — ele disse pegando meu terno ajudando-me a vesti-lo.

— Obrigado, amigo. — disse me sentindo incerto e impotente. — leve-me até ela.

Quando entrei no quarto, os olhos de esmeralda cravaram-se em mim. Eles alargaram um pouco. O médico a estava examinando. Ela não desviou os olhos e franziu o cenho.

— *Perla mia... Grazie a Dio!* [37] Você voltou. — aproximei-me da cama quando o médico se afastou com um sorriso contido, quase tenso. Acaricieei o rosto ainda pálido. *Dio Santo!* Senti tanto medo de nunca mais poder ver esses olhos verdes esplendorosos.

Júlia franziu o cenho de novo. Os lindos olhos me examinaram em silêncio. Aquela expressão estranha e vazia neles, isenta de qualquer emoção.

— Q-quem é você? — disse num fio de voz.

— Como quem sou eu? — eu estreitei os olhos. Um pressentimento horrível tomando conta de mim. — Que brincadeira é essa? — disse dessa vez desviando o olhar para o médico que examinava minha esposa. O Dr. Simpson parecia um tanto apreensivo.

— Vejo que ainda não está a par do real estado de saúde de sua... De Júlia, senhor. — O médico emendou nervoso.

— Então me coloque a par, agora. — Pedi em tom seco, relanceando o olhar para minha Júlia que tinha uma expressão distante nos olhos. Era como se nunca tivesse me visto.

— A paciente esteve em coma por dois meses, alteza...

— Conte-me algo que não saiba doutor. — disse sarcástico. Não estava gostando nada da expressão no rosto do médico.

— A pancada na cabeça foi muito forte...

— Vá direto ao ponto, doutor! O que há com minha esposa? — eu quase gritei e Júlia arregalou os olhos.

— O-o quê? Doutor, o que esse homem está dizendo? — conseguiu falar, uma expressão de horror tomando conta de seu rosto.

Oh! Merda! Ela não está se lembrando de mim?

— Oh, não... Amnésia? — gemi mais afirmando do que perguntando e o médico deu um longo suspiro, confirmando com um gesto de cabeça.

— Pelos exames que fizemos podemos trabalhar com duas hipóteses: pode ser um caso de perda da memória curta, ou perda de memória seletiva. — Explicou o médico. Eu devia estar com um grande ponto de interrogação na minha cara. Por que diabos os médicos tinham que falar tão difícil?

— E o que exatamente isso quer dizer? — voltei os olhos para Júlia, que me encarava como se eu fosse um E.T.

— Ela não se lembra dos acontecimentos dos últimos dois anos de sua vida. — Revelou o médico com expressão de pesar. — pode ser consequência do trauma físico ou pode ter sofrido um trauma de natureza psicológica, emocional e o cérebro bloqueou inconscientemente tais memórias. — eu fiquei tenso com sua explicação detalhada. Eu havia feito isso com ela. Eu havia causado os dois traumas. Foda!

— Você não se lembra de mim, *Perla mia*? — tentei tocá-la novamente, mas ela afastou o rosto. Porra! Isso doe pra caralho.

Júlia ficou me observando e seus olhos suavizaram como se sentisse minha dor pela rejeição. Os olhos de esmeralda me avaliaram de novo e eu vi um rubor atingir suas bochechas. Eu ainda a afetava como homem apesar de tudo. Era essa a reação que tinha sempre que estávamos próximos.

— Isso é verdade, doutor? Digo, sou mesmo hum... Esposa desse homem? — sua voz soou rouca, fraca.

— É claro que é. — quase gritei levantando-me e passando as mãos pelos cabelos. Isso era um pesadelo! Só podia ser. Júlia finalmente acordou, como havia pedido desesperadamente todos os dias desde aquele maldito acidente, mas agora... Cristo! Isso é uma espécie de castigo? Porque se for é muito cruel.

— Sugiro que se acalme senhor. —O doutor encarou Júlia e continuou: — esse homem é Leon Di Castellani, príncipe de Ardócia, uma ilha localizada ao sul da Itália. — fez uma pausa e afirmou: — e sim, ele é seu marido.

— Príncipe?! Isso é brincadeira, não é? — os lindos olhos alargaram-se e ela riu sem o menor humor.

Os lábios dela estavam tremendo, percebi. Aquela notícia era mesmo um choque para ela. Mas que maravilha! Pensei ironicamente, querendo socar

algo. Minha mulher não se lembra de mim, porra! Foi então que de repente uma ideia me ocorreu. Uma louca, mas necessária ideia. Ela não se lembra de nada relacionado a mim. Não sente amor, mas também não me odeia pelo terrível erro que cometi culpando-a pelo roubo e morte de meu irmão. Pela minha estupidez com Francesca. Era a chance que precisava para fazê-la me amar de novo. Ela me amava. Soube disso muito antes dela me dizer. Oh! *Dio!* Fui um bastardo completo quando ela me disse isso. A humilhei depois tentando provar a todo custo que não a amava também. Agora, daria tudo para ouvi-la dizer tais palavras de novo. Aqueles olhos incríveis transbordando de amor. Sei que estou cometendo mais um erro ao negar-lhe o direito de saber tudo sobre o nosso passado, mas quando ela se recuperar totalmente eu consertarei as coisas. Existe uma chance dela não me perdoar quando lembrar de mim, de tudo que fiz e disse. Mas o destino está me dando uma nova oportunidade de conquistar o seu amor de novo e eu vou agarrá-la com unhas e dentes.

— Não é brincadeira Júlia. Você é minha esposa. A princesa de Ardócia. *Mia principessa.*

Os olhos dela alargaram de novo. Seu rosto ruborizando. *Si tesoro*, você sente isso aí dentro não sente? Você é minha. Sempre foi. Sempre será. Meus olhos falaram com ela no nível mais básico.

— Vou deixá-los a sós para conversarem. Se precisarem é só chamar. — disse o doutor rumando para a porta.

— Doutor, responda-me antes de ir. — pedi preocupado — Isso é temporário, não é? — De repente um pânico me invadiu. E se ela nunca se lembrasse de mim? Do quanto nos queríamos apesar de tudo?

— Os exames apontam que não há mais lesão no cérebro, o que nos deixa otimistas. As lembranças podem voltar a qualquer hora, uma semana, um mês, talvez mais... Não há como precisar. Deve ser paciente. — Após o esclarecimento, o médico se retirou do quarto.

Então eu sorri pela primeira vez em muito, muito tempo. Nos encaramos, meus olhos devorando com saudade cada detalhe dela. Os dela apreensivos, mas com interesse indisfarçável. *Dio!* Eu a amo tanto. Ela corou lindamente de novo. Ampliei meu sorriso. Eu devia estar com um enorme sorriso bobo

congelado no rosto. Eu simplesmente não conseguia parar. Ficamos assim apenas nos olhando por alguns instantes.

Ela tentou se inclinar mais nos travesseiros. Corri ajudando-a a acomodar-se numa posição quase sentada. Apesar da expressão abatida e dos cabelos curtos, pois precisara cortá-los devido a uma delicada cirurgia na cabeça, ainda me parecia esplêndida... Percebi que minha proximidade a deixava nervosa, senti a respiração um tanto ofegante dela. Observei o peito subindo e descendo e precisei desviar os olhos. Ela estava sem sutiã, os mamilos duros sob a camisola. *Cristo!* Meu maldito pau se sacudiu pela primeira vez em dois meses. Comporte-se seu bastardo! Ela está frágil e precisa de você sendo racional, não um homem das cavernas que só pensa em sexo, repreendi-me.

— Onde estão meus pais? — Ela inquiriu tirando-me dos devaneios obscenos.

— Sua mãe esteve com você quase todo o tempo. Revezávamo-nos para não deixá-la sozinha. — relatei, segurando sua mão esquerda, brincando com a aliança de casamento. — Ela precisou voltar ao Rio, mas já está a caminho, deve chegar ainda hoje.

— Sua aliança é igual à minha. — Ela constatou quase para si mesma.

— Somos casados, *perla mia*. Você não acha que o distinto doutor Simpson mentiria sobre isso, não é? — abri um sorriso charmoso. *Si* a corrida para ganhar seu coração de novo começa agora, bebê.

Ela me avaliou de novo, parecendo hipnotizada. Eu amo quando ela me olha assim. Acho que ela não percebe, mas seus olhos me dizem tudo. Sempre me disseram.

— E meu pai? — Ela quis saber os olhos adquirindo uma expressão apreensiva.

— Ele passou a primeira semana do seu lado. Teve que voltar ao trabalho. — odiei ver a dor nos belos olhos dela. Aquele maldito egocêntrico! Que espécie de pai não se importaria com a única filha depois de um grave acidente que quase a matara? Queria abraçá-la, confortá-la, mas sabia que precisava ganhar terreno aos poucos. Nesse momento eu era um completo estranho para ela. — mas tem ligado todos os dias. Está muito preocupado. —

acrescentei.

— Ah... — Júlia disse num fio de voz, virando o rosto para esconder seu desapontamento.

— Sinto muito. — sussurrei tocando-lhe o queixo, levantando seu rosto com delicadeza.

Os olhos dela se encheram de lágrimas. Queria muito tirar aquela expressão de decepção do seu rosto. Nunca havia confessado que sentia mais do que desejo por ela. Fazia questão de jogar sempre na sua cara que era apenas sexo. Sexo espetacular, mais nada além disso. Senti o coração doer ao recordar como fui cruel.

— Como nos conhecemos? Não entendo como um príncipe pode ter entrado para minha quase inexistente vida amorosa. — ela sorriu meio sem jeito diante da confissão de sua inexperiência.

Sorri e Júlia corou de novo. Nossa química ainda estava ali sob nossa pele. Eu já me sentia feliz com isso. Se era tudo que poderia ter no momento, eu estava mais do que satisfeito. Fiz um pequeno resumo, reformulando alguns detalhes. Deixando outros estrategicamente de fora. Ela me ouvia atentamente. Sua expressão nada revelando. Parecia que nada daquilo dizia respeito à ela. Era realmente uma merda vê-la assim.

— Menos de duas horas depois de nos conhecermos estávamos na cama. — revelei vendo-a arregalar os olhos.

— Co-como? Não posso acreditar nisso... — ela corou violentamente. Parecia ultrajada.

— É verdade. Não me orgulho disso, *perla mia*. — minha voz soou em tom de desculpas. Eu realmente sentia por isso. Por tê-la enganado e tomado sua inocência tão friamente.

— Nunca fui assim. — ela defendeu-se sacudindo a cabeça.

— Eu sei disso *tesoro*. — acariciei lhe o rosto novamente. — você era virgem. — completei vendo-a corar ainda mais. *Dio!* Ela é a coisa mais linda.

Franziu o cenho. Meneou a cabeça, seus olhos confusos.

— Somos casados há quanto tempo mesmo?

— Nos casamos dois meses depois de nos conhecermos. — precisei mentir. Eu sei. Continuo sendo um bastardo egoísta, mas perdê-la não é uma opção. Eu posso consertar tudo. Eu só preciso dela comigo. Odeio ter que fazer isso a ela de novo, mas o momento é muito delicado. Não posso dizer que estamos casados há apenas quatro meses. Não posso dizer que ela havia fugido de mim. Que quando voltei ao Rio duas semanas depois do princípio de aborto não a encontrei mais. Que sumiu da minha vida por um ano sem deixar rastros. Que estava me deixando quando sofreu o acidente. Levantei-me subitamente sufocado indo até a janela. Não suporto essas lembranças. Isso é tão fodido!

— O que foi? Há algo mais, não há? — Júlia quis saber apreensiva. Virei-me para olhá-la. *Si*, bebê. Há muito mais, mas não posso contar e arriscar perder você. Forcei-me a sorrir e dei uma notícia mais alegre.

— *Si*. Temos um filho. — sorri de verdade lembrando do nosso pequeno. — Damien é seu nome. Um lindo bebê que está esperando por você em Ardócia, na nossa casa, *amore mio*.

Seus olhos se arregalaram incrédulos.

— E-eu tenho um filho!? — seus lábios tremeram. — quer dizer, nós temos um filho?

— *Si*, bebê e assim que os médicos a liberarem vou levá-la de volta para casa, para ele, para mim, amor. — sussurrei tocando sua face linda de novo. Ela não recuou dessa vez e meu coração se encheu de esperança. Quero tanto abraçá-la, beijá-la. Mas não posso. Sou um estranho para ela nesse momento. Talvez seja esse o meu castigo. Tê-la tão perto fisicamente, mas muito longe emocionalmente. Foda!

— Qual a idade dele? — seu rosto estava iluminado num turbilhão de emoções: surpresa, alegria, medo.

— Ele tem quase oito meses agora. — disse ainda acariciando sua face. Eu não queria parar de tocá-la.

— Isso é tão estranho. Tão confuso. — murmurou soltando um longo suspiro.

— Eu sei bebê. Mas eu estou aqui, *perla*. — sussurrei e senti meus olhos

arderem. Foda-se! — eu vou estar com você sempre.

Os olhos de esmeralda amoleceram um pouco me avaliando por alguns instantes e ela me surpreendeu quando perguntou:

— Você... Você me ama?

Uau! Isso foi direto. Mas *tutto bene* agora consigo responder sem vacilar.

— *Si*, eu te amo, Júlia. — admitir isso finalmente foi como se um peso enorme saísse de cima de mim. O peso da covardia. — eu a amo muito, amor. — concluí e seus olhos dilataram ainda presos aos meus.

— E-eu não sei o que dizer. Desculpe, Leon. — suas palavras hesitantes afundaram meu coração. Eu nunca pensei que precisasse tanto ouvir as malditas três palavras como eu precisava agora. Mas isso já não é possível. Minha Júlia me apagou totalmente da sua memória. *Dio!* Isso dói malditamente muito.

CAPÍTULO NOVE

Júlia

Sim, nós tínhamos um filho. Um bebê lindo de pele morena e olhos negros como o pai, pensei admirando o pequeno corpo adormecido no berço. Leon me trouxe para casa uma semana depois que me recuperei. Na verdade aquele enorme palácio numa Planície costeira cercado de um lado por um verde magnífico e pelo outro o Mar Mediterrâneo ia muito além da simples definição de “casa”. Mas, segundo meu marido ali era a minha casa. *Meu marido*. Ainda soa um tanto estranho. Eu não conseguia lembrar de nada do que aconteceu nos últimos dois anos. Mas, uau! Parece que os vivi intensamente. Fui recebida pelos funcionários do palácio todos perfilados. Lembrei-me do filme *O Diário da Princesa*. Leon me carregou nos braços sob os aplausos e sorrisos deles. Eu corei e enfiei meu rosto em seu peito amplo. Deus! Ele cheirava maravilhosamente bem. Meu corpo sentia que havia uma intimidade inegável entre nós, mas estranhamente não me sentia em casa. Minha mãe veio conosco. É bom ter um rosto conhecido por perto. Contudo, notei que havia certa tensão entre ela e Leon. Será que não se davam bem?

Conheci o tio de Leon, o rei Maximiliano Gregório Di Castellani. Já era idoso e parecia cansado. Contou que Leon era o primeiro na linha de sucessão e certamente precisaria assumir o trono em breve. Conheci também a prima de Leon que vivia no Palácio, Helena, uma linda morena de olhos exóticos. Tratou-me com tanta delicadeza, mas algo nela me incomodava. Não sei, existia uma espécie de antagonismo entre nós. Eu apenas sentia isso. Como era possível alguém acordar em meio a uma vida que não parecia ser sua? Eu me perguntava cada vez mais confusa e relutante em aceitar que aquela era a minha vida. No entanto, havia aquele lindo garotinho chamado Damien que me olhou e sorriu abrindo os bracinhos rechonchudos em minha direção quando cheguei pela manhã. A emoção que senti foi algo indescritível. Tenho certeza era aquela emoção que as mães sentiam. Sim, era. Ele era meu, simplesmente soube. Sorri acariciando seu rostinho adormecido.

— Ele é um bebê muito tranquilo.

Sobressaltei-me ao ouvir a voz baixa e sexy de Leon quase junto a meu ouvido. Sua voz me fazia tremer. Virei-me para ele e quase perdi o fôlego. Ele estava simplesmente magnífico. Usava apenas a calça do pijama pendendo na linha baixa dos quadris, deixando o abdome mais impressionante que eu já tinha visto à mostra. Puta merda! Nunca vi tamanho apelo sexual e masculinidade juntos, e olha que na minha profissão havia fotografado com inúmeros homens bonitos. Entretanto, *este, meu marido*, é... Tive que sufocar um gemido ao levantar o olhar para o rosto másculo, os cabelos estavam soltos e molhados caindo sobre os ombros largos, exalando testosterona por todos os poros. Minha boca secou. Puta. Merda.

— Ele é lindo. Se parece com você. — eu corei violentamente quando me dei conta de que indiretamente o chamei de lindo.

— Sim. Ele é. — os cantos da boca sensual ameaçaram sorrir. Os olhos escuros presos a mim com uma intensidade desconcertante, fazendo-me mil promessas lascivas. Eu usava uma camisola branca de alças finas que dava uma boa visão de meus seios. Seus olhos desceram me devorando. Meus mamilos endureceram com o calor de seu olhar. Meu ventre incendiou. Puta merda! O que é isso? Nunca me senti assim. Bom, pelo menos não que me lembre.

— Preciso lhe pedir uma coisa, Leon. — o encarei apreensiva me afastando um pouco de seu corpo poderoso, tentador, enlouquecedor.

— Peça, *perla mia*. — ele tocou-me o queixo erguendo-o suavemente. — qualquer coisa e eu providenciarei.

— Notei que há outro quarto através daquela porta. — apontei sobre o ombro dele. — Gostaria de ocupá-lo por enquanto... Não me sentirei à vontade dividindo a cama com você. Sei que é meu marido. Soube disso mesmo antes de me mostrar as evidências. — o olhei direto nos olhos, precisava ser honesta. Não iria para a cama com ele. Embora meu corpo desse sinal claro de que desejava isso. Muito!

Leon acariciou meus lábios, o olhar brilhando não conseguindo disfarçar seu desejo.

— Estou queimando, morrendo por você, Júlia. — ele desceu a mão para o meu pescoço numa carícia suave e prendi a respiração. Cristo! Eu o quero.

— Mas esperarei que venha até mim quando estiver pronta. — sussurrou e levantou meu rosto, abaixando a cabeça em minha direção roçando meus lábios levemente. — Seu cérebro não se recorda de mim, mas seu corpo não me esqueceu, *delizia mia*... Você sente isso, não é? Diga.

— Sim, Leon. — confessei mal podendo racionar direito com ele enlouquecendo-me daquele jeito. — Meu corpo sente... Mas preciso de um tempo. Por favor, me conceda isso. — implorei sabendo que não seria capaz de resistir se ele continuasse tão perto.

Leon afastou-se com relutância abrindo um meio sorriso. Ele sabia que eu estava tão afetada quanto ele. Era um macho alfa completamente ciente de seu poder sobre sua fêmea: eu.

— Queria tanto dormir com você em meus braços. Sonhei tanto com isso... —disse pesaroso e deu um longo suspiro resignado. — Ok. Certo. Será como você quiser, bebê. — sussurrou e seus olhos se suavizaram.

Aproximei-me dele e ficando na ponta dos pés deposei um beijo em seu rosto.

— Obrigada, tinha certeza de que entenderia. Boa noite, Leon. — e fui para o outro quarto antes que me arrependesse e pulasse em cima dele.

No dia seguinte minha amiga Kênia ligou bem cedo e nos falamos pelo Skype.

— Você está quente com esse cabelo curto. — ela brincou logo que me viu. Eu gargalhei. Ela estava tentando disfarçar, mas sua voz tremia um pouco.

— Leon levou um profissional para me arrumar ainda no hospital. — toquei meus cabelos bem curtos, agora num corte desfiado. Eu havia gostado, mas ainda os preferia longos. Leon também, ele me disse. — Deus! Isso tudo é tão surreal! Eu não me lembro dele. Mas praticamente entro em combustão quando me olha, quando fala comigo.

Ela sorriu um sorriso tenso eu percebi.

—Sempre foi assim entre vocês Ju.

—Eu sinto que sim. Mas você pode me ajudar a montar algumas peças. Você nos acompanhou desde o início? Eu... Eu não me lembro.

— Leon vai ajudar você com essas peças, querida. — sua voz soou mais tensa. Era como se tivesse me escondendo alguma coisa. — esse homem te ama. — eu senti que queria dizer mais.

— Eu sei. Ele me disse e vi em seus olhos que é verdade. — eu franzi o cenho. — eu o amo? Você deve saber como minha melhor amiga.

— É claro que sim. Deus! Você o viu não é? Que mulher não cairia durinha de amores por ele? — caímos na gargalhada. Ela sempre aliviava qualquer tensão com seu bom humor contagiante. — eu também estou firme com um cara. Você não lembrará, mas já conversamos muito sobre ele. Seu nome é Stefano, um modelo italiano lindíssimo.

— Estou tão feliz por você Ken. Quando você vem me ver? Quer dizer nos ver? Minha mãe me disse que você será a madrinha do meu filho. Deus! Eu tenho um filho!

— Sim, muito lindo por sinal. Eu o vi quando estive aí e em Nova Iorque visitando você. Eu os verei em breve, prometo.

— Eu te amo. Sinto a sua falta. — disse sentindo um nó na garganta.

— Também te amo. — sua voz soou igualmente emocionada. — então... Você e Leon... Já transaram? — ela riu desviando o foco.

— Cristo! Não! Eu... Eu acho que ainda não estou pronta, apesar do meu corpo querê-lo claramente. Você o conhece. Que homem é esse? — pausei um pouco. — mas há algo que me segura. Não sei o que é. Estou tão confusa amiga.

— Eu torço para que dê tudo certo entre vocês amiga. Ele... Leon realmente ficou louco quando você sofreu o acidente... Nunca fui muito com a cara dele, mas me ganhou por tudo o que fez para cuidar de você. — novamente senti que queria dizer mais alguma coisa.

— Sei que vai acontecer em algum momento porque a química entre nós é realmente louca. O sexo entre nós deve ser explosivo... Arrg! Isso é uma merda! Como posso não me lembrar de ter perdido a virgindade?

— Sei de todos os detalhes altamente picantes. Posso contar se você quiser. — nós rimos de novo. — de acordo com seus relatos o cara é um deus

do sexo. Cristo! Eu fiquei morrendo de tesão toda vez que ouvi você.

— Sua pervertida! Não fale assim do meu marido. — conversamos por quase duas horas. Ela me atualizou de quase tudo nos últimos dois anos.

Quando nos despedimos, minha mãe entrou no quarto com Damien nos braços. Leon me disse que havíamos discordado quanto ao nome, então registramos os dois nomes que escolhemos: Damien em homenagem ao irmão mais novo de Leon já falecido e Ricardo escolhido por mim. Damien Ricardo, meu lindo príncipezinho.

— Como se sente hoje, filha? — minha mãe se aproximou da cama e me beijou na cabeça. Ela ainda era deslumbrante aos quarenta e oito anos. Tínhamos o mesmo tom de pele e cabelos. Mesmo porte físico. Mas meus olhos são herança de meu pai. Minha mãe tem olhos castanhos escuros vivos, inteligentes.

— Muito melhor, obrigada mãe. — disse e ela franziu o cenho.

— Por que está me agradecendo? — disse entregando-me Damien que balbuciava alegre estendendo os bracinhos.

— Por estar aqui comigo. Tudo é tão confuso e... Intenso. — sentei Damien na minha barriga. Ele se desmanchava em risos. — sua mamãe tá tão confusa, pequeno príncipe. Você vai ajudar a mamãe? Promete? — toquei na pontinha do seu nariz e ele gargalhou, balbuciando sons inteligíveis.

— Sei que não posso concorrer ao prêmio de mãe do ano, mas eu te amo, bebê. — ela sentou-se na cama. Seus olhos brilhantes. Eu nunca vi minha mãe chorando. Ela era sempre tão composta. — quando a vi quebrada naquele hospital eu... Senti-me tão responsável quanto Leon.

— Como assim? Tão responsável quanto Leon? — não gostei do tom dela.

— A relação de vocês nunca foi feliz. — revelou com cuidado. — você sempre foi muito apaixonada por ele e ele não... — ela foi interrompida por batidas na porta.

— Pode entrar. — falei me sentando na cama com Damien escarranchado em minha cintura. Então eu preendi a respiração com a visão de

Leon num short cáqui e camisa pólo azul escuro. Os cabelos estavam presos num estilo de samurai. Nossos olhos travaram e minha boca secou.

— Bom dia, *perla mia*. — sorriu aproximando-se da cama. — como se sente *tesoro*? — beijou-me de leve nos lábios. — Laura. — cumprimentou minha mãe com uma expressão contida.

— Bom dia, Leon. Eu estou bem. — sorri sentindo minhas bochechas incendiarem. Minha reação a ele é tão pateticamente adolescente.

Leon

O rosto de Júlia já estava recuperando a cor novamente. Minha menina linda estava voltando ao que era antes daquele maldito acidente. Eu ainda estava totalmente encantado olhando-a quando a voz de Laura me tirou do transe.

— Marcelo estará chegando daqui a pouco. — disse encarando a filha. Quem?

— Marcelo!? — os olhos de esmeralda se iluminaram e Júlia sorriu eufórica. — sério? Ele vem me ver?

Quem é esse filho da puta que colocou esse sorriso no rosto da minha mulher? Por que nunca ouvi falar desse nome antes? Fiquei tenso de imediato. Algo não me cheirava bem. Desviei o olhar para a mãe de Júlia. Ela ostentava um sorriso misterioso. O que essa harpia estava tramando? Estreitei os olhos nela.

— Quem é Marcelo, *tesoro*? — minha voz saiu um tanto estridente. Foda-se! Estou louco de ciúmes apenas pelo sorriso que ela abriu ao ouvir o nome desse bastardo!

Júlia ficou visivelmente tensa e baixou os olhos. Oh merda! Sinto que não vou gostar dessa resposta.

— Ele é um modelo brasileiro. Nós hum... Namoramos por um tempo. — revelou com voz baixa. Eu senti um baque no coração. Ela havia amado esse babaca? Sua expressão feliz ao ouvir o nome dele me dizia que sim. Porra! Eu não quero esse bastardo perto da minha mulher. Ela deve ter percebido meu semblante infeliz, pois acrescentou: — isso foi há quase quatro anos, Leon.

— Eles se separaram porque Marcelo assinou um contrato em Paris e teve que ir embora do Rio — Laura olhou diretamente para mim, depois desviou os olhos para Júlia. — mas ele nunca deixou de procurar por você filha, sabe disso.

As palavras de Laura pingavam veneno. Eu odeio o que ela está tentando fazer. Ela quer tirar minha mulher de mim. Se aproveitando de seu estado de memória. Maldita megera!

— Mãe... — Júlia repreendeu a mãe com voz suave. Olhando para mim revelou: — Marcelo era também meu amigo antes de namorarmos. Mas não há mais sentimentos entre nós, Leon. Posso não lembrar de nossa vida, de como nos casamos, mas não farei nada que desonre você como meu marido.

Meu coração cantou ao ouvir minha linda menina. Ela é assim. Mesmo não se lembrando de mim, não quer me magoar. Eu a amo! Eu a amo tanto.

— Sei disso *perla mia*. — sentei-me na cama e a beijei de novo nos lábios, brincando com nosso pequeno que se desmanchava em risos para mim. — você está cuidando de *nostra principessa mio piccolo*? Hum? Vai me ajudar a cuidar dela? *Si*, você gostou disso, não é *tesoro*? — Damien balbuciou sons incompreensíveis, rindo para mim. Esta é a minha família e eu não vou deixar ninguém me tirar isso.

— Eu vou tomar café no meu quarto. Depois conversamos filha. — Laura disse tensa e deixou o quarto.

Tomei café com Júlia na sacada dos nossos aposentos. Falamos sobre temas mais amenos. Eu precisava desses momentos a sós com ela para reconstruir nossa intimidade. Logo depois, convidei sua mãe para uma conversa no meu escritório.

— Em que posso ajudá-lo, *alteza*? — seu tom sarcástico assim que se sentou à minha frente me irritou de imediato.

Dei-lhe um olhar gelado e fui direto ao ponto:

— Sei o que está tentando fazer convidando esse tal modelo para visitar Júlia.

— E o que seria isso? — seu tom continuou jocoso.

Eu simplesmente sorri. Essa mulher louca não me tiraria do sério. Minha mulher estava finalmente em casa, na nossa casa e eu não deixaria que a levassem de mim.

— Não vai funcionar. Ela é minha mulher e não vou deixar nem você nem ninguém tirá-la de mim.

— Você a ama? Realmente a ama? — seus olhos cravaram-se em mim soltando faíscas. — Porque não foi essa a impressão que tive quando minha menina teve que passar um ano fugindo de você. Ela estava destruída. Você a machucou muito. Não sei ainda o que aconteceu porque Júlia nunca quis falar-me sobre isso, mas tenho certeza que você fez algo muito grave a ela.

As palavras dela me acertaram como um soco. Ela tinha razão. Toda razão.

— Eu a amo, Laura. *Si*, eu fiz algumas besteiras. A magoei, mas eu a amo e não posso, não vou perdê-la agora. — disse firme. Ela me avaliou séria por alguns instantes, então se levantou.

— Prove. — disse entre dentes e saiu.

Esfreguei as mãos no meu rosto antevendo que os próximos dias seriam um teste de resistência e paciência. O maldito modelo chegou antes do almoço e estava pendurado em Júlia desde então.

Quando fui convidá-la para almoçar comigo o bastardo já havia se adiantado.

— Vim convidá-la para almoçar comigo, *perla*. — disse assim que entrei no seu quarto. Estavam todos rindo acomodados nos estofados da sala de estar. Júlia sentada no estofado de dois lugares e o bastardo estava ao lado dela. Meus olhos voaram para a grande mão dele pousada sobre o joelho direito dela. Ela usava um de seus vestidos florais e soltos que tanto adora. Tire as mãos de cima dela, porra! Cerrei o maxilar quase ao ponto de dor. Ela levantou-se e tomou-o pela mão andando até mim. O babaca era alto, atlético, loiro de olhos azuis escuros e tinha aproximadamente a mesma idade de Júlia. Eu me senti ridiculamente velho na frente deles. A expressão nos olhos dele quando me encarou de frente dizia o que eu já temia. Esse bastardo quer o que é meu.

— Esse é meu amigo Marcelo, Leon. — Júlia disse e acrescentou um tanto desconfortável: — Marcelo, esse é hum... Meu marido, Leon.

Porra! Senti-me um nada pela forma forçada como me apresentou.

Troquei um aperto de mão com Marcelo e nossos olhares disseram mais que nossas poucas palavras. O meu disse *fique longe dela, seu imbecil!* O dele me desafiou parecendo dizer *você está em desvantagem! É de mim que ela se lembra.*

— Então, Júlia? Vai almoçar comigo? — insisti não gostando nada que o bastardo continuasse a segurar a mão dela.

— Marcelo acabou de chegar. Prometi almoçar com ele. — revelou tensa. Ela estava me dispensando? Eu, seu MARIDO? Por aquele merdinha? — faz tanto tempo que não nos víamos...

Eu contei até dez para conter a raiva. O merdinha me olhava com um claro desafio nos olhos. Porra! Quem foi o bastardo que disse que contar controla a raiva? Eu ainda quero arrancar a cabeça desse filho da puta! Só isso vai controlar minha raiva.

— Certo. Vamos deixar para outro dia então. — assenti, resignado e um silêncio desconfortável se abateu sobre o recinto. Eu esperei Júlia me convidar para me juntar a eles, mas o convite não veio. Foda! Eu estou morrendo por dentro. — bom almoço para vocês. — me obriguei a sair do quarto me sentindo um cão mendigando atenção, mas rejeitado pelo seu dono.

O jeito que o babaca olhava para minha mulher era de puro êxtase. Eu queria tanto socar aquela cara bonita dele. Apesar de Júlia me assegurar que não havia mais sentimentos entre eles, fiquei incomodado com a intimidade que ainda tinham. Eu nunca fui ciumento antes, mas agora eu quero matar esse filho da puta porque ela se lembra dele e não de mim.

Os próximos dias foram uma tortura requintada para mim. Tive que suportar dividir minha mulher com seu muito entusiasmado *amigo*. Ele não me enganava nem por um momento. Redobrei as atenções da nossa segurança pessoal e pedia relatórios diários do que faziam quando deixavam o palácio nos muitos passeios sugeridos pela maldita mãe de Júlia. Ela queria claramente me torturar. Naquela tarde encerrei o expediente mais cedo e resolvi ir até Júlia e

convidá-la para ir ao Cassino comigo à noite. Fui recebido pela babá de Damien que um tanto tensa me informou que estavam na piscina. Desci a escada para o jardim privativo e meu humor mudou ferozmente porque dentro da piscina estavam Júlia e o maldito Marcelo segurando meu filho nos braços. Damien se desmanchava em sorrisos para aquele bastardo sem ter ideia de que ele queria roubar sua mãe de mim. Aproximei-me da borda e entrei na piscina com roupa e tudo.

— Me dê meu filho, agora! — avancei furioso e tirei Damien dos seus braços. A boca dele se curvou num sorriso provocador. Ele estava gostando de me ver no limite. — Júlia, venha comigo. — minha voz saiu mais dura do que gostaria, mas eu estava puto que ela estivesse ali com ele, permitindo que visse seu corpo naquele biquíni indecente e ainda o deixasse pegar meu filho, enquanto eu, seu marido era mantido à distância de um braço. Eu estava morrendo de saudade dela e ela desfilando com aquele maldito o tempo todo.

— O que é isso, Leon? — ela ficou mais perto do imbecil, pronta para a briga. — Marcelo não fez nada demais. Ele estava apenas brincando com Damien.

O maldito ampliou o sorriso e seus olhos me diziam que ele queria jogar minha mulher contra mim. Eu quero arrancar a cabeça dele nesse momento, mas isso vai me deixar muito mal com Júlia. Ele tá querendo me provocar para que eu faça alguma besteira na frente dela. Ele não sairia vitorioso. Definitivamente não!

— Você vem comigo. — disse entre dentes para ela.

— Não, não vou. — os olhos de esmeralda inflamaram desafiando-me. — Marcelo é meu amigo e não vou tolerar que seja grosseiro com ele. — as palavras dela me rasgaram. Ela ficou do lado dele. Porra! Ela ficou do lado daquele bastardo!

— Eu sou seu marido e você tem me ignorado para ficar com ele, porra! — gritei perdendo de vez minha compostura. — você vem comigo, agora! — agarrei seu pulso, mas ela rosnou como uma leoa e desvencilhou-se se afastando de mim.

— Eu não sou sua criada, *alteza*. — cuspiu meu título com desprezo. — jamais me envergonhe de novo na frente de meus amigos, entendeu? Ou vou

aceitar o convite de minha mãe e ir passar um tempo no Rio, bem longe daqui! Eu não me lembro de você! — disse furiosa. — sinceramente eu não sei como me casei com um homem das cavernas como você! — berrou e saiu da piscina. Mesmo naquela situação caótica meus olhos não puderam deixar de devorar seu corpo escultural no biquíni verde minúsculo. Ela andou na borda da piscina e dirigiu-se à escada. Ficamos eu e o bastardo boquiabertos admirando sua bundinha firme e perfeita. Foda-se! Ela vai me matar se continuar me ignorando assim.

Forcei-me a me controlar e saí da piscina sem mais uma palavra. Deixei Damien com a babá e rumei para a sala de esgrima. Precisava extrapolar toda essa energia negativa ou explodiria. Eu preciso de um plano urgente porque o bastardo está ganhando cada vez mais terreno com minha mulher. *Dio!* Eu não posso perdê-la. Não agora que sei que a amo mais que a minha própria vida. Duas horas depois, já suado me preparava para sair quando a porta se abriu e Marcelo entrou caminhando até mim. Sua postura rígida. Acho que essa conversa vai ser interessante.

— O que deseja? — cuspi, ríspido enquanto enxugava o suor do meu rosto com uma pequena toalha.

— Você sabe o que eu desejo. — sua expressão foi séria. — eu a amo. Abri mão dela uma vez porque era jovem e tolo, mas agora não vou fazer isso.

Meu sangue ferveu. O que aquele filho da puta estava me dizendo?

— Você obviamente não tem a menor noção do perigo, não é? — avancei em direção a ele.

— Estive longe por muito tempo, não vou me afastar mais.

— Realmente, onde você estava quando ela ficou em coma por dois meses? — cuspi quase na cara dele. — por que nunca a ouvi falar de você antes?

Chupa essa, babaca!

— E quem a colocou naquele hospital, hein? Há rumores de que ela foi vista chorando e correndo pouco antes do acidente. Eu tenho minha própria teoria: você a colocou lá! Apenas você! — ele rosnou em meu rosto.

— Ela é minha mulher seu bastardo! Vou acabar com você se ousar tocar nela, ouviu?

Ele apenas sorriu sem se afastar. Era quase tão alto quanto eu. Então ele não é um covarde. Bom, gosto de brigar com bons adversários. A vitória é muito mais doce.

— Ela não se lembra de você. Laura me disse que você a fez sofrer antes, então não fique posando de marido devotado agora. Não vai demorar muito e eu a terei de novo.

Eu mal o deixei terminar, meu punho já encontrava seu maxilar num soco poderoso que o levou ao chão.

— Levante-se seu merda! Apanhe de pé como um homem! — rosnei ensandecido. Ele levantou agilmente e avançou para mim. A próxima coisa que vi foi seu punho no meu olho. Porra! Isso foi rápido. Cambaleei para trás, mas me reequilibrei e o atraquei pelo meio jogando-o no chão. Montei em cima dele e bati com vontade na sua cara que agora já não era tão bonita pelo sangue que saía da boca, nariz e supercílios. Então, senti braços fortes me arrancando de cima do bastardo. Saí a contragosto. Eu sentia um ódio mortal.

— Você está louco, Leon? — a voz de meu treinador e amigo de infância Nicolo encheu meus ouvidos.

O bastardo levantou-se com dificuldade e olhou-me sorrindo. Por que diabos ele estava sorrindo? Eu o machuquei muito. Sua cara estava toda ensanguentada.

— O que será que Júlia vai achar disso, *alteza*? — disse cuspidando sangue.

— É melhor você sair, amigo. — Nicolo rosnou para ele.

Ele me olhou de novo e saiu cambaleando. A compreensão afundou em mim. O bastardo preparou-me uma armadilha. Gemi me desvencilhando de Nicolo. Júlia vai me odiar quando vir o estado que o deixei. *Oh! Dio mio!*

CAPÍTULO DEZ

Leon

Júlia entrou no meu quarto cerca de meia hora depois furiosa. Seus olhos soltavam faíscas. Era a primeira vez que ela me procurava por iniciativa própria desde que chegou do hospital.

— O que foi que você fez Leon? Você arrebentou com o rosto do Marcelo! Você está louco? — sua voz foi dura como nunca tinha ouvido antes. Aquilo me matou. Ela estava defendendo o idiota!

Eu suspirei indo até ela parada no meio do quarto.

— Me ouça, bebê. Não me odeie, por favor. — supliquei parando a poucos centímetros dela. *Dio!* Senti-me uma criança prestes a levar uma bronca.

— Estou ouvindo. — sua voz soou ainda dura.

— Ele quer você. Disse-me na minha cara que a quer de volta. Você é minha mulher. Reagi como qualquer homem reagiria numa situação dessas. — expliquei temeroso.

Seu cenho franziu.

— Ele disse isso?

— *Si*, eu não aguentei... — gemi ruidosamente. — não fique com raiva de mim, *tesoro*. — sussurrei e levantei a mão tocando seu rosto. Ela não se afastou e isso fez meu coração se aquecer um pouco.

Seus olhos fitaram-me por alguns instantes então se suavizaram e ela levou sua mão ao meu olho machucado.

— Você está machucado também. — murmurou acariciando o local. Eu quase gemi com seu toque suave.

— Ele só me acertou um soco. — ainda consegui dizer com típica arrogância masculina.

— Homens... — revirou os olhos, mas surpreendentemente um sorriso brincava em seus lábios.

— Não me afaste mais, bebê. — pedi num sussurro levando a outra mão para sua face, acariciando-a. — eu amo você. *Dio!* Amo você mais que minha própria vida. Vê-la com ele na maior parte do tempo está me matando. — me aproximei mais sentindo seu cheiro delicioso. Era a primeira vez que me deixava chegar assim tão perto depois do acidente.

Seus olhos brilharam lindamente. Ela gostou da minha declaração.

— Ele não me terá de volta, Leon. — garantiu-me, seus olhos dilatando-se visivelmente com nossa proximidade. — sou sua mulher agora. Você não precisa sair socando-o dessa forma. Não temos feito nada demais. Marcelo é apenas um amigo que não via há muito tempo. É só isso.

— Confio em você, amor. — disse baixinho. — é nele que não confio. Prometa-me que não deixará que ele toque você, bebê, por favor.

— Sim, prometo. — ela sussurrou e sorriu, aquele riso lindo de menina me enlouquecendo ainda mais. *Grazie a Dio!* Pensei que arrancaria minha cabeça quando entrou porta adentro furiosa e linda! — desculpe pela forma como explodi mais cedo. Pensei muito e tentei me imaginar no seu lugar. Não quero magoar você, Leon. Eu apenas... Apenas não me lembro.

Senti-me flutuar com suas palavras. Minha doce menina. Ela não precisa se desculpar por nada. Eu que tenho que passar o resto da vida me desculpando com ela.

— Quero tanto beijar você agora. — abaixei minha boca quase tocando a dela. — me deixe beijá-la, amor, por favor. — supliquei em seus lábios.

Ela suspirou e abriu os lábios para mim. Eu gemi e tomei sua boca num beijo leve, sondando, amando a sensação de tê-la assim de novo. Seus braços rodearam meu pescoço e minhas mãos foram para sua cintura delicada trazendo-a para mim. Gemi de novo. Aquilo era simplesmente o céu. Minha linda menina estava me deixando chegar perto outra vez. Aprofundei o beijo, mostrando toda minha saudade, lambendo sua língua do jeito que sei que a enlouquece. Ela gemeu e me beijou de volta daquela forma apaixonada que é só dela. Ela me quer. Sua essência de mulher ainda me reconhece como seu

homem. Ainda me quer mesmo sem lembrar-se de mim. Senti uma alegria sem tamanho me tomar por inteiro. Ela se colou mais em mim e grunhimos nos devorando mutuamente. O beijo se tornou indecente, estávamos fazendo sexo com nossas bocas, mas ela deve ter sentido minha ereção óbvia e furiosa, pois recuou, seus braços desceram e ela parou o beijo, respirando ofegante em meus lábios. Meu corpo gritava por ela, cada célula a queria desesperadamente, mas deixei que tomasse seu tempo.

— Uau! Isso foi mais que um simples beijo. — sussurrou e se afastou de vez, seu rosto lindamente corado.

— *Si* foi. — sussurrei me obrigando a sorrir quando tudo que queria era puxá-la de volta e me perder nela, em seu gosto e cheiro inebriantes. — não me afaste mais, bebê. — pedi de novo. Minha voz soando desesperada.

Ela abriu um pequeno sorriso e assentiu levemente.

— Não vou afastá-lo mais, prometo. Mas tudo ainda é muito confuso e sinto coisas intensas demais quando me olha, quando estou perto de você. — revelou me olhando sem hesitar. — vamos levar as coisas devagar. Sinto que há essa intimidade e atração louca entre nós, mas não estou pronta para mais... É por isso que tenho evitado você. Desculpe.

Meu coração bateu forte com sua admissão. Era por isso que me afastou todo esse tempo? *Dio!* E eu louco de ciúmes me consumindo dia após dia achando que sentia algo pelo bastardo. Sorri mais relaxado e fui até ela de novo, enlaçando sua cintura.

— Obrigado por me dizer isso, *tesoro*. Eu estava à beira de cometer um assassinato. — ela sorriu, os olhos de esmeralda divertidos. — vamos levar as coisas do jeito que você quiser, amor. Sempre. — murmurei e beijei-a de leve. Eu não queria mais parar de beijá-la, mas preciso fazer as coisas certas dessa vez. — você jantaria comigo hoje, só nós dois?

— Sim, mas vai ter que ser aqui mesmo no palácio, pois meu amigo está muito machucado. Algum marido ciumento o atacou. — sorriu com uma expressão ainda brincalhona. — você por acaso conhece esse maluco?

Eu gargalhei pela primeira vez em muito tempo. *Dio!* Eu a amo tanto.

— Por acaso eu o conheço. Ele é mesmo maluco. Completamente maluco

pela sua doce e linda esposa.

Seus olhos brilharam, ampliando-se ao ouvir minhas palavras. Ela assentiu apenas e se desvencilhou de mim indo para a porta.

— Vejo você mais tarde. — sussurrou por cima do ombro. Então, eu dei um soco no ar e um sorriso enorme tomou meu rosto. O tiro do bastardo saiu pela culatra. Leon 1 x babaca 0. Estou definitivamente de volta ao jogo. E voltei para ganhar! Ele que me aguarde.

Dois dias depois Júlia me avisou que Marcelo partiria no dia seguinte, pois havia recebido uma proposta irrecusável de uma grife de jeans masculino. Um contrato milionário no Brasil. Bem, parece que o dinheiro falou mais alto que o amor que dizia sentir mais uma vez não é? Coincidência? Não. Eu sei, eu sei, sou um bastardo arrogante, mas eu posso. Eu o quero bem longe da minha mulher, então sim, consegui esse contrato. Entrei em contato com a famosa grife brasileira e vou pagar o contrato dele. O dinheiro é nada para mim. Eu daria e faria qualquer coisa para ter minha Júlia só para mim de novo. Atualizando o placar: Leon 2 x Marcelo 0. Fim de jogo babaca!

Dois dias depois da partida de Marcelo, foi a vez de Laura ir embora. Eu odeio dizer isso, pois ela é mãe de Júlia e a ama de verdade, apesar de ser um tanto ausente, mas respirei aliviado quando a deixamos no aeroporto. Ela parecia menos azeda comigo. Deu-me um sorriso enigmático ao apertar minha mão. O que a vadia estava tramando? Ok. Vadia é uma palavra muito forte para minha linda sogra. Acho que é melhor continuar com *megera*. Depois que voltamos ao palácio pensei com mais calma e uma suspeita tomou conta de mim. A vad... Quer dizer, megera planejou a visita do babaca só para me ver contorcer com medo de perder Júlia. Deve ter se divertido muito. Se for isso, minha sogra é uma mulher inteligente, tenho que reconhecer. Mas por via das dúvidas é melhor manter o bastardo sempre bem longe da minha mulher.

No dia seguinte quando entrei no quarto de Júlia ela já estava acordada e brincando com Damien na cama. Minha família. Minha! Sorri mais feliz do que estive em séculos e me aproximei dos meus dois preciosos *tesoros*.

Júlia

— Bom dia, *perla*. — Leon sussurrou beijando meus lábios levemente.

— Bom dia, Leon. — disse baixinho muito afetada como sempre ficava apenas pela sua presença. Meu corpo ficava enlouquecido cada vez que os olhos escuros pousavam em mim.

— Ei, garotão? O que acha de tomarmos café *con sua madre*? [38] — falou baixinho perto da minha orelha. Deus! Aquilo era tortura. — depois fazer um piquenique só nós três? O que me diz, *piccolo mio*? Você gostou da ideia? *Si*, convença-a a vir com a gente. — Damien se desmanchou em risos para o pai e ele sussurrou suave. — diga a ela como estamos morrendo de saudades, loucos para tê-la só para nós todo o dia. — Leon desviou os olhos negros para mim e eu tremi por dentro.

— Então, o que nos diz? — abriu um meio sorriso sexy. — tirei o dia de folga para ficar com minha linda mulher e meu filho. Poderíamos passear de iate. O médico recomendou você tomar um pouco de sol todos os dias. — piscou safado para mim. — você pode fazer topless.

Meu rosto queimou e ele gargalhou.

— Eu não posso dizer não a isso. Parece maravilhoso: um piquenique e um passeio de iate. — sorri meneando a cabeça. — mas não vou fazer topless.

— Assim você tira toda a diversão do passeio, *tesoro*. — acariciou-me a face. Os olhos ficando intensos.

— É tudo tão confuso ainda. — murmurei. — você me prometeu um tempo, lembra-se? Você é... Você é intenso demais...

— Vai dar tudo certo, *amore mio*. Eu vou estar aqui com você a cada passo. — garantiu com olhos brilhantes e me beijou de novo nos lábios, dessa vez eu abri os meus. Foi um beijo doce de início. Mas aos poucos nossas respirações foram ficando ofegantes, suas mãos foram para meus cabelos da nuca e sua boca passou a devorar a minha. Ele gemeu e de repente se afastou levantando da cama. — cristo! Eu não posso ficar perto de você assim e não desejar fazer amor loucamente até cairmos exaustos.

Eu sorri mais relaxada.

— Por que tenho a impressão de que é exatamente assim entre nós? — levantei uma sobrancelha para ele.

— Porque é, *delizia mia*. — ele sussurrou as últimas palavras e eu senti minha calcinha molhar. — não há tabu na nossa cama. Você é a minha fantasia: linda, aventureira como eu e muito, muito gostosa... — seus olhos queimaram prendendo os meus não me deixando nem piscar. — Você é minha. Completamente minha.

Putá merda! Ele com certeza sabe usar as palavras. Caramba! Eu preciso de um copo d'água... E de uma nova calcinha...

— Eu acredito. — sussurrei.

— Quando você estiver pronta *tesoro*. Quando você estiver pronta para mim... — sussurrou numa promessa. Seus olhos inflamados. Então, bateram na porta. — Nosso café chegou. — tirou Damien dos meus braços. — vamos esperar a mamãe na sacada. — e saiu tranquilamente conversando com o bebê como se não tivesse me deixado querendo arrancar suas roupas.

Fiquei na cama totalmente muda. Ele era uma força da natureza. Pelo fogo nos seus olhos, eu sentia que não demoraria e estar na cama dele. Lembrei-me de que me disse que poucas horas depois de nos conhecermos dei-lhe minha virgindade. Eu não teria a menor chance contra ele agora que nossos corpos pareciam enlouquecer quando estávamos perto um do outro.

Leon foi acomodar Damien no berço improvisado no quarto principal do iate. Nosso pequeno curtiu tanto nosso passeio, mas se cansou finalmente. Eu estava no convés, debruçada sobre a grade olhando a imensidão do mar azul escuro à nossa frente. Recordei quando chegamos ao cais mais cedo e vi meu nome em letras azuis e bem grandes na embarcação. Fiquei muda e encantada. Meus olhos procuraram os de Leon que estavam em mim, intensos e brilhantes. Eu puxei sua cabeça para mim e o beijei, enquanto Damien se agitava no seu outro braço. Eu realmente apreciei isso. Ele me disse que tinha colocado o nome recentemente. Acho que depois do acidente. Ele me trata como se eu fosse de porcelana e fosse quebrar a qualquer momento. Não o sinto totalmente relaxado em torno de mim. É como se quisesse me compensar por algo... Não sei, mas às vezes sinto isso. De repente senti seus braços me enlaçarem por trás e eu suspirei pendendo minha cabeça em seu ombro.

— Eu te amo. — sussurrou em meu ouvido e beijou a linha do meu pescoço ao ombro. — eu te amo tanto, *perla mia*. — Meu corpo estremeceu

com seu toque, seu cheiro, suas palavras.

Virei-me de frente, envolvendo seu pescoço com meus braços. Seus olhos travaram nos meus.

— Obrigada por esse dia lindo. — seus olhos me devoravam. Ele faz isso o tempo todo. Acho que até inconscientemente. Nossos corpos se reconhecem no nível mais básico. — eu entendo agora porque me apaixonei por você. — sussurrei e o beijei com tudo que tinha. Beijamo-nos como adolescentes descobrindo o corpo um do outro. Foi um passeio perfeito. Não fizemos sexo. Ele respeitou meus limites o tempo todo e isso me fez cada vez mais encantada por ele, pela forma carinhosa e delicada de me tratar. Eu sinto que sou dele. Ele me reivindica apenas me olhando, mas ainda estou assustada pelo fato de não me lembrar de nada da nossa vida antes.

Leon

Depois daquele dia maravilhoso que passamos em família. Eu a cortejei como a princesa que ela é. Estou namorando minha mulher adequadamente, esperando, ansiando pelo momento em que ela será completamente minha de novo. Há duas semanas a levo em encontros românticos na ilha e fora da ilha. Na semana passada jantamos em Paris e voltamos logo depois. Há dois dias fomos a um desfile em Milão onde Kênia, sua melhor amiga desfilou. Levamos Damien e a babá e só voltamos na tarde de ontem. A surpresa estampada nos lindos olhos dela e o beijo que ganhei quando sua amiga subiu na passarela e percebeu que havia planejado tudo, são impagáveis. Seus olhos com aquela expressão de adoração é o que me dá forças para esperar por ela. Todas as noites depois que a deixo em seu quarto sempre ligo. Eu sei, parece patético. Seria com qualquer outra, mas ela é a minha mulher. A única que amo mais que tudo.

— Oi, linda. — murmurei deitando na minha enorme e fria cama. Havíamos acabado de nos despedir na porta do seu quarto após chegar da ópera, mas eu queria, precisava ouvir sua voz para conseguir dormir. *Dio!* Tô tão desesperado por ela.

— Oi, Leon. — sua voz soou rouca e ofegante. Eu não precisava vê-la para saber que estava lindamente corada.

— O que quer fazer amanhã *tesoro*?

— Qualquer coisa que você quiser.

— Qualquer coisa, *delizia mia*? — sorri baixinho. — eu tenho muitas ideias, *amore mio*. Mas, acho que você ainda não está pronta ouvi-las, minha linda.

— Leon... Eu... — sua voz soou ansiosa agora.

— Shhhh. Eu não estou reclamando, *perla mia*. Para mim basta estar com você. Eu quero você de qualquer forma que eu puder ter.

— Eu realmente aprecio isso, *caro mio*. — sua voz com um suave sotaque encheu meus ouvidos e meu pau ficou como uma rocha. O maldito bastardo parecia ter vida própria!

— Eu amo seu sotaque. Diga que sou seu querido de novo, bebê. — pedi com a voz grossa de desejo. Ela repetiu e eu massageei meu pau. *Dio!* Eu preciso tanto gozar. Mas havia prometido a mim mesmo que só gozaria profundamente enterrado nela. Larguei meu membro indisciplinado com resignação. — vá dormir, *bella mia*. Eu vou sonhar com você.

— Eu também vou sonhar com você, Leon. — afirmou baixinho.

— Eu vou fazer tudo com você no meu sonho... — provoqueei.

— Eu também. Boa noite. Nos vemos amanhã. — disse já com saudade em sua voz. Foda-se! Eu a quero agora, porra! Ela é minha mulher! Eu estou morrendo aqui!

— Boa noite, *principessa mia*. — praticamente gemi e desliguei. — *Dio!* Mais uma noite regada a banho frio. — rosnei e me levantei indo até o bar servindo-me de uma dose de uísque. Sempre dormi sozinho, mas a cada noite sem ela sentia-me miseravelmente rejeitado. Era assim que Júlia se sentia quando a mandava para seu quarto após uma longa sessão de sexo? Provavelmente sim. Andei até a sacada, sentindo a maresia. Será que de alguma forma ela sentiu que foi naquele quarto que ela se instalara quando chegara ao palácio quatro meses atrás? Doía lembrar o quanto havia sido cego e estúpido confiando em todos os indícios que os agentes do palácio haviam me mostrado sobre Júlia e meu irmão. Só quando me vi diante do risco eminente de perdê-la é que me permiti reconhecer meus sentimentos. Era amor, sempre foi desde o início. O sexo era maravilhoso exatamente por isso.

Júlia era a mulher da minha vida, sei disso agora. Por isso o encontro dos nossos corpos é incrivelmente perfeito.

Eu ordenei uma nova investigação por conta própria e os resultados foram surpreendentes: não havia a menor chance de Júlia ter tido um relacionamento amoroso com meu irmão. Ele era homossexual. Por isso fugiu e se afastou de todos, da vida na realeza sempre tão exposta aos holofotes. Foi um choque para mim. A investigação chegou finalmente à pessoa que destruiu Damien. Era um modelo brasileiro em ascensão. Emir está cuidando de tudo. É aprendi a lição: não fazer justiça com as próprias mãos. Mas esse maldito pagaria por ter iludido meu irmão levando-o a tirar sua própria vida. Como pude não perceber isso? Não conhecia meu próprio irmão, era essa a dura verdade. Mas havia outra verdade ainda mais cruel: havia seduzido e humilhado uma mulher inocente. Uma garota, Júlia era ainda uma garota linda e ingênua quando a conheci. Ela era virgem! *Dio!* Minha linda menina era virgem e eu não a tratei com o carinho e respeito que merecia. Foda! Culpa dói pra caralho! Fiquei insano quando descobri a verdadeira história e demiti sumariamente todos os envolvidos na primeira e fatídica investigação que me fez quase destruir a única mulher que já amei na minha vida.

Os dias que se seguiram foram um tormento para mim, Júlia mantinha-se acessível, mas algo ainda a impedia de se entregar a mim. Noite após noite eu adormeço sob o efeito das lembranças. Lembranças são tudo o que eu tenho agora. Meu aniversário será dentro de uma semana, o rei sugeriu aproveitar a data para comemorar o restabelecimento da princesa. Era uma ideia excelente, aprovei de imediato.

— Leon, há algum problema? — meu tio quis saber com ar preocupado.

Encarei sua figura frágil. Meu tio andava mais cansado que o normal nos últimos dias.

— Não, tio. Problema nenhum. Faremos as duas comemorações. Será um presente para Júlia.

— Algum progresso? Ela já se recordou de algo? — o rei indagou esperançoso.

— Infelizmente não. — levantei-me e reverenciei respeitosamente meu tio. — preciso ir. Prometi levá-la para um passeio pelas redondezas do palácio.

Ele assentiu e dispensou-me com um sorriso paternal. Ele é o melhor pai que eu poderia ter.

Pouco depois encontrei Júlia conversando com Helena num banco embaixo da figueira próxima à fonte luminosa no jardim da ala norte. Elas estavam se dando bem agora. Helena é uma garota especial. Se eu tivesse a escutado antes, minha Júlia não estaria tão perto e ao mesmo tempo tão longe de mim agora. As duas me sorriram quando perceberam minha presença.

— Oi, *tesoro*. — dei um beijo rápido em seus lábios.

— Oi, Leon. — sussurrou com os olhos de esmeralda brilhando.

— Eu vou hum... Lá para dentro. — Helena disse levantando-se. Ela parecia um tanto desconfortável. — bom passeio. Vejo vocês depois.

— Há algo errado com Helena? — perguntei vendo-a se afastar para a escadaria frontal do Palácio.

Júlia a olhou por alguns momentos com uma expressão suave, quase de pena nos olhos.

— Ela ficará bem. Vamos? — ela murmurou e a enlacei pela cintura, seguindo pela estrada estreita de cascalho. Algum tempo depois ela tornou a falar: — Helena tem um namorado? Alguém com quem se relaciona?

— Não que eu saiba. Helena é um pouco tímida com os garotos. — sorri baixinho. — não diga isso a ela.

— Ela é tão jovem e linda. O que acha de convidarmos possíveis pretendentes para ela para sua festa de aniversário? Ela parece uma garota especial, merece ter alguém que possa amá-la.

— Eu já disse que te amo hoje? — parei puxando-a para mim pela cintura, devorando-a com os olhos.

Ela sorriu lindamente.

— Hum... Eu acho que não. — fez um biquinho teatral.

— Eu te amo, *delizia mia*. — gemi em seus lábios, descendo as mãos perigosamente perto de seu traseiro. — e está muito difícil me concentrar em outra coisa com a visão de sua bunda linda apertada nesse jeans. Cristo!

— Leon... Comporte-se! — ela também gemeu, mas enlaçou meu pescoço e me beijou, provocando-me com mordidas suaves. Foda-se! Ela devia trabalhar em alguma agência da inteligência especializada em tortura. Grunhi e cavei minhas mãos em sua bunda devorando sua boca. Pouco depois estávamos os dois ofegantes. Colamos nossas testas tentando recuperar a compostura. Foda! Eu estava oficialmente com o maior caso de bolas azuis da história!

CAPÍTULO ONZE

Júlia

Paramos no topo da escadaria que dava para o amplo salão de baile do palácio, meu braço enlaçado no de Leon. Era assim que a Cinderela devia ter se sentido... Divaguei relanceando meus olhos pelo requintado ambiente lotado de convidados, em sua maioria membros da realeza europeia.

— Suas altezas reais: O príncipe Leon Vincenzo Di Castellani e Sua esposa a princesa Júlia Di Castellani! — Anunciou o cerimonialista e todos se voltaram para nós no topo da escada. Um flash de imagem espocou em minha mente e eu soube que já estive ali exatamente daquela forma. Fez-se silêncio imediato enquanto descíamos os degraus, depois aos poucos os murmúrios foram enchendo o salão. *A princesa está lindíssima! Nem parece que quase morreu. Dizem que está com um caso grave de amnésia. Não reconhece ninguém. Deve ser péssimo. Céus! Como ela pode esquecer um homem lindo como o príncipe?* Ouvi os sussurros quando avançamos pelo salão. Enrijeci. Leon percebeu e segurou mais firme minha mão enquanto me conduzia pelo salão lotado. Ele estava de tirar o fôlego, olhei-o mais uma vez. Quando chegou ao quarto para me buscar mais cedo, fiquei boquiaberta ao vê-lo em seu smoking preto. Cabelos penteados como um samurai. Eu adoro quando ele os prende assim. Ele com certeza deve saber disso. Meu marido é um belo exemplar masculino, sorri orgulhosa enquanto percebia os olhares femininos que se direcionavam à ele.

Leon parecia radiante ao meu lado. Eu usava um longo negro com alças finíssimas e um decote generoso nas costas. Minha franja estava maior e caía solta sob uma tiara de brilhantes que pertenceu à sua mãe, a princesa Antonela. Ele me presenteou com todas as suas joias e ainda encomendou outras novas para mim, mas seu rosto se iluminava quando me via usando algo que foi de sua mãe. Eu gosto de agradá-lo. Seus olhos me devoraram quando abri a porta do quarto e ele ficou lá parado, me observando como se quisesse me ter para o jantar.

— Vejo que sua jovem e linda esposa já está totalmente restabelecida. —

disse um duque holandês chegando até nós. Seus olhos azuis me fixaram por um tempo maior do que o considerado educado. Leon percebeu e ficou tenso.

— Sim, minha linda esposa já está recuperada Sergei. — Leon afirmou apertando a mão do belo loiro à nossa frente. — que bom que tenha vindo. — disse tentando ser simpático enquanto o duque continuava a me encarar. Ele era muito abusado!

— Não poderia deixar de cumprimentar você pelo aniversário. — disse sem desviar os olhos de mim, pegando minha mão, beijando-a com galanteio. — e tampouco cumprimentar a princesa pelo seu restabelecimento.

Sujeitinho abusado! Leon fulminou-o com os olhos. Pediu licença com a desculpa de cumprimentar outros e me tirou de perto do duque. Seu braço foi para minha cintura numa clara demarcação de sua posse. Eu dei pulinhos intimamente.

— Não gostei dele. — sussurrei em seu ouvido.

— É um esnobe galanteador. Tem fama de meter-se com as mulheres alheias. — Leon confidenciou baixinho. — mas numa coisa ele tem razão. — disse virando-me para ele acariciando minhas costas nuas e beijou meu ombro. — minha mulher é linda. — completou roçando seus lábios nos meus. Os olhos escuros me prometendo todo tipo de sacanagem. Ele tem um apelo sexual bruto, cru, enlouquecedor. Cada célula do meu corpo canta quando ele está por perto. É algo visceral. Sua boca sensual se curvou num sorriso lento. Ele sabe que estou cada vez mais perto de sucumbir...

— Leon! Finalmente os encontrei. — Helena postou-se ao nosso lado.

Ela estava deslumbrante em um longo vermelho. Os cabelos negros presos numa trança elegante. Uma pequena tiara de brilhantes adornava o penteado. Helena era belíssima. Era muito atenciosa comigo e Damien. Sou grata a ela pelo que fez por meus dois homens enquanto estava no hospital, mas não demorei a descobrir o que me incomodou no momento em que Leon me apresentou à ela. Helena era apaixonada pelo meu marido. Parecia uma boa garota e já deu provas de que não agiria sobre seus sentimentos, mas ainda assim era incômodo ver o encantamento e adoração nos olhos dela cada vez que o olhava. Leon não percebia. Ele a amava como uma irmã, isso me tranquilizava de certa forma.

— Helena. — Leon a beijou no rosto. — está linda! O pobre conde Vladimir não consegue tirar os olhos de você do outro lado do salão. Deve ao menos conceder-lhe uma dança.

Helena olhou na direção que Leon indicou e fez uma cara de desprezo.

— Não vejo porque dar mais esperanças a ele. — ela encarou Leon novamente e sua expressão se suavizou. — mas não recusaria uma dança com o aniversariante da noite.

Tentei com todas as forças não sentir ciúmes. Ela era uma boa garota, não era uma ameaça em potencial. Eu não sinto isso da parte dela. Nós mulheres já nascemos equipadas com um radar para esse tipo de coisa.

— Mais tarde, *carissima*. — Leon prometeu beijando-a novamente no rosto. — a primeira dança está reservada para Júlia. — completou conduzindo-me para o meio do salão, que reparei ainda estava vazio. — nós iniciamos o baile, *delizia mia*. — disse baixinho e riu da minha expressão chocada.

Eu quase senti pena de Helena ao ver a expressão de tristeza que surgiu nos olhos cor de âmbar. Mas não tive tempo para pensar nisso. Meu marido me envolveu pela cintura e me olhando nos olhos iniciou a dança. Ele era um exímio dançarino, constatei não conseguindo desviar meus olhos dos dele. Rodopiamos pelo salão por um tempo que não calculei, pois havia me perdido na promessa sensual da boca, dos olhos famintos de Leon.

Num movimento elegante ele me fez girar várias vezes e me trouxe de volta de costas contra seu peito. Sorri e apoiei a cabeça no seu ombro. Pareceu-me algo familiar, muito familiar. Havíamos feito isso antes, eu soube. Leon desceu as mãos pelos meus ombros e braços. Eu estremeci e ele riu baixo em minha orelha. Segurou firme minha cintura e me girou de frente colando nossos corpos movendo-nos agora mais lentamente. Nossos olhares se encontraram, as bocas quase se tocando, as respirações alteradas. Um sorriso perverso e enigmático subiu os cantos da sua boca. Eu sorri também. Ele era tão presunçoso e... Lindo!

— Dance com Helena agora. — eu disse ofegante quando a música terminou e ele me levou por entre os casais que agora tomavam a pista. — ficarei com seu tio nesse meio tempo. — Leon me levou até a mesa do rei e

me deixou entretenendo-o. Todos na mesa tinham posturas excessivamente rígidas, tentando agradá-lo com conversas e piadas sem graça. Aquilo cansava, conclui voltando-me para o tio de Leon que já dava sinais de cansaço. Ele parecia nutrir um carinho sincero por mim, notei. Devia ter sido um homem muito bonito quando mais jovem, conjecturei. Os traços do rosto lembravam os de Leon.

— Espero que esteja gostando da festa Júlia. Eu e Leon pensamos em você. O povo precisa saber que sua futura rainha está recuperada. — o rei disse com olhos amáveis.

Putá merda! Eu ainda não havia pensado nisso. Eu seria a futura rainha. Uau! Não sabia se gostava da ideia. O protocolo real me deixava em pânico.

— Sou muito grata por ter pensado em mim, majestade. — disse sendo sincera. — a festa está linda! Está tudo perfeito. — desviei os olhos para a pista de dança. Leon estava dançando alegremente com Helena. Conversamos ainda por algum tempo e o rei pediu mil desculpas, mas precisava se recolher e eu fiquei na mesa cercada por pessoas que eu não conhecia, pelo menos não me lembrava de que conhecia. Pedi licença também me dirigindo à ampla sacada para tomar um pouco de ar. Mal me encostei à balaustrada de concreto quando ouvi uma voz feminina um pouco estridente:

— Eu estava mesmo procurando por você.

Virei-me e me deparei com uma ruiva exuberante usando um vestido longo com uma abertura lateral que devia ser proibida em público. Seus olhos azuis eram hostis me avaliando de cima a baixo.

— Desculpe, eu conheço você? — perguntei confusa e apreensiva. Aquele *radar* feminino entrou em ação imediatamente.

— Ah! *Si*, conhece. — deu um riso cínico e acrescentou: — mas o príncipe me conhece muito melhor, se é que me entende. — eu gelei. O que aquela mulher estava falando? Ela e Leon? Não podia ser. Ele nunca me deu motivos para ter ciúmes nenhuma vez sequer. Quando saíamos sua atenção era toda minha. Essa mulher estava mentindo. Tinha que estar.

— Você está mentindo. — tentei soar convincente.

Ela riu amplamente agora. Era muito bonita, mas de um jeito vulgar.

— Você realmente esqueceu não é? Bom para você, *cara*. Por que não terá que saber que sou...

— Francesca. — Helena pronunciou o nome da outra com desprezo e se pôs do meu lado. — algum problema?

— Não, nenhum. Eu estava apenas cumprimentando a *princesa* pelo seu restabelecimento e... — sorriu odiosamente. — colocando-a par de algumas coisas que ela parece ter convenientemente esquecido. Afinal nenhuma mulher gosta de lembrar que foi...

— Cale sua boca garota! — a voz de Helena cortou-a fazendo-a recuar uns passos.

— Oh! A sempre tão composta e ativa Helena perdendo a compostura. — sorriu de novo. — já valeu ter vindo hoje. Sempre defendendo os interesses de Leon... Você não se cansa de...

— Cale-se, *maledetta*! [\[39\]](#) Já disse. — Helena a cortou de novo, sua voz era tensa agora.

A outra ampliou o riso odioso. Queria humilhar Helena revelando seus sentimentos.

— Até mais, senhoras. — murmurou e saiu, seus quadris movimentando-se além do limite da elegância.

— Quem é ela? — virei-me para Helena que já estava composta de novo. Impressionante. Ela parecia uma princesa de verdade, não eu.

— Não é ninguém. Qualquer coisa que tenha falado é mentira. Fantasia da cabeça doente de uma garota vadia e fútil.

— Insinuou que ela e Leon...

— Leon pode falar sobre isso melhor do eu. Pergunte a ele, mas não deixe que a vadiazinha se intrometa na sua relação com seu marido.

— Isso é tão confuso, não me lembrar de nada. — suspirei incomodada com as insinuações maldosas da garota. Então sorri. — *Vadia*? Acho que esse é o primeiro palavrão que ouvi da sua boca.

Ela gargalhou de verdade. Isso também era raro em Helena.

— Acredite, ela merece cada letra da palavra vadia. — então, ficou séria de novo. — Leon ama você. O mundo todo sabe disso. Está em toda a mídia a história de vocês. Isso incomoda muita gente. Não deixe aquela garota colocar o amor dele por você em dúvida. Não dê esse poder a ela. — suspirou e acrescentou: — Conheço Leon a minha vida inteira. Sua vida sempre foi cheia de mulheres desde a adolescência. Ele as usava e as descartava. Jamais o vi olhando para nenhuma delas como olha para você. Vem, vamos voltar lá para dentro.

Enlaçamos nossos braços e voltamos para o salão. Acho que podemos ser muito amigas um dia. É fácil gostar de Helena. Meus olhos procuraram por Leon e o localizei conversando com um senhor elegante minutos depois. Avancei pelo salão admirando seu porte alto, viril como nenhum outro aqui. Ele me ama. Ama-me e já esperou tempo demais. Um sorriso se formou em meus lábios. Quando estava quase o alcançando um vulto atravessou minha frente em direção à ele. Meu sangue ferveu. Era a vadia da sacada. Ela o abraçou, mas ele esquivou-se mantendo uma distância considerável dela. Gostei disso. Cheguei até eles finalmente e o abracei, seu braço veio imediatamente para minha cintura. O sorriso em seu rosto quando nossos olhares se encontraram tirou meu fôlego.

— Senti sua falta. — sussurrei em seu ouvido.

— E eu a sua, bebê. — sua voz me acariciou e eu desviei o olhar para a vadia. Seus olhos me atiravam punhais. Sorri e apoiei minha cabeça no peito de Leon sendo invadida pelo seu cheiro maravilhoso. É isso aí, querida. Ele é meu!

Leon me apresentou o senhor como Conde Rugiere. A vaca era sua filha mais nova. Helena iniciava uma dança com o sorridente conde Valdimir quando olhei para o salão. Ele era claramente encantado por ela. Mas não formavam um casal harmonioso. Helena ainda encontraria um bom homem que a amasse como merecia. Eu torcia sinceramente para isso.

Leon

— Vamos subir? — sussurrei na orelha de Júlia.

— Sim. Sinto-me cansada. — ela assentiu apoiando a cabeça no meu ombro.

— Está tudo bem? — levantei seu queixo a encarando. *Dio!* Eu a queria tão desesperadamente. Mas nunca mais colocaria meus desejos antes dos dela. Esperaria até que estivesse pronta. Cristo! Eu estava morrendo por ela!

— Sim. Não se preocupe. — assentiu encarando-me de volta. Seus olhos de esmeralda me devorando. Ela não ideia do que isso faz para mim... — é apenas cansaço normal. — Sussurrou. Abracei-a delicadamente e a conduzi por entre os convidados dessa vez para o elevador privativo que dava direto na ala dos nossos aposentos. Paramos em frente à sua porta e nos olhamos por alguns instantes. A tensão sexual esticada ao limite.

— Boa noite, *perla mia*. — consegui dizer enfim, obrigando-me a me afastar dela. Não seria mais egoísta com ela. Despi-me rapidamente ao entrar no meu quarto e dirigi-me ao banheiro. Deixei que o jato de água fria caísse sobre meus ombros fechando os olhos. Não sei exatamente quanto tempo fiquei assim. Não, isso não está funcionando... Ela ainda continua em meus pensamentos. Nua... Perfeita... *Dio!* Ficarei louco se não a tiver logo. Desliguei o chuveiro e enrolei o quadril numa toalha branca, quando retornei ao quarto o que vi me paralisou completamente. Ali, no meio do meu quarto, usando uma curtíssima camisola preta transparente mostrando todo o corpo perfeito estava o objeto do meu desejo: Júlia. Segurava duas taças de champanhe. A vi caminhar lentamente com aquele andar de modelo em minha direção oferecendo-me uma. Eu estava mudo, minha boca aberta como um estúpido adolescente. Nossos dedos se tocaram enquanto recebi a taça e senti o leve tremor da sua mão.

— Júlia... O que significa isso? — quis saber tomando um grande gole da bebida, meus olhos famintos passeando pelo corpo delicioso. Nada me agradaria mais do que deitá-la ali mesmo no tapete macio e enterrar meu pau dolorido na sua bocetinha apertada.

— Só quero parabenizar meu marido de forma mais... Adequada. — os olhos dela brilharam. Tomou todo o conteúdo da taça colocando-a na mesinha de centro e voltou a encarar-me. Ela sorriu os olhos adquirindo uma expressão sensual. Virou-me as costas e começou a descer as alças finas da camisola bem devagar, olhando-me por cima do ombro. Foda-se! Meu pau vai explodir!

— Porra! — grunhi sentindo-me ainda mais rijo por baixo da toalha. Joguei

a taça longe, ouvindo-a estilhaçar contra a parede. Quando Júlia desceu lentamente a camisola pelos quadris e tive a visão enlouquecedora daquela bundinha deliciosa e nua, voei até ela, arrancando a minha toalha com um só puxão. Agarrei-a por trás provocando um gritinho de surpresa quando ela sentiu minha ereção potente contra seu traseiro. Segurei-a pela cintura com força, me esfregando, cavando meu pau em sua bunda. Minhas mãos subiram gananciosas para seus peitos. Oh, *Dio!* Gemi alto. Como eram perfeitos... Tão macios... Tão quentes... Tão fartos... Enchi minhas mãos massageando os mamilos túrgidos, ouvindo-a gemer, derretendo-se em meus braços. Como sempre foi. Ela sempre se entrega a mim sem reservas. É vibrante, apaixonante, linda!

— Tão gostosa... Tão malditamente gostosa... — rosnei beijando seu pescoço e nuca, mordi com força, lambendo em seguida acalmado. Ela convulsionou e pendeu a cabeça no meu ombro, envolvendo meu pescoço com os braços, deixando-me ter acesso total a seu corpo. — Tem ideia de tudo que *quero* fazer com você, *delizia mia*? De tudo que *vou* fazer com você? — sussurrei, lambendo sua orelha e puxei seu queixo mergulhando em sua boca com uma urgência louca, enquanto enchia a mão na sua bocetinha quente e pulsante. Senti tanta falta disso. Não consegui conter um grito agoniado. Eu precisava entrar nela. Comer sua boceta gostosa... Montá-la duro, forte. Massageei seu brotinho sentindo suas pernas amolecerem. Deslizei um dedo em sua vulva melada e apertada e rosnei de prazer.

— Leon... Oh! Deus! — ela gritou em minha boca abrindo mais as pernas para meu acesso.

— Isso é o que o somos, bebê. — meti dois dedos bem fundo massageando seu ponto sensível lá dentro. — vou comer essa bocetinha gostosa toda a noite. Tá me ouvindo? Não vou sair de cima de você. É isso que você quer? — Minha outra mão se fechou no pescoço macio, mantendo-a imobilizada para mim. — ter meu pau fodendo você a noite inteira? Diga! — girei os dedos dentro dela, massageando duramente seu clitóris.

— Ahhhh! Leon... Eu acho... Eu vou... — balbuciou tremendo em meus braços.

— Goze! Goze, minha putinha gostosa! — rosnei tomando sua boca de

novo e ela gemeu convulsionando no primeiro orgasmo. Ela teria muitos, esta noite. Seu corpo delicioso ficou mole em meus braços. Respirei ruidosamente tentando recuperar algum controle. *Dio!* Era a sua primeira vez depois do acidente. Um grave acidente. Eu sou um bastardo! — eu juro que vou tentar ir mais devagar, *delizia mia*. Eu só... Cristo! Ter você aqui esta noite. De volta para mim. — a virei de frente e ergui seu queixo olhando-a nos olhos lindos saciados e ainda excitados. — é o melhor presente que poderia ganhar e eu surtei, bebê. Desculpe-me...

— Shhhhh. — ela me silenciou com o indicador. — não quero que vá devagar. Eu não vou quebrar, Leon. Eu quero tudo. Quero ser sua. Eu *sou* sua. Tome-me. — suas mãos passearam pelo meu peito e eu assobieei com o prazer de seu toque. Uma expressão safada cruzou seus olhos e ela caiu de joelhos na minha frente. Foda-se! Ela vai me matar! Sua mão desceu e segurou meu pau. Oh! Merda! Eu vou gozar antes de entrar nela. Ela me masturbou sem pressa, então cheirou todo o meu comprimento. Foda! Eu amo o jeito que ela faz isso. Uma fêmea cheirando seu macho. Deve ter agido por instinto, porque ela sempre fazia isso antes de me tomar na boc...

— Ahhhhhhhhhh! Júlia... — uivei quando sua boca tomou o máximo do meu pau sem aviso. — devagar ou vou gozar, bebê. Eu quero fazer isso comendo sua boceta, esticando você até o limite... Ohhhh! — gritei com sua sugada forte e saí de sua boca com um *plop*. — porra! Que boquinha gulosa. Você vai pagar por me provocar assim. — a puxei para cima cavei minhas mãos em sua bunda e a levantei, a encaixando direto em meu pau. Suas pernas me abraçaram e ela esfregou sua vulva encharcada por toda a extensão. Rosnei dando um tapa forte em seu traseiro. Seus olhos se alargaram lindamente excitados. — putinha atrevida... Você quer tudo? Vou te amarrar, vendar e foder todos os seus buraquinhos apertados tão duro, que não vai consegui andar amanhã. — ela gemeu e capturei sua boca enquanto a carregava para a cama. Minha língua lambeu a dela num beijo indecente de olhos abertos.

Ela é, sem dúvida, o melhor presente de aniversário que já ganhei em toda a minha vida. Depositei-a na minha cama. Nossa cama, o lugar dela dessa noite em diante. Fiquei olhando-a, admirando-a completamente extasiado. — Tão linda... Tão perfeita. — sussurrei avançando sobre seu corpo ela foi

movendo-se para acomodar-se nos travesseiros. Parei sobre ela. Olhos nos olhos, nossas respirações enlouquecidas. Peguei dois lenços de seda preta na gaveta. Seus olhos se alargaram de expectativa e excitação. Ela ama isso tanto quanto eu. Sorri perverso prendendo seus pulsos acima da sua cabeça. — tem ideia do quanto desejei isso toda maldita noite em que deitei aqui sozinho? — ela arquejou quando minha outra mão separou suas coxas grosseiramente. Posicionei-me entre elas e deslizei meu pau babando em sua boceta quente. — meter nessa bocetinha até o cabo era tudo o que eu pensava. — continuei torturando a nós dois deslizando minha cabeça gorda na sua rachinha molhada. — foda-se!

— Oh! Por favor, Leon...

— Por favor, o quê? — continuei a torturá-la. Amarrei a venda em seus olhos. — como se sente agora, *delizia mia*?

— Eu me sinto sua, completamente sua. — gemeu movimentando os quadris para mim. Eu me afastei. — Leon... Quero você... Dentro de mim... — gemeu de novo, linda e totalmente à minha mercê.

— Diga o quanto quer isso, minha putinha. — afundei a cabeça larga do meu pau em sua vulva.

— Oh! Leon... — choramingou quando recuei de novo.

— Diga o quanto quer meu pau dentro dessa bocetinha apertada. — suguei e mordi um mamilo e depois o outro. — diga!

— Deus! Muito! Eu quero muito! — ela gritou levantando os quadris com desespero.

Sorri arrogante. Ela era minha de novo. Completamente minha.

— Prometa que nunca mais se negará a mim, Júlia. — pedi sugando os seios com força. — prometa!

— Prometo! — ela gritou ofegante. — Nunca mais me negarei a você. — completou suplicante. Sorri e me posicionei de novo em sua entrada. Meti duro na sua doce bocetinha.

— Ohhh! Puta merda! — ela assobiou buscando ar. — você é... Muito grande. — gemeu.

— Shhh. Rebole devagar, bebê. — sussurrei em sua orelha, lambendo o ponto que a enlouquece. Ela estremeceu. — *si*, sua bocetinha é minha. Foi feita para o meu pau. Relaxe... Deixe entrar, bebê. Vou entrar todo... — ela relaxou e ronronou e eu meti tudo até as bolas. Gritamos os dois.

— Leon... É tão... Tão gostoso. — balbuciou e levantou o quadril para me encontrar.

— *Si*, gostoso! Gostoso pra caralho! — concordei tirando todo o caminho e metendo tudo de volta, batendo sem dó. — *Dio!* Você tem a porra da bocetinha mais gostosa que já comi. Toma meu pau todo nesse buraquinho apertado. Toma tudo! — gritei comendo sua vulva pequena sem trégua. Enfiei minhas mãos por baixo de sua bunda e a trouxe para mim. Meti profundamente nessa posição. Ela se contorceu toda e arqueou as costas me oferecendo os peitos lindos, gritando meu nome. Ela já ia gozar de novo. Essa é a minha garota!

— É isso o que você quer Júlia? — perguntei abocanhando seus mamilos fodendo-a impiedoso. — essa boceta perfeita mamando gostoso no meu pau?

— Oh, sim... Quero tanto você! — ela gritou extasiada.

Soltei seus pulsos e inverti a posição a encaixando em cima mim.

— Vem putinha, monta meu pau. — ordenei puxando-a grosseiramente. Ela jogou a cabeça para trás descendo sua bocetinha quase pequena demais para mim. Choramingou empalando-se no meu pau devagar. Ela tomou tudo até o cabo, gemendo de boca aberta. — Porraaaa! Você é uma putinha gulosa, não é? — dei uma palmada com força na sua bundinha gostosa. Ela choramingou mais e apoiou suas mãos em meu peito. Ficou parada acostumando-se comigo. — rebole no meu pau, *delizia mia*. — movimentou-se devagar, choramingando. A porra da coisa mais linda que já vi. Fiquei selvagem. — rebole essa boceta no meu pau, porra! — ordenei cavando minhas mãos em suas nádegas e a movimenteí, enquanto tirava e metia tudo de novo até colar nossas pélvis. Levantei-me e arranquei sua venda, ficando cara a cara com ela. Enfiei as mãos em seus cabelos da nuca e puxei sua cabeça para trás beijando, lambendo, mordendo seu pescoço. Ela estremeceu quando mordi forte e lambi em seguida.

— Leon... Ohhhh! Ahhhhhhhhhh! — Gozou forte, sua vulva estrangulando

meu pau. — Que gostoso... — gemeu estremecendo.

— Isso, putinha... Goze. — grunhi lambendo seus peitos. — Essa bocetinha mamando meu pau é a porra da coisa mais gostosa no mundo todo. — estoquei fundo e nos virei ficando por cima de novo e a comi bruta. Ela escancarou as coxas, meu pau entrando fundo. Tomei sua boca num beijo voraz e continuei metendo sem dó até meus dedos dos pés enrolarem e eu gritei montando-a enlouquecido. — porraaaaaaaaa! Vou gozar tão forte! Oh *Dio!* Bebê! Eu te amo! Eu te amo... Ohhhhhh... *delizia mia*. — caí por cima dela escorregando no suor, esporrando em seu buraquinho apertado. Jorrei e jorrei... Cristo! Parecia que nunca ia parar. Seus braços vieram ao redor dos meus ombros. Eu a apertei contra mim mergulhando até perder as forças. Ficamos assim algum tempo. Eu não queria sair de dentro dela nunca mais. Suas mãos passearam preguiçosas pelas minhas costas e ombros. Senti uma sensação que eu nunca havia sentido. Eu havia feito amor de novo com a mulher que amo. A minha mulher. Minha! As lágrimas voltaram. Foda-se! Eu sou mesmo um maldito *maricas!*

— Isso foi... Foi... — sua voz soou repleta de satisfação, encantamento. — ei, o que foi, *caro mio?* — suas mãos puxaram meu rosto do seu pescoço com delicadeza.

— Desculpe, bebê. — disse baixinho assim que a encarei. — é que... *Dio!* Depois de tudo... Do acidente... Eu achei que nunca mais teria você assim. Sou tão patético. — gemi envergonhado.

Ela sorriu, um riso lindo, suave e seus olhos de esmeralda brilharam quando percebeu minhas lágrimas escorrendo.

— Foi maravilhoso. Foi lindo. Foi intenso do jeito que eu sabia que seria. — suas mãos acariciaram meu rosto, seus olhos mais brilhantes. — você não é patético. Você é lindo. Eu te amo. — completou com voz embargada, lágrimas também desceram no seu rosto. Porra! Eu vou chorar de novo!

— Você não tem que dizer isso, *tesoro*. — sorri tentando descontrair. — não tem que dizer porque chorei como uma *mulherzinha*.

— Shhhh. — ela me silenciou. — não, não tenho. Mas eu quero. Eu não me lembro do que sentia antes. Estou falando do que sinto agora. De como me apaixonei por você a cada encontro, a cada passeio, a cada pequeno gesto seu.

— não deixou de me olhar nos olhos e sussurrou de novo. — eu te amo, Leon. Eu. Amo. Você.

— E eu a você, *perla mia*. Te amo tanto. — sussurrei contra seus lábios. Enfiei as mãos em sua nuca e tomei sua boca num beijo apaixonado. Nos beijamos lenta e gostosamente. Era o nosso primeiro beijo de amor. Mordisquei seus lábios, fazendo beijo de esquimó. Ficamos assim nos devorando lentamente por algum tempo até que ela cravou suas unhas nas minhas nádegas me puxando para ela. Meu pau ainda estava duro e todo enterrado nela. Sorrimos nos lábios um do outro, beijando, mordendo, lambendo, chupando. Ficamos cheios de lascívia de novo.

— Quer meu pau de novo, bebê? — Sussurrei tirando e metendo de novo girando o quadril. Ela adora isso.

— Oh! Deus! — estremeceu e me abraçou com as pernas. — você é tão gostoso.

Dei-lhe um sorriso safado e ela corou violentamente. Linda!

— Você cora como uma adolescente. Onde está a deusa sexy que me seduziu há pouco? — cravei meus olhos nela.

— Você sabe como chamá-la de volta. — ela rebolou lentamente no meu pau, nossos olhares trancados.

— Oh, eu a quero de volta. Agora. — gemi. — vou fazê-la implorar para eu parar, *principessa mia*. Não vai sair desta cama pelas próximas 24 horas... — prometi estocando duro em seu canal apertado e cremoso.

— Mostre-me o que sabe, alteza... — provocou-me.

Gargalhei. Oh, eu mostraria. Saí de dentro dela, sorrindo com seus protestos. Virei-a de bruços na cama, torturei-a com beijos e mordidas nas costas e ombros, pernas e na bunda gostosa. Ela estremeceu a cada toque. Puxei-a posicionando de quatro. Enfiei uma mão em seus cabelos da nuca, mordi seu ombro e pescoço com força lambendo depois do jeito que ela gosta.

— Oh! Leon! — gritou estremeecendo.

— Primeira lição, *principessa*: — posicionei a cabeça do meu pau na sua entrada estreita e empurrei forte esticando sua bocetinha até o fundo. Nós dois

gritamos, ofegantes. — esta é a posição preferida do príncipe. Ele fica enlouquecido quando entra na sua *princesa*, assim! — tirei e mergulhei duro de novo. Levei a mão até seu brotinho e o massageei sentindo seus sucos jorrarem mais e mais no meu pau. Afastei um pouco e cuspi no seu cuzinho rosado. Sondei suavemente com um dedo, circulando seu orifício pequeno. — vou foder seu cuzinho agora. — ela ficou tensa. — lembra o que eu disse antes, *delizia mia*? Você é minha completamente. Seu rabinho está acostumado com meu pau. Nós fazemos isso o tempo todo. — sussurrei em sua orelha retirando-me de sua boceta e enfiando dois dedos dentro levando sua lubrificação para o ânus. Meti um dedo bem fundo no seu buraquinho apertado e ela me apertou. Minha mão desceu em sua bunda linda com força. — quietinha! Abra esse rabo gostoso para mim. Empurre para mim. Relaxe minha putinha... Isso, *delizia mia*. — gemi enfiando dois dedos agora, girando-os alargando sua bundinha. Ela rebojava e relaxava obediente.

— Ohh! Leon...

— O que é, bebê? Você quer meu pau no seu cuzinho? — gemi metendo meus dedos mais fundo, e mordi seu ombro. — diga!

— Sim... Eu quero! — gritou empurrando a bunda em mim.

Dei uma palmada dura na outra bochecha gorda de seu traseiro.

— Você é mesmo uma putinha safada, não é? — tirei os dedos e alinhei o meu pau babando em sua entrada pequena. Segurei seus cabelos da nuca puxando-a para mim e entrei até o fundo rasgando seu cuzinho apertado. Minhas bolas bateram em sua boceta melada e eu revirei os olhos com tanto prazer. Ela miou e ficou muda totalmente empalada. Aberta. — respire, bebê. Respire e rebole devagar. É assim só no início. Prometo que vamos gozar tão forte... — sussurrei em seu ouvido, lambendo sua orelha. Ela ronronou e empinou mais sua bundinha para mim. — boa menina... Tão gostosa... Você foi feita para mim, sabia? Perfeita... Toma tudo, bebê. Toma meu pau todo nesse rabinho quente... ahhhhhhh. — levei uma mão para seu clitóris de novo e o belisquei suavemente enquanto a comia mais forte. Tirei tudo deixando só a ponta robusta e meti tudo de volta. Ela gritou insana no limite da dor e do tesão. Ela não se lembra, mas é assim que somos. Animais selvagens na cama.

— Deus! Leon... É tão... Tô tão cheia... É tão gostoso... — miou me encontrando a cada estocada bruta.

— Pooorra! — rosnei, comendo seu buraco com brutalidade. — se você disser isso de novo juro que vou rasgar seu rabo! Vou meter tão forte... Tão forte... Ohhhhhh Júlia! Goze comigo, bebê! Goze! — gritei ensandecido beliscando duro seu clitóris. Ela gritou tão alto... Cristo! Todo o Palácio deve ter ouvido. Aproveitei seu gozo e meti com tudo, meu pau inchando e esporrando jatos e jatos em seu rabinho apertado. Caímos na cama lutando por ar. *Dio!* Ela vai ser a minha morte. Entretanto, havia um enorme sorriso no meu rosto. Eu sou a porra do bastardo mais feliz nesse momento!

CAPÍTULO DOZE

Leon

Acordei perto do meio-dia, sentindo um corpo macio aconchegado ao meu. Não foi um sonho... Júlia está aqui, constatee virando-me para olhar o lindo rosto que ainda dormia tranquilamente. Havíamos dormido quase cinco da manhã, quando finalmente tombamos sem forças. Eu a tive na cama, contra a parede, no banheiro e... Na cama de novo. Só de lembrar já estou duro. Afastei uma mecha de cabelo da testa dela e lhe acariciei os lábios voluptuosos. Ela se mexeu, mas não acordou ainda. Prossegui explorando o corpo delicioso. Acariciei a barriguinha lisa, subindo para os peitos fartos. Ela abriu os olhos sonolentos e sorriu para mim. Meu coração perdeu uma batida. Linda. Tão linda.

— Bom dia, *perla mia*. — sussurrei traçando uma trilha de beijos pelo seu ventre.

— Leon, o que está fazendo? — sua voz rouca do sono me deixou mais duro.

Sorri, enquanto deslizava a mão pelo ventre até chegar à sua boceta. Ela abriu as pernas dando-me acesso total. Encarei-a massageando seu brotinho. Introduzi um dedo na sua vulva quente e úmida. Gemi abafado e continuei comendo seu buraquinho assim, sem pressa. Seu canal ficou completamente encharcado para mim. Posicionei-me entre suas coxas. Levantei-a pelas nádegas e meti meu pau lentamente. Ela me enlaçou pela cintura e me puxou fazendo-me esticá-la toda. Grunhindo pelo meu grande volume.

— Eu amo o seu jeito de me acordar... — arfou com uma expressão safada nos olhos de esmeralda.

— *Deliziosa... Oh! Dio!* — girei o quadril saindo e entrando de novo até o cabo. Abri um sorriso lento e a encarei com um olhar perverso. Beijei-a duro e peguei seus tornozelos apoiando-os nos meus ombros. — *Delizia mia...* — dei uma estocada profunda e gritamos. — Olhe para nós *amore mio...* — gemi girando o quadril lentamente olhando maravilhado para o ponto onde nossos

corpos se uniam. — Sua bocetinha rosada mamando gostoso no meu pau. *Dio!* Tão linda... Tão perfeita... *Amore mio! Mio cuore!*[\[40\]](#) — balbuciei bombeando mais forte, mais profundo. — não me canso de comer essa bocetinha gostosa. — grunhi comendo-a duramente. Ela ficava imobilizada nessa posição, tomando meu pau até as bolas. Toda aberta. Linda! — toma tudo, bebê! Ohhh! Gostosa... — manipulei seu clitóris e a comi impiedoso. Batendo duramente nela, nossos corpos se chocando violentamente. Seus peitos lindos saltando com meus golpes. — goze comigo! Goze, bebê! — gritei cravando meus dedos em seus quadris aumentando o ritmo brutal e gozamos juntos rosnando como dois animais no cio. Seu canal me estrangulando enquanto eu a alagava com meu sêmen.

A semana seguinte foi intensa na cama e fora dela. Eu a levei para jantar e para teatro. Todos os dias deixava uma rosa no seu travesseiro. Eu a quero tanto. Nosso reencontro foi perfeito. Eu vou fazer tudo, absolutamente tudo que for necessário para manter aquele sorriso feliz no rosto dela. Ela disse que me ama. Ama pelo homem que sou agora. Eu vou continuar sendo esse homem porque ela merece. Eu fortaleceria nossa relação a cada dia para quando ela recobrar a memória possa me perdoar por tê-la magoado tanto.

No entanto, aquela relativa paz foi alterada numa tarde quando Júlia entrou no meu escritório, um tanto apreensiva.

— Vem aqui, bebê. — chamei afastando minha cadeira e batendo em minha coxa. Ela veio devagar e sentou-me em meu colo. A beijei suavemente nos lábios. — o que foi, amor? Parece tensa. — peguei seu queixo e levantei para olhá-la nos olhos. *Dio!* Será que se lembrou de algo? Eu vivia constantemente sobressaltado com medo de que lembrasse antes de estarmos fortes o suficiente para conseguir superar minha cretinice do passado.

— Minha mãe, Leon. — sua voz soou preocupada. — ela me ligou há pouco. Ela não quer me preocupar, mas está com princípio de depressão, amor. Eu quero ir ao Brasil vê-la.

O que!? Minha mente voou a mil: Brasil, Rio de Janeiro, Marcelo! Oh! Merda! Eu sabia. Eu sabia que aquela megera aprontaria algo. Só não pensei que descesse tão baixo manipulando as emoções de sua filha dessa forma, fazendo minha Júlia ficar com aquele semblante preocupado. Porra! O que

faço agora? Eu não posso obrigá-la a ficar. *Dio!* E eu não posso acompanhá-la porque tenho uma viagem diplomática dentro de dois dias para o Japão. Meu tio pediu que fosse em seu lugar. Foda! Eu não quero minha mulher sozinha à mercê das tramas de sua mãe louca. Sei que Laura não terá escrúpulos em jogar minha mulher nos braços do maldito Marcelo.

— Bebê, minha viagem para o Japão será dentro de dois dias. Eu pensei que iria comigo. — acariciei sua face. — não pode deixar para visitar sua mãe assim que chegarmos? Irei com você. — disse tentando mascarar meu desapontamento.

— Eu sinto muito, Leon. — seus olhos me fixaram com pesar então eu soube que perdi para a megera manipuladora. — minha mãe só tem a mim. Depressão é uma doença muito perigosa. Ela é muito solitária. Preciso vê-la.

Foda! Não posso dizer à minha linda menina o que penso dessa doença repentina de Laura. Ela quer tirar minha mulher de mim. Por que ela simplesmente não nos deixa em paz para que eu possa me redimir com minha mulher? Eu quis gritar de frustração, mas fui obrigado a concordar.

— Claro, bebê. Vou providenciar para que vá visitar sua mãe.

— Obrigado, amor. — ela me beijou levemente, seus olhos se iluminando. — eu te amo, sabia disso?

Meu peito expandiu. Eu adoro ouvi-la dizer isso. A apertei contra mim não querendo deixá-la ir nunca.

— Eu também te amo, *perla mia*. — puxei seu lábio inferior entre os dentes e a beijei, realmente a beijei. O beijo saiu de controle rapidamente e não demorou muito ela estava com o vestido levantado até sua cintura, sua calcinha afastada, tomando meu pau todo em sua bocetinha perfeita. A fodi com desespero. Não quero, não posso perdê-la. Nossas bocas não pararam de se devorar, minhas mãos cravadas em sua bunda puxando-a para baixo enquanto a encontrava com estocadas furiosas. Ela estremeceu choramingando em seu orgasmo, seu canal me apertando gostoso. Rosnei e meti fundo jorrando dentro dela. Sorrimos ofegantes nos lábios um do outro, ainda beijando, lambendo, chupando. — quando chegar do Japão eu vou buscá-la, bebê. — sussurrei a apertando contra mim. Permaneci enterrado nela ainda por algum tempo. Eu amo estar em seu calor apertado.

Júlia e Damien partiram para o Brasil no dia seguinte no meu jato particular. Meu coração estava apertado desde o momento em que nos despedimos no aeroporto. Mas não ficaríamos longe por muito tempo. Ficarei uma semana no máximo no Japão e depois disso vou trazer minha mulher e meu filho de volta.

Porém, mais uma vez meus planos foram frustrados. Problemas nas vinícolas me levaram à França. Perdi mais duas semanas. Apesar de falar com Júlia o tempo todo. Meu coração só ficaria tranquilo quando a tivesse comigo em Ardócia, a casa dela. Ela disse que Laura já estava melhor. É claro que estava melhor. Aquela megera nunca esteve doente para começar. Queria apenas afastar minha mulher de mim. Uma tarde quando liguei para Júlia foi Laura quem atendeu. Meu sangue ferveu ao ouvir a voz dela. Nada me agradaria mais do que apertar seu pescoço lentamente.

— Leon. Que surpresa. — ela disse com evidente cinismo.

Eu bufei.

— Não era para ser surpresa. Esse telefone é da minha mulher. — minhas palavras saíram secas. — chame-a, por favor.

Ouvi seu sorriso antes de dizer.

— Vou ver se pode atender. Marcelo está visitando-a. — fez uma pausa dramática e acrescentou: — eles estão na piscina. — Oh! Merda! Eu vi vermelho com a menção ao babaca.

— Chame-a agora! — meu tom de voz saiu mais duro do que gostaria. Cristo! Aquela maldita estava brincando com as emoções da minha Júlia.

— Eu acho que não, *alteza*. — disse ríspida. — minha filha está se divertindo com um amigo e não vou interromper só porque você quer. Ligue depois.

— Você não estava morrendo ou algo assim? — eu estava perdendo minha compostura. Maldita mulher!

Ela sorriu de novo. Um som irritante.

— Algo assim... — disse ainda rindo. — Ligue mais tarde. Como já disse, Júlia está ocupada agora. — e a ligação foi interrompida. Eu joguei o celular

na parede. O aparelho se espatifou todo.

Eu passei uma tarde de cão totalmente desconcentrado nos negócios. Emir providenciou outro aparelho de celular para mim com a rapidez e eficiência de sempre e eu voltei a ligar para Júlia à noite quando finalmente me deitei. Ela atendeu no primeiro toque.

— Oi amor. Que saudade. — sua voz sexy e suave encheu meus ouvidos acalmando a fera dentro de mim. — por que não ligou mais cedo? — então a megera não disse mesmo que eu havia ligado. Quero matar essa mulher louca! — tanto trabalho assim que não tem tempo nem para mim?

Eu queria abrir o jogo e dizer que sua mãe não me permitiu falar com ela mais cedo, mas não quero ir por esse caminho. Não quero que minha doce menina fique dividida entre duas pessoas que ela ama. Não farei isso com ela. Então não vou dizer como sua mãe é uma maldita cobra peçonhenta que quer nos ver separados.

— Oi, bebê. Também estou com saudade, amor. — suspirei enfaticamente. — sinto tanto a sua falta, *perla mia*. E realmente tenho enfrentado um fluxo grande de trabalho, mas estarei encerrando aqui dentro de dois dias no máximo. Então vou buscar você, bebê.

— Minha mãe já está bem melhor. Ela ainda não quer eu vá. — sua voz soou tensa. — mas também sinto tanto a sua falta, amor. Eu quero ir para casa.

Um sorriso se abriu no meu rosto. Ela chamou Ardócia de sua casa. Era a primeira vez que pronunciava isso. Uma alegria e uma saudade sem tamanho da minha menina me encheu por completo.

— Eu quero você, bebê. — minha voz soou grossa de tesão. Minha mão foi para meu pau e comecei a massageá-lo lentamente. — Diga que me quer também, amor. Diga.

— Eu quero muito você, Leon. — ela sussurrou ofegante. Estávamos ambos no limite após tanto tempo separados.

— Você está na cama, bebê?

— Estava vestindo a camisola para ir deitar.

Eu gemi ruidosamente na linha projetando a imagem dela cobrindo o corpo perfeito com uma de suas camisolas transparentes.

— Não vista mais, amor. Vá para a cama. — ordenei louco de desejo. — eu quero você agora.

— Como assim, Leon? — sua voz foi ansiosa, excitada e com uma pitada de surpresa.

Eu gargalhei.

— Vamos fazer sexo por telefone, *amore mio*. — sua respiração acelerou.

Júlia

Meu coração disparou freneticamente com a voz baixa e profunda de Leon. Ele estava claramente excitado. Eu nunca fiz sexo por telefone. Quer dizer, não que me lembre. Entrei em pânico. O que eu tenho que fazer?

— Júlia, bebê? Você ainda está aí? — ele perguntou num tom divertido.

Eu sorri baixinho. Minhas bochechas incendiando. Como ele podia ter esse efeito sobre mim apenas falando ao telefone?

— Si-sim, amor. Estou aqui. — afirmei deitando-me nua na cama. Aquilo era tão decadente e... Excitante.

— Ótimo, *delizia mia*. Você está nua para mim? — sua voz foi apenas um ronronar indo direto nos meus seios e vagina. Fechei as pernas me contorcendo para aliviar a excitação.

— Sim, Leon. Estou nua. — revelei com voz tensa de desejo e receio. O que iríamos fazer? Só espero não estragar tudo. Não quero que ele se desaponte comigo. Meu marido é tão viril, sexual...

— Nua para mim. Diga, bebê. — sua voz me acariciou e eu gemi.

— Sim, amor. Nua para você. — admiti baixinho. Sua risada sexy encheu meus ouvidos.

— Muito bom, amor. Agora eu quero que você se toque. — fez uma pausa. — você vai fazer isso para mim, bebê?

Cristo! Eu estou incendiando aqui, Leon! Mas acho que essa é a intenção...

— E-eu vou. — minha voz saiu tímida.

— Eu não ouvi direito. — sua voz foi mais dura agora. — você é minha putinha. Vai fazer o que eu quiser, entendeu?

Puta merda! Minha excitação vai a mil quando ele fala essas coisas... Ele sabe disso.

— Oh! Leon... — grunhi.

— Diga, putinha! — sua voz exigiu ainda mais dura.

— Sim, entendi, Leon... — disse tentando soar mais firme.

Seu sorriso foi arrogante agora. Não havia mais o carinho de antes. O Leon dominante assumiu o controle como sempre fazia durante o sexo.

— Toque seus peitos lindos, *delizia mia*. — eu levei minha outra mão para um seio depois o outro. — coloque o celular no viva-voz. Você vai precisar das duas mãos para me satisfazer, minha putinha safada. — suas palavras sujas fizeram jorrar líquidos na minha vagina. Eu não contive um gemido alto. Seu sorriso safado acariciou meus ouvidos de novo. — puxe seus mamilos. Eles devem estar duros agora. *Dio!* Sua bocetinha já deve estar toda encharcada para mim, bebê... Diz, amor. Diga o quanto sua bocetinha me quer dentro dela agora. — sua voz já estava grossa de desejo.

— Ohhh! Leon, amor... Muito! Muito, amor... — balbuciei ainda tocando meus seios, puxando os mamilos duros.

— Foda-se! Queria tanto estar aí agora, bebê. Quero tanto comer sua bocetinha gostosa. — gemeu alto na linha. — desça suas mãos pela sua barriguinha linda, amor. Imagine que são minhas mãos em você, descendo bem devagar... Até chegar à sua linda e perfeita bocetinha. Eu estou enchendo a mão nela. Segurando bem forte. Meus dedos espalharam seus lábios gordos expondo seu brotinho e sua vulva cremosa para mim. — grunhiu ruidosamente. Ele também estava se tocando percebi só agora. — Porra! Estou em cima de você agora. Abrindo suas pernas. Meu pau está tão duro pra você, bebê. Estou esfregando a ponta em sua vulva melada. Metendo duro até o cabo. Porra! Que putinha gostosa! — fez uma pausa. Eu estava com dois dedos dentro de mim agora, metendo fundo freneticamente imaginando seu pau enorme me comendo duramente do jeito que nós dois gostamos.

— Ohhhh! Leon... — choraminguei.

— O que é minha putinha? Diga o que você quer? — sua voz estava tensa, dura, grossa. — você quer gozar no meu pau?

— Sim, amor... Eu quero tanto... — miei metendo os dedos em minha vulva sem trégua e beliscando meus mamilos com a outra mão.

— Fique de quatro pra mim, putinha! Vou comer sua boceta apertada tão duro... Tão profundo... — sua voz estava ainda mais tensa. Ele estava perto também. — estou metendo meu pau bem forte em você. Minhas mãos cavando em seu quadril, mantendo minha putinha presa para tomar todo o meu pau. Porra! Júlia! Eu vou... Goze comigo! Goze, bebê! Ohhhh! Ahhhhhhhhhhhhh! — ele gozou, seu rosnado animalesco desencadeou um orgasmo intenso em mim. Meus dedos continuaram entrando fundo até a sensação ir diminuindo. Meu corpo todo tremendo de prazer.

— Amor... Isso foi tão gostoso... — choraminguei ainda estremeando.

— Você que é gostosa, bebê. *Deliziosa*. — suspirou ainda ofegante. — sou tão louco por você, amor.

Eu me deitei lânguida na cama. Completamente saciada.

— E eu por você, amor. — sussurrei já meio sonolenta. Seu sorriso sexy e provocante encheu meus ouvidos.

— Eu desgastei muito você, bebê?

— Um pouco... — admiti sorrindo também. Ele é tão presunçoso. — mas eu amo quando você me desgasta.

Ele gemeu alto.

— Bebê você não pode falar assim com essa voz sexy que meu pau vai ficar duro de novo. Foda! Queria tanto estar aí, *perla*. — disse com saudade na voz.

— Eu também. — gemi com saudade também. — vou contar as horas para você chegar, amor. — Ainda conversamos muito, mas nossa conversa girou mais em torno de Damien agora. Leon é um marido e pai muito amoroso. Amo isso nele. Depois que desligamos, adormeci saciada.

— Marcelo está lá na sala aguardando você, filha. — minha mãe me beijou assim que entrou no meu quarto pela manhã. Já estava saindo com Damien.

Eu estava cada vez mais desconfortável pela forma que o Marcelo me tratava. Sou uma mulher casada agora, mas ele me olha de uma forma quase desrespeitosa. Não gosto também da insistência de minha mãe em infiltrá-lo o tempo todo em nossos programas desde quando cheguei. Sei que ela não se dá bem com Leon, mas está passando dos limites tentando forçar uma barra entre Marcelo e eu.

— Mãe, gosto do Marcelo e não quero magoá-lo, mas sou uma mulher casada agora e amo meu marido. — disse fixando meus olhos nos dela.

— Você não se lembra de nada ainda, filha. Como sabe que o ama? — seus olhos castanhos escuros me avaliaram por um momento.

— Eu apenas sinto, mãe. Eu sou dele. Completamente dele. — afirmei sem rodeios. — você precisa parar de dar esperanças ao Marcelo. Não haverá nada mais que amizade entre nós. Repito: amo meu marido.

CAPÍTULO TREZE

Júlia

Não consegui falar com Leon durante todo o dia. Seu celular sempre dava fora de área quando eu ligava. Estava tão frustrada. Onde ele se meteu? Marcelo tomou café conosco em casa. Depois tive uma conversa esclarecedora com ele. Quando me deixou antes do almoço estava mais contido, meio cabisbaixo. Sinto muito, mas não podia deixá-lo ter esperanças comigo. O que tivemos ficou para trás há muito tempo. Leon é meu presente e futuro. Posso não me lembrar de nada a nosso respeito ainda, mas eu sinto em cada célula do meu corpo que sou dele. Simples assim. Eu disse tudo isso ao Marcelo. Não haveria mais falsas expectativas da parte dele. Ele garantiu-me que respeitaria minha vontade e espero sinceramente que seja verdade. De qualquer forma, Leon chegará amanhã para me buscar e Marcelo seguirá sua vida. Torço para que encontre uma boa garota que o ame como merece. Ele não é má pessoa. Só está insistindo em algo que já não existe, pelo menos da minha parte.

— O que houve entre você e Marcelo? Ele pareceu um tanto triste quando saiu. — Minha mãe quis saber entrando no meu quarto no final da tarde, quando trocava um Damien sorridente se contorcendo na cama.

— Eu pedi a ele que não tenha esperanças de algo a mais comigo. Disse que amo meu marido e não farei nada para magoá-lo. — informei sem olhá-la terminando de ajustar a fralda descartável, enquanto meu filho balbuciava alegre.

Ela me analisou séria.

— Você não se lembra de nada, filha. Prometa-me que vai com calma. Não pule de cabeça assim, rapidamente. Leon... Eu não confio nele. — sua voz soou genuinamente preocupada.

— Por que, mãe? Por que não gosta do Leon? — virei-me para ela. Eu estava ficando farta da má vontade dela com o meu marido. — por acaso há alguma coisa que ele fez a você? Fale-me.

— A mim diretamente, nada. Mas...

Ela foi interrompida pela campainha. Eu revirei os olhos, se fosse Marcelo de novo eu perderia de vez a elegância. Saímos as duas pelo corredor até a ampla sala.

— Sr^a Di Castellani? — o entregador quis saber assim que minha mãe abriu a porta. Tinha um enorme buquê de rosas vermelhas nas mãos. Eu e minha mãe ficamos momentaneamente mudas. — Quem é a sr^a Di Castellani? — o rapaz franzino repetiu a pergunta.

— Eu. Sou eu. — afirmei entregando Damien para a babá que parecia estar sempre a postos. Eu não preciso perguntar para saber que são ordens de meu marido. Ele é tão protetor comigo e Damien.

— Assine aqui, por favor, senhora. — eu assinei a folha e devolvi ao rapaz. Peguei o mais lindo buquê que já vi na vida. Enfiei o nariz nas rosas embriagada com o perfume e de felicidade. Meu peito se aqueceu. Meu lindo e amoroso Leon. Havia um bilhete. Peguei-o e o abri rapidamente.

Olá, Delizia mia. Estou tão louco de saudades de você, bebê. Estive fora nos vinhedos o dia todo. Muito trabalho ainda aqui... Desculpe-me, amor, mas vai demorar mais uma semana para finalmente ter você em meus braços. Não fique com raiva de mim, tesoro. Enviei Helena para que faça companhia a você enquanto isso. Ela acabou de chegar aí e está hospedada no Copacabana Palace na suíte presidencial. Vá buscá-la para jantar e mostre um pouco do Rio para ela. Enzo levará você às oito. Divirtam-se!

Eu te amo, perla mia. Amo muito.

Amor,

Leon.

Meu coração se dividiu. Estava com lágrimas nos olhos pelas palavras carinhosas, mas triste porque ainda demoraria uma semana para vê-lo, abraçá-lo, senti-lo dentro de mim...

— O que diz o bilhete? — minha mãe indagou mais séria do que curiosa.

Dei um suspiro frustrado.

— Leon só virá na próxima semana.

— Tá vendo. É disso que estou falando. — sua voz foi tensa agora. — tenha cuidado, filha. Não dê tudo a ele tão facilmente. Os homens tendem a nos pisar se facilitamos para eles.

— Chega mãe! — eu estava à beira de ser grosseira. — Leon é meu marido. Eu o amo e ele me ama. Nós nos amamos, mãe. Aceite isso, por favor, não quero ficar dividida entre você e o homem que amo.

Ela ficou muda por alguns instantes. Então sua expressão suavizou-se.

— Eu te amo, filha. Se estou com um pé atrás é porque não quero vê-la sofrer de novo.

As palavras dela capturaram toda a minha atenção agora.

— Como assim, de novo? — minha voz saiu num sussurro. O que ela sabia que não estava me contando?

— Você e Leon tiveram alguns problemas no passado. Mas não sei do que se trata. Você nunca me disse a respeito. — ela suspirou alto. — pergunte a ele, Júlia. Pergunte a seu marido sobre o passado de vocês. Todo o passado.

Tive um pressentimento estranho com as palavras apreensivas de minha mãe. Será que algo grave havia acontecido entre eu e meu marido? Não, não. Acho que sentiria isso. Mas não sinto nenhuma energia negativa por parte dele. Pelo contrário, só sinto amor, carinho... E outras emoções muito fortes, avassaladoras quando me olha, quando me toma, me consome... Nós nos amamos. Não importa o que houve antes. Eu não quero saber de nada. Só me interessa o que vejo nos seus olhos. Eu sou dele e ele é meu. Só isso me importa.

— Vou perguntar, se isso a deixa mais tranquila, mas nada vai mudar o que sinto por ele, mãe. — disse firme e a fui até a cozinha providenciar um vaso para minhas rosas perfeitas.

Minha mãe me deu uma trégua finalmente e saiu com algumas amigas para jantar. Preparei-me para ir encontrar Helena. Eu gosto dela. Foi muito atencioso da parte de Leon mandá-la para estar comigo. Eu me olhei no espelho pela última vez deixando escapar um sorriso. Talvez não tenha sido só

atenção, mas principalmente ciúmes, pois ele sabia que Marcelo estaria no Rio. No entanto, Leon não tocou no seu nome uma única vez quando nos falamos nessas três semanas. Claro, Enzo e Vitorio meus dois seguranças particulares estavam o tempo todo atentos quando saíamos. Tenho certeza de que meu marido soube de cada passo meu dado no Rio. Mas devo dar lhe pontos por não ter mostrado seu ciúme explicitamente.

Peguei minha bolsa preta e sai pelo corredor indo direto para a cozinha. A babá estava alimentando Damien. Ele se desmanchou em sorrisos esticando os bracinhos para mim. Sorri de volta.

— Oh! Meu lindo príncipezinho. — toquei a pontinha de seu nariz e ele gargalhou mais ainda. — mamãe não pode pegar você agora. Olhe só para você, seu pequeno bagunceiro... Você gosta de bagunçar não é? Seu bagunceiro lindo da mamãe! — ele riu, mas depois fez beicinho quando viu que não o tomaria nos braços. — ei, não, meu amor. Mamãe só vai sair rapidinho. Não vai demorar muito e serei todinha sua de novo, meu bebê. — ele ainda estava claramente chateado, mas Lúcia, sua babá conseguiu contê-lo, chamando sua atenção com os brinquedos usados estrategicamente para essa hora.

Vinte minutos depois estava adentrando o hall do Copacabana Palace. Uau! Aquilo era definitivamente muito sofisticado. Um homem vestido impecavelmente veio nos encontrar solícito.

— Princesa, Júlia. — disse fazendo uma leve reverência. Eu fiquei muda por alguns instantes. Ainda me sentia estranha quando alguém se dirigia a mim dessa forma, ainda mais aqui no Brasil. Era meio surreal. — seja bem-vinda ao nosso hotel, senhora. Vou acompanhá-los até a suíte presidencial. — eu achei aquilo tudo formal demais, mas tudo bem. Assenti e cumprimentei-o. O homem nos guiou por todo o hall, cabeças se virando para nos olhar. Senti-me um inseto sob a lente de um microscópio. Sempre evitei chamar a atenção enquanto saía todos esses dias. Mesmo assim, paparazzi ainda conseguiram fotos minhas e de Damien que eram veiculadas em revistas e programas de tv sensacionalistas. Fui procurada muitas vezes pela imprensa em busca de qualquer palavra minha. Todos estavam me chamando de *Cinderela brasileira*. Isso era muito exagerado. Nunca gostei de estar sob os holofotes, então não concedi nenhuma entrevista. Chegamos finalmente à suíte e o

homem fez mais uma reverência respeitosa.

— Obrigada por nos acompanhar. — eu agradeeci.

— Foi um prazer, madame. — disse e voltou pelo corredor.

— Eu vou aguardá-la lá embaixo, alteza. — Enzo informou fazendo uma leve reverência e seguiu o outro.

Eu virei-me no exato momento em que a porta estava se abrindo e eu parei, meu coração deu um salto gigantesco dentro do peito. Minhas pernas ficaram bambas e um sorriso trêmulo se abriu em meus lábios. Uma excitação louca se espalhando por minha corrente sanguínea. Tudo porque não era Helena quem estava ali... Era meu lindo príncipe. Meu marido me fez uma surpresa. Eu pensei que fosse explodir de felicidade.

— Leon... Amor. — minha voz saiu instável e ofegante. Seus olhos escuros se cravaram em mim, me devorando, famintos. Meus seios intumesceram e minha vagina palpitou loucamente. Então ele abriu aquele riso perverso, arrogante, safado e... Lindo. Minha calcinha ficou instantaneamente empapada. Puta merda!

Leon

Porra! Três longas e malditas semanas longe da minha mulher. Meu coração gaguejou quando abri a porta e finalmente ela estava ali, tão linda e perfeita. Usava um vestido preto com um decote comportado, mas se ajustava às suas curvas com perfeição e acabava há vários centímetros acima dos joelhos. Bebi a visão da minha linda menina sem pressa. Ela corou com minha inspeção faminta e ficou claramente excitada. Sorri, porque sonhei com ela todos os malditos dias em que estivemos longe.

— Oi, bebê. — sussurrei e acrescentei: — surpresa!

Ela pareceu sair finalmente do transe e pulou no meu pescoço. Eu a levantei do chão e a abracei simplesmente. Sentindo seu cheiro delicioso, seu corpo mais delicioso ainda junto a mim. *Dio!* Meu pau esteve duro todo o maldito dia esperando, antecipando esse momento. Ela inspirou meu pescoço profundamente. Eu a apertei mais. Abalado, inebriado, apaixonado. Ela por fim levantou o rosto lindo e corado para mim. Eu fechei a porta com um pontapé. Ainda a tinha suspensa, adorando ter sua pélvis diretamente em meu pau.

— Obrigada por isso. Eu adorei, amor. — sussurrou emocionada.

— Achou mesmo que eu aguentaria ficar mais um dia sequer sem ver você, *delizia mia*? — sussurrei em seus lábios, tentando domar a fera dentro de mim. Minha fome desenfreada por ela. — Sem ter você nua em meus braços...

Os olhos de esmeralda se iluminaram e ela sorriu entre travessa e tímida. Eu amo isso nela. Essa mistura de virgem e sereia sedutora.

— Eu ainda não estou nua. — me provocou chupando meu lábio inferior. Testando meus limites.

— Ah, mas você vai ficar, bebê. Muito mais cedo do que imagina. — sorri baixinho e finalmente beijei a minha mulher. Minha! Eu a coloquei no chão e minhas mãos foram possessivas para seus quadris trazendo-a para mim com desespero. Colei-me nela e saqueei sua boca num beijo faminto. Gememos alto. Levantei uma coxa macia para meu quadril e cavei meu pau dolorido direto em sua vulva. Ela grunhiu e puxou meus cabelos. Sorri em sua boca. Ela sorriu também. Nossas línguas se lambendo, se chupando num beijo lascivo.

— Leon... — ronronou em meus lábios.

— O que é, bebê? — provoqueei me esfregando grosseiramente em sua vulva. — o que você quer, amor?

— Eu quero você... — rosnou, seus olhos escuros de tesão.

Sorri perversamente. Eu adoro provocá-la.

— Eu sou seu, bebê. Todo seu. — murmurei puxando seus cabelos da nuca expondo seu pescoço alvo. Lambi toda a extensão, beijei, mordi, chupei. Suas pernas fraquejaram e eu a levantei nos braços. — estou com tanta fome de você, *delizia mia*. Vou foder você toda a noite. Vou gozar em cada burquinho seu. — ela gemeu e apertou as pernas. Eu gargalhei e tomei sua boca de novo carregando-a pelo quarto. Coloquei-a no chão perto da cama. — ponha as mãos na cama, amor. Vou comer você assim. Preciso bem forte e rápido. Tô no meu limite e não vou durar muito nessa primeira vez...

Ela fez o que eu disse obediente. Acaricieei suas coxas e fui subindo o vestido até expor sua bundinha linda e toda a coluna. Porra! Eu estou

morrendo para estar dentro dela, montá-la bem duro... Comer sua bocetinha perfeita. Levei minhas mãos às laterais da calcinha preta fio dental e a rasguei bruscamente.

— Sua provocadora de pau! — rosnei e minha mão desceu numa palmada dura em sua bunda. Ela deu um misto de grito e gemido, empinando mais seu traseiro lindo. Puxei meu pau em tempo recorde de dentro das calças. Acariciei-me enquanto metia dois dedos em sua vulva encharcada. — *Dio!* Eu amo isso. Minha putinha gostosa sempre pronta para levar meu pau. — grunhi e me alinhei em sua entrada escorregadia. Ela rebolou querendo-me dentro. Minha mão desceu na outra bochecha gorda de seu traseiro.

— Leon... Amor... — miou para mim.

Eu sorri acariciando onde tinha batido. Beijei e lambi sua coluna, levei minhas mãos para os peitos fartos e os massageei, puxando os mamilos. Ela choramingou de novo.

— É o meu pau que você quer Júlia? Hum? — puxei seus cabelos da nuca, fazendo-a olhar para trás, para mim. — diga putinha! Quem é o seu dono? — disse duro e me alinhei de novo na sua vulva pequena.

— Amor... — balbuciou desesperada.

— Diga! Quem é o seu dono, putinha! — rosnei puxando mais forte em seus cabelos.

— Você, Leon! — admitiu ofegante, louca para ser tomada por mim. — só você, amor.

Suas últimas palavras me fizeram selvagem. Estoquei em sua bocetinha apertada rasgando até o fundo. Ela gritou alto. Quase gozei. Porra! Ela era a perfeição. Eu nunca senti nada parecido com outra mulher. Nunca.

— Oh! Bebê... Tão gostosa... — ronronei tirando e metendo todo o caminho de volta lentamente. — Tão apertada... Tão quente... Estava morrendo sem você, amor.

— Oh! Leon... Deus! Sim, amor... Tão gostoso... — sua voz saiu rouca de luxúria. Continuei comendo seu canalzinho estreito agora com estocadas brutas que a sacudiam toda. Seus braços fraquejaram e ela foi para frente.

Minhas mãos a firmaram e bati de novo em sua bunda.

— Se segure, porra! Você vai ficar aí quietinha tomando o meu pau todinho até eu gozar nessa boceta gostosa! Entendeu, Júlia? — rosnei sem gentileza e continuei bombeando forte e profundo. Fodendo-a sem dó. Ela assentiu e miou empinando mais a bundinha. — Foda! Que putinha safada! Você adora ser comida assim, não é? Sua bocetinha quente palpitando em volta do meu pau. Pooorra! *Delizioza...* — uivei e levei uma mão para seu clitóris e o massageei levemente a princípio, depois aumentei o ritmo, combinando com minhas estocadas. Ela quebrou gemendo. Estava quase gozando. Belisquei duramente seu brotinho e ela se desfez.

— Ohhhh! Leon.... Deus! Ahhhhhhhhhhh! — gritou enquanto gozava, sua boceta mamando deliciosamente no meu pau. Eu me desfiz também.

— *Dio mio!* Que putinha gostosa... Ohhhh! Ohhhhhhhhhh! Bebê... — dei um gemido gutural, meu pau inchando e esporrando litros de esperma dentro dela. Sua boceta me estrangulou, palpitando e prolongando o meu êxtase. — *Dio santo!* Você vai me matar, *delizia mia*. — sorri ainda estocando devagar nos nossos últimos espasmos.

— Eu digo o mesmo. — sorriu também me olhando por cima do ombro, arfante, corada e linda! Tão linda.

— Eu te amo, bebê. — sussurrei puxando seu queixo e a beijei suavemente nos lábios.

— Também te amo, amor. — murmurou em meus lábios. Sorrímos cúmplices e saí de dentro dela devagar, gemendo pela perda do seu calor delicioso...

Conforme o prometido eu realmente não dei trégua à Júlia. A tive de todas as formas e em todos os lugares da suíte. Quando tombamos sem forças e praticamente em coma sexual na cama, a abracei de conchinha. Afundi meu nariz em seu pescoço macio e arrastei até seus cabelos da nuca.

— Esse é o meu cheiro favorito no mundo todo. — sussurrei beijando seu ombro levemente. Ela só ronronou. Eu sorri. Estava totalmente esgotada, mas tinha a mesma fome que eu. Somos absurdamente compatíveis na cama. Ela é perfeita para mim. Estávamos ambos ainda nus. Puxei o lençol sobre nós e me

aconcheguei mais em minha mulher. Finalmente estava com ela em meus braços. — Durma *mia bella principessa*. [\[41\]](#) — murmurei e adormeci pouco depois, relaxado pela primeira vez em três semanas.

No dia seguinte acordamos quase dez horas. Fomos tomar banho juntos e acabamos demorando mais do que o necessário... Depois de tomarmos café fomos à casa de Laura que ficava em um condomínio de luxo em Ipanema. Laura havia feito alguns investimentos ruins e perdeu quase tudo que ganhou nos seus tempos de modelo famosa. A casa era o único bem que havia sobrado. Como sei disso? Eu investiguei. Pode parecer arrogante. Ok. É arrogante, mas eu precisava saber tudo a respeito de minha linda e megera sogra porque ela quer me tirar Júlia e eu farei tudo, absolutamente tudo para não deixar que isso aconteça.

Quando chegamos Laura não estava. Não pude evitar suspirar de alívio. Júlia me levou para conhecer seu quarto de solteira. Era a cara dela. Decoração feminina e mobília de bom gosto, mas nada extravagante. Discreta como minha menina. Logo a babá veio com Damien. *Mio piccolo* se derreteu para mim quando me viu. *Dio!* Parecia uma eternidade desde a última vez que o peguei nos braços.

— *Piccolo mio*, vem com *tuo padre*. — ele esticou os bracinhos e o peguei. Balbuciou alegre. Eu podia jurar que ele havia dito *papai*. Sorri, acho que foi só impressão e saudade do *mio bambino*. Enquanto Júlia arrumava suas coisas fui andar com Damien pela área externa. A casa era muito boa. Bem localizada. Observei sentando-me numa das cadeiras junto à piscina.

— Ora, ora o que temos aqui? — a voz irônica de Laura às minhas costas me teve de pé imediatamente. — você só viria na próxima semana. — torceu os lábios em óbvio desgosto. — pelo menos era o que dizia o bilhete.

Eu sorri do seu desconforto. Esse era o meu objetivo: frustrá-la.

— Eu não gosto de previsibilidade. — fiz uma pausa significativa analisando-a. — eu vou bem e você?

Seus lábios torceram num sorriso cínico. Andou mais para perto. Era uma mulher muito bonita mesmo aos seus quase cinquenta anos. Se alguém quisesse saber como Júlia seria daqui a alguns anos era só olhar para sua mãe.

As duas eram muito parecidas. Apenas fisicamente, claro. Minha Júlia era doce, amorosa, sensível... A lista era interminável.

— Vou muito bem. — disse me encarando. Eu a admiro por isso. Laura pode ser tudo menos covarde.

— Eu vejo. Você não estava muito, muito doente? — meu tom foi escancaradamente jocoso.

Ela gargalhou dessa vez. Mulher maluca!

— Ora Leon, eu nunca estive doente e você sabe disso.

— Sinceridade, ainda que tardia. — cuspi muito irritado agora. Essa megera afastou minha mulher de mim por um mero capricho. Maldita! Confesso que cogitei afogá-la na piscina.

— Sou sincera sempre. — argumentou de volta.

— Não com sua filha. Você tem brincado, manipulado as emoções de Júlia a seu bel prazer. — eu estava a ponto de explodir.

— Olha só quem fala... — rebateu, seu tom subindo. — você está fazendo a mesma coisa brincando de casinha feliz. Fazendo-a pensar que foi sempre assim, quando minha filha teve que se esconder por sei lá o que você fez com ela.

Eu olhei para a casa alarmado. Essa louca queria me ferrar completamente. Júlia não podia ouvir nada disso. Pelo menos não ainda. Eu preciso me redimir com ela. Fazê-la feliz como ela merece antes de abrir o jogo. Eu vou contar. Tenho que fazer isso. Só não estou pronto agora.

— Ok. Somos dois manipuladores filhos da puta! — disse entre dentes. — mas eu amo sua filha. Eu errei com ela. Errei feio, mas acredite, isso tem me corroído por dentro todos os malditos dias. Eu só quero a chance de poder me redimir com ela. Dar tudo que ela merece de agora em diante.

Os olhos escuros de Laura me dissecaram por um tempo desconfortável, então ela passou por mim sentando-se numa das quatro cadeiras da mesa sob o guarda sol.

— Sente-se, Leon. — me indicou uma das cadeiras. — eu acho que chegou a hora de esclarecermos as coisas. — fez uma pausa. — você se

lembra do que eu disse no seu escritório em Ardócia?

Hein? Como me lembraria? Ela vomitou muita asneira em cima de mim. Mulher louca! Mas é claro que eu não disse isso a ela. Eu falei apenas:

— Você disse muitas coisas naquele dia.

— A última coisa que disse quando você fez a grande cena de homem das cavernas batendo no peito, gritando seu amor e como não deixaria ninguém tirar Júlia de você. — seus olhos ainda eram provocadores e ela apoiou os cotovelos na mesa, as mãos sob o queixo delicado. — eu disse: *Prove*.

Ah! Foi isso. Ela realmente disse. Mas o que isso tem a ver...

— Seja mais específica, por favor. — pedi não entendendo onde queria chegar.

— Você ainda não me convenceu. — disse sem vacilar me olhando firme nos olhos. — mas vou me afastar e deixá-lo se *redimir* com minha menina.

O que!? Fácil assim? Eu não acredito. Ela deve ter percebido minha confusão porque explicou:

— Não faço isso por você. — ela disse cortando qualquer indício de simpatia que florescia dentro de mim. — faço por Júlia. Ela o ama. Espero que você saiba cuidar dela dessa vez.

Eu não podia acreditar naquilo.

— Eu farei as coisas certas de agora em diante. — afirmei sem vacilar. — eu a amo muito. Cuidarei dela, fique tranquila.

— Minha filha é linda por dentro e por fora. — ela disse e sua voz se emocionou por um momento, mas ela se recompôs novamente. Aquilo amoleceu um pouco meu coração. Ela ama minha Júlia. Temos ao menos isso em comum. — mas há algo que ela detesta, Leon. — pausou me olhando pela primeira sem ironia em seu semblante. — Júlia odeia mentiras. Se quer tanto assim se redimir, comece contando a ela tudo que houve antes entre vocês. Conte antes que ela descubra sozinha e não consiga perdoá-lo. Eu quero ver minha filha feliz.

Porra! Eu fiquei mudo um instante. Só ouvíamos os sons inteligíveis de Damien brincando o babador. Eu sei disso. Mas, Cristo! Eu preciso de um

tempo maior com ela, criando novas memórias. Foda-se! Isso é uma merda!

— Sim, eu sei disso. Eu vou contar a ela, Laura. — assenti tenso. — eu só preciso de um tempo para fortalecer nossa relação.

— Certo. — ela levantou-se alisando o vestido de linho azul claro. — eu acho que posso gostar de você. — ela surpreendeu-me pra caralho. Meus olhos a fitaram em busca de algum sinal de sarcasmo. Ela estava serena. — mas ainda é muito cedo...

Eu levantei também e sorri. Ok. Ela é mesmo uma mulher maluca. Mas talvez, apenas talvez eu também consiga gostar dela depois de tudo.

— Eu acho que posso gostar de você também. — ampliei o sorriso quando seus olhos escuros brilharam surpresos. — mas ainda é muito cedo. — ela abriu um riso a contragosto ao ouvir suas próprias palavras. — você tirou minha mulher e meu filho de mim por três longas semanas. Jogou aquele merdinha pra cima dela. — pausei significativamente. — sim, ainda é muito cedo.

Ela ampliou o riso dessa vez. Seu rosto transformou-se. Era muito mais parecida com minha Júlia quando sorria.

— Ok. Já que estabelecemos que não trocaremos figurinhas agora, fique à vontade. A casa é sua. — disse já me dando as costas.

Uau! Isso foi totalmente imprevisível. Eu ainda não acreditava que tinha desistido tão rápido. Mas ela disse que não fazia por mim e sim por Júlia. Talvez estivesse mesmo sendo sincera. Voltei com Damien ao quarto e Júlia estava terminando de arrumar as coisinhas do *mio piccolo*. Lúcia estava auxiliando. Júlia era tão teimosa quanto a seus antigos hábitos. Negava-se a deixar que os criados arrumassem sua bagagem. Ela tratava todos pelo nome, perguntava de suas famílias. Tão atenciosa *mia principessa*.

— O que foi? — quis saber ao me flagrar parado olhando-a na porta do quarto. — por que está me olhando assim, amor?

Fui até ela enlaçando-a pela cintura delicada e beijei seus cabelos. Damien enlouqueceu estendendo os braços para ela. Júlia estava tentando interromper a amamentação. Nosso filho já havia sido amamentado o suficiente. Mas ele obviamente não concordava com essa opinião. O *bambino* praticamente

arrancava as roupas dela quando chegava perto. Entreguei-o a Lúcia e ela o levou do quarto. Damien começava uma birra agora. Júlia sorriu, os olhos meio brilhantes. Ela detestava cada vez que tinha que fazer isso. Sentei-me na cama e a puxei para o meu colo.

— O que acha de tirarmos folga por uma semana? — falei baixinho, minhas mãos passeando preguiçosamente pelas costas esguias.

— Como assim?

— Uma semana longe de tudo. — sussurrei em seus lábios. — só eu e você, bebê. O que me diz?

Seus olhos se iluminaram lindamente, mas então franziu o cenho.

— E Damien?

— O deixaremos em Ardócia. Será bem cuidado, bebê. Não precisa se preocupar. — levantei seu queixo para olhá-la nos olhos.

— Eu não gosto de ficar longe dele, amor. — disse com pesar. — mas é só por uma semana?

— *Si, perla mia*. Uma semana tendo minha mulherzinha, *mia principessa* só para mim. — eu franzi o cenho. — isso soou muito egoísta não foi? Mas precisamos desse tempo só nosso, bebê.

Ela sorriu aquele riso de menina e me beijou lenta e apaixonadamente. Ficamos ali nos beijando por um longo tempo. Apenas beijando sem intenção sexual por trás. Ok. Admito, não totalmente, pois meu maldito pau ficou ligado rapidamente. Mesmo tendo sido exaustivamente satisfeito ontem e hoje. Cristo! Eu estava dentro dela há menos de duas horas. O bastardo sempre fica assim perto dela. Maldito membro indisciplinado!

Almoçamos com Laura num restaurante no Leblon. O gerente se desdobrou para me atender bem. Era um lugar bem agradável. Sempre frequentava quando estava no Rio. Era elegante, culinária maravilhosa e não havia uma horda de paparazzi quando apontávamos na porta. Eles não avisavam aos abutres a chegada de clientes famosos como muitos estabelecimentos fazem para se auto promover. Sempre gostei de privacidade. É claro que na minha posição e, sobretudo, pela minha linhagem, isso nem

sempre é possível. No final da tarde embarcamos de volta à Ardócia. De volta à nossa casa. Agora eu realmente me empenharia em mimar, amar minha mulher, sem mais nenhuma interrupção.

CAPÍTULO QUATORZE

Leon

Olhei minha linda mulher adormecida na cama. O comandante avisou que pousaríamos em Ardócia dentro de trinta minutos. Ela estava cansada. Fodemos como coelhos desde quando nos encontramos ontem no Rio. Sorri, terminando de ajeitar minha gravata. Aproximei-me da cama, meu coração cheio de amor por ela. Eu aproveitaria essa semana só nos dois para contar tudo. Mas a dúvida martelava em meu íntimo. Como dizer à mulher que você ama com desespero que você a perseguiu, seduziu, usou e humilhou de muitas formas? Ela quase morreu por minha causa... *Dio!* Eu estou tão fodido!

Sentei-me na cama e acariciei seu rosto sereno. Ela gemeu, se espreguiçando languidamente como uma gatinha.

— Hummm... — abriu os olhos devagar. — bom dia, amor. Você acabou comigo... — sorriu corando lindamente. Foda-se! Eu não poso ficar sem ela!

— Bom dia, bebê. — beije seus lábios levemente.

Seus olhos se abriram mais, despertando completamente.

— O que foi, amor? Por que está assim tão tenso? — inquiriu-me recostando-se nos travesseiros numa posição sentada.

Ainda não era o momento. Eu simplesmente sentia isso. Não posso contar agora, porra!

— Problemas nos negócios. — a beije de novo forçando-me a sorrir. — mas vou esquecê-los por uma semana. Tudo que quero é você comigo, *perla mia*.

Ela sorriu me puxando para cima dela.

— Eu estarei, amor. — sussurrou acariciando minha face, seu toque me fazendo gemer. — estarei sempre com você.

Suas palavras aqueceram meu coração atormentado.

— Promete, bebê? — segurei seu rosto junto ao meu com as duas mãos

olhando-a nos olhos. — promete que nunca vai me deixar? — foda! Meu tom estava à beira do desespero. Ela deve ter sentido isso, pois seus olhos me avaliaram por alguns instantes antes de finalmente responder:

— Prometo, amor. — murmurou em meus lábios. — nunca deixarei você.

Deixamos Damien em Ardócia, almoçamos com meu tio e Helena e seguimos depois do almoço para Paris. Desta vez fomos no meu jato particular. Não queria chamar a atenção e o jato com o brasão de Ardócia definitivamente atrairia os malditos paparazzi. Eu quero desfrutar desse tempo sozinho com minha mulher sem preocupações e intromissões.

Estávamos agora num Bentley prateado alugado rumo ao vale do Loire[42]. Eu mesmo quis dirigir. Mas não estávamos totalmente a sós. Minha equipe de segurança está nos monitorando de perto. Dois deles estarão num chalé perto da propriedade onde ficaremos. Quero dar a experiência de férias completas para ela, mas segurança é essencial para alguém na minha posição. Desviei os olhos para o seu perfil. Ela cantava animada *my love* de Justin Timberlake que tocava no sistema de som do carro. Seu rosto virou da janela para mim, os olhos de esmeralda brilhando, sua boca se abrindo num sorriso incrível. *Dio!* Nunca me canso de olhar pra ela. Sorri também e cantei o refrão:

I can see us holding hands

Eu posso nos ver de mãos dadas

Walking on the beach, our toes in the sand

Caminhando na praia, nossas pegadas na areia

Ela gargalhou, o som levemente rouco invadindo o carro.

— Você sabe a letra, alteza. — seu tom foi provocante. — isso não é música de *mulherzinha*? Não foi você quem me provocou porque ouço Coldplay?

— Você não ouve Coldplay simplesmente. Você é fanática, bebê. — eu sorri quando ela bufou ajeitando-se no banco do passageiro. Então, as palavras se fixaram em minha mente. Ela lembrava? Eu não contei isso a ela. Gelei. — você lembrou disso... Eu não contei a você. — minha voz era tensa agora. —

quando lembrou? Como?

Ela franziu o cenho parecendo intrigada.

— Eu não sei, Leon. Eu apenas lembrei-me de você me provocando. Essa imagem só veio na minha cabeça. — me encarou com pesar. — mas não me lembrei de mais nada, amor. Desculpe.

— Não se desculpe, bebê. — meu tom foi visivelmente mais aliviado. — Não é culpa sua. Você vai lembrar a qualquer momento. — apertei o volante com força e me concentrei na estrada. Agora eu tinha certeza de que ela realmente se lembraria de tudo a qualquer momento. Foda! Isso me apavorava. Eu precisava parar de ser um maldito maricas e abrir o jogo logo antes que fosse tarde.

Após duas horas de viagem chegamos ao Castelo às margens do Rio Loire. Segui a estrada estreita de blocos que cortava o jardim e estacionei à frente, desci e corri para abrir a porta de Júlia. Ela desceu completamente muda, seus olhos brilhantes correndo pela paisagem à nossa volta: um enorme castelo em estilo medieval, mas a fachada mostrava sinais de restauração recente. Um jardim imenso e bem podado se descortinava à direita, à esquerda uma ponte estreita e levemente arqueada dava acesso ao outro lado do rio Loire.

— Oh! Meu Deus! Leon. — balbuciou andando à frente, rodopiou e me encarou deslumbrada. — é lindo, amor! Vamos ficar aqui a semana toda?

Eu abri um sorriso enigmático e me aproximei levantando-a nos braços.

— Vamos, *mia principessa*. Vamos conhecer o seu castelo por dentro.

Ela enlaçou meu pescoço e sorriu jogando a cabeça para trás. Eu vou trabalhar para ver esse sorriso sempre no seu rosto de agora em diante. Subi os degraus da frente e abri a porta de madeira pesada. Entrei seguindo pelo hall que dava numa sala enorme decorada com mobília do século XIX. Júlia ainda não emitiu nenhum som, apenas admirando tudo silenciosamente. A coloquei no chão.

— Onde está todo mundo? Eu pensei que fosse um desses lugares onde aceitam hóspedes. — Eu sorri de novo e ela afastou-se um pouco, mas seus braços ainda estavam em meu pescoço. — o que é esse sorriso? O que você

está tramando, Leon? — seus olhos brilhavam de curiosidade.

— Nós somos os únicos hóspedes. — enlacei sua cintura delicada trazendo-a para mim de novo. — esse castelo é seu. Comprei para você, bebê.

Seus olhos se alargaram de surpresa. Então ela sorriu.

— Aha! Você quase me pegou. — beijou meus lábios de leve.

— Você não acredita? A documentação estará pronta na próxima semana. — revelei e seus olhos alargaram de novo.

— Amor... Eu não posso acreditar... — balbuciou incrédula e se afastou andando pela sala ampla parecendo uma criança deslumbrada. — é sério? — assenti com a cabeça adorando a reação dela. — amor... Isso é... Muito... Joias são presentes aceitáveis, mas um castelo... Deus! É um *castelo* Leon! Você é louco! — disse sorrindo ainda surpresa abrindo os braços rodopiando no meio da sala.

Aproximei-me dela de novo.

— Isso não me deixará falido, bebê. — sorri arrogante. Ela bufou.

— Eu sei disso, mas não quero que fique comprando castelos por aí para mim. — ela disse ainda sorrindo.

— Já está feito. — toquei seu rosto. — você é *mia principessa*. Um castelo pareceu-me o presente perfeito.

Então seus olhos amoleceram e ela virou o rosto beijando a palma da minha mão num gesto carinhoso. Seus olhos travaram nos meus e seu sorriso ampliou. O clima mudou, uma expressão safada cruzou seu rosto e sua boca se abriu tomando meu polegar numa sugada lenta e obscena. Foda! Meu pau intempestuoso se sacudiu violentamente.

— Eu estou sendo muito mal educada. — murmurou ainda sugando meu dedo. — um presente desse porte merece um agradecimento em grande estilo, meu príncipe. — suas mãos passearam lentamente pelo meu peito. Eu gemi. Adoro quando ela toma a iniciativa. — o que você quer, amor? — sussurrou beijando todo o meu peitoral. — eu farei tudo que você quiser... Absolutamente tudo. — Porra! Ela vai me matar desse jeito. Eu amo quando ela fica assim, toda submissa. Fiquei selvagem.

— Você quer me agradar? Hum? — minha voz saiu dura, grossa de tesão. Enfiei a mão em seus cabelos da nuca e puxei trazendo seu rosto a centímetros do meu. — de joelhos, putinha. Vou foder sua boca. Você vai mamar bem gostoso no meu pau e engolir cada gota quando esporrar em sua garganta. Entendeu?

Suas pupilas dilataram-se. O verde ficando escuro. Ela adora quando a trato assim... Quando falo sujo... Seus lábios se curvaram num sorriso atrevido, ela assentiu e caiu de joelhos na minha frente. As mãos indo para meu cinto trabalhando rapidamente. Eu as parei e ela olhou para cima com uma pergunta nos olhos. Sorri arrogante.

— Tire a roupa primeiro. Quero ver seus peitos lindos enquanto me chupa. — minha voz era dura ainda. Ela levantou-se sem contestar e começou a desabotoar o vestido verde esvoaçante que usava. A peça caiu lentamente pelas coxas até os pés e ela saiu dele com elegância. Meus olhos devoraram seu corpo perfeito num sutiã branco e calcinha minúscula. Suas mãos foram para o fecho frontal e logo os peitos maravilhosos saltaram para deleite do meu pau que pressionou o zíper das calças ao ponto da dor. Suas mãos desceram por toda a barriguinha lisa. Ela sorriu entre tímida e atrevida e virou as costas para mim. Eu não contive um gemido quando vi sua calcinha branca fio dental enterrada no meio das bochechas firmes de sua bunda deliciosa. — sua provocadora de pau! Ajoelhe-se agora! — minha voz saiu rouca, dura, desesperada. Ela veio imediatamente, obediente, submissa. Abriu meu zíper e meu pau dolorido saltou livre, ereto, orgulhoso, babando por ela. Seus olhos cravaram nos meus então ela o tomou na mão masturbando-me suavemente. Enlouquecendo-me. Minhas mãos voaram para sua nuca puxando grosseiramente seus cabelos. — Chupe logo meu pau, porra! Ou vou bater nessa bunda linda e foder seu rabo com tanta força que ficará de cama amanhã! — ela gemeu e abriu os lábios na cabeça gorda. Eu meti bruscamente forçando-a a escancarar a boca e relaxar a garganta para acomodar meu tamanho e espessura. A imagem era linda. Seus lábios cheios esticados ao limite à minha volta. Puxei sua cabeça e comecei foder sua boca. — Oh! *Dio!* Que boquinha gostosa... Foda!!! — gritei quando ela passou a sugar combinando com minhas estocadas. — isso... Mama assim, bebê... Mama bem gostoso no meu pau... Cristo! Não vou demorar muito. — rosnei

comendo sua boquinha gananciosa brutaemente. Seus olhos já estavam cheios de lágrimas, mas não se afastava nem um centímetro, lambendo, chupando com força. Tomava todo meu pau sem reclamar. Ela me escraviza com sua entrega total. Ela faz tudo. Tudo que quero na cama. Continuei metendo ferozmente. Nós dois gemendo, grunhindo. — Ohhhhhhh! *Delizioza...* Eu vou gozar! — rosnei sentindo meu pau engrossar e se reter ainda mais, ela intensificou as chupadas como se eu fosse seu sorvete preferido. — tome tudo! Engula cada gota, minha putinha... Ohhh! Que gostoso... Ahhhhhhhhhhhhh! — uivei segurando sua cabeça firme no lugar e fodi com mais força esporrando bem fundo em sua garganta. Ela não parou a sucção, engolindo tudo, gemendo alto. Então eu percebi que ela estava se tocando. Safadinha... Sorri quando nossos olhos se encontraram. Seu corpo estremeceu e ela gozou com meu pau ainda enterrado em sua boca. *Dio!* Foi sexy pra caralho!

Júlia

Leon me deu aquele sorriso arrogante e safado. Continuou metendo seu pênis em minha boca, mesmo tendo gozado ainda estava ereto. Não sei como isso acontece. Mas ele é assim... Insaciável. Ele pareceu ler meus pensamentos, pois seu riso se ampliou. Saiu devagar da minha boca. Meus lábios estavam dormentes.

— Há algo mais que possa fazer para agradá-lo, alteza? — minha voz saiu rouca. Os olhos escuros flamejaram nos meus e eu soube que teríamos outra longa noite...

— Você, sua pequena atrevida. — me puxou para ele e me beijou suavemente. Um contraste com a forma bruta que me fodeu antes. — vamos conhecer o quarto principal porque é lá que você vai ficar a maior parte do tempo, *principessa*. Se meu pau pudesse falar tenho certeza que o maldito estaria gritando seu nome o tempo todo.

Eu caí na gargalhada. Ele me levantou nos braços e gargalhou também. Então me carregou pela ampla e sinuosa escadaria para o piso superior.

No dia seguinte Leon me levou num passeio pelas redondezas. Fiquei encantada com o pequeno vilarejo. Almoçamos num pequeno e íntimo bistrô e andamos pelas ruas de mãos dadas. Era um conto de fadas. Meu próprio

conto de fadas. Leon era muito atencioso. Tratava-me como se eu fosse o centro de seu mundo. Eu o amo cada vez mais. Se é que isso é possível. Desenvolvemos uma rotina. Tomávamos café e almoçávamos no vilarejo, passeávamos até o final da tarde e voltávamos para o castelo, onde nos amávamos com paixão desenfreada. Eu me pergunto se sempre foi assim... Enlouquecedor, avassalador. Leon diz que somos assim. Eu acredito. Sempre que estamos perto um do outro, nossos corpos simplesmente parecem ter vontade própria.

Havia um *chateau* vizinho, há uns dez quilômetros e Leon me contou que conhecia o dono, um Marquês que comprava seus vinhos para sua cadeia de restaurantes espalhadas pela França. Na nossa penúltima noite fomos convidados para jantar em sua propriedade. Usei um vestido laranja que ia até os joelhos e decote generoso. Meus cabelos estavam maiores. Chegavam quase aos ombros agora. Apenas coloquei uma presilha de diamantes brancos no lado esquerdo. Usei maquiagem leve. Estava quase terminando quando Leon entrou no closet. Parou na porta com as mãos nos bolsos. Estava lindo. Usava um suéter azul escuro de mangas compridas e gola v. Ele gosta dessa cor e fica realmente bem nele. Uma calça cinza chumbo e sapatos italianos pretos completavam o traje. Seus cabelos estavam presos do jeito que eu gosto. Seus lábios sensuais se curvaram num riso irreverente.

— Vendo algo de que gosta, *principessa*? — sua voz foi só um sussurro. Ele avançou devagar, os olhos escuros me devorando também.

— Sim, algo que gosto muito. — assenti sentindo meu rosto incendiar. Ele tem esse efeito sobre mim. Não importa o quão íntimo nós somos. Quantas loucuras fazemos na cama. Eu corro como uma adolescente deslumbrada quando ele me olha assim. Ele enlaçou minha cintura com um braço e levou a outra mão para minha nuca não me deixando fugir de seu olhar intenso.

— Eu também vejo algo de que gosto muito, muito mesmo. — murmurou em meus lábios. Minha respiração se alterou. Ele sorriu presunçoso e lindo, consciente de seu poder sobre mim.

— Amor, estamos atrasados... — sussurrei completamente dominada por ele. Seu cheiro, sua proximidade, sua beleza viril, máscula, sua sexualidade crua que me tinha a maior parte do tempo excitada, louca para ser tomada por

ele em qualquer lugar, de qualquer forma...

Ele riu mais ainda, claramente me provocando.

— Você tem a mente suja, bebê. — ronronou sugando meu lábio inferior. — eu não propus nada. — lambeu meus lábios. — ainda. — Eu grunhi e ele se afastou gemendo. — vamos, *delizia mia* ou vou começar a fazer propostas realmente indecentes...

— Você é um tarado, alteza. — sorri e peguei minha bolsa. Gargalhou e deu-me uma tapa na bunda quando passei por ele.

— *Si*, completa e irrevogavelmente tarado na minha mulher. — sua voz me acariciou quando enlaçou minha cintura e saímos do quarto.

O *chateau* era na verdade outro castelo. Parece que havia muitos nessa região. O marquês era um senhor gentil de uns sessenta anos e sua esposa era uma morena de olhos verdes bem mais jovem e voluptuosa. Não gostei da forma efusiva com que ela se dirigiu a Leon. Seus olhos me avaliaram com despeito velado quando me cumprimentou. Mas sua atenção voltou-se para meu marido de novo. Havia mais algumas pessoas quando adentramos a sala ricamente decorada. Leon parecia conhecer todos, pois me apresentou relaxado como se estivesse entre amigos. Mesmo no ambiente íntimo, havia garçons servindo bebidas e aperitivos. Em determinado momento o marquês convidou Leon para tratar de negócios em seu escritório e eu fiquei apenas com Angeline, sua esposa.

— Então, Júlia, o que você fez para segurar o príncipe? — a voz era suave, mas seus olhos eram hostis agora que estávamos sozinhas.

— Desculpe-me? — meu tom foi seco. Não gostei nada da suspeita se infiltrando em meu íntimo. Essa mulher havia sido algo mais de Leon?

Ela sorriu mostrando os dentes brancos e perfeitos.

— Leon nunca se prendeu a mulher nenhuma. Ele gosta de variedade *ma chère* [\[43\]](#). — seus olhos passearam por mim e torceu os lábios pintados de um vermelho vivo. — você não se importa com suas escapadas, é isso? Garota esperta. Deve continuar assim se quiser mantê-lo.

O quê? O que ela estava insinuando? Que meu marido me trai? Meu

estômago se contorceu. Eu já ia responder quando uma garota mais jovem se aproximou de nós. Era também muito bonita. Loira de olhos azuis acinzentados. Cabelos lisos descendo pela cintura delicada.

— Maxine, *ma chère*. — Angeline abriu um riso escancaradamente falso para a recém-chegada. — deixe-me apresentá-la a esposa de Leon. Júlia esta é Maxine, minha enteada.

Os olhos azuis da outra me fixaram desconfortavelmente por um tempo considerado deselegante, então abriu um sorriso semelhante ao de Angeline.

— Ora, ora, a *cinderela brasileira*. — Seu tom pingava sarcasmo. Eu comecei a me sentir fora de lugar no meio das duas mulheres que claramente me hostilizavam. Mas por quê? — então é mesmo verdade. O príncipe foi fisgado.

— *Chère* você conhece Leon. — o tom de Angeline não deixou dúvidas dessa vez. A tal Maxine havia tido algo com meu marido. — ele não consegue se prender a uma única mulher. Você sofreu muito por isso no ano passado, lembra-se? — meu coração teve um baque. O que ela estava dizendo? No ano passado nós já estávamos casados. Então... Leon me traiu? Oh Deus! Não.

— Com licença. — consegui dizer, minha voz já tensa. — adoraria ficar e continuar ouvindo seus profundos conhecimentos sobre o meu marido, mas só de olhar para vocês sinto náuseas. — Comecei sair, mas voltei-me de novo. Um ódio mortal crescendo dentro de mim. Eu queria matar aquelas putas disfarçadas de grandes damas. — Ah, só mais uma coisa. Em meu país, o Brasil, as pessoas recebem melhor seus convidados. As mulheres não são umas putas despeitadas e desprezíveis. — dois pares de olhos se arregalaram e suas bocas abriram com minhas palavras esdrúxulas. Ótimo! Foda-se o protocolo real! Essas vadias mereciam muito mais. — não ficam alardeando que foram fodidas pelo marido de uma convidada. — Saí da sala rapidamente passando pelo hall. Entrei numa varanda e encostei-me à parede para me recompor. Meus olhos arderam. Meu corpo tremia. Eu não posso acreditar nisso, mas não me lembro de nada da nossa vida antes. Não conheço meu marido, essa é a verdade. Tudo que sei é o que ele me mostra agora. E se minha mãe estivesse certa o tempo todo? E se Leon realmente tinha me feito sofrer no passado? Fechei os olhos com força tentando ordenar meus

pensamentos.

— Júlia? — a voz de Leon me fez abrir os olhos. Ele estava na minha frente os olhos escuros parecendo preocupados. — o que houve, bebê? Por que está aqui fora sozinha?

Eu o olhei por alguns instantes tentando puxar minha memória. Tentando desesperadamente me lembrar de algo do nosso passado. Nada. Minha mente era um grande branco.

— Eu quero ir embora daqui. — disse já dando as costas e saindo rapidamente.

— Ei, o que houve, amor? — ele segurou meu braço tentando me deter. Desvencilhei-me bruscamente e procurei a saída sem ao menos olhar para as pessoas na sala que comiam e bebiam animadamente. Desci os degraus da entrada apressadamente com Leon no meu encalço. Parei junto ao carro. — houve algo lá dentro? Alguém a ofendeu? Porque se for isso eu vou...

— Eu quero ir embora, já disse. — cuspi entre dentes o cortando.

Ele me olhou por um momento então suspirou frustrado.

— Está bem. Vou só me despedir e já volto, bebê. — sua voz foi suave e preocupada, mas eu estava me corroendo pelo que aquelas duas vacas me disseram.

— Vai se despedir de suas putas? — minha voz saiu estridente. Ele voltou-se para mim de novo. Sua expressão chocada.

— O quê?

— Você ouviu. — meus olhos arderam e minha voz embargou de novo. — a esposa e a filha do Marquês. Você fodeu com elas? — ele empalideceu. Oh! Deus! Era verdade. Meu coração afundou. — você me traiu com elas?

Leon cerrou o maxilar e passou por mim abrindo a porta do passageiro.

— Entre no carro, amor. Conversaremos em casa. — disse baixinho numa voz tensa. Eu me aproximei da porta aberta e levantei meu rosto para olhá-lo. Nossos olhos travaram e vi tudo lá. Ele havia fodido aquelas vadias. Ele me traiu. Meu marido amoroso era apenas uma farsa? Meu peito doeu ao pensar na resposta. Entrei no carro, ele contornou a frente e logo assumiu a direção.

A viagem de volta foi feita num silêncio ensurdecedor. Desviei os olhos algumas vezes para ele e seu perfil estava tenso, seu semblante sério como nunca vi antes.

Entrei no quarto tirando meus sapatos e arremessando-os furiosa num canto. Leon estava na minha cola.

— Júlia, aquelas mulheres... — ele passou as mãos pelo rosto e suspirou alto. A culpa estampada em seu rosto. — elas não significam nada para mim, bebê. — sussurrou aproximando-se, mas recuei.

— Então é verdade. — meu peito doeu. — você fodeu aquelas vadias! — minha voz subiu vertiginosamente. — você me traiu seu maldito filho da puta!

Ele recuou com minhas palavras. Parecia assustado com minha explosão.

— Não, bebê. Eu nunca traí você, amor. Isso foi no ano passado. Nós não estávamos juntos.

Eu franzi o cenho. Como assim não estávamos juntos? O que ele estava dizendo?

— Como assim, Leon? Eu vi os papéis do casamento. — gritei fora de mim. Eu quero arrancar a cabeça desse bastardo mentiroso! — nos casamos há mais de um ano no Rio!

Os olhos dele se arregalaram como se tivesse deixado algo escapar que não pretendia me contar. Uma pergunta começou a se formar dentro de mim. Quem é esse homem na minha frente? Quem é o meu marido? Ele suspirou ruidosamente de novo.

— Estávamos separados. — admitiu por fim com voz apreensiva. — eu nunca traí você, amor.

— O quê? — isso estava ficando cada vez mais confuso. — por que estávamos separados? E por que deixou uma informação tão importante como essa de fora quando me contou tudo no hospital? — o analisei por alguns instantes. Sua postura tensa, rígida, apreensiva. — ou você não me contou tudo por alguma razão em especial? O que mais está me escondendo, Leon? Porque estou começando a me perguntar se meu marido, o homem por quem me apaixonei é uma farsa.

Ele grunhiu com minhas palavras duras e veio até mim de novo. Eu não recuei. Precisava de respostas e as queria olhando nos seus olhos.

— Nos separamos porque fui um idiota. — disse num fio de voz. Fez uma pausa muito longa. — estive com muitas mulheres quando estávamos longe. Eu era um prostituto antes de você, bebê. Não me orgulho disso, mas apenas usava as mulheres para meu prazer. Nunca senti nada por nenhuma delas. Imagino que aquelas duas insinuaram que não ficaria muito tempo só com você. — suas mãos levantaram para meu rosto, segurando-o em ambos os lados, seus olhos me olhando com o amor que me acostumei a ver neles. — elas estão erradas, amor. Eu nunca ameí antes de você. *Si*, fodi muitas mulheres, inclusive aquelas vadias que atormentaram você. Angeline era solteira quando estive com ela, caso esteja se perguntando. Eu odeio traição, Júlia. Nunca traí. Sempre foi uma de cada vez. Se não fiz isso quando apenas fodia, por que faria com a única mulher que importa para mim? A única que amo e sempre vou amar?

Eu pisquei e minhas lágrimas desceram. Suas palavras, sua proximidade, seu cheiro, seu amor estampado em seu rosto, em seu olhar me amoleceram. Ele parecia sincero. Eu o amo tanto e quero desesperadamente acreditar. Seus dedos limpavam as lágrimas numa carícia suave.

— É só você, amor. Sempre foi. Sempre será. — sussurrou e uma de suas mãos desceram para me puxar pela cintura. Nossos corpos se tocaram. — não dê tanto poder àquelas víboras, bebê. Era exatamente isso que queriam. Que brigássemos.

As palavras de Helena vieram nítidas na minha cabeça. Nossa felicidade iria incomodar muita gente, ela disse exatamente isso: não dar poder a outros, ou *outras* que tentassem envenenar meu relacionamento com meu marido.

— Você é um idiota. — meu tom não era mais raivoso. E seus olhos se iluminaram sutilmente.

— *Si*, eu sou. — abriu um meio sorriso. — mas ajuda se disser que sou um idiota muito apaixonado pela minha linda, feroz e ciumenta *princesa*?

Um sorriso brincou nos meus lábios. Eu o amo tanto. Danem-se aquelas vadias e todas as outras que ele fodeu. Ele me ama. Eu posso sentir isso. No entanto, não facilitaria para ele.

— Ainda estou zangada. — minha voz não soou convincente e os cantos de sua boca subiram naquele riso sexy e arrogante.

— Não, não está. Você está louca para me beijar. — murmurou contra os meus lábios, sua mão descendo para o meio da minha bunda. Seu dedo médio fez pressão bem no meio das bochechas e ele espalhou os dedos me puxando para seu pênis já visivelmente acordado. Esfregou-se em mim com uma expressão devassa nos olhos escuros.

— Não, não estou. — miei já loucamente excitada com a pressão de seu dedo deslizando para cima e para baixo no meio da minha bunda.

— Não banque a difícil, bebê. Dizem que sexo de reconciliação é excepcional. — continuou moendo seu pau em minha pélvis, numa dança erótica. Puxou meu lábio inferior com os dentes. Sorriu pecaminoso quando gemi. — Quero foder minha mulherzinha gostosa agora. — suas mãos cavaram em minha bunda me levantando e minhas pernas enrolaram automaticamente em sua cintura. Eu bufei.

— Você é tão romântico, amor. — provoquei e ele me puxou grosseiramente para seu pau duro sob as roupas, me esfreguei nele desavergonhadamente. Seu sorriso se ampliou com minha rendição

— Até quando fodemos é sempre fazer amor com você, bebê. — pronto, ele me ganhou totalmente com essa frase. Nossos olhos travaram, sem provocação agora. O clima mudou para algo cru, primitivo e ele tomou minha boca num beijo exigente. Nossas línguas duelando indecentemente. Sorrímos na boca um do outro ofegantes, lascivos.

— Eu te amo, bebê. — gemeu em meus lábios.

— Também te amo, amor. — gemi de volta e nossas bocas se devoraram de novo, enquanto ele me carregava para a cama dossel enorme.

Nós somos isso. Eu não vou deixar ninguém atrapalhar minha felicidade. E minha felicidade é estar assim, nos braços de meu marido. Sendo amada, invadida, completamente dominada por ele.

CAPÍTULO QUINZE

Leon

Voltamos à Ardócia há dois dias. Júlia surpreendentemente tem se lembrado de coisas que aconteceram antes do acidente. Ontem perguntou sobre a mãe de uma das babás que havia feito uma cirurgia delicada há cinco meses. A babá ficou eufórica pela lembrança. Eu fiquei alarmado. Tomei uma decisão: contaria tudo a ela hoje à noite num jantar romântico. Nós estávamos muito bem. A discussão na França não nos abalou. Conte pelo menos parte da verdade. Acho que há uma chance dela me perdoar. Eu faria isso. *Si*, não adiaría mais. Ela merece isso. E eu preciso de paz.

Depois de fazer a reserva no melhor restaurante da ilha, recebi uma ligação do meu tio convocando-me à sala do trono. Eu franzi o cenho. Devia ser algo muito sério. Meu tio geralmente não era tão formal comigo. Avisei a Helena e saí imediatamente. Quando entrei no amplo salão estaquei. O parlamento inteiro estava ali. Coloquei-me sobre um joelho e reverenciei o rei. Ele mandou-me levantar. Avancei pelo tapete vinho escuro que levava ao trono onde ele estava sentado. Cumprimentei os membros do Parlamento e todos se curvaram em reverência a mim. O que estava acontecendo ali?

— Sente-se, meu filho. — meu tio apontou a cadeira do lado do trono que sempre ocupei nas sessões de Estado, desde quando fiz dezoito anos. Eu sentei-me apreensivo. Todos me olhavam como se temessem minha reação diante do que estavam prestes a me dizer.

— Perdoe-me majestade. — disse em tom respeitoso. — mas o que é tão importante que requer uma sessão extraordinária do Parlamento?

— Não há uma maneira mais fácil de dizer isso, meu príncipe. — meu tio disse na voz solene que usava naquela sala. Era o rei falando. Fez uma pausa me encarando sério. — seu pai teve dois filhos fora do casamento. Você tem dois irmãos mais novos, Leon.

O que!? Eu fiquei estupefato. Sem qualquer reação. Meu pai teve dois filhos além de mim e Damien?

— Meu pai? Como é possível? Eu não posso acreditar nisso. — minha voz saiu esganiçada. Que porra é essa?

— Foi um choque para mim também quando Marco me contou agonizando pouco antes de morrer.

— Pouco antes de morrer? Mas isso foi há quase vinte anos, tio. — eu me senti enganado. — o senhor soube esse tempo todo que tenho dois irmãos e nunca me contou? Por quê? — eu amava meu tio como a um pai. Senti-me apunhalado.

— Acalme-se, filho. — me olhou com o carinho que sempre me cativou. Era o meu tio falando agora. — meu irmão estava morrendo quando me revelou isso. Ele não teve tempo de dar mais detalhes, infelizmente. — fez uma pausa e prosseguiu ainda me olhando claramente preocupado comigo. — passei anos investigando sem sucesso. Somente há seis meses conseguimos chegar aos possíveis filhos de Marco e confirmamos há apenas duas semanas. Há dois príncipes de Ardócia lá fora, Leon. Dominic Harper que vive em Nova Iorque e o mais novo Jayden Samuel King em Londres.

Suas palavras aliviaram um pouco da sensação de me sentir traído por ele, mas as últimas assustaram-me pra caralho. Eu tenho dois irmãos. Porra! Eu tenho dois irmãos!

— Essa investigação é segura? — *Dio Santo!* Depois da experiência traumática recente eu não estava pronto para outra investigação amadora. — digo, podemos confiar que esses... Que eles são mesmo meus irmãos? — eu não sabia ao certo o que sentia no momento. Eu tenho dois irmãos. Porra! Eu tenho dois irmãos!

— É perfeitamente segura. A paternidade foi confirmada com os testes de DNA. Eu mesmo forneci o material genético. — meu tio informou analisando a minha reação.

— Quem são eles? O senhor já os viu? Quer dizer, como eles são? — o rei abriu um pequeno sorriso diante da minha torrente de perguntas. Meu tio é muito amoroso e apegado à família, com certeza vai querer aproximá-los de Ardócia. Eu ainda não sei como me sentirei vendo a prova real da traição de meu pai.

— Eles são homens de bem, filho. Tiveram suas batalhas, mas venceram por conta própria. Eles são indiscutivelmente Di Castellani. Príncipes de Ardócia. — fez uma pausa significativa. — não, ainda não os vi pessoalmente. Tudo que sei deles está no dossiê. — O assessor do rei me entregou um espesso dossiê. — eu os quero aqui, Leon. São meus sobrinhos, seus irmãos, sangue do nosso sangue.

Comecei a folhear o documento com mãos instáveis. Certidão de nascimento, fotos deles ainda crianças, adultos. Eram meus irmãos. *Dio!* Isso é tão inacreditável. Mais documentos, resultados do DNA. Parei nas fotos mais recentes. Os dois tinham praticamente o meu porte físico. Morenos, cabelos negros. Dominic tinha o tom de pele mais claro e olhos verdes escuros intensos. Jayden, o mais novo, tinha cabelos bem curtos, estilo militar, olhos escuros parecidos com os meus. Havia um ar de leveza e irreverência no olhar de Dominic. Jayden tinha uma expressão carregada, arrogante. Abri um sorriso me reconhecendo nele.

— Posso ficar com isso um pouco mais? — quis saber fechando o dossiê. — quero olhar com mais calma.

— A razão de chamá-lo aqui, Leon é que eles concordaram em encontrar com você na próxima semana em Nova Iorque. — A voz de meu tio soou solene de novo. Era o rei falando. Eu ouvi atento. — Você irá encontrá-los e trazê-los a Ardócia, meu príncipe.

Fiquei tenso. Pela primeira vez quis desobedecer a uma ordem direta do rei. Eu estava ainda sob o efeito daquela revelação que mexia com toda a minha vida. Com tudo que lutei para perdoar desde quando meu pai morreu. Eu amei e idolatrei meu pai até aos quatorze anos. Mas essa admiração caiu por terra quando o flagrei fodendo sua assistente sobre a mesa de seu escritório. Essa é a razão pela qual não suporto traição. Vi minha mãe, minha linda e amada *princesa* chorar a cada caso extraconjugal dele. Eu o odiei depois disso, mas quando morreu tentei perdoá-lo. Então, agora os frutos de seus casos aparecem assim, do nada. Não sei se isso é egoísta da minha parte. Provavelmente é, mas só quero analisar melhor a situação. Eu chorei a morte de Damien. Pensei que estava sozinho e agora... Descubro que tenho não um, mais dois irmãos. Não sei se odeio o meu pai por expor nossa família assim, ou se o agradeço por me deixar mais dois irmãos.

— Posso contar com você, meu príncipe? — a voz imperiosa de meu tio me trouxe de minha introspecção. Ele só usava esse tom quando não queria ser contestado.

— Claro, majestade. Irei encontrá-los, se essa é a sua vontade. — afirmei resignado a deixar minhas próprias impressões e sentimentos sobre o assunto de lado.

— Obrigado. — sua voz era quase paternal. Meu tio assumindo agora. — como se sente sobre isso, filho?

Suspirei longamente.

— Eu não sei, tio. Ainda estou sob o impacto da notícia.

— Não os culpe, filho. Eles não têm culpa de nada. — disse sereno. — se existe algum culpado é meu irmão pela sua conduta inadequada e, sobretudo pela forma como os deixou esquecidos por tanto tempo. Abra seu coração para seus irmãos, Leon. O perdão é uma característica tão admirada nos governantes quanto a inteligência. Eu o criei para ser um rei, um grande rei.

— *Si*, meu rei, vou encontrá-los. — prometi com firmeza.

— Há algumas coisas que precisa saber a respeito deles, no entanto. — seu semblante se fechou. — Dominic perdeu sua mãe ainda adolescente e viveu de favores nas casas de vizinhos até completar a maior idade e Jayden... — meu tio fez uma pausa dramática. — ele passou por, digamos contratempos bem maiores.

Aquilo teve minha atenção imediatamente. Eles eram meus irmãos. Senti-me mal ao saber que passaram dificuldades enquanto eu sempre vivi cercado de luxo e protegido pelo meu título. Título que também era deles, por direito.

— Que contratempos? — me vi indagando. Ainda não me decidi como me sinto a respeito deles.

— Jayden foi abandonado pela mãe aos quatro anos num lar adotivo de Londres. Passou por três famílias que acabaram o devolvendo ao orfanato. Fugiu de lá aos treze anos e viveu nas ruas até ser preso por delinquência juvenil aos dezessete anos. Parece que tinha uma veia muito violenta. — *Dio mio!* Eu fiquei completamente mudo. Aquilo foi a consequência do abandono

de meu pai. Foda! Eu senti vergonha por ele. — eu conto com você para convencê-los a vir a Ardócia, serem finalmente agraciados e reconhecidos por seus títulos: Príncipes Di Castellani. Eles são tão príncipes quanto você, filho. É o mais velho, o Príncipe herdeiro, cabe a você juntar seu sangue, acolhê-los.

—Sei disso, tio. — Assenti sentindo a garganta fechando. Porra! Além de Júlia, meu tio é o único que sabe me pegar pelas bolas. Foda! Eu vou encontrar esses bastardos [\[44\]](#) e arrastá-los até aqui nem que tenha que amarrá-los.

Naquela noite quando nos preparávamos para ir ao restaurante, Helena ligou aflita no meu celular. Meu tio havia sentido fortes dores no peito e estava sendo examinado pelo Dr. Piazzoni. Fomos até os seus aposentos. A situação já parecia sob controle. Meu tio já fora medicado e o Dr. Piazzoni já estava de saída. Helena estava sentada na borda da cama com olhos vermelhos. Ele era a única figura paterna que nos restou. Nós dois o amamos.

— Promete que vai se cuidar melhor, tio? — Helena pediu baixinho, apreensiva.

Ele sorriu recostado nos travesseiros. Levou a mão ao rosto dela.

— *Si, mia bambina*. Prometo, é apenas cansaço natural. — sua voz era cansada mesmo. Vou ficar mais atento à saúde dele. Estive tão envolvido em meus próprios problemas que o tenho negligenciado. — não tenho mais trinta anos.

Aproximamo-nos eu Júlia e também conversamos com ele. Parecia melhor, mas ainda com uma expressão cansada quando deixamos seu quarto cerca de meia hora depois. Voltamos para a nossa ala.

— Ainda quer ir ao restaurante, bebê? Posso ligar para que mantenham a reserva. — indaguei enlaçando sua cintura assim que entramos no nosso quarto.

— Não, amor. É melhor deixarmos para outro dia. — seus olhos estavam preocupados. — seu tio não parece bem, Leon.

Minha linda menina. Tão sensível e amorosa.

— Também acho. Obrigada por ser assim. — sussurrei em seus lábios,

minhas mãos acariciando suas costas nuas no decote do vestido.

— Assim como? — seus olhos se iluminaram para mim.

— Linda por fora e por dentro. Carinhosa, atenciosa, perfeita. — murmurei beijando-a suavemente. — vou pedir nosso jantar, então. Onde quer comer? Na sacada, ou na cama? — ela abriu aquele riso lindo e travesso de menina.

— Você é tão pervertido, amor. Vamos jantar na sacada. Quero namorar um pouquinho e se ficarmos na cama em pouco tempo você estará em cima de mim.

— Você pode ficar por cima, bebê. — eu a virei de costas para meu peito e sussurrei em sua orelha. — eu deixo. — ela gemeu quando lambi o seu ponto fraco.

— Leon... Assim não vale, você joga sujo. — ela ronronou pendendo a cabeça em meu ombro.

Sorri segurando sua cintura firme e puxando-a para mim. Ela sentiu meu pau já despertando no meio de sua bunda deliciosa. Subi uma mão para os seios e desci a outra pela barriguinha reta, chegando à sua bocetinha. Cavei ali com fome. Ela grunhiu abrindo mais as pernas. Então eu me afastei.

— Leon... — ela miou com a perda do contato.

Eu sorri passando por ela rumo à sacada.

— Vamos namorar, bebê. Não é isso que você quer? — disse inocentemente por cima do ombro.

Seus olhos flamejaram e ela sorriu com uma expressão safada no rosto.

— Dois podem jogar esse jogo, alteza. — sussurrou e me seguiu. — vou fazer você me implorar mais tarde. — Eu gargalhei e dei uma tapa na sua bundinha empinada quando passou por mim.

Pedi uma refeição leve e jantamos na sacada. Quando terminamos Júlia veio para o meu colo toda dengosa. A abracei bem apertado e ficamos assim sentindo a brisa marítima nos envolver. Eu havia resolvido contar tudo, mas agora depois da bomba que explodiu sobre minha cabeça, só quero estar assim com ela. Não posso arriscar contar e perdê-la, porque sei que não será algo

fácil de ser contornado. Pode parecer covarde. Ok. É covarde, mas fiz muita merda. Menti, seduzi, enganei... *Dio!* Preciso dela comigo, pois sinto que essa aproximação com meus irmãos recém-descobertos vai exigir muito de mim. Não posso esquecer que eles são frutos das traições de meu pai que fizeram minha mãe tão infeliz. Foda! Por outro lado tem o pedido de meu tio, para não julgá-los pelos erros de meu pai. Isso é muito fodido.

— O que foi, amor? — Júlia levantou a cabeça do meu peito e me olhou com aqueles olhos lindos. — tenho percebido você tão tenso ultimamente. Há algo perturbando você?

Fiquei olhando-a por alguns momentos. Levantei minha mão e acariciei seu rosto. Conte! Conte agora seu bastardo! Uma voz martelava em minha cabeça. Suspirei e me acovardei mais uma vez. Eu não vou suportar perdê-la. Eu só não consigo, porra! Então resolvi contar a minha recente perturbação.

— *Si, perla mia.* — levantei, andando com ela nos braços, sentando-nos na espreguiçadeira. — descobri coisas a respeito de meu pai que me deixaram... Desapontado.

— Quer compartilhá-las comigo? — ela acariciou-me o rosto, colocando uma perna de cada lado dos meus quadris, montando-me. Olhando-me cara a cara com aqueles olhos de esmeralda. Enlacei sua cintura e a puxei para mim. Eu amo essa intimidade que criamos. Essa cumplicidade que cresce a cada dia. Mas ainda não me sinto seguro.

— Meu pai teve dois filhos fora do casamento. Um vive em Nova York e o outro em Londres. — sussurrei sem alento.

— Oh! Isso é realmente... Chocante. — ela assentiu.

— *Si* é. Ele só contou a meu tio pouco antes de sua morte. Não deu detalhes. Meu tio passou anos investigando sem sucesso. Há duas semanas finalmente conseguiu confirmar que tenho mesmo dois irmãos, mas nosso pai jamais os reconheceu como príncipes de Ardócia. — desabafei.

— Deve ficar feliz por ganhar dois irmãos de uma só vez. Helena me contou como a perda de seu irmão mais novo o afetou há dois anos. — fiquei rígido com a menção de Damien. Eu ainda não falei muito sobre ele com ela. Sinto que Damien pode ser o gatilho que trará todas as lembranças. Então

tenho me esquivado do assunto por precaução.

— Helena deve aprender a cuidar da sua própria vida. — disse irritado.

Os olhos de esmeralda se alargaram me analisando surpresos.

— Por que nunca fala dele comigo? Por quê? — sua voz baixa mostrava apreensão. Foda-se! Ela já estava desconfiada.

— Júlia, amor. É um assunto muito doloroso para mim. — suspirei ruidosamente. — doloroso de muitas formas que não posso dizer agora.

— O que houve Leon? Conte-me. — pediu-me preocupada.

— Damien se suicidou. Ele tinha problemas e preferiu fugir, em vez de enfrentá-los. — Disse transtornado. *Dio!* Até quando iria manter aquela farsa? Preciso contar a ela. Mas sou um bastardo covarde, tão fraco quando se trata dela. Não posso correr o risco de perdê-la. Ela é meu mundo. Enlacei-a pela cintura e levantei-me com ela nos braços. — vamos para a cama, *perla mia*.

Na semana seguinte fui a Nova York encontrar meus irmãos como prometido a meu tio. Acabei me surpreendendo com eles. Os dois são empresários bem sucedidos. Dominic construiu sua empresa de jogos tecnológicos com sede em Nova York e filiais espalhadas por várias capitais na América e Europa. Jayden, ah, esse é um bastardo cínico, me olhou o tempo todo com o queixo erguido, insolente. Ele se parece mais comigo tive que reconhecer. Mas embora tenha passado uma infância e adolescência turbulentas, o bastardinho se saiu muito bem também. É um engenheiro de sucesso e possui uma rede de resorts espalhados pelo mundo que cresceu assombrosamente nos últimos três anos. Os bastardos de meu pai se saíram muito bem. Honraram o sangue Di Castellani.

Entretanto, meus irmãos não gostaram nem um pouco da proposta de meu tio. Eles não querem seus títulos. Pensei que Jayden me arrancaria a cabeça quando os convidei para virem a Ardócia. Eu quase sorri de sua postura rígida pronta para a briga. Posso entender porque se meteu em encrencas quando adolescente. Dominic possuía uma personalidade mais alegre, irreverente. Seus olhos verdes intensos me avaliaram em todos os momentos, mas se mostrou muito mais acessível, inclusive fazendo piada de sua própria origem.

Contra a minha vontade eu gostei imediatamente dele. Para ser sincero também gostei do bastardinho marrento. Meus irmãos. Eles são meus irmãos. Ainda é muito estranho, mas a ideia surpreendentemente tem me agradado cada vez mais. Eu posso trabalhar com isso.

Desci a escada da sacada dos nossos aposentos que dá acesso ao jardim privativo e parei extasiado observando Júlia beijando a bochechinha rechonchuda de Damien. Há três dias não nos víamos. Ela resolveu ficar em Ardócia, pois Damien estava nascendo os dentes. *Mio bambino* estava bastante enjoadinho e febril. Além disso, meu tio ainda merecia atenção e minha mulher linda se prontificou a cuidar dele também. É por essa e outras razões que eu a amo cada vez mais, se é que isso é possível. Ela rodopiava com ele enquanto o *piccolo* se desmanchava em sorrisos balbuciando sons entusiasmados e incompreensíveis para ela. Avancei devagar, meu coração transbordando de amor por eles. Meu corpo loucamente excitado, exigindo ter minha mulher. Agora!

— Eu o amo meu pequeno príncipe! — sua vou soou doce, infinitamente amorosa.

— Disseram-me que a encontraria aqui. — sussurrei e ela virou-se para mim. Seus olhos se iluminando como pedras preciosas. Seu amor, sua saudade gritando ali sem palavras. Ela usava um leve vestido florido. Estava radiante e fresca como uma adolescente.

— Leon... Senti sua falta. — sussurrou corando. — Nós sentimos sua falta. — ela corrigiu acomodando Damien em seu quadril num jeito bem brasileiro de carregar nosso filho.

Estendi os braços e ele veio alegre, balbuciando, derretendo-se em sorrisos para mim.

— *Piccolo mio*, parece que cresceu muito em apenas três dias. Já está melhor? Hum? O carinho de sua mamãe curou você? — ele sorriu mais como se confirmasse. — Você e sua mãe estiveram o tempo todo em meus pensamentos, *mio tesoro*. — confidenciei beijando-o e virei-me finalmente para Júlia. — Três longos dias sem você, *perla mia*... — sussurrei abaixando a cabeça enquanto a puxava pela cintura delicada, tomando os lábios dela num beijo faminto, sensual. — quero minha mulher, agora. — gemi abandonando

sua boca passando a beijar, morder e lambem o pescoço alvo.

— Oh, amor... Comporte-se. — Júlia gemeu baixinho. — Lúcia está logo ali.

— Então vamos subir imediatamente, ou ela ficará chocada ao me ver fazer com sua *principessa* tudo que tenho em mente... — rosnei, meus olhos devorando-a.

Júlia tirou nosso filho dos meus braços e chamou a babá entregando o pequeno que balbuciava sons de apreciação para nós.

Mal entramos no quarto a preendi contra a porta com meu corpo. Comendo-a com o olhar. Ela tremia de antecipação e excitação. Sorri perverso e comecei a abrir os botões da frente do vestido. A impaciência me venceu, botões voaram por todos os lados e a peça foi arrancada do corpo dela com urgência. Júlia deu um misto de grito e grunhido. Abri-lhe as coxas grosseiramente com minha perna, roçando sua vulva quente, arranquei o sutiã sem nenhuma gentileza e tomei os peitos juntos na boca, lambendo-os, chupando-os com fome. Ela gritou alto, seu corpo todo estremecendo. Explorei o ventre liso e desci para sua bocetinha, enchendo a mão nela, massageando forte... Levei as duas mãos aos lados de sua calcinha e a rasguei com brusquidão. Ela sorriu tomada pela luxúria quando nossos olhos se encontraram de novo, nós dois gememos quando introduzi um dedo em sua vulva encharcada.

— Cristo!... *Delizia mia...* — sussurrei no meu limite. Abri meu zíper libertando meu furioso pau, louco de saudade da sua boceta. Levantei-a pelas nádegas, me alinhei e investi fundo em sua doce e pequena vulva. Gritamos.

— Oh! Leon... Amor... — Ela miou se acostumando com a minha invasão brusca. Pendurou-se em meu pescoço, me abraçando com as pernas. Balançou, rebolando devagar no meu pau e arqueou as costas oferecendo-me os peitos maravilhosos.

— Oh, *si*. Agora *si*, estou em casa... *Amore mio*. — grunhi sugando aqueles montes perfeitos e a comendo bruto, num ritmo frenético. Gememos alto. Nossas bocas se encontraram num beijo lascivo de lambidas, chupadas e mordidas. O gozo veio muito rápido.

— Oh, Leon... Ohhhhhhhh! — ela gemeu convulsionando-se. Meti duro até o talo, batendo-a contra a porta com violência. Meu pau inchou e eu gritei gozando ferozmente, alagando seu canal quente. Colei minha testa à dela, gememos e rimos ofegantes, cúmplices... Nossas respirações se misturando. Continuei metendo devagar até nossos últimos espasmos.

— Gostosa pra caralho. — ronronei, desfiz a conexão com cuidado e a levantei nos braços. — Vamos continuar isso na cama... Vou amarrar e foder minha putinha gostosa a tarde toda. — Sussurrei antes de tomar sua boca num beijo lento e apaixonado. Ela sorriu na minha boca. Minha! Toda minha!

Eram três horas da manhã quando me levantei da cama e fui até a ampla sacada do meu quarto, senti a maresia no meu rosto. Não conseguia dormir. Sentia-me ainda perturbado repassando o encontro com meus irmãos na minha cabeça. Mas o que mais pesava era o fato deles serem frutos da traição do meu pai. Sei que eles não têm culpa, mas ainda assim é difícil para mim. Sempre achei que meus pais se amavam. Mas quando cheguei à adolescência percebi o óbvio: era um casamento de fachada. Comum na realeza. Faziam o possível para parecer sempre alegres em volta de mim e de Damien. No entanto, aquele teatro passou a ser cada vez mais superficial.. Pensei fechando os olhos. Meu pai, príncipe Marco, o segundo na linha de sucessão, era um mulherengo incorrigível. Ainda lembro nitidamente a imagem dele fodendo àquela vadia em sua mesa. Presenciei minha mãe chorando algumas vezes e embora ela nunca revelasse, sabia o motivo: os casos extraconjugais de meu pai. Ela o amava e era linda, amorosa. Foi criada para se casar com ele, mas meu pai nunca se esforçou para amá-la como merecia. Eu passei a odiá-lo quando entendi a dimensão de sua devassidão.

De acordo com tio Max meu pai havia confidenciado sobre os filhos que abandonou, pouco antes de morrer, vítima da queda do helicóptero real na região entre a Itália e Ardócia. Minha mãe morreu na hora. Eu tinha apenas dezesseis e Damien dez anos quando nossos pais nos deixaram de forma trágica. O rei Maximiliano nunca produziu herdeiros. Sua esposa apesar de fazer tentativas e procurar os mais renomados especialistas não conseguira engravidar. Mas meu tio a amava demais, por isso, nunca seguiu as orientações dos conselheiros para procurar uma nova esposa. Além disso, ele nos amava como filhos. Isso era o suficiente para ele. Assim, eu fui nomeado

seu primeiro herdeiro na linha de sucessão. O momento estava se aproximando cada vez mais, nunca vi meu tio tão abatido e cansado, mas para ser sincero ele nunca se recuperou completamente da morte de sua amada rainha há quatro anos.

— Preocupado? — Júlia me enlaçou por trás. Cobri suas mãos com as minhas e me deixei desfrutar do carinho de minha mulher.

— Um pouco. — admiti sentindo beijos suaves em minhas costas.

— Vem, amor, vamos voltar para a cama. — sua voz rouca do sono me teve duro imediatamente. Virei-me de frente segurando sua cintura trazendo-a para mim.

— Estou sem sono. — a encarei sugestivamente. — o que você vai fazer para me distrair, bebê? — sussurrei abaixando meus lábios para os dela.

Ela sorriu contra meus lábios e seus braços vieram para meu pescoço.

— Tudo que você quiser, meu príncipe. — murmurou descaradamente.

— Bom, muito bom, *princesa mia*. — sorri cavando as mãos em sua bunda e a levantei, ela cruzou seus tornozelos em minhas costas. Tomei sua boca num beijo lento de olhos abertos, enquanto a carregava de volta para nossa cama.

Júlia

Há uma semana havia retomado meu trabalho com as obras de caridade e nos orfanatos da ilha que conforme Leon era de minha responsabilidade antes do acidente. Já o havia questionado várias vezes sobre o acidente que quase me matou. Ele disse com os olhos apreensivos que havíamos tido uma grave discussão e que eu havia tomado um táxi deixando-o para trás. O táxi foi atingindo por um caminhão. O motorista do caminhão estava alcoolizado e morreu no local. Por que brigávamos? Eu quis saber. Ele desconversou e acabou não me dando uma resposta convincente. Senti que meu marido mentia. Havia algo muito sério que ele escondia de mim. O que seria tão sério? Perguntava-me com cada vez mais frequência. Na sexta-feira recebi uma correspondência da Universidade de Ardócia. O Reitor me cumprimentava pelo restabelecimento e mencionava que o grupo de estudos de História do qual aparentemente faço parte, aguardava o meu retorno. Fui procurar Leon

para me esclarecer melhor. Os olhos escuros se iluminaram quando entrei no seu escritório.

— Ei, Linda. — deslizou sua cadeira, afastando-se da mesa. — venha aqui, bebê. — pediu batendo em sua coxa poderosa.

Eu fui e ele me puxou para seu colo, tomando minha boca num beijo delicioso, apaixonado.

— Uau! Parece que alguém sentiu minha falta. — sussurrei contra seus lábios, provocando-o.

— Sempre, bebê. Sempre. — afirmou infiltrando uma das mãos pela saia do meu vestido de linho. — o que você precisa, *delizia mia*? — roçou seu polegar em meu clitóris sobre a calcinha me inflamando de imediato.

— Leon... Eu... Preciso falar com você. — balbuciei não contendo um gemido. Ele fazia isso comigo. Ouvi um click e olhei surpresa. Ele abriu aquele sorriso arrogante, safado e lindo que molhava minha calcinha instantaneamente.

— Pronto. Agora você está trancada comigo aqui. O que acha que vou fazer com você, *delizia mia*? hum? — sussurrou e abrindo mais minhas pernas afastou a minha calcinha. Meteu um dedo em minha vulva. Eu gritei. Seu sorriso ampliou. — meus pensamentos trouxeram você para mim... Vou comer sua bocetinha gostosa primeiro, depois você me diz o que precisa, bebê. — rosnou e enfiou dois dedos mais fundo em meu canal latejante. — monte no meu pau, putinha. — sua voz saiu rude, me empurrando de seu colo e abrindo suas calças em tempo recorde. Ele ficava assim durante o sexo, totalmente dominante. Eu amo isso. Levantei e subi meu vestido até a cintura. Seu pau saltou duro, enorme, lindo. Ele rasgou minha calcinha de novo e rosnou abaixando o rosto para minha vulva. Enfiou o nariz e cheirou. Eu tremi nos saltos. — porra! Que bocetinha mais perfeita! — rosnou e sua língua me lambeu tão leve a princípio, mas depois chupou duramente. Gritei abrindo mais minhas pernas e com as duas mãos Leon abriu toda a minha boceta. Sua língua chicoteou mais dura em meu clitóris e eu fraquejei quase caindo. — segure-se, putinha! — me deu um tapa forte na bunda. Eu gemi e ele deu mais um na outra bochecha. — vem, senta no meu pau... assim. — me puxou de costas contra seu peito. — coloque as pernas nos braços da cadeira. Isso...

Cristo! Vou entrar tão profundo assim, bebê. — gemeu alinhando sua ponta grossa na minha entrada toda encharcada. Eu fiquei parada. — desce porra! Toma meu pau todinho! — me bateu forte de novo. Eu gemi e fui descendo devagar tomando centímetro a centímetro.

— Leon... — ofeguei de boca aberta, apenas a metade dele dentro de mim. — Ohhh. — desci mais um pouco. Nessa posição eu ficava completamente aberta e à mercê dele. Ele adorava essas posições em que podia me imobilizar e me comer profundo. Seus dedos foram para meu clitóris e o massagearam gostoso. — Ahhhh!

— Tá gostoso assim, minha putinha? — girou o quadril devagar. Eu ronronei em resposta. Então ele cravou as duas mãos em meus quadris me puxando violentamente para baixo enquanto seu quadril me encontrou numa estocada brutal que tirou meu ar.

— Puta merda! Leon... — eu assobieei com a dor e o prazer de estar completamente cheia dele.

— Shhhhhh. Rebole, bebê. — levou as mãos para os meus seios amassando-os por cima do vestido. Logo meu vestido foi arrancado por cima da minha cabeça, meu sutiã o seguiu e eu estava nua e escarranchada em seu pau enorme. Eu não podia me mexer direito. — isso... Mama meu pau assim.... Ohhhhhh! *Delizia!* — encheu as mãos em meus seios, amassando, rolando os mamilos entre as pontas dos dedos. Passou a estocar duro, indo todo o caminho dentro de mim, me esticando além do limite. De repente virou a cadeira para a janela de vidro. Nossos olhos se encontraram no reflexo. — olhe Júlia. Veja como sua bocetinha gulosa mama gostoso no meu pau. — meteu fundo e gritamos. — *Dio!* Olha como você fica toda cheia e esticada, bebê. Meu pau entrando todo em seu buraquinho apertado... ahhhh...

— Leon.... Eu vou.... Oh meu Deus! Eu vou gozaaaar.... — me derreti apertando mais seu pau com espasmos violentos. — eu te amo, amor! — grunhi enquanto suas mãos grandes apertavam minha cintura quicando-me para cima e para baixo me fazendo tomar cada polegada dele bruscamente. Meus peitos saltando a cada estocada dura.

— Isso, bebê! Goze para mim! — rosnou estocando mais profundo, me comendo sem trégua. Seu pau engrossou mais e então ele gritou: — gostosa!

Putinha gostosa! Ahhhhhhhhhh! — enfiou as mãos pela minha frente segurando meus ombros e me puxou forte para baixo, se enterrando até o cabo e o senti jorrando seu sêmen quente direto no meu útero. Meu orgasmo se prolongou sentindo seus jatos me alagando. — Eu também te amo, bebê. — sussurrou nos últimos espasmos de seu gozo. Nossos olhos se encontraram no reflexo de novo e sorrimos saciados, apaixonados. Ele puxou meu queixo e nos beijamos lentamente acalmando nossas respirações.

Muitos minutos depois já recompostos entreguei o envelope a Leon.

— O que é isso? — franziu o cenho abrindo-o. Eu ainda estava no seu colo. Devidamente vestidos agora.

— É da Universidade de Ardócia. Por que não me contou que eu havia sido aceita para o grupo de pesquisadores da história local?

Os olhos de Leon adquiriram uma expressão sombria. Eu já a havia visto algumas vezes. Cada vez mais eu sentia que ele escondia algo de mim.

— Não quis sobrecarregá-la com isso. O médico me pediu que a poupasse de grandes responsabilidades nesse momento. — disse me enlaçando pela cintura e depositando um beijo suave em meus lábios.

— Penso que retomar os estudos com o grupo de pesquisa seria muito útil. Poderia estimular a volta das lembranças que insistem em permanecer perdidas.

Os olhos dele escureceram de novo.

— Não prefere se recuperar totalmente para dar mais contribuições aos estudos? — tentou esconder sua tensão.

— Tenho a sensação de que me esconde algo. — acariciei seu rosto másculo. — Diga-me Leon. Do que mais está me poupando? Eu te amo. Você pode me contar qualquer coisa, amor.

Seus olhos escuros me olharam intensamente, claramente tocado pela minha declaração. Por um momento pensei que ele fosse falar, mas apenas suspirou.

— As lembranças voltarão naturalmente *tesoro*. Não fique tão preocupada com isso. O médico garantiu que seu estado não é permanente. —

sorriu de leve beijando-me a orelha. — vamos, tire essa expressão preocupada desse rostinho lindo... —E encarou-me, os olhos adquirindo um brilho sensual, enquanto abaixava lentamente a cabeça e capturava meus lábios.

Naquela noite acordei assustada e me sentei na cama. Tive um sonho muito estranho. Sonhei com Leon. Pareceu muito real. Levantei-me e fui até a sacada sentindo a maresia beijar-me o rosto. No sonho estávamos no museu do palácio. Leon parecia diferente. Tinha uma expressão dura, fria nos olhos. Tentei recuperar as imagens na minha mente.

— *Belo monumento. — exclamei diante da estátua de uma jovem de longos cabelos cacheados que chegavam até a cintura.*

— *Lucíola. Era a filha do primeiro governante da ilha. — Leon me informou seco sem nem ao menos olhar para mim.*

— *Ela devia ser muito bonita. — observei fascinada. — Adoro história antiga. E a ilha de Ardócia é como uma viagem no tempo com suas construções antigas.*

Leon olhou-me com desprezo evidente nos olhos escuros.

— *Dizem que era bellíssima. O rei a apresentava orgulhoso em todos os banquetes. A história dessa princesa é curiosa.*

Eu ouvi atenta.

— *O que houve com ela?*

— *Há duas versões. Alguns historiadores afirmam que foi sequestrada por inimigos do rei que a violentaram até a morte. Outros defendem que ela se apaixonou perdidamente por um dos generais da guarda real e fugiram juntos. — Leon revelou encarando a estátua como que tocado pelo meu interesse pela história de sua ancestral.*

— *Prefiro essa última. — disse encarando novamente o belo monumento de dois metros de altura. — tenho interesse em conhecer mais da história da ilha. Deve saber que solicitei me juntar ao grupo de estudos e pesquisas de História da Universidade de Ardócia.*

Leon me encarou com olhos duros.

— *De onde surgiu tanto interesse, Júlia?*

— *Sou graduada em História, com especialização em civilizações antigas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. — disse com certa satisfação enquanto observava o rosto incrédulo de meu marido. — O quê? Sua preciosa investigação não disse nada sobre isso? Talvez ela não seja totalmente confiável quanto parece, não é?*

Abri os olhos emergindo das lembranças. Aquilo não foi um simples sonho. Era um fragmento das lembranças que haviam se perdido. Leon parecia zangado comigo. Havia desprezo em seu olhar, lembrei. E que investigação seria essa? Meu marido me investigou? Por quê? Forcei-me a lembrar mas o sonho parava exatamente naquele ponto. Senti o vento frio e ajeitei o penhoar de seda vermelha voltando para a cama. Leon dormia sereno, o peito nu, os cabelos espalhados sobre o travesseiro. Era esplendorosamente bonito. Aconcheguei-me no seu peito e seu braço veio involuntariamente para minha cintura enquanto dormia. Nós havíamos tido problemas, eu sentia isso claramente agora.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Júlia

— Dominic e Jayden aceitaram passar o final da próxima semana conosco. — Leon informou enquanto tomávamos nosso café da manhã na sacada de nossos aposentos. — Vamos aproveitar e apresentá-los à ilha durante o festival de San Domingo. A ilha comemora a semana toda e sempre encerramos com shows que se arrastam por todo o domingo.

Dominic Harper e Jayden Samuel King são os irmãos recém-descobertos de Leon. Eu os pesquisei na internet e fiquei boquiaberta com o quanto os dois são bonitos. Mesmo porte alto, atlético, viril, majestoso e arrogante de Leon. Meu marido parecia apreensivo com a menção dos irmãos recém-descobertos.

— Parece ótimo. Seu tio está ansioso para conhecê-los. — disse tomando meu suco de laranja.

— Espero que ele não se decepcione. Eles não ficaram exatamente radiantes em serem finalmente reconhecidos como príncipes de Ardócia. — ele revelou enquanto observava a babá passeando com Damien no jardim privativo, logo abaixo da sacada.

— Eles podem ser reconhecidos como príncipes? Digo, mesmo tendo nascido fora do casamento? — não tive a curiosidade de saber qual o regime de sucessão em Ardócia.

— *Si tesoro*. Eles são tão príncipes quanto eu. Só não entram na sucessão direta. — tomou um gole de suco pensativo. — Dominic só assumiria o trono se algo acontecesse a mim e ao meu filho e Jayden se algo acontecesse a Dominic. Em Ardócia o trono é direito de primogenitura [\[45\]](#).

— E você, como se sente a respeito? — sussurrei transmitindo todo o meu apoio com os olhos.

Ele me encarou por algum tempo e abriu aquele sorriso que amolecia meus joelhos.

— Quando me olha assim parece enxergar minha alma, *perla mia*. —

puxou-me para o seu colo, beijando-me delicadamente nos lábios.

— Então? — não me deixei subornar pelo beijo.

— Eles são meu sangue. Farei tudo para nos darmos bem. Dominic parece mais acessível. Jayden se manteve mais distante no nosso encontro em Nova York. Vi cinismo e ressentimento nos olhos dele.

Reposicionei-me em seu colo, uma perna de cada lado e o beijei com carinho.

— Então faremos com que se sintam em casa. Vamos fazê-los se apaixonar por você, por essa ilha linda como eu me apaixonei.

Leon acariciou meu rosto, os olhos negros adquirindo um brilho safado. Levantou subitamente e eu gritei de susto. Cavou suas mãos na minha bunda e andou comigo encaixada em cima de seu pênis já desperto. Um sorriso arrogante no rosto, se esfregando em minha vulva descaradamente todo o caminho para o banheiro.

— Terá muito tempo durante o banho para mostrar-me o quanto é apaixonada por mim *princesa*... — sussurrou apossando-se de minha boca faminto, assim que entramos no box, me empurrando na parede. Eu gargalhei com sua urgência. Ele riu também, então voltou a me beijar e eu tive que realmente mostrar de todas as formas: de joelhos chupando-o gostoso e depois o tomando por trás no meu ânus. Leon exigiu que eu gritasse o quanto sou apaixonada por ele, enquanto me comia com estocadas potentes, nossos olhares travados através do espelho da pia. Suas mãos cravadas em meus quadris mantendo-me cativa para me foder duro, profundo, à vontade.

Uma semana depois, sexta-feira à tarde, estávamos Leon e eu no aeroporto aguardando seus irmãos: os novos príncipes de Ardócia. Os dois homens começaram a descer do jato que pertencia à empresa de tecnologia de Dominic. Puta merda! Eles eram muito mais bonitos pessoalmente. Leon apertou minha cintura num sinal claro de tensão, enquanto os dois belos exemplares masculinos aproximavam-se de nós ao lado da limusine real. Eles não eram exatamente parecidos, constatei incapaz de parar de olhá-los. Mas eram indiscutivelmente Di Castellani. Os três possuíam praticamente a mesma estatura, mesmo tipo físico, morenos, Dominic era mais claro. Os três possuíam uma masculinidade crua, desconcertante e a indiscutível cabeleira

negra dos Di Castellani. Os dois vestiam ternos escuros de cortes perfeitos que gritavam *dinheiro*. Dominic andava leve e gracioso como uma pantera. Jayden tinha passos firmes, queixo levantando como se desafiasse o mundo.

— Bem-vindos à Ardócia, irmãos. — Leon saudou-os com um forte aperto de mão.

Jayden parecia ainda mais tenso que Leon, percebi.

— Esta é Júlia, *mia principessa*. — Leon prosseguiu me apresentando, abrindo um sorriso quase natural.

Um a um, eles me cumprimentaram esboçando um sorriso contido. A tensão podia ser sentida a quilômetros. Então eu quebrei o protocolo e os abracei e beijei. Abri meu melhor sorriso, olhando-os com olhos calorosos e disse:

— Estamos muito felizes em recebê-los. O rei esperou muitos anos por este momento. Damien, seu sobrinho ficará confuso quando vir o quanto se parecem com o pai dele.

Os dois homens entreolharam-se e sorriram desta vez mais espontaneamente.

— É muito gentil, princesa. — os dois agradeceram quase em uníssono.

— Oh, nada de cerimônias. Não digam a meu marido, mas detesto o protocolo real. — confessei baixinho como se compartilhasse um segredo e sorri. — Apenas Júlia.

Os dois sorriram mais amplamente dessa vez. Dominic cravou os olhos verdes escuros e intensos em mim e abriu um sorriso que se assemelhava ao de Leon: sexy e arrogante, mas com covinhas assassinas que lhe conferia leveza, irreverência. Tenho certeza que muitas calcinhas caíam com aquele sorriso. Caramba! Ele era muito bonito.

— É um homem de sorte, irmão. Sua esposa é encantadora. — disse desviando os olhos para Leon.

— Sim, ela é. — Leon assentiu com a voz repleta de orgulho. Ele é astuto. Percebeu a minha intenção de amenizar a tensão que pairava claramente no ar quando os irmãos desceram do avião. *Eu te amo!* Disse com meu olhar. Ele

sorriu e beijou minha cabeça. — então, vamos? Nosso tio está ansioso para conhecê-los finalmente. — Os dois assentiram e entramos na luxuosa limusine.

Os funcionários do palácio encontravam-se todos perfilados na ampla escadaria frontal. Lembrei-me da minha chegada quando saí do hospital. Os príncipes os cumprimentaram com um polido sorriso. Todos se curvaram respeitosamente enquanto passávamos. Seguimos com Leon para a sala do trono, onde o rei nos aguardava.

— Aproximem-se meus filhos. — pediu o rei visivelmente emocionado.

Dominic foi o primeiro a aproximar-se enquanto o rei levantava-se do trono imponente parando a poucos centímetros dele. Jayden impeliu-se a seguir o irmão também se aproximando do tio.

— São príncipes de Ardócia. São sangue do meu sangue. — o rei disse emocionado, mas solene, tomando a mão dos dois irmãos e encarando a sala repleta de parlamentares e conselheiros completou: — Ardócia, de hoje em diante é a casa de vocês também. Bem-vindos, meus filhos!

Houve aplausos calorosos e o rei os abraçou e beijou um por um. Meus olhos encheram-se de lágrimas. Como diria Leon: sou tão *mulherzinha*.

Leon observava os irmãos atentamente. Dominic estava emocionado diante da recepção calorosa do tio. Por um instante vi algo parecido com a mesma emoção brilhar nos olhos de Jayden, mas no segundo seguinte, a máscara fria e cínica já estava de volta no rosto bonito. Ele era o mais parecido com Leon. Tinha olhos negros penetrantes que pareciam lasers atravessando quando nos olhava. Ao menos ele não era tão indiferente quanto tentava parecer. Eles teriam tempo para se conhecerem melhor, pensei. Eu faria o possível para ajudar meu marido a se aproximar de seus irmãos.

Antes do jantar Leon apresentou nosso pequeno Damien aos tios, mencionando que o nome era em homenagem ao irmão caçula deles, morto há dois anos. Nosso filho era uma criança muito sociável, derreteu-se em sorrisos para os tios. Os dois o tomaram nos braços por algum tempo. Jayden sorriu pela primeira vez verdadeiramente enquanto levantava o sobrinho nos braços. Leon pareceu mais aliviado vendo a interação. Parece que Jayden começava a se desarmar.

— É um bebê adorável. — disse Dominic enquanto devolvia Damien aos braços de Leon.

— Você tem a família perfeita, irmão. — o tom da voz de Jayden profunda e baixa denotava certa dose de sarcasmo.

Ainda assim meu marido lindo fez ouvidos moucos e agradeceu o *elogio* com voz neutra.

— *Si* eu tenho. Obrigado, irmão.

Antes do jantar no salão de refeições oficiais, a conversa girou em torno de trivialidades. Alguns dos conselheiros e parlamentares mais influentes estavam presentes.

Estávamos novamente Leon, eu e os dois irmãos que pareciam um tanto desconfortáveis pela bajulação do parlamento. Todos queriam cumprimentar pessoalmente os novos príncipes. A conversa beirava o tédio. De repente os olhos verdes de Dominic se iluminaram de um modo que ainda não tinha visto desde que chegou à tarde. Segui seu olhar e me deparei com Helena avançando devagar pelo salão. Altiva, régia, linda. Usava um longo verde musgo que sugeria suas curvas discretamente. Helena era um tanto recatada. Seus cabelos soltos, sempre bem arrumados, nenhum fio fora do lugar. Seus olhos encontraram os de Dominic e alargaram-se sutilmente. Houve uma troca silenciosa entre eles, quando parou à nossa frente. Seu rosto ruborizou um pouco. Uau! O que foi isso? Nunca vi Helena reagir assim a nenhum homem. Eu conheço essa reação...

— A *bellissima* Helena. — Dominic praticamente ronronou com os olhos verdes cravados nela, devorando-a escancaradamente. — eu me pergunto onde você estava se escondendo, princesa.

Seus olhos exóticos o fulminaram e ele abriu um sorriso, e se eu achei a forma com que sorriu para mim no aeroporto charmosa, esse sorriso direcionado à Helena só podia ser definido como incendiário de calcinhas! Puta merda! Ela ruborizou mais ainda sob o olhar sedutor de Dominic. Mas piscou e no segundo seguinte recuperou a compostura, sorrindo polidamente. Uma expressão gelada surgiu nos olhos de uísque dispensando sua sedução sem palavras.

— Eu estava trabalhando fora do palácio esta tarde. É um prazer vê-los de novo. — disse desviando os olhos para Jayden que sorriu de volta para ela.

— Tanto trabalho assim? — a voz de Dominic soou provocante.

— Estava acertando os últimos detalhes para o show especial na praia do Imperador, no domingo. É o encerramento do festival de San Domingo, tradicional na ilha. — ela respondeu sem se alterar. Completamente sob controle agora.

— Tudo certo, *caríssima*? — a voz de Leon soou estranha, quase ansiosa.

Helena trocou um olhar cúmplice com ele e assentiu:

— *Si, caro mio*. Tudo certo.

Eu fiquei me perguntando se só eu percebi a troca. Mas não pensei muito sobre isso, pois o cerimonialista avisou que o jantar seria servido. Dirigimo-nos à enorme mesa central. Havia mais três iguais completando um quadrado. Num dado momento, a conversa na nossa mesa recaiu sobre a vida dos dois príncipes recém-descobertos e Leon ficou atento aos relatos de Dominic que contou como cresceu na periferia de Nova York, dando detalhes do primeiro emprego de *office-boy*, até chegar à companhia que ele não mencionou, mas todos ali sabiam, valia bilhões atualmente.

Os olhares se fixaram em Jayden e o vi tomar um gole do vinho com calma, antes de dizer que crescera em orfanatos de Londres, que tinha poucas lembranças da mãe, mas que isso nunca o incomodou. Sucintamente concluiu dizendo que após muito trabalho duro a vida o recompensara com algum retorno financeiro. Ele era modesto, pensei. Todos ali também sabiam que a rede de resorts dele era uma das mais conceituadas na Europa. Não mencionaram relacionamentos, mas isso todos também sabiam pelos tabloides sensacionalistas que eles eram homens do mundo. Raramente eram fotografados ao lado da mesma mulher mais de uma vez. Lembrei-me do comentário de Jayden sobre Leon ter uma família perfeita. Ele se ressentia de algo, mas ainda era cedo para tentar uma abordagem mais direta com ele. Eu ajudaria Leon a conseguir a simpatia dele.

Conversei animadamente com Dominic. Ele era muito mais acessível e charmoso que Jayden. Helena estava sentada ao lado dele. Parecia tensa toda

vez que levantava os olhos do prato e o encontrava olhando-a com aquela expressão arrogante. Acho que isso está no DNA dos príncipes Di Castellani. Dominic parecia divertir-se com as perguntas que dirigia à Helena e ela respondia com monossílabos. Meu cunhado estava claramente atraído por ela, os observei atentamente. Ele tinha um charme avassalador e Helena apesar de sua pose altiva, não parecia imune. Gostei disso. Dominic era dono de olhos verdes escuros e intensos, irreverentes. Jayden também era de tirar o fôlego, mas havia uma expressão sombria e cínica em seus belos olhos escuros. Olhei para o meu marido que estava à minha direita e soube sem sombra de dúvidas, que ele era o mais bonito.

— Por que está me encarando assim, *perla mia*? — Leon sussurrou na minha orelha, causando-me arrepios.

— Vocês são parecidos. De forma sutil, mas quem conhece você pode perceber a semelhança. — comentei baixinho.

— Você estava nos comparando? — ele riu terrivelmente sexy. Minha calcinha molhou. — então?

— Então o quê? — fingi não entender.

— Quem foi o vencedor nesse concurso mental que acabou de realizar, *principessa*?

Ele disse *principessa* de uma forma lenta e arrastada que me fez juntar as pernas para aliviar a dor da excitação. Seu sorriso se tornou perverso quando percebeu o meu estado.

— Falarei assim que estivermos a sós... — sussurrei fazendo uma promessa sexual crua com meus olhos. Ele tomou uma respiração aguda e foi a minha vez de sorrir.

— Comporte-se, *delizia mia*... Somos os anfitriões. Teremos que permanecer mais algum tempo por aqui. — ele pediu baixinho e beijou-me suavemente nos lábios. Seus olhos me diziam que ele me puniria mais tarde por ser tão atrevida. Esperarei ansiosamente.

Jayden nos observava com uma expressão fria quando encerramos nossa interação. Leon encarou-o e levantou sua taça num brinde mudo. O irmão o seguiu levantando sua taça, mas seus olhos não mudaram nem por um segundo

de expressão. Puta merda! O que há com ele?

Leon

Na manhã seguinte meus irmãos aceitaram conhecer um pouco da ilha. Júlia esteve comigo o tempo todo. Minha linda menina queria aliviar a tensão clara entre nós três. Eu a amo tanto. Helena também nos acompanhou. Dominc a provocou até ela aceitar ir conosco. Ele parecia encantado com ela, mas eu ficaria de olho. Helena é muito ingênua e meu irmão é um conhecido playboy mulherengo. Os dois travaram embates o tempo todo. *Dio!* Todos já haviam percebido o clima entre eles. Nunca a vi perder a compostura tantas vezes num só dia. Meu irmão parecia satisfeito cada vez que a tirava do sério. Falarei com ele depois.

À noite fomos ao Cassino. Foi a primeira vez que levei Júlia até lá. Já gostei muito daquele tipo de ambiente, gente rica, mulheres lindas, mas isso não me atraía mais. Eu só preciso dela. Estar com ela. Adorei quando minha menina linda e atrevida pediu para conhecer meu escritório. Dominic e Helena sentaram numa mesa de pôquer e pela forma como se encararam o jogo seria interessante. Jayden avisou que ia circular. Eu tomei Júlia pela mão e subimos para o segundo piso.

Mal entramos ela caiu de joelhos diante de mim e libertou meu pau já semiereto. Sua boquinha gananciosa mamou gostoso em mim. Enlouqueci fodendo sua boca com golpes fortes. Seus olhos se encheram de lágrimas, mas suas mãos continuaram a puxar minha bunda. Eu sorri. Ela já estava sem ar, mas aguentou minhas estocadas até esporrar bem fundo na sua garganta. Minha putinha gostosa tomou cada gota do meu sêmen. Eu a levantei grosseiramente e a dobrei sobre a minha mesa, jogando todo o conteúdo de cima no chão. Levantei a saia longa de seu vestido e rosnei. Sua bundinha linda estava nua. Minha mão desceu em palmadas fortes, deixando sua pele vermelhinha. Puxando seus cabelos da nuca, alinhei a cabeça do meu pau na sua vulva escorregadia e meti com tudo até o talo. Gritamos como dois animais no cio. A comi com golpes tão fortes que a sacudiam toda. O movimento lá embaixo podia ser visto pela ampla janela de vidro. Era excitante pra caralho vê-los todos vestidos, compostos, enquanto eu afundava meu pau até o cabo na minha mulherzinha gostosa. Comi sua bocetinha com vontade. Ela me encontrando a cada golpe brusco. Não demorou muito estávamos gozando

juntos. Cristo! Ela é a porra da foda mais perfeita!

— Oi, amor. — Júlia me saudou quando parei na porta do closet. Íamos ao encerramento do Festival de San Domingo. — já estou quase pronta. — disse puxando a calça jeans de cintura baixa cobrindo o delicioso traseiro. Eu gemi. Ela sorriu.

Fui até ela e abracei por trás, me esfregando descaradamente em sua bunda.

— Leon... Não temos tempo, amor. — Mordi e lambi sua orelha. Sorri quando ela gemeu alto.

— Eu te amo tanto, bebê. — sussurrei e seus olhos lindos me encararam na parede espelhada do closet. Acho que ela sentiu a tensão e insegurança que vinham se intensificando em mim ultimamente. Eu sabia que precisava contar tudo sobre o nosso passado a ela. Ela merecia isso. Mas ainda não me sentia pronto. Foda! Eu acho que nunca estaria.

— Eu também te amo, amor. — ela virou-se me enlaçando pelo pescoço. — te amo muito. — completou e ofereceu seus lábios para mim.

— Promete que você nunca vai me deixar. Não importa o que aconteça, nós vamos superar sempre. — pedi em seus lábios, meu tom à beira do desespero.

Ela se afastou um pouco me olhando, me analisando. Então, seus olhos brilharam e ela sussurrou dando-me beijos suaves:

— Eu prometo, amor. Nunca vou deixar você.

Eu assenti e aprofundei o beijo enlaçando-a pela cintura. Foda-se! Eu não posso perdê-la. Nunca.

Chegamos à praia do Imperador em torno das três horas da tarde. As bandas já haviam iniciado os shows. Havia uma multidão a perder de vista. Nossos seguranças enlouqueceram para nos escoltar até o camarote. O festival era bem divulgado pela mídia. Ardócia era um polo turístico bem frequentado por ricos e famosos. Não devíamos nada a Mônaco[46] no quesito glamour e diversão. Entramos finalmente no camarote Real do lado orla, que mais parecia um formigueiro. Atores, modelos, celebridades de todos

os calibres já circulavam com suas bebidas. Um mini cassino foi montado num dos espaços do enorme camarote. Helena como sempre foi perfeita na organização. Dominic e Jayden pareciam mais à vontade agora. Os deixei se ambientando com Helena e conduzi Júlia para a ampla sacada do camarote.

— Oh! Leon! É tudo tão lindo! — Júlia exclamou quando nos deparamos com a visão completa da praia lotada e do grande palco a poucos metros de nós. — isso me lembra do Brasil. Meu povo é tão alegre. — disse com saudade na voz.

— Agora esse é o seu povo também, *perla*. — sussurrei na sua orelha a abraçando por trás. — você é a nossa *principessa*. — ela suspirou e deitou a cabeça no meu ombro.

— Sim, amor. Eu sei. — assentiu, os olhos de esmeralda brilhando observando a multidão.

Helena e meus irmãos juntaram-se a nós algum tempo depois. Uma banda local se apresentava agora. Júlia conhecia surpreendentemente quase todas as músicas.

— Eles são tão bons, Leon! — gritou cantando o refrão contagiante do rock agitado.

Olhei o palco com mais atenção. Os meninos eram realmente muito bons.

— Vou pedir a Helena que verifique se eles têm um empresário. — disse alto para ser ouvido. Os olhos dela se iluminaram lindamente. — podemos ajudá-los com a gravação do primeiro álbum. — ela me observou por um instante, depois se jogou nos meus braços me beijando forte. Eu gargalhei em sua boca e a levantei do chão, aprofundando o beijo. Tive que me lembrar de que estávamos em público e a coloquei de volta no chão colando nossas testas rindo como dois adolescentes. Pouco depois a deixei com Helena e fui ao banheiro. Quando estava saindo fui cercado por ninguém menos que Francesca Rugieri. Porra! A garota não desistia nunca! Sempre dando um jeito de me cercar.

— Olá, *caro mio*. — ronronou aproximando-se o suficiente para encostar seus peitos falsos em mim. — quase não temos nos visto ultimamente. Estou com saudades.

— Tire esses peitos monstruosos de perto de meu marido, sua vaca! — a voz me sobressaltou e no segundo seguinte Francesca foi violentamente arrancada de perto de mim. — e ele não é seu querido! — Júlia completou empurrando-a para longe. Uau! Isso foi rápido! Francesca tropeçou quase caindo, mas se reequilibrou e abriu um riso debochado.

— Pergunte à ele, querida. Ele adorou cada vez que transou comigo. — olhou para mim. — diga a ela Leon. Diga o quanto gostou de me foder de todas as formas.

Vadia maldita! Eu vou matá-la! Júlia empalideceu do meu lado.

— Você é louca? — eu disse entre dentes. — nunca foi nada sério. Foda casual. Tenho certeza que o termo é bem conhecido para mulheres como você. Não ouse nunca mais chegar perto de mim ou de minha mulher, entendeu? Ou eu vou processá-la.

Francesca ficou muda, mas se recuperou logo em seguida. A garota era mesmo louca!

— Ok. Não chegarei perto. Mas tenho que avisá-la, ele não fica muito tempo com uma mulher, querida. — sorriu de novo. — quando se cansar de você terei minha chance de novo.

Júlia deu um passo na direção dela e a próxima coisa que fez me deixou boquiaberto: ela despejou sua água gelada no rosto e peitos da outra.

— Sua puta louca! Olha o que você fez com meu vestido? — Francesca gritou histérica.

— Parece que precisa esfriar um pouco, *querida*. E isso não chega nem perto do que vou fazer com você se não parar de cercar meu marido. — Júlia sorriu e voltou para mim enlaçando seu braço no meu. — Ah! E está muito enganada. Meu marido não precisa procurar mulheres como você por uma razão muito simples: ele me tem completamente para atender todas as suas necessidades na cama e fora dela. — com esse último golpe ela me puxou e eu a segui totalmente extasiado, excitado, louco pela minha linda, feroz e deliciosa esposa. Avançamos em silêncio pelo corredor semiescuro.

— Leon! O que é isso? — Júlia sobressaltou-se quando abriu uma porta e a empurrei para dentro.

— Eu quero você agora, bebê. Aquilo que fez lá fora foi quente pra caralho! — grunhi prendendo seu corpo contra a porta.

— Onde estamos? — ela relanceou os olhos pelo pequeno recinto escuro. Parecia uma espécie de despensa.

— Não importa. — falei já desabotoando seu jeans.

— Leon. —ela gemeu. — eu estou chateada com você. Você fodeu aquela vadia! — disse me empurrando.

— Ela não é ninguém. Acredite em mim. — segurei seu queixo e a beijei lento e apaixonado. Ela resistiu por alguns instantes, depois gemeu e me enlaçou pelo pescoço. Subi sua camiseta básica com o logotipo do festival, afastando o sutiã e segurei seus peitos perfeitos. — Sou louco por você, bebê. Você é a única para mim, amor. — sussurrei em sua boca, nossas línguas já se lambendo indecentemente. Puxei sua calça para baixo com calcinha e tudo e cai de joelhos. Assaltei sua bocetinha molhada e devorei-a com minha boca. Chupei seu brotinho até ela se quebrar gritando e gozando em minha língua. — vire de frente para a porta e abra bem as pernas. Eu vou comer você tão duro, bebê. Vou meter tão forte... — ela gemeu e fez obedientemente o que ordenei. Dei uma palmada na sua bundinha linda antes de me alinhar em sua entrada estreita e bater duro até o fundo em sua bocetinha, sacudindo-a para frente. Meu pau todo enterrado em seu buraquinho apertado.

— Oh! Meu Deus! — ela miou empinando mais o traseiro lindo para mim. Dei um tapa mais forte do outro lado e passei a meter sem dó, puxando-a pelos cabelos da nuca.

— Nunca foi assim com nenhuma outra, bebê! — grunhi comendo-a sem trégua. — é só você *delizia mia*. Só você, *amore mio*. — Continuei fodendo-a enlouquecido, não demorou muito e ela se desmanchou em outro orgasmo, seu canal apertando meu pau. Tirei tudo e meti mais duro e mais fundo. Foi demais... Joguei a cabeça para trás rosnando, gozando tão forte que minhas pernas quase cederam. Porra! — minha putinha gostosa... Gostosa... — ronronei mordendo e lambendo sua orelha, terminando de esporrar dentro dela.

Vinte minutos depois estávamos recompostos e de volta à sacada. Apenas Jayden estava à vista. Dominic e Helena não estavam por perto. Franzi o cenho. Espero que meu irmão não tente nada com ela, Helena não é o seu tipo

de mulher. Não é mulher para aventuras e o mundo todo sabe que Dominic nunca teve nada além de aventuras.

— O que foi? Por que franziu o cenho? — Júlia tocou meu rosto preocupada.

— Nada, amor. — a abracei por trás de novo e beijei seu ombro. — parece que vai começar o show principal *tesoro*. — disse em seu ouvido. O sol era uma bola laranja sumindo no oceano e o clima era mais agradável agora. O palco ficou totalmente escuro por algum tempo então explodiu em luzes de todas as cores. Os acordes do piano da música *cloks* começou e logo a batida rápida da banda se seguiu. *Si*, isso mesmo! Coldplay para minha menina! É uma das surpresas que preparei para ela hoje. Foda-se! Sou um maldito apaixonado comandado por uma boceta, mas eu amo o sorriso de surpresa e encantamento se abrindo no rosto dela agora. A multidão explodiu quando a voz de Chris Martin encheu a praia. Júlia virou-se para mim, seus olhos lindos brilhantes.

— Coldplay? Oh! Meu Deus! Amor! Coldplay! Você fez isso para mim? — gritou maravilhada acima da música.

— Tudo por você, bebê. — assenti de volta. Ela me puxou para um beijo rápido e pulou, realmente pulou ao som da sua banda preferida.

Cantamos, dançamos e nos divertimos como nunca. Flashes espocavam o tempo todo em nós. As manchetes já estavam veiculando a todo vapor com certeza. Eu quero que o mundo veja como nos amamos. Como somos felizes juntos. *Yellow* (amarelo) começou após uma sequência agitada. A multidão vibrou. Júlia me abraçou e nos movemos coladinhos, nossos olhos trancados, murmurando a letra.

Look at the stars

Olhe para as estrelas

Look how they shine for you

Olhe como elas brilham para você

And everything you do

E para tudo o que você faz

In my Place, fix you e várias outras que ela gosta vieram na sequência e permanecemos assim. A multidão sumiu. Éramos só eu e ela. Cantei para ela, seu sorriso lindo me contagiando. Eu nunca fui tão feliz em toda a minha vida.

Depois do show a banda deu uma passada rápida no nosso camarote e eu quase fiquei com ciúmes. Júlia quebrou totalmente o protocolo abraçando e beijando cada componente. Sua bunda deliciosa levaria muitas palmadas mais tarde.

CAPÍTULO DEZESSETE

Leon

Cerca de duas horas depois estávamos de volta ao palácio. Fomos verificar Damien que já dormia tranquilo, o beijamos e a puxei pela mão.

— Onde está me levando Leon? — Júlia sorriu quando a levantei nos braços e desci a escada para o jardim dos nossos aposentos.

— Feche os olhos, bebê. — disse suave descendo a escada de pedra para a nossa praia particular. — Já estamos quase chegando.

— Leon. — ela sorriu inspirando a brisa marítima. — estamos na praia? Por quê?

Então a coloquei no chão com cuidado.

— Pode abrir *tesoro*.

Ela abriu os olhos incríveis e os pousou primeiro em mim, abaixado sobre um joelho à sua frente. Suas íris se alargaram com surpresa e excitação. Relanceou o olhar para o que estava à nossa frente: uma tenda ricamente ornada com tapetes, almofadas e uma bancada com uma variedade de frutas e outros alimentos. Havia pétalas de rosas vermelhas espalhadas por toda a areia até a entrada. Sua boca se abriu, mas antes que falasse eu me antecipei. Eu nunca estive tão malditamente nervoso em toda a minha vida.

— Júlia, bebê, *tesoro, perla, delizia mia*. — minha voz falhou um pouco. Só diga logo porra! — você me daria a honra de se casar comigo? — suspirei e tirei a caixinha do meu bolso. Era o anel de noivado de minha mãe. Um grande diamante rosa era a pedra do centro, rodeado de diamantes brancos.

Os olhos de esmeralda se encheram de lágrimas. Ela respirou ruidosamente procurando se controlar.

— Leon... Isso é lindo! — disse emocionada. — mas, amor, nós já somos casados. — completou com um sorriso em meio às lágrimas.

Minha linda menina. Ela não se lembrava da farsa que foi nosso acordo de

casamento. Meu coração afundou um pouco com a lembrança.

— *Si*, mas tudo foi muito rápido da primeira vez. Precisávamos assegurar nosso príncipezinho. — afirmei cauteloso. — agora quero dar a você um verdadeiro conto de fadas, bebê. Então, o que me diz *principessa mia*?

— Eu te amo. Sabia disso? — ela me puxou para cima se pendurando no meu pescoço. — eu sou sua, completamente sua. É claro que sim! Me caso com você quantas vezes quiser! — gritou a última parte.

Eu a levantei do chão e rodopiei com ela, beijei, sorri, sussurrei o quanto a amo. Em instantes estávamos deitados na tenda. Ela nua, meu anel em seu dedo, eu adorando cada centímetro do seu corpo. Quando a penetrei foi com infinita calma. Fizemos amor lenta e apaixonadamente. Apenas no final intensifiquei os golpes e gozamos juntos do nosso jeito lascivo jurando nosso amor.

— Isso foi intenso... De um jeito diferente. — ela sorriu ofegante. Eu ainda estava todo enterrado nela, também ofegante. Eu não sairia de dentro dela tão cedo.

— Isso é amor, *delizia mia*. — beijei seus lábios lentamente. — nós fizemos amor, lento e gostoso. — movi-me devagar em seu interior encharcado do meu sêmen. Meus olhos a devorando de novo.

Ela gargalhou alto. Linda!

— Deus! Você é tão insaciável. Planeja me alimentar, alteza? — sussurrou provocante. — ou vai manter-me assim embaixo de você a noite toda? — sua barriga roncou para reforçar sua reclamação.

Nós sorrimos e saí de dentro dela com relutância. Já estava duro de novo. Meu maldito pau voluntarioso se rebelando por sair de seu calor...

— Venha, bebê. Vou alimentá-la devidamente. — a levantei pela mão e fomos nos sentar nas almofadas junto da bancada baixa repleta dos mais variados pratos. Não nos importamos em nos vestir. — depois eu vou amarrar, vendar e comer você a noite toda... — sussurrei em sua orelha. Ela prendeu a respiração. Eu sorri e sentei em frente a ela.

— Leon... — ela gemeu.

— O que foi, linda? — fingi inocência levando um morango aos lábios dela. Ela abocanhou meus dedos juntos e os chupou obscenamente. — você que jogar sujo, *delizia mia*? — sorri quando ela ajeitou-se e levantou as mãos em rendição.

— Eu me rendo. Preciso comer agora. — no entanto, seus olhos adquiriram uma expressão safada e acrescentou: — mas depois vou fazer tudo que meu príncipe quiser. — Porra! Eu gemi e ela ampliou o riso.

— Você, sua pequena atrevida. — rosnei. — coma! Depois vou bater nessa bunda linda e foder seu rabinho gostoso bem forte. Vai ficar sem andar por uma semana!

Ela miou e se remexeu na almofada. Ótimo! Bebê. É isso aí. Não inicie um jogo que não pode ganhar. Sorri arrogante e começamos a comer.

Meus irmãos resolveram deixar a ilha só na terça-feira. Estávamos fazendo progressos. Na segunda de manhã os levei ao mercado popular e a algumas aldeias de pescadores. Foi um passeio agradável. Eu mesmo dirigi meu Range Rover Evoque. Dominic era muito mais acessível e falante do que Jayden, mas acabei conseguindo arrancar algumas palavras de meu irmão mais novo. Fomos só os três. Acho que estamos tendo um bom começo. Eu decidi que quero fazer parte da vida deles e que eles façam parte da minha. O sangue Di Castellani é forte. Isso vai acabar falando mais alto. Quando voltamos quase no final da tarde, Helena se reuniu conosco em meu escritório. A conversa caiu em Damien. Queria saber mais sobre ele.

— Este é Damien. Foi tirada pouco meses antes de sua morte. — Helena entregou um pequeno álbum para Dominic e Jayden sentados lado a lado no estofado em forma de L.

A porta se abriu e Júlia surgiu num vestido verde floral. Avançou para mim me beijando levemente nos lábios. Eu fiquei rígido. Nunca havia falado muito de Damien com ela, ainda não havia visto nenhuma foto de Damien. Não me sentia pronto para essa conversa. Eu queria fingir que nossa relação sempre foi perfeita como nos três últimos meses.

— Fotos de Damien? Posso vê-las? — Júlia disse aproximando-se de Helena.

Helena se retesou desviando os olhos para mim numa agonia muda. Júlia olhou de Helena para mim e vice e versa. Sua expressão apreensiva.

— Quero ver as fotos. Por que nunca me mostrou, Leon? — encarou-me franzindo o cenho. — o que foi? Por que está tão pálido?

— *Perla mia...* — minha voz saiu instável. Foda-se! Não havia mais como adiar o inevitável.

— Dê-me as fotos, Helena. — ela pediu e Helena mais uma vez me encarou com um profundo pesar nos olhos, mas entregou o álbum a Júlia.

Júlia o pegou, encarando a foto de Damien e seus olhos ampliaram-se com o reconhecimento.

— Mas esse é... Paolo. — sussurrou e franziu o cenho de novo. — ele também se suicidou... — seus olhos se alargaram mais, ela empalideceu e levou a mão à testa como se sentisse dor. Fechou os olhos com força e levou a mão à boca para conter um soluço. Quando os abriu cravou-os em mim confusos, arregalados e incrédulos. Meu sangue gelou nas veias. Ela parecia estar se lembrando. — Isso não é apenas uma coincidência? É? As imagens... Elas estão voltando... Muitas... Oh! Deus! Eles... Eles são a mesma pessoa... — o álbum caiu no chão e ela gemeu levando as mãos à cabeça como se sentisse dor. — Leon... Você me acusou de matar seu irmão. Você foi atrás de mim no Rio... Oh! Meu Deus! Você... Você me odeia! — eu fiz menção de ir até ela, mas ela levantou a mão me parando. Seus olhos enchendo-se de lágrimas.

Ela se lembrou de tudo. Havia uma expressão chocada e ressentida nos lindos olhos que estavam vítreos agora. Senti meu peito apertar e avancei na direção dela, quando a vi se apoiar na borda da mesa. Estava pálida e trêmula.

— Oh! Meu Deus! Você não... Me ama. Você mentiu o tempo todo... Como você pôde? — sua voz falhou no final e ela teria caído no chão se eu não a tivesse alcançado rápido. Tomei-a nos braços. Meus irmãos levantaram-se rapidamente se entreolhando sem entender nada.

— Perdoe-me Leon. — Helena pediu transtornada. — Foi tudo culpa minha. Não devia ter insistido para mostrar as fotos...

— Isso era inevitável, *cara mia*. Não é culpa sua. — suspirei resignado.

— chame o Dr. Piazzoni, rápido! — e sai carregando minha mulher desacordada nos braços. O que faria agora? Como convencê-la de que nada do que vivemos depois do acidente foi mentira?

Júlia

Abri os olhos lentamente e encarei o rosto amável do Dr. Piazzoni. Minha cabeça latejava.

— Sente-se bem, alteza? — o médico grisalho me olhava com olhos calorosos.

— Sim. Estou bem. — levantei-me acomodando melhor nos travesseiros e então vi o bastardo mentiroso num canto do quarto, sentado na poltrona. As mãos enfiadas nos cabelos, os olhos negros com uma expressão terna, preocupada e apreensiva que contrastava com minhas lembranças. Eu me lembrava daqueles olhos sempre duros, cínicos, sarcásticos, me condenando, zombando de mim e de meus sentimentos.

— Teve flashes de memória? — o médico quis saber, enquanto me examinava os olhos.

Assenti incapaz de falar qualquer coisa naquele momento. Senti o peso dos olhos de Leon sobre mim.

— Essa reação é normal. — o médico assegurou.

— Estou bem agora, doutor. Só sinto um pouco de dor de cabeça. — fechei os olhos. Meu pesadelo voltou. Acabou o conto de fadas. Suspirei sentindo-me fraco e miseravelmente infeliz. Tudo mentira. Tudo uma grande e perversa mentira. Meu peito doía horrivelmente.

O médico ministrou-me um analgésico e após algumas recomendações deixou o quarto. Um longo silêncio se seguiu e eu cheguei a pensar que o bastardo havia saído também, mas quando abri novamente os olhos ele estava lá, de pé ao lado da cama observando-me. Seus olhos escuros brilhando intensamente.

— *Perla...*

Ri sarcástica. Então o bastardo queria prosseguir com aquela mentira suja?

— A farsa acabou, Leon. — fulminei-o, levantando-me bruscamente. — Minha memória voltou. Lembrei-me de cada palavra sórdida e cada momento humilhante a que você me submeteu desde quando pôs esses malditos olhos em mim.

— Júlia precisa saber que não a culpo mais pela morte de Damien.

Cheguei à porta da sacada sentindo a brisa fresca no rosto e virei-me surpresa.

— Não!?

— Fiz uma nova investigação depois do seu acidente. Descobri que Damien era homossexual e que por isso fugiu de Ardócia, de mim. — revelou tendo a decência de parecer envergonhado.

— Então, enfim a verdade. — falei sem qualquer emoção. Eu me sentia morta por dentro. Meu marido atencioso e amoroso era uma farsa, uma farsa cruel!

— Por que não me disse isso quando nos conhecemos? — ele quis saber.

— Você estava determinado a acreditar no pior sobre mim, lembra-se? — o encarei com uma mágoa palpável. — Além disso, eu não tinha o direito de revelar detalhes tão íntimos da vida dele.

Ele me olhou e assentiu em silêncio.

— Descobrimos a pessoa que se aproveitou da ingenuidade e boa-fé dele. É um modelo masculino bem conhecido no Brasil. — ele revelou.

— Sério? E o que você fez? Também foi pra cama com ele? Fez com se apaixonasse por você e depois o destruiu como fez comigo? — cuspi as palavras venenosas.

Leon recuou como se tivesse levado um tapa, a dor transparecendo nos olhos. Foda-se! Eu não caio mais no feitiço desses olhos escuros malditos!

— Consegui reaver o que ele tinha roubado de meu irmão. Não era justo que sáísse bem quando iludiu Damien a ponto de levá-lo a tirar sua própria vida.

— Não, não era justo. Como você fez isso? — inquiri apreensiva.

— Tenho meus meios e meu título me permite ter muitos aliados. — revelou, mas sua expressão não mostrava alegria pela vitória.

— Oh! Como esquecer seu precioso título, não é? — bufei. — Você brincou de Deus com a minha vida por duas vezes, Leon. Você me usou friamente, brincou com minhas emoções por duas vezes! — minha voz foi se alterando. — quando ia me contar tudo? Ou ia me deixar o resto da vida vivendo a droga de uma mentira?

— Eu ia contar. Juro que ia, bebê. Mas temia exatamente essa reação. — sua voz parecia quebrada, seus olhos hesitantes.

— Você deve estar muito feliz consigo mesmo por me fazer a maior idiota da face da terra!

— Pareço feliz? — disse parecendo tão miserável quanto eu e aproximou-se devagar.

— Eu me lembrei de tudo, Leon. — disse entre dentes encarando-o. — você estava fodendo aquela vagabunda contra uma parede. — minha voz quebrou. Respirei trêmula. — eu estava deixando você! Estava indo embora para bem longe de você! Eu quase morri por sua causa, seu cretino, mentiroso, traidor! — gritei histérica.

Ele avançou até mim me puxando pelos braços. Eu o empurrei.

— Não! Não foi nada daquilo. Nunca trai você, bebê. Nunca! — enfiou as mãos nos cabelos até a nuca. — ela não é nada para mim! Nada! Eu... — gemeu alto. — eu tomei três doses de uísque muito rápido. Estava quase bêbado. Tínhamos brigado e...

— Não! Nós não brigamos. — o cortei, meu tom seco. — eu disse que te amava e você me humilhou, me tratou como uma puta na frente de Helena!

— *Dio! Si* eu lutei de todas as formas que conhecia para não me apaixonar por você, porque pensei que estava traindo a memória de meu irmão. — respirou fundo. — mas eu me apaixonei! Loucamente!

— É mentira! Mentira! — berrei fora de mim.

— Não! Não é. O que você viu naquele dia foi uma tentativa estúpida de provar que não te amava. Que podia sentir com outras o que só sentia com

você. — me olhou com olhos suplicantes. — eu falhei miseravelmente. Nos dois sentidos. Não senti nada ao beijá-la, você nos viu e quase a perdi. Acredite *tesoro*, eu me odeio por isso.

— Eu sei o que vi, Leon. Não subestime minha inteligência. — o olhei, minha visão embaçada pelas lágrimas. — você estava beijando aquela vadia! Estava entre as pernas dela. Eu pensei que fosse morrer quando vi aquilo. — minha voz se quebrou no final. Aquela imagem ainda era nítida, queimando na minha mente.

— Não é o que parecia, bebê eu juro. — disse num sussurro.

— Não ouse nunca mais me chamar desses termos carinhosos! Eles são mentirosos como tudo que envolve você!

Seus olhos brilharam mais. Ele piscou como se sentisse dor. Eu odeio que depois de tudo ainda quero correr até ele e... Oh! Meu Deus! É tão injusto! Por que o amo tanto? Virei-me e andei para a sacada. Preciso de ar. Meu peito dói. Uma dor quase física.

— Dessa vez como da primeira, tornei as coisas ridiculamente fáceis para você. Acreditei em tudo que me disse cegamente. Entreguei-me a você de todas as formas que uma mulher pode se entregar a um homem. E tudo não passou de uma grande e perversa mentira. — disse sem olhá-lo assim que ele parou ao meu lado na grade.

— Não me orgulho disso. Eu errei muito com você. Mas precisa acreditar que tudo que vivemos nesses últimos meses foi real.— tentou me tocar, mas me esquivei. — eu te amo Júlia, e você também me ama. — disse, mas havia um toque de insegurança no seu tom.

— Sinto muitas coisas por você agora, Leon. Mas amor não é uma delas. — o encarei de novo e sua expressão caiu. — Você roubou minha vida. Tudo isso aqui. — levantei os braços indicando a opulência do quarto, o mar à nossa frente. — não sou eu.

— Não diga isso, você é minha mulher, a princesa de Ardócia.

— Sabe que não. — mantive os olhos fixos nos dele. Mais lágrimas desceram. — sou sua prostituta de luxo. Uma puta que você só usa para seu prazer. — devolvi suas próprias palavras.

— Não! — Leon negou, mas quando eu o fulminei, ele se viu admitindo: — sim, no início eu fui estúpido e cego pelo desprezo que achava que merecia. Mas não me sinto mais assim. Sabe que não, bebê.

— Não ouse me chamar assim nunca mais! Ouviu? — berrei descontrolada. — Por que deveria acreditar em você quando nunca me concedeu o benefício da dúvida? Julgou-me e condenou sumariamente, sem nunca me dar chance de defesa.

Ele ficou pálido.

— Eu percebi que a amava logo que saiu daquela estufa decidida a ir embora. Fui atrás de você. — suspirou pesadamente. — mas quando cheguei até você já era tarde... Dê-me a chance de provar que o que temos é real *tes...* Júlia. É tudo que peço. — ele conseguiu finalmente tocar-me os ombros puxando-me para ele. As lágrimas escorriam pelo meu rosto. Eu odiava que me fizesse chorar de novo.

— Não é real, Leon. — não me afastei, mas não cedi. — já vivi isso uma vez lembra-se? No Brasil, olhava-me como eu fosse o centro do mundo e de repente me tirou o chão. Dessa vez você está sendo muito mais cruel. Por favor, não ouse falar de amor para mim. — sacudi a cabeça fechando os olhos com força. — quem ama não mente, engana, usa, seduz, humilha, destrói. Não consigo mais acreditar em você.

Seus olhos se alargaram visivelmente alarmados. Acabou o seu domínio sobre mim.

— Agora que já sabe a verdade sobre mim, dê-me a liberdade. — me desvencilhei dele, tirei o anel que tinha colocado no meu dedo ontem em mais um grande ato do seu show de mentiras e entrei no quarto, deixando-o em cima da cama. —Quero minha vida de volta. Você me deve isso. — e saí sem olhar para trás.

Entreí no meu quarto, tranquei a porta e me encostei-me a ela. Meu peito parecia estar sendo esmagado. Tudo voltando com força total. A força da decepção, do ódio que senti ao vê-lo com aquela vaca. Parecia tão recente. Era tudo tão intenso. Era como se tivesse acontecido há pouco. Mais lágrimas caíram.

— Júlia, amor. — ouvi a voz suave e apreensiva do cretino do outro lado. — abra, bebê. Vamos conversar, por favor. Não foi dessa forma. Eu juro, *amore mio*.

Eu não respondi. Minhas pernas fraquejaram e eu desci, sentando-me no chão. Puxei meus joelhos até o peito e continuei chorando, porque tudo que eu havia acreditado, tudo que vivi, tudo que meu marido me disse quando acordei naquele hospital era mentira. Tudo parte de suas artimanhas para continuar me usando, me submetendo a ele. Eu quero odiá-lo. Eu preciso odiá-lo.

Dominic

Leon desceu para o jantar sem a esposa a tiracolo. Algo muito ruim aconteceu entre eles. Júlia esteve com amnésia depois de um grave acidente. Parece que se lembrou de coisas que meu irmão fez que o colocou em apuros. Mas o que seria? Pergunto-me. Leon parece completamente apaixonado pela esposa. Eu torço que eles resolvam suas coisas. Gostei do meu irmão, parece um bom homem e a princesa é uma mulher linda e doce. Claramente o ama também. Eu realmente espero que eles se acertem.

Antes da sobremesa Leon alegou dor de cabeça e se retirou da mesa. Helena o seguiu. Isso me irritou. Ela vivia pendurada nele como uma adolescente deslumbrada. Chegava a ser ridícula. Eu os segui à distância. Foram para o jardim da ala norte. Deus! O que estou fazendo? Por que estou obcecado com essa garota? Ela é uma princesinha ativa e esnobe. Não é meu tipo. Claro que não. Então por que estou aqui me esgueirando como um imbecil sem noção? Foquei nos dois a alguns metros à frente. Helena parecia consolá-lo. Leon estava visivelmente abatido. Então ele a abraçou forte, demorado.

— Leon, Helena. Interrompo alguma coisa?

Os dois separaram-se sob minha inspeção atenta. Helena parecia totalmente desconcertada, mas Leon estava calmo e tranquilo.

— É claro que não. — Leon afirmou e beijou-a com carinho no rosto. — obrigado por tudo. — e despediu-se de nós em seguida: — boa noite, estou exausto. Aproveite a companhia de Helena, irmão. — disse e nos deixou sozinhos, mas seu olhar parecia dizer *não toque nela!* Sorri, pois não iria apenas tocar... Iria devorar cada pedacinho delicioso dela.

Estreitei os olhos examinando o belo rosto de Helena demoradamente. O que estava acontecendo ali? Aquele era um abraço fraterno? Ou havia algo mais escondido ali? Perguntei-me sem, contudo, deixar de admirar a mulher que povoava meus pensamentos insistentemente nas duas últimas semanas desde que a vi em Nova Iorque quando acompanhou Leon no nosso primeiro encontro.

— Tudo bem? Parece tensa...

— Estou ótima. Desculpe-me, mas o dia foi cansativo. Vou me recolher. — Eu tive que segurar o riso. Quem dizia *se recolher*? No meu meio ninguém. Mas não cresci num palácio, não é mesmo? — Boa noite.

— Até quando vai fugir de mim, princesa? — abri um meio sorriso e vi o brilho furioso nos olhos cor de âmbar antes dela dar-me as costas sem revidar como de costume. Ela já me advertiu que não era uma *princesa*, mas uma *duquesa*. No entanto, não consigo resistir a provocá-la. Para mim, ela parece uma princesa. Linda, altiva, esnobe. Helena me excita de uma forma visceral. Não me lembro de já ter me sentido assim antes. Eu a quero. Eu vou tê-la. — vai acontecer Helena. Isso entre nós vai acontecer mais cedo ou mais tarde. — avisei tentando conter o riso quando ela parou abruptamente e virou-se lentamente para mim. Oh, isso vai ser divertido...

— Cachorros vadios não fazem meu tipo, Dominic Harper. — ela cuspiu com olhos frios e virou-se seguindo seu caminho novamente.

— Continue repetindo isso, princesa! Quem sabe consiga convencer a si mesma! — falei às suas costas.

Admito. Eu fui um idiota no nosso encontro em Nova York. Cometi um erro de julgamento. Ela não pode simplesmente esquecer e me perdoar? Acho que a princesa vai me fazer trabalhar duro... Abri um sorriso. Ela não tem ideia do quanto adoro um bom desafio. Adoro quando elas me fazem suar. A princesa só não sabe ainda, mas definitivamente será minha. O que Dominic quer, Dominic consegue. Simples assim.

— Parece que temos problemas no paraíso, irmão.

Virei-me ao ouvir a voz profunda de Jayden. Havia um misto de cinismo e amargura na expressão dele. O que havia acontecido a meu irmão para ter se

tornado assim? Recuso-me a acreditar que ele sempre foi assim.

— Você acha é? —comecei a andar devagar, ele se juntou a mim.

— Parece que o príncipe Leon já não tem a família perfeita, afinal. — Jayden disse zombeteiro.

— Ei! — estaquei encarando-o. — O *príncipe Leon* é nosso irmão. Ele parece um bom homem. A princesa também parece uma boa mulher. Por que age como se ele fosse culpado por tudo... Ele não sabia da nossa existência Jayden. Se quer realmente odiar alguém, odeie o príncipe Marco. Ele é o único culpado.

Jayden deu mais alguns passos e virou-se para mim, enfiando as mãos nos bolsos com uma expressão cínica no rosto.

— Oh, você já foi tocado por essa história de *vocês são príncipes de Ardócia*, não foi? Talvez tenha razão quanto a Leon, mas não tenho intenção de levar essa palhaçada a diante. Não sou príncipe de coisa alguma. Minha vida não foi, não é, e nunca será aqui irmão.

O analisei preocupado. Ele agora é meu irmão mais novo. Preciso tentar entendê-lo. Atravessar essa casca de *não se aproxime* que ele tem em volta.

— Então, você é sempre assim, ou só está praticando para o dia das bruxas? — cutuquei-o.

Jayden me encarou por um instante e então fez algo que me surpreendeu: abriu um sorriso que iluminou todo o rosto. Ele devia sorrir mais.

— Não acredito em bruxas irmão. Senão teria que acreditar também em fadas. — disse em seguida, a expressão cínica voltando aos olhos escuros astutos.

— Oh, eu preciso saber quem é ela!

— Quem? — Jayden uniu as sobrancelhas negras.

— A mulher que o deixou assim, tão amargo. — disse não mais sorrindo agora. — porque tenho um palpite que é uma mulher. Vamos, irmãozinho. Se abra com seu irmão mais velho.

Jayden me olhou intensamente por alguns momentos, então ele gargalhou,

realmente gargalhou. Ótimo! O bastardinho tinha senso de humor. Menos mal.

— Dom, quem é você? O psicólogo do Palácio? — seu sorriso sumiu e seus olhos se tornaram frios. — Irmão, jamais daria tanto poder a uma mulher. — virou-se, retomando a caminhada, o acompanhei em instantes. — Já você parece bastante interessado pela nossa lindíssima prima, não é?

O olhei. Uau! Ele era bom em se esquivar de um assunto, tive que admitir.

— É tão óbvio assim? — sorri, ele gargalhou de novo. Bastardo cínico!

— Óbvio e patético se quer saber.

— Ela está tentando me afastar, mas temos uma conexão muito forte. Senti isso desde o primeiro momento que a vi em Nova York. — expliquei.

— Você não estava acompanhado de uma loira linda naquele encontro? Aquela com a língua que deve estar no guinness book [\[47\]](#) e que esteve a maior parte do tempo enfiada em sua garganta? — seus olhos zombavam de mim claramente agora. Meu irmão era realmente um bastardo irônico.

Eu gemi. Claro que estava e era por isso que a princesinha estava me esnobando.

— Sim, estava. Mas já estou disponível de novo. — dei de ombros. Aquilo era corriqueiro para mim. Mulheres vêm. Mulheres vão. Eu nunca, jamais me prendo. — totalmente disponível para Helena.

— Oh, vai com calma, *Romeu*. — Jayden disse sorrindo. — ela é a queridinha de nosso irmão. Foram criados juntos e blá, blá, blá. Não vê como ela o olha? Como se ele fosse o próprio *Superman*?

Deus! Ele havia percebido isso também? Preciso descobrir o tipo de relacionamento de Leon com Helena. Ele parece muito apaixonado pela esposa, mas Helena é belíssima. É, sem dúvida uma tentação e tanto. Será que meu irmão havia sucumbido? Não posso acreditar nisso. É sórdido demais.

— Helena será minha, irmão. Leon deve se preocupar com a sua esposa. — afirmei sério.

Jayden olhou-me espantado pela veemência da minha afirmação.

— Oh, irmão, vejo que está irremediavelmente perdido. — disse sorrindo

dando tapinhas nas minhas costas. Adentramos o palácio em silêncio e despedimo-nos seguindo para nossos *aposentos*. *Aposentos...* Sorri. Esse negócio de realeza era completamente enfadonho.

CAPITULO DEZOITO

Júlia

Na manhã de terça-feira os príncipes partiram de Ardócia. Leon e Helena os levaram ao aeroporto. Eu tentei, mas não conseguiria vê-lo. Ainda era muito cedo. Então me tranquei no quarto e o evitei a todo custo. Duas semanas nas quais não vivi, vegetei. Todos os dias ele batia na minha porta. Todos os dias eu o ignorava. Meu coração sangra cada vez que ouço sua voz. Por fim, depois de uma conversa com Kênia resolvi sair da minha concha. Vou mostrar a ele que sou forte. Que ele não me destruiu completamente com suas mentiras. Retomei minhas atividades na Universidade de Ardócia. Preciso ocupar a mente. Estou esperando que Leon me liberte, mas para ser sincera, lá no fundo também estou esperando que ele faça algo para me convencer que tudo que vivemos depois do acidente foi real. Meu grupo de pesquisa esteve preparando um evento grandioso com renomados pesquisadores da área. Pelo menos me distraí do meu caos emocional.

Nunca estive tão nervosa. Era a primeira vez que falaria em público sobre a primeira princesa da Ilha de Ardócia: Lucíola. Um dos doutores me afirmou que é material para mestrado. Fiquei feliz, mas meu futuro na ilha é nebuloso por enquanto. Encarei a plateia lotada com as autoridades locais, Leon está na primeira fila olhando-me como se me encorajasse, me conhecesse, soubesse como me sinto. Ele conhece. Infelizmente me conhece do avesso. Senti o calor dos olhos negros sobre mim. Não havíamos mais trocado uma única palavra desde nossa última discussão. Mas estive consciente da presença marcante dele e de seu olhar sobre mim em todos os eventos que fomos obrigados a comparecer juntos. O rei teve um princípio de infarto e Leon teve que assumir todos os seus compromissos. Ainda sou a princesa de Ardócia. Com um coração partido e confuso, mais ainda uma princesa. Precisei fingir uma força que estou longe de sentir cada vez que estivemos perto. Meu corpo traiçoeiro clama por ele. Sinto tanto a sua falta. Das nossas conversas. Da intimidade e cumplicidade que construímos nos últimos meses. Da forma como faz amor comigo, intensa, dominante, enlouquecedora. Oh Deus! Estou tão ferrada. Eu

ainda o quero apesar de tudo.

Comecei a falar e todos focaram sua atenção em mim. Falei que meu interesse inicial pela vida da princesa nasceu dos dados fornecidos por Leon e vi os olhos dele brilharem com algo muito parecido com orgulho. Em um dado momento percebi pela primeira vez a presença do senhor de cabelos grisalhos e olhos verdes inteligentes que me ouvia atentamente. Meu pai! O homem que havia me negligenciado em praticamente toda minha vida adulta. Senti um tremor desconfortável, mas consegui concluir minha explanação com sucesso e a plateia aplaudiu calorosa. Quando desci da tribuna, ele estava lá me estendendo a mão.

— Foi esplêndida, Júlia! — meu pai disse abraçando-me.

Fechei os olhos para conter as lágrimas. O abraço caloroso derrubou minhas defesas e o enlacei pelo pescoço. Agora as lágrimas desciam livres. Ele está aqui. Finalmente está aqui.

— Não, não chore. — pediu limpando meu rosto. — é capaz de perdoar um velho que cometeu muitos erros, mas o maior deles foi fazer do trabalho a prioridade de sua vida?

O semblante do prof. Philip Smith estava tenso e apreensivo. Nunca o vi assim. O abracei mais uma vez e me ouvi dizendo:

— Você está aqui agora pai. É só isso que importa.

Mais tarde após dar uma olhada no meu pequeno que dormia tranquilo, saí para a ampla sacada dos aposentos conjugados. Fechei os olhos sentindo a brisa marítima no rosto. Repassei todos os acontecimentos do dia e sorri. Meu pai aceitou ficar hospedado no palácio pelo fim de semana. Os olhos dele brilharam ao conhecer o neto. Meu pai havia envelhecido muito nos últimos anos. Parecia cansado, observei. Aquela lacuna que existia em meu peito começou a ser preenchida finalmente. Ele estava orgulhoso de mim. Vi isso nos olhos dele. Prometeu que não ficaria mais enterrado no trabalho o tempo todo e que nos veríamos com mais frequência.

Senti uma sensação de torpor no corpo e soube que não estava mais sozinha ali. Virei-me e encontrei Leon parado mais à frente na sua parte da sacada. Estava magnífico em seu terno escuro. Os olhos negros estavam

cravados em mim, percorrendo-me como se acariciasse minha pele. Senti um arrepio e um calor invadindo meu baixo ventre. Meus mamilos intumesceram. Fechei o penhoar de seda preta que usava sobre a curta camisola. Ele consegue me desestabilizar só me olhando. Quão patético isso é?

— Foi fantástica hoje. — Ele disse com voz baixa avançando devagar, as mãos nos bolsos da calça escura. Seu andar elegante, majestoso. Um príncipe da cabeça aos pés. Oh! Meu Deus! Fique aí! Não chegue perto de mim.

— O-obrigada. — gaguejei, obrigando-me a dar as costas para aquela tentação. Não podia sucumbir às insanas reações que ele despertava em meu corpo. Minha vagina latejou loucamente quando senti seu cheiro maravilhoso. Oh, Deus.

— Não sabia que estava pesquisando a princesa Lucíola em particular. — ele apoiou-se na balaustrada a meu lado, a mão quase tocando a minha.

— Toda a história da ilha me fascina. — admiti encarando-o e esse foi meu erro. Ele estava novamente devorando-me com aquele olhar tão negro, transformando minhas pernas em gelatina. Oh, céus! Não me olhe assim, por favor!

— Seu pai está orgulhoso de você. — ficou de frente para mim. — a repercussão do seu trabalho foi ótima na imprensa. Toda a ilha está orgulhosa de você. — disse baixinho, tive a impressão que acrescentaria mais alguma coisa.

— Obrigada. — virei para ele também.

— Por nada. — sussurrou, os olhos negros flamejantes.

— Sei que você contatou meu pai. Ele me contou. Isso foi hum... Muito gentil da sua parte. — minha voz tremia. Era por isso que estive o ignorando. Esse mundo de emoções que toma conta de mim quando estou assim, tão perto dele. Essa atração louca que me puxa em sua direção. Ele me olha e eu quero dar tudo que seus olhos me pedem silenciosamente, como agora. Puta merda! — vou dormir. — odiei meu tom rouco. — Boa noite. — tentei me afastar e ele segurou meu pulso com delicadeza, mas firme.

— *Perla...* — Sussurrou tocando-me o rosto.

— Por favor, não me olhe assim. Sexo não vai resolver nossos problemas, Leon. — disse, mas as palavras saíram sussurradas e ofegantes. Não tiveram a convicção que eu gostaria.

Ele deu um meio sorriso, suas mãos indo para o meu pescoço acariciando-me no ponto onde minha excitação era incontestável. Não consegui conter um gemido baixo. E eu soube que estava perdendo a batalha... Duas semanas sem ele. Duas semanas sem senti-lo dentro de mim.

— Renda-se a isso, Júlia... — Sussurrou em minha orelha, mordendo e lambendo-a delicadamente naquele ponto que ele sabe que me enlouquece. — você me quer tanto quanto eu a quero.

— Leon... — gemi sentindo as mãos possessivas deslizar para meus quadris, trazendo-me de encontro à sua ereção potente. Aquilo fatalmente iria acontecer. Não conseguia resistir a ele. Nunca consegui. Fechei os olhos e levantei o rosto para ele num convite mudo. O cheiro inigualável dele me embotando os sentidos. Eu o quero tanto!

— *Si, delizia mia... Si, amore mio...* — Sussurrou e no segundo seguinte me enlaçou pela cintura tocando meus lábios com doçura num beijo cheio de promessas. Eu gemi de novo e Leon enfiou uma mão em meus cabelos trazendo-me para mais perto. Sentir o gosto dele é como experimentar uma droga poderosa. Eu preciso de mais e mais... Não conseguiria ficar sem isso... Senti suas mãos em minha bunda colando-me ao corpo dele. Gemeu em minha boca levantando minha perna para seu quadril, moendo seu pau duro contra a minha vulva alagada de tesão. Puxou mais forte meus cabelos saqueando minha boca impiedosamente agora. Beijamo-nos, nos agarramos com desespero, gemendo, grunhindo como animais.

— *Dio! Bebê...* Sinto tanta sua falta... — grunhiu não parando de me beijar, sua língua lambendo a minha boca do jeito que ele sabe que me excita. Levantou-me encaixando-me direto em seu pênis. Esfreguei-me nele completamente insana, comandada pela luxúria. Louca para sentir aquela coluna grande e grossa rasgando todo o caminho dentro de mim. Ele faz isso comigo, me transforma em uma criatura devassa que não consegue negar nada a ele.

— Oh! Leon... Deus! Eu também... — gemi em sua boca. Ele me bateu

com força na parede e seu pênis cavou mais em minha vulva grosseiramente por cima das roupas. Sua boca me comendo, furiosa. O abracei com as pernas dançando eroticamente com ele, grunhindo completamente perdidos um no outro. Então, flashes dele fazendo exatamente a mesma coisa com a vadia Rugiere espocaram na minha mente. Meu corpo ficou rígido. Minha libido caiu drasticamente e eu o empurrei.

— Não! — arranquei minha boca da dele.

— Você me quer, Júlia, não tente negar isso, bebê... — procurou minha boca de novo. Eu o empurrei com mais força e ele finalmente me soltou com relutância. Tomei uma distância segura. Nós dois arfantes ainda nos comendo com os olhos, querendo um ao outro loucamente.

— Isso é sexo, Leon. — disse me sentindo estúpida por ter caído tão facilmente na sedução dele. — você sempre gostou de me foder apesar de me desprezar.

— *Dio!* — ele gritou enfiando as mãos nos cabelos num gesto nervoso. — começou assim, mas não é mais assim. Lembre-se de tudo que vivemos depois do acidente, *tesoro*. — seus olhos me suplicaram parecendo desesperados. — eu te amo, Júlia. Eu te amo!

Ficamos em silêncio por alguns instantes. Meus olhos encheram-se de lágrimas. Eu quero tanto acreditar nele. Mas eu não posso mais. Ele mentiu, brincou com meus sentimentos por duas vezes. Traiu-me.

— Sinto muito, mas é difícil acreditar depois de tudo. — respirei alto para ganhar forças. — esperarei seu tio se recuperar, depois disso eu quero ir embora.

— Você me prometeu. — sua voz estava alarmada. — disse que nunca iria me deixar.

— Sim, mas isso foi antes de lembrar toda a mentira sórdida que foi nossa relação desde o início. — rebati.

— Não! Não, bebê, me dê uma chance. — veio até mim de novo, mas eu recuei. — nos dê uma chance, amor. Eu vou provar a você, eu...

— Não, Leon. — afastei-me para entrar no meu quarto. — eu não

pertenço a este lugar. Nunca pertenci.

Entrei rápido no quarto e fui direto para o banheiro. Encostei-me à porta e chorei copiosamente. Chorei porque apesar de todas as merdas que ele fez comigo ainda o quero com desespero. Eu estou morrendo sem ele. Fiquei ali trancada até aquela vontade louca de voltar lá e me jogar nos braços dele passar.

Liguei para Kênia. Havíamos nos falado muito mais nesses dias depois que recuperei a memória. Ela estava preocupada comigo. E para minha surpresa, disse que me apoiaria em qualquer decisão, mas achava que Leon merecia uma chance. Não acreditei quando me disse isso. Ela sabia de todas as humilhações a que ele me submeteu. Sabia por que sofri o acidente, por causa da sua traição, porque ele estava fodendo aquela maldita vadia.

— Hei, amiga. — sua voz suave encheu meus ouvidos. Trazendo-me um pouco de paz. — querido, é a minha amiga, Ju. — a ouvi dizer baixinho. Caramba! Ela estava com o namorado e eu alugando seu ouvido.

— Oi, amiga. Desculpe-me. Liguei amanhã. — disse sentindo-me miserável e sozinha, completamente sozinha.

— Ei, querida, não. Claro que não. — sua voz foi preocupada agora. — eu estou aqui para você, Ju. Sempre. Eu te amo, você sabe disso, não é?

— Eu também te amo, Ken. Obrigada por me ouvir amiga. — suspirei pesadamente.

— Fale amiga. O que houve?

— É só... O mesmo de sempre... Está tão difícil ficar aqui, amiga. Tão perto dele. Ter que fingir uma força que não tenho cada vez que me olha, que chega perto de mim. — disse sem alento.

— Imagino, querida. Você o ama. — fez uma pausa cheia de significados e acrescentou: — e aposto todas as minhas fichas como Leon a ama também. Ele só fez muita merda. Mas talvez, apenas talvez esteja sendo dura demais com seu marido, amiga.

Eu fechei os olhos com as palavras dela e a imagem dele beijando e se esfregando na vaca Rugiere veio nítida na minha mente. Amor, sei.

— Eu acho que não. Leon é um filho da puta esperto e manipulador. Conseguiu enganar até você amiga. Mas não a culpo, pois caí nas artimanhas dele duas vezes. Duas vezes! — minha mágoa era palpável. — eu... Eu não consigo acreditar nesse amor todo que ele diz sentir agora. Só... Não dá, amiga.

Ela ficou em silêncio por alguns instantes. Ouvi um suspiro do outro lado da linha.

— Eu posso entender, querida. É claro que entendo. Leon foi... Cruel em muitos momentos. — disse ainda meio na defensiva.

— Sim, ele foi. — concordei num fio de voz. — obrigada por me ouvir, Ken. Falamos depois, amiga.

— Fique bem, Ju. Eu te amo muito, amiga. — sua voz era terna e preocupada novamente.

— Vou tentar, amiga. Também te amo. Beijo, Ken. — ela despediu-se também e desliguei. Ok. Mais uma noite miserável sem o calor do corpo dele junto ao meu. Deus! Quando essa dor ia passar?

Leon

Servi-me de uma generosa dose de uísque e desabei no estofado no meu quarto. *Dio!* Num minuto ela me olhava com aqueles olhos cheios de amor, para no minuto seguinte se transformar naquela criatura fria? Naquele momento eu soube que as feridas de Júlia eram mais profundas do que supunha. Eu a estou perdendo. Oh! *Dio mio!* Eu a estou perdendo! Meu peito doeu com esse pensamento. Mas não vou desistir. Nunca! Ela ainda me quer. Ainda há esperança. Helena está certa, preciso parar de assediá-la e conceder-lhe tempo. Mas como, se dói demais me manter longe dela? Eu tenho me contentado ao menos em vê-la, estar no mesmo espaço que ela. Ela me ignorou em todos os eventos que precisamos comparecer no lugar do meu tio. Sempre sorridente com os outros, mas não me dirigiu a palavra nem uma vez e pouco fez contato visual.

Na semana seguinte me mantive distante de Júlia. Não quero intimidá-la impondo minha presença. Participei de alguns eventos sem a companhia dela e me senti miserável. Ela dava descontração às solenidades. Certa vez, em visita

a um orfanato, Júlia pegou várias crianças no colo, sem se preocupar com o protocolo. Os rostos dos presentes e da imprensa se iluminaram. Era amada pelo meu povo. Em outra visita a um hospital de crianças com câncer, a surpreendi contando uma história infantil para os pequeninos que a ouviam extasiados. Seus cabelos já batiam nos ombros. Sua franja de menina iluminando seu rosto. Eu a amo tanto! Até quando vai me castigar pelos meus erros? Ela levantou os olhos para a porta da enfermaria e me encontrou lá, ouvindo-a tão deslumbrado quanto as crianças. A expressão descontraída deu lugar a uma sombra nos belos olhos. Eu não tive alternativa senão sair em silêncio. Ela está me matando com sua frieza.

Hoje iremos a um baile de caridade. É o primeiro evento em que precisamos ficar próximos todo o tempo. Isso será uma tortura requintada.

Remexi-me desconfortável no banco traseiro da limusine, minha perna roçou a de Júlia. *Maledizione!* Ela está me torturando num vestido vermelho que se molda ao corpo curvilíneo como uma segunda pele. Os peitos generosos mal eram cobertos pelo modelo tomara que caia. O vestido abraça a delicada cintura, evidenciando a curva generosa do quadril. Oh, *Dio!* Maldita genética brasileira! Apesar de longo, o modelo era dinamite pura! Como vou manter-me firme na decisão de ficar com as mãos longe dela? A noite vai ser longa... Conclui quando a limusine parou e descí dando a volta para ajudá-la a sair do carro. Os flashes espocaram em nossos rostos enquanto avançávamos pelo tapete vermelho ladeado de seguranças.

Júlia ficou tensa quando enlacei sua cintura e sorri para as câmeras como se a vida fosse perfeita, mas se obrigou a fazer o mesmo. Era uma verdadeira princesa. Apesar de estar me odiando nunca fugiu de suas obrigações.

— Altezas! Altezas! Um beijo para a foto!

As vozes dos paparazzi ecoavam. Para eles era um pedido comum, pois a imprensa estava acostumada com nossas demonstrações públicas de afeto nos últimos meses. Vivíamos sempre grudados não nos importando com nada ao nosso redor. Meu sorriso se ampliou. Os olhos de esmeralda se alargaram quando a puxei para mim travando nossos olhares. Sua respiração se alterou. Suas pupilas dilataram. Seu corpo estremeceu levemente e ela arquejou. É isso aí, bebê. Você ainda é minha. Não tente negar isso. Então abaixei a cabeça

lentamente, extasiado com sua reação a mim. Meu coração deu um salto quando nossos lábios se tocaram. A beije de leve, seus lábios se abriram para mim sedentos. Não contive um gemido baixo, mas precisei me afastar. O beijo que preciso dar nela não pode ser fotografado de jeito nenhum. Eu seria preso por atentado violento ao pudor. Acaricieei seu rosto lindamente corado e me afastei. Ela piscou atordoada, alarmada, excitada. Linda!

Houve aplausos e ovação enquanto retomávamos nossa caminhada para a entrada. Seu sorriso não escorregou em nenhum momento no salão. Puxou conversa com as esposas enquanto eu travei conversas tipicamente masculinas com os maridos. Éramos um casal perfeito. Exceto que éramos apenas cascas do que já fomos. Eu estava morrendo por dentro. Doía olhar para ela. Acabei bebendo mais do que devia. Cristo! O que eu sou agora? Um maldito alcoólatra? A olhei do outro lado do salão falando toda simpática com uma das irmãs responsáveis pela caridade da noite.

— Leon, *caro mio*. — ouvi o ronronar de Francesca às minhas costas, bem no meu ouvido. Virei-me e ela se prostrou à minha frente, próxima demais. Seu decote cobria mal o bico dos seios enormes. Desviei o olhar do seu decote para o seu rosto. Ela sorriu-me atrevida. — com saudades? A biblioteca do Conde fica no fim do corredor. Você tem carta branca, alteza. — seus olhos me devoravam com a conhecida expressão de vadia pronta para ser fodida. — pode fazer tudo que quiser como nos velhos tempos...

Em outros tempos eu a arrastaria, a foderia bruto em qualquer canto porque é isso que ela é: uma puta que abre as pernas fácil, fácil. Nunca me senti verdadeiramente atraído por ela. Francesca era só isso: uma foda fácil quando as reuniões eram tediosas.

— Obrigado, mas vou declinar da oferta. Com licença. — disse seco e saí rumo ao jardim. Eu preciso de ar para extirpar o efeito do álcool. Desci por uma escadaria e parei junto à uma fonte. O baile estava acontecendo na mansão do Conde Vladimir.

— Leon. Você não parece feliz com a garota brasileira, *caro mio*. — ouvi a voz murmurada de Francesca logo que pisei na grama bem cuidada perto da fonte que jorrava água num barulho suave. — eu faço qualquer coisa que você quiser... Qualquer coisa. — Ela disse e foi se aproximando cada vez mais. Seu

vestido devia ser proibido em público. Era um longo azul transparente. Era possível ver todo o corpo dela observando atentamente.

— Francesca, escute, o que disse no festival era verdade. Não há mais a menor possibilidade de algo entre nós. Nunca houve nada. Era só sexo. — meu tom foi duro e sua expressão caiu um pouco. — sou um homem casado agora. Respeite isso.

Ela me olhou realmente surpresa por alguns instantes. Então sorriu de novo, suas mãos subindo pelo meu peitoral.

— Eu não me importo, *caro mio*. — ronronou chegando-se mais. Antes que eu a afastasse ela soltou um grito agudo.

— Mas, eu me importo, sua vadia estúpida! — Júlia rosnou com uma das mãos firmemente enrolada no longo cabelo de Francesca. — parece que você não consegue parar de assediar meu marido, não é? — sua voz estava irada.

— Solte-me sua louca! — Francesca tentou soltar-se em vão. Júlia puxou seus cabelos com mais força. Francesca gritou de novo. — *Dio!* Você vai arrancar meus cabelos, sua cretina! — Júlia deu mais um soco violento em seu cabelo e a empurrou com força. Ela caiu desajeitadamente dentro da fonte, fazendo um barulho horrível. Afundou e emergiu pouco depois buscando ar, cuspidando e tossindo, completamente encharcada. — você vai me pagar por isso! — gritou cheia de ódio.

— Não tenho medo de você! — Júlia berrou de volta. — eu já aguentei muita merda sua. Garota vadia e ridícula! Mas a partir de agora se eu a vir de novo perto do meu marido eu vou arrancar os seus olhos! Você me ouviu? Vou arrebentar com você, sua vaca oferecida! — Francesca só bufou, mas não disse mais nada. Deve ter percebido que Júlia realmente falava sério. Até eu fiquei com medo da sua fúria.

Porra! Uau! Mil vezes uau! Parece que Júlia finalmente lembrou que sou seu marido. E ela estava quente pra caralho, linda com ciúmes de mim. *Dio mio!* Meu coração embriagado se aqueceu. Ela ainda se importava comigo. Ainda me queria. Eu fiquei completamente mudo, fascinado, excitado. Enfim ela virou-se para mim, os olhos incríveis me atirando adagas. Suas mãos em punhos dos lados do corpo. Ela parecia pronta para me jogar na fonte também. Eu quase sorri diante de sua expressão afrontada. Mas isso poderia me

colocar em mais apuros.

— Estou indo embora. Você vem comigo. — suas palavras soaram em um tom que não deixava margem para contestação. Ela virou as costas e eu abri finalmente um sorriso. É claro que eu vou, bebê. E a segui como um fiel cachorrinho, louco por um pouco de sua atenção. O trajeto de volta foi feito em silêncio, ela não me olhou nenhuma vez quando entramos no banco traseiro da limusine. Mas eu podia sentir sua raiva vindo em ondas para mim.

Quando entramos na nossa ala no palácio, ela abriu a porta do meu quarto e entrou deixando-a escancarada. Eu a segui, acho que era isso que queria. Ela parou no meio do quarto de costas para mim, seu corpo todo gritando tensão, querendo briga.

— Júlia... — sussurrei sem saber por onde começar.

Ela virou-se devagar para mim. Seus olhos verdes me fuzilando.

— Você não vai me envergonhar mais, Leon. — disse com dentes cerrados. — você é mesmo a porra de um prostituto, não é? Você ia foder aquela vaca de novo? Responda-me, seu cretino! — ela gritou a última parte fora de si.

— O quê? Não, bebê. — seus olhos me fuzilaram de novo pelo uso do termo carinhoso. — estava muito abafado no salão. Eu saí para tomar um pouco de ar. Ela me seguiu até lá. Não tive culpa, acredite.

— Você deve me achar muito burra, não é? — ela riu com histeria. — eu a vi cochichando no seu ouvido e pouco depois você saiu com ela na sua cola! Você é um maldito traidor, mentiroso!

Eu a olhei fixo por alguns instantes. Júlia estava a ponto e me esganar.

— Sério? Isso importa para você? — minhas palavras foram irônicas agora. — você tem me ignorado de todas as formas, Júlia! Então, por que se importa que outra mulher chegue perto de mim? — minha voz se alterou também.

Seus olhos inflamaram mais e eu tive receio pela minha integridade física. Ela avançou para mim parando a poucos centímetros, seu corpo tremendo de raiva. Ela estava linda!

— Eu ainda sou sua mulher, seu bastardo! Deixou aquela puta maldita se esfregar em você! Eu odeio você! — berrou em meu rosto.

Porra! Suas últimas palavras me machucaram pra caralho, mas sorri arrogante. Ela estava se roendo de ciúmes.

— Você está com ciúmes, Júlia? — murmurei aproximando-me mais, sendo assaltado pelo seu cheiro delicioso. Meu pau estava enfurecido, a ponto de arrebentar o zíper das calças. Eu a quero tanto, tanto.

Seus olhos alargaram e escureceram visivelmente pela minha proximidade. Ela ainda me quer. Tentou se afastar, mas meus braços foram mais rápidos e rodearam sua cintura trazendo-a para mim. Um pequeno gemido escapou de seus lábios quando nossos corpos se tocaram e ela sentiu meu pau duro em seu ventre.

— Não seja ridículo, Leon. — sua voz foi tensa, ofegante, seus olhos apavorados, excitados. — por que eu teria ciúmes de você?

Eu abri um riso lento, de lobo prestes a devorar sua refeição favorita.

— Você sabe por que, *delizia mia*. — sussurrei bem próximo de sua boca, meus olhos injetados nos dela. Sua respiração se alterou, seu corpo estremeceu em meus braços. — você me quer.

Ela bufou, mas sem muita convicção. Seus olhos me diziam que seu corpo era meu. Completamente meu.

— Eu quero você também. Muito, bebê. — continuei e gemi puxando seu lábio inferior entre os dentes. — me deixe fazer amor com você, *perla*. Estou morrendo sem você, amor. — supliquei desesperado. Foda-se a porra do amor próprio! Eu a quero! Eu quero a minha mulher de volta!

— Leon... — miou já mais branda, a luta deixando o seu corpo, enquanto minha mão se infiltrava em seus cabelos da nuca trazendo sua boca para a minha. Ficamos assim, respirando com dificuldade na boca um do outro. Os Olhos trancados. Nossos corpos tremendo de desejo. — sexo não é a solução... Eu não quero...

— Shhh. Você quer, bebê. — sussurrei cavando minha outra mão em sua bunda deliciosa, puxando-a, moendo meu pau em sua pélvis grosseiramente.

Gememos alto com a fricção. — você é minha. Toda minha. — rosnei e tomei sua boca finalmente num beijo faminto. Ela tentou resistir a princípio, mas se rendeu. Uivei de prazer. Sua língua veio dançar com a minha e ela me enlaçou pelo pescoço, colando seu corpo gostoso ainda mais em mim. Puxei mais seus cabelos e devorei seus lábios doces com uma fome desenfreada. Suas mãos se infiltraram em meu smoking e o puxaram pelos meus ombros com urgência. Minhas mãos voaram para o zíper lateral de seu vestido com o mesmo desespero. Nossas bocas nunca se deixando. Arrancamos nossas roupas e fomos para a cama, ainda sem parar de nos beijar. A empurrei bruscamente contra os travesseiros. Ela deitou-se completamente rendida, arquejante, ansiosa. Seus olhos deslizando pelo meu peito, abdome até chegar ao meu pau duro feito pedra. Entreabriu os lábios, seu rosto ruborizando. Porra! Eu quero meter tão forte nela...

— Abra as pernas para mim, Júlia. — minha voz foi dura, rouca de luxúria. Segurei meu pau e me masturbei lentamente na sua frente. Ela gemeu e abriu as pernas largamente. Meu pau babou com a visão de sua boceta de lábios cheios, seu cuzinho rosado mais abaixo. A visão do paraíso... — Abra bem sua bocetinha para mim, bebê. — disse mais suave e ela levou as duas mãos para sua boceta e abriu os lábios expondo seu clitóris e sua vulva melada. Foda! Grunhi e caí com o rosto em sua vagina, enfiei o nariz em sua vulva encharcada e cheirei seu mel. Ela gemia baixinho, estremecendo apenas com a minha respiração em sua boceta. Enfiei as mãos em sua bunda e a trouxe para mim. Lambi lentamente toda a sua vagina. Chupei, mordisquei seu clitóris, lambi de novo duramente e ela quebrou gritando, gozando, levantando o traseiro para minha boca. Continuei comendo sua boceta com fome, meu rosto todo melado do seu gozo. Depositei beijos suaves em toda a sua boceta linda e dei um tapa na sua bunda. — fique de quatro, putinha. Vou comer sua bocetinha e depois seu rabo. — ela miou e se posicionou como mandei. Seu creme escorrendo entre as pernas. Fiquei enlouquecido. Bati mais em sua bunda linda deixando-a vermelhinha. Então a puxei bruscamente e me alinhei. Ela prendeu a respiração. Estava tão louca pelo meu pau como eu estava pela sua boceta. Meti tudo até as bolas.

— Ahhhhhhhh! Leon... — gritou insana, sua vulva palpitando à minha volta.

— Quieta! Você me ignorou tempo demais, Júlia! — rosnei puxando seus

cabelos da nuca com força. — vou foder você até me cansar! Entendeu? Vou comer sua boceta e depois vou gozar no seu cuzinho apertado. Sabe por quê? — perguntei passando a estocar forte e profundo. Puxei seus cabelos com mais força. Ela gemeu rebolando sua vulva no meu pau. Ela adora ser tratada assim... Com grosseria, sexo bruto. — Você é minha! Vou comer sua boca, sua boceta, seu rabo sempre que eu quiser! Você não vai mais me negar isso, porra! — gritei comendo seu canal com brutalidade. Cada polegada minha entrando grosseiramente em sua vulva pequena.

— Ohhhh! Leon... — gemeu quando tirei meu pau sem gentileza de dentro de sua vagina.

Dei mais um tapa em sua bunda empinada. Meti dois dedos em sua vulva e levei o creme para seu rabo. Ela relaxou e eu meti os dois de uma vez. Comi seu cuzinho cada vez mais profundo, girando os dedos para alargar. Cuspi direto em seu buraco e meti três dedos agora. Ela gemeu rebolando o rabo quente me pedindo silenciosamente para substituí-los pelo meu pau. Sorri, retirando os dedos. Acaricieei toda a sua coluna graciosa, beijei toda a sua bundinha vermelha dos meus tapas e alinhei minha cabeça grossa em seu estreito buraco. Ela relaxou e empurrou para mim, a cabeça entrou e eu revirei os olhos de prazer. Rosnei, cravando minhas mãos em seus quadris estocando forte. Entrei todo o caminho no seu rabinho quente.

— *Dio mio!* Que porra de rabo mais gostoso! — ela assobiou totalmente empalada, cheia do meu pau. — rebole, putinha! Rebola esse cuzinho rosado e gostoso no meu pau! — gemi e fiquei parado por um instante. Se eu fizesse qualquer movimento eu gozava e eu não queria gozar ainda. — vou foder esse cuzinho até me cansar. Você vai ficar toda ardida, dolorida. Não vai mais esquecer quem é o seu dono, entendeu? — rosnei enquanto ela rebojava devagar a princípio para se acostumar com o volume. Depois seu rabo veio faminto, engolindo meu pau com ganância. Sorri e puxei seus cabelos de novo. Comecei a fodê-la, realmente fodê-la. Tirando tudo e metendo de volta com golpes fortes, duros, brutais. — *Dio!* Amo ver meu pau entrando todo, cada polegada no seu cuzinho estreito. Ohhhhh! Que gostoso... Você é mesmo uma putinha gulosa... Consegue me tomar todo, assim... — meti com mais força. Ela gritou, mas seu rabo ainda rebolando gostoso. — Você ama isso tanto quanto eu, não é? Ama dar esse rabo pra mim. Ama ter meu pau todo

enterrado em seu cuzinho. — Comi e comi seu buraquinho por muito tempo. O suor descia por nossos corpos. Mas eu não queria gozar ainda. — Porra! Eu não quero gozar ainda. Júlia! Bebê! — grunhi bombeando-a incansavelmente. Levei uma das mãos para seu clitóris e o manipulei, massageei, belisquei suavemente, depois aumentei o ritmo combinando com minhas estocadas brutais em sua bunda. — Ohhhh! Gostosa! Eu não vou aguentar mais... Goze comigo, bebê! Porraaaaaa! Goze comigo! Ahhhhhhhhhh! — uivei mordendo forte seu pescoço, esporrando em seu cuzinho apertado enquanto ela também gritava alto, seu corpo todo tremendo. Continuei metendo fundo, meu clímax prolongando-se. Lambi e chupei seu pescoço. Ela gritou mais. Isso a deixa muito louca. *Dio santo!* Caí por cima dela na cama, ainda todo enterrado em seu rabo. Continuei comendo seu buraco, agora mais devagar. Nós dois grunhindo baixinho. Nossas respirações alteradas. — Júlia, senti tanta falta disso, bebê. — sussurrei ofegante, enquanto seu rabo sugava as últimas gotas do meu sêmen. Enfiei meu nariz em seus cabelos sentindo seu cheiro maravilhoso. — eu te amo tanto, amor. — sussurrei em sua nuca.

Seu corpo que até então esteve totalmente relaxado tomando o meu, se retesou sob o meu e ela falou:

— Saia de cima de mim, Leon. — seu tom foi estranho, como se não tivéssemos acabado de nos reconectar. — saia! — rosnou de novo.

Eu saí de dentro dela devagar. Nós dois gememos com a perda de contato. Rolei para o lado na cama. Ela levantou-se rapidamente, escorregando da cama.

— Júlia, bebê. O que você está fazendo? — minha voz saiu esganiçada vendo-a juntar suas roupas pelo quarto.

— Estou indo para o meu quarto. A sessão de sexo foi ótima, mas já vou indo. — disse mantendo as roupas junto ao peito numa postura defensiva. Os olhos fugindo dos meus.

— Isso é brincadeira, não é? — saí da cama e avancei até ela. Júlia foi recuando de costas. — Não me afaste de novo, bebê. Isso que houve aqui não foi só sexo e você sabe disso, amor. — pedi beirando o desespero. Seus olhos brilharam, quase amoleceram, mas cerrou os dentes e virou as costas mostrando seu traseiro lindo e nu ainda vermelho dos meus tapas. Meu pau se

sacudiu de novo.

— Isso foi um erro que não se repetirá mais, esteja certo disso. — disse já alcançando a maçaneta da porta.

— Fique, bebê. Por favor, volte para nossa cama. Fique comigo, amor. — pedi às suas costas. Ela parou um instante, tomou uma respiração profunda e disse sem se virar:

— Essa cama nunca foi minha, Leon. Boa noite. — e saiu. Fiquei parado no meio do quarto. A alegria que senti ao estar em seu corpo de novo durou pouco. Ela me jogou de volta ao status de marido ignorado, dispensado. Foda! Eu não aguento mais essa merda!

CAPÍTULO DEZENOVE

Leon

Júlia realmente cumpriu a promessa de não ceder novamente. Estou sendo ignorado regamente de novo. Participamos de um evento durante a semana e ela só ficou perto de mim pelo tempo estritamente necessário. Logo que chegamos ao Palácio ela trancou-se em seu quarto com Damien. Estou morrendo um pouco a cada dia. Eu sei que a estou perdendo. Vejo uma determinação nos olhos dela que nunca vi antes. Era isso que eu temia. Por isso não tive coragem de contar toda a verdade, por que no fundo eu sentia que ia dar nessa merda. Eu fodi todas as minhas chances com ela. Estou perdido, sem saber para onde ir a partir daqui. Ela simplesmente não me deixa chegar perto.

Dentro de dois dias será o aniversário de dezoito anos da morte de meus pais. Meus avós maternos estão chegando agora. Não tive coragem de pedir à Júlia que viesse comigo esperá-los no aeroporto. Estou mais uma vez sozinho. Isso é tão fodido. Minha avó começou a descer do jato real que enviei especialmente para buscá-los na Toscana. Seu porte era altivo, esguio e elegante mesmo aos setenta e oito anos. Era uma mulher forte, enérgica e linda. Como minha mãe, era morena de cabelos castanhos escuros. Mas os de minha avó estavam completamente cinza agora. Meu avô desceu logo atrás. Chegava a ser engraçado como era dominado por ela.

— *Ciao Leon, mio bambino.* — ela me saudou assim que me aproximei da escada ajudando-a a descer o último degrau. — *come stai, tesoro mio?*
[48]

Ela era dura, enérgica com todos, menos comigo e Damien. Sua voz sempre foi suave quando se dirigia a nós. Eu a amo tanto. Acho que acabei transferindo o amor de minha mãe para ela.

— *Ciao, nonna.* [49] — a abracei forte como ela gosta. — *io bene. Molto meglio ora.* [50]

Meu avô se aproximou também naquele jeito tranquilo dele.

— Leon, *mio figlio*. [51] — me deu um abraço típico de caras. Daqueles onde se quer abraçar, mas não abraça completamente. Um meio abraço. Sorri para ele. Também amo meu avô. É claro que nunca disse isso a ele. Bem, pelo menos não depois que entrei na puberdade. Eu sei, eu sei, sou um bastardo.

— *Nonno*. — disse dando tapinhas em suas costas. — senti tanta falta de vocês.

Eles não vieram na cerimônia oficial na qual Júlia foi apresentada como minha esposa. Minha avó tinha quebrado o pé e meu avô resolveu ficar com ela. Outra coisa sobre eles dois. Eram eternos apaixonados. Um não ficava sem o outro, nunca.

— E *sua moglie*? [52] — quis saber minha avó. — por que não veio com você, *caro mio*? — tentei não deixar transparecer meu inferno interior. Sorri o mais natural que consegui.

— Júlia não estava se sentindo muito bem hoje, *nonna*. Mas ela está feliz que finalmente irá conhecê-los. — ela cravou aqueles olhos castanhos inteligentes em mim e de repente me senti com oito anos de novo, quando ela me fagrou comendo doces antes do jantar.

— *Vá bene, vá bene*. [53] — assentiu e abriu um riso enigmático, como se conhecesse todos os meus segredos. — ela é mesmo tão bonita quanto parece nas fotos?

Meu peito expandiu e eu sorri verdadeiramente agora.

— É mais, *nonna*. Muito mais. — disse e o sorriso dela alargou. — Júlia é a *moglie* mais linda que já vi.

— *Questa ragazza brasiliana* [54] fagrou mesmo você, *bambino*, hein?

— Completamente, *nonna*. Completamente. — afirmei sem vacilar. Já estávamos nos dirigindo à limusine quando ouço às minhas costas.

— Primo? Que modos são esses? Não vai me cumprimentar?

Virei-me lentamente para encontrar meu primo Salvattore descendo a escada do jato. Havíamos sido muito amigos enquanto crescíamos e na

adolescência, mas tudo desandou quando ele me pegou fodendo a menina que ele gostava. Em minha defesa, eu não sabia de nada. Ele nunca me contou e a vadiazinha cercou-me de todas as formas. Eu tinha apenas vinte e quatro anos, fodia tudo que usava saias, é claro que eu comi. Ok. Admito. Continuei fodendo tudo que usava saias até bem pouco tempo atrás. Mas aí Júlia entrou em cena e me encantou, me viciou, me dominou completamente. Agora sou a porra de um comandado por uma boceta.

— Salvattore. — minha voz saiu tensa. O que ele estava fazendo aqui? Há muito tempo não nos víamos. — como está, primo? — estendi a mão para ele civilizadamente.

Ele abriu um riso sarcástico e apertou por fim a minha mão. Seus olhos azuis quase cinza me fitaram antes de dizer:

— Muito bem, Leon. Quanto tempo, primo.

— *Si*, muito tempo. — admiti me sentindo desconfortável pela sua inspeção atenta. — seja bem-vindo de volta à Ardócia, primo.

Ele apenas assentiu levemente antes de soltar minha mão e passar por mim rumo à limusine. Eu suspirei longamente. Antevejo dias bem tensos. Ele se transformou num bastardo completo depois que viu meu, digamos desempenho com a putinha que gostava secretamente. Todas as vezes em que nos encontramos Salvattore travou uma competição escancarada comigo em todos os aspectos. Há quatro anos, chegou ao cúmulo de dividir a mesma amante comigo. Ele perseguiu e seduziu a vadia que estava comigo e ela abriu as pernas para ele. Flagrei os dois da mesma forma que me flagrou: ele fodendo-a em cima da mesa do apartamento dela. É claro que fiquei chocado inicialmente. Mas o que o bastardo não sabia era que sua grande cena não me abalou em nada porque nenhuma das vadias que fodi tiveram importância. Eram apenas corpos que eu comia enquanto tinha tesão. Ele desperdiçou tempo e charme. Meu primo é um homem bonito. Admito. Tem quase a minha altura, porte magro, mas com músculos bem definidos. Cabelos castanho-escuros que usava compridos quase nos ombros.

Depois que os acomodei em seus aposentos, me dirigi ao quarto de Júlia. Precisava pedir que agisse como se não estivéssemos vivendo toda essa merda na nossa vida conjugal. Minha avó é muito astuta. Capta as coisas com

uma rapidez espantosa. Logo que nos visse juntaria dois mais dois. Ainda tenho esperanças de que tudo vai se resolver com o tempo. Júlia só está com raiva e confusa. Eu realmente baguncei com suas emoções. Dr. Piazzoni me explicou que em casos assim, quando a pessoa recupera a memória, sente os últimos acontecimentos antes do trauma como se fossem recentes. Posso entender o que se passa na cabeça dela agora. Lembro-me que disse que me odiava e sua expressão antes de sair daquela estufa era realmente de ódio, decepção, tristeza. Sou um bastardo egoísta. Se eu tivesse aberto o jogo com ela antes, talvez teria me perdoado. Suspirei e bati na porta. Agora era tarde para lamúrias. Não houve resposta aguardei mais um instante e entrei. Júlia não estava à vista, mas o som fraco da música *Viva la vida* do Coldplay enchia o ambiente. Eu sorri. Minha menina ama mesmo essa banda.

I used to rule the world

Eu costumava dominar o mundo

Seas would rise when I gave the word

Oceanos se abriam quando eu ordenava

Now in the morning I sleep alone

Agora pela manhã durmo sozinho

Então, imagens recentes de nós dois felizes no show surgiram na minha mente e meu sorriso morreu. Aquilo parecia tão distante agora. Entrei no closet espaçoso e estaquei. Júlia estava nua, a bunda linda, arredondada, firme e empinada me deixou duro imediatamente. Procurava algo nos compartimentos da parte de cima do armário, pois estava na ponta dos pés, empinando ainda mais o traseiro perfeito. Eu tive que conter um gemido. Uma vontade louca de pegá-la pelos cabelos e bater naquele rabo gostoso até deixá-la toda vermelha. Depois montá-la bem duro. Oh! *Dio mio!* Eu vou morrer sem ela. Ela encontrou o que procurava e virou-se. Dessa vez não consegui segurar o gemido. Meus olhos voaram para cada centímetro exposto da pele de pérola. Os seios cheios e firmes, os mamilos rosados, sua barriguinha lisa, sua boceta de lábios inchados, depilada do jeito que eu amo me deram água na boca. Foda-se! Meu maldito pau ganancioso ficou a ponto de gozar nas calças.

— O que você faz aqui, Leon? — seus olhos fulminaram-me, sua voz

ríspida, mas seu rosto ruborizando daquele jeito lindo e familiar. Buscou o robe branco atalhado jogado no chão e cobriu o corpo. Eu quase gemi de novo, agora de frustração.

— Meus avós acabaram de chegar para o tributo anual do aniversário da morte de meus pais. — seu semblante suavizou um pouco.

— Por que só agora está me dizendo isso? — seu um tom foi acusador. Isso era uma constante nas poucas vezes que se dirigia à mim ultimamente. — e o principal. Por que continua entrando no meu quarto como se tivesse direito a isso?

Suas palavras afundaram em mim. Meu pau caiu drasticamente. Suspirei resignado.

— Sou seu marido, Júlia. Tenho todo o direito de entrar em seu quarto. — minha voz se alterou um pouco. — para começo de conversa você não precisaria desse quarto se não fosse tão teimosa e cabeça dura.

Seus olhos arregalaram-se e ela sorriu sarcástica.

— Sério? Se bem me lembro foi aqui que vossa alteza me confinou quando me arrastou como uma criminosa para cá. — seu sorriso caiu e ela completou com olhos gelados: — depois que me fodia até se saciar você me enviava de volta como um monte de lixo usado, descartado.

Eu fechei meus olhos e tomei uma respiração profunda. Essa porra está ficando cada vez mais difícil!

— Certo. Eu sou isso mesmo. Um filho da puta que errou, errou muito. — disse exasperado. — mas não vim para falarmos disso. Meus avós querem conhecer minha esposa. Eu... Eu preciso que você pelo menos finja que me suporta enquanto eles estiverem aqui.

Seus olhos me examinaram por alguns instantes, então amoleceram um pouco. Só um pouco.

— Farei isso. Farei por eles e por seu tio que também não pode saber de tudo por enquanto. — pegou uma lingerie preta numa gaveta e me olhou de novo. — era só isso? Eu preciso me vestir.

Não, não era só isso. Eu estou tão fodido! Porra!

— *Si*. Eles estão descansando da viagem em seus aposentos. Venho buscar você antes do jantar para apresentá-la. — ela assentiu. Ficamos por um tempo nos observando em silêncio. Um mundo de palavras sendo ditas apenas com nossos olhares. O meu dizia *me dê uma chance, bebê. Só uma*. O dela era duro, claramente dizendo *não perca seu tempo, seu cretino!* — então... hum... Até daqui a pouco.

Ela não respondeu, apenas virou-me as costas e deixou o roupão cair de novo, torturando-me com a visão de seu corpo perfeito. Olhou-me por cima do ombro e tive que forçar minhas pernas a sair dali. Cristo! Eu vou enlouquecer!

Quando entramos no salão de refeições, todos já nos aguardavam. Meus avós estavam sentados nos amplos estofados e levantaram-se ansiosos para conhecer Júlia. Ela fazia um esforço enorme para parecer relaxada com meu braço rodeando sua cintura, mantendo-a presa à mim. Admito. Eu a segurava mais perto que o necessário. Eu sei, eu sei, sou um bastardo e sim, vou usar essa situação a meu favor. Ela ainda me quer. Está escrito em seus olhos, na reação natural do seu corpo quando me aproximo. Não vou perder minha mulher. Não quando somos loucos um pelo outro.

— *Nonno, nonna*. Esta é Júlia, *mia moglie*. — minha voz foi cheia de orgulho.

Os olhos de minha avó se iluminaram ao olhar Júlia de perto e abriu um sorriso genuíno.

— Oh! *Dio mio!* Você tem toda razão, *bambino*. — disse com voz suave abraçando e beijando Júlia nos dois lados do rosto. — ela é muito mais bonita pessoalmente. Sou Ciara, *figlia mia*. É um grande prazer conhecer a *ragazza* que ganhou o coração de meu neto.

Júlia abriu aquele riso doce e lindo de menina e disse:

— O prazer é todo meu, senhora. Obrigada por sua gentileza.

O sorriso de minha avó se alargou. Ela gostou de Júlia. Quem não gostava?

— Leon, *caro mio*. Você escolheu bem *sua moglie*. — minha avó disse desviando os olhos para mim. — também já vi o *bambino* Damien. Lindo e saudável, com certeza bem cuidado pela mãe. — completou e eu deduzi que

minha avó já devia ter interrogado as babás. Era típico dela, querer se inteirar de tudo imediatamente.

— Obrigada, senhora. — Júlia disse meio corada. Estava visivelmente encabulada pela atenção de minha avó.

— Apenas Ciara, *mia bella*. — pediu simpática. Minha avó geralmente não era assim tão simpática à primeira vista. Esse era o efeito da minha Júlia nas pessoas. Todos a amavam, apenas eu fui idiota o suficiente para acreditar no pior sobre ela. Foda! — Ângelo, diga-me, *nostra* neta não é linda? — chamou meu avô para a conversa. Ele não era tão expansivo como Ciara.

— *Si, cara mia. Molto bella*. É bom conhecê-la, *figlia mia*. — disse estendendo a mão que Júlia aceitou sorrindo-lhe.

— *Grazie, signore* [55] Ângelo. É bom conhecê-lo também. — disse ainda mais encabulada.

— Você fala italiano? — minha avó indagou extasiada à Júlia que assentiu levemente com a cabeça. — Leon, *figlio mio*. Aonde você encontrou *questa perla*? — Júlia retesou-se imediatamente do meu lado ao ouvir o apelido carinhoso que eu usava frequentemente com ela. Fiquei tenso também. Entreolhamo-nos e procuramos sorrir de novo para Ciara. — você não pode perder *questa ragazza* de modo nenhum, *bambino*.

Porra! Sem querer minha avó torceu a faca que já estava cravada no meu peito. Eu sei disso. Sei que não posso perdê-la, mas a situação está saindo do meu controle.

— Eu não vou perdê-la, *nonna*. — garanti fixando meus olhos em Júlia. Ela piscou e eu mantive seu olhar preso no meu um pouco mais. — Eu a amo. Eu não sabia que havia um amor assim antes de conhecê-la. — os olhos de esmeralda reluziram com minhas palavras, então ela os desviou para meus avós de novo, cerrando o maxilar delicado, claramente duvidando das minhas palavras.

— Acredito em você, *figlio mio*. — minha avó deu tapinhas no meu braço. — nunca vi essa expressão de total encantamento no seu rosto antes.

Que bom que ao menos ela acredita. A voz de Salvattore soou às minhas costas:

— Primo, não vai me apresentar à *bella principessa*? — enrijei quando ele se pôs à nossa frente, os olhos se fixando em Júlia.

Júlia

Os avós de Leon eram elegantes e simpáticos. Não foi o suplicio que pensei que seria. Os imaginei aristocratas frios e esnobes como o neto. Mas me surpreenderam agradavelmente. Então, esse deus grego surgiu à nossa frente. Uau! O homem era muito, muito bonito. Moreno, quase da mesma estatura de Leon, cabelos negros quase tão compridos quanto os dele e olhos azuis cinza que flamejaram em mim com algo parecido com cobiça. Leon deve ter percebido também porque me puxou mais firmemente contra seu corpo, sua mão grande apertando minha cintura mais do que o necessário.

Eu quase bufei, mas precisava fingir que éramos o casal perfeito que a imprensa divulgou incansavelmente nos últimos meses.

— Salvattore, essa é Júlia, *mia moglie*. — seu tom foi mais acentuado nas duas últimas palavras. Havia um aviso implícito ali. Senti uma tensão entre os dois homens. — *amore mio*, esse é meu primo, Salvattore, filho de um dos irmãos de minha mãe.

— É realmente um prazer finalmente conhecê-la, *mia principessa*. — ele disse suavemente estendendo a mão grande para mim. Assim que a peguei, levou minha mão aos lábios e depositou um beijo no dorso, os olhos cintilando nos meus, sedutores, enigmáticos, perigosos. Puta merda! Ele era muito bonito mesmo! E parecia descaradamente querer provocar Leon. Por quê? O que havia entre eles? Então, sorri de volta. Talvez eu possa me divertir um pouco com essa atenção do primo de Leon...

— O prazer é meu. — disse num tom tão suave e sedutor quanto o dele. Senti a tensão vindo em ondas do corpo de Leon. É isso aí, querido. Experimente um pouco do seu próprio veneno. Bastardo!

O rei entrou em seguida com Helena em seu braço. Ela era muito cuidadosa com o tio. Ainda não conversamos depois que recobrei a memória. Helena me desperta sentimentos contraditórios. Mas lembro-me que dias antes do acidente ela já me tratava de forma diferente. Com respeito. Talvez, apenas talvez ela não seja a vaca que pensei quando nos conhecemos. Era apaixonada pelo primo que nunca correspondeu ao sentimento. Acho que vê-lo trazer outra

para debaixo de seu nariz não deve ter sido muito bom. Eu definitivamente não gostaria de estar no lugar dela. Após os cumprimentos, o cerimonialista avisou que já poderíamos nos dirigir à mesa e Leon me arrancou de perto de Salvattore um tanto brusco. Uau! Isso seria interessante...

O jantar transcorreu num clima agradável. Bem, não para Leon que quase não comeu vigiando de forma velada cada movimento meu. Ele estava do meu lado direito e Salvattore ocupou o lado esquerdo. O primo de Leon parecia verdadeiramente empenhado em conversar comigo. Praticamente ignorou os outros e prendeu minha atenção com piadas e relatos de sua última viagem à Las Vegas. Ele era encantador, naturalmente um sedutor. Sorri sem esforço de todos os seus relatos, complementando suas falas. Exagerei propositalmente nos meus gestos e risos. Leon estava espumando do meu lado. Mas seus avós o mantiveram ocupado conversando o tempo todo.

Quando nos despedimos de todos no salão já passava das nove. Entramos no elevador que dava direto na nossa ala. Um silêncio inquietante se instalou entre nós. Foi inevitável não lembrar-me de quando havíamos feito sexo bruto, enlouquecedor naquele mesmo elevador. Soltei um gemido involuntário e ergui os olhos para a parede espelhada. Leon me observava com uma expressão predadora, irada, excitada nos olhos escuros. Estávamos lado a lado, mas cada um em um canto. Seus olhos prenderam os meus, inflamados, intensos. Ele estava lembrando também. Arquejei sentindo meu corpo reagir ao olhar de *quero foder você agora* que me dava e juntei as pernas sutilmente. Sua boca torceu num arremedo de sorriso. Bastardo!

Tentei recompor-me a todo custo e baixei o olhar, mas continuei sentindo seus olhos em mim. Meu corpo respondendo loucamente ao seu chamado silencioso. Finalmente o elevador parou e as portas se abriram. Arremessei-me para fora e me afastei a passos rápidos. Ouvi os passos dele acelerarem também atrás de mim e no segundo seguinte eu fui jogada com brusquidão contra a parede do corredor. Seu corpo prendendo o meu. Os olhos negros perigosos na luz baixa.

— Você nunca mais vai fazer aquilo de novo, entendeu, Júlia? — sua mão entranhou nos meus cabelos da nuca puxando meu rosto grosseiramente a centímetros do seu.

Eu sorri de sua expressão desesperada. Enciumada.

— Não sei do que está falando. — murmurei arquejante. Sentindo todo o volume de seu pênis duro no meu ventre. Seus olhos se inflamaram mais com a minha reação à ele.

— Sabe, *si*. Você estava tentando me fazer ciúme. Dando toda a sua atenção àquele bastardo paquerador, quando tem me tratado como um cão sarnento. — infiltrou a outra mão pelo meu vestido e cavou na minha bunda, me puxando para seu pau. Se esfregou em mim gemendo baixinho. — não suporto ver outro homem olhando, cobiçando o que é meu.

— Não sou sua, Leon. — minha voz foi apenas um sussurro. Ele puxou mais meus cabelos e mordeu meu lábio inferior, os olhos me violentando, gritando tudo que queria fazer comigo.

— *Si*, você é. — grunhiu em meus lábios, seu pau moendo em minha vulva já empapada e latejante. — você é minha. Só minha. Toda minha. — afirmou e tomou minha boca num beijo desesperado. Eu tentei resistir no começo, mas meu corpo é dele. Sempre foi dele. Aprofundou o beijo, sua língua lambendo a minha. Seus lábios chupando os meus. Sua boca devorando a minha. Gemi insana. Louca para ser tomada por ele. Só por ele. Sua mão deslizou da bunda para a minha vagina. Afastou a calcinha grosseiramente. Seu polegar acariciou meu clitóris levemente. Gemi de novo em sua boca. Ele sorriu e firmou minha nuca para me comer com sua boca voraz. Agora eu correspondia com volúpia também. Meus sentidos completamente embotados, dopados pelo cheiro, pelo gosto dele. Pela forma dominante como me pegava, me reclamava. Nós dois grunhindo, gemendo, rosnando. Seu dedo do meio fez pressão por toda a extensão da minha boceta e me encontrou pingando para ele. Uivou e enfiou o dedo em mim sem delicadeza. Engasguei com a invasão. Quebrou o beijo e cravou os olhos nos meus, mantendo-me presa enquanto me fodia bem forte.

— Ahhhhh! — gemi alto. Sem a menor compostura.

— Vou comer você agora, Júlia. Vou meter meu pau todo nessa boceta gostosa, porque vou enlouquecer se não foder você. — rosnou em minha boca. Suas mãos deixando-me por alguns instantes para abrir o zíper das calças e libertar seu pau enorme e duro. Levantou minha perna direita para seu quadril

e alinhou a cabeça gorda em minha vulva. Parou me olhando de novo. Como se me desafiasse a pará-lo. Eu não tinha forças para isso. Minha vagina palpitava, louca para sugá-lo para dentro. Estocou duro me rasgando até o fundo. Nós dois gritamos completamente fora de nossas mentes. — você não vai mais ficar de papo com aquele bastardo, Júlia! Você é minha, porra! — rosnou passando a me comer com golpes fortes e certos. A posição deixava tudo mais intenso. Dava para sentir seu pau longo e grosso em cada terminação nervosa da minha boceta. Ele continuou metendo com tudo, apertando minha coxa suspensa em seu quadril. Tenho certeza que teria um hematoma amanhã. Girou o quadril e bateu com mais força me esmagando contra a parede.

— Ohhh! Leon... Deus!!— gemi sentindo um orgasmo começando a se formar em meu ventre.

— Isso, putinha. Goze no meu pau! — me fodeu brutalmente agora. Seu pau entrando tão fundo... — é só no meu pau que você vai gozar, entendeu? Nenhum filho da puta vai comer essa bocetinha gostosa! Ela é minha! — suas palavras sujas foram o meu fim e eu quebrei gozando, contraindo meu canal. Ele grunhiu e bateu incansavelmente dentro de mim. O tempo todo me olhando nos olhos, me vendo gozar em seu pau. — você nunca vai sentir isso com outro, Júlia! Nunca! Por que você é minha! Essa boceta foi feita para o meu pau! Só para o meu pau! Toma ele todo, minha putinha! Toma tudo nessa boceta apertada do caralho! — levantou a minha outra perna, enrolando as duas em seu quadril e meteu mais fundo. Me comeu assim. Olhando-me, enquanto seu pau me abria bruscamente quase ao ponto da dor. — Oh! *Dio mio!* Eu vou gozar... Júlia! Bebê... Tão gostosa... Gostosa... Ahhhhhhhhhh! — rosnou e cravou os dentes no meu ombro, derramando-se em meu canal. Gritei de dor e prazer. Sua língua chicoteou no local dolorido de sua mordida e tomou minha boca de novo num beijo voraz. Continuou me comendo como se não quisesse parar nunca. Seus jatos inundando-me. Me apertou parando de devorar minha boca e depositou beijos leves, finalmente diminuindo o ritmo metendo devagar em nossos últimos espasmos.

Ficamos assim por um tempo acalmando nossas respirações. Nossos sexos ainda latejando pelo clímax primoroso. Olhos travados um no outro. Ele por fim saiu de mim com cuidado e me firmou no chão. Minhas pernas

estavam instáveis sobre as sandálias de salto alto. Arrumei meu vestido. Um modelo solto de cetim verde água que batia um pouco acima dos joelhos. Quando o vesti hoje não imaginei que facilitaria o acesso dele. Que me foderia como um animal selvagem assim contra a parede de um corredor onde poderíamos ser flagrados pelas babás. Cristo! Eu o deixei me foder de novo. Eu simplesmente não aprendo. Chutei-me mentalmente.

— Vem comigo, bebê. — ele me puxou pela cintura, sua voz suave, saciada. — vamos para o nosso quarto.

Eu me desvencilhei dele e me afastei.

— Eu acho que não. — disse o mais friamente possível. Seus olhos se alargaram e sua expressão caiu. — isso não muda nada, Leon.

— Claro que muda. Você me quer. Você me ama, Júlia. — disse exasperado, passando as mãos pelo rosto. — eu te amo tanto, bebê. Por favor, não me castigue mais. Não vê que estou morrendo sem você, amor?

Meu coração sofreu um pequeno baque com suas palavras que pareciam desesperadas. Mas eu não posso mais acreditar nele. O que sentia por ele se quebrou no momento em que o vi entre as pernas da vaca Rugiere.

— Não, isso é sexo, Leon. Meu corpo reconhece o seu. Você sabe exatamente que botões apertar para me ter louca por você. — disse e sua expressão caiu mais ainda. Ele havia aprimorado suas artimanhas. Sua expressão quase me convencia de que realmente sentia algo mais por mim. Quase. — Boa noite. — sussurrei e retomei minha caminhada para a porta do meu quarto. Eu não me dei ao trabalho de dizer que aquilo não aconteceria de novo, porque nós dois sabíamos que aconteceria. Só que agora eu enxergo tudo do jeito que sempre foi: sexo, apenas sexo.

CAPÍTULO VINTE

Júlia

O tributo em homenagem aos pais de Leon começou com uma missa na Basílica de São Domingo. Depois seguiram várias homenagens, apresentações de teatro, poesia e música na Praça da Basílica. Estive ao seu lado o tempo todo. Mesmo depois de tantos anos, ele ainda se emocionou visivelmente quando imagens de sua mãe apareceram num grande telão. A princesa Antonella era linda. Morena, cabelos e olhos castanhos escuros. Tinha um sorriso lindo e doce. Sem me dar conta, apertei a mão de Leon para confortá-lo. Ele me encarou um tanto surpreso pelo meu gesto. Os olhos escuros cheios de dor e outra emoção que não consegui identificar.

— Ela era linda. — sussurrei. Suas mãos vieram imediatamente para minha cintura. Eu deixei que me abraçasse. Que se apoiasse em mim. Não sou um monstro. Nunca tripudiaria sobre ele num momento desses.

— *Si*, ela era. — sua voz foi baixa, dolorosa. Desviou os olhos de novo para o telão. O abracei também. Vou dar esse tempo de trégua a ele. As homenagens se estenderiam até à noite, mas nos retiramos perto do meio-dia.

Os avós e o primo de Leon estavam conosco nos espaçosos bancos traseiros da limusine. Helena e o rei estavam em outro carro que voltaria para o Palácio. O tio de Leon ainda estava frágil e se emocionou muito com o tributo. Estávamos nos dirigindo agora para o meu restaurante preferido na Ilha. Leon está tentando sorrateiramente me enrolar em sua teia de novo.

Cada vez que levantava meus olhos, Salvatore estava me encarando. Seus olhos cintilando com uma expressão perigosamente predadora. Ele era realmente muito bonito, mas não sentia nada quando me olhava assim. Esse é o efeito Leon. Será que nunca vou me livrar desse encantamento? Acho que não num futuro próximo.

— As homenagens foram lindas, *bambino*. — a voz de Ciara soou trêmula, triste, enquanto enxugava discretamente algumas lágrimas. Ângelo tomou uma das mãos da esposa e a levou aos lábios. Os olhares dos dois se

encontraram e se prenderam por alguns momentos. Estava tudo ali para quem quisesse ver. Eles se amavam muito. Ciara sorriu levemente e encostou a cabeça no ombro do marido.

Um bolo se formou em minha garganta. Meus olhos arderam e eu os desviei para a janela, piscando para conter as lágrimas. Lágrimas porque eu nunca teria aquilo com Leon. Lágrimas porque eu ainda o amava desesperadamente apesar de tudo. A constatação disso fez doer meu coração. De repente, me senti suja por estar enganando aquele casal tão simpático e verdadeiro. Leon deve ter sentido a mudança em mim, pois sussurrou no meu ouvido:

— Você está bem, amor? — sua voz num tom suave, amoroso penetrou em mim. Fechei os olhos e apoiei minha cabeça em seu ombro. Já que era para fingir, vamos ao show completo. Seus braços vieram rápidos em volta da minha cintura me aconchegando mais à ele. Seu cheiro único invadiu minhas narinas, fazendo-me desejar coisas que não posso ter. Isso é tão injusto!

— Sim, só estou com um pouco de dor de cabeça. — murmurei em seu pescoço. Ele beijou meus cabelos suavemente, meu corpo todo estremeceu. Permiti-me ficar assim, nos braços dele, aproveitando-me daquela encenação. Nós dois nos aproveitando da situação. Porque seu corpo relaxou visivelmente em contato com o meu. Gemeu baixinho no meu ouvido. Quando abri meus olhos de novo, dei de cara com os olhos azuis cinza de Salvattore ainda me encarando. Ele nem ao menos disfarçava seu interesse em mim. Pelo contrário, acho que queria que Leon percebesse mesmo. Eles não pareciam se dar bem. Leon ficava sempre tenso em sua presença. Ele ficava do mesmo jeito. O que houve entre eles? Ou sempre foram assim?

Quando chegamos ao restaurante fomos imediatamente levados à melhor mesa, num terraço com vista para a praia de São Domingo. O restaurante foi construído em uma colina e ficava fora da cidade, à uma hora do centro. A clientela era seleta. Leon me trouxe aqui algumas vezes. Sempre vínhamos de helicóptero. Quando se aproveitou do meu problema de memória, me fazendo acreditar que éramos um casal perfeito. Minha raiva vai a níveis realmente altos quando me lembro da sua falta de escrúpulos. Mas isso não era novidade nenhuma para mim. Esse é o Leon que conheço, que me lembro vividamente: mentiroso, enganador, sedutor, sem escrúpulos, traidor.

Estávamos já na sobremesa e pedi licença para ir ao toalete. Após terminar e abrir a porta para sair, estaquei. Salvattore estava ali encostado displicentemente na parede do corredor. Mãos nos bolsos, um pé descansando sobre o outro. Seus olhos incendiaram e seus lábios se repuxaram num sorriso de gato que devorou o canário quando me viu. A forma que seus olhos me fixavam me incomodava, mas avancei para fora do toalete.

— Algum problema, Salvattore? — minha voz saiu apreensiva. Esse homem era perigoso. Sua beleza, seu charme, seus olhos hipnotizantes.

Ele me catalogou de cima à baixo lentamente. Seu sorriso se alargou, sexy, sedutor.

— Nenhum problema, *mia principessa*. — ronronou se aproximando devagar. — *tutto é una perfezione* [\[56\]](#). — murmurou quando parou na minha frente, perto demais.

Ficou claro que era de mim que falava. Eu abri a boca para falar, mas antes disso, fui empurrada contra a parede. Seu corpo grande me prendendo. Pegou meus dois pulsos e os levantou acima da minha cabeça. Então senti seu pênis enorme e duro pressionando meu ventre. Puxou minha nuca e aproximou nossas bocas. Os olhos incríveis me comendo viva.

— Você está louco? Largue-me! — disse entre dentes. Não podia causar uma cena com Leon e os avós lá fora.

— Eu quero você. *Dio!* Estou louco por você. — gemeu se esfregando em mim. Eu agi rápido e o acertei com meu joelho entre suas pernas. Ele se encolheu e me largou, gemendo, levando as mãos aos testículos.

— Você pediu por isso! Sou casada. Mulher de seu primo, seu idiota! — cuspi enfurecida. Como ele ousou me tratar assim? Bufeij, ele e Leon são realmente da mesma família. Bastardos! Não tem ideia de como tratar a uma mulher. — não ouse chegar perto de mim de novo, ouviu?

Para minha surpresa ele sorriu, ainda fazendo careta pela dor, mas seus olhos eram verdadeiramente divertidos agora.

— *Dio Santo!* Você é letal, *bella mia*. — disse com algo parecido com admiração nos olhos. — meu primo tem muita sorte em tê-la.

Eu virei-me para sair e o ouvi dizer às minhas costas:

— Leon não merece sua lealdade, Júlia. Meu primo é um filho da puta egoísta, manipulador e traidor.

Parei e virei-me de novo para ele. Seu tom era de puro ódio.

— Por que está me dizendo isso?

— Porque você parece ser uma boa garota. E ele vai acabar machucando-a em algum momento. — disse sério agora.

O que ele não sabia era que Leon já havia me machucado. Foi só o que ele fez desde quando resolveu me caçar como a uma criminosa.

— Por que o odeia tanto? — quis saber sem conter mais minha curiosidade. Eu não consigo explicar, mas ver o ódio de Salvattore por Leon me deixou desconfortável. Estou tentada a defender meu marido. Verdadeiramente tentada. Meus sentimentos por ele são tão contraditórios. Num momento quero arrancar a cabeça dele por ter beijado aquela maldita vadia, mas no outro o deixo me foder como se fôssemos morrer se não o fizessemos. Isso tudo é uma grande merda!

Os olhos de Salvattore se inflamaram ficando cinza completamente.

— Leon me traiu. Éramos muito amigos, crescemos juntos. — sua voz era fria, mas havia emoção em seus olhos. — isso durou até ele foder minha garota.

Oh! Uau! Isso com certeza o eleva a outro patamar. Cristo! Ele era mesmo um maldito prostituto!

— Eu sinto muito. — então a ficha caiu. — é por isso que está todo atencioso e sedutor comigo? Quer dar o troco a ele?

Ele sorriu amplamente de novo. Seus olhos voltando a me devorar. Puta merda!

— Não posso negar que vê-lo se roendo de ciúmes cada vez que olho para você me agrada muito. — fez uma pausa significativa, o olhar preso no meu. — mas realmente gostei de você, *principessa*. Gostaria de tê-la encontrado antes dele. — sussurrou, levantando a mão, tocando meu rosto. Um toque suave, terno. — se por acaso meu primo idiota deixá-la ir, eu vou

atrás de você.

Uau! Isso foi um giro e tanto. Eu abri a boca para responder, mas a voz ensandecida de Leon invadiu o corredor:

— Seu bastardo maldito! Tire as mãos de cima da minha mulher! — berrou e no segundo seguinte estava empurrando Salvattore para longe de mim.

Salvattore afastou-se levantando as mãos em sinal de rendição, mas o olhar era claramente zombeteiro.

— Ora, ora, primo. Então finalmente você se importa com uma mulher. — disse, seus olhos ficando gelados. — porque se bem me lembro você apenas as fodia. Fodia até mesmo as mulheres de outros homens! — rosnou a última parte.

Leon desviou os olhos aflitos para mim. Ele não queria que eu soubesse. Bufei. Tarde demais, querido.

— Não vou falar sobre isso com você, Salvattore. — disse segurando meu braço possessivo, me puxando com ele.

— Eu contei à Júlia, primo. Ela já sabe que você não respeita nem sua própria família. — Salvattore disse com mágoa evidente.

Leon ficou rígido do meu lado.

— Não acredite nele, bebê. Ele não sabe como realmente aconteceu. — pediu fitando-me sério.

— As coisas foram assim, *principessa*: Eu amei uma garota por quatro anos inteiros. Quatro anos! — Salvattore alterou-se. — Então, meu primo, *o príncipe*, tinha que foder com ela! Não bastava comer todas as outras garotas ao seu redor. Quando pôs os olhos nela não demorou muito e o flagrei em cima dela! Esqueci alguma parte, *alteza*?

Deus! Aquilo ficava cada vez pior. Quase gemi de desgosto.

— *Si*, você esqueceu que eu nunca soube de seus sentimentos por ela. — Leon disse sério. — e que aquela garota era uma vadia da pior espécie. Ela me coucou! Ela me implorou para fodê-la!

Ok. Informação demais. Eu não preciso dessa imagem se formando em minha mente.

— Você é um bastardo mentiroso, primo! — Salvattore rosnou. Nisso eu concordo.

— Acredite no que quiser, Salvattore. Só não se aproxime de novo da minha mulher ou vou esquecer que temos laços de sangue e vou quebrar a sua cara. — Leon também rosnou, seu corpo todo tremendo de raiva. Ele estava se contendo apenas pelos avós, eu sabia.

— Oh! Eu adoraria vê-lo tentar, primo. — zombou. Leon nada respondeu apenas me puxou com ele bruscamente. Salvattore piscou para mim antes de sairmos. Eu quase sorri. Ele era um agitador. E louco, porque nunca vi ninguém provocar Leon dessa forma.

O retorno ao Palácio foi tenso. Leon fechou a cara e me manteve quase sentada em seu colo de tão perto que estávamos.

— Você deixou aquele bastardo tocar em você, porra! — Leon vociferou assim que me empurrou para dentro do seu quarto.

Era hilário que logo ele viesse me cobrar isso. Ele era o prostituto! Não eu!

— Eu não sou mais sua mulher. Então, pode parar com essa cena de marido enciumado! Eu faço o que eu quiser, com quem quiser! — berrei também.

Seus olhos se inflamaram mais e eu tive medo dele.

— O que você quer dizer com isso, Júlia? Hum? Que você vai foder com ele? — gritou fora de si. — é isso que você quer? Dar para aquele bastardo?

Suas palavras me feriram absurdamente. Meus olhos arderam e eu pisquei, recuando, abraçando a mim mesma. Ele percebeu na hora que tinha ido longe demais. Sua postura relaxou e seus olhos amoleceram. Gemeu ruidosamente.

— Oh! *Dio mio!* Eu não quis dizer isso, bebê. — avançou até mim, mas recuei, não deixei que me tocasse. — por favor, amor, perdoe-me pelo que disse agora. Você não é assim, eu sei disso. Perdoe-me, *perla mia*.

— Fique. Longe. De. Mim. — disse entre dentes e o deixei sozinho no quarto.

Leon

Eu sentei-me na cama e enterrei as mãos nos cabelos. Não sei mais o que fazer. Estou ficando cada dia mais desesperado. E agora aquele bastardo aparece do nada para piorar o que já era muito ruim. Foda! Como pude dizer aquelas coisas a ela? *Dio santo!* Era para eu estar implorando, não a magoando mais. Porra!

Meu telefone tocou. Era minha avó. Queria que fosse até seus aposentos um instante. Acabamos de nos separar. O que ela queria? Fiquei intrigado, mas dirigi-me para a ala leste imediatamente.

— O que há de errado entre e você *sua moglie, bambino?* — a pergunta de minha avó na sua voz suave surpreendeu a merda fora de mim, assim que nos sentamos no estofado em forma de L na antessala de seus aposentos.

— Desculpe, *nonna*, mas sobre o que está falando? — tentei a minha melhor cara de pôquer.

Ela sorriu, aquele riso de quem me conhece do avesso.

— Não tente me enganar, *figlio mio*. — pediu no seu tom de avó. — há uma tensão palpável entre você e a *bambina*. Não se parecem em nada com o casal que a mídia retratou nesses últimos meses. Eu podia sentir o amor de vocês apenas olhando as fotos. — suspirou levemente. — mas vendo vocês juntos agora. Algo não bate. Diga-me, *tesoro*. — seus olhos castanhos me fitaram preocupados e insistentes me desarmando. — Conte-me o que está acontecendo.

Eu suspirei também, resignado, envergonhado e abri o jogo com minha avó. Ela ouviu tudo atentamente. Contei tudo, desde as primeiras fotos que recebi de Júlia ligando-a ao suicídio de Damien até nossa situação atual: um casamento afundando por minhas ações arrogantes e cruéis.

— Oh, *bambino*. — ela disse com olhos pesarosos. — é muito pior do que pensei. *Dio! Questa ragazza* deve ter sofrido muito, *figlio mio*.

— *Si*, eu sei, *nonna*. — passei as mãos no meu rosto. Eu estava tão

cansado e desanimado. Parece que eu me enrolava cada dia mais. — mas eu a amo. A amo tanto.

— Você já disse isso à ela?

— *Si*, muitas vezes, mas ela não acredita em mim. Não depois de tudo que fiz. Além disso, o Dr. Piazzoni me explicou que na mente de Júlia todas as lembranças antes do acidente são recentes. — respirei fundo. — ela está sofrendo também, presa a todas as humilhações que a fiz passar naquele período. Acha que não a amo e a trai.

— Você terá que mostrar com gestos, *figlio mio*. — ela falou depois de me observar por alguns momentos. — a *bambina* parece muito doce e sensível.

— *Si*, Júlia é assim. Ou era assim. No momento ela quer arrancar minha cabeça. — assenti enquanto os olhos castanhos de minha avó brilhavam. Se eu a conheço bem, lá vem alguma ideia mirabolante.

— Uma vez um rapaz me fez de boba. — ela disse como se viajasse no tempo. — e eu o fiz sofrer o diabo.

Eu sorri com seu vocabulário.

— Sério, *nonna*? Quem era esse bastardo?

— Seu avô. — revelou olhando de relance para o outro cômodo, onde meu avô devia estar fazendo a sesta.

— Meu avô? Sério? — era difícil acreditar, pois ele era completamente servil à ela.

— *Si, bambino*. *Mio* Ângelo era muito bonito e as mulheres viviam ao redor dele. Exatamente como você. — fez uma pausa. — ele se enroscou com *una puttana* pouco antes de nos casarmos. Eu descobri e terminei tudo.

Eu fiquei sério. Nunca tinha ouvido nada sobre isso.

— Mas você o perdoou. — afirmei o óbvio.

Ela sorriu de novo. Seus olhos brilhantes como se lembrasse de tudo que tinha feito meu avô sofrer. Eu tive pena dele.

— *Si, tesoro*. Eu o perdoei, mas não antes de fazê-lo rastejar de todas as

formas imagináveis.

Porra! Minha avó não podia chegar perto de Júlia, ou eu teria muito mais problemas.

— O que estou tentando dizer é que Júlia tem todo o direito de estar chateada e querendo sua cabeça depois de tudo que fez, *bambino*.

Obrigado, *nonna*! Bufeí mentalmente.

— *Si*, sei disso, *nonna*. Eu apenas não posso ficar sem ela. — pausei olhando-a suplicante. — então, me diga algumas dessas formas que meu avô rastejou, porque farei em dobro. Farei tudo, absolutamente tudo para não perder *mia moglie*.

Ela sorriu de novo. Minha avó era uma sádica. Estava gostando de me ver desesperado. Mulheres...

— Eu direi. Fique tranquilo. — deu tapinhas no meu antebraço. — vamos começar viajando para o Palazzo de veraneio.

— Ela não irá sozinha comigo. — disse desanimado.

— Iremos todos. Acabo de prolongar minha estadia em Ardócia. — anunciou animada. — só irei embora quando vir *mios bambini* bem outra vez.

— O palazzo está em reforma, *nonna*. Só alguns poucos quartos estão disponíveis. — logo que as últimas palavras saíram da minha boca seu sorriso aumentou mais. É claro que ela já sabia disso. *Dio*! Minha avó daria uma ótima estrategista de guerra. Mas não dizem que no amor e na guerra vale tudo...

— Ao menos um dos problemas estará resolvido, *figlio mio*. A *bambina* será obrigada a ficar no mesmo quarto que seu marido. — sussurrou em tom de conspiração. — o resto é com você. Não se afaste mais dela. Esteja presente o tempo todo. Planeje pequenas surpresas a cada dia. — pausou mais uma vez conspiratória. — e inclua Damien na maioria dos programas. Ela não vai recusar, pois ama o *bambino* e com certeza não quer que fique privado do carinho e atenção do pai.

Eu sorri também. Oh! *Dio mio*! Já mencionei que amo a minha avó?

Porra! Eu amo a minha avó!

— Farei isso, *nonna*. — tomei suas mãos e as beijei. — farei tudo para recuperar minha Júlia.

Voltei à nossa ala e fui até o quarto de Júlia. Ela estava brincando com Damien sentada no carpete, cercados de brinquedos. *Mio bambino* sorriu feliz ao me ver. Aproximei-me deles e sentei-me também. Ela ficou alerta. Seus olhos ainda magoados pelas minhas palavras enciumadas e impensadas. Eu sou mesmo um bastardo!

— Meus avós resolveram ficar mais um tempo conosco. — comecei devagar sondando sua reação. — Além disso, meu tio precisa descansar. — tomei Damien no meu colo. Ele veio fazendo uma algazarra. — vamos para o Palazzo de veraneio nas montanhas.

— O Palazzo não está em reforma? — quis saber ressabiada.

— *Si*, mas há duas alas que podem ser utilizadas. O ar das montanhas fará bem ao rei e ao *nostro bambino*. — completei. Ela não pareceu muito entusiasmada, mas assentiu com a cabeça levemente.

Partimos para o Palazzo na manhã seguinte. Um verdadeiro comboio subiu as montanhas. Três carros com nossa segurança nos acompanhavam, além do carro do rei e um que levava meus avós e o bastardo do Salvattore. Eu, Júlia e Damien fomos no meu Range Rover blindado. Eu mesmo dirigi. Lembrei-me das pequenas coisas que minha avó me disse. Júlia ligou o sistema de som e virou-se para a janela. Damien estava adormecido no banco traseiro acomodado na cadeirinha. Hoje ela ouviu Adele. Queria claramente me mandar um recado quando *rolling in the deep* preencheu o ambiente no carro.

There's a fire starting in my heart

Tem uma chama surgindo no meu coração

Reaching a fever pitch and it's bringing me out the dark

Tomando conta de mim e me tirando da escuridão

Finally, I can see you crystal clear

Finalmente, eu posso te ver claramente

Ela não estava cantando como de costume. Nem falando, nem sorrindo. Meu coração murchou um pouco com sua indiferença. Eu quase preferia ficar longe para não ter que sentir isso. Essa dor pela sua rejeição. A viagem durou uma hora. Logo estávamos sendo recebidos por Gioconda a governanta do Palazzo, uma senhora de uns cinquenta anos. Vivia com sua família num chalé nos limites das nossas terras. Quando fomos levados aos nossos aposentos, preparei-me mentalmente para a reação de Júlia.

— Não há quartos disponíveis para acomodar a todos? Você planejou isso, não foi? — seus olhos fuzilaram-me assim que fomos deixados a sós por uma das arrumadeiras. — eu não vou fazer sexo com você de novo, Leon, se é nisso que estava pensando ao me preparar essa maldita armadilha! — rosnou começando a desfazer suas malas.

Eu suspirei profundamente. *Dio!* Isso seria realmente difícil.

— Não é só sexo e você sabe disso. — falei baixinho contornando a cama, me aproximando dela. Seus olhos ficaram alarmados, se alargando, visivelmente perturbada com minha proximidade. — é por isso que está aí, com medo de ficar perto de mim. Nós nos amamos. Dê-nos uma chance. Só uma e eu farei valer a pena. O amor que você sentia ainda está aí dentro, bebê. Eu sinto isso quando me olha desarmada em alguns momentos, quando seu corpo está perto do meu. Nos pertencemos, amor. Você é minha e eu sou seu. Completamente seu.

Ela me olhou como que hipnotizada por alguns segundos, tocada pela minha declaração. Arfou, entreabrindo os lábios cheios. Os olhos de esmeralda brilhando intensamente. Fui golpeado pelo seu cheiro delicioso de fêmea excitada. Ela me quer. Me quer como eu a quero. Levantei minha mão, mas antes que tocasse seu rosto ela piscou saindo do transe e afastou-se retomando a postura defensiva.

— Eu já disse o que penso de suas artimanhas. — disse virando-se para as malas, me dispensando. — então não perca seu tempo, Leon. — completou, mas sua voz estava trêmula. Ela estava afetada. Eu não me afastaria mais. Ela me teria por perto o tempo todo até reconhecer o nosso amor e me perdoar.

— Não me afaste mais, amor. — implorei às suas costas. Ela se manteve calada, seu corpo todo tenso. — não vou mais ficar longe de você. Deixe-me

ficar perto, bebê. Não me ignore como está fazendo. Sinto tanto a sua falta. — sussurrei tocando seu ombro. Ela estremeceu com meu toque. Aproveitei e me aproximei mais. A abracei pela cintura, trazendo suas costas para meu peito. Nós dois gememos baixinho com o contato. Enfiei meu nariz em seus cabelos macios da nuca, sentindo seu cheiro inebriante, viciante. Ela gemeu de novo, relaxando mais em meus braços. Depositei beijos suaves na curva de seu pescoço. Ela pendeu a cabeça no meu ombro. Amo quando faz isso. — eu amo você, bebê. — sussurrei em sua orelha. Peguei seu queixo trazendo sua boca para junto da minha. Ela abriu os olhos de esmeralda e nossos olhares travaram. Eu vi tudo lá. Ela ainda me ama, mas está com medo. Não posso culpá-la. Nossos lábios se tocaram. Chupei seu lábio inferior levemente. Ela grunhiu e se derreteu em meus braços. Aprofundei o beijo. Beijamo-nos assim por muito tempo. Nossas bocas se devorando lentamente. Nossas respirações se alterando. Mantive uma mão em sua cintura e a outra em seu queixo, não a toquei em outro lugar, apenas a beijei. Beijei como se minha vida dependesse disso. De fato dependia.

— Leon... — murmurou ofegante em meus lábios. — o sexo dopa meus sentidos. Por favor... Não faz assim... — completou suplicante. Ela sabia que o que sentíamos era mais forte do que sua vontade de me rejeitar. Ela nunca conseguiu resistir à mim e tampouco eu à ela.

Gemi em seus lábios e separei nossas bocas, mas ainda mantive seu olhar cativo. Meu braço enlaçou completamente sua cintura, deleitando-me com seu corpo, sua bunda gostosa contra meu pau já duro como pedra. Eu não quero soltá-la. Quero deitá-la nessa cama e fazer amor com ela por horas, mas não posso agora. Foda!

— Está bem, bebê. Mas promete que vai me deixar chegar perto? Eu só preciso de uma chance, amor. — sussurrei bem próximo de sua boca. Nossas respirações ainda estavam pesadas.

Ela permaneceu calada por algum tempo, os olhos preciosos me avaliando, então respondeu:

— Sim, prometo. Você terá a sua chance, Leon. — suas palavras me fizeram soltar a respiração devagar. Meu coração saltando frenético. — mas me deixe tomar meu tempo, por favor. Não fique me cercando para sexo,

porque eu vou ceder, é claro. Mas isso está bagunçando mais a minha cabeça.

Certo. Eu posso trabalhar com isso. Posso ficar um tempo sem sexo. Estou tranquilo quanto a isso. Mentira. Eu não estou tranquilo porra nenhuma! De quanto tempo mesmo ela está falando? Quase gemi de frustração, mas é claro que não disse nada disso a ela. Eu me obriguei a concordar.

— Certo, bebê. Vamos devagar. De novo. — murmurei e ela abriu um meio sorriso. *Dio!* Meu coração tolo e apaixonado deu algumas cambalhotas. Também sorri. Ela girou nos meus braços e enlaçou meu pescoço. Enfiei uma mão em sua nuca e a trouxe de novo para mim. Sorrimos os dois respirando nos lábios um do outro. Nossos olhos gritando nosso amor. — eu vou fazer valer a pena, *perla mia*. — sussurrei.

— Faça, Leon... — ela murmurou, sua voz rouca de desejo me enlouquecendo mais ainda. — porque o que mais quero é acreditar de novo em você, em nós. Faça-me esquecer de tudo... — meu coração se expandiu com sua admissão. Então nos beijamos de novo. Um beijo mais casto, lento, suave dessa vez. Eu preciso obter um *A* em comportamento de agora em diante.

CAPÍTULO VINTE E UM

Leon

As coisas não estão saindo exatamente como minha avó e eu pensamos. Consegui avançar muito é verdade. Mas, Júlia dormiu no sofá na noite passada, insistiu teimosa mesmo depois que deixei a cama livre. Ela sabia que nunca dividiríamos a mesma cama sem fodermos até cair exaustos. Foda! Ela me deixou aproximar, mas não completamente. E para acabar de completar Salvattore a convidou para cavalgar logo depois do café da manhã e ela aceitou. Porra! Eu queria socar a cara do infeliz, jogá-la por cima do meu ombro e levá-la para o nosso quarto, bem longe dos olhos cobiçosos daquele bastardo! Mas meu tio está aqui e ele realmente precisa de descanso. O médico orientou-nos a não causar aborrecimentos e é só por isso que Júlia ainda não havia me deixado. Admitir isso dói pra caralho!

Os observei da janela da biblioteca. Voltavam cavalgando lado a lado até entrarem nos estábulos. Um passeio que me pareceu longo demais. Confio plenamente em Júlia, mas aquele bastardo era cheio de truques e realmente me odiava. A porta se abriu e me voltei da ampla janela.

— Então é aqui que está se escondendo. — Helena disse num tom condescendente.

— Não estou me escondendo. — rebati seco e sentei-me atrás da grande mesa de mogno.

Ela bufou e sentou-se à minha frente sem ser convidada. Só ela e Júlia faziam isso comigo.

— *Si*, está. Isso não está funcionando, *caro mio*. — sua expressão suavizou ao ver minha aparência miserável. — eu estava errada. Você precisa ser mais agressivo. Marcar presença o tempo todo. Precis...

— Isso também não está funcionando, Helena. — suspirei pesadamente, encostando-me ao espaldar da cadeira. — essa viagem era para nos reaproximarmos, mas em vez disso Júlia prefere cavalgar por aí com aquele *maledeto*.

Helena sorriu brevemente.

— O que foi? Você também está feliz me vendo assim? — fez uma pausa dramática. — completamente desesperado? Sem rumo?

— Ora, ora, estamos dramáticos, hoje, hein? — sua voz foi divertida. Eu a chutaria na bunda se não a amasse tanto. — levante esse traseiro real daí e vá lá fora recuperar sua mulher. Esse aí que fica se escondendo, se encolhendo pelos cantos não é o Leon que conheço.

— Nada parece dar certo com ela. — resmunguei cansado. — ela me prometeu ontem que me deixaria me aproximar, mas ainda parece tensa perto de mim. Como consegui fazer uma bagunça tão grande assim na cabeça dela?

— Ela o ama. Está apenas magoada. — disse com uma expressão de pena que eu odiava. — convenhamos, *caro mio*, Júlia está pegando bem leve com você. Eu no lugar dela, já teria arrancado sua cabeça. — completou sorrindo.

Eu tive que concordar. Helena apesar de aparentemente polida, tinha sangue quente. Geralmente era educada ao extremo, mas quando saía do sério era um perigo. Isso me fez lembrar de Dominic e do modo como os dois se provocaram o tempo todo durante a visita dele.

— Verdade. — assenti. — desculpe se tiver me intrometendo, mas houve algo entre você e Dom nos dias em que estive na Ilha? — os olhos de uísque se alargaram e ela ficou rígida imediatamente. Seu sorriso morreu.

— Não houve nada. Seu irmão é um cachorro vadio, Leon. — disse claramente na defensiva. — o inferno vai congelar antes que eu tenha alguma coisa com Dominic Harper!

Oh! Uau! Ela negou veementemente, mas a tensão em seu corpo à menção do nome de meu irmão a denunciava. Helena estava mexida por ele. E isso era muito, muito ruim. Dom era um mulherengo inveterado. Não quero vê-lo tratando-a como uma qualquer.

— Ok. Fique atenta à ele, *cara mia*. — disse preocupado. — Dom não é material para um relacionamento.

Ela revirou os olhos, bufando:

— *Dio!* Não ouviu o que eu disse? Dominic não me interessa. Nem agora, nem nunca. — suspirou. A olhei atento. Não sei por que, mas tive um pressentimento de que essa história ainda me daria dores de cabeça. — não foi sobre mim que vim falar. É você quem está em apuros, não eu. — completou.

— Você poderia falar com ela. Vocês mulheres se entendem melhor. — sugeri.

Ela fez uma careta.

— Não acho uma boa ideia. Júlia não está falando mais do que o necessário comigo. — deu um suspiro resignado. — eu não posso culpá-la. Não quando fui uma cadela quando chegou à Ilha. Tem todo o direito de estar magoada.

— Mas você percebeu muito antes de mim que ela não era a pessoa que pensávamos. — dizer isso sempre fazia sentir-me um completo imbecil.

— *Si*, mas já havia feito e falado algumas coisas das quais me envergonho muito agora. — admitiu pesarosa.

— Vem, vamos lá para fora. Vou até o estábulo colocar aquele bastardo no seu devido lugar. — levantei-me e passei o braço em sua cintura assim que se levantou também e deixamos o recinto. — eu já disse que te amo, irmãzinha? — murmurei beijando seus cabelos.

Ela sorriu um tanto tímida e balançou a cabeça assentindo.

— *Si*, você já disse. — seu tom soou um tanto estranho. Então acrescentou: — e você deve mesmo se preocupar. Salvattore é *un bell'uomo* [57]. — Bufei, não querendo dar tanto crédito ao bastardo.

No entanto, quando entrei no estábulo meu sangue ferveu com a cena diante de mim. Júlia sorria amplamente. Aquele riso lindo de menina, totalmente relaxado, livre de qualquer tensão. Eu amava aquele som. Acostumei-me a ser o alvo daquele sorriso nos últimos meses. Só eu. Mas agora ela o estava dando para Salvattore. O *meu* sorriso. Vi vermelho, soltando fumaça pelos ouvidos e avancei muito puto até eles. Salvattore estava dando feno aos cavalos enquanto Júlia os escovava. Um trabalho em equipe. Como um casal. Eu reprimi imediatamente esse pensamento. Não havia a

menor possibilidade desse bastardo roubar a minha mulher.

— Sinto interromper. — disse entre dentes. Eu não sinto porra nenhuma! — mas preciso falar com você, Júlia.

Ela sobressaltou-se, seu corpo enrijecendo ao ouvir minha voz. Permaneceu de costas para mim.

— Já estou terminando aqui. — informou, continuando a escovar o cavalo negro.

— Quero falar com você, agora. — meu tom duro a fez virar-se, seus olhos inflamando-se. — você vai andando, ou posso carregá-la. O que vai ser? — eu estava muito puto agora. Ela não me trataria com indiferença na frente daquele bastardo.

Ela bufou, largou a escova no chão e passou por mim quase me derrubando. Ótimo! Estamos os dois putos agora! Eu já me virava para segui-la quando ouvir Salvatore gargalhar jocoso.

— *Dio mio!* Você está realmente se contorcendo de ciúmes, não está?

— Confio na minha mulher. — cerrei o maxilar. — mas isso não se repetirá de novo. Está me entendendo, Salvatore? Você vai parar de cercar a minha mulher, porra! — rosnei.

Seu sorriso ampliou e ele provocou:

— *A principessa* cavalga tão bem, não acha, primo?

Meu sangue ferveu com a frase de duplo sentido. Bastardo infeliz!

— Você vai recuar, Salvatore. É o último aviso que estou dando. — minha voz foi baixa, mas letal.

Seu sorriso morreu aos poucos e seus olhos se estreitaram em mim por um longo momento.

— Você realmente a ama. — não era uma pergunta. — não pensei que fosse ver isso algum dia.

— *Si*, eu a amo. Por isso, se afaste dela ou não respondo por mim. — afirmei não abrandando o tom.

— Não tem com que se preocupar, primo. — disse pegando mais feno e

alimentando o segundo cavalo. — você soube escolher bem sua *moglie*. Espero que saiba valorizá-la, porque ela é leal a você.

As palavras dele afundaram em mim. O que ele estava dizendo? Que tinha de fato tentado algo com a minha mulher?

— Você realmente tentou algo com ela, seu bastardo? — meu tom foi frio, controlado. Mas por dentro eu queria matá-lo.

Ele abriu um riso irônico.

— *Si*, tentei, mas ela me deu uma joelhada certeira. Estou dolorido até agora...

Antes de terminar avancei até ele e o joguei com força contra a parede, meu antebraço esmagando seu pescoço.

— Só não quebro toda essa sua cara por causa dos nossos avós. — rosnei próximo do seu rosto. — chegue perto dela de novo e juro que nada mais vai me segurar, entendeu, seu imbecil?

Medimos forças por alguns instantes e ele conseguiu se libertar. Andou para longe tossindo, seu rosto e pescoço vermelhos.

— Não chegarei mais perto. — assentiu e seus olhos brilharam ao completar: — mas se for idiota o bastante para perdê-la, primo, tenha certeza que irei atrás dela.

Porra! O que foi que ele disse?

— Isso nunca acontecerá. — afirmei categórico. — ela foi, é e sempre será minha.

Saí a passos largos do estábulo. Meu corpo ainda rígido da discussão. Quando entrei no quarto, Júlia estava em pé no centro, punhos cerrados ao lado do corpo, olhos soltando faísca.

— Pegue algumas roupas para você. — disse seco.

— O que!? — seu rosto mostrou confusão.

— Isso que ouviu. Pegue algumas roupas. Estamos subindo a montanha para o meu chalé particular. — informei no mesmo tom seco.

— Você não consegue mesmo ser menos arrogante, não é? — sorriu

sarcástica. — por que acha que irei a algum lugar com você depois do modo como me tratou na frente de Salvattore?

Eu sorri no mesmo tom e fui me aproximando dela. Seus olhos arregalaram, foi recuando até bater com as costas na parede. Coloquei uma mão de cada lado da sua cabeça, prendendo-a. Ofegou quando encostei meu pau duro em seu ventre. Sorri de novo.

— Ah, você vai, Júlia. — grunhi bem próximo de sua boca. — você passeou quase a manhã inteira com aquele bastardo. Nada mais justo do que passar alguns dias a sós com seu marido.

— Alguns dias? — repetiu alarmada. — mas você concordou em...

— Você também prometeu que me deixaria chegar perto. Mas não é isso que está acontecendo, porra! Continua me mantendo na distância de um braço. — rosnei mantendo-a presa. — eu quero tudo, Júlia. Eu quero minha mulher de volta. Basta dessa merda! Só voltaremos quando você parar de seu uma cadela teimosa!

— Você não pode me obrigar. Não...

— Ah, eu posso e vou, *perla mia*. — rosnei de novo. — essa greve de sexo ridícula acaba hoje. Vou comer você do momento que chegarmos lá até a hora de sairmos. Vou desgastá-la tanto que não terá forças para sair correndo de mim depois. Não vou sair de cima de você. Tá me ouvindo, Júlia?

— Deus... Leon... — gemeu juntando as pernas.

Sorri perverso e sussurrei em sua orelha.

— Vai tomar o meu pau em todos os buracos, bebê. Vou foder você até não podermos andar...

Ela miou e entreabriu os lábios me pedindo silenciosamente que a beijasse. Mas se a beijasse agora a foderia contra a parede. Porra! Ela me fez sentir ciúmes, me deixou irado. Vou castigá-la um pouco também. Afastei-me e seus olhos brilharam confusos, desapontados.

— Arrume suas coisas, partimos dentro de meia hora, bebê. — disse mais brando agora.

— Leon... Eu não acho...

— Chega, Júlia! — meu tom endureceu de novo. — essa situação entre nós será resolvida hoje. Só nós dois. Comigo profundamente enterrado em você. É dessa forma que vamos resolver tudo: você amarrada, vendada, sendo fodida por mim, seu marido!

É isso mesmo! Foda-se a porra do A em comportamento! Estou pegando minha mulher de volta, agora! E vou me comportar muito, muito mal nas próximas horas...

Júlia

Deus! Leon praticamente me jogou dentro do Range Rover. Eu mal me despedi de Damien. Subimos a montanha por uma estrada de terra batida que serpenteava descortinando a paisagem de um verde inigualável. Do meu lado direito, um vale, onde se avistava um pequeno vilarejo, muitos metros abaixo. Tive calafrios. Era lindo e assustador ao mesmo tempo. Como o homem dirigindo do meu lado. Leon, uma força da natureza. Meu marido, do qual estive fugindo, me escondendo dos sentimentos que desperta em mim, apesar de todas as suas ações arrogantes, egoístas e cruéis do passado. Desviei meus olhos para ele. Seu perfil ainda estava tenso, rígido. Seu semblante franzido. Do seu lado ficava a montanha, alta, imponente, que íamos circundando. Não conversei comigo. Esteve o tempo todo compenetrado, como se traçasse um plano mentalmente. Liguei o som e ouvi Justin Timberlake, *mirrors*.

Aren't you somethin' to admire

Não é que você é algo para admirar

Cause your shine is somethin' like a mirror

Porque o seu brilho é algo como um espelho

And I can't help but notice

E eu não posso deixar de reparar

O percurso demorou uns trinta minutos. Fiquei boquiaberta diante do pequeno e rústico chalé de madeira, construído suspenso em torno do tronco de uma árvore enorme. Leon saiu rapidamente e veio e abriu a minha porta. Ainda calado, me ajudou a descer. Pegou nossas mochilas e tomou minha mão me levando pela estreita estrada de cascalho que dava na escada de madeira

na frente da construção. Do lado direito havia uma pequena cachoeira. Do esquerdo a montanha continuava imponente, majestosa.

Quando avançamos pela pequena varanda, Leon abriu a porta e me deu passagem. Fiquei agradavelmente surpresa com a simplicidade dos móveis e decoração. Havia apenas um grande cômodo com uma cozinha estilo americano num canto, estofados de um e dois lugares e uma cama king size numa parte elevada por três degraus. Então, minha atenção foi captada pela visão da uma ampla sacada à nossa frente. Andei completamente muda, hipnotizada pela paisagem que se descortinava vários metros abaixo de nós. Tínhamos a visão completa do vale com suas montanhas verdejantes a perder de vista.

— Oh! Meu Deus! Leon. — murmurei extasiada. — isso é lindo!

— *Si*, é lindo. — sua voz soou baixa atrás de mim. Virei-me e seus olhos estavam em mim, não na paisagem. — a coisa mais linda que já vi. — a voz sussurrada fez minha pele arrepiar. Engasguei com a intensidade dos olhos escuros, mantendo-me cativa, reivindicando-me. Suas mãos levantaram tocando minha face suavemente, seu olhar deslizando por todo o meu rosto.

— Leon...

— Shhh. — sussurrou baixando a boca quase tocando a minha, nossos olhos presos. — eu estou pegando a minha mulher de volta, Júlia. Estou pegando você de volta pra mim, bebê. Agora. Vamos, diga que você é minha de novo. — sua língua lambeu meu lábio inferior e eu tremi.

Deus! Eu nunca conseguiria ficar sem isso. Sem essa emoção louca invadindo meu peito se espalhando por todo o meu corpo quando ele me olha, quando me toca, quando seu corpo está assim, perto de mim. Eu sou dele. Completa e irrevogavelmente dele. Era hora de deixar qualquer coisa de lado, porque é isso: eu pertenço a ele.

— Eu sou sua. — murmurei em sua boca. Vi o alívio em seus olhos, em seu semblante. — sempre fui sua, mesmo quando disse que não era.

— *Si, delizia mia*. — abriu um pequeno sorriso sexy, seus olhos brilhando ainda mais. — e isso faz de mim o bastardo mais sortudo no mundo todo. — Sorri também. Ficamos assim, nos olhando, nossas bocas respirando uma na

outra. O ar denso, estalando entre nós. O desejo palpável. Nosso sorriso foi sumindo e em seu lugar uma fome mútua assumiu. Nossas bocas se chocaram, se devorando num beijo lascivo. As mãos grandes de Leon voaram para a minha bunda alinhando minha pélvis com seu pênis duro. Meus braços foram para seu pescoço. Gememos e nos agarramos mais, nos esfregando como se quiséssemos nos fundir. Sorrimos de novo, lambendo, chupando, mordendo nossas bocas. Leon cavou minhas nádegas e me levantou. Minhas pernas envolveram sua cintura automaticamente. Suas mãos apertaram minha bunda, friccionando minha vulva intumescida no seu pau. Mesmo por cima das roupas enlouqueci com a sensação. Um desejo vertiginoso inundando meu âmago.

— Gostosa... — grunhiu voltando para dentro do chalé. — *Dio!* Vou foder você por horas seguidas, bebê. Você me deve muito sexo.

— Tome tudo, amor. — grunhi de volta, completamente dominada por ele. — eu sou sua.

Seus olhos inflamaram mais ao ouvir o termo carinhoso. Depositou-me grosseiramente no chão perto do estofado de dois lugares.

— Se apoie no braço do sofá, Júlia. — rosnou. Sua voz saiu grossa de luxúria. — tô louco para te amarrar, vender, espancar esse seu rabo gostoso, mas isso pode esperar... Vou comer você aqui. Quero bem duro. Não vou ser carinhoso nessa primeira vez. Você deixou-me masturbando por tempo demais...

Eu gemi. Suas mãos foram ágeis em abrir minha calça jeans e baixá-la bruscamente com calcinha e tudo até minhas coxas. Deu-me um tapa forte no traseiro. Miei e me apoiei no braço do sofá. Suas mãos acariciaram onde tinha batido. Ouvi seu zíper sendo aberto. Minha vagina latejando descontrolada, pingando por ele. Logo a ponta grossa se alinhava em minha entrada. Ele gemeu deslizando-a para cima e para baixo na minha racha, se lambuzando na minha excitação.

— Leon...

— Tão molhadinha para mim... — grunhiu e meteu duro indo todo o caminho dentro de mim. Gritei, arfando. Nunca me acostumava com seu tamanho e espessura. — ahhhhhhh! Júlia... *Dio!* Tão apertada... Tão quente...

— grunhiu segurando forte nos meus quadris, tirando tudo e batendo de volta com força, me sacudindo toda. — eu amo estar assim... Dentro de você, bebê. — levou uma das mãos para meus cabelos da nuca e os puxou duramente, me fazendo empinar mais a bunda para receber seus golpes violentos. Me comeu assim, impiedoso. Rasgando-me até o útero. Seu pau entrando brutalmente em minha vulva, me esticando quase além do meu limite.

— Ohhhh! Leon... Amor... — miei de novo, rebolando, encontrando-o em cada golpe.

— Sentiu falta disso, minha putinha? Hum? — meteu mais forte, sua pélvis se chocando violentamente contra minha vagina, o atrito de nossos corpos ressoando no cômodo silencioso. — sentiu falta do meu pau assim, comendo essa bocetinha gostosa? Vai tomá-lo de todas as formas, entendeu? Vou comer você do jeito que eu quiser, por longas horas. — puxou mais meus cabelos e levou a outra mão para meu clitóris. O massageou gostoso. Gemi alto. Beliscou-me suave.

— Ahhh! Deus! Leon... Ahhhhhhhhhhh!

— Goze, putinha! Goze no meu pau! — ordenou, continuando a me foder duramente até as bolas. Eu quebrei, meu canal o apertando, num orgasmo tão intenso que minhas pernas amoleceram e cederam. Seus braços foram para minha cintura me firmando e levantando. Empalou-me completamente e me comeu assim incansável, sua respiração ruidosa e seus grunhidos roucos bem no meu ouvido, arrepiando-me, prolongando meu prazer. — Ohhhh! *Deliziamia*... Eu vou gozar, bebê... Porraaaaa! Que bocetinha mais gostosa! Ahhhhhhhhhhh! — uivou esporrando, jorrando seu sêmen quente dentro de mim. Gemi junto com ele, insanos. Continuou me levantando e abaixando com brutalidade, me fazendo tomar seu pau até o cabo. Rosnou de novo ainda derramando-se. — *Dio!* Parece que vou gozar para sempre... — sorriu rouco e foi diminuindo os golpes, mordendo e chupando minhas costas como um animal acasalando com sua fêmea. Ficamos na mesma posição por alguns instantes. Respirando pesadamente. Espalhou beijos suaves do meu ombro ao pescoço e sussurrou em minha orelha. — desgastei muito você, amor? — seu tom era suave, amoroso, mas com um toque de provocação. Saiu de mim devagar, me firmando antes de me pegar no colo.

— Humm. — gemi, apoiando minha cabeça em seu peito largo, sentido seu cheiro familiar de macho alfa, dominante. Um cheiro que me entorpece os sentidos e tem-me pronta para ele imediatamente. — um pouquinho. — sorri. Ele gargalhou subindo os degraus para a parte onde ficava a cama.

— Sinto informar, mas só estou me aquecendo, *princesa mia*. — murmurou ainda sorrindo depositando-me devagar no meio da cama. — estou faminto por você. — completou despindo-me da calça jeans. Puxou minha camiseta verde por cima da cabeça. Os olhos escuros flamejaram nos meus seios e suas mãos vieram numa carícia suave por todo o meu colo. Abriram habilmente o fecho frontal e grunhiu ao libertá-los. Suas mãos encheram neles, apertando, massageando, puxando os mamilos suavemente. Minhas costas arquearam saindo completamente da cama. Ele sorriu perversamente e se debruçou sobre mim, nossos olhos travados enquanto beijava cada centímetro da minha barriga, subindo lentamente, muito lentamente. Lambeu o vale entre meus seios e beijou toda a extensão do direito, lambeu o mamilo túrgido. Sem aviso o mordeu. Gritei, minhas costas arqueando mais. Uma mão grande se fechou em meu pescoço, mantendo-me presa ao colchão. Sua boca gananciosa foi para o outro seio e repetiu toda a lenta tortura.

— Oh! Leon... Amor... — gemi desconexa. Ele apenas sorriu e juntou meus seios, lambendo, chupando e mordendo os mamilos. Minha vagina já estava inchada, dilatada de novo, pronta para sua posse. Levantou-se e despiu-se lentamente na minha frente. Aquele riso arrogante, sexy e lindo que eu amo curvando sua boca. Lambi meus lábios quando se livrou das calças junto com a cueca. Seu pênis lindo, duro e orgulhoso saltou, apontando diretamente para mim. Movi-me rápido, engatinhando pela cama até chegar a ele. Seus olhos incendiaram quando o segurei na mão, masturbando-o lentamente. Torturando-o como fez comigo. Empurrou-me grosseiramente para a cama de novo. Seu sorriso se tornou diabólico e voltou-se andando até as mochilas que ainda estavam perto da porta. Presenteou-me com a visão de suas costas largas, seu traseiro perfeito e duro, suas pernas longas e musculosas na medida certa. Depois de alguns segundos estava de volta com os familiares tecidos negros nas mãos.

— Vai mamar no meu pau, mas antes venha aqui, minha putinha. — ordenou daquele jeito dominante que eu amo. Desci da cama me colocando em

sua frente, ansiosa. — mãos atrás das costas. — fiz o que disse imediatamente. Sorri arrogante e virou-me de costas para ele. Suas mãos trabalharam rápidas prendendo meus pulsos apertados. Virou-me de frente de novo. Seus olhos perfuraram os meus. Acariciou meu rosto com uma expressão de fascínio. Sua boca desceu na minha num beijo suave a princípio, quando estávamos ofegantes, quebrou o contato. — tem ideia do quanto te amo? Do quanto me escraviza com sua entrega sem reservas para mim? Eu durmo e acordo pensando em você, Júlia. — rosnou contra meus lábios. Arfei com suas palavras. Então, vendou-me e deu-me um último beijo suave. Gemeu enfiando as duas mãos nos meus cabelos da nuca. — de joelhos, putinha! Sonhei com você sugando meu pau todinho... Bem forte... Sonhei enchendo essa boquinha linda com meu sêmen. Lambuzando você todinha... — gemi também, dobrando os joelhos à sua frente. Suas mãos forçaram minha cabeça para perto dele e senti a cabeça gorda de seu pênis tocar meus lábios. Espalhei beijos suaves em toda a sua extensão, cheirando-o. Emitiu um som estrangulado, seu corpo todo estremecendo. Adoro saber eu tenho esse poder sobre ele. Suas mãos puxaram meus cabelos mantendo-me imóvel. Minha boca se abriu e ele estocou forte, esticando meus lábios ao limite. Relaxei a garganta e tomei tudo que podia dele. — ahhhhhhh! Que boquinha deliciosa... Perfeita, bebê... Isso... Chupa bem gostoso, amor... Assim... ohhhh! — gemeu bombeando forte indo até minha garganta. Comeu minha boca por muito tempo. Meus lábios já estavam dormentes, minha garganta ardendo. — *Dio!* Vou parar porque quero gozar em seu rabinho agora. — miei com ele quase todo enterrado na minha boca. Retirou-se fazendo barulho dos meus lábios molhados. Meu maxilar tremia. Puxou-me pelos cabelos e me levantou. Beijou-me apaixonado, forte, gostoso. — fique assim, amor. — ordenou me empurrando de volta para o colchão. Meus braços presos não permitiam me apoiar, meu rosto ficou achatado no colchão. Minha bunda no ar. Fiquei obedientemente na posição. Sua mão desceu em palmadas, uma de cada lado. Gritei alto. Logo depois senti seus lábios suaves beijando, lambendo onde bateu. Abriu minhas bochechas e lambeu toda a minha vagina indo até o ânus. Circundou lentamente meu buraco. Enfiou dois dedos na minha vulva sensível, enquanto lambia meu ânus. Estremeci sem nenhum controle sobre meu corpo. Ele sorriu baixinho.

— Leon... — meu tom foi suplicante.

— O que é, bebê? O que você quer? Diga, amor. — sua voz soou baixa, suave, bajuladora, provocante.

— Eu quero você.

— Onde você me quer, *delizia mia*? — continuou lambendo meu ânus e comendo minha vagina com os dedos. Metendo fundo, sem dó.

— Ahhhh! Eu quero você...

— Diga, putinha! — rosnou metendo seus dedos grosseiramente, girando dentro de mim. — você quer meu pau em seu cuzinho? Diga!

— Sim! Oh! Deus! Sim... Por favor, amor... — quebrei, louca de lascívia.

— Diga a frase inteira, Júlia! Diga! — exigiu dando outro tapa na minha bunda.

— Oh! Leon... Quero seu pau no meu cuzinho. — grunhi completamente fora de mim.

Ele gargalhou, deu-me outro tapa e passou a preparar-me para recebê-lo.

— Você terá, bebê. Você o terá todo enterrado em sua bunda gostosa. Não vou ser delicado, mas é assim que você gosta, não é, minha putinha? — mordeu minhas costas. Meu corpo todo sacudindo em espasmos. A forma suja como fala me leva às alturas. — você adora ter o meu pau te comendo bem forte, não é? — sussurrou, lambendo, mordendo minha orelha. Eu já estava a ponto de gozar com suas palavras. Não sei se sou alguma aberração, mas adoro tudo isso. Adoro quando me chama de sua putinha. Adoro quando me amarra, me venda, me espanca, me pega bem forte. Senti sua ponta esfregando, forçando minha entrada pequena. Relaxei porque sei que ele também gosta bem duro. Lambeu toda a minha coluna, ronronei e relaxei mais, ele sorriu e estocou forte, entrando até o cabo. Suas bolas massageando meu clitóris. Gritamos os dois ensandecidos. E ele realmente não foi delicado, me comeu como um bruto, selvagem. Em determinado momento desamarrou meus pulsos para que pudesse me firmar. Aumentou a força das estocadas, batendo em mim sem trégua.

— Ohhhhhh! Meu Deus! Leon... — gritei quando sua mão massageou meu clitóris habilmente, enquanto seu pau rasgava-me por trás. —

Ahhhhhhhhhh! — gozei empurrando minha bunda contra seu pau, tão enlouquecida quanto ele. Leon gritou vários palavrões em italiano, deu tapas fortes no meu traseiro, seu pau inchou, ejaculando. Ele deu um rugido animalesco, enchendo meu ânus todo ardido de esperma quente. Caiu por cima de mim na cama. Nossas pernas para fora. Continuou enterrado em mim até nossos últimos espasmos. Ambos gemendo, grunhindo. Ele sorriu. Uma risada ofegante, saciada, rouca, linda no meu ouvido.

— Cristo! Bebê! Isso foi fodidamente gostoso. — sorriu mais amplamente ao perceber o trocadilho. Sorri também. Gargalhamos os dois. Tirou a venda e puxou meu queixo, tomando minha boca num beijo suave, reverente. — nunca mais me castigue sem sexo, amor. Pode me bater, fazer qualquer coisa, menos privar-me do prazer sem limites que sinto em seu corpo. — me beijou de novo. Seu corpo grande me esmagando no colchão, mas não me importei, porque éramos um do outro de novo.

Abri os olhos lentamente. Espreguicei-me, meu corpo adorando a carícia dos lençóis azuis de seda egípcia. Gemi baixinho, sentindo todos os meus *buracos*, palavras de meu marido, muito sensíveis. Corei só de lembrar tudo que fez comigo. A maneira voraz com que me devorou por horas, como havia prometido. Sorri, livre da tensão que esteve comigo por semanas. Sentei-me ao ouvir um barulho. Leon estava na cozinha virado para a pia. Suas costas largas nuas. Os músculos poderosos movendo-se com algo que estava fazendo. Arrastei-me para fora da cama. Nossas roupas estavam ainda jogadas no chão. Peguei sua camiseta branca e a vesti, deliciando-me com seu cheiro. Ficou enorme em mim. Desci os degraus descalça e andei devagar para o balcão. Sentei-me num dos bancos altos. Não contive um leve gemido pela sensibilidade de meus músculos internos. Ele virou-se para mim. Os olhos escuros me avaliaram um momento, depois abriu aquele riso que era a marca dele.

— Olá, dorminhoca. — ronronou vindo até o balcão pelo lado de dentro, inclinando-se para mim. — muito cansada?

— Um pouco. — assenti, não conseguindo reprimir um bocejo. Seu sorriso se alargou.

— Parece que foi bem fodida, *principessa mia*. — sussurrou provocante

e contornou o balcão vindo até mim, se infiltrando entre minhas pernas. Seu sorriso ainda maior.

Eu bufei.

— Hum, parece que alguém está arrogantemente feliz, por aqui. — murmurei recebendo seu beijo suave em meus lábios.

— Minha mulher linda e gostosa voltou para mim. Deixou-me fodê-la até a exaustão. Então, sim, sou o filho da puta mais feliz do mundo, bebê.

Toquei seu rosto, extasiada pela sua declaração.

— Só você para colocar uma frase romântica e outra extremamente machista lado a lado. — resmunguei, mas não evitei o sorriso em meu rosto. Meus braços foram para seu pescoço, puxando-o para mim. O beijei profundo, apaixonada. Suas mãos acariciaram minhas costas me fazendo gemer. Céus! Meu corpo está desgastado, mas nunca me canso dele.

— Eu te amo, bebê. Te amo muito. — murmurou em minha boca, nossos olhos travados. — você não vai fugir de novo, amor. Vamos resolver tudo. Fui um grande idiota com você e vou lamentar isso sempre. Você sofreu. Eu sofri. — suas mãos foram para meu rosto, uma de cada lado, nossos olhos ainda presos. — mas, nossas vidas provavelmente nunca se cruzariam se não fosse por esse engano. Então, eu faria tudo de novo, amor. Faria tudo se essa fosse a única forma de conhecê-la, de tê-la em meus braços, assim. Nossa história estava escrita. Estávamos predestinados. Nos pertencemos, *perla mia*. Você tinha que ser minha e eu tinha que ser seu.

Oh! Meu Deus! Meus olhos encheram de lágrimas. Ele realmente conseguia ser romântico quando se esforçava.

— Eu também te amo, amor. Te amo tanto. — sussurrei com voz embargada. Seus olhos brilharam mais e ele sorriu, depositando beijos suaves em todo o meu rosto, até voltar à minha boca num beijo possessivo, profundo, demorado que falava de recomeço, de perdão, de redenção.

— Vou alimentar você agora, bebê. — deu-me mais um beijo suave e se afastou, voltando para o pequeno espaço da cozinha.

— Você cozinhando, alteza? — provoqueei.

Ele deu de ombros, meio encabulado. Isso era difícil de ver em se tratando de Leon. Era sempre seguro, irritantemente confiante, um príncipe do dedão do pé até o último fio de sua cabeleira linda e exótica.

— É apenas massa e salada, amor. Nada demais. — revelou ainda encabulado. Eu gargalhei. — sua pequena provocadora. — sorriu, também. — tente não ser muito dura com seu marido, bebê. Ele pode cozinhar mal, mas é muito, muito apaixonado por você. — sua voz foi melosa e bajuladora agora.

Eu bufei.

— Está tentando me seduzir para não criticar suas habilidades culinárias? — meu tom foi sedutor como o dele.

— *Si*, está funcionando, amor? — indagou terminando de arrumar meu prato, colocando-o na minha frente.

— Obviamente. Eu nunca consegui resistir à você, não é? — sorri juntando uma porção da massa no garfo. Levei à boca e meus olhos reviraram com o sabor. O molho estava perfeito. — Oh! Meu Deus! Amor! Aonde aprendeu a cozinhar assim?

Ele gargalhou dessa vez, o sorriso arrogante voltando com força total.

— Enganei você, bebê. — admitiu triunfante. — tive aulas de culinária. Minha tia, a rainha obrigou a mim e Damien a fazê-las. — seu semblante caiu um pouco pela lembrança do irmão. Terminou de arrumar seu prato e veio sentar-se do meu lado.

— Você sente muita falta dele, não é?

Olhou-me por alguns instantes.

— *Si*. Muito. — suspirou. — eu deveria ter sido um irmão melhor para ele.

— Você foi o melhor irmão, amor.

Os olhos escuros me encararam ansiosos, surpresos.

— Ele... Ele disse isso a você? — indagou um tanto tenso.

— Sim, ele disse. Damien era muito orgulhoso do irmão mais velho. Te amava muito. — revelei vendo seu rosto se iluminar de novo. — ele me

descrevia você fielmente. É engraçado, mas tive vontade de conhecer você pelos relatos que fazia. Sempre imaginei você assim: Alto, moreno, lindo, majestoso, arrogante...

Ele abriu um pequeno sorriso entendendo minha intenção de aliviar o clima. Depois ficou sério.

— Verdade, bebê? — sua voz era suave, amorosa. Derreti-me, quando pegou minha mão e a beijou. — eu me apaixonei pela primeira foto sua que os agentes me mostraram. — revelou como se lembrasse do momento. — fiquei louco, fascinado com tanta beleza. Quis conhecê-la a qualquer custo. Você mexeu comigo, mesmo antes de vê-la pessoalmente. A vingança foi só um pretexto. Agora entendo isso. Demorei tanto para aceitar os sentimentos que despertava em mim. Mas eu queria você, amor. Sempre quis.

— Eu te amo. — sussurrei, tocada com suas palavras. Nunca sequer imaginei que havia sido assim. Para mim, Leon gostava de me foder. Só isso. Ele se inclinou sobre mim e tomou meus lábios num beijo terno.

— Eu também te amo, bebê. — murmurou na minha boca. — depois vou querer ouvir mais sobre Damien e o tempo que foram amigos. Agora coma, amor. Quero você bem alimentada, porque ainda não tive minha cota de minha mulherzinha linda. — puxou meu lábio inferior entre os dentes. Eu gemi. Sorri presunçoso. — não vou aliviar para o seu lado. Você está muito, muito encrencada, *princesa*...

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Júlia

Estávamos agora sentados sobre alguns edredons e almofadas na sacada. O sol descendo no horizonte completava o espetáculo da paisagem soberba. Estávamos nus. Depois que comemos, tomamos um vinho conversando aconchegados no estofado de dois lugares. Ok. Leon tomou, eu ingeri apenas uns poucos e pequenos goles. Bebida alcóolica não é o meu forte. Conteí tudo sobre o período que convivi com Damien. Seus olhos oscilavam entre alegres e tristes. Sentia-se culpado por não ter percebido o irmão em sua essência e dado o apoio que precisava. Ficamos namorando algum tempo antes de

tomamos banho juntos. O banheiro era como o resto do espaço, pequeno e sem luxos. Amei saber que Leon podia desfrutar de algo tão simples. Seus olhos, sua expressão amorosa quando me olha, me dizem que vou me surpreender ainda mais com esse novo Leon.

— Por que esse suspiro, bebê? — sua voz baixa e sexy bem na minha orelha, me fez estremecer. Tínhamos fodido como coelhos desde quando chegamos pouco antes das onze da manhã. Meu corpo estava todo sensível, dolorido de sua posse, mas bastava chegar perto de mim para querê-lo de novo.

— Eu ainda não me acostumei com esse novo Leon. — disse virando-me de frente para ele, montando em seu colo. Seus braços vieram para minha cintura me puxando para ele. — a última lembrança que tenho antes do acidente é de você beijando aquela vadia. Eu realmente odeio que você a beijou, amor.

Os olhos escuros me fixaram com profundo pesar.

— Infelizmente não posso apagar essa imagem da sua cabeça, *perla mia*. — acariciou meu queixo, olhando-me dentro dos olhos, sério. — mas posso prometer que jamais me verá numa situação semelhante de novo, nem com ela, nem com outra. Você é a única para mim. Disse que farei valer a pena, bebê. Eu vou fazer. Apenas confie em mim, no meu amor.

— Eu confio, amor. — sussurrei e o beijei mostrando todo o meu amor. Que não deixaria mais nada ficar entre nós. Ele aprofundou o beijo daquele jeito possessivo dele e eu soube que queria mais sexo. Deus! Ele vai me matar...

— Está muito dolorida, bebê? — murmurou na minha boca nos deitando na cama improvisada, encaixando-se entre minhas coxas. Seu pênis já completamente excitado, friccionando em minha vagina.

Gemi alto. Ele sorriu perverso chupando meus lábios obscenamente, enfiou a língua na minha boca de novo, simulando o ato sexual. Grunhi. Gargalhou na minha boca. Bastardo, arrogante, delicioso, lindo!

— Você é tão tarado, alteza. — resmunguei e sua boca foi descendo num passeio lento pelo meu queixo, pescoço, colo, barriga e finalmente chegou lá...

Sua cabeça escura se levantou, seus olhos flamejando nos meus com a conhecida expressão *vou comer você agora*.

— Vou deixar sua bocetinha toda encharcada para mim, *delizia mia*. — sussurrou, seu hálito quente soprando direto em meu clitóris. Estremeci. Seu sorriso alargou e caiu de boca beijando toda a minha vagina, beijos muito suaves, me enlouquecendo fazendo-me levantar os quadris querendo mais. Ele ignorou meu centro, fez apenas o que quis. Lambeu, chupou meus lábios. Enfiou a língua rígida no meu canal que não parava de jorrar líquidos.

— Ohhhh! Amor... — miei quando finalmente sua boca quente abocanhou meu clitóris necessitado. Seus dentes o arranharam devagar, sua língua o chicoteou duro, chupou bem forte e enfiou dois dedos na minha vulva, reunindo líquidos, os levou para o ânus, circulando, massageando e forçou a entrada. Empurrei de volta e seus dedos me rasgaram profundamente, enquanto sua boca continuava atacando meu brotinho sensível. Me comeu assim sem trégua. Foi demais... — Ahhhh! Leon... Ohhhhhhhhhhh! — gozei violentamente, meu corpo se convulsionando todo. Ele não teve dó. Continuou comendo meu ânus com os dedos e me chupando ganancioso. Desabei sem forças nos edredons.

Leon pairou acima de mim, me observando extasiado. Ele adora me desgastar. É uma coisa de macho alfa. Saber que consegue satisfazer sua fêmea.

— Agora, sua bocetinha está pronta para me tomar todo, amor. — ronronou lambuzando seu pênis no creme que escorria da minha vulva. Tomou minha boca num beijo lânguido e foi investindo em mim lentamente. Nossas bocas ofegavam uma na outra. — *Dio! Você é tão gostosa, bebê*. — grunhiu quando entrou todo. Tirou de novo devagar e bateu de volta, duro. Gritei. Bebeu meu grito comendo minha boca do jeito que comia minha boceta. Alternou golpes duros, com estocadas lentas, construindo um novo orgasmo dentro de mim. Pegou minha coxa e levantou para seu quadril e me comeu assim, forte, devagar até que eu supliquei para ir mais rápido. Ele sorriu e quebrou o beijo, estocando bruto agora, olhando-me enquanto me rasgava até o fundo com seu pau enorme.

— Ohhhhhhhhh! Leon... Oh, Deus! Eu vou... Ahhhhhhhhh! — me

desmanchei gozando de novo.

— Isso, putinha safada! Goze gostoso no meu pau! — fechei os olhos. — Não! Olhe para mim, Júlia! Gosto de ver seus olhos quando está gozando. — meteu mais forte, girando o quadril prolongando meus tremores. — linda! Tão linda! Você é a porra da perfeição! Sabia disso? — grunhiu me comendo vorazmente agora. — ahhhhh! Vou gozar tão gostoso, amor! Ohhhhhhhhhh! — uivou sem quebrar o contato visual, gozando forte, alagando meu canal mais ainda. Bombeou até a última gota de sêmen e caiu em cima de mim, sua respiração pesada no meu ouvido. Ouvi sua risada rouca, cansada, saciada. Sorri também. Ficamos assim sorrindo como dois bobos.

— Eu não posso me mexer, amor. — eu disse com voz sufocada sob seu peso enorme.

— Nem eu, bebê. Você acabou comigo. — murmurou, sem o menor indício de que sairia de cima de mim. Suspirou e por fim saiu lentamente de mim, gemendo baixinho. Caiu pesadamente do meu lado. Seu braço veio possessivo para minha cintura. Ronronei e me aconcheguei no seu corpo grande e musculoso. Ele puxou um edredom por cima de nós. — sou tão louco por você, *perla mia*. — disse baixinho beijando meus cabelos.

— E eu por você, amor. — afirmei, sentindo meus olhos pesarem. Apaguei pela segunda vez, feliz e muito saciada nos braços do meu marido.

No dia seguinte exploramos as redondezas do chalé. Leon realmente prestou atenção às aulas de culinária. Fez-me um café da manhã delicioso e me levou na cama. Depois saímos. Adorei estar com ele assim. Sem a pressão do palácio. Sem todo mundo bajulando seu príncipe. Ali era apenas o meu Leon, o meu marido. Na volta me carregou em suas costas. Eu o provoquei mordendo sua orelha. Já estava de língua de fora, enquanto ele, respirava regularmente. Leon é um esportista. Possuía uma academia particular no palácio e praticava esgrima. Seu corpo é de tirar o fôlego e tem uma resistência... Cristo! Fico mais ofegante só de pensar...

À tarde tomamos banho na pequena cachoeira a poucos metros do chalé. Leon tirou toda a roupa e mergulhou graciosamente na parte mais profunda. Fiquei receosa por alguns instantes, mas acabei cedendo e me despi também mergulhando atrás dele. Suas mãos grandes me puxaram pela cintura assim

que me aproximei e tomou minha boca, faminto. Seu pênis já duro embaixo da água. Sorrii em meus lábios quando soltei um misto de grito e gemido ao senti-lo em meu ventre. Beijamo-nos, nos esfregamos, devoramo-nos mutuamente e não demorou muito eu o cavalgava. Minhas pernas enroladas firmemente em sua cintura. Suas mãos cravadas na minha bunda me movimentando bruscamente para cima e para baixo, entrando até o cabo em minha vulva. Gememos, rosnamos, grunhimos e gozamos juntos. Ele chupando meus seios enquanto me enchia de esperma. Minha cabeça jogada para trás. Nossos gritos de prazer ecoando na montanha. Foi uma experiência deliciosa, inesquecível. Vou querer voltar aqui muitas vezes.

Na manhã do dia seguinte voltamos do nosso idílio. Salvattore descia os degraus da frente do palácio quando estacionamos. Leon ficou rígido instantaneamente. Cerrou o maxilar e saiu, dando a volta para abrir minha porta. Então, sem aviso pegou-me no colo.

— O que é isso, amor? — sorri surpresa, mas o enlacei pelo pescoço.

— Só deixando claro a quem você pertence, bebê. — disse já começando subir os degraus.

— Leon. Isso não é necessário, amor. Ele já sabe disso. — seus olhos voltaram-se para os meus. — seu primo sabe que sou sua. Eu disse a ele em alto e bom tom.

Sua boca se repuxou no sorriso arrogante familiar.

— Gostei disso, amor. Mas você passeou sozinha com ele. Seu traseiro ainda vai sofrer por isso. — prometeu baixinho. Encontramos Salvattore na metade da escadaria.

— Primo. *Principessa*. — nos cumprimentou com olhos quase divertidos. Era óbvio que percebeu a grande cena de *Tarzan* na sua frente.

— Salvattore. — a voz de Leon foi fria. Os olhos azuis cinza do primo se inflamaram e ele sorriu amplamente seguindo seu caminho. — bastardo! — Leon resmungou e seguimos nosso caminho também.

— Mim, Tarzan. Você, Jane. — provoqueei. Ele rosnou, mas não conseguiu conter o riso me colocando no chão quando chegamos às grandes portas duplas.

— Cale a boca, sua pequena provocadora, ou seu rabo quente vai realmente sofrer mais tarde. — sussurrou em minha orelha. Eu prendi a respiração e ele sorriu de novo abrindo a porta.

Aproveitamos o dia para ficar com Damien. Passeamos com ele pelos arredores. Leon quase teve uma síncope quando nosso pequeno balbuciou *papa*. Eu já tinha ouvido o meu *mama*, dias antes, mas fiquei igualmente emocionada com a cena. Ele é um pai tão dedicado e amoroso. À tardinha acompanhamos o rei em sua caminhada. Parecia mais forte. O ar da montanha fez bem a ele. Rezo que se recupere logo. O tio de Leon é um homem especial. Além disso, meu marido o ama como a um pai.

À noite após o jantar estávamos todos tomando o café na sala de estar ao lado do salão de refeições. Leon entoava uma conversa animada com o tio e o avô num canto. O observei como sempre fazia. Completamente arrebatada pela sua figura alta, majestosa, imponente, viril. Os cabelos mais longos presos à nuca. Um príncipe lindo, exótico.

— Você o ama muito, não é? — a voz terna de Ciara me tirou do meu encantamento. Sorri para a senhora elegante que tinha acabado de sentar-se ao meu lado no grande estofado.

— Sim, eu o amo muito. — assenti um tanto sem graça pela forma com que seus olhos castanhos me fitavam. A avó de Leon era uma dessas mulheres muito sábias. Já havia percebido.

— Sabe que tive certo receio e um pouco de preconceito com você e suas origens, *cara mia*? — revelou serena. — Mas só precisei ver a primeira foto de vocês dois juntos. Havia muito amor, percebi na hora. Você foi a escolhida dentre muitas, *figlia mia*. — disse baixinho e olhou na direção do neto. — nunca vi *mio bambino* tão feliz. — suspirou levemente e voltou a me encarar. — mas deve saber que não será sempre fácil.

— O que você quer dizer com isso? — inquiri um tanto apreensiva agora.

— Leon é um homem muito bonito, rico. — pausou um instante sem desviar os olhos. — mas há algo mais que mantém mulheres de todas as idades à volta dele. Ele é um príncipe. Não apenas um príncipe, um futuro rei. Isso trará situações que exigirão de você, a escolhida para sua rainha, muita força, *cara mia*.

— Sim, eu sei, Ciara. — disse ainda meio apreensiva.

— Esteja preparada, *figlia mia*. Seja uma mulher forte para seu marido sempre, *bambina*. Você tem o amor dele. Ele tem o seu. — suspirou mais uma vez. — mas às vezes só o amor não é suficiente. Duas pessoas podem se amar loucamente, mas nem sempre conseguem construir algo juntas. Há algo tão essencial quanto o amor na vida de qualquer casal, *figlia mia*: Confiança. Percebo que vocês dois precisam se fortalecer nesse aspecto, porque o resto sei que está perfeito.

Eu corei violentamente com o sorriso insinuante e conhecedor que ela me deu.

— Não se envergonhe de fazer seu homem feliz na cama, *bambina*. — Ciara tornou, batendo suavemente no meu antebraço. — esse é o aspecto principal, *cara mia*. Mantenha seu marido feliz no quarto e conseguirá tudo dele. — piscou cúmplice.

Putá merda! Que conversa foi essa? Eu sorri também. Gostava cada vez mais da avó de Leon. Ciara era muito gentil e agradável comigo. Foi realmente bom conhecê-la.

— Do que minhas garotas favoritas estão rindo? — a voz de Leon nos tirou do nosso momento tipicamente feminino.

— Nada, *tesoro*. — piscou para mim de novo. — apenas uma conversa de mulheres.

Leon olhou a avó desconfiado, então sorriu beijando-a no rosto. Sentou-se do meu lado, enlaçando minha cintura.

— Você está corada, amor. — sussurrou em minha orelha enquanto sua avó se afastava em direção a seu avô. — o que minha avó disse a você?

— Ela me aconselhou a manter meu marido feliz na cama. — revelei e os olhos negros se arregalaram de início, depois ele abriu aquele riso sexy.

— Eu voto a favor, *delizia mia*. — puxou meu queixo para olhá-lo. — na verdade, vou baixar um decreto amanhã. A *principessa* deve manter seu *principi* muito, muito satisfeito na cama. — murmurou na minha boca.

— O *principi* é muito tarado, porque a *principessa* não fez outra coisa

nas últimas quarenta e oito horas senão satisfazê-lo. — sussurrei de volta.

— Verdade, mas o *principi* não tem culpa. A única culpada é a *principessa* por ser tão gostosa... — sorriu safado.

— Leon... — gemi em seus lábios. Seu sorriso arrogante se alargou.

— Mais tarde, bebê... — prometeu beijando-me castamente, mas seus olhos desmentiam seu controle. Eles estavam em chamas.

Leon

Estendemos até o final de semana nas montanhas. Salvattore se manteve longe da minha mulher e tudo correu bem. Voltamos na segunda-feira ao palácio residencial. Meus avós e meu primo bastardo partiram no dia seguinte. Júlia e eu fomos levá-los ao aeroporto.

— Até outro dia, primo. — Salvattore estendeu a mão para mim. — e mantenha em mente o que falei. — eu bufei. O idiota queria me irritar até na sua partida.

— O que você diz não é digno de nota, primo. — disse secamente. Apertei a cintura de Júlia trazendo-a para mais perto. — faça um bom retorno e não se apresse em me visitar de novo.

Ele sorriu amplamente e desviou os olhos cobiçosos mais uma vez para minha mulher. Júlia sorriu de volta, serena.

— Cuide-se, Salvattore. — foi tudo que disse. Acho que minha mão apertando sua cintura a coibiu de alguma forma.

— Cuide-se também, *principessa*. — estendeu a mão e Júlia a pegou. Dessa vez não a beijou galante, apenas assentiu levemente e soltou-a começando a subir a escada para o jato.

— *Mios carissimos bambini*. — minha avó parou diante de nós e abraçou e beijou a nós dois de uma vez. — cuidem-se. E não demorem a nos visitar.

Prometemos que os visitaríamos em breve. Meu avô também se despediu e pouco depois o jato decolava.

— Adorei conhecer seus avós, amor. — Júlia disse assim que entramos

na limusine. — sua avó, especialmente.

— Ela é mesmo especial, *perla mia*. — afirmei enquanto se aconchegava a mim. — me deu alguns conselhos bem úteis.

— Que conselhos? — levantou a cabeça do meu ombro, um sorriso brincando nos lábios.

— Ela teve a ideia de irmos ao palácio de veraneio. — revelei baixinho deslizando minha mão numa carícia lenta em seu braço para cima e para baixo.

Seus olhos brilharam travessos, provocadores.

— Hum, alteza, e eu achando que o mérito era só seu. Estou desapontada.

Sorri, entrando na sua provocação.

— *Delizia mia*, apenas a ideia foi dela. O desempenho foi todo meu... — disse levantando as sobrancelhas sugestivamente. Ela bufou, mas sorriu também.

— Ok, alteza. Seu desempenho mesmo foi acima da média, devo dizer. — sussurrou levantando os lábios para os meus.

— Meu desempenho é sempre acima da média, bebê. — provoquei. Ela revirou os olhos.

— Você é tão arrogante, alteza. — disse, mas sua voz era terna, sedutora. Seus olhos lindos me dizendo o quanto me ama. — mas concordo, amor. Seu desempenho é excepcional. Sempre. — murmurou chupando meu lábio inferior, antes de tomar minha boca num beijo deliciosamente lento. Porra! Gemi em sua boca e apertei o botão para subir a divisória nos isolando do motorista.

Os dias que se seguiram foram de paz absoluta. Meu tio se recuperou quase completamente, mas havia decidido se afastar de suas atividades em definitivo. Isso significava que eu seria coroado rei muito antes do que havíamos planejado. Não me opus porque ele precisa cuidar da saúde. Eu o quero conosco por muito tempo ainda, conhecendo todos os filhos que ainda terei com a minha Júlia. Não falamos sobre isso ainda, mas é uma mãe muito dedicada e amorosa. Ela vai querer mais filhos, com certeza. Mas, a calmaria

foi substituída por uma turbulenta tempestade. Tudo saiu de órbita naquela tarde quando recebi uma ligação que me irritou de imediato.

— Leon, *caro mio*. — soou a voz melosa de Francesca do outro lado da linha.

Porra! O que essa maldita puta quer agora? Ela não vai me causar mais problemas com a minha mulher.

— Francesca. — meu tom foi gelado. — não me lembro de autorizá-la a me ligar. Quantas vezes vou ter que repetir que não quero você? Que não estou e nunca estive interessado?

A ouvi respirar pesadamente na linha.

— Sinto que tenha que ser assim, *caro*. — sua voz foi sarcástica agora. — eu quero encontrar com você. Ainda hoje de preferência.

Eu gargalhei sem humor.

— Você é realmente sem noção, não é garota? — disse duro. — não há a menor chance disso. Já falei e vou repetir: sou casado. Casado, porra!

Mais um momento de silêncio. Comecei a ficar alerta. Ela nunca ousou me ligar antes. Todas as putas que eu fodi sabiam disso. Elas não tinham autorização para me ligar. Nunca. Isso não me cheirava nada bem.

— Tenho fotos de nós dois juntos, Leon. Fotos de você me fodendo nos mais variados ângulos. — cuspiu com raiva. — então, é melhor dar um jeito de enrolar sua mulherzinha e vir me ver. Do contrário, vou entregá-las à imprensa. Vai ser um prato cheio, não acha? Já posso imaginar as manchetes: FUTURO REI DE ARDÓCIA SE ENVOLVE EM CASO EXTRACONJUGAL!

Meu sangue gelou nas veias. Fechei meus olhos e encostei minha cabeça no espaldar da cadeira. Estava no meu escritório. Ainda bem que Júlia não estava por perto. Não sei se conseguiria disfarçar meu choque total. *Dio mio!* Até quando iria pagar por ter fodido aquela vadia? Porra!

— Você está blefando! — rosnei entre dentes. Passei uma mão pelo rosto. — você não tem nada, sua vadia! — quase gritei.

Ela gargalhou do outro lado. Uma risada odiosa. Eu me odeio por ter me

envolvido com uma mulher tão baixa como Francesca.

— Acho melhor baixar o tom e manejar nos termos pejorativos, alteza. Ou posso me zangar e mandá-las direto à imprensa sem dar-lhe a cortesia de um encontro, uma conversa.

— O que você quer? Diga. O que você quer? — estava começando a ficar desesperado, mas consegui manter meu tom controlado.

Ela sorriu de novo. A faceta sedutora voltando com tudo.

— Você. Eu quero você, Leon. Quero que voltemos a ser amantes. Ser sua de novo.

— Você está louca? — a cortei. — Eu. Não. Quero. Você! Você nunca foi minha! Entenda isso, porra! — levantei-me andando pelo escritório, muito puto. Odeio me sentir encurralado.

— Você me quer, *caro mio*. — ronronou como se eu não tivesse dito nada. — sei que ainda me deseja. Sei qu...

— Cale a porra da sua boca, sua puta maldita! Você vai se arrepender de me chantagear, ouviu? Vou acabar com você! — perdi totalmente a compostura.

Silêncio de novo.

— Então, vou enviá-las ainda hoje à imprensa. Passar bem, alteza! — despejou e desligou na minha cara. Como ela ousava? Eu vou matar essa vadia!

Cristo! É como se tudo que já fiz de errado tivesse se voltando contra mim agora. Justo agora que só quero viver em paz com a minha mulher. A mulher que amo mais que tudo nesse mundo. Respirei fundo e me obriguei a discar de volta. A vadia atendeu no segundo toque. Outro silêncio se seguiu.

— Peça dinheiro, qualquer coisa, menos para que esteja com você de novo. — disse num tom mais ou menos controlado. — não vou fazer algo tão baixo com a minha mulher.

— Uma pena, *mio principi*. — sua voz era perigosamente suave agora. — diga-me, Leon. O que é mais importante para você? Sua preciosa mulher, ou a coroa de Ardócia?

— Repito: quanto você quer, Francesca? — disse cerrando o maxilar ao ponto da dor. Porra! Aquela puta queria me ferrar completamente. As duas coisas são importantes para mim. Eu me preparei a vida toda para ser rei um dia. E Júlia é a mulher da minha vida. Eu não posso escolher entre um e outro. Preciso dos dois.

— Você pode manter os dois, *caro mio*. — voltou a falar mais mansa ainda. — apenas fique comigo de novo. Ninguém saberá. Só nós dois.

— Você realmente tem essas fotos? Porque se estiver blefando, Francesca, você se arrependerá amargamente. — rosnei de novo.

— Eu, no seu lugar não pagaria pra ver. — disse num tom firme. Então eu soube que era verdade. A vadia tinha me ferrado ao mandar alguém tirar fotos nossas. Tive vontade de me chutar por descer tão baixo comendo uma puta do nível dela. — o que vai ser, alteza?

— *Si*, irei encontrá-la. Mas não será em local público. — disse me sentindo muito mal com o que estava prestes a fazer. — sabe onde fica meu apartamento no centro?

Ela deu um leve suspiro. Posso imaginar seu sorriso de satisfação.

— Seu *abatedouro*? — sorriu sedutora. — é claro que sei. Sempre quis ir lá, mas nunca me lev...

— Esteja lá às sete. — cuspi e desliguei o celular. Joguei-o em cima do estofado e sentei-me. Corri as mãos pelos cabelos, angustiado. O que faria com tudo isso? Aquela merda não podia explodir nesse momento. Não agora que meu tio vai reunir o parlamento para se afastar em meu favor. Não agora que minha mulher tinha finalmente me perdoado e voltado para mim. Júlia ficaria arrasada se as tais fotos vazassem. Seria uma humilhação pública. Não posso deixar isso acontecer. Ela não merece nada disso. Eu fiz a merda. Eu tenho que consertar a merda.

Já me preparava para sair quando Júlia entrou no escritório com Damien nos braços. Meu coração doeu com a visão da minha família e de tudo que poderia perder por uma estupidez minha.

— Oi, amor. — disse beijando-me suavemente nos lábios, enquanto *mio bambino* fazia festa ao me ver. — vimos tirá-lo daqui um pouquinho. Esteve

enterrado aqui a semana inteira.

Tentei sorri o mais natural possível, me odiando por ter que esconder isso dela.

— Oi, bebê. — sussurrei em sua boca. — sou todo de vocês, com prazer.

— Vamos jantar com seu tio e Helena. Tem dias que não jantamos em família. — seus olhos me fitaram atentamente e ela franziu cenho. — há algo errado? Você está tenso, amor.

— Não é nada, *perla mia*. — garanti tentando soar convincente. — negócios. Não se preocupe, amor.

— Então, vamos? — ela disse e Damien se jogou nos meus braços, balbuciando *papa*. O peguei sorrindo, conversando com ele.

— Na verdade, surgiu algo de última hora. Um de meus clientes mais ilustres está na ilha e prometi encontrá-lo para um drink. — me senti um merda por mentir para ela, mas não havia outra opção. As malditas fotos não podem se tornar públicas. Ela me deixaria e eu morreria. — jante com eles, amor. Marcaremos juntos outro dia.

Seu rosto caiu um pouco, mas abriu um pequeno sorriso quando chegamos ao final do corredor para a nossa ala.

— Ok. Não demore muito, amor. — pedi baixinho me dando outro beijo suave. Devolvi Damien aos braços da mãe. Ele fez biquinho, iniciando uma birra.

Entreí no elevador e ela ficou lá parada, os olhos de esmeralda me olhando com amor. As portas se fecharam e eu suspirei ruidosamente. Foda! Odeio o que estou fazendo, mas é necessário.

Cheguei ao apartamento e fui invadido por uma sensação ruim. Há tempos não ia ali. Era o lugar onde levava as vadias para foder. A decoração era estéril, fria. Não havia nada que me identificasse no ambiente. Nunca dormi nem uma noite aqui. Era apenas o *abatedouro* como a puta da Francesca o chamou. Senti-me sujo, de repente ao lembrar quantas mulheres eu fodi ali. Foram muitas mesmo. Algumas ainda dei uma segunda olhada, outras nunca mais olhei. Fui mesmo um maldito prostituto como Júlia dizia. A campainha

tocou, me tirando do meu tormento interno. Tomei uma respiração profunda e fui abrir a porta. O rosto sorridente de Francesca me saudou. Tive uma vontade quase incontrolável de esganá-la, mas afastei-me dando-lhe passagem. Seu perfume forte invadiu o ambiente. Ela usava botas pretas altíssimas e um casaco vermelho amarrado na cintura.

— Olá, Leon. — ronronou dando-me as costas avançando pela sala. Virou-se de novo e nossos olhos se encontraram medindo forças. — que modos são esses, alteza? Não vai me oferecer algo para beber? — disse sentando-se no amplo estofado quase no mesmo tom do casaco. Cruzou as pernas teatralmente. Revirei os olhos. Ela era tão óbvia.

— Não, não vou oferecer nada a você. As fotos. Eu quero ver as fotos. — disse num tom firme.

Ela abriu um riso sedutor e levou as mãos aos bolsos do casaco. Tirou um pequeno pacote e o balançou na minha frente. O agarrei bruscamente. Ela gargalhou, obviamente se divertindo muito com o meu desespero. Puta maldita! Rasguei o lacre e puxei o conteúdo. Oh! *Dio Santo!* Era verdade. A vadia havia me preparado uma armadilha cada vez que a fodi. Havia muitas fotos. Meu estômago torceu, um medo absurdo daquilo cair em mãos erradas. Nas mãos de Júlia. Gemi vendo a prova do bastardo completo que eu fui um dia.

— Quanto quer por elas? — rosnei guardando-as de novo. — eu pago. Peça.

— Não quero dinheiro, Leon. Sabe disso. — disse baixinho. Seus olhos me devorando. — meu pai é quase tão rico quanto você. Tem prestígio na Ilha. Por que vou querer dinheiro, quando posso ter você?

Ela era realmente louca!

— *Si*, seu pai tem muito dinheiro. A diferença é que a fortuna dele foi construída em grande parte por negócios ilícitos, *cara*. — disse seco. — não me coloque no mesmo nível dele, jamais.

— Não importa. Tudo é dinheiro no final das contas. — disse dando de ombros.

— Posso expulsá-los da ilha a qualquer momento. Já pensou nisso? — tentei ganhar tempo. Ela só pode estar louca se acha que vou cair na sua e

trair minha mulher.

— Somos de família tradicional, com cadeira no parlamento. Você não pode nos tocar, alteza. — disse muito segura de si. Odiei que estivesse ali nas mãos daquela vadia.

— Posso fazer o que eu quiser, *cara*. — afirmei me alterando. — esta é a minha ilha. Meu lar. Sou o príncipe herdeiro. Basta uma palavra minha e meu tio os expulsará sem nem ao menos perguntar por quê?

Os olhos azuis gélidos me fitaram um instante. Então sorriu de novo. Um riso debochado, perigoso. Levou as mãos para o laço do casaco.

— Ok. Então você pode. Mas não vai fazer nada disso. Por uma única razão: — Foi tudo muito rápido. No segundo seguinte abria as duas partes, assustando-me absurdamente, porque ela estava nua. Completamente nua por baixo do casaco. Porra! — serei sua amante de novo. Dê uma boa olhada, *caro mio*. Tudo isso é seu. — ronronou avançando para mim. Porra! Mil vezes porra!

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Leon

Mantive meus olhos cravados no rosto de Francesca. Ela ostentava uma expressão triunfante. Sêrio? Aquela vadia achava mesmo que me teria a seus pés apenas aparecendo nua na minha frente? Patético! Sou um homem de trinta e quatro anos, não um adolescente com hormônios descontrolados, desesperado para foder. Bem, admito, eu ainda reajo assim, mas apenas com uma mulher. A minha mulher. Então, fiz algo que a surpreendeu. Cai na gargalhada. Seu rosto corou e seus olhos se alargaram, confusos.

— Deixa de ser ridícula e fecha a porra do casaco! — rosnei, meu sorriso sumindo. Meus olhos a fuzilando. — O que achou que conseguiria com essa cena amadora, patética? Hum? Achou mesmo que me deixaria seduzir por uma vadiazinha aprendiz de chantagista? — meu tom foi brutalmente duro. Ela percebeu que não estava brincando, pois fechou o casaco, recuando alguns passos.

— Mas... Mas por que aceitou me encontrar? — inquiriu parecendo perdida.

Meu celular tocou. Atendi.

— *Si*, podem subir. — disse sem tirar os olhos dela. O coloquei no bolso do terno de novo.

— Q-quem está subindo? — sua voz denunciava seu medo. Ótimo! Isso só está começando.

— Os agentes do Serviço Secreto. — a fitei por alguns segundos, apreciando seu completo atordoamento. — Achou mesmo que podia chantagear a mim? Sou o futuro rei de Ardócia, *cara*. Tudo na minha ilha funciona de acordo com a minha vontade. Pessoas já foram punidas por muito menos, acredite. Nenhuma vadia vai mexer com a minha família e sair impune. Você será presa por chantagem, processada por calúnia e difamação. E ah, o principal: será banida da ilha para sempre! — meu tom se alterou no final.

— Não, Leon. — tentou se aproximar de mim, levantei a mão num gesto imperioso, estacou imediatamente. — por favor, isso não. — suplicou com lágrimas nos olhos. Isso me irritou mais ainda. Vadia dissimulada!

— Vossa alteza real! É assim que deve se dirigir a mim! — esbravejei.

Ela recuou, seu corpo todo se retesando, ficando em posição de ataque de novo.

— Ainda posso abrir o jogo para a imprensa. Você sairá perdendo. Sua imagem será abalada perante o seu povo, o mundo e, principalmente da garota brasileira.

— A *garota brasileira* tem nome e um título: Princesa Júlia Di Castellani! — grunhi muito puto pela forma desrespeitosa como se referiu à minha mulher. — ela é sua princesa! Deve-lhe respeito como todos os cidadãos ardocianos!

Ela bufou, sua postura voltando à arrogância. Se ela não fosse uma mulher, meu punho já teria encontrado a cara irônica que fazia agora.

— O que a preciosa Júlia tem que o resto de nós, reles mortais não tem? — cuspiu com nítido desdém.

— A lista é bem longa, *cara*. — sorri, sarcástico. — estou sem tempo agora. Mas, posso antecipar algumas coisas que precisa saber. Ela tem o meu amor, total e incondicionalmente. Eu pertenço a ela. Desista de tentar se equiparar a *mia principessa*. Você ou qualquer outra puta que eu fodi não chegam sequer aos seus pés, na cama ou fora dela. Será que consegui me fazer entender, agora? Ou seu cérebro desprovido de inteligência ainda está fantasiando?

Ela resfolegou, obviamente afetada pelas minhas duras palavras. Os olhos brilhantes de lágrimas. Então, sorriu de novo. Porra! Ela é surda?

— Vou à imprensa. Vamos ver quem sairá mais prejudicado no final.

Avancei na sua direção. Ela recuou mais, temendo claramente por sua integridade física. Tenho certeza que meu olhar era mortal.

— Não, você não vai, Francesca. — disse num tom enganosamente suave. Contendo-me a muito custo. — porque se fizer isso, vou destruir sua

família inteira. Bani-os todos da ilha. Reduzi-os a nada. Basta um telefonema da minha parte, apenas um, para colocar o Conde Rugiere em sérios apuros, não apenas financeiros. A polícia, a Receita, a máfia italiana... Será que me esqueci de alguém? — indaguei enquanto seu rosto ficava pálido. — provavelmente sim. Tenha isso em mente sempre que a ideia estúpida de me ferrar invadir sua cabecinha de vento. Porque, *cara*, eu não terei escrúpulos. Passarei por cima de todos vocês. — Afastei-me mais controlado. — Consegui oferecer um panorama do que será seu futuro? Se ainda não entendeu serei mais específico, com prazer. Sua família ficará na mais completa e absoluta miséria. Sem posses, sem títulos, sem prestígio, sem nada!

Ela estremeceu abalada com tudo que despejei. Mas ainda tentou manter-se no páreo. Garota estúpida!

— Também estou esperando alguém, *vossa alteza*. — informou com um brilho perigoso nos olhos. Assim que fechou a boca, a porta foi escancarada e Júlia entrou como um furacão. Porra! Agora estou regamente fodido!

Ela estacou quando me viu. Fiquei mudo. *Dio mio!* Isso era muito, muito ruim. Seus olhos escureceram, então se desviaram para Francesca. Uma expressão assassina tomou conta das feições bonitas. Avançou lentamente até a outra. Francesca recuou sabiamente.

— O que vou ter que fazer para me livrar de você, hein? — sua voz saiu fria, controlada, mas seu corpo denunciava que estava por um fio. — fui avisada recentemente por uma pessoa muito querida que vadias como você sempre estarão em volta do meu marido, querendo destruir o que temos. Tenho novidades para você: eu não vou deixar nem você nem qualquer outra puta tocar no que é meu. Está me entendendo? — sua voz subiu nas últimas palavras. Seu corpo todo tremendo de raiva mal contida.

— Veja as fotos, querida. Veja com seus próprios olhos o quanto seu precioso marido gostava de me foder.

A próxima coisa que ouvi foi um som alto de osso estalando. Francesca caiu pesadamente no chão, batendo com a cabeça no piso com violência. Júlia sacudiu a mão freneticamente. Porra! Ela deu um soco na vadia. Não um tapa de mulherzinha. Um soco! Uau! Meu queixo caiu com a cena.

— Finalmente está no seu lugar: o chão. É aí que vadias baixas como você devem ficar. — Júlia cuspiu olhando-a de cima. Imperiosa, majestosa, furiosa, linda! Cristo! Fiquei excitado pra caralho!

— Você quebrou meu nariz! Sua maldita! Quebrou meu nariz! — Francesca se encolheu cobrindo o rosto com as mãos, berrando no chão.

Os agentes entraram em seguida. Eram meus homens de confiança. Os mesmos que desvendaram o engano no caso de Damien.

— Fique tranquilo, alteza. — o chefe da operação se dirigiu a mim, enquanto os outros dois homens levantavam a vadia do chão. Sangue escorrendo do nariz até seu queixo. Não disse mais nada. Não resistiu quando os agentes a conduziram para a porta. Não senti pena. Ela queria destruir minha família. Teria meu ódio, além do desprezo. — já estamos na pista do comparsa que a ajudou com as fotos. Tudo será esclarecido e os culpados serão punidos severamente.

Entreguei as malditas fotos a ele que saiu logo atrás dos outros. Um silêncio inquietante se abateu na sala. Júlia permaneceu de costas para mim. Seu corpo tenso. As mãos crispadas de cada lado do corpo. Acho que gostaria de me dar um soco também. Eu sei, eu sei. Sou um bastardo por não ter contado a ela. Em minha defesa só posso dizer que tive um medo absurdo de perdê-la.

— Júlia, bebê...

— Sem essa de *bebê*! — rosnou virando-se finalmente para mim. — você mentiu para mim, Leon! Você escondeu isso de mim e ainda veio encontrar com aquela puta maldita!

Avancei até ela, ficando a poucos centímetros.

— Como soube? Ela teve a ousadia de ligar para você? — indaguei, começando a entender que além da chantagem a vadia me preparou uma armadilha. Sua intenção era que Júlia nos flagrasse juntos. Eu a odiei mais ainda por expor minha mulher a isso.

— Sim, ela teve a ousadia de me ligar, se vangloriando que você estava vindo para cá para transar com ela. — tomou uma respiração profunda. — eu quis matá-la quando me disse isso.

— Eu devia ter contado, amor. Fui estúpido. — assenti, levando as duas mãos para seu rosto. Ela permitiu o contato. Sinal que não estava assim tão puta comigo. Que me perdoaria pela minha estupidez. — mas, tive tanto medo que não entendesse. Que quisesse me deixar. Eu não podia arriscar perder você, bebê. — seus olhos amoleceram um pouco com minhas palavras. — você me perdoa? Sei o quanto detesta o fato de ter me envolvido com ela. Só quis poupá-la de mais um encontro desagradável.

— Sim, você devia ter me contado, amor. — os olhos de esmeralda se fixaram nos meus. — sua avó me alertou sobre isso. Disse que precisamos nos fortalecer nesse aspecto. Escute o que vou dizer: eu arranco suas bolas se esconder algo de mim de novo! — sussurrou, mas seus lábios se curvaram em um sorriso. — entendo que quis me proteger, mas precisamos confiar um no outro. Promete que vai me contar tudo de agora em diante, mesmo que isso me chateie de alguma forma?

Meus braços desceram enlaçando sua cintura, trazendo-a para mim. Ela se aconchegou me abraçando pelo pescoço. Nossas bocas se encontraram num beijo delicioso que marcava nossa passagem ao nível mais elevado nos relacionamentos: confiança. Sorri em sua boca, aliviado com o fim do pesadelo. Aliviado por tê-la em meus braços. Quebrei o contato e ela gemeu.

— Prometo, *perla mia*. — murmurei em seus lábios, minhas mãos descendo para sua bunda. Ela sorriu amplamente quando meu pau duro tocou seu ventre. — estou assim desde quando você entrou, furiosa e linda, defendendo seu marido. — abocanhei seus lábios e os chubei juntos.

— Humm. — gemeu esfregando-se em mim. — então é aqui o seu *abatedouro*, alteza? — suas palavras me fizeram abrir os olhos e me afastar um pouco. Merda! Tenho que tirá-la daqui. Esse ambiente é sujo. Indigno dela.

— *Dio!* Vem, amor. Vamos sair daqui. Esse ambiente está impregnado de sujeira. — disse acariciando seu rosto. — você é minha princesa, minha futura rainha. Isso aqui é indigno de você.

— Então era aqui que trazia as vadias? — ela insistiu.

Assenti levemente com a cabeça. Sentindo-me subitamente envergonhado.

— Por que nunca me trouxe aqui? Digo, no início, quando dizia para mim o

tempo todo que era só sexo? — franziu o cenho.

— Meu coração sempre soube o que meu cérebro se recusava a admitir. Eu a amava. Nunca foi só sexo com você, bebê. — sussurrei, os olhos incríveis brilharam mais. — eu não precisava ter convivido com você diariamente. Não precisava levá-la para o palácio, o seio da minha família, tudo que mais amo e respeito. Você foi a minha escolhida, amor. Eu não conseguia entender minhas ações. Tudo que sabia era que não conseguia ficar sem você.

— Não vou dizer que te amo mais nesse momento, porque não tem como amá-lo mais. Meu amor por você é infinito. — sorriu, subitamente tímida, seus olhos eram duas piscinas verdes me adorando. — mas meu respeito, admiração e confiança cresceram a níveis altíssimos, amor. Tive tanto medo do que iria encontrar aqui. Meu coração doeu só em pensar que você cederia a ela.

— Shhh. Não, amor. Nunca. — garanti erguendo seu queixo para mim. — não vou perder você de novo. Não vou deixar você ir, nunca.

— Eu nunca vou querer ir. — murmurou de volta. E nos beijamos de novo, nos agarrando como dois náufragos em busca de um bote salva-vidas.

— Então, estou perdoado? — sussurrei deslizando meus lábios para sua orelha, lambendo-a. Ela arfou.

— Humm. Não sei, amor. Talvez devesse fazer greve de sexo por hoje. — senti um sorriso na sua voz.

— Vamos, amor. Só diga o que preciso fazer para me redimir e eu farei. — minha boca desceu para seu pescoço e ombro, chupando, mordiscando.

— Use sua criatividade, alteza. Adoro tudo que faz quando está tentando se redimir. — disse num misto de gemido e sussurro.

Gargalhei e enlacei sua cintura começando a nos mover para a porta.

— Gostei disso, *delizia mia*. — murmurei dando um tapa em seu traseiro empinado. Deu um gratinho safado. — vem, vamos para casa.

Júlia

Mal entramos no quarto Leon já estava em cima de mim. Virou-me de

frente para a porta grosseiramente, rosnando no meu ouvido:

— Adoro quando está brava, bebê. — segurou meus quadris e puxou para sua virilha cavando seu pênis duro no meio da minha bunda. — você fica sexy pra caralho! *Dio!* Meu pau tá dolorido, louco para foder sua bocetinha gostosa. — gemeu e suas mãos desceram para minhas coxas, se infiltrando na barra do vestido, levantando-a e ao mesmo tempo me acariciando. Desnudou meu traseiro e grunhiu quando viu minha calcinha preta fio dental. Deslizou um dedo do meu ânus até o clitóris. Líquidos jorraram descontrolados, empapando minha calcinha. Sorrii, seu tom arrogante, conhecedor do que faz comigo. — sua bocetinha gulosa já está louca pelo pau também, não é, putinha? — Uma das mãos subiu pela minha coluna suavemente e se entranhou nos meus cabelos da nuca. Puxou-me bruscamente para olhá-lo. — responda, putinha! Você quer o meu pau comendo essa boceta agora? Bem duro? Rasgando seu buraquinho apertado? — gemi, enlouquecida. Sua mão puxou mais. — responda, porra!

— Sim, oh! Leon... Sim. — balbuciei esfregando minha bunda em sua virilha. Um tapa forte desceu na minha nádega direita. — Ah! Amor...

— Você gosta disso, não é, minha putinha? — sussurrou em minha orelha. — adora apanhar e tomar meu pau todinho em todos os buracos. Onde quer meu pau? Hum? — seu dedo desceu de novo do ânus ao clitóris, com mais pressão dessa vez. Eu estava quase gozando com sua tortura verbal. — nessa boceta deliciosa, ou nesse cuzinho igualmente gostoso? Hum? Responda, putinha! Deu-me mais duas palmadas duras.

— Ah! Onde você quiser, amor! — gritei fora de mim. — Qualquer lugar.

Ele rosnou rasgando minha calcinha. Suas mãos estavam as duas na minha bunda de novo, acariciando, adorando-me. Ele é louco pelo meu traseiro. Senti beijos suaves na carne latejante onde tinha batido. Abriu minhas bochechas e sua língua lambeu suavemente minha vagina. Abaixou-se atrás de mim e me chupou com vontade. Enfiou um dedo na minha vulva reunindo o creme e o levou ao ânus, relaxei e ele o forçou entrando apertado até o fundo. Comeu-me assim por muito tempo. Quando estava quase gozando ele sorria, diminuía a pressão da boca e do dedo. Bastardo!

— Ohhh! Amor... — gemi suplicante.

— O que é, bebê? Será que você quer gozar, *delizia mia*? — sua voz era provocante, mas estava tensa também. Ele estava por um fio. Eu soube.

— Sim, amor. Por favor... — admiti sem a menor compostura.

— Se segure firme na porta, putinha. — rosnou. Fiz o que ordenou, ansiosa, enlouquecida de tesão. Ouvi seu zíper sendo aberto. — vou te foder bem duro no bocetinha. — senti sua ponta espessa na minha vulva. Gemeu no meu ouvido e estocou forte abrindo caminho bruscamente até o fundo.

— Ohhh! Deus! Leon... — balbuciei, completamente cheia dele.

— Rebola bem gostoso, putinha! Vem, rebola essa bocetinha apertada no meu pau! — grunhiu. Fiz o que ele disse obedientemente, rebolando devagar par me acostumar com seu volume. Levou uma das mãos para meus cabelos de novo, puxando-os com força e deu uma estocada bruta que me fez ir para frente, ficando com a lateral do rosto colado na porta. Gritei. Dor e prazer se misturando em meu ventre. Ele não teve dó, continuou me comendo entrando fundo, tão fundo. — ohhhh! Gostosa! Você é a porra da minha fantasia, sabia disso? Nunca comi uma boceta tão gostosa. Toma meu pau! Toma tudo nesse buraquinho apertado, porra! — uivou metendo num ritmo alucinante, me sacudindo toda, uma mão cravada me meu quadril e a outra puxando meus cabelos. As duas me mantendo cativa para me foder como bem quisesse. Finalmente a mão dos cabelos foi para meu clitóris e o manipulou com perícia, massageando, beliscando. Do nada deu um tapa em cheio no meu brotinho molhado.

— Ahhhhh! Leon! Eu vou... Ahhhhhhhhhhhhh! — gritei gozando alucinada. Onda após onda de um clímax violento invadindo meu ventre, se espalhando por todo o meu corpo. — Deus! Que gostoso... — miei quase sem voz.

Leon enlouqueceu atrás de mim. Bateu seu pau sem trégua em minha vulva, entrando grosseiramente. Suas mãos apertaram tanto meus quadris que com certeza ficariam marcas. Rosnou como um animal, bombeando duro, selvagem. Tirando tudo e metendo de volta com violência. Meu canal já ardente de sua posse bruta.

— Ohhhh! Júlia! Bebê! — grunhiu, continuando a me comer como se o mundo fosse acabar na próxima hora. — ahhhhhhhhhhhh! Eu tô

gozaaaaaaaaaando! — gritou sem abrandar os golpes, esporrando em meu canal, enchendo-me com jatos quentes de sêmen, me fazendo estremecer nos resquícios do meu orgasmo. — Porra! Tão gostosa, amor... — ronronou em minha orelha, descendo pelo pescoço e ombro, chupando, mordendo, lambendo.

Finalmente parou de mover-se dentro de mim. Mas ainda permanecemos na posição. Nossas respirações ruidosas no ambiente silencioso do quarto. Puxou meu queixo e beijou-me ternamente. Ele era assim. Totalmente selvagem durante o sexo, mas absurdamente terno no pós-sexo. Eu amo isso nele. Eu amo tudo nele.

— Vem, amor. — sussurrou saindo de mim com cuidado. Levantou-me nos braços atravessando a sala rumo à nossa cama. — quero mimar você um pouco antes de te foder de novo.

Revirei os olhos e o alfinetei:

— Sempre tão romântico, alteza.

Ele gargalhou, jogando a cabeça para trás. Tão lindo.

— Às ordens, *princesa*. — murmurou abocanhando meu lábio inferior, chupando-o. Os olhos negros brilhando, prometendo-me todo tipo de sacanagem. Eu o amo tanto.

Na manhã seguinte consegui acordar antes de Leon. Algo raro. Ele estava ainda dormindo. Apoiei-me em um cotovelo e fiquei o observando. Seu grande corpo moreno destacando-se contra os lençóis brancos. Os cabelos espalhados no travesseiro. Engraçado, nunca foi atraída por homens de cabelos compridos, achava isso meio afeminado. Mas em Leon esse detalhe o deixava inexplicavelmente mais másculo, viril, exótico, sexy. Um pirata moderno. Esse foi meu primeiro pensamento quando o vi no Brasil. Aquilo tudo parecia tão distante agora. Sorri e suspirei lembrando todo o caminho que percorremos para estar aqui, juntos, finalmente juntos.

— Posso sentir seus olhos em mim, *perla mia*. — sua voz rouca do sono, sobressaltou-me. Então, seus olhos abriram e ele sorriu amplamente. — Por que está aí me observando, bebê? — indagou virando-se para mim. O lençol caindo perigosamente abaixo do osso ilíaco. Meus olhos acompanharam o

movimento, cobiçosos. O volume embaixo indicava uma furiosa ereção matinal. — humm, vendo algo de que gosta, *princesa mia*? — subiu as sobrancelhas numa expressão safada, já completamente desperto.

Revirei os olhos, mas sorri, abaixando minha boca para a dele, beijando-o suavemente.

— Você é tão convencido, alteza. — sussurrei contra seus lábios.

Ele sorriu de novo. Eu adoro o som do seu sorriso.

— Eu tenho a mulher mais linda e gostosa do mundo. — murmurou acariciando meu queixo. — isso me deixa muito, muito convencido, amor.

— Você está me bajulando para ganhar sexo matinal, amor? — provoqueei.

— Você que estava aí me secando com esses olhos de feiticeira. — disse e num movimento rápido veio para cima de mim, prendendo-me no colchão. Elevando meus pulsos acima da cabeça. Seu pênis duro friccionou em minha vagina. Arfei. Ele sorriu olhando-me enquanto deslizava seu membro excitado para cima e para baixo na minha racha, encharcando-me rapidamente. — posso parar se você não quiser... — sussurrou safado, sabendo que eu nunca faria isso.

— Não ouse parar! Ouviu, amor? — gargalhou de novo. Gemi em sua boca. Arreganhei mais as pernas para acomodá-lo.

— Bebê, eu não pararia nem se tivesse um incêndio lá fora. — rosnou e baixou a boca tomando a minha num beijo libidinoso...

Acabamos nos demorando muito na cama. Estávamos terminando de tomar o café na sacada de nossos aposentos, quando o telefone de Leon tocou. Atendeu-o e segundos depois seu rosto se fechou, visivelmente preocupado.

— O que houve, amor? — parei meu copo de suco próximo à boca.

— Era o tio Max avisando que o avô paterno de Helena faleceu. — revelou parecendo mais incomodado que triste com a notícia.

— Eu não sabia que ainda tinha um avô paterno. — disse me sentindo estranha por não saber muito sobre a vida da prima de Leon. Meu marido a amava como a uma irmã. Eu teria que engolir meu mal-estar em relação à

paixonite de Helena por ele e oferecer meu apoio. Leon esperaria isso de mim e não vou desapontá-lo.

— Ele não teve muito contato com Helena nem antes nem depois que o pai dela morreu. — disse com expressão triste agora. — Helena nunca teve o amor dele. Sofreu muito por isso quando era mais jovem, mas superou. Nós tivemos que adotá-la, amor. Helena foi abandonada de todas as formas que possa imaginar. — completou pesaroso.

Eu fiquei muda. Nunca me aproximei muito de Helena. Tivemos um péssimo começo. Ela melhorou comigo depois, mas eu nunca consegui fazer vista grossa para a adoração dela pelo meu marido. Sou apenas uma mulher. Gostaria que fosse diferente, pois não me sinto ameaçada por ela. Leon me ama. A ama também, mas amores distintos. Eu só ainda não me sinto pronta para ter a conversa que precisamos ter.

Leon pôs-se a me contar em que condições Helena foi levada ao palácio. Uma menina de treze anos, subnutrida, tímida e com síndrome do pânico. Vítima do abandono da mãe e depois do pai que tornou-se um alcóolatra, mulherengo e irresponsável logo que a esposa os largou por um Conde italiano. Quando o rei e Leon foram ao funeral do duque a encontraram nessas condições. Eles a trouxeram para Ardócia. Cuidaram não só materialmente, mas deram amor, coisa que ela desconhecia até então. Fiquei chocada com o relato. Meu peito doeu ao pensar numa criança, qualquer criança sofrendo maus tratos daqueles que deveriam protegê-la. Ok. Chame-me de coração mole, mas acho que acabo de simpatizar um pouco com Helena. Entendo perfeitamente porque é tão ligada, dedicada, apaixonada por Leon. Ela sempre me pareceu de certa forma, uma pessoa solitária. Compreendi agora porque tive essa impressão dela. Apostou todas as fichas no homem que a ama como uma irmã. Isso deve corroê-la por dentro.

Estávamos no escritório de Leon aguardando Helena para dar a notícia. A porta se abriu e ela entrou. Seu sorriso murchou um pouco quando me viu no colo dele. Foi algo sutil, mas sou mulher. Nós percebemos esse tipo de coisa, que geralmente é imperceptível aos homens. Levantei-me e me afastei em direção às janelas para deixá-la mais à vontade. Não sou uma puta exibicionista. Não vou machucá-la mais do que já deve estar desde quando cheguei ao palácio.

— O que é tão urgente? Tive que interromper um trabalho na embaixada dos Estados Unidos. — quis saber sentando-se em uma das cadeiras à frente da mesa de Leon.

— Sinto muito, Helena, mas Fausto faleceu esta madrugada. — Leon informou com voz pausada, pesarosa. Os olhos exóticos de Helena se alargaram. Ela piscou várias vezes. Seu rosto ficou pálido. Suas mãos se esfregaram uma na outra num claro sinal de nervosismo. Essa era uma das raras vezes que a vi descompor-se de sua polidez.

— Ele morreu? — sua voz saiu instável. — como aconteceu? As últimas notícias que tive diziam que estava se recuperando bem da cirurgia na próstata. — então, parou bruscamente como se tivesse revelado demais.

Leon levantou-se contornando a mesa. Sentou-se na outra cadeira junto dela. Tomou as mãos trêmulas de Helena nas dele. A encarou com a conhecida expressão carinhosa quando olhava para ela. Pela primeira vez, não me senti mal com a cena. Eu entendia agora porque meu marido era tão protetor com ela.

— Sabemos que tem buscado notícias dele nos últimos anos, Helena. Não se envergonhe disso, *cara mia*. — tocou seu rosto, fazendo-a encará-lo. — Nunca se envergonhe de amar sua família, mesmo que no seu caso, nenhum deles mereça seu amor.

— Obrigada. — disse num fio de voz.

— Eu estou aqui para você. — Leon sussurrou suave. Olhou para mim, buscando apoio e voltou a encará-la. — nós estamos aqui para você. Nós somos sua família, sabe disso, não é?

— *Si, caro mio*. Sei disso. — sua voz foi frágil como nunca ouvi antes.

— Iremos com você se for seu desejo estar com ele nesses últimos momentos.

— Não, Leon. — disse mais firme, tentando retomar o controle de suas emoções. — irei sozinha. Preciso ir sozinha. Não sou mais uma garotinha assustada. Sou adulta. — suspirou. Seus olhos lacrimosos desmentindo a forma como esticou a coluna, altiva. — preciso encerrar de vez essa parte da minha vida.

— Certo. Mas estaremos aqui, irmãzinha. — Leon disse suavemente e beijou suas mãos. As lágrimas banharam sua face, enquanto o olhava.

Senti um nó na garganta. Meus olhos se encheram de lágrimas também. Não pude evitar. Helena levantou-se, limpando o rosto, deu um breve aceno de cabeça em minha direção, um tanto sem graça e saiu em silêncio.

— Ela ficará bem, mesmo? — fui até Leon. — digo, enfrentando isso sozinha?

— Espero que sim, amor. — ele suspirou e levantou-se enlaçando minha cintura. — a protegemos desde quando a trouxemos para cá, mas ela está certa. É adulta agora. Segura, amada por nós. Sabe que estamos aqui para qualquer coisa que precisar.

— Você a ama muito, não é?

— *Si, perla mia.* — disse baixinho beijando-me ternamente no canto dos lábios. — percebi que não tem falado muito com ela depois que recobrou a memória. — levantou meu queixo, acariciando-o. — Helena é a irmã que não tive, bebê. Eu gostaria que se dessem bem. Você faria isso por mim, amor?

Levei meus braços para seu pescoço. Sim, é claro que faria isso por ele. Faria qualquer coisa por ele.

— Sim, amor. Farei isso por você. — sussurrei em sua boca. — faço qualquer coisa por você. — os olhos escuros brilharam com minhas palavras. O braço da minha cintura me apertou mais colando nossos corpos.

— Eu te amo tanto, bebê. Nunca pensei que fosse possível amar alguém tanto assim. — disse baixinho, seus olhos emocionados presos aos meus. Seus dedos traçando a linha do meu lábio inferior preguiçosamente.

— É possível, amor. É exatamente assim que te amo. — murmurei. Sua boca se curvou num sorriso terno.

— Eu odeio dizer isso. — seu semblante caiu um pouco. — mas, minha avó estava certa, amor. Sempre haverá mulheres como Francesca à minha volta. Elas tentarão acabar com isso que temos.

— Nós não vamos deixar, amor. Nunca. — garanti. Seus olhos se iluminaram de novo.

— Acredita em mim agora, bebê? Eu não quero nenhuma outra. Só você.

— Sim, acredito, amor. Confio plenamente em você. — sorri, beijando seus dedos. — e você? Acredita agora que não vou deixar você quando os problemas surgirem? Que você pode me contar tudo, qualquer coisa, sempre?

— Plenamente, *perla mia*. — sorriu também trazendo os lábios para os meus num beijo muito suave. — você será uma rainha maravilhosa, amor. Linda por fora e mais linda ainda aqui dentro. — sua mão desceu para meu coração.

Meus olhos se encheram de lágrimas com suas palavras amorosas.

— Com certeza serei a mais feliz. — sussurrei com voz embargada. — porque tenho você, amor.

Seus olhos brilharam muito. Beijou-me de novo. Dessa vez, mergulhando em minha boca do seu jeito possessivo, me puxando pela nuca, mantendo-me imobilizada, saqueando minha boca com fome. A outra mão desceu para minha bunda, apertando-a, deslizando os dedos entre as bochechas. Minha calcinha alagou.

— Tire a roupa para seu futuro rei, amor. — disse mordiscando meus lábios. Afastou-se em direção à mesa e apertou algo embaixo. Ouvi o click da porta sendo trancada. Seus olhos flamejaram em mim. Sentou-se na cadeira, começando a afrouxar a gravata. — tire o vestido e venha até aqui, bebê.

Putá merda! Sua voz foi suave, mas continha o tom dominante que assumia na hora do sexo. Não deixava margem para contestação. Meu corpo esquentou com o peso de seu olhar. Arquejei, meus mamilos intumesceram, minha vagina palpitando descontroladamente. Os lábios sensuais subiram nos cantos, naquele sorriso arrogante e absurdamente sexy, sabendo exatamente como mexia com tudo dentro de mim. Levei as mãos até minhas costas e baixei o zíper lentamente. Seus olhos queimavam nos meus. Meu vestido caiu. Ele grunhiu. Sorri porque mexo com ele da mesma forma. Avancei devagar, abusando dos meus passos de modelo. Ele adora quando faço isso. Livrei-me do sutiã e da calcinha no meio do caminho, prendendo seu olhar. Ele gemeu e rosnou quando parei à sua frente:

— O que vai fazer para agradar seu futuro rei, minha putinha? — seus

olhos se inflamaram mais quando caí de joelhos a seus pés.

— Tudo. Absolutamente tudo, meu príncipe... — sussurrei no tom submisso que ele ama e me apressei em abrir suas calças...

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Júlia

Dois dias depois o rei reuniu o parlamento e a imprensa para informar de seu afastamento definitivo e que em breve o príncipe herdeiro assumiria o trono. Meu Leon seria um rei. Embora soubesse que esse era o destino dele, ainda meio que surtava com a ideia. Meu marido, um rei. Meu rei. Meu peito se encheu de orgulho quando o rei encerrou seu discurso falando de seu amor pelo sobrinho. De como o criou com um filho, como o preparou para assumir seu lugar um dia. Enalteceu as qualidades diplomáticas e de negociação de Leon. Encerrou afirmando:

— Meu sobrinho. — desviou os olhos emocionados para Leon, que estava também visivelmente tocado. — meu filho, é antes de tudo, um visionário. Fez sua própria fortuna ainda muito jovem. Um negociador, articulador, um líder nato. Ardócia não poderia estar em mãos melhores.

Leon foi até o tio na tribuna imponente e o abraçou. Acho que meu marido acabou de quebrar o protocolo real, porque o rei ficou parado por um momento. Mas acabou sorrindo e o abraçou também. Aplausos ecoaram pelo salão de reuniões oficiais. Eu me sentia um tanto fora de lugar ali. Era a única mulher. No entanto, Leon havia insistido para que eu assistisse. Lágrimas encheram meus olhos. Aplaudi também. O rei deu tapinhas nas costas amplas de Leon, sussurrando algo em seu ouvido. Ele assentiu e tomou o lugar do tio na tribuna. Sua postura régia, majestosa. Ali ele era o príncipe herdeiro em seu principal elemento. Parece que sentiu meus olhos sobre si, pois virou a cabeça na minha direção. Eu estava acomodada em uma cadeira junto a parede. Os olhos negros se iluminaram sutilmente ao encontrar os meus. Seus lábios se curvaram em um meio sorriso sexy, misterioso. Senti mais olhares se voltando para mim. Meu rosto esquentou. Estou certa de que pareço um tomate agora. Obriguei-me a sorrir de volta um tanto sem graça por ele ter chamado todas as atenções para mim, e por ter me excitado diante de cem parlamentares. Seus olhos inflamaram mais ao ver minha reação. Puta merda! Que situação embaraçosa.

— Bom dia, senhores. — sua voz soou grossa, segura, forte, imperiosa, solene como deve ser a voz de um governante. — *Mia principessa*. — seus olhos me buscaram de novo, seu tom suavizando um pouco. Remexi-me no estofado da cadeira. Ele vai me pagar mais tarde por deixar-me assim em público. Mas, no segundo seguinte ele voltou os olhos para os membros do parlamento novamente e iniciou um discurso firme, confiante, lindo. Era um rei nato. Eu estava praticamente babando na minha cadeira. Meu peito cheio de orgulho dele. — me preparei a vida toda para ser merecedor da confiança não só do rei, mas de todos vocês que trabalham incansavelmente para elevar nossa Ilha aos patamares mais altos na geopolítica e economia mundial. Nosso modelo de monarquia é o mais moderno do mundo. Introduzimos cada vez mais a democracia em nosso sistema de governo, graças ao empenho e trabalho de cada um de vocês. — fez uma pausa e tomou um gole da água que Emir o serviu prontamente. — estudei nas melhores escolas, cursei Harvard[58]. Aprendi tudo sobre como governar uma nação. Mas se há dois anos houvesse necessidade de afastamento de meu tio, receio que eu não estivesse pronto. Eu, na minha arrogância pensei estar. — fez outra pausa e os olhos escuros se fixaram em mim de novo, ternos, brilhantes. — eu tinha tudo que um homem pode desejar: dinheiro, mulheres, status, poder. Durante muito tempo achei que era feliz assim. Sentia-me inabalável, inquebrável. No topo do mundo. — eu arfava agora com a forma intensa com que seus olhos me prendiam. Ele estava dizendo aquilo para mim? Pisquei confusa. — então, conheci uma mulher. Meu primeiro pensamento foi: *Dio mio! Ela é a coisa mais linda que já vi na minha vida!* — alguns sorrisos ecoaram no ambiente em resposta à sua espontaneidade. — Essa linda mulher alteraria tudo no que acreditei, toda a forma como vivi por anos. Ela me despertou emoções tão intensas que lutei contra isso no começo. Cometi erros, enganos que a magoaram muito. — sua voz foi mais baixa e livre de humor nessas últimas palavras.

Toda a sala estava num silêncio absoluto. Todos os olhares em nós dois. Alguns flashes começaram a espocar no rosto de Leon. Eu estava de costas para os jornalistas que se agrupavam nas últimas cadeiras no fundo do enorme salão. Tenho certeza que era uma ocasião rara a imprensa ter permissão para estar ali naquele ambiente tão formal. Meu marido tinha obviamente planejado aquilo. Comecei a entender isso.

— Mas foi inevitável. Eu me apaixonei perdidamente por ela. Eu a amo com tudo que tenho. Ela é tudo para mim. Tudo. — oh! Meu Deus! O que ele está fazendo? — Júlia, *principessa mia*, estou pedindo perdão publicamente por tudo de ruim que fiz para você, amor. — um sonoro *Ah!* Invadiu o salão. Eles não entendiam a situação. O rei também ostentava uma expressão confusa, pois todos ali acreditavam que sempre vivemos um conto de fadas. — E aqui, perante o rei, meu tio, meu pai. Perante essa casa de lei e alguns membros da imprensa, estou prometendo solenemente que amarei e cuidarei de você todos os dias de nossas vidas.

Meu coração perdeu uma batida, depois voltou a bater violentamente. Meus olhos se alargaram mais, transbordando de lágrimas, minha respiração falhou. Inalei o ar bruscamente. Ele acabou de fazer a coisa mais linda que eu sequer podia imaginar. Leon deixou a tribuna e começou a descer os degraus em direção a mim. Levantei-me, minhas pernas moles como gelatina. Ele parou diante de mim. Seus olhos muito brilhantes correndo ternamente pelo meu rosto banhado de lágrimas. Então, caiu sobre o joelho direito. Puta merda! Oh! Meu Deus! Ele ia...

— Júlia, bebê, *tesoro, perla, principessa, delizia mia*. — a sala inteira fez um novo e audível *ah!* Os flashes enlouqueceram espocando em nós dois. — o dia em que serei coroado rei será um dia muito feliz na minha vida, mas eu gostaria que fosse muito mais que isso. Você o tornará o melhor dia da minha vida se me der a honra de se casar comigo de novo. Deixar-me dar a você uma cerimônia digna de uma rainha. A minha rainha. — terminou tirando do bolso do terno o mesmo anel que já esteve em meu dedo quando me pediu em outra cena romântica.

Fiquei muda. Olhando-o extasiada, completamente arrebatada. Apenas as lágrimas descendo descontroladamente. Eu o amo além da vida. Foi aí que me dei conta de que Leon e todos no salão estavam num silêncio ensurdecedor, cheio de expectativa, aguardando a minha resposta. Até mesmo os flashes deram uma pausa.

— Sim, amor. — sussurrei, minha voz instável, embargada, absurdamente baixa. Eu estava prestes a desmaiar. Aquilo foi demais. — Oh! Meu Deus! Sim. — murmurei, mais baixo ainda. Eu queria gritar, mas minha voz covarde havia me abandonado.

Todos continuaram em silêncio. Eles obviamente não tinham escutado a minha resposta. Leon levantou-se e tomando minha mão direita colocou o anel no meu dedo. Enlaçou-me pela cintura e nos virou diretamente para os parlamentares e a imprensa.

— Ela disse sim! — havia um sorriso na sua voz quando gritou. Isso mesmo, gritou para o salão. Ele quebrou o protocolo muitas vezes hoje. Palmas ecoaram no recinto e todos começaram a falar ao mesmo tempo. Acho que o parlamento nunca esteve tão movimentado. Quando as vozes de felicitações e os aplausos cessaram. Todos os parlamentares se levantaram e nos reverenciaram. — isso é para você, bebê. — ele sussurrou no meu ouvido. — eles estão reverenciando sua futura rainha.

Minhas pernas tremeram mais. Ele me puxou mantendo-me junto dele, me firmando.

— Oh! Meu Deus! O que eu faço, amor? — murmurei enquanto sorria sem graça diante de cem homens inclinados diante de mim.

— Apenas sorria e acene levemente com a cabeça, amor. — disse enquanto sorria também para os flashes que nos esquadrihavam incessantemente agora.

Acenei e sorri o mais natural que consegui. Afinal, não é todo dia que seu marido, um futuro rei faz todo o parlamento se curvar diante de você. Os homens relaxaram e voltaram a se sentar. Eu soltei o ar devagar. Puta merda! Tirando o nervosismo de lado, acho que posso gostar desse negócio de ser rainha.

O helicóptero aterrissou. Leon desceu primeiro e me pegou no colo. Eu estava vendada desde quando deixamos o Rio há mais ou menos meia hora. Sim, estamos no Rio. Leon insistiu para que passássemos uma semana aqui depois que aceitei seu lindo, maravilhoso pedido de casamento. Fiquei surpresa quando avisou que ia me vender quando chegamos ao Aeroporto Internacional Antônio Carlos Jobim. Já desci do jato vendada, nos braços dele. Estou amando a expectativa e muito, muito excitada. Ouvi o som de ondas quebrando mansamente. Inalei a maresia.

— Hum, estamos no litoral... Onde estamos, amor? — sussurrei em seu peito. Ele apenas sorriu. Um som lindo de satisfação por estar me deixando

curiosa. — vai, amor, por favor. Só uma pista.

— Nada disso, bebê. — disse começando a subir degraus. Antes estávamos na areia. Pude perceber pelos passos instáveis. — seja boazinha e espere. Já estamos chegando.

Bufei, mas sorri beijando seu peitoral, inalando seu cheiro maravilhoso. Andamos pelo que parecia ser cascalho, depois um piso de mármore. Subimos mais alguns degraus e finalmente ele deslizou meu corpo pelo dele, até que meus pés tocaram o chão. Meus braços permaneceram em seu pescoço. Suas mãos tocaram os lados do meu rosto, numa carícia reverente.

— Senti tantas emoções quando a trouxe até aqui a primeira vez. — sussurrou em minha boca, chupando meu lábio inferior, fazendo-me gemer, me aconchegando mais a ele. — mas eu não conseguia entender nenhuma delas. Não conseguia entender porque estava tão fascinado, louco para ter você. — murmurou em minha orelha agora, lambendo o ponto do lóbulo que tem minha calcinha alagada instantaneamente. — e eu a tive. Você não conseguiu resistir a mim e tampouco eu a você. Aqui senti seu cheiro, pela primeira vez. Aqui olhei dentro dos seus olhos e eles eram mil vezes mais incríveis do que nas fotos. Aqui a beijei pela primeira vez e enlouqueci com seu gosto. Aqui fiz amor com você pela primeira vez e fiquei completamente viciado. — completou entre beijos suaves no pescoço e ombro. Sua voz terna, emocionada, embargada. Então eu soube onde estávamos antes mesmo dele tirar a venda dos meus olhos delicadamente. Pisquei para me acostumar com o ambiente. Meus olhos correram ao redor. Estávamos na sacada do quarto onde nos amamos pela primeira vez. Onde fizemos tudo pela primeira vez. Meus olhos lacrimejaram voltando-se para ele que também tinha olhos brilhantes de lágrimas não derramadas.

— Oh! Amor. — sussurrei em sua boca. — você precisa parar de fazer essas coisas. Eu corro o risco de ficar desidratada de tanto chorar nas últimas quarenta e oito horas.

Ele piscou algumas vezes claramente lutando para recobrar o controle. Deu um pequeno sorriso.

— Você gostou, bebê? Eu sempre quis trazê-la aqui de novo. — seus dedos acariciavam meus lábios numa carícia sensual, lenta. — criar novas

memórias. Fazer amor com você agora sabendo exatamente o que estou sentindo. Sabendo que é a mulher da minha vida.

Minhas lágrimas desceram e ele as enxugou delicadamente, antes de tomar minha boca num beijo muito suave. Gemi e me entreguei a ele como havia me entregado há quase dois anos.

Leon

Gemi também e aprofundei o beijo, segurando firme em sua nuca para sugá-la, dominá-la do jeito que eu gosto. Ela se colou mais em mim, entregando-se como fez naquela primeira noite. Ela me teve de quatro logo de cara e eu estúpido não percebi. Nunca havia sentido antes dela essa emoção louca que toma conta de mim quando a tenho assim em meus braços. Totalmente entregue. Minha para fazer o que eu quiser. Amo sua submissão. Na verdade, ela é quem me domina com sua doçura e entrega sem limites, confiando em mim. Desci minhas mãos pelas costas estreitas numa carícia lenta que a fez estremecer inteira e gemer em minha boca. Cavei sua bunda e a levantei. Suas pernas rodearam minha cintura imediatamente. Grunhimos com o contato de nossas pélvis. Sua calcinha estava empapada direto sobre meu pau. Andei devagar para dentro do quarto. Ela esfregando a vulva por toda a extensão do meu pau, me fazendo rosnar como uma fera. Atravessei o quarto e a deposei no centro da cama. A fraca iluminação deixava seus olhos com um brilho muito mais incrível. Recuei e fui ao sistema de som. Logo, a música *Imbranato* de Tiziano Ferro soou no ambiente. Voltei para junto da cama e fiquei lá parado, extasiado com tanta beleza.

— Lembra-se dessa música, amor? — sussurrei começando a me despir lentamente na sua frente. Ela assentiu um tanto tímida. Seu rosto lindamente corado, os olhos de esmeralda devorando cada parte de mim que ia sendo revelada. Tirei a última peça e subi na cama, avançando sobre seu corpo. Ela foi deitando-se nos travesseiros com aquela expressão completamente submissa que me tem louco. Dizendo-me silenciosamente que é minha. Que posso tomar tudo. Parei acima dela e tracei sua face delicadamente com uma de minhas mãos, seus lábios luxuriosos se entreabriram num arquejo suave. Deslizei o polegar sobre sua boca. Seus olhos inflamaram mais e sua língua saiu lambendo meu dedo obscenamente. Cristo! Meu pau se sacudiu todo. Sua boca veio quente e úmida, gulosa engolindo todo o meu polegar. Porra! Meu

pau babou com sua sugada forte. Grunhi e puxei o dedo bruscamente de sua boca.

Seus olhos alargaram quando peguei um tecido na gaveta do criado mudo. Elevou os braços acima da cabeça sem precisar que eu fizesse e isso me deixou mais selvagem.

— Tem ideia do que faz comigo quando fica assim, completamente submissa? — rosnei próximo da sua boca, mordiscando seus lábios juntos. — fico selvagem. Quero foder você bem bruto, por horas. Meter meu pau até o talo em você sem qualquer delicadeza. É isso que faz comigo. — puxei seus cabelos da nuca forçando-a a me encarar. Seus olhos estavam loucamente excitados pela minha boca suja. Ela adora. Por isso, não me canso de repetir: ela é a porra da perfeição! Segurei firme seus pulsos e os amarrei. Meu pau duro cavando em seu ventre. Ela gemeu se remexendo embaixo de mim. Sorri perversamente e saí de cima dela.

— Leon... — miou tentando me puxar com as pernas. Afastei-me ainda mais a admirando lá, presa como uma linda oferenda para mim. Levantei-me e peguei o balde com champanhe e gelo sobre o aparador do outro lado do quarto.

— Você está tão calada, bebê. — provoquei assim que subi na cama de novo. — me diga o que você quer, amor. — sussurrei, acariciando suas coxas. Ela as separou rapidamente. Sorri baixinho, subindo para sua virilha. — será que você quer foder bem gostoso com seu marido? Hum? — disse afastando a calcinha, deslizando meus dedos pelos lábios completamente melados de sua boceta. Não contive um gemido quando meti dois dedos na sua vulva estreita e escorregadia.

— Ahhhhhh! Leon... Amor... — balbuciou rebolando nos meus dedos. Meti bem fundo, enquanto o polegar massageava seu brotinho inchado. — Deus! — gritou. Continuei comendo-a sem dó. Quando estava a ponto de gozar, retirei os dedos. — amor, por favor... — miou de novo, suplicante.

— Shh. Vou brincar um pouco com minha putinha antes de te comer bem forte do jeito que você gosta. — informei tentando parecer controlado, mas meu pau contava outra história. Louco para entrar em seu corpo delicioso. Puxei o zíper lateral do vestido e o arranquei dela em segundos. Os peitos

lindos saltaram livres de sutiã. Usava apenas uma calcinha azul fio dental. Ela adora essas merdas. E eu? Porra! Eu amo sua bunda nelas! Peguei as duas laterais e rasguei o pequeno tecido bruscamente. Ela arfou, suas costas arqueando, levantando do colchão. Fui de novo para cima dela e a beijei suavemente nos lábios. — eu amo seus olhos, amor, mas vou vendá-la de novo. — murmurei já colocando a venda. Ela levantou a cabeça mais uma vez, subserviente, facilitando meu trabalho. Afastei-me para admirá-la um pouco mais. Seu corpo estendido. Sua boca levemente aberta, seus peitos cheios, firmes, sua barriguinha linda e reta, sua boceta depilada, de lábios inchados e rosados. Eu salivei, louco para provar seu gosto. Mas forcei-me a abrir a garrafa de champanhe calmamente.

— Leon... Amor... — sua voz saiu rouca de desejo, ansiosa quando ouviu o eco da rolha saindo. — O-o que foi isso? O que vai fazer?

— Abra bem as pernas, bebê. Quero ver sua bocetinha linda. — ela obedeceu sem questionar. Grunhi quando tive a visão completa dos lábios grossos, sua vulva escorrendo sua excitação. Seu cuzinho delicioso mais abaixo, seu cheiro de fêmea, minha fêmea, invadindo meus sentidos. Inalei bruscamente e enchi uma taça de champanhe. Tomei quase todo o conteúdo e a enchi de novo. — vou provar meu champanhe e você ao mesmo tempo. Gostaria de um gole, *delizia mia*? — disse suave, provocante. Ela sacudiu a cabeça, lambendo os lábios. Avancei sobre ela devagar, meus dedos indo pela lateral de seu corpo, fazendo-a arrepiar-se. — abra a boca, amor. Ponha a língua para fora. — disse baixinho, mas naquele tom que ela não ousava contestar. Seus lábios se abriram e eu deixei a taça acima da sua boca. Derramei o líquido devagar em sua língua. Engoliu sedenta. Deixou-me louco de tanto tesão imaginando-a fazendo aquilo com meu sêmen. Avancei montando em sua clavícula sem forçar meu peso nela e forcei a ponta do meu pau em sua boca. Ela gemeu surpresa, mas o abocanhou gulosa. Fui derramando, banhando todo o meu comprimento com a bebida. Ela rosnou e sugou mais forte, seus lábios esticados ao limite em volta do meu pau. — Cristo! Ohhhh! Isso... Mama bem gostoso... Assim, minha putinha... Abra mais a boca. Quero entrar até sua garganta. Relaxe... Isso... Ahhhhhh! — rugi como um animal, bombeando forte em sua boquinha gostosa. Levantei sua cabeça pela nuca e comi sua boca nessa posição até estar a ponto de gozar.

— porra! Que boquinha mais gostosa! — tentei sair, mas ela deu uma última sugada forte e foi o meu fim. Acabei-me, esporrando em sua boca, rugindo mais, fora de mim, meu corpo todo tremendo. — afaste a boca, bebê. Isso... Deixe só a língua... Ohhhhhhh! Assim... — gemi tomando meu pau pela base, derramando os últimos jatos de sêmen em sua língua. Ela engoliu tudo, ávida, do jeito que imaginei. — Perfeita! Tão perfeita, amor... — sussurrei, recuando e tomei sua boca num beijo apaixonado, suave, premiando-a, adorando-a pelo seu desempenho. — agora é a sua vez, *delizia mia*.

Quebrei o beijo e minha boca desceu devagar pelo seu maxilar, pescoço, clavícula, parei nos peitos generosos e caí de boca neles. Os juntei e mamei neles com força. Deixei os bicos bem eriçados. Peguei a garrafa e derramei champanhe sobre eles, ela arqueou as costas quando sentiu a bebida fria.

— Ahhhh! Deus! — gritou quando minha boca quente abocanhou-os de novo. Estremeceu. Empurrando os peitos na minha boca. Sorri da sua ânsia.

— Isso, minha putinha. Me ofereça os peitos para eu mamar gostoso! — rosnei e mordi os bicos devagar. Ela enlouqueceu embaixo de mim. — quieta! — dei um tapa duro na sua nádega direita. — você é minha para eu fazer o que quiser! Vai ficar aí quietinha enquanto me divirto com esse corpo delicioso que você tem. — ela miou, mas obedeceu. Acariciei onde tinha batido e desci beijando, lambendo toda a sua barriguinha linda. Seus gemidos agora eram baixinho. Quando cheguei à sua bocetinha, posicionei-me, ficando cara a cara com os lábios inchados, a vulva cremosa que parecia gritar meu nome. Peguei a garrafa mais uma vez e ela quase saltou quando o líquido gelado caiu em sua vulva. Minha outra mão foi espalmada em seus peitos batendo-a de volta no colchão. — eu disse quietinha, porra! — rosnei e lambi sua vagina toda de baixo para cima, lentamente.

— Ohhh! Amor... Por favor... — choramingou de novo.

Não disse nada, passei chupar sua vulva e clitóris juntos. Larguei a garrafa e levei as duas mãos abrindo mais sua bocetinha para comê-la à vontade. Meti a língua bem dura em seu buraco. Ela se contorceu gritando, agora. Dei outra palmada do outro lado e continuei comendo sua boceta vorazmente, lambendo, chupando duro e mordendo. Seu creme escorria por toda a sua racha. Enfiei dois dedos em sua vulva e levei para o cuzinho. Ela relaxou rebolando em

minha boca e mãos.

— Você é mesmo uma putinha safada, hein? — grunhi metendo os dois dedos em seu rabinho. Entrou apertado até o fundo. Ela gritou de novo e rebolou mais. — meu pau não sabe o que vai comer primeiro. Essa porra de boceta gostosa e apertada, ou esse cuzinho rosado. — disse, enquanto a mordia devagar no brotinho inchado e meus dedos a fodiam duro na bunda. Ela levantou os quadris da cama e gemeu, convulsionando freneticamente. Mais líquidos jorraram na minha língua.

— Ahhhhhhhhhhhhh! Leon... Oh! Deus! — sua voz quase não sai enquanto gozava na minha boca. Continuei comendo-a assim, mesmo depois que caiu de volta no colchão, seu corpo todo mole, sua respiração entrecortada, seu rosto rubro. A excitei de novo. Não abrandei os golpes no seu rabo. Logo ela estava arfando e gemendo de novo. Só então me posicionei entre suas coxas. Segurei a base do meu pau e o deslizei bem no meio da sua racha para cima e para baixo. Ela levantou os quadris, tentando me puxar para dentro. Dei mais um tapa seco na sua nádega. Ela gemeu e deitou de volta. Arquejando, esperando.

— É isso que você quer, putinha? Hum? — puxei seus cabelos da nuca trazendo sua boca para a minha e estoquei com força, rasgando todo o caminho até o fundo em sua vulva escaldante.

— Ohhhh! Leon... Puta merda! — gemeu tentando se ajustar ao meu volume. Lambi sua orelha, seu corpo relaxou mais. Mordi seu pescoço e ombro. Ela miou, rebolando devagar.

— Isso, bebê. Toma meu pau todinho. — meti até as bolas. Nós dois gemendo de boca aberta respirando uma na outra. — levantei suas duas coxas e as abri largamente amparando-as em meus braços. Olhei para sua boceta apertada engolindo meu pau. Fiquei insano. Tirei tudo e bati de volta, sacudindo seus peitos com o golpe brutal. — toma tudo, porra! Boceta gostosa do caralho! — meti e meti sem trégua, esticando seu canal bruscamente. Mantendo-a toda aberta e imóvel tomando meu pau. Ela era tão delicada embaixo de meu corpo grande e robusto. Alucinava-me o quanto seus buraquinhos eram apertados, mas tomava todo o meu volume sem reclamar, rebolando avidamente. — Cristo! Eu quero viver assim... Comendo você,

minha putinha gostosa! — Aumentei o ritmo das estocadas. Estávamos rosnando, grunhindo, gemendo como dois animais agora. Puxei a venda dos olhos dela e os olhos verdes anuviados se fixaram nos meus. Linda! Tão linda! Retomei a posição, mantendo-a imobilizada e me deitei mais em cima dela. Olhando-a cara a cara. Enquanto meu pau batia dentro dela incansavelmente.

— Ohhh! Eu vou... Amor... Eu... — sua voz foi fraca. Seus olhos ficaram mais escuros, o verde quase todo engolido pela pupila escura. — Ahhhhhhhhhhhh! — gritou, seu canal me estrangulando. Senti seus líquidos banharem meu pau e foi o meu fim. Continuei comendo sua bocetinha pequena com violência, meu pau inchou mais, não desviei os olhos dos dela.

— Porraaaaaaaaaa! Júlia! — meti fundo e rugi alto gozando tão duro, mas tão duro que senti um choque se espalhando por toda a minha coluna. — Ohhhhhhhhhhhh! *Dio!* Muito gostosa... — desabei sobre seu corpo ainda comendo-a. Nossas respirações alteradas. Desamarrei seus pulsos e seus braços vieram ao meu redor, acariciando preguiçosamente minhas costas. Meus golpes foram abrando até que parei, enterrado em seu calor. Meu lugar preferido.

— Humm. Isso foi tão intenso, amor. — sussurrou no meu ouvido.

Levantei meu rosto para olhá-la. Minhas mãos vieram para seu rosto, lindamente afogueado. A beijei reverentemente, lentamente.

— *Si*, perfeito, bebê. — murmurei entre pequenos beijos.

— Perfeito. — assentiu, os olhos incríveis brilhantes. — mas eu preciso testar minhas pernas. Não consigo mexê-las, amor. — disse começando a sorrir. Eu a acompanhei e ficamos assim, rindo, beijando, até que saí de dentro dela devagar, gemendo pela perda de contato. Deitei e a puxei para mim imediatamente. Seu corpo delicado quase completamente em cima do meu. — você tirou um A no quesito criar novas memórias, alteza. — ronronou beijando meu peito e encostou a cabeça no meu ombro.

— Às ordens, *mia principessa*. — minha voz saiu preguiçosa, meu corpo todo relaxado, saciado.

— Desgastei muito você, amor? — sua voz provocante continha um sorriso. Virei a cabeça para olhá-la.

— Sua pequena provocadora. — rosnei baixo. Mas sorri e assenti, puxando-a mais para mim. — provavelmente, *delizia mia*. Foder você fica cada vez melhor.

Ela bufou e sorriu também.

— Um romântico incorrigível, alteza. — murmurou não contendo um bocejo.

Apenas sorri e beijei seus cabelos. Puxei o lençol sobre nossos corpos e o sono nos envolveu.

Ficamos na casa de Angra por três dias, nos amando, passeando de barco. *Si*, construímos novas e deliciosas memórias. Voltamos ao Rio e Emir providenciou um carro para que eu mesmo dirigisse enquanto íamos visitar minha *cara* sogra. Eu quero esclarecer algumas coisas com ela.

— Não, amor, não acho necessário contar à minha mãe toda a nossa história. — Júlia disse-me preocupada assim que informei a minha vontade. — ela surtaria. Minha mãe não é uma pessoa muito sensata.

Eu sabia que a mãe dela era osso duro de roer.

— Eu não quero mais mentiras e omissões, bebê. — disse enquanto estacionava no jardim da casa de Laura.

— Essa história é nossa, amor. Apenas nossa. — disse mais firme. — minha mãe não precisa saber disso. Mas se quiser marcar pontos, peça sua bênção para nosso casamento. Minha mãe vai adorar saber que sua bênção é importante para você.

Eu tirei meu cinto e fui até ela, livrando-a do seu.

— Certo, amor. Vamos fazer dessa forma. — disse acariciando seu queixo. — eu te amo, sabia disso?

— Hum, sim. Eu sei. — sorriu e beijou-me levemente. — eu também te amo. Muito. — sussurrou em meus lábios.

A conversa com Laura não foi tão ruim como pensei inicialmente. Tudo corria bem, ela deu sua benção até fácil demais. Bom, mas não havia muita coisa que pudesse fazer a respeito. Eu e Júlia chegamos a um nível em que nada nem ninguém nos separaria. Era um fato.

— Filha, eu gostaria de falar um instante com seu marido. — a voz baixa de Laura teve-me imediatamente tenso.

Júlia deu um olhar à sua mãe com uma mensagem implícita. Minha linda menina querendo tomar minha defesa. Eu sorri tranquilizando-a. Ela levantou-se e nos deixou a sós na sala.

— Você realmente a ama, não é?

Ela disse assim que Júlia saiu, os olhos escuros avaliando-me. Então um sorriso se abriu em seu rosto. Um como nunca tinha visto, pelo menos não direcionado a mim. Relaxei.

— *Si*, eu a amo com todo meu coração. — afirmei. Seu sorriso se ampliou.

— Júlia me disse como você a surpreendeu no parlamento. Mas você não surpreendeu só a ela. Surpreendeu o mundo. — sua voz estava livre de qualquer sarcasmo. Gostei disso. — você pediu perdão publicamente. Prometeu amar e cuidar da minha menina. Você provou. Convenceu-me do seu amor. Não fosse todas essas ações, bastaria olhar para o rosto da minha filha. Ela está feliz como nunca esteve.

Acenei levemente com a cabeça. Confesso que tive receio do que minha imprevisível sogra me diria.

— Obrigado, sua bênção é importante para nós, Laura. — seus olhos brilharam mais. Júlia estava certa. Acabo de marcar pontos como minha sogra *ex megera*. — Você será sempre bem-vinda em Ardócia.

Ficamos mais um dia no Rio e partimos para Ardócia na tarde de quinta-feira. As próximas semanas seriam intensas. Estaríamos os dois envolvidos com os preparativos para a coroação e cerimônia de casamento que seria um evento só. Finalmente ela teria toda a pompa de um casamento real, como deveria ter sido desde o início. Eu vou fazer tudo, absolutamente para dar um verdadeiro conto de fadas à *mia principessa*.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Dois meses depois...

Júlia

A Ilha de Ardócia está em festa. A imprensa mundial atenta na cobertura do maior evento do palácio nos últimos tempos: o casamento e a coroação do novo rei. Estou cansada de conceder entrevistas. Mas me mantive firme e cedi mais uma à imprensa do Brasil. Todos querem contar a história da *Cinderela* brasileira. Os jornais, as revistas e os tabloides sensacionalistas continuam me chamando assim. Depois que se afastou do trono para cuidar da saúde, o tio de Leon já está quase completamente recuperado. Estamos todos muito felizes, pois o queremos conosco por muito tempo ainda. Damien é sem dúvida, o mais entusiasmado, por ter ganhado mais um para paparicá-lo, agora em tempo integral. Nosso príncipezinho fez um ano no início do mês passado. Leon fez um baile. É isso mesmo. Meu marido fez um baile real para comemorar. Por mim teríamos feito algo menos pomposo apenas a família e alguns poucos convidados. Mas ele discordou veementemente. Eu deixei que fizesse do seu jeito, porque Leon é um pai maravilhoso. É obvio que queria mostrar todo orgulhoso seu príncipe.

Dominic e Jayden vieram. Leon tem conseguido se aproximar cada vez mais dos irmãos. Sempre ligando para saber como estão. Ele tem se esforçado para se fazer presente na vida deles. Os dois ainda não estão completamente à vontade em Ardócia, mas sinto que em pouco tempo serão grandes amigos. Dominic tem nos surpreendido ligando com muita frequência. Tenho um palpite que há outro interesse dele na ilha: Helena. Ele nunca escondeu seu total encantamento por ela. Antevejo problemas, pois os dois são como água e vinho. Helena é toda séria, recatada, enquanto Dom é um libertino assumido. O encontro deles como o anterior, foi hilário. Dom a provocando o tempo todo e ela perdendo a compostura em vários momentos. Apenas ele tinha esse efeito sobre Helena.

Leon será o novo rei de Ardócia dentro de duas horas. Deus! Eu mal o vi nessa semana. Esteve sempre muito ocupado com os preparativos para a

cerimônia dupla. Além disso, combinamos de fazer sexo apenas na noite de núpcias. Dormimos em quartos separados nesse período. Ele quer seguir as tradições. Quem diria, meu lindo e insaciável príncipe ficando sem sexo...

— Cristo! Você é uma vadia sortuda! — minha amiga Kênia acaba de entrar no quarto. Ela chegou há dois dias acompanhada do namorado Stefano. Pela forma como os dois andam grudados acho que teremos outro casamento em pouco tempo. — Leon está de tirar o fôlego. — se abanou teatralmente. — mas ele sempre está, não é? Que príncipe gostoso...

— Cale a boca! Mais respeito com meu marido, sua cadela. — eu sorri enquanto a estilista fazia os últimos ajustes no meu lindo vestido de noiva. O torso era justo delineando meu busto e cintura fina, com pequenos brilhantes descendo em linhas formando uma *v* até a cintura. A saia se estendia ampla cobrindo meus pés e tinha as mesmas linhas de brilhantes em forma de *v* me deixando com aspecto de princesa de contos de fadas. As mangas de uma renda finíssima iam até meus pulsos.

— Eu ainda não acredito. Minha amiga Ju, uma *rainha*. — ela disse baixinho com voz emocionada. — eu te amo, você sabe.

— Deus! Sua cadela, eu te amo também, mas vai me fazer borrar a maquiagem. — grunhi e ela gargalhou da minha boca suja. Aprendi com ela e... Leon. Ruborizo só de pensar no que ele diz e faz comigo na hora do sexo.

— Ei, o que foi esse rubor, Ju? — me olhou desconfiada. — algo a ver com o príncipe gostoso que a está esperando no altar? Cristo! Você se transformou numa vadia pervertida, *principessa*. — zombou se divertindo às minhas custas. Eu bufei. Ela riu mais ainda.

Meu telefone tocou e eu sorri. Era o toque de Leon.

— Oi, amor. — sussurrei enquanto Kênia gargalhava agora. Cretina!

— Oi, bebê. — sua voz suave e alegre acariciou meus ouvidos. — já estou indo para a Basílica. Não demore, amor. Estou tão louco para ver você. Tenho certeza que está causando inveja a todas as princesas daqueles clássicos infantis.

— Amor, você não pode ficar me dizendo essas coisas agora. Vai estragar minha maquiagem. — sorri e acrescentei. — vou ficar parecendo a madrastra

da Branca de Neve.

Ele gargalhou do outro lado. O som rouco, lindo causando-me arrepios de excitação.

— Certo, *perla mia*. — murmurou. — até daqui a pouco.

— Até daqui a pouco, amor. — disse baixinho. — eu te amo.

— Também te amo, *delizia mia*. — sussurrou e desligou.

— Oh, meu Deus! Ju! — Kênia levou a mão ao coração dramaticamente. — onde tem mais príncipes iguais a esse? Porque juro que deixaria Stefano num piscar de olhos se eu achasse... — ele interrompeu-se gargalhando de novo. — ok. Talvez não deixasse meu italiano gostoso. Mas vamos combinar, amiga. Cristo! Seu marido tem pegada!

— Deus! Quer parar de falar assim de meu marido! Comporte-se ou vou trancá-la na masmorra até a cerimônia passar. — disse sorrindo, voltando para a maquiadora continuar seu trabalho. — assim não o ficará secando o tempo todo.

— Querida Ju, a masmorra é muito grande? Porque terá que trancafiar todas as mulheres entre quinze e oitenta anos que estiverem no casamento.

— Sério? Oitenta? — indaguei sem conseguir parar de rir. — você é louca!

— Hum. Ok. Setenta e cinco. — disse fingindo seriedade. Ela é uma vadia maluca, mas eu a amo. — amiga, estou dizendo... Quando vir o príncipe vai entender do que estou falando...

A curiosidade venceu.

— Como ele está? — indaguei e ela sorriu meneando negativamente a cabeça. Cadela!

— Nada disso, *principessa*. — disse pomposa. — espere a sua hora de ver seu príncipe.

— Filha, você está tão linda. — minha mãe entrou no quarto me salvando das loucuras de Kênia. Estava linda como sempre. Ela havia chegado há uma semana. Havíamos tido uma longa conversa e esclarecido algumas coisas.

Não havia mais aquele climão entre ela e Leon. Abriríamos uma agência de modelos no Rio e seríamos sócias. Bem, na verdade, o negócio seria totalmente dela, mas minha mãe é muito orgulhosa, não aceitaria isso. A ideia foi de Leon. Meu marido lindo. — eu estava errada. Ele a ama, bebê. Vai fazê-la muito feliz, eu sei.

— Eu já sou mãe. Eu o amo além da vida. — ela sorriu da minha declaração que parecia exagerada, mas é exatamente assim que me sinto.

— Meu lindo bebê. — sua voz tremeu e me abraçou com cuidado para não me amassar. — eu te amo.

— Também te amo, mãe. Deus! Você vai me fazer borrar a maquiagem. — sorrimos e ela ajudou Kênia a arrumar o véu de dois metros sob a tiara de brilhantes que Leon mandou fazer especialmente para mim. Meus cabelos haviam crescido muito, já estavam bem abaixo dos ombros, mas hoje foram presos num coque elegante. Mantive minha franja caindo na testa, porque Leon gosta assim.

Fui levada por uma carruagem até a Basílica de San Domingo. Um batalhão de repórteres estava na entrada lateral, sendo contidos por um cordão de isolamento e por uma equipe de seguranças. Meu pai surgiu ao lado da carruagem ajudando-me a descer. Flashes dispararam em nós. Ele não conseguiu me dizer nada. Apenas beijou minhas mãos com olhos lacrimejantes. Deus! Parecia um complô para me deixar borrada antes de Leon me ver. Sorri e o abracei. Mais flashes, aplausos. Alguns gritavam votos de felicidades. Então, meu pai se recompôs e me guiou pelo tapete vermelho que ia desde a calçada, subindo pelos degraus e sumindo embaixo das amplas portas da Basílica que estavam fechadas. Paramos na frente e eu tomei uma respiração profunda. Lá dentro meu marido, o homem que amo mais do que palavras podem explicar está me esperando. Nós conseguimos chegar até aqui. Não tive tempo para me emocionar porque como por mágica as grandes portas se abriram. Meu coração saltou violentamente no peito, quando vi o interior lotado, ricamente decorado. O tapete se estendia até o altar. Os saltos aumentaram no meu peito, porque Leon se virava naquele instante para me olhar.

Oh! Meu Deus! Kênia tinha razão. Meu lindo príncipe estava realmente

de tirar o fôlego. Usava um traje militar negro com divisas e botões dourados. Uma espada pendia de seu quadril. Seus cabelos estavam mais longos, abaixo dos ombros. Ele os prendeu do jeito que eu amo, como um samurai. Os olhos escuros cravaram-se em mim. Inalei o ar num barulho que os mais próximos com certeza ouviram. Meu pai avançou devagar e eu me obriguei a dar o primeiro passo, as pernas ridiculamente trêmulas. No momento em que meu pé tocou o interior do recinto, o som de violinos preencheu o ambiente. Mesmo no meu total encantamento, percebi que eram os acordes de *In My Place* de Coldplay. Lágrimas vieram aos meus olhos, pisquei freneticamente para afugentá-las. Os olhos escuros de Leon nunca me deixaram no meu percurso, até estarmos frente a frente. Tomou minhas mãos beijando-as com olhos brilhantes. Tive que piscar mais para impedir as lágrimas de descerem, mas falhei. Elas desceram. Ele sorriu ternamente e levantou meu véu. Um *oh!* Coletivo soou na Basílica. Suas mãos vieram suaves limpando minhas faces. Seus olhos me dizendo o quanto estava emocionado também. Sua boca desceu sobre a minha e novo *oh!* Dessa vez mais alto encheu nossos ouvidos, porque meu marido havia acabado de quebrar completamente o protocolo real.

Ouvimos um leve pigarrear e nos viramos para o Arcebispo que parecia desconcertado quando falou baixinho:

— Esperem o fim da cerimônia, altezas...

Ouvi as risadas baixas de Dominic e Jayden que estavam no altar como padrinhos de Leon. Sim, eles vieram. Eles estão mais próximos a cada dia. Meu marido tem se empenhado muito em incluir seus irmãos nos acontecimentos familiares. Damien ajudou bastante, pois os tios caíram de amores pelo nosso pequeno príncipe. Até Jayden parecia menos arisco. Ainda soltava comentários cínicos, mas eram mais raros agora. Ele amava Damien. Quem diria que aquele marrento tatuado se derreteria todo por uma criança.

Leon sorriu-me, aquele riso, sexy, arrogante, pecaminoso me dizendo que faria muitas coisas sujas comigo mais tarde. Puta merda! Beijou minhas mãos de novo e nos ajoelhamos frente ao Arcebispo. Eu não contive as lágrimas de novo quando ele disse os votos prometendo me amar, respeitar e cuidar para o resto de nossas vidas. A coroação foi em seguida. Leon estava sereno, lindo. Quando o rei colocou a coroa ornada de diamantes vermelhos em sua cabeça eu arquejei, porque ele já era de tirar o fôlego, mais agora... Agora Leon

estava simplesmente perfeito, magnífico, régio. Era um rei. Em seguida ele colocou a pequena e delicada coroa em minha cabeça. Nossos olhos trancados um no outro. Dizendo-nos silenciosamente como nos amamos, mas também agradecendo por termos sido fortes para chegar até aqui.

— Vamos, *mia regina* [59]. — ele sussurrou tomando-me pela mão. — o povo quer nos ver e festejar conosco. — explicou me levando pela ampla nave da Basílica. Seu manto vermelho arrastando no chão enquanto éramos seguidos por uma pequena procissão. Nobres e chefes de Estado de todos os continentes foram convidados para a cerimônia. Entramos na carruagem e fizemos todo o trajeto até o palácio de novo. Todo o percurso, ladeado de pessoas, que sorriam, ovacionavam, davam vivas. À frente e atrás da carruagem seguiam batedores e a guarda real montada. Ele me prometeu um conto de fadas, mas isso estava além de qualquer coisa que já havia sonhado.

— Eles o amam *mio re*. [60] — sussurrei acenando para a multidão abaixo da sacada frontal do palácio. Um casamento real é um evento muito festejado pelo povo, Leon havia me explicado todos os costumes.

— Eles a amam também, *mia regina*. — Leon sussurrou na minha orelha, enquanto ouvíamos os gritos que a multidão lá em baixo entoava *Salve o rei! e Salve a rainha!*

— Vou ter que chamá-lo de majestade agora? — o provoqueei, emitindo uma promessa sexual nos meus olhos. Os olhos negros brilharam e um sorriso perverso brincou na boca sensual.

— Comporte-se, *delizia mia*. Somos os donos da festa. Precisamos cumprir todo o protocolo. — cochichou no meu ouvido e então me beijou sob nova onda de aplausos e assovios da multidão.

Leon pediu que a babá trouxesse Damien. Segurou nosso pequeno príncipe e enlaçou minha cintura com o braço livre. O povo aplaudiu novamente enquanto os flashes espocavam de todos os lados. Dominic e Jayden também estavam ao lado de Leon. Helena esteve se esquivando, mas a convidei para se juntar a nós. Não havia mais nenhum tipo de mal-estar entre nós duas. Helena mostrou ser de fato a pessoa especial que Leon tanto ama e confia. Abri meu coração para ela, por ele. Mas nesse meio tempo, me vi

apreciando-a cada vez mais. Passei a admirá-la pela forma serena e abnegada com que simplesmente me aceitou. Não sei se seria capaz de tanto desapego se estivesse no lugar dela. Ultimamente tenho pensado cada vez mais que o amor de Helena por Leon não devia ser tão forte assim. Não era desses sentimentos que nos varrem o chão, nos tirando completamente do eixo, como o que eu sentia por ele. Em uma de nossas conversas ela me disse que seguiria procurando um homem que a olhasse como Leon olha para mim. Que não aceitaria menos que isso. Estamos construindo uma sólida amizade. Ela encontrará um bom homem que a ame como merece, pensei ao mesmo tempo em que vi Dominic estender a mão para recebê-la. Helena ruborizou ao tocar a mão dele e percebi novamente aquela troca silenciosa entre os dois. Talvez já tivesse encontrado. Será? Bom, isso é outra história. Concentrei-me novamente na figura imponente e devastadoramente bela do meu marido, o rei de Ardócia. Sim, os príncipes encantados existem, sorri para ele que acaba de encontrar meu olhar.

Leon

Finalmente consegui entrar no quarto com a minha mulher. Parece que demorou uma eternidade. Eu estou louco por ela. Ficamos uma semana sem sexo. Uma semana! Quem inventou essa tradição era um bastardo maldito! Eu quero minha mulher agora!

— Estou louco para arrancar esse vestido de você, bebê. — sussurrei em seu ouvido virando-a de costas para mim, minhas mãos delineando sua cintura fina, indo até os peitos generosos. — mas vou foder você com ele primeiro. Estive malditamente duro toda a cerimônia. Sentindo seu cheiro. Imaginando-me levantando essa saia e comendo sua bocetinha bem forte por trás. — afastei o véu e enfiei meu nariz em sua nuca inspirando seu cheiro delicioso. Desfiz seu coque. Os cabelos que amo já estavam bem mais compridos. Mordi seu pescoço e orelha e ela se desmanchou em meus braços.

— Leon... — gemeu pendendo a cabeça em meu ombro. Eu amo esse gesto. É ela se entregando completamente para mim. Confiando em mim.

— O que você quer, *delizia mia*? — minha mão cavou entre suas pernas na sua bocetinha. — diga bebê. Você quer meu pau aqui? Hum? — apertei sua pélvis por cima das camadas de roupas.

— Sim... Oh! Amor... — grunhiu reboando em minha mão. — *al mio re tutto.* [\[61\]](#)

Eu rosnei ao ouvir sua declaração com seu italiano sexy e a empurrei para a parede grosseiramente.

— Eu vou cobrar isso, minha putinha. Coloque as mãos na parede. — disse rude levantando as camadas intermináveis de sua saia. — eu vou comer você bem duro. Vou meter bem fundo em sua bocetinha gostosa.

— Leon... — ela apertou as pernas.

Minha mão desceu num tapa forte na sua bunda linda.

— Abra as pernas! — rosnei abrindo minhas calças com urgência. Ela obedeceu imediatamente. Abaixei e lambi onde tinha batido, beijei e chupei toda a sua linda bundinha. Puxei os lados da sua calcinha branca fio dental e a rasguei. — sua provocadora de pau! — dei outro tapa do outro lado e em seguida meti minha língua na sua vulva melada indo até o cuzinho rosado. Enfiiei dois dedos em seu buraquinho escorregadio e continuei lambendo seu rabinho. Ela estremeceu, gemendo alto. Sorri e levantei me alinhando na sua vulva pequena. Sempre molhadinha. Perfeita para mim. Empinei mais sua bunda e estoquei com força até o cabo. Ela gritou se sacudindo para frente.

— Segure-se Júlia! Ou eu vou bater nessa bunda deliciosa até deixá-la vermelha, porra! — rosnei.

— Leon! Oh! Deus! — balbuciou gemendo, sua bocetinha toda esticada em volta do meu pau.

— Essa é a porra da visão mais perfeita... Meu pau todo enterrado na minha putinha gostosa! — gemi puxando tudo e batendo de volta duramente, sacudindo-a. Enrolei uma mão em seus cabelos da nuca. Eu amo fazer isso com ela. Cavei a outra em seu clitóris e o belisquei. Ela gritou, eu uivei comendo-a sem trégua. Meti cada vez mais forte e profundo. Ela tomando tudo sem reclamar. Minha! Completamente minha!

— Oh! Leon... Eu não vou aguentar... Amor eu vou.... Ahhhhhhhhhhh! — gritou alto.

Eu sorri puxando sua boca para a minha e devorei-a num beijo indecente

de olhos abertos. Ela gozava estremecendo, me apertando em seu canal deliciosamente quente.

— Goze, minha putinha! Goze no pau do seu rei! — continuei estocando forte. Enterrando-me até o fundo. — cristo! Vou gozar tão duro, bebê! Ohhhhhhhhh! — meti bem fundo e joguei a cabeça pra traz emitindo um rugido animalesco, esporrando, jorrando e jorrando em sua bocetinha quente e apertada. — *deliziosa...* Perfeita... Tão perfeita, amor... — sorri sentindo minhas pernas cederem. — *Dio!* Você vai me matar de tanto prazer, *mia regina*.

Ela me olhou por cima do ombro e sorriu também. Ofegante, linda!

— Eu amo tanto você, bebê. — sussurrei puxando seu queixo para um beijo, dessa vez mais suave.

— E eu a você, meu rei. — ela sussurrou nos meus lábios.

Gemi e sai devagar de dentro dela. Tomei-a nos braços e levei para a cama. A deposei com infinito cuidado e a despi adorando cada pedacinho da pele de pérola. Retirei sua coroa e desprendi o véu. Ela fez questão de me despir, me devorando com os olhos de esmeralda, me torturando com seus lábios e língua no meu peitoral e abdome. Nos deitamos nus nos braços um do outro. Beijamo-nos lenta, gostosa e apaixonadamente por muito tempo, apenas nos acariciando. Tomando o nosso tempo. Sussurrando nosso amor nos lábios um do outro. Ela tomou minha mão e a levou espalmada a seu ventre. Passei a fazer pequenos círculos em sua pela macia. Levantou a cabeça do meu peito, uma luz radiante em seus olhos.

— Ainda não dá para senti-lo, mas estou grávida, amor. — sussurrou feliz. — nosso segundo filho está aqui dentro.

Minha mão congelou os círculos que estava fazendo em seu ventre. Quando eu penso que não poderia ser mais feliz... Inverti as posições, meus olhos se voltaram para seu ventre ainda liso. A encostei nos travesseiros e deposei beijos suaves em sua barriga. Murmurei palavras carinhosas para o pequeno ser em italiano. Nosso segundo filho. Ou filha.

— Estarei do seu lado em todos os momentos, *tesoro mio*. — prometi beijando-lhe os lábios, selando a promessa. — e vou ser menos exigente na

hora do sexo enquanto estiver carregando *nostro bambino*.

Ela sorriu corando. Eu amo isso nela. Seus olhos cheios de lágrimas não derramadas me fitavam com infinito amor. Mas sorriu dizendo, travessa:

— Você menos exigente, amor? Hum, não sei não...

— Sua pequena provocadora... — sorri olhando-a nos olhos. Mas voltei a ficar sério. — vou mimar e cuidar de você como deveria ter sido com Damien, amor. *Dio!* Nunca vou me perdoar por...

— Shhhhhh. — seus dedos me calaram, seus olhos iluminados como duas pedras preciosas. — Vamos deixar isso para trás, amor. Estamos juntos agora e vamos permanecer assim.

— Para sempre, bebê. — sussurrei em seus lábios. — é assim que te amo. Para sempre.

— Hum... Você roubou minha declaração. — ela fez biquinho. — eu ia dizer exatamente isso.

— Diga, *delizia mia*. Diga que ama o seu rei. — murmurei levantando uma coxa macia para meu quadril.

— Eu te amo, meu rei.

— O quanto você me ama, bebê? — pedi esfregando meu pau já completamente desperto em sua boceta quente.

— Muito, amor. — seus olhos brilharam de amor, desejo, tesão, todos os sentimentos que eram meus também. — eu te amo para sempre. — sussurrou chupando meu lábio inferior.

— Isso é perfeito, amor, porque nunca vou deixar você ir.

— Eu nunca vou querer ir.

— Eu te amo. — murmurei e a beijei suavemente.

— Eu te amo mais. — ela sorriu nos meus lábios.

— Isso é impossível, bebê. — beijei todo o seu lindo rosto. — Vou cuidar de você e de nossos filhos com a minha vida, *perla mia*. Eu prometo.

— Eu sei disso, amor. Sei cuidará de mim e de todos os filhos que

tivermos.

— Quantos têm em mente? — sorri da disposição da minha linda menina.

— Talvez mais um, ou dois. — disse acariciando meu peito. — E você?

— Eu? — posicionei-me em sua entrada estreita e com meu sorriso arrogante de *quero mais sexo agora* me afundei no calor de sua bocetinha lentamente. Ela arquejou, seus olhos denunciando seu prazer. Sussurrei: — viverei para realizar seus desejos, minha rainha. — e tomei sua boca num beijo apaixonado deixando claro que só voltaríamos a falar mais tarde... Bem mais tarde...

EPÍLOGO

Um mês depois...

Júlia

Estávamos eu, Leon e Damien nos despedindo de Helena no aeroporto. É isso. Helena está deixando Ardócia. Ela nos informou há dois dias assim que voltamos da lua de mel pelas ilhas gregas. Suspiro só em lembrar como meu rei foi maravilhoso nesse período de quase um mês em que estivemos viajando.

Helena recebeu uma proposta para trabalhar como relações públicas em uma companhia mundialmente famosa com sede em Nova Iorque. Leon ainda resistiu um pouco. Mas eu o convenci a deixá-la ir. Helena precisa encontrar a si mesma. Viver a vida que deixou passar até então. Viveu encerrada em Ardócia desde muito cedo sonhando com algo que nunca veio. Era hora de seguir em frente. Eu entendia perfeitamente seu desejo de deixar a ilha. Se afastar. Dominic também estive na ilha nesta semana. Estava desenvolvendo um projeto para doar computadores à algumas escolas e orfanatos. Ele parece cada vez mais apaixonado por Ardócia. Estará voando hoje também para Nova Iorque, mas Helena não quis ir com ele. Leon apoiou a decisão e disponibilizou seu jato particular para levá-la.

Ela parou à frente da escada do jato. Tomou uma respiração profunda e virou-se para nos encarar.

— Prometo que mantereí contato, *caro mio*. — disse olhando para Leon, que tentava conter os avanços de Damien em direção à ela.

— Tome cuidado, Helena. Nova Iorque pode ser muito perigosa para uma mulher sozinha. — alertou, sério. — se você ao menos aceitasse ficar no meu apartamento. A segurança lá é impecável.

— Já falamos sobre isso, Leon. — ela disse em tom firme. — sou adulta. Quero viver minha vida. Não vou abandonar Ardócia, nem vocês. Quero apenas conhecer outras realidades.

Leon resmungou, mas assentiu. Ela abraçou aos dois de uma vez. Quando se voltou para mim, os olhos exóticos estavam nadando em lágrimas. Meu coração apertou com o quanto a situação era injusta. Ela viveu aqui praticamente a vida toda e agora precisava se distanciar apenas porque amou e não foi correspondida. Deus! Queria que ela não precisasse ir assim. A ilha era o único lar que conheceu. Não era justo que saísse, ainda por cima com um coração partido.

— Cuide desse resmungão para mim, Júlia. — ela sussurrou me abraçando também.

— Pode deixar. — prometi, já com voz embargada. Sempre fui chorona de carteirinha, mas os hormônios da gravidez estavam me deixando ridícula. — não demore a nos visitar. — completei.

Ela acenou levemente com a cabeça e me olhou tentando manter a compostura a todo custo, mas as lágrimas venceram e suas faces foram banhadas. Oh! Merda! Meus olhos transbordaram também. Leon nos olhava com uma ruga no meio da testa obviamente se perguntando por que diabos chorávamos. Às vezes me pergunto se ele nunca desconfiou do amor de Helena por ele. Aí percebo que não. Leon jamais soube. E nem saberá. Não por mim, pelo menos. Eles têm uma relação bonita que seria alterada para sempre se a natureza dos sentimentos dela fosse revelada. Tem coisas que é melhor não mexer. Ela será feliz. Encontrará seu caminho e Leon continuará amando-a como uma irmã. É assim que deve ser.

Ela beijou Damien nas duas faces, sussurrou palavras carinhosas em italiano e virou-se subindo a escada com passos firmes. Ficamos em silêncio olhando-a até sumir no interior da aeronave.

— Espero que ela consiga encontrar o que procura. — Leon sussurrou enlaçando minha cintura me puxando para ele. — vamos, *perla mia*. — beijou meus cabelos. — esse sol está muito quente para você.

Eu revirei os olhos e sorri. Desde o momento que revelei que estou grávida, Leon tem me mantido numa redoma. Não me deixa fazer praticamente nada. Nem carregar Damien no colo. Apesar de amar o cuidado e carinho de meu marido, às vezes ele exagera. Viramos em direção à limusine. Mas estaquei quando cheguei à porta aberta.

— O que foi, amor? — ele quis saber, com expressão preocupada. — está sentindo alguma coisa, bebê? Alguma dor? — seu tom era baixo, apreensivo, agora.

— Não, amor. Não estou sentindo nenhuma dor. — neguei e me afastei da porta sob seu olhar confuso. — preciso dizer algo à Helena que acabei esquecendo. Volto logo. — informei beijando-o suavemente nos lábios. Ele assentiu apesar de seu rosto ainda mostrar confusão.

Helena

Consegui a muito custo entrar no jato sem olhar para trás. Só eu sabia o esforço que me custou. Precisei fingir uma força que estou longe de sentir. Júlia chorou por minha causa. Ela é uma boa mulher. Por isso, estou me afastando de vez. Ardócia foi meu lar por muito tempo, mas tornou-se muito difícil para mim continuar aqui. Leon está feliz como nunca o vi antes. Júlia o ama como ele merece ser amado. Eu estou sobrando nessa história. Sentei-me numa poltrona junto à janela. Olhei a paisagem verdejante das colinas e montanhas ao longe. Minha querida e amada Ardócia. Meus olhos se encheram de lágrimas de novo. Foi mais forte do que eu. Coloquei o cinto e abracei a mim mesma tentando conter os tremores do meu corpo. Foi inevitável. As lágrimas caíam abundantes agora. Como se uma barragem tivesse finalmente se rompido, lavando tudo dentro de mim. Meu corpo se sacudiu todo e soluzei alto.

— Alteza [\[62\]](#), a senhora está bem? — uma das comissárias de bordo veio até mim, solícita.

Não. Oh! *Dio mio!* Não estou bem. Estou sangrando por dentro.

— Eu... Apenas desabafando... Obrigada... Não se preocupe. — me obriguei a dizer entre soluços. Ela não pareceu muito convencida. Assentiu com uma expressão preocupada, foi até os fundos do avião e voltou com um copo de água. Peguei-o, minhas mãos tremendo descontroladamente. Eu raramente deixava me dominar pelas emoções. Aprendi a controlá-las muito cedo. Tive que fazer anos de terapia para controlar a síndrome do

pânico[63]. Sou uma sobrevivente do descaso da minha família. Teria morrido se não tivesse sido salva por Leon. Pronto. Lá estava eu de novo pensando nele. Tomei o líquido avidamente e puxei algumas respirações. A moça simpática continuou lá como se me encorajasse a reagir. Aos poucos fui me acalmando. Devolvi o copo e agradei. Ela me deu um sorriso gentil e voltou para seu trabalho. Fechei os olhos. As lágrimas ainda desciam, silenciosamente. Um movimento na porta do jato me fez abrir os olhos de novo. Júlia estava lá, parada.

— Podemos falar um instante, *cara mia*? — sua voz foi muito suave.

Balancei a cabeça surpresa, confusa. O que ela queria? Havíamos acabado de nos despedir. Senti-me envergonhada por ela me ver assim.

— Vamos até o quarto. Teremos mais privacidade. — tornou, analisando-me com seus olhos muito verdes.

Tirei o cinto e a segui pelo corredor. Quando entramos no quarto, ela parou no meio e virou-se para mim. Parecia tão abalada quanto eu.

— Algum problema, Júlia? — indaguei, minha confusão crescendo pela forma como me olhava, como se conhecesse meus segredos mais profundos.

— Eu sei, Helena. — disse no mesmo tom suave que era característico dela. — sei que o ama.

Meus olhos se alargaram. Não havia necessidade de esclarecer de quem ela falava. Nós duas sabíamos. Eu sempre soube que ela percebeu a natureza dos meus sentimentos por Leon. Suspirei, rendida.

— Estou tentando deixar de amá-lo. Não precisa se preocupar com isso. Nunca faria nada para atrapalhar o relacionamento de vocês. Sabe disso, não é?

— Sim, eu sei. — afirmou, serena. Sua confiança em mim trouxe mais lágrimas aos meus olhos. — não foi por isso que vim até aqui, Helena. Estou preocupada com você, na verdade. — revelou, seus olhos pesarosos. — Ardócia é a sua casa. Não acho justo você sair assim...

— Eu preciso ir, Júlia. Vivi tempo demais presa a uma ilusão adolescente. — suspirei, resignada. — sou adulta, agora. Preciso viver a minha vida. Ver o

mundo fora da ilha.

— Sim, entendo. Só queria que as coisas fossem diferentes e você pudesse ficar conosco.

Ela era mesmo uma mulher especial. Era fácil entender porque Leon a amava tanto. Forcei-me a abrir um pequeno sorriso.

— Leon tem a você, agora. Ele não poderia ter feito uma escolha melhor. É fácil entender porque ele a ama tanto. — tomei uma respiração ruidosa. — faça-o feliz. Seja feliz com ele. Vocês merecem depois de tantos enganos e desencontros.

Os olhos dela brilharam intensamente. Ela sorriu também.

— Você também será feliz, *cara mia*. — afirmou. — encontrará esse homem que irá olhar para você e amá-la como merece. Você verá. Assim que parar de doer, verá que não é o fim do mundo. — andou lentamente até mim, parando bem perto, me olhando nos olhos. — eu também gostei de alguém uma vez antes de Leon. — sorriu quando viu minha surpresa. — quando Marcelo me deixou no Brasil e foi morar em Paris achei que meu mundo estava acabado. Paixão adolescente. — sorriu mais, meneando a cabeça levemente, como se a ideia fosse ridícula agora. — Mas o tempo passou e eu esqueci. Esqueci porque ele não era o homem da minha vida. Quando encontrei Leon. Ou melhor, quando ele me encontrou. — riu de novo. — Percebi que tudo que havia sentido antes dele era pálido, ridiculamente pálido comparado ao turbilhão de emoções que ele me fez sentir.

Eu estava cada vez mais confusa. Onde queria chegar? Ela continuou:

— O que estou tentando dizer é que Leon não é o homem da sua vida. Você não teria desistido tão fácil, Helena. Já se perguntou aí dentro? — apontou para meu coração. — o homem que vai balançar seu mundo, mexer com tudo dentro de você, tirá-la do seu eixo, ainda está em algum lugar esperando por você. Quando encontrá-lo se lembrará do que estou dizendo. E você não vai desistir dele tão facilmente. Vai lutar por ele.

Eu fiquei muda. Não entendia o que ela estava dizendo, mas numa coisa estava certa. Nunca lutei por Leon. Sempre me mantive perto, no entanto, conformada, resignada com suas muitas aventuras. Achei que em algum

momento olharia para o lado e me veria, mas isso nunca aconteceu. Meu amor por ele não era esse turbilhão de emoções que acabou de descrever. Era tranquilo. Eu o venerava, o admirava. Foi o único homem que permiti estar perto de mim. Acho que esse foi o meu erro. Nunca dei oportunidade aos outros que me cortejaram desde a adolescência. Sonhei ser sua princesa, mas nunca fiz nada a respeito. Senti-me de repente patética. Talvez Júlia estivesse certa, afinal. Estou confusa agora. A única coisa que sei é que ainda dói e preciso lamber minhas feridas bem longe.

— Obrigada por me dizer tudo isso, *cara mia*. — disse baixinho, minha voz embargada. Nós duas estávamos chorando de novo.

— Eu gostaria de continuar contando com sua amizade, Helena. — ela pediu tomando minhas mãos ainda trêmulas nas suas. — Leon a ama. Vá lá fora, encontre-se com você mesma, mas volte sempre para nós. Aqui continuará sendo a sua casa.

Oh! *Dio mio!* Ela vai não vai mesmo facilitar para mim, não é? Sorri entre lágrimas e a abracei. Seus braços vieram ao redor de mim. Solucei de novo. Ela se afastou depois de alguns instantes. Seus olhos de esmeralda como Leon chamava, me fixaram cheios de emoção, doçura. Eu não conseguiria odiá-la nem se quisesse muito, o que eu definitivamente não quero.

— Obrigada. Voltarei sempre que puder, prometo. — disse limpando meu rosto. Ela limpou o seu também.

Assentiu e virou-se indo até a porta.

— Cuide-se, *cara mia*. — sussurrou, sorriu-me de novo e saiu.

Eu caí, sentada na cama. Meu peito inexplicavelmente mais leve. *Si*, eu seria muito, muito feliz. A próxima vez que amar, serei correspondida. Encontrarei esse tal homem que Júlia falou em algum momento. Dei a mim mesma um bom discurso de *vou conseguir*. Tomei meu tempo me recompondo. Quando me virava para sair ouvi a voz do comandante informando que levaria mais alguns minutos para decolar, pois o príncipe havia acabado de subir a bordo. Leon? O quê? Pisquei confusa por alguns instantes, mas depois a compreensão veio como um raio: Leon não era mais príncipe. Era um rei, agora. Oh! *Dio Santo!* Fechei os olhos com força. Dominic estava a bordo.

— Olá, princesa. — sua voz sexy encheu meus ouvidos. Meu coração saltou loucamente como fazia todas as vezes em que ouvia sua voz. Abri os olhos e virei me preparando mentalmente para olhá-lo. Mas como sempre não funcionou, fui engolfada pela imagem irreverente e soberbamente bela à minha frente. Ombro direito encostado no portal, um pé cruzado sobre o outro, displicente. Seu terno escuro sob medida, delineando os ombros amplos. Enfiou as mãos nos bolsos das calças. Os olhos verdes escuros se estreitaram, flamejando sobre mim, devorando-me descaradamente como sempre fazia desde o primeiro momento em que nos vimos quando acompanhei Leon no encontro de Nova Iorque. Sua boca se curvou num sorriso ao mesmo tempo charmoso e predador, mostrando os dentes brancos, perfeitos e as covinhas *maledetas*. Ele deve ter passado anos aprimorando esse sorriso para ter exatamente esse efeito nas mulheres. Até eu ficava de pernas bambas. Mas aposto que todas reagem assim a ele. Não vou dar um segundo pensamento a isso. — Então, passei na inspeção? — sussurrou, os olhos verdes zombando de mim claramente por me flagrar admirando-o.

Senti meu rosto incendiar. Odeio esse idiota!

— O que faz aqui, Dominic? — cuspi, obrigando-me a não fazer papel de adolescente deslumbrada, porque ele era, de fato, absurdamente bonito e era bem consciente disso. Convencido! — você não tem o seu próprio avião?

Os olhos verdes inflamaram mais. Seu sorriso se ampliou. O idiota adora me provocar, me tirar do sério.

— Achei que se sentiria muito solitária... Então, aqui estou, princesa. Sou todo seu por oito horas seguidas.

Revirei os olhos. Ele sorriu de novo e começou a avançar para mim devagar. Seu andar elegante, macio, como uma pantera prestes a atacar sua presa. Os olhos verdes intensos me prendendo.

— Quem disse que quero sua companhia? — bufei alto. Ele continuou avançando. Não tive outra opção senão recuar alguns passos. Minhas costas bateram no armário. Ele parou muito perto, apoiou uma mão acima da minha cabeça. Seu cheiro delicioso, embriagador me assaltou os sentidos e arfei baixinho. Os olhos verdes brilharam mais intensamente com minha reação. Eu odeio me sentir assim justo por ele.

— Seus olhos, princesa. — sussurrou bem próximo da minha boca. — seu corpo. Apesar de sua boquinha linda ainda continuar me dizendo não. Todo o resto me grita um sonoro SIM! — levou uma das mãos para minha nuca e puxou-me bruscamente para ele. Um leve gemido escapou da minha garganta.

— Largue-me, seu idiota! — tentei reagir. Mas minha voz saiu ofegante. Sua proximidade, seus olhos, seu cheiro, sua boca sensual quase tocando a minha me drogava os sentidos. *Dio!* Não posso ceder a ele. Dominic é um libertino assumido. Apenas brinca com as mulheres. Não vou ser mais um entalhe na sua cabeceira.

— Consegue me parar, princesa? Hum? — murmurou puxando meu lábio inferior com os dentes. Eu tremi. Uma sensação quente se espalhando por todo o meu ventre, subindo para meus seios. Me puxou pela cintura e me colocou a seu corpo grande, duro. Gemi de novo, quando senti sua excitação óbvia em minha barriga. Ele era muito bem dotado. Já havia sentido em Nova Iorque, quando me beijou e cerca de cinco segundos depois estava aos beijos com uma loira peituda. Cretino! Sorriu em meus lábios. Como se soubesse o que estava na minha cabeça. Um som rouco, íntimo, devasso. Olhando-me como se tivesse fazendo sexo comigo mentalmente. — Oh, você tem fogo aí dentro, não é? Eu sempre soube disso, alteza. Adoro as metidas a recatadas. Essas sempre surpreendem na cama. Aposto que você grita quando está gozando. Diga-me, princesa. Gosta de uma boa sacanagem, não é? — se esfregou em mim me fazendo gemer de novo. Puxou meus cabelos da nuca. Minha calcinha molhou, meu corpo todo respondendo contra a minha vontade às suas palavras vulgares. — gosta de ser fodida bem duro e forte? Ou prefere lento e suave? Dom atende todos os gostos, querida...

Leon

Desci os degraus da escada de pedra para a nossa praia particular. Enrolei minhas calças e tirei os sapatos. Avistei Júlia a alguns metros. *Mio bambino* correndo pela areia. Avancei para eles, meu coração enchendo-se de alegria por vê-los. Estive fora por uma semana. Ela estava de costas olhando o oceano. Seus lindos cabelos loiros tremulavam ao vento, já desciam quase até sua cintura. Eu amo seus cabelos. Eu amo tudo nela. *Mia bella regina*. As babás estavam atentas aos movimentos de Damien. Pousei os olhos na figura da minha linda menina de novo. Meus olhos sedentos, devorando cada detalhe

da silhueta alta e esbelta. Usava uma saída de praia branca transparente. Desse ângulo nem parecia que estava grávida. Então, ela se virou como se sentisse meus olhos. Seu sorriso se abriu lindamente, seus olhos de esmeralda brilharam para mim. Fui golpeado pelo desejo, amor, paixão, como sempre acontecia ao vê-la.

— Oi, bebê. — sussurrei, enlaçando-a pela cintura já bem arredondada pelos seis meses de gravidez. — que saudade, amor.

— Oi, amor. — murmurou, seus braços subindo para meu pescoço. — sentimos tanto a sua falta.

Desci minha boca sobre a dela num beijo esfomeado. Segurando-a bem junto a mim. Não me importando com a presença das babás. Éramos assim, famosos por nossas demonstrações públicas de afeto. Foda-se! Ela é minha mulher. É minha e eu sou dela. Ninguém vai me impedir de beijá-la quando eu quiser. Ela gemeu, eu gemi. Nosso beijo era indecente agora. Ok. Criança e babás por perto. Obriguei-me a quebrar o contato. Sorri ao ver seus olhos anuviados me dizendo o quanto me queria. Pronta para mim...

— Papai. — a vozinha infantil de Damien me fez virar em sua direção. Ele vinha correndo com seus passinhos instáveis por causa da areia, sorrindo.

— *Tesoro mio!* — exclamei e abaixei-me para tomá-lo nos braços. Rodopiei com ele levantado acima da minha cabeça. Ele gargalhou, o som mais perfeito. *Mio piccolo*, adora essas brincadeiras. — está cada dia mais pesado! Cuidou bem de sua mamãe para mim? Hein? Cuidou da nossa rainha e da nossa princesinha? *Si?* — ele riu mais como se me entendesse perfeitamente. — eu sabia que podia confiar em você, *figlio mio*. — o beije nas duas faces.

Desviei os olhos para Júlia de novo. Ela nos observava com seus olhos doces. Tão linda. A gravidez a deixou mais radiante, sua feminilidade a florada. Lamentava-me constantemente por não tê-la visto grávida de Damien, mas ela me repreendia. Dizia-me que tudo que passamos foi para nosso amadurecimento. Que agora éramos fortes. Nada nos separaria.

— E *mia principessa?* — sussurrei, colocando Damien no chão, voltando-me para Júlia. Toquei sua barriga avantajada. Ajoelhei-me e deposei beijos suaves, conversando com *mia bambina*. Júlia sorriu amplamente. — ainda

deixando sua mamãe sem dormir por causa dos chutes? *Si? Tuo padre é qui, piccola mia. Sua madre* precisa descansar. Seja boazinha e chute apenas durante o dia. — Júlia gargalhou, agora. Até as babás estavam tentando conter o riso virando-me as costas. Eu sei, eu sei, deve parecer cômico, mas outra coisa que não abro mão é de mimar meus filhos. Eles e a mãe deles são tudo de mais precioso que tenho. Eu cuido bem do que é meu.

— Ela esteve mais tranquila essa semana. — Júlia disse suavemente. — mas, mesmo assim não dormi muito bem... — completou baixinho, seus olhos com aquele brilho travesso. Ela ficou insaciável com os hormônios da gravidez. E eu? Nem preciso dizer o quanto adorei isso... — senti sua falta. — sussurrou me enlouquecendo de vez, meu pau se sacudindo, ganancioso, indisciplinado.

— Vamos deixar Damien brincar mais um pouco com as babás. — disse, ficando de pé. A levantei no colo. Seus olhos se inflamaram mais, sabendo o que viria a seguir. — vou foder minha mulherzinha bem gostoso a tarde inteira. O que me diz disso, *delizia mia?* — murmurei em sua boca já pegando o caminho de volta para a escada.

— Acho perfeito, majestade. — me provocou lambendo meus lábios. Grunhi. Ela sabe que amo quando ela me chama assim. Amo muito mais quando estou dentro dela.

— Sua pequena provocadora. — mordi seus lábios juntos. Nós dois sorrindo. — vamos ver como ficará depois de tudo que vou fazer com você, minha gostosa.

Ela gemeu. Eu gargalhei.

— Você joga sujo, amor. Eu estou grávida. Lembra-se? Não pode pegar pesado comigo. — fez biquinho, enquanto terminávamos de subir os degraus para a sacada dos nossos aposentos.

— Eu jogo para ganhar, bebê. Sempre. Não vou pegar pesado. Você é preciosa demais para mim. — afirmei, finalmente depositando-a com cuidado no centro da nossa cama. — mas ainda vai ficar na cama comigo a tarde inteira. Tire a roupa para seu rei, amor.

Ela miou e tirou a roupa bem devagar, torturando-me. Minha boca salivou

com a visão dos peitos bem mais cheios, os mamilos inchados, implorando para serem chupados. Despi-me em tempo recorde e fui ao encontro dela. Minha mulher, minha vida, minha amante, minha rainha...

FIM

CAPÍTULO BÔNUS

Três meses depois...

Júlia

Primeiro veio uma pontada brusca de dor que me fez colocar Damien de volta na cama. E então antes que conseguisse abrir a boca para chamar Leon, a dor me cortou, descendo das costas para meu baixo ventre. Puta merda! Estou entrando em trabalho de parto. Devo ter grunhido porque meu marido saiu do banheiro, os olhos negros assustados correndo por mim até parar nas mãos que tinha apoiadas quase em minha pélvis.

— Leon, amor. — minha voz saiu entrecortada. Ele veio rápido até mim, esquecendo a toalha que esteve enxugando o corpo após o banho. — nossa princesinha vai nascer, amor. — mal acabei de dizer a frase, um líquido quente desceu pelas minhas pernas. — minha bolsa acaba de se romper. — acrescentei. Seus olhos foram tomados por uns momentos de pânico. Então a compreensão afundou e seu semblante se transformou num sorriso lindo, nervoso.

— Oh, *Dio mio!* — exclamou, beijando meus cabelos. — nossa princesinha vai nascer! Ela vai nascer! — parou um instante, muito confuso, incerto como nunca tinha visto antes.

— Amor, você precisa me levar para o hospital, agora! — informei, ainda encontrando forças para sorrir de seu completo atordoamento.

— Certo, *perla mia*. — seu tom foi mais confiante e pegou seu celular, latindo ordens para nossos seguranças. — *sì*, já estamos descendo. — disse, encerrando a ligação. — vamos, bebê. — chamou-me e eu caí na gargalhada. Seu semblante ficou confuso de novo.

— Amor, se vista primeiro se não quiser escandalizar a todos com o rei desfilando nu pelos corredores do palácio. — caiu em si, grunhindo quando olhou para baixo, constatando sua nudez.

— Já volto, bebê. Fique firme, amor! — exclamou e sumiu no closet.

Pouco depois estava de volta numa calça jeans e camisa polo verde. — vai dar tudo certo, *perla mia*. — disse levantando-me nos braços. Seu tom era amoroso, mas um tanto embargado, entendi que falava aquilo não apenas para mim, mas para si próprio. Logo, Enzo, um dos seguranças entrou nos nossos aposentos e pegou minha bolsa. Damien fez birra, mas acabou concordando em ficar com a babá.

Leon atravessou o saguão do hospital comigo nos braços. Uma cadeira de rodas foi providenciada imediatamente e fui levada para a sala de parto. O Dr. Manara, meu médico chegou logo em seguida. Meu lindo e nervoso marido ficou do meu lado quando me transferiram para a maca. Tomou minha mão direita e a beijou terno. Os olhos escuros eram amorosos, mas havia um toque de medo lá no fundo da sua íris. A equipe começou a trabalhar a um ritmo acelerado e ficamos lá nos olhando. Ele tentando me passar força e coragem, enquanto eu tentava fazê-lo relaxar. Chegamos a um ponto em nosso casamento que não precisamos falar para nos comunicar. Sei que meu rei está com medo por mim.

— Já avisou minha mãe e Helena, amor? — indaguei para tirar um pouco daquela ruga de preocupação entre suas sobrancelhas.

— *Si*, bebê. — afirmou, deslizando os dedos num toque muito suave pela minha face. Seu olhar me reverenciando, me aplaudindo por não deixá-lo surtar. — Laura, Dom, Helena e Jay já estão avisados. Todos virão conhecer *nostra principessa*. Fique tranquila, amor. — murmurou e beijou meus lábios. Sua boca quente e deliciosa me fez esquecer momentaneamente onde estávamos, mas uma pontada cravou minhas costas de novo, fazendo o mesmo caminho da primeira. Essa foi muito mais forte. Não consegui conter um gemido alto, agoniado. Seu corpo ficou tenso e ele se afastou, seus olhos correndo por todo o meu rosto, uma expressão de pavor tomando seu semblante. Virou-se para a equipe que preparava tudo e latiu entre dentes: — Por quanto tempo minha mulher ainda vai ter que esperar? Ela está sentindo dor, não estão vendo? — os rostos assustados se viraram para ele de uma vez. Dr. Manara veio para mim, ajustando as luvas.

— Majestade, sinto muito, mas ainda não temos dilatação suficiente... — o médico disse após fazer o exame de toque. Leon cerrou o maxilar e encarou-o. Tive receio pela integridade física do pobre doutor. — se acalme, meu

senhor. — tornou num tom respeitoso, mas cauteloso. — isso demora às vezes. Tente controlar a ansiedade para deixar a rainha mais relaxada. Logo, logo pegará sua *princesinha* nos braços, prometo. — completou com um riso nervoso, apertado. Leon não sorriu de volta. Ele era tão mandão. Devia estar sendo uma tortura não poder interferir diretamente no trabalho do médico. Tão dominador, meu marido lindo.

— O doutor tem razão, amor. — sussurrei, apertando levemente a mão que segurava a minha. — o trabalho de parto pode demorar. Nossa princesinha está bem. Sinto isso. — toquei sua face e seus olhos brilharam mais. — fique calmo, meu rei. — pedi e ele se debruçou mais uma vez na minha direção e me beijou de novo. Foi um beijo com um toque de desespero. Seu corpo estava todo tenso. Quando tirou os lábios dos meus ainda ficou bem perto me olhando e eu vi tudo lá. Ele estava se culpando por não ter estado do meu lado quando passei por tudo isso no parto de Damien. Os olhos negros lacrimejaram e meus olhos transbordaram também. Eu o amo tanto. Ele tem provado a cada dia que me ama, que todo o engano, todo o sofrimento ficou para trás, mas sei que ainda se culpa. Tenho que ir tirando isso de dentro dele aos poucos. — eu te amo, amor. Te amo além da vida. — suas faces foram banhadas, suas narinas dilataram, inalando o ar bruscamente. Na pressa, Leon deixou os cabelos soltos, caindo sobre os ombros. Meu rei nunca pareceu mais bonito que agora. Lindo, emocionado, esperando nossa princesinha. Sofrendo com meu mal-estar porque quer cumprir a promessa que me fez de nunca me causar dor novamente.

— E eu a você, *perla mia*. — disse com voz emocionada. — é assim que te amo também. Vamos ficar juntos por toda a eternidade. — seus dedos traçaram o contorno do meu rosto e limpou as lágrimas suavemente. — você é tão corajosa, bebê. Foi assim com Damien? — sua voz tremeu, os olhos negros se enchendo de lágrimas de novo. Suas mãos vieram dos lados do meu rosto e colou sua testa na minha, respirando com dificuldade. — você nunca mais estará sozinha, amor. Nunca mais. Nunca mais, ouviu? — não contive um soluço e estávamos os dois chorando copiosamente agora. — eu te amo, te amo, te amo. — sussurrou, entre soluços.

Comecei a sorrir entre lágrimas. Mais uma pontada me atravessou e gemi de novo. Seu rosto se contorceu.

— Me fale de sua mãe, amor. — pedi, numa tentativa de me distrair da dor. — como ela era? — ainda não tínhamos decidido o nome de nossa princesinha. Quero fazer uma surpresa para meu rei. Seu rosto mostrou confusão a princípio, mas depois se iluminou um pouco com a menção da mãe.

— Ela era linda, bebê. — disse com reverência. — linda por fora e por dentro, assim como você, *perla mia*. Ela iria gostar de você, tenho certeza. — acrescentou nostálgico.

— Sei que também iria gostar dela, amor. — murmurei e ele beijou minha mão, seu semblante mais relaxado agora. — conte-me mais, meu rei. — pedi. Ele abriu um pequeno sorriso e pôs-se a falar. Passamos a próxima hora envolvidos na conversa. Entretanto, as contrações estavam cada vez mais fortes e diminuindo o tempo de uma para outra. Não estava mais conseguindo conter os gemidos agora.

— Ainda não temos dilatação suficiente, majestade. — Dr. Manara disse num tom tenso após o segundo exame de toque. — qual é o seu desejo? Parto natural ou...

— Meu desejo é que *mia regina* sofra o mínimo possível. — Leon o cortou. Seu tom de monarca fez o médico recuar um pouco. — acabe com o sofrimento dela. Agora. — completou, os olhos escuros como lasers atravessando o pobre doutor. Tive vontade de sorrir, mas as dores não me deixaram.

— Faremos uma cesariana, então. — Dr. Manara afirmou no tom firme e confiante que me acostumei a ouvir. — vamos preparar a sala de cirurgia e logo a rainha será levada. Fique tranquilo, meu senhor. É um procedimento muito comum. — acrescentou e Leon o agraciou com um meneio de cabeça, sua expressão dura se amenizando um pouco.

Leon

Mia regina. Mia bella i coraggiosa regina. A olhei ali deitada, linda mesmo com os cabelos grudados em sua testa pelo suor. Os olhos de esmeralda brilhando cheios de lágrimas quando ouvimos o chorinho de *nostra principessa*. Abaixei a cabeça em sua direção e a beijeí colocando todo meu amor, admiração e devoção nesse beijo. Ela e nossos filhos completam o meu mundo. São meu mundo. Tenho certeza que nenhum homem amou uma mulher

como eu a amo. Ficamos lá, chorando os dois. Eu estava com ela. Como deveria ter sido com Damien. Nunca mais a deixaria sozinha. Nunca mais. Dei beijos suaves e me afastei. Nossos olhares procuraram *nostra piccola* que estava nas mãos de uma das enfermeiras. Logo o pequeno corpo foi envolvido em uma manta e trazido para nós. A enfermeira a depositou sobre Júlia e ela continuou esgoelando-se. Sorri da pequena mal humorada. Júlia chorou mais. A peguei com cuidado e a mantive bem perto do seu rosto. Os olhos de esmeralda a fitaram com infinito amor.

— Bem-vinda, pequena Antonella. — sussurrou com voz embargada e desviou os olhos para mim. Meu peito expandiu ao ouvi-la. *Dio!* Minha linda menina estava homenageando minha mãe, *mia amata principessa*. Mais lágrimas turvaram a minha visão. *Si*, definitivamente nenhum homem amou uma mulher como eu amo *mia regina*. — você gostou, amor? Fiz isso para você. — completou me olhando daquele jeito lindo, apaixonado.

— Perfeito. É uma linda homenagem, *perla mia*. — murmurei e levantei *mia principessa* para olhá-la mais atentamente. Ainda chorava a plenos pulmões, a boquinha tremendo, os olhinhos apertados. Sorri entre lágrimas e a aconcheguei junto a mim, murmurando palavras em italiano e ela foi se acalmando aos poucos sentindo meu calor. Os olhinhos se abriram e pude ver a cor deles. Olhinhos de esmeralda. *Dio!* Ela tinha os olhos da sua mãe. Os olhos que tanto amo. Sua pele era clara também. Não tão clara como a de Júlia, mas bem mais clara que o tom de pele dos Di Castellani. Será tão linda quanto *mia regina*. — ela se parece com você, amor. — disse completamente encantado, arrebatado por esse pequeno ser que era uma parte minha e da mulher da minha vida. — *bella. Molto bella, mia piccola*.

— Ela não é linda? — repeti pela milésima vez, quando Dom, Helena e Jay chegaram para a visita. Estávamos todos no apartamento onde Júlia foi acomodada após a cesariana no dia anterior. Havia chegado de madrugada e vieram direto para o hospital. Pouco depois, fui orgulhoso até eles na sala de espera com *mia bambina* nos braços. Meus olhos ainda lacrimosos. Júlia tornou tudo muito mais especial com a homenagem à minha mãe. Ela amamentava *nostra piccola* agora. Eu estava sentado na poltrona ao lado delas. Meus olhos não queriam deixá-las por nada.

— Ela é mesmo linda, irmão. — a voz profunda de Jay encheu o quarto.

— graças a Deus que se parece com Júlia. Você é feio pra caramba, Leon. — provocou-me.

Bufei e desviei os olhos para aquele bastardo. Ele adora me provocar. Somos tão parecidos. Havíamos criado uma forte amizade, nós três.

— Cale a boca, seu idiota. — disse num tom baixo para não incomodar minha mulher e filha. — sou muito mais bonito que você. Diga a ele, bebê. — meus olhos foram para Júlia que abriu aquele riso doce para mim.

— Claro que é, amor. Muito mais. — sussurrou. Tomei-lhe uma das mãos e a beijei. Nossos olhares presos, gritando toda a felicidade que sentíamos.

— Você é um maricas, irmão. Teve que recorrer à Júlia. — Jay riu baixinho.

— Haverá muito tempo para quebrar sua cara, seu bastardo cínico. Mas agora só quero ficar perto de *mia regina e mia principessa*. — revidei, mas havia um riso na minha voz.

— Ok. Irmão, vou lhe conceder isso. — seu tom foi quase doloroso. Desviei os olhos para ele. Tinha as mãos enfiadas nos bolsos das calças. Sempre se portava da mesma forma, insolente, desafiante, arrogante. Ele nunca menciona nada sobre seu passado, mas todos nós suspeitamos que tenha sofrido uma grave decepção amorosa, isso explicaria pelo menos em parte toda a aversão dele com relacionamentos.

— Ela é linda, irmão. — a voz de Dom, me fez olhar em sua direção. Seu tom foi meio embargado. Ouvi a risada baixa de Jay. — Você e Júlia estão de parabéns.

— Obrigado, irmão. — assenti, vendo-o entrelaçar as mãos com Helena. *Si*, ele se casou com ela. Isso assustou pra caralho quando soube, mas não havia mais nada que pudesse fazer quando os procurei em Nova Iorque há três meses. Vocês devem estar tão surpresos e assustados quanto fiquei, pois é. Tudo começou quando... Não. Vou deixar meu irmão, ex libertino assumido contar essa história a vocês.

— Minha afilhada vai ficar assustada com tanta testosterona. — Helena murmurou, os olhos presos na imagem de Júlia amamentando nossa filha. Logo a porta se abriu e tio Max entrou. Ele estava esbanjando saúde agora. *Grazie*

a Dio. Ele ainda viveria muito para curtir os sobrinhos-netos.

Dois dias depois Júlia e Antonella foram liberadas para ir para casa. Laura havia chegado no dia anterior e estava mimando as duas. Nos dávamos muito bem agora. Não houve brigas quanto a quem ficava no quarto. Revezamo-nos de bom grado. Viu como somos civilizados? Amamos muito a Júlia e isso nos unirá para sempre. Tenho que aturá-la. Ok. Isso foi brincadeira. Realmente gosto da minha sogra agora.

Carreguei Júlia nos braços, do carro até nossos aposentos. Jay estava se esbaldando com Damien, elevando-o acima dos ombros. *Mio bambino* adora o bastardo do tio. Por incrível que pareça, Jay tem muito tato com criança. Derrete-se todo quando vê Damien. Helena levou *nostra piccola*. Dom me ajudou acomodar Júlia na cama, organizando os travesseiros. A coloquei numa posição sentada.

— Você está bem, *perla mia*? — sussurrei beijando-lhe os cabelos.

— Sim, amor. Estou bem. — respondeu acariciando minha face, os olhos preciosos me adorando. — Traga Damien para mim, amor. Quero beijar meu príncipe. — ela pediu. Não foi necessário chamá-los, porque Jay já entrava e assim que colocou o pequeno no chão ele correu direto para *sua madre*.

— Mamãe! — o gritinho infantil fez meu peito transbordar de alegria. Minha família completa.

— Ei, cuidado campeão! — sorri, levantando-o nos braços e contendo-o antes que se jogasse em cima da mãe. — dê um beijo na mamãe, mas não pode apertá-la. *Nostra regina* está dodói.

— Dodói, *mia regina*. — *mio piccolo* repetiu e todos nós caímos na gargalhada.

— Sim, meu amor. — Júlia murmurou e o beijou nos dois lados do rostinho. Os lindos olhos amorosos fitando *nostro bambino*. — vamos ver nossa princesinha? — Helena veio até a cama e entregou Antonella em suas mãos. Acomodei-me do lado de *mia regina*, com Damien no meu colo. Meus olhos arderam de novo ao ver minha família reunida. Júlia levantou o olhar para mim e nos encaramos. Ela pensava a mesma coisa, tenho certeza. — eu te amo, amor. — sussurrou, lágrimas turvando sua visão. — Obrigado por me

dar essa família linda.

— Nunca um homem amou uma mulher como eu te amo, *perla mia*. — afirmei emocionado. Arfou levemente e suas faces foram banhadas. Aproximei nossas bocas e dei um beijo terno em seus lábios. — eu te amo, bebê. — repeti em sua boca.

— Você tem uma família linda, irmão. — a voz de Jay nos fez virar os olhares em sua direção. Seu tom era notadamente emocionado, livre do cinismo habitual. — você é um idiota sortudo por encontrar Júlia. — acrescentou, alfinetando-me e seus lábios se torceram num meio sorriso. Não consegui conter meu riso também porque testemunhar meu irmão mais novo rindo verdadeiramente era algo muito, muito raro. Ele devia se permitir isso mais vezes. Seu semblante se transformava totalmente quando sorria assim.

— Obrigado, irmão. — agradei, tocado por seu carinho com minha família. Lembro-me da primeira vez que veio à Ardócia e me disse a mesma coisa, mas naquele período seu tom pingou sarcasmo e ressentimento. Hoje isso não existe mais entre nós. — desejo o mesmo a você. — completei.

— Deus! Não! De jeito nenhum, irmão. — sua boca se retorceu e o riso se transformou em cínico. — me contento com as cunhadas lindas e os sobrinhos adoráveis. — seus olhos procuraram por Helena e Dom. — então, Dom? Helena? Quando teremos um bebê? — sorriu ao acrescentar debochado. Dom bufou e Helena disse algo que não prestei muita atenção, pois meus olhos se voltaram novamente para minha mulher e meus filhos.

Dois anos depois...

Andei até a sacada dos nossos aposentos no castelo da região da Sardenha[64]. Júlia me convenceu a tirar duas semanas de folga. Foi um ano muito intenso. Iniciamos um trabalho de ajuda humanitária nos países mais pobres da África. Meus irmãos aderiram ao projeto e em pouco mais de um ano conseguimos reduzir o índice de Aids e controlar os casos já existentes. O continente africano sempre esteve em meu subconsciente. Sempre quis fazer algo mais por aquele povo. Eu e meus irmãos criamos uma fundação nomeada Príncipes Di Castellani que tem atuado não só na África, mas em outras regiões vulneráveis econômica e socialmente. Parei nas portas duplas de madeira e meu coração deu uma guinada no peito. O cenário diante de mim

era das *mil e uma noites* [65]. Havia uma tenda árabe montada bem perto da balaustrada. A brisa do entardecer balançava suavemente os tecidos finos e coloridos que a circundava. Sorri, meu coração se aquecendo com a surpresa da minha linda menina. Não nos vemos há uma semana porque tive assuntos que me levaram a Paris e me prenderam por lá. Ela esteve ocupada com seu mestrado em História na Universidade de Ardócia. Tão inteligente, *mia regina*. Estou louco por ela. Não vejo a hora de apertá-la em meus braços. Quase enlouqueci quando Júlia me disse que chegaria um dia antes e só me queria aqui no dia seguinte, ou seja, hoje. Ainda tentei contestá-la porque meu pau não aguentaria ficar mais uma noite sem sentir seu calor gostoso. Ela foi cruel. Nem mesmo aceitou fazermos sexo por telefone. Foda! Ela é uma provocadora de pau do caralho! Rosnei impaciente acelerando meus passos e meus olhos finalmente pousaram na figura feminina através dos tecidos finos que tremulavam ao vento. O pôr do sol dourado, deu um ar de pura magia aos adornos da tenda. Levei minhas mãos às duas partes do tecido da frente e os abri. O ar foi arrancado dos meus pulmões com a visão da minha mulher. *Dio Santo!* Ela estava lá deitada nas almofadas de várias cores, com predominância de tons dourados. Seu corpo delicioso quase todo à mostra coberto por um traje típico das dançarinas árabes. Estava numa pose sexy caralho. Deitada de lado, a cabeça apoiada na mão direita. A perna direita esticada e a esquerda um pouco arqueada, sua mão esquerda sobre o quadril arredondado. Meus olhos se banquetearam gananciosos por cada centímetro de sua pele de pérola. Gemi quando vi seus peitos suculentos quase saltando para fora do pequeno sutiã cheio de detalhes vermelhos e dourados que usava. Meu olhar continuou o passeio delirante pela barriguinha reta e firme. Ela estava ainda mais linda depois de me dar dois filhos. Seu corpo era mais voluptuoso. Havia ganhado uns dois ou três quilos, mas isso não prejudicava em nada sua silhueta elegante e esguia. Linda! Ela era a perfeição para mim. Sempre seria. Salivei quando vi entre suas pernas um vislumbre da bocetinha depilada. Porra! Ela não estava usando calcinha! Minha boca salivou. *Si*, minha mulher é uma provocadora de pau. Mas eu adoro isso. *Dio mio!*

— Meu rei. — sua voz baixa, naquele tom submisso que usa quando a estou dominando no sexo fez meu pau já absurdamente duro, se contorcer dentro das calças, implorando para ser libertado. Louco para ir ao encontro de sua dona.

— *Mia regina*. — sussurrei entrando devagar. Meus olhos relancearam rapidamente pelo ambiente ricamente decorado. Havia tapetes forrando todo o espaço. Mais distante da cama de almofadas, tinha um aparador com várias iguarias culinárias. Meu olhar voltou para ela. Seu rosto se iluminou numa expressão travessa e atrevida e ficou de quatro, avançando para mim que ainda continuava em pé, extasiado com tudo aquilo. Parou, ficando de joelhos aos meus pés e levantou os olhos de esmeralda brilhantes, completamente dilatados para mim.

— Hoje não, meu rei. — sussurrou e suas mãos subiram numa carícia lenta pelas minhas pernas, me fazendo estremecer. — hoje sou sua serva. — suas mãos deslizaram para a minha virilha e massagearam minhas bolas. Gemi. Porra! Ela ia me fazer gozar nas calças. — estou aqui para atender seus desejos, meu senhor. Faça tudo que quiser comigo. Peça-me e eu farei. — sua voz era um tanto ofegante agora quando chegou finalmente ao volume do meu pau. O bastardo quase falou quando sua mão delicada o tocou por cima do tecido. — diga, meu senhor. Diga o que quer que sua serva faça? — continuou torturando-me deslizando a mão por todo o meu comprimento.

— Me chupe, minha serva safada! — rosnei arrancando o cinto na velocidade da luz. Logo meu pau saltou para fora das calças e cueca. Os olhos verdes se alargaram mais e seus lábios tentadores se entreabriram. A linguinha rosada os lambeu obscenamente. — vem, me chupe logo, minha putinha gostosa! — entranhei minhas mãos em seus cabelos da nuca e a puxei bruscamente em direção ao meu pau. Seu nariz deslizou me cheirando de cima a baixo. Grunhi. Ela é a única mulher que fez isso para mim. Amo a forma como faz isso. O suspiro de deleite dela ao sentir meu cheiro me faz selvagem. — chupe logo, sua provocadora de pau! Toma meu pau todo até a garganta! Não vou ter dó de você, ouviu? — rosnei e ela sorriu baixinho. Ela adora minha boca suja. — ohhhh! Isso, bebê... Mama bem gostoso no seu rei, amor. — gemi quando sua boca desceu gulosa sobre minha cabeça volumosa. Sua mandíbula dilatando para tomar o máximo de mim. Ela chupa divinamente. — porra! Que boquinha gostosa! Caralho de putinha *deliziosa*... — rugi, enquanto mamava sem trégua em mim. Puxei mais seus cabelos para conseguir ver seu rosto todo. Seus olhos estavam fechados e lágrimas escorriam pelos cantos, sua respiração ofegante. Sorri de suas sugadas esfomeadas. — Ahhhhh! Isso,

minha putinha! Amo a forma como me chupa. Essa boquinha esfomeada tomando quase todo o meu volume. Você me escravizou, sabia? Sou seu, porra! Somente seu! — bombeei mas duro, fodendo seus lábios que já tremiam pelo esforço em me abarcar. Amo ver sua boca em volta do meu pau. Ela tem lábios volumosos que me enlouquecem quando estão assim, bem esticados, mamando gostoso em mim. Meti mais fundo, sentindo sua garganta e minhas bolas se encolheram numa sensação deliciosa. Estava quase gozando. — Júlia, bebê, vou gozar! Tome tudo, amor! Isso! Ahhhhhhhhhhhh! — gritei insano jogando a cabeça para trás e meu pau esporrou em sua boca. Ela fez um som estrangulado como se estivesse engasgando, mas não parou de receber meus golpes. Me chupou e limpou como uma gatinha lambendo seu pelo. Eu ainda estava duro. A puxei para cima e meus olhos correram por todo o lindo rosto. Estava corado, afogueado e seus olhos muito dilatados, muito excitados. — Cristo! Você quer me matar com essa boquinha gostosa, *delizia mia*? — sorri. Ela riu também. Tão linda. *Mia bella regina*. — quase morro de saudade, amor. — sussurrei bem próximo de sua boca.

— Eu também, amor. — murmurou de volta e tomei seus lábios num beijo apaixonado, lento, sem pressa. Minha língua se infiltrou em sua boca e lambeu a dela. Gemeu se esfregando em mim. Sorri e a levantei nos braços andando para a cama de almofadas.

— Agora é sua vez. Minha serva soube agradecer seu rei direitinho. — disse baixinho enquanto a depositava sobre as almofadas. — diga, putinha gostosa. O que quer que faça com você? Hum? Será que quer minha boca aqui? — lambi sua orelha enquanto minha mão cavava em sua boceta quente. Seus quadris levantaram e ela gemeu longamente. Minha outra mão desceu numa palmada dura em sua nádega. — quieta, putinha! Vou comer você de todas as formas a noite inteira até que nenhum de nós consiga se mexer, mas vai ser do jeito que eu quiser, entendeu? — ela miou e seus quadris voltaram à posição normal. Massageei suavemente o local onde tinha batido. Ronronou. — ok. Vou chupar sua bocetinha primeiro. Minha putinha quer gozar na língua do seu dono, hum? — minha voz foi provocadora, bajuladora agora. — vamos, diga, Júlia! Quer gozar na minha boca? — puxei seus cabelos da nuca aproximando nossos rostos. Ela arfou.

— Sim, por favor, amor. — suplicou. Abri um riso lento, perverso e meus

lábios foram descendo pelo maxilar e pescoço alvos. A encarei quando vi os peitos juntos, sufocados pelo pequeno sutiã. Minhas mãos deslizaram suavemente pela pele macia que pulava nas bordas. Sem aviso o rasguei de seu corpo. Suas costas arquearam, os peitos vindo na minha cara.

— *Dio mio!* — grunhi, juntando-os e puxando os mamilos devagar. Ela arqueou mais, esfregando as coxas, estava muito excitada. — você se vestiu assim só para o seu rei, serva? Hum? Responda!

— Sim, meu rei, só para você. — seu tom subiu num grito quando caí de boca nos dois montes perfeitos. Lambi, chubei, mordi, enquanto ela se debatia embaixo de mim. — amor, por favor... — choramingou. Sorri e fui descendo, me banquetando na sua barriguinha linda. Quando cheguei ao cós da espécie de saia cheia de véus de seda, meus olhos a encararam de novo e a peça teve o mesmo fim do sutiã. A rasguei fora de seu corpo num movimento rude. Meu pau já estava babando por ela outra vez e ver sua bocetinha de lábios inchados só esperando para serem esticados à minha volta não me ajudou em nada. A devorei com os olhos por alguns momentos. Ela arquejou com a intensidade com que olhei cada centímetro da pele de pérola. Minhas mãos passearam pelo ventre reto, causando-lhe arrepios. Parei na pequena cicatriz da cesariana um pouco acima de sua pélvis. A prova de que era minha. Minha mulher. Mãe dos meus filhos. A mulher da minha vida. Meus olhos amoleceram e me abaixei mais. Beije a linha fina, quase imperceptível num gesto de reverência. Ela gemeu. Lambi toda a extensão e fui descendo mais até seu clitóris. Sorri da sua expectativa. Ela prendeu a respiração esperando, mas o ignorei e fui beijando, lambendo, chupando seus lábios. Solto um gemido de lamento, mas não reclamou. Resolvi recompensá-la e voltei ao seu brotinho já duro, inchado, necessitado. O beije de boca aberta. Seu corpo tremeu. — ah! Leon, amor... Oh, Deus! — gemeu levantando os quadris. Minhas mãos a firmaram em cada nádega e passei a comer sua boceta doce. Seu creme escorrendo entre os lábios. Me lambuzei com gosto. Enfiei o nariz em sua vulva. Gritou alto. Ela adora isso. Mordi seu clitóris devagar e ela quebrou num gozo intenso, balbuciando meu nome, seus líquidos derramando na minha língua. Não dei trégua e continuei comendo sua boceta. Ela só arquejava agora. Seus quadris desceram para as almofadas e seu corpo ficou mole. Sorri. Sua boca se curvou num riso lindo também. — amo sua boca, meu rei. — sussurrou, os

olhos de esmeralda saciados, brilhantes, incríveis. Não existe no mundo todo, outra mulher tão linda. Ela é a porra da perfeição.

— E eu amo tudo, cada centímetro de você, *mia regina*. — afirmei, meu tom duro, rouco de tesão. Arranquei minhas roupas em tempo recorde e logo estava prendendo seu corpo esguio com o meu. Suas coxas se arreganharam para me acomodar. Adoro com é desesperada por mim como sou por ela. Me alinhei em sua vulva cremosa e a encarei, abaixando meu rosto para o seu. Nossas bocas bem próximas. Arfou levemente quando sentiu a pressão da cabeça robusta pedindo passagem. Sorri perverso e meti num golpe forte, indo todo o caminho em seu canal apertado e escaldante. Gritou, insana, sua bocetinha palpitando em volta do meu pau. — nada se compara a essa bocetinha perfeita. — rosnei e puxei deixando só a ponta. Mas bati de volta em outra estocada muito mais dura que a primeira. Gritamos os dois. Suas pernas abraçaram meu quadril e meu pau entrou fundo se alojando em seu útero. Seu rosto se transformou em nítido prazer. Os olhos verdes dilatando mais, suas narinas inalando o ar bruscamente. — gosta disso, minha putinha? Hum? Gosta de me dar essa boceta gostosa? Porra! Gostosa! — rugi e enfiei as mãos por baixo das suas costas. Puxei-a pelos ombros e rasguei seu canal impiedosamente. Comi e comi seu buraquinho quente como um esfomeado. Estávamos os dois, gemendo, grunhindo, rosnando como animais. É isso que somos. Nosso sexo é assim, explosivo, intenso. Sempre foi. Sempre será. — sentiu falta disso, bebê? Diga que sentiu falta do meu pau todo enterrado em você. Diga, *delizia mia*. — minha voz saiu estrangulada, ofegante. Eu estava quase gozando de novo.

— Sim, amor. Muito. — miou, enquanto seus peitos saltavam com meus golpes brutos.

— Ohhh! Minha putinha gostosa... — gemi, girando o quadril e saí de sua quentura. Ela choramingou, tentando me puxar de volta com as pernas. Sorri arrogante, me masturbando em sua frente.

— Leon, amor... — miou, suplicante. Meu riso ampliou. Ela ficava linda implorando pelo meu pau.

— Fique de quatro, serve! — ordenei, meu tom duro. — seu rei quer gozar em seu cuzinho gostoso. — ela miou e ficou prontamente na posição. A

visão de sua bunda perfeita terminou de me enlouquecer. Amo a bunda dela. — porra de rabo mais lindo, bebê! — rosnei e minhas mãos estapearam suas nádegas até deixá-las rosadinhas. Ela gemia apertando as coxas. Isso a excita também. Me abaixei, beijando e lambendo suavemente onde tinha batido. Choringou mais quando minha língua fez um passeio da sua boceta até seu rabinho apertado. Gemeu longamente. Sorri e enfiei dois dedos em sua vulva colhendo seu creme. Em instantes meus dedos meus dedos eram completamente engolidos por seu rabinho guloso. Alarguei-a, preparando seu canal estreito para me tomar. Arfou quando me posicionei em sua entrada. Brinquei metendo a cabeça devagar e recuando em seguida.

— Oh! Leon, amor... — suplicou de novo.

— O que é bebê? — girei o quadril apenas com a ponta dentro dela. — diga o que você quer, amor? — me debrucei sobre suas costas e mordi sua orelha, descendo pelo pescoço e ombro. — quer o pau do seu rei todo enterrado nesse cuzinho delicioso? Hein? Diga, porra! — exigi e puxei seus cabelos. Arquejou ruidosamente.

— Sim, meu rei. — balbuciou rebolando o rabo quente, me puxando para dentro. Foi o meu fim, não resisti e meti com tudo. Rasguei seu rabinho pequeno numa estocada profunda. — Ahhhh! Deus! Leon... Oh! — seu corpo todo estremeceu. Lambi seu pescoço e mordi seu ombro. Gritou de novo e cavei a outra mão em seu quadril puxando-a para tomar meu pau. Meti enlouquecido em seu rabo, montando-a com fome. Minha mão direita enrolada em seus cabelos. Amo fodê-la assim. Seus cabelos longos e loiros, perfeitos para mim em horas como essa. Afastei-me um pouco e observei minha pélvis se chocando violentamente com a bundinha deliciosa. Seu buraquinho pequeno tomando todo o volume do meu pau.

— Oh! Caralho de rabinho guloso! Visão linda! Minha putinha tendo o cuzinho todo esticando pelo meu pau! Amo isso, porra! — grunhi e continuei comendo-a. Meu quadril estocando bruto, enquanto a puxava, empalando-a profundamente. Revirei os olhos de prazer. — Oh! Júlia! Estou quase gozando, bebê... Ahhhh! Gostosa! Minha putinha gostosa! — deslizei a mão do quadril para seu clitóris e o manipulei até sentir seu corpo ir se preparando para o orgasmo. Meus golpes intensificaram e gritei: — Porraaaaaa! Goze, bebê! Goze comigo, amor! Ahhhhhhhhhhh! — esporrei em seu canal apertado e

quente, enquanto ela se desmanchava embaixo de mim. Gritando meu nome, balbuciando que me amava. — Oh! Cristo! Te amo também, *perla mia. Delizioza*... — gemi ainda estocando, seu rabo sugando meu pau, tornando o gozo perfeito pra caralho. Caímos nas almofadas. Ficamos imóveis por alguns instantes. Ela começou a rir e eu disparei também. Nós dois ainda ofegantes. Eu ainda profundamente enterrado nela.

— Amor, amo você em cima de mim, mas não consigo respirar. — disse, sua voz bem abafada pelas almofadas. Sorri mais e deposei beijos suaves em suas costas. Ronronou quando saí dela devagar. Gemi também. Deitei-me e a puxei para meus braços. Apoiei a cabeça no meu peito e suspirou, saciada.

— Será que você está muito desgastada, *mia regina*? — sussurrei, ainda rindo.

— Humm, provavelmente. — murmurou fazendo cócegas em meu peito. — meu rei é muito exigente, mas amo satisfazê-lo, meu senhor. — levantei seu queixo para olhá-la nos olhos.

— O rei é louco por você, bebê. — disse baixinho, meu tom muito bajulador.

— A rainha também é completamente louca por você, amor. — murmurou de volta. Nossos lábios se encontraram num beijo delicioso, apaixonado. — nossos príncipes chegam amanhã, amor. — disse, acariciando minha face. Os olhos de esmeralda brilhantes, cheios de amor. — queremos nosso rei só para nós por duas semanas inteiras. Vai desligar o celular e não vai acessar a internet. — sorri e rolei por cima dela, juntei seus pulsos e os elevei acima da cabeça. Me esfreguei em sua boceta descaradamente. Mordi seu maxilar descendo para o pescoço. Gemeu gostoso.

— O que mais, *mia regina*? — sussurrei lambendo seu colo alvo. — sou seu escravo, bebê. Faço tudo que você quiser. — ela gargalhou. Amo esse som. Minha boca desceu sobre seus seios e seu riso foi interrompido por outro gemido... Começamos tudo de novo.

— Acorda, bela adormecida. — beijei as costas delicadas de Júlia. Ela gemeu, seu corpo ondulando com minha carícia.

— Amor, você acabou comigo. — resmungou, mas havia um riso em sua

VOZ.

— Pedi nosso café da manhã, bebê. — aponte para a mesa posta na sacada. Voltamos para os aposentos no meio da noite quando lá fora começou a esfriar. Ela grunhiu e acomodou-se contra os travesseiros. — tem umas pessoas lá fora que estão impacientes para ver você e... — minhas palavras foram interrompidas quando a porta foi escancarada e gritinhos infantis encheram o quarto.

— Mamãe! — Damien e Antonella falaram em uníssono, correndo e pulando sobre a cama.

— Meus amores! Vocês já chegaram! — Júlia os abraçou e beijou os dois ao mesmo tempo. *Mios bambinos* fazendo uma algazarra pela a atenção da mãe. Eu já os tinha visto quando chegaram mais cedo. Ainda bem que Júlia havia vestido uma camisola quando decidimos dormir...

— Vamos alimentar *nostra regina*? — quis saber mostrando a mesa pra eles. Fizeram festa de novo e foram descendo da cama.

— Alimentar *nosta regina*. — repetiu *mia piccola*. Ela era uma mini Júlia. Minha bonequinha de olhos de esmeralda e cabelos loiros. Júlia levantou-se também. Damien e Antonella se dirigiram às portas duplas, ele segurando a mãozinha dela. *Mio piccolo* sentindo-se protetor do alto de seus quatro aninhos. Não contive um riso bobo. Quando desviei os olhos para Júlia ela também sorria olhando nossos filhos.

— Nossos filhos são lindos, amor. — disse-me, seus olhos lindamente iluminados. Andou até mim e me enlaçou pelo pescoço. — parei de tomar a pílula. Quero mais um filho, meu rei.

— Só mais esse, amor. — sussurrei, depositando beijos suaves em seus lábios. — não gostei de vê-la sofrer na hora do parto. — admiti. As lembranças ainda me incomodavam. — mas farei sua vontade, *mia regina*. Sempre farei sua vontade, *perla mia*. — os olhos de esmeralda amoleceram com minhas palavras.

— Nunca uma mulher amará um homem como eu te amo, meu rei. — murmurou.

— Nunca um homem amará uma mulher como eu te amo, *mia regina*. —

afirmei e nossos lábios se tocaram num beijo suave. Enlacei sua cintura e saímos para a sacada, para nos juntar a nossos filhos, nosso maior *tesoro*. Como diria Jay, sou realmente um bastardo sortudo. Muito sortudo.

FIM

PRÍNCIPE DA LUXÚRIA

LIVRO 2

PRÍNCIPE DA LUXÚRIA

2/3

Ele desejou conquistá-la a qualquer preço...

Um encontro inusitado. Uma atração sem limites.

Dominic Harper Di Castellani é um dos príncipes recém-descobertos de Ardócia, uma ilha localizada ao sul da Itália. Forjou sua vida, sucesso e fortuna com trabalho duro. É implacável nos negócios e um notório playboy mulherengo. Seu lema em relação às mulheres é: ame-as, deixe-as!

Helena Marcollini dedicou-se a um só homem desde a adolescência. Mas ele não a escolheu... Dominic entra em cena como um furacão despertando um nível de desejo e atração jamais sentido, testando os limites da decência...

Dominic deseja Helena assim que a vê. E o que Dominic quer, Dominic consegue. Esse é o seu segundo lema.

O encontro do libertino assumido com a nobre e recatada... Um romance no estilo a dama e o vagabundo...

Quando o destino resolve dar uma mãozinha... Os dois se veem presos numa história de sedução, conquista, luxúria,

erotismo e prazer sem limites.

Um homem que não acredita no amor... Uma mulher com um coração partido... Quem sairá ganhando no final?

Este é o segundo livro da série: Príncipes Di Castellani.
NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS!

Espero que vocês curtam a leitura tanto quanto gostei de escrever!

Um grande beijo!

Lani Queiroz

“Seus lábios convidativos me seduziram. Seu corpo pecaminoso me fez arder em chamas. Seu toque que queima a minha pele como brasa de fogo, acendem o fogo da paixão me deixando ser conduzida pelo seu corpo colado no meu. Me entrego a esse prazer. Você sabe que é quente como o inferno, mas você é meu irresistível e doce anjo. Não posso lutar contra esse desejo de pertencer a você. Me rendo a você. Me perco em seu corpo e esse seu gosto de pecado virou a minha mais perigosa droga, que me fez ser dependente de você.”

Melody Olivatti

“Assim que se olharam, amaram-se. Assim que se amaram-se, suspiram. Assim que suspiram, perguntaram um ao outro o motivo. Assim que descobriram o motivo, procuraram o remédio.”

William Shakespeare

“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis”

José de Alencar

Agradecimentos

À Deus, pela vida, inspiração e coragem que sempre me deu.

Dedicatória

Dedico primeiramente à minha família, que tem me apoiado nesse sonho antigo, mas latente dentro de mim: meu pai, Francisco, minha mãe, Maria, meus irmãos, Rozelha, Rozilene, Rony, minha cunhada, Irene, meus sobrinhos lindos, Maikon, Amanda (minha primeira leitora), Jeffrey, Jimmy e Riquelme.

Meu esposo e companheiro, Hellielson, meus filhos amados, razão da minha vida, Kenneth Anderson e Kênia Railane.

Dedico às minhas queridas leitoras e amigas, minhas lindas princesas que me fazem acreditar diariamente no meu sonho. Todas dos grupos do facebook, do Wattpad que sempre estão junto comigo, me apoiando, me dando o combustível para continuar fazendo o que amo: escrever.

Quero destacar, porém, algumas lindas meninas que me ajudaram diretamente nessa jornada colocando a mão na massa: Gisele Gonzalez, minha primeira leitora no Wattpad; Carla Negreiros, através da sua mensagem, percebi que o sonho poderia se tornar realidade; Cristiana Pereira, me ajudou a criar os grupos do Facebook e disseminou meu primeiro livro incansavelmente nas redes sociais; Zilda Colares e Camila Lima, administradoras dos grupos do face, minhas fiéis escudeiras. Todas e cada uma de vocês moram no meu coração. Muito obrigada, queridas!

Grande abraço!

Lani

PRÓLOGO

Helena

— O jogo acabou. Eu venci. — a voz baixa e pecaminosamente sexy de Dominic soou bem no meu ouvido. Meu corpo tremeu como sempre fazia com sua proximidade. — tire o vestido, princesa.

Suas mãos me puxaram com força pela cintura trazendo minhas costas contra seu peito duro. Senti sua ereção enorme cavar no meio do meu traseiro. Fechei os olhos, meu coração batendo descontroladamente no peito. Eu não tenho ideia do que fazer. *Dio!* Esse é o momento em que devo dizer que sou virgem? Ridiculamente virgem aos vinte e cinco anos?

— Dominic... Eu... — Ele puxou meu queixo, levando minha boca para a sua, os olhos verdes me devorando, completamente escuros, loucamente excitados. Ficamos assim apenas nos olhando alguns instantes. Então seus lábios se curvaram em um sorriso que terminou de alagar

minha calcinha. Tentei falar de novo, mas minhas palavras foram sufocadas pela sua boca faminta. Abri meus lábios, ansiosa, sedenta pelo gosto dele. Ainda não consigo entender porque ele tem esse efeito devastador sobre mim. Mas é mais forte que eu. Ele gemeu. Eu gemi. A mão que estava na minha cintura desceu deixando um rastro de fogo pelo meu ventre. Cavou minha vagina com brusquidão. Abri mais as pernas involuntariamente.

— Você também está louca por isso, não é, princesa? — sussurrou na minha boca, mordiscando meus lábios. — louca para me dar essa bocetinha Real. Vou foder você até me fartar. É assim que vai ser. — seus lábios foram para minha orelha de novo, mordendo-a de uma forma obscena. Gemi completamente fora de mim. — você nua, embaixo de mim o tempo todo. Tomando meu pau profundamente em seu corpo. — Sua mão deu uma palmada dura na minha pélvis. Gritei de susto e excitação. — Você gosta disso, não é? Tire logo a porra desse vestido! Vou comer você inteira, princesa! Agora! — sua voz foi dura, rouca, impaciente e suas mãos me empurraram para longe.

Minhas pernas estavam tremendo. Meu corpo inteiro em chamas. Seus olhos me prendiam, me hipnotizavam. Ele estava certo. O jogo acabou. Eu o quero. Não há mais como fugir disso. Levei minhas mãos ao zíper lateral do vestido branco que ele me fez colocar para essa farsa de casamento. O tecido caiu aos meus pés. Engasguei com o rugido que saiu de sua boca e o olhar de pura apreciação masculina que ele me dava agora. Suas mãos foram para sua gravata começando a afrouxá-la.

— Tire tudo, princesa. — murmurou, seus olhos tempestuosos como o mar em dia de chuva. — tire tudo e vá para a cama. — seu tom era duro, quase raivoso.

Obedeci, livrando-me da meia branca três quartos e da calcinha. Não usava sutiã. Não achei necessário porque meus seios são ridiculamente pequenos e o modelo era tomara que caia. Andei com pernas instáveis e me sentei na cama, levando minhas mãos para as sandálias, mas sua voz dura me parou.

— Deixe-as! Fantasiei foder você apenas com elas toda a cerimônia. — as palavras cruas dele não deviam me

excitar, mas faziam. Deixavam-me em chamas. E ele sabia disso.

Afastou-se e olhou-me demoradamente como me acariciasse em cada pedacinho do meu corpo... Os olhos verdes estavam escuros... Havia um misto, de triunfo, apreciação e fome masculina. Os lábios de curvas sexys subiram um pouco nos cantos num riso perverso, sedutor, pecaminoso, como tudo nele. Aquele riso dizia claramente o que eu já sabia desde o momento em que o vi a primeira vez: eu estava ferrada!

— Linda... — sussurrou enquanto tirava suas roupas revelando o físico poderoso.

Prendi a respiração. *Dio!* Ele devia malhar muito para ter um abdome daqueles, pensei, incapaz de piscar ou desviar os olhos... Quando tirou a calça e a cueca boxer não consegui conter um gemido abafado e senti minhas faces incendiarem violentamente ao ver o membro rígido, vigoroso... *Dio Santo!* Era muito grande e grosso, com veias salientes por todo o seu comprimento.

O som da sua risada baixa, íntima e safada me fez encará-

lo de novo. Como uma mulher de vinte e cinco anos reagia assim diante de um homem? Ele devia estar se perguntando isso. Mas não disse nada, apenas foi aproximando-se devagar com aqueles passos macios de pantera. O corpo grande, lindo, soberbo me encantando e assustando ao mesmo tempo. Os olhos verdes prenderam os meus e me movi para o centro da cama, obedecendo a seu comando silencioso. Foi subindo devagar na cama, seus olhos nunca deixando os meus. Sua mão deslizou pela minha barriga reta e puxou-me pela cintura. Sua expressão me dizendo que ia me devorar. Sua outra mão se infiltrou nos cabelos da minha nuca e me puxou sem muita delicadeza. Ficamos cara a cara. Meus lábios quase tocando os seus. Gemi, louca para que me beijasse. Não havia mais máscaras ali. Eu o queria e infelizmente ele estava bem consciente disso.

— Tem ideia do quanto quis ter você assim, princesa? — rosnou puxando meu lábio inferior com os dentes. — você me fez esperar seis longos meses! Seis meses do caralho! E você me queria o tempo todo! — completou, seus olhos em chamas.

— Dominic... Você precisa saber... — tentei falar, mas, mais uma vez sua boca calou-me. Apossou-se da minha num beijo preguiçoso, enquanto a mão serpenteava lentamente da minha cintura e enchia nos meios seios. Estremeci. Ele puxou meus cabelos bruscamente e aprofundou o beijo, comendo minha boca avidamente. Sua língua lambendo a minha, seduzindo-me com sua boca, chupando, mordendo meus lábios. Os outros beijos que me deu foram deliciosos, mas esse estava incendiando tudo dentro de mim. Esse falava de triunfo, do poder de um macho sobre sua fêmea, de demarcação de posse. Deu um puxão no meu mamilo e minha vagina encharcou completamente. — Dominic... Oh! — balbuciei arqueando minhas costas oferecendo meus seios ao seu toque.

— Oh, você é uma cadela safada, não é, princesa? Eu sempre soube disso. — sorriu debochado e sua boca desceu pelo meu pescoço e clavícula, beijando, lambendo e mordiscando até chegar aos seios. Arqueei mais as costas e enfiei as mãos em seus cabelos, me entregando despudoradamente. Dominic grunhiu lambendo os mamilos eretos. Em um segundo sua mão acariciava o

interior das minhas coxas, apossando-se da minha vagina pulsante. Massageou meu clitóris com maestria e passou a sugar meus seios com força. Senti seus dedos me abrindo, correndo para cima e para baixo na minha fenda molhada. Gritei quando meteu um dedo grosso bem fundo. Sorrii contra meus seios. Seu dedo iniciou uma dança lenta e torturante na minha vulva. Meus quadris tinham vontade própria agora, passaram a encontrá-lo em cada investida.

— Porra, que cadelinha fogosa é você, princesa! Tô louco para comer essa bocetinha! Montar minha cadela gostosa! — rugiu e as investidas tornaram-se rápidas... Ele gemia, um som rouco e sexy escapando de seus lábios de encontro aos meus seios. — vou montar você tão duro, princesa...

— Oh! *Dio mio!* — arfei num misto de grito e gemido convulsionando-me em um orgasmo que se espalhou por todo o meu corpo, tirando-me as forças. Tombei de volta na cama. — Dominic... Eu... — balbuciei tentando abrir meus olhos pesados.

Ouvi um barulho de lacre sendo rasgado e quando abri os

olhos ele estava rolando o preservativo em seu pênis. Seus lábios se curvaram naquele sorriso lento e pecaminoso que era sua marca. Veio para mim, se posicionando entre minhas coxas.

— Olhe para mim, princesa! — sua voz rouca e dura ressoou no quarto. — Você é minha agora! Minha cadelinha! — rosnou esfregando seu pênis por toda a minha vagina. — vou montar você onde, quando e como eu quiser! Entendeu? — Se alinhou na minha entrada e empurrou lentamente, mas firme, rasgando-me até o fundo. Gritei com a invasão. Engasguei. Minha nossa! A sensação era uma mistura de dor e prazer. Mais de dor do que prazer, na verdade. Senti minha vulva esticada no meu limite. Estava bem molhada, mas ele era mesmo muito grande. Dominic congelou dentro de mim. Seus olhos arregalados, alarmados, incrédulos. Meneou a cabeça como se não acreditasse. Seus lábios sexys entreabertos. Nossas respirações alteradas no silêncio do ambiente.

— O que... — murmurou preparando-se para sair de mim. Oh! Não!

— Não pare, Dom. — pedi, meu tom humilhantemente suplicante. — eu quero... Muito... Por favor...

Ele trincou os dentes. Seu corpo retesou-se como se travasse uma batalha interna. Perdi o orgulho de vez e o enlacei com as pernas movimentando-me, obrigando-o a me invadir mais, alojando todo o seu tamanho até colar nossas pélvis. Não consegui pensar em mais nada, apenas que queria ser dele ali, naquele momento. Ele tinha razão, eu esperei demais.

Dom soltou um rosnado abafado, quase irritado e me beijou com ânsia puxando-me pelas nádegas. Tirou todo o seu pênis e entrou de novo lentamente, girando o quadril. Gememos.

— Jesus! Princesa... Porra! Caralho! — rosnou de novo agoniado e voltou a sugar meus seios devagar, lambendo os mamilos, me distraíndo do incômodo de tê-lo todo dentro do meu canal. Continuou assim, movendo-se lentamente, excitando-me de novo, olhando-me com aqueles olhos que me desarmavam. Gemi. Sua boca veio para a minha de novo num beijo indecente. Ele fodia

minha boca como fazia com minha vagina. Elevei meus quadris, passando a dançar no ritmo dele. Grunhiu e tirou todo o pênis, deixando só a cabeça avantajada e bateu dentro de mim indo até o fundo. Um choque de excitação tomou todo o meu ventre.

— Ahhh! Dom... — seu nome era um mantra nos meus lábios. Retribui o beijo com tudo que tinha. Quis dar tudo a ele. Ser dele. Completamente dele. *Dio!* Eu havia enlouquecido. Ele me enlouqueceu.

Seus lábios se afastaram e torceram naquele riso diabólico e meteu em mim sem dó de novo e de novo... Fodeu-me com fúria, agora. Mantendo-me cativa de seus olhos intensos. Seus lábios desceram para meus seios novamente. Suas estocadas fazendo-os saltarem de sua boca. Seus olhos ainda perfurando os meus.

— Toma tudo! É isso que você quer? Toma meu pau todo, sua cadela gostosa! — gritou e levou uma mão para minha boca enfiando o indicador grosseiramente. — chupe! Chupe como se fosse meu pau, minha cadela! — ordenou e eu comecei a sugar seu dedo. Seus olhos inflamaram

mais. Deu-me outro sorriso obsceno e levou a outra mão para meu clitóris. O manipulou devagar a princípio. Gemi com seu dedo na boca. — você gostou disso, não é? Gostou de ter meu pau nessa bocetinha quente e apertada. Foda! Caralho! — grunhiu comendo-me com golpes brutais, sacudindo todo o meu corpo. Seus dedos no meu clitóris fizeram jorrar mais líquidos aliviando a ardência no meu canal e meu corpo passou a sugar o dele como se quisesse me fundir ao seu. O encontrei a cada estocada. Louca, descontrolada como jamais estive em toda a minha vida.

— Ahhh! Dom... Oh, *Dio!* — gritei fora da minha mente. Ele beliscou duro meu clitóris e eu quebrei no segundo orgasmo. — Ohhhhhhhhh! — Cristo! Eu nunca sequer imaginei que seria assim. Gozar com ele dentro de mim foi muito além de tudo que já senti antes. Seu pênis enorme batendo em mim sem dó, seu corpo me esmagando no colchão. Meu ventre e vagina incendiaram e explodiram numa sensação que me drenou completamente. — É isso aí, princesa! Grite meu nome enquanto goza no

meu pau! Grite meu nome, cadelinha! — gritou, sua voz tensa. — Caralho! Que bocetinha gostosa! Ahhhhhhhhhh! — rugiu jogando a cabeça para traz, seu grande corpo retesando-se, senti seu pênis engrossar mais alargando meu canal além do limite. Estremeceu e gozou, rosnando palavrões do mais baixo calão. Elevou meus braços bruscamente acima da minha cabeça e caiu em cima de mim, grunhindo, ainda metendo profundamente, violentamente em minha vulva. Seus olhos me prendendo. Eles eram muito mais bonitos nesse momento. Um verde quase azul. Fiquei hipnotizada. Ele era mesmo muito, muito bonito. Ficamos nos olhando, mudos, como que tentando entender o que havia acontecido ali. Seu semblante se suavizou por alguns instantes enquanto seu olhar deslizava por todo o meu rosto. Deu uma última estocada e moeu em mim, girando o quadril lentamente. Nossas respirações foram se acalmando aos poucos. Então, ele sacudiu a cabeça e fechou os olhos com força. Quando os abriu havia uma expressão fria, onde antes era fogo puro. Saiu de cima de mim com cuidado e pôs-se de pé, virando-me as costas largas, os músculos saltando

com os movimentos enquanto sumia em direção ao banheiro. Retornou logo em seguida, seu pênis ainda ereto, orgulhoso. Seus lábios se torceram num riso cínico ao me pegar olhando-o. Juntou suas roupas pelo quarto. Pisquei confusa.

— Dominic... — disse, minha voz baixa, receosa. O que havia com ele?

— Que merda é essa, Helena? Hein? — virou-se para mim já puxando sua cueca e colocando as calças numa rapidez espantosa. — você era a porra de uma virgem! Uma virgem, porra! — bradou de uma forma que nunca o ouvi falar antes. — não vou ser seu prêmio de consolação porque não conseguiu ser a rainha de Leon, querida!

Suas palavras furiosas foram como um tapa na minha cara. *Dio santo!* Por que ele está tão zangado? Ele parecia estar gostando ainda há pouco. Ou não?

— Eu... *Si*, era virgem. — admiti me sentindo envergonhada pela forma como seus olhos fitavam meu corpo ainda na mesma posição rendida, atordoada que ele deixou. Puxei o lençol sobre mim. — eu pensei que...

— Pensou errado! O que acha que vai acontecer agora?
— andou até a borda da cama me encarando como se eu fosse uma aberração. Senti lágrimas virem aos meus olhos, mas pisquei para contê-las. — isso aqui não é a porra de um conto de fadas! Não vou me apaixonar porque sua boceta Real era virgem, Helena. Eu quis foder você. Apenas isso. — passou as mãos pelos cabelos num gesto raivoso. — agora que já fodi, vou dormir em outro quarto. — me avisou num tom que nem parecia a sua voz e saiu pisando duro.

O que foi tudo isso? Deixei minha cabeça cair nos travesseiros, lágrimas turvando meus olhos. Então agora era *Helena*, não mais *princesa*. *Dio!* O que foi que eu fiz? Por que cedi à ele? Fechei os olhos, suas palavras humilhantes ainda ecoando na minha cabeça. Odeio esse idiota! Odeio!

CAPÍTULO UM

Nova Iorque, Estados Unidos. Dias atuais...

Dominic

— Isso, vadia, me chupa assim... — rosnei puxando os cabelos da garota número um e meti meu pau sem qualquer gentileza na boquinha quente até a garganta. Ela não tinha reflexo de vômito. Estava certamente acostumada a ter um pau enfiado na boca. Ótimo. Gosto assim, das experientes. Não tenho o menor saco para ensinar uma vadia a fazer o seu trabalho. Era morena de olhos amendoados. Eu tinha os peitos deliciosos da garota número dois na minha boca. Era morena também. Geralmente minha preferência era loira de peitos grandes, mas ultimamente, nos últimos seis meses para ser exato, tenho chamado as morenas. Cortesia da minha querida prima Helena. Uma cadela esnobe da pior espécie que tem me negado sua boceta Real. O que ela pensa? Que eu, apesar de ter sangue nobre, não sou bom o suficiente para foder a princesinha? Foda-se, quando eu pegar essa cadela... Oh! Merda! Eu estava divagando de novo, bem no meio do sexo. Pensando em Helena, quando eu tinha duas vadias gostosas bem ali só para o meu prazer. Isso não era normal. Concentrei-me novamente nas mulheres à minha frente. Nomes não eram necessários. Eu as chamava, as fodia e as mandava embora. Nunca me satisfiz apenas com uma mulher. Meu apetite é, digamos voraz... As duas gemiam muito alto, pateticamente tentando me agradar. Mas eu não me importo, desde que me façam gozar muito. — isso, mama bem gostoso no meu pau... Caralho! Que boquinha deliciosa... — disse dando um tapa duro na sua cara. Ela sorriu. A vadia sorriu e engoliu todo o meu pau. Jesus! Eu não quero me gabar, mas sou bem grande e grosso. Essa era uma verdadeira puta. Adorei isso. Amo as putas! Bombeeí duramente em sua boca. Ela já estava ofegando, buscando ar, mas não me importei, continuei comendo-a e devorando os peitos enormes da outra. Levei uma das mãos e enfiei grosseiramente na boceta da que estava em pé. Ela gemeu e suplicou:

— Me come, Dom, por favor.

Puxei os cabelos dela pela nuca com força.

— Vou comer você quando eu quiser. Se eu quiser, sua vadia! — grunhi bem próximo de sua boca. Ela tentou me beijar, mas me afastei. — sem beijos, querida. Não estou a fim de beijos hoje. Vou meter o pau em você, fazer você gozar. Você vai me fazer gozar muito e aí termina. Hoje quero apenas foder. Fui claro? — ela sacudiu a cabeça afirmando, mas sua expressão era um tanto decepcionada. Entretanto, isso não apagou o desempenho dela. Chame-me de coração mole, mas acabei ficando com pena e a fodi primeiro. Depois de gozar na boca da morena número um, joguei a reclamona de quatro e comi seu rabo. Meti sem dó e sem nenhum cuidado. Gosto assim, duro. Quanto mais uma vadia pode aguentar meu pau, maior é a sua recompensa. E esta não me decepcionou. Tomou meu pau grosseiramente no cuzinho apertado. Ela obviamente não estava muito acostumada com sexo anal. Apreciei seu empenho em me agradar. Gozei loucamente dentro dela. Seu corpo desabou exausto no sofá. A outra já estava com os dedos enfiados na vagina deitada na outra extremidade. Sorriu e me dirigi ao bar. Servi-me de uma dose generosa de uísque. A batida da música *Candy Shop* de Fifty Cent ecoava. O volume não muito alto apenas para criar um clima. Meu pau ainda estava semiereto. Tomei a bebida lentamente olhando as duas no estofado à minha frente. Uma visivelmente gasta, mas as duas ainda me olhavam com desejo, querendo ser fodidas.

Não quero parecer convencido, mas sou bonito. Mulheres caem aos montes em cima de mim desde a adolescência. Nunca precisei de dinheiro e muito menos do meu recente título de príncipe de Ardócia para foder. Elas vinham por mim. Certo, admito. Sou convencido. Fiz um gesto com o dedo indicador chamando a vadia número um. Ela não precisou de mais detalhes, se ajoelhou e tomou meu pau de novo na boquinha talentosa. Em instantes eu estava duro como pedra. Ela me vestiu a camisinha. A girei e dobrei sobre o balcão do bar e comi seu rabo com vontade. Entrou mais facilmente. Ela era realmente uma puta. Meti meu pau com tudo, ela gemia enquanto seu cuzinho era rasgado ferozmente por mim. Outra coisa sobre mim: amo um rabo. Só como as bocetas das vadias depois de me fartar em seus rabos. Chamei a outra. Veio rápido, louca para me agradar. Os peitos enormes e succulentos balançando.

— Me ofereça seus peitos. — minha voz saiu dura, grossa de tesão. A vadia

número um tinha um rabo divino. — ohhhhhh! Porra! — grunhi comendo-a com golpes violentos. A outra juntou os peitos com as duas mãos e levou-os à minha boca. Chupei, lambi, mordi sem deixar de meter duramente naquele buraquinho gostoso. — ah! Merda! Ahhhhhhhh! — acelerei mais ainda e gozei espancando suas nádegas até deixá-la vermelha. Ela aguentou tudo parecendo gostar. Talvez eu a chamasse de novo. A morena número dois estava descartada. Tinha um rabo apertado, mas era muito inexperiente. Gosto de putas completas, que sabem o que estão fazendo e o mais importante: não esperam nada além do meu pau e do dinheiro que dou a elas. Sim, talvez eu chame a vadia número um mais algumas vezes acompanhada de outra mais experiente. Saí de dentro dela e caminhei em direção ao banheiro. Olhei por cima do ombro e elas continuavam lá me olhando ansiosas. Sorrio de suas posturas servis. Quase revirei os olhos. — eu preciso desenhar para vocês? Quero foder no banheiro! — disse sarcástico e elas me seguiram como dois cãesinhos treinados. Duas cadelas que eu usaria até me fartar.

Duas horas depois entrei na minha cobertura, servi-me de uma pequena dose de uísque e fui deitar numa das espreguiçadeiras na área da piscina. Era para eu estar relaxado depois de foder aquelas vadias à exaustão. Mas não estava. Longe disso. Ultimamente as vadias não me satisfaziam como antes. Tudo por quê? Por causa daquela princesinha mimada e esnobe que tem fugido de mim como o diabo da cruz. Eu preciso de um plano. Um plano urgente. Preciso foder Helena antes que enlouqueça. Seis longos meses desde quando nos vimos a primeira vez. Nenhuma mulher me manteve interessado assim. Mas também nenhuma mulher ousou dizer não para mim antes. Tomei um gole da bebida, frustrado. Meu pau estava dando sinal de vida de novo. Bastava pensar nela para ele ficar todo animado. Cadela aristocrática do caralho!

Seis meses antes...

Helena

Atravessei o ambiente requintado do Cocktail Terrace no Waldorf Astoria, [\[66\]](#) onde Leon mantinha uma suíte permanente. Convidou-me para ficar em seu apartamento com vista para o Central Park, mas achei melhor não. Ele achou estranho, no entanto, aceitou. Preciso distanciar-me dele. Encostei-me brevemente na bancada de granito e o barman me atendeu com um amplo

sorriso. Leon e eu somos clientes assíduos. Mesmo sem nos hospedarmos aqui na maioria das vezes, sempre vimos aqui quando estamos na cidade. Solicitei que meu drinque fosse servido na ampla sacada e dirigi-me a passos rápidos para fora do ambiente das mesas, quase todas lotadas. Eu não me sinto totalmente à vontade em ambientes assim. Mas Leon estará aqui em breve e isso me acalma.

Adoro essa vista. As luzes dessa enorme selva de pedra... Apoiei-me na balaustrada. Fechei meus olhos. Amo estar em Nova Iorque, mas nessa semana a missão era diferente, tensa. Leon me convidou para acompanhá-lo como apoio moral. Ele irá encontrar os irmãos recém-descobertos pessoalmente. Já haviam conversado por telefone e vídeo conferência, mas esse será de fato o primeiro encontro dos três príncipes. O príncipe Marco, pai de Leon deixou dois filhos fora do casamento. Isso o abalou, mas sei que ele está feliz. Depois da morte do irmão mais novo, Damien a notícia de que tinha dois irmãos o alegrou. Sei também que grande parte dessa felicidade se deve à Júlia e ao filho que leva o nome do irmão falecido. Abri os olhos olhando ao longe sem enxergar nada. Meu coração parecia esmagado dentro do peito. Não podia mais sonhar com ele. Júlia é uma boa mulher e o ama. Os dois se amam de forma tão intensa que às vezes é sufocante ficar perto deles. Preciso seguir em frente, abandonar minha amada Ardócia e as ilusões tolas de adolescente de me tornar a princesa da Ilha. A princesa de Leon. Meneei a cabeça. Não posso mais pensar nele como homem. Não ficarei mais em Ardócia como um fantasma. Não me sinto bem com a situação. Sei que Júlia desconfia dos meus sentimentos, mas é delicada o suficiente para não me confrontar. Os deixarei em paz. Partirei em breve.

— O que uma belezinha como você faz aqui sozinha?

Aquela voz me fez virar de súbito. Era um homem sombrio e parecia embriagado. Estava se aproximando cada vez mais de mim. Entrei em pânico. Porque não esperei por Leon? Perguntei-me afastando enquanto o homem calvo aparentando uns quarenta anos me encarava com olhos lascivos.

— Estou esperando meu marido. — disse tentando soar convincente.

— Mas ele não devia deixar você sozinha. — o homem me inspecionou de cima a baixo. — pode ser perigoso, beleza...

— Demorei muito, querida. Algum problema com esse senhor?

Desviei a atenção da figura odiosa para me deparar com os olhos verdes mais intensos que já vi na vida. De onde ele saiu? *Dio mio!* [67] Esse homem era muito, mas muito bonito! Uau! Fiquei completamente hipnotizada, sem reação. Ele veio até mim e enlaçou minha cintura. Eu quase gemi quando senti as mãos fortes dando-me um apertinho sutil, como um aviso para entrar na encenação.

— N-não, nenhum problema, querido. — entrei no jogo e apoiei a cabeça no peito largo e vigoroso do deslumbrante estranho. Seu cheiro me invadiu e eu tremi, literalmente tremi. Foi algo visceral. — esse senhor já estava de saída, não é mesmo? — afirmei um tanto ofegante, obrigando-me a desviar o olhar daquele rosto perfeito para o indivíduo asqueroso à minha frente.

O homem balbuciou um pedido de desculpas e saiu com as pernas visivelmente instáveis em direção ao ambiente do bar. Tive que segurar o riso. Aquela situação foi surreal. Mas ao levantar meus olhos novamente para o *Sr. Incrível*, deparei-me com um sorriso lento se formando naqueles lábios sexys. O olhar dele me hipnotizava. Tão profundo. Tão verde. Tinha algo de irreverente, indomável. Agora estava mais escuro, percebi. Ele era muito alto, pois não sou baixa, mas tinha que levantar meu rosto para vê-lo. Os cabelos negros e bem cortados contrastavam com seus olhos claros. Havia algo familiar nele. Mas com certeza me lembraria se já tivesse visto um homem como esse. Cristo! Ele está muito próximo da perfeição masculina. Espalmei minhas mãos no peitoral largo. Elas de repente pareciam ter vontade própria, porque queriam desesperadamente deslizar por aqueles músculos duros, firmes. O que em nome de *Dio* está havendo comigo? Permanecemos ali nos olhando, como se tudo o mais tivesse sumido de cena. Suas mãos agora, me acariciavam preguiçosamente, indo da cintura às costas. O que é essa sensação louca e prazerosa tomando conta de mim pelo simples fato de estar perto dele? Um completo estranho? Jamais me comportei de forma tão leviana. O homem é bonito. Tá bom, admito, *maravilhoso!* No entanto, apesar de ter me salvado ainda é um completo estranho. Tentando recobrar meus sentidos, disse enfim:

— Acho que já pode me soltar.

Dominic

Nossa! Que mulher é essa? Quando a vi atravessando o terraço, parecendo uma princesa, não consegui mais desgrudar os olhos dela. Usava um vestido preto bem recatado para o meu gosto, mas se ajustava às curvas esbeltas com perfeição, esbanjando elegância. A pele era de um tom moreno dourado, típico dos povos mediterrâneos. Ela era incrível. Não consegui parar de admirá-la. Os olhos eram de uma cor exótica, lembrando o uísque, o mais caro uísque, porque tudo nela gritava refinamento. Os cabelos eram negros, retos e lisos caindo até a cintura deleitosamente delicada. Parecia pintada a pincel. Quero *essa* mulher! O pensamento me atingiu com uma carga de excitação, que teve meu pau duro instantaneamente. Quero-a com uma intensidade nova e inexplicável. Senti-me atordoado. Como isso é possível? Acabo de vê-la. Os olhos dela eram como fogo líquido me observando com a mesma curiosidade. Com a mesma atração? Sim, ela me quer. É claro que ela me quer. Observei sorrindo. Ela sorriu-me de volta entreabrindo os lábios cheios, bem desenhados e trêmulos como num convite mudo. Jesus! Que boquinha linda! Eu poderia fazer coisas muito sujas com ela...

Enfie as mãos em seus cabelos pela nuca enquanto descia a cabeça lentamente, o olhar preso ao dela, aproximando-me daqueles lábios tentadores. Deixou escapar um gemido rouco, quase inaudível antes de nossos lábios se tocarem. Jesus! Se ela não era a coisa mais doce que provei em um longo, longo tempo. Seu corpo ficou tenso no início, mas depois seus braços me enlaçaram pelo pescoço e me deixou tomar, saquear sua boca. Desci uma mão para a parte baixa das suas costas e a outra permaneceu prendendo-a pela nuca. Gemi puxando seu corpo esguio para mim. Ela era tão suave. Tão gostosa... Deus! Eu a quero! Grunhimos os dois e nos devoramos mutuamente. Nunca um beijo me deixou tão louco, descontrolado. Essa mulher tinha que ser minha. Ela seria minha. Pressionei a mão quase em sua bunda fazendo-a sentir meu pau duro, enlouquecido por ela. Gemeu friccionando sua pélvis contra mim. Sorriu em sua boca, mordiscando seus lábios, lambendo-os lascivamente. Minha mão encheu em sua bundinha firme e cavei meu pau com mais força em sua pélvis. Ela grunhiu, mas se retesou e arrancou sua boca da minha.

— Disse que pode me soltar. — repetiu, ofegante, empurrando meu peito. Os

olhos de uísque eram fogo puro, espantados, parecendo irritados, surpresos com sua própria reação a mim.

Jesus! Soltá-la? Eu acho que não. A mantive presa encarando-a. Ela sentia a mesma coisa. Tenho certeza. Estava lá nos olhos dela e também na forma como seu corpo gostoso se moldou ao meu. Sustentei seu olhar e desci minhas mãos para a cintura delicada novamente numa carícia lenta, sentindo-a estremecer. Sim. Ela sente a mesma coisa. Constatei sorrindo, satisfeito, mas me obriguei a retirar as mãos do corpo tentador quase gemendo por ter que abandonar aquele contato. Ela tomou uma distância segura de mim imediatamente. Meu sorriso ampliou com sua fuga.

Naquele momento o garçom chegou com os drinques. Ela observou que havia dois e obviamente entendeu que a segui. Pegou seu coquetel de frutas, virou-se e andou até a balaustrada, tomando um grande gole da bebida gelada. Observei seu corpo rígido. Era uma tentativa de recobrar o controle. Sorrio internamente. A deusa mediterrânea queria fazer charminho, mas havia ficado tão afetada quanto eu. Adoro quando elas bancam as difíceis. Sorrio de novo, porque essa princesa não sabe ainda, mas estará na minha cama no final da noite. Sou Dom Harper! Nenhuma mulher me diz não. Tenho qualquer mulher que eu quiser.

— Então, isso sempre funciona? — Virou-se para mim apoiada no parapeito, a brisa do outono balançando levemente seus cabelos.

— Isso o quê? — enfiei uma das mãos no bolso das calças, provando minha bebida, meus olhos correndo por toda ela, gulosos.

— Salvar uma garota para depois flertar com ela. — disse, os olhos de uísque zombando de mim.

Nossa! Aquela expressão dizia: *não sou para o seu bico*, abri um riso lento. Ela sabia o quanto era linda? É claro que sabia. Ela era toda autoconfiança. Era refinada demais. Ativa demais. Jesus! Meu pau estava enfurecido pressionando o zíper das calças desde que senti seu cheiro, seu gosto doce. Ela era perfeita! Acaricie-i-a com olhos famintos desde as sandálias delicadas de salto alto até os cabelos meticulosamente penteados. Era como se desafiasse um homem a desarrumá-la. Oh! Eu teria muito prazer em ser esse homem... Uma visão dela nua com a cabeleira negra espalhada em meus

travesseiros me engolfou e eu gemi baixinho. Seus olhos estreitaram-se em mim, desconfiados, totalmente alertas.

— Não sei. Nunca fiz isso antes. Está funcionando? — devolvi a pergunta.

Algo brilhou nos olhos dela, percebi. Sua boquinha linda se curvou num arremedo de sorriso, mas no segundo seguinte já estava recomposta de novo.

— Acho que devo lhe agradecer pela forma um tanto criativa com que me salvou do assédio daquele bêbado. — me encarou com um ar de *mantenha distância*. — obrigado.

— Foi um prazer, princesa. — disse, meus olhos devorando-a escancaradamente, sugestivamente.

Ela soube exatamente no que eu estava pensando, pois um leve rubor tingiu suas faces. Sua pele era limpa, fresca. Sua beleza quase natural. Não usava muita maquiagem e seu vestido não era o tipo que geralmente chamaria minha atenção. Era comportado demais. Então, o que há com essa garota que me teve praticamente babando, desde o momento em que meus olhos a viram atravessando o terraço? Ela arfou levemente sob meu olhar. É isso aí, princesa. Não adianta essa pose de rainha do gelo, agora. Você me beijou e apreciou cada momento delicioso da experiência, querida.

— Sou Dom. — estendi a mão para ela. — Mereço saber ao menos o seu nome, não?

Helena

O timbre de voz dele era baixo e rouco. Terrivelmente sexy. Esse homem exalava sensualidade crua, predadora. Era quase impossível olhar para ele e não pensar imediatamente em *sexo...* *Dio!* Quem é ele? E por que tem esse efeito tão devastador sobre mim? Tenho certeza que a maioria das mulheres se derreteria ao ouvir aquela voz. Mas não eu. Definitivamente não posso me dar esse luxo. Não sou de me deixar levar por emoções efêmeras. Lutei para recuperar o controle do meu corpo.

— Dom! Nossa! Estou procurando você há horas. — disse uma loira peituda, avançando até ele, se enroscando em seu pescoço e sem lhe dar chance de reação tomou sua boca num beijo que só podia ser descrito como atentado

violento ao pudor. Fiquei estagnada, mortificada, e decepcionada porque ele a enlaçou pela cintura e a beijou de volta. Ele a beijou de volta! O cretino a beijou!

Oh! Uau! De onde ela saiu? De uma capa da playboy? Eu precisava sair dali imediatamente, pensei horrorizada, mas antes que minhas pernas funcionassem de novo, a boneca *Barbie* o largou e virou-se para mim ainda pendurada no pescoço dele. Eu o odiei! Os odiei!

— Quem é essa? — quis saber olhando-me de cima a baixo com clara desaprovação nas feições que seriam bonitas se não estivessem tão carregadas na maquiagem.

Desviei meus olhos para ele, desafiando-o a dizer alguma coisa, porque aquela criatura espalhafatosa pendurada nele era obviamente sua namorada, acompanhante ou sei lá o que. Levantei uma sobrancelha à espera do que diria. Senti-me ridícula por ter caído no encanto desse Dom Juan fajuto. Quase revirei os olhos, pois o nome dele era esse mesmo. Que piada.

Seus olhos incríveis me prenderam por incontáveis segundos. Ele retirou um lenço do bolso do terno e limpou os lábios sexys sem deixar de me encarar. Então sua boca se curvou num riso sedutor, mostrando os dentes brancos e certinhos e umas covinhas *maledetas*^[68] para completar. *Dio!* Ele era muito, muito bonito. Pisquei desconfortavelmente e desviei o olhar para a *Barbie* de novo. Ela parecia impaciente com a forma como seu homem me encarava.

— Com licença, mas vou...

— Helena! Por que não esperou por mim? — a voz de Leon me interrompeu. Ambos viramos para encarar o recém-chegado. Os olhos da *Barbie* cintilaram na direção de Leon.

— Desculpe. Precisava tomar um pouco de ar. Seus irmãos já chegaram? — fui até ele enlaçando seu braço como um bote salva vidas, louca para me livrar daquele casal, principalmente daquele sujeitinho abusado. Como fui capaz de deixá-lo me beijar? Como fui capaz de beijá-lo de volta? Quase gemi de desgosto, porque eu havia gostado dele por alguns poucos minutos antes do homem se transformar naquele idiota completo.

Ele olhava de mim para Leon intrigado.

— Creio que acaba de conhecer um deles, *caríssima*. [69] — Leon informou estendendo a mão para o sujeito. — Como vai, Dominic?

— Vou bem e você, Leon? — os dois deram um aperto de mãos firme.

Minha respiração ficou presa um instante. O quê!? Aquele era Dominic Harper? *Santo Cielo!* Ele era o famoso playboy bilionário do ramo da tecnologia e notório mulherengo? Chutei-me mentalmente. Cristo! Eu obviamente não consigo escolher bem os homens por quem me interesse. Acho que a tal fada madrinha não ia muito com a minha cara, afinal, ironizei-me. Por isso achei-o familiar. Não tive a curiosidade de procurar pelos novos príncipes na internet. Senti-me mais uma vez estúpida. Eu devia ter checado isso. Teria me poupado dessa cena de sedução ridícula do famoso libertino de Manhattan. [70]

Eles não eram exatamente parecidos, observei, mas havia algumas semelhanças sutis, como altura, porte físico, a cabeleira negra. Entretanto, elas acabavam aí. Enquanto os olhos de Leon eram escuros, os de Dominic eram verdes. Um verde escuro, tempestuoso, intenso, que no momento me encaravam com uma promessa lasciva. Como se estivesse arrancando minhas roupas mentalmente. Por que estava deixando esse idiota pretencioso me afetar desse jeito? Por um segundo pensei que havia acontecido algo mágico entre nós. Mas, não. Dominic Harper, agora um príncipe Di Castellani, sabia exatamente o que dizer ou fazer para flertar com uma mulher. Tudo não passou de uma encenação. Não houve e nunca haveria nada de intenso entre nós, pela razão óbvia, ele era um maldito cachorro vadio! Obriguei-me a sustentar o olhar cínico que ele me dirigia agora.

— Foi um prazer conhecê-la, *Helena*. — sua voz foi suave, disse meu nome como uma carícia e eu tremi. Odeio ele!

— Que bom que já se apresentaram. — Leon bateu de leve na minha mão, na curva do seu braço. — Helena é minha prima. Nossa prima, irmão.

— Minha prima? — Dominic repetiu, a expressão predadora voltando aos olhos penetrantes. Os lábios sexys se abriram num sorriso ao mesmo tempo preguiçoso e diabólico.

Cristo! As covinhas assassinas estavam de volta! Aquele sorriso me dizia que ainda não tinha acabado, pelo contrário. Senti que teria problemas com meu

novo *primo*. *Si*, porque Dominic Harper era sinônimo de problema e com “P” maiúsculo! Não, a palavra devia ser toda em maiúsculo! Os tabloides viviam cheios dos casos dele. Suas extravagâncias sempre ao lado de mulheres lindas eram vendidas como água. Dificilmente aparecia ao lado da mesma mulher mais de uma vez. O pior de tudo era saber que ele me afetou em um nível que nenhum outro conseguiu. Nem mesmo Leon, reconheci. Leon não tinha o poder de incendiar-me apenas com um olhar. Era diferente o que senti agora.

Ele estendeu a mão novamente para mim, um brilho de desafio nos olhos verdes. Tive que ser civilizada e aceitar seu cumprimento. Sua mão grande, morna e macia engoliu a minha e tremi de novo. Eu não conseguia mais controlar meu corpo. Ele me segurou por um tempo muito maior que o necessário. Por fim, soltou minha mão deslizando dois dedos pela minha palma. Seus olhos inflamaram e os cantos da boca pecaminosa subiram na sugestão de um sorriso. *Si*, odeio esse idiota e o que ele faz comigo!

— É um prazer conhecê-lo. — obriguei-me a dizer. Consegui injetar neutralidade na minha voz e olhar. Ele assentiu levemente com a cabeça.

— O prazer foi todo meu, princesa. — era óbvio que se referia ao beijo. Seus olhos eram abertamente provocadores.

— Não sou uma *princesa*. — o corrigi um tanto seca. — sou uma *duquesa*.

Seus olhos passearam por mim escancaradamente, lentamente. Quando nossos olhares se encontraram de novo eu estava me contendo para não arfar. Mas tenho certeza que meu rosto estava em chamas. Idiota!

— Para mim parece uma princesa. — afirmou ainda me prendendo com seu olhar incrível, desconcertante. A boneca *Barbie* bufou alto. Concordo com ela. Ele realmente era um imbecil. Pendurado em uma mulher e dando em cima de outra de forma tão desavergonhada.

— Jayden já está nos aguardando na nossa mesa. Vamos?

— Leon disse olhando de mim para Dominic franzindo o cenho. É claro que percebeu o clima entre nós. O idiota não foi nada sutil. Soltei-me do braço de Leon e virei-me retomando o caminho pelo terraço. Senti os olhos de Dominic em cima de mim, mesmo de costas para ele.

Acomodei-me entre Jayden e Leon. O casal asqueroso sentou-se à nossa frente. Ignorei-os. Ou melhor, tentei, mas eles não eram fáceis de ignorar. A *Barbie* que atendia pelo nome de Alisha ficou o tempo todo grudada em Dominic só desviando os olhos para cobiçar os outros

irmãos que eram tão bonitos quanto ele. Leon a olhou com frieza quando insinuou algo a respeito dele sozinho em Nova Iorque, pois Júlia havia ficado em Ardócia.

— Minha mulher está sempre comigo, mesmo que não esteja presente fisicamente. — ele disse com polidez forçada. Pelo que conhecia de Leon ele estava prestes a mandar aquela vadia se retirar da mesa. Se não fazia, era por causa do idiota do irmão. Como que confirmando suas palavras seu celular tocou. Seu rosto se iluminou quando viu a tela. Eu não precisava perguntar para saber quem era. — oi, bebê. — sussurrou, sua voz suave, amorosa. — é Júlia. Me deem licença um instante. Preciso atender. — informou já se levantando, indo para a área mais afastada depois das mesas. *Barbie* o olhou se afastar suspirando e deixou escapar:

— Nossa! Ele parece realmente apaixonado pela princesa. Isso é raro hoje em dia.

Dominic deu de ombros e os olhos de Jayden acompanharam Leon um tanto melancólicos. Mas foi rápido, porque ele também deu de ombros e abriu um riso

cínico no momento seguinte. Tive a impressão de que Jayden havia passado por uma decepção amorosa recentemente. Será?

— Então, princesa. — a voz sexy de Dominic me fez encará-lo. — me fale um pouco de você. — seus malditos olhos incríveis estavam me devorando de novo. Ele era um imbecil completo, mas meu corpo não parecia fazer objeção quanto a isso.

— Você não está aqui para me conhecer e sim a Leon e Jayden, seus irmãos. — cuspi com a voz gelada. Ele abriu aquele riso debochado, sedutor, provocador, lascivo. Comecei a perceber que era a marca registrada dele.

— Adoro nossas preliminares, princesa. — sussurrou. A *Barbie* bateu no braço dele, tentando chamar sua atenção, mas ele não desgrudou os olhos dos meus. — aposto que por baixo dessa pose de princesa de gelo, você é fogo puro. — revirei os olhos, tentando controlar as batidas frenéticas do meu coração. Ele era um idiota, mas era um idiota absurdamente bonito. E para meu desgosto eu não era imune a seus atrativos. Quer piorar ainda mais? Ele

sabia disso. — vamos, princesa, diga alguma coisa. Qualquer coisa. — voltou a me instigar, desvencilhando-se do agarre da loira pela primeira vez. Eu gostei disso. Ora, o que estou pensando? Ele é um jogador, um libertino que acha normal beijar duas mulheres num curto espaço de tempo. *Per amor di Dio!* — há um senhor engomadinho, um príncipe, um conde, duque ou sei lá o que for esperando por você em Ardócia?

— Isso não é da sua conta. — consegui dizer sem me alterar. Ouvi a risada baixa de Jayden. A *Barbie* bufou de novo. Se eu estivesse no lugar dela já teria ido embora e deixado esse imbecil sozinho.

Ele gargalhou dessa vez. Oh! *Dio mio!* Ele era perfeito sorrindo. Cristo! Devo estar desenvolvendo a síndrome de Estocolmo[\[71\]](#).

— Então, não há ninguém. Interessante. — murmurou ainda sorrindo.

— Eu não disse isso. — rebati começando a me irritar verdadeiramente.

— Não há, princesa. — disse e debruçou-se sobre a mesa

em minha direção. Prendi a respiração. Seus olhos intensos em mim. Malditos olhos! — se tivesse você não estaria assim, estressadinha, marrentinha, afetadinha.

— Você não me conhece, seu imbecil. — perdi as estribeiras de vez.

— Você precisa relaxar, princesa. — sussurrou voltando à sua posição na cadeira. A *Barbie* pendurou-se nele de novo. — precisa transar. — engasguei literalmente com suas palavras grosseiras. — Posso ajudar com isso. Prometo deixá-la bem relaxada... — seus olhos flamejavam zombando de mim claramente. O cretino estava adorando me tirar do sério. A *Barbie* riu, um som odioso. Jayden avisou:

— Leon está voltando.

Obriguei-me a engoli a resposta. Leon sentou-se radiante do meu lado. Sorriu para os irmãos.

— Vamos pedir, então?

O jantar transcorreu num clima mais ameno. Leon conduziu a conversa. Ele era assim, um líder nato. Ainda havia certa reserva entre eles. Era o primeiro contato que

tinham, mas acho que os irmãos gostaram dele. Bem, Jayden era difícil de julgar. Se manteve mais distante. Dominic era mais acessível. Acessível até demais, ironizei. Brincalhão, fazendo piada o tempo todo. Vi-me admirando-o silenciosamente cada vez que falava, seu timbre rouco, sexy, íntimo. Algumas vezes me flagrou olhando-o. Sua boca se curvava naquele sorriso molha calcinha e eu revirava os olhos mentalmente. Convencido! Nos despedimos cerca de meia hora depois. Tomei o elevador para o andar da minha suíte. Qual foi a minha surpresa ao encontrar Dominic parado, encostado na parede, assim que as portas se abriram. Cogitei descer novamente, mas não daria esse gostinho àquele insolente. Seus olhos passearam por mim, brilhando de uma forma que me fazia querer esquecer tudo que vi dele nas últimas horas e me deixar seduzir. Saí do elevador e andei devagar parando à sua frente.

— Onde está a *Barbie*? — alfinetei.

Ele sorriu, aquele riso que eu estava odiando e adorando ao mesmo tempo. Vai entender.

— Ciúmes, princesa? — sussurrou, enfiando as mãos nos bolsos das calças numa postura descompromissada. Ele era realmente tudo que a mídia dizia dele. Lindo, rico, agora um príncipe e um maldito galinha!

— Vá sonhando, *caro mio*. — disse desdenhosa.

— Jesus! Esse sotaque me mata. — sua voz foi ridiculamente sedutora. — você me deixou duro, princesa. — completou com aquele olhar desafiando-me, provocando-me, testando todos os meus limites.

— Você é um maldito cachorro vadio, Dominic Harper! — disse entre dentes.

— E você é uma cadela aristocrática, aparentemente fria, que precisa transar urgentemente. — disse jocoso. — é seu dia de sorte, princesa. Estou me sentindo um filantropo hoje. — sorriu mais amplo e abriu os braços, completando: — sou todo seu.

Cerrei meu maxilar. Esse imbecil estava dizendo que sou um caso de caridade?

— O inferno vai congelar antes que você ponha suas patas sujas em mim, seu idiota! — disse tentando manter minha

voz baixa. Odeio escândalos.

Ele desencostou-se da parede e se aproximou, invadindo meu espaço pessoal. Tive que me manter firme. Não recuaria. Não o deixaria mais presunçoso do que já é. Ficou lá me observando, seus olhos verdes malditos mantendo-me cativa, enfeitiçando-me. Prendi a respiração. No segundo seguinte seu grande corpo me prendeu bruscamente contra a parede. Elevou meus pulsos acima da minha cabeça e moeu seu pênis duro na minha pélvis. Não consegui conter um gemido. Cristo! Isso é ridículo! Ele é ridículo! Sua boca ficou bem próxima da minha. Seus olhos zombadores, quase cruéis, perfurando os meus. Chupou meu lábio inferior, me incendiando, me inflamando. Moeu em mim de novo e dessa vez ele gemeu também. Minha calcinha estava completamente alagada. Então, se afastou numa rapidez que me fez piscar, confusa. Sua boca se curvou naquele riso pecaminoso de novo e se dirigiu ao elevador.

— Esteja preparada para esquiar, princesa. — disse-me naquele tom baixo e sexy antes das portas se fecharem.

Seus olhos presos em mim até o último momento. Abri a porta do quarto e entrei me apoiando nela, trêmula, afetada, descontrolada, excitada e muito assustada, porque havia acabado de me tornar um desafio para ele. Oh! *Dio!* Dominic Harper era muito para mim. Nunca seria páreo para ele.

CAPÍTULO DOIS

Dias atuais...

Dominic

Afastei-me da minha mesa de trabalho e andei até a enorme parede de vidro do meu escritório no 20º andar de um dos edifícios comerciais mais disputados de Nova Iorque. Sorrio ao me deparar com a vista privilegiada da baía de Manhattan. A vista era realmente impressionante, mas a razão de meu sorriso é a mulher que me aguarda na recepção. Helena... Fechei os olhos saboreando o nome. Finalmente ela veio para mim. Há seis meses, tento sem sucesso, me aproximar dessa princesinha mimada. Minha prima em terceiro grau, deixou claro nas vezes que nos encontramos que não está a fim de estreitar laços comigo. Uma pena, porque eu totalmente quero estreitar relações com ela... Entretanto, os olhos dela, o corpo dela, me dizem tudo que preciso saber. Helena me deseja. Embora faça tudo para demonstrar o contrário, não consegue disfarçar o fogo naqueles olhos exóticos quando nossos

olhares se cruzam. Desde o primeiro momento sentimos essa conexão intensa. Tenho certeza que ela também sente. E é essa certeza que me leva a persistir. Helena fatalmente será minha. É só uma questão de tempo. Preciso tê-la. Só assim posso dar fim a esse desejo inconveniente, que está tirando minha atenção até dos negócios. Isso nunca me aconteceu antes. Nenhuma mulher teve o poder de atormentar-me assim.

Vou conquistá-la, fodê-la duro algumas vezes e tirá-la do meu sistema. Um plano simples. O som da porta se abrindo me fez virar. Meu sorriso se ampliou. Ela estava linda. Recatada, mas linda. A inspecionei descendo meus olhos gananciosos lentamente por seu corpo esguio, de curvas suaves e elegantes, enquanto caminhava até minha mesa. Meu pau se sacudiu, ele fica como uma pedra toda vez que a vejo. Usava um vestido de um rosa clarinho e um delicado casaco de manga curta por cima. Uma típica *princesa*, ironizei. Os cabelos estavam presos num rabo de cavalo refinado. Ela lembra uma peça rara e de valor incalculável exposta num museu. Parece haver correntes em volta e um aviso bem grande: *aprecie, mas não toque!*

Meus lábios se curvaram num sorriso lento. Ah, mas eu *quero e vou* tocar...

— Helena, que surpresa. A que devo a honra? — tentei manter minha voz neutra.

Ela me fulminou com os exóticos olhos de âmbar.

— Olá, Dominic, creio que não é nenhuma surpresa. Sabia que eu viria. — me encarou com olhos em chamas. Uau! Ela é mesmo uma coisinha linda quando desce da sua pose de princesa recatada.

— Sente-se, por favor. Aceita um café, um chá talvez? — ofereci ao mesmo tempo em que me acomodei na cadeira confortável atrás da minha mesa. A encarei divertido.

— Não quero nada, obrigado. Apenas diga-me. — ela me encarou os olhos momentaneamente frágeis. — ainda quer se casar comigo?

Tive que lutar para segurar o riso. Ela devia estar explodindo por dentro. Mas era muito boa em dissimular emoções. Foi educada na realeza. *Ela* era toda realeza. Por isso me ignora? Porque não cresci no palácio de Ardócia com todas as regalias como seu querido Leon?

Acha-me indigno de sua atenção? Pode parecer loucura, mas sou um príncipe! Há pouco mais de seis meses fiquei sabendo que sou um príncipe da Ilha de Ardócia. Que meu pai, príncipe Marco foi mulherengo e sem moral, deixando dois filhos fora do casamento. Meu pai está morto há muito tempo, mas havia três irmãos. Damien, o mais novo também está morto há dois anos, Leon, o mais velho é agora rei de Ardócia e Jayden, ilegítimo como eu vive na Inglaterra. Parece que o príncipe Marco gostava de se misturar com a *plebe*. E há *ela*, Helena, uma princesinha mimada e cheia de não me toque que me esnobou e me ridicularizou todas as inúmeras vezes em que estive em Ardócia com o único intuito de vê-la. E foram muitas vezes. Nunca andei tanto atrás de uma mulher. Quem ela pensa que é? Dominic Harper jamais foi ignorado por nenhuma mulher e ela não será a primeira.

É realmente muito irônico que agora seja sua única esperança. Abri um meio sorriso enquanto observava a batalha interna da princesa, para manter sua postura de *sou inatingível* que está sempre naquele lindo rosto. Há um mês, fiquei sabendo da delicada situação financeira

dela. O pai, um duque de Ardócia, jogador inveterado e mulherengo assumido havia torrado todo o patrimônio antes de morrer em um acidente de carro no principado de Mônaco. Helena agora dependia do testamento do avô paterno. E é aí que eu entro... O testamento possui uma cláusula bem peculiar. Ela precisa estar casada para receber a herança que está avaliada em muitos milhões. Ela não se arriscará a perder tudo. Não, ela não quer perder o estilo de vida cheio de luxos fúteis que leva.

— Se bem me lembro princesa, você me rejeitou veementemente, quando entrei em contato com você há um mês propondo ajudá-la. — disse encostando-me no espaldar da cadeira para apreciar melhor a vista.

Helena

Ele não quer simplesmente me ajudar. Tive vontade de gritar. Que homem irritante. Sei bem o que ele quer... Quer prender-me numa armadilha. Está acostumado a ter todas as mulheres a seus pés para usá-las e descartá-las na semana seguinte. É isso que os tabloides dizem dele. Um playboy bilionário e mulherengo. *Dio!* Tentei me preparar

para confrontá-lo. Tentei me convencer de que ele não é tão maravilhoso como nas minhas lembranças. Mas a quem estou tentando enganar? Ele é magnífico! Tentei controlar desesperadamente as batidas do meu coração que parecia um tambor. Desde o nosso último encontro no jato, quando deixei Ardócia, consegui evitá-lo, mas parece que tudo está me trazendo de volta para ele. Minhas pernas ficaram pesadas quando ele cravou seus olhos verdes em mim logo que entrei na sala minutos antes. Ele sabe o efeito que causa em mim. A expressão arrogante e zombeteira que surgiu nos olhos dele me dizia que sim, era bem consciente do quanto me afetava. Maldito imbecil! Transformou os últimos seis meses da minha vida em um inferno. Desde quando o encontrei não consigo tirá-lo da cabeça e ele faz questão de impor sua presença sempre que pode.

— Você está adorando isso, não é? — fulminei-o.

Ele sorriu. Aquele riso lindo com covinhas assassinas. Cristo!

— Muito. — sussurrou.

— Você arruinou minhas outras tentativas. Pensa que não sei que interferiu com Jayden e depois com o Conde Vladimir para que não me ajudassem. Isso foi muito baixo, até mesmo para alguém como você. — ataquei, não podia me deixar tocar pela aparência dele. Sei exatamente quem ele é.

— Alguém como eu? — ele levantou as sobrancelhas negras perfeitamente assimétricas.

Droga! Ele precisa ser tão bonito?

— Sim. Um maldito galinha, um cachorro vadio que não aceita um *não* como resposta. — despejei.

Os olhos verdes escureceram por um breve momento e a expressão no belo rosto dele endureceu, mas então ele sorriu novamente mostrando os dentes brancos e certinhos. Parecia um modelo saído de um catálogo masculino. Oh, Eu estou divagando! Eu nunca me distraio do meu foco! É ele! Ele faz isso comigo. Ele é impressionantemente bonito e sabe disso. Convencido!

— Diga-me princesa. O que eu ganho me casando com você?

Revirei os olhos numa expressão entediada.

— Oh! Quer parar de me chamar de *Princesa*. — Fulminei-o novamente. — Diga-me você. O que esperava ganhar quando me ligou há um mês, Dominic? — devolvi sentando-me por fim em uma das cadeiras que ele indicou. Cravou o olhar intenso em mim. Aquele olhar fazia coisas mirabolantes com a minha barriga. Sentia-me uma adolescente cada vez que me olhava. Uma excitação despudorada tomando conta do meu ventre. Sempre odiei minha reação à ele. Apoiou-se na mesa aproximando o rosto do meu e sussurrou, os olhos adquirindo uma expressão quente, pecaminosa...

— Você sabe o que eu quero, princesa.

Meu corpo tremeu com seu tom de voz rouco, sexy como o inferno! Como ousa olhar para mim dessa forma? E por que apenas um olhar dele tinha o poder de me deixar praticamente à beira de um clímax? *Maledizione!*[\[72\]](#) Eu nunca senti algo parecido em toda a minha vida. Ele me desestabiliza completamente.

— Sabe tão bem quanto eu, que esse casamento não será

real. — dei-lhe meu melhor olhar de *conheça o seu lugar, idiota!*

— Sei. Sei também que seu prazo está expirando, princesa. Soube que tem até o final da semana para arrumar um marido. — ele abriu um riso de deboche. Bastardo! — caso contrário, os milhões do seu avô irão para a caridade. Terrível, não?

— Se você não tivesse interferido nas minhas outras tentativas, eu não precisaria recorrer a você. — assumi novamente minha pose de *sou inatingível*. Não que funcionasse muito com ele. — sabe que você é minha última opção. Não posso arriscar que a história caia na imprensa. — Tudo tem que correr no mais absoluto sigilo. Júlia e Leon estão convencidos de que Dominic é um bom homem. Como eles estão enganados. Esse cretino está se aproveitando da minha situação.

Ele gargalhou dessa vez. Seus olhos verdes malditos, cravados em mim. Eu o odeio!

— Princesa, saber que sou sua última opção machuca-me profundamente. — levou a mão ao coração teatralmente.

Eu vou arrancar a cabeça dele, eu juro.

— É tudo uma questão de ego não é? Eu disse *não* a você e não consegue aceitar isso.

— Sua linda boca diz *não*, mas seus olhos e seu corpo me contam outra história, querida. — disse, debochado.

— Nem nos seus melhores sonhos. — fulminei-o.

— Ah, nos meus sonhos você é muito receptiva... Essa boquinha linda é usada para outras coisas em vez de me insultar, se é que me entende... — sussurrou, abrindo aquele riso obsceno, causando arrepios na minha pele.

— Como ousa... — minha voz saiu um tanto rouca e ofegante. Eu quero estrangulá-lo... E beijá-lo. Não necessariamente nessa ordem. Cristo!

Ele assumiu uma expressão séria e levantou-se. Encolhi-me na cadeira ao vê-lo encostar-se à borda da mesa à minha frente. A coxa máscula quase tocando minha perna.

— Quero você, Helena. E você também me quer. — disse baixinho, os olhos me prendendo no lugar sem ao menos piscar. — não vai demorar muito e você vai estar nua

embaixo de mim. Vou foder você de formas que nem imagina. — sorriu perverso ao ver que prendi a respiração com suas palavras vulgares. — Oh! Isso a excita, não é? É isso aí princesa. O príncipe plebeu vai ensinar uma ou duas coisinhas a você...

— Oh! Cale a boca! — levantei-me completamente insultada, ultrajada e... Excitada. Imbecil! Que tipo de homem diz isso a uma mulher? — Não quero você. Não sinto absolutamente nada por você! — cuspi entre dentes tentando sustentar lhe o olhar a todo custo. — você é um maldito cachorro vadio!

Puxou-me pelos pulsos colando meu corpo ao físico poderoso dele. Seu cheiro embriagador me incendiou as narinas. *Dio!* Eu estou em sérios apuros. Não há mais como fugir.

— Mentirosa. Você é uma cadela mentirosa, princesa. — murmurou a poucos centímetros da minha boca.

Dominic

— O que aconteceu? Perdeu a agenda das supermodelos e atrizes hollywoodianas com quem costuma sair? —

Helena disse tentando não se mostrar afetada pela proximidade. Mas seus olhos eram fogo líquido. Ela estava tão afetada quanto eu. — não me pareço em nada com elas. — concluiu baixinho.

Continuei encarando-a insistentemente. Estou faminto por ela. Louco, desesperado como jamais estive por nenhuma mulher. Estou esperando pacientemente por malditos seis meses do caralho! Louco por essa chance. Ela é minha agora. Minha!

— Não, princesa. Definitivamente não se parece em nada com elas. — sussurrei desviando o olhar para a boca que estrelava meus sonhos mais molhados. Já havia esperado demais.

— Já pensou que pode se decepcionar comigo. Digo, na cama? — ela tentou desesperadamente afastar-me, mas a enlacei pela cintura com firmeza.

— Sem chance, princesa. Tenho certeza que você é exatamente como nos meus sonhos. — murmurei quase tocando seus lábios, meus olhos perfurando os dela visivelmente dilatados agora. Ela também me quer.

Sempre quis. Mas é uma cadela esnobe. Acha-se melhor do que eu. — uma cadela fogosa, gostosa. É isso que você é nos meus sonhos. — terminei de inflamá-la.

— Cale-se, seu cretino! Você não me conhece.

— Então é melhor provar a mercadoria antes de nos casarmos, não acha? — abri um riso cínico e não tive mais forças para resistir. Mergulhei naquela boca que me perseguia por seis longos meses infernais. Helena resistiu no começo. Seu corpo ficou tenso e seus punhos me esmurraram com força nos ombros. Mas nem mesmo me movi, levei uma das mãos à sua nuca massageando-a e suavizei o beijo. Ela estremeceu, seus socos foram perdendo a força e soltou um misto de gemido e suspiro. Era a sua rendição. Enlaçou-me pelo pescoço e correspondeu ao beijo, tímida no início, mas ditei o ritmo. Mordi e lambi seu lábio inferior de forma tentadoramente erótica. Ela gemeu. Sorrio dentro de sua boca e inverti as posições empurrando-a com urgência contra a borda da mesa. Ela me puxou com força pelo pescoço. Agora correspondia com ardor. A princesa era mesmo uma

coisinha quente... Uau! Muito quente. O beijo esquentou de vez e gememos. Nossas mãos procuravam o corpo do outro. Subi minhas mãos do quadril para os seios pequenos dela. Ela ronronou como uma gata quando brinquei com os mamilos salientes mesmo sob o vestido e o sutiã. Abandonei sua boca e descí numa trilha de beijos e mordidas delicadas pelo pescoço e colo. Livrei-a do casaco com mãos brucas, ansiosas.

Helena

Eu estava perdida. Sonho com seus beijos, seu gosto desde que me beijou a primeira vez há seis meses. Sabia que não podia me render, mas a sensação era poderosa demais. Sempre foi assim com ele. Espalmei as mãos no peitoral poderoso dele e senti-o estremecer sob meu toque. Uma sensação indescritível de satisfação me invadiu. Ele também sentia esse desejo louco, constatei, enquanto abria os botões da sua camisa e enfiava as mãos por dentro sentindo sua pele quente e os músculos duros saltando. Ele gemeu levantando-me pelas nádegas acomodando-me em cima da mesa e posicionou-se

grosseiramente entre minhas pernas. As abri mais, querendo aprofundar nosso contato. Totalmente fora de mim.

As mãos dele passearam pelo meu corpo até chegar ao zíper na parte de trás do vestido. No segundo seguinte as alças estavam descendo pelos meus ombros e meu sutiã foi aberto com a mesma maestria. Mas não consegui registrar mais nada, porque o olhar de apreciação masculina que ele deu aos meus seios era incendiário, cru, lascivo, selvagem. Meus seios eram muito pequenos, mas, me senti muito bem com sua apreciação. Encheu as mãos neles olhando-me nos olhos, torcendo levemente meus mamilos enquanto me serpenteava sobre a mesa, arqueando as costas oferecendo meus seios a ele desavergonhadamente. Quando senti sua boca quente e molhada tocar minha pele, meu corpo convulsionou em puro êxtase. Gemi alto. Seus olhos eram escuros e tempestuosos agora me olhando, mantendo-me presa em seu feitiço. Lambeu meus seios lentamente rodeando a língua pelos mamilos, como se tivesse os adorando. Sugou-os mais forte e mordiscou-os. *Oh! Dio!* Ele era

perfeito. Simplesmente perfeito. Suas mãos grandes subiram meu vestido fazendo um amontoado de tecido em volta da minha cintura. Acariciou minhas coxas avançando lentamente pela parte interna. Em segundos ele estava afastando a minha calcinha e massageando meu clitóris. Nunca havia sentindo nada igual em toda minha vida. Só ele me faz sentir esse desejo louco, devasso. Ouvi-o grunhir contra meus seios enquanto introduzia um dedo grosso dentro de minha vulva escorregadia.

— Oh! Dominic... *Dio!* Por favor... — choraminguei.

Cristo! Aquela voz era mesmo minha? O que eu estava implorando? Para ele fazer amor comigo em cima de uma mesa? Fazer amor não, *foder*, foi isso que ele disse que faria comigo. Tentei voltar ao controle, mas ele começou a movimentar o dedo em meu íntimo, em um vai e vem enlouquecedor, indo mais fundo a cada vez, enquanto se banquetava em meus seios. Não tive forças para empurrá-lo. Devorou-me assim até que meu corpo estremeceu violentamente e me agarrei aos ombros largos dele para suportar a força da mais intensa sensação que já

havia sentido. E eu soube por fim o que era um orgasmo de verdade. Um verdadeiro orgasmo nos braços de um homem. Apoiei a cabeça no peito dele, sendo embriagada pelo seu cheiro delicioso de macho e perfume caro. Senti também as batidas fortes do seu coração. Então a realidade me atingiu como um raio. Afastei-me abrindo os olhos para encará-lo. Os olhos verdes sorriam em triunfo. Era como se dissessem: *viu? Posso ter você na hora que eu quiser*. Fechei os olhos e gemi mortificada. Como fui estúpida. Ele estava totalmente vestido entre minhas pernas enquanto eu estava praticamente nua em cima da sua mesa. O cenário era devastador. Bastava alguns minutos a sós com ele e aquele bastardo me atacava daquela forma. Minha mão voou direto para o rosto dele, num tapa que ecoou na ampla sala e o empurrei com força descendo da mesa.

Dominic

— Isso foi... Foi — ela não conseguia encontrar palavras, nem me encarar enquanto ajustava o vestido com mãos trêmulas tomando o máximo de distância de mim.

Esfreguei a face. Uau! Ok. Eu mereci isso, mas adorei vê-la descomposta. Ela era sempre tão irritantemente formal e *arrumadinha*. Não vejo a hora de ter seus cabelos negros espalhados em meu travesseiro, enquanto a fodo incansavelmente. Porque isso fatalmente acontecerá. Sempre soube que havia fogo por baixo de toda aquela postura de realeza. Abri um riso satisfeito.

— Foi um orgasmo. Você gozou bem gostoso. — disse. — Proporcionei-lhe mais prazer do que esperava não é? É por isso que está aí toda irritadinha. Você me evita, se mantendo distante porque é de você que tem medo, não de mim, princesa! — despejei jocoso. — se eu não tivesse parado, meu pau estaria todo enterrado em você agora...

— Cale. A. Maldita. Boca!

Pela expressão em seus olhos, soube que nada agradaria mais a ela do que me estrangular. Sorrio perverso. Ela me deseja tanto quanto eu a ela. Oh! Os próximos três meses prometem ser muito, muito interessantes...

— Então, princesa. — voltei a me sentar atrás da mesa e olhei o relógio, com uma expressão entediada. — o que

está disposta a me dar para que eu me case com você?

Ela terminou de recompor-se e virou para mim. A expressão de princesa de gelo já estava novamente em seu rosto.

— Metade da herança. É isso que posso dar. — disse enquanto pegava a bolsa e o casaco vestindo-o com elegância.

Ela achava mesmo que aquela pose funcionava comigo? Gargalhei. Certamente não depois de ela ter gozado em meus dedos. Só para inflamá-la levei o dedo que esteve dentro dela aos meus lábios e o chupei com deleite. Seus olhos se arregalaram de ultraje, de desejo. Meu riso se ampliou. Sim, princesa, não adianta negar, você gosta disso.

— Não preciso do seu dinheiro. Quero *você*. Isso não é negociável. — encarei-a sério. — você zombou de mim todas as vezes que tentei me aproximar por seis meses inteiros.

— Nunca disse que tivesse esperanças. — lançou-me um olhar gelado.

— Não foi isso que vi nos seus olhos...

— *Dio!* — ela alterou a voz. — Isso que está propondo é... Imoral! — me encarou levantando o queixo em desafio.

Adoro esse sotaque. Adoro mais ainda quando ela perde a pose. Seu olhar é fogo puro. É essa a mulher que quero na minha cama. Não a recatada e entediante que ela representa a maior parte do tempo.

— Não. Não é imoral. Somos adultos e nos desejamos. Não ouse negar depois de tudo que me deixou fazer com você, querida. — a perfurei com o olhar.

Os olhos de âmbar brilharam furiosos. Suspeitei que ela fosse esbofetear-me novamente.

— Lhe darei a noite de núpcias. Acho que posso fazer esse sacrifício. É pegar ou largar. — ela disse entre dentes.

Eu gargalhei de novo. Ela quer mesmo me convencer que não sente nada por mim? Tarde demais, princesa!

— Acabamos de provar que não será nenhum sacrifício.

— provoquei. — Além disso, não está em posição de ditar as regras, Helena. Quero você integralmente pelos próximos três meses. Você despertou, aguçou meu apetite fugindo de mim. Nada mais justo que ter você à minha disposição agora para fazer tudo que eu quiser. — disse adorando ver a força que ela fazia para se controlar. — não pode fugir de mim antes dos três meses. Andei me informando, princesa. Não receberá nenhum centavo se o casamento não for considerado legal. Em outras palavras, não for consumado. Isso significa que faremos sexo, muito sexo, querida!

Helena fechou os olhos e quando os abriu de novo. Tive receio da minha integridade física, mas não recuei. Eu a quero e vou tê-la nos meus termos.

— É isso ou voltar para Ardócia, e se esconder atrás da proteção de Leon, como sempre fez. — completei.

Nos encaramos por incontáveis segundos medindo forças.

— Você não me conhece seu idiota! Eu nunca me escondi atrás de Leon. Eu sempre...

— Foi apaixonada por ele. Mas ele não a quis. — disse

duro agora. Eu odiava saber que ela amou meu irmão. Talvez ainda amasse. — Leon é completamente apaixonado pela esposa. Você nunca terá uma chance.

— Sei disso, seu imbecil. Quem disse que quero uma chance com ele? — seus olhos me fuzilaram. Oh! Agora eu realmente toquei no ponto fraco.

— Você é entediante com esse ar de princesa de gelo. Aposto que Júlia, a linda e doce Júlia é um vulcão na cama, por isso meu irmão é tão louco por ela.

— Cale sua maldita boca! — ela avançou em mim de novo, pronta para me esganar.

Eu sorrio, pecaminoso e afasto minha cadeira da mesa.

— Vem, princesa. Pode vir. Estou pronto para você. — minhas palavras a fizeram recuar e seus olhos pousaram na minha virilha e se alargaram quando conferiu o volume do meu pau excitado.

— Você é um porco, sabia disso? — cuspiu tentando manter-se imune.

— Vai ser explosivo, princesa. — sussurrei. — você vai

gritar meu nome de novo e de novo...

Ela tapou os ouvidos e virou as costas tentando recobrar o controle.

— Está certo. Três meses. — disse entre dentes, os olhos demonstrando desprezo quando se voltou para mim de novo. — é tudo que terá de mim. Depois disso, cada um segue seu caminho.

— Totalmente de acordo. — assenti.

— Então, como faremos? — sua expressão era um tanto perdida, agora. Isso era bem raro nela.

— Estamos a caminho de Vegas. — informei, levantando-me e pegando meu terno no espaldar da cadeira. Os olhos dela se alarmaram. — isso mesmo, princesa, Las Vegas. A cidade do *pecado*! — disse dando ênfase na última palavra e não consegui segurar o riso. Seria hilário ver a recatada Helena, em Las Vegas.

Helena

Parei diante da parede de vidro e me encantei com as luzes à minha frente. Las Vegas em todo o seu esplendor

noturno. O jato de Dominic havia aterrissado há mais de duas horas. Ele não me deixou ir ao meu apartamento pegar nada. Jogou-me dentro do avião, logo depois de selar aquele acordo vergonhoso. Sentia-me suja por ter cedido à sua proposta indecente, mas estou num momento da minha vida em que preciso tomar as rédeas. Não quero mais depender da solidariedade de Leon. Tio Max me ajudaria financeiramente, com certeza, mas quero trilhar meu próprio caminho de agora em diante. Se para obter minha liberdade preciso me submeter aos caprichos de Dominic Harper é isso que farei. Três meses passam rápido. Depois que acabar cada um segue seu caminho. É isso. É um plano simples. Eu não gosto dele, tampouco ele de mim. Será só sexo, sem vínculos. Porque não há a menor possibilidade de eu me apaixonar por aquele cachorro vadio. Sem chance. O barulho da porta do quarto conjugado na suíte presidencial que ocupávamos no Bellagio[\[73\]](#) me fez desviar os olhos daquele mundo de luzes. E tudo o que estive pensando sobre não me deixar tocar por ele sumiu da minha mente, porque Dominic estava deslumbrante. *Dio mio!* Ele veio até mim com

aquele andar elegante, macio. Ele nunca havia parecido um príncipe para mim até este momento. Seu terno escuro de caimento perfeito nos ombros largos, o tradicional cravo na lapela. Seus cabelos ainda úmidos do banho deixando-os ainda mais negros. Seus olhos verdes intensos, mexendo com tudo dentro de mim. Quase gemi quando parou a poucos centímetros e seu cheiro invadiu meus sentidos.

— Uau! Você está... Perfeita. — exclamou analisando-me dos pés à cabeça com aquele olhar lento, faminto, cheio de promessas...

Eu usava um vestido branco tomara que caia com uma saia esvoaçante que ia até os joelhos. Os cabelos estavam presos numa trança lateral. O rosto meticulosamente maquiado. Um buquê de rosas vermelhas completava o traje para iniciar a farsa que representaria por três meses.

— Obrigada. Você também não está nada mal. — me obriguei a dizer tentando não corar como uma adolescente. Meu coração batia contra as costelas como se quisesse sair, e minhas pernas não queriam me

obedecer. Tudo porque ele me dirigiu um simples olhar. Não. Aquele olhar não tinha nada de simples. Ele estava me informando que eu seria dele em breve...

Sorriu e sem dizer uma palavra ofereceu-me o braço.

Cerca de meia hora depois, estávamos em frente do *Elvis* na *Graceland Chapel*[\[74\]](#). Meu coração disparou de novo quando ouvi as famosas palavras:

— Eu vos declaro marido e mulher! Já pode beijar a noiva.

Dominic empurrou um anel com um enorme diamante amarelo em meu dedo e puxou-me para ele colando seu corpo ao meu. Olhou-me bem dentro dos olhos por mais tempo que o considerado normal. Segurou-me o queixo e abaixou a cabeça sem quebrar o contato visual. No segundo seguinte, sua boca saqueou a minha sem se importar com quem estava olhando. Sua mão desceu pressionando-me na parte baixa das costas, perigosamente perto da minha bunda. Senti seu pênis duro e arfei, estremecendo.

Quando o beijo acabou senti-me desnorteada. Ele me deu

aquilo riso arrogante de *eu consegui* e saiu me arrastando para fora da capela. *Dio!* Ele parecia um louco. Arrastando-me pelo hall do hotel. Quando entramos no elevador veio para cima de mim com tudo, prendendo-me com seu corpo contra a parede. Prendeu meus pulsos acima da cabeça e me beijou de novo. Grunhiu. Gemi quando começou a moer em mim desavergonhadamente. As portas se abriram e ele continuou me arrastando até o quarto. Quando entramos consegui me desvencilhar dele. Cristo! Eu precisava respirar. Fui em direção à parede de vidro de novo. Meu corpo tremia, meu coração acelerado. Eu estava em pânico, porque havia chegado a hora que tanto temi, desde quando o vi pela primeira vez. O ouvi se movimentando pela suíte. Pouco depois a introdução da música *Ayo Technology* de Fifty Cent soou no ambiente. Sério? Ele quer ouvir essa música indecente?

Something special,

Algo especial

She she, she want it, I want to give it to her

Ela ela - ela quer isso, eu quero dar isso pra ela

She know that, it's right here for her

Ela sabe que está bem aqui para ela...

Senti sua presença atrás de mim e levantei os olhos. Nossos olhares travaram através do reflexo do vidro. O meu receoso. O dele, mais predador do que nunca. Seu braço se estendeu à minha frente. Peguei a taça de champanhe que me entregava. Colocou-se ao meu lado e ambos bebemos, sem dizer uma palavra. Meus dedos tremiam quase derrubando a taça. Levei-a aos lábios e tomei tudo num só gole.

— Ei, ei. — ele tomou a taça de mim, um sorriso na sua voz. — está tentando se embebedar, *Sr^a Di Castellani*? — chamou-me, provocador. — quer deixar seu marido na mão em plena noite de núpcias? Sem chance, querida. — ele foi guardar as taças e logo estava atrás de mim de novo. — O jogo acabou. Eu venci. — sua voz baixa e pecaminosamente sexy soou bem no meu ouvido. Meu corpo tremeu ainda mais com sua proximidade. — tire o vestido, princesa.

Suas mãos me puxaram com força pela cintura trazendo minhas costas contra seu peito duro. Senti sua ereção

enorme cavar no meio do meu traseiro. Fechei os olhos, meu coração batendo descontroladamente no peito. Eu não tenho ideia do que fazer. *Dio!* Esse é o momento em que devo dizer que sou virgem? Ridiculamente virgem aos vinte e cinco anos?

— Dominic... Eu... — Ele puxou meu queixo, levando minha boca para a sua, os olhos verdes me devorando, completamente escuros, loucamente excitados. Ficamos assim apenas nos olhando alguns instantes. Então seus lábios se curvaram em um sorriso que terminou de alagar minha calcinha. Tentei falar de novo, mas minhas palavras foram sufocadas pela sua boca faminta. Abri meus lábios, ansiosa, sedenta pelo gosto dele. Ainda não consigo entender porque ele tem esse efeito devastador sobre mim. Mas é mais forte que eu. Ele gemeu. Eu gemi. A mão que estava na minha cintura desceu deixando um rastro de fogo pelo meu ventre. Cavou minha vagina com brusquidão. Abri mais as pernas involuntariamente.

— Você também está louca por isso, não é, princesa? — sussurrou na minha boca, mordiscando meus lábios. —

louca para me dar essa bocetinha Real. Vou foder você até me faltar. É assim que vai ser. — seus lábios foram para minha orelha de novo, mordendo-a de uma forma obscena. Gemi completamente fora de mim. — você nua, embaixo de mim por três meses inteiros. Tomando meu pau profundamente em seu corpo. — deu uma palmada dura na minha pélvis. Gritei de susto e excitação. — Você gosta disso, não é? Tire logo a porra desse vestido! A espera acabou! Vou comer você, princesa! Não vejo a hora de enterrar meu pau até o cabo em cada um de seus buraquinhos Reais! — sua voz foi dura, rouca. Suas mãos me giraram de frente para ele e afastou-se um pouco.

Minhas pernas estavam tremendo. Meu corpo inteiro em chamas. Seus olhos me prendiam, me hipnotizavam. Ele estava certo. O jogo acabou. Eu o quero. Não há mais como fugir disso. Levei minhas mãos ao zíper lateral do vestido branco que ele me fez colocar para essa farsa de casamento. O tecido caiu aos meus pés. Engasguei com o rugido que saiu de sua boca e o olhar de pura apreciação masculina que ele me dava agora. Suas mãos foram para sua gravata começando a afrouxá-la.

— Tire tudo, princesa. — murmurou, seus olhos tempestuosos como o mar em dia de chuva. — tire tudo e vá para a cama. — seu tom era duro, quase raivoso.

Obedeci, livrando-me da calcinha. Não usava sutiã. Não achei necessário, porque meus seios são ridiculamente pequenos e o modelo era tomara que caia. Andei com pernas instáveis e me sentei na cama, levando minhas mãos para as sandálias, mas sua voz dura me parou.

— Deixe-as! Fantasiei foder você apenas com elas toda a cerimônia. — as palavras cruas dele não deviam me excitar, mas faziam. Deixavam-me em chamas. E ele sabia disso.

Afastou-se e olhou-me demoradamente, como se me acariciasse em cada pedacinho do meu corpo... Os olhos verdes estavam escuros... Havia um misto de triunfo, apreciação e fome masculina. Os lábios de curvas sexys subiram um pouco nos cantos num riso perverso, sedutor, pecaminoso, como tudo nele. Aquele riso dizia claramente o que eu já sabia desde o momento em que o vi a primeira vez: eu estava ferrada!

— Linda. — sussurrou enquanto tirava suas roupas revelando o físico poderoso.

Prendi a respiração. *Dio!* Ele devia malhar muito para ter um abdome daqueles, pensei, incapaz de piscar ou desviar os olhos... Quando tirou a calça e a cueca boxer não consegui conter um gemido abafado e senti minhas faces incendiarem violentamente ao ver o membro rígido, vigoroso... *Dio Santo!* Era muito grande e grosso, com veias salientes por todo o seu comprimento.

O som da sua risada baixa, íntima, debochada, safada me fez encará-lo de novo. Como uma mulher de vinte e cinco anos reagia assim diante de um homem? Ele devia estar se perguntando isso. Mas não disse nada, apenas foi aproximando-se devagar com aqueles passos macios de pantera. O corpo grande, lindo, soberbo me encantando e assustando ao mesmo tempo. Os olhos verdes prenderam os meus e me movi para o centro da cama, obedecendo a seu comando silencioso. Foi subindo devagar, seus olhos nunca deixando os meus. Sua mão deslizou pela minha barriga reta e puxou-me pela cintura. Sua expressão me

dizendo que ia acabar comigo... Sua outra mão se infiltrou nos cabelos da minha nuca e me puxou sem muita delicadeza. Ficamos cara a cara. Meus lábios quase tocando os seus. Gemi, louca para que me beijasse. Não havia mais máscaras ali. Eu o queria e infelizmente ele estava bem consciente disso.

— Tem ideia do quanto quis ter você assim, princesa? — rosnou puxando meu lábio inferior com os dentes. — você me fez esperar seis longos meses! Seis meses do caralho! E você me queria o tempo todo! — completou, seus olhos em chamas.

— Dominic... Você precisa saber... — tentei falar, mas mais uma vez sua boca calou-me. Apossou-se da minha num beijo preguiçoso, enquanto a mão serpenteava lentamente da minha cintura e enchia nos meios seios. Estremeci. Ele puxou meus cabelos bruscamente e aprofundou o beijo, comendo minha boca avidamente. Sua língua lambendo a minha, seduzindo-me com sua boca, chupando, mordendo meus lábios. Os outros beijos que me deu foram deliciosos, mas esse estava incendiando

tudo dentro de mim. Esse falava de triunfo, do poder de um macho sobre sua fêmea, de demarcação de posse. Deu um puxão no meu mamilo e minha vagina encharcou completamente. — Dominic... Oh! — balbuciei arqueando minhas costas oferecendo meus seios ao seu toque.

— Oh, você é uma cadela safada, não é, princesa? Eu sempre soube disso. — sorriu debochado e sua boca desceu pelo meu pescoço e clavícula beijando, lambendo e mordiscando até chegar aos seios. Arqueei mais as costas e enfiei as mãos em seus cabelos, me entregando despudoradamente. Dominic grunhiu lambendo os mamilos eretos. Em um segundo sua mão acariciava o interior das minhas coxas, apossando-se da minha vagina pulsante. Massageou meu clitóris com maestria e passou a sugar meus seios com força. Senti seus dedos me abrindo, correndo para cima e para baixo na minha fenda molhada. Gritei quando meteu um dedo grosso bem fundo. Sorriu contra meus seios. Seu dedo iniciou uma dança lenta e torturante na minha vulva. Meus quadris tinham vontade própria agora, passaram a encontrá-lo em cada investida.

— Porra, que cadelinha fogosa é você, princesa! Tô louco para comer essa bocetinha! Montar minha cadela gostosa!

— rugiu e as investidas tornaram-se rápidas. Ele gemia, um som rouco e sexy escapando de seus lábios de encontro aos meus seios. — vou montar você tão duro, princesa...

— Oh! *Dio mio!* — arfei num misto de grito e gemido convulsionando-me em um orgasmo que se espalhou por todo o meu corpo, tirando-me as forças. Tombei de volta na cama. — Dominic... Eu... — balbucieei tentando abrir meus olhos pesados.

Ouvi um barulho de lacre sendo rasgado e quando abri os olhos ele estava rolando o preservativo em seu pênis. Seus lábios se curvaram naquele sorriso lento e pecaminoso que era sua marca. Veio para mim, se posicionando entre minhas coxas.

— Olhe para mim, princesa! — sua voz rouca e dura ressoou no quarto. — Você é minha agora! Minha cadelinha! — rosnou esfregando seu pênis por toda a minha vagina. — vou montá-la onde, quando e como eu

quiser! Entendeu? Vou foder você o tempo todo, princesa!

— Se alinhou na minha entrada e empurrou lentamente, mas firme, rasgando-me até o fundo. Gritei com a invasão. Engasguei. Minha nossa! A sensação era uma mistura de dor e prazer. Mais de dor do que prazer, na verdade. Senti minha vulva esticada no meu limite. Estava bem molhada, mas ele era mesmo muito grande. Dominic congelou dentro de mim. Seus olhos arregalados, alarmados, incrédulos. Meneou a cabeça como se não acreditasse. Seus lábios sexys entreabertos. Nossas respirações alteradas ressoando em nossos peitos.

— O que... — murmurou preparando-se para sair de mim.

Oh! Não!

— Não pare, Dom. — pedi, meu tom humilhantemente suplicante. — eu quero... Muito... Por favor...

Ele trincou os dentes. Seu corpo retesou-se como se travasse uma batalha interna. Perdi o orgulho de vez e o enlacei com as pernas movimentando-me, obrigando-o a me invadir mais, alojando todo o seu tamanho até colar nossas pélvis. Não consegui pensar em mais nada, apenas

que queria ser dele ali, naquele momento. Ele tinha razão, eu esperei demais.

Dom soltou um rosnado abafado, quase irritado e me beijou com ânsia, puxando-me pelas nádegas. Tirou todo o seu pênis e entrou de novo lentamente, girando o quadril. Gememos.

— Jesus! Princesa... Porra! Caralho! — rosnou de novo agoniado e voltou a sugar meus seios devagar, lambendo os mamilos, me distraíndo do incômodo de tê-lo todo dentro do meu canal. Continuou assim, movendo-se lentamente, excitando-me de novo, olhando-me com aqueles olhos que me desarmavam. Gemi. Sua boca veio para a minha de novo num beijo indecente. Ele fodia minha boca como fazia com minha vagina. Elevei meus quadris, passando a dançar no ritmo dele. Grunhiu e tirou todo o pênis, deixando só a cabeça avantajada e bateu dentro de mim indo até o fundo. Um choque de excitação tomou todo o meu ventre.

— Ahhh! Dom... — seu nome era um mantra nos meus lábios. Retribui o beijo com tudo que tinha. Quis dar tudo

a ele. Ser dele. Completamente dele. *Dio!* Eu havia enlouquecido. Ele me enlouqueceu.

Seus lábios se afastaram e torceram naquele riso diabólico e meteu em mim sem dó de novo e de novo... Fodeu-me com fúria, agora. Mantendo-me cativa de seus olhos intensos. Seus lábios desceram para meus seios novamente. Suas estocadas fazendo-os saltarem de sua boca. Seus olhos ainda perfurando os meus.

— Toma tudo! É isso que você quer? Toma meu pau todo, sua cadela gostosa! — gritou e levou uma mão para minha boca enfiando o indicador grosseiramente. — chupe! Chupe como se fosse meu pau, minha cadela! — ordenou e eu comecei a sugar seu dedo. Seus olhos inflamaram mais. Deu-me outro sorriso obsceno e levou a outra mão para meu clitóris. O manipulou devagar a princípio. Gemi com seu dedo na boca. — você gostou disso, não é? Gostou de ter meu pau nessa bocetinha quente e apertada. Foda! Caralho! — grunhiu comendo-me com golpes brutais, sacudindo todo o meu corpo. Seus dedos no meu clitóris fizeram jorrar mais líquidos aliviando a ardência

no meu canal e meu corpo passou a sugar o dele como se quisesse me fundir ao seu. O encontrei a cada estocada. Louca, descontrolada como jamais estive em toda a minha vida.

— Ahhh! Dom... Oh, *Dio!* — gritei fora da minha mente. Ele beliscou duro meu clitóris e eu quebrei no segundo orgasmo. — Ohhhhhhhhhh! — Cristo! Eu nunca sequer imaginei que seria assim. Gozar com ele dentro de mim foi muito além de tudo que já senti antes. Seu pênis enorme batendo em mim sem dó, seu corpo me esmagando no colchão. Meu ventre e vagina incendiaram e explodiram numa sensação que me drenou completamente. — É isso aí, princesa! Grite meu nome enquanto goza no meu pau! Grite meu nome, cadelinha! — gritou, sua voz tensa. — Caralho! Que bocetinha gostosa! Ahhhhhhhhhh! — rugiu jogando a cabeça para traz, seu grande corpo retesando-se, senti seu pênis engrossar mais alargando meu canal além do limite. Estremeceu e gozou, rosnando palavrões do mais baixo calão. Elevou meus braços bruscamente acima da minha cabeça e caiu em cima de

mim, grunhindo, ainda metendo profundamente, violentamente em minha vulva. Seus olhos me prendendo. Eles eram muito mais bonitos nesse momento. Um verde quase azul. Fiquei hipnotizada. Ele era mesmo muito, muito bonito. Ficamos nos olhando, mudos, como que tentando entender o que havia acontecido ali. Seu rosto se suavizou por alguns instantes enquanto seu olhar deslizava por todo o meu rosto. Deu uma última estocada e moeu em mim, girando o quadril lentamente. Nossas respirações foram se acalmando aos poucos. Então, ele sacudiu a cabeça e fechou os olhos com força. Quando os abriu havia uma expressão fria, onde antes era fogo puro. Saiu de cima de mim com cuidado e pôs-se de pé, virando-me as costas largas, os músculos saltando com os movimentos enquanto sumia em direção ao banheiro. Retornou logo em seguida, seu pênis livre da camisinha, mas ainda ereto, orgulhoso. Seus lábios se torceram num riso cínico ao me pegar olhando-o. Juntou suas roupas pelo quarto. Pisquei confusa.

— Dominic... — disse, minha voz baixa, receosa. O que havia com ele?

— Que merda é essa, Helena? Hein? — virou-se para mim já puxando sua cueca e colocando as calças numa rapidez espantosa. — você era a porra de uma virgem! Uma virgem, porra! — bradou de uma forma que nunca o ouvi falar antes. — não vou ser seu prêmio de consolação porque não conseguiu ser a rainha de Leon, querida!

Suas palavras furiosas foram como um tapa na minha cara. *Dio santo!* Por que ele está tão zangado? Ele parecia estar gostando ainda há pouco. Ou não?

— Eu... *Si*, era virgem. — admiti me sentindo envergonhada pela forma como seus olhos fitavam meu corpo ainda na mesma posição rendida, atordoada que ele deixou. Puxei o lençol sobre mim. — eu pensei que...

— Pensou errado! O que acha que vai acontecer agora? — andou até a borda da cama me encarando como se eu fosse uma aberração. Senti lágrimas virem aos meus olhos, mas pisquei para contê-las. — isso aqui não é a porra de um conto de fadas! Não vou me apaixonar porque sua boceta Real era virgem, Helena. Eu quis foder você. Apenas isso. — passou as mãos pelos cabelos num gesto

raivoso. — agora que já fodi, vou dormir em outro quarto.
— me avisou num tom que nem parecia a sua voz e saiu pisando duro.

O que foi tudo isso? Deixei minha cabeça cair nos travesseiros, lágrimas turvando meus olhos. Então agora era *Helena*, não mais *princesa*. *Dio!* O que foi que eu fiz? Por que cedi à ele? Fechei os olhos, suas palavras cruéis, humilhantes ainda ecoando no minha cabeça. Odeio esse idiota! Odeio!

CAPÍTULO TRÊS

Dominic

Jesus! Isso foi muito intenso. Nunca senti nada parecido antes. Fui o primeiro amante de Helena! A realidade me atingiu como um soco. Então, ela não havia ido para a cama com Leon como suspeitei. Grunhi servindo-me de uma dose de uísque assim que entrei na suíte conjugada.

Cristo! Que situação fodida foi essa em que fui me meter? Não posso tocá-la mais. Eu não defloro virgens, caralho! Meu negócio é foder! Foder mulheres experientes. Vadias que topam todas as minhas taras. Onde eu estava com a cabeça que não percebi que ela era uma virgem do caralho? Sorrio alto, ironizando-me. *Você estava pensando unicamente com seu pau, idiota!* E agora? Como suportaria ficar ao lado dela por três meses inteiros? Três longos meses do caralho? Jesus! Como ia conseguir manter minhas mãos longe dela? Isso não vai dar certo. Não quando ainda a quero como um desesperado. Meu pau desgovernado estava ainda duro

pressionando as calças. Foram seis meses esperando por ela! Seis meses, porra! Eu estou longe, muito longe de me satisfazer. Isso me assusta, devo admitir, porque meu pau é bem exigente. Dificilmente fodo a mesma boceta duas vezes. Gosto de variedade... E quantidade. É assim desde os meus dos quatorze anos. Tive umas vizinhas bem gostosas e liberais que me ensinaram tudo. Eu as fodi dos quatorze aos dezesseis. Depois disso, tornei-me o que alguns chamam de libertino. Odeio rótulos. Para mim, sou apenas um grande apreciador das mulheres. Todas as mulheres.

Arranquei minhas calças bruscamente e fui ao banheiro. Deixei a água cair na minha cabeça e ombros. Helena era virgem! Uma virgem, porra! Sou um canalha! Havia me aproveitado de uma mulher inocente. Agora pensando com mais calma, os sinais estavam todos lá. A forma como ficava desconcertada com minhas nada sutis cantadas. Seu nervosismo quando retornamos para a suíte, *casados*. Foda! Foda! Como podia ser virgem aos vinte e cinco anos? Era quase inacreditável. Mas a resposta era óbvia. Ela se guardou para meu irmão. Saber disso me deixava

posseio, mas não apagava o prazer que senti quando atravessasse seu canal apertado. Jesus! Meu corpo arrepiou-se ao lembrar a sensação indescritível de estar dentro dela. Finalmente dentro dela. Minha mão foi para o meu pau. Gemi alto e fechei os olhos, massageando-o para cima e para baixo lentamente, enquanto minha mente reconstruía tudo que fiz com ela no quarto ao lado. Minha mão acelerou. Masturbei-me com força, agora. Estrangulando-me, imitando a sensação de ser sua bocetinha gostosa me apertando.

— Ohhhh! Caralho! Helena... Ahhhhhhhhhhhh! — rosnei alto, o som reverberando no banheiro. Gozei forte. Jatos e jatos esporrando por todo o meu punho. Encostei-me na parede de granito. Jesus! O que essa garota está fazendo comigo? Lavei-me, meu corpo ainda estremecendo do gozo intenso. Porra! Até uma punheta pensando nela é melhor do que todas as fodas que tive nesses seis meses. Eu estou em apuros. Definitivamente.

Quando voltei ao quarto liguei para Jayden. Estávamos construindo uma boa amizade. Nós três. Leon também era

um bom homem. Acolheu a mim e Jay sem nunca nos ofender. Sempre foi digno conosco. Sei que não deve ter sido fácil, pois somos frutos da traição de seu pai e nas conversas que tivemos dava para perceber que ele era apaixonado pela mãe, que havia falecido no mesmo acidente do príncipe Marco. Não tenho nada para reclamar do meu irmão, de nenhum dos dois. Embora Jay seja um bastardo cínico a maior parte do tempo. Sorrio ao lembrar do meu marrento irmão mais novo.

— Espero que seja algo importante, Dom. Tem uma garota realmente gostosa na minha cama... — disse no seu costumeiro tom debochado, sarcástico.

— Olá para você também, irmãozinho! — cutuquei.

Ele bufou.

— Vamos, Dom. Por mais que aprecie sua voz sexy, eu ainda prefiro voltar e enfiar o meu pau na boca da garota.

Eu gargalhei. Jesus! Ele era tão bastardo quanto eu!

— Jay você estava certo. Fiz uma enorme besteira. — disparei.

— Seja mais específico, irmão — ele riu do outro lado da linha. — você faz muitas besteiras...

Bufei.

— Ok. Aqui vai. Casei-me com Helena e meti-me numa encrenca do caralho! — despejei e fez-se um silêncio sepulcral do outro lado da linha. — Jay? Você ainda está aí?

— Dom, diga que você não fez nada de mal com Helena. — ele pediu num tom que já desconfiava do resultado. — Leon não vai perdoá-lo se você a magoar, irmão.

Andei até as amplas paredes olhando as luzes chamativas a perder de vista.

— Ela era inocente, Jay. — disse num fio de voz.

— inocente de quê? — sua voz soou confusa.

— Fui o primeiro homem de Helena, irmão. — dei um suspiro frustrado.

— Deus! Isso fica cada vez pior. — ele suspirou do outro lado. — por que não a deixou em paz? Eu avisei tantas vezes para não mexer com ela, Dom. Ela é da família, seu

idiota. Como vai explicar isso ao nosso tio e a nosso irmão? Helena é como uma irmã para Leon, você sabia disso.

Fechei os olhos com força. Caralho! Isso realmente ficava cada vez pior. Leon iria querer arrancar minhas bolas se soubesse disso. Eu não posso culpá-lo.

— Vou dar um jeito, irmão. — garanti, mas ainda não sabia o que faria.

— Você precisa anular o casamento, Dom. Faça isso antes que cause mais danos a ela. Helena é doce...

— Só se for com você, irmão! — o cortei irônico. Comigo ela era sempre uma cadela!

— Helena é uma boa garota, Dom. Talvez seja um pouco mimada, mas não deixa de ser uma boa garota. Liberte-a. Sabe que é a coisa certa a fazer.

— Não posso fazer isso. Ela não receberia a herança do avô. — disse me sentindo um merda por tê-la chantageado.

Jayden riu do outro lado. Aquele riso cínico que era a sua

marca.

— O que foi? — cuspi entre dentes.

— Parece que a estupidez está no DNA dos príncipes Di Castellani. Nosso amado e ilustre rei Leon também foi um idiota com nossa linda e doce cunhada.

— Oh, não, não. — rebati imediatamente. — isso não é igual...

— Sério? — ele riu de novo. Bastardo! — de onde estou olhando parece praticamente a mesma coisa. Você seduziu, chantageou uma garota inocente para atender unicamente a seus desejos, irmão.

Ok. Quando ele coloca dessa forma... Grunhi sentindo-me de pés e mãos atadas. Que porra eu faria agora?

— Vou dar um jeito, Jay. — tentei parecer firme.

— Se você diz... — seu tom era duvidoso. Ouvi uma voz feminina chamando ao fundo. — querida, você terá que fazer todo o trabalho de novo. Meu irmão idiota fez meu pau cair drasticamente. — Jesus! Ele é mesmo um bastardo! Mas segurei-me para não sorrir. — Hum, Dom,

preciso ir, irmão. Veja lá o que você vai fazer. Helena é da família.

Na manhã seguinte bati à porta do quarto da suíte principal. Era cedo, mas precisava conversar com Helena. Precisamos estabelecer como serão os três meses que ficaremos casados. Sim, porque não serei um bastardo completo com ela. Ficarei nessa merda até conseguir receber sua herança e depois cada um segue seu caminho. Três meses passam num piscar de olhos. Vai ser fácil.

— Entre. — sua voz soou através da porta.

Ela já estava devidamente vestida com um de seus muitos vestidos recatados que geralmente mataria minha libido, mas nela fazia meu maldito pau ficar em posição de sentido. Merda! Seus cabelos estavam presos à nuca. Voltou-se para mim terminando de arrumar um diminuto brinco de pérola. Fiquei encantado e irritado, porque ela não era quem eu pensava e teria que passar todos os malditos dias de pau duro perto dela sem poder me fartar como o planejado.

— Oi. Você está bem? — arrisquei mantendo-me a uma

distância segura.

— Oi. Sim, estou. — ela afirmou procurando sua bolsa e remexendo em algo lá dentro. Provavelmente para não ter que me encarar.

— Por que não me contou, Helena? — fui direto ao assunto. Sou assim, não tenho muita paciência para floreios.

Seus olhos levantaram para me encarar.

— Faria alguma diferença? — seu tom foi frio, impessoal imitando o meu.

— Toda diferença. Não seduzo virgens.

Seu rosto corou, mas ela recusou-se a desviar os olhos. Sua coluna se esticou toda e eu soube que a briga iria começar. Quase sorrio, mas a situação era caótica.

— Então foi a primeira vez para nós dois. — disse entre dentes. Seus olhos exóticos fuzilando-me. Foda! Eu fiquei completamente duro, caralho! — Mas não precisamos fazer disso o evento do ano. Eu deixaria de ser virgem em algum momento. Não se sinta importante por isso, *caro*

mio.

Obriguei-me a encará-la mais sério.

— Não seduzo virgens por uma questão bem simples. Elas tendem a romantizar a coisa... Começam a esperar mais do que estou disposto a oferecer. Todas as mulheres com quem me envolvo sabem bem o que esperar. Conhecem as regras, Helena. — disse num tom raivoso. Meus planos haviam sido frustrados e eu odeio que ainda estou aqui louco para jogá-la na cama e fodê-la pelo resto da semana. Porra! Como vou seguir em frente, se não me fartei de seu corpo como planejei? — eu apenas fodo. — ela arfou, impactada pelas palavras cruas. — tenho gostos bem... Incomuns, digamos assim. Não tenho a menor disposição para aguentar mulheres inexperientes que se deslumbram com tudo que possamos fazer no sexo e se tornam pegajosas, sonhando em andar comigo ao pôr do sol. Eu fodo com elas e vou embora. Sempre. — concluí mantendo seus olhos presos. Ela empalideceu um pouco, mas piscou e se empertigou de novo.

— Você deve se achar um presente de Deus, não? —

despejou com os olhos incríveis refletindo todo o seu desprezo. — tenho novidades para você, Dominic Harper Di Castellani! Sei exatamente que espécie de homem você é. Portanto, não. Definitivamente não. Jamais desenvolveria qualquer ilusão romântica a seu respeito, pode ter certeza.

— E que espécie de homem eu sou, Helena?

— Um completo idiota. — ela disse sem alterar a voz, uma expressão gelada no rosto bonito. — posso ser inexperiente, admito. Mas sei perfeitamente que desejo físico nem sempre vem junto com amor. — levantou o queixo em desafio e completou: — acha mesmo que eu me apaixonaria por você? — torceu os lábios num sorriso desdenhoso. — A ideia é tão atrativa quanto extrair um dente sem anestesia, *caro mio*.

A observei por alguns instantes segurando o riso. Oh! Ela tinha uma língua afiada. Fui invadido por uma vontade louca de avançar sobre ela, jogá-la na cama e tirar aquela expressão de desprezo e deboche do seu rosto. Fazê-la engolir aquelas palavras. Sabia que precisava apenas

tocá-la e incendiaríamos... Mas o que diabos estou pensando? Não tocarei mais nela! Afastando as possibilidades obscenas que rondaram minha mente, forcei-me a adquirir uma expressão neutra e disse:

— Ouça, a noite de ontem foi um erro que não se repetirá. Mas vou manter minha palavra e permanecer casado com você pelo tempo estipulado no testamento.

Ela me fulminou novamente. Foda! Eu vou explodir aqui!

— É muita bondade sua... — seu tom pingou sarcasmo.

Sorrio amplamente dessa vez. Ela ruborizou de novo. Ótimo! Pelo menos não estou sozinho nessa atração ridícula. Então, seus olhos estreitaram-se em mim por uns instantes, mas voltou a mexer dentro da bolsa. Claramente me ignorando.

— Ah, Helena?

Seu rosto levantou para mim de novo, revirando os olhos.

— Você irá adquirir um novo guarda-roupa. Precisamos aparecer juntos em inúmeros eventos e eu não quero que a imprensa a confunda com a minha avó. — ok. Isso foi

golpe baixo, reconheço. Seu rosto empalideceu, depois ficou vermelho. Ela piscou várias vezes. — sua forma de vestir é tão enfadonha quanto seus modos, devo dizer. Minhas mulheres são conhecidas pelo glamour, querida. Ninguém vai acreditar que me apaixonei por você. — seu queixo se ergueu novamente, seus olhos me fulminando. — se quer convencer a todos, que somos um casal, precisa dar uma repaginada, porque para ser sincero, até eu começo a me perguntar o que foi que vi em você. — sua boca se abriu, fechou, abriu de novo. Seu corpo ficou rígido.

— Saia. — seu tom foi baixo, sinistro. Os olhos me dizendo que se não fizesse o que dizia, seria provavelmente esganado. Acenei levemente e voltei para meu quarto.

Helena

Aquele maldito imbecil! Quem ele pensa que é para criticar minha forma de vestir? Meus modos? Ele é um maldito cachorro vadio e *suas mulheres* são todas umas

puttanas![\[75\]](#) Andei de um lado para outro dentro do quarto, sentindo-me insultada, ofendida, diminuída como nunca estive em minha vida. Onde eu estava com a cabeça para me deixar seduzir, chantagear dessa forma? Fui até o banheiro e me olhei no espelho enorme da pia. Soltei meus cabelos do prendedor. Eles caíram nos meus ombros. Muito retos, muito lisos. Nunca havia percebido isso. Sempre usei esse estilo. Virei-me de um lado, do outro, observando meu vestido. Franzi o cenho. Ok. Talvez meu estilo fosse um pouco formal. Mas fui criada assim. Não sou espalhafatosa como as vadias com quem ele certamente está acostumado. Voltei ao quarto, inquieta. Adoraria arrancar aquele olhar arrogante, pretencioso daquele idiota. Mas como vou fazer isso? Uma ideia me ocorreu e fui até minha bolsa. Peguei meu celular e disquei antes que perdesse a coragem.

— Helena! Que bom que ligou, *cara mia*. — a voz suave de Júlia encheu meus ouvidos. Nos falamos com muita frequência desde quando deixei Ardócia. Tenho falado mais com ela do que com Leon nos últimos meses, na verdade. Leon me sufoca com sua superproteção, pois

sempre que ligo quer saber se estou tomando meus remédios direito. A Síndrome do Pânico[76] está controlada por anos. Nunca mais tive grandes episódios. Bem, exceto a quase crise que tive no jato no dia em que saí da Ilha. Mas não foi nada demais. Leon me manteve sob sua proteção e isso salvou minha vida, mas não sou mais uma criança assustada abandonada pela família. Sou uma mulher feita e já me escondi por tempo demais.

— *Ciao, cara mia.*[77] — saudei-a. — como está minha afilhada?

Ela sorriu. Ouvi a voz de Leon ao fundo.

— É Helena, amor. — a ouvi dizer, agora mais distante na linha. Silêncio por alguns instantes. — desculpe, estou de volta. Sua afilhada está chutando muito. Me deixa acordada a maior parte da noite. Deve ter o gênio do pai. — sua voz era cheia de orgulho. — Leon estava de saída, mas disse que quer falar com você depois. Parece que o Conde Vladimir está novamente disposto a casar-se com você para ajudá-la com a herança.

Eu quase gemi de desgosto. Sério? Se essa informação

tivesse chegado até mim ontem pela manhã eu não estaria aqui nessa cidade horripilante com aquele sapo na pele de príncipe!

— Isso é bom, *cara*, mas já é tarde. — tomei uma respiração profunda e soltei de uma vez. — me casei ontem. Estou em Las Vegas, Júlia. Casei-me com Dominic. Um longo silêncio do outro lado.

— Oh, meu Deus! Leon vai surtar com essa notícia, *cara*. — sua voz era apreensiva, agora. — Dom? Você tem certeza sobre isso? Uau! Estou realmente surpresa!

— Não fale nada a ele ainda. — pedi. — vou dizer logo, mas agora preciso de sua ajuda com algo.

— O que foi, Helena? Dom fez algo com você? — sua voz foi claramente preocupada.

Si, ele havia feito muita coisa comigo. Era difícil apontar uma só.

— Dom é um imbecil completo, Júlia. — disse áspera. — mas estou presa com ele nessa farsa por três meses. Precisamos aparecer em eventos. — pausei, insegura. —

Então, hum, preciso que me dê algumas ideias de como ousar mais nas roupas sem ser vulgar. — isso ela sabia muito bem. Aparecia semanalmente na revista *People*[\[78\]](#) como uma das mais belas mulheres da atualidade, mesmo grávida. A mídia tecia elogios incansáveis não só a ela, mas ao casal Real de Ardócia.

— Oh! Helena, é claro que posso, *cara*. — fez uma pausa. — posso mandar vários looks para você copiar. — sua voz era entusiasmada. — não leve a mal. Você já é linda. Mas, realmente precisa ser mais ousada. O que acha de mudar o cabelo? Você poderia...

Sentei-me na cama e a ouvi já me sentindo melhor. É estranho que tenhamos nos aproximado tanto assim, mas não posso nutrir nenhum sentimento negativo em relação a ela. Júlia é daquelas pessoas que quando chegam a um local ilumina tudo a sua volta. Não é apenas sua beleza, pois é mesmo uma das mulheres mais lindas que já vi. É algo que transcende à aparência. É a alma dela que é bela também. Construímos uma sólida amizade e vê-la com Leon já não dói mais. O amor deles é algo raro de se

encontrar. Eles se pertencem. Há muito tempo aceitei isso e segui em frente. Leon nunca foi meu, então nunca o perdi, apenas reavaliei meus sentimentos e os canalizei para o lado fraterno, como devia ter sido desde o início. Acho que no final das contas Júlia estava mesmo certa quando disse que o homem da minha vida ainda apareceria em algum momento. Quando me livrar do cachorro vadio vou me dedicar a procurá-lo.

Depois que desliguei me informei na recepção onde encontraria os serviços que Júlia me sugeriu. Passei o dia fora. Não sabia dos planos de Dominic e nem atendi o celular nas muitas vezes em que ele me ligou. Foda-se! Seu idiota!

Já passava das seis quando retornei para o hotel. Há um cassino no hotel, como, aliás, em quase todos os hotéis de Las Vegas. É para lá que vou. Dominic Harper mexeu com a pessoa errada. Arrumei-me seguindo passo a passo as orientações de Júlia. E resolvi ousar um pouco mais. Eu estava na cidade do pecado como bem frisou o cachorro vadio. Ele que me aguarde. Olhei-me uma última vez,

respirei fundo, peguei pequena carteira e saí para o corredor. Estava praticamente vazio. Continuei o caminho treinando os novos passos que Júlia havia me ensinado. Apenas a sugestão de um movimento dos quadris. Sutil, para não ser vulgar. Eu tenho postura. Não foi difícil pegar o jeito. Quando parei em frente ao elevador, as portas se abriram e três rapazes saíram me olhando com caras de bobos. Eu usava um longo vermelho de alças finíssimas que se ajustava em meu corpo. Uma abertura que ia até o alto da minha coxa direita. Pela primeira vez usei um batom vermelho também. As sandálias eram altíssimas. Mas o melhor eram meus cabelos. O cortei em camadas, dando volume. Inseri mechas de um tom acobreado bem discreto, mas que deu um efeito muito bom. Nos olhos não usei muita maquiagem porque já havia exagerado no batom. Abri um sorriso ao mesmo tempo simpático e sedutor e virei as costas entrando no elevador. Eles deram um suspiro coletivo. Outro detalhe era o decote das costas que acabava bem na parte baixa, pouco acima do meu bumbum. Os encarei e sorri de novo. Eles sorriram de volta, suas expressões completamente

encantadas. Senti-me linda, poderosa.

Poucos minutos depois eu estava parada na entrada do ambiente do luxuoso cassino. Aquele tipo de ambiente também me era muito familiar. Visito o cassino de Leon em Ardócia desde quando fiz dezoito anos. Ele sempre me levava. Coloquei um pé na frente do outro e iniciei a interpretação. Hoje seria glamourosa. Faria aquele imbecil engolir cada palavra que me disse hoje cedo. Observei o ambiente diminuindo meus passos. Os olhares de apreciação masculina eram muitos quando me viam. *Dio mio!* Essa sensação é muito, muito boa. Sentei-me no bar. O barman era um loiro alto, musculoso. Por mais que estivesse bem vestido, seus músculos saltavam aos olhos. Dei-lhe meu melhor sorriso sedutor. Ele veio atender-me prontamente. Pedi um cosmopolitan e girei no assento do banco para olhar melhor o ambiente. Homens e mulheres de todas as idades circulavam, bebiam, jogavam. Meus olhos procuravam inconscientemente por Dominic, mas não o vi. Dei de ombros. Esta era a minha noite. Estava no meio de um discurso mental para não me importar com meu indesejado marido quando o banco do meu lado

direito foi ocupado.

— Posso lhe fazer companhia? — o homem quis saber em inglês abrindo um sorriso charmoso. Uau! Ele era bonito! Seu sotaque me lembrou o de Júlia.

— Você é brasileiro? — indaguei sorrindo de volta. Minha bebida foi colocada na minha frente. Tomei um pequeno gole.

— Sim. Como soube? Meu inglês é tão ruim assim? — imprimiu mais sedução ao sorriso. Mas ao contrário de Dominic esse homem não era presunçoso. Era bonito, mas não era um narcisista. *Dio!* Por que continuo pensando nesse idiota?

— Oh, não! Seu inglês é perfeito. Tenho uma amiga brasileira e o sotaque é parecido. — expliquei. Os olhos dele de um castanho escuro me encaravam com interesse óbvio.

— Desculpe abordá-la assim. — disse num tom mais baixo, aquele usado pelos homens quando querem seduzir. — mas é que não consegui mais tirar os olhos de você quando surgiu naquela entrada.

— Sem problemas. Você pode me fazer companhia. — disse tomando mais um pouco da minha bebida. Eu não tinha muito costume com álcool, mas consigo beber algumas taças.

— Está esperando alguém? — ele quis saber num tom receoso, agora.

— Não. Estou aqui sozinha. — falei rapidamente e arrependi-me. Aquele homem era um estranho. Grande, Helena! Você não será nada glamourosa se for encontrada estrangulada em um beco de Las Vegas. Arg! — quero dizer, estou aqui com...

— Seu marido.

Gelei ao ouvi a voz de Dominic bem do meu lado esquerdo. Virei-me assustada, tentando controlar as batidas frenéticas no meu peito.

CAPÍTULO QUATRO

Dominic

Eu estava em um canto mais afastado. Saboreando minha bebida sozinho, mas logo duas loiras peitudas, deliciosas me cercaram. Uau! Elas eram muito gostosas. Olhei-as descaradamente. Corpos voluptuosos como eu gosto. Elas sorriram, gostando da minha avaliação. Jesus! Acho que as vadias me perseguem. Sorrio de volta. Eu não fazia nenhuma objeção quanto a essa perseguição. Continuei encostado na parede e elas se aproximaram mais invadindo meu espaço. O ambiente do cassino era um burburinho. Cheio de gente glamourosa. Mulheres lindas. Sinto-me em casa em lugares assim. Amo mulheres bonitas. E essas na minha frente eram deslumbrantes. Uma deslizou a mão bem cuidada de unhas vermelhas no meu peitoral e a outra se encostou ao meu braço, esfregando os peitos que com certeza eram falsos de forma nada sutil em mim. Adoro peitos grandes, mas prefiro os verdadeiros. Amo a sua maciez, a forma como se encaixam nas minhas

mãos.

Então, flashes de outros peitos surgiram na minha mente. Helena arqueada na cama, oferecendo seus pequenos, mas lindos e intocados peitos para minhas mãos e boca. Jesus! Minha boca salivou ainda sentindo a textura dos mamilos. Porra! Meu pau se sacudiu pela primeira vez na noite e não foi pelas beldades que estavam coladas em mim, suplicando-me com seus olhares para que as levasse a algum outro lugar e as comesse. Merda! Eu odeio me sentir assim ainda. Era para nós dois estarmos lá no quarto fodendo como coelhos até tirar essa atração maluca dos nossos sistemas, mas a princesinha era uma virgem do caralho! Detesto mulheres inexperientes!

Meus olhos foram de relance para a entrada e meu coração trovejou no meu peito com a visão da morena maravilhosa num longo vermelho. Comecei a apreciar desde as sandálias altíssimas num tom prateado. Ela fez uma pose sensual e abertura do vestido deixou sua coxa direita toda à mostra. Cristo! Meus olhos foram subindo cobiçosamente por ela. Uma cinturinha delicada. Franzi o

cenho ao chegar nos peitos pequenos, mas bem desenhados dentro do decote ousado. Eu conheço esse corpo! Jesus! Meu pau se sacudi de novo quando deparei com o rosto da morena. Ela tinha uma expressão linda no rosto. Deslumbrada, sedutora, mas ao mesmo tempo recatada. Mostrando, mas não escancarando seus atrativos. Os cabelos, antes negros, retos e lisos, haviam sofrido uma grande transformação. Desciam pelos ombros delgados, em camadas com mechas mais claras. E a boca carnuda estava pintada com um batom no mesmo tom vermelho gritante do vestido. Ela avançou lentamente pelo salão e tudo sumiu à minha volta. O burburinho, as pessoas, as vadias perto de mim. Desvencilhei-me e fui andando também na direção dela: Helena. Minha surpreendentemente sensual e bela *esposa*. A acompanhei de longe. Não deixei que me visse de imediato. Ainda não estava recomposto o suficiente para ficar perto dela sem agarrá-la e arrastá-la para o quarto. Sentou-se num dos bancos vazios do bar e foi quando quase tive um infarto ao me deparar com o decote da parte de trás do vestido. Caralho! Aquilo devia ser considerado ilegal! Era

possível ver as duas covinhas lindas que ela tinha na parte baixa das costas. Eu estava a ponto de gozar nas calças só olhando. Ela foi atendida pelo barman que quase babou em cima dela. Cerrei os dentes e avancei para ela. Era muito ingênua para ficar num ambiente desses sozinha.

O que deu nela para se vestir assim, como uma puta? Indaguei-me. Um sujeito bem vestido, alto, de aparência latina parou atrás dela e ficou encarando o decote abertamente. Imbecil! Apressei meus passos. Uma ira inexplicável tomando conta de mim. Não olhe assim para ela, seu filho da puta! Ela o recebeu com um sorriso sedutor. Um sorriso que ela nunca havia direcionado a mim. Minha ira cresceu. Eu estava quase correndo pelo cassino, agora. Patético! Nenhuma mulher me afetava dessa forma. O que havia com Helena? Por que fico nessa montanha russa em torno dela?

— ... Quero dizer, estou aqui com...

— Seu marido. — completei sentando-me no seu lado esquerdo. Seu corpo se retesou e ela virou-se para mim. Meus olhos se banquetearam nela. Cristo! Linda era pouco

para defini-la agora. Abri a boca, fechei, abri de novo, mas ainda não consegui dizer nada. Os olhos exóticos brilharam sedutores, zombadores, desdenhosos e sua boca maravilhosa se curvou num sorriso que me teve praticamente babando sem nem ao menos piscar.

— Dom. Como foi o seu dia, *caro mio*? — indagou num tom baixo, sexy pra caralho! O que em nome de Deus houve com a recatada Helena?

— Meu dia foi ótimo. Liguei várias vezes, mas você não me atendeu. — deixei meus olhos deslizarem por ela de novo. Ela corou. Linda e recatada como adoro. Não! Não adoro! Reprimi esse pensamento. Não adoro nada nela! Que merda é essa? — vejo agora que esteve bem ocupada, querida *esposa*.

Seus olhos reviraram. Ela bufou e virou-se para o sujeito do seu lado direito. Meus olhos foram direto para as covinhas lindas do caralho pouco acima da sua bundinha! Foda-se!

— Então, você ainda não me disse seu nome. — ronronou de forma ridícula para o cara que agora estava meio sem

graça com a minha presença.

— Sou Diogo. Diogo Carvalho. — disse e me olhou apreensivo. Dei uma encarada nele, claramente dizendo para ele se mandar. Ele era inteligente porque se levantou e acrescentou: — foi um prazer conhecê-la...

— Helena. Helena Marcollini. — ela apressou-se em dizer.

Bufei alto.

— Você não esqueceu alguma coisa, querida? — disse entre dentes. — como o seu sobrenome de *casada*, por exemplo?

Ela me fulminou, mas voltou-se sorrindo para o tal Diogo.

— Nos casamos ontem. Ainda não me acostumei, sabe como é, não é? — sussurrou numa tentativa mais patética ainda de flerte. O sujeito franziu o cenho e disse:

— Foi um prazer conhecê-la de qualquer forma. Boa noite. — devorou-a antes de olhar para mim de novo e se misturar na pequena multidão.

Eu gargalhei e ela virou-se para mim finalmente. Os olhos

inflamados. Lindos, na fraca luminosidade do ambiente. Eu a quero! Jesus! Eu a quero tanto que dói.

— Por que está sorrindo, seu idiota? — tomou um grande gole de seu cosmopolitan.

— Você não tem a menor ideia de como flertar, querida. Não me surpreende que o tal Diego tenha dado no pé. — provoquei.

— É Diogo, imbecil. — ela adora insultar-me. Isso devia me irritar, mas meu pau masoquista do caralho fica enlouquecido quando ela me trata assim. Vai entender. — ele não fugiu de mim. Fugiu porque você apareceu aí como um encosto. Não tem nenhuma loira peituda por aí em quem se pendurar?

— Na verdade eu estava bem entretido com duas. — os olhos dela arregalaram-se. Sorrio. Adoro chocá-la. — isso mesmo. Duas loiras peitudas e gostosas bem ali naquele canto. Mostrei e ela olhou. As vadias ainda continuavam lá me encarando. Helena encarou-me de novo. Seu maxilar rígido, os olhos faiscando.

— Você transou com elas? — cuspiu a queima roupa.

Tomou mais um gole grande da bebida. Ela ficaria bêbada nesse ritmo. — você se casou comigo ontem, seu maldito cachorro vadio! Você não vai foder vadias enquanto estivermos nessa farsa! Você me entendeu? — grunhiu num tom mais baixo, apenas para meus ouvidos.

— E quem vai me impedir? — instiguei só para provocar. Meu pau está em um maldito complô contra as vadias ultimamente. Nada me satisfaz, exceto a boceta virgem de Helena. Caralho!

— Se você vai foder tudo a sua volta. — ela pôs-se de pé numa rapidez espantosa e anunciou: — eu também vou. Diogo não deve estar longe. Eu o achei bem sexy. — disse e virou as costas começando a andar. Jesus! Seus quadris movimentando-se como um convite desavergonhado. Levantei-me também a seguindo. Só por cima do meu cadáver aquele idiota colocaria as mãos na minha mulher! Ela é minha! Foram seis meses esperando por ela! Se ela quer foder, que seja comigo. Seu marido, porra! Olhou-me por cima do ombro. — cai fora, Dominic!

Não a ouvi, apenas segurei seu pulso com firmeza e

comecei a arrastá-la todo o caminho rumo à saída. Pessoas abriam passagem para nós, espantadas, outras rindo da cena que ela fazia, rígida, estacando, firmando os pés, mas sou bem maior e mais forte, a arrastei com facilidade.

— Solte-me, seu *neandertal*![\[79\]](#) — esperneou, gritou e tínhamos a atenção de todos agora. Ótimo! — ponha-me no chão! Dom! Seu imbecil! — gritou a plenos pulmões quando a joguei por cima do meu ombro sem qualquer cerimônia e deixamos o cassino. Só a coloquei no chão dentro do elevador.

Algumas pessoas vinham para entrar, mas as avisei enfurecido, excitado, louco de tesão:

— Tomem outro. Tenho algo a discutir com minha mulher. — me olharam incrédulos e as portas se fecharam. Ela me olhou linda, seu rosto afogueado, excitado também. Posso sentir seu cheiro de longe. A encurralei na parede.

— O que você está fazendo, seu... — seu insulto se perdeu em minha boca. Mergulhei nela com fome. Minhas mãos a puxaram pela cintura fina, trazendo sua pélvis para a

minha. Moí meu pau dolorido no meio de suas pernas. Ela grunhiu me esmurrando nos ombros, mas em poucos segundos estava me enlaçando pelo pescoço puxando-me para ela com força. Cavei as mãos em sua bunda e a levantei, me enfiando entre suas pernas.

— Enrole suas pernas em mim, princesa. — rosnei mordendo seus lábios. Ela fez o que eu disse. As portas do elevador se abriram e sai com ela assim, beijando-a desesperado. Bati suas costas contra a próxima parede e cavei meu pau em sua boceta quente. Gememos, enlouquecidos. Andei com ela de novo, sem nos desgrudar. Consegui abrir a porta da suíte sem colocá-la no chão. Meu pau não queria ficar sem aquele calor úmido e gostoso. A bati contra a porta assim que a fechei. Então, as coisas ficaram loucas. Nossas mãos foram arrancando nossas roupas sem muita delicadeza. Ela puxou meu smoking e logo depois a camisa, botões voando por todo o quarto. Minhas mãos puxaram as alças finas do vestido, ouvi o tecido rasgando. Por fim, ficamos nus na frente do outro, arfando, nos olhando por alguns segundos. Então, voamos um no outro de novo.

— Seu cachorro vadio! — rosnou quando a bati de novo contra a porta.

— Sua cadela gostosa! — rosnei de volta, lambendo, chupando sua língua, mordendo seus lábios. Descontrolado como jamais estive em toda a minha vida. — Jesus! Minha cadelinha gostosa. — grunhi quando a levantei outra vez e suas pernas vieram rápidas ao meu redor. Sustentei sua bunda com um braço e segurei meu pau pela base esfregando-o por toda a bocetinha melada. — eu vou foder você! Se você quer dar essa bocetinha virgem, eu vou comer! — rugi e me alinhei em sua vulva. Meti a cabeça e sua quentura me enlouqueceu, meti todo o caminho em seu canal apertado.

— Ahh! Dom... *Dio mio!* — choramingou completamente empalada no meu pau.

Dei uns segundos para ela se ajustar e tirei devagar todo o caminho. Mas bati de volta numa estocada dura, meu corpo todo se arrepiando com o prazer de sua boceta me apertando.

— Jesus! Que bocetinha mais quente! Caralho! Nunca

comi outra igual! Cadela gostosa! — gritei fora de mim, comendo-a com golpes brutais que a sacudiam toda, batendo-a na porta violentamente, mas ela também estava gemendo, grunhindo, apreciando o passeio selvagem no meu pau.

— Dom! Ohhhh! — gritou quando chupei seus peitos com força, meu braço apoiando sua bunda levantando-a e baixando de volta bruscamente no meu pau. Sua vulva encharcada sendo rasgada até o limite. — eu vou... Oh *Dio!* — seu corpo delicado e delicioso convulsionou. — Ahhhhhhhhhh! — Tomei sua boca num beijo molhado, de olhos abertos. Seus olhos eram fogo líquido e ela gozou. Bebi seus gemidos. Enlouquecido de prazer, sentindo sua boceta toda esticada, mamando em mim como uma boca. E foi o meu fim.

— Isso, goze princesa! Goze no meu pau, porra! Ohhhh! Helena! Caralho! Minha cadelinha gostosa! — gritei jogando a cabeça para trás, meti com tudo, batendo no seu útero e gozei. Esporrei em seu buraquinho apertado, grunhindo, rosnando. Ela gritou também aumentando meu

prazer e os tremores assaltaram meu corpo. Espasmos violentos, enquanto meu pau ainda castigava sua boceta sem dó, metendo fundo, fazendo-a tomar até a última gota da minha porra. Enfim, os tremores diminuíram. Fechei meus olhos e enfiei meu rosto em seu pescoço, sentindo seu cheiro incrível de mulher, de fêmea satisfeita pelo seu macho. De repente, me toquei de algo importante. Não havia usado camisinha. Caralho! Eu nunca fodo sem camisinha. Que merda!

— Dom, eu... — Helena retesou o corpo, certamente ia me esculachar de novo por tê-la fodido como um louco. — você não usou preservativo.

Levantei meu rosto para o dela. Não parecia zangada pela foda, mas pela falta de proteção. Gostei disso. Porque não havia mais a menor chance dela não passar cada minuto dos próximos três meses exatamente dessa forma, empalada no meu pau.

— Sim. Isso nunca me aconteceu, Helena. — disse e ela bufou. — falo sério. — prossegui. — sou um cachorro vadio como você diz, mas sempre transo de camisinha.

Estou limpo se isso a preocupa.

Helena

— O uso do preservativo não é só contra doenças, Dominic. Não podemos arriscar uma gravidez. — disse apreensiva. — isso não é um casamento real.

— Sei disso. Isso não acontecerá de novo. — Dominic disse com convicção.

Meu coração sofreu uma pequena decepção. Achei que... *Dio!* Não sei o que achei. Ele foi bem claro, cruel até ao dizer que não gosta de mulheres inexperientes.

— É claro que não vai acontecer. Sou muito inexperiente para agradar o maldito galinha de Manhattan, não é? — minha voz saiu mesmo rancorosa? Alguém me mate agora!

Os lábios dele se torceram naquele riso pecaminoso. Os olhos brilhando provocadores. Aproximou a boca da minha, os olhos verdes intensos, perfurando os meus. Senti seu Pênis latejando dentro da minha vagina. Ele ainda estava duro. Impressionante! Ampliou o riso quando arfei. Moeu em mim, girando o quadril num ritmo que me teve excitada de novo em segundos. Puxou deixando só a

ponta espessa. Ainda me prendendo o olhar bateu com força até meu útero, me rasgando brutalmente. Gritei ensandecida.

— Pareço alguém que está insatisfeito, princesa? — murmurou em minha boca, mas não me beijou, só continuou me olhando e me fodendo de novo. *Dio!* Ele era um galinha, mas um malditamente gostoso. — nosso acordo original acaba de ser reafirmado. Vou comer você por três meses inteiros. Não tô nem aí se não é experiente. Sua boceta é gostosa pra caralho! — meteu com mais força, me batendo na parede de novo. Me comeu por muito tempo assim, até que nos afastou da porta e sem sair de dentro de mim, nos levou para a cama. Nos deitou com cuidado e me montou com força, as mãos apoiadas de cada lado da minha cabeça, olhando-me nos olhos enquanto batia seu pênis em mim sem trégua. Grunhiu e saiu de dentro de mim. Fiquei confusa quando levantou em direção ao banheiro e voltou com um frasco na mão.

— O-o que é isso? — indaguei num tom ridiculamente alarmado.

Ele me deu aquele riso sedutor e diabólico e subiu na cama de novo.

— É seu olho de banho.

— Dom... O que... — balbuciei enquanto ele vinha para cima de mim, prendendo-me no colchão com seu grande corpo.

— Vou ensinar algumas coisinhas a você, princesa. — sussurrou beijando meu queixo, descendo pelo pescoço. Parou nos meus seios e os juntou com as mãos, amassando. Sabia que ele gostava de peito grande, mas parecia verdadeiramente encantado com meus pequenos seios. — eles são lindos. Perfeitos. — murmurou como se lesse meus pensamentos e sua boca quente desceu sobre eles, beijando, lambendo, chupando, mordendo. Sei que ficaria algumas marcas amanhã. Ele estava devorando-me avidamente. E eu estava adorando ser devorada, consumida completamente por ele.

— Oh! Dom... — gemi quando enfiou dois dedos grossos na minha vulva e continuou muito entretido com meus seios. Arqueei as costas fora de mim. Sua risada baixa,

íntima e devassa me incendiou mais ainda. — Dom...

— Você quer gozar de novo, minha cadelinha gostosa? Hum? — meteu os dedos duramente, abandonando os seios e ficou só lá me olhando, enquanto me comia com os dedos. Sorriu de novo e me deu um tapa no rosto. Não machucou, mas ardeu um pouco, me assustei. Ele gargalhou. — vou ensinar tudo a você, princesa. Vai aprender a me fazer gozar de todas as formas. Vou comer todos os seus orifícios sempre que eu quiser. — gemi mais desavergonhada com suas palavras sujas. Uma das mãos veio para meus cabelos da nuca e os puxou grosseiramente levando meu rosto para perto do seu. — você é minha, agora. — rosnou em minha boca, lambendo meus lábios. — fique de quatro. Vou preparar seu rabo para tomar meu pau. — a crueza das suas palavras fizeram jorrar mais líquidos na minha vulva. Ele percebeu, porque os olhos verdes flamejaram, zombadores. — oh, isso realmente a excita, não é, princesa? — Deu um último golpe e retirou os dedos. Arquejei quando ele os levou aos lábios e os chupou com deleite. — vamos, de quatro cadela! — deu-me um tapa forte na minha nádega direita.

Dei um grito. Doeu de verdade. Riu com vontade.

— Dom... Eu não...

Minhas palavras morreram na garganta quando seus braços vieram ao redor de mim e me viraram de bruços na cama.

— Shhhh. Eu sei que você nunca fez isso. — sussurrou em minha orelha, chupou-a e mordiscou. Gemi. — mas você tem fogo aí dentro, princesa. Vai gostar de tudo que vamos fazer na cama, garanto. — sua boca desceu pelo meu pescoço e ombro beijando, chupando, mordendo, lambendo. Deu uma mordida forte nas minhas costas e eu gritei de novo. Mas logo sua língua lambeu o local. Ronronei, meu corpo relaxando embaixo do seu. Em suas mãos e carícias bruscas, mas habilidosas, excitantes, enlouquecedoras. Sua mão desceu pela minha coluna numa carícia suave, como uma pena e chegou ao bumbum. Deu um tapa duro na outra nádega. Assustei-me, mas gemi também. Seus dedos deslizaram para cima e para baixo na fenda. — empine a bundinha para mim, Helena. — sua voz saiu dura, rouca. Obedeci. Ele gemeu e senti seu

hálito em minha vagina. Ele enfiou o nariz em minha vulva e cheirou-me. Tremi. Então, sua língua veio suave, lambendo da minha vagina até meu ânus. Cristo! Meu corpo estremeceu violentamente. Ele riu e suas mãos firmaram meus quadris, e sua boca passou a me devorar sem trégua. Gemi e gemi descontrolada. Gritei quando seus dentes morderam meus grandes lábios, indo para a virilha. *Delizioso!* Relaxei mais, então puxou-me pelos cabelos de novo, obrigando-me a ficar de quatro. Enfiou dois dedos em minha vulva, cavando e os levou para o ânus. Contraí-me quando me tocou lá. Sua outra mão me deu duas palmadas fortes. — quieta, minha cadela! Seu cuzinho vai ser meu playground por três meses! Amo um rabo, princesa! — grunhiu massageando meu orifício. — relaxe e empurre de volta. Vou enfiar meus dedos.

— Dom... Eu acho que... Ahhh! — gritei quando seus dedos forçaram a entrada, rasgando-me.

— Empurre de volta e relaxe, Helena! — sua voz foi dura, irritada. — vai tomar meu pau até as bolas nesse rabo hoje! Tem ideia de quantas vezes comi seu cu nas minhas

fantasias? — tentei me acalmar e fazer o que me disse. Relaxei. Seus dedos entraram apertados. Oh, *Dio!* Não tenho ideia de como seu enorme pênis vai caber em mim. — isso, cadela gostosa! Relaxe... Assim... rebole esse rabo... Isso acostume-se a ter seu cu invadido, princesa. — sorriu lascivo. — meu pau vai viver enterrado nele! — Sua outra mão foi para meu clitóris e o massageou me distraindo do incômodo no meu ânus. Gemi e rebolei em seus dedos. — Jesus! Minha fantasia tornando-se realidade. Você é mesmo uma cadela fogosa, como sempre imaginei! — rosnou e passou a comer-me bruscamente com os dedos, girando-os, abrindo-os lá dentro, me alargando. Relaxei de vez, amando a massagem que ele fazia no meu clitóris. Levou mais sucos. Gemeu alto e tirou os dedos o olhei abrindo o frasco de óleo de banho. Em instantes, minha bunda estava toda melada, meu ânus besuntado. Ouvi um barulho diferente e olhei por cima do ombro. Ele estava passando o óleo em seu pênis. De vez em quando massageando-se, masturbando-se. Levantou o rosto e seus olhos lascivos encontraram os meus. Sem uma palavra se posicionou atrás de mim, acariciou minhas

costas, minhas nádegas me fazendo arrepiar. Sem aviso mete seu pênis bem fundo na minha vagina.

— Ahhh! Dom... Oh, *Dio!*

Continuou me fodendo com golpes brutos. Foi diferente agora. Era o preservativo. Percebi. Então, sem aviso saiu e alinhou-se em meu ânus. Me retesei.

— Isso vai doer se você ficar tensa, Helena. — rosnou em minha orelha, mordendo-a, desceu para ombro e mordeu-me forte e foi forçando sua entrada. *Dio!* Entrou a cabeça espessa e ele ficou em um vai e vem tirando e colocando devagar. Fui relaxando. — empurre de volta, princesa. — sua voz foi tensa. Ele estava claramente tentando se conter. Fui empurrando devagar e ele foi metendo. Ardeu muito. Tentei sair da posição. Sentindo uma pressão dolorosa, mas ele não permitiu. Segurou meus quadris com força e mete tudo, me rasgando até o fundo. Gritei, sentindo lágrimas virem nos meus olhos. Ele parou um instante e me acariciou suavemente. Uma de suas mãos foi para meu clitóris e o manipulou com maestria de novo. Não contive um gemido que falava de dor e prazer. A

risada baixa e sexy de Dominic soou atrás de mim e ele começou a me foder de verdade. Tirou tudo e bateu de volta me sacudindo para frente. Gritei a cada estocada dura. Seus dedos nunca deixando de me massagear, construindo mais prazer do que dor nesse momento. Choringuei quando beliscou duramente meu brotinho. — Isso, minha cadelinha gostosa! Seu rabo foi feito para tomar pau! Isso, toma tudo, porra! — rosnou, metendo sem trégua em mim. Comeu-me assim por muito tempo. Sendo cruel, pois quando via que estava a ponto de gozar, parava de beliscar meu clitóris.

— Dom! — Gritei agoniada, desesperada. — por favor... Eu preciso...

— O que, cadelinha? — grunhiu, batendo seu Pênis brutalmente dentro de mim. — você quer gozar? É isso? Quer gozar com meu pau todo enterrado no seu cuzinho virgem? — sua voz era tensa. Ele também parecia estar perto. — caralho de rabinho apertado mais gostoso! Jesus! Vou comer tanto você, princesa! — avisou, dando uma estocada funda, muito funda. Gritei, mas ele puxou

meu brotinho e eu me desmanchei.

— Ahhh! Oh! *Dio mio!* Ohhhhhhhhhhhhh! — gritei rebolando, indo de encontro a ele e suas estocadas furiosas, deixando-o me rasgar, porque aquilo transcendia a qualquer sensação boa que já senti. Cristo!

— Jesus! Você é a virgem mais cadela que já existiu, princesa! Gostosa do caralho! — rosnou e caiu por cima de mim, esmagando-me no colchão. Segurou nos meus ombros e continuou me comendo, seu corpo todo enrijecendo. — Ohhhh! Helena! Ahhhhhhhhhhhhh! — rugiu. Senti seu pênis inchar e ele gozou. Seus lábios vieram para minha orelha, lambendo, chupando. Continuou bombeando em mim, agora mais devagar. Sua respiração ruidosa, seu corpo suado, dominando, tomando completamente o meu. Senti-me sensual, sexy, poderosa, porque apesar de toda a minha inexperiência, havia dado tanto prazer a ele. — Deus! Princesa... Você é uma coisinha gostosa... — ronronou em meu ouvido. Sorrio. Ele estava sorrindo também. Nossas risadas se misturaram por alguns momentos. Percebi que isso era

muito perigoso. Essa proximidade era muito perigosa. Eu não poderia em hipótese alguma, me apaixonar por ele. Mas a verdade era que uma pequena parte de meu coração já era dele. Sempre foi, desde quando olhei em seus olhos a primeira vez.

CAPÍTULO CINCO

Helena

Espreguicei-me languidamente nos lençóis macios. Uma sensação gostosa de saciedade, relaxamento em meu corpo inteiro. Abri os olhos lentamente. Arregalei-os, as memórias de todas as coisas que havia deixado Dom fazer comigo, invadindo-me. *Dio!* Minhas faces incendiavam só de lembrar. O prazer absurdo que senti, quando me penetrou de todas as formas, tomou meu corpo como se pertencesse a ele, só a ele. Dominic era intenso. Muito, muito intenso. Ouvi um movimento nas amplas portas de vidro da varanda. Meu coração acelerou loucamente com a visão dele entrando no quarto, vestindo apenas uma calça de malha pendendo abaixo do quadril. *Dio mio!* Que abdome! Ele devia estar se exercitando porque uma fina camada de suor cobria sua pele. Eu estava hipnotizada. Ele era soberbo. Era... Sua risada baixa e sexy me fez levantar o olhar para o seu rosto.

— Apreciando a vista, princesa? — sussurrou, a boca

sensual curvada naquele riso lindo dele, mostrando as covinhas. Os olhos verdes flamejando em mim, provocadores, irreverentes, mas também claramente apreciando me pegar olhando-o com desejo. — você parece bem relaxada. — chegou bem perto da borda da cama. — estava mesmo precisando transar.

— Bom dia para você também, idiota! — cuspi revirando os olhos. Por que ele tinha que abrir a boca? Era tão perfeito calado.

— Ainda com uma linguinha afiada, pelo visto. — gargalhou e se afastou em direção ao banheiro. — vou arrumar outra função para ela hoje... — subiu as sobrancelhas sugestivamente. Bufei. Livrou-se da calça no meio do caminho. Cristo! Quase gemi ao ver seu traseiro duro, musculoso. Arfei quando vi arranhões em suas costas. Eu tinha feito aquilo? *Dio mio!* Dessa vez não segurei um gemido abafado. Ele olhou por cima do ombro e deu-me uma piscadela desavergonhada. Bufei de novo e caí contra os travesseiros. Cachorro vadio, convencido!

Pouco depois saiu ainda mais sexy. Enxugando-se

displícitemente com uma toalha branca. Seu tórax poderoso coberto de pingos d'água. Ele era a perfeição masculina. Eu estou definitivamente ferrada, porque não há a menor possibilidade de meu coração sair intacto no final de três meses. Não quando apenas no segundo dia, ele me tem salivando de forma ridícula quando surge na minha frente. Livrou-se da toalha e andou esplendorosamente nu até o closet, quando voltou já estava numa cueca boxer preta. *Si*, o idiota exibicionista estava tentando me provocar abertamente. Reuni o lençol em torno de mim e deixei a cama desajeitadamente sob seu olhar zombador.

— Jesus! Princesa, deixa de ser ridícula. — riu baixinho colocando as mãos nos quadris e isso evidenciou a protuberância em sua cueca. Meu rosto queimou. Seu riso ampliou. *Maledeto!* — já vi tudo aí. Sei que tem um sinal sexy bem na virilha. Duas covinhas que me excitam pra caralho bem acima desse traseiro gostoso. — seus olhos incendiaram quando disse isso, porque ele tinha ejaculado a última vez bem em cima das tais covinhas. *Si*, isso vai ser realmente difícil. — e você tem a boceta mais linda e

rosada que já vi na minha vida.

Prendi a respiração com suas últimas palavras sujas. Foram baixas naquele tom rouco, sexy como o inferno, que ele usa para escravizar as mulheres.

— Cale a boca, imbecil! — disse e virei-me em direção ao banheiro. Meu corpo já excitado, louco para ser tomado por ele de novo. O bastardo continuou rindo às minhas costas.

Vinte minutos depois estávamos tomando nosso café na sacada diante da vista panorâmica de Las Vegas. Era incrível. Uma cidade tão glamourosa no meio de um deserto.

— Ficaremos mais essa noite e voltaremos a Nova Iorque amanhã. O que quer fazer hoje? — a voz de Dominic me fez desviar os olhos da vista. — vou deixar você escolher. Afinal estamos em lua de mel. — acrescentou zombeteiro.

— Eu não tenho ideia. Você já esteve aqui antes? O que me sugere?

Ele me deu aquele sorriso lascivo.

— Princesa, já visitei Vegas muitas vezes, mas não vai gostar de nenhum dos lugares em que estive.

Revirei meus olhos.

— Sério? Você pensa mesmo em sexo todo o tempo? — meu tom foi seco. Ele tomou seu suco. Encarando-me por cima da borda do copo. Ele tinha uma forma de me olhar que mexia com tudo dentro de mim e ele sabia disso.

— Não, só penso a metade do tempo. — riu e antes que dissesse algo, completou: — na outra metade eu faço sexo.

— Você é mesmo um cachorro vadio, tarado, sabia disso? — tomei meu suco também. Minha mão levemente trêmula. Ele me afetava de uma forma que estava além da minha compreensão.

— Olha só quem fala. A gata selvagem que arranhou minhas costas a noite toda. — sussurrou ainda prendendo meu olhar, desconcertando-me. Minha vagina palpitou com seu linguajar esdrúxulo. — não, acho que cadela gostosa fica melhor em você.

— Você não é mesmo um cavalheiro, não é? — cerrei meu

maxilar.

— Não, princesa. Definitivamente não sou um cavalheiro. Devia demitir a sua fada-madrinha. — Disse zombeteiro. — olha só o príncipe que ela arrumou para você...

— Concordo. Vou demiti-la dentro de três meses. — algo passou pelos olhos verdes e ele finalmente desviou o olhar para a cidade abaixo de nós.

— Por que deixou Ardócia? — disse depois de um silêncio desconfortável.

A pergunta direta me pegou desprevenida. Eu não posso dizer a ele porque deixei o único lugar que conheci como lar. Ele não entenderia. Julgaria-me, aliás, já tinha feito isso dois dias antes em seu escritório. Os olhos verdes cravaram em mim de novo, intensos, como se enxergassem minha alma. Como se exigissem a verdade. Não deixando que me escondesse. Eu soube que não podia mentir. Ele não me deixaria.

— Tive ilusões tolas que nunca se concretizaram. — remexi-me desconfortável diante de seu escrutínio. — eu ameí Leon. — fui direta também.

Seu maxilar cerrou visivelmente. Os olhos inflamaram quase como se estivesse zangado. O que havia com ele?

— Não ama mais? — seu tom foi ligeiramente aborrecido, apreensivo.

— Não. Não mais. — sorriu um tanto sem graça. — não dessa forma. Ele encontrou uma mulher que o ama como eu nunca seria capaz de amar e ele a ama com a mesma intensidade. — suspirei. — Júlia e Leon são almas gêmeas. Se pertencem. Eu precisava seguir minha vida. Por isso, achei melhor partir.

— Você nunca teve um namorado? Guardou-se esse tempo todo para ele? — sua voz foi abertamente dura, ríspida. Oh! Uau! O que há com ele?

— *Si*, tive um namorado uma vez no ensino médio. Mas foi só uma tentativa de provocar ciúmes em Leon. — sorriu do quanto a situação foi patética. — não funcionou, é claro.

Ele não sorriu. Só continuou lá, me olhando como se eu fosse um enigma para ele.

— O que fará depois que pegar a herança?

Oh! Ele estava bem profundo essa manhã. Nunca havíamos conversado sobre nossas vidas pessoais. Era sempre ele vindo para cima de mim com tudo. Tentando me levar para a cama de qualquer jeito.

— Vou viver a minha vida. — disse tentando soar tranquila. Na verdade eu ainda estava perdida. Ainda precisava procurar um rumo. — encontrar o homem que Júlia me falou.

Ele franziu o cenho.

— Que homem?

— O homem da minha vida. Aquele que segundo ela, vai virar meu mundo de cabeça para baixo, me tirar do meu eixo, mexer com tudo dentro de mim. — ele ficou olhando-me incontáveis segundos, então seu rosto se abriu naquele riso provocador e irreverente de sempre.

— Ah, nossa! Princesa. É muito trabalho o que acabou de descrever. — apoiou-se na mesa, debruçando-se em direção a mim, me fazendo arfar com a intensidade de seu olhar.

— Este homem fará isso. Fará qualquer coisa por mim. —

disse desafiando-o.

— É claro que fará. — riu cínico, debochado. — mas enquanto o *Sr. Perfeito* não chega, você é minha, princesa. — seus olhos me consumiram de novo. — está presa comigo e devo dizer que não sou nada certinho. Não sigo convenções. Odeio regras. Tenho as minhas próprias convicções. — curvou os lábios sedutoramente, fazendo-me contorcer na cadeira. — mas é assim que você gosta, princesa. Você tem fogo aí dentro. Não acha que já passou tempo demais sonhando com *príncipes encantados*?

Fiquei calada por alguns instantes. Ele estava malditamente certo. Eu nunca vivi de verdade.

— O que está tentando dizer, Dominic? — minha voz foi baixa.

— Que você viva, princesa. Que viva intensamente. — seus olhos queimaram em mim. — comigo. Aproveite comigo por três meses. Seja irresponsável. Liberal. Livre das convenções. Se jogue pela primeira vez na sua vida.

Dio mio! Meus olhos arregalaram com suas palavras. Seu tom, seu olhar me chamando num nível profundo que eu

não conseguia entender. O que havia nele que me fascinava desde o primeiro momento? Ele levantou-se e estendeu a mão para mim. O olhei assustada, tentada, excitada.

— Venha, princesa. — sua voz me acariciou naquele tom que molhava minha calcinha. Eu me rendi. Coloquei minha mão na sua e me levantei também. Meu coração batendo freneticamente no peito porque eu havia acabado de fazer um pacto com um homem perigosamente intenso e sedutor e *si*, poderia sair machucada no final. Mas quando suas mãos quentes circundaram minha cintura levando-me para ele. Quando fiquei a poucos centímetros daqueles olhos incríveis, entendi que não haveria mais volta. Suas mãos viajaram pelas minhas costas e se infiltraram em meus cabelos da nuca. Arquejei quando puxou bruscamente minha cabeça, aproximando nossas bocas. Perfurou-me com seu olhar por um tempo longo demais, só então baixou sua boca na minha, provocando-me inicialmente, chegando muito perto, recuando depois, gemi louca de tesão, levando minhas mãos para seu pescoço, puxando-o para mim. Ele sorriu e me beijou finalmente. Me perdi de

vez. Comeu minha boca, gemendo, grunhindo, exatamente como eu. Fizemos sexo nesse beijo.

— Jesus! Princesa. — sussurrou, chupando meus lábios. — quero foder você agora. — gemi. Ele sorriu baixo. — mas não vou. Quero mostrar uma coisa primeiro. Vem, vamos nos vestir e sair. — deu-me um último beijo e me puxou pela mão.

Não demorou muito estávamos num lugar a céu aberto, parecia um aeroporto, mas não era isso. Então paramos diante de um logotipo: *Nevada Paraquedismo*. Cristo! Ele estava louco se achava que eu iria fazer o que estou pensando.

— Dom... Eu não vou... Eu não posso... — senti um surto de adrenalina entrar na minha corrente sanguínea. Isso sempre acontece quando me deparo com situações que me oferecem desconforto ou perigo eminente. Fechei os olhos, tentando desesperadamente me controlar.

— Helena? — ele deve ter percebido minha reação, pois estacou, virando-se para mim. — princesa? O que houve? Suas mãos estão geladas. — disse olhando-me

preocupado. — ei, o que houve? — segurou meu rosto, me olhando nos olhos. Pisquei e puxei uma respiração aguda. — Não posso fazer isso, Dom. — minha voz saiu baixa, trêmula.

— Ei, não. Não quero que você salte. — sorriu, mas seu olhar era ainda confuso, preocupado como se tivesse visto o que realmente significou meus poucos segundos de surto. — dessa vez, apenas eu vou saltar. — me beijou levemente e acrescentou: — mas estará pronta para ir comigo em breve, princesa. Você vai ver. — seus olhos, seu tom, era como se falasse de algo mais do que um salto de paraquedas.

Avançamos sob o sol da manhã até um amplo barracão. Após várias instruções, Dom foi equipado com um macacão, capacete, óculos e arnês.[\[80\]](#) Depois de ser verificado duas vezes, seguimos para a pista onde um pequeno avião nos aguardava. Havia vários transeuntes pelo local, mas estavam entrando em outros aviões. Dom deve ter reservado esse só para ele.

— Você vai subir comigo, ou prefere esperar aqui? — seu

tom era ainda receoso. Ele havia realmente percebido alguma coisa. Eu odeio quando as pessoas descobrem sobre a minha doença e me tratam diferente, com pena. Não suportaria isso dele.

— Vou com você. — disse num impulso e ele me estendeu a mão de novo como se quisesse me passar coragem. — você é completamente louco, sabia disso? — tentei descontrair. Ele abriu aquele riso sem vergonha, já bem familiar.

— Sim, esse sou eu, princesa. — afirmou me ajudando a subir na aeronave. Subimos, subimos. O piloto informou que estávamos a 3.200 metros acima do solo. O instrutor checkou mais uma vez todo o equipamento de Dom.

— Dom... *Dio!* Você sabe mesmo o que está fazendo, não é? — minha voz saiu arfante.

Ele sorriu e veio até mim, sentada no meu banco.

— Preocupada comigo? — seu tom era provocador, mas seus olhos eram quase suaves. — ainda não será dessa vez que se verá livre de mim, princesa. — sussurrou e me beijou. Um beijo lento, excitante, lambendo, chupando

minha língua. — faço isso desde os dezoito anos, Helena. Vou ficar bem. — murmurou em minha boca. Levantou-se e a porta se abriu. A pressão do vento nos assaltou no interior do avião. Ele andou até a porta. Meu coração começou a bater descontrolado de novo. Dom parou, virou-se e abriu aquele riso lindo. — te vejo lá embaixo, princesa! — gritou e pulou de braços abertos. Oh! *Dio mio!* Prendi a respiração e fui soltando aos poucos. Ele era louco! Completamente louco! Mas eu estava sorrindo agora. Sorrindo! Parecendo uma boba. Procurei-o pela janela imediatamente. Ele caía rapidamente. Cristo! Deve ser uma experiência arrebatadora, caiu mais, mais até que seu paraquedas abriu e eu soltei a respiração que nem percebi estar prendendo outra vez. Fiquei o observando maravilhada. O piloto posicionou o avião de forma a oferecer a vista completa do salto de Dom. Ele deve ter pedido isso também. Tão exibicionista! Mas meus olhos não desgrudaram dele até o momento em que ele aterrissou num local um pouco afastado da pista. O instrutor vibrou do meu lado, o piloto também.

— Seu marido é muito bom, senhora. — disse o instrutor,

empolgado. *Meu marido.* Meu lindo, indomável e apaixonante marido. Apaixonante? De onde saiu isso? Oh! *Dio!*

Foi tudo muito rápido. Assim que o avião aterrisou Dom já estava vindo a uns cem metros de mim. Alto, imponente, macacão pendurado na cintura, livrando-se do capacete, dos óculos. Lindo! Absurdamente lindo! Fui em direção a ele. Minhas pernas tinham vida própria. Mal cheguei, meu corpo foi içado em seus braços. Me rodou, tomando minha boca com fome. Pessoas transitavam por ali, mas ele não se importava, obviamente. Continuou me devorando para quem quisesse ver. *Santo Cielo!* Quando por fim me colocou no chão, meu rosto estava em chamas.

— Desculpe, princesa. — sussurrou, mas seus olhos e seu sorriso safado contradiziam suas palavras. — adrenalina demais...

Deixamos o local não muito tempo depois, e me deixei guiar por ele. Acabei descobrindo que Las Vegas ia muito além dos cassinos. Almoçamos num dos famosos clubes de golfe e visitamos a famosa represa Hoover e Lago

Mead[\[81\]](#). Voltamos ao hotel, tomamos banho de banheira, Dom me fez montá-lo. Me comeu desesperadamente, batendo em minha bunda, rosnando sacanagens para mim, forçando-me a tomar cada polegada dele, me esticando quase além da minha capacidade. Gozamos juntos. Manteve-me ainda por muito tempo empalada nele, me beijando suavemente, chupando meu pescoço.

Mais tarde fomos para a noite de Vegas. Dom estava magnífico numa camiseta preta de gola v e mangas compridas arregaçadas até o antebraço, calças escuras também. Seus olhos estavam mais intensos, misteriosos nessa noite. Usei um dos modelos que Júlia havia me sugerido. Um pretinho aparentemente comportado na parte de cima, mas esvoaçante e vários centímetros acima dos joelhos. Entramos numa danceteria, clandestinamente. Os seguranças de Dom nos colocaram dentro sem chamar a atenção. Fomos imediatamente para o piso superior. Na ala vip. Havia muita gente. Muitas mulheres seminuas. Retesei-me porque esse não era um lugar para estar com Dominic. Mas ele não pareceu notar as mulheres que praticamente o engoliam com os olhos enquanto

procurávamos um lugar para nós.

— Dom... Aqui é muito abafado. — disse no seu ouvido, tentando conter as palpitações no meu peito. A música muito alta. A quantidade de pessoas ao redor. Senti como se as paredes estivessem se movendo para me esmagar. — Não tem uma sacada, onde possamos respirar melhor?

Ele me olhou, franziu o cenho e me puxou para a sua frente. Andamos assim, abrindo caminho até sairmos numa pequena sacada. As luzes esplendorosas nos recepcionaram. Mais acima no céu, uma lua magnífica completou o quadro. Puxei uma respiração lenta e fui me acalmando. Seu corpo se acomodou melhor atrás do meu. Senti as pernas musculosas, o peito duro contra minhas costas. Se esfregou em mim, sutilmente. Prensando-me no parapeito.

— Tá melhor assim, princesa? — murmurou na minha orelha. Meu corpo tremeu. Suas mãos subiram pelos meus braços numa carícia suave, passando pelos ombros e foram descendo audaciosas. Lá embaixo o trânsito continuava intenso. As pessoas alegres. Gemi quando suas

mãos cobriram meus seios. Amassou-os e gemeu. — você quase não usa sutiã. Amo isso. — lambeu minha orelha e passou a puxar os mamilos por cima do vestido. Um movimento atrás de nós, o fez baixar mais as mãos para minha cintura. Sorriu no meu ouvido. Aquele tom rouco, excitado, safado que já era tão familiar. Logo um garçom nos serviu champanhe.

— De onde veio isso? — indaguei confusa.

— Apenas Ben e Scott fazendo o seu serviço. — disse dando de ombros, abrindo seu sorriso sexy. Eles eram os seguranças dele. Pelo visto estavam acostumados com aquele tipo de tarefa com um chefe como Dominic. Tentei não sentir-me mal imaginando ele assim com outras mulheres. Eu não tinha esse direito. Tomei um grande gole da minha bebida. Ele veio para mim. Meu corpo cantou quando enlaçou minha cintura voltando a nossa posição inicial. Beijou meu pescoço, os lábios frios da bebida causando-me arrepios. Mordeu-me quase forte demais. Gemi esfregando minha bunda no seu pênis duro. Sua mão desceu pela minha coxa esquerda passando a unha do

polegar para cima e para baixo. Em instantes estava esgueirando-se pela saia do vestido. Grunhi quando seu polegar chegou ao meu clitóris. Passou a fazer círculos preguiçosos, incendiando-me. Líquidos jorraram em meu canal. Ele sorriu na minha orelha, mas estava um tanto ofegante. Eu o afetava também. — Eu vou comer você, agora. — rosnou e minha calcinha foi afastada. Mordi os lábios para não gritar quando um dedo invadiu minha vulva, abrindo-me bruscamente. Afastei mais as pernas, facilitando o acesso. — Jesus! Princesa... Corro o risco de me viciar nessa bocetinha virgem. — tomou o resto da bebida num só gole. Eu também tomei um grande gole. Ele apoiou nossas taças no parapeito. Suas duas mãos livres, agora. Seu dedo continuou me fodendo com força. Gemeu e o retirou, chupando-o lascivamente. Puxou meu queixo e me beijou forte. Reivindicando-me, consumindo-me. — sinta o quanto seu gosto é embriagador. Sonhei, desejei ter você assim por tanto tempo, princesa. Minha, para eu foder sempre que eu quiser.

— Oh! Dom... Não podemos fazer isso aqui... — gemi, enquanto suas mãos se infiltravam entre minhas pernas,

levantando meu vestido. A brisa noturna nos assaltando. Seus lábios quentes em minha orelha. Seu pênis duro cavando na minha bunda. Gritei quando puxou bruscamente minha calcinha.

— Você está comigo agora, princesa. — rosnou, mordendo meu pescoço. Minha vagina inundou. — Você pode tudo! Tudo!

— *Dio!* Não... — meu protesto saiu em forma de gemido e ele riu mais o som reverberando em meu corpo. — alguém pode ver, Dom.

Ele me puxou mais para um canto onde a iluminação era mais fraca, mas ainda podíamos ser vistos se alguém saísse ali, ou pelas pessoas que transitavam três andares abaixo de nós.

— Isso não a excita? — sussurrou na minha orelha, lambendo, mordiscando o lóbulo. — não quer meu pau todo enterrado em sua boceta, minha cadelinha gostosa? Hum? Saber que alguém pode vir aqui, ou olhar para cima e me ver fodendo você? Isso me excita pra caralho. — terminou de puxar minha calcinha até as coxas. Gemi completamente entregue.

Dominic

Meu coração batia descompassado. Amo esse tipo de emoção. O proibido me atrai. Adoro quebrar regras. Bati na bundinha linda de Helena e abri o zíper da minha calça. Não abri o botão, apenas tirei meu pau furioso, babando por ela. Em tempo recorde eu já havia vestido a camisinha e a curvava sutilmente sobre o parapeito. Deslizei meu pau em sua racha molhada. Ela gemeu alto. Tapei sua boca com uma mão a puxei bruscamente pela cintura com o outro braço. Rasguei seu canal apertado e quente até o fundo. Seu corpo estremeceu em meus braços. Um grito escapando de sua boca por entre meus dedos. Rosnei baixinho e me forcei a ficar parado uns instantes. Caralho! Eu estava prestes a gozar se eu me mexesse. Porra! Havia estado a tarde quase toda dentro dela, mas essa fome que tomava conta de mim quando meus olhos pousavam nela estava me consumindo. Tirei devagar e meti de novo, girando o quadril como se estivéssemos dançando. Comi sua bocetinha gostosa bem devagar. Minha mão desceu de

sua cintura e foi para seu clitóris. Ela grunhiu, rebolando em mim, pedindo-me para foder mais duro.

— Quer mais duro, minha cadela gostosa? Quer meu pau comendo essa bocetinha virgem bem forte? — ela assentiu. Seu corpo me dizendo que estava bem perto. Bati violentamente dentro dela, sentindo seu útero. — ohhh! Princesa! Jesus! Caralho de boceta gostosa! Toma, cadela safada! Toma meu pau onde qualquer um pode ver! Gostosa! — enlouqueci comendo-a freneticamente. Eu não pararia nem se aparecesse alguém ali. Ela é minha e vou comer quando eu quiser. Solto um gemido abafado pela minha mão e seu canal me estrangulou. Meu pau expandiu e eu meti sem dó em seu buraquinho. Meus dois braços foram ao redor de sua cintura puxando-a para mim, fazendo-a tomar todo o meu pau numa estocada brutal. Ela gritou, agora e eu também. — ahhhhhhhhhhh! — esporrei dentro de seu calor. Esvaindo-me em esperma. Mordi sua nuca e continuei fodendo-a como um louco. Jesus! Eu vou me viciar. Não, eu já estou viciado, caralho! Fui perdendo a força dos movimentos e parei dentro dela, mais relaxado, satisfeito do que já estive em toda a minha vida.

Cheirei seus cabelos. Eu não queria sair de dentro dela. A boceta de Helena era meu novo lugar preferido. — Jesus! Princesa... Você é dinamite pura! — sorriu em sua nuca. Ela sorri também. A apertei mais. Ela virou o rosto afogueado, corado para mim. Nos olhamos por alguns momentos, então a beijei. Ela era exatamente do jeito que eu imaginei. Linda, muito gostosa e quente pra caralho por baixo daquela aparência fria e enfadonha. Mas era também perigosa, porque algo nos olhos dela me chama, me encanta, me domina de uma forma que ainda não consigo entender. Preciso lembrar que isso é apenas sexo. Sexo espetacular, explosivo, mas apenas sexo. Dom Harper não faz romance. Eu fodo e vou embora. Sempre. Já comi muitas mulheres gostosas, não vou ficar todo maricas, porque Helena tem uma boceta que só podia ser descrita como presente dos deuses. Acho que o homem das cavernas dentro de mim está gostando de saber que meu pau foi o único a estar dentro dela. Cristo! Só de pensar nisso, ele palpitou. Obriguei-me a arrancar minha boca da sua e saí de sua quentura, devagar. Gememos. Dei um jeito na camisinha e arrumei minhas calças. Ela já

havia arrumado o vestido.

— *Dio!* Você é realmente louco! — exclamou baixinho enquanto a tomei nos braços de novo, agora frente a frente.

— Sua vida comigo nunca terá um minuto de tédio, princesa. — avisei, beijando-a de leve nos lábios. Porra! O que havia comigo? Não sou de ficar de chamego depois do sexo. Odeio essas merdas! Não gosto nem de beijar. Mas, estou parecendo um adolescente viciado na primeira garota com quem fez sexo. Ela é a inexperiente. Não eu, porra!

— Percebi. — murmurou e me enlaçou pelo pescoço. Foda-se todas as merdas de não beijar! Eu a quero completamente.

— Isso é só o começo, princesa. Vou levar você a lugares inimagináveis. — sussurrei e enfiei uma mão em sua nuca mantendo-a cativa. — você é minha e eu sou seu, por três meses. — completei e tomei sua boca de novo. Ela se moldou a mim com o mesmo desespero com que a puxei e nos devoramos. Ficamos assim por um tempo que não soube cronometrar. Já estávamos sem fôlego e ela

arrancou sua boca da minha sorrindo, buscando por ar. Sorrio também. Nossas bocas respirando uma na outra. Nossos olhos travados. — eu quero dançar com você. O que acha de irmos lá para dentro?

Os olhos de uísque se alargaram e seu corpo ficou tenso. — Eu... Eu nunca dancei esse tipo de música. — ela disse visivelmente perturbada.

— Eu conduzo você. É muito fácil. Ninguém liga muito se você sabe ou não. A pista está lotada, princesa. — seu desconforto aumentou com a menção da última parte.

— Dom... Eu realmente não me sinto bem em lugares fechados e cheios de pessoas. — revelou, seu corpo ainda mais tenso.

— Ei, tudo bem. — concordei preocupado, agora. Mais cedo na empresa de paraquedismo ela teve uma reação estranha quando achou que a forçaria a saltar. — não precisamos ir lá para dançar. — segurei os lados do seu rosto e a forcei a me olhar. Seus olhos tinham a mesma expressão apavorada. — vamos dançar bem aqui.

Ela relaxou nos meus braços e seus olhos suavizaram um pouco. Mas ainda havia uma sombra lá.

— Ok, mas não reclame se eu pisar nos seus pés. — concordou abrindo um riso ainda meio nervoso. Eu estava intrigado, porque havia me acostumado a vê-la sempre altiva, segura de si. Essa garota frágil, insegura e tímida que vislumbrei hoje não combinava com ela. Sorrio e a beijo de leve. *Timber* de Pitbull e Kesha começou a tocar. Seus olhos se iluminaram lindamente. — adoro essa música. — sussurrou. — quero ir lá. Leve-me, Dom. — ainda detectei um toque de incerteza no seu tom.

— Tem certeza? Podemos dançar aqui se ficar mais confortável, princesa. — ofereci. Ela se esticou toda. Assumindo aquele ar de sou inatingível que eu me acostumei a ver. Mas eu já havia visto em sua fragilidade. — Eu vou lá. Tenho certeza. — disse parecendo querer convencer mais a si mesma do que a mim.

Apenas sorrio admirando-a, porque era obvio que estava tentando vencer algo que a incomodava. Eu ainda não sabia o que era, mas descobriria. Por enquanto, a ajudaria dando a melhor dança que ela já teve. Tomei sua mão e a conduzi para dentro. Cortamos todo o caminho, descendo a escada para a pista de dança que estava realmente

lotada. Duas loiras voluptuosas dançando obscenamente me encararam. Desviei os olhos e continuei abrindo caminho puxando Helena comigo. Ben e Scott enlouquecem quando faço isso. Misturando-me na multidão. Mas sou assim. Cresci assim, no meio da massa. É assim que me sinto bem. Parei e virei para encarar Helena. A expressão no rosto dela era de fascínio puro. Sorrio e a puxo virando-a de costas contra meu peito.

— Bem-vinda ao meu mundo, princesa! — disse bem no seu ouvido. Minhas mãos foram para a cintura delicada e a puxaram mais, colando-a completamente a mim. — feche os olhos e sinta a música. Sinta o clima. Sinta meu corpo. — completei e comecei a mover o quadril em direção ao dela simulando o ato sexual, bem lento. Ela arfou quando minhas mãos desceram mais segurando sua pélvis. As subi de novo até a base de seus peitos, meus polegares massageando perigosamente perto dos mamilos.

It's going down

Está caindo

I'm yelling timber

Estou gritando "madeira"

You better move, you better dance

É melhor você se mexer, é melhor você dançar

Let's make a night you won't remember

Vamos fazer uma noite que você não vai lembrar

I'll be the one you won't forget

Eu serei aquela que você não vai esquecer

Deixou a cabeça cair para trás em meu ombro. Seu corpo todo meu. Dando-me acesso total. Moí meu quadril no dela. Começou a mover-se lentamente a princípio, mas foi ganhando ritmo e crescendo junto com a batida animada da música. Começou cantar baixinho.

— Isso, princesa! Se solte! Cante! — gritei sorrindo, moendo em sua bunda deliciosa. Ela sorriu. Um riso lindo, de puro deleite e virou o rosto para mim. Peguei seu queixo com uma das mãos e espalmei a outra de dedos abertos em seu ventre, os dedos encostando e massageando discretamente sua pélvis. Seus olhos incendiaram. Lindos no jogo de luzes a nossa volta. E nos beijamos. Um beijo sensual, lascivo. A música a todo

vapor. Meu quadril colado no dela, movendo-se obscenamente agora. Meu pau completamente duro de novo, cavando no meio de sua bunda. Tudo sumiu em volta. Éramos só nós dois, beijando-nos e quase fazendo sexo no meio da pista. Nunca me senti tão eletrizado. Tão louco de desejo por uma mulher. A música acabou e outra se seguiu, outra, mais outra e estávamos suados agora, minhas mãos passeando por ela sem qualquer pudor. Sua bunda serpenteando deliciosamente no meu pau. Jesus! Ela era nitroglicerina pura! — vamos pegar uma bebida, princesa. Você é mesmo uma coisinha quente, não é? — sorrio, batendo em sua bunda indicando para ela ir na frente. Enrolei meus braços ao redor dela. Parei de tentar entender. Eu quero ficar com ela nos braços. Pronto! Era só isso! Bebemos dançamos de novo e quando por fim estávamos deixando o local, um verdadeiro circo estava armado do lado de fora. Os malditos paparazzi estavam a postos na nossa saída não mais clandestina. Caralho! — Duquesa! É verdade que se casou com o príncipe Dom? — disse um sujeito asqueroso que vivia me seguindo e ganhando dinheiro com meus escândalos. Ele

já devia estar rico, por sinal.

— Isso tem algo a ver com o testamento de seu avô? — gritou uma mulher no meio deles.

Flashes nos cegando de todos os lados. Helena estava pálida, trêmula, estática do meu lado.

— É verdade que está falida? Por isso se casou com o libertino de Manhattan? — gritou o sujeito asqueroso de novo.

— Venha! Vamos sair daqui, rápido! — chamei, mas ela continuava lá com aquela expressão de cedo e de antes da nossa dança. Jesus! Seus olhos estavam vítreos, era como se não tivesse vendo, nem escutando nada. — Helena? Afastem-se, seus abutres! Não estão vendo que ela não está bem? — berrei e eles afastaram um pouco. Ben e Scott chegaram e foram para cima deles com tudo. Virei-me para Helena de novo e a levantei nos braços. Seguindo pelo caminho que meus seguranças iam abrindo. Os flashes ainda continuaram. Mais perguntas. Cristo! Eles nunca me deixavam em paz. Entramos finalmente na limusine. Acomodei-me com ela no meu colo. — fale comigo, princesa. — meu tom foi suplicante, preocupado.

Ela estava me assustando pra caralho. — vamos, Helena. — sussurrei olhando seu rosto. Ela estava retomando a cor. Piscou e lágrimas se formaram em seus olhos. Escondeu o rosto na curva do meu pescoço. O que era aquilo? Então, começou a soluçar baixinho, seu corpo tremendo. Havia algo muito sério ali. Mas não era o momento de confrontá-la. Suspirei e a aconcheguei mais contra mim, adorando a forma como se encaixava perfeitamente em meus braços. Beije seus cabelos suavemente e antes que eu pudesse detê-las as palavras escaparam dos meus lábios: — eu vou cuidar de você, princesa.

CAPÍTULO SEIS

Dominic

Atravessei o saguão do hotel com Helena nos braços. Todos nos olhando. Foda! Em apenas dois dias, já nos tornamos a atração principal. Ela com o rosto ainda escondido em meu pescoço, mas os soluços já haviam parado e seu corpo já não tremia. Quando entramos no quarto fui direto para a cama e a deposei com cuidado. Ela se encolheu virando para o outro lado, indo para longe de mim. Eu queria conversar, perguntar, tentar entender o que era tudo aquilo, mas esse não era o momento.

— Você vai pedir a anulação do casamento? — sua voz muito baixa me parou quando estava saindo da cama para lhe dar privacidade.

— Por que eu faria isso, princesa? — voltei-me para ela. Ainda estava de costas, mas seu rosto estava virado para mim.

— Você ouviu os paparazzi? — sua voz tremeu um pouco.

— tenho Síndrome do Pânico. Sou doente, Dominic. Não vou poder acompanhar você em todos os lugares que precisa ir, porque tem dias, em que o simples fato de atravessar uma rua movimentada me faz ter uma crise como a que tive hoje. Você pode pedir a anulação se quiser. Eu vou entender.

Fiquei mudo por alguns instantes. O quê? Era disso que se tratava? Eu já tinha ouvido falar na doença, mas sabia quase nada sobre o assunto. Sabia apenas o básico, que uma pessoa com transtorno do pânico podia ter crises muito sérias. No entanto, o surto que ela teve não foi grave, estou supondo.

— É isso que pensa de mim, Helena? — deitei-me atrás dela e a puxei contra mim. Eu não sabia bem o que estava fazendo. Sabia apenas que pedir a anulação estava fora de cogitação. Eu a quero. — Que vou sair correndo como um maldito maricas, porque tem essa doença? Vou ser bem direto com você. — sussurrei no seu ouvido. — eu quero você e nenhuma síndrome de sei lá o que, vai me fazer desistir disso, entendeu? Você é minha por três meses,

princesa. Esse é o nosso acordo.

Ela virou nos meus braços. Ficamos frente a frente. Nossos rostos, bem perto. Os olhos exóticos ainda tempestuosos, inseguros como nunca tinha visto antes.

— Eu falo sério, Dom. Isso vem quando menos espero. Na maioria das vezes consigo controlar, mas nunca consigo diante de paparazzi. — disse baixinho. — eu sinto muito.

— Ei, nada disso, princesa. — toquei seu rosto e levantei seu queixo para mim. — você não tem culpa, está me ouvindo? Ninguém tem culpa de ter uma doença. Você pode me falar mais sobre isso? Devo admitir que estou assustado pra caralho, porque sempre vi você como uma fortaleza. Nunca a vi ter medo de nada. Então...

— Não gosto de falar sobre isso. É parte do meu passado que está enterrado há muito tempo. — suspirou e tentou se virar de novo, mas enrolei meus braços em sua cintura e a mantive junto a mim. — não quero sua pena, Dominic. É sempre assim, quando as pessoas descobrem me tratam diferente.

— Ora, por que sentiria pena de você, princesa? Você tem

a língua mais afiada que eu já vi. — sorriu, aquele meu riso que desmanchava qualquer chlique feminino. — tem uma mão pesada também. Insulta-me o tempo todo. Toda marrentinha, estressadinha. Me fez esperar malditos seis meses para ir para a cama comigo. — seus olhos se iluminaram um pouco. — não, princesa. Definitivamente eu não tenho pena de você.

— Você é um idiota, Dom. — havia um sorriso na sua voz.

— Hum, vejo que já melhorou. Os insultos voltaram. — ela abriu finalmente um sorriso, ainda não era aquele que vi quando estávamos dançando, mas já era um começo.

— Obrigada. — murmurou. — Você não é tão idiota quanto pensei. — Nossos olhos permaneceram trancados. Uma proximidade, uma intimidade perigosa, intensa se instalou entre nós. Obriguei-me a quebrar isso.

— Ora, você não vai ficar toda melosa comigo agora, não é, princesa? Detesto mulheres pegajosas. — disse no meu tom provocador que uso muito com ela. Bufou, revirando os olhos.

— Ok. Retiro o que disse. Você é mesmo um idiota

completo. — gargalhei. Ela bateu no meu braço. Certo. Tudo voltou ao normal.

— Você não quer se livrar desse vestido e sapatos para dormir? — ofereci, tentando controlar minha excitação. Meu pau estava duro, furioso no meio de nós, mas não sou um bastardo insensível. Certo, eu sou sim, afinal a chantageei só para ter sexo com ela. Jesus! Falando assim, soa muito ruim. Mas agora, sinto que é melhor deixá-la descansar e dormir. Meus pensamentos me surpreenderam porque nunca tive tanta consideração por uma mulher antes. Eu tomo o que eu quero e pronto. Sentimentos, dramas, não me interessam. Nunca. Mas há algo nessa garota que me prende e me faz reagir de formas que fogem ao meu controle. Eu devia estar correndo dela e de todos esses pensamentos caóticos que me desperta, mas já estou viciado e não vou deixá-la até que nosso acordo esteja encerrado. É isso. Sexo enlouquecedor, sem dramas. Eu sei fazer isso. Sou especialista nisso. Depois cada um seguirá seu rumo. Excelente plano.

— Por acaso isso é uma indireta para mais sexo? — sua

voz soou sexy pra caralho. Meu pau responderia por mim se pudesse falar.

— Princesa, sabe muito bem que não sou homem de indiretas. — dei-lhe meu riso mais devasso. Ela corou. Isso sempre acontecia. — se eu quiser foder você eu vou foder. Simples assim.

Ela bufou de novo.

— Você não consegue sair do modo *cachorro vadio*, não é, *alteza*? — disse claramente provocando-me. Ela era mesmo uma cadelinha gostosa.

— E você acaba de entrar no modo *cadela safada*, não é, princesa? — murmurei já puxando minha camisa pela cabeça. — tire o vestido. Vou comer sua bocetinha Real, *alteza*. — provoquei-a também. Ela arfou e ficou de joelhos na cama puxando o zíper nas costas do vestido. Em segundos estávamos despídos e eu fui pra cima dela com tudo. Como se não tivesse estado a maior parte do dia dentro de seu corpo. Um corpo intocado antes de mim. Isso me deixava selvagem. Saber que ela era minha. Só minha, enlouquecia-me de prazer. Desci da cama e a puxei

pelos cabelos para a borda da cama. — Vem, me chupa, minha cadelinha gostosa... — seus olhos se arregalaram, alarmados. Sorrio e dou tapas firmes na sua cara. — você vai aprender a chupar meu pau do jeito que gosto, está me ouvindo? — Ela não reclamou. Puxei sua cabeça rudemente para baixo. — vai, cadela safada! Chupe! — ela resfolegou e abriu sua boca na ponta. Jesus! Meu corpo estremeceu com o toque suave. Porra! Gemi e forcei seus lábios, fazendo-a escancará-los, tomando todo o meu pau até a garganta. — Jesus! Que boquinha deliciosa, viciante... — bombeei duro. Seus lábios agora completamente esticados em volta do meu pau. Uma visão linda pra caralho! Seus peitinhos perfeitos, firmes, mamilos durinhos, implorando pela minha língua. — Porra! Princesa! Você por acaso já chupou algum filho da puta? — puxei seus cabelos bruscamente. — responda, cadela! Já teve um pau nessa boca deliciosa? — eu estava puto. Mataria o bastardo se ela dissesse que sim. Cristo! Ela chupava divinamente. Fez um som abafado, negando com a cabeça. — você chupa bem pra caralho! É uma cadela nata, não é? Bom que ninguém comeu essa

boquinha antes de mim. — meti tudo com força. Seus olhos já arregalados, lacrimosos. — Inspire pelo nariz, Helena! Isso... Inspire... Vou foder sua boca até esporrar na sua garganta. Vai beber cada gota da minha porra, entendeu, minha cadelinha? Você é minha! Só minha! Só eu posso comer você! Só eu! — rosnei fora de mim. Ela assentiu e me chupou incansavelmente. Continuei comendo-a sem piedade até sentir minhas bolas encolherem. — ohhhh! Minha cadela! Jesus! Helena... Ahhhhhhhhhhh! — meu pau explodiu em sua garganta. Fez um som de engasgo, mas continuou engolindo enquanto eu metia num ritmo ainda duro, esporrando tão gostoso em sua boquinha. — isso... Toma tudo, minha gostosa... gostosa... — gemi ainda sob o efeito do gozo. Sua língua me limpou até a última gota. A puxei para cima e a beijei reverente. Enlouquecido, saciado, mas ainda excitado. Como uma maldita virgem podia chupar um pau desse jeito? Caralho! Estou definitivamente ferrado. Cortei o beijo e a olhei. Os olhos exóticos incendiados, a boca de lábios cheios ainda mais inchada de tanto tomar o meu pau. Eu estava muito viciado nela. Merda! Eu estava

louco, viciado nela! — deite-se e abra bem as pernas, cadelinha. Quero ver essa bocetinha linda. — disse empurrando-a para o colchão de novo. Ela deitou-se obediente. Adoro como ela perde a linguinha afiada quando está assim, sendo fodida por mim. Deitou-se e arreganhou as pernas. Grunhi com a visão de sua bocetinha pequena, delicada, seu cuzinho delicioso mais abaixo. Meu pau ainda duro, louco para se enterrar nela novamente. Fui até ela, apoiando-me em um braço e acariciei seu rosto com a outra mão. Arfou quando enfiei dois dedos grosseiramente na sua boca. — você chupa como uma puta, princesa. Gostei disso. — sussurrei e sem aviso dei mais um tapa em sua face. Seus olhos inflamaram mais. — isso excita você? hum? — posicionei-me entre suas coxas sentado nos meus joelhos. Desci a mão que estava em sua boca lentamente por seu pescoço, passando pelo vale entre os peitos, ela arqueou me oferecendo, me pedindo silenciosamente para tocá-los. Sorrio perverso. E ignorei os montinhos deliciosos.

— Dom... — ela gemeu. Uma súplica em seu tom.

— O que é? Hein, cadelinha? — provoqueei descendo minha mão até seu clitóris e o esfreguei devagar, apreciando cada nuance de seu rosto. — será que você quer meu pau enterrado nessa bocetinha apertada? — sorrio antes de meter dois dedos em sua vulva melada.

— Ahhhh! Dom... Ohhh!

— Jesus! Princesa... — grunhi metendo até o fundo. — tão apertadinha... — ela gritou de novo. Me abaixei, olhando-a nos olhos. Inspirei seu cheiro embriagador e lambi seu brotinho bem devagar. Ela choramingou arqueando as costas da cama. — quieta, cadela! — bati forte em sua nádega. Engasgou e deitou de volta. Continuei assaltando, comendo sua bocetinha com vontade. Chupei duro em seu clitóris e desci mordendo seus lábios, até a virilha, empurrando meus dedos com violência dentro dela. Gritou alucinada, gozando lindamente. Aproveitei seu gozo e retirei os dedos. Alinhei-me em sua vulva, enganchando suas coxas em meus braços, mantendo-a toda aberta para mim. Estoquei com força, rasgando-a, batendo fundo, enterrando-me até o cabo. — porra! Gostosa do caralho!

— rosnei tirando tudo e metendo de volta sem dó. Seu corpo todo mole agora, relaxado, tomando meu pau bem fundo, deliciosa, linda como nenhuma outra mulher. Abaixei meu rosto e fiquei assim, bem perto do seu, encarando-a e bombeando duro em seu canal.

— Dom.. — gemeu baixinho. — o preservativo... Ohh! *Dio!* — balbuciou ofegante. Não parei, continuei comendo-a com vontade. — Dom.. — tornou.

— Relaxe, cadelinha. — grunhi levando uma das mãos para sua nuca e puxando sua boca para a minha. — vou gozar no seu cuzinho. — avisei e tomei sua boca com fome. Ela recebeu-me da mesma forma. Abrandei um pouco o ritmo, girando o quadril, construindo seu prazer de novo. Ficamos assim por muito tempo, metendo lentamente agora. Nossas bocas se devorando num beijo lascivo de olhos abertos. — fique de quatro, princesa. — rosnei, puxando de dentro dela sem muita delicadeza. Gememos. Ela ficou prontamente na posição. Fui por trás dela. — hoje apenas sua lubrificação vai ser o suficiente, minha cadela. Seu rabo vai se acostumar muito rápido

com meu pau. — disse e enfiei três dedos em sua vulva. Reuni seu creme e levei para o cuzinho rosado, pequeno. Ficou tensa. — relaxe, Helena. Faça como ensinei da primeira vez. Quanto mais relaxada estiver, mais gostoso vai gozar, entendeu? — ela balançou a cabeça. Aproximei-me e lambi seu buraquinho bem devagar. Seu corpo estremeceu e foi relaxando. Choraminguou e enfiei dois dedos com força. Prendeu-me. — relaxe, cadela! Abra a porra desse cu! Não quero machucar você, mas vou fazer se não me deixar entrar! — ela miou, mas fez o que disse. — empurre de volta. Rebole em meus dedos. Isso... Assim... minha gostosa. — elogiei e levei uma mão para seu clitóris, distraíndo-a da invasão em seu rabo. Meti meus dedos com tudo até o fundo. Comi seu rabo assim, preparando-o, alargando-o. Tirei meus dedos e alinhei a cabeça robusta do meu pau naquele buraquinho pequeno. Segurei seus quadris com força e fui abrindo-a devagar, mas firme. Entrou a ponta e ofegamos. — empurre de volta, Helena. Isso... Ahhh! Gostosa! Cadela gostosa! — gritei e meti tudo, me enterrando até as bolas. Ela gritou alto, querendo sair da posição. Eu sei, sou

muito grande e grosso. Mas ela pode me tomar todo. Já tomou. É só uma questão de acostumar-se comigo. Parei desse jeito, mergulhado até o talo e me debrucei sobre ela beijando, lambendo, mordendo suas costas. Em pouco tempo estava rebolando seu rabo devagar. — isso, minha cadelinha... Vem, rebola bem gostoso no meu pau... Vem... — ronronei em sua orelha e a mordi com força no ombro. Gritou de novo. Mas agora era de prazer. Sorrio. — você adora isso, não é? Princesa? Hum? Adora ser a minha cadelinha gostosa. — tirei tudo e bati sem dó até o fundo em seu rabo quente. — vou viver montado em minha cadela, comendo seu cuzinho quente e apertado. — grunhi fodendo-a rudemente. Ela me encontrando a cada golpe. Tão ensandecida quanto eu. Levei uma mão para sua vagina e puxei seu brotinho. Gritou, seu corpo anunciando que estava perto de gozar de novo. Dei uma estocada mais dura e mordi suas costas.

— Ahhhh! Dom! *Dio Santo!* — seu corpo foi tomado por espasmos e ela gozou.

— Isso, cadelinha! Goze bem gostoso no meu pau, porra!

Gostosa! Ohhh! — bati dentro dela bem fundo, brutal, violento, louco de tesão. Espanquei sua bunda até deixá-la vermelha e gozei também. — caralho de rabo apertado! Helena... Ah! Merda! Ahhhhhhhhhh! — dei um rugido gutural esporrando em sua quentura, seu buraquinho me estrangulando, me sugando, latejando. — Jesus! Princesa... Tô viciado em você... Cristo! — gemi caindo por cima dela, meus braços indo por baixo puxando seus ombros para trás e continuei comendo-a duramente. Nós dois ainda rosnando, grunhindo, miando nos resquícios daquele prazer viciante. Ela vai ter que tomar anticoncepcional porque a sensação da quentura de sua boceta e tudo que senti quando gozei completamente nu dentro dela me persegue. Quero experimentar de novo, mas sem correr riscos. Isso aqui é sexo. Não pode haver surpresas quando formos nos separar, porque isso fatalmente acontecerá. Ao final de três meses já vou estar saciado. Talvez possamos até desenvolver uma relação de amizade. Dois adultos que se desejaram, transaram e seguiram em frente. Isso acontece o tempo todo, principalmente comigo.

Na manhã seguinte, acordei ao som da voz de Helena. Levantei a cabeça e a vi. Estava andando perto da porta da varanda. Parecia nervosa.

— *Si, anche io ti amo, caro mio.*[\[82\]](#) — sua voz foi suave, muito suave e não era preciso ser um gênio para saber quem estava do outro lado da linha: Leon. Fiquei possesso e pulei da cama imediatamente. Ela virou-se para mim, seus olhos assustados. É isso aí, querida. Te peguei no flagra. Fui ao banheiro, pisando duro sem nem ao menos falar com ela. Porra! O que estava havendo comigo? Nunca me senti assim a respeito de uma mulher. Na verdade sempre compartilhei minhas acompanhantes. Sou liberal no sexo. Não me prendo e não prendo ninguém. Mas ouvir Helena dizendo que ama meu irmão naquele tom suave me revirou o intestino. Fiz minha higiene matinal e quando voltei ela estava acabando de desligar. Uma expressão pensativa, quase triste no rosto. Merda! Ela mentiu para mim? Ainda o ama? Por isso está assim?

— Era Leon. — disse. Bufei, indignado. Ela olhou-me

como se não entendesse minha irritação. — ele já sabe que nos casamos. O mundo inteiro sabe. Está tudo na internet. Nossos passeios o dia todo. Nossa dança indecente na boate. Nossa... Nossa... — seu rosto enrubesceu.

— Nossa o quê? — quis saber, mas já suspeitava. Os malditos nos flagraram na sacada.

— Olhe você mesmo. — me entregou o celular com dedos trêmulos.

Jesus! Várias fotos de nós na sacada. Meus braços ao redor de sua cintura, puxando-a para mim. Nossas expressões de prazer cru, primitivo, selvagem. Quem via não tinha nenhuma dúvida do que eu estava fazendo com ela. Sei que o momento era péssimo, mas só de ver as fotos e lembrar como foi gostoso, louco, transgressor, fiquei maluco de tesão. Particularmente não estou nem aí se me flagraram fazendo sexo, mas ela tem uma reputação a zelar.

— Sei que parece ruim, princesa, mas eles esquecerão assim que *Paris Hilton*[\[83\]](#) aprontar uma das suas. — dei

de ombros e ela torceu o rosto numa expressão furiosa.

— Você me fodeu numa sacada, Dominic! — berrou, seus olhos lindos fulminando-me. Adoro isso. — e você acha que isso é normal? É isso que está me dizendo?

Não consegui conter um sorriso. A princesa disse um palavrão. Uau!

— Nossa! Você acabou mesmo de dizer a palavra com “f”? — incitei. Eu não me importava mesmo com aquilo. As fotos ficaram lindas. Tinha uma que mostrava nossos rostos contorcidos pelo prazer na hora do gozo. Eu amei essa. Helena estava perfeita. Linda!

— Isso é importante para mim, Dom. — murmurou naquele tom frágil de ontem. Isso mexeu com algo dentro de mim. A puxei para mim. Ela não resistiu. — não suporto escândalos e as pessoas vão rir de mim, agora. Oh *Dio mio!* Já estão todos rindo! Essas fotos estão em todos os sites de fofoca.

Ok. Isso era realmente sério para ela. A trouxe mais para perto. Ela apoiou a cabeça no meu ombro.

— Eles esquecerão em pouco tempo, princesa. —

sussurrei beijando seus cabelos. Não sei por que eu estava tão maricas com ela, mas eu estava. Caralho! Isso não era nada bom. Eu queria estar com ela nos braços o tempo todo. Eu não faço essas merdas românticas!

— Dom. — seu tom foi apreensivo agora. — Leon sugeriu que anulássemos o casamento. Ele acha que...

— Leon não tem nada a ver com nossa vida, Helena. — a cortei, brusco demais. Seus olhos me fixaram arregalados. — você está pensando em fazer isso? Você quer isso? Eu pensei que tínhamos um trato. — eu estava muito puto agora. Porra! Ela está escorregando entre meus dedos. Eu não posso deixá-la ir. Eu só não posso, ainda.

Helena

— Não. Eu não vou anular o casamento. — afirmei e seu semblante pareceu aliviado. Ele queria tanto assim me foder? Porque era só isso que ele fazia. Deixava claro para mim o tempo todo. Tentei não analisar muito a irritação repentina dele com a menção da anulação. — eu quero ser livre. Para isso preciso de independência financeira. Estamos juntos. Nosso trato permanece. Mas

você não vai mais fazer aquilo comigo, Dom.

Seus olhos brilharam e o riso pecaminoso tomou os lábios sexys.

— É assim que vivo. Não sigo regras. Não ligo para o que falam de mim. — tomou meu queixo, aproximando sua boca da minha. — quer um conselho? Você precisa sair dessa casca. Você ficou presa em Ardócia tempo demais, princesa. Aceitou viver comigo, agora. Intensamente. Lembra-se? Então, você não pode surtar cada vez que a imprensa nos flagrar fazendo algo...

Seu riso ampliou lascivamente. Eu estou perdida nas mãos dele.

— Eu não vou fazer sexo com você de novo num local público. Eu não sei onde estava com a cabeça. — gemi morta de vergonha. Ele riu mais ainda.

— Você estava louca de tesão, princesa. — puxou meus lábios com os dentes. — eu também estava doido, então... — mordeu meu lábio inferior. — geralmente é assim que funciona. Eu quero foder, eu fodo. Não me importa o lugar. — os olhos verdes safados perfuraram os meus

desafiando-me. — aquilo vai acontecer de novo. Vou pegar você onde eu tiver vontade, Helena. Comigo você nunca vai ter um simples *papai mamãe*. Amo foder. E você também, princesa. Nem tente me convencer do contrário, porque você gozou loucamente naquela sacada. — tremi. Minha vagina já encharcando. Ele sabe exatamente o que dizer e fazer para me manter presa em seu feitiço.

— Dom... Eu não sou assim. — balbuciei, tentando resistir estoicamente.

— Ah, você é, princesa. — murmurou chupando meus lábios obscenamente. — bati os olhos em você e soube que era uma cadela fogosa, safada, gostosa. — rosnou e uma das mãos se infiltrou em meus cabelos da nuca, mantendo-me presa. A outra cavou em minha bunda e me puxou grosseiramente de encontro à sua ereção. Moeu seu pênis duro em minha pélvis. Não contive um gemido desavergonhado. Ele sorriu, sexy, baixo, safado. — vai me dar sempre, onde, como e quando eu quiser. É assim que vai ser. Não se iluda achando que só vamos fazer sexo

em minha cama, de forma enfadonha. Entedio-me facilmente, princesa. Preciso de novidade em todos os aspectos da minha vida, sobretudo no sexo. — então me beijou daquele jeito lascivo, possessivo que me tinha louca por ele, concordando com tudo, inclusive deixá-lo me foder em lugares públicos. *Dio!*

— Dom... — grunhi em sua boca, implorando ao mesmo tempo para ele me levar de volta para cama, mas também para me deixar respirar um pouco. Ele era intenso demais. Nesse ritmo estaria apaixonada por ele antes de um mês. E isso era muito, muito ruim.

Ele sorriu na minha boca. Deu lambidas na minha língua, arrepiando todo o meu corpo. Seus olhos abriram, prendendo os meus, desafiando-me a dizer que não o queria. Deu uma palmada na minha bunda. Gritei de susto e excitação.

— Vamos tomar nosso café, princesa. Decolaremos dentro de uma hora. — disse e se afastou sumindo no closet, me deixando arquejando, louca por ele, parada no meio do quarto.

Quando apontamos na porta do hotel, os paparazzi estavam acampados por lá. Estaquei, apertando o antebraço de Dominic. Seu rosto virou para mim, suavizando-se preocupado.

— Dom... — minha voz foi apenas um sussurro. Eu não consegui mais, dar um passo sequer. Era uma coisa da qual não tinha nenhum controle. Por mais que me desse, discursos mentais, que conseguiria na próxima vez, isso nunca acontecia. Então, tudo travou: língua, pernas, olhos. Eu enxergava, mas tudo parecia distante.

— Princesa? — ouvi a voz preocupada. Vi os lábios dele se movimentando, mas não conseguia responder. — fale comigo, Helena. Oh! Merda! Vamos, precisamos sair daqui.

Eu ainda não conseguia me mexer. Ele praguejou alto e disse algo para os paparazzi que continuavam tirando fotos nossas. Pouco depois, me levantou nos braços e atravessou todo o caminho até a limusine. Nos acomodou no banco traseiro. Inspirei seu perfume e tomei uma respiração bem devagar. O surto foi mais rápido que o de

ontem. Eu já havia tentado me preparar mentalmente para o que encontraria quando deixássemos o hotel, mas ainda odeio que ele tivesse me visto duas vezes nessa situação humilhante.

— Desculpe. — sussurrei em seu pescoço. Eu não conseguia encará-lo. — mas é mais forte do que eu. Não consigo controlar. Eu...

— Shhh. Fique calma, princesa. — murmurou beijando meus cabelos. Eu ainda estava bem acomodada no colo dele. — está segura, agora.

Fechi os olhos e as lágrimas desceram. Era a minha maldição. Será que nunca me livraria disso? Nunca poderia andar pelas ruas como uma pessoa normal? Seus braços me apertaram mais e ficamos em silêncio o resto do percurso. Em pouco tempo estávamos no aeroporto. Dom desceu e me pegou de novo nos braços.

— *Dio!* Já estou bem. Posso andar perfeitamente. — reclamei, mas ele continuou andando, como se eu não pesasse nada, em direção ao jato. — Dom, ponha-me no chão. Estou falando sério. Você está sendo ridículo!

— Nada disso, princesa. — abriu aquele riso sem vergonha. — gostei de me sentir um super-herói salvando-a dos paparazzi. Sempre gostei especialmente da parte onde o herói carrega a garota nos braços direto para a cama.

Eu sorrio e reviro os olhos.

— Tem certeza que esse livro era de super-heróis? Eles não levam a garota para a cama, Dominic.

Seu sorriso lascivo se ampliou. Seus olhos me dizendo coisas sujas.

— Ah, princesa, mas esse super-herói aqui, vai levar a garota direto para a cama assim o jato decolar. — começamos a subir a escada.

— Não, não vai não. — rebati.

— Cale a boca, princesa. — disse entrando na aeronave. Os tripulantes todos perfilados nos cumprimentaram um tanto sem graça. — providencie champanhe para o quarto principal, Susane. — disse e me acomodou em uma poltrona, antes de sentar ao meu lado. Relanceei os olhos pela comissária de bordo e meu entusiasmo caiu um

pouco, porque a tal Susane era uma loira peituda, a preferência de Dominic. Pela forma como o olhou, como uma cadela no cio. Pela forma que olhou para mim com olhos frios, velados, eu soube. Ele tinha fodido com ela. Entramos no quarto logo que o jato decolou e andei para longe, assim que me colocou no chão. Sei que não posso me sentir assim, ciumenta, querendo arrancar os olhos daquela *puttana*, mas não estou conseguindo evitar. *Dio!* Dominic é o último homem no mundo pelo qual poderia me apaixonar. Não posso deixá-lo se aproximar demais. Isso é muito perigoso. Ele é um libertino. O que estamos fazendo não deve ser nada diferente do que já fez com uma lista interminável de mulheres. O senti atrás de mim. — o que houve, Helena? Por que ficou assim de repente? — sua voz foi baixa em meu ouvido. Seus braços, vindo ao redor da minha cintura, me puxando para seu corpo poderoso.

— Estou cansada. Gostaria de descansar um pouco. — menti. Fechando os olhos, tentando controlar as reações do meu corpo pela proximidade, pelo cheiro gostoso de macho e do perfume caro que usa.

— Mentirosa. Você está chateada com alguma coisa. Me fale, princesa. — murmurou espalhando beijos pelo meu pescoço e ombro. Suas mãos acariciaram minha cintura e desceram para minha pélvis. Massagearam meu clitóris por cima do tecido fino do vestido. Arquejei. Seu gemido rouco, íntimo e safado no meu ouvido, inundou minha calcinha. *Dio!* Ele não estava brincando quando disse que me tomaria onde, como e quando quisesse. — vem, vamos para a cama. Vou fazer você se sentir bem. — chupou meu pescoço. — muito bem, minha cadelinha...

CAPÍTULO SETE

Helena

A cobertura de Dominic era esplêndida. Localizada num dos mais exclusivos endereços de Manhattan. Tinha uma vista panorâmica de 360 graus que permitia vislumbrar quilômetros e quilômetros da cidade, bem como do Rio Hudson e de sua margem oposta onde ficava a Estátua da Liberdade. Sou acostumada com luxos e ostentação, pois o palácio de Ardócia é uma das construções mais belas e arrojadas que já vi, mas esse lugar era simplesmente incrível. Havia uma suíte máster e mais três suítes, todas com banheiras enormes. A cozinha era um sonho, com armários pretos, destacando no piso branco e nas paredes claras. No amplo terraço havia um charmoso jardim de inverno e uma piscina em forma de L.

Havíamos chegado à uma da tarde em Nova Iorque. Dom deu ordens expressas à nossa segurança para despistar a imprensa. Um carro saiu estrategicamente por um portão do Aeroporto JFK[84], enquanto tomávamos outra

direção. Apreciei seu cuidado comigo. Ele realmente me surpreendeu por não se importar com meu transtorno. Não esperava tanta compreensão e simpatia da sua parte. Mas estou começando a perceber que Dominic Harper é mais do que mostra ao mundo. Seu ar aparentemente irresponsável, despreocupado não diz tudo sobre ele. À noite pedimos comida chinesa e comemos na sala de estar diante da enorme lareira. As janelas de vidro que iam do chão ao teto ofereciam a visão deslumbrante da cidade toda iluminada. Era a primeira noite de três meses juntos. Conversamos sobre temas neutros e tomamos vinho, sentados no carpete macio.

Não sei como aconteceu, mas em pouco tempo estávamos nus, ele profundamente enterrado em mim. Me comeu num ritmo lento e torturante no início. Não me beijou, ficou apenas lá em cima de mim, me abrindo lentamente, girando o quadril de uma forma que ele deveria patentear. Era perfeita. O fogo crepitava na lareira, agora mais brando. A sala semiescura tornando tudo mais intenso, mas gostoso. Todas as emoções que eu sabia que não deveria sentir, mas que sempre estavam presentes quando

ele estava assim, tomando meu corpo, dentro de mim, me assaltaram. Dom aumentou o ritmo, me rasgando brutalmente, chocando-se em mim como se nunca pudesse ter o suficiente. Rosnou palavrões comendo-me sem dó, até que gozei gritando seu nome. Ele também gritou o meu, junto com mais algumas coisas sujas e gozou, elevando meus abraços acima da cabeça, estocando em minha vulva incansavelmente. Fiquei mole embaixo de seu corpo grande, deixando-o me saquear, tomar até minha última gota de prazer. Ficamos na mesma posição. Nossas respirações alteradas, audíveis no silêncio da sala. Só então me beijou. Foi um beijo lento, saciado, reafirmando como o sexo foi gostoso. Ele comeu minha boca por muito tempo ainda completamente enterrado em mim. Quando me livrou do seu peso e me puxou para seu peito, não pude evitar um sorriso. Era a primeira vez que fazia isso. Eu tremia por dentro cada vez que pensava no tempo que ficaríamos juntos, porque meu coração corria um sério risco de ficar com ele quando chegasse a hora de partir. Não falamos nada, apenas ficamos abraçados. Sua mão descendo preguiçosamente pela minha coluna e subindo

de novo. Devo ter pegado no sono, pois acordei com ele me depositando na cama da suíte em que havia me instalado, mais cedo, percebi que ficou aliviado quando avisei que queria meu próprio quarto. Ele dizia o tempo todo que não fazia romance. Então, quanto menos intimidade construirmos, melhor para me resguardar de todas essas emoções contraditórias que sinto quando estou perto dele, quando me olha com desejo, quando me toma de forma possessiva, dura, intensa, ou dessa forma de hoje, quase reverente.

Na manhã seguinte me deixou no trabalho e seguiu para a sua empresa. Tudo corria bem quando no final da manhã fui chamada ao escritório do CEO e ele me disse educadamente que a imagem da empresa seria abalada se me mantivesse como relações públicas, depois das fotos obscenas que circulavam na internet. Foi o momento mais humilhante da minha vida. *Dio!* Nunca me senti tão envergonhada, mas compreendi. Voltei para minha sala, esvaziei minhas gavetas e deixei o lugar.

Assim que entrei no Bugatti Veryon[\[85\]](#) de Dominic, os

olhos verdes brilharam, consumindo-me como sempre fazia quando me via e um sorriso lento se abriu em seus lábios. Se antes era difícil me manter imune, agora que meu corpo havia sido completamente possuído por ele, era impossível. Mas eu estava definitivamente muito irritada, com raiva dele e de mim, por ter me transformado no seu mais novo brinquedinho. Ele não sairia afetado, pois era acostumado a escândalos. O mesmo não aconteceria comigo. Minha imagem já estava chamuscada em apenas três dias perto dele. Isso me lembrava por que o havia evitado a todo custo nos últimos seis meses.

— Fui demitida. — soltei enquanto prendia o cinto. — se o seu objetivo era arruinar com a minha reputação, pode ficar tranquilo. Seu trabalho foi perfeito. — completei ríspida.

— Ei, ei. — seu sorriso sumiu. — eu não estava sozinho lá, princesa. Você podia ter dito não, mas quis aquilo tanto quanto eu. — disse, sua voz se alterando. — nós fodemos numa sacada. E daí? Supere isso, Helena.

Virei meu rosto para ele, incrédula. Como podia não estar nem um pouco preocupado pelas malditas fotos que rodavam todo o mundo?

— Não vou superar, seu imbecil. Não quando isso está afetando minha vida profissional! — me alterei também. — você me comeu onde qualquer um podia nos ver! Você não vai mais me tratar como uma de suas putas Dominic, está me entendendo? Vamos fazer isso por três meses, mas jamais me tocará em público de novo! Não sou uma vadia que você come a hora que quer!

— Fique tranquila, Helena. Talvez não leve três meses. — sorriu cínico, seus olhos frios. — como já disse, me entedio facilmente. E esse drama todo em torno de uma foda, por mais deliciosa que tenha sido, está começando a me cansar, princesa. Por isso detesto as inexperientes.

Eu pisquei com a crueldade das suas palavras. Ele não parecia nada entediado ontem à noite e hoje de manhã quando me tomou como se o mundo fosse acabar.

— Ótimo! Porque não vejo a hora disso tudo acabar e me ver livre de você. — rebati. Seu maxilar cerrou e ele

ligou o carro saindo do estacionamento sem me dizer mais nada. — me deixe em casa. Perdi a fome.

— Sinto muito, mas vamos almoçar no Daniel[86] como havíamos planejado. — suspirou agudamente. — você ser demitida não é nosso único problema. — disse num tom mais baixo, apreensivo. — Leon me ligou. Ele e Júlia chegam no final da tarde.

— Leon? Oh! Não! — gemi afundando no banco macio do carro. — não estou pronta para encará-lo ainda. *Dio mio!* Ele está muito decepcionado comigo.

Dom emitiu um som irritado e fez uma curva bruscamente.

— E você ainda diz que não sente mais nada por ele. — rosnou sem desviar os olhos da rua. — você é uma mentirosa, Helena. Será que ainda tem esperanças dele largar Júlia e ficar com você? Isso nunca vai acontecer. Ele a ama!

— Qual é o seu problema, Dominic? — rosnei de volta. Ele era um maldito idiota mesmo. — Não é da sua conta o que sinto ou deixo de sentir. Mas para seu governo, não sou uma vadia que pega maridos de outras mulheres. Você

não me conhece! Não ouse insinuar isso nunca mais, ouviu? — completei virando para a janela.

— Até onde eu sei você se guardou para ele a vida inteira! — disse entre dentes.

— *Si*, mas meu destino não era do lado dele. Entendi e segui em frente. — afirmei. Ele olhou o tráfego e voltou a me encarar de novo como se quisesse confirmar que dizia a verdade. — então, será que pode parar de trazer esse assunto à tona o tempo todo? Nada saiu como o planejado na minha vida e eu estou aqui, presa numa armadilha que você criou para mim porque seu maldito ego estava abalado.

— Você está aqui comigo porque sempre quis dar para mim, princesa. Essa é a verdade! — abriu um riso debochado, irônico. — deixe de ser hipócrita. Não a ouço reclamar quanto está gozando comigo todo enterrado em você, querida.

— Foda-se! Seu imbecil!

Meu rosto esquentou. Esse idiota não sairia ganhando.

— Você é gostoso na cama. — disse com o mesmo

deboche e ele virou o rosto para mim, espantado com meu linguajar. Seus olhos brilharam e seus lábios ameaçaram sorrir. O idiota gostava de discutir comigo. — afinal, sua fama é justificada.

— Você também até que não é ruim, princesa. — murmurou, seu tom mais provocador do que irritado, agora. — apesar de inexperiente.

— Foda-se! — grunhi e virei-me para a janela de novo.

Ele sorriu baixinho. O clima durante o almoço, melhorou um pouco. A comida estava deliciosa e eu vi comendo com vontade. Tirando o fato de que todos me olhavam como se eu fosse uma estrela pornô, me senti bem no ambiente elegante do restaurante. Dom informou que era um de seus lugares preferidos e que trazia parceiros de negócios para almoçar ali com regularidade. Ele estava lindo hoje. Oh, o que estou pensando. Ele sempre está. No entanto, hoje, foi a primeira vez que o vi no modo *homem de negócios*. Usava um terno cinza escuro, calças no mesmo tom, gravata preta com listras vermelhas. Os cabelos bem penteados para trás. Os olhos verdes num

tom mais azulado. A cor dos seus olhos mudava de acordo com o tempo e com seu humor, já havia percebido. Mas eram incríveis de qualquer forma. Seu rosto levantou do prato e fui flagrada olhando-o. Ficamos nos olhando por algum tempo. Seus olhos deslizaram por todo o meu rosto. Corei com a intensidade latente. Algo brilhou nos olhos dele, então sumiu e seu sorriso sexy se abriu. Estou começando a suspeitar que ele se esconde atrás desse sorriso para não demonstrar qualquer outro tipo de emoção. Será? Dom ainda era um enigma para mim.

— Adorei o que fez com seu cabelo. — murmurou num tom íntimo. — fui um idiota quando insinuei que a imprensa a confundiria com minha avó. Você é linda, princesa. — disse, prendi a respiração. — nunca deixe ninguém fazê-la pensar o contrário.

Oh! Uau! Tivemos um giro de cento e oitenta graus. Dominic pedindo desculpas. Nunca havia visto isso, pelo menos não comigo.

— *Si*, você foi um idiota. Mas não consegue evitar isso a maior parte do tempo, não é? — meu tom era provocador.

Ele abriu o riso sexy, safado de novo. — não vou esperar que mude o hábito de uma vida, fique tranquilo. — dei de ombros. — mas obrigada pelo elogio. Nem tudo está perdido. Dom Harper pode ter atitudes cavalheirescas, afinal.

Seu sorriso se alargou, ele se debruçou sobre a mesa e sussurrou:

— Não se engane, princesa. — seus olhos estavam dilatados, mas brincalhões. — só disse isso porque quero transar com você assim que chegarmos em casa.

Fiquei muda um instante, depois sorrio também entrando no jogo.

— Bom, pelo menos não está sugerindo me levar até o banheiro feminino do restaurante, não é? Você está começando a pegar o espírito da coisa, porque não há a mínima possibilidade de fotos como aquelas serem tiradas de novo.

Ele grunhiu e se encostou de volta na cadeira.

— Ok. Talvez eu tenha exagerado. — admitiu, seu sorriso, seu charme voltando com força total. — esperei muito

tempo por você, princesa. Não pode me culpar por meu apetite ter sido elevado à máxima potência. — seus olhos flamejaram em mim com desejo indisfarçável. — quero você, Helena. O que fizemos até agora não chegou nem a arranhar a superfície. Quero estar dentro de você o tempo todo.

Arfei. A forma como ele disse. Seu olhar intenso, me prendendo, me inflamando, me chamando, me desafiando, me fazendo querer abandonar todas as minhas reservas e ir com ele, simplesmente ir. *Dio!* Ele era perigoso. Eu não podia me deixar tocar mais do que já estou tocada. Isso é sexo. Ele está acostumado a ter tudo das mulheres e seguir em frente. Não posso cometer o erro de me esquecer disso, porque ele me olha dessa forma como se me quisesse num nível mais profundo, como se sentisse algo mais que desejo pelo meu corpo.

Dominic

Olhei o corpo esguio de Helena adormecido na minha cama. Estava obviamente cansada. A fodi sem trégua

desde o momento que entramos na cobertura. Mal entramos e a fiz se apoiar num dos grandes estofados da sala e a comi por trás. Adoro que ela quase sempre esteja de vestido, facilita muito meu acesso. Não que me negasse alguma vez. Se mostrava tão ávida por mim quanto eu por ela. Gostosa, submissa, me tomando de todas as formas que eu quero, que gosto. Surpreendentemente adora meu jeito rude, os tapas que dou em sua cara, enquanto me enterro fundo em seu corpo. A princesa me pegou pelas bolas, devo admitir. Adoro mulheres que me deixam fazer tudo. Ela pode ser fresca, mimada fora do sexo, mas na cama quem manda sou eu. É minha para fazer o que eu quiser. Sorrio, satisfeito, saciado como nunca estive. Havíamos gozado até cairmos exaustos. Era incrível como não sentia falta de outra mulher no sexo estando com ela. Sempre preferi foder duas de uma vez, primeiro, pela minha iniciação sexual que foi dessa forma, mas hoje em dia, o principal motivo era que as vadias enxergassem as coisas do jeito que eram. Apenas foda prazerosa, louca, suada, safada. Para mim, o sexo deve ser livre de todos os tabus e convenções, senão perco todo o tesão.

Já eram quase cinco horas da tarde. Perdi uma tarde inteira de trabalho por causa dela e de seu corpinho virgem delicioso. Nenhuma mulher antes dela, esteve aqui na minha casa. Sempre fodo em hotéis diferentes. Nunca tive namoradas, sempre foram fodas casuais e muitas delas compartilhadas. É assim que sou. Liberal, louco, ousado no sexo. Amo transgressões. Não fui talhado para relacionamentos, mas essa garota mexe comigo em um nível profundo como nenhuma outra conseguiu. O sexo na frente da lareira me deixou desnortado. Foi a primeira vez que abracei uma mulher depois de saciado. Geralmente nessa parte elas estão indo embora e eu fico sozinho. É assim que me sinto bem, mas tê-la contra mim, sentir seu corpo delicado se moldando ao meu foi algo muito bom. Não posso negar.

O que ela tem? Por que sinto essa fome desenfreada por ela? Nunca senti nada parecido antes. Quero estar dentro dela o tempo todo. Nossa química é perfeita, deve ser por isso. Essa é a única explicação aceitável, pois não importa o quanto ela é gostosa. Nosso acordo permanece. Ela ainda irá embora no final do contrato. E eu seguirei

em frente como sempre fiz. Haverá outra tão gostosa que me dê tanto prazer quanto ela. Claro que haverá. Muitas, de preferência. É isso. Nada de ficar deixando essas merdas românticas atrapalhar o que temos: sexo gostoso por três meses. Apenas isso. Estava saindo do quarto quando o interfone tocou. E o que o porteiro disse cortou toda a alegria pós coito. Leon e Júlia estavam subindo. Jesus! Helena estava completamente apagada, descabelada, fodida. Meu irmão me arrancaria a cabeça assim que visse sua aparência gasta. Porra! Como pude esquecer que eles estavam chegando? A resposta era simples. Não pensava em mais nada quando estava enterrado naquele corpo viciante do caralho! Merda! Merda!

— Helena? Princesa? — chamei, forçando-me a manter um tom brando. Ela ronronou e se espreguiçou fazendo o lençol escorregar, deixando os peitos lindos descobertos. Cerrei os dentes. — acorde. Precisa levantar e se vestir. Leon e Júlia estão subindo.

A última parte funcionou. Os olhos exóticos se

arregalaram e ela pulou da cama, alarmada, não se importando de estar nua na minha frente pela primeira vez. Cristo! Ela era a coisinha mais linda que já vi. Exatamente do jeito que imaginei tantas vezes. Nua, descabelada, completamente fodida por mim. Meu pau sem noção começou a dar sinal de vida. Porra! Eu estava mesmo malditamente viciado nela!

— *Dio!* Eles não podem me ver assim, Dominic! — grunhiu, correndo para o banheiro. — *Madona mia!*[\[87\]](#) Pareço um espantalho! Eles vão saber que... que...

— Que estivemos fodendo como coelhos a tarde inteira? — a segui, parando atrás dela. Nossos olhares se travando no espelho que tomava toda a parede do banheiro. — sim, eles saberão. Sem dramas, princesa. Eles viram as fotos, lembra-se? — isso me agradava, na verdade. Leon saber que ela era minha agora. Só minha.

Ela gemeu, levando as mãos ao rosto.

— *Dio!* Quer parar de ser um maldito cachorro vadio só por um minuto? — bufou e entrou no boxe mantendo-me isolado da visão de seu corpo perfeito. A deixei sozinha e

fui para a sala. Algo me dizia que essa não seria uma visita cordial entre irmãos. Leon insistiria na anulação do casamento e não havia nenhuma maneira no inferno de eu concordar com isso. Helena seria minha até me saciar, matar essa fome que me consumia desde o momento que pus os olhos nela há seis meses. Nada me faria deixá-la ir antes de explorar tudo, absolutamente tudo com ela. Ainda tinha muitas coisas que mostraria à minha princesa, na cama e fora dela. Quero mostrar um mundo novo a ela e ninguém vai tirá-la de mim antes disso.

A campainha tocou e fiquei tenso. Fui atender me sentindo um adolescente prestes a receber uma bronca do diretor da escola. Abri a porta e eles estavam lá parados. Leon com Damien no colo e Júlia ao seu lado. Ela e Damien foram os únicos que sorriram ao me ver. Meu sobrinho abriu os bracinhos rechonchudos e se jogou na minha direção.

— Ei, garotão! — o peguei no colo. — como cresceu! — afastei-me dando passagem à Leon e Júlia.

— Olá, Dom. — Júlia me deu um beijo no rosto. Ela era

sempre tão carinhosa comigo e Jay. Leon era um bastardo sortudo por tê-la encontrado. Seu ventre de seis meses estava bem arredondado. Seu rosto, seus olhos muito verdes estavam radiantes. Ela ficou ainda mais bonita grávida.

— Dom. — a voz de Leon foi tensa. Ele meneou a cabeça levemente. Caralho! Ele realmente estava puto comigo, porque nunca havia sido tão frio. Havíamos construído uma relação próxima, fraternal desde quando nos descobrimos irmãos. Senti-me um pouco mal com isso. Meu irmão mais velho era um bom homem. Não quero me indispor com ele. Além disso, tem meu tio que deve estar muito chateado também pelas fotos de Helena. Certo. Eu passei mesmo dos limites. Acabei esquecendo que ela é da família. Não é como as vadias que só uso para minha diversão.

— Olá, irmão. Júlia, você está radiante. A gravidez a deixou mais bonita, se é que isso é possível. — Leon apoiou a mão nas costas da mulher e a conduziu para dentro.

— Sente-se um pouco, *perla*. — disse num tom muito suave, amoroso, muito diferente do tom decepcionado, aborrecido que usou comigo. — quer uma água? Um suco?

Ela sorriu, acomodando-se no amplo estofado. Os olhos brilharam e tocou o rosto dele com a mesma expressão amorosa.

— Estou bem, amor. — sussurrou. Ele a beijou nos lábios. — fique tranquilo.

— Foi uma longa viagem, bebê. Tem certeza que está bem? — ele insistiu, acomodando-se junto dela. Cristo! Ele a estava sufocando, será que não percebia?

— Tenho, amor. Estou tão bem quanto se pode estar carregando uma barriga de seis meses. — sorriu de novo e o beijou suavemente. Eles simplesmente não cansavam um do outro. A imprensa os adorava. Eram sempre citados como um exemplo de casal perfeito. Para quem gosta de relacionamentos, eles realmente eram um modelo. Nunca vi tanto amor em um casal. Acho que os dois tiveram sorte, afinal.

Então Leon olhou para mim e toda suavidade desapareceu

de novo. Foda!

— Onde está Helena? — quis saber, seu olhar escuro fitando-me como se fossem lasers. Ele tinha uma forma de olhar bem parecida com Jay. Olhos negros inteligentes, sarcásticos, como se zombassem do mundo. Os olhos dele só suavizavam quando olhava Júlia, Damien, nosso tio e claro, Helena. Ele a amava como a uma irmã. E eu estou encrencado se o olhar dele quer dizer alguma coisa.

— Estou aqui. — a voz baixa e um tanto trêmula de Helena, vindo do corredor que levava às suítes me fez virar na sua direção e eu contive um gemido. Jesus! Por mais que tenha dado um jeito nos cabelos que caíam bem penteados sobre os ombros e cintura e colocado um vestido comportado, sua expressão gasta, era de uma mulher que foi fodida sem dó a tarde toda. Leon emitiu um som baixo de desagrado. Cristo! Até eu estava descontente comigo.

— Helena, *cara mia*. — levantou-se indo encontrá-la no meio da sala. A tomou nos braços e meu corpo ficou rígido com a cena. — você está bem? Fiquei tão

preocupado. Por que não me avisou que faria isso?

— Oi, *caro mio*. — trinquei os dentes ao ouvir a voz amorosa que ela usava com ele. Merda! — desculpe, mas não quis preocupar nenhum de vocês. — disse desviando os olhos para Júlia que sorriu-lhe serena sem o menor indício de desconforto por ela estar nos braços de seu marido. Talvez fosse só uma coisa da minha cabeça mesmo. Helena se desvencilhou de Leon e foi até Júlia, beijando-a no rosto. — e minha afilhada? Ainda chutando muito? — quis saber sentando-se perto dela, tocando o ventre volumoso. — Não vejo a hora de ver a carinha dela.

— Eu também, *cara mia*. Esse peso todo cansa. — Júlia disse, acomodando-se melhor nas almofadas.

— Você disse que estava bem, bebê. — Leon usou seu tom *marido pau mandado pela mulher* de novo.

Júlia revirou os olhos, mas sorriu docemente.

— Amor, relaxe. É só maneira de falar. — pediu e sussurrou para Helena. — ele não me deixa fazer mais nada. Acha que gravidez é doença.

— Não seja injusta, *perla mia*. — Leon pediu. — não pude mimar, cuidar de você quando estava grávida de Damien. Só quero cuidar de você, amor. — murmurou e os olhares deles se prenderam, muita coisa sendo dita entre eles. Uma intensidade palpável.

— E você está fazendo isso muito bem. Eu te amo, amor. — ela disse com olhos mais brilhantes. Jesus! Ela pegava pesado.

Os olhos de meu irmão amoleceram completamente com a declaração da esposa.

— Também te amo, bebê. — disse, por fim e era como se não percebessem outras pessoas ali na sala. Uau! Eu sempre esqueço que há essa *coisa* entre eles. — podemos falar em particular, irmão? — seus olhos voltaram para mim outra vez e adeus suavidade!

— Claro. — assenti e coloquei o animado Damien no chão. O pequeno correu para Helena que abria os braços para recebê-lo.

— O que pensa que está fazendo com Helena, Dom? — Leon despejou assim que entramos na biblioteca.

Uau! Isso foi bem direto. Mas ele era assim. Tínhamos isso em comum. Nós três. Jay também era tão direto que chegava a ser cruel.

— Temos um acordo, Leon. — disse enfiando as mãos nos bolsos da minha bermuda jeans.

— Sei. — bufou. — você terá sexo com ela por três meses e depois? Você preparou uma bela armadilha para ela, não foi? — seus olhos fuzilavam-me.

— Ela aceitou os termos. Nos separamos quando o prazo estipulado no testamento acabar e a herança estiver disponível. — pronunciar isso era meio estranho.

— Ela concordou porque você a acuou. — emitiu um suspiro descontente. — exigir sexo é muito baixo, irmão. Desconfio que Helena nunca teve um homem antes...

— Não teve. — admiti e seus olhos eram irritados agora.

— Você está contente com isso? Usando uma garota que nunca viu nada do mundo? Que...

Se interrompeu e passou as mãos pelos cabelos presos na nuca. O tom agoniado, preocupado me teve alerta

imediatamente. O que ele ia dizer?

— O que houve com ela? Por que tem essa doença? — perguntei e ele ficou rígido, seus olhos me analisando como se ponderasse me contar, mas receando. — o que há com ela, Leon?

— Aqui está o que você vai fazer, irmão. — disse no seu tom solene de rei. — vai pedir a anulação desse casamento e vai deixá-la em paz. Helena voltará conosco para Ardócia.

Meu corpo se retesou, rejeitando a mera ideia de deixá-la ir. Ele não tinha esse direito. Ninguém podia tirá-la de mim. Eu não deixaria.

— Não farei isso, Leon. Ela quer ser livre. Não quer voltar para a Ilha. Pergunte a ela e terá sua resposta.

Seus punhos cerraram do lado do corpo. Ele estava muito irritado.

— Você está se aproveitando da fragilidade dela. Pensa que nunca vi como a perseguiu esse tempo todo?

— Eu a quero. Nunca fiz segredo disso. — afirmei,

encarando-o de frente. — e ela também me quer. Sempre quis. Somos dois adultos que querem estar juntos.

— Por três meses. Esse é o tempo que vai dar a ela. Honestamente, Dom, como acha que Helena estará daqui a três meses? — cuspiu entre dentes. — ela é só uma garota inexperiente que nunca teve um relacionamento. Você vai machucá-la no final das contas. É isso que vejo dessa palhaçada toda.

— O que há com ela? — repeti a pergunta. — por que parece tão forte, mas de repente fica tão frágil? Porque há uma razão para esse transtorno, não há?

Suspirou e sentou-se numa poltrona, me indicou a outra.

— Helena foi vítima de maus tratos infantis. Sua família a rejeitou. — fez uma pausa cheia de significados. — a mãe a abandonou, a ela e ao pai quando tinha apenas dez anos. Seu pai que também não era um grande exemplo paterno a negligenciou completamente depois que a esposa fugiu com o amante. Quando a levamos para Ardócia tinha treze anos, mas parecia que tinha oito, de tão maltratada e subnutrida. Desenvolveu a Síndrome do Pânico porque a

imprensa a perseguiu quando o longo divórcio dos pais ganhou todos os tabloides sensacionalistas. Helena foi caçada pela imprensa, teve sua vida invadida e exposta da pior forma para uma criança que já tinha problemas profundos de carência afetiva. — pausou de novo. — Helena só conheceu carinho, amor quando foi morar conosco. Nosso tio a ama como a uma filha. Eu e Damien a amamos como nossa irmãzinha. A protegemos de tudo. Ela se mostrou forte, corajosa, enfrentou a doença e conseguiu controlar as crises graves. Fez muita terapia, mas foi muito amada por nós e isso ajudou muito. — eu estava estupefato diante de seu relato emocionado. Ele realmente a ama. — Helena é uma sobrevivente, irmão. Não brinque com ela. Faça a coisa certa. Liberte-a, porque isso vai fatalmente machucá-la, você sabe disso.

Fiquei em silêncio por um longo tempo. Tudo dentro de mim gritava para não deixá-la ir, mas eu não podia mais seguir com isso depois de tudo que Leon me revelou. Farei a coisa certa. Nunca fui de me importar com sentimentos das mulheres que fodi. Mas Helena é da porra da minha família e eu malditamente não posso mais tê-la.

Foda! Meu corpo ainda quer o dela. Como posso dar as costas a isso? A resposta é simples: não vou dar as costas a isso! Foda-se toda essa merda! Eu não esperei tanto tempo para abrir mão sem lutar primeiro.

— Tudo que disse é... Chocante, irmão. Mas Helena é uma mulher agora. Uma mulher linda que merece viver, sair dessa rede de proteção que você criou em volta dela. — disse num tom decidido.

Ele exalou o ar devagar. Seu semblante mostrando seu desagrado.

— Vou perguntar a ela. Se ela quiser ir a deixarei. Mas se quiser permanecer, você não vai mais interferir, irmão. — informei. — somos adultos.

— Dom, você é meu irmão e eu te amo, apesar dessa palhaçada que armou pra cima da Helena. — fez uma pausa, os olhos escuros me perfurando, inflamados. — mas se machucá-la, vai se entender comigo. Fui claro? — seu tom foi duro. No entanto, meu peito se aqueceu com as palavras dele. Eu também o amo, embora nunca tenha dito isso a ele, mas isso é entre mim e Helena.

Bufei.

— Não banque o certinho agora, irmão. Fez muito pior com Júlia. — seus olhos se inflamaram mais e eu tive receio que fosse me dá um soco.

— *Si*, fiz muita merda com *mia regina*. — sua voz suavizou. Era incrível como apenas falar em Júlia e ele já se derretia todo. Jesus! Muito patético! Mas é óbvio que não diria isso a ele, jamais. Gosto do meu rosto do jeito que está. Sem nenhum hematoma. — mas a amei desde o primeiro momento, apenas fui um idiota e não percebi até que quase a perdi. — olhou-me de uma forma estranha como se quisesse ver dentro de mim. — desejo que encontre uma mulher especial que o faça tão feliz como minha Júlia me faz, irmão.

Ok. A conversa estava ficando meio gay. Não quero amor. Acho bonito o amor, a relação deles, mas não quero isso para mim. Abri um sorriso, sentindo que a tensão inicial havia ido embora.

— Obrigado. Já é seguro abraçar você, irmão? — ele abriu um riso contra a vontade. Nos levantamos e demos o

típico abraço de caras, que consistia basicamente em bater as mãos nas costas do outro. Parece meio ridículo, não é? Certo. É ridículo, mas não somos maricas.

CAPÍTULO OITO

Dominic

Eles jantaram conosco. Helena fez o jantar o que surpreendeu-me pra caralho. A princesa era mais prendada do que supunha. Mas eu não sabia muita coisa sobre ela até a revelação de Leon esta tarde. A palavra *mimada* sairia da minha lista de adjetivos para ela. Deve ter sido uma infância muito sofrida, sem amor, sem cuidados. Minha mãe morreu quando eu tinha dezesseis anos, mas até hoje posso sentir o cheiro dela, seus lábios ternos quando me beijava. Minha mãe foi uma acompanhante de luxo quando era mais nova. Foi num *trabalho* desses que conheceu o príncipe Marco. Ele se encantou por ela e ficaram juntos por algum tempo. Sou o fruto dessa relação. Ela nunca me disse nada, mas sempre me chamava de *meu príncipe*. Sempre pensei que era só carinho de mãe, até os advogados do Palácio de Ardócia entrarem em contato comigo, há mais de seis meses, me informando que eu poderia ser um dos filhos que o

príncipe Marco teve fora do casamento. A princípio sorriu daquela conversa que me pareceu fantasiosa. Entretanto, topei fazer o exame de DNA e para meu estarrecimento total deu positivo. Em pouco tempo era Dominic Harper Di Castellani, um príncipe da Ilha de Ardócia.

— *Dio mio!* Que apetite, bebê. — Leon sorriu de Júlia que já estava na segunda taça do sorvete de chocolate.

— Nossa! Vou virar uma bola nesses últimos meses. — virou-se para ele com um sorriso travesso.

— Ainda assim será *bella* para mim, amor. — ele afirmou levando a boca para a dela, num beijo que seria um selinho se ele não tivesse segurado seu queixo e assaltado sua boca. Cristo! Eles simplesmente não saíam do modo *eternamente apaixonados*. Murmuraram coisas incompreensíveis para nós e se afastaram. O rosto de Júlia muito corado. Leon devia ter falado alguma sacanagem para deixá-la encabulada daquele jeito. Ele sempre fazia isso. Sorriu meneando a cabeça. Desvio os olhos para Helena e ela também observa a cena, mas seu

semblante era sereno, livre de qualquer indício de desconforto. Gostei disso.

Se despediram de nós já quase nove horas. Damien já dormindo no ombro de Leon. Meu irmão tinha uma família linda. Tive que admitir. O olhar dele ainda foi preocupado quando abraçou e beijou Helena nas duas faces. Júlia não parecia tensa. Acho que Helena deve ter falado que estava bem ciente de tudo que estávamos fazendo. As duas surpreendentemente desenvolveram uma relação de amizade. Talvez essa cisma que tenho sobre a natureza dos sentimentos de Helena seja só isso: uma cisma. A observei o tempo todo até a saída deles e não vi nada que a delatasse. Talvez ela tivesse mesmo entendido, aceitado e seguido em frente. Isso me deixou muito satisfeito. Não quero dar um segundo pensamento sobre isso, mas não suportaria estar com uma mulher que nutre sentimentos por outro homem, sobretudo, se esse homem for meu irmão. Perderia todo o tesão.

Quando saíram, fui ao bar no canto da sala e me servi de uma dose de uísque. Andei até a área externa, a brisa

morna do outono me saudou, andei até a balaustrada. A visão da baía do Rio Hudson se descortinando à minha frente. Tomei um gole pequeno e mexi os cubos de gelos. Senti a presença dela atrás de mim, mesmo antes de vê-la. Senti seu perfume delicioso. Fechei os olhos e inspirei o ar noturno. Eu precisava fazer o que prometi a Leon, perguntar a ela. Mas agora, já não estava mais tão inclinado a fazer a coisa certa. Queria mandar toda essa merda de princípios para o inferno e continuar desfrutando dela. Mas dei minha palavra. Cumprirei. Ouvi os acordes de uma música em espanhol. Ela havia ligado o sistema de som.

— Dom? — sua voz me fez abrir os olhos e me virar. Ela estava parada perto da piscina, seus olhos meios apreensivos. Ainda no vestido malditamente recatado, mas que tinha efeito contrário em mim, porque meu pau sempre enlouqueceu com suas roupas comportadas. Ficava louco imaginando, sonhando com o que tinha por baixo. — algum problema?

— Leon me contou, Helena. — disse e seus olhos

mostraram confusão por um momento, mas logo se arregalaram quando compreendeu do que eu falava.

— Ele não tinha o direito. — disse baixinho, seus olhos muito brilhantes. — então é por isso que está desse jeito? Esteve me olhando diferente todo o tempo depois que voltaram da conversa de vocês. Já disse que não quero sua pena, Dominic. — seu tom foi ficando alto, sua voz trêmula.

Jesus! Ela é a merda de uma metralhadora verbal!

— Você pode sair do modo cadela nervosa um instante? — disse indo até ela. — já disse que não tenho pena de você. Mas você já viveu muita merda, princesa. — fez uma pausa significativa e completei: — Leon me fez prometer que te daria a chance de ir embora, caso seja isso que queira.

Ela ficou muda, apenas lá, me olhando com aqueles olhos exóticos que me enfeitiçam, me chamam. Cristo! Tô tão louco por ela. Ela percebe o que faz para mim? O que fez para mim desde o primeiro momento? Como uma garota tão inexperiente me prendeu dessa forma?

— É isso? Você quer que eu vá embora? — levantou o queixo como se me desafiasse a botá-la porta a fora. Quase sorriu de sua bravata. Ela era mesmo uma coisinha inflamada, mas era só uma casca que criou para se proteger de tudo que sofreu. Eu a admiro mais ainda por isso. Por estar aqui comigo, se submetendo a meus caprichos libertinos, mesmo sem ter ideia da dimensão das minhas taras. Se ela soubesse de tudo que gosto de fazer na cama, não estaria mais aqui.

— Você sabe o que quero, princesa. — murmurei prendendo seu olhar. — mas, a verdade é que não sou bom para você. Não sou seu príncipe encantado de armadura brilhante. Sou um homem sexualmente experiente, que tem gostos muitos depravados para uma novata como você. Leon tem toda razão em estar preocupado. — ela arfou com minhas palavras diretas. Mas preciso deixar as coisas bem mais claras agora. — estou te dando a oportunidade de ir embora, Helena. Vamos bolar um plano para driblar a imprensa e você conseguir receber a herança daqui a três meses. Será livre, princesa. Finalmente livre.

Ela tomou uma respiração profunda e levou as mãos para a parte de trás do vestido. Jesus! Ela não vai fazer o que estou pensando... O vestido caiu fazendo um amontoado a seus pés. Meus olhos passearam por ela gananciosos. O corpo de curvas delicadas. Usava apenas uma calcinha branca que mataria minha libido, mas nela me incendiava. Tudo nela tem esse efeito avassalador em mim.

— Estou cansada de ser sempre a sensata, a *enfadonha* Helena. — disse baixinho, seu rosto roborizando com meu olhar obscuro. — eu fico, Dominic.

— Última chance, princesa. — disse tentando manter a calma, colocando meu copo sobre uma das mesas dispostas ao redor da piscina. — depois disso, você é minha. Completamente minha.

Ela veio até mim, apoiando as mãos no meu peitoral. Tomei uma respiração aguda. Suas mãos trêmulas deslizaram até a barra da minha camiseta e a puxou para cima. A ajudei a tirá-la, por cima da cabeça rapidamente.

— Você é minha, princesa? — sussurrei puxando-a pela nuca bruscamente, trazendo-a a centímetros da minha

boca. — é isso que quer? Ser minha cadela safada? — minha voz saiu tensa, grossa de tesão. Meus olhos mantendo-a cativa. Arquejou quando enfiei uma mão entre suas coxas, apalpando sua boceta. Massageei seu clitóris por cima da calcinha. Gemeu, os olhos de uísque dilatando-se, lindamente, a boquinha de lábios cheios fazendo um “o” de deleite. Sorrio, perversamente. — Você já é minha cadelinha, não é? Já está viciada em tomar meu pau nesse corpinho delicioso intocado antes de mim. Tem ideia do que isso faz para mim, princesa? Saber que fui o primeiro a desfrutar de você inteira? Vou devorar você cada dia desses três meses. Vou mostrar a você como é o meu mundo, minha cadela gostosa. Vai fazer tudo que eu quiser. — minhas mãos foram para as laterais de sua calcinha e a rasguei rudemente. Deu um gritinho surpreso. Sorrio safado e a levanto nos braços. Enlaçou-me pelo pescoço imediatamente.

Helena

Dom me carregou até a sala, onde a voz de David Bisbal soava forte, potente, sedutora. Amo esse cantor. A música

Tú Y Yo iniciava. Coincidência ou não, amo essa música. Colocou-me no chão devagar, me fazendo deslizar por todo o seu corpo, nossos olhos trancados. Havia algo diferente nele, agora. Não consigo identificar o que é. Ainda não acredito que ofereceu me libertar do acordo e me surpreende muito mais, que não aceitei sua oferta. Mas estou cansada da vidinha pacata que sempre levei. Eu o quero. Vou ser livre. Irresponsável pelo menos uma vez.

Tan solo tú y yo con nuestro atardecer

<i>Só você e eu com nosso sol</i>
<i>Somos unos náufragos huyendo del ayer</i>
<i>Nós náufragos fugindo de ontem</i>
<i>Tú y yo tenemos que creer</i>
<i>Você e eu tenho que acreditar</i>
<i>Que para escapar no hay que correr</i>
<i>Isso para não ter de fugir</i>
<i>No hay nada que temer antes de caer</i>
<i>Não há nada a temer, antes de cair</i>

<i>No hay tiempo que perder</i>
<i>Sem tempo a perder</i>

Tirou a bermuda junto com a cueca boxer e me puxou pela cintura, colando nossos corpos. Um sorriso lascivo se abrindo nos lábios sexys.

— Já dançou nua, princesa? — sua voz me acariciou. Naquele tom de quarto que ele sabe usar tão bem e que tem minha vagina alagada em instantes. Suas mãos desceram para minha bunda e amassaram firmemente, enquanto começávamos a nos mover. — a letra é interessante. — sussurrou, chupando meu lábio inferior, seus olhos me violentando. Uma das mãos deslizaram numa carícia muito suave pela minha coxa e sem aviso a levantou para seu quadril. Cavou seu pênis duro direto em meu clitóris, gemi vergonhosamente em sua boca. Riu baixinho e me beijou finalmente. Saqueou minha boca, tomando tudo daquele jeito possessivo, duro, mas que eu já estava viciada. O beijeí de volta, dando tudo de mim, deixando-o me assaltar. Ele fazia isso comigo. Não quero mais pensar em como será daqui a três meses. Vou viver

intensamente. Viver intensamente com ele. A música entrou no refrão e ele continuou moendo em mim obscenamente. Aquilo não era mais uma dança, era um ritual de acasalamento. Cravou as mãos nas minhas nádegas e me fez abraçá-lo com as pernas. Deslizou uma mão na fenda do meu traseiro para cima e para baixo, lentamente, estremeci. Ele gemeu agoniado. Estávamos fodendo com nossas bocas, agora. Andou até o estofado em forma de L e sentou-se comigo escarranchada nele. — me monte, minha cadela! — rosnou deslizando seu pênis em minha racha encharcada.

Gemi enlouquecida por ele. Seus olhos presos nos meus, me dizendo que o afeto tanto quanto ele a mim. Todo o resto pode ser um ponto de interrogação, mas isso aqui é real. Ele me deseja. Ele me quer.

— Vem, cadelinha, toma meu pau todo nessa bocetinha gostosa! — rugiu de novo. Alinhou-se em minha vulva e massageou meu clitóris.

— Ahh! Dom... — ronronei quando a cabeça robusta me invadiu, uma dorzinha gostosa. Ele havia me tomado a

tarde inteira. Estava dolorida, mas a excitação que ele desperta em meu corpo é mais forte. Levou a outra mão para meus quadris e me puxou bruscamente para baixo, rasgando-me até o fundo. Engasguei com a invasão. — *Dio!* Devagar... — choraminguei. Ficou parado para me ajustar e voltou a massagear meu clitóris de novo, tirando meu foco do incômodo de ter meu canal bruscamente esticado.

— Rebole, princesa. Rebole devagar, vem... Isso... Ohhh! Caralho! Você é muito gostosa, porra! — grunhiu e fui rebolando devagar a princípio, logo estava tomando-o até o cabo. Descendo e subindo, pegando ritmo. Ele gemendo, seus olhos me devorando intensos, quase azuis, nesse momento. Lindos! Ele é lindo. O beijei. Uma de suas mãos tocam minha nuca, puxando meus cabelos, me beijando de volta. Gememos. Quiquei em seu Pênis. Seu quadril subindo violentamente agora, me comendo com estocadas fortes que iam profundamente, tocando cada terminal nervoso da minha vulva. — Jesus! Que cadela mais gostosa! — gritou e me empurrou para trás, me assustei, mas ele me segurou pelos braços. Um sorriso obsceno e

provocador tomando seus lábios, sua respiração ofegante.
— apoie suas mãos no chão, princesa.
— Dom... — murmurei receosa.
— Apoie as mãos no chão, cadela safada! Você é minha cadela, esqueceu? — rosnou e eu tive que fazer um malabarismo, mas apoiei as mãos no chão. Seus olhos queimaram em mim, meu corpo todo arreganhado para ele. Seu pênis todo enterrado em mim. Eu não podia me mexer. Sorriu de novo e suas mãos subiram pelo meu ventre devagar, seus olhos presos nos meus, atento a qualquer reação minha. Arfei e arqueei as costas quando encheu as mãos em meus seios, amassando-os. Puxou os mamilos e gritei, minha vulva palpitando esticada em torno dele. Então voltou a me foder. Batendo dentro de mim com violência, entrando muito mais fundo nessa posição. Meteu e meteu sem dó. Gemíamos, grunhíamos, insanos.
— Cristo que visão linda do caralho! Minha cadelinha gostosa toda aberta e sua bocetinha esticada ao limite no pau. Toma! Toma tudo nessa boceta, porra! — estocou com tanta força que meus braços fraquejaram, mas antes

que caísse, seus braços vieram em torno da minha cintura, me puxando para cima. Ficamos cara a cara. Meus braços foram para seu pescoço, nossas bocas quase se tocando, apenas respirando arfante uma na outra. Segurou minha bunda com força e girou o quadril, moendo devagar.

— Ohhh! Dom... Oh *Dio!* — moeu em mim tocando o ponto certo e eu me desmanchei em cima dele. — Ahhhhhhhhhhh! — gozei tão forte que meu corpo arrepiou, estremecendo inteiro. Ele bombeou forte mais algumas vezes até meus últimos espasmos, então nos virou ficando em cima de mim no sofá. Meteu sem trégua, nossas pélvis se chocando num barulho que se confundia com a música.

— Ahhhhh! Cadela gostosa do caralho! — rosnou e puxou o pênis para fora, masturbando-se freneticamente, pairando acima de mim. — Oh, merda! Oh! Porra! Ohhhhhhhhh! — rugiu e seu esperma quente me salpicou nos seios e barriga. Jatos e jatos, enquanto ele gemia, rouco, sexy, seu rosto contorcido pelo prazer, a cabeça jogada para trás. Lindo! Ele era soberbo. Sua mão foi perdendo a força e ele me encarou. Os olhos

completamente azuis. Tempestuosos, safados, um sorriso se abrindo no rosto. — parece que você está bem gasta agora, princesa. Vem, vamos tomar um banho. — me puxou para cima, suas mãos vindo ao redor da minha cintura. — minha cadelinha, linda, perfeita. — sussurrou, acariciando meu rosto, seus olhos quase ternos, como se importasse comigo. Como se não fosse apenas uma foda. Antes que analisasse muito, tomou minha boca num beijo lento, saciado. Agarrei-me a ele, porque definitivamente era isso que eu queria.

CAPÍTULO NOVE

Helena

Terminei de fazer as panquecas de morango e as empilhei numa travessa, a voz de David Bisbal soava alegre no meu iphone, a música *Diez Mil Maneras* enchendo todo o ambiente da cozinha. Não resisti e cantei o refrão:

No es para mí (Não é para mim)

Vivir así (Viver assim)

Talvez si es para ti (Talvez seja pra você)

Que vas a decidir (Vai decidir)

Si hay diez mil maneras de olvidar (Se há dez mil maneiras de esquecer)

De rescatarnos e intentar (De nos resgatar e tentar)

Contarnos siempre la verdade (Nos contar sempre a verdade)

¿Por qué decir que no? (Por que dizer que não?)

Quase derrubei a travessa quando me virei para o balcão de mármore da ilha no meio da cozinha. Dom estava lá, sentado em um dos bancos, lindo, absurdamente lindo. Os

cabelos molhados. Sua colônia pós-barba cara, incendiou meus sentidos. Os olhos verdes me olhando com uma expressão divertida, mas sexy, como se quisesse me ter para o café da manhã. Oh! *Madonna mia!* Meu coração bateu loucamente. Andei com pernas instáveis até o balcão e deposei a travessa. Meu corpo todo reagindo violentamente à intensidade do seu olhar. Ele tinha essa forma de me olhar que faz coisas loucas para mim.

— Bom dia. — disse tentando desesperadamente soar o mais natural possível. — eu, hum.. fiz panquecas. — apontei o óbvio e me chutei mentalmente. Os cantos da boca sensual subiram no arremedo de um sorriso. Seus olhos ainda presos aos meus. Ele sabia o quanto me afetava e estava se deleitando com isso, obviamente. *Maledeto!*

— Bom dia, princesa. — sua voz sexy fez meus mamilos se arrepiarem. — quem diria que você pode ser tão bem-humorada pela manhã, hein? E prendada também. — inalou o ar numa expressão de puro deleite, que me fez lembrar ele gozando em cima de mim, ontem. *Dio!* Estou

tão ferrada. Ele é muito intenso para mim. Eu sempre soube disso, por isso fugi dele por tanto tempo. — humm... Cheiro delicioso. — completou num tom mais baixo, dando a entender que não falava só das panquecas. Cristo! Ele nunca saía do modo sedutor. Arfei audivelmente.

— Não vá se acostumando. — disse tentando fugir de seu escrutínio aberto. O que havia com ele? — Só fiz hoje porque não tinha que me preparar para o trabalho, pois estou desempregada, graças a seu exibicionismo. — certo. Isso acabaria com esse clima estranhamente íntimo de marido e mulher tomando o café da manhã depois de passarem boa parte da noite fazendo sexo enlouquecedor. Ele abriu o costumeiro riso sexy, provocador, lindo, mas seus olhos me diziam que ele sabia o que eu estava tentando fazer. Dominic Harper é inteligente, já havia percebido isso. Mas é claro que ele é. Não teria chegado aonde chegou sendo um asno.

— Por que eu me acostumaria, princesa? Ter uma mulher aqui na minha cozinha é... Estranho. — disse servindo-se

de café. — por mais que tenha sido agradável ver sua bundinha linda rebolando quando entrei, ainda prefiro minha privacidade. — Ele era mesmo malditamente direto. Mas algo me chamou atenção nas suas palavras. Ele não costumava trazer mulheres aqui?

— Como assim? Você não traz suas namoradas, ou sei lá o que você chama para cá? — minha voz saiu um pouco esganiçada. Eu odiava pensar em outras mulheres fazendo exatamente isso que estou fazendo: cozinhando para ele. O que em nome de *Dio* está havendo comigo? Isso não é da minha conta.

Seus olhos flamejaram em mim por cima da borda da sua caneca de café. Ele tem esse jeito de analisar calmamente a minha reação como uma pantera esperando o momento certo de atacar a sua presa.

— Ciúmes, princesa? — sorriu ridiculamente sexy. Revirei os olhos. — você não precisa ter. Nenhuma mulher esteve aqui antes de você. — meu coração idiota deu um salto de alegria com sua admissão. — não namoro, Helena. Não faço romance. Já disse isso a você. Eu fodo

sempre em lugares neutros. Deixo tudo lá e venho embora.
— ok. Suas últimas palavras mataram um pouco da minha alegria idiota.

— Isso parece solitário para mim. — deixei escapar.
Como alguém podia viver assim?

— Funciona para mim. — disse dando de ombros. Como se falasse de um restaurante onde fazia as refeições.

Um silêncio desconfortável se instalou entre nós depois disso. Tomamos nosso café, cada um mergulhado em seus próprios pensamentos.

— Por que eu, Dom? — minha pergunta o fez pousar os olhos incríveis em mim de novo. — quero dizer, não sou tipo usual, obviamente. — algo brilhou nos olhos dele, mas no instante seguinte, ele abria seu riso molha calcinha. E eu tive a certeza que ele usava esse sorriso como uma arma, para dissimular qualquer emoção.

— E qual é meu *tipo usual*, princesa? — fez aspas com os dedos.

— Loira, peituda, sem cérebro. — minha voz saiu mesmo

despeitada? *Dio!*

— Acho que meu pau não recebeu esse memorando, porque ele fica completamente enlouquecido só em ouvir sua voz. — sussurrou isso se debruçando em minha direção. Prendi a respiração, meu rosto incendiando. Seu riso ampliou, sua expressão se tornando muito mais predadora, perigosa, sexual. — essa é a sua resposta, princesa. Eu quero você. É por isso que está aqui. E não vai embora enquanto não matar minha fome de você. — Arquejei ruidosamente. — ah, só mais uma coisa: — pausou e desviou os olhos para meus seios que estavam bem delineados pela camiseta branca justa que eu usava. Meus mamilos entumeceram. — seus peitos são a coisa mais linda que já vi. — voltou à sua posição e continuou a tomar seu café como se não tivesse me excitado com suas palavras muito diretas.

— Uau! Isso foi direto. — minha voz saiu vergonhosamente rouca e ofegante.

— Se vai ficar aqui comigo precisa se acostumar, princesa. Sou direto, sempre. — seus olhos se estreitaram

sutilmente e seu sorriso escorregou por um instante. Uma expressão quase vulnerável em seu rosto. — você vai ficar, não vai?

O encarei por alguns minutos. Por que ele me queria tanto? Ainda não conseguia entender, mas eu não era nenhuma expert no sexo masculino. Longe disso. Era ridiculamente inexperiente. Tudo que sei é que também o quero. E a exemplo do que disse, só em ouvir sua voz rouca, sexy, íntima, minha vagina palpita vergonhosa e descontroladamente. Mas é claro que não direi isso a ele. Dominic já é convencido demais sem essa informação.

— *Si*, vou ficar. — murmurei.

Seu sorriso se abriu de novo, seus olhos brilhando numa promessa sacana.

— Você não vai se arrepender, princesa. — sussurrou.

— Espero sinceramente que não. — deixei escapar.

— Então, o que pretende fazer agora que foi demitida? — quis saber cortando sua panqueca, levando uma pequena porção à boca. Ele tinha lábios lindos. Meio curvados,

levemente cheios. O encarei e corei diante do brilho safado em seus olhos.

— Eu, hum... Vou começar procurar algo amanhã. — tomei um gole do meu café para despistar. — vou enviar meu currículo para algumas empresas.

Ele ficou me observando por alguns instantes.

— Por que essa insistência em brincar de trabalhar, princesa? — sua voz tinha um tom desdenhoso, desrespeitoso. Isso ferveu meu sangue imediatamente.

— Desculpe-me? — disse entre dentes. O que esse idiota estava insinuando?

— Você me entendeu bem, Helena. — disse mastigando seu último pedaço de panqueca. — sua experiência profissional se resume ao Palácio de Ardócia. Deve ter vindo para Nova Iorque sob a recomendação de Leon. Por que não fica tranquila e aguarda seus milhões estarem disponíveis? — seu tom indicava provocação, mas vi em seus olhos que era isso mesmo que pensava da minha capacidade profissional. Maldito imbecil!

— Lamento contrariá-lo, mas está muito enganado sobre minha capacidade profissional, *caro mio*. — sua boca se curvou num meio sorriso com meu tom cortante. — Possuo graduação em Relações Públicas por Harvard. [88] Sempre atuei no Palácio, é verdade, mas Leon nunca me tratou diferente porque sou da família. E vim para Nova Iorque, porque o dono da cadeia de restaurantes ficou verdadeiramente satisfeito com o trabalho que desenvolvi quando começou a comprar vinhos das vinícolas de Leon. Cheguei aqui por mérito exclusivamente meu. — fiz uma pausa diante de seu olhar que se mostrava um tanto surpreso agora. — ah, e falo fluentemente oito línguas. Será que isso é suficiente para você?

Ficou lá me avaliando, seu rosto mostrando genuína surpresa. Então, abriu o riso debochado de novo.

— Uau! Belo currículo, princesa! — completou baixinho: — quanta habilidade com a língua...

— Você é um imbecil, sabia disso? — cuspi muito irritada. Odeio que duvidem da minha capacidade

profissional.

Riu mais ainda. Ele gostava realmente de me tirar do sério.

— Mas sou um imbecil gostoso. Você disse isso ontem. — sussurrou, seus olhos queimando nos meus.

Revirei os olhos.

— Eu menti. — bufei desdenhosa. Toma essa, idiota!

— Você mentiu? Quer dizer que quando está gritando *Oh! Dom... Dio mio! Ahhhhhhhh!* — fez uma imitação ridícula da minha voz no momento do orgasmo. Eu o odiei. — é tudo mentira, princesa? — sua expressão arrogante, provocadora me dizia que sabia exatamente a resposta.

Fiquei muda olhando-o. Ok. Vamos entrar no jogo.

— Ok. Você é um imbecil gostoso. Admito. Satisfeito?

Ele levantou-se e veio para mim. Minha respiração travou. Afastou minhas pernas e se infiltrou entre elas. Arquejei quando cravou as mãos na minha bunda puxando-me para a borda do banco, fazendo-me sentir seu

pênis duro em minha pélvis. Levou uma das mãos para minha nuca e puxou meus cabelos aproximando nossas bocas. Os olhos verdes lindos, inflamados, correndo por todo o meu rosto. Não me beijou, ficou apenas perfurando-me com seu olhar intenso, predador, gritando que queria fazer coisas muito sujas comigo. Enfiou a outra mão pelo cócs do meu short de algodão, correu um dedo suavemente pela fenda do meu traseiro para cima e para baixo. Não contive um gemido. Sorrii, perversamente. Seu dedo parou em meu ânus e o circulou preguiçosamente. Minha calcinha encharcou. *Madonna mia!* Moeu o pênis em mim. Choraminguei, desesperada, louca por ele.

— Dom.. — minha voz saiu suplicante, ofegante.

— Eu não estou satisfeito, princesa. — sussurrou em minha boca, correndo a língua pelos meus lábios. — minha vontade é montar você, agora. Foder minha cadelinha safada bem duro. — puxou meu lábio inferior com os dentes, sua respiração pesada. — mas tenho uma reunião em meia hora. Caralho! — rosnou, então me

beijou. Saqueou minha boca com uma fome que era minha também. Enlacei seu pescoço e me esfreguei nele, desavergonhadamente. — Helena... Jesus! Você é tão gostosa, princesa. — grunhiu, lambendo, chupando, mordendo minha língua. Moeu mais em mim. Minhas pernas o enlaçaram pelo quadril. Ele sorriu em minha boca. — Cristo! Princesa... Deixe-me ir cadelinha gostosa... — pediu com voz rouca, cheia de tesão.

— Você pode ir... — murmurei arfante. Ele sorriu de novo. Sorrio também. Abrimos os olhos e nos encaramos por alguns instantes. Nossas respirações se misturando, ele duro contra minha vagina completamente molhada.

— Esteja pronta ao meio-dia e meio. O motorista virá buscá-la. — disse me dando mais um beijo. Deslizou a mão da minha nuca para o meu queixo, acariciando-me suavemente. Seu polegar passou pelo meu lábio inferior. Minha língua saiu ousada, lambendo-o. Seus olhos incendiaram nos meus. — vai me pagar por ficar me tentando assim, cadela! — grunhiu enfiando o dedo grosseiramente na minha boca. Chupei-o avidamente. Ele

tomou uma respiração aguda. — Minha cadelinha gostosa... Mas preciso realmente ir. — gemeu e tirou o dedo da minha boca. Afastou-se, arrumando seu pênis protuberante nas calças. Corei quando nossos olhares se encontraram de novo. — esteja pronta, princesa. — sussurrou e pela forma que seus olhos brilharam, eu soube que não seria apenas um almoço. Minha vagina palpitou, antecipando tudo que faria comigo. — te vejo mais tarde. — disse virando-se para sair.

— Bom trabalho. — escapuliu dos meus lábios. Ele olhou-me por cima do ombro e um sorriso sexy, enigmático tomou sua boca.

— Obrigado, princesa. — murmurou de volta e sumiu no corredor em direção à sala.

Dominic

Olhei novamente para meu grupo de advogados. Dois homens e uma mulher, uma loira gostosa. Sim, já fodi com ela. Ela e o marido gostam das mesmas coisas que eu. Os dois dão festas bem íntimas onde rola de tudo, num apartamento alugado exclusivamente para isso. Frequentei

bastante suas festas no ano passado, mas isso foi antes do meu gosto mudar para morenas. Foda! Os olhos exóticos e excitados de Helena esta manhã, invadiram minha mente. Eu podia tê-la fodido duro e rápido na cozinha. Mas não fiz, e agora meu pau está dolorosamente rígido. Minha mente vagando em coisas que não tem nada a ver com a reunião, como a forma como chupou meu dedo, desavergonhada, safada. Jesus! Eu vou gozar nas calças. Assustei-me quando senti a ponta fina de um sapato tocando meu pau. Era Amanda, minha advogada gostosa. Ela estava se insinuando muito mais para mim nos últimos meses. Ela era bem gostosa na cama. Fazia tudo, absolutamente tudo. Isso e o fato de que era casada e nunca iria querer mais do que meu pau, me fez fodê-la muitas vezes. A olhei, levantando uma sobrancelha clinicamente. Ela tinha uma expressão de triunfo nos olhos azuis. Certamente achou que meu pau estava duro por ela. Torci meus lábios num sorriso debochado e me agasalhei de forma que ela teve que recolher seu pé.

Minha ereção tinha nome: Helena. Poderia comer a vadia loira se eu quisesse, mas meu pau quer minha cadelinha

inexperiente, gostosa, linda, minha! Toda minha! Isso é assustador, porque nunca tive esse desejo específico por uma mulher. Sempre quis muitas. Merda! Talvez eu precise foder e tratá-la da mesma forma que trato as outras. É isso, farei isso. Forcei-me a prestar atenção no que eles diziam.

Uma hora depois, assim que deixei a sala de reuniões, Jay me ligou.

— Dom, irmão! Conte-me. Como está a vida de casado? — eu podia ouvir o sorriso cínico em sua voz. Ele é tão idiota!

— Olá para você também, irmão. — resmunguei indo até a ampla parede de vidro, observando as embarcações na baía de Manhattan. — Helena e eu estamos nos entendendo bem, agora.

— E por se entenderem bem, você obviamente quer dizer que a manterá em sua cama por três meses, é isso? — sua voz continuava cínica, mas detectei um toque de preocupação também.

— Sim. É isso mesmo. Ela é minha por três meses. Temos um acordo.

— Irmão, isso é perigoso. Helena pode sair machucada disso tudo. — ele disse por fim.

— Você também não, Jay. — suspirei, cortando-o. — somos dois adultos que se desejam. Não à estou forçando a nada. Ela quer isso tanto quanto eu. — disse ríspido, mas no meu íntimo sabia que não era bem assim. Ela nunca viria para mim se não a tivesse chantageado e isso me incomodava, porque eu a quis desesperadamente desde o primeiro momento e ela sempre conseguiu resistir, fugir de meus avanços. Talvez não fosse tão atraída por mim quanto eu era por ela. Cristo! Que porra de insegurança é essa? Nunca fui assim. Ela me quer! Vejo isso nela inteira quando está gozando em meus braços.

— Uh! Ok. Irmão. — disse em tom apaziguador. — se você está seguro disso, quem sou eu para interferir? Dom... Apenas não faça mais merdas como transar com ela numa sacada, seu imbecil. Seu vídeo já tem mais dois milhões de acesso no YouTube.

Uau! Tudo isso? As pessoas realmente gostavam de ver os outros em situações embaraçosas. Bom, pode ter sido embaraçosa, mas foi malditamente gostoso. Quase gemi na linha lembrando-me da sensação de perigo, da adrenalina de estar fazendo algo transgressor. Isso tudo misturado à mulher linda, gostosa, perfeita em meus braços, tornou toda a experiência mais excitante que já vivi. E olha que já fiz muita coisa louca.

— Vou manter isso em mente, irmão. — garanti, mas meu tom não tinha muita convicção.

Ele bufou sabendo que eu não cumpriria a promessa.

— Como ela está? — perguntou, sua voz um pouco mais suave. — a imprensa tem falado muito da Síndrome...

— Esses malditos abutres não a deixam em paz! — rosnei irritado. — eles são os culpados dela ter desenvolvido essa doença.

Fez-se um silêncio do outro lado da linha. Ele obviamente se assustou com minha explosão.

— Cuide dela, Dom. Helena é da nossa família, ela não

é...

— Sei disso, Jay. Vou cuidar dela, fique tranquilo. — disse mais irritado ainda dele pensar que não cuidaria dela. Parece que minha cotação não estava em alta na família. Mas faria tudo de novo, se fosse preciso, porque a quero. Ela tinha que ser minha. Não vou deixar ninguém tirá-la de mim.

Conversamos por mais algum tempo e depois nos despedimos. Nesse meio tempo, meu gerente de RH me informou que a relações públicas da empresa entraria em licença maternidade dentro de um mês. Teríamos que organizar uma seleção para contratar seu substituto. Franzi o cenho lembrando as palavras magoadas, desafiadoras de Helena hoje cedo quando jogou seu currículo de riquinha na minha cara. Um sorriso se abriu no meu rosto. Eu adoraria vê-la trabalhando de verdade.

Quando ela entrou na limusine em frente ao meu prédio na hora do almoço, meu coração foi parar na garganta. Passei a manhã inteira contando os minutos para estar com ela de novo. Os lindos olhos de uísque se iluminaram ao

encontrar os meus, como se tivesse recordando cada delicioso momento que tivemos ontem e hoje na cozinha. Meu pau pressionou o zíper das calças me causando dor. Abri um sorriso lento, enquanto meus olhos se banquetavam nela. Linda, fresca, num vestido verde que batia pouco acima dos joelhos. Os cabelos estavam soltos, volumosos. Ela ficou muito sexy com o novo corte. Tinha cara de mulher, agora. Meu riso alargou mais. É claro que tinha cara de mulher. Era a minha mulher! Seu rosto corou com minha inspeção nada sutil.

— Oi... — sussurrei no meu tom de *quero comer você agora*. — aproveitou a manhã para descansar? — ficou sem graça com minha insinuação. Mas a verdade é que não tenho dado muita folga para ela...

— Oi... — ela respondeu num tom rouco e sussurrado. — sim, hum... Obrigado.

Adoro sua linguinha afiada, mas adoro esse jeitinho inexperiente diante de mim. Cristo! Eu acabei de pensar isso? Que adoro uma mulher inexperiente? Sim, eu pensei. E é a maldita verdade. A puxei pelos pulsos acomodando-

a em meu colo, meus braços rodeando-a pela cintura delicada.

— Assim está bem melhor. — murmurei beijando-lhe o ombro sentindo-a estremecer. Ela gemeu baixinho, me dando mais acesso, passei a chupar e morder seu pescoço. Minhas mãos foram para o zíper de seu vestido.

— Dom... Não podemos fazer isso aqui. — disse ofegante. — o motorista... — gemeu de novo quando desviei as mãos para seus peitinhos lindos, apalpando-os, beliscando os mamilos.

— Somos casados oficialmente, princesa. — murmurei sem parar de massagear os montinhos perfeitos. — ele sabe que você é minha mulher.

— Dom... Isso não é real — ela disse baixinho, seus olhos alarmados, porque a chamei de *minha mulher*.

Minhas mãos congelaram e a encarei por alguns momentos. Ouvi-la dizer isso me irritou. Ok. Vamos ver se isso não é real, princesa. Continuei cavando as mãos em seus peitos, provocando-a. Mordi seu ombro e pescoço imprimindo mais força que o normal. Ela gemeu e rendeu-

se enlaçando meu pescoço. Ela é *minha* e não há nada que possa fazer para mudar isso. Quero que fale novamente que isso não é *real*. Que esse desejo louco que sentimos pode ser ignorado. Enfiei as mãos em seus cabelos e a olhei direto nos olhos. Mordisquei lhe o gordo lábio superior. Ronronou como uma gata. Sorri, satisfeito. Definitivamente isso é bem *real*. Tomei a boca que ela oferecia, num beijo lento, lânguido. As mãos desceram novamente para os peitos perfeitos. Em questão de segundos o vestido já estava caindo na sua cintura esguia. Apossei-me dos seus peitinhos lindos, lambendo, mordendo levemente os mamilos eretos. Ela soltou um gemido alto, o corpo delicado estremecendo. Suas mãos foram para meus cabelos, mantendo-me no lugar.

— Isso é bem real princesa. — sorrio, safado, junto os dois e chupo duramente as aureolas juntas, olhando-a direto nos olhos. — fiquei a manhã inteira fantasiando isso. Estava louco para colocar minhas mãos em você de novo. — rosnei enquanto uma das mãos subia entre joelhos infiltrando-se, subindo pela parte interna das coxas.

— Dom... Oh, *Dio!* — sua voz soou tensa, louca de desejo, mas claramente me pedindo para parar também. Meu cérebro queria parar, mas meu pau não dava a mínima. Continuei sugando seus peitos com força e afastei sua calcinha. Circulei seu clitóris e ela gemeu de novo. Um som lindo, me dizendo que me quer tanto quanto a quero. Introduzi um dedo na sua vulva melada com avidez. — Oh! Não pode fazer isso aqui... O motorista... — ofegou tentando recobrar um resquício de sanidade. — Dom... *Madonna mia!* — contradizendo suas palavras suas pernas se abriram mais me dando amplo acesso. Meti mais um dedo e a fodi duramente até o fundo, girando dentro de seu canalzinho apertado, massageando as paredes. Ela gritou dessa vez. Sorrio e tomo sua boca de novo. Nos beijamos de olhos abertos, lascivamente, esfomeados.

— Podemos fazer, princesa. Eu quero você. Deus! Quero tanto você! — grunhi contra seus lábios, continuando a comê-la com os dedos, enlouquecendo com o fogo que vi nos olhos de âmbar quando disse que a quero. — eu vou comer você aqui, agora, minha cadelinha! — rosnei, fora

de mim. — mando em tudo aqui! Meu motorista, meu carro. — pausei olhando-a bem dentro dos olhos e murmurei: — minha mulher. — mordi-lhe os lábios. — Os vidros são escuros e à prova de som. Além disso, temos tempo suficiente. O restaurante é afastado da cidade. Fica há quase uma hora. — completei e desci, mordendo, chupando seu maxilar, pescoço até os peitos de novo, suguei-os aumentando o ritmo das investidas no seu canal cremoso. Ela explodiu, gozando lindamente, voltei a tomar sua boca, bebendo seus grunhidos avidamente. Continuei comendo-a com força até seu corpo amolecer em meus braços.

— Dom... Você é tão... *Dio!* — balbuciou em minha boca. Sorrio e arranco seu vestido e calcinha em tempo recorde. A mudei de posição fazendo-a me montar. Ela estava pecaminosamente linda, nua em cima de mim, enquanto eu estava completamente vestido. Excitou-me pra caralho vê-la assim, totalmente entregue. Seus olhos estavam ainda anuviados pelo prazer. Ela sorriu. Um som lindo que foi todo caminho direto até meu pau. Então suas mãos acariciaram meu peito. Ela gosta de fazer isso, já percebi.

Seus dedos trêmulos foram abrindo botões da minha camisa branca e gemidos roucos escaparam dos meus lábios quando tocou minha pele. Jesus! Amo o toque dela. As mãos desceram ousadas pelo meu abdome até chegar ao zíper das calças. Levantou os olhos para mim. Estou tão louco por ela! Cristo! Abriu-o enquanto me encarava. Havia uma expressão sensual, mas algo vulnerável nos olhos exóticos. Assobieei quando tomou meu pau na mão. Fechei os olhos, gemendo alto, angustiado, louco para estar logo dentro dela. Massageou-me sem pressa para cima e para baixo.

— Deus! Princesa... — Segurei seu pulso. — quer me matar, cadela safada? é isso? — sorriu ofegante e pego um preservativo na carteira. Rolei por todo o meu comprimento a olhando nos olhos. Arfou. Deve ter visto que seria fodida sem dó nos próximos minutos. A puxei pelos quadris com força a encaixando sobre meu pau. — Oh!... Sim! Deliciosa... Minha cadelinha gostosa! — rosnei puxando seus quadris para baixo, invadindo-a numa estocada rude, rasgando sua bocetinha até o útero. Jesus! Ela era a porra do paraíso!

— Dom! Você é... É grande.... *Madonna mia!* — miou, sua boca aberta respirando perto da minha. Seus braços foram para meu pescoço. Uma das minhas mãos foi para sua nuca puxando seus cabelos bruscamente e a outra se manteve em sua bunda deslizando entre as bochechas de seu traseiro.

— Rebole devagar, Helena. Isso... Tão gostosa! Caralho! Ohhh! Muito gostosa! — rosnei, circulando seu cuzinho com meu dedo. Levei o dedo à boca, molhando com saliva e logo estava metendo-o devagar em seu rabo. Ela choramingou, mas continuou balançando os quadris para cima e para baixo, tomando meu pau até o talo. — porra! Que cadelinha mais safada! Tá gostoso assim? Hum? — grunhi levantando meu quadril encontrando-a em estocadas fundas, fortes, enfiando todo o dedo em seu cuzinho. O som de nossas pélvis se chocando enchendo o carro. — Eu te quero tanto, princesa! Toma meu pau todo nessa boceta gostosa! Toma até o cabo, cadelinha! — gemi grosseiramente e levei as mãos para suas nádegas. Forçando-a para baixo, fazendo-a tomar cada polegada do meu pau. Ela choramingou. Sorrio, perverso e continuo

metendo sem dó, esticando seu canalzinho apertado.

— Dom... — seu tom foi suplicante.

— O que é, minha cadelinha? — girei o quadril, mantendo-a parada, então dei uma estocada bruta e ela se derreteu de novo, gozando. — isso, princesa. Goze bem gostoso no meu pau! Você é minha cadelinha! Vai gozar o tempo todo no meu pau, porra! — enlouqueci batendo até as bolas em sua vulva escorregadia, seus músculos internos me chupando, mamando gostoso. — oh! Merda! Caralho! Helena... Ahhhhhhhhhh! — meu pau expandiu e esporrou dentro de seu calor escaldante. Jorrei, meu corpo todo se arrepiando, estremecendo. Essa sensação gostosa pra caralho que é gozar em seu corpo me invadindo, me consumindo. Estar dentro dela era a porra do prazer mais incrível que já senti. Ela era um vício. Meu vício. Continuei comendo-a até acabar minhas forças. Nossas respirações pesadas ecoaram no carro. Nossos olhos travados dizendo que isso era bem real. Trilhei a coluna dela com as pontas dos dedos, sentindo-a estremecer sob meu toque. Ainda pulsava dentro de seu

corpo. A sensação era extraordinária. Nunca compartilhei esse nível de entrega, intimidade com outra mulher. Nunca me deixei tocar por nenhuma antes. Todas sabiam as regras. Meu corpo era tudo que teriam. E duraria somente pelo tempo que as desejasse. Mas *essa* mulher em meus braços me tocou muito além do físico. Preciso admitir. Deus! Ela era perigosa. Não consegui me concentrar no trabalho. Já havia explorado seu corpo de muitas formas, mas fico prontamente rígido só de lembrar o quanto seu gosto é perfeito.

— Você planejou isso, Dom? — quis saber apoiando a cabeça no meu ombro.

— Sim. Passei a manhã inteira arquitetando isso... — sorrio, saciado, lânguido, ainda acariciando suas costas. — Gostou, princesa? — minha voz foi muito suave. Porra! Ela me transforma num maldito maricas! Levantei-lhe o queixo olhando-a nos olhos.

Algo passou pelo rosto dela, mas sorriu dissimulando a emoção.

— Acho que não vou mais conseguir andar de limusine

sem lembrar de você. — declarou e seus olhos se alargaram pela admissão no momento seguinte, mas já era tarde. Sorrio de novo, gostando de suas palavras. Eu adoro isso! — você é um perverso, Dominic Harper! — seu tom foi sexy, provocante. — mas não posso negar que adoro. Acho que você está me transformando numa perversa.

— Sim, minha cadelinha perversa, deliciosa, linda! — sussurrei passeando as mãos pelo seu corpo e puxei sua boca para a minha. Ficamos nos olhando, uma intensidade, uma intimidade se instalando entre nós. Jesus! Ela era linda! Tão linda aqui nos meus braços, saciada. Minha. Toda minha! Ela sorriu, tímida a princípio. Sorrio também. Logo estávamos os dois rindo, gargalhando nas bocas um do outro antes de nos beijarmos sofregamente. Nossas bocas se devoraram lenta e gostosamente, falando muito mais nesse beijo do que com mil palavras. Meus braços a apertaram mais contra mim. Amando o cheiro dela. Amando o gosto dela. Ainda completamente enterrado nela. Completamente perdido nela.

CAPÍTULO DEZ

Dominic

Havíamos acabado de jantar comida tailandesa e fui ajudar Helena com a lavagem dos pratos. Desde a nossa transa explosiva na limusine, um clima íntimo e gostoso se instalou ente nós. Nunca me imaginei fazendo algo tão corriqueiro com uma mulher. Mas estava adorando tê-la aqui na minha casa, no meu espaço, na minha vida. Ela é mais do que sexo para mim. Isso já está claro na minha cabeça. Mas nosso acordo ainda prevalece. Vou me permitir desfrutar de um relacionamento *normal* com ela, por ela, mas apenas por três meses. Amor continua fora dos meus planos. Havíamos dado uma passada no apartamento de Leon no final da tarde para nos despedir. Eles retornariam à Ardócia na manhã seguinte.

— Então, hum... A relações públicas da empresa entrará de licença maternidade dentro de um mês. Teremos que organizar entrevistas para selecionar seu substituto. Um processo muito chato, devo admitir. — falei enquanto

guardava os pratos no armário. — o que acha de me ajudar com isso?

Seu cenho franziu um pouco.

— Quer que eu o ajude a entrevistar os candidatos?

— Não, princesa. Quero que assuma a função até ela voltar. — os olhos dela se arregalaram, surpresos.

— Mas até hoje de manhã você duvidava da minha capacidade profissional. Por que essa mudança agora? — me analisou desconfiada.

— Acho que posso ter exagerado um pouco. Estou dando a chance de mostrar que estava mesmo errado. — seus olhos brilharam. Ela adora ser desafiada. Eu estava contando exatamente com isso. Isso pode parecer manipulação. Certo, é manipulação, mas eu a quero na empresa. Comigo. — o que me diz? Seis meses trabalhando comigo.

— E quando o contrato acabar? Isso não vai dar certo, Dom. — virou-se para o corredor rumo à sala. — acho que não devemos misturar mais as coisas. Não vamos nos colocar em uma relação profissional, porque isso não vai

funcionar. — sua voz era apreensiva.

— O que foi, tem medo de ficar muito mais tempo na minha companhia? — ela virou-se para mim, seu corpo todo se empertigando, parada no meio da sala. Linda! Eu sei, eu sei, estou sendo um bastardo incitando-a dessa forma. Merda! Nem eu sei o que estou fazendo, mas de repente a ideia de tê-la comigo na empresa me agrada, me agrada muito. Não vou analisar isso.

— Acho que já disse que a ideia de me apaixonar por você não é muito atrativa. — disse desdenhosa.

— Pois, eu acho que você está com medo, princesa. — sussurrei me aproximando dela. Seus olhos inflamaram. A puxei pela cintura, e descí minhas mãos para sua bundinha gostosa.

— É assim que vai me convencer? — sua voz foi ofegante. — com sexo? Isso não é muito profissional, Sr. Di Castellani. — murmurou, levei uma mão para sua nuca e trouxe sua boca para a minha. Sorrio quando entreabre os lábios.

— Parece que isso funciona muito bem com você, Sr^a Di

Castellani. — sussurrei.

— Cachorro vadio. — gemeu em minha boca, seus olhos provocadores.

— Cadela gostosa. — rosnei e tomei sua boca. Ela pulou em minha cintura, me abraçando com as pernas. Sorrio e seguro sua bunda de novo. — isso é um sim, princesa? Vai aceitar o cargo?

— Hummm... — gemeu quando moí meu pau em sua vulva numa fricção deliciosa mesmo por cima das roupas. — não estou conseguindo pensar muito no momento... — sorriu e mordeu meus lábios, atrevida.

— Respondo por você, então. — lambi sua língua, ela grunhiu, se esfregando em mim. — você vai trabalhar para mim. Já estou fantasiando tudo que vou fazer com minha cadelinha safada no meu escritório. Vai viver dobrada sobre a minha mesa, tomando meu pau até as bolas! É assim que vai ser.

— Posso processar você por assédio. — gemeu em minha boca. Comecei a andar pelo corredor para a minha suíte. A quero em meu quarto, em minha cama.

— É claro que pode. — afirmei quando a deposei no meio da cama. Sorrio arrogante. — mas não vai fazer, porque você adora ser minha cadelinha safada.

— Você é muito convencido, Sr. Di Castellani. — seus olhos inflamaram e ela puxou sua camiseta básica sobre a cabeça. Jesus! Amo que ela quase nunca use sutiã. Salivei olhando seus peitinhos lindos. — quem disse que adoro ser sua cadelinha? — sorriu muito atrevida baixando o short de algodão bem devagar. Logo estava completamente nua no meio da cama. Os olhos de uísque muito dilatados, excitados. Tenho certeza que eram reflexo dos meus.

— Você está se tornando uma cadela muito safada, não é, princesa? — rosnei me livrando rapidamente das minhas roupas e pulando em cima dela. — vou mostrar a você quem é que manda aqui. — provoquei reunindo seus braços acima da cabeça. Nossos rostos ficaram bem próximos, nossos olhares se devorando avidamente. — eu quero você, Helena. — sussurrei em sua boca, meu pau cavando em sua vulva cremosa. Ela arfou e abriu as

pernas para me acomodar. — Deus! Quero tanto você, princesa... — gemi e meti tudo em seu canal quente, batendo bem fundo... Gritou, arqueando as costas. Sorrio e como sua bocetinha por muito tempo antes de colocá-la de quatro e me enterrar em seu rabo. Tomou meus golpes bruscos, enlouquecendo-me com sua entrega. Gozamos como loucos, gritando os nomes do outro. Eu estava viciado em esporrar dentro dela sem preservativo. Era tão gostosa, tão quente. Caímos no colchão lutando por ar. — vai ter que usar anticoncepcional, porque gozar dentro de você é muito, muito gostoso. — gemi saindo de cima dela devagar. A puxei para meus braços e ficamos em silêncio tentando acalmar as respirações.

Ela acabou aceitando mesmo o trabalho e começou uma semana depois. Os principais produtos da *Harper Technology* eram *softwares*[\[89\]](#), mas desde o ano passado entramos no mercado competitivo dos *games*[\[90\]](#) infantis. Nosso último *game* estava sofrendo críticas duras da mídia especializada no assunto. A maioria considerava o jogo muito violento, o que fez caírem as vendas drasticamente. Bom, esse foi o primeiro teste de Helena

como porta voz da empresa. E ela saiu-se muito bem. Ganhou rapidamente a confiança da sua equipe. Tudo bem que o fato de ser a mulher do chefe deve ter ajudado, mas Helena surpreendeu-me. Tomou medidas tão rapidamente que mal consegui piscar nesse meio tempo. Abriu uma página no *site*[\[91\]](#) da empresa só para reclamações e sugestões específicas para o novo *game*. Conseguiu entrevistas com duas das revistas especializadas que estavam nos atacando incansavelmente. Orientou nossos engenheiros de *software* a falar detalhadamente sobre o produto, inclusive citando produtos similares de duas concorrentes e que incrivelmente não estavam sendo alvo de críticas. Ainda sugeriu agregar outro produto da empresa na compra do *game*. Um mês depois, os resultados das medidas de minha linda e talentosa esposa já eram bem visíveis, pois as vendas voltaram a subir e a mídia diminuiu os ataques. Eu cometi mais um engano com Helena. Ela era de fato, muito competente. Toda a sua equipe estava em êxtase e eu lhe devia um pedido de desculpas.

Era sexta-feira e tínhamos um jantar de negócios com o

CEO de uma grande empresa brasileira que estava expandindo na América do Norte, mas especificamente nos Estados Unidos e Canadá. Estava me preparando para ir encontrá-la em sua sala quando Amanda adentrou meu escritório sem nem ao menos se anunciar. Trinquei os dentes. Ela confundia muito as coisas. Achava que porque havia fodido com o chefe podia transitar livremente pelo meu escritório como se fosse sempre bem-vinda.

— Dom. Você tem um minuto? — sua voz era sexy pra caralho! Avançou com aquele andar sensual e parou em frente à minha mesa. Seus lábios se curvaram num riso satisfeito quando viu que observava seu corpo. Era apenas um reflexo para mim. Via uma mulher bonita e olhava. Simples.

— Se for rápido, Amanda. — meu tom foi um tanto seco. Seus olhos alargaram sutilmente. — vou jantar com Helena.

Seus lábios torceram num riso de desdém.

— Sério? Vai levar mesmo essa palhaçada a frente? Essa garota não é seu tipo.

— E qual é meu tipo, Amanda? — abri um riso cínico. —
você?

Seu rosto corou um pouco, mas se recompôs e veio para mim, encostando-se na mesa. Sua coxa tocando minha perna. Debruçou-se sobre a minha cadeira me fazendo recuar. Sua blusa estava aberta vários botões deixando boa parte dos peitos volumosos, mas falsos, bem na minha cara. Sua mão desceu pelo meu peito todo o caminho até meu pau. O apalpou, mas antes que eu fizesse alguma coisa a porta se abriu. Congelei quando vi Helena parada lá. Seu semblante denotando surpresa. Seus olhos brilharam intensamente, então saiu do transe e entrou andando devagar até a frente da minha mesa.

— Interrompo alguma coisa? — quis saber num tom frio, o mesmo que usou comigo muitas vezes nos últimos seis meses. Amanda recolheu a mão audaciosa, mas não antes de Helena ver onde ela estava apalpando. Não sei por que não a parei antes de me tocar. Mentira. Eu sabia. Helena está me consumindo dia após dia. Há mais de um mês estamos ambos sendo consumidos, engolidos por algo que

nunca planejei, algo que nunca quis. Nossa relação tem se tornado cada vez mais intensa, íntima e por mais que meu corpo goste disso, meu cérebro não quer. Não fui talhado para relacionamentos. Já disse isso a ela. Talvez seja a hora de mostrar como sou de verdade. Para que não haja dúvidas de que nosso acordo inicial ainda prevalece apesar do sexo incrível.

— Oh, claro que não, querida. — Amanda disse saindo de perto de mim e encarou Helena com um sorriso calculadamente falso no rosto. — Dom e eu só estávamos... Acertando algumas coisas. — completou evasivamente.

Helena catalogou a outra com uma expressão de repulsa e voltou a me encarar. Seus olhos eram gelados quando me disse:

— Estou indo embora com o motorista. — olhou para Amanda de novo. — passar bem. — saiu com a coluna muito esticada, me avisando que ouviria muito sobre isso mais tarde. Suspirei e peguei meu terno no espaldar da cadeira. Eu não sairia correndo atrás dela.

Definitivamente não. Já andei muito atrás de Helena. Isso está indo longe demais.

— Ela não é para você, Dom. Nunca se encaixaria em tudo que gosta de fazer na cama. — Amanda tornou a se aproximar. Dessa vez estendi a mão impedindo-a de chegar até mim. — ela sabe que gosta de transar com duas mulheres? Que gosta de compartilhar?

— Claro que não! — neguei veementemente. — Helena não sabe a dimensão de tudo que sou, mas isso não é da sua conta. Não entre mais em meu escritório dessa forma e não fique me apalpando. — ela piscou como se tivesse verdadeiramente envergonhada, mas eu sabia que não estava. — se eu quiser foder você de novo, eu te procuro. — É que já faz algum tempo que não...

— Fodemos? — cortei-a seco. — porque foi só isso que fizemos. Você é casada, portanto, comporte-se com tal. Não vou tolerar que fique se jogando para cima de mim aqui na empresa. Especialmente agora que Helena está aqui. — fui para a porta e indiquei com a mão que saísse da sala. Passou por mim sem me olhar no rosto, toda

empertigada.

Quando entrei no apartamento estava tudo silencioso, fui direto para meu quarto. O cheiro dela já era muito forte ali. Embora não dormíssemos na mesma cama, ela passava boa parte da noite comigo. Tomei um banho rápido, vesti-me e fui aguardá-la na sala. Servi-me de uma pequena dose de uísque. Meu cérebro repassando a cena do escritório. Senti um aperto no peito ao lembrar a forma como olhou para mim e Amanda compreendendo tudo, resignando-se com isso, nos deixando sozinhos. Estava perdido em meus pensamentos quando senti sua presença. Desviei os olhos para o corredor e meu coração deu uma guinada ao vê-la. Estava simplesmente maravilhosa num vestido azul marinho de um ombro só, se ajustando com perfeição ao corpo delicado, a saia se expandindo levemente em torno dos quadris, parando alguns centímetros acima dos joelhos. Usava um sapato preto de saltos muito altos no estilo *foda-me*. Os cabelos estavam jogados para o lado, caindo sobre seu ombro direito. Estava linda, mas não havia nenhum sorriso em seus lábios. O brilho que havia me acostumado a ver em seus

olhos havia sumido e sua postura lembrava-me da velha Helena, aquela que conseguiu resistir a mim por um tempo que nenhuma outra conseguiu.

Helena

Avancei pelo corredor preparando-me mentalmente para vê-lo depois da cena degradante em seu escritório. Usarei minha máscara fria, a que aprendi a usar por muito tempo para dissimular minhas emoções. A que usei como arma contra a Síndrome e também contra esse homem que mexeu comigo tão profundamente desde o primeiro momento. No último mês as coisas se tornaram muito intensas entre nós. Teve muitos momentos em que percebi uma ternura, algo que julguei mais profundo em seus olhos. Aqueles olhos que me fazem tremer cada vez que pousam em mim. Mas parece que julguei errado. Dominic estava começando a mostrar quem ele era de verdade. Era hora de virar o jogo, porque eu não seria mais seu brinquedinho particular. Apesar de meu discurso mental, meu corpo ainda tremeu quando ele se virou do bar com um copo de uísque na mão e nossos olhares se

encontraram. Estava soberbo num terno escuro delineando seus ombros largos, poderosos. Os cabelos molhados e penteados no modo homem de negócios. Sustentei seu olhar a muito custo, mas me mantive firme. Dominic Harper jamais me verá fraquejar novamente. Não havia nenhum brilho irreverente, nem de flerte nos olhos verdes. Havia apenas uma expressão séria, quase pesarosa. O que era muito estranho em se tratando dele que nunca saía do modo cachorro vadio.

— Podemos ir. — consegui usar um tom neutro. Muito bem, Helena!

Seus olhos se estreitaram um pouco.

— Helena... Sobre o que você viu no escritório...

— Não vamos ter essa conversa, Dominic. — o cortei, meu tom gelado. — seu recado foi assimilado na íntegra. — seus olhos mostraram surpresa. — já deve ter percebido nesse tempo que estamos “juntos” que posso ser inexperiente, mas não estúpida. Entendi exatamente o que aquela cena significava.

— Não é da forma que você imagina, eu...

— Você fode com ela. — o cortei novamente. — isso ficou bem claro para mim. Encerramos aqui. — seu semblante mostrou um pouco daquela vulnerabilidade que percebi algumas vezes, mas como nas outras vezes ele exortou a emoção tão rápido que pensei ter imaginado.

— O que quer dizer com *encerramos aqui*? — seu tom foi baixo, frio.

— Exatamente o que ouviu. — disse no mesmo tom dele. — espero que tenha matado sua “fome” por mim, porque não vai mais me tocar até o fim do contrato. — ele cerrou o maxilar numa tensão clara. — é assim que vai ser. Você tinha razão quando disse que já vivi muita merda. Por isso, não vou mais me submeter às suas merdas. Vou continuar aqui, pois a imprensa não vai me deixar em paz se voltar para meu apartamento agora. Falta pouco mais de um mês... Vamos conviver como dois adultos civilizados que somos. — fiz uma pausa, bebendo cada detalhe de seu rosto lindo. Mas era só isso que ele era: uma casca bonita. Não havia nada lá dentro. Eu estava abandonando de vez meus óculos cor de rosa. — mas isso

entre nós... Acabou, Dom. Considere-se livre para ir atrás de suas muitas mulheres. Só peço que seja discreto. Dentro de pouco tempo seremos completamente livres para seguirmos nossas vidas.

Ele tomou o último gole de sua bebida cara e apertou tanto o copo que seus dedos ficaram brancos. Seus olhos travaram nos meus de novo e havia uma determinação lá.

— Por mim tudo bem. — disse dando de ombros, deixando claro que pouco importava o que fizemos, o que vivemos. Meu coração afundou um pouco, mas não deixei isso transparecer. Esse homem já havia tirado muito de mim. Era hora de voltar a ser eu mesma.

O percurso até o restaurante dentro da limusine foi sufocante. Ali estava cheio de memórias de coisas que fizemos juntos. Um pensamento me ocorreu e me senti muito mais miserável do que já estava. Ele devia ter feito aquilo tudo com inúmeras mulheres antes de mim. Fechei os olhos e encostei minha cabeça no vidro, observando a noite nova-iorquina. Linda, iluminada, alegre. Tudo que eu não era nesse momento. Ele também estava perdido em

seus próprios pensamentos do outro lado do banco, bem distante de mim. Não falamos mais até chegar ao restaurante. Era um lugar extremamente requintado e o melhor de tudo era que não havia paparazzi na porta. Dom tomou minha mão e seguimos pelo hall, fomos atendidos prontamente. O *Maître*[\[92\]](#) nos tratando como o protocolo real exigia. Dom o repreendeu educadamente, informando que só usava seu título em Ardócia. Fomos levados à nossa mesa. Um homem muito bonito na faixa dos trinta anos levantou-se elegantemente quando nos percebeu.

— Dom. — o homem abriu um sorriso genuíno, estendendo a mão. — que prazer revê-lo, amigo.

— Henrique. — Dom, o saudou no mesmo tom amistoso e apertou a mão estendida. — o prazer é meu, amigo. Quanto tempo faz? Dois, três anos?

— É por aí. — Henrique assentiu e desviou os olhos para mim, seu sorriso ainda amigável. — e esta deve ser sua linda princesa, não é? — Dom ficou rígido do meu lado.

— Sim, esta é Helena, minha mulher. — Dom apresentou-me tentando manter o sorriso no rosto. Pela primeira vez

eu o vi forçar um sorriso.

— Ela é mesmo tão bonita quanto nas fotos. Amigo, você é um idiota sortudo! — disse Henrique, estendendo a mão para mim. Eles pareciam se conhecer há muito tempo. — é um prazer conhecê-la, princesa. — completou com uma leve reverência. Dom ficou ainda mais rígido do meu lado. Foi estranho ouvir o termo *princesa* de outra pessoa. Havia me acostumado com a voz sexy, provocadora, sedutora que Dom sempre usava quando me chamava assim. Supere isso, Helena!

— É um prazer conhecê-lo também, senhor Carvalho. — usei meu tom mais educado enquanto apertava a mão dele. — Oh, trataremos de negócios, mas estamos entre amigos, Helena. — Henrique sorriu dando um tapinha nas costas de Dominic. — eu e esse idiota aqui estivemos juntos na Universidade.

Ah, então era isso. Eles realmente possuíam uma espécie de camaradagem. Os dois eram muito bonitos, devem ter sido dias agitados.

Dom puxou uma cadeira para mim. Acomodamo-nos, logo

depois chegou o vice-presidente da Harper Technology com sua esposa, uma morena bem simpática. Gostei dela.

— Pensei que fôssemos tratar com seu Vice-presidente, Henrique. Pelo menos foi isso que entendi na nossa última videoconferência. — Dominic incorporou o homem de negócios, agora.

— Oh, sim, claro. Mas é que nosso Vice-presidente acabou antecipando sua aposentadoria. Meu irmão mais novo assumiu o cargo há apenas uma semana. — explicou Henrique.

— E onde está ele? — Dom quis saber.

— Estou aqui. Desculpem-me o atraso. — a voz firme, sexy me fez virar para o seu dono e meu queixo caiu diante do recém-chegado. Nossos olhos se encontraram e o reconhecimento foi imediato.

— Helena? Helena Marcollini? — o rosto moreno se abriu num sorriso mais sexy que sua voz.

— Diogo? Diogo Carvalho? — eu não podia acreditar em tamanha coincidência. *Dio mio!* Senti a tensão de Dominic em sua cadeira mesmo sem olhar para ele. Acho que isso

tudo acabou de ficar muito interessante. — *Madonna mia!*
Que coincidência!

— Sim, mas uma coincidência muito boa. — sua voz foi um tom mais baixo. Seus olhos castanhos risonhos. Ele era muito mais bonito do que me lembrava, mas tanta coisa aconteceu depois que nos conhecemos brevemente em Las Vegas. A intensidade de Dominic me fez esquecer o mundo aqui fora. É bom voltar. — então, não apenas se parece, mas é uma princesa de verdade? — completou e Dominic se remexeu na cadeira ao meu lado, sua coxa tocando a minha.

Eu já ia corrigi-lo quando Henrique nos interrompeu.

— Diogo. — seu tom foi um pouco tenso. — por que não se senta e cumprimenta os outros presentes, irmão? — aquilo o fez sorrir de novo e desviou os olhos para os outros da mesa. — Esse é Dominic Harper, dono da Harper Technology e marido de Helena. — Henrique disse quando o irmão sentou-se do meu lado esquerdo.

— Nos conhecemos rapidamente em Vegas. — Diogo revelou com um meio sorriso e estendeu a mão para

Dominic. — é um prazer revê-lo senhor Harper.

Dom aceitou a mão de Diogo e os dois apertaram as mãos bem na minha frente. Recuei, encostando-me no espaldar da cadeira. Fui invadida pelo perfume de Dominic e meu coração acelerou loucamente. Todo o meu corpo reagindo à sua proximidade. Seu braço quase roçando no meu seio direito.

— Apenas Dom. É um prazer revê-lo também. — Dominic falou, mas seu tom não era muito entusiasmado. Em seguida, apresentou seu vice-presidente e a esposa. Diogo foi muito simpático com eles.

Depois disso, Henrique começou a falar sobre o projeto de expansão, enquanto as entradas eram servidas. Ele era naturalmente charmoso. Os irmãos eram parecidos. Henrique tinha um timbre forte, profundo e sempre acrescentava um comentário esertinho no final de seu relato. Lembrou-me de Dominic. Revirei os olhos mentalmente. Preciso me blindar de novo, como fiz por seis meses. O problema era que antes não havíamos estado tão próximos um do outro. Era relativamente fácil

resistir, porque fácil mesmo nunca foi. Antevejo dias bem longos ao lado dele na empresa e noites mais longas ainda sabendo que ele está do lado, mas não posso tê-lo.

— Então, seguimos com o acordo inicial, Dom? — Henrique perguntou, franzindo o cenho ligeiramente. — meu vice-presidente e sua relações públicas trabalhando juntos para o lançamento da expansão aqui nos Estados Unidos e Canadá? — senti Dominic tenso de novo. Particularmente, fiquei muito satisfeita de trabalhar diretamente com Diogo. Preciso arejar minha mente.

— Não, não seguimos. — Dom negou e tomou um gole grande de seu vinho. Ele estava mal-humorado, o que era inadmissível numa reunião onde ele era o anfitrião. Idiota!

— Por que não? — Henrique quis saber, visivelmente intrigado com o humor do amigo.

— Por que a ideia original era que eles viajassem muito tanto nos Estados Unidos quanto para o Canadá. Isso não é mais possível. Preciso da minha relações públicas na empresa. — explicou categórico. Era uma mentira deslavada, porque não havia mais nenhum assunto crítico

que exigisse minha presença permanente na empresa. Ele simplesmente queria controlar a minha vida. Ele teria uma surpresa em 3, 2, 1...

— Prevalece o acordo original, Henrique. — minha voz saiu mais firme do que sonhei. Sorrio internamente por isso. — sou a nova relações públicas da Harper. — anunciei diante de suas caras de espanto e fitando Diogo diretamente, emendei: — será um prazer trabalhar com você, Diogo. — os olhos dele brilharam com a notícia, seu sorriso se abrindo encantadoramente.

— Esqueçam o que minha esposa acabou de dizer, Henrique, Diogo. — Dom cerrou os dentes no último nome. — Helena não vai deixar a sede da empresa.

Meu sangue ferveu. Sorrio para os outros e encaro Dominic pela primeira vez desde que nos sentamos. Seu rosto lindo, perfeito estava franzido, vermelho, claramente irritado, mas contendo-se.

— Não. Henrique, Diogo. — disse, mas não desviei os olhos do rosto de Dominic. — esqueçam o que meu marido disse. Eu vou.

Seus olhos inflamaram mais e suas narinas dilataram. Isso seria interessante.

— Não, não vai. — rosnou entre dentes.

— Ah, sim, eu vou. — afirmei sem recuar um milímetro.

— Você. Não. Vai. — disse num tom cortante, definitivo, invadindo meu espaço pessoal. Arfei quando senti seu cheiro delicioso de novo. Suas pupilas dilataram completamente ao perceber minha reação e o clima mudou para sexual, primitivo, cru.

— Eu. Vou. — sussurrei e seus lábios curvaram-se num riso cruel, sabendo exatamente o estado em que me deixava. *Maledeto* cachorro vadio!

Ficamos nos encarando. Nenhum querendo ceder. Um silêncio mortal na mesa. Fomos salvos pelo *maître* que anunciou a chegada dos pratos principais e nos desejou uma boa refeição. O assunto foi esquecido pelo resto do jantar. Henrique teve o cuidado de se ater apenas aos detalhes mais técnicos. Mas ficou um clima constrangedor depois do idiota ter feito uma cena. Quem ele pensa que é para me privar de ir? Esse assunto ainda não está

encerrado. Eu vou com Diogo e ponto final. Se Dominic não estiver satisfeito que me demita. Vou achar até melhor mesmo. Pelo menos assim, não sou obrigada a vê-lo todo o dia e o principal: não tenho que olhar a cara da *puttana* disfarçada de advogada. Meu sangue ferve e meu coração afunda quando lembro dela massageando o pênis dele, num clima de muita intimidade. Os peitos enormes bem na cara dele. Ele é mesmo a merda de um cachorro vadio! E nunca, nunca mais colocará suas patas sujas em mim. Dessa vez vou me manter firme em minha determinação.

CAPÍTULO ONZE

Helena

O percurso de volta foi feito em silêncio de novo. Só que agora, Dom estava emburrado num canto, sua raiva, vindo em ondas para mim. Idiota! Subimos pelo elevador privativo que dava direto na sua cobertura. Entrei e peguei o corredor direto para o meu quarto. Quando fui fechar a porta ele a escancarou com violência, entrando como um louco no quarto, parando no meio, os punhos cerrados do lado do corpo.

— Você está louco? Saia, Dominic! — bradei ainda junto à porta. — não quero você aqui!

Ele riu cínico.

— Não, agora você quer o babaca do Diego, não é? — cerrou os dentes.

— É Diogo, imbecil! — rosnei de volta. — e eu vou trabalhar com ele, sim. Não há nada que possa fazer para me impedir.

— Ele quer foder você! Não viu como ele estava salivando como um maldito cachorro no cio quando disse que era a relações públicas? — gritou fora de si. Ele é mesmo sem noção. — é isso que você quer? Ser fodida por ele? Porque todos perceberam o climinha ridículo entre vocês. Você nem sequer corrigiu quando o imbecil usou seu nome de solteira!

Sorrio desdenhosa.

— Não corriji porque logo, logo serei solteira outra vez. — dei de ombros. — é só uma questão de dias, *caro mio*.

Seus olhos flamejaram num brilho perigoso. Eu nunca o tinha visto tão zangado.

— Você não vai foder com ele! Está me ouvindo, Helena? — grunhiu avançando para mim. — acabo com vocês dois! — bradou, me encurralando contra a parede. Seu corpo grande prendendo o meu. Seu cheiro embriagador me invadindo, dopando meus sentidos. — você é minha! Minha! Ouviu? — bradou infiltrando as mãos nos cabelos da minha nuca, puxando meu rosto grosseiramente para perto do dele. Arquejei. Abriu um riso cruel. — vai

continuar tomando meu pau de todas as formas que eu quiser! Sabe por que, Helena? — deu um puxão mais forte, seus olhos violentando os meus. — porque você é minha cadela! Minha! Só minha! — gemeu, infiltrando uma perna rudemente no meio das minhas, forçando-me a abri-las. Moeu seu pênis duro em mim, alagando minha calcinha. Oh! *Dio mio!* Não posso mais ceder a ele! Não posso. Reunindo minhas últimas forças o mordi com força no ombro. — porra! Cadela do caralho! — gritou me livrando do seu domínio. Tomei uma distância segura dele.

— Saia. — repeti olhando-o de frente, sem recuar. — você não chegará perto de mim novamente, Dominic. Você está me entendendo? Acabou! — rosnei entre dentes.

Seus olhos me avaliaram, enquanto massageava o ombro, como se não acreditasse nas minhas palavras. Então, sua boca torceu num riso de desdém.

— Você tá se achando muito, querida. — sua voz era fria, agora. — você tem uma boceta e um rabo gostoso, admito, mas lá fora está cheio de vadias tão ou mais gostosas. —

fez uma pausa. Meu corpo começou a tremer com suas palavras chulas. — estou saindo, *querida esposa*. Vou comer algumas vadias, já que não posso mais tocar a *princesinha*. — virou as costas em direção a porta, mas me olhou por cima do ombro antes de sair. — não me espere acordada. — e saiu.

Fiquei lá, parada, em choque. Ele estava saindo para comer vadias. Era realmente o fim. Meu peito doeu horrivelmente. Fechei a porta e andei como um robô até a cama. Deitei e me enrolei na posição fetal. Meu corpo tremendo violentamente, agora. As lágrimas desceram, abundantes, grossas, quentes, humilhantes. Eu o odeio! Chorei até o esgotamento me vencer. Mas antes de adormecer eu finalmente percebi a natureza dos meus sentimentos por ele. Eu o amo. Me apaixonei por Dominic. Não sei como, ou o momento em que aconteceu, mas eu estava completamente apaixonada e ferrada.

Dominic

— Chupa direito, sua vadia! — rosnei para a vadia de joelhos nos meus pés. A outra injetou os peitos enormes

na minha cara, quase furando o meu olho. — cuidado com esses peitos medonhos, puta desastrada! — grunhi e abocanhei os monstros na minha frente. Eu estava meio tonto pelas doses generosas de uísque que tomei antes de entrar no quarto com as vadias. Meti grosseiramente na boca da vadia. Eu estava muito puto! Helena não quer mais que eu a toque! Cadela do caralho! Odeio-a! Odeio seu corpo gostoso e viciante! Odeio tudo nela! A vadia que me chupava fez um som abafado. Provavelmente sufocando pela minha violência. Porra! Eu preciso gozar! Posso gozar com outras! Eu posso, porra! Fodi mais forte e fechei os olhos. O rosto de Helena veio nítido na minha mente, seus olhos lindos brilhando para mim, enquanto eu enterrava meu pau em seu corpo. Eu estava quase lá. Abri os olhos de novo e a cena diante de mim fez meu tesão diminuir drasticamente. Duas vadias loiras peitudas. Uma chupando meu pau enquanto a outra deslizava as mãos pelo meu peito. Fechei os olhos de novo e me forcei a recobrar um pouco da sobriedade. Arranquei meu pau rudemente da boca da vadia de joelhos e empurrei a outra para longe. Cristo! O que estou fazendo? Fechei o zíper

das calças e fui em direção à porta. Confuso, desorientado, porque o que acabei de fazer aqui me enojou.

— Você já vai? É só isso? — uma delas questionou me fazendo virar para olhá-las. As duas nuas no centro da cama, se oferecendo para completar o serviço.

— É só isso. Eu não devia ter vindo aqui, sinto muito. — eu realmente sentia, mas não por elas, por Helena.

— Nos trouxe aqui para *isso*? — a vadia que esteve me chupando torceu os lábios num riso cínico. — mais um idiota! E não somos essa tal Helena que ficou o tempo todo chamando, seu imbecil!

Aquilo ferveu meu sangue. Eu odiei tudo aquilo. As odiei, mas o principal de tudo, me odiei.

— Não. É claro que não são. — cuspi desdenhoso. — vocês são ridículas perto dela. Ah, e só um conselho: você precisa mudar de profissão, ou fazer um curso intensivo de como chupar um pau, querida, porque quase me triturou. Foi a pior experiência que já tive. — elas ficaram lá de queixo caído. Saí rapidamente avançando pelo corredor fracamente iluminado. Não havia ido para

um dos hotéis que costumo ir para foder, mas para um dos clubes de sexo que também frequento. As janelas de vidro espelhado me davam a visão do que acontecia nos outros quartos. Gente fodendo como animais. Exatamente como eu tinha acabado de fazer. Não, não foi uma foda completa... Eu não toquei nelas. Elas só... Jesus! Isso foi patético! Fui até o bar e pedi outra dose bem grande de uísque. Eu só queria esquecer essa tarde e as consequências desastrosas que se seguiram.

— Ora, ora, não pensei que o encontraria por aqui tão cedo... — a voz de Amanda me fez virar. Ela estava acomodando-se no banco do meu lado direito. Esqueci-me de que ela e o marido são frequentadores assíduos daqui. Perfeito! Essa porra toda começou com essa vadia oferecida!

— Caia fora, Amanda. — disse virando-me para a frente de novo.

— É bom vê-lo em ação de novo, Dom. — ronronou quase no meu ouvido.

— Estou só bebendo. — falei ainda sem olhá-la. Ela

sorriu debochadamente. Um som que me fez ficar alerta.

— Eu o vi num dos quartos, Dom. Duas loiras voluptuosas, exatamente do jeito que você gostava antes.

— sussurrou e quase gemi de desgosto. Isso ficava cada vez pior. — mas pode ficar tranquilo. Não vou falar nada para a *princesinha*.

— Onde está seu marido? — rosnei.

— Está em um dos quartos se divertindo com dois rapazes. — chegou mais perto de mim inalando meu pescoço. Recuei. — vamos nos divertir como nos velhos tempos? Tem uma loira ali que não tira os olhos de você, podemos chamá-la. O que acha? Sinto tanta falta de você, Dom. — seu tom meloso me irritou mais ainda.

— Vou falar só mais uma vez. Caia. Fora. — cerrei os dentes. Ela suspirou resignada e saiu. Suspirei também, mas de alívio. E continuei a beber. Bebi até não ver e sentir mais nada.

Abri os olhos devagar, minha cabeça latejando vertiginosamente. Caralho! Deitei-me de novo. Fechei os olhos e gemi. As lembranças, vindo embaralhadas. Cristo!

Eu peguei duas vadias ontem. Não, eu só tentei... Jesus! Não tenho muita certeza. Lembro-me que Ben e Scott me encontraram e me trouxeram para casa. Acho que já era muito tarde, quando finalmente conseguiram me colocar para dormir. Arrastei-me para fora da cama, indo até o banheiro. Meu reflexo no espelho da pia me dizia o que já suspeitava, eu estava um lixo. Os olhos vermelhos, a pele pálida. Uma ressaca homérica. Foda! Entrei no chuveiro. Fiquei lá muito tempo apenas deixando a água cair na minha cabeça. Fiz minha higiene matinal e me vesti. Já estava parecendo gente de novo, mas a cabeça ainda latejava malditamente. Saí pelo corredor. Um silêncio sepulcral me saudou. Parei na frente do quarto de Helena. Ainda era cedo, talvez ainda estivesse lá dentro. Levantei a mão para bater, mas a deixei cair aos poucos. Não sei como olhar para ela depois de tudo que disse, depois de tudo que fiz. Forcei-me a continuar meu caminho. Fui até a cozinha. Preciso de um café bem forte.

Meu coração perdeu uma batida quando a avistei, sentada num dos bancos da ilha no meio da cozinha. Linda, fresca. Já pronta para o trabalho. Seus cabelos presos num rabo

de cavalo elegante. Estava entretida com algo em seu celular. Mas deve ter sentido minha presença, pois levantou os olhos exóticos e nossos olhares se encontraram e se sustentaram por um momento. Então, ela piscou e abaixou os olhos de novo. Seu semblante tenso. Aproximei-me e sentei-me num banco mais afastado.

— Bom dia. — minha voz foi apenas um sussurro.

— Bom dia. — me respondeu ainda mais baixo.

Servi-me de uma xícara de café e ficamos lá, silenciosos. Deus! Eu daria tudo para recolher as palavras cruéis que disse a ela e principalmente apagar a grande canalhice que fiz depois. Mas eu não podia. Estava feito. Estava tudo acabado, de fato. Fiquei lá olhando-a, admirando-a, desejando que tudo pudesse ter sido diferente. Ela levantou-se, pegando sua bolsa. Estava linda numa blusa de seda branca, saia risca de giz preta e um sapato daqueles que usou ontem, apenas os saltos eram mais baixos.

— Helena? — chamei quando ela já se afastava para o corredor. Não virou para me olhar, apenas parou

esperando que continuasse. — desculpe-me por todas as coisas horríveis que disse e fiz ontem. Isso não se repetirá, prometo. — Ela suspirou levemente.

— Está desculpado. Estou indo com o motorista. Até mais tarde. — disse na voz fria que já era bem conhecida minha. Foda! Eu merecia seu desprezo.

O dia foi uma tortura. Estivemos em várias reuniões separadas e eu mal a vi, mas sempre que a avistava o tal Diogo estava na cola dela. Para todos na empresa era perfeitamente normal, uma vez que trabalhariam juntos, mas para mim era meu inferno pessoal. Sobretudo, não vou ser hipócrita, o babaca era bonito. Sim, os homens acham outros bonitos, sim. Não sou nenhum maricas por isso. Para piorar lembrei-me dela dizendo em Las Vegas que o achou *bem sexy*. À noite, estava ligando a tv no canal ESPN quando ela surgiu na sala e eu engasguei com a visão diante de mim. Estava toda produzida num vestido preto muito decotado e vários centímetros acima dos joelhos. Os cabelos estavam soltos, caindo em ondas sexys pra caralho sobre seus ombros e costas. Seu rosto

muito maquiado, lembrando-me quando apareceu no cassino. Que merda é essa? Todos os meus sentidos entraram em alerta imediatamente.

— Vou sair. — avisou calmamente indo em direção à porta, dando-me a visão de seu traseiro lindo no vestido justo demais.

— Para onde vai, Helena? — minha voz saiu mesmo desesperada? Porra!

— Vou jantar com Diogo e alguns colegas do meu departamento. — disse ainda no tom calmo.

— Não acho uma boa ideia. — disse e ela finalmente se virou para mim, seus olhos gelados. Foda-se!

— E por que não é uma boa ideia, Dominic? — cerrou os dentes. Ótimo! Pelo menos estava arrancando alguma reação dela, que se manteve fria o dia todo.

— Não é óbvio? Você é minha mulher. Não vai ficar bem para mim...

— Estou pouco me importando se vai ficar bem para você. — cuspiu, seus olhos flamejando, agora. — você

saiu para *comer* vadias, ontem. Hoje é a minha vez.

O quê!? Meu sangue foi drenado das minhas veias.

— Você está pensando em...

— O que penso ou deixo de pensar não é mais da sua conta. — retomou seu caminho, mas olhou-me por cima do ombro, um sorrisinho irônico, provocador nos lábios. — não me espere acordado, *caro mio*.

Porra! Merda! Ela ia fazer o que estou pensando? Não, Helena não era assim. Ela só quer me provocar. É claro que é só isso, não é? Caralho! Que merda eu fui fazer? Praticamente a joguei nos braços do babaca maldito!

Duas semanas se passaram. Duas semanas infernais porque Helena bateu o pé e viajou com o maldito Diogo para o Canadá e ontem embarcaram novamente, dessa vez para Chicago. Ela não atendeu nenhuma das vezes que liguei e isso está me matando. Não quero acreditar que ela iria às vias de fato com ele, mas está ainda claramente magoada com todas as merdas que disse naquela noite. Apesar de dizer que me perdoou, nunca mais me deu um sorriso, nem puxou conversa além do estritamente

necessário. Estou aqui sozinho mais uma vez. Minha cobertura enorme sem ela. Mas seu cheiro, sua presença está em todos os recantos. Como isso aconteceu? Como essa mulher se infiltrou tanto em minha vida? Como tomou conta de mim, sem que me desse conta? Jesus! Sinto tanta falta dela. Do seu cheiro, sua língua afiada. A forma como os olhos exóticos brilham quando me olha, ou brilhavam. Foda! Ultimamente ela tem sido a porra de um *iceberg* comigo. No entanto, é só o babaca do Diogo entrar em cena que ela muda da água para o vinho. Toda sorrisos para o idiota deslumbrado sem noção. Cristo! Eu estou me sentindo miserável. Nunca quis tanto uma mulher na minha vida. Que porra é essa?

Peguei meu celular e disquei o número de Jay, já que o dela nem adiantava tentar.

— Dom, irmão, você tem um *timing*[\[93\]](#) de merda! — sua voz sarcástica soou no meu ouvido. — você se tornou meu empata foda preferido!

Ele era um bastardo de carteirinha.

— Cristo! Você não sabe cumprimentar, seu bastardo? *Oi,*

olá, essas merdas sociais? — rosnei de volta.

Ele bufou do outro lado.

— Querida, é meu irmão maricas. — o ouvi dizer num tom mais baixo e um riso feminino ecoou também. Perfeito! Tudo que preciso estando aqui sozinho. — vamos lá, Dom. O que a malvada Helena está fazendo dessa vez? — seu tom foi abertamente jocoso.

— Como sabe que é ela? — meu tom foi muito defensivo. Ele gargalhou dessa vez. Imbecil!

— Dom, irmão, quando é que vai parar de ser um idiota cego e aceitar que está fodidamente apaixonado por ela, hein? — disse mais sério agora. Meu sangue gelou. — porque já estou cansado de ouvir suas reclamações de *mulherzinha*.

— Eu não estou apaixonado. — neguei rápido demais. — eu só quero...

— Pare de ser idiota, Dom. — me cortou, seu tom impaciente. — eu nunca vi um homem correr atrás de uma mulher por seis meses inteiros só para foder, irmão. Aceite. Você a ama.

Jesus! Nunca analisei as coisas dessa forma. Nunca corri atrás de mulher nenhuma antes dela. Ela me tira do eixo, me enlouquece, me embriaga, me... Oh! Meu Deus! Eu a amo! Cristo! Eu a amo! E isso me faz o maior idiota da face da terra, porque a tive em meus braços e estraguei tudo. Porra! Mas como é que eu ia saber que era amor? Nunca senti isso antes. E aí está a minha resposta. Você nunca sentiu isso antes imbecil! Devia ter desconfiado que era essa merda romântica que nunca quis, mas que me pegou de jeito no momento em que pus meus olhos nela. A imagem veio nítida na minha mente. Helena, linda, ativa, atravessando o terraço no Waldorf Astória e eu não vi mais nada na minha frente a não ser ela. Não desejei mais nada a não ser ela. E a tive. Minha. Completamente minha. E a afastei. Gemi audivelmente.

— Dom? Ainda está aí? Ou teve um ataque cardíaco ao se descobrir apaixonado? — gargalhou na linha. Maldito imbecil! Mas um sorriso se abriu no meu rosto. Eu não vou deixá-la ir, não sem lutar por ela. Pelo amor dela.

— Estou aqui, irmão. Você é um ótimo conselheiro

amoroso para alguém que não acredita no amor. — alfinetei-o.

Silêncio do outro lado.

— Vai lá, *Romeu*. — zombou. — vá atrás da sua mulher e não me encha mais o saco, Dom. — disse-me, irônico. — principalmente quando estiver no meio de uma transa.

Despedi-me e desliguei. Disquei o número do meu piloto e pedi que preparasse o jato. Um sorriso idiota, apaixonado, louco se abrindo no meu rosto, uma alegria sem tamanho tomando conta de mim. Sim, estou indo buscar a minha mulher. Farei tudo que for necessário para consertar essa merda toda. Ela vai brigar, espernear, me insultar. Linda! Deus! Como é que não percebi que sou malditamente louco, desesperado por ela? Depois dessa batalha épica virá embora comigo. Para casa, a nossa casa. Estou chegando, princesa.

CAPÍTULO DOZE

Dominic

Era quase meia-noite quando atravesssei o hall do *Trump International Hotel & Tower Chicago*.[\[94\]](#) Helena estava hospedada em uma das suítes presidenciais. Foi orientação minha. Meu pessoal sempre fica bem acomodado quando viaja a trabalho, mas ela é minha mulher, além disso não está acostumada com menos que isso. Scott havia viajado com ela. Isso mesmo. Não sou nenhum louco de deixar minha mulher sozinha à mercê de um babaca que vivia babando atrás dela. O idiota nem disfarçava na minha presença. Scott me informou que eles estavam agora no terraço do restaurante tomando um drinque. Era quase meia-noite e Helena estava tomando um drinque em vez de estar em seu quarto, trancada, segura. Peguei o elevador com Ben. Ele estava um tanto apreensivo. Deve estar estranhando meu comportamento louco, obsessivo por causa de uma mulher. Ele nunca me viu assim. Bom, nos últimos seis meses tinha visto um

pouco disso, sim, quando num acesso de desejo, loucura pegava meu jato e ia parar em Ardócia ao menos para vê-la. Cristo! Como é que não percebi isso antes? Nunca fiz tanta loucura por causa de uma mulher. Helena me enfeitiçou, me consumiu e isso só se intensificou quando finalmente a tive em minha cama. Ela era minha. Estava destinada a ser minha. Foi para mim que se guardou esse tempo todo. Ela só não sabia disso ainda. Saímos do elevador e seguimos para o ambiente do restaurante. Meu coração trovejando com a mera possibilidade de vê-la. Tudo era mais forte porque agora eu sabia o que sentia por ela. E era de uma dimensão absurda que nunca sequer havia imaginado. Eu a amo! Eu a amo!

Cataloguei as mesas rapidamente quando chegamos ao terraço e os localizei, meu coração sofreu um pequeno baque, meu sangue fervendo nas veias com o que vi. Eles estavam muito próximos. Helena sorrindo lindamente de algo que o imbecil disse. A brisa desmanchou um pouco dos cabelos dela e ele os ajeitou de novo atrás da orelha. Eu vi vermelho e avancei por entre as mesas. Ben nos meus calcanhares dizendo numa voz contida para eu não

fazer um escândalo. Porra! É a minha mulher que está lá, flertando descaradamente com um filho da puta que não posso nem demitir porque não é meu funcionário! Parei ao lado da mesa deles. Ela virou o rosto e seus olhos se arregalaram, brilhando intensamente, deslizando por mim por alguns poucos instantes, devorando-me como eu à ela. No entanto, ficaram gelados no momento seguinte e seu semblante ficou tenso. Mas eu já havia visto em sua surpresa, tudo que queria me esconder. Ela ainda me quer. Só está magoada. Eu posso consertar isso, mas primeiro preciso me livrar desse intruso.

— Dominic. — ela praticamente rosnou meu nome. — o que faz aqui?

— Achei que era bom checar as coisas de perto. — cerrei os dentes encarando o idiota que tinha um sorriso meio arrogante, desafiador se abrindo. Ele definitivamente não sabe com quem está se metendo. — Diogo, precisamos ter um particular. Acompanha-me? — ele assentiu com a cabeça levemente e levantou-se.

— Dom, o que você vai fazer? — a voz de Helena foi

apreensiva.

Não respondi, apenas me afastei da mesa com o imbecil me seguindo. Entrei no banheiro masculino. Fui direto a um dos vasos e tirei meu pau para fora. Estava muito apertado. Quando já ia guardar o equipamento, olhei de lado, Diogo tinha uma expressão surpresa no rosto. Não consegui evitar um sorriso arrogante. Sim, essa história de que os homens nunca olham para o lado num banheiro masculino é totalmente furada. Adoramos comparar nossos paus. É coisa de homem. E o semblante do idiota dizia que ele estava impressionado com meu equipamento. Sou grande e espesso. Levantei uma sobrancelha claramente perguntando *que foi? Nunca viu desse tamanho?* Ele se afastou para a entrada, enfiando as mãos nos bolsos das calças, visivelmente desconfortável. Sorrio. Isso acontecia muito. Vi muito essa expressão no vestiário da escola. Lavei as mãos. Ok. Vamos ao que interessa.

— O que acha que está fazendo dando em cima da minha mulher? — fui direto.

Ele se assustou um pouco, mas se recuperou logo em seguida.

— Helena me contou tudo. Sei que o casamento de vocês não é real, que...

— Nosso casamento é real, pode acreditar. — rosnei, muito irritado que ela tenha contado algo tão íntimo para esse idiota. — ela é minha. De todas as formas que puder imaginar, ela é minha. Está entendendo? Minha! — meu tom foi subindo. — você vai recuar. Vou levá-la de volta comigo e vai continuar o trabalho sozinho. Sei que ela já fez tudo que lhe cabia porque é muito competente. — pausei e dei o golpe final: — então, você consegue terminar o trabalho sozinho, ou devo informar ao Henrique que não tem capacidade para o cargo? — seu maxilar cerrou e seus olhos fuzilaram-me.

— Isso tudo porque não consegue se garantir com sua mulher? — oh, ele era atrevido. Trinquei os dentes. Minha vontade era quebrar a cara bonita dele, mas não saberia como explicar a Henrique.

— Estou avisando, por enquanto. — sorrio friamente. —

me custa muito ser civilizado quando encontro um babaca metido a conquistador com as malditas mãos em cima do que é meu. Faço isso em respeito a seu irmão. Mas acredite-me, quando digo que há pouquíssimas células civilizadas no meu corpo. Não se iluda com meu título, ou mesmo com minha posição social. Nenhum filho da puta vai tirar minha mulher de mim, fui claro? Ou quer que desenhe?

Ele assentiu, mas percebi em seu semblante que era apenas uma estratégia. Ele estava de fato interessado na minha mulher. Problema dele, porque não havia nenhuma maneira no inferno de ele tê-la.

— Recuarei. — disse num tom firme. — mas quando o contrato terminar e Helena for livre, não vou me importar com você e suas ameaças.

Ok. Eu estava muito puto, agora. Por que mesmo não devo quebrar a cara dele? Cerrei meus punhos do lado corpo. Ele virou-se para sair.

— Nunca. Está me ouvindo? — rosnei. — nunca darei o divórcio à ela. Helena continuará sendo minha esposa. Há

muitas mulheres livres por aí. Encontre uma, ou esteja preparado para as consequências se continuar desejando o que é meu.

Ele bufou e deixou o banheiro. Fiquei ali parado, tentando me controlar. Preciso me redimir com ela e é só por isso que não vou fazer nenhuma cena com esse imbecil. Tomei algumas respirações e voltei à mesa. Ele havia sentado mais afastado dela. Não era completamente estúpido. Os olhos exóticos pousaram em mim, olhando-me, seu semblante preocupado. Franziu um pouco o cenho e pegou o seu cosmopolitan, tomando um grande gole.

— Helena, preciso falar com você. — minha voz foi mais suave. Olhou-me de novo. — podemos ir à sua suíte? — arfou levemente. Seus olhos alargando-se. — por favor. — acrescentei. Ela empertigou-se, mas levantou-se.

— Já volto, Diogo. — disse baixinho e ele sorriu, assentindo. Caralho! Ela queria claramente me desafiar. Só por cima do meu cadáver ela voltaria ali.

Nosso trajeto foi feito em silêncio. Eu me deliciando com seu cheiro, bebendo a visão dela num vestido roxo, até

comportado. Gostei disso. Ela não faria nada com aquele idiota. Não foi educada para isso. É por isso que tenho que correr, pois só faltam duas semanas para o fim do contrato. Preciso fazê-la me dar uma chance de consertar as merdas que disse e fiz. Entramos no quarto e ela ficou muito tensa. Seu semblante fechado, os olhos frios. Mas seu peito subia em respirações mais rápidas. Ela não era imune à mim. No entanto, lutava bravamente, porque achava que a traía. Sustentou meu olhar sem recuar, linda, valente.

— O que você quer? — sua voz foi só um sussurro, meio trêmula. Odeio tê-la deixado assim, fria, longe de mim. Coloquei meu coração nos olhos, porque preciso que acredite em tudo que vou finalmente dizer.

— Eu quero você, Helena. — disse baixinho. Seus olhos se alargaram, brilhando lindamente. — quero uma chance de reparar todas as merdas que disse e fiz para você, princesa.

Ela andou até o meio do quarto. Meus olhos correram por ela famintos, saudosos. Eu estava com tanta saudade,

louco para tocá-la, sentir seu corpo junto a mim. Fazer amor com ela. Era a primeira vez que pensava em *fazer amor*, não simplesmente *foder*. Porque era isso que faria com ela. Era isso que ela merecia. Minha mulher, minha linda mulher que eu estupidamente afastei. Cristo!

— Acabou, Dom. — afirmou, virando-se para mim de novo. Seu rosto era uma máscara fria, mas seus olhos estavam pesarosos. — você me traiu. Sei que isso nunca foi um casamento convencional, mas estamos casados oficialmente e você...

Sua voz falhou, não completando o que ia dizer.

— Não, não acabou, princesa. — comecei a andar em sua direção, mas ela estendeu a mão. Estaquei.

— Fique aí, por favor. — sua voz tremeu claramente agora. — não brinque mais comigo. Eu não quero mais.

— Sim, você quer. Isso não acabou, Helena. — passei as mãos pelos cabelos. Estava nervoso pela primeira vez na minha vida diante de uma mulher. — eu fui um idiota com você desde o primeiro momento em que nos vimos e me arrependo muito disso. — suspirei ruidosamente, tentando

reunir coragem para dizer as malditas três palavras. — eu te amo, princesa. — ela arquejou, seus olhos brilhando mais ainda no que pareciam ser lágrimas. Foda! — até algumas horas atrás eu estava sozinho na cobertura me sentindo o homem mais miserável do mundo pela forma como a tratei, pelas coisas que fiz que a afastaram de mim. Tudo que vivemos desde quando nos casamos, intensificou o que já sentia por você e chegou ao ponto em que surtei. Quis mostrar a você e a mim mesmo que não era importante, não era especial, mas eu estava muito errado, princesa. Eu a amo. Nunca quis amor. Nunca procurei amor, mas encontrei no momento em que a vi atravessando aquele terraço no Waldorf Astoria.

As lágrimas desceram por sua face e ela as limpou num gesto quase irritado. Não queria parecer fraca diante de mim. Ela era assim, uma lutadora.

— Por favor, Dom, não seja cruel brincando comigo dessa forma. — pediu e seus braços foram em torno de seu corpo como uma armadura. — faltam apenas duas semanas para isso tudo terminar. Só quero que me deixe

em paz até lá.

— Eu não traí você, Helena. — seus olhos mostraram-se surpresos. Respirei fundo e soltei. — eu tentei, no entanto. Peguei duas vadias naquela noite, mas não consegui ir até o final, porque só pensava em você e em como elas eram diferentes. Eu...

— Por que devo acreditar em você, Dominic? — sua voz foi fria de novo. A esperança que vi em seus olhos morreu quando admiti que tentei traí-la. Porra! Estou tentando fazer tudo certo pela primeira vez na vida! Será que ela não pode me dá um desconto?

— Porque não preciso mentir, Helena. Tenho 32 anos e nunca senti por nenhuma outra mulher o que sinto por você. Esse desespero em ter você comigo o tempo todo. — suspirei de novo. — sei que fiz merda, princesa, mas, por favor, se há a menor possibilidade de vir a me amar como eu te amo, me dê uma chance. Eu posso ser esse tal homem que Júlia falou. Eu posso...

— Não, você não é esse homem. — me cortou, sua voz estranha, num tom definitivo. Meu coração começou

afundar lentamente. — a forma como reagiu com a puta no seu escritório e a forma como saiu para *comer* vadias na rua prova isso.

— Princesa...

— Saia. — murmurou e foi até as amplas janelas com vista para o Rio Chicago. — eu não quero mais. — completou e meu peito se comprimiu numa dor que era nova para mim. Cristo! Esse negócio de *amor* era mesmo uma merda! Não tem nem um dia que me descobri apaixonado e já estou me ferrando, porra! Mas me obriguei a andar até ela. Parei às suas costas, bem próximo. Cheirei seus cabelos, embriagado, apaixonado, me recusando a acreditar que estava tudo acabado mesmo.

— Eu te amo, princesa. — repeti bem no seu ouvido. Ela estremeceu, mas seu corpo enrijeceu, rejeitando-me. — desculpe-me por tudo, por tê-la chantageado, mas não me arrependo de tê-la feito minha. Você se guardou para mim. Você tinha que ser minha. — beijei seu ombro, me segurando para não puxá-la para mim e seduzi-la, fazê-la se render. Não, não faria isso com ela de novo. —

voltarei para Nova Iorque agora. O jato ainda ficará no aeroporto por cerca de duas horas para reabastecer. Vou esperá-la até o último momento. Se resolver me dar essa chance vou mostrar que posso ser esse homem que espera. Eu posso, princesa. Vamos tornar isso tudo real, amor. — beijei seu rosto, ela fechou os olhos, prendendo a respiração, tão afetada quanto eu pela nossa proximidade. Cristo! Eu não quero ir, deixando-a assim, mas preciso. — vou esperar por você. — sussurrei mais uma vez e me obriguei a sair de perto dela. A olhei uma última vez antes de sair pelo corredor, me sentindo mais perdido do que quando cheguei. Ben estava me aguardando. Não falou nada apenas franziu o cenho ao ver minha cara de cachorro abandonado. É amigo, eu também pensei que ela voltaria comigo.

Helena

A porta se fechou e eu desmoronei. Oh! *Dio mio!* Ele disse mesmo que me ama? *Si*, ele disse. Ele não pode estar falando sério. Isso é só mais um truque para me ter onde sempre quis: sua cama, sendo seu brinquedinho até

se cansar de mim. É só seu ego falando de novo, porque coloquei um basta em tudo que estávamos fazendo. Não vou cair nessa outra vez. Dominic Harper não me terá de novo. Mas, mesmo tentando repetir isso como um mantra na minha mente, no fundo eu sabia que se ele continuasse jogando pesado assim, eu não teria nenhuma chance e cederia a ele. Meu corpo ainda estava excitado, quente, ainda podia sentir seu cheiro, sua presença, seus lábios macios no meu rosto. Gemi, mais lágrimas caindo, porque meu coração tolo e apaixonado queria acreditar nele, desesperadamente. Me custou muito não sair correndo atrás dele. Tenho que focar nas coisas que me disse e fez naquela noite. Confessou que tentou me trair. Quem ama não trai, nem ao menos tenta. Esse seu novo plano é ridículo! Limpei minhas lágrimas com uma nova determinação dentro de mim. Há um homem lá fora, um homem que tem mostrado interesse genuíno em mim. Chegou a hora de exortar Dominic do meu corpo. Retoquei a maquiagem e saí para o terraço de novo. Diogo me recebeu com um sorriso enorme no rosto. Pedi mais um cosmopolitan e bebi rapidamente. Diogo ficou lá,

apenas me olhando. Seus olhos castanhos estavam um pouco sérios, agora.

— Quer dançar? Vai se embriagar se continuar assim. — disse-me, seu olhar me avaliando como se enxergasse meu desespero.

— *Si*, tem razão. — abri um sorriso sem graça. Tomou-me pela mão e nos dirigimos à área onde alguns casais dançavam ao som de um piano.

Suas mãos fortes seguraram minha cintura, enlacei-o pelo pescoço e começamos nos mover. Não senti nada. Nenhuma faísca do que sentia quando Dominic colocava as mãos em mim e minha mente voou sem controle para longe dali. Imagens de Dominic, lindo, irreverente dançando comigo em Las Vegas, incendiando-me, desafiando-me. Nossa dança, nus na cobertura. A letra de *Tú Y Yo* enchendo minha cabeça. Tudo que fizemos, ouvindo essa música. A forma como me tocou, me olhou depois. Ali havia mudado tudo. Ali senti que podia ser mais. Tudo se intensificou no mês seguinte. Vi em seus olhos muitas emoções, muitas coisas não ditas. As

palavras de Júlia vieram nítidas. Ela disse que tudo que havia sentido antes seria pálido quando encontrasse o tal homem da minha vida. Que por esse homem eu iria querer lutar. Oh! *Dio mio!* Os olhos verdes de Dominic com uma expressão séria, que nunca havia estado lá antes me fizeram parar nos braços de Diogo. Ele não usou seu tom jocoso, provocador quando disse que me amava, que queria tornar tudo real. Cristo! Estou sendo covarde de novo, deixando o homem que amo escapar. Só que dessa vez ele me ama também. Desvencilhei-me de Diogo, meu coração dando saltos violentos no peito. Não, eu lutaria dessa vez, porque havia uma chance. Afastei-me. Diogo me olhou e a compreensão tomou conta do seu semblante.

— Você o ama, não é? — não era uma pergunta. Gemi, sentindo-me um pouco zozna, envergonhada de ter brincado dessa forma com esse homem tão bonito e gentil.

— *Si*, eu o amo. — dizer isso em voz alta me deu mais coragem. — sinto muito, Diogo. Sinto mesmo, mas estou indo embora com o meu marido. — e saí, praticamente correndo por entre as mesas. Saquei o celular e disquei o

número de Ben. Ele atendeu no primeiro toque. — onde ele está? — ouvi um suspiro de alívio do outro lado.

— Graças a Deus, alteza. Já estamos no jato. Ele está insuportável. — fez uma pausa tensa. — a senhora virá, não é?

— *Si*, qual é o aeroporto? Scott e eu logo estaremos aí. — ele me passou o nome. — e Ben? Não diga nada a ele. — ele gemeu, mas concordou. Desligamos.

O trajeto até o *Chicago International Midway Airport*, [95] pareceu interminável. Cerca de meia hora depois estávamos na parte reservada aos voos particulares e meu coração chacoalhou só com a visão do jato com o logotipo da *Harper Technology*. Vamos lá, Helena. Repeti esse discurso até parar em frente à escada e comecei a subir os degraus. Minhas pernas tremiam horivelmente, minhas mãos suavam e... Oh! *Dio mio!* Todo pensamento coerente sumiu do meu cérebro quando pisei no interior da aeronave e meus olhos pousaram na figura linda dele. Estava acomodado numa poltrona levemente reclinada. As mãos enfiadas nos cabelos, seus olhos fixos no teto. Uma

ruga no meio da testa. A tensão emanava de seu corpo. Ele estava me esperando como prometeu. Bebi mais um pouco da visão absurdamente devastadora dele, tentando acalmar meu coração e os tremores do meu corpo. Finalmente arrisquei:

— Dom? — minha voz foi apenas um sussurro, mas ele ouviu e os olhos verdes incríveis pousaram em mim. Seu rosto antes tenso, apreensivo, sendo preenchido com nítido alívio.

— Helena... — murmurou e levantou-se daquele jeito macio, característico dele. Estava tão lindo numa camiseta cinza chumbo de mangas compridas puxadas até os antebraços. Minha raiva e mágoa, não me permitiu olhá-lo mais detalhadamente quando estive no hotel. *Dio!* Estava louca de saudade dele, do seu cheiro, do seu toque, da forma como faz amor comigo. Minha respiração travou quando parou na minha frente, bem próximo. Nossos olhares presos. — Você veio. — sussurrou, seus olhos deslizando por todo o meu rosto. Arfei levemente quando levou as duas mãos para meu rosto e limpou as lágrimas

que eu nem sabia estavam descendo. — tudo será diferente, princesa. — sua voz saiu meio embargada. Seus olhos estavam mais brilhantes que o normal. Inalei o ar bruscamente e desapareci:

— É bom que faça as coisas direito dessa vez, seu idiota. — dei um sorriso trêmulo. Seus olhos brilharam mais e os lábios se curvaram num sorriso lindo, as covinhas piscando para mim. Ele entendeu que precisávamos aliviar o clima. Numa rapidez espantosa fui levantada em seus braços.

— Cristo! Eu te amo, princesa! — exclamou bem perto da minha boca. — como é que não percebi isso antes? — murmurou puxando meus lábios entre os dentes.

— Você é um maldito retardado, é por isso. — falei, meu riso se ampliando ridiculamente.

Ele gargalhou e voltou a me encarar de novo e a atmosfera mudou. Seu olhar era abertamente sexual, agora.

— Senti tanto a sua falta, princesa. — gemeu em minha boca.

— Então, o que ainda estamos fazendo aqui? Ou será que

você perdeu o jeito nessas duas semanas que ficou sem sexo? — sussurrei de volta. O riso provocador, sexy, safado se abriu pela primeira vez no seu rosto.

— Humm, parece que alguém sentiu minha falta também.
— revirei os olhos.

— Eu não disse isso. — neguei, mas acabei rindo. — ok.
Só um pouco, bem pouco na verdade. — provoquei.

— Veremos. Quando o avião decolar vou te mostrar se perdi o jeito, cadelinha gostosa. — sussurrou na minha orelha com aquele tom que ele sabe que molha minha calcinha. Gemi juntando as pernas. Ele gargalhou e nos acomodou para a decolagem.

Alguns minutos depois, ele já estava me batendo contra a porta do quarto, elevando meus pulsos acima da minha cabeça e moendo gostoso na minha pélvis. Seus olhos e sorriso safado assumindo com força total. Todo o clima descontraído ficou do lado de fora.

— Vai passar as duas horas e meia de voo embaixo de mim, cadela gostosa. — rosnou em minha boca. — vou montar você bem duro e forte, do jeito que você gosta. Vai

gemer bem gostoso, tomando meu pau todinho nesse corpo delicioso que me manteve acordado nesses quinze dias. — moeu mais devagar. Minha calcinha inundou de vez.

— Dom... — miei. Ele sorriu em minha boca. E se afastou para o meio do quarto, começando a tirar suas roupas.

— O que está esperando, cadela safada? Hum? — puxou as calças para baixo com cueca e tudo e meus olhos foram direto para sua ereção furiosa, apontando diretamente para mim. — tire a roupa, princesa. Estou louco por você. Completamente louco. — grunhiu.

Levei as mãos ao zíper do vestido e logo ele caía aos meus pés. Usava apenas uma calcinha preta. Os olhos verdes cravaram em mim, gulosos, gritando mil coisas sujas. Veio até mim, suas mãos enfiaram nos cabelos da minha nuca e me puxaram para ele rudemente. Gemi. Sorriu antes de tomar minha boca num beijo duro, assaltando, tomando de volta o que era dele. Agarrei-me em seus ombros e deslizei as mãos pelos músculos firmes, me deliciando com seu cheiro, seu gosto. Levou uma das mãos pela lateral do meu corpo, descendo numa carícia

suave e enfiou com força no meio das minhas pernas, apalpando duramente minha vagina. Massageou meu clitóris, sorriu de novo ao encontrar minha calcinha molhada. Afastou o tecido para o lado e meteu dois dedos grosseiramente na minha vulva. Gritei em sua boca. Rosnou e meteu mais fundo, girando lá dentro, tirando, estocando de novo e de novo.

— Dom.. *Dio!* — choraminguei. Retirou os dedos e os chupou lascivamente, seus olhos perfurando os meus. Abaixou-se na minha frente, ficando cara a cara com minha vagina. A próxima coisa que senti foi minha calcinha sendo arrancada com seus dentes. Mordendo-me no processo. Terminou de rasgar o tecido e deslizou o nariz entre meus grandes lábios. Me firmou pela bunda e abocanhou tudo, lambendo, chupando, mordiscando. Meu corpo tremeu descontroladamente com seu ataque. Levantou uma perna para seu ombro e meteu a língua em minha vulva. — ahhh! Dom.. Eu vou... Ohhhhhhhhh! — gozei em sua boca. Rosnou e continuou me comendo assim até que estava a ponto de gozar de novo.

— Gostosa pra caralho! Minha cadelinha deliciosa... —
grunhiu mordendo minha virilha e baixou minha perna. —
mãos na cama, princesa. Vou comer você por trás como a
cadela que você é. — virei e me posicionei. Minhas
pernas, ainda tremendo. Meu traseiro no ar. Suas mãos
acariciaram minhas costas descendo suaves pela coluna.
Seus dedos deslizaram na fenda da minha bunda. Circulou
meu ânus. — que saudade de foder esse cuzinho gostoso.
— sussurrou em minha orelha, lambendo-a, desceu pelo
pescoço, mordeu forte no meu ombro. Senti a ponta larga
de seu pênis em minha entrada e antes que me preparasse
fui bruscamente rasgada. Meteu tudo até o cabo, me
fazendo ir para a frente, desequilibrando-me. — segure-
se, cadela! Fiquei duas semanas do caralho sem comer
você! Não espere que seja delicado. Não agora! —
rosnou, tirando tudo e batendo de volta num golpe brutal.
— Dom... Oh! *Dio!* Devagar... — balbuciei, ofegante,
completamente esticada por ele. Sorriu, aquele som
safado, provocador e tapas duros desceram na minha
bunda. Continuou me comendo sem dó, como se tivesse
desesperado por mim.

— Quieta minha cadela! Você consegue aguentar. Acostume-se, pois é o único pau que vai comer você! Entendeu, Helena? Você é minha! Só minha! — rugiu e meteu mais fundo, batendo no meu útero. Dor e prazer se misturando dentro de mim. — rebole essa boceta gostosa no meu pau, minha cadelinha, vem, rebola gostoso. — gemeu e comecei a rebolar, encontrando-o em cada estocada bruta. — tão gostosa, Helena... Porra! — gritou e levou uma mão para meu clitóris, massageando-o, beliscando. Gemi enlouquecida, deixando-o me foder como quisesse. Deu um puxão duro em meu brotinho e me desmanchei em mais um orgasmo, gritando o nome dele.

— Isso, princesa! Geme no meu pau! Goze bem gostoso, cadelinha linda, perfeita! — Se debruçou sobre as minhas costas e bateu em mim incansavelmente até que senti seu pênis engrossar dentro de mim. — Helena! Oh! Merda! Eu te amo, princesa! Cristo! Tão gostosa... — deu-me mais tapas com a mão livre e soltou um rosnado animalesco esporrando direto no meu útero. Jatos quentes de esperma me alagando. *Dio!* Tão gostoso... Desabei na cama com ele em cima de mim, ainda metendo fundo. Mordeu,

chupou e lambeu minhas costas e ombros. — Jesus! Princesa... Você me fodeu direitinho com essa boceta virgem do caralho! — ele estava rindo agora. Ri também. Um som abafado pelo peso dele. Mas era tão gostoso senti-lo assim, me tomando de novo.

— Você por acaso, está insinuando, que só me ama por causa da minha boceta? — fingi-me de ofendida quando ele finalmente saiu de cima de mim. Deu aquele sorriso safado dele e me puxou para o seu peito. Nossas respirações ainda se acalmando.

— Relaxe, princesa. — beijou meus cabelos suavemente. — para alguém como eu, isso influencia pra caralho! Gosto de sexo, não é segredo para ninguém. Mas amo outras coisas em você. — pausou e levantei minha cabeça do seu peito para olhá-lo. Ele sorriu de novo. — desculpe, princesa, mas no momento só consigo pensar na sua bocetinha perfeita. — disse com aquele tom provocador que conheço bem.

— Você é tão idiota, Dom. Ainda estou tentando descobrir como foi que me apaixonei por você. — seus olhos

brilharam com minhas palavras, seu rosto se iluminando. Nos virou na cama, ficando por cima de mim, seus olhos presos aos meus.

— Princesa... — sua voz foi um tanto ansiosa, instável. — você... Você está falando sério? Cristo! Eu não posso acreditar que...

Sorrio, usando seu tom provocador.

— Você não vai ficar todo meloso comigo agora, vai? — o abracei com as pernas, me esfregando nele, desavergonhadamente. — detesto homens pegajosos. — Ele me olhou mais alguns segundos e sorriu, lindo, perfeito. — eu te amo. — sussurrei em sua boca e o beijei, transmitindo tudo o mais que não conseguia dizer no momento, porque tudo ainda era muito novo e meio surreal. Ele me beijou de volta. Um beijo lento, delicioso, apaixonado como nunca havíamos dado.

— Tudo vai ser diferente, princesa. — repetiu as palavras que havia falado quando cheguei. Deu-me pequenos beijos suaves. — isso entre nós, já era real há muito tempo, mas acho que fomos os dois muito idiotas.

— Não, você foi idiota. — rebati.

— Você também foi. — disse baixinho, seu pênis ainda bem desperto, já cavando na minha vagina.

— Não, você é que foi. — gritei quando estocou duro dentro de mim. — Oh! Dom.. *Dio mio!* — ele sorriu perversamente e passou a girar o quadril lentamente, incendiando-me de novo.

— Cale a boca, cadelinha! Você me deve quinze dias de foda! — rosnou e me beijou de olhos abertos, daquele jeito obscuro. Sorrímos, nossas línguas duelando, se lambendo, se chupando...

Ele não estava brincando quando disse que ficaria embaixo dele todo o tempo do voo, mas eu não imaginava outro lugar melhor para estar.

CAPÍTULO TREZE

Helena

Acordei com cócegas no meu pé direito. Senti uma língua me lambendo, subindo preguiçosamente da sola, passando pela panturrilha, pela parte de trás do joelho... Me mexi, meu corpo todo dolorido. Abri os olhos lentamente, sorrindo. Eu havia desmaiado depois do último orgasmo. Ouvi a risada baixa e safada de Dominic atrás de mim. Sua língua foi subindo mais, passando pela coxa e se infiltrou na fenda do meu traseiro. Meu corpo arrepiou. Gemi.

— Dom... Não consigo me mexer... — sorriu quando seu peso caiu sobre minhas costas, seu pênis duro cavando em minha bunda. — preciso de um tempo para repor as energias, amor. — ronronei. Ele sorriu mais ainda e depositou beijos muito suaves por toda a minha coluna. Gemi de novo. — isso é golpe baixo... Vai ter que me carregar nos braços quando o avião aterrissar.

— Farei isso, amor. — sussurrou, lambendo, chupando

meu pescoço. *Dio!* Ele era insaciável...

E ele realmente me carregou nos braços meia hora depois, quando o jato aterrisou em solo nova-iorquino. O dia já estava amanhecendo quando entramos na cobertura. Dom me levou direto para a sua suíte e me depositou com cuidado na cama. Gemi e me encolhi sonolenta.

— Nossa, você parece bem cansada, princesa. — sua voz era baixa, sexy, provocadora. — o que foi que fizeram com você? Hum? — começou a despir-se devagar.

— Um cachorro vadio, tarado me pegou. — murmurei, meus olhos já se fechando. Ele sorriu baixinho.

— Quem mandou ser uma cadela gostosa, princesa? — Bufei. Ele riu mais. — Tire a roupa, amor. Quero dormir com você nua em meus braços. — veio para trás de mim. Desceu o zíper do vestido e o tirou de mim com cuidado. Logo estava puxando minhas costas contra seu peito. Nós dois gememos com o contato. — eu sempre quis fazer isso. Durma, minha cadelinha linda. — enfiou o nariz nos meus cabelos da nuca. — eu te amo, princesa. — sussurrou beijando meu ombro suavemente.

— Eu também te amo. — minha voz foi muito baixa, mas seus braços me apertaram mais. Ele ouviu. Então, meu corpo se rendeu ao sono e cansaço.

Acordei perto do meio-dia. Dom não estava mais na cama. O quarto muito silencioso. Arrastei-me até o banheiro, tomei um banho e fiz minha higiene. Minhas roupas estavam no outro quarto. Procurei uma camiseta no closet dele e vesti uma verde, já bem gasta. Parece que a usava muito. Tinha cheiro de roupa lavada, mas tinha também o cheiro dele. Fui em direção à cozinha e estaquei no corredor. Ele estava lá virado para o fogão. O cheiro divino de queijo grelhado invadiu meus sentidos e meu estômago roncou. Fui sorrateiramente até um dos bancos e me sentei. Fiz exatamente como ele gostava de fazer toda manhã, fiquei lá o olhando em silêncio. A calça de malha cinza chumbo, pendendo baixa em seu quadril. As costas nuas, musculosas na medida certa. Ele se virou, seus olhos surpresos, mas no momento seguinte, adquiriram o brilho irreverente, safado, que me tinha salivando por ele o tempo todo. Abriu um sorriso sacana que foi todo o caminho dos seios à minha vagina. Veio até o balcão,

pousando a travessa com os queijos.

— Oi, linda. — sussurrou, se infiltrando entre minhas pernas, suas mãos cavando minha bunda. — minha garota preferida, na minha camiseta preferida, hummm.. — gemeu, seus olhos lindos me devorando.

— Oi. — murmurei em sua boca. Ficou lá me olhando com aqueles olhos incríveis. Arfei levemente. Levou uma das mãos para meu rosto, acariciou-me, um toque tão suave, nossos olhos presos, nossas respirações se alterando aos poucos. Brincou comigo, se aproximando e recuando, me provocando, me enlouquecendo. Gemi e ele sorriu, finalmente abaixando os lábios para os meus. Foi um beijo lento, nos devoramos sem pressa. Minhas mãos correndo pelas costas largas, me deliciando com a firmeza, mas ao mesmo tempo maciez da sua pele. Nossas línguas dançando suavemente. Sua mão apertou minha bunda, e a outra deslizou do meu rosto, para minha nuca, me mantendo presa para tomar tudo de mim, mostrando que me dominava, mesmo num beijo quase terno. Foi um beijo sem precedentes. Quando nos separamos, nossas

bocas ainda continuaram se tocando, arfando uma na outra. Nossos olhos se abriram e travaram. Os olhos dele estavam dilatados, o escuro da pupila engolindo quase todo o verde. Seu pênis duro cavou em mim. Gememos. Sorrimos e ele se afastou um pouco.

— Já comeu um típico hambúrguer americano, princesa?
— sussurrou, provocador, deslizando as mãos numa carícia muito suave pelas minhas costas. *Dio!* Amo suas mãos em mim. Foi isso que tentei sentir com Diogo e não veio. Nunca viria, porque esse homem lindo, irreverente, envolvente, apaixonante aqui na minha frente é *o homem*. É ele, agora eu sei.

— Eu, hum... Acho que não. — falei e ele gargalhou.

— Que pergunta a minha. É claro que não. — disse mordiscando meu queixo. — você só deve ter ido aos melhores restaurantes da cidade, não é?

— Quer parar de ser convencido por que fez um hambúrguer para mim. — bufei, fingindo-me de ofendida.
— e eu ainda não provei, *caro mio*. Então, não fique se achando antes do meu veredicto. — Seus lábios torceram

naquele riso lindo dele.

— Amo esse sotaque, princesa. — sussurrou. — você me deixa malditamente duro toda vez que fala assim perto de mim. — gemeu. Deu-me um último beijo e foi até o freezer. Voltou com dois refrigerantes. Sentou-se no banco bem próximo a mim. Montou os dois hambúrgueres e colocou o meu num prato à minha frente.

— Onde estão os talheres? — quis saber quando levou o dele à boca e deu uma mordida enorme.

Sorriu, mastigando lentamente, seus olhos zombando claramente de mim.

— Eu disse típico hambúrguer americano, amor. Você tem que comer assim, sem essa frescura de talheres. Isso tira toda a graça. — explicou e deu outra mordida.

— Sério? Eu nunca... — parei porque havia um desafio em seu olhar. Peguei um guardanapo como o vi fazendo e segurei meu gigantesco hambúrguer. Dom havia parado de comer, me observando. Os olhos lindos, irreverentes. — você pode parar de me olhar como se eu fosse uma aberração? Estou tentando comer meu primeiro

hambúrguer tipicamente americano. — ele gargalhou. Um som lindo invadindo-me em cada célula. Dei uma pequena mordida e mastiguei devagar. — humm, Dom isso é muito bom mesmo. — dei mais outra. Ele continuava lá, me olhando, uma expressão que era um misto de surpresa e encantamento, tomando seu rosto bonito. Então, voltou a comer o seu. Ficamos em silêncio o resto da refeição. Não consegui comer o meu todo e ele o terminou para mim. Uau! Ele tinha mesmo um apetite enorme, literalmente. — acho que vou explorar seus talentos culinários mais vezes. — disse terminando de tomar minha Coca-Cola.

— Meus talentos culinários se resumem a hambúrgueres e refrigerantes, princesa. — murmurou e seus olhos brilharam safados. — mas tenho muitos outros talentos e não faço objeção alguma em ser explorado por você, a qualquer hora que quiser.

Revirei os olhos, mas acabei sorrindo.

— Você é tão convencido, amor. Já explorei esses talentos ontem até a exaustão. Ou foi hoje? — murmurei de volta.

— fiquei confusa, agora.

— Posso refrescar sua memória, amor. — me puxou para o colo dele, me fazendo montá-lo. Meus braços foram para seu pescoço. Suas duas mãos escorregaram por dentro da camiseta, apalpando meu traseiro nu. Seu sorriso pecaminoso se abriu. As covinhas lindas o faziam parecer tão travesso. — ora, ora... — deslizou as pontas dos dedos no meio da minha bunda. Gemeu. — minha cadelinha gostosa esqueceu a calcinha. Isso pede uma providência imediata. — levantou-se comigo escarranchada em sua cintura. Sentou-me no balcão, puxando minha bunda grosseiramente para a borda, direto em seu pênis muito duro. Girou o quadril moendo gostoso em minha pélvis. Mesmo por cima da roupa, o contato era eletrizante. Miei jogando a cabeça para trás. Seus lábios quentes passearam pelo meu pescoço, lambendo, chupando, mordiscando. — você é tão gostosa, amor. — puxou meus cabelos da nuca e continuou seu ataque a meu pescoço, ombros, puxou minha orelha com os dentes. Minha vagina encharcou, palpitando loucamente. Suas mãos me livraram rapidamente da camiseta e sua boca

desceu para meus seios. Um choque de excitação me encheu quando chicoteou a língua em um mamilo depois no outro.

— Ahhhh! Dom... *Madonna mia!* — balbuciei desavergonhada, arqueando as costas para ele. Sorriu e uma mão desceu pelo meu ventre incendiando-me até a vagina. Tocou suavemente, espalhando meu creme pelos lábios e clitóris. — ohhhhh! Amor... — gritei quando meteu dois dedos rudemente, esticando minha vulva.

— Porra! Cadelinha gostosa! — rosnou me comendo impiedoso. Eu estava quase gozando quando seu celular começou a tocar sobre a bancada. Grunhiu e continuou metendo em mim com força.

— Dom... Oh, *Dio!* — gemi. — seu telefone. — mas ele não parou. O celular tocou, tocou e parou. Mas logo recomeçou a tocar. — Dom. Atenda. Pode ser importante. — minha voz saiu ofegante e frustrada.

— Vou matar quem estiver do outro lado da linha! — rosnou e atendeu. Seu semblante mudou para apreensivo. Seus olhos desviaram dos meus e meu íntimo se retorceu

quando ouvi uma voz feminina do outro lado. Uma voz que eu conhecia bem. Amanda-puta-Parker. — sim, ainda está de pé. — disse num tom impaciente. — sim, ainda vamos almoçar com o Conde e a Condessa amanhã. E Amanda? Reserve mais um lugar. Helena irá comigo. — seus olhos pousaram em mim de novo, tentando avaliar os danos da ligação. — qual foi a parte que você não entendeu? Minha mulher irá comigo. — repetiu tenso. — até amanhã. — desligou e jogou o aparelho sobre a bancada. — sinto muito por isso, princesa. — sussurrou voltando a se infiltrar entre minhas pernas.

— Você vai almoçar com aquela puta amanhã e não ia me dizer nada? — cerrei os dentes. O clima afundou de vez. Peguei a camiseta e a recoloquei com mãos trêmulas.

— Não é isso que está pensando, Helena. — suspirou passando os dedos pelos cabelos. — é um almoço de negócios. Tenho tentado comprar uma empresa falida em Roma. O dono é um Conde muito conservador e tem dificultado a aquisição. Amanda pode ser uma vadia, mas é uma excelente advogada. — bufei. — ela não estaria

comi... Digo, na empresa se não fosse. — Dei as costas a ele e tomei o corredor. — amor, eu ia contar, juro. — veio atrás de mim. Entrei no meu quarto. — por que veio para cá? — sua voz era apreensiva.

— Porque aqui é o meu quarto. — disse friamente, arrancando a camiseta. Seus olhos passearam por mim, desejosos. Fui para meu closet procurar uma roupa minha. Ele estava nos meus calcanhares.

— Não, não é mais. Pensei que já havíamos resolvido essa merda. — suspirou quando nossos olhares travaram na porta espelhada. — pensei que fôssemos tornar tudo real.

— Eu também pensei, Dom. — assenti procurando uma maldita roupa, mas elas pareciam ter evaporado. — mas meu marido vai almoçar com a puta que estava massageando seu pênis há apenas alguns dias atrás! — meu tom subiu no final.

— Eu fui culpado naquele episódio, admito. — sussurrou, me prendendo na porta. Seu pênis ainda ereto cavando em minha bunda. — mas não sou culpado hoje, amor. É

apenas uma situação de negócios. É você quem eu quero. Ela não significa nada para mim. Nunca significou. — deslizou as mãos pelos meus braços. Estremeci. Seus lábios espalharam beijos suaves em meu ombro e pescoço. — deixe-me mostrar a você que tudo vai ser diferente.

— Mostre-me. Se livre dela. — disse enfrentando seu olhar no espelho. Seu cenho franziu. — demita-a.

— Princesa. — suspirou. — ela faz parte de um dos mais conceituados escritórios de advocacia de Nova Iorque, amor. Sabe o quanto é difícil encontrar bons advogados atualmente?

— Certo. Saia, Dom. — seus olhos alargaram, assustados.

— O que você quer dizer com *saia*? — sua voz foi tensa.

— Que quero ficar sozinha. — disse num fio de voz. — saia, por favor. — Nossos olhares se sustentaram por incontáveis segundos. Então, ele assentiu levemente com a cabeça e me deu um beijo no ombro.

— Você está sendo injusta, amor. — disse antes de virar-se e me deixar sozinha.

Dominic

Fomos para a empresa mais tarde num clima tenso. Helena não estava sendo muito sensata comigo. Porra! Estou tentando um relacionamento pela primeira vez na minha vida e tinha que encontrar logo uma princesinha cabeça dura? Foda! Fiquei a tarde toda louco para vê-la. Tô tão malditamente apaixonado por ela. Por que não consegue entender isso? Mas à medida que a tarde avançou, forcei-me a rever a cena de dias antes. Cristo! Ela estava certa. Eu mataria o maldito bastardo se o tivesse encontrado massageando as partes íntimas da minha mulher. Gemi. Preciso dar um jeito nessa merda e me livrar de Amanda. Ela era mesmo muito boa em seu trabalho, mas ultimamente tem se insinuando muito. Conhecendo-a como conheço, não pararia porque estou casado agora. Certo. Sou um maldito idiota, egoísta. Helena deve estar se perguntando agora, por que foi até mim ontem. Vou consertar isso. Interfonei para Suzi, minha secretária e dei as instruções. Vou pedir desculpas em grande estilo. No final da tarde, inventei um problema e a chamei ao meu escritório. Entrou com um bloquinho de papel e caneta nas

mãos. Linda! Usava uma blusa de seda azul e uma saia preta justa que ia até os joelhos. O epítome da profissional séria e competente que ela é. Meus olhos se banquetearam nela, como se há muito tempo não a visse. Seu rosto ruborizou um pouco. Sim, princesa. Você também sente isso. Não adianta tentar esconder, pois isso nunca me parou antes, por que pararia agora que você é minha? Completamente minha? Curvei os lábios num sorriso de antecipação.

— O que deseja? — seu tom foi todo profissional quando se sentou na cadeira que indiquei.

— Eu desejo minha mulher acreditando em mim e em tudo que sinto por ela. — seus olhos brilharam como diamantes amarelos, mas ela abaixou a cabeça. Sua língua rosada saiu molhando os lábios. Quase gemi. — mas vamos falar sobre isso mais tarde. Agora trataremos da campanha natalina que a empresa organiza todo ano. — ela relaxou visivelmente e me encarou de novo. Os cabelos presos num rabo de cavalo meio frouxo. Passou a meia hora seguinte falando, dando sugestões inteligentes para a

campanha, mas ouvi pouco do que disse. Cada vez que abria a boquinha linda, carnuda, só conseguia imaginá-la chupando, mamando bem gostoso no meu pau nessa madrugada no avião. Cristo! Tive que arrumar meu pau dentro das calças. Os olhos exóticos acompanharam o movimento e se alargaram sutilmente ao conferir a protuberância na minha virilha. Seus lábios se entreabriram. Foda! Custou-me muito não jogá-la em cima da mesa e fodê-la bem duro do jeito que nós dois gostamos.

Quando entramos na cobertura ela já ia direto para o corredor, mas puxei-a pela mão em direção à área externa. Ela não disse nada, no entanto não ofereceu resistência. Quando atravessamos as portas de vidro, estacou, seus olhos se iluminando lindamente. Havia uma mesa de jantar posta para dois. Um arranjo de flores vermelhas no centro e um champanhe num balde de gelo.

— Desculpe-me, princesa. — sussurrei em sua orelha, abraçando-a por trás. Seu corpo relaxou de encontro ao meu. — fui um idiota insensível. Amanda será transferida

para uma das filiais. — beijei seu pescoço. Ela gemeu. — estou perdoado?

— Desculpe-me também. — ela girou em meus braços, enlaçando meu pescoço. — se vamos fazer isso dar certo, precisamos confiar um no outro.

Sorrio puxando-a mais para mim.

— Sou novato nessas merdas românticas, princesa. — a puxei pela nuca, aproximando nossas bocas. — mas quero fazer tudo certo.

Ela bufou, mas sorriu também.

— *Merdas românticas?* Estou impressionada, alteza. — provocou-me.

— Que bom que consigo impressioná-la, amor. — sorrio também e a beijo. Seus dedos puxaram meus cabelos. Devoramo-nos com fome. Minha mão desceu para sua bundinha empinada e cavou no meio das bochechas. Grunhimos. Ela adora quando faço isso. Quando nos separamos e abrimos nossos olhos, sorrimos como dois bobos. A levei pela mão até a mesa, abri a garrafa de champanhe e servi duas taças, entregando uma à ela. —

espere aqui. — ela sorriu intrigada, mas ficou parada enquanto me dirigia à sala. Logo a voz de David Bisbal, seu cantor preferido soou por toda a cobertura. *Dígale* foi a música que encontrei que condizia com tudo que sentia por ela.

*No ha podido olvidar mi corazón
Não consegui esquecer meu coração
Aquellos ojos tristes soñadores que yo amé
Aqueles olhos tristes sonhadores que eu amei
La dejé por conquistar una ilusión
A deixei por conquistar uma ilusão
Y perdí su rastro, y ahora sé que es ella
E perdi seu rastro, e agora sei que é ela
Todo lo que yo buscaba
Tudo o que eu buscava*

Quando virei-me para sair da sala, ela estava lá, parada trazendo a garrafa de champanhe na mão, um sorriso atrevido nos lábios. Depositou-a sobre a mesa de centro, tomou todo o conteúdo de sua taça e a deixou sobre a mesa também. Veio para mim lentamente, parando bem perto. Suas mãos passearam pelo meu peitoral e se enfiaram por dentro do terno.

— Amo esse cantor. — sussurrou, puxando meu lábio inferior entre os dentes. — já dançou nu, alteza?

— Princesa, estou tentando ser romântico pela primeira vez na minha vida. — gemi quando uma de suas mãos desceu pelo meu abdome e segurou meu pau. — Jesus! Você entrou no modo cadela safada, não é? Porra! Assim fica difícil.

— Isso, sua cadelinha quer seu cachorro vadio. Agora. — e caiu de joelhos diante de mim. Suas mãos foram para meu cinto. Em segundos tirou meu pau duro como pedra para fora. — você é tão lindo, *amore mio*. — sussurrou e sua língua brincou na cabeça avantajada.

— Porra! Sim, minha cadelinha... Isso... Chupa seu cachorrão. — dei um tapa em seu rosto, ela gemeu. Enfiei as mãos em seus cabelos e meti tudo em sua boquinha quente. Relaxou a garganta me tomando ao máximo. — mama bem gostoso no meu pau! Cristo! Gostosa! Isso... Assim.. — ela sugou forte, a sucção fazendo barulho, seus lábios esticados ao limite, mas não tive dó. Fodi sua boca até estar a ponto de gozar e puxei para fora. Ela

ficou lá ajoelhada, linda, os lábios inchados de tanto tomar meu pau. Os olhos de âmbar ainda tinham uma inocência que me cativava, me excitava, me fascinava. Saber que ela só fez e só faria isso comigo, fazia o homem das cavernas dentro de mim bater no peito e gritar bem alto: minha! — levante-se e tire a roupa, cadela! Vou comer sua bocetinha apertada, mas vou gozar no seu cuzinho gostoso. — levantou-se se livrando das roupas rapidamente, enquanto me livrava das minhas. A puxei pelos cabelos da nuca e a beijei duro. Ela havia atizado a luxúria dentro de mim. Agora iria aguentar. Enfiei a outra mão entre suas pernas e cavei sua boceta melada. Porra! Ela estava molhada por ter me chupado. — você gosta disso, não é? Adora ser minha cadela safada. — rosnei. Gritou quando meti dois dedos em seu canal cremoso. Comi sua bocetinha sem muita delicadeza. É assim que ela gosta. É assim que nós gostamos. Desci minha boca chupando seu pescoço até os peitos lindos. — porra que cadelinha linda do caralho! — Abocanhei um chupando forte. Seu corpo estremeceu. Meus dedos a comendo brutaemente. Abriu mais as pernas. Rosnei e meti mais

fundo e ela se desmanchou.

— Ohhhhh! Dom... Amor! Ahhhhhhhhhh! — gozou forte melando meus dedos ainda mais. Retirei os dedos e os chupei, encarando-a. Ela fica louca com isso também.

— Mãos no sofá, cadela! — a empurrei. Seu corpo ainda estremeando do orgasmo. — se segure firme, pois não vou ter dó de você. Vou foder essa bocetinha e esse rabo bem duro. — miou, mas ficou na posição, empinando a bundinha para mim. A acariciei dos ombros até as nádegas. — cadelinha linda! Perfeita! — grunhi e dei duas palmadas fortes na sua nádega direita.

— Dom... — choramingou.

— Quieta cadela! — dei outros dois do outro lado. Gemeu. Me abaixei, ficando de cara com sua boceta linda e seu cuzinho rosado. Seu gozo escorria pelas coxas. Lambi de sua vulva até seu buraquinho pequeno. Gemeu de novo. Levantei e deslizei a cabeça do meu pau trilhando o mesmo caminho da minha língua. Voltei, fiz de novo. Estava louco de tesão. Me alinhei finalmente em sua vulva, a puxei pelos quadris e meti com tudo. Gritou.

Parei um instante, puxei deixando só a ponta e bati dentro de novo. — porra! Sua boceta é o paraíso do caralho, princesa! — rosnei e a montei forte, metendo rudemente. Sacudindo-a toda. A comi como um esfomeado. Puxei para fora e ela gemeu. Sorrio e enfio três dedos em sua vulva reunindo seus líquidos e os levei para o rabinho. Se retesou. — abra a porra desse cu, cadela! Relaxe...isso... — miou e foi empurrando como ensinei. Meti dois dedos. Entrou apertado. — Amo esse rabinho. — Meti fundo e os girei, alargando-a. Grunhi, impaciente e retirei os dedos. Segurei meu pau pela base e empurrei a cabeça. Seu corpo ficou rígido de novo. — abra esse rabo, Helena! Me deixe entrar, cadela! — rosnei e fui empurrando, segurei forte em seus quadris, mantendo-a no lugar e rasguei-a até o fundo. Gritamos. Parei, dando um tempo para se ajustar e passei a fodê-la com tudo que tinha. Levantei um pé firmando-o no sofá e estoquei com força. Entrou até o cabo, sacudindo-a para a frente.

— Oh! *Dio mio!* Dom... — balbuciou, mas estava imóvel, tomando minhas estocadas bruscas.

— Caralho de rabo mais gostoso! Minha cadelinha linda! Gostosa... — montei seu cuzinho, impiedoso. Levei uma mão para seus cabelos, puxando-a para trás, forçando-a a tomar tudo, cada polegada. Ela estava no seu limite. Toda empalada. Seu cuzinho todo esticado. Uma visão linda pra caralho! Um buraquinho tão estreito sendo bruscamente fodido. Continuei fodendo sem trégua. Já suado, enlouquecido. — se toque, princesa! Não quero sair dessa posição. Toma tudo, porra! Toma meu pau todo nesse cuzinho gostoso! — ela levou uma das mãos para seu clitóris. Gememos, grunhimos, rosnamos. Bombeei duramente. — Ohhhh! Helena! Princesa... Goze comigo, amor! Goze minha cadelinha gostosa! — meti mais fundo e seu corpo foi tomado por espasmos e ela gozou, miando meu nome. Foi o meu fim. Um choque delicioso tomou conta das minhas bolas. — oh, merda! Oh, porra! Ahhhhhhhhhhh! — gritei esporrando em seu buraquinho apertado. Continuei comendo-a até diminuir os efeitos do clímax devastador. — caralho, princesa! — minha voz foi um misto de gemido e sorriso. Beijeí sua coluna suavemente e puxei seu queixo me debruçando sobre ela.

Nos beijamos lenta e gostosamente. Saciados, suados. Sorrimos nos lábios do outro, arfando. Sai devagar de dentro dela. — vem, amor, vamos tomar um banho de piscina.

— Dom.. Assim? — ela perguntou incerta. A puxei pela cintura e tomei sua boca de novo.

— É assim.. Nus. Você toma banho de piscina vestida? — a provoquei.

— Engraçadinho. — bateu no meu ombro. — nós estamos completamente nus.

— Acredite, princesa. — a levantei nos braços. — é assim que se deve tomar banho de piscina. Tudo que você aprendeu antes de mim é conversa fiada.

— Você é tão convencido. — bufou, mas havia um sorriso em sua voz.

— Eu tentei ser romântico, amor. Você não deixou. — sorrio safado saindo para o terraço. — mas depois que foder minha cadelinha na piscina, vamos voltar para o jantar, e aí sim, vou mimar minha princesa.

— Parece um bom plano. — sussurrou, se agarrando mais a mim, quando comecei a descer os degraus para a água aquecida.

— Eu sempre tenho bons planos. — provoqueei-a.

— Geralmente seus planos terminam com você me fodendo numa sacada. — sorriu quando a fiz me abraçar com as pernas.

— Meus planos envolvem foder você em qualquer lugar, sempre. — sussurrei, tomando sua boca num beijo lânguido, saciado, mas ainda querendo mais. Cristo! Ela é a porra do meu vício. Nunca me senti tão vivo, tão louco para estar dentro de uma mulher. — eu te amo, princesa.

— Também te amo, *amore mio*. — murmurou em minha boca e nos devoramos de novo, realimentando esse fogo, essa necessidade incontrolável de estarmos um no outro o tempo todo.

CAPÍTULO QUATORZE

Dominic

Chegamos ao restaurante por volta do meio-dia. Fiz todo o percurso por entre as mesas de mãos dadas com Helena. Isso era novo para mim. Nunca havia andado de mãos dadas com uma mulher antes. Mas com ela sempre pareceu certo. Senti seu corpo enrijecer quando avistamos Amanda já acomodada numa mesa de canto. Ainda estava sozinha. O conde estava fazendo jogo duro. Talvez nem aparecesse, mas precisávamos insistir. Era um ótimo negócio e a Harper Technology ganharia território na Itália também. Amanda levantou-se quando paramos junto à mesa. Seus olhos azuis foram direto para nossas mãos entrelaçadas e seu semblante caiu um pouco, mas um segundo depois, já abria um sorriso conciliador e falso no rosto.

— Dom. — seu tom foi baixo, íntimo. — quase não nos vimos nas últimas semanas. — completou avançando para mim com a clara intenção de me abraçar, mas Helena

estendeu a mão livre no seu ombro e rosnou:

— Sem abraços, *cara mia*. — os olhos de Amanda se arregalaram surpresos. Então, sorriu de novo.

— Helena. — sua voz não escondeu seu desagrado. — que bom que se juntou à Dom e eu. — suas palavras tiveram uma conotação abertamente sexual.

— Não existe *Dom e você*. — Helena disse numa voz fria.

— Certo. Acho que houve um pequeno mal-entendido entre nós, querida, mas...

Helena bufou.

— Eu agradeceria se não me tratasse como a uma estúpida. — a cortou se empertigando toda. As duas mediram forças se encarando. A tensão clara no ar.

— Ouça, acho que começamos com o pé errado. — Amanda continuou, usando o tom de advogada que conheço bem.

Helena fez um som desdenhoso.

— Não, *cara mia*. Começamos com a *mão* errada. — disse num tom ainda mais gelado. — você estava

apalpando o pênis do meu marido. Então, me desculpe, mas não consigo olhar para sua cara de puta e não sentir asco. — Cristo! Ela disse mesmo isso? Tive que me segurar para não rir da cara estupefata de Amanda. Ela não esperava um ataque tão direto. Bem, nem eu. Ok. Era hora de interferir antes que chamássemos a atenção das outras mesas.

— Amanda, por que não nos sentamos e passamos os pontos importantes da reunião antes do conde chegar? — tentei chamar a atenção para o que interessava. Ela encarou Helena por alguns instantes e recuperou a compostura. Um sorriso misterioso se abriu em seus lábios. Acenou levemente com a cabeça. Nos acomodamos. Permaneci segurando a mão de Helena. Amanda abriu sua pasta e passou os quinze minutos seguintes expondo as condições do conde. O celular de Helena tocou. Seu rosto se iluminou quando viu a tela.

— É Leon. — sussurrou, com um pequeno sorriso. — vou atender no terraço. — avisou e beijou-me levemente nos lábios. Mas antes de sair deu um olhar gelado na direção

de Amanda. A olhei se afastar. Linda, ativa, numa saia azul e blusa branca. Os cabelos presos numa traça lateral. Seus quadris movimentando-se de forma sedutora, mas sutil, elegante. Perfeita. Jesus! Nunca me imaginei assim, tão fodidamente apaixonado, louco por uma única mulher.

— Então, vocês estão juntos, agora? — a voz um tanto ácida de Amanda me fez desviar os olhos de Helena.

— Nós estamos juntos desde quando nos casamos há quase três meses. — respondi prontamente. — vamos voltar para as condições do conde?

Seu rosto torceu em claro desconforto.

— Você vai mesmo insistir nisso? Ela não é mulher para você, Dom. — disse sedutoramente agora. — sabe que a *princesinha* nunca aceitaria ser compartilhada com outros.

Meu sangue ferveu pela forma escancaradamente desdenhosa com que se referiu à minha mulher.

— Você tem razão. Ela nunca aceitaria isso e eu também não. — arregalou os olhos, surpresa. — ela é minha mulher. Só minha. Jamais sequer pensaria em humilhá-la

dessa forma.

— Uau! Só falta você me dizer que está apaixonado. — zombou. — Dom Harper está perdendo o jeito...

— Eu a amo. — afirmei e seu rosto passou por uma verdadeira transformação.

— Você tem que estar brincando comigo. — bufou. — ela nem mesmo é seu tipo. É morena, muito magra...

— Ela é linda. Perfeita para mim. — cerrei os dentes, começando a ficar puto.

— Dom... Sinto tanta falta de você. — ronronou, mudando de tática. O som me irritou mais ainda.

— Não vou mais foder você, Amanda. — disse categórico. — ia esperar para dizer depois da reunião, mas sua postura nada profissional acabou apressando as coisas. — pausei e seus olhos estavam atentos, olhos da advogada inteligente que é. — você foi transferida para a filial de Boston. — sua boca se abriu, mas não emitiu nenhum som. Ficou lá me olhando como se não acreditasse. — é uma excelente profissional, mas não posso mantê-la aqui. Helena está na empresa agora e...

— Então a preciosa Helena pediu a minha cabeça e você não pensou duas vezes, a entregou numa bandeja? — cuspiu num tom baixo e estranho. — essa garota não deve nem mesmo saber como foder. Duvido que continuará tão encantado quando passar a novidade da boceta virgem!

Perdi totalmente a civilidade.

— Lave a boca para falar da minha mulher. — rosnei. — ela me completa. E sim, era virgem. É minha. Só minha. — dei-lhe um olhar letal: — a boceta virgem de Helena me satisfaz como nenhuma das vadias experientes que comi antes conseguii. — perdeu a voz mais uma vez. Seu rosto ficou muito vermelho. Ela pediu por isso. Se ainda tinha dúvidas, se havia tomado a decisão certa, elas se desintegraram no momento em que se referiu à Helena com tanta falta de respeito.

— Dom... Ainda podemos continuar... Prometo ser discreta. — tentou tocar minha mão, mas recuei rápido.

— Essa conversa está encerrada, Amanda. — meu tom foi incontestável. — vamos voltar para a pauta do conde.

— Certo. — suspirou audivelmente. — será como você

quiser. — Seus olhos adquiriram um brilho frio quando olhou sobre o meu ombro.

— Demorei muito, *amore mio*? — a voz suave de Helena invadiu meus ouvidos. Cristo! Amo esse sotaque dela. Amo quando me chama assim. Foda! Amo tudo nela! Sentou-se junto a mim de novo. — parece que Júlia pode entrar em trabalho de parto a qualquer momento. Finalmente vou ver o rostinho da minha afilhada. — ela estava radiante. Isso amenizou um pouco do ciúme irracional que ainda tenho quando Leon entra em cena. Vou ter que exorcizar isso, porque a relação deles é muito profunda. Meu irmão a salvou. Devo isso a ele.

— Que bom, princesa. — sussurrei entrelaçando nossas mãos sobre a mesa. Naquele momento um casal parou à nossa frente. Levantei os olhos e me deparei com um homem alto, cabelos quase pretos salpicados de cinza. Devia estar em torno dos cinquenta. Era o conde, o reconheci das fotos. Pendurada no braço dele estava uma mulher morena, alta, esguia, porte altivo, de traços um tanto familiares e os olhos... Os olhos eram iguais aos de

Helena. Exóticos, amarelos como o uísque. Franzi o cenho. Ouvi um gemido agudo, sufocado, desesperado e virei-me para Helena rapidamente. Seus rosto estava pálido como papel, seus lábios tremendo, seus olhos lindos nadando em lágrimas. Cristo!

Helena

Ainda sorria para Dom quando o casal parou diante da nossa mesa. Um homem bonito e elegante ao lado de uma mulher deslumbrante. Usava um vestido branco, destacando sua pele morena. Era alta e esguia, um porte de princesa. Os cabelos negros presos num coque. Dom me tirava um pouco da visão do rosto dela, mas desviei a cabeça para olhá-la mais atentamente e meu estômago se retorceu quando ela sorriu, virando a cabeça na minha direção. Seus olhos me atingiram como lasers, tirando todo o ar dos meus pulmões. Oh! *Dio mio!* Aqueles olhos, olhos que eram o reflexo dos meus me perfuraram sendo tomados pelo choque. Minhas mãos gelaram, meu coração passou a bater num ritmo que fez minha cabeça rodar. Era *ela!* Era *ela!* E eu tinha dez anos de novo. Era aquela

garotinha chorando, sentada na escada, enquanto ela berrava coisas horríveis para meu pai e saía pela porta sem olhar para trás, sem nunca olhar para trás, sem nunca olhar para mim.. Meus lábios se repuxaram em espasmos violentos e tudo foi ficando fora de foco. Tudo à minha volta parecia monstros prestes a me devorar. Um gemido do fundo da minha alma saiu dos meus lábios e eu chamei por ele que havia se tornado meu mundo:

— Dom.. — não foi mais que um sussurro, mas ele me ouviu, virando-se para mim, os olhos verdes sendo tomados pela surpresa e preocupação. Seus braços vieram à minha volta me amparando, porque teria caído da cadeira se não o tivesse feito.

— Helena? Amor? — ouvi sua voz distante, muito distante. Seus lábios se movimentando, sem fazer muito sentido para mim. Senti seu toque suave no meu rosto. — fale comigo, princesa. Agente firme, amor. — ainda consegui ouvir antes de mergulhar na escuridão, naquele mundo que voltava, ameaçando me engolir de novo.

Abri os olhos lentamente. Encarei um teto branco. Meus

olhos pesavam. Minha mente momentaneamente confusa. Levantei a cabeça para ver melhor o ambiente. Parecia um quarto de hospital. De hospital? Então pousei os olhos sobre uma cabeleira negra sobre o meu estômago. Dom? Ele gemeu, sua mão apertou a minha e só agora percebi que nossas mãos estavam unidas. E tudo veio como uma avalanche na minha mente. O almoço. A puta disfarçada de advogada. A chegada do casal. Oh! *Dio mio!* A chegada *dela!* Meu peito se comprimiu só em lembrar a expressão simpática, alegre, elegante, do sorriso despreocupado, no seu rosto bonito. Linda, parecendo uma princesa como me lembrava. Parecia feliz, feliz como se não tivesse destruído a mim e a meu pai. Não contive um grunhido de dor. Dom levantou a cabeça, seus olhos lindos e sonolentos pousaram em mim. Havia uma sombra de preocupação lá. Senti-me mal por fazê-lo passar por isso. Essa era a minha maldição, não dele.

— Oi, princesa. — sussurrou, sua voz rouca, sexy fazendo-me esquecer todos os monstros do meu subconsciente. A mão livre veio para meu rosto numa carícia terna que levou lágrimas aos meus olhos. Como

háviamos chegado até aqui? Como ele tomou conta de cada célula do meu corpo? Como se tornou tão essencial como o ar que respiro?

— Oi, amor. — murmurei de volta, minha voz embargada. Os olhos verdes brilharam intensos e ele se debruçou sobre mim, seus lábios tocando os meus num beijo muito, muito doce.

— Como se sente? — disse baixinho, acariciando meus cabelos, seus olhos correndo por todo o meu rosto. Ele tem essa forma de olhar intensa, como se visse tudo dentro de mim. E eu acho que vê mesmo. Sempre viu, desde o primeiro momento.

— Estou um pouco zonza. Eles me aplicaram remédios fortes? — quis saber, mas já sabia a resposta. Eu tive uma crise forte. Uma crise daquelas que não tinha em anos. Suspirei, cansada, envergonhada e apreensiva.

— Sim. — assentiu, seu tom ainda suave, como se quisesse me tranquilizar. — eu não vou embora, Helena. Não vou deixá-la se é isso que está pensando. — *si*, ele realmente via dentro de mim. — eu te amo, ouviu? —

disse com firmeza, quase duro. — te amo, princesa. Nada vai me afastar de você. — segurou-me pela nuca e me fez encará-lo, seus olhos inflamados, quase azuis. — vamos vencer isso, amor, eu juro. Vou estar com você a cada passo do caminho. — e as lágrimas desceram pela minha face, porque ele era muito mais do que sequer podia imaginar. Estava ficando comigo, do meu lado.

— Eu também te amo. — disse com voz entrecortada. — isso logo, logo chegará à imprensa e não teremos mais paz, Dom.

— Shhhh. — seus dedos tocaram meus lábios. — vamos dar um jeito, princesa. Vamos conseguir, amor. Nós dois, juntos.

— Foi uma crise muito feia? — quis saber num fio de voz. Seu semblante se fechou um pouco. Uma sombra se instalou em seus olhos outra vez e tive a minha resposta antes das palavras saírem da sua boca.

— Sim, foi. — admitiu e beijou minha mão. — você ficou desacordada por um tempo, depois acordou num surto ainda pior que o primeiro. Gritava coisas sem nexos. O

médico teve que aplicar uma dose mais forte de calmante.

— disse baixinho. — sinto muito, amor.

— Há quanto tempo estou aqui? — indaguei.

— Há oito horas mais ou menos.

— Eu quero ir para casa, Dom. — murmurei. — leve-me para casa, amor. — Seus olhos se suavizaram e ele sorriu. Meu coração cantou com a visão de seu sorriso.

— O médico avisou que precisava checá-la quando acordasse, que...

— Não quero dormir aqui. Me leve, amor. — pedi tentando manter meu tom controlado. Sua mão acariciou-me o rosto de novo e ele concordou.

— Shhh. Fique tranquila. — sussurrou me beijando levemente. — não vai dormir aqui. Vai dormir comigo, bem juntinho, na nossa cama.

— Eu te amo. — murmurei, meus olhos lacrimosos de novo.

— E eu a você, princesa. — garantiu me olhando nos olhos. Eu acreditei nele mais do que nunca.

Cerca de uma hora depois estávamos entrando na cobertura. Dom fez questão de me levar nos braços até o quarto. Nosso quarto. Me levou direto para o banheiro. Se despiu e me despiu em seguida. Seus olhos queimando em mim, mas se contendo por achar que ainda estava frágil. O devorei sem cerimônias. O riso lindo que eu amo se abriu e ele me beijou suavemente.

— Não me olhe assim, princesa. — sussurrou, uma luta clara em seus olhos. — quero mimá-la essa noite. Deixe-me fazer isso. Ok? — sorriu em sua boca e concordei. Ele nos banhou no jato forte do chuveiro. Ensaboou meu corpo, me inflamando. Mas a expressão em seu rosto era compenetrada. Sorriu de sua força de vontade. Eu já estava louca por ele. Gemi desavergonhadamente quando ensaboou e lavou minha vagina. Seus lábios se curvaram no conhecido riso sexy, safado. — você está tornando tudo muito duro para mim, amor. — parou quando percebeu o trocadilho e ambos gargalhamos.

Me enxugou com cuidado, depois a ele. Minha boca salivou me deliciando, meus olhos devorando o corpo nu,

absurdamente másculo na minha frente. Seu peito largo, o abdome definido, os pelos aparados ao redor de seu pênis longo, grosso, semiereto. Lindo! O epítome da perfeição. Seus olhos tinham um brilho sacana quando me flagrou o observando abertamente. Me levantou nos braços e me levou todo o caminho até a cama. Nos deitamos de frente para o outro, nus. Levou uma mão para meus cabelos numa carícia suave. Fechei meus olhos, ronronando como uma gatinha sob o carinho de seu dono. *Si*, ele era o meu dono.

— Ela era a minha mãe. — sussurrei. Sua mão parou e abri os olhos.

— Eu sei. — foi tudo que disse. Não me fez mais perguntas.

— Vou contar tudo a você assim que estiver pronta. — disse num fio de voz. Sua mão continuou a carícia.

— Sim, amor. Não precisa ser hoje. Estarei aqui quando estiver pronta. — prometeu, seus olhos me dizendo que podia confiar nele.

— Eu quero você. — murmurei, minha mão indo para seu rosto, me deliciando com a textura de sua barba por fazer.

— me faça esquecer, amor.

— Não precisamos fazer nada, linda. — disse baixinho.

— quero apenas segurar você em meus braços a noite toda.

— Está me dispensando? — minha voz foi atrevida, agora. — não quer a sua cadelinha? Hum? — minha mão foi descendo pelo peitoral, passando preguiçosamente pelo abdome até chegar a seu pênis que contrariando suas palavras já estava duro. Sorrio, dessa vez mais atrevida. Ele gemeu quando passei a masturbá-lo lentamente.

— Jesus! Princesa... — grunhiu. — quero você o tempo todo. — completou e veio para cima de mim, prendendo-me no colchão com seu corpo grande. Deslizei as mãos pelos músculos de seus ombros e costas. Amo senti-lo assim, em cima de mim, dominando-me, tomando-me. Nossos olhares travaram e sua boca desceu sobre a minha. Brincou daquele jeito gostoso que ele faz, aproximando, recuando, os olhos verdes brilhando safados. Então sorriu e seus lábios tomaram os meus num beijo delicioso, lento, reverente. Minha língua dançou com a sua devagar,

lambendo, chupando. Suas mãos se infiltraram nos cabelos da minha nuca e sua boca passou a saquear a minha. O clima havia mudado para brutalmente lascivo, primitivo. Seu peito duro contra meus seios. Seu pênis deslizando na minha vagina para cima e para baixo numa fricção eletrizante, encharcando meu canal. Desceu uma mão pela lateral do meu corpo, devagar, a unha do polegar arranhando minha coxa. Levantou minha perna bruscamente, e moeu mais forte, bem no meu clitóris. Gritei. Sorriu na minha boca, mordiscando meus lábios, minha língua. Nossos olhos se abriram e ficamos assim, nos olhando, nos beijando, gemendo, grunhindo. Sua boca foi descendo, mordiscando meu queixo, sua mão puxando meus cabelos expondo meu pescoço. Mergulhou para baixo, lambendo, chupando. Mordeu forte no meu ombro.

— Ohh! Dom... — gritei fora de mim. Continuou a exploração chegando aos meus seios. Arqueei as costas num convite despudorado. A risada baixa, sexy, pecaminosa me inflamou mais. Seus olhos prenderam os meus e sua boca desceu sobre o seio direito, abocanhando-o, faminto. — Ahh! *Dio!* — miei, minha

vagina palpitando enlouquecida. Chupou, lambeu, mordeu sem pressa. Mudou para o outro e repetiu o processo doce de tortura. — Dom... *Amore mio*. — choraminguei.

— O que é minha cadelinha linda? — sua voz era um misto de divertida e tensa. Ele estava por um fio também. — será que você quer meu pau nessa bocetinha gostosa? Hum? — moeu bem devagar. Levantei a outra perna e puxei sua bunda com os calcanhares. Sorriu e puxou meus braços acima da cabeça. Seus olhos dilatados, flamejando em mim. — é isso que você quer, cadela safada? — rosnou bem perto da minha boca e senti a ponta larga de seu pênis em minha entrada. — toma, porra! Toma meu pau, cadela gostosa! — meteu em mim numa estocada brutal, me esticando até meu útero.

— Ahhhh! Dom... *Madonna mia!* — gritei num misto de dor e prazer. Puxou e meteu de volta, nossas pélvis se colando. Entrou até o cabo. Seus olhos mantendo-me cativa enquanto seu pênis enorme me rasgava sem dó. — tão gostoso...

— Sim! Porra! Muito gostoso... — grunhiu me golpeando

forte, profundo. Me comeu por muito tempo assim. Seu pênis entrando rudemente. Minha vulva sendo castigada no seu limite. Ele era muito grande, mas amo essa sensação de poder tomá-lo todo dentro de mim. — amo essa bocetinha apertada do caralho! Cristo! É tão estreita, mas me toma todo, cada polegada... Ohhhh! Cadela deliciosa! Toma tudo minha cadelinha! Toma, porra! Toma meu pau! — gritou me fodendo enlouquecido. Meu corpo sacudindo todo com suas estocadas brutas. Suas mãos soltaram meus pulsos e me puxaram pelos ombros. Gritei porque agora seu pênis me rasgou fundo. *Dio!* Tão fundo. Arqueei as costas, meu corpo completamente dominado, invadido por ele. Suas mãos me puxavam, enquanto seu pênis me encontrava num ritmo violento.

— Ohhhh! Dom... — gemi quando tirou tudo e bateu de volta brutaemente. Girou o quadril, tocando todos os terminais nervosos do meu canal e me desmanchei. Meu ventre foi invadido por um calor gostoso e se espalhou para minha vagina. Explodi gritando seu nome de novo. Gozei e gozei. Uma sensação vertiginosa que parecia não ter fim.

— Isso, princesa! Isso, cadelinha gostosa! Goze no meu pau, porra! — rosnou me comendo enfurecido. — ahhhh! Princesa! Tão gostosa, amor! Porra de bocetinha deliciosa! — estocou fundo e gritou jogando a cabeça para trás. — oh! Merda! Ahhhhhhhhhhh! — rugiu e gozou. Jatos e jatos quentes de esperma me alagando. Ainda continuou me puxando contra seu pênis, meu canal sendo rasgado, já ardente, mas não me importava. Me sinto tão mulher quando estou assim, embaixo dele. Cheia dele, completamente cheia. Nos beijamos, nossas respirações enlouquecidas. Seu cheiro gostoso e do sexo enchendo minhas narinas. — Cristo! Princesa, você tá ficando tão safadinha. — sorriu na minha boca, puxando meu lábio inferior entre os dentes. Sorrio e o aperto mais com as pernas, mantendo-o todo dentro de mim. Ele ainda estava duro. Ainda não descobri como consegue, mas adoro que seja assim, insaciável. Nos virou me puxando por cima dele sem desfazer a conexão.

— Tive um bom professor. — sussurrei e arqueei as costas, movimentando-me devagar em seu membro enorme. Ele sorriu daquele jeito pecaminoso dele. Suas

mãos foram para minhas nádegas e me puxaram bruscamente, me empalando ao máximo.

— Só *bom*? — seus olhos me diziam que eu estava encrencada por provocá-lo assim.

— Excelente, *amore mio*. — murmurei, debruçando-me sobre seu peito, minhas mãos tocando cada lado do seu rosto perfeito. — gostoso. — lambi seus lábios.

— Quão gostoso? — seus dedos correram para a fenda da minha bunda. Um dedo parou, brincando no meu ânus. Seus olhos inflamaram mais e enfiou bem devagar. Gememos.

— Muito, muito gostoso. — miei rebolando nele. Ergueu o tronco, ficando cara a cara comigo. Seu outro braço foi para minha cintura, me levantando e abaixando devagar, me comendo sem pressa.

— Eu te amo, princesa. — murmurou na minha boca. Nossos olhares se devorando.

— Também te amo, amor. — sussurrei de volta, meus braços o enlaçando pelo pescoço, puxando seus cabelos macios. Esse homem lindo, meu, completamente meu. Nos

beijamos e continuamos dançando, reacendendo toda a loucura, toda a nossa necessidade, toda a nossa paixão.

— Meu cachorro vadio. — provoquei mordendo seus lábios.

— Minha cadelinha gostosa, linda, perfeita. — disse-me de volta.

CAPÍTULO QUINZE

Helena

Dom estacionou o carro na sua vaga. Tirou seu cinto e veio me ajudar com o meu, sua mão deslizando “acidentalmente” pelos meus seios. Encarei os olhos verdes a poucos centímetros do meu rosto. O riso irreverente se abriu e as covinhas lindas piscaram para mim. Prendi a respiração.

— Algum problema, amor? — sussurrou destravando o cinto, sua mão boba fazendo todo o percurso de volta, dessa vez amassando descaradamente meus seios. — Cristo! Já disse que amo seus peitos e o fato de você quase nunca usar sutiã? — gemeu no meu ouvido e puxou meu mamilo esquerdo. Minha calcinha alagou.

— Amor, estamos em um estacionamento. — era para ser um protesto, mas saiu apenas um ronronar. Sua risada baixa me teve palpitando por ele completamente. — quer sair do modo cachorro vadio? Precisamos descer e ir trabalhar. Você nunca se cansa? — suas mãos vieram para

os lados do meu rosto me fazendo encará-lo. Seus olhos flamejantes.

— De você não me canso nunca, princesa. — murmurou e tomou minha boca num beijo lento, safado, que teria molhado minha calcinha se ela já não estivesse completamente encharcada. — acho que vou inventar algo urgente para discutir com minha relações públicas, lá pelas dez. — sorriu em minha boca. — o que me diz, hum?

— Sua relações públicas estará fora quase toda a manhã. — informei e ele afastou um pouco. — campanha natalina, lembra? Vou pessoalmente em algumas instituições de caridade para checar a veracidade das informações. — fez um beicinho lindo, mas me deu um beijo suave.

— Amo quando entra no modo mulher de negócios. Me excita pra caralho! — chupou meu lábio inferior. — Você pode ir no meu carro. — meu corpo retesou e ele sentiu meu desconforto na hora. Era realmente muito bom em me ler.

— Não vou usar seu carro, Dom. — meu tom foi um tanto

seco.

— Ei, você pode usá-lo, princesa, pode...

— Não, Dom. Eu não quero, ok? — meu tom foi aflito. Seus olhos prenderam os meus como lasers por alguns instantes, mas acabaram suavizando depois.

— Vou comprar um para você, então. — sussurrou, beijando, mordiscando meu maxilar. — escolha um modelo. Qualquer um e será seu.

— Eu não quero um carro, Dom. — disse, tentando me desvencilhar dele para a abrir a porta e escapar logo dali. Ele puxou minhas mãos firmemente, mas sem machucar, apenas para me fazer parar. Minha respiração ficou alterada. Seus olhos travaram nos meus de novo e vi o momento em que compreendeu tudo.

— Você não consegue dirigir? — murmurou.

— Não. — assenti num fio de voz.

— Você não tem uma habilitação? — insistiu, seus olhos não me deixando fugir. Fechei os olhos morrendo de vergonha. A Síndrome me impediu de fazer coisas

relativamente simples como dirigir um carro, por exemplo.

— Não. — sussurrei, então seus braços me puxaram para ele, daquele jeito protetor que fez desde que presenciou meu primeiro surto. Apoiei minha cabeça em seu peito, seu perfume gostoso, familiar encheu meus sentidos e fui me acalmando aos poucos. Eu o amo tanto.

— Nós vamos resolver isso, amor. — disse beijando meus cabelos. Seu tom suave, amoroso, confiante. — você vai poder fazer tudo que quiser, princesa, absolutamente tudo. Eu prometo. — Agarrei-me mais a ele e ficamos lá em silêncio. Quero tanto acreditar nele. Depois de alguns minutos quando viu que já estava bem, ele deu a volta no carro e abriu a minha porta. Assim que desci, seu corpo me aprisionou contra o carro. Suas mãos levantando meu rosto para o dele. — vou ensinar a você, amor. Vai ficar tão craque no volante que em pouco tempo será convidada para uma ponta em *Velozes e Furiosos*[\[96\]](#). — não consegui segurar o riso. Ele queria me animar. Meu lindo e protetor marido queria me ver bem de novo. Eu não

sabia que podia amar alguém tão profundamente em apenas três meses. Mas acho que esse sentimento já estava aqui dentro de mim, apenas esperando o momento certo para sair.

— Eu te amo, sabia? — meus braços foram para seu pescoço e puxei sua boca para a minha. Ele abriu um sorriso travesso.

— É claro que você ama. Olha só para mim, princesa...— sussurrou, lambendo meus lábios.

Gargalhei dessa vez.

— Cale a boca e me beije, amor. — murmurei e o beijei. Suas mãos foram para minha cintura apertando, deslizando perigosamente perto da minha bunda. Prensou-me mais contra o carro e senti seu pênis despertando em meu ventre. Gemeu baixinho e moeu bem devagar, sutilmente em mim. — *Dio!* Você joga pesado. — miei em sua boca. Abrimos nossos olhos e ficamos nos devorando, mordiscando os lábios um do outro. — vamos trabalhar.

— Jesus! Temos mesmo que ir? — moeu de novo, dessa vez mais para baixo, bem na minha pélvis. Sorrio, já

ofegante com seu assédio.

— *Si*, temos. Vamos, saia de cima de mim, amor. — deu-me mais um beijo e afastou-se grunhindo. Tomou minha mão e entrelaçou na sua e avançamos rumo aos elevadores. Ainda bem que sempre chegávamos mais cedo que os outros funcionários. O local ainda estava deserto. Nos despedimos na porta de sua sala com um singelo beijo e segui pelo corredor para o meu departamento. Coloquei mais influência nos quadris porque ainda sentia seus olhos sobre mim. Ouvi em gemido e olhei por cima do ombro.

— Você é má, princesa. — ajeitou a protuberância em suas calças, mas estava sorrindo lindamente para mim.

— Bom dia, Sr. Di Castellani. — sussurrei sem diminuir o passo. — talvez eu vá a sua sala assim que chegar, lá pelas onze. — e dobrei em direção à minha sala. Qual foi a minha surpresa ao entrar e dar de cara com a Amanda-puta-Parker sentada na antessala. Seus olhos azuis frios me catalogaram logo que entrei. Levantou-se lentamente da cadeira, ajeitando seu terninho cinza que seria elegante

se a camisa de dentro não tivesse vários botões abertos. Ela seria muito bonita se não fosse escancaradamente uma puta. — o que faz aqui? — inquiri parando à sua frente. Mesmo de salto ela era alguns centímetros mais baixa. Gostei disso, de olhá-la de cima. Sua boca torceu num riso jocoso.

— Eu ainda trabalho aqui, apesar de você pedir minha cabeça para Dom. — odeio o jeito que pronuncia *Dom*. É como se ele pertencesse a ela. — tenho três semanas para organizar minha transferência, ver uma casa, essas coisas. — fez uma pausa, seus olhos ainda soltando lascas de gelo em minha direção. — mas não é sobre isso que vim falar com você. Podemos ir até sua sala um instante? — pensei por alguns momentos. O que poderia querer comigo? Mas assenti levemente com a cabeça, abri a porta e lhe dei passagem. Ela entrou observando tudo atentamente. Andou até o aparador onde havia várias fotos. Leon e Júlia, meu tio Max, Damien, Jay e claro, uma minha com Dom no nosso casamento em Las Vegas. Amanda pegou essa e seus olhos se inflamaram, deslizado os dedos pelo vidro, obviamente sobre a imagem de Dom.

Quando levantou o olhar para mim de novo, havia lágrimas transbordando e sua expressão me deu calafrios. — já estive no seu lugar.

— Acho que não, *cara mia*. — mantive meu tom neutro. — sou a mulher dele. — minhas últimas palavras a fez trincar os dentes. Suas mãos apertaram o porta retratos como se quisesse destruí-lo.

— Sugiro que aproveite ao máximo seu tempo com ele, mas não entregue seu coração, porque ele vai pisoteá-lo. É isso que Dom faz. Sempre fez. — pausou e colocou a foto de volta no lugar. — mas pela sua cara de adolescente deslumbrada você já está apaixonada não é? — deu um risinho odioso. — é impossível não se apaixonar por ele, não é? Tão lindo, tão sexy tão... Gostoso. — meu sangue ferveu com suas palavras.

— Escute aqui, sua vadia...

— Escute você, sua cretina! — cortou-me, seu tom subindo pela primeira vez. — acha mesmo que vai prendê-lo? Olhe só para você... É uma sonsa, magra, sem graça. — seus olhos tinham uma expressão vidrada agora.

— olhe para mim! Veja do que ele gosta, querida! — abriu os braços e girou na minha frente. *Dio!* Ela era uma puta louca! — sabia que protagonizei a cena da sacada antes de você? — meu coração afundou um pouco ao ouvir isso. Ela sorriu, percebendo minha reação. — é isso mesmo, querida. Dom e eu temos história. Muitas histórias. Sou a única que ele manteve. Sempre vai atrás de suas aventuras, mas sempre, sempre volta para mim.

— Saia. — fui até a porta e a abri, meu corpo tremendo. — não estou interessada em sua história ou em quantas vadias Dom fodeu. Isso foi antes de mim. — Ajeitou a bolsa sobre o ombro e andou devagar, parando à minha frente. Ali percebi que essa puta me daria trabalho.

— Estou saindo. — pausou e me olhou de cima a baixo com claro desdém. — você não ficará com ele. Por enquanto é tudo que precisa saber. — seu tom foi baixo, mas o brilho frio em seus olhos me deixou realmente assustada.

— Caia. Fora. — disse me segurando para não lhe dar um soco bem ao estilo de Júlia. Sorriu debochada e saiu

finalmente. Fechei a porta e me apoiei nela. Meu coração batendo descompassado. Não vou deixar essa vadia louca estragar a relação que Dom e eu estamos construindo. Ele a fodeu numa sacada? Dane-se! Era isso que fazia antes de mim. Mas mesmo assim doeu saber que tinha feito exatamente da mesma forma comigo.

Dominic

Foi uma manhã interminável e Helena não veio à minha sala como prometeu. Saí à sua procura na hora do almoço. Diogo estava saindo da sua sala quando adentrei o pequeno espaço da antessala. Ela surgiu logo atrás. Nossos olhares se encontraram e vi algo diferente lá que não havia quando nos despedimos essa manhã. Franzi o cenho.

— Dom. — Diogo murmurou acenando sutilmente com a cabeça. Cerrei a mandíbula.

— Diogo. — o cumprimentei no mesmo tom contido. Helena veio até mim, enlaçando meu braço. Isso acalmou um pouco a sensação ruim que tive ao vê-la. Mas ela ainda estava diferente. Havia acontecido algo.

— Então, no final da tarde volto para continuarmos o trabalho. — Diogo avisou já se dirigindo para o corredor. — bom almoço. — Ele saiu e ficamos os dois em silêncio.

— Vamos? — tentou ir em direção ao corredor, mas a puxei pelo pulso.

— O que houve, princesa? — murmurei, levantando seu queixo, fazendo-a me encarar.

— Nada, amor. Vamos almoçar. — disse, mas os olhos estavam sem o brilho que me acostumei a ver.

— Não vamos sair enquanto não me contar o que houve. — abri a porta da sua sala e a guiei para dentro de novo. Ela andou e depositou sua bolsa sobre a mesa. Seu corpo tenso.

— Amanda me fez uma visitinha logo que nos despedimos pela manhã. — revelou virando-se para mim de novo.

— O que ela disse que a deixou assim? — quis saber me aproximando devagar. Meus braços a puxaram pela cintura. Ela não resistiu. Era um bom sinal, pelo menos.

— Disse muitas coisas. — suspirou. — que não sou seu tipo, que não ficará comigo por muito tempo, que sempre volta para ela...

— Essa vadia maluca! — levei uma mão para sua nuca e levantei seu rosto para mim. — não vê que só está querendo arruinar o que temos, princesa? Ela nunca me teve. Nenhuma mulher me teve, amor. Nunca. — murmurei em sua boca, mantendo seu olhar preso. — você me tem, Helena. Só você. Nenhuma delas teve importância. Nunca quis tanto uma mulher em toda a minha vida como quero você. Está ouvindo? Não vai mais dar ouvidos aos devaneios de Amanda. — mordi seu lábio inferior. Minha mão desceu para sua bunda, deslizando entre as bochechas. Gememos. — quero você. Só você. — completei e tomei sua boca. Abriu os lábios tão sedenta quanto eu. Nossas línguas se encontraram e se lamberam, dançando gostosamente. Seus braços rodearam meu pescoço, me puxando, beijando-me com desespero. — então, foi por isso que não foi à minha sala como havia prometido? — disse descolando minha boca da dela, minhas mãos foram para os botões de sua blusa, abrindo-

os lentamente, meus olhos desafiando-a a me parar.

— Não prometi nada. — deu um pequeno sorriso atrevido. Os olhos exóticos brilhando excitados, lindos! — eu disse talvez. — livre-i da blusa. Os peitinhos perfeitos saltaram livres, os mamilos turgidos olhando diretamente para mim, orgulhosos. Enchi as mãos neles. Arqueou as costas, gemendo baixinho. Sorrio e abaixo meus lábios neles. Os juntei e lambi devagar, muito devagar as auréolas e os mamilos. Infiltrei a outra mão por entre suas pernas, levantando a saia grosseiramente. Toquei sua calcinha já molhada. Abri um sorriso lento e afastei o tecido para o lado. Arfou em minha boca quando circulei seu clitóris com o polegar. Deslizei dois dedos entre os lábios melados para cima e para baixo bem devagar. Abriu mais as pernas meti com tudo em seu canal quente.

— Ahhhh! Dom... — gritou, sua bocetinha palpitando em meus dedos. Tirei e meti duramente de novo e de novo. — *Dio!*

— Você é minha cadela gostosa, entendeu? — a comi,

massageando seu clitóris e ela se desfez gozando em meus dedos. — vire-se para a mesa, princesa. Vou enterrar meu pau bem fundo em sua boceta. — ela miou e se virou colocando as mãos na mesa. Seu corpo ainda tremendo do gozo. Afrouxei a gravata e me liberei rapidamente do terno e camisa. Afastei os papéis de cima da mesa bruscamente e a fiz debruçar sobre o tampo. — você me deixou esperando porque deu ouvidos à uma vadia. Vou castigá-la por isso, cadela safada! — rosnei subindo sua saia, deixando sua bundinha linda toda de fora. Dei duas palmadas fortes uma em cada bochecha. Gemeu. Me abaixei ficando no nível do traseiro empinado e lambi onde tinha batido. Meus dedos ficaram marcados em sua pele. Peguei nas laterais da calcinha pequena e a rasguei rudemente. Deu um gritinho de surpresa.

— Dom... Eu não...

— Quieta cadela! — dei outro tapa. Choramingou, mas ficou calada. — vai ficar o resto do dia sem calcinha para aprender a não duvidar de mim, de nós outra vez! — grunhi, abrindo minhas calças, puxando meu pau para fora.

Me masturbei lentamente, enfiando dois dedos em sua vulva e levando seus líquidos para o cuzinho. Estremeceu quando forcei um dedo em seu orifício. — relaxe minha cadelinha... Abra esse rabo gostoso! Vou gozar nele. — relaxou e me deixou entrar. Logo eram dois dedos fodendo-a, alargando-a. Me posicionei em sua vulva e estoquei com força, esticando-a, indo até o fundo. Gritou. Tirei aliviando até ficar só a ponta e bati, rasgando todo o caminho de volta. Continuei fodendo-a nos dois buraquinhos apertados no mesmo ritmo. Meu pau entrando brutalmente em sua boceta, enquanto meus dedos violentavam sua bundinha.

— Ohhh! *Dio mio!* — chiou quando dei uma estocada funda, meu pau se alojando em seu útero. — Devagar...

— Você não vai mais duvidar de mim, Helena! Tá me ouvindo, minha cadela? — meti mais forte e saí de sua boceta, me alinhando em seu rabo. — responda, porra!

— *Si*, Dom... — concordou, quando sentiu meu pau afundando em seu buraquinho, devagar a princípio. — não vou mais duvidar.

— Bom, muito bom. Relaxe, minha cadelinha gostosa. — sussurrei, levando minhas mãos pela coluna graciosa, pelas costas, numa carícia suave. Ronronou e relaxou. Enfiei as mãos pela sua frente e puxei seus ombros para trás e meti com tudo. Gritou de novo. Entrou muito apertado. Revirei os olhos, minhas bolas tocando sua boceta melada. Quase gozei e me obriguei a ficar parado um instante. — shhhh, rebole, princesa... Rebole esse cuzinho gostoso no meu pau... Vem, minha cadelinha...— ela gemeu e veio rebolando devagar. Rosnei fora de mim, tirando tudo, hipnotizado pela visão de seu buraquinho pequeno. Bati de volta bem forte. Ela estava linda! O rosto rubro, colado na mesa, seus lábios entreabertos gemendo, seus quadris rebolando, me encontrando a cada investida dura, seu rabo tomando tudo que tenho para dar. — Como posso querer outra, princesa? Hum? Você é a perfeição do caralho! Porra! Muito gostosa! — rosnei comendo-a sem trégua. Levei uma mão para seu clitóris e o belisquei, gemeu alto. — se toque, Helena! Quero comer minha cadela nessa posição, do jeito que os cães fazem. — rugi e me debrucei em suas costas, puxando-a mais

forte pelos ombros, rasgando-a no meu pau. Apoiei o joelho direito na borda mesa e passei a fodê-la num ritmo brutal. Ela gemeu, seu corpo todo entrando em colapso no segundo orgasmo. Choramingou o meu nome, o corpo ficando todo mole. — porra! Princesa! Helena! Isso, goze amor! Goze minha cadelinha linda! Oh, porra! Ohhhhhhhhhhh! — gritei e mordi sua nuca com força. Minhas bolas se eletrizaram, meu pau inchou. Meti mais fundo e gozei enterrado em sua bunda. Esporrei jatos intermináveis dentro de sua quentura apertada. Continuei montado nela, meu corpo sendo drenado até a última gota de sêmen. Ela estava mole, arquejando sob meu peso. — Jesus! Nunca senti nada disso com outra, princesa. Nunca. — murmurei e deposei beijos suaves por seus ombros, puxei seu queixo e a beijei, reverente. Ela é sem sombra de dúvidas a melhor coisa que me aconteceu. — eu te amo, amor. Isso nenhuma outra terá. Só você tem o meu amor. — completei.

— Também te amo. — sua voz foi só um fio, abafada, gasta. Sorrio baixinho e a livro do meu peso. Saio de dentro dela devagar. Gememos no processo.

— Vem, vamos nos recompor para irmos almoçar. — a levantei nos braços e nos levei para o banheiro.

— Você tem um jeito estranho de discutir a relação, amor. — ela murmurou em meu pescoço. Havia um sorriso em sua voz.

— Estranho, mas eficaz, princesa. — sussurrei de volta, beijando-a assim que a coloquei no chão. Arranquei minha boca da sua e nos olhamos nos olhos. — vou apressar a transferência da vadia. Me fale se ela voltar a perturbar você, amor. Ela nunca foi nada além de uma foda para mim, Helena. — se retesou com minhas palavras. — ei, era isso que fazia antes de você. Tenho um passado, princesa. Isso não pode ser apagado, mas vai me prometer não deixar isso ficar entre nós. Prometa-me, amor.

— *Si*, prometo. — sussurrou, seu tom mais firme.

Depois do almoço tive uma visita inesperada. Qual foi a minha surpresa quando minha secretária avisou que a condessa Luíza Romano estava solicitando uma hora comigo. O que essa mulher quer? Já disse tudo que tinha

para dizer naquele fatídico almoço. Não há mais a menor possibilidade de um negócio entre nós. Não quando o monstro que quase destruiu Helena estava do outro lado da negociação. Quero essa mulher bem longe. Ainda assim, atendi seu pedido. Estava curioso para saber o que diria. O que queria. Alguns minutos depois ela entrou. Altiva, elegante, linda. Era muito parecida com Helena, mas era só uma casca. Seus olhos eram gelados, livres de qualquer sentimento, tão parecidos, mas ao mesmo tempo tão diferentes.

— Obrigada, por me receber. — disse num tom educado.

— Confesso que estou curioso. Sente-se, por favor. — disse no mesmo tom polido.

— Vou direto ao assunto, não gosto de rodeios. Quero ver minha filha.

A encarei. Essa mulher é muito dissimulada. Vadia!

— Vou ser bem direto, pois também detesto rodeios. Só pode estar louca se acha que vai chegar perto de Helena.

— seu semblante caiu um pouco. A pose altiva escorregando. — e poupe-me desse papo de *minha filha*.

Estou a par de toda a história. Helena foi abandonada. Brutalmente abandonada pela mãe vadia.

— Uau! Que defesa bonita. — disse cínica. — você não sabe de nada garoto playboy. Ela é minha filha e não pode me impedir de vê-la.

— Você é um monstro. — senti a bÍlis vindo à minha garganta. — mulheres como você nunca deveriam ter filhos. Não vai se aproximar da minha mulher em hipótese alguma, está me entendendo? — seus olhos demonstraram surpresa com minha defesa acalorada. Mas seus lábios torceram num sorriso cínico. Cerrei os dentes. — você quase a destruiu uma vez. Não vou deixar que faça mal a ela de novo.

— Oh, não me faça rir. Você, de todos é o que mais fará mal a ela. — disse desdenhosa. — como acha que ela estará daqui a alguns meses quando tiver se cansado dela e partido para a próxima aventura?

— Eu a amo. — minha voz foi convicta, firme. — nunca vou deixá-la. Nunca. — levantei-me e apertei o botão do interfone. — chame a segurança, Suzi. Isso. Preciso que

eles escoltem a condessa Romano para fora do meu prédio.

— Isso não acaba aqui, está me ouvindo? — levantou-se muito esticada, numa pose de nobre. — vou chegar até Helena. Ela precisa ouvir o meu lado...

— Teve quinze anos para fazer isso. Por que só agora? — abri um riso de escárnio. — deixe-me adivinhar. Você está falida. Helena receberá uma fortuna considerável...

— Claro que não é por isso. — negou muito rapidamente. — quero apenas...

— Não me interessa o que você quer. Não chegará perto da minha mulher. Acredite nisso. — afirmei e nesse momento dois seguranças entraram na sala. — acompanhem essa senhora para fora do edificio e avisem na recepção que sua entrada está terminantemente proibida, entenderam? — eles assentiram. Ela empertigou-se toda, me deu um olhar de morte e saiu. Cristo! O que foi isso? Ela só pode estar louca se acha que vai se aproximar de Helena novamente. Esse monstro já causou danos demais. A imagem frágil de Helena

naquele hospital veio na minha mente. Não. Eu a protegeria dessa vez.

Já no final da tarde, Leon me ligou informando todo eufórico, que Júlia havia entrado em trabalho de parto. Mandeí preparar o jato, porque Helena iria querer ver sua afilhada em primeira mão. Ela não falava em outra coisa desde a ligação de Leon no dia anterior. Jay era o padrinho, também já havia sido avisado e nos encontraríamos todos em Ardócia para receber a princesinha de Leon.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Dominic

— Ela não é linda? — Leon repetiu pela milésima vez. Assim que chegamos para a visita. Estávamos todos no apartamento onde Júlia foi acomodada após a cesariana no dia anterior. Parece que teve algumas complicações e Leon exigiu que fizessem logo a cirurgia para livrá-la das dores. Não quero nem imaginar o que os médicos passaram tendo que enfrentar meu irmão. Ele era muito apaixonado pela esposa. É claro que estive o tempo todo junto dela, berrando ordens para não deixá-la sofrer. Havíamos chegado de madrugada e viemos direto para o hospital. Pouco depois, Leon veio até a sala de espera com a pequena Antonella nos braços. Os olhos escuros lacrimosos. Seu semblante orgulhoso. Júlia escolheu o nome em homenagem à mãe de Leon. Ela era mesmo linda. Bom, dizem que todos os recém-nascidos são iguais, mas não essa. Sua pele era mais clara e os olhos eram como os de Júlia. Mais um motivo para meu irmão babar em cima

dela. Júlia amamentava a pequena. Leon sentado na poltrona ao lado delas. Os olhos muito brilhantes. Pela primeira vez não critiquei sua postura protetora, amorosa com esposa e filhos. Começo a entender perfeitamente o que ele sente. Quando vi Helena segurando a pequena nos braços, seus olhos lindos se iluminando, se enchendo de lágrimas, a última barreira se rompeu dentro de mim. Quero isso com ela. Quero tudo com ela.

— Ela é mesmo linda, irmão. — a voz profunda de Jay encheu o quarto. — graças a Deus que se parece com Júlia. Você é feio pra caramba, Leon. — provocou.

Leon bufou e desviou os olhos para Jay. Eles adoram se provocar. São tão parecidos.

— Cale a boca, seu idiota. — disse num tom baixo para não incomodar a esposa e filha. — sou muito mais bonito que você. Diga a ele, bebê. — seus olhos foram para Júlia que abriu aquele riso doce para ele.

— Claro que é, amor. Muito mais. — sussurrou. Leon tomou-lhe uma das mãos e a beijou. Seus olhares presos. Gritando toda a felicidade que sentiam.

— Você é um maricas, irmão. Teve que recorrer à Júlia.

— Jay riu baixinho.

— Haverá muito tempo para quebrar sua cara, seu bastardo cínico. Mas agora só quero ficar perto de *mia regina e mia principessa*. — revidou, mas havia um riso na sua voz.

— Ok. Irmão, vou lhe conceder isso. — a voz de Jay teve um quê de melancolia. Desviei os olhos para ele. Tinha as mãos enfiadas nos bolsos das calças. Sua postura era sempre a mesma, imponente, desafiante, arrogante. Ele nunca falava a respeito, mas todos nós tínhamos a impressão de que uma mulher seria a causa, pelo menos em parte do cinismo dele em relação a relacionamentos.

— Ela é linda, irmão. — minha voz saiu muito embargada. Ouvi a risada baixa de Jay. Ele estava me enchendo sobre meu novo status, desde o momento em que nos vimos. Idiota! — Você e Júlia estão de parabéns.

— Minha afilhada vai ficar assustada com tanta testosterona. — Helena murmurou, os olhos presos na imagem de Júlia amamentando a filha. Apertei sua mão e

nossos olhos se encontraram. Ela sorriu, linda, feliz. Eu a amo tanto. Logo a porta se abriu e tio Max entrou. Ele estava completamente recuperado dos problemas de saúde que o afastaram do trono há dez meses. Hoje pela manhã me disse que queria conversar comigo. Suspeito que seja sobre Helena. Leon também me deu alguns olhares estranhos. Seu cenho franziu quando nos encontrou na sala de espera de mãos entrelaçadas.

Dois dias depois Júlia e Antonella foram liberadas para ir pra casa. Leon carregou Júlia nos braços do carro até os aposentos deles. Jay estava tentando conter os avanços de um Damien muito entusiasmado com sua irmãzinha. Helena levou a pequena. Eu não me cansava de olhá-la com minha sobrinha no colo. Estava tão linda, tão radiante. Havia algo diferente nela. Não soube o que era, mas ela resplandecia. Tinha cara de mulher. Minha mulher linda. Ajudei Leon a acomodar Júlia na cama, organizando os travesseiros. Ela ficou numa posição sentada.

— Você está bem, *perla mia*? — Leon sussurrou

beijando-a nos cabelos.

— Sim, amor. Estou bem. — ela respondeu acariciando sua face. Eles são realmente bonitos juntos. Cristo! Jay tem razão. Virei um maricas! Abri um pequeno sorriso. — Traga Damien para mim, amor. Quero beijar meu príncipe. — ela pediu. Não foi necessário porque Jay já entrava e assim que colocou o pequeno no chão ele correu direto para a cama.

— Mamãe! — seu gritinho infantil encheu o ambiente.

— Ei, cuidado campeão! — Leon sorriu contendo-o antes que se jogasse em cima da mãe. — dê um beijo na mamãe, mas não pode apertá-la. *Nostra regina* está dodói.

— Dodói, *mia regina*. — Damien repetiu e todos nós sorrimos. Ele era uma criança muito espontânea.

— Sim, meu amor. — Júlia assentiu e o beijou nos dois lados do rostinho. Os olhos verdes emocionados. — vamos ver nossa princesinha? — Helena foi até eles e entregou a pequena nas mãos de Júlia. Leon acomodou-se sobre a cama com Damien no colo. A imagem que se formou era muito bonita. Meu irmão tinha uma família

linda.

— Você tem uma família linda, irmão. — a voz emocionada de Jay, nos fez virar os olhares em sua direção. Não houve cinismo em seu tom. — você é um idiota sortudo por encontrar Júlia. — acrescentou, provocador e seus lábios se torceram num meio sorriso. Isso era raro. Ele quase nunca sorria de verdade.

— Obrigado, irmão. — Leon disse visivelmente tocado. — desejo o mesmo para você.

— Deus! Não! De jeito nenhum, irmão. — o brilho cínico voltou aos olhos de Jay. — me contento com as cunhadas lindas e os sobrinhos adoráveis. — seus olhos viraram na minha direção e de Helena. — então, Dom? Helena? Quando teremos um bebê? — bastardo debochado! Agora Leon e Júlia nos olhavam também. Eu vou torcer o pescoço dele lentamente.

— Nós... Hum... Ainda é cedo. — Helena respondeu por mim. — mas eu vou querer um ou dois. — virou para mim, seus olhos brilhantes. — e você, Dom?

Meu peito se encheu de alegria com suas palavras. Ela

também queria isso comigo.

— Teremos quantos quiser, princesa. — Jay deu mais um de seus risinhos. Maldito bastardo!

Helena

— Então, você e Dom... — os olhos verdes de Júlia sorriram para mim assim que os homens saíram do quarto e os pequenos foram levados pelas babás.

— *Si*, custei à acreditar, mas é ele. — afirmei sentando-me na borda da cama. Ela estava linda, nem parecia que tinha dada à luz há apenas três dias. — os últimos três meses tem sido uma verdadeira aventura, *cara mia*. — sorrio. — a vida com Dominic não tem um segundo de tédio, como ele próprio diz.

— Sempre tive uma suspeita de que era ele, Helena. — a olhei surpresa. Ela sorriu. — ele mexia com você como nenhum outro. A vi perder a compostura poucas vezes e todas essas vezes foi Dom quem a tirou do sério. — sorrio também.

— *Si*, só ele tem esse poder. Tão irreverente, debochado, sexy, apaixonante. — murmurei quase para mim mesma.

— Estou tão feliz por você, *cara mia*. — disse naquele tom suave, característico dela. — você está diferente. Há um brilho à sua volta que não havia antes. Leon também percebeu isso.

— Ele está mais calmo com minha decisão de permanecer com o Dom?

— Sim, acho que ele também tinha suas suspeitas, do contrário não a deixaria lá com Dominic. — disse baixinho.

— Será? — Leon havia percebido algo que nem eu, nem Dominc havíamos percebido na ocasião. É provável. Ele sempre soube que Dom me perseguia e que eu não era imune à ele, embora negasse o tempo todo.

— Leon a ama muito Helena. Nós todos a amamos. — disse-me tomando minhas mãos nas suas. — se você estiver feliz estaremos também.

Lágrimas vieram aos meus olhos.

— E eu amo todos vocês. Obrigada, *cara mia*. — minha voz embargou. — obrigada por nunca ter me julgado, por me dizer coisas que me fizeram acreditar que podia ser

feliz, por ser minha amiga.

— Ei, nós somos duas choronas. — brincou, seus olhos lacrimosos também. — você é linda, Helena. Linda por fora e por dentro. Só precisava descobrir isso. Viver mais. — sorriu travessa. — acho que Dom está fazendo um bom trabalho...

Minhas faces incendiaram.

— *Si*, ele é perfeito e... Insaciável. — sussurrei envergonhada. Ela riu devagar, segurando o ventre.

— É o DNA Di Castellani, *cara mia*. — conversamos ainda por algum tempo, depois a deixei descansar.

Passei nos aposentos do tio Max e conversamos por um tempo também. Ele estava preocupado comigo. Parece que a fama de Dominic não o deixaria tão cedo. Mas eu pagaria para ver. Eu sei o que vejo em seus olhos e isso não me fará desistir dele. O jantar foi animado. Mas Leon ficou apenas um pouco e logo se retirou para fazer companhia à Júlia.

Assim que entramos no meu quarto, Dom me abraçou por trás. Andamos até a sacada. Nossa vista dava para uma

enseada. Havia uma piscina no jardim privativo logo abaixo. Me prendeu contra a grade. Seu corpo grande incendiando o meu. Gemi quando depositou beijos suaves em meu pescoço e ombro.

— Sempre quis saber como era seu quarto, princesa. — sussurrou na minha orelha, lambendo o lóbulo. Sorriu e bufo.

— Sempre quis me foder no meu quarto, isso sim. — disse num ronronar, quando suas mãos subiram para meus seios, massageando-os lentamente. Sua risada baixa, sexy reverberou pelo meu corpo. Estremeci em seus braços.

— Isso estava no topo da minha lista de natal, amor. — mordeu minha nuca e minha calcinha inundou de vez. — lembra daquela vez que vim até aqui e você bateu a porta na minha cara?

— *Si*, você se achava um presente de Deus, irresistível. — pausei, para gemer, porque uma mão desceu para minha pélvis. — mas você não era. Provei isso. — provoqueei-o.

— Hum, não sei não, princesa. Você quase caiu. —

sussurrou massageando meu clitóris por cima do vestido.
— mas foi melhor assim. Nenhum de nós estava pronto.
Não teríamos o que temos hoje se tivéssemos nos envolvidos naquele período.

Bufei de novo.

— Claro. Você era um maldito galinha.

— E você era uma cadela aristocrática, que fingia ser fria.
— mordeu minha orelha. — mas provei que há um vulcão aí dentro. Uma cadelinha gostosa. Gostosa pra caralho! — gemeu, cavando o pênis na minha bunda. — vem, amor. Não me canso de foder você, e agora em sua cama. É minha fantasia se tornando realidade. — murmurou e me girou, levantando-me nos braços.

— Eu sempre quis ter você aqui. — admiti e seus olhos se iluminaram num brilho safado.

— Eu sei, princesa. Por que acha que vim bater na sua porta? — gargalhou, bati no seu ombro e entramos para o quarto.

CAPÍTULO DEZESSETE

Helena

Mexi-me, preguiçosamente na cama, braços fortes me apertaram mais, puxando-me contra um peito duro e um pênis mais duro ainda. A risada baixa, rouca, libidinosa bem no ouvido, me teve completamente desperta. Meu lindo e insaciável marido me queria de novo. Gemi rebolando a bunda em sua protuberância. Estávamos nus. Ele dorme assim e não me deixa colocar nada também. Diz que gosta de me abraçar nua. É claro que ele gosta. Facilita bastante o acesso... Seus lábios quentes depositaram beijos molhados, de boca aberta no meu ombro. Meu corpo sofreu espasmos deliciosos, eletrizantes, quando seus dentes mordiscaram do ombro ao pescoço. Suas mãos se separaram, uma indo para meus seios e a outra descendo numa carícia lenta, torturante pelo meu ventre. Minha vagina encharcou antes dele chegar lá. *Dio!* Ele realmente sabe como tocar o corpo de uma mulher. Ronronei quando seu polegar circulou

lentamente meu clitóris. Abri mais as pernas, sedenta, louca por mais. Sua risada safada soou de novo, ciente do que fazia comigo. Tão convencido. Tão gostoso.

— Ahhhh! Dom... *Amore mio*... — gritei quando meteu dois dedos em minha vulva. A outra mão puxou meus mamilos, levantei a perna, apoiando o calcanhar na sua coxa, seus dedos entraram mais fundo. Me comeu assim, gemendo, me atacando de todas as formas, mãos, boca e seu pênis cavando, deslizando na fenda do meu traseiro. — ohh! Por favor... — miei desavergonhada.

— Por favor o que, cadela gostosa? — rosnou chupando forte meu ombro. Tenho certeza que ficariam marcas. Girou os dedos dentro de mim lentamente, tocando o ponto que ele sabia encontrar muito bem. Foi demais. Quebrei gozando, gritando seu nome, balbuciando, meu corpo sacudindo, estremecendo. — é isso que você quer, cadela safada? — retirou os dedos e senti a cabeça gorda na minha vulva encharcada. Puxou mais minha perna arreganhando-me ao máximo e estocou duro rasgando-me até fundo. Gritei com sua invasão brusca. — ahhhhhh! Que

bocetinha deliciosa, princesa! Cristo! Não me canso de comer você, amor. — gemeu em meu ouvido. Desceu a mão dos seios e apertou minha cintura, me puxando com força para encontrar suas arremetidas brutas. Mordeu minha orelha e me puxou para cima dele, num malabarismo maluco, sem desfazer a conexão.

— Ahhh! Dom... Oh, *Madonna mia!* — choraminguei de costas para ele, completamente empalada, esticada ao limite. Nessa posição seu pênis entrava fundo.

— Dobre as pernas para trás, princesa... Isso, minha cadelinha... — gemeu quando fiz o que mandou e minha vulva desceu mais, tomando-o todo dentro de mim. Suas mãos passearam lentamente pelos meus braços indo até meus pulsos e me puxou para trás, me fazendo arquear as costas. Nunca havíamos feito assim... Mas era muito gostoso senti-lo me abrindo ao máximo. Gritei quando estocou com força de novo e de novo, comendo-me sem dó. — porra! Que cadela mais gostosa! Gostosa pra caralho! — grunhiu e me fez apoiar as mãos em seus ombros. A posição era decadente. Meu corpo arqueado,

sendo fortemente invadido por ele. Suas mãos deslizaram pelas minhas coxas, apertando, correndo as unhas bem aparadas, por minha pele, subiram para a bunda, seus dedos se infiltrando entre as bochechas, massageando meu ânus. Gemi fora de mim. Sorriu baixinho. — você adora isso, não é, cadela safada? — suas mãos foram para minha cintura me puxando e meteu bruta e violentamente. Gritei. — adora ser minha cadelinha! Minha! Só minha! — rosnou e me fodeu furiosamente por muito tempo. Já estávamos suados, grunhindo, gemendo. Uma mão foi para meu clitóris, massageando-o, eletrizando-me mais ainda. Gemi alto quando deu um beliscão. A sensação louca de dor e prazer se espalhando por todo o meu corpo.

— Ahhh! Dom... Amor... Eu vou... Ohhhhhhhhhhh! — gritei a plenos pulmões, quicando em seu pênis que me rasgava brutalmente agora.

— Isso, cadelinha linda! Goze bem gostoso no meu pau! Goze, porra! — rugiu e senti meus cabelos da nuca sendo puxados com violência. Fiquei completamente imobilizada, enquanto meu corpo era bruscamente tomado,

invadido, possuído por ele. Rosnou alto e meteu mais fundo, muito fundo. Seu pênis inchou me alargando ao ponto da dor. — oh, merda! Princesa! Cristo! Amor, tão gostosa... — grunhiu, estocando sem dó e gozou finalmente. Seu esperma enchendo-me numa quentura deliciosa, me fazendo arquejar nos últimos resquícios do orgasmo intenso. Meu corpo caiu mole em cima dele, minhas costas contra seu peito duro. — Jesus! Minha cadelinha linda. — sussurrou, sua voz sexy me fazendo fechar os olhos e ronronar, cansada, saciada, feliz. Espalhou beijos suaves pelo meu ombro direito, seus braços, vindo em torno da minha cintura. Cheirou meu cabelo na nuca, sua respiração ainda alterada. — sou louco por você, princesa. — mais beijos suaves, em meu pescoço. — completamente louco, amor. — puxou meu queixo e abriu meus olhos.

— E eu por você, amor. — murmurei. Abriu aquele riso lindo e me beijou devagar, muito devagar, me adorando nesse beijo. Amo como ele é dominante, bruto, mas extremamente suave também.

Tomamos banho juntos e fizemos nosso desjejum na ampla sacada. Ainda ficaríamos dois dias em Ardócia. Quero aproveitar ao máximo minha afilhada. Ela é tão linda. Senti uma emoção tão forte quando Leon a entregou para mim no hospital. Era a prova de que Júlia nunca teve receio a meu respeito. Já havia ficado emocionada, quando me disse há seis meses, que gostaria que fosse madrinha de sua filha, mas quando a peguei no colo, foi muito mais forte o que senti. Foi como se algo aflorasse dentro de mim. Um instinto de proteção e amor por aquele serzinho tão pequeno. Acho que era o chamado instinto maternal, que todas as mulheres têm. Bom, nem todas. Foi inevitável não lembrar do rosto bonito, mas frio daquela que devia ter sido a minha mãe.

Sáímos do elevador na ala dos aposentos de Leon e Júlia. Já passava das oito. Bati levemente na porta e a voz de Leon nos mandou entrar. Ele estava sentado na borda da cama, levando colheradas de iogurte à boca de Júlia quando entramos.

— Amor, eu posso comer sozinha. — ela disse sorrindo

do cuidado exagerado do marido.

— É claro que pode, bebê. — disse Leon limpando os lábios dela devagar. — mas quero mimar minha mulher. Não vai me negar isso, não é, *perla mia*? — seus olhares se encontraram e ela sorriu docemente, levando uma mão ao rosto dele.

— De forma alguma, amor. Amo o jeito que cuida de mim. — murmurou. Ele debruçou-se na direção dela e a beijou nos lábios ternamente.

— Vocês percebem que estamos aqui, não é? — Dom interferiu, seu tom brincalhão. Os dois finalmente tomaram conhecimento de nossa presença. Sorriram cúmplices.

— Bom dia para você também, irmão. — Leon bufou e retirou a bandeja do colo de Júlia.

— Bom dia, irmão. — Dom sorriu irreverente. — como você está, Júlia? — completou com carinho. Ele e Jay a adoravam. Júlia foi muito importante na aproximação dos irmãos. Sempre convidando, inserindo-os nos eventos familiares. Eles se davam muito bem, depois dos estranhamentos iniciais e o choque da descoberta.

— Estou muito bem, Dom, obrigada por terem vindo. —
ela respondeu suavemente.

— Dom, quero falar com você. — a voz de Leon nos fez encará-lo. Ele tinha a expressão solene de chefe de Estado. Ele com certeza queria saber sobre o atual status do meu relacionamento com Dominic, dada nossa intimidade escancarada. Ele é tão protetor. Tenho certeza que também não vou escapar de uma dessas conversas antes de deixarmos a ilha. — fique com Helena, amor. Não vou demorar, mas se precisar não hesite em me chamar. — completou em tom amoroso encarando a esposa.

— Ficarei bem com Helena, fique tranquilo, amor. —
Júlia garantiu. Leon a beijou de novo.

Dom levou minha mão que ainda segurava aos lábios e a beijou, nossos olhos travados. Sorriu lindamente querendo claramente me tranquilizar.

— Já volto, princesa. — sussurrou antes de virar-se e acompanhar Leon deixando o quarto.

Dominic

— Pode me explicar o que é isso que estou vendo entre você e Helena? — Leon despejou logo que entramos em seu escritório. Ele é malditamente direto, exatamente como eu e Jay. Seus olhos negros me perfuraram, astutos, à procura de um deslize. Olhos de rei.

— É isso que está vendo. — disse calmamente me sentando na outra ponta do estofado, onde ele havia se acomodado. — nosso casamento é real agora. Não vamos mais pedir a anulação ao final dos três meses.

Seu semblante demonstrou surpresa por um instante. Então sua boca se curvou num sorriso enigmático, como se soubesse de algo que eu não sabia.

— Você a ama? — mandou de novo à queima roupa. Cristo!

— Sim, eu a amo. — afirmei sem piscar. — e ela também me ama. Isso começou errado, mas estamos bem juntos e queremos permanecer assim. — garanti.

— Finalmente percebeu. Você é tão idiota, irmão. — bufou tão cínico quanto Jay. — nenhum homem persegue uma mulher da forma que a perseguiu só para transar,

Dom.

Minha boca se abriu e fechou de novo. Jesus! Parece que só eu não havia percebido o óbvio. Não consegui conter um riso.

— Jay me disse a mesma coisa. Ok. Sou um idiota, mas agora está tudo resolvido e esclarecido. — assenti. — Helena continuará sendo minha mulher.

Os olhos escuros sustentaram os meus com determinação. Ele foi treinado para intimidar os outros. Parecia um agente de alfândega. Bufei mentalmente.

— Cuide dela, irmão. Helena merece ser amada. — pediu em tom mais ameno.

— Cuidarei, irmão. — minha voz foi firme. Ele acenou levemente com a cabeça. — Leon, a propósito, Helena teve surtos recentemente. Como ela conseguia controlá-los no passado? Ou esses episódios sempre foram frequentes? — seus olhos mudaram para preocupados agora. Ele realmente a amava.

— Ela fez terapia por um longo tempo, Dom. — suspirou, sua expressão pesarosa. — conseguiu controlar, mas

nunca extinguir totalmente. Sempre teve pequenos episódios. O que houve? Porque sempre há uma fonte de desconforto que provoca o surto.

— Primeiro foram os paparazzi em Las Vegas e recentemente foi Luiza Romano. — revelei e sua expressão ficou lívida. — Helena a encontrou por acaso, eu acho. — ultimamente tenho pensado que o conde finalmente ter cedido sobre o negócio tinha algo a ver com Helena ser minha esposa. Nada me tira da cabeça, que a vadia estava de olho na herança dela.

— Como assim? O que *questa maledeta* fez? — cerrou os dentes, muito irritado.

— Helena teve um surto grave, teve que ser contida num hospital. — suspirei passando as mãos pelos cabelos. — mas o pior veio depois. A vadia diz que quer vê-la. A proibi de entrar na empresa, redobrei os cuidados com a segurança, mas não sei se isso vai realmente impedi-la de chegar até Helena. Ela ainda não sabe que Luiza quer entrar em contato.

— Você precisa protegê-la, irmão. — pediu-me num tom

sério. — Luiza é fria, calculista, jamais sentiu amor pela filha. Não a deixe chegar até Helena.

Minha boca se abriu para perguntar o que de fato tinha acontecido. Qual a extensão de tudo que a puta tinha feito para Helena, mas a porta se abriu e Jay entrou acompanhado de tio Max. Os dois sorriam numa camaradagem fácil. Todos nós respeitávamos e amávamos nosso tio. Leon e Damien tiveram sorte de tê-lo enquanto cresciam. Ele era um homem íntegro, sereno. Os olhos escuros eram inteligentes, mas tinham uma expressão paternal quando nos olhava. Não sei se o príncipe Marco era assim, nunca havia tocado nesse assunto com Leon. Eu não tenho pai. Nunca tive. Nunca vou conseguir me referir a ele como meu pai. Isso é fato.

— *Figlio mio*. — saudou-me num tom afetuoso. Acomodou-se no outro estofado à nossa frente com Jay. — conversei com Helena e ela me disse algo que me deixou muito satisfeito. Vocês querem continuar juntos. Eu sempre desconfiei que as intermináveis provocações entre vocês acabassem assim. — sorriu-me, os olhos brilhando

astutos. Ok. Então, todo mundo sabia. Senti-me o idiota do século. Jay abriu seu riso jocoso, arrogante de quem sabe tudo e está imune a sentimentos.

— Cale a boca, Jay. — cuspi antes que fizesse um de seus comentários espertinhos. Ele gargalhou cínico. Bastardo!

— Apenas prometa-me uma coisa, *figlio*. — a voz serena do meu tio teve minha atenção de novo. — vai se casar com ela numa cerimônia aqui na ilha, como deve ser. — meneou a cabeça levemente. — os príncipes não se casam em Las Vegas, diante do *Elvis*, Dom. — mas contradizendo seu tom de reprimenda, acabou abrindo um pequeno sorriso. — diga-me, a cidade do pecado é mesmo tudo que dizem? Gostaria de conhecer um dia.

— Prometo, tio. — assenti mais aliviado. — e sim, Las Vegas é incrível. Posso acompanhá-lo se quiser. Conheço a cidade muito bem e... — me interrompo e sorrio. — acho melhor Jay acompanhá-lo, tio.

— Você se transformou num grande maricas mesmo, irmão. — Jay bufou. — quem diria que a recatada Helena colocaria rédeas curtas em você, hein?

— Ria enquanto pode, seu bastardo. A mulher que vai te colocar de joelhos está lá fora, em algum lugar e quando encontrá-la vou rir muito. — provoqueei-o.

— Deus! Não me deseje tão mal, irmão. Nenhuma mulher tem esse poder. Nenhuma. — suas últimas palavras foram um tanto ríspidas.

— Nenhum de nós acreditávamos nisso, até que nossas mulheres nos provaram que éramos dois idiotas. — Leon afirmou, entrando na provocação. Ele adora medir forças com Jay.

— Oh, pelo amor de Deus! — Jay revirou os olhos. — vou desenvolver diabetes se ficar muito tempo perto de vocês. — riu de novo, debochado. — vocês são dois maricas, irmãos. Mas são dois maricas sortudos. Encontraram mulheres especiais. Devem cuidar delas. — riu mais ainda ao ver nossas caras surpresas. — viram? Também tenho sentimentos.

— Também te amo, irmão. — Leon alfinetou-o.

— Isso é meio gay, Leon. — rebateu com sua postura de *não tô nem aí*. Todos nós gargalhamos.

— É sempre bom ver meus três sobrinhos reunidos. — a voz calma de tio Max nos fez encará-lo. — lembro-me de Marco, de como éramos amigos enquanto crescíamos. — suspirou como se viajasse no tempo. Senti a tensão vindo em ondas de Jay. Ele era o mais avesso ao falar no nome do nosso *pai*. Teve uma vida muito difícil e trazia marcas desse período que acredito nunca cicatrizaram. — Leon é o mais parecido fisicamente com meu irmão, mas você, Dom, tem a irreverência dele. Sempre alegre, de bem com a vida e, claro, aventureiro, mulherengo...

— Tio, isso é passado. — cortei-o, mas em tom respeitoso.

— Espero sinceramente que sim, para o seu bem, irmão. — a voz de Leon era séria, agora.

— É sério, pode acreditar eu... — o toque de meu celular me interrompeu. Saquei-o do bolso. Era uma mensagem. Uma mensagem de vídeo de um número desconhecido. Abri e o conteúdo fez meu sangue gelar nas veias. Cristo! Eu tinha meu pau enfiado na garganta de uma loira, enquanto chupava os peitos enormes da outra. Alguém

tinha gravado minha malfadada tentativa de trair Helena no clube de sexo. Jesus! O vídeo foi interrompido antes do desfecho. Para quem via era uma farra com um final óbvio. Outra mensagem chegou e o conteúdo desta me fez realmente desesperado: *sua mulher está assistindo seu desempenho nesse exato momento. Boa sorte!*

CAPÍTULO DEZOITO

Dominic

Corri desesperado pelo palácio até o quarto de Júlia. Cristo! Essa merda não pode estar acontecendo. Helena não merece ver esse vídeo horrível. Gemi de desgosto, porque tecnicamente aquilo foi uma traição. Sim, porra! Estou consciente de que aquilo foi uma traição! Ela vai me odiar e com toda razão. Minha mente estava a mil por hora, tentando arquitetar algo que a fizesse entender, me ouvir antes de me julgar. Mas conhecendo-a como conheço, vai querer arrancar minhas bolas antes que abra a minha boca. Foda! Quando eu descobrir quem foi o maldito que enviou o vídeo vou matá-lo lentamente. É óbvio que enviou com a intenção de ferrar comigo, não só comigo, com nós dois. Ela estava tão feliz. Senti um aperto no peito por ela ter que lidar com uma parte tão feia de mim, exposta de uma forma tão bruta, crua. Uma parte de quem fui por muito tempo. No entanto, não sou mais aquele homem. Eu a amo. Amo e não vou deixar

ninguém envenená-la contra mim. Ninguém vai me separar dela. Ninguém. Tentei manter isso em mente. Bati na porta de Júlia, mas quando entrei não havia mais sinal de Helena. Júlia estava amamentando minha sobrinha. Seus olhos verdes muito claros se fixaram em mim.

— Helena não está mais aqui? — minha voz saiu esganiçada. Seu cenho franziu levemente.

— Ela saiu há uns vinte minutos. — me examinou atentamente. — algum problema, Dom?

Gemi frustrado, enfiando as mãos pelos cabelos.

— Como ela estava quando saiu? Notou algo diferente nela? — inquiri, preocupado. Se ela tiver outro surto por minha culpa não vou me perdoar.

— Seu telefone tocou. Ela viu uma espécie de mensagem e saiu dizendo que tinha algo urgente para resolver. Pensei que fosse relacionado à empresa. — pausou, e sua mão parou a carícia que estivera fazendo na cabecinha de Antonella. — mas pela sua cara vejo que não é isso. O que houve, Dom?

— Fui um idiota, Júlia. — assumi angustiado. — fiz algo

muito feio...— gemi de novo. — alguém gravou tudo e enviou à ela para ferrar com nossa relação. — Então a suspeita se instalou em mim. Amanda! Porra! Amanda estava no clube aquela noite. Vou matar essa maldita puta!

— Quando diz algo feio está se referindo a traição, Dom? — seu tom foi suave, mas havia uma nota de decepção que fez com que me sentisse pior.

— Sim. — concordei, tentando sustentar seu olhar que se tornou abertamente reprovador com minha admissão. Sua mão voltou a acariciar a cabecinha da filha.

— Sinceramente não consigo pensar em nada para dizer a não ser que Helena não merecia isso de você. — sua voz foi baixa, sentida. Cristo!

— Não, ela não merecia. —concordei mais uma vez. — eu a amo. Sei que fiz merda, mas isso foi antes de compreender a profundidade do que sinto por ela.

Seus olhos me fixaram por alguns instantes como se julgassem se estava sendo sincero. Seu semblante suavizou um pouco.

— Vá dizer isso à Helena, porque traição não é algo fácil

de superar. Você a ama? Prove isso a ela. E, Dom? Querido, pense antes de fazer outras *merdas*. — Júlia tinha um jeito suave de dar bronca. Entendo porque meu irmão era completamente dominado. Ela era uma fortaleza apesar da aparência doce e calma.

Deixei o quarto de Júlia e segui com minha busca. Meia hora depois eu estava realmente desesperado. Não havia sinal de Helena. Ela tinha saído do palácio. Mas para onde? Ben e Scott não a viram. Ninguém a tinha visto. Caralho! Que porra eu fui fazer? Eu não posso perdê-la. Como pude ser tão idiota e cego? Todos haviam percebido que sentia algo mais por ela, enquanto permaneci de olhos vendados até fazer uma besteira atrás da outra. Primeiro a cena ridícula com Amanda no meu escritório e depois me deixei levar pela raiva que senti quando Helena me disse que não iria mais tocá-la, pelo ciúme irracional de ver outro homem desejando abertamente o que era meu. A junção de tudo isso ao fato de que não queria assumir que era muito mais que uma foda para mim, me fez ir até aquele clube e tentar fazer o que era corriqueiro para mim, transar com duas vadias.

Fechei os olhos e inspirei a brisa na sacada dos aposentos dela. Batidas fortes na porta me puxaram da minha introspecção.

Não foi nenhuma surpresa quando abri a porta e dei de cara com um Leon muito sério. Afastei-me dando-lhe passagem.

— O que você fez, irmão? — sua voz saiu mais preocupada do que dura. Mas sabia que sua preocupação era com Helena.

— Fiz muitas besteiras, Leon. — admiti enfiando as mãos nos bolsos das calças. — mas a pior delas está gravada num vídeo que foi enviado hoje à mim e a Helena. — suspirei. — ela sumiu depois disso. Seu celular está desligado e estou louco sem saber se ela está bem.

— Qual o conteúdo desse vídeo, Dom. — seu tom foi hostil agora. Merda!

— Alguém gravou minha indiscrição com duas vadias. — admitir isso me fazia senti um verme. — e enviou a nós dois para nos ferrar.

— Você vai consertar essa merda com ela. Está me

ouvindo, irmão? — Leon rosnou, os olhos escuros me fuzilando. — e o principal, você não vai mais fazer esse tipo de asneira. Estamos entendidos, Dom? — cristo! Ele quase nunca sai do modo *rei*.

— Claro que não vou fazer algo tão estúpido de novo, irmão. — assenti, elevando meu tom também. — e pode parar com essa pose de grande monarca para cima de mim, porque você também fez muita asneira antes de se acertar com Júlia. Fique fora e me deixe viver a minha história. — completei. Seu maxilar cerrou, mas acenou com a cabeça.

— Certo, Dom. — disse num tom mais conciliador. — tentarei não me intrometer mais. — passou as mãos pelos cabelos. — Helena já sofreu muito, irmão. Só insista nessa história se tiver realmente certeza de seus sentimentos por ela. Poupe-a de ter que passar por esse tipo de coisa no futuro.

— Eu a amo, Leon. Por que ninguém consegue me levar a sério? — ele subiu uma sobrancelha irônica. Ok. Foi uma pergunta imbecil. Como alguém poderia me levar a sério

se eu mesmo me sabotava desse jeito, porra? — vou consertar essa merda, prometo, irmão, mas para isso preciso encontrá-la primeiro. Você tem alguma ideia de onde pode ter ido?

Seus lábios torceram e seu cenho franziu um pouco e sua postura apreensiva me deu a certeza. Ele sabia onde Helena estava.

— *Si*, sei onde Helena está. — afirmou. Estávamos os dois de pé nos encarando no meio do quarto. — está na sala de cinema. É seu lugar de fugas, desde quando chegou ao palácio. Era para lá que sempre corria quando algo a tirava de seu equilíbrio. — as palavras dele me acertaram como um soco.

— Você a viu? — quis saber num fio de voz.

— *Si*, quando Júlia me disse que havia algo errado, imaginei que a encontraria lá. — disse, seus olhos me perfurando. — não a machuque, Dom. Só vá até lá se tiver certeza. Do contrário é melhor deixá-la sozinha. Falta pouco mais de uma semana para o fim do contrato. Helena pode ficar aqui enquanto isso e você...

— Eu a amo, porra! — rosnei, cortando-o muito irritado, agora. — Helena voltará comigo para Nova Iorque, para nossa casa. Vou até ela e você não ouse tentar me impedir, está me entendendo, irmão? — sua sobrancelha cínica subiu de novo. Ele era tão parecido com Jay quando fazia isso. Estava claramente gostando de me ver torturado. Bastardo!

Todo o trajeto até a sala de cinema foi feito numa agonia absurda. Entrei no ambiente semiescuro e esperei minha visão se ajustar aos poucos. Então a avistei. Meu coração doeu com a visão. Estava sentada na poltrona no meio da primeira fileira. Seus joelhos puxados até o peito, seu queixo apoiado sobre os joelhos. Aproximei-me devagar. Ela não fez nenhum movimento que reconhecesse minha presença, continuou lá, seus olhos vidrados na tela há alguns metros de nós. Meus olhos seguiram a direção dos dela para a telona. *Charles Chaplin*[\[97\]](#) fazia palhaçadas num filme mudo em preto e branco. Sentei-me na poltrona do lado. Arquejou, o primeiro sinal que me viu chegar. Meus olhos voltaram para ela. Lágrimas rolaram pelas suas faces. Um bolo se formou em minha garganta.

— O que faz aqui, Dominic? — sua voz saiu entrecortada, mas os olhos continuavam fixos à frente.

— Princesa... — falei baixinho, tomado por uma vergonha e uma dor sem tamanho ao ver o estado que ficou por minha irresponsabilidade, minha deslealdade. — eu sinto muito, amor. Deus! Eu sinto tanto.

Ela não disse nada, apenas fechou os olhos e mais lágrimas caíram. Uma sensação ruim começou a se espalhar dentro de mim. Ela estava muito quieta. Não estava brigando, medindo forças comigo. Era como se tivesse... Cristo! Era como se tivesse desistindo de tudo, de mim, de nós.

— Por favor, fale comigo. — supliquei, tocando seu antebraço, ela deu um soco se livrando do agarre, como se meu toque fosse repugnante. — me deixe explicar, Helena. Não foi daquela forma que aparece no maldito vídeo...

— A data do vídeo coincide com a noite em que saiu berrando que ia comer vadias na rua. Aquilo é montagem? — seus olhos cravaram em mim, me deixando sem escapatória. — você não teve seu pênis enfiado na

garganta daquela vadia, enquanto chupava os peitos enormes da outra, gemendo, grunhindo como um cachorro no cio? — Jesus! Essa merda não vai ser fácil de ser contornada. Eu fodi tudo, literalmente.

O silêncio crepitou entre nós, denso, cheio de significados. Os olhos exóticos desafiavam-me a negar o que era tão explícito e eu deixei meus ombros caírem.

— Não, não é uma montagem, princesa. — afirmei e seu semblante caiu ainda mais. Compreendi que ela ainda esperava que tudo fosse um engano, mas não era. — aquele sou eu, tentando provar estupidamente que você não passava de uma foda, que ainda poderia pegar vadias como sempre fiz, que você não era importante para mim. — soltou um gemido angustiado com minhas palavras. — mas me dei conta da burrada que estava fazendo antes de chegar ao final... Eu não consegui terminar... Eu só pensava em você, em tudo que sentia quando fazíamos amor, em...

— Você pode sair, agora. — sua voz me cortou e ela voltou a encarar a tela.

— Não faz assim, amor. — pedi tentando tocá-la de novo, mas recolhi a mão quando se afastou mais uma vez. — aquilo foi um erro estúpido que nunca mais se repetirá, princesa. Acredite, por favor.

— Você me traiu. — sussurrou numa voz quebrada, mas não me olhou. — e você mentiu sobre isso. Disse-me que havia tentado. O vídeo é bem claro, Dominic. Dessa vez estamos encerrando. Definitivamente encerrando. — completou num tom calmo, como se não tivesse falando de algo que mexia com tudo que havíamos planejado e meu coração sofreu um baque. — voltamos ao acordo original. Tudo acabará dentro de dez dias.

— Não. Você está magoada, com toda razão, mas isso não é o fim, princesa. — falei, o desespero começando a tomar-me porque ela estava diferente, muito controlada. Eu preferia que estivesse gritando, me insultando, com isso eu saberia lidar, mas essa Helena calma, retraída estava me dando calafrios. — vamos superar isso, amor. Por favor, diga que vai me ouvir quando estiver mais calma.

— Eu estou calma, Dom. — ouvi-la me chamar assim, me deu esperanças de que já não estivesse tão inacessível, mas as palavras seguintes me gelaram da cabeça aos pés. — só não vou mais ser seu brinquedinho do momento. Afinal, sua puta disfarçada de advogada tinha razão, não é?

— Ela é uma puta, sim, mas não é minha. — rosnei, começando a perder a paciência. — que merda é essa, Helena? Não consegue perceber que quem enviou essa porra de vídeo tem o objetivo claro de ferrar com nosso casamento? — levantei-me e passei as mãos pelo rosto. — vamos, princesa. Você é inteligente o suficiente para perceber que isso foi a porra de uma armação para nos ferrar.

— Você foi o único a nos ferrar, Dom. — cerrou os dentes e pela primeira vez, vi algum sinal de que sairia daquele estado de calma assustador. — você foi o único a enfiar a porra do seu pau na garganta daquela vadia! — oh! Uau! Jesus! Ela nunca havia usado palavrões desse porte. É disso que estou falando! Com essa Helena

consigo lidar. Levantou-se também, calçando as sandálias. — saia da minha frente, seu maldito imbecil! Não vai mais me dirigir a palavra, está entendendo? Encerramos aqui. Meu advogado o procurará daqui a dez dias. — grunhiu, passando por mim, se esgueirando para não me tocar e andou apressada em direção à porta.

— Daqui a dez dias estaremos em Nova Iorque, em nossa casa, princesa. — falei às suas costas. — porque esteja certa de uma coisa, não vou assinar a porra do divórcio! — meu tom subiu, pois ela nem ao menos se virou, continuou andando. — está ouvindo? Nunca vou assinar essa porra! Você está sendo uma cadela burra! Helena? — berrei quando saiu batendo a porta. — PORRAAA! — gritei chutando a poltrona à minha frente.

Ela me expulsou do seu quarto e me ignorou pelos dois dias que ainda ficamos em Ardócia. Partiríamos amanhã. No jantar dessa noite, ficou o tempo todo conversando com Jay, Leon e tio Max. Merda! Ela seguiria mesmo com essa birra de não falar mais comigo? Assisti o vídeo maldito pela milésima vez, tomando uma dose de uísque

na sacada dos meus aposentos. Tentei me colocar no lugar dela. Cristo! As imagens eram chocantes. Ela tinha toda razão em estar me dando esse gelo do caralho! Não, não era apenas um gelo. Ela queria o divórcio. Era uma cadela teimosa e não desistiria disso. Mexi os cubos de gelos dentro do copo e olhei as montanhas ao longe. O que eu faria para trazê-la para mim de novo? Preciso de um plano urgente. Jesus! Quem diria que no final das contas, eu é quem não queria encerrar o contrato? Isso é tão fodido, porra! Ela me pegou pelas bolas desde o início e eu burro não percebi logo. Você merece estar passando por esse tormento agora, seu babaca! Tomei o restante da bebida num só gole. Minha mente tentando encontrar algo, qualquer coisa para impedi-la de me deixar. Então as palavras de tio Max vieram nítidas na minha cabeça: *os príncipes não se casam em Las Vegas...* Uma ponta de esperança surgiu no meio do meu desespero e eu soube o que devia fazer. Eu faria a coisa certa dessa vez. Disquei vários números e providenciei tudo para a manhã seguinte.

Qual foi minha surpresa ao entrar no quarto dela pela

manhã com um lindo buquê de rosas que eu mesmo havia escolhido e encontrar vazio. Só havia as outras dúzias de rosas que havia encomendado e foram entregues na primeira hora da manhã. Foi ideia da minha secretária. Ela disse que o noivo havia feito isso quando a pediu em casamento. Encheu seu apartamento de rosas. Achei a ideia muito boa na hora, mas me senti ridículo, bobo, parado sozinho no meio do quarto, porque não havia o menor sinal de Helena ali. Uma sensação de impotência tomou conta de mim. Saquei o telefone e chamei Ben e o que me disse assustou-me pra caralho. Helena estava agora se dirigindo ao aeroporto. Estava fugindo de mim. Porra! Saí correndo como um louco. Princesa, se você pensa que a deixarei ir assim tão fácil, você ainda não me conhece!

Helena

Acomodei-me na poltrona do avião e fechei meus olhos. Há dois malditos dias que não consigo tirar aquela imagem da minha cabeça. Dom se esbaldando com duas vadias loiras peitudas. Seu tipo preferido, como enfatizou

Amanda-puta-Parker. Ele disse que alguém estava querendo nos separar. Ninguém precisava ter muito trabalho quando um maldito cachorro vadio estava no meio! Idiota mentiroso! Ele me disse que havia apenas *tentado* me trair. As imagens são bem claras. Eu o odeio! Odeio que tenha me enganado! Odeio principalmente ainda amá-lo. Oh, *Dio mio!* Não sei o que faria, mas uma coisa era certa, ficaria bem longe dele até o contrato acabar. Havia conseguido driblar Ben e Scott. Quando descobrir será tarde. Em poucos minutos estaremos no ar, longe de Dominic e suas mentiras. Aquele maldito cachorro vadio. Ouvi um tumulto na porta do avião e a voz que sobressaiu, enchendo o ambiente me fez arregalar os olhos imediatamente.

— Minha mulher está aí dentro! Esse avião não decola com ela! — Dom falou num tom alterado. *Santo Cielo!* Não pude acreditar no que vi. Dom estava avançando pelo corredor com passos decididos. Os olhos verdes encontraram os meus e suavizaram, suplicantes, apreensivos. — princesa. Amor, deixe-me explicar, por favor. — pediu parando diante dos três assentos. Eu

estava do lado da janela. Só então notei o que ele trazia nas mãos. Oh, *Dio mio!* Um enorme e lindo buquê de rosas vermelhas. Estávamos chamando a atenção de todos. Gemi envergonhada.

— Caia fora, seu maldito exibicionista! — rosnei entre dentes. Seus olhos inflamaram e eu soube que não pararia ali.

— Eu te amo, princesa. — olhou em volta, todos nos observando com expressões surpresas e divertidas e berrou: — eu amo essa mulher! Estão ouvindo? Amo essa mulher e ela quer me deixar. Vocês acham isso justo? — Oh, *Madonna mia!* Mais um vídeo no YouTube. Houve um burburinho geral.

— Cale a boca, seu imbecil! Está chamando a atenção de todos. — grunhi, me virando para a janela. Não quero olhar para ele. Não quero ver seus olhos suplicantes, cheios do amor que achei que tinha visto tantas vezes.

— Não vou me calar até você me ouvir, amor. — afirmou num tom mais baixo, íntimo. Meu coração acelerou contra a minha vontade, porque amo a voz dele, rouca, sexy.

Gemi, sacudindo a cabeça. — cometi um erro estúpido, mas não vai acontecer novamente. Prometo, princesa.

— Não vai acontecer mesmo. Acabou, Dominic. — disse olhando-o de novo. Ele estava tão lindo num terno escuro. Os cabelos negros despenteados de um jeito sexy. Cristo! Pare por aí, Helena! — você mentiu para mim. Você não me disse que fez... — olhei em volta. Todos esperavam o desfecho da cena inusitada. — não disse que tinha feito *aquilo*. — Os murmúrios começaram de novo. *Mas o que foi que ele fez?* As vozes sussurravam.

— Certo, princesa. Eu devia ter falado que tinha feito... *Aquilo*. — admitiu parecendo desconfortável diante de tantos olhares.

— O que foi que você fez para deixá-la tão brava, amigo? — o homem da poltrona atrás da minha quis saber e todos o seguiram. Meu rosto incendiou. Ele era mesmo a merda de um exibicionista!

— Amigo, não complique mais as coisas. — Dom pediu com a sugestão de um sorriso nos lábios. — estou tentando conversar com a minha mulher.

— Ah! Sabia que lembrava de vocês de algum lugar. — o homem levantou e gritou para o avião: — eles são o casal da sacada! Amigo, que performance! — completou sorrindo maliciosamente.

Oh, *Dio mio!* Gemi afundando no meu assento. Os dois rapazes do meu lado me olharam com risos safados. Isso ficava cada vez pior!

— Princesa, venha, desça comigo. — Dom pediu num tom baixo. — vamos conversar, amor. Estamos chamando a atenção e atrasando o voo.

— Só agora percebe isso? — cuspi, mexendo-me na poltrona. — e não perca seu tempo, seu maldito cachorro vadio! — uma onda de gargalhadas explodiu à nossa volta. — não vou sair daqui.

Seus olhos queimaram em mim e ele pediu à uma mulher no outro lado do corredor para segurar o buquê. O rosto dela corou, admirando-o, praticamente se derretendo em uma poça por ele ter falado com ela. Idiota! Por que ele tem que ser tão bonito?

— Saia daí, princesa. — disse ainda no tom baixo, mas

seus olhos contradiziam seu aparente controle.

— Não vou sair. Você é quem tem que dar o fora! —
rosnei me segurando nos braços da poltrona, porque a
expressão no rosto dele dizia que estava vindo me
arrancar à força do lugar.

— Helena, minha paciência está por um fio. — avisou e
pediu licença aos rapazes que se levantaram
imediatamente. Homens... Revirei os olhos. — você vem
comigo.

— Não, eu não vou. — cerrei os dentes. Ele avançou para
mim numa rapidez espantosa e puxou meus pulsos
arrancando-os dos braços da poltrona e me arrastou para
o corredor. — solte-me seu idiota! — esmurrei seu peito.
Ele mal tomou conhecimento dos meus golpes. — me
ajudem! Não deixem esse louco me levar! — pedi, mas
ninguém se manifestou. Todos tinham risos nos rostos. —
vou arrancar a sua cabeça! Ponha-me no meu chão, seu
imbecil! — berrei quando me jogou por cima do ombro e
virou-se para a mulher pedindo o buquê de volta. Ela
abriu um sorriso cheio de dentes.

— Obrigado, querida. — ele usou aquele tom sexy de cachorro vadio bem característico dele. — desculpem o transtorno, pessoal! — elevou a voz sobre os meus protestos e fez todo o caminho da vergonha pelo corredor comigo em seu ombro. — minha mulher é um pouco geniosa. — pausou e sorriu sugestivamente. — felizmente eu sei do que ela precisa. — mais gargalhadas. Esmurrei suas costas. — tenham uma boa viagem! — paramos em frente as comissárias de bordo, perfiladas e ridiculamente encantadas com ele. — desculpem, queridas.

— Não foi nada, alteza. — disseram em uníssono. Revirei os olhos de novo. Começou a descer a escada. Ben e Scott estavam lá embaixo nos esperando, suas expressões divertidas. Traidores! Tenho certeza que foram eles que me descobriram.

— O que foi, princesa? — havia um riso debochado na sua voz. — desistiu de lutar? — provocou-me. Fiquei calada. Não vou dar esse gostinho à ele. — hum, boa menina. Estamos voltando para Nova Iorque agora, amor. — sua voz foi livre de provocação. — você vai comigo.

Vamos resolver tudo que tiver para resolver, juntos. — continuei calada. Se ele acha que basta essa grande cena de homem das cavernas e vou cair aos seus pés e esquecer o que fez, está muito enganado. Colocou-me com cuidado no banco traseiro da limusine e entrou também. Afastei-me para o lado oposto e virei-me para a janela. Ouvi sua risada baixa. Fizemos o trajeto até seu jato em silêncio. Quando Ben abriu a porta saltei rápido para fora e subi a escada. Atravessei todo o corredor indo direto para o quarto, mas antes que fechasse a porta, ele entrou.

Recuei até o centro. Os olhos verdes flamejaram em mim, lindos, brilhantes, me fazendo arfar levemente. Abracei a mim mesma, me sentindo impotente diante da enormidade do que sinto por ele. Quero tanto esquecer aquelas malditas imagens, mas elas queimam na minha mente. Ele pareceu ler meus pensamentos, pois seu olhar suavizou, pesaroso. Andou até mim naquele jeito macio dele. Parou a poucos centímetros, seu cheiro me engolfando, seu rosto perfeito bem diante do meu. Seus olhos sérios agora. Levou uma mão ao meu rosto, não me afastei porque não tinha forças com ele assim tão perto, seu olhar me

suplicando, implorando para confiar nele. Não consegui segurar um gemido, quando acariciou minha face com reverência, como se tivesse sentido tanta falta minha, quanto eu dele.

— Eu te amo, Helena. — sussurrou, me prendendo em suas piscinas verdes. — nunca amei outra mulher em toda a minha vida. — jogou o buquê que ainda trazia em cima da cama e a outra mão veio também levantando meu rosto para me olhar mais de perto, se mostrando completamente para mim. — isso começou muito errado entre nós, mas agora é certo. Não vou deixá-la ir. Não sem lutar antes. Eu planejava fazer isso acordando você em seu quarto hoje, mas você frustrou meus planos. — falou baixinho, franzi o cenho confusa. Então ele caiu sobre um joelho e meu coração deu um salto gigantesco, quando tirou algo do bolso do terno. Oh, *Dio mio!* Ele ia... — seu quarto está cheio de rosas agora, princesa, mas estamos aqui... Oh, Cristo! Eu estou malditamente nervoso, porque sei que fiz muita besteira, mas eu preciso que me dê outra chance, princesa. — pausou, tomando uma respiração alta, os olhos verdes lindos muito brilhantes. Lágrimas toldaram

minha visão. — preciso de outra chance de mostrar que posso ser o seu príncipe. Eu posso, Helena. Então, vou começar fazendo as coisas da maneira correta. Helena, minha princesa, você me daria a honra de se casar comigo? Dessa vez em Ardócia, diante de nossa família, do nosso povo? — as lágrimas desceram finalmente, banhando minhas faces. Meu coração trovejando no peito. Eu o amo! Oh! *Dio!* O amo tanto. Solucei apenas bebendo a visão dele ali ajoelhado, despido de todo o seu passado, de todas as coisas que nos separaram, prometendo ser meu príncipe, pedindo a chance de ser meu príncipe. Eu não posso negar isso à ele, à mim, à nós.

— *Si*, aceito me casar com você, de novo. — falei com voz trêmula, embargada, mas não consegui conter um riso entre as lágrimas que insistiam em cair. — agora levanta daí, seu idiota. — bati no seu ombro e ele levantou-se, seus braços, vindo ao redor da minha cintura, me puxando para ele numa urgência, que me fez arquejar com a sensação inebriante de seu corpo poderoso junto ao meu. Ficamos assim, apenas abraçados, sentindo o corpo do outro por um tempo. Ele cheirou meu pescoço e senti algo

pingar em meu ombro. Fungou. Cristo! Ele estava... Chorando, constatei quando me afastei um pouco para ver seu rosto. E meu coração transbordou de amor por ele. Esse homem lindo, irreverente, sexy, que era meu. Ele estava realmente nu diante de mim, se dando para mim. Levei meus braços para seu pescoço e puxei sua boca para a minha, nossos olhos lacrimosos travados, mostrando tudo ao outro. — eu também te amo, amor. Nós vamos resolver tudo. Nada vai nos separar mais. Nem eu, nem você, vamos deixar. — murmurei e o beijei. Um beijo de amor. Um beijo verdadeiramente de amor. Estávamos iniciando uma nova fase no nosso até então, conturbado relacionamento e nessa fase estaríamos mais fortes, muito mais fortes porque tínhamos o essencial: nosso amor.

No entanto, não demorou muito suas mãos apertaram minha cintura me puxando mais para ele. Senti seu pênis duro cavando em meu ventre. Gemeu, um som lindo, rouco e puxou meus cabelos da nuca passando a saquear minha boca. Gemi de volta. A mão da cintura desceu para minha bunda, se infiltrando entre as bochechas. Minha calcinha inundou. Amo a forma como ele faz isso. Moeu-me direto

em minha pélvis. Grunhimos, nos devorando insanos, esfomeados.

— Dom... *Amore mio*. — miei quando puxou minha perna direita para seu quadril e moeu mais. — Oh, *Madonna mia!*

— É isso aí, cadelinha linda. — sorriu daquele jeito safado na minha boca. — *Madonna mia!* — imitou minha voz, provocando-me. Amo esse seu jeito brincalhão. Lindo!

— Por que está com esse riso idiota no rosto, amor? — murmurei, chupando seu lábio inferior. Suas duas mãos cavaram minha bunda e me levantou, minhas pernas foram imediatamente ao seu redor. Apertou-me grosseiramente direto em seu pênis. Seus olhos com o brilho sacana que eu estava morrendo de saudade.

— Esse voo é muito, muito longo, princesa. — sussurrou andando até a cama me depositando no centro bem devagar. — mais de oito horas... — disse começando a despir-se lentamente, os olhos me prometendo coisas muito sujas. Gargalhei e comecei a tirar o vestido.

— Vem, meu cachorro vadio. Meu, só meu. — murmurei, abrindo-me para ele despudorada. Ele faz isso comigo.

— Minha cadelinha gostosa. Minha, só minha. — sussurrou de volta e avançou, subindo na cama...

CAPÍTULO DEZENOVE

Helena

Braços fortes rodearam minha cintura e lábios quentes desceram espalhando beijos em meu ombro e pescoço. Gemi, sentindo o cheiro delicioso da colônia pós-barba do meu marido mais delicioso ainda. Sua boca foi para minha orelha e seus dentes puxaram o lóbulo suavemente.

— Bom dia, cadelinha linda. — sussurrou no meu ouvido.

— Bom dia, amor. — ronronei. — sente-se. Já estou terminando. — pedi, empilhando as panquecas de morango que ele adora numa travessa. Depois das quase nove horas de voo, chegamos exaustos em casa. Jantamos no quarto e apagamos pouco depois. Acordei bem cedo, revigorada, depois de uma noite ininterrupta de sono. Acho que Dom resolveu me deixar descansar, pois não me deu folga durante o voo. Ficamos o tempo todo no quarto. Mais uma vez me carregou nos braços quando descemos do jato. A tripulação toda nos olhando, tentando disfarçar as expressões divertidas em seus rostos. Meu rosto

incendiou de vergonha, é claro que sabiam o que ficamos fazendo trancados o tempo todo. Oh, *Dio mio!* Eles devem ter ouvido nossos grunhidos, gemidos, rosnados e gritos... Dom apenas beijou meus cabelos sorrindo baixinho quando enfiei meu rosto em seu peito. Ele era tão sem vergonha...

— Humm, minha mulherzinha fez minhas panquecas preferidas. — cheirou minha nuca, causando-me arrepios. — me dê sua mão esquerda, amor. — pediu suavemente. Virei-me para ele. Seus olhos encontraram os meus. Tinham um brilho travesso, sexy, tão lindo.

— Oh! Dom... Amor! — exclamei quando tomou minha mão e deslizou um anel simplesmente maravilhoso no meu dedo. Esse era muito mais bonito e delicado que o outro de Las Vegas. Tinha um acabamento refinado, perfeito. A pedra era do mesmo tom, um diamante amarelo. Ele já havia dito que combinava com meus olhos. — é perfeito! Quando o comprou?

— Você é perfeita, princesa. — falou bem próximo da minha boca. Seu tom absurdamente sexy. — esse anel é

apenas um complemento. E não o comprei. Cortesia do tio Max. Foi de sua falecida rainha. Eu mesmo o escolhi. — chupou meu lábio inferior, suas mãos se infiltrando em minha nuca, me puxando mais para ele. — gostou mesmo, amor? Podemos trocar se...

— Eu amei, *amore mio*. Amei. — sussurrei, levando meus braços para seu pescoço, me esfregando nele desavergonhadamente. Sua boca se curvou num riso safado. — amo você no modo príncipe encantado. — provoquei. Tomou minha boca num daqueles beijos lentos, sensuais que incendeia tudo dentro de mim. Dom sabe beijar. *Dio mio! Realmente* sabe beijar. Gemi, meu corpo todo se excitando por ele, para ele. Sorriu mais ao ver meu estado e separou os lábios dos meus. Nossos olhos se abriram e ficamos nos olhando por um momento. Amo olhá-lo. Ele é tão bonito. Mas não é só a beleza que me tem babando ao seu redor. É esse jeito despojado, sexy, safado, que me desafiou desde o primeiro momento que nossos olhares se cruzaram.

— Eu acabei me distraíndo com outras coisas ontem no

jato e esqueci-me de entregá-lo. — Deu-me uma piscada indecente, descendo uma mão boba para minha bunda e puxou minha perna para seu quadril. Gemi quando moeu seu pênis duro em mim. Sorriu baixinho, os olhos verdes perfurando-me pecaminosos. — será que esse pequeno lapso pode prejudicar meu novo status de príncipe encantado, princesa?

— Humm.. Deixe-me ver. — sorrio, mordiscando seu queixo. Puxou-me mais e cavou rudemente direto na minha vulva. Mesmo por cima das roupas a sensação era enlouquecedora. Grunhi, mordendo-o mais forte. Grunhiu também. — de jeito nenhum, amor. Você é perfeito assim.. Imperfeito. — sussurrei.

— Como assim, imperfeito? — afastou-se, fingindo-se de ofendido.

Gargalhei.

— Você não é o típico príncipe encantado, amor. — falei, mas usei um tom bajulador. — é irreverente, exibicionista, se acha um presente de Deus e não podemos esquecer o fato de que era um galinha, um cachorro vadio, até bem

pouco tempo.

— Mas você adora que eu seja um cachorro vadio com você. — murmurou, puxando meus cabelos mais forte, deslizou lentamente seu pênis entre minhas pernas. — negue isso, cadela gostosa. Hum? Negue. — desafiou-me, descendo a boca para meu pescoço, chupando-me e continuou moendo numa tortura lenta em mim.

— Amo que seja meu cachorro vadio, só meu. — gemi alto, quando me mordeu bem na curva do pescoço. Minha vagina encharcou. — Oh, *Madonna mia*...

Gargalhou no meu pescoço e se afastou rapidamente de mim, acomodando-se em um dos bancos. Seu olhar arrogante desceu pela camiseta verde que era a sua preferida e havia se tornado a minha também, se deteve na altura da minha pélvis, me dizendo que sabia exatamente a situação em que tinha me deixado. Bufei e levei as panquecas até o balcão, sentando no banco ao lado dele. Soltei um leve gemido porque minhas partes íntimas estavam um tanto... Doloridas...

— O que foi, amor? — seu tom foi baixo, safado, sexual.

— será que peguei muito pesado com você? — seus olhos me diziam que não estava nem um pouco arrependido.

— Cale a boca e coma, seu idiota. — resmunguei. Ele gargalhou e não consegui conter o riso também. Começamos a comer e um silêncio confortável se instalou entre nós. Mas senti que queria me dizer algo, pela forma que seus olhos me fixavam com um toque de receio.

— O que acha de voltar a fazer terapia, princesa? Leon acha que sim e eu também. Poderíamos...

— Dom, não gosto do fato de ficar falando sobre mim com Leon. — o cortei, minha voz ríspida. Seus olhos se alargaram um pouco, surpresos pela minha reação. — esse problema é meu. Só meu.

Seus olhos brilharam, magoados, mas inflamaram em seguida.

— Não, não é, Helena. — seu tom foi mais alto. — esse problema é nosso. É meu também, porque quero ver você bem, livre desses surtos, dessas paranoias que te impedem de ter uma vida normal. Quero vê-la livre, princesa, fazendo tudo que tiver vontade de fazer. Deixe-me ficar ao

seu lado nisso, amor. — sua voz suavizou no final e meu coração cantou com sua preocupação, seu cuidado comigo.

— *Si*, desculpe, amor. — murmurei, me sentindo uma boba por brigar com ele. — voltarei a fazer terapia se isso o deixa mais tranquilo. — Abriu um sorriso amplo, mostrando as covinhas lindas.

— Vamos fazer isso juntos, princesa. — garantiu e debruçou sobre mim, beijando-me ternamente nos lábios. — hum, você não tem comido bem, ultimamente, tenho reparado. — disse apontando para meu prato, onde havia deixado mais da metade da panqueca. — está sentindo alguma coisa, amor?

— Não, não estou sentindo nada. — afirmei para tranquilizá-lo, mas acho que comi algo que me fez mal antes de viajarmos para Ardócia. Tenho sentido enjoos nos últimos dias. Nada alarmante, mas incômodo quando sinto o cheiro de alguns alimentos, por exemplo. Irei ao médico depois, não deve ser nada.

— Vem, vamos tomar banho e nos preparar para o

trabalho, princesa. — me tomou pela mão, fazendo-me levantar. Deu um tapa no meu traseiro quando passei à sua frente. Soltei um gritinho surpreso. Sorriu e seus braços vieram em torno de mim de novo. Enfiou o nariz em meus cabelos da nuca, me cheirando. Ele adora fazer isso e eu adoro ainda mais. — você tem um cheiro tão gostoso, amor. Sonhei com esse cheiro por tanto tempo. Ficava louco cada vez que chegava perto de mim e não podia tocá-la, cheirá-la assim. — sussurrou no tom sexy que me deixa completamente entregue.

— Agora pode me cheirar à vontade, *amore mio*. — ronronei, enquanto entrávamos no quarto. Seus passos me guiaram direto para o banheiro enorme. Arrancou a camiseta de mim num piscar de olhos e me virou em seus braços, sorrindo daquele jeito safado e me beijou duro, saqueando minha boca. Minhas mãos se deliciaram, em seus músculos nus do peitoral e ombros. Gemi quando sua mão cavou em minha vagina, deslizando os dedos entre os grandes lábios. Grunhiu ao perceber que já estava molhada.

— Agora posso fazer mais do que cheirar, cadela gostosa. — rosnou me empurrando para a pia. Levantou-me apenas com um braço, depositando-me no tampo de granito. — muito mais, minha cadelinha linda, perfeita, deliciosa... — puxou meu lábio inferior entre os dentes. — apoie suas mãos atrás e segure-se, princesa. Vou comer sua bocetinha gostosa, bem duro. — avisou numa voz tensa. Fiz o que mandou, obediente. Afastou-se e arrancou a calça de malha rapidamente. Meus olhos saltaram para seu pênis orgulhoso, ereto, pré-sêmen saindo da ponta espessa, as veias bem salientes. Salivei com a visão. Lambi os lábios quando nossos olhares se encontraram. Sua boca se curvou num riso perverso. — o que é, cadela safada? — masturbou-se lentamente na minha frente, seus olhos totalmente dilatados, injetados nos meus. — será que você quer mamar no seu cachorrão? Hum? — miei, mexendo-me em cima do granito frio.

— *Si*, por favor, amor. — supliquei sem vergonha. Seu riso safado ampliou.

— Venha, cadela! De joelhos! — seu tom foi duro. Ele o

usa muito no sexo. Adoro ser dominada por ele. Desci numa velocidade espantosa e me ajoelhei a seus pés. Olhei para cima. A visão era linda, magnífica. Nunca vi outro homem mais perfeito que ele. Seu corpo grande, musculoso na medida certa. Suas coxas fortes. Seu pênis lindo, pronto para mim. Ainda fico espantada com seu tamanho e como cabe todo dentro de mim. Levei as mãos num passeio lento pelas coxas poderosas e deslizei pela virilha. Gemeu e abriu mais as pernas. Seu olhar preso no meu, intenso, quase azul nesse momento. Massageei os testículos devagar. Grunhiu e enfiou as mãos nos meus cabelos, puxando-me rudemente, deixando-me cara a cara com seu enorme membro. — chupe logo, cadela! Me tome todo nessa boquinha gostosa, porra! — meus lábios foram forçados a abrir pela cabeça gorda. Gemi e arreganhei minha mandíbula ao máximo. Estocou duro até a minha garganta. Meus lábios foram brutalmente esticados para acomodar seu tamanho e espessura. — Ahhhhhh! Caralho! É isso... Isso, cadelinha safada... Mama bem gostoso, princesa... Cristo! — rosnou passando a foder minha boca com golpes fortes. Firmei minhas mãos em suas nádegas

duras e mamei como se minha vida dependesse disso. Soltou meus cabelos e me deu tapas nos dois lados do rosto. Arderam, mas não machucaram. Ele sabe a forma exata de me excitar. Gemi e o chupei com mais força. — porraaaaaa! Que boquinha gulosa! Você chupa como uma puta! Gostoso pra caralho, cadela! Ohhh! — rugiu e voltou a puxar meus cabelos, mantendo minha cabeça firme para me comer como bem queria. — Ahhhh! Vou gozar, Helena... Tome tudo, amor... Tome cada gota, cadelinha linda... — soltou um gemido gutural, seu pênis inchou, me fodendo mais rápido e gozou. Minha boca foi inundada de esperma. Quase me engasguei com o líquido espesso e quente. Lágrimas escorriam pelo meu rosto. Seus movimentos foram perdendo a força e ele puxou para fora devagar, gemendo baixinho, rouco, sexy, lindo. Me puxou para cima e me olhou com adoração antes de tomar minha boca num beijo delicioso, como se me venerasse pela forma que o tomo, que me entrego à ele.

Me levantou de novo para a pia e continuou me beijando, me excitando. Suas mãos deslizaram pelos meus ombros e se apossaram dos meus seios. Gemi e arqueei as costas.

Sorriu e puxou os mamilos com força. Senti o choque direto na vagina que estava pingando agora, meu creme descendo pelas pernas. Sua boca desceu pelo meu queixo, beijando, lambendo, chupando, mordiscando.

— Segure-se de novo lá atrás, cadelinha. — murmurou, sua voz mais controlada depois do primeiro gozo. Fiz o que disse e suas mãos juntaram meus seios. Olhou-me e desceu a boca sobre eles sem quebrar o contato visual. Gritei, revirando os olhos quando senti seus lábios quentes na pele sensível. Arqueei mais as costas. Ele sorriu e continuou a chupar. Sua língua saiu e lambeu bem devagar as auréolas e mamilos. Enlouqueci.

— Ahhhh! Dom... — gritei de novo fora de mim. Desceu uma mão pelo meu ventre e apalpou grosseiramente minha vagina. Separou meus lábios e meteu dois dedos bem fundo. Entrou fácil pelo excesso de lubrificação. — Oh! *Dio mio!* — me comeu assim e quando sentiu que ia gozar, retirou os dedos. Um brilho diabólico nos olhos incríveis. Sua boca serpenteou lentamente, espalhando beijos, lambidas e mordidas pelo meu ventre. Quando chegou lá

embaixo, eu já estava arquejante, quase explodindo. Seu olhar perverso travou com o meu de novo e suas mãos arreganharam-me ao ponto da dor. Ficou cara a cara com minha vagina e minha excitação escorrendo pelo ânus. Sorriu arrogante e sua língua chicoteou no meu clitóris. Bastou uma única lambida e eu quebrei. — Ohhhhhhhhhh! Dom... *Amore mio!* — gritei alto, muito alto e gozei, sendo assaltada por espasmos e tremores violentos. Ele não me deu trégua, continuou, lambendo, enfiando o nariz, cheirando-me como um macho à sua fêmea. Mordeu meus lábios e virilha. Isso me deixa selvagem. Ele sabe. Minhas mãos quase fraquejaram, mas me forcei a me firmar de novo.

— Vem, vire-se e se apoie na pia. — grunhiu, me descendo da pia, sua voz tensa de novo. Seu Pênis já estava completamente duro. — dessa vez vou gozar no seu rabo, cadelinha. — avisou já me dobrando sobre a pia. Fiquei na posição. Minha bunda no ar esperando por ele. Acariciou-me pelos ombros, costas, lambeu minha coluna e foi descendo. Abriu as bochechas do meu traseiro e enfiou a língua no meu buraquinho. Girou-a devagar.

Gemi, novamente excitada. Deu tapas fortes na minha nádega direita. Miei e se alinhou na minha vulva. Puxou-me pelos cabelos bruscamente, levantando minha cabeça. Nossos olhos se encontraram no espelho e estocou com tudo até o fundo. Gritei, porque mesmo muito lubrificada ele era muito grande. Beijou meu ombro, subindo pelo pescoço e chupou devagar. Ronronei. Ele é tão gostoso. — gosta disso, não é, cadela safada? — rosnou tirando tudo e me rasgando de volta. — gosta de me dar essa bocetinha perfeita? Hum? Responda, porra! — puxou mais meus cabelos, seus olhos perfurando-me através do espelho. Seu pênis batendo em mim duramente até o útero, numa dor deliciosa.

— *Si*, ohhh! *Si*, devagar, amor... — choraminguei, mas ele não teve dó, continuou batendo em mim, esticando-me ao meu limite. Gemendo, rosnando, uma mão firme no meu quadril e a outra nos meus cabelos mantendo-me imobilizada, puxando-me rudemente para tomar seus golpes brutais. Ficou assim até estarmos suados, meu corpo escorregando no granito. Seus olhos nunca deixando os meus, a expressão crua, safada neles, me dizendo que

amava me ver desse jeito, empalada em seu pênis, sendo dele, completamente dele. Puxou para fora sem aviso e gemi alto. Sorriu e enfiou dois dedos na minha vulva. Levou-os numa urgência louca para o meu ânus e invadiu-me sem muita delicadeza. Relaxei e o deixei me foder, me alargando para tomá-lo ali. Ele adora sexo anal e eu aprendi a gostar também, porque tudo com ele é além do que qualquer palavra pode explicar.

— Isso, minha cadela safada, gostosa! — falou tenso e o retirou os dedos. Logo a cabeça robusta estava pedindo passagem em meu ânus. — você ama isso tanto quanto eu, não é? — soltou um gemido muito, muito sexy e foi metendo devagar. Relaxei quando levou uma mão para meu clitóris. Minhas pernas já tremiam pelo esforço, mas ele não se importou. Rasgou-me, obrigando-me a tomá-lo até o cabo. Seus testículos bateram em minha vagina, numa sensação gostosa que se misturou com a dor da invasão brusca. Sorriu rouco, bem na minha orelha e a lambeu. Puxou meus cabelos de novo, voltando a me encarar no espelho. Tirou e estocou duro até o fundo de novo. Os olhos flamejando nos meus. — Jesus! Princesa!

Ohhhh! Caralho! Que rabo delicioso... — grunhiu e mordeu minha orelha, descendo para meu pescoço. Eu já estava toda marcada. Mas ele era assim, brutalmente dominante no sexo. Bateu dentro do meu ânus, sem trégua. Já estava ardente, dolorido de toda a atividade de ontem, mas isso não o deteve, tampouco a mim. Deixei-o me foder do jeito que ele gosta, bem duro, encontrando-o a cada martelada violenta. Levantou a perna e apoiou o joelho na borda da pia. Meteu fundo, muito fundo nessa posição. Gritei, enlouquecida, querendo dar tudo de mim à ele. Uivou alto, me comendo insaciavelmente. Seu suor pingando em mim. — porra! Amor! Tão gostosa! Cristo! Muito gostosa! Ahhhhhh! Helena... — cheirou meu cabelo, rosnando como um animal selvagem. — oh! Merda! — levou a mão ao meu clitóris de novo, beliscando-o suavemente contrastando com suas estocadas bruscas. — goze comigo, amor! Goze minha cadelinha linda! Vem, princesa! Ohhhhhhhhhhhhh! — rugiu, jogando a cabeça para trás, seu pênis me esticou ao ponto da dor e ele gozou. Senti os jatos quentes me alagando no exato momento em que meu ventre se incendiou na sensação deliciosa já bem

familiar. Gritei, nossos sons se misturando no ambiente espaçoso do banheiro e gozei também.

— Ohhhhhhhhhh! Dom! *Madonna mia!* — choraminguei, enquanto meu corpo era tomado, dominado, devorado pelo dele. Continuou me comendo até cair por cima de mim. Sua respiração alterada, seus gemidos roucos, baixos que tanto amo, bem no meu ouvido. Seus braços vieram ao meu redor, me mantendo de pé, quando sentiu minhas pernas fraquejando.

— Eu te amo tanto, princesa. — sussurrou e puxou meu queixo suavemente para ele.

— Eu também te amo, amor. — minha voz foi só um fio, gasta, cansada. Seus olhos brilharam lindamente, e um riso travesso tomou sua boca antes de tomar a minha num beijo terno, muito terno.

— Jesus! Princesa, você tem a aparência de quem foi fodida duramente. — provocou-me e saiu devagar de dentro de mim. Choraminguei. Deu-me mais um beijo suave e me levantou nos braços. Apoiei a cabeça em seu peito. — vem, amor. Vou dar um banho e mimar minha

caulinha linda, agora. — sorrio muito satisfeita e beijo seu peito.

Meia hora depois estávamos na empresa e Dom insistiu para que fosse a sua sala primeiro. Disse que precisava que presenciasse algo. Me puxou para seu colo.

— Humm isso não muito profissional, Sr. Di Castellani. — provoqueei-o, enlaçando seu pescoço. Os olhos verdes, brilharam arrogantes, safados.

— Princesa, já comi você de todas as formas nessa sala. — bufei com suas palavras cruas. — sentar no meu colo é a coisa mais inocente que já fizemos aqui. — fui obrigada a concordar. Ia beijá-lo, mas antes disso a porta se abriu e meus olhos foram imediatamente para lá. Meu corpo retesou ao ver a figura odiosa de Amanda-vaca-Parker, avançando devagar naquele andar de puta, que sempre usa na frente de Dom. Fiz menção de sair do colo dele, mas seus braços me apertaram, mantendo-me lá. Os olhos azuis gelados dela pousaram em mim. Seu corpo enrijeceu visivelmente. Seus punhos cerraram dos lados. Acho que me odiava tanto quanto eu à ela. Mas então, os desviou

para Dom e seu semblante se iluminou. Oh, *Dio mio!* Uma sensação ruim se instalou em meu íntimo, porque acabo de perceber que ela o ama. A puta o ama. Os olhos gelados, flamejavam nele agora, cobiçosos, ridiculamente suaves.

— Olá, Dom. Você queria me ver? — saudou num tom bajulador, meloso. Quase bufei alto.

— Olá, Amanda. — Dom falou e seu corpo ficou tenso também. — não vai cumprimentar a minha mulher?

Os olhos dela voltaram para mim e a mudança foi visível. Cerrou o maxilar.

— Olá, Helena. — foi tudo que disse num tom gélido.

— Amanda. — disse de volta, minha voz imitando a dela.

— Você não precisa mais se mudar para Boston, Amanda.

— a voz um tanto dura de Dom soou bem perto do meu ouvido. Me mexi em seu colo. Os olhos gelados da puta se iluminaram e um sorriso surgiu em sua boca.

— Oh, Dom, então não serei mais transferida? Eu sabia que você...

— Você está demitida, Amanda. — seu tom foi seco,

impiedoso. O rosto dela passou por uma verdadeira transformação. Sua boca se abriu, fechou, abriu de novo. Eu estava fazendo uma dancinha intimamente. Foda-se, sua vaca!

— O quê!? — indagou, seu rosto um misto de confusão.
— está falando sério?

— Estou. Você tentou ferrar comigo e o principal, você tentou ferrar com Helena. — Dom despejou, seu tom ainda mais duro. — ninguém ferra a minha mulher. Você está fora.

— Como supostamente fiz isso, Dom?

— Você me gravou com aquelas vadias no clube. Nem perca seu tempo tentando negar. — ela arregalou os olhos.
— você era a única lá, naquela noite, que tinha total interesse em ferrar meu casamento. Passe na sua sala e esvazie tudo. Quero-a fora daqui. Fora das minhas vistas. Fora da vista de Helena. — disse decidido, firme. Eu acho que não poderia amá-lo mais. Ele estava me mostrando que seria diferente de agora em diante. Meu lindo marido. Eu o amo tanto.

— Sou a filha de um dos maiores advogados de Nova Iorque! — seu tom subiu e sua postura era de uma mulher pronta para a briga. — Você não pode simplesmente me demitir, porque essa putinha aí pediu minha cabeça!

Meu sangue ferveu. Mal as palavras saíram de seus lábios eu já tinha pulado do colo de Dom e avançado e contornado a mesa em direção à ela.

— A única puta nessa sala é você, *cara mia*. — rosnei na cara dela. — você é a única que tem um marido e fica abrindo as pernas para todos os homens de Nova Iorque.

Seus lábios torceram num riso de desdém e levantou o queixo, desafiando-me claramente.

— Inclusive o seu, não é querida? Acredite-me, Dom se esbaldou comigo em todas as oportunidades que teve. Sabia que uma semana antes desse casamento ridículo, estávamos fodendo bem aqui nessa sala? — meu peito doeu ao ouvir aquilo. Meu coração batendo loucamente. Gargalhou alto, deliciando-se na minha reação. — Ele adorava me dobrar sobre sua mesa e...

O resto de suas palavras venenosas foram cortadas pelo

tapa que dei com toda a força do meu braço na sua cara odiosa. Cambaleou para trás, mas reequilibrou e avançou para mim, seu semblante desfigurado pelo ódio. No entanto, antes que me tocasse Dom tomou a minha frente. Ela lutou com ele, berrando coisas baixas na minha direção.

— Chame a segurança, Helena! Agora! — ele berrou, segurando os pulsos de Amanda que parecia ter enlouquecido de vez. Cristo! Fiz o que ele disse e não demorou muito os dois rapazes entraram alvoroçados. — levem-na daqui. Joguem-na fora do meu prédio e não a deixem entrar mais aqui em hipótese alguma, estão entendendo? — Dom completou empurrando-a na direção deles. Os rapazes a seguraram antes que voltasse de novo. — Você não vai ficar com ele! Ouviu, sua puta magricela? — berrou, seus olhos dilacerando-me. Senti um calafrio pela forma com que me encarou. *Santo Cielo!* Ela realmente ficou louca. Os rapazes a arrastaram para fora ainda aos berros e um silêncio desconfortável se abateu sobre nós.

— É verdade? — minha voz saiu esganiçada, trêmula, magoada. Dom virou-se para mim. Sua postura tensa, seu olhar pesaroso, culpado. Oh! *Dio!* Ele a fodeu aqui! Senti-me suja. Fui até ele e parei a poucos centímetros. Ficamos nos encarando por um momento.

— Princesa... Sinto muito. — murmurou, parecendo verdadeiramente envergonhado.

— Cale a maldita boca! — cerrei os dentes. Andei até a porta e virei-me para ele. Estava lá, parado no meio da sala, seus olhos assustados, suplicando-me em silêncio para não deixá-lo. Ótimo! Fique com medo mesmo, seu imbecil, galinha! — você tem até amanhã para redecorar sua sala, se quiser que eu ainda entre nela. — e saí antes de ver sua reação.

Dominic

É claro que redecorei minha sala no dia seguinte. Não sou nenhum idiota. Certo. Sou idiota por não ter feito isso antes. Helena me castigou com dois dias sem sexo. Jesus! Ela é tão geniosa, geniosa e linda. Estávamos em frente aos nossos advogados. O contrato chegou ao fim. Helena

receberia a herança de cento e cinquenta milhões de dólares em propriedades e ações. Seria livre, independente financeiramente como era seu desejo, mas não livre de mim, como pensou quando nos sentamos aqui há exatos três meses. Tomei sua mão entrelaçando nossos dedos. Olhou-me e sorriu. Eu esqueço de tudo quando vejo seu sorriso. É uma mistura de recatada com travessa. Isso me deixa louco desde o primeiro momento em que a vi.

— Então, o contrato chegou ao fim e como advogados de ambas as partes, precisamos fazer a pergunta. — o advogado dela se pronunciou, analisando nossas mãos juntas em cima da mesa. — o casamento permanece ou será anulado de acordo com o plano inicial?

Mesmo sabendo que ela me ama. Que já tínhamos falado sobre isso inúmeras vezes, ainda senti uma ponta de apreensão se infiltrando em mim, quando as palavras do advogado soaram na ampla sala de reuniões da empresa. Virei-me para ela à procura de qualquer sinal que me confortasse, me assegurasse que é minha completamente.

Sorriu-me de novo e levantou nossas mãos unidas. Seus olhos exóticos brilharam de uma forma tão intensa que tirou meu fôlego. Beijou o dorso da minha mão suavemente e disse sem desviar os olhos dos meus.

— O casamento permanece. — e soltei o ar devagar. — amo meu marido. Ele me ama também. — disse num tom emocionado, mas confiante. — decidimos continuar juntos. — acrescentou e sua outra mão veio para meu rosto. Acho que gemi. Isso mesmo, gemi vergonhosamente na frente dos advogados. Foda-se! Então seus lábios tocaram os meus e tudo estava perfeito. Simplesmente perfeito. Ela continuaria sendo minha. Minha para sempre. Eu me encarregaria disso.

— Você me deve mil dólares. — a voz divertida do meu advogado me fez sair do transe. O advogado de Helena enfiou a mão no bolso e sacou a carteira tirando notas de cem. — apostei que vocês não se separariam depois dos três meses. Apostei e ganhei. — meu advogado, meu aparentemente sério advogado, esclareceu sorrindo para nós brilhantemente. Abri um riso confuso.

— SÉRIO? E por que fez isso? — indaguei. Helena parecia tão chocada quanto eu.

— Dom, a forma que se olhavam, mesmo enquanto brigavam me dizia que havia algo mais profundo entre vocês. A convivência por três meses inteiros fez o resto. — disse-me com um sorriso de gato que engoliu o canário. Cristo! Até meu advogado percebeu. E isso me garante definitivamente o título de idiota do ano. Ok. Mas sou a porra do idiota mais feliz. Sorrio. Helena sorriu também. Logo estávamos todos gargalhando.

Há uma semana Helena iniciou as sessões de terapia. Pesquisamos e encontramos uma psicóloga renomada e especialista em Síndrome do Pânico. São três sessões por semana. A estou acompanhando, caminhando com ela passo por passo. A Dr^a recomendou o que chama de TCC – Terapia Cognitivo Comportamental. De acordo com ela, a pessoa com transtornos de pânico, precisa identificar a fonte do seu desconforto e atacá-la de frente, não fugir, se isolar como Helena fez a vida toda. Sei que Leon a salvou e protegeu, mas agora compreendo, como foi errado

mantê-la longe de tudo, trancada em Ardócia, sob o olhar atento dele. A Dr^a Nicole Jhonson parecia realmente saber o que estava fazendo, pois passava uma confiança extraordinária ao paciente. Helena estava diferente em apenas três sessões. Entretanto, alertou-me em uma conversa particular que preciso ter calma, pois o paciente não vai vencer seus surtos e seus medos da noite para o dia, mas com meu apoio tudo pode ser mais fácil. Helena terá meu apoio. Não apenas meu apoio, mas meu amor incondicional. Eu sou dela. Essa verdade está cada vez mais impregnada em mim. Quando fazemos amor. Quando tomo seu corpo, não é só um encontro de corpos. É um encontro de almas. Almas gêmeas. Esperei por ela minha vida toda e agora que finalmente a encontrei, nunca mais vou deixá-la ir. Tomei a pequena dose de uísque enquanto a aguardava para sairmos. Sim, ela concordou em saímos para jantar num dos restaurantes mais badalados de Manhattan. Está sempre cheio de celebridades, por isso os malditos paparazzi estão a postos na entrada. Será seu primeiro teste na noite nova-iorquina. Pretendo levá-la a muitos lugares. Quero mostrá-la ao mundo. Dizer a todos

que aquela mulher linda é minha. Me emociono cada vez que vejo seu entusiasmo e vontade de vencer a doença. Ela vai vencer. Minha cadelinha linda vai vencer tudo. Senti sua presença e virei-me devagar. Meu coração sofreu um pequeno baque com a visão perfeita diante de mim. Meus olhos deslizaram por ela, gulosos, famintos, apaixonados.

— Estou bem para nossa primeira aparição como um casal na noite nova-iorquina? — avançou devagar até mim. Depositei o copo sobre a bancada do bar e fechei o espaço entre nós. Meus braços a enlaçaram pela cintura delicada, como se tivessem vida própria. Suas mãos passearam pelo meu peito sobre o terno. Elas estavam um pouco trêmulas.

— Linda. Perfeita. — sussurrei, abaixando minha boca para a sua. Dei um beijo suave. — dança comigo, princesa? — a tomei pela mão conduzindo-a para frente da lareira. Liguei o sistema de som. Já havia deixado a música previamente selecionada. *Lady* de Lionel Richie. Se Jay me visse agora, estaria me chamando de maricas.

Sinceramente não me importo. Essa música pode ser meio gay, mas traduz com perfeição o que sinto. Voltei para ela. Ainda tinha uma postura meio tensa. Sei que é muito corajosa, lutadora, mas não será fácil para ela hoje. Espero relaxá-la um pouco em meus braços. A puxei de novo para mim. Seus braços rodearam meu pescoço, seus olhos brilhando lindamente agora. Ela é uma mulher inteligente e já entendeu o que estou fazendo. Seu olhar está me dizendo o quanto aprecia isso, meu amor, meu cuidado com ela. Os acordes soaram e nos perdemos na letra muito inspirada da música.

Lady

Dama

Let me hold you in my arms forever more and I love you

Sou seu cavaleiro numa armadura brilhante e eu te amo

You have made me what I am, and I am yours

Você me fez o que sou, e eu sou seu

My love, there's so many ways I want to say, I love you

Meu Amor, há tantas maneiras que quero dizer, eu te amo

Let me hold you in my arms forever more

Deixe-me abraçá-la em meus braços, para sempre e sempre

— Música linda, amor. — murmurou bem perto da minha boca. — eu estava errada, você é um perfeito príncipe encantado. — completou. Não havia provocação em seu tom. Meu coração cantou junto com o refrão de Lionel Richie.

— Eu nunca estive enganado. — sussurrei, provocando seus lábios com pequenos beijos. — você é uma lady. Minha lady. — ela sorriu e me beijou devagar. Ficamos assim, curtindo a música. Seu corpo relaxando aos poucos junto ao meu.

Cerca de meia hora depois estacionei meu carro na frente do restaurante. Desci e contornei rapidamente para ajudá-la a sair. Ainda era cedo e não havia muito tumulto na entrada. Peguei sua mão gelada e a puxei para fora. Estava tão linda. Uma verdadeira princesa. Usava um longo bege, quase branco, destacando sua pele morena. O modelo de um ombro só, deixando-a elegante e sensual. Jesus! Estou irremediavelmente perdido de amor por essa mulher. Os cabelos caíam soltos, do jeito que ela aprendeu a arrumar recentemente, deixando-a sexy pra caralho. O porte alto,

esguio, elegante. Enlacei sua cintura e a firmei, puxando-a para bem perto de mim. Ela soltou um suspiro audível. Seu corpo estremecia com pequenos espasmos.

— Vamos, amor. Estou aqui com você. — sussurrei e beijei seus cabelos. — sempre estarei.

— *Si, vamos, amor mio.* — disse tentando soar confiante e eu a amei ainda mais, se é que isso é possível. Entramos no ambiente requintado. Fomos atendidos e levados à nossa mesa imediatamente. Atravessamos todo o ambiente interno até o amplo terraço, onde soava uma melodia suave ao som de um piano. Senti muitos olhares sobre nós. Era a primeira vez que saíamos do nosso casulo. Era a primeira vez que a mostrava ao mundo como minha mulher, verdadeiramente minha mulher. Puxei a cadeira para ela, como manda o manual dos príncipes encantados e acomodei-me à sua frente. Seu rosto estava um tanto pálido. Pedi água e champanhe ao *maître*. Desisti de ficar longe dela e reposicionei minha cadeira do seu lado. Me olhou agradecendo-me silenciosamente. Quando as bebidas chegaram eu mesmo servi, tomou um copo de água avidamente. Sorriu-me depois, um tanto insegura,

como se pedisse desculpas por estar nervosa.

— Você está indo muito bem, princesa. — incentivei-a e passei-lhe uma taça de champanhe. Bebeu mais tranquilamente dessa vez. Estava se acalmando aos poucos. Ainda era difícil para mim entender como uma mulher tão confiante no seu trabalho se transformava nessa tão insegura na vida social. Tomei sua mão e deposei um beijo na palma. Ficamos nos olhando por incontáveis segundos até sermos interrompidos pelo garçom que trazia os cardápios.

— Então, o que prefere, amor? — quis saber pondo-me a examinar o cardápio.

— Escolha você, amor. É cliente assíduo daqui, não é? — sua voz era um pouco mais firme agora.

— Sempre venho aqui. Posso garantir que a gastronomia é excelente. Sugiro o frango ao molho de gengibre com a salada tropical.

— Salada tropical? — ela levantou as sobrancelhas arqueadas e bem feitas.

— O Chef é brasileiro. Sempre incorpora ao cardápio

alguma novidade da culinária do Brasil. — esclareci.

— Parece ótimo. — assentiu. — Experimentei alguns pratos da culinária brasileira em Ardócia. Leon mandou buscar um chef brasileiro para deixar Júlia mais à vontade no palácio. — falou tomando mais um gole da sua taça. Fiz os pedidos.

O ambiente começou a lotar. Muitos casais se acomodando nas mesas dispostas pelo terraço. Mas não deixei que isso a intimidasse. Comemos, bebemos. Bom, eu bebi apenas uma taça, pois estava dirigindo. Quis dar a experiência de um encontro romântico completo para ela. Cristo! Jay estaria rindo de mim agora como o bastardo cínico que é. Consegui que dançasse comigo em meio aos outros casais. Entretanto, quando saímos do restaurante o circo estava montado. Jesus! Nunca vi tantos abutres juntos. A reação dela foi a de sempre. Estacou e apertou meu braço, seus olhos suplicando-me para não fazê-la passar por isso. Lembrei-me das palavras da psicóloga dizendo que precisaria ser muito paciente e dar todo apoio. Levantei-a nos braços e sussurrei em seu ouvido.

— Olhe para mim, amor. — seus olhos não estavam completamente vidrados como nas outras vezes, mas estavam arregalados. Entraria em surto a qualquer momento. — somos só eu e você, princesa. Só nós dois, amor. Esqueça que eles estão aqui. Vamos precisar passar por eles para chegar até o carro. — beijei seus cabelos. Me apertou mais no pescoço. — Você é corajosa, amor. É uma lutadora. Eles não são páreos para você. Eles não são nada comparados a você, princesa. — fui sussurrando palavras de incentivo todo o caminho até o carro. A porra do manobrista demorou apenas alguns segundos, mas para ela deve ter sido uma eternidade. Flashes espocavam em nós. Perguntas eram gritadas. Algum imbecil indagou se ela estava tendo um surto. Procurei-o e o identifiquei. Juro que vou caçá-lo e persegui-lo como está fazendo com ela. — nada a declarar! Saiam! Deixem-nos em paz! — rosnei e finalmente meu carro parou diante de nós. Rapidamente a acomodei em seu banco e corri para a direção.

Ela pendeu a cabeça para trás no banco e fechou os olhos, puxando respirações rápidas. Arranquei, obrigando-os a recuar. Respirei aliviado quando conseguimos entrar no

tráfego, deixando os malditos para trás. Talvez fosse muito cedo para forçá-la a confrontar seus medos. Ela continuou calada por um bom tempo, mas sua respiração já havia normalizado.

— Desculpe, amor. Levar você lá não foi uma boa ideia. — admiti.

— *Si, foi, amore mio.* — disse virando o rosto para mim. Sua cor já havia voltado. Graças a Deus! — eu te amo, sabia? Você está sendo perfeito. Vamos continuar insistindo. Não vou mais fugir. Na próxima vou me preparar melhor.

— Você foi bem, princesa. Não surtou como nas outras vezes. — disse baixinho, olhando-a rapidamente. — você vai vencer isso, Helena. Está me ouvindo? Vai vencer, amor. — Avistei a ponte do Brooklin e uma ideia maluca se formou em minha mente. Há um clube de dança latina de um amigo meu. Faz algum tempo que não apareço por lá. — princesa, anime-se! Nossa noite ainda não acabou. Vou apresentá-la a uma parte de Nova Iorque que tenho certeza ainda não conhece.

— Aonde está me levando, amor? *Dio!* Que sorriso travesso é esse, Dom? — quis saber, sua voz entre preocupada e excitada. Ela tem o espírito tão aventureiro quanto eu. Amo isso nela.

— Aguarde, princesa. Você logo, logo verá. — dei-lhe um sorriso safado, cheio de mistério. Ela meneou a cabeça suspeitando que viria uma loucura em grande estilo e sorriu de volta, seu semblante se iluminando. Linda! Eu amo essa mulher! Cristo! Eu sou louco por essa mulher! E virei o carro tomando a direção da ponte imponente à nossa direita.

CAPÍTULO VINTE

Dominic

Entrei na ponte e fiz uma coisa que Ben e Scott detestam, baixei a capota do carro. A brisa noturna nos assaltou. Amo isso. Detesto me sentir preso, refém do meu dinheiro e do meu recente título. Fui criado aqui, no Brooklin, com muitas limitações. Limitações que se intensificaram quando minha mãe me deixou sozinho aos dezesseis anos. Sou um sobrevivente de certa forma. Tenho um pouco em comum com a mulher linda que está sorrindo, maravilhada no banco ao lado. Desviei o olhar para ela. Seus cabelos voando, dançando, os olhos exóticos brilhando encantados, excitados. Linda! O mal-estar já havia ficado para trás. Ela vai vencer essa merda! Nós vamos vencer essa merda! Mas vamos devagar. Vou introduzi-la aos poucos na noite nova-iorquina.

— Amor, isso é tão bom! — elevou a voz para ser ouvida acima do vento. — *Madonna mia!* Muito bom! — gargalhou. — amor! Seu louco! — repreendeu-me quando

me debrucei em sua direção, tomando sua boca num beijo irreverente. — volte a olhar para frente, ou vamos bater! — pediu ainda sorrindo. Dei-lhe mais um beijo e voltei à posição, firmando a direção com as duas mãos.

— Você está tão linda, princesa. — disse em tom de desculpas. — é uma tortura ficar aqui apenas olhando.

Levou a mão à lateral do meu rosto, acariciando-me, seus olhos amorosos.

— Obrigado por isso, *amore mio*. — curvou-se para mim, beijando meu ombro. — amo o que está fazendo por mim. — sussurrou perto do meu ouvido, me arrepiei inteiro. — Então, onde está me levando?

— É surpresa, amor. Seja boazinha e espere até chegarmos lá. — falei, meus olhos se dividindo entre o trânsito e ela.

— Você cresceu aqui, não é? — era a primeira vez que me perguntava algo sobre minha vida antiga. — Você nunca perdeu esse ar indomável de garoto de periferia, amor.

— Gosto de ser livre, princesa. Nunca deixei de fazer coisas que me fazem bem, porque sou rico e um príncipe,

agora. Amo viver. — a encarei com um riso calculadamente devasso. — viver intensamente. — completei, ela revirou os olhos e bufou, sabendo exatamente a que me referia.

— Como vamos explicar aquele vídeo para nossos filhos, amor? — sua voz continha um sorriso. Meus olhos voltaram para ela de novo. Boa pergunta. Como explicar a nossos filhos que seu pai era um maldito tarado que não conseguia ficar perto de sua mãe sem fazer besteira? Cristo! Mas foi a besteira mais deliciosa que já fiz.

— Vamos apenas dizer que seu pai sempre foi louco, malditamente louco pela mãe deles. — ela gargalhou de novo.

— Parece um bom plano, amor. Mas ainda vou ficar com vergonha deles verem aquilo. — disse ligando o som do carro.

— Meus advogados conseguiram que o vídeo fosse retirado do YouTube. Mas não temos controle sobre as cópias que com certeza foram feitas, princesa. Sei que para você é realmente um escândalo, então, tente pensar

apenas em como foi gostoso, amor. — disse e ela meneou a cabeça, claramente me reprovando, mas seus olhos se incendiaram e sua boca se curvou num sorriso travesso. Ela amou aquilo. Seu espírito é livre como o meu, apenas acostumou-se a viver contida, fechada. Meu peito se enche de orgulho ao ver como floresce a cada dia. Linda! Espontânea, feliz. Eu a amo tanto. Quero ver sempre esse brilho excitado em seus olhos e esse sorriso em seus lábios. Ela é minha e vou cuidar para que fique sempre assim, livre de todas as paranoias que a impediram de viver, de ser feliz. Vou cuidar da minha princesa. Ela virou-se para frente e sintonizou em uma estação de rádio, a música *Diamonds* de Rihanna ganhou a noite.

— Oh, *Dio mio!* Essa música é tão bonita! — exclamou excitada e começou a cantar. Sorrio me sentindo ridiculamente feliz, encantado, completamente fascinado, apaixonado. Cantei junto com ela.

Shine bright like a Diamond (Brilhe intensamente como um diamante)

Shine bright like a Diamond (Brilhe intensamente como

um diamante)

Find light in the beautiful sea (Encontre a luz no belo mar)

I choose to be happy (Eu escolho ser feliz)

You and I, you and I (Você e eu, você e eu)

We're like diamonds in the sky (Nós somos como os diamantes no céu)

Gritamos parecendo dois loucos. Os carros passando por nós. Algumas pessoas desciam os vidros para nos olhar quando nos emparelhavam. Helena não se intimidou, continuou cantando a plenos pulmões.

— Você tem um gosto musical bem eclético, já percebi. — disse assim que a música acabou e iniciou outra. Um hip hop escandaloso do Eminem. Sorrio e concordo.

— Sou de Nova Iorque, princesa. Essa cidade é uma mistura louca de culturas e estilos. Não dá para escolher um só. — comecei a cantar. Ela gargalhou com os inúmeros palavrões.

Cerca de vinte minutos depois estávamos estacionando na

frente do clube do meu amigo de infância, Carlito Sanchez. A família dele é de origem mexicana. Vivemos muitas coisas juntos enquanto crescíamos livres pelas ruas do Brooklin. Ele vai ficar feliz em me ver. Tem um bom tempo que não apareço. Desci e a ajudei a sair do carro. Havia algumas pessoas na entrada, numa fila que dobrava o quarteirão, mas não me importei. A puxei pela cintura e tomei sua boca num beijo lento. Quero que continue relaxada como estava em todo o trajeto. Seus braços rodearam meu pescoço e colou seu corpo no meu. Gemi em seus lábios. Sorriu, gemendo também. Separei nossas bocas contra a vontade, minhas mãos continuaram acariciando suas costas. Nossos olhares presos. Tudo o mais, perde a importância quando ela está assim, em meus braços. Os olhos exóticos dizendo-me que é minha. Toda minha. Só minha. Meu pau começou a se rebelar. O bastardo era tão ganancioso quando se tratava dela. Havíamos passado todo o final da tarde trancados na minha sala que fui obrigado a redecorar há pouco mais de uma semana. Ela me surpreendeu quando entrou sem ser anunciada e veio direto para mim. Sem uma palavra, abriu

minhas calças e tirou meu pau que ficou logo animado. Sua boquinha gulosa mamou tão gostoso. Me torturou sem me deixar gozar e já ia saindo, mas a empurrei contra as janelas de vidro. Sorriu do meu desespero. Minha cadelinha estava ficando cada vez mais safada. Levantei sua saia bruscamente e rasguei sua calcinha. Não demorou muito e estava todo enterrado nela. Comi sua bocetinha gostosa bem duro, mantendo-a prensada contra a janela. Ela gemia, gritava, embaçando o vidro próximo de sua boca. A visão do trânsito lá embaixo só aumentou o tesão violento que sinto por ela. Esporrei feito um louco dentro de seu buraco apertado. Mas não parei por aí. Brinquei com ela também. A deixei nua e a torturei, deixando-a pendurada, à beira do gozo. Quando estava desesperada, comi sua boceta de novo e gozou, gritando meu nome, estrangulando meu pau com seu canalzinho pequeno, fazendo-me rugir alto e enchê-la ainda mais, com meu esperma. Gostosa pra caralho! Ela corou, percebendo onde minha mente tinha ido. Sorrio do jeito que sei que a enlouquece, baixo, devasso, meus olhos dizendo mil coisas sujas, que quero fazer com ela. Arfou em minha

boca.

— Vamos, princesa. — murmurei entre pequenos beijos.

— vamos mexer esse traseiro gostoso.

Seus olhos se arregalaram.

— Dom, seu louco! Você me trouxe para um clube de dança latina? — sorriu surpresa quando viu *The house Sanchez*[\[98\]](#) escrito na fachada luminosa. — vou passar vergonha. Não sei dançar esse tipo de música. — emendou ainda incrédula.

— Ah, mas vai aprender, princesa. — chupei seu lábio inferior antes de me afastar e entrelaçar nossas mãos. — vem, amor. Você vai gostar, prometo. — ela meneou a cabeça, mas se deixou ser guiada por mim. Ignorei a fila. Fui direto à dupla de seguranças atrás de uma corda de isolamento. Eles abriram um sorriso amplo ao me ver. Tivemos nosso acesso permitido imediatamente e ouvi os gritos nada gentis às minhas costas. *Ei, palhaço! Tome a fila, seu babaca!* Apenas sorrio e enlaço a cintura de Helena entrando pelo corredor semiescuro. Carlito havia feito uma reforma muito boa, observei quando paramos na

ampla entrada. Havia três ambientes, todos lotados. A clientela era muito mais modesta que no restaurante que estávamos. Adoro isso. Antes de ser o Dom Harper de Manhantan, fui e sempre serei o Dom do Brooklin. Aqui estou em casa, verdadeiramente em casa. Sinto-me bem no meio das minhas origens. Desviei o olhar para Helena que parecia apreensiva, mas os olhos brilhavam correndo curiosos pelo lugar. — sei que não é um ambiente com o qual esteja acostumada, princesa, mas...

— Por acaso está me chamando de esnobe, alteza? — disse num tom acima da salsa contagiante que enchia o salão. Seus olhos eram provocadores.

— De jeito nenhum, amor. — sorrio, provocando-a também. — hum, talvez só um pouco. Olhe só para você. Vai humilhar as outras mulheres daqui. — me bateu no ombro. — vem, quero apresentá-la ao dono do clube que é também um amigo de infância. — Descemos os degraus direto na pista de dança e nos esgueiramos pelas laterais até o enorme bar. Uau! Ele havia feito mudanças incríveis. O bar era muito maior agora. Vários bancos foram

dispostos ao redor do balcão de mármore levemente oval. Não foi difícil avistá-lo lá atrás, ajudando os dois rapazes com camisetas regatas bem justas e músculos saltando por todo lado. Havia um sem camisa em cima do balcão no canto oposto ao nosso, gritando a letra da música, requebrando como se sua vida dependesse disso. Cristo! Isso aqui virou uma versão masculina de *Show Bar*?[99] Não consegui conter o riso. Helena estava com os olhos vidrados no inusitado dançarino, uma expressão chocada no rosto.

— Ei, o que é isso, princesa? — puxei seu rosto para mim. — tire os olhos do *Rambo*, ali. — ela corou lindamente. Gargalhei. Adoro provocá-la.

— *Madonna mia!* — disse baixinho e não conteve um riso também. — realmente nunca estive num lugar assim.

— Basta manter os olhos em seu marido, amor e tudo ficará bem. — sussurrei em seu ouvido e mordi seu pescoço.

— Eu não estava *olhando*. — negou, mas acabou sorrindo mais, seu rosto muito vermelho. — amor, não tenho culpa.

Você é o culpado por me trazer aqui. — provocou-me.

— Você está ficando tão atrevida, cadelinha linda. — murmurei em sua orelha e puxei suas costas para minha frente. Gemeu ao sentir meu pau duro cavar bem no meio de seu traseiro. — talvez eu resolva comer você em um dos banheiros mais tarde. Hum? Meu pau todo enterrado em você enquanto as pessoas estão usando os outros compartimentos. Cristo! Excita-me pra caralho, princesa. — ela miou, esfregando a bunda em mim, sutilmente, pois estávamos cercados de gente por todos os lados. — você quer, não é? Quer dar para o seu cachorrão lá dentro, não quer, minha cadela gostosa? — chupei seu pescoço, seu corpo estremecendo com meu assédio.

— Oh, *Dio mio!* Dom... — choramingou, se rendendo a mim. Enlouqueço com sua entrega. Dá-me tudo. Não me nega nada.

— Dom Harper! *Santa Madre de Dios!* [\[100\]](#) Deixe a garota respirar, amigo. — a voz muito divertida de Carlito soou bem perto de nós. Levantei meu rosto para sua figura mediana atrás do balcão. Tinha pele morena, olhos e

cabelos escuros e um cavanhaque que era a sua marca desde muito novo.

— Carlito, amigo! — obriguei-me a afastar-me um pouco de Helena, mas mantive uma mão em sua cintura. Estendi a outra para ele que já havia contornado o balcão, parando à minha frente. Puxou-me para um abraço de caras, seus olhos brilhando eufóricos.

— Dom, quanto tempo faz que não aparece, *alteza*. — zombou do meu título no final.

— Ah, pare com isso, seu idiota. — resmunguei. — tem um bom tempo mesmo. Gostei da reforma. Mas esse bar ficaria bem melhor com garçonetes seminuas e... — me freei bruscamente, olhei de relance para Helena que tinha uma sobrancelha levantada observando até onde eu iria. Sorrio devagar e a puxo mais para mim, beijando seus cabelos. — bom, eu acho que pode continuar desse jeito. — Carlito caiu na gargalhada.

— Uau! E essa deve ser a razão que o manteve tão ocupado nos últimos meses, não é Dom? — disse desviando os olhos para Helena que sorria também. —

Jesus! Você conseguiu uma princesa de verdade, amigo! — deu um assovio olhando-a de cima a baixo. Bastardo!

— Essa é Helena, minha mulher. — apresentei-a. — e pare de babar em cima dela, ou vou ter que te ensinar boas maneiras, seu bastardo! — seu riso ampliou e estendeu a mão à Helena.

— É um prazer conhecer a mulher que colocou rédeas nesse idiota aqui. — Helena aceitou sua mão. Ele sorriu mais. — rédeas bem curtas pelo visto. — zombou. — as garçonetes seminuas entrarão em ação dentro de uma hora amigo. Boa sorte com isso!

Bufei.

— É um prazer conhecê-lo também, Carlito. — Helena disse muito à vontade com o jeito brincalhão dele. — se ele prezar as bolas não vai se empolgar muito com as garçonetes seminuas. — completou em tom de conspiração. Meu amigo gargalhou. Ela o ganhou direitinho.

— *Dios!* Dom, você tá encrencado, amigo. Essa tem sangue quente! — advertiu-me dando tapinhas nas minhas

costas. — Fiquem à vontade. Vou deixá-lo levar sua princesa para sacudir o esqueleto, amigo. Mostre a ela como são os caras do Brooklin. Vou voltar para trás do balcão, pois dois funcionários faltaram hoje e isso aqui tá uma loucura! — completou e voltou à sua função.

— Quer dançar ou beber algo para tomar coragem primeiro? — indaguei puxando-a para mim de novo, dessa vez de frente. Seus braços me rodearam o pescoço.

— Não preciso do álcool para me dar coragem, Sr. Di Castellani. — disse bem perto da minha boca. — tenho um marido lindo, atencioso. — sorriu travessa. — e ótimo dançarino que vai me mostrar como são *os caras do Brooklin*.

Sorrio lentamente e desço minha mão perigosamente perto de sua bunda empinada.

— Definitivamente está ficando muito atrevida, cadelinha. — mordi seu queixo, meus olhos enviando uma mensagem sexual aos dela que dilataram visivelmente. — não tenha dúvidas de que vou mostrar como é *esse cara do Brooklin aqui*. — grunhiu. Sorrio perversamente e desço mais a

mão, apalpando sua bundinha, deslizando entre as bochechas. Sua mão cobriu a minha parando-a. Os olhos exóticos loucamente excitados. Sua respiração ruidosa em minha boca. — vamos, princesa. Vamos dançar. — dei-lhe um tapinha no traseiro e trouxe suas costas contra meu peito de novo. Andamos assim por entre os casais até o centro do amplo salão. Recebemos alguns olhares de surpresa. Acho que alguns deles estavam me reconhecendo, nos reconhecendo. Seríamos lembrados por muito tempo ainda como *o casal da sacada*. A virei de frente para mim. Seu semblante um tanto apreensivo agora. Sorrio, transmitindo-lhe confiança e enlacei sua cintura delicada. — faça como em Las Vegas, amor. Sinta a música. Esqueça todos em volta. Olhe para mim. Apenas para mim. Somos só nós dois aqui, princesa. Só nós dois. — disse em seu ouvido. Ela assentiu levemente e levantou a cabeça, nossos olhares travaram. Comecei a conduzi-la devagar a princípio. Ela não era tão ruim. Tinha passos coordenados, faltava apenas um pouco de prática. — isso, amor. Se solte para mim, linda!

Helena

Abri um sorriso nervoso, cheio de expectativas, mas de pura felicidade para meu lindo marido. Ele é muito mais do que podia sonhar. Contrariando todas as apostas ele é meu príncipe encantado. Meu cavaleiro de armadura brilhante como na música de Lionel Richie que dançamos antes de sair. Me sinto tão linda, tão forte, autoconfiante quando me olha assim, com pura adoração nos olhos verdes. Ele tem tanta fé em mim. Não posso decepcioná-lo. Serei essa mulher forte para ele. Enfrentarei, vencerei todos os meus monstros por ele.

— Estou conseguindo, amor! — disse eufórica, deixando o ritmo agitado da salsa me contagiar. Abriu aquele riso lindo com covinhas e me puxou mais firme contra seu corpo grande, seu cheiro delicioso se entranhando em meus sentidos. A mão da minha cintura desceu para meu quadril e moeu bem gostoso, colando nossas pélvis. *Dio!* Ele dançava muito, muito bem. Deixei-me levar pela música, por ele, nossos olhos nunca deixando o outro. Me empurrou para longe de repente, mas não soltou minha mão. Induziu-me a girar duas vezes e me trouxe de novo para ele. Minhas costas contra seu peito duro. Os braços

vieram em torno da minha cintura e moeu em minha bunda. Sua boca quente desceu em beijos enlouquecedores no meu ombro nu. Gemi. Sorriu em minha orelha e me girou de novo. Sorrio mais feliz do já estive em minha vida inteira. Soltei-me completamente, meu corpo se tornou uma massa quente, desejosa nas mãos dele. Enlaçou minha cintura com um braço e levou a outra mão ao meu rosto. Seu polegar deslizou pelos meus lábios. Seus olhos inflamados, excitados injetados nos meus. Nossas respirações ruidosas agora, tanto pelo esforço físico, quanto pelo tesão que tomou conta de nós. Seu pênis estava duro cavando em meu ventre. Entreabri os lábios e ele enfiou. Chupei-o sem me importar se estávamos em público. Sorriu baixinho e desceu a mão pelo meu maxilar, pescoço, me fazendo inclinar, arqueando as costas, pendendo para trás. O braço da minha cintura me manteve amparada e me inclinou muito mais. Me assustei a princípio, mas relaxei, confiando que não me deixaria cair. A posição me deixou com as pernas muito abertas, cavalcando na coxa musculosa dele. Oh, *Madonna mia!* Gemi enlouquecida quando fez minha pélvis deslizar em

um vai e vem enlouquecedor sobre a coxa dura. A mão que estava no pescoço desceu fazendo um rastro de fogo, pelo vale entre meus seios. Meus mamilos intumesceram e minha vagina alagou, palpitando descontrolada. Como diria Júlia, puta merda! Ele realmente sabe o que está fazendo. Moeu sua coxa em mim mais uma vez e tão subitamente como havia me inclinado, puxou-me de volta e nossos olhos travaram de novo. Eu estava arquejando vergonhosamente. O conhecido sorriso safado curvou os lábios sensuais, sabendo tudo que fez comigo. — os caras do Brooklin são mesmo muito, muito malvados, *amore mio*. — sussurrei em sua boca, minha voz ofegante, rouca de tesão. — gargalhou de volta e sua mão desceu para minha bunda, apalpando-a descaradamente.

— Ah, eles são, não é, princesa?

O puxei pelo pescoço e nos beijamos, sem ligar para o burburinho ao redor. Éramos realmente só eu e ele. Esse homem indomável, louco, apaixonante que é meu. Só meu. Seguiram-se mais duas músicas no mesmo estilo e dançamos. Eu estava muito empolgada agora. Nem mesmo

o fato de notar os olhares de cobiça de algumas vadias na direção de Dom, me fez perder o bom humor. Ele era meu e provou-me isso o tempo todo. Seus olhos nunca vagaram para longe de mim, lindo, sexy, absurdamente sexy.

— Vamos tomar algo gelado, amor. Você me deixou em chamas. — murmurou em meus lábios e deu-me um último beijo. Me arrastou em direção ao bar. Pouco depois estávamos tomando nossas bebidas no canto onde Carlito estava atendendo. Ele era uma figura muito simpática. Observando a conversa e a camaradagem fácil entre eles, percebi que Dom não era o playboy que a mídia retratava incansavelmente. Vendo-o ali em seu bairro, tão à vontade conversando com seu amigo de infância, lembrando de coisas que faziam juntos, quando crianças e adolescentes só me fez admirá-lo mais. Ele me surpreende a cada dia. Seus olhos desviaram para mim e me flagraram olhando-o. Abriu seu melhor sorriso molha calcinha e me puxou mais perto. Sua boca, vindo na minha orelha.

— Princesa se ficar me olhando assim vou ter que levá-la num tour pelo banheiro feminino. — sussurrou e lambeu o

lóbulo. Sua risada baixa, devassa, sexy soou de novo.

— Dom... *Amore mio*. — miei, minhas forças me abandonando.

— Você quer, amor? Hum? Bem rápido, duro, gostoso? — sua voz rouca, sensual me tentando além de todos os meus limites. Eu quero. É claro que quero. *Dio Santo!* — vem, vamos sair daqui. — sua voz foi mais grossa, dura. O tom que usa quando está louco de tesão. Cristo! Espero não parar mais uma vez no YouTube, porque vai ser muito difícil explicar tantos vídeos para nossos filhos, mas o cosmopolitan que tomei, bem rápido por sinal, já estava fazendo efeito e me deixando tão despudorada quanto meu marido. Me arrastou por um corredor semiescuro onde tinham alguns casais se devorando escancaradamente. Continuou me puxando pela mão. A excitação tomou conta de mim com a expectativa. *Dio!* Dom me transformou numa criatura devassa, louca por sexo, louca por ele. Chegamos finalmente ao banheiro. Estava milagrosamente vazio. Me empurrou para dentro de um dos compartimentos e travou a porta. Num picar de olhos seu

grande corpo estava prendendo o meu contra a parede. Arfei quando sua mão cavou grosseiramente no meio das minhas coxas. — você não ama essa sensação, cadela safada? Hum? Não ama saber que vou comer sua bocetinha gostosa bem duro. Que não pode fazer barulho senão os outros vão saber que está aqui dentro tomando meu pau? — massageou meu clitóris por cima do vestido. Gemeu baixinho e puxou a barra do vestido longo. Seus dedos afastaram a calcinha para o lado, gemi alto quando seu polegar deslizou entre os lábios melados. — shhhhh. Não faça barulho, cadela! Deu-me um tapa firme no rosto. Engoli outro gemido, mordendo os lábios. Os olhos verdes quase azuis perfuraram os meus gritando coisas sujas, puxou meus cabelos da nuca e enfiou dois dedos em minha vulva rudemente.

— Dom... Oh, *amore mio!* — choraminguei num fio de voz. Me comeu assim, dois dedos entrando grosseiramente enquanto seu polegar massageava meu clitóris. Mantendo-me presa, imóvel pelos cabelos. — por favor...

— Por favor o que, cadelinha linda? — sua voz era tensa.

Ele estava louco também. — será que minha cadela safada quer tomar meu pau em pleno banheiro público? Hum? Responda! — puxou meus cabelos mais forte e meteu os dedos sem dó, girando-os lá dentro. Fiquei a ponto de explodir.

— Ahhh! *Si, Dio! Si.* — sussurrei fora de mim.

Abriu um sorriso lento, pecaminoso, nossos olhos presos. Retirou os dedos e os chupou bem devagar, inflamando-me ainda mais. Tomou minha boca num beijo duro. Senti meu gosto em sua língua. Continuou saqueando, mostrando-me que sou dele, que pode me tomar onde quiser. Sua língua dançou eroticamente com a minha. Estávamos os dois enlouquecidos, fodendo com nossas bocas. Minhas mãos passearam pelos ombros largos por cima do terno, desceram se infiltrando em seu peito duro. Adoro sentir seus músculos firmes. Ele é tão lindo. Gemeu baixinho na minha boca quando descí até seu pênis segurando-o por cima das calças. Estava duro feito pedra. Minha vagina encharcou mais antecipando a sensação vertiginosa que é tomá-lo todo dentro de mim.

— Liberte meu pau, princesa! Vou meter tão forte em você! Tão duro, cadelinha gostosa! — rosnou baixinho e me apressei em abrir seu zíper. Logo seu pênis saltava para fora, orgulhoso, duro, lindo. Suas mãos levantaram a saia longa do vestido de novo. Levantou minha perna direita encaixando-a em seu quadril. Eu estava de salto o que me deixava apenas poucos centímetros mais baixa. — afaste sua calcinha, princesa. — fiz o que disse e senti a ponta grossa deslizando em meus lábios para cima e para baixo, lambuzando-se no meu creme. Sua mão apertou minha coxa e deu uma estocada bruta, metendo com tudo em mim. Inalei bruscamente à procura de ar com sua invasão. — oh! Porra! Que bocetinha mais perfeita! Cristo! — grunhiu, tirando tudo e batendo de volta me rasgando até o útero. Nessa posição era possível sentir cada veia, cada contorno do seu pênis enorme. Meu canal contraiu com a dor prazerosa de senti-lo me tomando, me fazendo sua. — isso, cadelinha linda! Que gostoso sentir essa bocetinha mamando no meu pau! Toma tudo, porra! Toma cada centímetro do meu pau! — sua mão continuou apertando, mantendo minha perna em seu quadril e levou a

outra por trás do meu ombro. Gemi quando me puxou, me comendo impiedosamente agora. Mantendo-me imobilizada para tomar suas arremetidas brutais. Bateu em mim incansavelmente, rasgando meu canal, me esticando sem dó. Nossos olhos travados. Sentindo, vendo cada emoção, cada nuance do rosto do outro. Nossas bocas arquejando uma na outra. Tudo elevado à máxima intensidade, pelo inusitado do local. Não podíamos fazer barulho. Tirou tudo, deixando só a ponta e meteu tudo sacudindo meu corpo. Seus olhos perfurando os meus, seu semblante tenso. Ele estava no mesmo ponto que eu, quase lá. Moeu em mim girando o quadril, tocando todos os recantos nervosos da minha vulva e quebrei.

— Dom... Ohhh! *Madon...* — sua boca cobriu a minha, bebendo minhas palavras, meus gemidos. A sensação enlouquecedora de prazer sem limites enchendo meu ventre, se alojando em minha vagina e explodi gozando. Rosnou baixinho ao sentir meu canal se contraindo em torno dele. Me apertou mais, metendo mais duro, mais forte. Senti seu pênis alargando-me e logo um gemido rouco escapou da sua boca para a minha e gozou também.

Meu canal já ardente foi inundado com jatos de seu esperma quente. Delicioso! Não consegui evitar mais um gemido, enquanto continuava me comendo com avidez, esfomeado. Nos beijamos até passar o frenesi de emoções e seus movimentos desacelerarem. Paramos, respirando na boca do outro, nos olhando. Seus olhos lindos, tempestuosos, satisfeitos, rindo para mim. — sou louco por você, princesa. Tão louco por você, amor. — murmurou na minha boca.

— E eu por você. Completamente louca, *amore mio*. — sussurrei de volta. Sorrimos baixinho, conscientes da nossa loucura, da nossa infração. Deu-me mais um beijo. Um bem suave dessa vez e saiu devagar de dentro de mim. Ouvimos vozes lá fora. Duas mulheres. Uma chorando suas lamúrias para a outra que a aconselhou a *pegar* um tal de *Ruanito* para causar ciúmes num tal *Pablo*. Estávamos quase explodindo na gargalhada quando as duas finalmente deixaram o banheiro. Terminamos de nos ajeitar e saímos meio que disfarçando. Então, quando estávamos adentrando o salão meus olhos pararam na figura de uma loira. Ela estava de costas parecia estar

vindo do mesmo lugar que eu e Dom, o banheiro. A silhueta bem familiar me fez sentir náuseas e minha cabeça rodar um pouco. Quando ela virou o rosto, olhando por cima do ombro, meu sangue gelou nas veias. Amanda-puta-Parker! O que essa vaca fazia aqui? Deu-me sorriso estranho e foi engolida pela multidão que lotava a pista de dança agora.

— Dom... — minha voz foi um apenas um murmúrio. — vamos embora, amor. Não estou me sentindo bem. — ele virou seu rosto para mim, os olhos correndo pelo meu rosto com preocupação.

— Você está pálida, o que houve, princesa?

— Nada, só estou um pouco enjoada. — seus olhos continuaram me analisando, mas assentiu.

— Vamos só nos despedir de Carlito e iremos para casa, amor. — pouco depois saímos na portaria e inspirei o ar noturno longamente. Dom ficou para trás uns minutos se despedindo dos dois seguranças que pareciam ser conhecidos de longa data também. Havia muito mais pessoas esperando para entrar. Foi quando minha mão foi

arrancada bruscamente da dele e senti uma picada forte nas minhas costelas do lado direito. Foi tudo muito rápido.

— Ai! — gritei, cambaleando para frente e Dom voltou-se rapidamente para mim. — alguém me furou! Dom! — levei minha mão ao local e entrei em pânico quando voltou suja de sangue. — oh, *Dio mio!* — gemi, minha mão tremendo.

— Oh, Cristo! Helena! Princesa! Quem fez isso? — sua voz soou num misto de lamento, horror e agonia, seus braços vieram em torno de mim, levantando-me. — aguenta firme, amor! Aguenta firme! Saiam da frente! Saiam, porra! — registrei as pessoas abrindo caminho, seus rostos alarmados e então a escuridão me envolveu.

CAPÍTULO VINTE E UM

Helena

Abri os olhos lentamente. Já era dia, percebi pela luz que entrava através das persianas do quarto. Me mexi e senti a picada dolorosa nas costelas. Virei o rosto para o lado esquerdo e meu coração acelerou ao dar de cara com o rosto lindo de meu marido. Os olhos verdes incríveis me observando cheios de amor, preocupação. Ele estava espremido, deitado de lado junto a mim na cama estreita. Levou uma mão ao meu rosto, numa carícia suave.

— Oi, princesa. — sussurrou. — como se sente, amor?

— Oi, amor. — segurei sua mão e virei o rosto beijando-a. — estou bem, acho. — tentei sorrir, mas a dor aumentou. — *Madonna mia!* O que foi isso, afinal? — meu tom saiu tenso.

— Você foi atingida por uma espécie de canivete. — cerrou o maxilar, seu semblante se transformou numa máscara de cólera. — mas prometo que vou descobrir quem foi e quando estiver cara a cara com essa pessoa,

ela vai desejar nunca ter tocado em você, amor. — beijou meus cabelos e me puxou suavemente, tendo cuidado com meu ferimento. Me aninhei em seus braços. — tive tanto medo, princesa. Quando a vi sangrando, enlouqueci. Atravessei todos os sinais vermelhos até chegar aqui. O médico informou que a ferida não foi profunda, mas você foi ferida, Cristo! Nunca mais quero vê-la machucada e me sentir tão impotente, amor.

— Não foi sua culpa, amor. Havia muita gente ali na entrada. — murmurei em seu peito.

— Carlito me garantiu que há câmeras na entrada, vou passar lá mais tarde com dois detetives que contratei para cuidar disso. Só vou sossegar quando descobrir quem fez isso. Havia muitas pessoas por lá. Por que esse maldito a escolheu?

Fiquei em silêncio por um instante. Ele levantou meu queixo para olhá-lo. Seus olhos inteligentes me analisando daquele jeito só dele.

— Viu algo suspeito, amor? Você tem que me dizer, princesa. — pediu.

— *Si*, vi Amanda lá dentro, logo que saímos do banheiro. — seu corpo ficou rígido com minha revelação. — ela me deu um sorriso estranho e sumiu no meio dos outros, me senti mal depois. Você acha que... Que pode ter sido essa puta louca?

— Eu gostaria de pensar que não, princesa. — fez uma pausa, deslizando a mão pelo meu braço devagar. — mas vamos dobrar a segurança à nossa volta de qualquer forma. Foi estúpido sair sem Ben e Scott. Ninguém vai machucá-la de novo, amor. Eu não vou deixar. — garantiu, seu tom rouco, sexy que tanto amo voltando ao normal. Naquele momento a porta do quarto se abriu e uma enfermeira entrou.

— Sr. Di Castellani, o senhor precisa descer já daí. O médico está vindo conversar sobre o estado de sua esposa e não pode encontrá-los na mesma cama. É contra as regras do hospital. — a senhora na faixa dos cinquenta anos informou firme.

Dom suspirou, mas desceu da cama.

— Ok. Obrigado por me avisar, querida. — ele disse

dando-lhe uma piscada travessa. A mulher corou. Isso mesmo, ela corou. Esse era o meu marido. Ele fazia isso de forma natural. Ser charmoso era seu *modus operandi*. Abri um pequeno sorriso, enquanto ela vinha até mim, cumprimentando-me e logo depois checando meu soro e minha pressão arterial. Deu-me um sorriso e nos deixou. Pouco depois o médico entrou. Ele era um loiro alto, de olhos acinzentados. Era muito bonito. As enfermeiras do seu plantão devem enlouquecer.

— Bom dia, sou o Dr. Blake, como se sente, Sr^a Di Castellani? — sua voz era bem agradável também. Dom veio mais para perto da cama e entrelaçou nossas mãos. Homens... Eles adoram demarcar território.

— Me sinto bem, quando posso ir para casa, Dr. Blake?
— quis saber me colocando numa posição sentada. Dom regulou a cabeceira da cama para me deixar mais confortável.

O médico se aproximou mais da cama. Tinha uma prancheta nas mãos. Olhou para Dom e para mim de novo, então abriu um sorriso profissional.

— O fermento não foi grave. Pode ir para casa agora mesmo. — fez uma pausa cheia de significados e nos olhos de novo. — mas estou supondo que ainda não sabem da sua outra condição.

— Que condição, Dr.? — Dom inquiriu num tom apreensivo. — o que minha esposa tem?

O sorriso do Dr. Blake se ampliou.

— Fique tranquilo, senhor. Sua esposa parece perfeitamente bem, mas vai precisar consultar um bom obstetra para iniciar o pré-natal. — ficamos os dois encarando o médico. Nossas bocas se abriram, se fecharam, se abriram de novo. — é isso mesmo. Sua esposa está grávida. Não posso precisar o tempo de gestação, mas o exame de sangue confirmou isso. — meu cérebro não registrou mais nenhuma palavra que ele disse antes de deixar o quarto. Apenas uma palavra se repetia na minha mente GRÁVIDA! GRÁVIDA! Oh! *Dio mio!* Lágrimas turvaram-me a visão. Meu peito se enchendo de felicidade. Levei minha mão livre ao ventre e o acariciei. Um filho, *nostro figlio*. Desviei meu olhar finalmente para

Dom que estava observando minha mão no meu ventre. Uma expressão de surpresa e encantamento, seus olhos iluminados como nunca vi antes, então levantou a cabeça e nossos olhares se encontraram. Perdi o fôlego com a intensidade com que me olhou. Um mundo de coisas sendo ditas. Nós fizemos isso. Estaríamos unidos para sempre através do nosso filho.

— Quando penso que não poderia ser mais feliz, você vem e me mostra que é só o começo, princesa. — sua voz saiu embargada, os olhos verdes lindos, brilhantes de lágrimas não derramadas. Seus dedos limpavam suavemente minha face já banhadas. — tem uma parte minha aqui dentro. — tocou minha barriga, um toque reverente. — Nós vamos ter um filho. Jesus! Nós vamos ter um filho, amor! — colou sua testa na minha e ficamos os dois rindo. Suas lágrimas caíram. Estávamos rindo e chorando agora. *Dio!* Eu o amo tanto!

— Te amo tanto, *mio principi*. — sussurrei em sua boca. Seus olhos amoleceram quando me ouviu chamá-lo assim. Era a primeira de muitas, infinitas vezes, porque é isso

que ele é para mim, *mio principi*.

— E eu a você, princesa. Minha princesa. — sussurrou e tomou minha boca num beijo deliciosamente terno, cheio de promessas, cheio de fé no futuro que construiríamos juntos.

Fomos ao obstetra na manhã do dia seguinte. O corte não foi realmente profundo, incomodava um pouco, mas estávamos tão eufóricos para saber mais sobre o nosso bebê. Dom me levou nos braços por todo o hospital e as enfermeiras iam suspirando audivelmente por onde passamos. Ele é tão protetor. Ben e Scott estavam a postos na saída e mais três homens grandes de ternos elegantes se juntaram a nós formando uma barricada contra os flashes de alguns paparazzi. Ainda é incompreensível para mim como pessoas podem se ocupar unicamente de vigiar as vidas alheias. Isso é outra coisa que vou ter que enfrentar em breve.

Fui submetida a uma ultrassonografia intravaginal, onde apareceu um pontinho bem pequeno. O médico nos informou que era nosso bebê e que estava com nove

semanas gestacionais. Lágrimas encheram meus olhos de novo. *Dio!* Agora entendo porque Júlia era uma manteiga derretida quando estava esperando Antonella. Não consegui desviar os olhos da tela. Ouvi Dom puxar uma respiração ruidosa ao meu lado. Apertou mais minha mão e ficamos lá olhando, perdidos e ao mesmo tempo atentos a tudo que o médico dizia. Ele nos explicou que nosso *bambino* estava se desenvolvendo bem e que poderíamos saber o sexo a partir da décima terceira semana. Informou que havia vários exames que poderiam dar essa informação antes, mas que não aconselhava nenhum desses métodos, pois era melhor esperar o feto se desenvolver mais.

Estávamos agora sentados em frente à mesa do Dr. Malone. Foi uma indicação do Dr. Blake. Eles são um casal. Isso mesmo. E Dr. Malone é tão agradável de olhar quanto seu parceiro. Um negro alto, bem constituído, muito bonito mesmo. Dom ficou visivelmente mais aliviado quando percebeu que meu obstetra era homossexual. Para alguém que foi um libertino até bem pouco tempo, ele é tão machista às vezes.

— Doutor e quanto à nossa vida sexual? — *Santo Cielo!*
Virei o rosto para Dom. Ele disse isso mesmo? Meu rosto incendiou. Ele é tão sem vergonha... — Digo, podemos...

— Sim, vocês podem ter uma vida sexual plenamente normal durante a gestação. — o médico abriu um pequeno sorriso. — isso não impede de forma alguma, a não ser que Helena sinta algum desconforto com a penetração. — *Madonna mia!* Engasguei ao ouvir o termo. Isso era muito constrangedor. Agora os dois me encaravam esperando uma resposta. Vou dar um soco em Dominic assim que sairmos daqui. Os olhos verdes brilharam irreverentes e a boca se curvou num arremedo de sorriso pecaminoso. *Si*, vou dar um soco nele!

— Eu, hum... Não sinto nenhum desconforto. — revelei e minhas faces devem estar como um tomate agora. Tudo porque meu marido não consegue viver sem sexo. Vou arrancar a cabeça dele, eu juro.

— Ótimo. — os dois falaram de uma vez. Mas o Dr. Malone não tinha a mesma expressão safada de Dom ao ouvir isso.

— Você não sai do modo cachorro vadio, nem quando o assunto é sério? Quero socar seu nariz, seu idiota. — resmunguei assim que entramos no elevador. Dom abriu o riso molha calcinha, as covinhas travessas piscando para mim, os olhos devassos prendendo os meus. — estou com raiva de você. — gemi quando seu corpo me prensou contra a parede. Mordeu meu queixo. — Oh, *Dio mio*...

— O que você estava dizendo, cadelinha linda? Hum? — sorriu baixinho, sexy, lindo, irresistível. — está com raiva de mim, amor? — sussurrou em minha boca. Suas mãos circundaram minha cintura com cuidado e moeu seu pênis, já bem desperto, bem devagar em minha pélvis. Miei. Os olhos verdes zombaram de mim.

— *Si*, eu... Ahhh! Dom... *Amore mio*. — gemi desavergonhadamente quando chupou e mordeu o ponto entre meu ombro e pescoço. Minha calcinha encharcando completamente. — Amor, estamos em um elevador, comporte-se. — minhas palavras eram um lembrete para mim também. Ele me enlouquece, me faz esquecer de tudo à nossa volta quando está assim, no modo cachorro vadio,

gostoso, a perfeição em forma de homem.

— Tenho uma reunião em meia hora, amor. — grunhiu em minha boca. — mas vou tirar a tarde de folga para cuidar da minha cadelinha, prometo. — murmurou e me beijou. O elevador parou e ouvi as portas se abrindo, mas ele não parou o beijo. Pessoas entraram e continuou me beijando como se nada mais importasse. Quando finalmente separou sua boca da minha estávamos ofegando. — te amo, princesa. — sussurrou, chupando meu lábio inferior.

— Também te amo, amor. — murmurei de volta. Sorrii daquele jeito lindo e me deu pequenos e suaves beijos. Ouvei suspiros ao nosso redor. O elevador parou no térreo e só então percebi nossos expectadores. Eram duas mulheres grávidas, na faixa dos trinta anos. Seus ventres estavam bem arredondados.

— Senhoras. — Dom meneou a cabeça em cumprimento. Elas coraram. Revirei os olhos mentalmente. Será que não havia nenhuma mulher imune a ele? Abri um pequeno sorriso e saímos de mãos entrelaçadas.

Uma semana havia se passado. Uma semana na qual Dom

tem sido um perfeito marido e futuro pai zeloso. Meu ferimento já estava quase cicatrizado. Apesar do médico ter liberado a atividade sexual, ele tem sido extremamente carinhoso quando me toma. Descobrimos uma nova intensidade e tem sido cada vez mais gostoso fazer amor com meu marido. No entanto, ainda continua insaciável e me pegando onde e quando tem vontade. Amo saber que sente tanto desejo por mim.

Mas seu lado protetor está cada vez mais aflorado. Não quer me deixar nem cozinhar mais. Meu trabalho na empresa foi outra fonte de discussão. Quis me afastasse de vez, mas o convenci a me deixar pelo menos meio período com o argumento de que mais da metade da população feminina que tem filhos não para de trabalhar quando está grávida. *Dio!* Minha barriga nem tinha aparecido ainda. Tirando os enjoos ocasionais, que se manifestavam geralmente pela manhã, não sinto nada incômodo. Sinto-me ótima, na verdade, feliz com nossa vida, com nosso filho, com ele que tem provado a cada dia que me ama de verdade.

Dom também tem se desdobrado para descobrir quem me feriu. As imagens captadas pelas câmaras mostraram um tipo franzino, branco, provavelmente menor de idade. Mas os investigadores ainda não conseguiram chegar até ele. Nada me tirava da cabeça que ele estava a mando da vaca oferecida, perseguidora dos maridos alheios. E se fosse realmente isso, ela era muito mais perigosa do que supunha. Seus olhos gelados sempre me deram calafrios. No entanto, nunca expus essa minha preocupação a Dom.

Havia outra coisa me preocupando. Há dois dias tenho recebido chamadas de um número restrito e quando atendo ouço apenas uma respiração forte do outro lado da linha. Não disse nada sobre isso a ele também, porque certamente surtaria. As sessões de terapia têm me ajudado muito. Sinto-me tão forte, autoconfiante a cada vez que saio de lá. Mesmo tendo uma equipe maior de seguranças, Dom sempre faz questão de ir comigo. Acho que isso contribui para meu estado de euforia e fé de que vou vencer a doença. Seus olhos amorosos me dizem isso o tempo todo e eu estou acreditando piamente nisso. Nosso relacionamento atingiu um ponto em que estamos maduros.

Sabemos exatamente o que queremos. E o que queremos é ficar juntos, construindo nossa família.

Terminei de tomar banho e vesti um short leve e uma camiseta regata. Havíamos chegado depois das seis em casa e estava morrendo de fome. Falei que estava salivando por comida chinesa. Ele poderia pedir por telefone, mas saiu prontamente, todo feliz em atender meu primeiro desejo de grávida. Toquei meu ventre e ouvi o interfone. Franzi o cenho. Dom havia saído há uns vinte minutos. Quem seria? Quase nunca recebíamos visitas. Sorrio enquanto atendendo. Ele deve estar fazendo uma de suas brincadeiras, mas o nome que ouvi do porteiro me atingiu com tudo.

— Senhora, a condessa Luiza Romano está aqui para vê-la. — apertei o fone, o tremor tomando conta do meu corpo. O que ela quer comigo? Fiquei muda por alguns instantes diante do choque de tê-la ali, querendo me ver. Então, antes que pudesse me arrepender ou pensar melhor, consegui responder:

— Mande-a subir, por favor. — assenti e coloquei o fone

no gancho. Fechei os olhos tomando respirações pausadas, do jeito que a doutora Jhonson me ensinou. *Encontre a fonte de seu desconforto e a enfrente Helena! Você é uma adulta agora, não uma garotinha! É uma profissional respeitada em sua função. Canalize essa força para sua vida social. Você pode, Helena! Muitas pessoas com esse problema nem conseguem trabalhar. Você não só consegue como é brilhante no que faz. Você pode, Helena!* Fui repetindo as palavras de incentivo que a própria doutora me disse na última sessão. *Si*, eu posso! Exclamei e abri a porta, mas isso não me impediu de ter espasmos tomando-me ao dar de cara com a mulher elegante, num vestido azul. Ficamos nos olhando por uns instantes estranhos e constrangedores. Busquei forças de algum lugar dentro de mim. Lembrei-me de Dom me dizendo *vamos vencer essa merda!* E me afastei dando-lhe passagem. Não consegui pronunciar nenhuma palavra no entanto, minha língua parecia presa no céu da boca, pela súbita secura. Todo o meu corpo e instinto se rebelavam por tê-la aqui, na minha casa, no meu espaço. Mas eu precisava saber por que me procurou. O que

queria de mim.

— É um lugar muito bonito. — sua voz soou fria, enquanto adentrava, seus olhos tão parecidos com os meus correndo avidamente pela sala, pelas portas que davam uma boa visão da área externa. Então era isso? Nem um *olá, Helena?* Andei devagar até os estofados e parei esfregando minhas mãos frias e suadas no tecido fino do short. — você está bem? Parece um pouco pálida? — quis saber, mas não houve alteração nas suas feições frias. O rosto bonito era livre de qualquer emoção. Ela era exatamente como me lembrava. Uma pedra de gelo. Forcei-me a permanecer firme, de pé. Era hora de me ver livre desse fantasma.

— O que você quer? — consegui dizer, mas minha voz tremeu um pouco e seus olhos brilharam. Eu reconhecia aquele brilho. Era o reconhecimento de conseguir me abalar. Era a alegria de ainda me atingir como antes, quando fazia terror psicológico comigo. Quando dizia que ninguém me amava. Que nunca ninguém iria me amar. Que eu era uma menina feia, magricela, desengonçada e que

nem mesmo meu pai que me amava quando nasci me amava mais. Lutei bravamente contra os tremores que insistiam em me dominar, contra as batidas do meu coração que ameaçavam me sufocar e cerrei os punhos ao lado do corpo. — diga logo o que quer e vá embora. — grunhi.

— Eu quero metade da herança que recebeu do velho. — disse calmamente como se tivesse todo o direito. — mereço por ter aturado ele, seu pai e... Você — completou, seus olhos eram dois rios gelados. — nunca quis me casar com seu pai. Fui obrigada pela minha família. E certamente nunca quis ter filhos. Seu maldito pai e você, tiraram minha liberdade. — suas palavras ainda me machucavam, mas não tanto como quando me repetia isso todo o tempo até meus dez anos. Abri a boca para respondê-la, mas as portas do elevador privativo se abriram e Dom entrou como um furacão correndo para mim.

Dominic

Tomei o elevador numa agonia louca. Quando o porteiro

me avisou, que aquela mulher maldita havia aparecido e que Helena concordou em recebê-la, senti um medo e uma fúria sem tamanho tomar conta de mim. Helena não tinha condições de enfrentá-la ainda. Temia pelo nosso filho ainda frágil em seu ventre. Se algo acontecesse a ela, eu nunca me perdoaria por deixá-la sozinha. Mas por que ela havia a deixado subir? Me perguntava confuso, enquanto o elevador subia, muito lento para o meu gosto. Quando finalmente as portas se abriram, pulei rápido para fora e meus olhos buscaram por Helena. Ela estava de pé em frente à mulher elegante. As duas se viraram para mim. Deixei as sacolas sobre um dos estofados e corri até a minha mulher que estava pálida. Mas sua expressão não era de surto, parecia apenas amedrontada. Meu coração se aliviou um pouco.

— O que faz aqui? — cuspi, quando abracei Helena, puxando-a para o abrigo dos meus braços. Ela se aninhou a mim, seu corpo trêmulo. — estou aqui, princesa. — sussurrei e beijei seus cabelos.

— Estava apenas acertando algumas coisas com minha

filha. — Luiza disse, torcendo os lábios pintados de vermelho num riso de escárnio. Até a forma como pronunciava *minha filha* era sem emoção, fria, oca. — quero metade da herança. Tenho direito pelo tempo que aturei o velho, o pai e uma filha que nunca desejei. Eu...

— Caia fora, sua vadia maldita! — rosnei, meu sangue fervendo diante das palavras odiosas que proferiu. Cristo! Ela era mesmo a escória como Leon havia me prevenido. — só pode ser muito estúpida, se pensa que vai conseguir alguma coisa vindo aqui na nossa casa, intimidar a minha mulher. Saia! — bradei e saquei o celular do bolso, discando o número de Ben. Ele atendeu no primeiro toque. — suba aqui. Preciso que retire um lixo que está no meio do meu tapete. — ele pareceu confuso, esclareci com prazer. — Luiza Romano está aqui. Preciso que a carregue e jogue na primeira lata de lixo que encontrar. Sim, é isso. — desliguei. Os olhos dela me atiravam adagas.

— Isso não vai parar por aqui. — avisou se esticando, erguendo o queixo. — não vou desistir só porque você quer.

— Não vai se aproximar de Helena de novo. — meu tom foi mortalmente frio. — e pode ter certeza que vou dificultar as coisas a níveis estratosféricos para vocês. Soube que os bens dos Romano vão a leilão na próxima semana. — seus olhos se arregalaram e vi uma ponta de desespero bem lá no fundo. — então, como é a sensação de estar aí? No fundo do poço? — suas faces empalideceram um pouco. — estou tentado a estar na primeira fila, adquirir tudo e expulsá-los o mais rápido possível de todos os imóveis. Jogá-la na sarjeta, onde é o seu lugar. O que acha disso? — ela estremeceu visivelmente. Ótimo! A encarei não dando chance de desviar os olhos. — Helena não vai dar nenhum centavo a você. Ela não deve nada a você. Vai sair daqui e esquecer que ela existe, como tem feito brilhantemente ao longo de quinze anos. Ela é minha mulher e nenhuma vadia sem noção vai atormentá-la. Fui claro? Vai procurar um buraco e se enfiar dentro. Não vai voltar a sequer, pensar em reclamar algo que não é seu. — Ben entrou e foi em direção à ela. — leve esse lixo daqui, amigo. Se ousar se desviar do que disse a você, então as autoridades saberão

que está perseguindo minha mulher e garanto que as coisas vão ficar muito, muito feias para o seu lado. — completei, enquanto Ben a segurava pelo cotovelo. Ela se deixou levar dando socos, mas ele era bem forte. Não foi por sua cara bonita que o contratei, afinal. Então levantei Helena nos braços e sentei no estofado. Ela em enlaçou pelo pescoço e escondeu o rosto no meu peito. Seu corpo ainda tremia. Beije seus cabelos e a acalentei no colo como a uma criança. Deslizei uma mão para cima e para baixo em seu braço numa carícia lenta. Não disse nada, apenas fiquei acariciando-a e beijando seus cabelos, tentando fortalecê-la com meu amor. Os tremores foram cedendo e as batidas do seu coração se normalizaram. Eu estava orgulhoso dela. Pela forma como enfrentou a principal causadora de seus monstros.

— Ela nunca me amou. — sua voz foi apenas um murmúrio. — nem a meu pai. Sempre nos culpou por tudo. Ouvi isso dela até os dez anos quando finalmente foi embora e nos deixou. — continuei em silêncio e a aconcheguei mais junto a mim, confortando-a. — meu pai me amava. Lembro-me dele me contando histórias antes

de dormir. — deu um suspiro trêmulo, doloroso. — mas ele também a amava e ela o afastou de mim. Naquela época não conseguia compreender seus jogos, mas quando me tornei adulta compreendi que afastou meu pai gradualmente de mim. Ela nos separou por pura maldade, porque não era feliz e não queria que fôssemos, que nos amássemos. Eu amava muito o meu pai. — fez uma pausa e inalou meu peito, sentindo meu cheiro como que buscando forças. Isso levou lágrimas aos meus olhos. A apertei mais, sem nunca querer deixá-la ir, sair dos meus braços, porque assim eu podia protegê-la. Nunca ia deixar ninguém machucá-la de novo. — ela matou o meu pai. Depois da separação ele se transformou em alguém que não era. Tornou-se irresponsável, se viciou em jogatinas e bebida. — soluçou, beijei seus cabelos de novo. — eu seria a próxima se Leon e tio Max não tivessem me encontrado. Eu poderia estar morta há muito tempo e ela teria vencido.

— Mas ela não venceu, amor. — murmurei com a voz embargada. — você sobreviveu. Você foi forte, princesa. — levantei seu queixo e a visão de suas faces banhadas

de lágrimas me doeu o peito. — e você foi forte hoje. Embora esteja um pouco zangado por ter concordado em deixá-la subir, estou também muito orgulhoso, porque conseguiu enfrentá-la sem surtar. — os olhos exóticos brilharam como se só agora tivesse percebido isso. — você está vencendo, amor. Será livre, princesa. Livre de todos os monstros que ainda estão aqui dentro dizendo que não pode. — sussurrei tocando o indicador na sua cabeça. Ela suspirou e reposicionou-se em meu colo, montando-me. Suas mãos foram rápidas ao puxar a regata pela cabeça e os peitos lindos ficaram bem diante do meu rosto. Eles estavam já visivelmente mais cheios pela gravidez, as auréolas mais escuras e os mamilos mais pronunciados. Minha boca salivou com a visão, mas a encarei preocupado.

— Eu quero você, *amore mio*. — sussurrou, deslizando as mãos em meu peito e mais para baixo e puxou minha camiseta, a ajudei tirá-la pela cabeça. — preciso esquecer tudo isso. Só preciso de você. Senti-lo dentro de mim. — completou, moendo a pélvis direto no meu pau que acordou no momento em que desnudou os peitos na

minha cara. — quero bem duro, forte, selvagem. — e puxou meu pescoço tomando minha boca num beijo urgente que falava de seu desespero, seu frágil estado emocional.

— Princesa, amor. — murmurei em sua boca. — o bebê. Não podemos pegar pesado...

— Goze na minha bunda, então. — ronronou, puxando meu lábio inferior entre os dentes. Jesus! Ouvir seu tom rouco, sexy pra caralho dizendo isso fez meu pau pressionar furioso o zíper das calças, louco para estar logo dentro dela. — preciso de você, amor. Vem, tome sua cadelinha. Quero meu cachorrão. Agora. — e isso fez com que saísse da inércia e tomasse o controle. A levantei com um só braço e a coloquei sentada no estofado e puxei minhas calças e cueca de uma vez. Seus olhos me devoraram, luminosos, dilatados, excitados e pararam no meu pau. Lambeu os lábios. Cristo! Me aproximei e ela veio esfomeada, tomando-o com as duas mãos, masturbando-me. Gemi e enfiei as mãos em seus cabelos.

— Vem, cadelinha linda, mama no seu cachorrão. — sua

boquinha se abriu e engoliu a cabeça gorda. — ohhhh! Isso... Caralho! Assim, amor... Chupa bem gostoso. — desceu a boca, tomando-me bem fundo em sua garganta. Passei a estocar, mantendo o agarre em seus cabelos. — tão gostosa... Boquinha deliciosa... — chupou-me com vontade até me ter à beira do gozo. Puxei o pau para fora e a empurrei para o sofá, deitando-a. Puxei seu short bruscamente com calcinha e tudo. Abriu as pernas, dando-me a visão da bocetinha depilada, os lábios delicados, seu creme brilhando nas bordas. Grunhi e me ajoelhei entre suas coxas, separando-as mais amplas. Levei as mãos num passeio lento pelo ventre até os peitos e os apanhei, massageando-os. Arqueou as costas, gemendo. Ela era muito sensível, mas estava mais ainda pela gravidez. Me debrucei sobre ela e abocanhei um, chupando, lambendo, mordiscando. Repeti o processo no outro. Suas mãos se enfiaram em meus cabelos e continuei mamando bem gostoso.

— Ahhhh! Dom... — gemeu quando puxei um mamilo entre os dentes. Sorrio e vou descendo pela barriguinta ainda plana, beijo-a com adoração. Seu ferimento já

estava quase cicatrizado, acariciei-o e beijei suavemente. Seu corpo estremeceu. Continuei descendo, minha língua lambendo sua pele macia. Cheguei à sua pélvis e enchi a mão em sua carne molhada. Arqueou as costas gritando. Massageei seu clitóris com o polegar e meti dois dedos em sua vulva escorregadia. Gritou mais. Gemi também. Comi sua bocetinha assim até perceber que estava perto. Retirei os dedos e me posicionei em sua entrada. Deslizei meu pau me lambuzando sem seu creme.

— É isso que você quer, cadela gostosa? Hum? — rosnei, devorando-a com os olhos, toda aberta para mim. — quer dar essa bocetinha apertada pra mim? Então toma! — estoquei dentro com firmeza indo até o fundo, tomando-a em cada centímetro. — porra! Amor! Que perfeição do caralho! — rugi e levantei suas coxas em meus braços, abrindo-a mais. Linda! Tão linda. Tirei tudo, deixando só a ponta e bati dentro de novo. Comi sua boceta com golpes fortes, mas não tão profundos. Me abaixei sobre seu corpo e meti mais. Desacelerei as estocadas, meti firme, mas lento, moendo nossas pélvis, friccionando seu clitóris.

— Dom... *Amore mio*... — choramingou, tomando meu pau até as bolas em seu buraquinho apertado, quente, gostoso.

— Tão gostosa, porra! Muito gostosa... — grunhi passei a meter mais forte, seus peitos sacudiam quando nossas pélvis se chocavam. Me abaixei mais e a beijei. Nossas línguas se encontraram numa dança obscena. O sexo com ela era a coisa mais incrível que já experimentei, mesmo me contendo para não ser muito bruto, ainda era excepcional. Mas era ela. Há muito tempo já havia entendido isso. Só era assim com ela. Suas mãos acariciaram meus ombros. Gemi em sua boca. Amo a forma como me adora com as mãos. Separei nossas bocas e ficamos cara a cara, apenas nos olhando. Me delicieei com tudo que vi nos olhos dela. Minha. Completamente minha. Tirei tudo e meti de novo. Girei o quadril e ela gemeu, seu corpo se preparando para o orgasmo. Dei um sorriso safado e puxei o pau para fora. Seus olhos me encararam confusos — fique de quatro, princesa. Vou pegar o que minha cadela ofereceu. — seus olhos inflamaram e ela desceu rapidamente e ficou de joelhos se debruçando sobre o estofado. Me posicionei atrás dela e

lambi sua orelha, desci pelo pescoço, chupando o local que a deixa louca. Choraminguou esfregando a bunda em mim. Minha mão coçou para dar uma palmada forte, mas me contentei em morder seu pescoço. Gritou, seu corpo sendo tomado por espasmos. Ela estava muito perto de gozar. Sorrio baixinho.

— Ahhhh! Dom... *Amore mio*... — balbuciou.

— Você quer meu pau nesse cu gostoso, cadela safada? — rosnei, minha boca descendo pelas costas esguias, lambendo, mordendo, chupando. Ela ficaria marcada, mas é assim que ela gosta. Enlouqueço com sua entrega sem limites para mim. Adoro vê-la marcada. Reafirmando que é minha e só minha. — vamos, responda, porra! — grunhi e puxei seus cabelos. Gemeu.

— *Si*, quero, amor. — miou. Enfiei dois dedos em sua vulva, colhendo seus líquidos e os levei para o rabinho rosado. Relaxou e me deixou enfiar devagar a princípio. Ela estava viciada em sexo anal como eu. Puxei e meti com força. Gritou. Sorrio e a como, abrindo os dedos lá dentro, alargando seu canalzinho estreito. Cuspi no seu

buraquinho e entrou mais liso. Ela gemia descontrolada, enquanto a fodia sem dó. Retirei os dedos e me alinhei, massageando seu orifício com a cabeça avantajada do meu pau. Ela estava na expectativa, debruçada sobre o estofado, seu rosto virado para um lado, seus lábios entreabertos, linda, sexy pra caralho, louca para tomar meu pau no rabinho. Segurei seus quadris bem firme e fui entrando. Ela relaxou mais. Fiquei dividido entre olhar a expressão devassa em seu rosto à medida que me afundava nela e a visão foda que era meu pau esticando, rasgando seu cuzinho apertado. Desisti e joguei a cabeça para trás, estocando forte, indo até o fundo.

— Dom! Ahhhhh! *Dio!* — seu grito foi luxurioso e isso me deixou louco. Saber que ela gostava disso, me deixava selvagem.

— Você adora isso, não é minha cadela safada? Hum? — tirei tudo, cravei meus dedos na carne de suas nádegas e a puxei, meu quadril a encontrando numa estocada brutal que a sacudiu toda. Gritou de novo. — porra de rabo mais gostoso! Cristo! Toma meu pau todo! Toma, cadelinha

gostosa! — rosnei comendo-a enfurecido. Meu pau indo fundo, muito fundo. — ohhhhh! Merda! Helena! Amor! Deliciosa... — levantei uma perna firmando-a na frente, a outra continuou com o joelho no chão. Meti mais forte. Ela gemia. Seus lábios inchados por ter chupado meu pau. Sua expressão de deleite ao ser fodida assim por mim, só por mim. — eu estou perto, amor! Se toque! Cristo! Eu amo foder esse cu, porra! — gritei como um animal, sentindo minhas bolas entrarem naquele choque gostoso que antecedia ao clímax e esse ia ser colossal. Ela levou uma mão para sua boceta e gemeu. Estoquei com força, muita força, mantendo-a presa pelos quadris, puxando-a para tomar cada polegada do meu pau. Se desmanchou embaixo de mim, seu corpo se arrepiando, estremecendo violentamente e choramingou meu nome, gozando. A porra do som mais sexy que já ouvi. Isso me quebrou. — Oh, porraaaa! Princesa! Isso, amor! Goze comigo! Goze bem gostoso comigo! Ahhhhhhhhhhhh! — soltei um rosnado gutural, meu pau inchou e esporrei dentro dela. Jesus! Caí por cima de seu corpo, ainda comendo-a incansável, enchendo seu buraquinho apertado de esperma. Estávamos

suados, nossos corpos escorregando. Dei mais uma estocada, girei o quadril. Ela gemeu, gasta embaixo de mim. Beije suas costas suavemente e puxei seu rosto para cima. Seus olhos lindos, saciados, livres de toda a inquietação de antes. Amo tanto essa mulher. Faço qualquer coisa por ela, para não ter que vê-la triste, amedrontada, nunca mais. — te amo, princesa. Te amo tanto, amor. — sussurrei e tomei sua boca num beijo terno. — E eu a você, *amore mio*. — miou ofegante. Roci meu nariz no dela. Beije suas costas de novo e saí dela devagar. Gememos. Sorrio e a puxo para baixo, nos deitando no carpete macio. Se aconchegou a mim como uma gatinha. — obrigado, amor. — murmurou beijando meu peito.

— Disponha, princesa. — sorrio e beijo seus cabelos, a trouxe mais para perto. — nosso jantar esfriou. — ela sorriu baixinho, fazendo cócegas no meu peito.

— Esquentamos depois. — suspirou e bocejou. — estava com mais fome de você. — completou baixinho. Não demorou muito, adormeceu em meu peito. Acho que seu

estado junto com a tensão emocional foi demais para ela. Dei mais um tempinho e me levantei com ela carregando-a para a cama. A deixaria descansar e mais tarde a chamaria para jantar, pois não era aconselhável pular uma refeição. A deitei com cuidado e fiquei lá observando-a, todos os instintos de proteção se agigantando dentro de mim, porque nunca mais deixaria ninguém feri-la. Puxei o lençol sobre seu corpo. Acaricieei seu rosto sereno, lindo, adormecido. Beijeii seus lábios suavemente.

— Descanse, minha princesa. — murmurei em seus lábios e me levantei indo ao banheiro. Durante o banho minhas ideias clarearam e um propósito se firmou na minha mente. Eu destruiria Luiza Romano e qualquer um que ousasse chegar perto de Helena para machucá-la. Eu a protegeria com a minha vida.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Dominic

Sim, na semana seguinte adquiri a maior parte dos bens dos Romano. Nunca fui vingativo, prefiro encarar isso como uma garantia, de que a vadia jamais chegará perto da minha mulher de novo. É claro que usei um testa de ferro, para negociar, sem que meu nome aparecesse. Não queria alarde na mídia e nem que Helena ficasse sabendo. Obriguei-os a se mudarem para uma casa bem modesta, se comparada ao verdadeiro castelo em que moravam antes. Eles não estavam completamente na sarjeta. Ainda havia ações que renderiam um bom dinheiro, mas comparado à fortuna que conseguiram torrar, isso era irrisório. Acho que Deus é justo, afinal. Não sei se estou pensando heresias, mas uma mulher que destrói gradualmente as defesas da filha, a quem devia amar de forma incondicional não merece ser feliz. Ficarei de olho nela.

Ligamos para Leon e Jay dando a notícia do nosso bebê. Tínhamos curtido a primeira semana só nós dois, mas era

preciso compartilhá-la com nossa família. Fizemos uma chamada de vídeo e conversamos todos.

— Dom, irmão, você trabalha rápido, hein? — Jay soltou um risinho debochado assim que sua cara cínica apareceu na tela do notebook.

— Cale a boca, Jay. — Leon disse, mas estava rindo segurando uma Antonella bem ativa nos braços. Ela faria um mês de vida amanhã. Júlia apareceu logo atrás num robe branco, parecia recém saída do banho. — parabéns, irmão, Helena, irmãzinha. Estamos felizes por vocês. Um filho é um *tesoro*, um milagre na vida de um casal. — ouvimos o gritinho infantil de Damien subindo na cama, colocando-se ao lado de Leon.

— Tio, Zay! Tio Dom! Lena! — rimos todos e nos derretemos respondendo ao pequeno.

— Hei, campeão! — eu e Jay falamos em uníssono. Ele balbuciou uma torrente de palavras das quais algumas não entendemos, mas fingimos entender. Isso está no manual do tio. Finja entender tudo que seu sobrinho de dois anos disser e sorria com ele, sempre.

— Ei, Jay, ainda não nos deu os parabéns. — alfinetei. — é um péssimo tio. — ele gargalhou, seu semblante livre de ironia agora.

— Parabéns, irmão, Helena. Desejo toda felicidade do mundo a vocês. — seu tom foi levemente emocionado. — e sou um ótimo tio, sabe disso, seu idiota!

— Obrigado, Jay. — disse puxando Helena para o meu colo. Ela se aninhou, enlaçando meu pescoço. — eu sei, irmão. Você é um tio excelente, melhor do que eu. De nós três você é o que tem mais jeito com criança. Será um grande pai um dia. — ele torceu os lábios com a última frase.

— Concordo Dom, Jay pode ser um bastardo completo, mas quando se trata de seus sobrinhos parece um cordeirinho. — Leon provocou. — será um ótimo pai, irmão. Quando chegar a hora, será melhor do que nós dois. — completou sério agora. Leon se sentia ainda desconfortável pela vida que Jay levou na infância e adolescência. Parece que viveu coisas bem barra pesada que por mais camaradagem que tenhamos adquirido entre

nós três, ainda não sabíamos exatamente a extensão de tudo que viveu nas ruas. Mas Leon não tem culpa de nada. Nosso irmão é um homem íntegro, justo, bem ele não agiu de forma muito racional e justa com Júlia no início, mas nosso irmão mais novo tinha sido envolvido em uma teia de sedução que o levou ao suicídio e tudo apontava para ela. Analisando atentamente, posso entender que o desespero o fez querer fazer justiça com as próprias mãos. Ainda bem que tudo se resolveu.

— Helena, Dom, parabéns, queridos. — Júlia falou emocionada, sentando-se junto a Leon, completando a família que muitos apenas sonham em ter. — estou tão feliz por vocês. — disse, enquanto recebia a filha nos braços e logo depois a acomodava para amamentar.

— Obrigada, Leon, Júlia, Jay. — Helena disse com voz embargada, mas sorriu, os olhos cheios de amor fixos na tela. — hei, Damien, *amore mio!* — o pequeno começou a tagarelar de novo. — dê um beijo na *nossa principessa* para mim, *carississimo*. — ele gargalhou, um som infantil contagiante e se debruçou com a ajuda de Leon em

direção à irmãzinha. Deu um beijo estalado na cabecinha loura de Antonella e se afastou batendo palmas eufórico. Helena caiu na risada, batendo palmas junto com ele. Esqueci as pessoas na tela e meus olhos se fixaram nela. Na figura linda, livre de tensão, feliz por estar falando com nossa família. A puxei mais contra mim e beijei seu ombro. Ela se arrepiou, sua bunda amassou meu pau de uma forma que quase me fez gemer na frente de todos. Arfou baixinho quando sentiu meu pau acordar embaixo do seu traseiro, me acomodei sutilmente bem no meio de suas bochechas. — Dom... Comporte-se, *amore mio*. — sussurrou e puxou minha cabeça, seus olhos dilatados. Sorrio baixinho, meus olhos mantendo-a presa. Quando nossas bocas iam se tocando a voz jocosa de Jay encheu nossos ouvidos.

— Ah, pelo amor de Deus! Respeitem a criança!

— Cale a boca, Jay! — falamos os dois e demos um selinho comportado, por enquanto...

Nos despedimos pouco depois e ligamos para tio Max também. Ele ficou muito feliz com a notícia. Ainda me

emociono com seu carinho por mim e Jay, mesmo não tendo nos visto crescer. A forma como acolheu Helena depois da sua tragédia familiar. Meu tio teria sido um pai maravilhoso se tivesse sido abençoado com filhos.

Mais uma semana se passou e conseguimos chegar à pessoa por trás do pequeno delinquente que atacou Helena na porta do clube. O garoto havia evaporado. A pessoa por trás era inteligente e cada vez mais minhas suspeitas se encaminhavam em direção à Amanda. Ela era engenhosa. Como minha advogada tive muitos exemplos de sua perspicácia. Era filha de um dos maiores advogados de Nova Iorque e aprendeu tudo com ele. Aparentemente não havia nada que pudéssemos fazer, a não ser manter uma segurança atenta. Não houve mais incidentes nas duas semanas seguintes.

Entretanto, era tarde de sexta-feira quando o cenário começou a mudar, recebi um link no meu e-mail com um título que me fez gelar: *Dom Harper, o príncipe das orgias*. Cliquei e abri já sabendo o que iria encontrar, mas mesmo assim foi um baque ver o conteúdo. Eu, fodendo

com duas vadias loiras peitudas. Cristo! Aquela porra estava no YouTube! Não soube precisar de quando eram as filmagens, pois não tinha data no vídeo. Quem fez tinha o intuito de jogar meu nome, meu casamento na lama. Helena... Gemi levando as mãos aos cabelos, uma sensação ruim de vergonha, impotência, nojo de mim mesmo me invadindo. Ela veria isso. Seria exposta pela mídia de novo. Estava esperando nosso filho, o médico havia me explicado que no primeiro trimestre o bebê é muito frágil e a mãe precisa ter uma gestação tranquila para evitar complicações. Jurei protegê-la e minhas ações irresponsáveis poderiam colocar nosso filho em risco agora. Liguei imediatamente para meus advogados. Isso estava se tornando corriqueiro. Porra! Fiquei alguns instantes olhando a baía da Manhattan tentando pensar em uma forma de conter aquela merda, mas tenho quase certeza que ela recebeu esse mesmo link. E mais uma vez o nome de Amanda era o primeiro da lista. Peguei meu terno e saí apressado. Hoje Helena tinha trabalhado no turno da manhã. Devia estar em casa agora. Preciso vê-la. Dizer que aquilo tudo foi antes dela, antes de nós. Ela

estava tão feliz hoje quando almoçamos no seu restaurante favorito. Linda, radiante. A gravidez estava fazendo tão bem à ela. Estava muito mais confiante. Conseguimos participar de duas reuniões nas casas de dois empresários com os quais estávamos fechando negócios. Fomos ainda ao baile de caridade anual promovido pelo Senador Marshal. Ela vencía aos poucos seus medos, mas ainda temia os paparazzi. As fotos de nossas saídas nesses eventos eram sempre dela em meus braços. Mas eu sabia que venceria isso em algum momento. Era só uma questão de tempo. Ela era forte. No entanto, imaginá-la vendo o vídeo, sabendo que seu marido estava sendo assistido por milhões de pessoas numa situação daquelas... Seria vergonhoso, humilhante e isso me doía o peito.

Entrei na cobertura e o silêncio me recebeu. Fui direto ao nosso quarto. Silêncio também. Fui até o closet, banheiro. Nada. Meu coração começou a se inquietar mais. Ela não havia saído, a segurança teria me avisado. Estava aqui em algum lugar. Entrei no seu antigo quarto, nenhum sinal. Fui até o outro e nada ainda. Saí pelo corredor e passei pela sala, atravessei as portas amplas para a área externa e ela

estava lá, apoiada na balaustrada, parecendo absorta na vista do rio Hudson à nossa frente. Soltei um suspiro de alívio. Por um momento temi que tivesse ido embora, que tivesse me deixado. Eu não suportaria isso. Ela era tão essencial para mim como minha próxima respiração. Diminuí os passos, me embriagando com sua figura alta, esguia, elegante, sensual na medida certa. Uma princesa de verdade. Usava um leve vestido branco de malha, meio solto nos quadris. Seus cabelos estavam presos num daqueles nós frouxos que parece displicente, mas nela fica elegante, perfeito, expondo seu pescoço e nuca. Parei a um metro mais ou menos, enfiei as mãos nos bolsos das calças, me preparando para dizer algo, então ela virou devagar, sentindo minha presença. Nossos olhares se encontraram e meu coração se comprimiu diante da expressão decepcionada estampada nos olhos exóticos. Sim, ela já havia visto o maldito vídeo. Meus olhos correram pesarosos por todo o seu rosto e ficamos apenas nos olhando por um longo momento.

— Sinto muito, princesa. — minha voz foi apenas um chiar. — sinto tanto, amor. — seus olhos encheram de

lágrimas e ela arfou, piscando para contê-las. Tirei as mãos dos bolsos e a puxei para mim pela cintura. Não ofereceu resistência. — não sou mais aquele homem, Helena. — sussurrei levantando seu queixo, fazendo-a me encarar. Suas lágrimas desceram e me senti mais miserável. — eu te amo, amor. Aquilo foi antes de você, antes de nós. Sinto muito que tenha que passar por isso, mas aquele lá, não existe mais. — seus olhos brilharam emocionados. Ela acreditava em mim. Porra! Meus olhos arderam e respirei ruidosamente. — este aqui é o seu marido, o homem que te ama mais do que tudo. O pai do seu filho, que quer amar e proteger vocês dois para o resto de nossas vidas.

— Dom... *Amore mio*. — murmurou e levou os braços para meu pescoço. — eu sei, amor. Sei disso, mas não é fácil para mim ver tudo aquilo... Nesse momento a imprensa toda já deve estar soltando algumas manchetes venenosas a seu respeito, a nosso respeito. — disse temerosa.

— Já acionei os advogados, amor. Sei que o dano já foi

feito. Minha imagem será abalada. — levei uma mão para seu rosto, limpando as lágrimas. — nosso casamento provavelmente será alvo de boatos maldosos na mídia. — minha voz falhou um pouco. — só me prometa que vai ficar aqui comigo. Que não vai deixar isso nos separar. Alguém está com o propósito claro de nos prejudicar, princesa. Fique comigo, amor. Não me deixe, por favor. — pedi num tom desesperado. Seus olhos amoleceram e sua mão veio para o meu rosto também numa carícia terna. — Claro que vou ficar com você. — afirmou me olhando bem dentro dos olhos. Ver seu amor todo ali, me fez flutuar. — vamos enfrentar tudo, juntos. Eu e nosso filho ficaremos com você, do seu lado, sempre. — lágrimas inundaram seus olhos de novo. Ela estava bem mais sensível por causa dos hormônios da gravidez, o médico me explicou tudo. — Eu te amo. Nós te amamos, amor. — sussurrou, abrindo um pequeno sorriso e colou seus lábios nos meus. Cristo! Ela me faz tão feliz! Não vou deixar ninguém estragar o que temos, porque não posso mais ficar sem ela, sem a família que estamos começando a construir. A trouxe mais para mim, colando nossos corpos

e correspondi ao beijo com todo meu amor, paixão, tesão. Nossas línguas se encontraram se lambendo, numa dança deliciosa que me teve excitado em segundos. Éramos assim. Um beijo nunca era só um beijo, era o encontro de todas as emoções, sentimentos, que nos consome e nos faz dependentes um do outro. Ela é minha e eu sou dela. Vamos vencer tudo e qualquer coisa que estiver no nosso caminho. Vamos vencer qualquer merda que apareça!

A levantei nos braços e andei por todo o caminho de volta para o nosso quarto. Em poucos instantes nos livramos das roupas e me enterrei nela. Fizemos amor, lento e gostoso. Me abraçou com as pernas, enquanto me movia dentro de seu canal, esticando-a completamente, nos tornando apenas um. Elevei seus braços acima da cabeça e nossos rostos ficaram bem perto, nossas bocas arfando uma na outra, nossos olhares presos. A comi bem devagar, girando o quadril, metendo até o cabo. Gememos, grunhimos, rosnamos, juramos nosso amor. Sussurrei palavras sujas em seu ouvido. Acelerei o ritmo no final e gozamos juntos, sua bocetinha mamando, sugando meu pau, tomando cada gota do meu esperma. Nos beijamos e

continuei bombeando devagar, sem querer parar nunca. Amo tanto essa mulher. Sorrimos nos lábios um do outro e continuamos dançando. Meu pau ainda duro dentro dela. Nossos olhos se abriram e eu soube pelo brilho safado nos seus que nosso interlúdio estava longe de acabar. O médico me avisou sobre isso também, que os hormônios atacam a libido feminina durante a gestação. Benditos hormônios. Sorrio daquele jeito devasso que ela gosta e nos mudei de posição, fazendo-a me montar. Nessa posição ela controlaria tudo. Jogou a cabeça para trás e arqueou as costas. Gemi diante da visão do corpo perfeito. Esguio, sexy, sua pele morena dourada. Seus peitos ficando cada vez mais cheios e suculentos, sua barriguinha começando a se delinear. Deslizei minhas mãos numa carícia reverente do seu ventre até os ombros, pescoço, desci de novo e enchi as mãos nos peitinhos lindos... E começamos tudo novamente.

Depois do primeiro, nas duas semanas seguintes, um verdadeiro bombardeio de vídeos meus ganharam a rede. Meus advogados nunca tiveram tanto trabalho. A imprensa estava nos perseguindo implacavelmente. Leon, tio Max e

até Jay me deram sermões no início, mas me apoiaram quando Helena disse a eles que aquilo era passado e que nada que a mídia estava noticiando era verdade. Ela tem se mostrado forte, inabalável, ao meu lado como prometeu que ficaria. Acabamos criando uma bolha à nossa volta. Reforçamos a segurança e não concedemos nenhuma entrevista.

Estávamos deixando a clínica do Dr. Malone. Finalmente havíamos visto o sexo do nosso bebê. É uma menina. Nossa princesinha. Helena chorou para variar e eu tive lágrimas nos olhos também. Jay diria que definitivamente me tornei um maricas. Mas era uma emoção sem precedentes. Acho que só vou me emocionar mais, quando a pegar no colo. Já consigo imaginá-la parecida com Helena, linda, geniosa, inteligente, perfeita. Minhas duas princesas.

— Ela será parecida com você, princesa. — disse assim que entramos no elevador. Ela me enlaçou pelo pescoço, seus olhos brilhantes.

— Quero que ela tenha seus olhos. — murmurou em minha

boca. — amo seus olhos, amor.

Me derreti com suas palavras e sorrio, mordicando seus lábios. Miou, se inflamando toda. Sorrio mais, puxando-a para saquear sua boca. Só paramos quando as portas se abriram no térreo. Saímos de mãos entrelaçadas e nos dirigimos aos fundos, onde havia uma ruela, para despistar os paparazzi que estavam ficando muito ousados na sua perseguição. Qual foi a nossa surpresa quando abrimos a porta e Ben e Scott entraram rapidamente, nos levando para dentro de novo, entretanto, tivemos um vislumbre do pandemônio que estava lá fora. Cristo! Um batalhão de repórteres estava esperando por nós.

— A frente está pior, Dom. — informou Ben numa voz tensa. Eles sabiam do problema de Helena. — sinto muito, alteza. — disse com olhos pesarosos para ela. Algo passou pelos olhos dela. Um brilho resignado, não, um brilho determinado.

— Vamos, *amore mio*. — apertou minha mão e antes que pudesse sequer falar algo, ela já abria a porta, me puxando para aquele enxame. Ben e Scott agiram rápido e

ficaram dos nossos lados. Eles pareciam loucos, berrando perguntas e Helena fez algo que me assustou pra caralho. Cristo! Ela tomou a minha frente como uma leoa e bradou para os paparazzi: — Saiam! Deixem meu marido em paz! — seu tom decidido fez com que o burburinho diminuísse a apenas sussurros. Eles, como eu também tinham expressões incrédulas em seus rostos. Helena sempre fugiu deles. E a cena que se tornou frequente na mídia era ela sendo carregada nos braços quando tinha imprensa por perto. — ele não é mais o homem que aparece naqueles malditos vídeos. — disse mais baixo, virando-se para mim, seus olhos incendiados, emocionados. — este é Dominic Harper Di Castellani, um príncipe da Ilha de Ardócia, meu marido, o homem que amo e o pai da minha filha. — Jesus! Meu peito se encheu de orgulho dela. — não me importa esses vídeos, nem o que vocês dizem levianamente. Ele me ama. Nós nos amamos. Nada do que aconteceu vai me fazer deixá-lo. — pausou e respirou fundo, a puxei para mim, amparando-a pela cintura. Era muito para ela. Tive medo por nossa filha. — querem noticiar sobre nossa vida? Então falem de como estamos

felizes com a chegada da nossa filha. — o burburinho aumentou e os flashes enlouqueceram de vez. — falem do quanto nos amamos. Há uma pessoa solta por aí, que quer claramente prejudicar meu marido, não só a imagem dele como empresário bem sucedido, mas destruir nosso casamento. — sua voz foi ganhando mais firmeza e eu ficando a ponto de explodir de orgulho. — vocês conhecem Dom Harper? — seus olhos deslizaram sobre os que estavam na frente e meneou a cabeça. — nenhum de vocês o conhece. Perdem tempo noticiando um aspecto da vida dele que é passado, enquanto poderiam falar das inúmeras instituições de caridade que meu marido financia. — um *oh!* Geral ecoou entre eles. — *si*, meu marido é um dos maiores filantropos que conheço. Sei que não sabem disso porque ele detesta que divulguem, mas não vou mais deixar que destruam a imagem dele por erros que cometeu no passado. — houve nova onda de sussurros. — agora, por favor, nos deixem ir para casa. Estamos felizes porque acabamos de saber que teremos uma menina. Nossa princesinha. Merecemos curtir a notícia em paz. — então, algo inusitado aconteceu,

assovios e palmas encheram a viela. Eu estava estupefato e Helena mais ainda. A levantei nos braços. Primeiro, para não perder o costume, segundo, porque ela se superou hoje e com certeza foi emoção demais e, terceiro, bem, eu amo ser seu cavaleiro de armadura brilhante e hoje não foi exigido quase nada de mim, é justo que pelo menos carregue a garota. Jesus! Ela conseguiu!

Helena

— Vocês ouviram a minha senhora. Isso, nos deixem passar. Obrigado. — Dom falou enquanto abria caminho sob a chuva de aplausos, assovios e muitos flashes. Logo estávamos na segurança da limusine e ele me manteve em seu colo, seus olhos lindos brilhando de orgulho por mim, para mim. — você conseguiu, princesa. — sussurrou e beijou meus cabelos. — você venceu essa merda, amor! — seu tom foi mais alto, num desabafo e gargalhou, mostrando as covinhas. Gargalhei também. Rimos como duas crianças.

— Te amo tanto, *amore mio*. — murmurei em sua boca. — você me fez a mulher que sou hoje. Sou livre, amor. Livre!

— meus olhos se encheram de lágrimas e tomei sua boca num beijo reverente. Ele é tudo para mim. Tudo. Beijou-me de volta e ficamos assim o percurso todo até em casa.

Dois meses depois...

Surpreendentemente a imprensa se tornou nossa aliada depois do episódio na clínica. Alguns poucos veículos sensacionalistas ainda falam dos vídeos, mas a grande maioria tem acompanhado nossa vida de forma mais respeitosa. Dom agora é visto como um empresário preocupado com as questões sociais, pois tem inúmeros projetos de bolsas universitárias para jovens carentes ou em situações vulneráveis. Ele ainda não gosta dessa exposição, mas é infinitamente melhor do que ver a vida sexual passada de meu marido sendo assunto em todo o mundo. Mostramos a quem estava querendo nos prejudicar que sua estratégia não teve sucesso. Nunca teria.

Olhei-me no espelho enorme do closet e levei minhas mãos à minha barriga que já estava bem arredondada pelos cinco meses de gravidez. Hoje iríamos a um jantar na casa do Senador Marshal, ele está rondando Dom em

busca de apoio para sua candidatura a presidente. Dei mais uma conferida e saí pelo corredor. Dom já me aguardava na sala.

Fiquei um momento bebendo a visão dele vestido num smoking caindo perfeitamente em seu corpo alto, os ombros amplos. Acho que arfei, pois ele se virou devagar, aquele riso lento, safado se abrindo na boca sensual, os olhos verdes intensos deslizando sobre mim. Acho que nunca vou me acostumar com isso. Continuo repetindo a mesma coisa que pensei quando nos vimos a primeira vez: ele é muito, muito bonito. Apoiou o copo de uísque na bancada do bar e veio até mim com passos macios, nossos olhos presos. Parou a poucos centímetros, quase me tocando.

— Uau! Princesa! — deu um assovio baixo e as covinhas piscaram para mim. — tudo isso é para mim? — enlaçou minha cintura, me puxando suavemente para seus braços. — você é a grávida mais sexy que já vi, amor. Me deixou duro. — sussurrou em meus lábios.

— Você está sempre duro, *amore mio*. — murmurei de

volta, já loucamente excitada. *Dio!* Os hormônios me deixaram tão insaciável quanto ele. Me esfreguei nele desavergonhadamente. — eu amo isso. — confessei. Abriu mais uma vez o riso sem vergonha que molha minha calcinha e me beijou lenta e deliciosamente.

— Mais tarde, princesa. — sua voz baixa, rouca, sexy não me aliviou em nada. Seus olhos brilharam travessos, vendo minha reação. —Vamos sair ou vamos nos atrasar, amor. — deu-me pequenos beijos e gemeu se afastando. Entrelaçamos nossas mãos rumando para o elevador.

Cerca de meia hora depois fomos recebidos pelo simpático senador, sua esposa e sua filha, uma adolescente que ficou praticamente babando quando viu Dom. Bom, não posso culpá-la, não quando eu, que vivo com ele, ainda me pego observando e babando. Ele foi simpático, charmoso como é sua natureza e a coitadinha ficou vermelha com a atenção recebida. Entramos e começamos a circular. A casa era muito bonita, com decoração que gritava dinheiro e requinte. O senador era a quinta geração de políticos na sua família. Já havia

muitos convidados espalhados pelos amplos cômodos. Dom me guiou segurando minha cintura até as amplas portas laterais do lado direito e saímos para um jardim enorme e bem cuidado, onde havia uma tenda montada com mesas a perder de vista. Parece que o termo, *pequena reunião* tinha outro significado para o senador. Pelo menos, foi isso que Dom me disse quando me convenceu a vir. Andamos conversando com empresários, políticos, enfim, meu marido realmente conhecia muita gente. Notei que as mulheres me olhavam com expressões invejosas e de pura cobiça para Dom. Tentei relevar e agir normalmente, até porque ele jamais fez algo que me deixasse preocupada. Sua atenção era minha, mesmo quando estava entretido numa conversa com os maridos, sua mão continuava acariciando minha cintura, me mantendo bem perto dele. Isso me acalmou. O cheiro dele me excita e me acalma ao mesmo tempo, não consigo explicar, mas é algo que está nele, que só ele consegue fazer comigo.

— Dom Harper! — uma voz feminina muito melosa para o meu gosto soou atrás de mim e logo a figura curvilínea se

colocou à nossa frente. Era a filha do prefeito. Já tínhamos cruzado com ela em alguns eventos. A vadia loira, peituda não disfarçou seu interesse no meu marido em nenhuma das ocasiões. *Si*, ele fodeu com ela. Nunca perguntei, mas nós mulheres sentimos esse tipo de coisa.

— Alicia. — disse num tom contido. — como você está?

Fiquei rígida do lado dele. Deve ter percebido, pois deslizou o polegar preguiçosamente pelo meu braço numa carícia deliciosa. Era o seu jeito de me fazer relaxar.

— Estou ótima! — a loira ronronou e seus olhos foram finalmente para mim como se só agora me notasse. Puta!

— Ah, Helena, não é? — é claro que ela sabia o nome. Isso era uma tentativa ridícula de me diminuir. — como você está, querida? — seus olhos desceram para meu ventre e torceram com sutil desgosto. — e a princesinha? Soube que será uma menina. — balbuciei algo e seus olhos voltaram gulosos para Dom. — uma transformação e tanto, Dom, de libertino a marido e pai dedicado. — deu um risinho cínico. — pelo menos, por enquanto. — meu sangue ferveu, mas antes que abrisse a boca, Dom já a

cortava.

— Alícia, foi realmente um prazer revê-la. — cuspiu, os olhos verdes fuzilando-a. — mas meu vice-presidente está acenando ali. — apontou logo atrás dela. Felizmente ele estava lá mesmo. Suspirei aliviada. — Ah, e agradeceria se no futuro poupasse minha mulher de ouvir suas merdas. — sua boca fez um *O*, sua expressão chocada. É isso aí *cara!* Dei-lhe um sorriso que dizia *vá pastar, sua vaca* e deixei Dom me guiar até o casal de amigos.

Depois de um tempo circulando e experimentando todos os canapés, Dom me levou para dançar. Amo dançar com ele. Na verdade, amo tudo com ele. Havia realmente muita gente. A enorme pista de dança estava praticamente lotada. Foi montada perto do lago, uma brisa agradável soprava, enlacei-o pelo pescoço e apoiei a cabeça em seu ombro. Tudo perfeito. Lembrei-me das muitas festas que organizei no palácio de Ardócia e uma nostalgia me bateu. Meu primeiro baile, quando Leon desceu as escadas comigo, me sentindo a própria Cinderela. Meus sonhos desvairados de me tornar a princesa dele nasceram ali.

Tudo parecia tão distante agora.

— Ei, o que foi, amor? — sua mão veio para meu queixo num toque suave fazendo-me encará-lo. — o que foi esse suspiro longo que deu? Está cansada? Podemos parar...

— Não é nada, amor. — seus olhos não se desviaram dos meus e soltei. — senti saudades de Ardócia. Estava observando como tudo está tão perfeito e lembrei-me dos muitos bailes do palácio que ajudei a organizar. — seu semblante nublou um pouco. — ei, foi só um momento de nostalgia. Não trocaria a vida que tenho com você por nada nesse mundo, *amore mio*. Sabe disso, não é? — então, como mágica ele abriu seu riso de *eu quero comer você, agora* e me beijou. Não um beijo comportado de um marido na esposa grávida. Esse foi um beijo de posse, como se tivesse reafirmando para ele e principalmente para mim que sou dele. Homens... São tão bobos.

Dançamos mais algumas músicas. Foi uma sequência romântica. Minha barriga já começava a pesar, então era tudo que me permitia fazer. O jantar foi servido logo que nos sentamos na mesa reservada para nós e seu vice-

presidente. Travamos uma conversa agradável com ele e sua esposa. Os dois tinham dois filhos e nos deram dicas ótimas. Logo após o jantar o som de um microfone sendo ajustado encheu o jardim. Começaria a campanha do senador. O homem simpático subiu no pequeno palco improvisado, cumprimentou todos e começou a falar sobre sua campanha, suas propostas como presidenciável. Todos fizeram silêncio. Era claro o respeito que o senador havia conseguido na sua carreira. Dom estava muito atento ao discurso. Em certo momento, o senador o chamou no palco. Acho que não foi combinado, pois meu marido tinha uma expressão surpresa quando ouviu seu nome, mas levantou-se ajeitando o smoking, me deu um beijo de leve e rumou em direção ao palco por entre as mesas. Seu porte fazendo os homens morrerem de inveja e as mulheres suspirarem, inclusive eu. Vi um pouco da camaradagem entre eles quando o senador o recebeu satisfeito. Infelizmente precisava ir ao toalete de novo. É uma das desvantagens da gravidez. Vivemos no banheiro. Avisei ao casal e saí de fininho. Havia um toalete na casa da piscina, *grazie a Dio* não era longe. Andei firmando os

saltos na grama bem aparada. Levantei a saia do longo azul marinho que usava e andei mais rápido. Foi um alívio encontrar o lugar vazio. Instantes depois, já estava saindo quando alguém puxou meu cotovelo bruscamente. Desequilibrei-me quase caindo, mas consegui me firmar na parede do corredor parcamente iluminado.

— O que está fazendo? — inquiri me virando para a maluca que quase me fez cair e meu sangue gelou nas veias. — você? — minha voz foi incrédula porque tinha algum tempo que não tinha o desprazer de ver a figura odiosa na minha frente agora: Amanda-puta-Parker. Estava num longo branco, muito decotado, os cabelos bagunçados como se tivesse acabado de ser duramente fodida. Então, um movimento na porta atrás dela me chamou a atenção. Um rapaz que tinha visto mais cedo com o que parecia ser sua namorada. Ele estava arrumando a camisa para dentro do smoking. Deu uma olhada sem vergonha para ela e disse num tom que odiei, já sentindo pela moça que estava lá fora esperando por ele inocentemente.

— Gostosa como sempre. — ela apenas sorriu. Ele ainda deu um tapa forte em seu traseiro e saiu.

— Oh, tire esse ar de ultraje do seu rosto, querida. — disse debochada me olhando de cima a baixo. — você também adora ser fodida assim, bem duro. — então, seus olhos adquiriram um brilho que só podia ser descrito como mal. Senti algo se revolver dentro de mim. — pensa que não ouvi você gemendo como uma vagabunda naquele banheiro? — estremeci. *Dio!* Minhas suspeitas se confirmaram, ela estava lá nos espionando. — Sim, querida. — deu um sorriso que soou doentio. — eu ouvi tudo. Dom sabe como fazer, não é? Não tem como dizer não a ele. Foi assim comigo também. Fodemos nos lugares mais inusitados. — pausou para avaliar minha reação, os olhos brilhando estranhamente, dando-lhe um aspecto de bruxa. — ele era louco por mim. Completamente louco. Mas aí, conheceu você e nunca mais foi o mesmo depois disso.

— Você é louca! Não vou ficar aqui ouvindo suas sandices. — cerrei os dentes tentando passar por ela, mas

tomou minha frente.

— Basta que mantenha o que te disse em mente: você não vai ficar com ele. — disse pausadamente, os olhos me fulminando. Ela me odiava. Eu podia sentir e isso me fez recuar mais e proteger meu ventre com as mãos. Os olhos dela foram para minha barriga e agora estavam enlouquecidos. — você conseguiu até engravidar, não é? Oh, e não vamos esquecer do seu pequeno show de mulher amorosa defendendo seu marido. Lindo! — bateu palmas devagar. Ela era realmente louca e eu estava arrependida de ter vindo sozinha até aqui. — aproveite enquanto pode, querida. Estar grávida não quer dizer que terá o filho. — riu como uma bruxa de novo. — acidentes acontecem, não é? Essa coisa que está aí dentro pode não vir a nascer, afinal. O que acha disso? Hein, sua cretina? — berrou e avançou para mim. Oh! *Dio mio!* Dom! Foi a única coisa que pensei antes de proteger minha barriga e virar as costas. O soco acertou minhas costas e fiquei sem ar. Ela me deu um segundo e um terceiro e dessa vez meu grito saiu:

— Dom! — chamei desesperada, mesmo que parecesse em vão. Já me preparava para levar o quarto soco quando ouço um rosnado alto e logo em seguida ela foi arrancada de trás de mim com violência. Virei-me abalada, trêmula.

— Princesa, amor... — Dom correu para mim, os olhos preocupados varrendo meu rosto. Enlaçou minha cintura e gemi de dor. Ela tinha acertado um soco bem nas costelas. Suas narinas dilataram e seus olhos brilharam ferozmente. Um brilho letal. Me firmou contra a parede e se voltou devagar para a puta que ainda estava nos olhando com ódio. Ele abriu e fechou os punhos, trincou os dentes audivelmente.

— Minha mãe me fez prometer que nunca bateria numa mulher. — disse num tom gelado. Amanda recuou um pouco. — mas ela vai me perdoar porque você, sua maldita puta, ousou tocar suas patas sujas na minha mulher grávida! Ela está grávida, porra! — bradou e antes que pudesse piscar, as costas da sua mão, acertou o lado direito do rosto da puta num barulho feio. Ela caiu pesadamente. Dom avançou devagar até estar bem do lado

dela e se abaixou perto da sua orelha. — você vai para a cadeia, sua vadia! Está ouvindo? Você vai parar na cadeia. Pensa que não sei que foi você esse tempo todo armando, divulgando coisas que só quem frequentava os mesmos lugares saberia? Não tenho provas ainda, mas acredite, vou reunir tudo e vou acabar com você! Não vai sobrar nada! A primeira coisa que vou atacar é sua carreira. Já pensou nas manchetes? Advogada conceituada de Nova Iorque ataca covardemente uma mulher grávida! — levantou-se e disse olhando-a de cima. — você está acabada! — ela se encolheu para perto da parede, parecendo verdadeiramente assustada. Dom sacou o celular e latiu ordens a Ben para chamar a polícia e vir nos encontrar.

— Você está bem, amor? — veio para mim, levantando-me nos braços. — precisamos fazer exame corpo delito. Está doendo? Me fale, amor. — pediu beijando meus cabelos.

— Um pouco nas costelas. — admiti e enfiei meu rosto no peito dele, sentindo seu cheiro. — você veio, amor. —

sussurrei em seu peito, entre soluços.

— Shhhh, estou aqui, princesa. Sempre virei por você, amor. — murmurou, sua voz cheia de amor. Naquele momento Ben e Scott invadiram o corredor, avançando rápido até nós. — Scott, vai ficar com essa vadia até a polícia chegar e você vai conosco para o hospital. Precisamos saber se está tudo bem com nossa filha. — disse para Ben. — aguento firme, amor. Tudo vai ficar bem, prometo. — sussurrou enquanto me carregava pelo corredor.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Helena

Levamos duas horas entre os exames no hospital e a queixa formal que prestamos contra a puta louca. Dois policiais foram até o hospital e tomaram meu depoimento e de Dom, uma vez que ele tinha agredido a vadia merecidamente, mas a polícia não sabia disso. Contei tudo, como me encurralou, as coisas horríveis que disse sobre minha filha e por último os socos que tinham um alvo certo: minha barriga. Dom estava andando de um lado para o outro, parecendo um animal enjaulado, ferido. A fúria emanava dele conforme dizia tudo que a *maledeta* fez comigo.

— Quero essa mulher na cadeia. — cerrou os dentes, seus olhos inflamados. — minha mulher e minha filha foram vítimas de uma louca, sem escrúpulos. Quero-a atrás das grades ainda hoje! — seu tom subiu no final da frase. Os policiais se entreolharam.

— A senhora Parker já está sob custódia do Departamento

de Polícia de Nova Iorque, senhor. — o detetive mais alto informou. — no entanto, esteja preparado para uma grande briga, pois a família Parker não vai permitir que fique por lá muito tempo. — completou com pesar.

— Estarei preparado. Nesse momento meus advogados estão todos a postos para impedir qualquer emissão de *Habeas Corpus*[\[101\]](#) em favor dessa criminosa. Ela vai passar a noite lá, trancafiada! — Dom afirmou num tom que não deixava dúvidas. Ele se empenharia nisso. — minha filha poderia ter sofrido danos com os golpes covardes que desferiu na minha mulher. — sua voz falhou um pouco no final. — quero essa louca longe da minha família. — completou e veio para mim que acabava de me sentar na cama. Tomou meu rosto entre as mãos um pouco trêmulas, seus olhos amolecendo quando viram lágrimas nos meus. — ela não vai machucá-las de novo, amor, eu juro.

— Então, hum... Nós vamos indo. — o detetive voltou a falar, um tanto sem graça pela nossa interação. — boa recuperação, senhora. — assentimos e eles deixaram o

quarto.

— Estamos bem, amor. — sussurrei. Seus lábios tocaram os meus ternamente. — então, podemos ir embora?

— Ainda não, princesa. — murmurou, sentando-se na borda da cama estreita. — o médico acha melhor ficar a noite aqui em observação. Não há nada aparentemente, mas vamos ficar, amor. Quero ter certeza de que nada aconteceu com nossa princesinha. — assenti e me afastei dando espaço para que se deitasse comigo.

No dia seguinte, saímos do hospital e *grazie a Dio* nada aconteceu com nossa filha. No entanto, a puta conseguiu sair da cadeia. Responderia o processo em liberdade. Dom ficou possesso, mas nossos advogados conseguiram que uma medida de restrição fosse emitida obrigando-a a manter-se longe de mim. Caso infringisse a medida, voltaria a ser presa. Foi um pequeno ganho, mas ainda um ganho. Ficamos mais aliviados.

Dois meses depois...

Dom me buscou na cobertura no meio da tarde me dizendo que tinha uma surpresa. Estávamos agora num dos parques

residenciais mais conceituados de Manhattan. Mansões de cinema estavam dos nossos lados direito e esquerdo. Acaricieei meu ventre avantajado de sete meses e suspirei feliz, olhando seu perfil lindo e concentrado na direção. Os olhos verdes desviaram para mim sentindo meu olhar. Abriu aquele riso sem vergonha.

— Acho que já sei do que se trata, amor. — disse sorrindo de volta.

— Que mulher esperta! — murmurou, enquanto parávamos em frente a um portão imenso. — mas, vou esperar até estarmos lá dentro, princesa. — completou e o portão abriu automaticamente. Avançamos devagar por uma estrada de blocos ladeada por árvores frondosas. Era um cenário espetacular. — chegamos, amor. — avisou e desceu vindo rapidamente para abrir minha porta. Me ajudou a descer com cuidado. Minha barriga pesava muito e nossa princesinha parecia estar lutando boxe lá dentro. A casa parecia um verdadeiro castelo, com torres altas em tijolos à vista. Muito bonita. Dom me levantou nos braços e começamos a subir os degraus da entrada. Ele

continuava a fazer isso, mesmo com meu sobrepeso devido ao estágio avançado da gravidez.

— Amor, eu posso andar. — sorriu, mas enlaço seu pescoço, sentindo seu cheiro delicioso.

— Sei que sim, amor, mas adoro carregar minhas duas princesas. — disse beijando meus cabelos. Bem, esse era um argumento muito bom. O beijei no queixo barbeado. Conseguiu abrir a porta enorme de madeira maciça e entramos na casa. Uma casa absurdamente linda. Foi amor à primeira vista. Já estava toda mobiliada. Arfei antes dele me depositar no chão com cuidado. Meus olhos correram em volta extasiados. Sou acostumada com ambientes luxuosos, mas essa casa não deixava nada a desejar a nenhum palácio. Vírei-me para ele que havia enfiado as mãos nos bolsos, seus olhos lindos brilhando, observando cada reação minha.

— Dom... *Amore mio!* — exclamei indo até o meio da sala enorme. Era tudo tão lindo. Tão perfeito. — você a comprou? — quis saber indo até as janelas e engasgando com a visão do jardim a perder de vista.

— Ainda não, princesa. — sua voz baixa, sexy soou perto do meu ouvido, seus braços me enlaçando por trás. — eu a achei perfeita para criarmos nossos filhos, amor. — beijou minha orelha descendo para o pescoço. Gemi quando chupou forte, minha calcinha alagando. — vamos comprá-la. — sussurrou e suas mãos subiram para meus seios. — mas agora quero inaugurar o quarto principal. O que acha, minha cadelinha linda? — mordeu devagar no mesmo local onde havia chupado, suas mãos amassando meus seios com certa urgência.

— Ohhh! Acho perfeito, amor. — miei, pendendo a cabeça para o lado, facilitando seu ataque a meu pescoço. Riu baixinho, safado no meu ouvido e mordiscou minha orelha.

— Vem, princesa. — me levantou nos braços de novo. — depois olhamos o resto, temos muito tempo. — sussurrou, andando devagar, passamos por portas duplas e uma escadaria surgiu imponente diante de nós. Sorrio baixinho me sentindo como Scarllet O'hara de *E O vento Levou*[\[102\]](#) nas muitas cenas em que o mocinho Rhett

Butler a carregava pela escada rumo ao ninho de amor.

— Mio *Rhett Butler*... — provoqueei-o. Ele apenas gargalhou. Tomou um amplo corredor no qual havia aparadores com vasos de flores frescas. Ele sabia os meus gostos e providenciou tudo. Meu peito transbordou de amor por ele. Esse homem lindo que nunca parava de me surpreender. Chegamos a portas duplas no final do corredor. Fez um malabarismo, mas conseguiu abri-las comigo nos braços. Adentramos e minha respiração travou com a visão. Era uma cópia fiel do meu quarto em Ardócia. — Dom... *Amore mio*. — murmurei, minha voz já embargada. Andou comigo até a cama e me depositou com cuidado no centro.

— Gostou, princesa? — seus olhos deslizaram amorosos pelo meu rosto antes de ficar de pé perto da cama, olhando-me daquela forma intensa que faz com que me sinta a mulher mais amada e desejada do mundo. — tomei a liberdade de dar algumas sugestões para a decoração baseado no que conheço de você, mas se não quiser podemos comprar outra...

— Eu amei, amor. Vamos comprá-la. — apressei-me em dizer. — você é perfeito, sabia? Nunca haverá mulher mais feliz do que eu. — seus lábios se curvaram num riso lindo, os olhos verdes muito brilhantes.

— Eu te amo, princesa. — sussurrou e um brilho devasso foi tomando seu olhar. Começou a despir-se devagar. Nossos olhos presos. — minha cadelinha linda, perfeita. — terminou de tirar as calças junto com a cueca e seu pênis saltou lindo, duro. Minha vagina palpitou loucamente. Sorriu baixinho e subiu lentamente até mim. Levantou a saia ampla do meu vestido de malha e o puxou suavemente pelo meu torso até tirá-lo pela cabeça. Arqueei as costas para facilitar seu trabalho. Deitei-me de novo nos travesseiros, arquejando. Apoiou-se nos tornozelos e ficou lá, seu olhar devorando cada centímetro de mim. Tive tanto medo e insegurança que as mudanças no meu corpo o fizessem parar de me desejar, mas isso não aconteceu. Ele parece muito mais insaciável pelo meu corpo agora. Adora-me por horas antes de me tomar, às vezes muito lento, às vezes urgente, mas é sempre cuidadoso com meu estado. — você está cada vez mais

linda, amor. — murmurou e se afastou para os meus pés. Ele adora massageá-los para ajudar na circulação, o médico nos disse isso e meu marido atencioso segue tudo à risca. Entretanto, a massagem que Dom faz é... Bem, é muito mais que terapêutica se é que me entendem. Levantou meu pé direito sobre sua coxa dura, seus olhos safados em mim. Gemi quando deslizou os polegares pela planta numa massagem ao mesmo tempo forte, gostosa, sensual que teve um ponto ligado direto na minha vagina. — gosta disso, cadelinha gostosa? Hum? — sorriu naquele tom de *vou devorar cada pedacinho seu*, que é próprio dele e que eu amo.

— Muito, amor. — ronronei. Continuou massageando de forma erótica e relaxante. Como conseguia não sei. Então, levou meu pé à sua boca e um choque atravessou todo o meu corpo quando os lábios quentes e úmidos abocanharam meu dedão. Chupou-o mantendo-me cativa de seu olhar sem vergonha. Seus polegares continuavam pressionando pontos de tensão, enquanto sua boca fazia-me contorcer sobre o colchão. — ahhhh! Tão gostoso... — balbuciei. Chupou todos os outros dedos lentamente,

provocando-me. — amor, por favor. — pedi esfregando as coxas. Sua risada baixa me inflamou ainda mais. Ele sabia disso. Sabia o quanto amo sua risada sexy, safada. Tomou meu pé esquerdo e repetiu todo o processo requintado de tortura. Depois segurou meus tornozelos e me forçou a abrir as pernas de novo. Sua língua chicoteou numa lambida que só podia ser descrita como obscena pela minha panturrilha. Fechei os olhos gemendo desavergonhada.

— Abra os olhos, cadelinha. — ordenou baixo, tenso. Ele também estava muito excitado. Obedeci, encontrando seu olhar quase azul, suas pupilas completamente dilatadas. Sua boca subiu se dividindo entre beijos suaves, lambidas, chupadas e pequenas mordidas pelas minhas pernas. Foi se infiltrando no meio das minhas coxas. Arqueei as costas quando mordeu mais forte na minha virilha. A essa altura minha calcinha estava pingando. Seus dois polegares deslizaram do meu ânus até meu clitóris e gritei, quase gozando. Eu estava muito sensível com a gravidez. Sorriu de novo e seus polegares fizeram mais pressão no meu brotinho inchado.

— Ohhh! Dom... Eu preciso... — implorei diante de seu semblante arrogante de macho alfa que sabe como satisfazer sua fêmea.

— O que você precisa, minha cadela gostosa? Diga! — seu tom foi mais duro agora e levou as duas mãos às laterais da calcinha, puxando-a bruscamente. Grunhi, meu tesão subindo a níveis altíssimos. Sei que gozaria quando entrasse em mim. — diga! — rosnou e meteu dois dedos na minha vulva, dilatando-a devagar até chegar bem fundo. Gritei. Tirou-os completamente e meteu de novo, mais forte dessa vez. Seu rosto tenso. Sua expressão cheia de tesão também. Girou-os lá dentro e os puxou. — abra a boca! — grunhiu. Fiz o que disse e os enfiou sem muita delicadeza. Chupei como se minha vida dependesse disso. Ele adora minha submissão durante o sexo. — isso, cadela safada... Sinta como seu gosto é viciante, perfeito. — rosnou e deu um tapa não muito forte na minha coxa. Se abaixou até seu rosto ficar a centímetros da minha vagina. Deu-me um risinho diabólico e deslizou o nariz pelos meus lábios. Meu corpo estremeceu e cravei minhas mãos em seus cabelos, mantendo-o lá. Gargalhou, seu hálito

quente enviando ondas eletrizantes ao meu clitóris. Arqueei as costas de novo. Senti meu creme escorrendo para o ânus. Gritei alto quando sua língua lambeu meu brotinho necessitado. Foram necessárias apenas duas lambidas e ondulei num orgasmo intenso. Chamando seu nome como um mantra. Ele não pareceu tomar conhecimento, continuou me comendo com sua boca gananciosa, usando língua, lábios e dentes. Ficou assim por um tempo muito longo, suas mãos acariciando meu ventre suavemente, reverente, enquanto me fodia com a boca. Me excitou de novo.

— Ohhh! Dom... Eu quero você. — gemi fora de mim. — por favor, amor. Quero você dentro de mim. — seus olhos amoleceram um pouco e ele sorriu dando um beijo de boca aberta no meu clitóris. Se mudou para trás de mim, puxando minhas costas suavemente contra seu peito duro. Essa era a posição mais confortável que o médico indicou e Dom podia me comer mais forte como gostava. Miei me acomodando contra ele.

— Você quer meu pau tanto assim, minha cadela? Hum?

— disse no seu tom dominante. Deslizou uma mão para meus seios, puxando um mamilo depois o outro. Sua respiração alterada no meu ouvido. Mordeu minha orelha e levantou minha perna esquerda apoiando-a em seu braço, escancarando-me. Logo senti a cabeça macia de seu pênis brincando na minha entrada, se lambuzando em meu creme. Ele adora me provocar. Gemi, um som suplicante. — você quer muito, não é? Responda, cadela safada! — rosnou e levou a outra mão pela minha frente segurando meu ombro. — então toma, cadelinha linda! Toma meu pau, porra! — meteu firme, esticando-me até o fundo. Entrou fácil pelo meu excesso de lubrificação. Não consegui conter um soluço de puro prazer. Meu corpo todo se abrindo, se encaixando perfeitamente no dele.

— Ahhhh! Dom... *Amore mio*... — choraminguei, sentindo-o todo dentro de mim. Tirou tudo e meteu de novo, numa estocada mais forte. Trincou os dentes e gritou:

— Porra! Princesa! Morro para comer essa boceta! Cristo! Tão apertadinha... Ohhh! Tão quente, amor... Perfeita pra caralho! — puxou meu ombro e passou a me

foder com mais vigor. Uivando como um animal acasalando. — tá gostoso assim, cadelinha? — sua voz era tensa. Ele queria mais forte, mas tinha medo de me machucar.

— Muito gostoso, amor. Ohhh! *Madonna mia...* — ronronei e ele continuou no mesmo ritmo frenético. Comeu-me bem gostoso, forte, preenchendo-me completamente. Nessa posição seu pênis entrava fundo, tocando cada nervo do meu canal.

— Você é tudo para mim, princesa. — sussurrou no meu ouvido e desceu beijando, lambendo, chupando meu pescoço até o ombro. Voltou e cheirou meus cabelos. Me arrepiei inteira. Seu quadril batendo abaixo da minha bunda com firmeza. Seu pênis estocando duro em mim. Gemi alto. Gemeu também. Nossos corpos já suados. — amo foder essa bocetinha linda, gostosa! Minha! Só minha! Vou te foder para sempre! Vai viver assim, tomando meu pau nesse corpo delicioso, viciante, porra! — girou o quadril, tocando o ponto que me desintegra e eu gritei sem o menor pudor:

— Dom! Dio! Eu vou... *Madonna mia!* Ohhhhhhhhhhh! —
um orgasmo mais que intenso me rasgou sem dó, minha
vagina contraindo em volta de seu pênis, estrangulando-o.
Rosnou alto e acelerou mais o ritmo.

— Isso, minha cadela! Goze, porra! Goze gostoso no pau
do seu cachorrão! — chupou meu ombro e mordeu forte
em seguida. Gritei, meu orgasmo prolongando. Minha
bunda encontrando cada golpe certo. — Oh! Merda!
Cristo! Amor, vou gozar! Porraaaaa! — deu um rugido
alto, muito alto e sua boca desceu no meu ombro de novo
numa chupada dolorida, mas gostosa. Seu pênis ondulou e
gozou, rosnando, grunhindo. Minha vulva foi inundada de
esperma quente. Estremeci, deixando-me encher com sua
essência de macho. — Jesus! Você tem a porra da boceta
mais gostosa do mundo todo, princesa. — grunhiu no meu
pescoço ainda metendo em mim, agora mais devagar.
Abaixou minha perna devagar e deu mais algumas
estocadas lentas, seu rosto enfiando na minha nuca,
inalando-me. Amo quando faz isso. Por fim saiu devagar
de dentro de mim e me virou em seus braços. Eu estava
mole, acabada. Ficamos cara a cara, nossas respirações

ainda alteradas, nossas bocas arfando uma na outra. Deslizou uma mão suave pela minha face. — fui muito bruto, amor? Acho que me empolguei mais do que devia... — Shhh, estamos bem. — sussurrei tocando meu ventre avantajado entre nós. — foi perfeito como sempre. — a expressão preocupada deu lugar ao conhecido riso safado. — você realmente sabe como fazer, Sr. Di Castellani. — murmurei e o beijei. Sua boca aceitou a minha e nossas línguas se chuparam numa dança deliciosa, bem devagar. — Você é uma grávida tão safadinha, princesa. — provocou-me mordiscando meus lábios. — acho que vou mantê-la sempre grávida, minha cadelinha. — sorriu baixinho, sexy, pecaminoso. *Dio!* Amo tanto esse jeito safado dele.

Dominic

Nos mudamos para a nova casa duas semanas depois. Iria sentir saudades da cobertura, pois havia muitas memórias nossas em cada canto, mas era preciso pensar na nossa princesinha e na qualidade de vida que teria numa casa com muito mais espaço para tudo que quisesse fazer. E

haveria outros filhos. Eu e Helena queríamos pelo menos mais dois. Ela chorou quando fechamos a porta da cobertura e saímos, mas a distraí dizendo que a manteríamos para nossas fofas longe dos olhos e ouvidos das crianças. Sorriu-me entre as lágrimas. Linda! Tão linda. Ela era tudo para mim. Estava radiante nos últimos meses de gravidez. E minha fome por ela só aumentou quando seu corpo foi se transformando. Saber que carregava minha filha, uma parte de mim dentro dela me deixava rachando de orgulho. Estávamos os dois ansiosos para ver, pegar nossa princesinha no colo. Mas agora faltava pouco, bem pouco. Ela continuava trabalhando meio período. Tão teimosa minha princesa. Nunca fui tão feliz em toda a minha vida.

Há um mês tudo se resolveu e Amanda havia evaporado de nossas vidas, graças a Deus. Foi uma verdadeira briga de cachorro grande, mas consegui reunir todas as provas contra ela. A puta realmente esteve envolvida em todos os episódios que nos afetaram. Desde o primeiro vídeo até o ataque covarde à Helena há dois meses. Demorou, mas foi indiciada por tentativa de homicídio, lesão corporal,

difamação e danos morais. Fiz questão de arrastar seu nome para a lama. Nunca mais seria vista como a advogada brilhante que fora um dia. Sua imagem foi reduzida à uma agressora de mulheres grávidas. Ficaria um bom tempo atrás das grades. Não sou ingênuo de pensar que seu pai não vai tentar de todas as formas burlar a lei e tirá-la de lá, mas estamos atentos. Meus advogados trabalharam incansavelmente para fazê-la pagar e ela pagaria. No que dependesse de mim, podia morrer lá dentro. Ainda fico puto quando lembro dela espancando Helena grávida. Maldita puta!

Estava me preparando para sair mais cedo da empresa naquela tarde de quarta-feira para encontrar com Helena na clínica do Dr. Malone, quando minha secretária me avisa que uma tal senhora Rodriguez tinha marcado hora comigo e já estava me aguardando há um bom tempo. Olhei o relógio ainda faltava mais de meia hora para a consulta, resolvi atendê-la. Poucos segundos depois a mulher entrou. Era mediana, vestia um conjunto de saia e blusa marrom horroroso. Era morena, usava uns óculos tipo fundo de garrafa. Não consegui distinguir a cor dos

olhos. Mas apesar da aparência grotesca, algo na forma de se movimentar, no formato do rosto fez com que uma suspeita se instalasse imediatamente, então ela falou e tudo se revolveu dentro de mim porque Cristo! Eu conhecia aquela voz muito bem.

— Olá, Dom. — a voz era de Amanda, mas ninguém diria pelo disfarce bem orquestrado. Recuei até a mesa, minha mão indo para o interfone, mas antes que o alcançasse sua voz soou de novo. Mais dura, muito mais dura dessa vez: — se eu fosse você não faria isso, amor. — meu coração bateu violentamente quando me deparei com a arma que tinha empunhada firmemente apontando para mim. Oh! Meu Deus! Ela havia enlouquecido de vez! Tirou um celular do bolso e selecionou alguma coisa, seus olhos se dividindo entre mim e o objeto. Achou o que queria e o jogou para mim. — veja o que encontrei hoje no shopping perto da clínica do Dr. Malone. — disse num tom arrepiante. O peguei com mãos trêmulas e abri o vídeo. Cristo! Imagens de Helena passeando calmamente pelas lojas do shopping. A imagem estava um pouco granulada, mas eu reconhecia aquele vestido.

— O que você fez com ela? — minha voz soou esganiçada, um desespero sem tamanho me invadindo. — como saiu da prisão? — indaguei embora já soubesse a resposta.

— Tenho dinheiro, querido. Meu pai se empenhou muito também. — riu friamente. — não tenho mais prestígio como advogada, mas ainda sou parte de uma família poderosa, nunca se esqueça disso.

Continuei assistindo o vídeo e Helena saiu até o estacionamento. Onde estavam Ben e Scott? Um frio sinistro foi tomando conta de mim quando vi dois homens se aproximarem por trás dela. Um deles a puxou e colocou algo em seu rosto, ela lutou, esperneou, mas seu corpo foi amolecendo e o homem a levantou nos braços. Os dois olhavam assustados para todos os lados e entraram num carro prata. Arrancaram em seguida e o vídeo parava naquele ponto. Meu coração parecia que ia sair pela boca, minha garganta secou. Não! Jesus! Não! Ela não pode ter sido apanhada daquele jeito. Ben e Scott nunca se descuidariam assim.

— Isso é uma montagem grosseira! Você está blefando, sua puta louca! — cerrei os dentes, o desespero tomando conta de mim. Ela não se alterou em nada. Tinha sangue frio, já a testemunhei muitas vezes nos tribunais.

— Fique aí, porra! Não se aproxime ou será uma pena, mas vou fazer um buraco nesse seu rosto lindo. — disse entre dentes. — quer pagar para ver? Quer mesmo arriscar sua querida putinha grávida? — fiz menção de avançar, cheio de cólera por se referir à Helena daquela forma. Ela firmou mais a arma para mim. — não banque o herói, Dom. Aqui está como vai ser. — disse pausadamente. — vai sair do prédio comigo como se nada estivesse acontecendo, porque se fizer qualquer gracinha, como chamar a polícia, por exemplo, meus homens têm ordens para matar a puta, entendeu? — seu tom subiu um pouco. Meu corpo todo sofreu um baque. Espasmos violentos tomando-me. A imagem de Helena grávida sendo atacada brutalmente fez a bÍlis vir à minha garganta. — Pelo amor de Deus! Helena está grávida, Amanda! — falei num lamento, meu peito doendo horivelmente ao

imaginar minha mulher e minha filha nas mãos de bandidos. — vou com você. Faço o que você quiser, mas por favor, dê ordem a eles para soltá-la. Ela pode...

— Cale a maldita boca! — rosnou, seu rosto sendo transformado pelo ódio. — não dou a mínima para a sua puta! Eu a odeio! Odeio! — seu tom foi baixo, mas não menos horripilante. — vamos, amor! Vamos dar uma voltinha. A puta aristocrática está esperando por nós. Não é maravilhoso? — abriu um riso desequilibrado. — vamos nos reunir os três e ter uma última conversinha.

— Amanda, ainda podemos resolver isso...

— Cale a boca! — me cortou e guardou a arma. Seus olhos muito arregalados. Usava uma lente castanha. Cristo! Forcei minha mente a buscar uma saída rápida, mas nenhuma veio. — pegue suas coisas e saia na frente sorrindo, usando todo esse charme que sempre usou muito bem. A vida da putinha depende da sua colaboração, querido. Não se esqueça disso em nenhum momento. Vamos! Estou ansiosa para vê-la de novo. — riu histericamente, o som mais odioso a cada segundo. —

estou com saudades.

— Você não vai tocar nela de novo, sua puta maldita! Vou matar você, porra! — avancei até ela e a joguei com força contra a parede, minha mão se fechou em seu pescoço. Não reagiu, apenas ergueu o queixo e riu na minha cara. Minha mão foi afrouxando até soltá-la. Meu Deus! Não posso fazer isso antes de ter minha mulher e filha a salvo. Foda-se essa puta do caralho! Rosnei alto, meu corpo todo tremendo de fúria. Eu a odeio! Nunca odiei tanto alguém na minha vida.

— Isso, Dom. É um homem inteligente, afinal. — disse tossindo um pouco, massageando seu pescoço. — outra gracinha dessa e sua putinha morre! Fui clara? — grunhiu, cerrando os punhos ao lado do corpo. Puxei uma respiração aguda, enfiando as mãos pelos cabelos e os puxei até sentir dor. Isso tudo é culpa minha, porra! Eu trouxe essa maldita vadia para minha vida, para nossas vidas. Helena não merece sofrer as consequências da minha falta de caráter, da minha libertinagem. Gemi, sentindo uma dor quase física. Morro se algo acontecer à

elas. Minhas princesas. Oh, meu Deus! Me ajude! Me mostre o que posso fazer para salvá-las. Implorei com olhos fixos no teto. — você realmente a ama, não é? Você a ama, seu maldito idiota! — seu tom subiu cheio de ira. — vamos, estou louca para ver a cara da puta quando descobrir que vamos nos divertir muito juntos. Vamos!

Consegui mover-me a muito custo e peguei minha pasta e saí pela porta com ela na minha cola. Passamos pela recepção e não sei como pude abri um riso sem graça para minha secretária que acenou de volta. Pegamos o elevador e logo estávamos no estacionamento. Meus seguranças, nos viram e começaram a vir em nossa direção.

— Livre-se deles. Vou esperar por você no meu carro. — avisou e andou tranquilamente até seu carro, que obviamente não era o dela. Era um modelo preto com vidros escuros. Fui até eles e disse que encontraria com Helena na clínica e que poderiam ir para casa. Custou-me muito não dizer nada. A vida da minha mulher e filha dependia de mim. Faria tudo que a louca queria, por enquanto. Eu só pensava em ver Helena, pegá-la nos

braços. Cristo! Isso é tão fodido! Como pude subestimar essa puta maldita? Como pude nos colocar numa situação dessas? Fui até seu carro e entrei. — bom menino. — disse-me com um riso frio, doente e deu partida. Andamos por muito tempo. Meu peito se comprimindo de angústia. Atravessamos a cidade e entramos no que parecia ser uma fábrica abandonada. Avançamos por uma estrada de terra e parou na frente de um galpão. — desça! — sua voz soou dura de novo e tirou a arma da bolsa. Saí e andei na frente, tentando me preparar para o que encontraria lá dentro. Tomou a minha frente e empurrou uma porta enferrujada. — entre! Vamos! Não temos o dia todo. — me empurrou para dentro e meus olhos correram pelo local à procura de Helena, mas não havia ninguém ali. Virei-me para ela, confuso. — surpresa! — sorriu parecendo uma bruxa. — não há nenhuma Helena. Aquela que viu no vídeo era apenas uma dublê. Seremos só você e eu, como nos velhos tempos, meu amor. — me sangue ferveu e avancei para ela, mas antes que a alcançasse, senti uma forte pancada na nuca e cambaleei, caindo de joelhos no chão, minha vista nublou e cai na escuridão de

vez.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Dominic

Abri os olhos devagar. Minha cabeça latejava horrivelmente. Tentei me mexer, mas meus movimentos estavam contidos. Cristo! Eu estou amarrado? Então as imagens invadiram meu cérebro ainda atordoado. Amanda enlouqueceu de vez. Gemi quando tentei me levantar. Porra! Minha cabeça deve ter um buraco no lugar da pancada. Quem me bateu? A vadia estava bem na minha frente. Relanceei os olhos pelo ambiente. Era um quarto pequeno. Havia um guarda-roupas velho. As paredes estavam descascando por algum tipo de infiltração. Já havia escurecido, percebi pela pequena janela de vidro, bem do lado da cama onde estava deitado. Um cheiro de mofo invadindo minhas narinas fazendo minha dor de cabeça piorar. Minhas mãos e meus pés estavam amarrados. Porra! Bem amarrados, constatei tentando afrouxar o nó apertado. *Princesa, ainda bem que não está à mercê dessa louca*, pensei me sentindo aliviado de certa

forma, porque Helena e nossa filha estavam a salvo. Nunca me perdoaria se algo acontecesse à elas por culpa minha. Fechei meus olhos, lembrando dos olhos exóticos hoje pela manhã quando fizemos amor bem lento, antes de ir para a empresa. Ela sussurrando o quanto me ama. Senti o cheiro delicioso dela, substituindo momentaneamente a feiura do cenário onde me encontrava agora por aqueles momentos de puro êxtase, amor, entrega total. Eu a amo tanto.

Naquele momento a porta se abriu e Amanda entrou. Havia se livrado do disfarce. Usava um de seus vestidos provocantes, mostrando os seios quase completamente. Arg! Senti náuseas em pensar que a achei atraente algum dia, que a fodi como um louco. Sou um maldito bastardo, mereço isso que está acontecendo por ter sido tão idiota. Andou devagar e sentou-se na borda da cama. Seus olhos azuis deslizaram por todo o meu rosto e por um momento brilharam quase humanos.

— Você é tão lindo, Dom. — sussurrou, levando uma mão para meu rosto. Afastei-me do seu toque. Seu semblante

caiu um pouco. — lembro a primeira vez que vi você. — deu um pequeno sorriso, meio nostálgico, meio doentio. — estava na firma do meu pai. Ele me chamou para a reunião e eu quis você assim que nossos olhares se encontraram. Você também me quis. — sua voz tremeu um pouco. — meu casamento sempre foi uma fachada, sabe disso, não é? No fundo, eu sempre soube que se Doug realmente me amasse, jamais me compartilharia com outros homens. — eu não conseguia dizer nada, apenas ouvindo sua ladainha. — mas acabei gostando das orgias, desse mundo novo que meu marido me apresentou. Gosto de foder, admito isso. Eu e Doug quase não nos relacionamos mais. Ele fode com outras e eu com outros. — tentou me tocar de novo. Me esquivei mais uma vez. Suspirou impaciente. — nunca tive outro homem como você. Fui fodida por muitos, muitos mesmo, mas nenhum se compara a você. — fez uma pausa significativa e completou: — é por isso que mesmo depois de ter me ferrado completamente ainda amo você.

Jesus! Essa merda fica cada vez pior.

— Pode cortar a porra do drama, sua vadia louca! — berrei, a dor na minha cabeça aumentando a um nível quase insuportável. — você não sabe o que é amar uma pessoa. Você trepa com qualquer um que te olhe com desejo. Uma puta! É isso que é!

Os olhos azuis inflamaram e suas narinas dilataram. Resfolegou e levantou-se andando de um lado para o outro.

— Cale a boca, porra! — grunhiu. — não quero machucá-lo, mas vou fazer se precisar. — encarou-me com olhos enlouquecidos.

— O que quer de mim, Amanda? Vamos diga logo! Que merda é essa? — rosnei tentando me colocar numa posição sentada, mas falhei. Ela veio até mim me ajudando. — não me toque, porra! — bradei e se afastou de novo. Consegui me sentar a muito custo. Vou matá-la assim que me soltar, porque eu vou fazer isso. Com as mãos escondidas atrás era mais fácil tentar alguma coisa. Cristo! Que situação fodida do caralho!

— Eu quero você! É tão difícil assim de entender? —

disse virando-se para mim, sua voz adquirindo um tom suave, sedutor. Ela está louca se acha que vai me seduzir. — vamos ficar juntos. Você é meu, Dom! Meu! — afirmou num tom que me deu calafrios. — eu disse para a sua puta magricela que ela não ficaria com você.

— Você está completamente louca, porra! Helena é minha mulher! A mulher que amo! Ouviu? É a ela que amo! Só a ela! — avançou para mim enlouquecida e me deu um tapa forte no rosto. Merda! Senti gosto de sangue na boca.

— Vou matar você, sua puta louca! — rosnei, uma ira descomunal tomando conta de mim.

— Não, eu vou matar você! Mas primeiro vamos foder loucamente como nos velhos tempos! — berrou e foi até a porta, escancarando-a. Logo depois, dois brutamontes tipo lutadores de MMA entraram no quarto e eu comecei a realmente temer pela minha vida. Ela trancou a porta e voltou. — tirem as roupas dele. Vamos ver se vai resistir a tudo que vou fazer com você, meu amor. Conheço seu corpo. Sei exatamente como gosta de ser tocado. Será nossa despedida. — disse num tom mais suave e arrancou

seu vestido, ficando apenas numa calcinha minúscula. Cristo! Esperneeii o quanto pude, mas minha camisa foi rasgada e minhas calças abaixadas até os tornozelos com violência. Os malditos riam de mim. — você está à minha mercê, Dom. Completamente. Ninguém sabe onde está. A primeira coisa que fiz foi me livrar de seu celular. Um cara inteligente, prevenido como você teria um rastreador no seu aparelho, não é? Claro que teria. Você é o rei da tecnologia, não é? — riu debochada. — vou ficar com você até me saciar desse corpo gostoso e depois. — fez uma pausa sinistra. — depois Tico e Teco vão cuidar de você. Dom Harper vai deixar de existir. — seus olhos estavam com um brilho insano, agora. — mas não vou parar por aí, meu amor. Vou atrás da putinha. Sim, vou matá-la bem lentamente.

— Não! Pelo amor de Deus! Ela está grávida. Faça o que quiser comigo, mas deixe-a em paz, por favor. Ela e minha filha não tem culpa de nada. — supliquei, minha voz embargada, minhas entranhas se retorcendo de pavor. Cristo! Ela estava completamente fora de sua mente. Comecei a pedir fervorosamente a Deus que protegesse

minha mulher e filha, porque para mim a situação parecia muito pior do que supus inicialmente. Não sei o que pensei, mas nunca cogitei que essa mulher louca na minha frente fosse de fato chegar tão longe. Culpei-me mais uma vez por tudo que estava acontecendo, por ter caído nessa armadilha. O rosto de Helena veio na minha mente e lágrimas turvaram minha visão. Eu poderia nunca mais vê-la, abraçá-la, sentir seu cheiro, fazer amor com ela. Poderia não ver minha filha nascer e isso tirou meu ar. Uma dor absurda tomou meu peito. — por favor, Amanda. Podemos resolver isso. Podemos...

— Sim, podemos, amor. Vamos resolver do meu jeito. Vou matá-los, mas antes vou me divertir com os dois. — deu uma gargalhada doentia e completou: — ops, com os três. Quase me esqueci da criatura que está no ventre da puta. Que destino, não é? Nunca chegará a nascer.

— Vai se arrepender disso, sua puta maldita! Não sei como, mas vou fazê-la pagar por isso, ouviu? — gritei, sentindo-me humilhado, abusado, derrotado. Ela sorriu e

arrancou a calcinha. Veio até mim devagar. Os brutamontes sacaram celulares e começaram a filmar tudo. Porra! — não ouse colocar suas patas sujas em mim, porra! — rosnei, mas foi em vão. Ela se ajoelhou bem do meu lado e suas mãos deslizaram pelo meu peito. Sacudi-me, retorci, mas meus movimentos eram contidos. Logo estava tomando meu pau na mão e desceu a boca sobre ele esfomeada. Merda! Nunca senti tanto nojo, asco e ódio por uma pessoa em toda a minha vida. Chupou-me do jeito que sabia que gosto, mas meu corpo não reagiu. Eu não me trairia, e principalmente não trairia Helena. Deu um rosnado louco e montou em mim, se esfregando por todo o meu corpo. — saia de cima de mim, sua vadia ridícula! Não quero você, porra! Pode me matar, mas não me terá! — gritei e naquele instante a porta foi abaixo com um estrondo violento. Foi tudo muito rápido. Amanda foi arrancada de cima de mim por um dos meus seguranças e Jay avançou para um dos brutamontes, enquanto Leon dava um soco na mandíbula do outro. Jesus! Leon e Jay? De onde eles vieram? Uma luta se travou diante dos meus olhos estupefatos. Em instantes o quarto se encheu de

seguranças. Os meus e de meus irmãos. Nunca vi tanto homem junto.

— Desculpe, chefe. Demoramos a perceber o que estava acontecendo. — Ben ajeitou minhas roupas, enquanto Scott me desamarrava. Nunca havia passado por uma situação tão humilhante e desesperadora na minha vida. — o rastreador do relógio nos guiou até aqui. Foi uma ótima ideia colocá-lo em um acessório menos óbvio que o celular.

— Chega, Jay. Irmão! Chega! — a voz de Leon me fez voltar os olhos na direção deles de novo. Leon havia deixado um dos brutamontes inconsciente, e arrancava Jay de cima do outro que tinha a cara toda ensanguentada. Jay estava ofegante, era possível sentir a ira emanando de seu corpo. Leon percebeu seu descontrole também, pois o abraçou dando tapinhas nas costas. — vamos pegar nosso irmão e dar o fora daqui, ok? — Leon disse baixinho. Jay puxou uma respiração profunda e concordou balançando levemente a cabeça. Uau! Nunca o vi tão zangado.

Levantei-me e fui assaltado pela dor lancinante na cabeça.

Porra! Os dois vieram até mim e amparam-me um de cada lado.

— Irmãos. De onde vocês saíram? Estou vendo coisas depois da pancada na minha cabeça? — tentei amenizar o clima, sentindo-me aliviado, mas acima de tudo cuidado, amado pelos meus irmãos. Jay rosnou na direção de Amanda.

— Sua sorte é que mulher, sua vadia maldita! Do contrário, nem mil cirurgias plásticas consertaria o estrago que faria nessa sua cara de doente. — A psicopata bufou, já estava vestida. Um dos meus seguranças segurava-a firme pelos cotovelos. Os olhos azuis esbugalhados, uma expressão demoníaca no rosto que um dia achei bonito. Ouvi barulho de sirenes.

— Enfim, a cavalaria! — Leon suspirou sarcástico. — isso aqui tá parecendo filme de quinta categoria. Uma louca metida a sequestradora e a polícia que sempre chega atrasada. — consegui abri um pequeno sorriso. Ele era tão parecido com Jay. Minhas vistas escureceram e minhas pernas cederam. Jay rosnou de novo.

— Helena. — disse num fio de voz. Minha cabeça doía muito. Caralho! Essa vadia quase me matou mesmo. — digam que ela e minha filha estão bem, irmãos. — pedi angustiado.

— Elas estão bem, Dom. Estão lá fora esperando por você. Não conseguimos fazer com que ficasse em casa. Tão teimosa, *sua principessa*. — Leon falou com humor na voz pela primeira vez. Sorriu de novo. Meu crânio parecia que ia se desintegrar. Minhas costas estavam pegajosas e eu sabia que era sangue descendo da ferida.

— Eu a amo tanto, irmão. — disse, enquanto eles me ampararam de novo, começando a andar devagar.

— E ela a você, irmão. — Leon garantiu. Jay virou-se para Ben e pediu que tomasse seu lugar. Andou até Amanda, que se encolheu. Meu irmão ainda estava muito puto com ela. Era visível.

— Você vem comigo, *querida*. — disse num tom mortalmente calmo, puxando-a pelos pulsos com brusquidão. — não posso te dar a surra que merece, mas tem alguém lá fora que vai adorar meter a mão nessa sua

cara de psicopata. — cuspiu e passou por nós, arrastando-a pelo corredor semiescuro daquela pocilga. Ela esperneou, chutou, gritou. Jay apenas rosnava de volta, puxando-a sem qualquer delicadeza.

O percurso para fora me pareceu uma eternidade, mas finalmente saímos do galpão para a estrada de terra. As luzes das sirenes piscavam ainda há certa distância. Então eu a vi e tudo o mais deixou de ter importância. A dor insuportável na cabeça, minhas pernas que não queriam me sustentar. Busquei forças dentro de mim e me desvencilhei de Leon e de Ben. Ela se desvencilhou de Júlia que a estava amparando também e andamos meio trôpegos na direção do outro. Sua expressão era sofrida, lágrimas enchiam seus olhos, já vermelhos. Usava o vestido que achei ter visto no vídeo enganoso que a louca me mostrou.

— Dom... *Amore mio*. — murmurou se jogando em meus braços. Quase caí, mas a abracei e nos mantivemos firmes, apenas sentindo o corpo do outro. Nossa filha no meio de nós, segura em seu ventre. Ficamos assim por

alguns instantes. Ela me cheirando, enquanto eu também inalava seu cheiro.

— Acabou, princesa. — sussurrei em seu ouvido. — acabou, amor. Me perdoe por isso. Me perdoe...

— Shhhh. — me interrompeu e se afastou um pouco para me olhar nos olhos. — não tem culpa de nada, amor. Essa *maledeta* enlouqueceu. — suas mãos foram para meu rosto, numa carícia suave. — tive tanto medo do que poderia fazer com você. *Dio!* Não posso viver sem você, *amore mio*. — sua voz embargou. — não posso.

— Também não posso viver sem você, amor. — afirmei e tomei seus lábios trêmulos num beijo cálido, lento, aliviado. — te amo mais do que tudo nesse mundo, princesa. — sussurrei em sua boca. — nunca me perdoaria se ela... Se ela...

— Não importa mais. Ela finalmente vai ter o que merece. Vai apodrecer na prisão. — disse-me e levou as mãos para minha nuca. Gemi, estremecendo de dor. Seus olhos inflamaram, uma expressão de puro ódio tomou seu rosto quando sentiu meu ferimento e o sangue que jorrava dele.

— oh! *Dio mio!* Você está machucado. Essa puta maldita machucou você. — rosnou e seus olhos esquadrinharam o local, parando em Jay que ainda segurava Amanda. Júlia estava andando na direção deles com passos decididos. — vou matar essa puta! — grunhiu e chamou Jay que se virou para nós com um riso diabólico. — traga essa vadia até aqui! — berrou e tive medo por nossa filha. Ela não podia se alterar dessa forma. Jay arrastou uma Amanda enlouquecida até nós. Leon e Júlia vieram também. — Você o feriu sua louca! Vou arrancar seus olhos! — ameaçou assim que pararam na nossa frente.

— Olhe só para você. — Amanda riu debochada, doente. — mal consegue carregar essa barriga ridícula. Peça a esse bastardo para me soltar e vamos ver se é páreo para mim, sua puta magricela! — completou, seus olhos muito arregalados de ódio, loucura e crueldade.

— Cale sua maldita boca, ou eu mesmo posso te dar o que está pedindo, vadia louca! — rosnei, mas minhas forças já estavam prestes a me abandonar. Preciso de um médico. Cristo!

Helena

Fiz menção de ir até Amanda, mas Dom apertou meu braço, não parecia muito bem. Estava muito pálido. *Dio!* Essa psicopata o machucou feio. Precisamos levá-lo a um hospital.

— Helena está grávida, mas eu não. — Júlia disse num tom enganosamente calmo, se aproximando da puta louca que estava contida por Jay, dando solavancos, enquanto ele ria sarcástico. — Helena foi criada num palácio, eu não. — disse ficando bem na frente de uma Amanda que cuspia fogo pelas ventas, os olhos atirando adagas para todos nós. — Jay, solte-a. — Jay pareceu em dúvida, mas a soltou. Amanda se empertigou toda e foi com tudo para cima de Júlia. — no meu país só há uma maneira de lidar com vadias loucas como você. — completou e antes que qualquer um pudesse fazer algo, seu punho acertou o nariz da vaca num estalo audível, levando sua cabeça violentamente para trás. Deu um gemido alto e quando nos encarou de novo, sangue escorria grosso pela sua boca, descendo para o queixo. Cambaleou, mas reequilibrou-se

e foi de novo na direção de Júlia. Outro soco encontrou seu rosto rasgando seu supercílio. Caiu deselegantemente no chão. Então senti um líquido quente descer pelas minhas pernas. Eu estava fazendo xixi? Uma pontada forte me fez me apoiar em Dom. Não sei quem apoiava quem agora. Oh! *Madonna mia!* Minha bolsa estourou! Nossa princesinha estava vindo mais cedo. Vários carros da polícia pararam formando um círculo, os faróis nos iluminando no centro. Agentes desceram empunhando armas. Amanda foi levantada do chão ainda meio grogue, sem saber o que a tinha acertado e foi algemada.

— Dom... Precisamos ir a um hospital com urgência. — disse com voz entrecortada e ele me olhou, concordando muito pálido.

— Sim, essa pancada na cabeça está me matando, princesa. — deu-me um pequeno sorriso.

— *Si*, por isso também, mas vamos para a clínica do Dr. Malone, porque minha bolsa acaba de estourar. — minha voz falhou um pouco quando outra pontada me atravessou. — nossa princesinha vai nascer, amor. Precisamos ir,

agora! — seu belo rosto passou por uma verdadeira transformação, horror, medo e finalmente abriu um sorriso lindo, os olhos verdes brilhando muito.

— Oh, Cristo! Jesus! Nossa filha vai nascer! — gritou para os irmãos que estavam conversando com os policiais. — precisamos ir para o hospital, agora! — completou e fez menção de me pegar nos braços, mas o parei.

— Você mal está se segurando em pé, amor. Posso andar e... — antes que terminasse a frase Leon veio e me levantou nos braços.

— Senhor, precisamos do seu depoimento. — um dos policiais informou.

— Vão ter que fazer isso no hospital, porque minha filha vai nascer amigo, e não vou perder isso por nada. — Dom respondeu e seguiu-nos sendo amparado por Jay. O policial abriu um sorriso compreensivo e aquiesceu. O trajeto até a clínica do Dr. Malone foi feito num ritmo de corrida de rua. Jay pilotando como um louco. As contrações se intensificaram e eu não estava mais

conseguindo conter os gemidos. *Madonna mia!* Como doía.

Tudo foi preparado imediatamente quando chegamos à clínica. Dr. Malone já estava nos aguardando quando chegamos. Dom teve pontos em sua cabeça e foi medicado. Tudo isso bem do meu lado. Ele não quis me deixar sozinha nenhum minuto. Cerca de duas horas depois, nossa filha nasceu de parto natural. Toda a dor que senti se tornou insignificante quando ouvi seu choro fraco no início, mas depois se intensificou. Sorrio, meus olhos transbordaram de lágrimas, vendo o corpinho que se contorcia nas mãos experientes do Dr. Malone. Desviei os olhos para Dom que estava igualmente emocionado, hipnotizado, olhando nossa princesinha. Então, os olhos verdes se voltaram para mim e me perdi na intensidade deles. Lindos, gritando seu amor por mim, por ela. Sua mão apertou mais a minha e se abaixou, trazendo sua boca para a minha, tomando meus lábios num beijo apaixonado, nossas lágrimas descendo, se misturando. Um redemoinho de emoções tomando conta de mim, de nós.

— Você me fez o homem mais feliz do mundo, princesa.
— sussurrou em meus lábios. — te amo tanto, amor. —
completou me dando pequenos beijos. Rimos, choramos,
rimos de novo.

— Obrigada, *amore mio*. — minha voz saiu muito
embargada. — você também me fez a mulher mais feliz do
mundo. — Abriu aquele sorriso lindo com covinhas e
olhamos para nossa filha que finalmente foi entregue a
nós. A peguei com cuidado, aconchegando-a junto a mim.
Ela ainda chorava. — *Dio!* Ela é linda, amor. — sussurrei
e mais lágrimas desceram.

— Linda e geniosa como você, princesa. — falou bem no
meu ouvido, entre divertido e emocionado. — minhas
duas princesas. Minhas lindas princesas. — beijou meus
cabelos que agora eram uma massa grudenta, suada. Sua
mão acariciou a cabecinha coberta por uma rala penugem
negra. — agora entendo por que Leon é tão maricas como
diria Jay. — sua voz tremeu levemente. — é a sensação
mais louca, sublime, perfeita que um homem pode sentir.
Saber que esse pequeno ser é uma parte minha. — me

beijou na testa. — uma parte minha e da mulher que amo, me faz querer ser um homem melhor a cada dia. Um homem melhor para você, para ela.

— Você já é esse homem, *amore mio*. — afirmei e beijei seu rosto. — e nós te amamos. Sempre te amaremos. Sempre. — seus olhos brilharam mais, intensos, orgulhosos, emocionados, lindos.

Dr. Malone nos parabenizou tirando-nos da nossa pequena bolha. O agradecemos por tudo e ele nos deixou aos cuidados das enfermeiras.

— Senhor, precisamos cuidar de mãe e filha, agora. — uma delas avisou. — enquanto isso, pode dar a boa notícia aos familiares na sala de espera. Tem dois homens muito impacientes lá que suponho serem seus irmãos. — Dom sorriu e assentiu. — dentro de meia hora serão transferidas para o apartamento e todos poderão vê-las.

— Já volto, amor. — disse, dando-me um beijo suave nos lábios. — papai já volta, princesinha. — ouvi-lo dizer isso fez meu peito transbordar de orgulho e amor por ele.

— Dom? — chamei quando já estava abrindo a porta.

Virou-se para mim, seus olhos lindos ainda brilhantes de lágrimas. — eu te amo, amor. Nunca haverá outro homem mais amado que você. — completei e ouvi suspiros das três enfermeiras. Ele assentiu levemente com a cabeça, seu semblante sendo transformado pelo amor que sei sente por mim também.

— O mesmo aqui, princesa. — murmurou, sua voz rouca, sexy, emocionada e levou a mão a seu coração. Mais suspiros das enfermeiras. — vou lá conter aqueles dois bastardos. Vejo vocês depois. — deu-me uma piscada travessa e se foi. Dessa vez o suspiro foi meu. Ele, contra todos os prospectos negativos, é o meu príncipe encantado.

— *Nostro principi, piccola mia.* — sussurrei para minha princesinha que só agora começava a se acalmar.

— Sua sorte é que ela se parece com Helena, irmão. — Jay provocou olhando nossa pequena nos braços de Dom. Já estávamos no apartamento.

— Cale a boca, seu bastardo! — Dom respondeu com riso na voz. — você disse a mesma coisa a Leon. Devia

renovar seu repertório.

Jay bufou.

— Ok. Hoje é um dia especial para você, vou aliviar, Dom. — disse, seus olhos presos no pequeno pacote nos braços do irmão. Jay ama crianças. Não me pergunte como isso acontece, mas é assim. Ele se derrete todo com os sobrinhos. Damien faz o que quer com ele.

— Parabéns, Dom! — Leon deu tapinhas nas costas de Dom evitando chegar muito perto do seu curativo. Ainda me ferve o sangue de pensar que aquela vaca o machucou. — parabéns a você também, irmãzinha. — veio até mim e beijou minha testa suavemente. — encarei os olhos negros que amei, que ainda amo, só que agora de um jeito diferente. — eu te amo, você sabe disso, não é? — murmurou, visivelmente emocionado.

— *Si*, eu sei. Te amo também. — disse de volta. Ele aquiesceu, beijando minha mão e voltou para junto de Júlia, que tinha lágrimas nos olhos. Ela era tão chorona quanto eu. Dom estava entretido em outra discussão com Jay. Ele estava completamente à vontade sobre minha

relação com Leon. Estava seguro do meu amor inabalável por ele. Acho que não poderia ser mais feliz. Eu estava completa. Finalmente completa. Nada me faltava. Eu tinha uma família. Minha família.

— Você merece tudo que está vivendo, *cara mia*. — a voz suave de Júlia me fez desviar os olhos das duas pessoas mais importantes da minha vida. Ela tinha se aproximado e tomou minha mão entre as dela. Os olhos muito verdes brilhando de lágrimas não derramadas. — você é minha irmã de coração, Helena. Desejo-lhe que tenha sempre esse brilho nos olhos que vejo agora. — *Dio!* Foi inevitável não chorar de novo. Vou precisar tomar mais um soro porque vou desidratar desse jeito.

— Sinto a mesma coisa por você, *cara mia*. — falei num fio de voz. — tomei a liberdade de fazer uma pequena homenagem. Devo muito a você, Júlia. Poderia ter sido muito diferente se tivesse dificultado as coisas para mim, mas você não fez isso porque é tão linda por dentro quanto por fora. Quero que minha filha tenha a sua doçura e sua força. — ela me olhava com olhos um tanto

confusos, agora.

— Já escolheram um nome? Só agora me dei conta. — Jay quis saber, desviando os olhos para mim. Dom me olhou e nos comunicamos com nossos olhares. Havíamos discutido muito sobre nomes e chegamos a um acordo. Ele queria o nome de sua mãe, Anna. Eu, estive pensando e amadurecendo uma ideia. Dom gostou da junção dos dois nomes.

— *Nostra principessa* vai se chamar Anna Júlia. — revelei e o rosto de Júlia mostrou choque no início, mas depois os olhos brilharam ainda mais. — aceita ser a madrinha da minha filha?

— É claro que aceito. *Dio mio!* — sorrimos todos de seu sotaque italiano. — é mais que uma homenagem, Helena. Dar meu nome à sua filha é... — procurou as palavras por um momento. — sinto-me honrada com seu carinho, sua amizade. Repito: você é minha irmã do coração. — completou e me abraçou com cuidado. Limpamos nossas lágrimas e ela voltou para perto de Leon.

— Isso foi mesmo especial, bebê. — Leon a enlaçou pela

cintura e a puxou, beijando-a suavemente nos lábios.

— Então, até agora nenhum de vocês me contou por que estão aqui? Não me lembro de mencionarem uma visita quando nos falamos ontem por telefone. — Dom quis saber andando devagar, colocando-se ao lado da cama. Todos olharam na minha direção. Nossa! Obrigado por me denunciar tão escancaradamente.

— Era para ser surpresa, amor. — disse e seu rosto virou para mim. — sexta é seu aniversário. — seu rosto caiu um pouco. Ele não comemorava seu aniversário. Por uma infeliz coincidência sua mãe morreu nesse mesmo dia e Dom parou de comemorar desde então. Mas mesmo assim quis trazer seus irmãos, nossa família para estar com ele nesse dia. Não teria festa, nada ostensivo, apenas a família reunida. — quis apenas reunir a família, cercá-lo das pessoas que te amam e que você ama também, *amore mio*. — seus olhos amoleceram um pouco e sua expressão relaxou de novo.

— Quem disse que amo esse idiota? Fale por Leon. Ele sim, é um maricas. — Jay provocou, mas seus olhos

estavam mais sérios. Ele queria aliviar o clima. Todos nós sabíamos do ocorrido.

— Jay, você como sempre perdeu uma ótima oportunidade de ficar calado, bastardo! — Leon rebateu entrando no jogo.

— Cristo! Tem certeza que sou mesmo irmão de vocês? — Dom abriu um pequeno sorriso travesso. — vocês são dois idiotas marrentos! — pausou um instante e ficou sério de novo. — acho que ainda não agradei pelo que fizeram por mim hoje. Vê-los invadir aquela pocilga por mim, indo na frente, se arriscando. — pausou mais uma vez. — amo vocês, irmãos. — disse daquele jeito de caras, o final quase não saiu, mas ele disse.

Leon e Jay ficaram estáticos. Seus semblantes assustados.

— Também te amamos, irmão. — Leon disse emocionado e veio até nós. Dom me entregou Anna Júlia. Leon o abraçou assim que estava livre. Um abraço de verdade. Jay ficou lá no mesmo lugar parado, seus olhos ainda assustados.

— Fale por si, Leon, eu não... — Leon o fulminou e Jay

cortou o que ia dizer. — santa mãe de Deus! Eu gosto de vocês, ok? — resmungou enfiando as mãos nos bolsos. Leon continuou o fulminando. — nem adianta me olhar assim, não vou dizer que amo dois marmanjos nem sob tortura. — completou abrindo um riso de desdém, mas acabou indo até os dois e os abraçou meio sem jeito. A cena que se formou me tirou o fôlego. Aqueles três homens lindos completando um vínculo fraterno. O sangue é mais forte. Eu sempre soube que esse momento chegaria. Os três ficaram lá abraçados por alguns instantes. Ouvi um fungado. Era Júlia, que como eu, já estava chorando de novo.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Um mês depois...

Helena

Chegamos à Ardócia há uma semana. O tempo passou tão rápido. Minha princesinha fez um mês na semana passada. Estava cada vez maior e pesada. Nem parecia que tinha chegado antes da hora. Ela era a coisa mais linda que já vi. Tinha os olhos de Dom. Dizem que os bebês podem mudar a cor dos olhos à medida que vão crescendo. Espero que Anna Júlia não mude porque amo os olhos de seu pai. Acaricieei sua cabecinha já bem coberta por uma cabeleira negra. Sua boquinha delicada sugava meu seio suavemente. Agora entendo porque Júlia não abre mão de amamentar seus filhos. É o momento de maior conexão entre mãe e filho. Ver minha princesinha se alimentando de mim sempre me emociona. A beijei com cuidado e balancei suavemente na cadeira junto ao berço. Leon havia feito uma reforma nos meus aposentos conjugando-o com o outro quarto para que Anna Júlia fique perto de

mim quando os visitarmos. Meus aposentos. Sorrio, porque é assim que me sinto aqui. Ardócia sempre será a minha casa. A porta se abriu e levantei a cabeça para dar de cara com meu marido sexy, vestido apenas numa calça de malha pendendo abaixo do quadril. *Dio mio!* Perdi o fôlego. Vê-lo assim, principalmente porque não fizemos sexo ainda depois do fim do resguardo me deixou salivando. Meus olhos demoraram muito no abdome e peitoral definidos. Quando consegui olhar seu rosto, minha calcinha alagou de vez. Os olhos verdes que amo, brilhavam safados, pecaminosos, um risinho sem vergonha brincando na boca sensual.

— Apreciando a vista, princesa? — sua voz baixa, rouca me acariciou. Gemi e fechei os olhos. Sua risada sacana reverberou pelo meu corpo. Ela devia ser proibida, sério. Incita o pecado. Não tem como resistir a ele. Eu tentei, mas aqui estou, louca, completamente louca por meu lindo e absurdamente sexy marido. Ele estava me tentando para quebrar a tradição de ficar uma semana sem sexo antes do casamento. É isso mesmo. Nosso casamento será amanhã. Havíamos concordado que nos casaríamos na Ilha assim

que nossa filha nascesse. Amanhã minha felicidade estará completa. Serei oficialmente a mulher dele.

— Você é tão malvado, *amore mio*. — chiei quando veio devagar até mim e se ajoelhou na minha frente. — você joga sujo.

— Eu? O que foi que fiz, amor? — sussurrou, sua expressão nada inocente.

— Você não pode aparecer assim para mim. — murmurei sem conseguir esconder minha excitação.

— Tá fazendo calor. — disse, sorrindo travesso, as covinhas lindas me tentando a agarrar seu pescoço e comer sua boca num daqueles beijos devassos que costumamos dar. *Dio!* Estou latejando por ele. Seu riso safado se ampliou lentamente, como se lesse meus pensamentos libidinosos. Seus olhos desviaram para Anna Júlia e levou a mão acariciando sua cabecinha. Seu semblante se transformou, sendo preenchido com outro tipo de amor. Amo ver a emoção nos olhos dele quando está com nossa filha. A beijou suavemente e não se contendo beijou meu seio exposto. Um beijo de boca

aberta que correu todo o meu ventre indo parar na vagina. Ele não ia facilitar mesmo. Sorriu de novo com meu gemido faminto. — algum problema, princesa? — provocou-me.

— Você é tão idiota, amor. — bufei, mas abri um riso. Ana Júlia havia adormecido. Tirei-a do seio com cuidado. — coloque-a para arrotar. — a pegou devagar e a debruçou no ombro. Eles juntos são lindos. Aquele homem grande, segurando o corpinho tão pequeno, frágil é algo que sempre me faz parar e observá-los como uma boba. Eles são meus. Os amo com tudo que tenho. Ela arrotou e pouco depois Dom a deitou com cuidado no berço. Ficamos ainda alguns instantes admirando-a em seu sono.

Saí na frente colocando mais influência em meus quadris, sabendo que ele estava de olho na minha bunda.

— Jesus! Não pode ficar rebolando esse traseiro lindo na minha frente se não vai me deixar brincar com ele, princesa. — grunhiu, mas havia um riso em sua voz. Ele já estava em meus calcanhares quando entramos no nosso

quarto. Suas mãos me puxaram bruscamente pela cintura e cavou sem pênis duro feito pedra bem no meio da minha bunda. — porra! Estou faminto por você, amor. Vamos fazer bem rápido. Ninguém vai saber. — mordeu minha orelha e desceu para meu pescoço chupando lascivamente. — preciso foder você ou vou morrer. — rosnou, sua mão enchendo na minha vagina. Oh! *Dio!* Choraminguei, rebolando em sua mão. Ele sorriu e começou a abrir meu roupão. Quando suas mãos se apossaram dos meus seios, uma batida urgente na porta nos sobressaltou.

— Dom? Leon me incumbiu de vir buscá-lo. — Soou a voz de Jay, pingando provocação. — ele acha que vai tentar quebrar a tradição e seduzir a princesa. — ouvimos sua risada baixa. — Santa mãe de Deus! Você é um maldito tarado, irmão. Vamos, abra logo essa porta e saia ou vou ter que chamar a cavalaria.

— Esse bastardo está adorando isso. — Dom bufou, cheirou meus cabelos e gemeu de frustração. Ajeitou meu roupão e me girou em seus braços. — amanhã, princesa. — sussurrou, seus olhos inflamados, violentando os meus,

dizendo-me o quanto me deseja. — amanhã não vou ter dó de você. Vou te comer a noite inteira. — quando ia me beijar a porta se abriu e Jay entrou. — se mantenha do lado de fora, seu idiota. Já vou sair. — Dom rosnou entre dentes como uma fera acuada. Jay gargalhou. Ele era tão provocador. Sorriu também. — vamos ver se estará rindo de mim amanhã a essa hora, amor. — murmurou em meus lábios e sorriu perversamente antes de segurar minha nuca e assaltar minha boca. Gememos os dois e Jay fez um barulho de desagrado.

— Chega, *Romeu*. Vamos embora. — nos interrompeu. Dom ainda continuou me beijando por alguns segundos, não sei se porque como eu não queria parar ou porque queria provocar o irmão mais um pouco. Acho que foram as duas coisas. Me deu mais um beijo suave e se afastou em direção à Jay que abriu a porta para lhe dar passagem. — Ei! Cuidado com isso, irmão. — apontou para a enorme ereção de Dom que fazia uma tenda na calça. — pode machucar alguém. — acrescentou com um riso malicioso.

— O que foi, bastardo? Nunca viu desse tamanho? — Dom colocou as mãos na cintura evidenciando o contorno de seu muito avantajado pênis. *Madonna Mia!* Revirei os olhos, minhas faces incendiando mais ainda de vergonha. Ele era tão exibido.

— O meu é muito maior, seu idiota! — Jay bufou e rebateu com expressão desdenhosa. Dom ia revidar quando o cortei:

— Vocês querem continuar esse ridículo concurso de mijadas lá fora? — disse tentando permanecer séria, mas explodi numa gargalhada.

— Amanhã, princesa. — Dom sussurrou, seus olhos ainda me comendo.

— Amanhã, *amore mio*. — murmurei de volta. Abriu aquele riso lindo dele e saiu pela porta.

— Tenho a impressão de que a sua história está chegando, irmão. Esteja preparado porque vou rir muito dessa sua cara de bastardo. — disse assim que passou por Jay.

— Vá sonhando, irmão. Vá sonhando. — ouvi a voz irônica de Jay antes da porta se fechar.

Desci da carruagem na frente da Basílica de San Domingo e uma horda de jornalistas estava a postos. Flashes espocaram em mim. Não vou dizer que me sinto completamente à vontade na frente da imprensa, mas meu medo foi vencido. Ainda sinto um friozinho na barriga quando me deparo com eles, só que agora nossa relação era mais respeitosa. Meu marido era visto pelo homem que é. Seu passado não é mais mencionado na mídia.

Tio Max tomou minha mão e posamos para algumas fotos. Encarei seus olhos escuros emocionados.

— Seja feliz, *mia bambina*. — disse-me baixinho enquanto os flashes ainda disparavam em nós.

— Eu já sou, tio. Dom e Anna Júlia são meu mundo. Nada me falta agora. — afirmei tentando impedir que lágrimas viessem aos meus olhos, mas hoje seria uma tarefa impossível, porque lá dentro, o homem que me salvou de todas as formas que se pode imaginar está me esperando. Ele vai ser meu e serei dele oficialmente diante do nosso povo.

— *Si*, ainda falta uma coisa, *figlia mia*. — disse e meus

olhos o encararam confusos. Um sorriso amoroso se abriu no rosto dele. — falta ir lá dentro e se tornar oficialmente uma princesa de Ardócia. — meus olhos transbordaram dessa vez e minha voz ficou presa na garganta. Uma princesa de Ardócia. Repeti mentalmente. Sempre quis ser uma princesa de Ardócia. Mas agora, percebo que isso é um mero detalhe porque não me importa ser princesa, quero apenas ser a mulher de Dominic. Isso é o mais importante. Ser oficialmente a mulher do homem que amo mais do que todos os versos de amor poderiam dar conta de traduzir. Sorrio e aquiesço. Enlaço seu braço e subimos a ampla escadaria da entrada. Dom não deixou-me envolver em nada nos preparativos. Disse-me que era uma surpresa, que me devia um casamento de princesa. No entanto, não pediu desculpas pela cerimônia apressada em Las vegas. Deu aquele sorriso sem vergonha dizendo que renovaríamos nossos votos a cada ano na mesma capela diante do *Elvis*. Sorrio da sua ideia transgressora. Ele definitivamente não é um príncipe convencional e é por isso que sou completamente fascinada por ele.

As grandes portas se abriram e me obriguei a manter o

mínimo de compostura. Travei por alguns instantes diante da grandiosidade do momento. Exceto o nascimento da minha princesinha, esse era o momento mais feliz da minha vida. Então, meus olhos o buscaram e minha respiração falhou, meu coração enlouquecendo com a visão dele no altar. Oh! *Dio mio!* O que acabei de pensar sobre ele não ser um príncipe convencional caiu por terra, porque meu marido era um príncipe agora. Um príncipe da cabeça aos pés. Trajava a farda oficial com direito a espada e coroa. Os olhos verdes flamejaram em mim e finalmente saí do meu transe começando a andar devagar sob a marcha nupcial tradicional de Ardócia. Meu vestido era bem tradicional também. Era meu sonho casar como uma princesa. A ampla saia descia levemente armada até o chão. O torso e as mangas tinham detalhes em fios de ouro e prata. Meus cabelos estavam presos numa trança raiz. O véu não era muito longo. Dom havia mandado fazer uma tiara para mim, especialmente para a ocasião. Não sei exatamente quanto custou, mas Júlia suspeita que tenha sido em torno de um milhão de dólares. Quando chegamos no meio do tapete vermelho, algo inusitado

aconteceu. Um microfone foi entregue a ele e o som de um saxofone substituiu a marcha nupcial. A melodia linda da música *Mi Princesa*, de David Bisbal começou suave. A voz rouca e sexy de meu marido encheu o ambiente. Um sonoro *Oh!* Comovido ressoou entre os presentes e minhas pernas amoleceram. Arquejei ruidosamente. Tio Max me firmou, percebendo meu estado além da emoção. As lágrimas que lutei tanto para conter, rolaram sem controle pelas minhas faces. Ele deixou o altar e desceu os degraus devagar, daquele jeito macio, lindo e elegante que era só dele. Seus olhos muito brilhantes me prendendo, me dizendo não só através da letra cantada que me ama como eu o amo. Então eu soube que com toda certeza que esperei minha vida inteira por esse momento, por esse homem.

Que milagro tiene que passar (Que milagre tem que acontecer)

Para que me ames (Para que você me ame)

Que estrella del cielo ha de caer (Aquele estrela no céu tem que cair)

Para poderte convencer (Para poder te convencer)

Que no sienta mi alma sola (Não sentir a minha alma em paz)

As imagens invadiram minha mente trazendo tudo que vivemos desde nosso primeiro encontro no Waldorf Astoria. A intensidade do que senti. A forma com que me perseguiu por meses. A forma como tentei fugir, ficar longe, mas tudo me puxou de volta para ele. Estava escrito. Já nos pertencíamos desde o início. Ele parou na minha frente e cantou o último verso. Seus olhos transbordaram, sua voz tremeu um pouco. Ele nunca esteve tão lindo. Tio Max pegou nossas mãos e as juntou. As entrelaçamos. Era involuntário. A Basílica estava toda em silêncio sentindo nossa emoção, nosso amor.

*Y sabes que eres la princesa de mis sueños encantados
E você sabe que é a princesa dos meus sonhos felizes
Cuantas guerras he librado por tenerte aqui mi lado
Quantas guerras já não lutei por ter você aqui ao meu lado*

No me importaria arriesgarte

Eu não me canso de te procurar

No me importaria arriesgarte

Eu não me importaria de arriscar

Si al final de esta aventura yo lograra conquistarte

Se, no final desta aventura eu conseguisse te conquistar

— *Madonna mia!* Amor, você quebrou o protocolo real.
— foi tudo que consegui dizer quando alguém pegou seu microfone e suas mãos vieram em torno de mim, me puxando para ele.

— Odeio seguir regras, princesa. — sorriu, ainda visivelmente emocionado, mas os olhos adquirindo o brilho travesso habitual. — vamos, amor. Vamos oficializar o que já sabemos. Que somos um do outro. — murmurou, trazendo mais lágrimas aos meus olhos. — seremos sempre. — acrescentou e suas mãos foram para subir meu véu quando ouvimos um leve pigarrear. Era o Arcebispo chamando nossa atenção. Oh! *Dio mio!* Os príncipes Di Castellani são bem apressadinhos. Abri um sorriso, recordando que Leon também havia quebrado o protocolo em seu casamento. Andamos o restante do percurso de mãos entrelaçadas. Tio Max já havia desistido de esperar por nós e estava no altar junto com Leon, Jay e Júlia. Para variar, ela limpava as lágrimas discretamente. Leon a beijou suavemente nos cabelos e sussurrou algo em seu ouvido. Chegamos finalmente ao

altar e o resto da cerimônia passou como um borrão.

Logo, estávamos na porta da Basílica. As babás trouxeram as crianças e as fotos da família para a posteridade foram tiradas. Flashes nos esquadriharam de todos os ângulos. Antonella enlouqueceu se debruçando na minha direção. Sorrio, entrego Anna Júlia à sua madrinha e pego minha afilhada. Ela era a cópia de Júlia. Loirinha de olhos verdes, parecia uma boneca. Damien também se debruçou na direção de Jay. O tio marrento abriu um sorriso livre do cinismo habitual e tomou o pequeno nos braços. O *bambino* gargalhou quando o tio o colocou nos ombros. Leon observava tudo com olhos emocionados. Ele ama sua família, nossa família. Senti a falta de Dom do meu lado e corri os olhos em volta. *Santo cielo!* Onde ele se meteu? Pouco depois ouvi expressões de surpresa e a imprensa mudou seu foco para o recém-chegado num cavalo branco tipo daqueles que se imagina quando se lê um conto de fadas. Meus olhos foram subindo pelo corpo do cavaleiro e meu coração foi parar na boca quando reconheci a farda de Dom. Nossos olhares se encontraram e travaram. Oh! *Dio mio!* Ele vai me matar antes das

comemorações terminarem. Do meu lado, Leon e Jay assoviaram entusiasmados. Tio Max estava sorrindo meneando levemente a cabeça. A imprensa estava enlouquecida diante da imagem linda e imponente do meu príncipe. Um verdadeiro príncipe encantado. Meus lábios se curvaram num sorriso bobo, trêmulo. Ele era perfeito. Seu sorriso travesso com covinhas se abriu amplamente e ele estendeu a mão para mim.

— Vem, princesa. — pediu no seu tom baixo e sexy que acaba com minhas calcinhas. — eu li o manual, amor. — piscou travesso. — o príncipe vai embora com a princesa num cavalo branco.

— Irmão, você se transformou na porra do príncipe encantado! Vai ser difícil superar você. — Jay alfinetou, mas estava sorrindo. — não que eu queira, que fique bem claro. — completou.

— Quando a mulher certa chegar, irmão, você vai saber o que fazer. — Dom afirmou um pouco mais sério agora. — vai querer fazer tudo para ela. Absolutamente tudo. — disse a última parte voltando o olhar para mim. Saí da

minha inércia e entreguei Antonella à Leon. Desci a escadaria, levantando a saia ampla do vestido. Os flashes se dividiram entre nós dois. Meu coração batendo freneticamente, enquanto corria para ele. Parei do lado do imponente cavalo e segurei sua mão estendida. Com um puxão firme, me levantou como uma pluma e me acomodou sentada de lado à sua frente. Seus braços vieram ao redor da minha cintura e me puxou estrategicamente para cima do seu pênis muito desperto. Dei um gemido baixo. Sua risada sem vergonha soou bem no meu ouvido.

— Você é louco, amor! — exclamei quando pôs o animal em movimento. A carruagem foi dispensada e seguimos assim. A segurança ficou apavorada com a nova situação. Ben e Scott e mais quatro seguranças ficaram guardando nossos lados e entramos no meio dos batedores em motos e da Guarda Real montada. O povo contido por cordões de isolamento em todo o trajeto até o Palácio, ia gritando vivas e saudações a seu príncipe e à nossa união. Mas a uns quatro quarteirões do Palácio, nosso percurso mudou. Dom me desceu com cuidado e pulou com a elegância de

um gato no chão. Me puxou rapidamente em direção a um carro onde Ben e Scott já estavam. Não percebi que haviam nos deixado. Entramos no banco traseiro. Fiz menção de falar, mas seus dedos selaram meus lábios. Seus olhos tinham um brilho travesso, misterioso, tudo isso misturado. Ok. Eu me rendo às loucuras de meu delicioso marido.

Dominic

— Confia em mim, amor? — quis saber terminando de ajustar seu macacão por cima do vestido. Não ficou muito elegante, mas ela estaria protegida.

— Plenamente, *amore mio*. — os olhos exóticos brilhavam excitados, dilatados, mas contrariando suas palavras era possível detectar uma pitada de receio. Não por não confiar em mim, mas por causa das limitações que se obrigou a ter por muito tempo. Ela era quase livre agora. Superou quase todos os seus medos. Enfrentou a imprensa. Aprendeu a dirigir e tirou a carta. Ela é meu orgulho. Uma guerreira. Minha linda princesa. Antes do instrutor nos conectar a puxei para mim e a beijei

apaixonadamente. Excitei-a o máximo que pude para lhe dar mais coragem. Gemeu na minha boca. Sorrio do jeito que sei, que a deixa subindo pelas paredes.

— Eu disse que um dia estaria pronta para ir comigo, princesa. — murmurei, chupando seu lábio inferior. — naquela ocasião nem eu mesmo entendi porque disse aquilo. Era meu coração falando por mim. Ele sabia que nunca deixaria você ir. Eu te amo, amor. — acrescentei e dei-lhe mais um beijo terno. Seus olhos já estavam lacrimosos de novo.

— E eu a você, *amore mio*. — sussurrou-me de volta. Pouco depois já estávamos devidamente preparados para saltar. Sim, ela saltaria comigo de paraquedas. Depois de Las Vegas a levei algumas vezes para me ver saltar em Nova Iorque, mas em nenhuma dessas vezes estava pronta. Nos meus últimos saltos ainda estava grávida. Mas agora Helena estava pronta. Finalmente pronta, livre de todos os monstros que a impediu de viver plenamente. Seu espírito é livre, aventureiro como o meu. Consegui perceber isso nela. Consegui enxergar debaixo de todas as camadas que

ela tinha em volta quando a conheci. Minha alma reconheceu a dela. Minha alma gêmea. A porta do avião foi aberta e o vento nos saldou. Nos encaminhei para a borda. Essa sensação é indescritível. O mundo aos nossos pés.

— Pronta, princesa? — quis saber e senti seu corpo estremecendo contra o meu. — estou aqui, amor. Estamos juntos. Vamos voar juntos. — sussurrei e beijei sua orelha. Ela assentiu e segurei suas mãos que estavam geladas. Esfreguei um pouco passando meu calor e coragem. Elevei nossos braços, abrindo-os e gritei: — você é livre, amor! Completamente livre! — saltamos. Foram os sessenta segundos mais perfeitos da minha vida. Ela gritou muito. Sorrio, meu peito cheio de orgulho e felicidade. O pôr do sol de Ardócia completava o cenário. Puxei o cordão e o paraquedas se abriu. A queda livre parou e a velocidade estabilizou. O palácio estava bem abaixo de nós. Nosso alvo era a área aberta do imenso jardim e o pouso foi perfeito. Caímos os dois embaralhados na grama. Ela estava sorrindo agora. Seu cabelo estava uma bagunça, mas nunca pareceu mais linda

para mim. Nos beijamos, rolamos pela grama ainda embaralhados nos cordões. Logo uma pequena multidão estava à nossa volta. Seguranças, Leon, Jay, Júlia.

Olhei minha mulher do outro lado do salão de baile conversando animada com Júlia. Ela estava radiante. Havia trocado o vestido de noiva por um modelo mais justo e decotado. Ela estava me matando. Meu pau estava contando os segundos para as comemorações terminarem. Ainda estou sob o efeito da maior adrenalina que senti hoje. Não, não foi o salto de paraquedas. Fui tomado pela emoção quando a vi entrar na Basílica e caminhar para mim. Dessa vez porque era esse seu desejo, não porque a chantageei. No entanto, não me arrependo do que fiz. Tudo isso a trouxe para mim. Tinha que ser assim. Foi uma cerimônia linda. Boa parte da nobreza europeia estava presente. Prometi um casamento de princesa e tudo estava realmente impecável, observei satisfeito os convidados aproveitando a festa. Júlia havia coordenado os preparativos. Dentro de dois dias partiríamos para duas semanas de lua de mel no litoral do Rio de Janeiro. Jay havia comprado um resort recentemente e nos deu esse

presente. Continuei observando Helena, Anna Júlia havia caído no sono no meu ombro. Ela havia mamado e Helena a entregou para mim.

— Irmão, precisa ver sua cara agora. — a voz de Jay me tirou do meu encantamento. — precisa de um babador? — provocou-me.

— Ela está linda, não? — disse ignorando o comentário zombeteiro do bastardo do meu irmão.

— Sim. Ela é linda, irmão. Cuide bem dela.

Aquele comentário livre do sarcasmo habitual me fez encará-lo mais atentamente, Jay pareceu muito sério de repente.

— É impressão minha ou está incomodado com alguma coisa? — quis saber, acariciando as costinhas de Anna Júlia. Ela já adora adormecer nos meus braços. Helena reclama que a estou estragando. Mas não posso parar porque amo ter minha princesinha assim.

— Dom, quem é você? O psicólogo do palácio? — Jay riu sem muito humor.

— Vamos. Diga-me. — insisti. Aprendi a conhecer meu irmão mais novo, apesar de ser um bastardo cínico na maior parte do tempo, percebo que há mais por baixo dessa couraça que Jay se esconde.

— Ok. Vamos à primeira *sessão* de hoje. — Jay disse voltando ao cinismo habitual. — um fantasma do passado voltou para me assombrar. Satisfeito?

— Sério? Descreva esse fantasma irmão. — ri da forma como seu rosto se contorceu ao ter que se abrir. Ele era marrento, fechado como uma ostra.

— Lindos cachos ruivos e os olhos azuis mais incríveis que já vi. — Jay revelou e tomou num só gole todo o conteúdo do seu copo.

— Uau! Parece mais a descrição de um anjo. — brinquei, mas Jay não sorriu. Uh! Parece que o assunto era mesmo sério.

— Também pensei isso, irmão. Grande erro. — ele admitiu, os olhos momentaneamente vulneráveis, então sorriu cínico. — *sessão* encerrada, doutor.

Fiquei sem ação alguns instantes, observando-o se afastar

em direção à Helena e Júlia. Jay abraçou as duas cunhadas e beijou-as com carinho verdadeiro. Ele podia ser gentil, nem tudo estava perdido, constatei. Mas aquela conversa ainda não tinha terminado. Em breve teríamos outra *sessão*, como o bastardo disse sarcasticamente. Pouco depois Leon se juntou à mim e nos dirigimos até nossas mulheres. A babá de Anna Júlia insistiu para levá-la para o quarto e acabei deixando-a ir a contragosto.

— Ei, pare de assediar nossas mulheres, seu idiota. — Leon provocou Jay ao mesmo tempo em que enlaçava Júlia por trás espalmando as mãos de forma possessiva na cintura da esposa.

— Isso mesmo. Procure uma para você. — provoquei também, circundando a cintura delicada de Helena. Quase gemi pelo contato. Porra! Meu pau está duro como pedra desde ontem à noite quando quase quebramos a maldita tradição. Se o bastardo do meu irmão não tivesse interrompido...

— Como, se vocês encontraram as últimas que valiam a pena? — Jay sorriu dessa vez sem sombra de cinismo. —

são dois maricas sortudos, irmãos. Mas essa coisa de na saúde e na doença... Até que a morte os separe e blá, blá, blá definitivamente não é para mim. Fico contente com as lindas cunhadas e os sobrinhos que me darão. Muitos, pelo jeito. — completou com um risinho debochado.

Leon trocou um olhar de preocupação comigo, enquanto Jay se afastava do grupo. Ele realmente estava estranho desde que chegou ontem pela manhã. Esteve no Brasil nas duas últimas semanas acertando a compra do resort. Será que o tal fantasma ruivo de incríveis olhos azuis estava no Brasil?

— Minha aposta é que uma mulher o magoou muito. — Júlia disse e todos nos voltamos para ela.

— Talvez tenha razão, *perla mia*. — Leon a olhou e depositou um beijo suave em seus lábios. — mas hoje é dia de festa. Quem diria que algo tão fora do comum fosse se transformar num relacionamento verdadeiro. — disse encarando a mim e Helena com um sorriso afetuoso.

— Leon, sabe muito bem que quando um príncipe Di Castellani resolve conquistar uma mulher, simplesmente

não há como escapar. — Helena disse em tom de brincadeira. A encarei e abri um de meus sorrisos *eu vou fazer coisas muito sujas com você*. Corou, arfando levemente.

— Oh! Eu que o diga. — Júlia concordou e caímos na gargalhada.

Ainda conversamos um pouco com alguns convidados. Dançamos. Acho que a nobreza ficou um pouco escandalizada com alguns dos nossos passos. Dança é diversão. Não dá para entender as caras de tédio que a maioria ostentava no meio do salão.

Sorrio abrindo a porta do nosso quarto para Helena. Ela mal entrou a girei nos braços e a presei contra a porta. Arquejou quando moí meu pau direto em sua pélvis. Meus olhos perfurando os dela, que dilataram lindamente. Abriu mais as pernas, encaixando-nos. Abri um riso perverso e enfiei uma mão em sua nuca. Seus cabelos estavam soltos depois do salto. Sexy pra caralho. Cristo! Depois de um mês, oito dias e doze horas sem sexo até o simples fato de ela respirar perto de mim faz meu maldito pau ficar em

riste. Nunca desejei tanto uma mulher.

— Que saudade de comer você bem duro. — rosnei mordendo seus lábios. — rasgar cada buraquinho gostoso seu. Encher minha cadela safada de porra. — gemeu em minha boca. Ela adora meu palavreado chulo. Puxei seus cabelos bruscamente. — tire esse vestido e vá para a cama, cadela! — arfou quando a soltei. Dei um tapa forte em sua bundinha empinada. Andou devagar em direção à cama. Meu pau babando com a visão de seus pés nas sandálias foda-me que usava. Virou-se para mim e levou as mãos às costas. Em instantes o vestido descia pelo corpo esguio, suas curvas estavam mais exuberantes depois da gestação. Minha boca salivou com a visão dos peitinhos lindos, mais cheios, deliciosamente mais cheios. A barriguinha já havia recuperado a forma plana. Meus olhos desceram avidamente até chegar à minúscula calcinha branca. Sorrio safado, quando vi a mancha de sua excitação, deixando visíveis os lábios de sua boceta. Tirou-a devagar, os olhos exóticos dilatados, com um brilho travesso. Ela estava me provocando. — deixe as sandálias. — rosnei quando sentou-se na cama. — quero

foder você com elas. Lembra-se disso, princesa? Lembra da nossa primeira noite em Las Vegas? Quando me deixou comer sua bocetinha virgem? — me aproximei, começando a me despir. Seus olhos me beberam gulosos a cada peça que tirava. Quando meu pau saltou livre, apontando na sua direção, lambeu os lábios sem tirar os olhos dele. — a porra da boceta mais perfeita que já fodi. — andei até ela. — fiquei viciado. Completamente viciado. — sussurrei, tocando seu rosto, deslizando meus dedos em seus lábios carnudos. Sua língua rosada saiu lambendo-me. Abri um riso lento. Arfou e começou a sugar meus dedos, esfomeada. Ela também estava louca de tesão. — chupe meu pau bem gostoso, amor. — suas mãos subiram lentamente pelas minhas coxas. Abri mais as pernas. Massageou minhas bolas. Grunhi. Puxei os dedos e sua boquinha desceu sobre mim. Só seu hálito na cabeça do meu pau me fez estremecer.

— Você é tão lindo, amor. — murmurou, beijando todo o meu comprimento.

— Chupe logo, cadela! — rugi como um animal. Então

desceu a boca lentamente e foi o céu. — caralho! Sim... Isso, cadelinha linda... Chupa seu cachorrão, bem gostoso. Cristo, princesa... — gemi, meu corpo todo sendo tomado por espasmos. Seus olhos estavam presos nos meus. Dei tapas em seu rosto. Gemeu aumentando a sucção. Ela adora ser fodida assim, bem duro. Perfeita para mim. Feita para mim. Enfie as mãos em seus cabelos e bombeei mais forte, indo até sua garganta. Segurei firme e meti com vontade. — porra! Que boquinha gulosa... Ahhhh! Oh! Merda! Vou gozar! Porra! Que gostoso... — minhas bolas contraíram e acelerei, fodendo sua boca como se não houvesse amanhã. Lágrimas já escorriam pelas suas faces, mas continuava esfomeada, mamando gostoso, duro como eu gosto. — não vou durar... Caralho! Ahhhhhhhhhhh! — esporrei em sua garganta. Ela engoliu cada jorro ruidosamente. Linda! Porra! Linda pra caralho! Meus movimentos foram se tornando mais suaves. Sua língua me limpou como uma gatinha. Saí de sua boca devagar. A puxei para cima e a beijei sofregamente, adorando-a nesse beijo. Nossas respirações alteradas. Nossas línguas dançando juntas. Minha essência ainda

fresca em sua boca. — deite-se, cadelinha linda. — sussurrei, ela foi deslizando para trás na cama. Meu pau ainda estava duro, faminto por ela. — abra bem as pernas, amor. Mostre-me essa bocetinha linda que tem me tirado o sono. — minha voz saiu dura, rouca de tesão. Ela escancarou as coxas dando-me a visão do paraíso. Sua boceta depilada, os lábios mais inchados, o cuzinho delicioso mais abaixo. — vou foder minha cadela gostosa a noite inteira. Vai tomar meu pau até não haver mais nenhuma gota de esperma dentro de mim. — arfou quando parei acima dela. Meu corpo grande prendendo o seu muito delicado no colchão. Mordi seu queixo e fui descendo. Enfiei a mão em sua nuca, puxando seus cabelos, expondo o pescoço e caí de boca, lambendo, chupando, mordendo. Estremeceu, miando gostoso, louca por mim.

— Ahhh! Dom... *Amore mio*. — ronronou quando meus lábios se fecharam no seio direito. Chupei, lambi, mordi. Repeti o processo com o outro. Tentou me puxar com as pernas, mas me esquivei. Sorrio baixinho, sacana e continuei me banquetando, matando minha fome de seu

corpo. Desci pelo ventre, beijei, chubei, deixando-a toda marcada. Ela adora isso. Quando cheguei à sua bocetinha, meu pau se sacudiu com a visão de seu creme escorrendo entre os lábios para seu rabinho. Nossos olhares travaram e deslizei o nariz por toda a extensão de sua boceta doce, inalando bruscamente seu cheiro viciante. Estremeceu e meti a língua em sua vulva, rodando lá dentro. — oh! *Dio!* Por favor, amor. — pediu ofegante.

— O que é, cadelinha gostosa? — sorrio, abocanho seu clitóris, chupando-o duramente. Foi demais. Quebrou se contorcendo, jorrando mais líquidos na minha língua. Bebi tudo, sedento, embriagado com seu gosto. Seu corpo ainda sofria espasmos quando me posicionei em sua entrada e me enterrei até o cabo numa estocada dura. Gritou. Puxei suas pernas para meu quadril. Meu pau se alojou em seu útero. Meus olhos reviraram com o prazer de estar dentro dela de novo. — Cristo! Princesa! Que saudade de meter em você assim. — rosnei, tirando tudo e batendo de volta, sacudindo-a toda. Minhas mãos a puxaram pelos ombros, enquanto meu quadril a encontrou num golpe brutal. Ela toda mole embaixo de mim, meu pau esticando sua

bocetinha ao máximo. Passei a foder como um esfomeado que foi privado da sua comida preferida por um longo tempo. — tão apertadinha, amor! Porra! Deliciosa... — grunhi, comendo-a sem dó.

— Dom... Amor, o preservativo. — sua voz foi só um miado. Cristo! Não vou usar mais essas merdas com a minha mulher. — Dom, amor...

— Jesus! Tá tão gostoso assim, princesa... — gemi incapaz de sair da sua quentura. — não vou sair daqui, amor. De jeito nenhum, porra! — rosnei e girei o quadril do jeito que a enlouquece. Ela gemeu alto e suas mãos vieram para meus ombros, puxando-me. Sorrio e tomo sua boca num beijo lascivo. Grunhimos, rosnamos, fodendo com nossas bocas como fazíamos lá embaixo. Entranhei minhas mãos em seus cabelos de novo e puxei com força, metendo violentamente em seu canal estreito. Eu comia sua boca agora. Louco, completamente fora de mim. Chupando, mordendo sua língua. Ela arquejou, seu corpo iniciando os tremores do segundo orgasmo. Sua bocetinha vibrou, estrangulando meu pau. Gritou, gemeu, gozando.

— Isso, minha cadelinha! Goze gostoso no pau do seu cachorrão! Goze, porra! — grunhi em sua boca, mas não parei de beijá-la. Continuei cavalgando nela enquanto gozava, buscando o meu clímax. Minhas bolas se eletrizaram e meu pau inchou. — Cristo! Vou gozar tão duro, amor! Oh! Porra! Minha cadelinha gostosa... — rugi e consegui puxar para fora no momento exato em que o primeiro jato saía. Salpiquei sua barriga toda de esperma grosso. O líquido pegajoso se espalhando em nós, porque continuamos nos beijando, bebendo os gemidos de prazer do outro. Meu pau continuou se sacudindo até os últimos jorros. Paramos, completamente melecados. Abrimos nossos olhos e sorrimos, nossas bocas arfando uma na outra. — Jesus! Que porra que boceta é essa, princesa? — murmurei, chupando seu lábio inferior. Ela corou mais ainda. Linda, tão linda! Minha. Toda minha. — te amo tanto, amor. Sou tão louco por você. — completei e seus olhos brilharam como dois diamantes amarelos. Amo a cor deles quando está assim embaixo de mim, fodida, saciada.

— Eu também te amo, *amore mio*. — sua voz foi um

pouco embargada. Ela é tão sensível. Saí de cima dela, livrando-a do meu peso e deitei, puxando-a para meu peito. Ronronou e se enroscou em mim. Amo o jeito que faz isso. Caralho! Amo qualquer coisa que ela faça. — Acha que será sempre assim, amor?

— Assim como?

— Perfeito. — suspirou, dando beijinhos no meu peito. — Estou arruinada para outros homens. Você sabia disso, não é? Sabia que quando eu fosse sua, não ia querer ser de mais ninguém, não é?

Meu coração inflou ao ouvir sua declaração e o homem das cavernas dentro de mim, rosou alto, empunhando seu tacape. Essa era a minha mulher. Minha linda princesa.

— Eu não sabia, princesa. Mas trabalhei muito duro para isso. — disse e gargalhamos com o trocadilho. Levantei seu queixo e a fiz me encarar. — Faremos com que seja sempre assim, amor. — sussurrei numa promessa solene e beijei-a suavemente. — tenho tudo que necessito bem aqui. A mulher que tanto amo e o fruto desse amor. Minhas duas princesas. Sou um cara de muita, muita sorte.

— Concordo. É um cara de muita sorte, alteza. — seu tom foi provocante. Sua mão foi descendo pelo meu abdome e agarrou meu pau semiereto. Os olhos exóticos tinham um brilho atrevido.

— Cristo! Você já entrou no modo cadela gostosa de novo, princesa? — abri um riso pecaminoso e rolei por cima dela.

— Você me prometeu a noite inteira, alteza. — murmurou lambendo meu queixo, indo até a orelha e a mordeu. — é melhor entrar no modo cachorro vadio. — Abraçou-me com as pernas.

— Minha cadela gostosa. Minha. Só minha. — sussurrei em sua boca.

— Sua. Só sua. — garantiu, suas mãos passeando pelas minhas costas, numa carícia lenta, gostosa. — meu cachorro vadio. Só meu. — acrescentou.

— Seu. Só seu. — afirmei e tomei sua boca num beijo lento, apaixonado, gostoso. Tomamos nosso tempo, apenas assim, adorando o corpo do outro, sussurrando, reafirmando nosso amor. Isso aqui é para sempre.

Faremos com que seja. Ela é minha e eu sou dela. Somos duas metades que se completam. Almas gêmeas. Verdadeiras almas gêmeas.

FIM

EPÍLOGO

Quatro meses depois...

Helena

Meu corpo amoleceu com o orgasmo intenso e minhas pernas cederam. Dom me firmou e continuou estocando fundo no meu ânus. Seu pênis avantajado me rasgando impiedosamente. Enfiou o nariz em meus cabelos e rosnou. Senti a mudança em seus movimentos que eram violentos agora. Sua boca macia beijou, lambeu, chupou meu pescoço. Suas mãos apertando firmemente em torno da minha cintura. Me fez apoiar mais no sofá, ficando com o traseiro mais empinado. Sorriu lascivo e voltou a se apossar de meus quadris, num agarre doloroso, mantendo-me imobilizada para tomar cada centímetro dele em golpes furiosos. Seu suor pingava em mim.

— Ohhhh! Caralho, princesa! — meteu muito, muito fundo e rugiu esporrando em meu ânus já ardente. — gostosa! Minha cadelinha gostosa... — grunhiu e seus dentes cravaram na curva do meu ombro. Mais gozo jorrou de

nossos sexos. Nossos corpos ondularam nos últimos tremores do clímax perfeito. Caí para frente. Ele permaneceu montado em meu traseiro, profundamente enterrado. Seus gemidos roucos de satisfação bem no meu ouvido conseguiam a façanha de me excitar de novo. *Madonna mia!* Dom me transformou na princesa da luxúria. Sorriu com dificuldade, esmagada pelo seu peso. Ele riu também e espalhou beijos preguiçosos pelas minhas costas. — Jesus! Princesa! Você fica cada vez mais deliciosa, amor. — ronronou em meu ouvido e puxou meu queixo. Nossos olhares cruzaram e se sustentaram por um momento. Os olhos verdes brilhando intensamente para mim. — você é tudo que preciso. Tudo que vou querer, sempre. — sussurrou e seus lábios mornos tomaram os meus num beijo suave.

— O mesmo aqui, *amore mio*. — murmurei entre pequenos beijos. Enfiou o nariz na minha nuca de novo, inalando-me e saiu de mim devagar. Arquejamos com a perda de contato. Puxou-me para o carpete macio em frente à lareira. Estávamos na cobertura. Conforme havia me prometido, sempre que dá, fugimos para cá para matar

a saudade. Hoje o tirei do escritório antes do final do expediente e o trouxe. *Si*, isso mesmo. Eu dirigi. Ele adora quando dirijo e eu amo ver o orgulho nos olhos dele. Aconcheguei-me ao seu corpo grande e miei satisfeita. Me apertou mais e beijou meus cabelos. A voz de David Bisbal soando no ambiente. Éramos muito felizes na nossa casa nova, mas aqui era nosso esconderijo. Nosso santuário. Onde convivemos. Onde aprendemos a nos conhecer. Onde nos enxergamos de verdade. Onde nos apaixonamos. Essas paredes estão cheias de nossas memórias. Sempre teremos um carinho especial por esse lugar. Dom prometeu que nunca o venderia.

Entrei no quarto de Anna Júlia. Queria dar um beijinho na minha princesinha antes de sair para o baile anual da empresa. Meu coração se encheu de amor e um sorriso se abriu nos meus lábios, quando vi Dom ninando-a, debruçada sobre seu ombro. Bebi a visão deles por um momento antes de me aproximar. Ele já estava pronto. Trajava um smoking escuro que delineava seus ombros largos com perfeição. Então, virou antes que desse o primeiro passo e nossos olhares se encontraram. Os olhos

verdes me acariciaram, um brilho de apreciação invadindo-os e sua boca se curvou num sorriso que era um misto amoroso e libidinoso. Andei até o berço, parando bem próximo a eles.

— Ela já dormiu? — fez que sim com a cabeça. Sorrio baixinho e beijo a cabecinha cabeluda. Ela ressonava suavemente. Dom adora colocá-la para dormir. A malandrinha já conhece a rotina. Esgoela-se para mamar e depois esperneia querendo seu pai para niná-la. — você a está estragando, amor. — sussurrei, mas não havia realmente uma reprimenda em meu tom. Amo que seja um pai tão presente e dedicado.

— Amo estragar minhas princesas. — murmurou naquele tom rouco que viaja todo meu corpo, indo direto na minha vagina.

— Estamos atrasados, seu destruidor de calcinhas. — seu sorriso se abriu de novo, mais travesso dessa vez. Colocou Anna Júlia no berço devagar, beijou-a e me puxou pela cintura. A babá entrou em seguida, mas meu marido exibicionista não deixou de me beijar por isso.

Comeu minha boca lentamente e quando se afastou e nos dirigimos para a porta, a moça estava parecendo um tomate, evitando nos encarar.

Cerca de meia hora depois, descemos no tapete vermelho na entrada do Museu de Arte do Metropolitan, onde o baile estava acontecendo. Dom estava doando dois quadros de valor exorbitante para instituições de caridade. Hoje seria também a divulgação da Fundação Anna Harper em primeira mão. Fiz essa pequena homenagem à sua mãe e uma surpresa para o homem que transformou meu mundo. O homem que iluminou meu mundo. A partir do próximo ano deixaria meu cargo na empresa e cuidaria apenas da Fundação. Ele ficou tão emocionado quando mostrei o projeto já em andamento. Relanceei meus olhos pela imprensa que estava toda a postos. Eu usava um longo tomara que caia, vermelho. Adorei meus seios depois da gestação. Eles estavam muito maiores. Sentia-me poderosa toda vez que usava um vestido como o de hoje e o busto era completamente preenchido. Avançamos devagar e paramos num ponto central e flashes espocaram em nós de todos os lados.

Sorrio, enquanto algumas perguntas eram direcionadas a nós.

— Dom, por que só agora resolveu criar uma Fundação?

— um rapaz franzino que já era bem conhecido nosso lançou a pergunta.

— Não me deem esse crédito. — seu braço se fechou mais em torno da minha cintura. — minha mulher é a culpada. — brincou, causando uma onda de risos. — a Fundação foi um presente dela para mim. Um lindo presente. — seu tom foi mais baixo nas últimas palavras e seu olhar prendeu o meu por alguns momentos. Sua boca desceu suave sobre a minha num beijo terno. Mais flashes se seguiram. Em seguida, nos despedimos e entrelaçamos nossas mãos, retomando nosso caminho.

Dominic

Toda a nata nova-iorquina estava aqui. Observei a área reservada ao baile. Sempre tive prestígio como empresário bem sucedido, há dois anos esse prestígio tem aumentado consideravelmente. Não vou ser hipócrita e fingir que não sei que é por causa do meu título. Nova

Porque sempre foi a minha casa, mas nunca fui tão paparicado como nos últimos tempos. Estava entediado de apertar tantas mãos e sorrir. Helena esteve ao meu lado o tempo todo conversando, explicando como funcionaria a Fundação. Ela era muito competente. Ri de mim mesmo, lembrando-me que havia duvidado da sua capacidade profissional. Mas naquele período não sabíamos muita coisa sobre o outro. A única coisa que sabíamos era que éramos loucos pelo outro. Pareciam tão distantes aquelas lembranças. Dei um suspiro e seu rosto virou para mim. O casal que estava nos entediando se afastou finalmente. A enlacei pela cintura e a puxei suavemente. Seus braços vieram em torno do meu pescoço.

— Você foi perfeita na organização. — chubei seu lábio inferior. — correção: você é perfeita. — ela sorriu. Um som lindo, satisfeito e com uma ponta de excitação.

— Só fiz meu trabalho. Só orientei, na verdade. Ainda estou de licença, chefe. — disse a última parte de forma atrevida, sedutora. Ela estava cada vez mais à vontade com sua sexualidade. No mês passado estivemos em Las

Vegas renovando nossos votos. Foi perfeito, maravilhoso. Tio Max também foi conosco e pasmem! Ele se casou diante do *Elvis*. Com quem? A doutora Nicole Jhonson, a psicóloga de Helena. Ela foi ao nosso casamento em Ardócia. Havíamos percebido o maior clima entre eles. Meu tio foi rápido. Bom, ele era um Di Castellani, isso era perfeitamente compreensível. Ficamos todos felizes por ele e Nicole, que era uma boa mulher. Além disso, havia a dívida de gratidão que tínhamos com ela para sempre. Sua figura foi muito importante para a recuperação de Helena. Dessa vez, Vegas foi tranquilo, não teve nenhum escândalo, bem, só uma foto mais comprometedora que acabou vasando para a imprensa. Sei o que devem estar pensando. Sim, também foi numa sacada. Fazer o quê? Adoro uma sacada. Sorrio, emergindo da lembrança daquele momento e a puxei em direção à pista de dança. Um jazz suave enchia o salão e dançamos juntinhos.

A alguns passos de nós avistei Doug, o ex-marido de Amanda. Estava dançando com a sua secretária. Sempre soube que ela era sua vadia particular. Agora estava tudo

escancarado. Amanda ao que parece enlouqueceu de vez e acabou sendo transferida para um manicômio penitenciário. Levou a pior, mas ela definitivamente procurou por isso. Bani os pensamentos sobre aquela mulher que estava enterrada no passado e me permiti desfrutar desse momento com minha princesa nos braços.

Uma semana depois...

O jato decolou e pouco depois Helena foi até o quarto para amamentar Anna Júlia. Minha princesinha estava brigando, fazendo birra. Sorrio, ela era tão geniosa. Geniosa e linda como a mãe. Terminei de enviar alguns e-mails do trabalho, pois ficaríamos uma semana em Ardócia. Uma chamada de vídeo apareceu na tela do laptop e Jay surgiu com um sorriso de orelha a orelha. Logo um bebê foi colocado em seu colo e uma ruiva bonita sentou-se ao seu lado segurando o outro bebê. Meu irmão estava feliz como nunca o tinha visto.

— Já estamos a caminho, irmão. — avisei-o. Meus sobrinhos balbuciavam sons incompreensíveis e Cassie sorriu me cumprimentando. Vocês devem estar se

perguntando o que significa tudo isso. Quem é Cassie? E esses bebês? Vou explicar. Estamos a caminho de Ardócia para o casamento de Jay. Eu sei, eu sei. Também fiquei assim, boquiaberto como devem estar agora. Mas é isso. Jay vai se casar dentro de dois dias. Vocês devem estar se perguntando, mas como? Jay vai se casar? Pois é, tudo começou quando... Hum, pensando bem, acho melhor meu irmão, ex bastardo cínico contar essa história a vocês. Ainda conversamos por algum tempo e depois fui até o quarto. Helena estava sentada na cama de costas para a porta, conversando distraidamente com nossa pequena.

—... E ele era tão bonito, *piccola mia*. — sua voz suave era só um sussurro. Parei um instante, ouvindo atentamente. — um *bello principi*. A *principessa* nunca mais foi capaz de esquecer aqueles olhos verdes intensos, lindos que mexeram tão profundamente com ela. — meu peito se expandiu sabendo que ela falava de mim, de nosso primeiro encontro. — você tem os olhos dele. É isso mesmo, *mia bambina*. — Anna Júlia fez um som infantil, gargalhando em seguida. — o *bello principi sei tuo padre*. *Nostro principi*. — completou e sua voz era um

pouco embargada agora. Andei devagar e sentei-me ao seu lado na cama. Seu rosto voltou-se para mim, os olhos exóticos um pouco marejados. Cristo! Amo tanto essa mulher! Levei a mão para seu rosto e ela gemeu sob minha carícia. Nossos olhos travados, emocionados.

— E o príncipe nunca mais foi capaz de esquecer a linda princesa, minha pequena. — murmurei. Seus olhos brilharam mais. — ela mexeu com tudo dentro dele. Mas era muito marrenta e estressadinha. — seu sorriso se abriu. — A princesa fez o príncipe correr atrás dela por seis meses inteiros! Cristo! — Anna Júlia gargalhou de novo como se compreendesse tudo. Olhei-a, sorrindo também e voltei meus olhos para Helena. — pois é, princesinha. Você tem o gênio dela. A linda princesa é sua mãe. Nossa princesa.

— Amor, você estava ouvindo tudo. — disse-me, seu rosto ruborizando lindamente.

— Sim, adorei ouvir você admitir que nunca me esqueceu depois do primeiro encontro. — sorrio travesso. Ela sorri também.

— Eu te amo, *amore mio*. — sussurrou.

— Também te amo, amor. — murmurei de volta e tomei sua boca num beijo que começou terno, mas em instantes estávamos ofegando na boca do outro. Mordi seu lábio superior e sorrio baixinho.

— O que foi, amor? Que riso sem vergonha é esse? — quis saber, sorrindo desconfiada.

— Acabei de lembrar que esse voo é muito, muito longo, princesa... — seus olhos dilataram e ela gargalhou na minha boca. Gargalhei de volta. Anna Júlia sorriu também e desviamos nossos olhares para ela, nossa princesinha. Eu tinha o mundo todo aqui comigo. Minhas duas princesas. Minhas lindas princesas.

Rio de Janeiro, Brasil, quatro meses atrás...

Jayden

Desci do elevador, apressado. Os seguranças seguiam-me a certa distância enquanto meus diretores se esforçavam para acompanhar meu passo. Foi uma semana tumultuada.

A compra do resort em Angra dos Reis me deu dor de cabeça. Meu vice-presidente não conseguiu fechar a compra e tive que vir ao Brasil, não que esteja reclamando de vir aqui em pleno carnaval. Esse povo realmente sabe como se divertir. Abri um riso cínico recordando a atividade de ontem num clube exclusivo localizado na Barra. Foi bom jogar um pouco para desestressar, pegar algumas submissas. Adoro a anatomia das brasileiras. Adoro uma bunda bem desenhada. Joguei com duas mulatas de traseiros deliciosos. Uma de cada vez, é claro. Meu irmão Dom é que apreciava essas brincadeiras a três. Mas isso foi antes de cair no amor pela nossa prima Helena. Agora estava fora do mercado. Eu não cairia nessa de *felizes para sempre* de jeito nenhum.

— Por aqui, senhor King. — disse um dos gerentes visivelmente nervoso dando-me passagem.

Adentrei o amplo auditório da minha mais recente aquisição. Havia relutado em comprar a pequena firma de arquitetura. Entretanto, era uma das condições do ex-dono.

Eu queria o resort. Queria muito. Cedi aos caprichos do velho Alfredo Magalhães. De acordo com meus diretores financeiros tratava-se de uma ótima transação, visto que os negócios fechados pela empresa eram significativos. Comprei. Agora estava aqui no meio dos funcionários que me encaravam com grandes pontos de interrogação nas cabeças. O que faria com eles? Absorveria os muito competentes e os demais seriam sumariamente dispensados. Era uma equação simples. É assim que trabalho e foi dessa forma que me tornei um bilionário antes dos trinta. Não me contento com nada menos que a excelência. O setor de Recursos Humanos se encarregaria de resolver a parte delicada. Mas antes, era de praxe conhecer pessoalmente os principais funcionários. Aprecio descobrir suas aspirações e o que estão dispostos a fazer para atingi-las. Venci por conta própria e sei reconhecer e incentivar um funcionário quando percebo características que fazem lembrar-me a mim mesmo, quando era apenas um simples ajudante de construção. A vadia que me deu à luz me abandonou aos quatro anos de idade num orfanato e nunca mais voltou. Nunca soube

nada a respeito de meu pai até há quase dois anos, quando fui contatado pelos advogados da Família Real de Ardócia, uma ilha ao sul da Itália, informando que eu era um príncipe.

Primeiro pensei que os advogados estavam de sacanagem comigo. Depois quis pegá-los pelo colarinho e jogá-los para fora do meu escritório, mas diante das provas irrefutáveis e do teste de DNA positivo não teve como fugir. Sou filho ilegítimo do príncipe Marco, irmão do antigo governante da ilha. Há mais três irmãos. Leon e Damien, filhos legítimos, infelizmente o caçula Damien havia cometido suicídio há quase quatro anos. Leon é agora rei de Ardócia. E há Dominic, que vive em Nova Iorque, ilegítimo como eu. Tentei me manter à distância, mas os irmãos recém-descobertos se infiltraram de tal forma na minha vida que minha resistência cedeu. Criamos um vínculo forte de amizade e respeito. Quem diria? Eu, um ex delinquente juvenil que quase me perdi na dura realidade das ruas e da marginalidade, agora sou um príncipe! Que piada! O som de um microfone sendo ajustado me tirou do breve momento de introspecção. Hora

do show! Exclamei mentalmente aproximando-me da tribuna ao ser anunciado pelo mesmo gerente nervoso que me recebeu. Santa Mãe! O homem está quase tendo um ataque. Não sou tão mau assim. Ok. Admito, sou verdadeiramente ruim quando tentam me sacanear. Mas tirando isso, sou até gente boa. Se você nunca tentar me ferrar, então não terá nada com que se preocupar.

— Bom dia a todos. — cumprimentei num tom firme e forcei-me a abrir um sorriso. Ouvi alguns suspiros e meus olhos foram para um trio de mulheres sentadas nas cadeiras da primeira fila. As três cruzaram as pernas de uma vez só, lembrando uma apresentação de nado sincronizado. Patético! Quase revirei os olhos. Elas não podiam ser mais óbvias. Detesto mulheres atiradas. Gosto de caçar. Sou um predador e quando me deparo com cenas assim, é altamente brochante. — Estou muito satisfeito por estar aqui hoje com vocês. — retomei meu foco. — Entendo que nesse momento, todos têm dúvidas a respeito do futuro da empresa. — assumi um ar sério e impecavelmente profissional. — mas asseguro-lhes que não irei me desfazer da aquisição. Pretendo incorporá-la

ao meu escritório central em Londres e aos projetos que já estão em andamento. Um possível intercâmbio pode ser benéfico para as duas realidades. No entanto, acredito que não é segredo para ninguém aqui, que persigo sempre um alto padrão de qualidade. — olhei a plateia silenciosa e completei: — espero poder contar com vocês.

Disse mais algumas palavras cordiais e me coloquei à disposição dos funcionários para possíveis perguntas. Meus olhos correram pelo espaço, analisando um a um os rostos ansiosos. De repente minha atenção foi captada para uma cabeça ruiva na última fileira. A mulher estava de cabeça baixa, não dava para ver muito de onde estava, mas uma estranha sensação de *dejavu* invadiu meus sentidos. Aquela cor de cabelos... Então, alguém fez uma pergunta na primeira fila e eu pisquei, obrigando-me a voltar os olhos para o senhor grisalho, que esperava a resposta.

Cassandra

Aproveitei o momento e saí de fininho do auditório. Já no corredor acelerei os passos indo direto para o banheiro.

Oh! Deus! Encostei-me à porta e fechei os olhos com força. Isso não podia estar acontecendo. O homem lá no auditório... O homem que evitei a todo custo cruzar seu caminho novamente. O homem que havia me devastado e humilhado há dois anos. Que tirou tudo de mim. Que me usou com frieza e crueldade. Avancei até a pia e coloquei os pulsos embaixo da água fria da torneira, olhando-me no espelho. Meu rosto estava pálido, meus grandes olhos azuis assustados e meus lábios tremiam freneticamente. Quando o vi adentrar o auditório com passos determinados com aquela aura de poder e masculinidade que era própria dele, não consegui mais desviar os olhos da sua figura ao mesmo tempo intimidante e bela. Minhas entranhas se reviraram em reconhecimento mesmo antes de Jayden se virar de frente para a plateia. Senti o ar fugir dos pulmões quando olhei o rosto moreno, perfeito, a poucos metros à minha frente, aqueles olhos tão negros que prometeram tudo a mim um dia, mas que no final apenas me condenaram. Havia sido assombrada por dias, meses, com aquela imagem, desde quando me expulsou de sua vida. Inspirei o ar e soltei devagar. Preciso me

acalmar, pensei me recusando a deixar o pânico me vencer. Há dez meses quando cheguei à Paraíso Arquitetura, minha vida começou finalmente a mudar. Era meu primeiro emprego depois de um ano sendo *freelancer*. Ganhava um salário razoável e as coisas tinham melhorado. Havia feito alguns projetos muito lucrativos e importantes. Não posso perder esse emprego. Muita coisa depende disso. Definitivamente não posso me dar ao luxo de ficar desempregada. Deus! Com tantas empresas para *sua alteza* comprar, por que veio parar justamente onde estou tentando refazer minha vida? E no Brasil? Começo a pensar que não sou muito querida lá em cima. Olhei para o teto, ironizando-me. Abracei meu corpo tentando retomar o controle. Com sorte ele iria embora logo após a apresentação. O homem mais sexy e implacável do planeta não perderia tempo com uma pequena firma de arquitetura. Claro que não.

Avancei pelo corredor a caminho da sala de reuniões, cerca de quinze minutos depois. Definitivamente não sou querida lá em cima, bufei quando o gerente de RH veio me avisar que o chefe queria ver meu projeto para

melhoria do resort de Angra. Puta que pariu! Jayden ia surtar quando me visse. Meus dedos doíam pela força que fazia apertando a pasta com o projeto solicitado pelo novo *chefe*. Deus! Havia pensado que ele iria embora logo após a reunião no auditório, mas agora estou aqui prestes a ter que encarar de novo aqueles olhos tão escuros, intensos e cínicos que me condenaram um dia. *Posso fazer isso. Posso fazer isso.* Repetia mentalmente. O Sr. Hopkins, gerente do RH que também é meu tio, andava à minha frente alheio a meu desespero. As portas de madeira da sala de reuniões surgiram como monstros prestes a me engolir. Respirei fundo quando ele girou a maçaneta e abriu as portas duplas para me dar passagem. *Oh! Deus! Não posso fazer isso!* Quase gemi de pânico, mas era tarde demais para recuar, pois todos viraram a cabeça em minha direção.

Jayden

Dava instruções a Hanna, minha assistente quando as portas se abriram e o Sr. Hopkins surgiu prestativo. O homem tinha um enorme sorriso no rosto, quase

encantado... E foi aí que percebi a razão do sorriso ridículo do homem. Minha expressão congelou no rosto e não completei o que estava dizendo ao ver a figura esguia e dolorosamente familiar adentrar o recinto. Meu corpo ondulou, estremecendo. Meu coração acelerou a um ritmo que tive receio que todos ouvissem. O que diabos está acontecendo aqui? Era *ela*! Ela era a tal arquiteta em ascensão na empresa? Srt^a Miller? Não me atentei ao sobrenome quando o gerente de RH me informou sobre ela. Cassandra Miller! Gani mentalmente enquanto cada célula do meu corpo se agitava em reconhecimento à silhueta feminina. Então lá no auditório... Era ela. Oh merda! Concluí vendo-a andar com passos um tanto relutantes em direção à ampla mesa oval. Contra a minha vontade meus olhos varreram-na da cabeça aos pés e fizeram todo o caminho de volta novamente, famintos. Os gloriosos cabelos estavam presos num coque. Senti meus dedos coçarem para soltar aqueles cachos macios de um ruivo incomum. Usava uma blusa branca e uma saia preta risca de giz moldando as formas esbeltas que agora pareciam mais... Exuberantes, observei incapaz de desviar

o olhar. Ela estava diferente. Parecia mais... Mulher. Era isso. Não possuía mais a aparência de garota recém-saída da faculdade. Era uma mulher. Meu pau foi o primeiro a estar bem consciente disso. Maldito traidor!

— Esta é a Srt^a Miller, senhor. — o gerente de RH disse quando chegaram próximos à grande mesa rodeada do meu pessoal.

Ela levantou finalmente o olhar que esteve baixo desde que entrara e eu soube que nada havia me preparado para o impacto daquelas duas piscinas azuis novamente sobre mim. O azul mais incrível que já vi na vida. Filha da puta! Maldita golpista de uma figa! Injetei meu olhar furioso no dela, obrigando-a a se submeter como sempre acontecia desde o primeiro momento em que nos esbarramos. O silêncio na sala era sepulcral. Não havia mais ninguém lá. Nossos olhares se sustentaram, numa batalha que ela não podia vencer. Éramos apenas nós dois, e Cassandra Miller se submeteu. Inalou o ar de forma ruidosa. Seu corpo tremeu discretamente e suas pupilas dilataram. Seus olhos abaixaram para a pasta que trazia nas mãos. Ótimo!

É isso aí, querida!

— Senhor King. — Céus! Sua voz com um leve timbre rouco era como mel e ácido se infiltrando na minha corrente sanguínea. Meu pau se rebelou dentro das calças, pressionando o zíper. Uma grande merda! Mas esse era o efeito que essa vadia tinha sobre mim. Meu consolo era saber que estava tão afetada quanto eu. Se existia mesmo a tal *ironia do destino* estávamos bem no meio dessa porra agora! Pensei que nunca mais colocaria meus olhos em cima dessa maldita mentirosa. Mexi-me desconfortável na cadeira apertando a caneta que tinha nas mãos quase ao ponto de quebrá-la. Era apenas o choque de reencontrá-la inesperadamente, tentei reordenar meus pensamentos, tomar o controle de volta. Vádias golpistas não fazem meu tipo. Definitivamente não!

CAPÍTULO BÔNUS

Três anos depois...

Helena

— Dom, *amore mio*. Ele é tão lindo! — murmurei ainda meio grogue da anestesia, lágrimas banhando meu rosto. Ele levantou *nostro figlio* e o aconchegou junto a si. Os olhos verdes brilhando emocionados.

— Sim, princesa. — sua voz saiu embargada, enquanto se abaixava, depositando um beijo suave, reverente em meus lábios. — ele se parece com você, amor. Tem os seus olhos. — disse maravilhado. — eu te amo tanto, princesa. Você é tão corajosa. — beijou minha testa suada e as lágrimas transbordaram dos olhos incríveis. — você me faz tão feliz, amor. — sua voz tremeu, nossos olhos permaneceram trancados. Ele estava tão lindo ali segurando nosso pequeno Felipe, nosso segundo filho. Dei o nome em homenagem ao meu pai e Dom concordou. Nossa vida não poderia estar mais perfeita. Dom é o marido e pai mais amoroso e atencioso.

— Eu também te amo, *mio principi*. — sussurrei, levando minha mão para seu rosto perfeito, acariciando-o. — e você me faz feliz também, amor. Obrigada, por me salvar. — ele abriu aquele sorriso lindo, as covinhas que eu tanto amo piscando para mim. — você me fez plenamente mulher.

— Princesa... — sussurrou com ternura e nossas bocas se encontraram de novo num beijo doce, nossas lágrimas se misturando. — você que me fez um homem pleno, amor. Você me deu a porra do conto de fadas completo. — sorrimos em meio às lágrimas. Meu lindo príncipe encantado nada encantado.

Eu devo ter adormecido sob o efeito da anestesia porque acordei com beijos suaves na minha têmpora. Sorrio, sendo envolvida pelo cheio maravilhoso do meu marido.

— Ei, dorminhoca. Já amanheceu. — disse baixinho, meus olhos abriram e encontraram as piscinas verdes me encarando com um brilho apaixonado. — temos visitas. — deu-me um beijo carinhoso nos lábios e se afastou me dando a visão do quarto. Minha família. Nossa família.

Leon sorriu-me abraçando Júlia que estava radiante carregando uma barriga de seis meses. Leon havia concordado em ter apenas mais um filho porque ficou apavorado quando viu o sofrimento de Júlia no parto de Antonella. — Jay, a família e tio Max devem estar chegando a qualquer momento. — Dom, informou tomando a poltrona ao lado da cama. Pasmem, mas Jay se casou. Casou e formou uma família linda. Não contive um riso. Linda e enorme... Mas vou deixar que ele mesmo conte essa história a vocês.

— Ei, irmãzinha. — Leon veio até mim, beijando minha testa suavemente. — acabamos de ver o garotão no berçário. Ele se parece com você. — seus olhos desviaram para Dom e eu soube que iam começar a trocar gentilezas. — *grazie a Dio!* — disse piscando para mim. Dom bufou. Leon sorriu zombeteiro, mas quando seus olhos pousaram em mim de novo já estavam ternos. — estou tão orgulhoso de você, *caríssima*. — meus olhos arderam diante de seu tom e expressão amorosos. Meu primeiro salvador.

— Obrigada, *caro mio*. — murmurei. Ele sabia que meu agradecimento ia além da visita de hoje. Assentiu e beijou-me de novo, afastando-se.

— Oi, *cara mia*. — Júlia saudou-me no seu tom doce e se aproximou me beijando também. — em breve meu Max vai aprontar todas com o seu Felipe. — sorriu acariciando seu ventre avantajado sob o vestido branco que usava.

— *Si, cara fraterna*.[\[103\]](#) — sorriu devagar. — nossos filhos serão sempre como irmãos. — naquele momento, uma enfermeira entrou com meu bebê nos braços. Dom se levantou, os olhos ansiosos presos no pequeno pacote que foi entregue à mim. Sorriu, meus olhos ardendo ao pegar *mio principi*. — oi, *amore mio*. — sussurrei, descobrindo a sua cabeleira negra. Seus olhinhos se abriram ainda sonolentos, a boquinha tremeu. Dom veio me ajudar a acomodá-lo no seio. Logo ele começou a sugar ansioso. Sorriu entre lágrimas. Era tão diferente das sugadas delicadas de Anna Júlia.

— É diferente, não é? — Júlia sorriu me oferecendo um olhar conhecedor. — os meninos têm mais força no

maxilar. — concordei e meus olhos voltaram para *mio piccolo* outra vez.

Eles ainda ficaram um tempo no quarto, depois saíram. Leon alegou que eu e Júlia precisávamos descansar. Ele é tão protetor. Felipe adormeceu no meu colo e Dom o pegou com cuidado, aconchegando-o no peito. Eu nunca me canso de olhá-lo com nossos filhos. Os olhos verdes se encheram de amor encarando *nostro bambino*. Recostei-me na cabeceira da cama, olhando-o embevecida. Seu olhar levantou me flagrando.

— Você fica tão bonito assim, com nossos filhos, *amore mio*. — murmurei. Seus olhos amoleceram.

— Você que é linda, princesa. — sussurrou de volta. — sou um bastardo sortudo como diria Jay, aquele idiota. — sorriu, acomodando o bebê no berço do outro lado da cama.

— Não estou bonita agora. — sorriu levemente. — meus cabelos estão grudentos. Devo estar pálida como um fantasma e...

— Shhh. Nem mais uma palavra, amor. — calou-me

pressionando o indicador nos meus lábios. Sentou-se na borda da cama e se debruçou na minha direção. Seu rosto perfeito a centímetros do meu. Segurou meu rosto de cada lado, deslizando os dedos ternamente pelas minhas faces. — você parece linda para mim. Minha mulher que acabou de me dar mais um filho. — seus incríveis olhos verdes estavam mais brilhantes. Então ele riu, seu semblante ficando travesso. — mas seus cabelos realmente estão grudentos e meio desgrehados. — ele estava me provocando.

— Dom, amor. — sorrio devagar, segurando meu ventre. — eu não posso sorrir, seu idiota. — ele me deu uma piscadinha e seus olhos suavizaram, amorosos.

— Eu te amo, princesa. — sussurrou e seus lábios tomaram os meus num beijo terno, delicioso. — com ou sem cabelos grudentos. — completou sorrindo baixinho na minha boca.

— Eu também te amo, *amore mio*. — murmurei, completamente derretida pelo meu lindo, atencioso e irreverente marido.

— A enfermeira já liberou seu banho. Quer ir agora? — sua carícia continuou nas minhas faces. Assenti e ele me ajudou a levantar. — eu vou fazer minha princesa se sentir bem. — sussurrou, me levando devagar para o banheiro, onde me sentou em uma cadeira e me banhou com infinito cuidado e carinho. É por essas e outras coisas que ele é definitivamente meu príncipe. Meu cavaleiro de armadura brilhante.

Dois anos depois...

— Parabéns, Sr. Prêmio Nobel! — sussurrei no ouvido de Dom. Suas mãos apertaram mais minha cintura. Os olhos verdes brilhando safados para mim. Estávamos na cerimônia de gala na sede da Fundação Príncipes Di Castellani em Nova Iorque. Leon, Júlia e Jay estavam bebericando suas bebidas na nossa frente. Eles estiveram na semana passada em Oslo, Noruega, onde foram agraciados com o Prêmio Nobel da Paz. A Fundação ganhou destaque mundialmente pelo trabalho desenvolvido no Continente africano desde a sua criação há quatro anos. Atualmente, estamos expandindo também

para nações pobres da América Latina. Esses três homens são nobres não apenas no sangue. Ainda me vem lágrimas aos olhos, cada vez que os vejo juntos. Toda a camaradagem, parceria e amor fraterno que construíram em tão pouco tempo.

— Isso quer dizer que posso pedir qualquer coisa hoje à noite, princesa? — murmurou no meu ouvido, mordendo minha orelha suavemente. Tremi. Ele riu sem vergonha.

— Você sempre tem tudo, *amore mio*. — gemi baixinho, quando me puxou para sua frente e senti seu pau muito excitado em minha bunda.

— Ah, eu tenho, não é, cadelinha linda? — murmurou em seu tom de quarto, rouco, sexy que me tem sempre de calcinha molhada.

— *Dio mio!* Será que podem parar com essa pouca vergonha? — a voz de Leon soou reprovadora, mas havia um toque de diversão quando nos encarou. — só mais um pouco e podem arrancar as roupas na privacidade da sua casa. Será que consegue esperar, seu bastardo? — bufou para Dom. Meu marido apenas riu malicioso, mas relaxou

o aperto na minha cintura.

Jay estava ao telefone outra vez.

— Está tudo bem? — indaguei-o quando desligou.

— Sim. Cassie me garantiu que a febre das meninas já cedeu, mas ainda estão agarradas à ela. — disse e um sorriso amoroso se abriu, iluminando seu rosto. — suspeito que seja o contrário. Ela é tão protetora.

— Ela é uma mãe e tanto. — concordei sorrindo. Ele riu, mais entendendo que eu me referia ao seu time de futebol misto como Dom costuma chamar os filhos de Jay.

— Sim, ela é perfeita. — concordou. — não vou esperar o coquetel. Na verdade, só vim porque ela insistiu. Não me sinto bem estando aqui e ela lá sozinha com minhas filhas doentes.

— Tem razão, irmão. — Dom interveio. — você pode ir depois da cerimônia. O coquetel é só uma ovação desnecessária. — sorriu-me sem vergonha, me mandando mensagens sujas com seu olhar safado. — eu acho que vou pular também. — revirei os olhos.

— Dom, comporte-se, *amore mio*. — sorrio da sua tentativa de me arrastar logo para casa. — Jay tem um bom motivo para se ausentar.

— Ah, princesa, eu também, acredite. — riu amplamente, as covinhas lindas piscando para mim. *Dio!* Meu marido é tão sem vergonha. Sem vergonha e lindo. Não tem como resistir à ele. Sorrio também e o beijo suavemente nos lábios. Eu o amo tanto. Ele é a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Desde o primeiro momento sacudiu meu mundinho quadrado e sem graça. Essa irreverência é própria dele. Não quero que mude. Amo isso nele. Amo tudo nele. *Mio bello principi*.

— Você é tão sem vergonha, amor. — murmurei em seu ouvido e não resisti mordendo-o suavemente.

— Você gosta, cadelinha. — me olhou presunçoso. — corrigindo, você ama isso em mim.

— *Si*, amo isso em você, *amore mio*. — gemi baixinho em sua boca.

— Jesus! Princesa, não entre no modo cadela safada agora. — riu sacana contra meus lábios. — senão vou ter

que foder você em qualquer canto escuro... Não vou esperar até chegarmos em casa. — gemi, mas antes que eu respondesse eles foram chamados ao palco pela cerimonialista, uma modelo loira peituda e que me pareceu empolgada demais ao cumprimentar meu marido. Vaca! Mas eu aprendi a lidar com elas. Dom é lindo e as vadias sempre vão querer pular em cima dele. É fato.

No entanto, meu marido nunca me deu motivos para duvidar do seu amor. Ele se deu para mim. Deu-se completamente e é só por isso que tento levar na esportiva quando as *puttanas* se empolgam demais à sua volta. Ele olhou em minha direção e abriu aquele sorriso lindo, confirmando tudo que acabei de pensar. Ele é meu. Só meu. Sorri de volta, soprando um beijo. *Te amo, princesa*. Li em seus lábios e eu me derreti. Leon discursou no seu tom solene de rei e a plateia o ovacionou. Dom e Jay também fizeram breves discursos e os flashes espocaram neles três. Lindos! Júlia estava com a mesma expressão apaixonada, deslumbrada encarando o marido e os irmãos lá em cima.

— Eles são tão lindos juntos. — sussurrou com voz embargada. Ela era uma chorona, exatamente como eu. Sorrio assentindo.

— *Si, cara mia. La perfezione.* [\[104\]](#) — fizemos inúmeras imagens com nossos celulares parecendo duas tietes. Corrigindo, somos tietes. Além disso, prometi a Cassie que gravaria tudo para ela.

Uma semana depois estávamos atravessando o hall do *Four Seasons Hotel George V* [\[105\]](#) em Paris. Dom teria duas reuniões de trabalho na capital francesa e como geralmente acontecia nos levou junto. Agora que os meninos estavam maiores era muito mais fácil acompanhar *nostro principi*. Dom carregava Felipe nos braços e eu levava Anna Júlia pela mão. Como sempre acontecia quando chegávamos aos hotéis pelo mundo, tínhamos tratamento de realeza. Dom não apreciava muito isso, mas era impossível ficarmos incógnitos quando todos sabiam que é um príncipe de Ardócia. Além disso, havia os vídeos no *YouTube* que nos tornaram famosos no mundo todo. Fomos encaminhados para a suíte

presidencial no terceiro andar. Era enorme com mais dois quartos conjugados porque não abrimos mão de acomodar nossos pequenos e as babás sempre perto de nós.

— Eu quero brincar com o papai. — Anna Júlia largou minha mão assim que entramos na suíte, correndo para Dom. Ela ainda tinha ciúmes do irmãozinho. Estamos conseguindo tirar isso aos poucos, mas *mia piccola* é muito apaixonada pelo pai. Dom me olhou gritando por socorro em silêncio.

— *Principessa mia*, que tal brincarmos todos juntos? — ofereci, enquanto Dom colocava Felipe no chão e ele vinha com passinhos curtos erguendo os bracinhos para mim.

— Quelo bincar, mamãe! — sorrio, levantando *mio piccolo* nos braços.

— O que me diz, *bambina mia*? — falei, me aproximando. Dom já a havia tomado no colo. Ele também a mima demais. Beijeí sua bochechinha rosada. — depois você pode me ajudar a dar banho no maninho. *Nostro* Felipe é tão *piccolo*, filha. Ele precisa do nosso amor e

cuidados. Vai me ajudar a cuidar do nosso príncipezinho?

Ela pousou os olhinhos verdes tão parecidos com os do pai no irmãozinho e sorriu, se debruçando na nossa direção dando um beijo estalado no rostinho de Felipe. Ele riu batendo palminhas.

— Eu vou, mamãe. *Nostro* Felipe é tão *piccolo*. — disse como se fosse muitos anos mais velha e não apenas três. Dom e eu caímos na gargalhada.

— Papai está tão orgulhoso, princesinha. — Dom bajulou-a. Ela estendeu os bracinhos em seu pescoço e cobriu seu rosto de beijos. — nos três vamos cuidar do *nostro* Felipe. — disse com seu sotaque lindo. Seus olhos prenderam os meus e escureceram ao ver a forma como o fitava. — leve o maninho na frente, filhota. Já, já papai e mamãe estarão com vocês. — Anna Júlia se dirigiu para as babás, segurando a mão do irmão assim que foram colocados no chão. — obrigado, amor. — ele sussurrou, me puxando para seus braços.

— *Nostra bambina* é tão apaixonada pelo pai. — espalmei seu peito amplo, me deliciando com seu cheiro.

— mas não posso culpá-la porque também sou apaixonada pelo por ele. — os olhos verdes brilharam suaves a princípio, depois foram adquirindo um brilho malicioso, sem vergonha.

— O quão apaixonada, princesa? — riu aproximando sua boca da minha. Sua mão deslizou da minha cintura e cavou bem no meio da minha bunda. Gemi e ele riu mais, safado, pervertido.

— Muito, muito mesmo, *amore mio*. — murmurei, sentindo seu pau acordar contra meu ventre.

— Isso é bom, cadelinha. — disse baixinho, chupando meu lábio superior. — o pai dela é louco, insano por você.

— O quão insano? — sorriu, provocando-o também.

— Eu vou mostrar à noite, minha cadela. — rosnou, mordendo meus lábios juntos. Eu estava loucamente excitada agora. — toda a noite. — sorriu perverso e deu-me um tapa leve na bunda. Gemi desavergonhada. Ele riu divertido e me beijou suavemente. — vem, princesa, nossos pequenos bagunceiros nos esperam.

Dominic

Brincamos com nossos filhos por cerca de duas horas. Eu amo esses momentos com eles. Nunca pensei que pudesse ser tão feliz levando uma vida pacata com esposa e filhos, mas Helena apareceu e me mudou. Ela costuma dizer que eu a salvei, que a fiz uma mulher completa. Minha princesa fez o mesmo comigo. Eu a amo além do que simples declarações podem descrever. Ela foi tão valente desde o começo. Venceu seus medos e eu a admiro, sou tão orgulhoso da mulher que é hoje. Segura de si. Linda. Ela desabrochou para a vida. Esposa, mãe dedicada e uma profissional acima da média. Como eu disse, meu orgulho. Falei com meus irmãos enquanto ela dava banho em Felipe com ajuda de Anna Júlia. Ouvi a algazarra toda, os sons dos risos deles me enchendo de felicidade. Na próxima semana completamos seis anos de casados. Seis anos. Parece que foi ontem que a vi atravessar aquele terraço no *Waldorf Astoria* em Nova York. Bastou uma visão dela e eu estava perdido. Completamente perdido. Convenci meus irmãos a festejarem conosco em Las

Vegas. Estou ansioso para isso. Acho que vai ser divertido...

— Uau! — assoviei assim que surgiu na antessala onde eu tomava uma bebida antes de sairmos. — Vai ser difícil me concentrar no jantar de negócios com você toda linda e gostosa assim, princesa. — usava um longo branco tomara que caia. Eu amo essa cor nela. Destaca sua tez morena. Os cabelos estavam presos em um coque desfiado. Os olhos exóticos me beberam tão famintos como os meus à ela. Sorriu-me daquele jeito que adoro, meio recatada, meio cadela safada. Meu pau se sacudiu nas calças. Já tem vinte e quatro horas que estive dentro do seu corpo. Longas vinte e quatro horas do caralho e já estou louco, antecipando tudo que preparei para nossa primeira noite na cidade do amor. Porra! Isso soou bem maricas. Foda-se! Eu amo essa mulher e tenho feito algumas coisas que parecem bobas e ridículas aos olhos alheios, mas não estou nem aí! Vou continuar fazendo. Depois do cavalo branco, o resto estou tirando de letra. As cenas do cavalo branco ainda circulam na Internet, por sinal. O que eu posso fazer? O You Tube me persegue.

— Eu digo o mesmo, *amore mio*. — sussurrou quando parei a centímetros dela. — cada mulher naquele restaurante vai ficar encarando meu marido. — disse torcendo a boquinha linda.

— E seu marido vai olhar você, amor. Só para você. — disse baixinho, puxando-a pela cintura delicada. — você está linda, princesa. — completei em sua boca. Seu semblante se encheu de amor, os olhos de uísque brilhando lindamente.

— Te amo tanto, *amore mio*. — me enlaçou pelo pescoço, oferecendo os lábios para mim.

— E eu a você, princesa. — sussurrei antes de tomar sua boca num beijo apaixonado, gostoso. Não demorou muito estávamos grunhindo, nos devorando como se não víssemos há séculos. Esse aspecto do nosso relacionamento não mudou muito. O sexo ainda é louco, impulsivo, absurdamente gostoso. Eu sei que com o tempo as coisas acalmam um pouco, mas esse desejo que sinto por ela nunca vai morrer, porque ela é a única para mim. A única que me preenche, me completa de todas as

formas. Somos verdadeiras almas gêmeas. — vamos, amor. Nada me agradaria mais do que montar minha cadela bem duro. — gemeu em minha boca. Sorrio, amassando sua bunda, esfregando meu pau bem abaixo, em seu clitóris. — mas temos um compromisso. Mais tarde. Mais tarde prometo comer minha cadelinha por horas.

— Amor, você é tão malvado. — miou, mas havia um riso em sua voz. — minha calcinha está destruída agora. — Rosnei.

— Porra! Princesa. — mordi seu queixo. — você quer me torturar, hein? Agora vou ficar o jantar inteiro sentindo o cheiro da minha cadela gostosa, antecipando o momento em que o meu pau vai rasgar cada um dos seus buraquinhos apertados. — lamentou, juntando as coxas. Eu sabia que mais líquidos estavam jorrando em sua bocetinha linda agora. Abri um riso lento, safado, arrogante. Dois podem jogar esse jogo, princesa. — vem, amor. — murmurei, enquanto ela miava e fazia um biquinho de decepção. Meu riso ampliou. Ela é tão foga

e insaciável quanto eu. A porra da minha fantasia em forma de mulher.

Paris foi perfeita! Consegui tratar de negócios e ainda curtir passeios com a minha família. E as noites, ah, as noites foram além da perfeição. Fui à *Torre Eiffel* apenas com Helena. Jantamos à luz de velas no restaurante *Jules Verne* como turistas normais. Bom, não tão normais, uma vez que fechei só para nós. Foi mágico só nós dois com a cidade luz cintilando abaixo, a perder de vista. Eu me senti no topo do mundo cada vez que encarava as luzes deslumbrada e pousava os olhos exóticos emocionados em mim de novo. *Eu te amo, amore mio*. Sussurrou muitas vezes. E cada vez que a ouço dizer isso, já quero ouvi-la dizer de novo e de novo. Nunca vou me cansar de ouvir.

Uma semana depois estávamos em Las Vegas. Deixamos os meninos em Ardócia com tio Max. Meus irmãos também deixaram sua prole. Retornaríamos dentro de dois dias para o aniversário de casamento do nosso tio. Ele ficava radiante quando tinha todos os sobrinhos-netos na Ilha. Além disso, esse final de semana seria só para os

casais. Estou ansioso para apresentar a cidade do pecado para meus irmãos. Sim, isso vai ser divertido... Mas agora não consigo pensar em mais nada porque eu e Helena estamos outra vez na frente do *Elvis*. Temos feito isso todos os anos. Eu a peço em casamento e ela aceita. Dessa vez pedi sua mão enquanto a comia de quatro no jato. Detalhe: estávamos os dois gozando, rosnando, enlouquecidos. Não consegui conter um riso arrogantemente sacana. Uma boa estratégia, eu sei, eu sei. Chamo isso de um *timming* perfeito pra caralho!

— Que sorriso sem vergonha é esse, Sr. Di Castellani? — murmurou em minha boca quando a puxei para mim após o *Elvis* pronunciar as famosas palavras. Eu adoro isso. Cada ano é a mesma emoção. Ela é minha. Completamente minha.

— Estou lembrando o momento em que a pedi em casamento essa manhã, princesa. — sussurrei, ampliando meu riso sacana, enfiando uma mão em seus cabelos da nuca. Ela corou abrindo um sorriso travesso. — estou tão louco pela noite de núpcias como na primeira vez que

estivemos aqui, amor.

— Eu também, *amore mio*. — gemeu e me puxou mais pelo pescoço. Nossas bocas se encontraram num beijo lascivo. Nos comemos sem cerimônias. Leon praguejou em Italiano. Jay gargalhou. Júlia e Cassie apenas riram discretamente. Mas fomos obrigados a parar, senão seríamos presos por atentado violento ao pudor. Não que eu me importasse, se ficássemos na mesma cela...

Sáimos da capela e seguimos numa enorme limusine até uma casa noturna. A mesma onde Helena e eu fomos flagrados há seis anos. A sacada, lembram? Isso mesmo, *aquela*. Haviam feito uma reforma bem interessante, notei. Logo que entramos demos de cara com cinco postes de *pole dance* que ficavam na outra extremidade superior. Eram cabines suspensas e foram estrategicamente pensadas para impactar os recém-chegados. Cinco garotas de corpos esculturais deslizavam graciosamente pelas hastes. Dançavam, rebolavam, seus peitos enormes e nus balançando e hipnotizando. Digo, hipnotizando os caras que estavam desacompanhados e que não eram bem

casados como eu e meus irmãos, claro.

— *Dio mio...* — Leon disse baixinho quando parou ao meu lado direito.

— Santa Mãe de Deus! — Jay rosnou assim que parou ao meu lado esquerdo.

— Leon! Jay! — Júlia e Cassie exclamaram ao mesmo tempo. Uh! Acho que meus irmãos estão encrencados. Eles me lançaram olhares mortais. Eu apenas sorrio malicioso.

— Você nos trouxe para um maldito clube onde tem mulheres peladas, seu idiota! — Leon rosnou, puxando a esposa pela cintura, obviamente tentando dizer que não ficou impressionado pelas comissões de frente das garotas. Júlia sorriu e falou algo em seu ouvido. Jay enlaçou Cassie pela cintura e ela estava rindo, mas falou também em seu ouvido. Meus irmãos acenaram vigorosamente para as esposas. Acho que eles foram possivelmente ameaçados em suas bolas.

— Isso aqui é Vegas, irmãos! — meu riso ampliou. — devo avisá-los que daqui a pouco elas tiram o resto das

roupas. — eles rangeram os dentes para mim. Dei uma piscada cúmplice para minhas cunhadas. Elas sorriram, meneando as cabeças. — boa sorte com isso. — provoqueei-os mais, divertindo-me com suas carrancas.

— Você sabia disso, *amore mio*? — Helena disse com um riso na voz. A encarei e não havia qualquer indício de ciúmes em seu semblante. Eu amo essa mulher, caralho! Ela é tão aventureira quanto eu. Tão livre quanto eu e o melhor, é segura do amor que sinto por ela. Amo isso que construímos juntos.

— Eu não sabia, princesa. — abri um riso sem vergonha, no entanto. — mas a mudança foi interessante. — provoqueei, puxando-a para a minha frente. Bufou, me dando um tapa no peito.

— Acho melhor não se empolgar muito, Sr. Di Castellani. — disse bem próximo da minha boca, os olhos exóticos travessos, provocantes. — se ousar olhar naquela direção de novo, o cachorrão não vai ter nada na sua noite de núpcias. — sorriu, se esfregando em mim, descaradamente. Gargalhei porque não há a menor

possibilidade disso acontecer. Ela sabe que em pouco tempo estará suada, ofegando e gozando no meu pau.

— Jesus! Princesa. — gemi, descendo minhas mãos da cintura para a parte baixa das suas costas, perigosamente perto da bunda. — você joga pesado. Como é que o cachorrão pode ficar sem sua cadelinha gostosa na noite de núpcias? Hum? — descí minha boca pelo queixo e chupei seu pescoço. Choramingou. — vem, amor. Vamos circular e sacudir esse traseiro gostoso. — dei uma palmada em sua bunda e a beijei levemente. Enlacei sua cintura e fomos para uma das salas vips.

Bebemos, namoramos e dançamos coladinhos. O tempo todo nos provocando, atiçando. Meu pau duro, louco para se enterrar nela. Se estivéssemos sozinhos sei que a convenceria a nos esgueirar em algum canto e dar uma foda dura, suada, transgressora do jeito que nós dois gostamos. Ela me flagrou rindo lascivamente e meneou a cabeça devagar, um brilho divertido nos olhos de âmbar, certamente lendo meus pensamentos obscenos.

— Comporte-se, *amore mio*. — sussurrou no meu ouvido

e mordeu-me o lóbulo. Cravei as mãos em sua bunda não me importando se alguém pudesse ver e sorriu, dando-lhe meu olhar de *vou te foder tão duro, cadelinha*. Ela riu antes de eu assaltar sua boca em um dos muitos beijos lascivos que demos toda a noite.

Meus irmãos e esposas se divertiam também, dançando, trocando beijos e amassos mais discretos que os nossos. O que Júlia e Cassie falaram para Leon e Jay foi eficaz. Percebi que evitaram a todo custo olhar na direção das garotas peitudas e seminuas de novo. Exatamente como eu. Mulheres... Foi uma noite memorável. Nunca havíamos nos divertido assim, juntos. Amo estar com meus irmãos. Nosso vínculo fraternal está completo. Engraçado, nem sinto que só nos conhecemos há pouco mais de seis anos. Parece que crescemos juntos. Sei que se sentem assim também. Nos falamos quase todos os dias. Nossas mulheres são amigas, como irmãs. Nossos filhos brincam juntos. Somos três bastardos sortudos. Nossas mulheres não precisam ter ciúmes porque está escrito em nossas caras o quanto somos loucos por elas. E elas nos amam de volta com a mesma intensidade. Sim, somos mesmo três

bastardos de sorte.

Já passava das duas da manhã quando voltamos ao *Bellagio*. Nos despedimos na porta de nossas suítes, uma do lado da outra. Nossas mulheres entraram primeiro e eu e meus irmãos nos encaramos, trocando um olhar cúmplice, típico de caras. Abrimos os sorrisos mais arrogantes e safados. Dei-lhes uma piscada sugestiva antes de entrarmos atrás delas.

Entrei, fechando a porta atrás de mim e estaquei com a visão de Helena parada no meio do quarto. Minha boca salivou. Porra! Ela já havia tirado o vestido e usava apenas uma minúscula calcinha branca e as sandálias de saltos assassinos que testou meu limite toda a noite. Meus olhos correram cobiçosos, sacanas por toda ela. Linda demais. Seu corpo era um pouco mais cheio agora depois de gerar meus filhos. Os peitos suculentos com auréolas que pediam para serem chupadas duramente. Seus mamilos ficaram rígidos com a minha inspeção. A barriguinha plana, uma cinturinha linda pra caralho que descia para quadris mais amplos e arredondados. Meu

pau babou dentro das calças. Ela ficou tão safada e confiante no sexo. Eu amo isso, porra! Ela é sensual, sexy, gostosa e eu morro para foder seu corpo delicioso. Andei devagar, meus olhos voltando para seu rosto lindo, os olhos de uísque estavam visivelmente dilatados. Seu peito subia suavemente. Parei bem próximo a ela. Abri um riso lento, predador, sacana.

— Minha cadela safada já nua para mim. — murmurei, meu tom duro, cheio de tesão. — linda. Gostosa. Toda minha. — a puxei pela cintura, colando seu corpo gostoso no meu. — vou te comer tão duro, princesa. Encher você de porra. — gemeu em minha boca. Ela adora minha boca suja. Puxei seus cabelos da nuca. — está ansiosa para me dar essa bocetinha quente e apertada? — Dei um tapa forte em sua bundinha firme. Ela miou. Sorrio, moendo meu pau duro direto em sua vulva. Gemeu, abrindo mais as pernas para mim. — responda! Está louca para dar para seu cachorrão?

— *Si, amore mio.* Estou louca pelo meu cachorrão. — ronronou, começando a abrir os botões da minha camisa.

A ajudei a tirá-la. Suas mãos deslizaram pelo meu peitoral nu. Assobieei, estremecendo com seu toque.

— Cadela safada! Não vou ter dó de você. Vou montar você até o sol raiar. — mordi seu lábio superior e cravei as mãos em seu traseiro, levantando-a. Suas pernas me abraçaram imediatamente. Esfregou sua boceta quente e molhada no meu pau. Mesmo sob as camadas de roupa enlouqueci com a sensação. Rosnei, dando outro tapa duro em sua bunda e comi sua boca num beijo indecente. Gememos, grunhimos e fui nos levando devagar para a cama. Caímos os dois sobre o colchão. Ela gargalhou, um som rouco, indecente. Também sorriu, lento, perverso. Dei um tapa em seu rosto. Gemeu, os olhos incendiados. — gosta disso, não é? Gosta de ser minha cadela. De apanhar na cara e tomar o meu pau até o cabo nesse corpo gostoso. — descii as mãos, enchendo-as em seus peitos. Os juntei e caí de boca neles.

— Ohhh! Dom... *Amore mio*. — estremeceu quando chupei os mamilos, engolindo-os, sacudindo-os com a língua. Mordisquei-os. Enlouqueceu embaixo de mim. Sorriu

safado, descendo pelo ventre macio. Chupei, lambi, mordi até chegar à minúscula calcinha. Enfieei a mão entre suas coxas, forçando-a a separá-las. Rugi. Ela estava toda empapada. Agarrei a carne molhada, massageei do seu clitóris ao cuzinho gostoso. Choramingou lamuriosa. Desci mais e fiquei de cara com sua linda boceta. Rasguei a calcinha em dois tempos. Deu um grito cheio de tesão e lascívia. Ela gosta assim, rude.

— Abra as pernas, cadela! — rosnei, enlouquecido pelo seu cheiro. Arreganhrou as coxas. — segure-as abertas para mim. Vou comer sua bocetinha perfeita com a boca primeiro. Só vou enterrar meu pau em você quando me implorar. — fez o que ordenei prontamente e meti dois dedos em sua vulva. Lamentou outra vez. Adoro esse som desesperado que ela faz, louca para tomar o meu pau. Banquetei-me nela. A fodi duramente com os dedos, enquanto beijava, lambia, chupava, mordiscava toda a sua boceta. Ela se debateu, mas continuei meu ataque. Sempre que estava perto eu diminuía o ritmo.

— Ohh! Por favor, amor... — miou, seu corpo todo se

retesando. Sorrio baixinho e sopro bem no seu brotinho. Ela estremeceu. — por favor, *amore mio*. — tornou e suas mãos cravaram nos meus cabelos. Sorrio de novo e chupo seu clitóris duramente. Gritou ensandecida, seu corpo sofrendo espasmos violentos. Enfiei a língua em sua vulva e ela gozou. Bebi todo o líquido doce. — ah, *Dio...* — balbuciou, ofegante. Não dei trégua, continuei comendo-a, excitando-a outra vez. Levei seus sucos para o cuzinho e forcei passagem. Ronronou e relaxou me deixando entrar. Meti dois dedos bem fundo, rasgando-a. Meus olhos encontraram os seus e sorrio perversamente comendo seu rabinho bem forte. Caí de boca em sua boceta de novo, só parei quando já estava arquejando rumo a outro orgasmo. — Ohh! Dom, *amore mio*. — lamentou quando me levantei e terminei de me despir em tempo recorde. Meu pau saltou babando ferozmente pela sua dona. Os lindos olhos exóticos me devoraram. Lambeu os lábios quando desceu para o meu pau. Sorrio arrogante e me masturbo lentamente na sua frente.

— Amor... Eu quero... — murmurou, sem tirar o olhar dos meus movimentos.

— O que, cadelinha? O que você quer? — rosnei, louco de tesão, vendo todo o seu desejo por mim.

— Eu quero chupar o meu cachorrão, amor. — miou, já se levantando e se arrastando de quatro até a borda da cama. Continuei bombeando meu punho bem devagar. Nossos olhares se prenderam. O dela tinha aquela mistura que amo tanto: recato e safadeza. O meu era cru, escancarado, cheio de luxúria por ela. Minha mulher.

— Vem, minha cadela safada. — grunhi enfiando a outra mão em sua nuca, puxando-a para baixo. — chupe! Mama bem gostoso no seu cachorrão! — ela sorriu atrevida antes de sua boca descer na minha cabeça robusta. Cristo! Tão quente, macia e apertada. — ohhh! Jesus! Princesa... Que boquinha mais gostosa, porra! — gemeu estremecendo quando me tomou quase todo na boca. Ela adora me chupar. Sua bocetinha já deve estar pingando por mim. Juntei seus cabelos no meio da cabeça e passei a foder sua boquinha duramente. Minha ponta batendo no fundo da sua garganta. Eu estava louco para esporrar em sua boca e vê-la beber minha porra, mas quero gozar em

sua boceta dessa vez. — oh! Merda! Pare, princesa! Pare, cadela! — gritei, puxando para fora. Ela riu presunçosa, sabendo do seu poder sobre mim. Dei um tapa na sua face esquerda. Gemeu. — fique de quatro para seu cachorrão, amor. Vou gozar enterrado até as bolas nessa bocetinha quente e gostosa. — se arrastou de volta e ficou na posição. Sua bundinha linda empinada, só esperando o pau do seu dono. Suas coxas estavam cremosas, seu gozo escorrendo entre os lábios. Ainda usava as sandálias. Ela sabe que amo fodê-la assim. Excita-me comê-la usando apenas sandálias. Uma visão linda do caralho! Subi no colchão e não resisti, mergulhei o rosto em sua racha. Cheirei, lambi, chupei e mordi sua bundinha linda. Ela gemia e tremia. Dei dois tapas fortes em suas bochechas firmes e cravei meus dedos de cada lado do seu quadril. Prendeu a respiração quando me alinhei em seu buraquinho cremoso. — é isso que você quer, minha cadela gostosa? Então toma, porra! — rosnei e meti tudo num golpe brusco e fundo.

— Oh, *Madonna mia!* Dom... — choramingou, sua vulva toda esticada e palpitando à minha volta. Dei-nos uns

instantes e puxei tudo, voltando em mais uma estocada dura. Rolei os olhos, batendo em seu útero.

— Jesus! Princesa... — eu estava uivando, enquanto metia sem dó, rasgando seu buraquinho estreito. — perfeita pra caralho, amor! Eu amo isso. Amo você, minha cadela safada.

— Ahhh! Eu te amo também, *amore mio*. — miou, sua bunda vindo ao meu encontro, sua boceta me sugando, mamando gostoso. Levantei uma perna por cima do seu quadril e a comi com mais vigor. Metendo fundo, muito fundo. Nós dois rosnando como animais. — eu te amo tanto... — arquejou, enlouqueci, puxando seus cabelos da nuca. Minha outra mão deslizou pela cintura e encheu nos peitinhos lindos. Amassei-os e puxei os mamilos. Resfolegou, seu corpo amolecendo em direção ao orgasmo. Desacelerei um pouco, girando o quadril e ela soltou um gemido entrecortado. Estava por um fio, assim como eu. Desci a mão pelo ventre e encontrei seu clitóris inchado. O manipulei e ela gemeu obscenamente. Puxei meu pau todo e voltei com tudo, rasgando-a sem piedade e

ela gozou. Gritou meu nome muito alto. Foi o meu fim.

— Oh, merda! Ohhh! Porra! Que cadelinha mais gostosa... Vou gozar, amor! Helena, princesa! — segurei seus quadris com as duas mãos e meti num ritmo brutal. Fodendo sua bocetinha impiedoso, perseguindo meu clímax. — ohhh! ahhhhhhhhhhhh! — rugi, minhas bolas encolhendo no choque delicioso e familiar e esporrei em jatos fortes no seu canal. Sua pequena vulva me estrangulando gostoso pra caralho e continuei comendo-a esfomeado, nossos corpos estremecendo. Meti até derramar minha última gota e fui desacelerando. Me debrucei, beijando, lambendo suas costas, ombros e pescoço. Ronronou ainda rebolando em mim. — gostosa... Minha cadelinha linda... Perfeita. — gemi e puxei seu queixo, tomando sua boca num beijo suave e ofegante. Devagar saí de sua quentura. Desabou na cama. Gargalhei e a liberei das sandálias. Me deitei do seu lado, puxando-a para mim.

— Você é tão vigoroso, *amore mio*. — miou se aconchegando no meu peito. Meus braços a apertaram

mais.

— Princesa, só tenho trinta e oito anos. — sorrio, sacana. Ela me encarou. — você vai ser fodida duramente por mais uns trinta anos, cadelinha. — ela bufou, meneando a cabeça, um brilho travesso tomando os olhos de âmbar.

— Eu acho que não tão duramente no final desses trinta anos... — gargalhou. Dei um tapa em sua bunda.

— Talvez não tão duramente... — tive que concordar, rindo também. — Vamos lá fora, amor? — dei-lhe pequenos beijos e levantei a puxando comigo.

— Aonde? Dom, *amore mio*... — seu tom era receoso, mas cheio de expectativa. Peguei o lençol e nos envolvi.

— Vamos na sacada, amor. — seus olhos arregalaram. Sorrio, sabendo o que passou por sua cabeça. — não vou foder você na sacada, princesa, prometo. — não resisti e abri meu riso sem vergonha, pervertido. — a não ser que você queira, cadelinha. — arfou, lambendo os lábios. — só quero namorar um pouquinho diante da cidade que se tornou uma parte importante das nossas vidas. — puxei suas costas contra meu peito e andamos para a sacada. A

brisa da madrugada nos envolveu quando passamos pelas portas de vidro. O mundo de luzes lá embaixo anunciava uma cidade que nunca dorme. Meus braços a apertaram mais contra mim. Sua bunda nua fazendo meu pau semiereto se sacodir todo animado de novo. Enfiei meu nariz em seus cabelos e inspirei seu cheiro gostoso, requintado, embriagador.

— Eu já disse o quanto amo o seu cheiro, cadelinha linda?

— sorriu baixinho quando a presei contra a balaustrada.

— Humm, eu acho que sim, amor. — disse pendendo a cabeça no meu ombro.

— Você vai mesmo se casar comigo todos os anos, até ficarmos bem velhinhos, princesa? — sussurrei em sua orelha, lambendo o lóbulo. Estremeceu contra mim.

— Pode apostar que sim, *amore mio*. — sua voz foi um misto de miado e gemido. Puxei seu queixo para mim e nossos olhares travaram por alguns instantes. Ela girou nos meus braços e me abraçou pelo pescoço. — eu te amo, *mio principi*. — sussurrou, os olhos de uísque ainda mais brilhantes.

— E eu a você, princesa. Você é a única para mim. Sempre será. — sussurrei, meus olhos prendendo os seus, gritando, confirmando tudo que sinto por ela. — não há no mundo outro homem mais feliz do que eu, amor. — seu semblante amoleceu, acenou emocionada e ofereceu os lábios para mim.

— O mesmo aqui, *amore mio*. — disse baixinho antes da minha boca descer sobre a sua num beijo terno, apaixonado. Nos devoramos sem pressa. Nossas línguas dançando lentamente. Mas como sempre acontecia, logo estávamos pegando fogo. Se esfregou sutilmente em mim e eu rosnei, puxando-a pela cintura com força. O gesto brusco fez com que as pontas do lençol escapassem das minhas mãos e antes que o pegasse o tecido deslizou por entre as grades do parapeito.

— Dom! O lençol! Oh, *Dio mio*! O lençol caiu!

Não preciso dizer o houve no dia seguinte, não é? Isso mesmo, éramos o assunto na Internet. De novo. *Dom e Helena são flagrados nus em sacada de hotel em Las Vegas. O casal real mais irreverente de Ardócia tem*

fetice por demonstrações públicas de afeto em sacadas e nós só temos a agradecer... Não preciso dizer também que Helena ficou furiosa. Ainda tentei fazê-la ver o lado positivo, como por exemplo, sua bundinha ficou linda pra caralho nas fotos, mas ela quis arrancar a minha cabeça. Tão geniosa minha princesa... Felizmente sei como deixá-la bem mansinha e relaxada... Além disso, não precisa tanto alarde. A imprensa vai esquecer logo que *Justin Bieber* aprontar uma das suas... Não pude evitar um riso sem vergonha curvando a minha boca. Bom, isso até sermos flagrados em outra sacada...

Fim

PRÍNCIPE DA PERDIÇÃO

LIVRO 3

PRÍNCIPE DA PERDIÇÃO

**Príncipes Di Castellani: lindos, orgulhosos,
irresistíveis e... Apaixonados!**

3/3

Ele a despreza... Mas a deseja com a mesma intensidade...

Jayden Samuel King Di Castellani é um dos príncipes recém-descobertos da Ilha de Ardócia, localizada ao sul da Itália.

Moreno, alto e pecaminosamente lindo o príncipe possui cicatrizes no corpo e na alma. A infância e adolescência difícil em orfanatos e lares adotivos de Londres o fez duro e implacável em todos os aspectos de sua vida. Apenas uma mulher conseguiu driblar suas defesas e danificar sua armadura: Cassandra Miller.

Cassie vê sua vida dar um giro de 180° quando ganha uma bolsa - estágio na empresa do famoso engenheiro Jayden King. Ele é lindo, arrogante e a tenta de todas as formas até que se torna impossível resistir. Os dois iniciam um jogo perigoso de dominação onde o prazer é intenso demais... Seu chefe a domina completamente em pouco tempo, apresentando-a a um caminho sem volta. Um

caminho de perdição.

Jayden e Cassie vivem um romance tórrido, recheado de erotismo, porém breve... As circunstâncias o levaram a acreditar que Cassie, sua linda, doce e apaixonada submissa não passava de uma golpista, uma ladra artilosa.

Ele a arranca da sua vida de forma brutal.

Dois anos depois o destino resolve juntá-los outra vez.

O que o reencontro reserva a esse casal?

Os dois terão que lidar não só com o desejo insano, primitivo que ainda sentem pelo outro, mas com segredos que serão revelados e nada mais será como antes...

Este é o terceiro e último livro da série: Príncipes Di Castellani. **NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 18 ANOS.**

Espero que curtam a leitura tanto quanto gostei de escrever.

Um grande abraço!

Lani Queiroz

“Eu estava no céu enquanto você estava em meus braços, mas agora estou no inferno porque meu doce anjo não está mais ao meu lado. Eu devo estar pagando todos os pecados que cometi nessa vida. Eu quero que esse pesadelo acabe, e quando eu abrir meus olhos, eu irei me deparar com a imensidão azul do seu olhar, olhando-me com desejo, paixão e admiração. Irei beijar seus lábios, vermelhos como uma rosa, e como um bejar-flor, irei sugar seu néctar com a minha língua sedenta pelo seu sabor adocicado. Trilharei beijos por todo seu corpo pecaminoso, até chegar a fonte do prazer, onde irei beber seu delicioso mel, que se tornou meu vício. E quando eu ouvir seus gemidos melodiosos, saberei que estará pronta para mim, então me afundarei dentro de você, amando-te com meu corpo, coração e alma.”

(Melody Olivatti)

“Assim que se olharam, amaram-se. Assim que se amaram-se, suspiram. Assim que suspiram, perguntaram um ao outro o motivo. Assim que descobriram o motivo, procuraram o remédio.”

William Shakespeare

“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis”

José de Alencar

Agradecimentos

À Deus, pela vida, inspiração e coragem que sempre me deu.

Dedicatória

Dedico primeiramente à minha família, que tem me apoiado nesse sonho antigo, mas latente dentro de mim: meu pai, Francisco, minha mãe, Maria, meus irmãos, Rozelha, Rozilene, Rony, minha cunhada, Irene, meus sobrinhos lindos, Maikon, Amanda (minha primeira leitora), Jeffrey, Jimmy e Riquelme. Meu esposo e companheiro, Hellielson, meus filhos amados, razão da minha vida, Kenneth Anderson e Kênia Railane.

Dedico às minhas queridas leitoras e amigas, minhas lindas princesas que me fazem acreditar diariamente no meu sonho. Todas dos grupos do facebook, do Wattpad que sempre estão junto comigo, me apoiando, me dando o combustível para continuar fazendo o que amo: escrever.

Quero destacar, porém, algumas lindas meninas que me ajudaram diretamente nessa jornada colocando a mão na massa: Gisele Gonzalez, minha primeira leitora no Wattpad; Carla Negreiros, através da sua mensagem, percebi que o sonho poderia se tornar realidade; Cristiana Pereira, me ajudou a criar os grupos do Facebook e disseminou meu primeiro livro incansavelmente nas redes sociais; Zilda Colares e Camila Lima, administradoras dos grupos do face, minhas fiéis escudeiras. Todas e cada uma de vocês moram no meu coração. Muito obrigada, queridas!

Grande abraço!

Lani

PRÓLOGO

Cassandra

— Olá. — sussurrei me arrastando na cama até ele. — você demorou. Senti tanto a sua falta. — gemi espalmando o peito musculoso enlaçando-o pelo pescoço depositando um beijo em seus lábios. Ele esteve longe por uma semana. Apenas uma semana, mas quase morri de saudade. Jay permaneceu imóvel, o maxilar cerrado, parecia incomodado com algo. — Há algo errado? Por que está tão quieto? — afastei-me para olhá-lo. Os olhos escuros estavam sem brilho, com uma expressão sombria. Um frio estranho tomou conta de mim. Ele me olhou, seus olhos negros fixos em mim por um longo momento, como quisesse ver minha alma. — Jay, está me assustando. — o toquei no rosto, sentindo-o estremecer com meu toque. Então ele piscou e abriu um sorriso sexy. No entanto, esse sorriso me lembrou do início do nosso relacionamento, quando me queria apenas como submissa. Era um riso charmoso, mas frio, sinistro. Não tive muito tempo para

pensar sobre isso, pois me puxou pelos cabelos da nuca.

— Não quero conversar *anjo*. — seu tom foi baixo e tive a impressão de que o apelido carinhoso foi dito com certa ironia. Olhou-me de novo, os olhos escuros duros, mas com indisfarçável desejo e sua boca tomou a minha em um beijo selvagem. As mãos grossas se apossaram de meu corpo com possessividade. Puxou-me pelas nádegas tirando-me da cama. Entrelacei as pernas em seu quadril, enquanto ele me pressionava contra o pênis enorme e duro.

— Eu te amo, Jay. — sussurrei e senti seu corpo enrijecer com minha declaração. — ficar longe de você foi uma tortura, amor. — suas mãos me apertaram mais, quase ao ponto da dor e ele grunhiu, mas nada disse apenas me levou para o enorme e luxuoso banheiro depositando-me na bancada junto a pia. Com mãos impacientes rasgou a minha calcinha. Sua boca desceu brusca sugando meus seios com força enquanto separava minhas pernas com brutalidade. Gemeu introduzindo dois dedos dentro da minha vulva. Lambeu e mordeu meus

seios descendo exigente pelo meu ventre. Arreganhou minhas coxas ao limite e abocanhou minha vagina. Mordeu, chupou, lambeu, rosnando como um animal. Introduziu mais um dedo e meteu fundo, estocando com força.

— É isso que você quer, hum? — sua voz profunda, dura reverberou no ambiente abafado. Sugou meu clitóris com força. Gritei de dor e prazer, enquanto seus dedos grossos me golpeavam impiedosos. O que havia com ele? Nem mesmo quando me levava no quarto de jogos, sentia essa fúria nele. — vou comer a porra dessa boceta que você quer tanto me dar, escrava! — rosnou e me virou fazendo-me debruçar sobre a bancada. Ouvi seu zíper sendo aberto e antes que pudesse sequer pensar estava se alinhando na minha vulva e empurrou em mim em um golpe forte indo até o fundo. Gritei de novo. Ele era muito grande e grosso e sempre me dava tempo para me ajustar, parou um pouco e respirei ofegante. Então tirou tudo e bateu de volta em uma arremetida ainda mais bruta que a primeira. Continuou me comendo sem trégua. Levantou minha perna direita sobre a bancada para dar maior

acesso e continuou penetrando-me profundamente com movimentos furiosos. Nossos olhares se encontraram através do espelho. O meu, apesar de assustado era cheio de amor. O dele confuso, sombrio como nunca tinha visto. Deu outro rosnado e suas mãos apertaram meus quadris me mantendo imóvel para me foder em um ritmo incansável. — gosta disso? Gosta de ter meu pau rasgando essa boceta perfeita, viciante do caralho? — seus olhos eram furiosos como suas estocadas. — responda escrava! Gosta disso, porra? — Puxou-me os cabelos golpeando-me mais e mais — toma meu pau! É isso que você quer, não é? — levou uma mão para meu clitóris e o massageou suavemente. Um contraste com suas estocadas. Ele sabe exatamente onde e como me tocar. Não consegui evitar um gemido. Deu uma risada cruel o acelerou mais os golpes. Sua pélvis se chocando violentamente contra a minha vagina. Girou o quadril, deslizando por todos os pontos nervosos do meu canal. Gemi de novo. Seu agarre se manteve forte nos meus cabelos. Empurrou-me sem qualquer delicadeza até colar a lateral do meu rosto no mármore frio. — foder você é muito gostoso. Sempre foi

gostoso, escrava. — sua voz era ofegante agora, mas ainda tinha um tom sombrio. Tirou tudo e foi entrando de volta devagar, bem devagar. Sua mão ainda manipulando meu brotinho inchado, já sensível. — você também sente isso, não é? Gostou de ser minha puta, minha escrava desde o início. Adora quando está assim tomando meu pau até o cabo. — meu corpo estava em conflito. Havia algo errado com ele. — goze! Goze no meu pau! Goze porra! — ordenou e beliscou duro meu clitóris. Seus golpes aceleraram de novo e eu gozei, gritando, lágrimas descendo pela minha face. Meu corpo ficava sem controle quando me fazia atingir o clímax. Era sempre intenso demais. Solucei enquanto seu pênis batia incansável dentro de mim. Sua risada agora claramente debochada soou bem no meu ouvido. — isso, sua puta! Chora no meu pau! — rugiu e sem aviso saiu de dentro de mim e seus dedos entraram grosseiramente na minha vagina. — vou gozar nesse cu gostoso e apertado que você tem. — seus dedos logo estavam no meu ânus preparando-o para recebê-lo. Ainda estava entorpecida pelo orgasmo quando senti seus dedos sendo substituídos pela ponta espessa de

seu pênis. Meu corpo estava mole embaixo do dele, completamente entregue, completamente dominado. Suas unhas desceram pela minha coluna, me fazendo relaxar e ele foi entrando devagar, me esticando em uma estocada longa e funda. Arfei e relaxei mais, porque ele gosta bem bruto. Algo o contrariou, vou ser a submissa que ele precisa. Seu pênis se alojou todo dentro de mim. Ele soltou um rosnado animalesco e passou a me foder. Realmente me foder. Me comeu impiedoso por um tempo que não consegui cronometrar. Meu ânus já estava ardente, meu corpo todo sacudindo com a violência de seus golpes. Gemi, já me excitando de novo e ele fez um som estrangulado, como um lamento e os jatos de esperma me alagaram. Solto outro grunhido agoniado, como se sentisse dor, seu corpo grande e musculoso estremecendo. Continuou movimentando-se agora mais devagar. Levantei o torso e nossos olhares se encontraram de novo. Eu estava despenteada, saciada, como sempre ficava após sua posse. Mas os olhos escuros ainda estavam tempestuosos. Seu olhar deslizou por todo o meu rosto e seus olhos amoleceram um pouco. Arrisquei um sorriso

tímido. A expressão de aço voltou e ele saiu de mim bruscamente. Arquejei. Recompôs-se e fechou o zíper da calça, saindo do banheiro deixando-me esparramada sobre a bancada.

Franzi o cenho. O que havia com ele? Na última vez que nos falamos ao telefone parecia ansioso para me ver. Disse tantas palavras carinhosas e excitantes... Céus! Ele não fez nada do que prometeu ao telefone. Apenas me tomou com selvageria como se algo o perturbasse. Tive a sensação que ao contrário das outras vezes, essa foi apenas sexo. O pensamento me deixou enjoada. Ele havia se cansado de mim? Não suporto sequer pensar na possibilidade porque já o amo com todas as minhas forças. Mas qualquer que fosse o problema precisava encará-lo, conclui reunindo forças para me levantar. Vesti um roupão vermelho que trouxe de casa e voltei ao quarto. Jay estava parado no limiar das portas duplas que davam acesso à sacada, o luar iluminando seus traços morenos, perfeitos. Ele virou-se na minha direção. Os olhos estavam frios e cortantes como uma navalha.

— Se vista e saia. — disse seco me fazendo sobressaltar.

— O-o quê? — retorqui sentindo-me fraca e zonha. Ele disse mesmo aquilo?

— Quero você fora da minha casa. — disse fuzilando-me com os olhos escuros. — Fora da minha vida. Não quero pôr os meus olhos em cima de você nunca mais!

— Por quê? — quis saber em um fio de voz avançando até ele, mas afastou-se indo para o outro lado do quarto. — vai me dizer o que está havendo, ou simplesmente vai me mandar embora?

Seus olhos me cortaram como dois lasers.

— Você quer conversar? — seu tom enganosamente calmo me deu calafrios. — então me diga: você sempre chora quando goza com seu amante? Ou é só comigo?

— O-o que está dizendo? — cambaleei sentando-me na poltrona mais próxima. — isso é alguma brincadeira?

— Infelizmente não. — ele riu sem humor. — estou falando de Mark Springs, seu amante! — gritou pegando o

pacote, jogando em cima de mim. — achou mesmo que uma vadiazinha como você poderia me enganar? Você manteve-me bem entretido é verdade. — deu um sorriso de zombaria. — mas achou mesmo que eu não sabia quem era desde o início? Que aquele verme havia infiltrado a vadia dele na minha empresa, na minha cama, para me roubar um negócio de milhões de dólares?

CAPÍTULO UM

Rio de Janeiro, Brasil, dias atuais...

Jayden

Desci o elevador, apressado. Os seguranças seguiam-me a certa distância enquanto meus diretores se esforçavam para acompanhar meus passos. Foi uma semana tumultuada. A compra do resort em Angra dos Reis me deu dor de cabeça. Carl, meu sócio e vice-presidente não conseguiu fechar o negócio e tive que vir ao Brasil, não que esteja reclamando de vir aqui em pleno carnaval. Esse povo realmente sabe como se divertir. Abri um riso cínico recordando a atividade de ontem em um clube exclusivo localizado na Barra. Foi bom jogar um pouco para desestressar, pegar algumas submissas. Adoro a anatomia das brasileiras. Adoro uma bunda bem desenhada. Joguei com duas mulatas de traseiros deliciosos. Uma de cada vez, é claro. Meu irmão Dom é quem apreciava essas brincadeiras a três. Mas isso foi antes de cair no amor pela nossa prima Helena. Agora

estava fora do mercado. Eu não cairia nessa merda de *felizes para sempre* de jeito nenhum.

— Por aqui, senhor King. — disse um dos gerentes visivelmente nervoso dando-me passagem.

Adentrei no amplo auditório da minha mais recente aquisição. Havia relutado em comprar a pequena firma de arquitetura. Entretanto, era uma das condições do ex-dono. Eu queria o resort. Queria muito. Cedi aos caprichos do velho Alfredo Magalhães. De acordo com meus diretores financeiros tratava-se de uma ótima transação, visto que os negócios fechados pela empresa eram significativos. Comprei. Agora estava aqui no meio dos funcionários que me encaravam com grandes pontos de interrogação nas cabeças. O que faria com eles? Selecionaria os mais competentes e os demais seriam sumariamente dispensados. Era uma equação simples. É assim que trabalho e foi dessa forma que me tornei um bilionário antes dos trinta. Não me contento com nada menos que a excelência. O setor de Recursos Humanos se encarregaria de resolver a parte delicada. Mas antes, era de praxe

conhecer pessoalmente os principais funcionários. Aprecio descobrir suas aspirações e o que estão dispostos a fazer para atingi-las. Venci por conta própria e sei reconhecer e incentivar um funcionário quando percebo características que fazem lembrar-me de mim mesmo quando era apenas um simples ajudante de construção, enquanto cursava a universidade. A vadia que me deu à luz me abandonou aos quatro anos de idade num orfanato e nunca mais voltou. Nunca soube nada a respeito de meu pai até há quase dois anos, quando fui contatado pelos advogados da Família Real de Ardócia, uma ilha ao sul da Itália, informando que eu era um príncipe.

Primeiro pensei que os advogados estavam de sacanagem comigo. Depois quis pegá-los pelo colarinho e jogá-los para fora do meu escritório, mas diante das provas irrefutáveis e do teste de DNA positivo não tive como fugir. Sou filho ilegítimo do príncipe Marco, irmão do antigo governante da ilha. Há mais três irmãos. Leon e Damien, filhos legítimos. Infelizmente Damien o caçula, havia cometido suicídio há quase quatro anos. Leon é agora rei de Ardócia. E há Dominic que vive em Nova

torque, ilegítimo como eu. Tentei me manter à distância, mas meus irmãos recém-descobertos se infiltraram de tal forma na minha vida que minha resistência cedeu. Aqueles dois bastardos são importantes para mim. Criamos um vínculo forte de amizade e respeito. Eu os amo. Arg! Esqueçam que confessei isso. Não vou dizer essa merda de novo nem sob tortura. Quem diria? Eu, um ex-delinquente juvenil que quase me perdi na dura realidade das ruas e da marginalidade, agora sou um príncipe! Que piada! O som de um microfone sendo ajustado me tirou do breve momento de introspecção. Hora do show! Exclamei mentalmente aproximando-me da tribuna ao ser anunciado pelo mesmo gerente nervoso que me recebeu. Santa Mãe! O homem está quase tendo um ataque. Não sou tão mau assim. Ok. Admito, sou verdadeiramente ruim quando tentam me sacanear. Mas tirando isso, sou até gente boa. Se você nunca tentar me ferrar então não tem com que se preocupar.

— Bom dia a todos. — cumprimentei num tom firme e forcei-me a abrir um sorriso. Ouvi alguns suspiros e meus olhos foram para um trio de mulheres sentadas nas

cadeiras da primeira fila. As três cruzaram as pernas de uma vez só, lembrando uma apresentação de nado sincronizado. Patético! Quase revirei os olhos. Elas não podiam ser mais óbvias. Detesto mulheres atiradas. Gosto de caçar. Sou um predador nato e quando me deparo com cenas assim é altamente broxante. — Estou muito satisfeito por estar aqui hoje com vocês. — retomei meu foco. — Entendo que nesse momento, todos têm dúvidas a respeito do futuro da empresa. — assumi um ar sério e impecavelmente profissional. — mas asseguro-lhes que não irei me desfazer da aquisição. Pretendo incorporá-la ao meu escritório central em Londres e aos projetos que já estão em andamento. Um possível intercâmbio pode ser benéfico para as duas realidades. No entanto, acredito que não é segredo para ninguém aqui que persigo sempre um alto padrão de qualidade. — olhei a plateia silenciosa e completei: — espero poder contar com vocês.

Disse mais algumas palavras cordiais e me coloquei à disposição dos funcionários para possíveis perguntas. Meus olhos correram pelo espaço, analisando um a um os rostos ansiosos. De repente minha atenção foi captada

para uma cabeça ruiva na última fileira. A mulher estava de cabeça baixa, não dava para ver muito de onde estava, mas uma estranha sensação de *Déjà vu* invadiu meus sentidos. Aquela cor de cabelos... Então, alguém fez uma pergunta na primeira fila e eu pisquei, obrigando-me a voltar os olhos para o senhor grisalho que esperava a resposta.

Cassandra

Aproveitei o momento e saí de fininho do auditório. Já no corredor acelerei os passos indo direto para o banheiro. Oh! Deus! Encostei-me à porta e fechei os olhos com força. Isso não podia estar acontecendo. O homem lá no auditório... O homem que evitei a todo custo cruzar o seu caminho novamente. O homem que havia me devastado e humilhado há dois anos. Que tirou tudo de mim. Que me usou com frieza e crueldade. Avancei até a pia e coloquei os pulsos embaixo da água fria da torneira, olhando-me no espelho. Meu rosto estava pálido, meus grandes olhos azuis assustados e meus lábios tremiam freneticamente. Quando o vi adentrar o auditório com

passos determinados com aquela aura de poder e masculinidade que era própria dele, não consegui mais desviar os olhos da sua figura ao mesmo tempo intimidante e bela. Minhas entranhas se reviraram em reconhecimento mesmo antes de Jayden se virar de frente para a plateia. Senti o ar fugir dos pulmões quando olhei o rosto moreno, perfeito, a poucos metros à minha frente, aqueles olhos tão negros que prometeram tudo para mim um dia, mas que no final apenas me condenaram. Havia sido assombrada por dias, meses com aquela imagem desde quando me expulsou de sua vida. Inspirei o ar e soltei devagar. Preciso me acalmar, pensei me recusando a deixar o pânico me vencer. Há dez meses quando cheguei a Paraíso Arquitetura minha vida começou finalmente a mudar. Era meu primeiro emprego depois de um ano sendo *free lancer*. Ganhava um salário razoável e as coisas tinham melhorado. Havia feito alguns projetos muito lucrativos e importantes. Não posso perder esse emprego. Muita coisa depende disso. Definitivamente não posso me dar ao luxo de ficar desempregada. Deus! Com tantas empresas para *sua alteza* comprar por que veio

parar justamente onde estou tentando refazer minha vida? E no Brasil? Começo a pensar que não sou muito querida lá em cima. Olhei para o teto, ironizando-me. Abracei meu corpo tentando retomar o controle. Com sorte ele iria embora logo após a apresentação. O homem mais sexy e implacável do planeta não perderia tempo com uma pequena firma de arquitetura. Claro que não.

Avancei pelo corredor a caminho da sala de reuniões, cerca de quinze minutos depois. Definitivamente não sou querida lá em cima, bufei quando o gerente de RH, que também é meu tio, veio me avisar que o *chefão* queria ver meu projeto para melhoria do resort de Angra. Puta que pariu! O cretino de coração gelado ia surtar quando me visse. Meus dedos doíam pela força que fazia apertando a pasta com o projeto solicitado. Deus! Havia pensado que ele iria embora logo após a reunião no auditório, mas agora estou aqui prestes a ter que encarar de novo aqueles olhos escuros, intensos e cínicos que me condenaram um dia. *Posso fazer isso. Posso fazer isso.* Repetia mentalmente. Meu tio andava à minha frente, alheio ao meu desespero. As portas de madeira da sala de reuniões

surgiram como monstros prestes a me engolir. Respirei fundo quando ele girou a maçaneta e abriu as portas duplas para me dar passagem. *Oh! Meu Deus! Não posso fazer isso!* Quase gemi de pânico, mas era tarde demais para recuar, pois todos viraram a cabeça em minha direção.

Jayden

Dava instruções a Hanna, minha assistente quando as portas se abriram e o Sr. Hopkins surgiu prestativo. O homem tinha um enorme sorriso no rosto, encantado, deslumbrado. E foi aí que percebi a razão do sorriso ridículo do homem. Minha expressão congelou no rosto e não completei o que estava dizendo ao ver a figura esguia e dolorosamente familiar adentrar o recinto. Meu corpo ondulou, estremecendo. Meu coração acelerou a um ritmo que tive receio que todos ouvissem. O que diabos está acontecendo aqui? Era *ela*! Ela era a tal arquiteta prodígio e maior aposta da empresa? Srt^a Miller? Não me atentei ao sobrenome quando o gerente de RH me informou sobre ela. Cassandra Miller! Gani mentalmente enquanto cada

célula do meu corpo se agitava em reconhecimento à silhueta feminina. Então lá no auditório... Era ela! Oh merda! Conclui vendo-a andar com passos um tanto relutantes em direção à grande mesa oval. Contra a minha vontade meus olhos varreram-na da cabeça aos pés, e fizeram todo o caminho de volta novamente, famintos. Os gloriosos cabelos estavam presos num coque. Senti meus dedos coçarem para soltar aqueles cachos macios de um ruivo incomum. Usava uma blusa branca e uma saia preta risca de giz moldando as formas esbeltas que agora pareciam mais... Exuberantes, observei incapaz de desviar o olhar. Ela estava diferente. Parecia mais... Mulher. Era isso. Não possuía mais a aparência de garota recém-saída da faculdade. Era uma mulher. Uma linda mulher. Meu pau foi o primeiro a estar bem consciente disso. Maldito traidor!

— Esta é a Srt^a Miller, senhor. — o gerente de RH disse quando chegaram próximos à grande mesa rodeada do meu pessoal.

Ela levantou finalmente o olhar que esteve baixo desde

que entrou e eu soube que nada havia me preparado para o impacto daquelas duas piscinas azuis novamente sobre mim. O azul mais incrível que já vi na vida. Filha da puta! Maldita golpista de uma figa! Injetei meu olhar furioso no dela, medindo forças, obrigando-a a se submeter como sempre acontecia desde o primeiro momento em que nos esbarramos. O silêncio na sala era sepulcral. Não havia mais ninguém lá. Éramos apenas nós dois. Mantive seu olhar preso, não dando a ela chance de escapar, e Cassandra Miller se submeteu. Inalou o ar de forma ruidosa. Seu corpo tremeu discretamente e suas pupilas dilataram. Seus olhos abaixaram para a pasta que trazia nas mãos. Ótimo! É isso aí, querida! Jay 1 x vadia 0!

— Senhor King. — Santa Mãe! Sua voz com um leve timbre rouco era como mel e ácido se infiltrando na minha corrente sanguínea. Meu pau se rebelou dentro das calças, pressionando o zíper. Uma grande merda! Mas esse era o efeito que essa vadia tinha sobre mim. Meu consolo era saber que estava tão afetada quanto eu. Se existia mesmo a tal *ironia do destino* estávamos bem no meio dessa porra agora! Pensei que nunca mais colocaria meus olhos em

cima dessa maldita mentirosa. Remexi-me desconfortável na cadeira apertando a caneta que tinha nas mãos quase ao ponto de quebrá-la. Era apenas o choque de reencontrá-la inesperadamente, tentei reordenar meus pensamentos. Preciso tomar o controle de volta. Vadias golpistas não fazem meu tipo. Definitivamente não!

— Srt^a Miller. — meu tom foi calculadamente neutro. Levantou o olhar para mim e travou uma luta para sustentar o meu. Quase sorri de seu esforço. — sente-se, por favor. Precisamos discutir o seu projeto para o resort.

Cassandra

— Obrigada, senhor. — assenti acomodando-me na única cadeira disponível, que para meu desespero era muito próxima a ele. Agradei por ter que abrir a pasta e desviar os olhos do seu rosto zombador, cruel. Os olhos escuros perfuravam-me intencionalmente me fazendo sentir desconfortável. Lembrei-me da primeira entrevista há dois anos. A situação era muito diferente. Naquele período eu estava completamente fascinada pelo grande engenheiro Jayden Samuel King e ele estava louco para

me ter como submissa. Ou pelo menos pensei que fosse assim. Mas tudo não passou de um plano ardiloso e cruel. Obriguei-me a voltar ao presente e encarar meu maior pesadelo. Será que só eu percebia o sarcasmo em seu semblante agora?

— Mas antes gostaria que nos falasse da sua experiência profissional. — sua voz profunda soou de novo, causando pequenos tremores em mim. Isso era involuntário. Simplesmente não consigo controlar a reação do meu corpo quando estou perto dele. Nunca consegui entender isso. É ridículo e inaceitável depois de tudo que fez comigo. Só sei que é mesmo uma merda ainda me sentir assim por um homem que me aniquilou sem pensar duas vezes sobre o assunto há dois anos. Deve ter ficado satisfeito com minha reação ridícula, pois os cantos da boca máscula se repuxaram num arremedo de sorriso ao mesmo tempo sexy e irônico. — Deixe-me ver... Trouxe o currículo da Srt^a Miller, senhor Hopkins?

— Aqui está senhor. — meu tio se apressou em entregar a pasta que trazia nas mãos. — como disse antes

ela é uma excelente funcionária. — completou.

Jayden deu-lhe um olhar que dizia *basta!* Começou a folhear o documento. Perderia meu emprego. Aquilo era um teatro. Era óbvio que ele não poderia dispensar-me sumariamente, então procuraria algo até encontrar a desculpa perfeita para me mandar embora. De novo. Remexi desconfortável na cadeira. Meu coração quase saindo pela boca. Minhas mãos suando absurdamente.

— Fez vários projetos significativos no último ano. Hum... Esteve na equipe de restauração do Cristo Redentor? Muito bom. — apesar do elogio seu tom era neutro, ele era um especialista em não demonstrar emoções. Não, correção: ele não sente emoções. Nada. Nunca. Encarou-me novamente e detectei algo parecido com admiração nos olhos negros misturada ao sarcasmo habitual. — seu currículo é impressionante Srt^a Cassandra Miller. — disse pausadamente, os olhos mantendo-me cativa.

— Obrigada, senhor. — disse tentando a todo custo sustentar o olhar de aço que me queimava. Esse cretino

nunca mais terá poder sobre mim. Nunca mais. Tentei manter isso em mente. — trabalhei duro para estar onde estou. — acrescentei num tom firme. Sorri para mim mesma. É isso aí, garota!

— Tenho certeza que você *deu* muito duro, Srt^a Miller. — Os olhos negros brilharam perversos e tenho certeza que fiquei como um tomate na frente de toda sua equipe. Oh, merda! Lá vai meu grande discurso mental ladeira a baixo. Cretino! — Aqui diz que se formou há mais de dois anos, mas só está há dez meses na empresa. — ele curvou-se para frente e fui invadida pelo seu cheiro e meus sentidos me traíram quando o inalei. Os olhos escuros brilharam, flamejando nos meus. Não consegui impedir minha vagina de latejar miseravelmente. — O que fez no ano passado, Srt^a Miller? — Puta que pariu! Ferrou!

Mantive os olhos fixos nos dele. Uma sobrancelha negra bem feita levantou-se zombeteiramente.

— Senhor, ela precisou... — meu tio começou e eu o cortei imediatamente, sendo tomada pelo medo. Ele não podia dizer nada.

— Eu... Eu estive resolvendo questões pessoais que exigiam minha dedicação nesse período. — tentei soar o mais firme possível e dei um olhar suplicando a meu tio que ficasse calado.

— Sei. — ele estreitou os olhos sutilmente e voltou a encostar-se na cadeira sem abandonar o contato visual. Mordi o lábio inferior para evitar os tremores. Os olhos escuros voaram para minha boca e sua expressão se transformou. Eu já havia presenciado aquilo muitas vezes. Era o dominador dando o ar da graça. Arfei levemente e ele sorriu. Seus olhos adquirindo um brilho perverso novamente. — e no período anterior? Fale-nos do seu primeiro emprego.

Oh! Merda! Senti a boca secar e umedeci os lábios involuntariamente sob seu escrutínio. Estreitou os olhos de novo. Sim, definitivamente isso é um grande pesadelo, pensei acuada.

— E-eu iniciei em um dos seus escritórios, senhor. — consegui gaguejar. Isso acontece quando fico nervosa. Ele dizia que achava *bonitinho* minha gagueira. Oh! Cassie,

sua imbecil! Você já superou isso! Lembra-se? Jayden King ficou no passado.

Os olhos dele brilharam de uma satisfação perversa. Queria me humilhar e estava conseguindo. Bastardo! Não teria a menor chance com ele. Seria aniquilada. De novo. A sobrancelha negra bem feita se elevou novamente e um riso cruel foi se espalhando devagar em sua boca pecaminosa. Minha respiração travou pela milésima vez em apenas minutos.

— Mesmo? E por que essa informação não aparece no seu currículo? — voltou a ficar perturbadoramente perto me encarando. Uma camada de ira primitiva podia ser sentida sob seu exterior de homem de negócios civilizado. — diga-me Srt^a Miller: não gostou da *experiência* que teve comigo? — engasguei com a clara conotação sexual da frase. Sim, o objetivo dele era me humilhar. Remexi novamente na cadeira. Será que só eu estou vendo isso? Esse cretino sádico está se divertindo às minhas custas. Estiquei minha coluna e disse calmamente:

— Pelo contrário, senhor. — tentei abrir meu melhor

sorriso. Ok. Confesso. Não estou nada calma, mas ele é um predador e está se divertindo sentindo o cheiro do meu medo. Ele quer brincar não é? Entre no jogo de palavras de duplo sentido, Cassie. — foi uma experiência muito... Útil. Tenho utilizado tudo que aprendi com o senhor desde então. Devo reconhecer que falhei em não mencioná-lo no meu currículo. Peço desculpas.

Jayden cerrou o maxilar num gesto teimoso e arrogante. Jogou o currículo na direção de Hanna que o arrumou rapidamente numa pilha de papel em cima da mesa.

— Muito bem. Estamos ansiosos para ouvir sobre seu projeto. — ele voltou à posição normal e assumiu o ar de *tubarão corporativo* como era conhecido no meio empresarial.

Deixei o ar sair devagar dos meus pulmões. Essa teria que ser indiscutivelmente a melhor apresentação da minha vida, repeti para mim mesma levantando-me e preparando o material com os slides para iniciar o trabalho. Senti o olhar negro o tempo todo às minhas costas e isso fazia coisas com meu corpo que me deixavam mais revoltada.

Eu o odeio! Eu o odeio! Gritei comigo. Alguém fechou as persianas e desligou as luzes. Comecei meio apreensiva, mas fui adquirindo confiança ao longo da exposição dos slides. As expressões de aprovação eram quase unânimes. Evitei ao máximo cruzar o olhar com o dele. Mas ao final não pude mais evitar. Os olhos escuros me fitavam como se travassem uma batalha interna. Meu projeto era muito bom e ele sabia disso. Talvez houvesse uma mínima chance de não ser demitida, pensei tentando acalmar as batidas do meu coração. Sou tímida para apresentações em público. Ele sabia disso. O maldito bastardo sabia e me obrigou a isso.

Jayden

— Dispensados. — fiz um sinal e a sala voltou a se iluminar. Os olhos azuis me encaravam atônitos. Ela começou a recolher seu material. Meus olhos se recusavam a deixar sua figura elegante e sensual, na medida certa. Ela estava muito, muito mais bonita. Havia algo diferente, mas ainda não descobri o que é. — você fica Srt^a Miller. — ela estacou a caminho da porta. A sala

já estava vazia. Andei devagar até ela, meus olhos se banquetando com suas novas e exuberantes formas. Seu corpo enrijeceu quando parei atrás. Era possível ouvir sua respiração rápida, entrecortada. A vadia estava tão afetada por essa merda quanto eu. Meu olhar vagueou de novo pelas costas estreitas, descendo lentamente pela cintura fina, parando nos quadris que pareciam mais largos. Reprimi um gemido. A bunda que já era perfeita há dois anos, agora era uma ameaça à sanidade de qualquer homem hétero. Imagens dela dobrada sobre o meu colo me assaltaram e me inclinei para frente. Meu corpo perdia o controle perto dela. Essa foi a única mulher que teve poder sobre mim. Cheirei seus cabelos. Seu corpo tremeu. O perfume tão familiar de morangos silvestres entranhou em mim como uma droga. Santa Mãe! Meu pau enlouqueceu dentro das calças e eu me amaldiçoei pela fraqueza. Estou na merda de novo! Preciso me livrar dela! Rápido!

— Por que ainda está aqui? Com certeza já sabia que a King's era a compradora. — rosnei me afastando dela, do seu corpo e cheiro tentadores. — sinto informar, mas a

vaga de *vadia do chefe* não está disponível, Cassie. Para você, nunca mais. — suas costas se esticaram rígidas e ela se virou devagar para mim. Os grandes olhos magoados.

— Co-como? — gaguejou seu lábio inferior tremendo. Ela gagueja quando está nervosa. Houve um tempo em que achei isso encantador. Merda! Eu achava tudo nela encantador. Mas ela não era nada do que pensei. A vadia maldita me traiu! Ela, com essa cara de anjo era a porra de uma espiã dentro da minha empresa. Usou-me. ELA ME USOU! Eu a odeio! Odeio!

— Sabia que eu era o comprador? Por que está aqui se deixei bem claro que nunca mais queria pôr os meus olhos em você? — disse entre dentes.

— Eu não sabia. — encarou-me com uma expressão calculadamente vulnerável nos olhos. Não caio nessa merda de novo. — acredite também não queria vê-lo nunca mais.

Abri um riso sarcástico. Não acredito em nada que sai dessa boca. A porra da boca que me fez ter sonhos

eróticos com uma estagiária pela primeira vez na minha vida. Nunca me envolvi com mulheres da empresa, mas Cassandra Miller chegou com seu jeito e corpo de menina. Seus cabelos ruivos, seus olhos azuis malditos e sua inteligência. Ela era a merda do pacote completo, possuía tudo que me atraía em uma mulher. Pode parar agora, seu grande bastardo! Minha expressão era séria, ameaçadora quando a encarei de novo.

— Quantos foram?

— O quê? — indagou parecendo confusa.

— Com quantos foi para a cama aqui nessa firma? — fulminei-a com olhos impiedosos. — é assim que você faz, não? Usa o sexo como moeda de troca.

O rosto dela ficou pálido, depois vermelho e os olhos faiscaram formando lágrimas nos cantos.

— Está me chamando de...

— Vadia? Prostituta? — a cortei, friamente. — é isso que você é, não? Sussurrava *eu te amo* no meu ouvido, deixando que fodesse seu corpo como bem quisesse. Mantinha-me *entretido* enquanto seu comparsa, seu

amante tentava me roubar um negócio de milhões! — sibilei. Seus grandes olhos turvaram de lágrimas, mas ela piscou e tomou uma respiração profunda. Quando falou, sua voz saiu cansada, resignada.

— Entendi. Estou de saída. — disse e virou-se em direção à porta.

— Volte. Ainda não acabei com você, Cassandra Miller! — rosnei entre dentes.

Ela voltou-se para mim de novo, os olhos turvos de raiva, incendiados agora.

— Por quê? Há mais algum nome desprezível de que queira me chamar?

— Não pense que essa expressão ultrajada pode me comover. — dei-lhe um olhar gelado. — sou imune a você, querida. Então, se está aqui pensando que pode voltar para minha cama, esqueça. Não costumo repetir cardápio, se é que me entende. — dei um riso cínico, mas desci o olhar sobre seu corpo analisando descaradamente. — a não ser que tenha aprendido alguns truques novos...

— Você é mesmo um grande cretino! — cuspiu com

desprezo. — príncipe? Sei. Está a anos luz de ser um cavalheiro.

— Também não vejo nenhuma dama nesta sala. — ri mais debochado — Você vê?

— Vamos, diga logo que vai me demitir. — pediu impaciente. — estou cansada desse jogo de gato e rato e já sei da sua opinião sobre mim.

— Mas você adora jogar, Cassie. — murmurei. Seus olhos inflamaram. — é uma sub nata. Nunca tive outra igual. Obediente, sensual e gostosa, muito gostosa. — sua bravata sumiu e ela era novamente a garota de dois anos atrás. Seus grandes olhos azuis implorando por mim. Era involuntário. Não sei se ela ao menos se dava conta de que estava me chamando para fodê-la com seus olhos. A imagem dela se ajoelhando na minha frente invadiu meu cérebro, bem nítida. A forma como me agradava. Seu corpo balançou e continuei ordenando com meu olhar. Ajoelhe-se escrava! Resfolegou e usou a pasta como escudo, apertando-a contra o peito, no entanto não conseguiu quebrar o contato visual. Sorri. Ela acha mesmo

que isso vai protegê-la de mim? Ok. Suavizei o olhar e ouvi seu suspiro aliviado. Adoro brincar de gato e rato. Há uma curiosidade sobre o gato. Ele brinca sadicamente com a presa antes de comê-la. Adivinhem... Eu também. Mas vamos ao que interessa que é dizimar essa vadia das minhas vistas. — Se sabe da minha opinião a seu respeito por que não se demite e torna tudo mais fácil? — sugeri.

— É esse o seu plano? Torturar-me até fazer com que me demita para que sua fama de tubarão corporativo aumente mais? — Cassie se alterou e seus olhos adquiriram um brilho desafiador contrastando com a postura subserviente de antes. Observei as faces lindas e coradas da mulher à minha frente. Ah! Ela daria um novo sentido à palavra *tortura* se ousasse continuar perto de mim, fazendo-me ter que vê-la todo dia, fazendo-me desejá-la. Não quero desejá-la, porra! Desprezo-a! É só desprezo que quero continuar sentindo!

— Admito. Você me pegou. — falei levantando as mãos em uma cínica rendição. — Você é realmente muito esperta, não? — completei com zombaria.

— Não sou burra e se é esse o seu plano, pode esquecer. Não vou pedir demissão. — afirmou abaixando um pouco a pasta, o gesto destacando os seus peitos. Meus olhos masoquistas voaram imediatamente para lá.

Eles também estavam mais cheios. Na verdade ela toda estava diferente. Tinha um ar refinado, seus modos eram mais contidos, livres da afobação da estagiária que babava em meus sapatos. Há dois anos ela teria caído de joelhos quando a testei agora há pouco. Sim, era só um teste. Lembrem do gato? Mantenham isso em mente. Voltemos a ela, Cassandra Miller, meu inferno pessoal. As curvas ganharam contornos voluptuosos. Tentadoramente voluptuosas.

Franzi o cenho. O que diabos estou fazendo? Divagando aqui como um imbecil, deslumbrado com os novos atributos dessa golpista do caralho? Filha da puta! Não vou me deixar levar de novo só porque ela tem um corpo bonito. Santa Mãe! Bonito não, era espetacular, porra! Seu peito arfava, levantando rapidamente. Foi possível perceber seus mamilos claramente eriçados

mesmo por baixo do sutiã. Foda-se! Meu corpo estava fervendo desde o momento em que ela surgiu naquela porta. Não sinto esse tipo de excitação há muito tempo. Há exatamente dois anos para ser sincero. Maldita vadia! Vai pagar por isso! Por me deixar assim. Agora! Avancei até ela com passos decididos. Os olhos azuis foram tomados pelo pânico, arregalando-se enquanto recuava à medida que eu avançava, por fim não teve mais para onde fugir. Bateu com as costas na parede. Sua respiração ofegante e trêmula.

— O- o que pensa que está fazendo? — ela grunhiu assim que a prendi, colocando uma mão de cada lado na parede.

— Provando um ponto. — sussurrei bem próximo aos lábios cheios e insuportavelmente convidativos dela. — me fale Cassie. Os outros a fizeram chorar de prazer como eu fiz? — toquei o rosto dela, roçando o polegar na boca carnuda. — quantas noites foi para a cama pensando no que sentia quando meu pau estava profundamente enterrado em seu corpo? — descí a mão acariciando o

pescoço alvo no ponto onde latejava. Minha mão se fechou em sua garganta. Seus olhos alargaram, dilatando-se. A submissa dentro dela dando as caras de novo. Meus lábios se abriram num riso lento, cínico, triunfante. — Todo o resto pode ter sido uma mentira, mas o sexo era bem real, duro, quente, explosivo, perfeito entre nós. Você quer isso de novo, não é? Não tente negar. A submissa em você está louca para ser dominada, fodida como nos velhos tempos, lembra? — arquejou e ampliei o sorriso. — claro que lembra, não é? Foi para a minha cama virgem, intacta.

— Não! Pare com isso. — disse num sussurro ofegante. Sua luta para não ceder a mim era clara nos olhos arregalados, mas ela estava excitada.

— Me pare se for capaz, Cassie. — rosnei em seu ouvido, mordendo sua orelha, fazendo-a estremecer. Minha boca deslizou para o queixo, beijando, mordendo. Subiu até capturar seu lábio inferior entre os dentes. Colei-me a ela. Meu pau duro cavando em seu ventre. Podia sentir as batidas fortes de seu coração agora, que

era um reflexo do meu, porque contra as todas as probabilidades, apesar das merdas que essa maldita garota me fez, ainda a quero. Merda fodida! Eu ainda a quero! Infiltrei a outra mão pela barra de sua saia, acariciando a coxa macia, procurando desesperadamente sua boceta quente. Ela deixou escapar um gemido estrangulado quando toquei a calcinha já empapada. Merda! Nós dois estamos na merda! Gemi também deslizando o polegar em seu clitóris por cima da calcinha. Gemeu de novo e mandei o autocontrole para o inferno ao senti-la tão excitada. Mantive o agarre forte em seu pescoço e mergulhei na sua boca num beijo sedento, faminto, enquanto minha outra mão brincava entre suas pernas. Porra! Havia bloqueado isso. Havia bloqueado isso a muito custo. As lembranças do seu gosto, da sensação devastadora que era estar assim com ela nos meus braços. Esmurrou-me no início. Grunhiu em minha boca. Seus punhos batendo nos meus ombros e peito com força. Afastei a calcinha para o lado com brusquidão e meti dois dedos. Uivei ao sentir seu canal quente, vibrando à minha volta. — porra! Boceta gostosa! Tão

quente e apertadinha! — rosnei em seus lábios. Seus punhos foram perdendo a força e pararam os golpes. Ela apenas arquejava agora. Entregue. Mergulhei de novo em sua boca com mais fome dessa vez. Sua língua finalmente veio encontrar a minha e nos devoramos mutuamente. Rosnando, ganindo. Continuei comendo-a com fúria. Fodendo sua boca e boceta ao mesmo tempo. Santa Mãe! Dois anos privado disso. Apertei mais seu pescoço e continuei metendo os dedos com vontade. Ela rebolava agora. Tão louca. Descontrolada como eu. Sorrio em sua boca e mordi forte seu lábio inferior. — deliciosa, porra! — Grunhiu quando girei os dedos bem devagar em sua vulva escorregadia, seus líquidos escorrendo por entre meus dedos, sua respiração rápida, entrecortada. Ela estava quase lá. Sorrio de novo. Larguei seu pescoço e retirei os dedos de seu canal. Levantei-a pelas nádegas deslizando meu pau na sua boceta molhada. Enfie-me entre suas pernas sem interromper o beijo, enlouquecendo-a, enlouquecendo-me com o contato de sexo contra sexo. Ela gemeu, enfiando as mãos nos meus cabelos, puxando-os, um som de lamento saindo de seus

lábios. Estremeci. Meu pau enfurecido, reconhecendo seu gemido desesperado, necessitando dele enterrado nela. A fera dentro de mim deu um misto de gemido e rosnado. Fomos consumidos por um desejo violento. Levados de volta a um tempo em que éramos como dois animais. Devoramo-nos famintos. Ela cruzou as pernas no meu quadril, entregando-se de vez. Nosso beijo era duro, muito duro, agora. Senti gosto de sangue. Não sei quem mordeu quem. Viramos uma confusão de mãos numa exploração despudorada e selvagem do corpo do outro. Gemeu quando me apossei de seus peitos, circulando os mamilos por cima da blusa. Procurei por botões, mas não havia. Num segundo a blusa foi levantada bruscamente, o sutiã afastado e abandonei sua boca passando a lamber, sugar e morder os dois montes arredondados com voracidade. Ela pendeu a cabeça para trás contra a parede, fechando os olhos num abandono sexy pra caralho. Injetou os peitos na minha boca. Um gemido alto ecoou no recinto. Não soube dizer ao certo se era meu ou dela, mas o som a fez abrir os olhos. Uma expressão de choque tomou conta deles. Seu corpo retesou-se, enquanto

relanceava o olhar pela sala de reuniões. Fechou-os de novo com força e meneou a cabeça várias vezes. Algumas mechas ruivas soltando do coque que estava se desfazendo. Nossas respirações alteradas, enlouquecidas, ecoando na sala silenciosa.

— Não! — disse e suas mãos vieram com força empurrando-me no peito, mas não cedi um milímetro. — eu disse não! Droga! — Grunhiu de novo e me empurrou com mais força. Seu tom foi angustiado, com um toque de repulsa que eu nunca tinha ouvido antes. Soltei-a e ela quase se desequilibrou nos saltos. Seu corpo tremia violentamente. Antes que me defendesse sua mão cortou o ar e acertou o lado direito do meu rosto num tapa que estalou no ambiente.

A fúria tomou conta de mim. Fechei os punhos com força, a fuzilando por alguns instantes, seus olhos chocados, atiraram-me adagas de volta por ter me batido ou por ter tomado consciência do que acabamos de fazer. Ou talvez as duas coisas. Meu coração batia como um tambor e meu pau doía pela louca vontade de estar dentro

dela. De me enterrar profundamente. Seria muito fácil dominá-la e fodê-la duro do jeito que nós dois gostamos. Merda! O que diabos estou pensando? Fechei os olhos e gemi mortificado. Merda! Mil vezes merda! O que deu em mim para pular em cima dela dessa maneira? Arrumei meu terno com gestos deliberadamente lentos, tentando recobrar algum controle. Levantei a vista para ela, os lábios cheios estavam mais inchados e os grandes olhos azuis me encaravam brilhantes. Parecia prestes a chorar. Aquela imagem me tocou de alguma forma. Dei-lhe as costas indo em direção à janela de vidro. Minha intenção era apenas provocá-la. Mas no momento em que a toquei, senti seu cheiro, seu gosto único, fui consumido por uma necessidade primitiva de possuí-la, dominá-la novamente. Sempre orgulhei do meu autocontrole em relação às mulheres. Nenhuma jamais havia me subjugado, mas *essa* garota chegou muito perto disso. Fazia-me agir como um adolescente estúpido. Há dois anos quando a vi pela primeira vez linda, ingênua e inocente, experimentei sentimentos, emoções que sempre duvidei que existissem. Eu a quis para mim e quando a tive era como se não

faltasse mais nada. Mas ela não era nada ingênua. Descobri um mês depois. Flexionei os punhos de novo. Uma vontade louca de socar algo.

— Você não vai mais me tocar, ouviu? — sua voz soou num tom decidido. Virei à cabeça em sua direção. — ou eu o processo. — acrescentou abaixando-se para pegar a pasta que havia deixado cair.

— O quê? — meu tom e meu olhar foram gelados agora. Enfiei as mãos nos bolsos. — se enxerga querida. Já disse que o cargo de vadia do chefe não está disponível para você. — falei zombador. — está dispensada, *Srt^a Miller* — torci meus lábios com escárnio ao pronunciar seu sobrenome.

— Ok. Eu me demito. — avisou. Seu tom firme me fez levantar uma sobrancelha irônica. Sério? Assim tão fácil? — recuso-me a ter um imbecil como chefe. Um idiota que se julga o rei do mundo. — completou e girou nos calcanhares rumo à porta.

Puxei uma respiração profunda e fitei o espaço vazio por algum tempo, assim que a porta se fechou. Odeio

sentir essa sensação. A sensação de ter agido errado. Sou um bastardo, mas não na minha empresa. Trabalho para mim é algo sagrado. Não devia ter ido para cima dela e a pressionado, por mais que a despreze, não quando é uma funcionária. Ela tinha todo o direito de me processar se quisesse. Seu projeto é a perfeição. Ela já era uma garota prodígio quando foi para a King's. Sempre soube que seria uma profissional brilhante. Bufei. Pena que no quesito moral, deixa muito a desejar. Mas era melhor assim. Cassandra Miller estava fora da minha vida novamente. E por que não me sentia tão satisfeito com isso? A resposta era uma só. Ainda a desejava com um desespero quase imoral como há dois anos! Porra! Bastou colocar os olhos nela de novo para pensar apenas com meu pau! Não! Jamais chegarei perto dessa golpista novamente. Jamais! Preciso ligar para aquela modelo que anda me rondando desde a minha chegada há três dias. Qual era mesmo o nome dela? Sara? Solange? Simone? Torci meus lábios com desdém. Não importava. Marcarei um jantar e depois, nada que algumas horas na cama não resolvam. Espero que a loirinha goste de sexo duro.

Sorrio empurrando qualquer sentimento de culpa da mente. Empurrando Cassandra Miller de volta ao passado, de onde, aliás, nunca devia ter saído.

CAPÍTULO DOIS

Cassandra

Depois daquela sessão de tortura na sala de reuniões, havia uma semana que Jayden não dava o ar da graça no escritório da Paraíso Arquitetura. Os jornais informavam que ele esteve em Ardócia para o casamento do irmão Dominic. Dom e Helena eram o casal do momento. Sempre eram flagrados em situações, digamos embaraçosas, mas a imprensa os amava. Tudo que faziam virava notícia. Oh! Deus! Jayden era um príncipe agora. Se o abismo entre nós já era enorme, tornou-se intransponível.

O gerente executivo da *King's Corporation* assumiu o trabalho no resort de Angra desde então. Entretanto, minha situação continuava indefinida, pois voltei no dia seguinte ao nosso reencontro desastroso, mas ninguém me deixou retomar minhas funções. Ordens do cretino. Acabei pensando melhor e não vou fugir com o rabo entre as pernas só porque *sua alteza* não quer me ver. Foda-se ele!

Ficarei bem aqui. Os incomodados que se mudem. Recuso-me a levar um pé no traseiro de novo.

Sei que vai tentar de todas as formas me mandar embora, mas não vai ser tão fácil. Não dessa vez. Apesar de ter visto a aprovação do meu projeto nos olhos escuros, sei que dificilmente me aceitaria em sua equipe. Não depois de tudo. Meu passado me incrimina. Ele pensa que fui plantada na sua empresa e em sua vida para espioná-lo. Por isso me usou e jogou fora como um monte de lixo. Fui tão estúpida ao acreditar cegamente em tudo que meu meio irmão Mark me dizia. Inclusive quando disse que me amava e que seríamos uma família finalmente. Sou fruto do caso de Albert Springs, famoso empresário do ramo da hotelaria com a camareira de um de seus hotéis. Tive minha vida, meus estudos custeados pelo dinheiro de um pai que jamais conheci. Albert morreu quando eu era ainda adolescente. Só então fiquei sabendo que tinha um irmão. Mark não me aceitou no início. Destilava seu ódio sempre que me encontrava. Odiava principalmente minha mãe, Samantha. *Vadia interesseira* era a expressão preferida dele quando se

referia a ela. Como assim, se minha mãe nunca reivindicou nada para si? Apenas aceitou o dinheiro para cuidar de mim. Isso se chama justiça. Mas não era assim que meu irmão via as coisas. Aos vinte e um anos me formei com louvor em arquitetura, mas a doença de minha mãe acabou tirando todo o brilho pela conquista. Uma doença degenerativa. Não havia cura, apenas tratamento paliativo, disseram os médicos. O tratamento era muito caro. Não havendo a quem recorrer. Procurei por Mark desesperada e pela primeira vez na vida ele me recebeu bem. Bem demais para ser verdade, no entanto, não estava em condições de julgar isso adequadamente na época. Mark passou a custear o tratamento. Passou a demonstrar mais afeto e preocupação conosco, principalmente comigo. Mais tarde eu finalmente entenderia o porquê da mudança. Mark descobriu que eu havia saído da universidade direto para a maior empresa de engenharia do Reino Unido, a *King's Corporation*, do bilionário Jayden King. Suas aquisições estavam se ampliando com a construção e restauração de resorts por toda a Europa. Jayden também era seu concorrente direto em um negócio

de milhões de dólares.

Fui friamente manipulada e traída pelos dois homens que amei. Nunca tive forças para resistir às investidas de Jayden desde o momento em que colocou aqueles olhos escuros sombrios e hipnóticos sobre mim. Ele sempre me subjugou só com o olhar. Ordenava-me e eu fazia. Fiz tudo. Dei-me completamente àquele homem e ele pisou em mim como um inseto.

Meu celular tocou, tirando-me da introspecção. Abri um pequeno sorriso ao ver o nome na tela. Era Vitor, meu namorado. Sim, eu estou tentando seguir em frente. Ainda é bem recente. Estamos juntos há apenas dois meses. Fiquei um bom tempo sem querer me envolver com ninguém. Havia criado nojo, ódio de todos os homens que se aproximavam de mim, mas ele soube me conquistar aos poucos. É um arquiteto renomado, além de filho único de Alfredo Magalhães. As mulheres faziam fila atrás dele, mas escolheu a mim e isso minou minha resistência. No entanto, ainda não me entreguei a ele. Não fizemos sexo para ser mais clara. Não me sinto pronta. Levei uma

rasteira brutal na primeira vez que amei. Agora quero ir mais devagar.

— O cretino já chegou amor? — sua voz firme soou do outro lado da linha.

— Ainda não. Deixe que resolvo isso, Vitor. — ele havia ficado possesso quando alguém contou a ele da sabatina a que fui submetida na sala de reuniões. — ele vai ter que me ouvir.

— Não vou deixar você sozinha com ele de novo, Cass. — afirmou veemente. — já estou indo para sua sala. Assim que o imbecil chegar vamos enfrentá-lo juntos. — porque os homens têm que ser tão teimosos e mandões? Acabei concordando e desliguei em seguida. Suspirei, levantando-me da cadeira, sentindo-me subitamente sufocada na sala pequena em que me jogaram. Maldito! Isso não ficaria assim. O todo poderoso teria uma surpresa quando chegasse. Esfreguei meus olhos e tomei mais um copo de café. Era o segundo da manhã e o expediente estava apenas no início. Samuel quase não me deixou dormir ontem. Meu pequeno pegou um resfriado e

estive com febre a noite inteira. Se bem conheço os gêmeos, se não cuidasse de Samuel adequadamente logo Lucas também cairia doente. Era sempre assim, quando um sentia um mal estar, o outro não tardava a sentir também. Meus filhos são tudo na minha vida. Foram eles que me deram forças para continuar depois da morte da minha mãe há um ano. Tive que sair de Londres depois disso. Aceitei o convite do meu tio James que era casado com uma brasileira e vivia há muito tempo no Rio. Mas agora *ele* está aqui também. Um golpe muito perverso do destino, nos colocar frente a frente de novo, fazendo-me lembrar de tudo que lutei tão ferozmente para esquecer, apagar da memória. Sua beleza morena, seu charme primitivo, indomável, seu cheiro, seu gosto, o prazer entorpecente, viciante, a forma como tocava, tomava, dominava meu corpo como se fosse o dono. Só ele.

Minutos depois fui informada que Jayden já se encontrava em seu escritório. Anunciei-me e o cretino me deixou esperando por uma hora. Uma hora! Então Vitor perdeu a paciência e invadiu a sala. Meu coração saltou descompassado quando o avistei em pé, virado para as

janelas, parecendo perdido em pensamentos. O rosto moreno virou na nossa direção e meu corpo todo estremeceu quando nossos olhares se cruzaram. Algo brilhou no fundo da íris escura. Suas narinas dilataram sutilmente e seus olhos desceram pelo meu corpo sem pressa. Arfei. Vitor puxou-me pela mão todo o caminho até a mesa de Jayden.

— Que história é essa de humilhar a minha namorada na frente de toda a sua equipe, *King*? — Vitor ironizou seu sobrenome.

Uma sobrancelha negra subiu em clara confusão, mas aos poucos sua expressão retornou ao sarcasmo de sempre. Seus olhos se fixaram em nossas mãos unidas. Franziu um pouco o cenho e seus lábios torceram num meio sorriso. Quando os olhos escuros fitaram Vitor havia um brilho letal neles.

— Primeiro quem é você, amigo? E o que diabos pensa que está fazendo invadindo meu escritório dessa forma? — Jayden rosnou, enfiando as mãos nos bolsos. Ele faz isso quando está muito irritado. É uma forma de tentar

conter a ira. Havia me confessado.

— Sou Vitor Magalhães. — vi quando o reconhecimento tomou o rosto de Jayden. — e namorado de Cass. — os olhos escuros inflamaram com as últimas palavras de Vitor. — ela não vai sair daqui, está ouvindo? Cass é maior aposta desta firma. Meu pai a respeita como uma filha. Se ele ficar sabendo que quer jogá-la fora, o negócio será desfeito pode ter certeza. — Jayden inalou o ar bruscamente, seu maxilar tenso.

— É isso que quer Srt^a Miller? — os olhos negros pousaram em mim irônicos, cruéis, diabólicos. — ficar comigo? Tem certeza que está preparada para isso? — sua voz foi um tom mais baixo e não consegui evitar estremecer de novo. Seus olhos estreitaram sutilmente.

— S-sim. Não vou fugir. — afirmei o mais convincente possível. Sua boca se curvou num sorriso completo agora, enigmático. Os dentes brancos destacando no rosto moreno. Um riso de lobo prestes a devorar o cordeiro.

— O cargo continuará sendo seu. Na verdade eu iria mesmo atrás de você. — revelou e meus olhos se

arregalaram estupefatos. — seu projeto é perfeito Srt^a Miller. Sou um profissional acima de tudo. Peço desculpas pela forma como a pressionei diante da equipe. Aquilo foi realmente abusivo. — meu queixo caiu. Ele estava me pedindo desculpas? Jayden King, pedindo desculpas? Ele bateu com a cabeça? Seus olhos se fixaram na minha mão que Vitor ainda segurava e subiram de novo para me encarar. Um brilho perigoso, desafiador se instalando lá. — no entanto, não pedirei desculpas por todo o resto. — murmurou e arquejei. Meu coração enlouquecendo de novo. Oh! Merda! O cretino quer me complicar.

— Houve mais, amor? — Vitor virou o rosto para mim, os olhos muito atentos. Mas agora havia uma centelha de desconfiança lá. Foda-se! Maldito Jayden King! — diga-me, Cass.

A risada baixa, jocosa de Jayden me fez encará-lo de novo.

— É, diga a ele, *Cass*. — ironizou a forma carinhosa com que Vitor me chamava. Meu corpo foi tomado por

calafrios. Mantive-me calada sob seu escrutínio desconfortável. Ele ampliou o sorriso. — você não vai dizer, não é? Claro que não. — pausou significativamente, os olhos negros me consumindo. — então eu mesmo direi a esse imbecil desatento. — Vitor se retesou com a ofensa e eu me preparei para o pior, porque o cretino estava me ferrando. — *Cass* me beijou como se o mundo fosse acabar. Pegamos fogo em plena sala de reunião, *parceiro*. — odiei a forma insinuante como pronunciou *parceiro*. Seus olhos se desviaram para Vitor, uma expressão dura tomando o rosto bonito. Antes que pudesse retê-las as palavras deixaram minha boca:

— Você me beijou, seu cretino! Você! — disse entre dentes. Vitor fez um som de desagrado. Não tive coragem de encará-lo. Eu queria me enfiar em algum buraco bem fundo.

— Você correspondeu querida, dá no mesmo. — Jayden rebateu, dando de ombros.

— Ouça seu bastardo arrogante. — Vitor tremia de raiva agora. — você nunca mais vai tocar nela! Você vai

respeitá-la como merece. Está me ouvindo? — disse. Seu tom subindo. — ela já viveu muita merda com um idiota do seu passado que a engravidou e a tratou feito lixo. — meu sangue gelou nas veias. Oh! Meu Deus! O que ele estava fazendo? Preciso pará-lo.

— Vitor...

— Cass é mãe solteira. É uma mulher batalhadora que cria duas crianças sozinha. É uma excelente profissional e vai tratá-la com respeito daqui para frente, ou vou processá-lo. — a voz furiosa de Vitor arrancou um gemido dos meus lábios.

— Você tem dois filhos!? — Jayden injetou os olhos escuros nos meus, perfurando-me como lasers. A expressão chocada momentaneamente.

— Dois garotos. São gêmeos. — Vitor acrescentou ainda convicto de que estava me defendendo. Gemi de novo. — tem um ano e três meses. Muito pequenos ainda. Portanto, procure as suas vadias para se divertir e deixe a minha namorada em paz, ok? — Os olhos de Jayden ficaram ainda mais chocados com a menção da idade dos

meus filhos. Então, uma suspeita foi percebida claramente na sua expressão.

— Um ano e três meses? — murmurou entre dentes e eu podia ouvir as engrenagens de seu cérebro privilegiado fazendo as contas. — eles são meus? — rosnou. — Porque se forem e você me escondeu isso todo o maldito tempo, vai me pagar por cada dia que me manteve distante deles, sua ordinária! — ele berrou a última parte. Puta que pariu! Ferrou!

Londres, Inglaterra, dois anos antes...

Havia caído uma chuva torrencial, mas o sol já se abria de novo quando descii do ônibus e atravessei a faixa de pedestres. Andei fascinada, meu foco estava no próximo edifício. A imponente e moderna construção da *King's Corporation*. Era meu primeiro dia na maior empresa de engenharia do Reino Unido. Não podia acreditar na minha sorte ao ser selecionada em primeiro lugar para um estágio remunerado. Meu coração já batia descompassado só pela possibilidade de ver de perto o famoso engenheiro Jayden King. Ele era tão jovem e já

tinha o mundo a seus pés. Andei extasiada, me aproximando da frente, admirando a fachada toda de vidro e ferro forjado. As letras grandes de bronze davam uma elegância e certa arrogância a um observador mais atento. Desde pequena sou apaixonada por fachadas. Elas dizem muito da personalidade de seus donos e esta coincidia com o que a imprensa dizia dele, *um gênio indomável*. Obriguei-me a dar mais um passo e desci rápido para a calçada de concreto que dava entrada ao estacionamento.

— Saia da frente, sua louca! — uma voz profunda e enfurecida me parou, mas não tão rápido e o motoqueiro fez malabarismo para desviar de mim. Gritei quando o guidão passou lateralmente com força contra minha barriga. Um impacto doloroso e tentei me equilibrar, mas caí de bunda no chão. Minha bolsa e pasta escaparam das minhas mãos se abrindo e esparramando boa parte do conteúdo no chão ainda molhado. Levei as mãos à barriga, massageando-a. Fiquei sem ar por alguns segundos. Ajeitei meus óculos e me ajoelhei começando a catar meus pertences. — você está bem? Merda! Por que se jogou na frente da minha moto desse jeito? — mãos

grandes e ásperas seguraram meus cotovelos, obrigando-me a erguer o rosto para o sujeito grosseiro que tinha me atropelado. Dei de cara com um peito musculoso numa camiseta branca sob uma jaqueta preta de couro bem surrada. Engoli em seco sendo assaltada pela virilidade crua desse homem. Uma força primitiva emanava dele. Fui subindo o olhar ainda sem conseguir formar nenhuma frase. Ele tinha um cheiro embriagador. Inalei ruidosamente. Meu corpo todo estremecendo com seu toque, sua proximidade. Ele fez o mesmo som. Quando meus olhos chegaram ao rosto deparei-me com um capacete de viseira escura. Pisquei atordoada, suas mãos afrouxaram em meus cotovelos e sua voz foi mais suave quando falou de novo: — está machucada?

— N-não. E-estou bem. — gaguejei. Odeio isso. Mas acontece quando fico nervosa. — desculpe, estava distraída. Tenho uma entrevista muito importante dentro de trinta minutos e agora minhas coisas estão imundas, arruinadas. — lamentei terminando de recolher os papéis enlameados. Meu projeto e as anotações estavam quase arruinados. — Não posso me apresentar para o senhor

King toda suja e olha só o estado das minhas anotações? — ele elevou-se diante de mim e ergui minha cabeça de novo para olhá-lo. Pernas longas e musculosas numa calça jeans surrada me saudaram. Ele fez um som abafado. Não consegui identificar bem o que foi. Pareceu-me um... Gemido? Continuei lá, ajoelhada. Apesar de não ver seu rosto, seus olhos, podia sentir uma energia estranha pulsando entre nós.

— Tem uma entrevista com o senhor King? — sua voz teve uma conotação diferente, agora. Parecia tensa, grossa, rouca. Sua cabeça pendeu para o lado direito e senti de novo o desconforto de saber que me analisava por trás da viseira. — quem é você? — a pergunta foi apenas um sussurro e meus seios se arrepiaram. Puta merda! Como apenas uma voz pode me excitar assim? Isso nunca me aconteceu. Minha respiração acelerou como se tivesse subindo uns lances de escada. Ajeitei o casaco sobre o vestido escondendo meus mamilos eriçados e me forcei a responder:

— C-Cassandra. Cassandra Miller. — disse

estendendo a mão para ele. O mal-educado não a pegou. — você o conhece? Trabalha nesse edifício? — quis saber deixando minha mão cair. Ele era um grosseiro.

— Algo como isso. — disse e virou-me as costas voltando para sua moto, dando-me a visão de um traseiro duro, musculoso e suas costas largas. Fiquei lá como que hipnotizada sem conseguir desgrudar os olhos da figura misteriosa até ouvir o ronronar do motor. Sua cabeça ainda virou na minha direção um instante tenso, mas depois acelerou e sumiu no estacionamento subterrâneo. Fiquei lá tentando me recompor. Que homem era aquele? Devia ter pedido para tirar o capacete. Uma pena não ter visto seu rosto. Tenho a impressão de que era tão deslumbrante quanto seu corpo grande, forte, musculoso. Cassie, acorde. Você está prestes a conhecer uma das mentes mais brilhantes da engenharia contemporânea. Jayden King. Oh! Meu Deus! Jayden King!

Trinta minutos depois lá estava eu sentada na grande sala de reuniões, diante do gerente de RH e do sócio e vice-presidente do senhor King, Carl Turner. Era bem

jovem também. Os dois deviam ter a mesma idade. Os olhos cinza dele me analisaram dos pés à cabeça quando entrei na sala. Senti-me desconfortável pela forma como me olhou. Foi inevitável não me decepcionar porque minhas esperanças tolas de ver o grande Jayden King foram frustradas logo que me sentei e o senhor Turner se apresentou e ao homem à sua direita, informando que conduziriam a entrevista. Respondia a segunda pergunta quando ouvi a porta se abrir. Eu estava de costas não vi quem era, mas os olhares dos homens à minha frente eram atônitos.

— Eu assumo daqui. — meu coração disparou ao ouvir a voz profunda às minhas costas. Eu reconheço esse timbre. Antes que me virasse seu dono entrou no meu campo de visão e tudo o mais que estava no meu cérebro fugiu. Esse era... Puta que pariu! Esse era Jayden King! Ele usava um terno escuro sobre uma camisa imaculadamente branca. O peito muito amplo. Franzi o cenho para a familiaridade daquele peitoral. Então a realidade me atingiu como um raio. Era ele lá embaixo, no estacionamento! Nossos olhos finalmente se encontraram e

perdi o fôlego. Puta merda! Ele era muito... As palavras ainda não conseguiam se formar na minha mente. Os olhos negros e intensos flamejaram nos meus, impedindo-me de piscar ou desviar o olhar. Meu coração batia loucamente contra as costelas. Puta merda! Ele era muito! Meu astro de cinema favorito ficava no chinelo perto desse homem imponente.

— Oh! Meu Deus! — eu disse isso em voz alta? Sim, eu disse. Alguém, por favor, me dê um tiro! Quase gemi ao deixar transparecer meu completo atordoamento, encantamento por ele. Os cantos da boca bem feita subiram num arremedo de sorriso e seus olhos brilharam mais, incendiados agora. Puta que pariu! A sala ficou de repente muito abafada. Fazia calor. O que era estranho, pois momentos antes meus ossos quase congelaram quando entrei. Era ele. Meu corpo reagiu ao dele, mesmo sem ver seu rosto lá embaixo. Não consegui sustentar seu olhar e abaixei o meu para minhas mãos que cruzei num gesto nervoso sobre me colo. Meu vestido de linho azul estava meio salpicado de pingos de lama na barra. Definitivamente não acordei com o pé direito hoje.

— Jay, você nunca... — Carl ia falar algo, mas ele o cortou.

— Vou conduzir a entrevista com a Srt^a Miller. — afirmou. Seu tom contundente, a voz profunda fazendo coisas engraçadas no meu ventre. Parecia haver uma reunião de borboletas lá dentro. Ousei levantar os olhos de novo. Ele ainda me olhava. Arfei levemente. Vi pela minha visão periférica os homens se levantarem. Deixaram a sala em instantes e ele ainda continuava lá me encarando. Seu rosto moreno e pecaminosamente bonito me tirando toda a capacidade de raciocinar com clareza. Ele era muito mais bonito pessoalmente. — você está bem mesmo? Não tive como desviar totalmente. Sempre anda distraída nas ruas, Srt^a Miller?

— Estou bem. — alisei uma ruga imaginária na minha saia. — e eu estava na calçada, não na rua. — disse levantando meu queixo. Ele era muito intimidante. Seu olhar perfurava-me com uma intensidade desconcertante. Nunca me olharam assim. Meu corpo tremia. Uma onda de calor se espalhando pela minha pele, deixando os pelos

erichados. Meus mamilos ficaram túrgidos. Oh! Merda! Ele fez de novo. Isso não era muito adequado para uma entrevista profissional. Remexi-me na cadeira. Seus olhos estreitaram um pouco e ameaçou sorrir de novo. Ele sabia o que estava acontecendo comigo? Uma sobrancelha negra e arrogante se elevou me dizendo que sim, ele sabia. Abaixei meus olhos novamente. Puta que pariu! O que é isso? Por que ele tem esse efeito estranho e aterrador sobre meu corpo?

— Olhe para mim, Srt^a Miller. — seu tom foi um tanto brusco. Levantei o rosto. — você me intrigou. — disse começando a andar para trás da mesa. Ajustou o terno com gestos lentos e acomodou-se à minha frente. — diga-me: é ruiva natural?

Hein? Minha confusão deve ter sido óbvia, porque ele curvou os lábios num riso um tanto cínico.

— Desculpe?

— Responda à pergunta. — seus olhos se tornaram duros. Havia algo perigoso no fundo da íris negra. — tem pelos pubianos ruivos também? — engasguei com sua

pergunta. Que tipo de entrevista é essa?

— Com todo respeito, isso não é da sua conta, s-senhor. — Debruçou-se sobre a mesa na minha direção e minha respiração travou. Puta que pariu!

Jayden

Estudei à de perto por alguns instantes. Quando a vi atravessar a frente da minha moto lá embaixo me pareceu sem graça. Um vestidinho sensato que chegava ao topo dos joelhos. Sapatos meio salto. Eu não daria uma segunda olhada se não fosse por um detalhe: ela era ruiva. Meu pau tem um gosto específico. Ele ama ruivas. Ruivas verdadeiras. Por isso fiz a pergunta. Mas aí ela ficou de joelhos catando suas coisas e meu pau se sacudiu quando vi a cena. Uma ruiva de joelhos é minha maior tara e eu definitivamente tive que ir até ela. Quando me aproximei, senti seu cheiro. Um aroma delicioso de morangos silvestres. Para tornar tudo pior ela levantou a cabeça e grandes olhos azuis me atordoaram. Eles tinham a tonalidade mais incrível que já vi. Ela também reagiu a mim. Mesmo sem ver meu rosto, reagiu. Uma submissa

nata. Seus olhos dilataram. Suas faces tingindo de rosa, sua boquinha linda de lábios cheios que se entreabriram e eu não consegui segurar um gemido imaginando-a naquela posição enquanto deslizava meu pau até sua garganta.

— Geralmente não entrevisto estagiários, Srt^a Miller. — falei ainda olhando-a de perto. — abri uma exceção para você, no entanto.

— Por que, senhor? — tentou colocar mais confiança no se tom, mas ainda parecia um ratinho encurralado.

— Você queria uma entrevista comigo, Srt^a Miller. — sussurrei e seu rosto tingiu de rosa de novo. Ela era uma coisinha linda. Uma lufada de ar fresco no meu mundo sombrio. Não usava maquiagem alguma. Os lábios rosados foram molhados pela língua num gesto nervoso e meu pau babou nas calças. Porra! Ela é só uma garota. Como meu corpo experiente pode incendiar dessa forma por ela? Tem 21 anos recém-completados pelo que vi rapidamente em seu currículo. Era uma garota prodígio pelas notas e pelo projeto audacioso que concorreu à bolsa-estágio da King's. Era difícil conciliar essas

informações com a menina tímida aqui na minha frente. — foi isso que me disse lá embaixo.

— Eu achei que. — abriu um sorriso nervoso, tímido. Mas isso iluminou seu rosto de anjo. — eu pensei que o senhor entrevistava pessoalmente os estagiários. A imprensa o chama de indomável e perfeccionista. Deduzi que gostaria de saber quem são as pessoas que entram na sua empresa.

Analisei-a longamente. Uma resposta inteligente. Nunca pensei por esse lado. Os estagiários me estressam, sempre ávidos, afobados, babando meus sapatos. Prefiro não lidar com eles. Carl é quem faz isso, por isso ficou tão surpreso quando me viu entrar na sala. Mas essa era diferente. A atração, o tesão latente que senti ao vê-la de joelhos, a forma como reagiu a mim, ao meu toque. Tudo nela gritava submissa. Essa mantereí por perto. Bem perto. Abri um de meus sorrisos charmosos. Sim, eu tenho. Uso raras vezes, no entanto. Ele foi se espalhando lentamente pela minha boca até chegar a meus olhos. Ela resfolegou.

— Li rapidamente seu currículo e a carta de referência de seu professor orientador. É muito elogiada. — afastei, encostando-me no espaldar da cadeira, meus olhos ainda presos nela. Tamborilei meus dedos sobre o tampo de madeira polida. — essa foi uma das razões, pelas quais resolvi vir até aqui. — ela ficou lá tentando regularizar sua respiração. Seu peito subindo mais devagar agora, mas ainda estava claramente nervosa. — a outra é que você é ruiva.

— Não estou conseguindo acompanhar seu raciocínio, senhor. — seu tom confuso me fez sorrir. Ela era mesmo tão inocente quanto parecia?

— Gosto das ruivas, Srt^a Miller. — sussurrei e ela ruborizou de novo sob meu olhar. Pequenas sardas salpicavam seu nariz delicado. Ela tinha mesmo a porra do rosto de um anjo. Seus grandes olhos azuis atrás dos óculos horrendos que usava eram uma mistura de pureza e pecado. Incitavam a fera dentro de mim. Linda! Eu a quero. Ela é minha. Nunca me envolvi com meu pessoal, mas meu pau esteve duro na última meia hora. Nenhuma

mulher teve esse efeito imediato sobre meu corpo. Mesmo depois de ter ido ao banheiro e me masturbado como um louco, o bastardo ainda está duro. — trabalhará diretamente comigo. Acha que está preparada para isso? — Não tenho uma sub há três meses quando dispensei à última. A louca começou a sonhar com sinos badalando e tive que dar um basta aos seus devaneios antes do fim do contrato. Mulheres... Torci os lábios cinicamente. A tímida Srt^a Miller me olhava sem saber o que a atingiu.

— Mas o senhor disse que não se encarrega diretamente dos estagiários. — argumentou.

— Mudei de ideia. — murmurei. — quero você. — ela corou pela milésima vez e abaixou os olhos e cada vez que fazia isso, meu pau se sacudia ferozmente. Minha mente já trabalhava imaginando as muitas maneiras que a faria gozar. E o principal, as muitas maneiras que a dominaria. Uma imagem dela de mãos e pernas amarradas no meu quarto de jogos tomou meu cérebro. A pele muito branca toda rosada do açoite do meu chicote. Ela ofegante, louca para gozar, mas só faria quando eu

permitisse. Eu, seu dono, seu Senhor. — você é minha, Srt^a Miller. — meu tom saiu mais duro do que pretendia e ela sobressaltou-se, as mãos segurando os braços da cadeira. Seus dedos brancos pela força que usou. Suas coxas se juntaram discretamente e um gemido quase inaudível escapou de sua boca. — digo. Você estará na minha equipe. Vou prepará-la para o meu mundo. — ela ainda não entendia a implicação dessas últimas palavras, mas em breve, muito breve entenderia tudo. Meus olhos queimaram nos seus que estavam muito dilatados, excitados e assustados. Ou talvez ela já entendesse. O ar crepitava entre nós, uma energia densa, quente, explosiva. Éramos como ímãs nos atraindo brutalmente um para o outro e só havia um desfecho possível para toda essa química, tesão. Teríamos que gastá-la até não sobrar nenhuma fagulha. É assim que faço. Exploro todo o tesão e depois passo para a próxima. Não sou adepto de relacionamentos. Não tenho nem tempo nem saco para aguentar cobranças e mulheres pegajosas. Eu jogo com elas, fodo duro. Só isso. Nunca foi mais que isso. Nunca será. — você está dispensada, Srt^a Miller. Procure por

Hanna, minha assistente. Ela a colocará a par de tudo. Depois pode ir para casa. — seu semblante mostrou confusão. — volte amanhã e começaremos. — meus olhos desceram até seu estômago, me recordando que a atingi ali e quis saber suavizando meu tom. — você está bem mesmo?

— Oh, sim, estou bem, senhor. — abriu um sorriso mais amplo e meu coração acelerou numa reação que julguei ridícula e adolescente. Eu não me sinto assim tão vivo desde... Desde nunca. Ignorei meu coração e sua reação inapropriada. Na verdade, eu o ignoro o tempo todo. A mídia já chegou a me taxar de *coração de gelo*. Ninguém sai de onde saí e chega aonde cheguei sendo uma maldita Madre Tereza. Levantei-me devagar. Ela fez o mesmo. Seus olhos meio incertos. Deslizou as mãos sobre a saia do vestido azul que havia achado feio e sem graça lá na rua, mas agora meus olhos passearam pela silhueta esguia e nada mais era sem graça nela. Era perfeita. Eu estava fascinado, completamente fascinado e isso era novo para mim. Não me recordo de já ter sentido esse nível de desejo por uma mulher. Dirigi-me à saída

ouvindo seus passos apressados bem atrás de mim. Abri a porta, ela estacou. Nossos corpos se chocando, bem próximos. — e-eu tenho. — murmurou. Seu rosto corando de novo. Levantei uma sobrancelha indagando silenciosamente. Então a compreensão afundou em mim e não contive um sorriso. Ela estava respondendo a minha pergunta indecente. Meu pau deu um espasmo me deixando dolorido. Porra!

— Bom saber, Srt^a Miller. — murmurei de volta e minhas mãos coçaram para desmanchar o rabo de cavalo meio desengonçado que continha seus gloriosos cachos ruivos. Enfiei-as nos bolsos antes que me precipitasse. Sou um predador. Aprecio um bom jogo e o nosso está apenas começando. — muito bom saber.

— Até amanhã, senhor King. — sua voz rouca foi apenas um fio.

— Até amanhã, Srt^a Miller. — me afastei, dando-lhe passagem. Ela saiu e meus olhos se banquetearam na doce visão de seu traseiro redondo e empinado. O pacote completo. Ela era a merda do pacote completo. Olhei-a

até virar à direita no corredor. Dei um longo suspiro e saí também voltando para minha sala. Eu já estava contando as horas para colocar meus olhos sobre ela de novo.

As duas semanas seguintes foram uma tortura. Vivi um inferno tentando refrear minha fome por Cassandra Miller. Chegávamos os dois mais cedo na empresa. Ela preparava meu café e conversávamos antes do expediente. O que era apenas parte do meu plano de seduzi-la, aos poucos se tornou uma rotina que eu esperava ansiosamente como um adolescente. Às vezes ela chegava antes de mim. E era impossível ignorar os disparos do meu coração ao vê-la. Seus olhos dançavam quando me via entrar no escritório. Nessas vezes uma xícara de café sem açúcar já me aguardava na minha mesa. Ela foi relaxando na minha presença. No entanto, ainda ruborizava quando lhe dava meus olhares famintos. Acho que isso era próprio dela. Cassandra Miller foi também uma grata surpresa no aspecto profissional. Era astuta, perceptiva e muito metódica. Era tímida, mas seus apontamentos eram sempre os mais elaborados. Porra! Eu tinha engenheiros e arquitetos na minha equipe com anos de experiência que

não tinham a metade da sua capacidade e paixão. Ela se doava. Reconheci-me nela. Praticamente me mudo para o local das obras, pois não abro mão de acompanhar tudo de perto. Levei-a em muitas visitas aos canteiros de obras. A doce e inocente Cassie, como gostava de ser chamada havia se infiltrado sob minha pele. Peguei-me várias vezes repensando meu plano de tomá-la como submissa. Ela era diferente. Inadequada para meu mundo depravado. Algo em seus grandes olhos azuis me freava cada vez que tentei ir além, mas há essa força, essa energia vibrante quando estamos próximos, está cada vez mais impossível de ser ignorada. Eu a quero. Quero tão desesperadamente que chega a doer. Não consegui ficar com outra mulher desde que ela apareceu e isso está me matando porque gosto de sexo. Gosto muito. Tentei entrevistar duas submissas, mas acabei as mandando embora na terceira pergunta. Tudo que via quando as encarava era o rosto de anjo e os olhos de um azul incrível. Os mesmos olhos que me freavam, mas que também me chamavam num nível profundo.

— Tem um namorado, Cassie? — minha pergunta a

sobressaltou. Era final do expediente. Estávamos na minha sala debruçados sobre o projeto para a restauração da ponte do Rio Tâmisa. Sua cabeça ruiva levantou do arquivo. Seu perfume de morangos invadia minhas narinas me fazendo ter pensamentos muito, muito perversos. Na última hora não consegui mais me concentrar. Fiquei apenas olhando-a, travando uma luta comigo mesmo. Os grandes olhos azuis me fitaram por trás das lentes quadradas. Sua boquinha se entreabriu e ela mordeu o lábio inferior em claro desconforto.

— Não, senhor. — levantei uma sobrancelha. Já havíamos passado da fase das formalidades. Abriu um sorriso tímido. — não, Jay. — corrigiu.

— Por que não? Você é linda. — a fitei com mais intensidade. Ela arfou levemente.

— Obrigada. — disse. Suas faces incendiando. Arrumou uma mecha de cabelos imaginária atrás da orelha, num gesto nervoso.

— Já viu o Rio Tâmisa? — ela sorriu mais amplo. Seu rosto se iluminando lindamente.

— Que pergunta é essa? Claro que já vi. Nasci em Londres. — informou.

— Lá de cima? — aponteí para o teto. — voando. — completeí e seu rosto mostrou confusão. — vem, vou levá-la num passeio. — levanteí-me pegando o terno e estendi a mão para ela. Levantou-se também, mas ainda parecia incerta. Meus olhos buscaram os dela e os prendi. — você confia em mim?

— S-sim. — murmurou e sua mão tocou a minha. O primeiro contato intencional em duas semanas. Minha mão grande e calejada engoliu a dela. Um contato eletrizante. Ela sentiu também, senti seu corpo estremecer. Sua respiração acelerou. Seus olhos se tornando anuviados, submissos, clamando por mim, como sempre acontecia quando estávamos assim, próximos. Meu pau que já estava malditamente duro babou quando seu perfume gostoso se entranhou em meus sentidos de vez. Aproximei-me devagar, ficando a centímetros. Levantou o rosto para mim. Nossos olhares travaram e eu soube que havia chegado a hora. Já tinha esperado muito. Tentei com

afinco dizimá-la da mente. Tirá-la do meu corpo, mas fracassei, miseravelmente. A batalha estava perdida e só havia um caminho a tomar agora. Eu estava voltando ao plano inicial. Sou um bastardo por isso, pois tudo nela grita inocência, mas é mais forte do que eu. Preciso dela, a desejo com uma intensidade imoral. Cassandra Miller seria introduzida no meu mundo. Ainda hoje.

CAPÍTULO TRÊS

Jayden

Os grandes olhos azuis alargaram mais quando chegamos ao heliponto no topo da King's. Meu piloto nos aguardava. Eu o dispensei. Queria me pavonear para ela. Eu sei. Era um comportamento tipicamente adolescente, no entanto, não consegui evitar. Nossas mãos ainda estavam unidas. Não a soltei mais desde quando saímos do meu escritório e pegamos o elevador, um silêncio carregado de excitação e expectativas tomou conta de nós. Ela deu-me um sorriso brilhante quando a ajudei acomodar-se no assento destinado ao copiloto, prendendo-lhe o cinto de segurança. Nossos olhares se travaram por um instante. Havia um mundo de perguntas no fundo das piscinas azuis, mas lá também estava tudo que eu precisava saber. Ela me quer. Definitivamente me quer. Usei outro de meus sorrisos charmosos. Eu disse que o usava raras vezes não foi? Isso era verdade. Era, porque tenho lançado mão dele quase sem perceber quando estou

com ela. Dei a volta e assumi meu lugar. Pilotar é uma das minhas paixões, mas hoje meu sangue borbulhava e uma alegria estranha tomou-me quando fiz a aeronave ganhar o céu de Londres. Meu prédio ficava às margens do Rio Tâmisa[106] e logo estávamos sobrevoando-o, segui por cima das águas meio turbulentas. O sol era apenas uma fresta no horizonte. O manto noturno começava a cair e as luzes da metrópole já se espalhavam em pequenos pontilhados lá embaixo. A leste, nuvens carregadas anunciavam um possível temporal para mais tarde. Sobrevoamos a ponte Westminster. Cassie deu um suspiro maravilhado. Desviei o olhar rapidamente em sua direção. Seus olhos catalogavam tudo como se estivesse num parque de diversões. Perguntei-me pela milésima vez o que havia nessa garota tímida que tanto me fascinava. Ela me intrigava. De um jeito bom. De um jeito muito bom e novo.

Já havia escurecido completamente quando aterrissamos na área aberta do jardim da minha casa em Chelsea.[107] A ajudei a descer. Sua pequena mão tremia levemente quando tocou a minha. Deixei seu corpo

deslizar no meu descaradamente. Quase gemi ao sentir o calor da sua pele através do vestido fino. Meu pau esteve duro todo o trajeto. Quero que sinta o quanto estou maluco por ela. Cada vez que suspirava. Cada vez que falava, seu timbre rouco, doce, o bastardo impaciente se sacudia ganancioso, antecipando, desejando estar logo dentro dela, mas era preciso ir com calma. Antecipação, expectativa e negação são três das regras de ouro do meu manual. Não abro mão disso com minhas submissas. A espera, o jogo de sedução. A emoção de caçar, cercar a presa. Brincar com ela antes devorá-la, varrê-la do seu chão completamente é algo que aprecio. Mas Cassandra Miller está testando todos os meus limites e regras. Nunca desejei tão ferozmente uma mulher. Nunca deixei de pegar o que quero e isso está acontecendo com ela. Estava, corriji. De volta ao plano inicial. Aquele em que ela cai de joelhos aos meus pés e chupa o meu pau quando e onde eu mandar.

Meu braço foi ao redor da sua cintura, colando seu corpo macio e gostoso no meu. Minha mão deslizou atrevida até o meio de sua fenda da bundinha firme. Ela

levantou os olhos para mim, em seu rosto um lindo tom de vermelho, os olhos azuis de feiticeira anuviados de tesão. Arfou quando sentiu meu pau duro no seu ventre. Prendi seu olhar e abaixei minha cabeça lentamente. Sua respiração travou quando lambi seu lábio superior. Um som suplicante saiu do fundo da sua garganta. Ventava forte. As nuvens carregadas no leste nos acompanharam até o oeste. Minha vontade de mergulhar na sua boquinha linda era quase incontrolável. Quase. Obriguei-me a descer meus lábios pelo maxilar indo preguiçosamente pelo pescoço. Beije e mordi sem muita pressão. Seu corpo vibrou violentamente em meus braços e ela gemeu alto. Um som enlouquecedor de entrega e luxúria. Afastei-me um tanto brusco. Ela me fitou confusa. Os grandes olhos me dando a certeza de que a partir de hoje seria minha. Abri um riso conhecedor, safado, meus olhos dizendo a ela coisas muito, muito perversas. Seu rosto se desviou para o lado, buscando obviamente uma fuga.

— Essa é a sua casa, não é? — perguntou. Seu olhar indo direto para a moderna construção de três andares do nosso lado direito a uns mil metros. — por que me trouxe

para sua casa?

— Sim, é. Olhe para mim, Cassie. — toquei seu maxilar e virei suavemente. — eu tenho uma proposta para você. — murmurei. — e eu quero muito que aceite. Na verdade, eu preciso que aceite. Eu não tenho pensado em outra coisa desde que a vi pela primeira vez há duas semanas. — sua boquinha se entreabriu e sua língua passou nervosa pelos lábios. Arquejou. Ela sabia por que estava aqui. Não era tão ingênua. O que não sabia ainda era a complexidade da minha proposta. Os grandes olhos tornaram-se curiosos, assustados, mas indiscutivelmente excitados. — venha comigo. — meu tom foi decisivo e tomei sua mão de novo. Ela nada disse apenas se deixou ser guiada por mim. Tomei a passarela de concreto que dava para a casa da piscina. Abri a porta e dei-lhe passagem. Ela entrou com passos hesitantes. Seu olhar correndo pelo ambiente, ainda tentando regularizar a respiração. Fui até o balcão de mármore do bar, contornando-o. — bebe alguma coisa?

— Água, por favor. — disse numa voz contida, parou

no meio da sala abraçando o próprio corpo.

— Você não bebe? — meus olhos deslizaram esfomeados pela sua figura. Ela era linda, mas parecia não se dar conta e isso a tornava mais encantadora para mim. Detesto mulheres exibicionistas. Ela tinha boa altura. Um porte elegante. Seus cabelos hoje estavam presos numa trança que pendia até o meio das costas estreitas. Parecia uma colegial. Muito jovem. Se eu fosse decente a deixaria ir, mas não sou. Sou um predador. Ela é a presa. A refeição da qual eu me privei por tempo demais. Geralmente vou pra cima e pego o que quero, mas ela me refreou. Me fez ter crise de consciência. Coisa que raramente tenho. Ok. Nunca tenho. Era hora de pegar o controle de volta.

— Raramente bebo. — informou com seu tom apreensivo.

— Me acompanhe em uma taça de vinho. — meu tom foi incisivo, dominante. Seus olhos se alargaram incertos, mas assentiu levemente com a cabeça. — só uma. — abri a garrafa de vinho e servi duas taças. Andei devagar até

ela, parada no meio de espaço, parecendo acuada e muito mais jovem do que seus vinte e um anos. Seus dedos estavam brancos pela força com que segurava a alça da bolsa que trazia nas mãos.

— O-obrigada. — gaguejou aceitando a taça, nossos dedos se tocando fugazmente, mas nem por isso o contato foi menos eletrizante. Já percebi que gagueja quando está nervosa e isso acontece à maior parte do tempo quando está perto de mim. Acho encantador. Merda! Tudo nela é encantador.

— Relaxe, Cassie. — sussurrei tomando um pequeno gole do meu vinho. Ela fez o mesmo. — quer se sentar um pouco? — apontei para o estofado negro em forma de L no canto da sala. De repente um clarão iluminou todo o ambiente e logo depois um estrondo horrendo encheu nossos ouvidos. Então pingos grossos bateram no telhado. A tempestade havia chegado lá fora... E aqui dentro também. Meus olhos queimaram nela por sobre a borda da taça. Ela resfolegou e afastou começando a andar devagar pelo ambiente. Deixou a bolsa sobre o sofá e seu olhar

recaiu sobre o piano no canto oposto do estofado e seu rosto se iluminou.

— Você toca? — murmurou já indo em direção ao instrumento. A acompanhei me deliciando com a visão da bundinha gostosa movendo-se no balançar suave de seus quadris. Meu pau se contorceu, babando nas calças. Sufoquei um gemido. Eu tive muitas fantasias com ela aqui, no meu território. No meu mundo. Já a havia fodido em todos os cantos desse lugar em meus pensamentos. Sobre o piano era a fantasia que mais se repetia. Era curioso que tenha se dirigido inconscientemente para lá. Seus dedos finos e longos de unhas curtas e bem cuidadas deslizaram pelas teclas, o som concorreu com o barulho da chuva torrencial que caía agora.

— Não sei se o que faço pode ser chamado de tocar. — torci os lábios desdenhando de mim mesmo. Ela sorriu. Um sorriso misterioso. Um misto de sensualidade e inocência. Santa Mãe! Ela vai me matar.

— Posso? — indicou o piano com a cabeça.

— Fique à vontade, anjo. — sussurrei, seus olhos

brilharam e seu rosto ficou rosado pela forma como a chamei. Ela tomou um gole considerável do seu vinho, obviamente para ganhar mais coragem e sentou-se no banco, apoiando a taça a seu lado. Fui até a sua frente e me inclinei levemente sobre o tampo do piano. Olhou-me, olhou a chuva através das paredes de vidro à nossa volta e fez aquela coisa de alongar os dedos que pianistas profissionais fazem. Então fechou os olhos e as primeiras notas soaram. Meus ouvidos não podiam acreditar. Ela era boa, muito boa, na verdade. Inclinei-me mais. Era a música *November Rain* do *Gun's Roses*. Eu ouço muito essa banda. E Cassandra Miller me tinha babando por ela, agora. Abobalhado, arrebatado.

When I look into your eyes (Quando eu olho em seus olhos)

I can see a love restrained (Eu vejo o amor restringido)

But darling when I hold you (Mas querida quando eu abraço você)

Don't you know I feel the same (Você não sabe, eu

sinto o mesmo)

'Cause nothing lasts forever (Porque nada dura para sempre)

And we both know hearts can change (E nós sabemos corações podem mudar)

And it's hard to hold a candle (E é difícil de segurar uma vela)

In the cold november rain (Na fria chuva de novembro)

— Você gostou? — sua voz era tímida de novo quando tocou a última nota e abriu os lindos olhos, cravando-os em mim. Enquanto tocava havia uma expressão sedutora, sensual em seu rosto. Seus lábios se entreabriram de uma forma provocante. Mas acho que era involuntário. Ela não tinha consciência disso. Contornei o piano, deixando minha taça sobre a tampa e fui até ela. Levantou-se prontamente, meu olhar a perfurava, impedindo-a de se mover. Seu peito subiu numa respiração rápida. — você disse que eu o intriguei. — murmurou nervosamente afastando-se, me virando as costas. — você me intriga

também. Às vezes me pergunto o que se passa em sua mente. — acrescentou olhando-me por cima do ombro. Cobri o espaço que nos separava, parando bem próximo às suas costas. Minhas mãos tomaram a trança e comecei a desfazê-la suavemente. Ela deu um suspiro trêmulo, seu corpo sendo tomado por espasmos. Enfiei os dedos pelos cachos gloriosos e macios, espalhando-os em suas costas. Sorri. Uma risada baixa, perversa, carregada de significados. Havia chegado à hora. O dominador em mim estava emergindo com força total.

— Ficaria chocada se entrasse na minha mente agora, meu anjo? — sussurrei em sua orelha. Ela tremeu, um gemido baixo escapando de seus lábios. — nesse momento estou pensando em como ficaria linda com uma coleira de submissa em seu pescoço. — mordi o lóbulo delicadamente e minhas mãos subiram por seus braços numa carícia deliberadamente lenta. Cheguei ao seu pescoço elegante e as fechei nele, me deleitando com a maciez de sua pele alva. Meu tesão por ela indo às alturas. Enfiei o nariz em seus cabelos. O cheiro de morangos vinha dali. — e como ficaria perfeita algemada

em minha cama, enquanto enterro meu pau em seu corpo, duro, profundo. E como vai gemer quando eu estiver comendo sua bunda deliciosa. — gemeu com minhas palavras sujas. — sou assim, Cassie. — quando mordi sua orelha ela grunhiu. — gosto de foder duro, bem duro. — Minhas mãos desceram pela clavícula devagar até chegar ao topo dos seios. Ela arqueou as costas, pedindo-me silenciosamente para tocá-los. Sorri baixinho de novo e enchi as mãos neles, sentindo o peso, o tamanho perfeito. Rosnei e cavei meu pau em sua bunda. Ela gemeu. Um som de lamento. Um som absurdamente erótico que correu toda a minha coluna e foi se instalar no meu pau. — eu quis fazer isso cada maldita vez que esteve perto de mim. — mordi seu ombro com força, sentindo-a estremecer. Gritou alto. Desci uma mão pelo ventre reto parando a centímetros da sua pélvis. Ela rebolou timidamente, sutilmente. Avancei e tomei sua bocetinha quente, cavando com força entre suas coxas. — estou louco, completamente louco para comer sua bocetinha virgem. — Girei meu quadril, me esfregando mais em sua bunda. Porra! Ela era tão suave. Muito gostosa. Meu autocontrole

estava por um fio. — você é virgem, não é, Cassie?

— Ahhh! Jay... S-sim, eu... — choramingou. Massageei seu clitóris por cima das camadas de tecido. Os sons que faz me deixa ainda mais louco de tesão.

— Você é a porra de uma provocadora do caralho! E o pior, nem se dá conta disso! — grunhi em seu ouvido. — seus olhos me chamam para te foder o tempo todo. Sabia disso? — parei a carícia e a girei nos meus braços. Seus olhos anuviados me fitaram assustados. E estava tudo lá. — tem ideia de quantas vezes me masturbei no escritório para me impedir de te jogar em cima da mesa e meter meu pau até o cabo em sua boceta virgem? Você é minha desde o primeiro momento em que nos esbarramos. — murmurei em sua boca, chupei seu lábio inferior. — vou nos tirar dessa porra de espera. Vou devorar cada centímetro seu hoje. — minhas mãos entranharam em seus cabelos da nuca e puxei bruscamente, mantendo-a imóvel. Ela lamentou de novo. — Mas em troca quero sua submissão total e completa a mim. Só a mim. Acha que consegue? Ser minha e somente minha? — seus olhos eram enormes

agora. Molhou os lábios. — responda! Vai dar sua boceta, seu cuzinho e boca só para mim?

— V-você vai me beijar? — gargalhei. Era só essa a preocupação dela?

— Verdade que diante de tudo que falei sobre minhas preferências sexuais, seu único medo é de eu não beijá-la? — injetei meu olhar duro no dela. A fera dentro de mim estava arrebitando as grades para sair. — você quer me beijar? Hum? Diga-me. Tem imaginado isso? Tem imaginado, sonhado com o meu gosto como tenho sonhado com o seu? — rosnei em sua boca. Resfolegou suas mãos espalmadas no meu peito. — não vou simplesmente beijá-la, Cassie. Vou comer sua boca. De todas as formas. — cavei a outra mão em sua bunda, alinhando sua boceta no meu pau. Deslizei os dedos pela racha do seu traseiro, o dedo médio fazendo pressão para cima e para baixo. Gemi. Ela gemeu também, os lábios trêmulos, ansiosos, convidativos, esperando por mim. Abri um sorriso lascivo e finalmente mergulhei neles. Fez o som suplicante de novo. Porra! Provocadora do caralho! Minha língua

invadiu sua boca sem qualquer pudor e buscou a dela com urgência. Veio tímida no começo, mas depois suas mãos ganharam vida passeando pelo meu peito e ombros. Grunhi com seu toque suave. Puxei mais seus cabelos dobrando sua cabeça para saquear sua boca, tomar tudo. Eu estava fodendo sua boca agora. Um beijo indecente, molhado. Chupei sua língua macia, mordi seus lábios juntos. Grunhimos e incendiamos juntos. Eu já sabia que seria explosivo, mas isso era muito além do que meu cérebro conseguiu imaginar. Ela era o céu. Meu quadril simulava o ato sexual em sua boceta quente. O atrito gostoso dos nossos sexos era perfeito. Beijei-a mais duro e ela deu tudo para mim. Deixou-me comer sua boca como se o mundo fosse acabar. Perdi-me nela. No momento. Minha boca faminta não queria parar de beijá-la, mas ela estava lutando por ar. Obriguei-me a arrancar os lábios dos seus. Ela era mesmo a merda do pacote completo! Nunca um beijo me abalou tanto. Nossos olhos se abriram e travaram. Nossas bocas arfando uma na outra. Uma energia louca, primitiva havia tomado conta do ambiente e ela emanava de nós. A tímida Cassandra Miller era a

porra de uma deusa sexy. Seus olhos estavam turvos de tesão. Fazendo-me o maldito pedido. Levantei-a nos braços e me dirigi para o outro cômodo. A porta ficava estrategicamente disfarçada por uma estante cheia de livros.

Depositei-a no chão ao lado da cama de quatro colunas no centro do quarto. Seus olhos vaguearam curiosos pelo ambiente e ficaram arregalados à medida que via todos os apetrechos. Os chicotes, algemas de vários formatos sobre um aparador, vibradores de vários tamanhos. A cruz de Santo André. Mordeu o lábio visivelmente nervosa, temerosa.

— Tire o vestido. Quero ver o corpo que tem invadido meus sonhos. — minha voz foi baixa, mas inflexível. Meus olhos ordenando mais que as palavras e ela abaixou o olhar, corando encantadoramente. — tire Cassie. Mostre-se para mim. — acrescentei e fui até o bar. Servi-me de uma dose de uísque. Eu precisava estar no controle e os grandes olhos azuis mexiam demais comigo. Fui até o sistema de som e procurei algo apropriado. A chuva

ainda caía barulhenta no telhado. Selecionei *The Doors*, gosto dos caras das antigas. Rock clássico. Os acordes de *Riders on the storm* começaram e me virei para ela. O ar foi drenado dos meus pulmões. Ela estava lá, nua, completamente nua, as mãos juntas na frente do corpo alvo. A pele era branca e leitosa. Meu olhar desceu faminto sobre seu corpo esguio. O pescoço elegante me fez ter ideias perversas. Os peitos eram cheios e firmes com auréolas rosadas, mamilos bem pronunciados, eriçados. Fui descendo apreciando cada centímetro de sua barriguinha lisa. Meu copo parou a caminho da boca quando vi a boceta de lábios inchados e pelos ruivos. Porra! Ela não estava mentindo. Era uma ruiva verdadeira. Não consegui conter um gemido baixo. Os pelos estavam bem aparados como era a minha preferência. Minha boca salivou. Amo pelos pubianos ruivos. Adoro lambuzá-los com meu esperma. Não farei isso com ela hoje, no entanto. Ela precisa começar a usar contraceptivos, porque eu definitivamente vou gozar muito neles. Tomei o restante da bebida num só gole e fui até ela lentamente. Circulei-a devagar atento a todos os detalhes

do corpo perfeito. — olhe para mim, Cassie. — ordenei. Os malditos olhos azuis me fitaram e eu quase me perdi de novo. Quase. — você é linda. — toquei seus lábios passando meu polegar por eles. Ela os entreabriu. Seus olhos tão ávidos por mim quanto os meus por ela. — vá para a cama. Deite-se e espalhe bem as pernas. — obedeceu prontamente. Deitou-se e separou as coxas. — mais. Quero ver sua bocetinha virgem. — gemeu e espalhou as coxas mais amplas. Fui até as algemas e escolhi uma revestida de veludo. Era sua iniciação. Não quero machucá-la. Ela precisa descobrir seus limites primeiro. Seus olhos entraram em pânico quando viu o que tinha nas mãos.

— Jay... — sua voz foi apenas um fio.

— Shhh. Relaxe. — meu tom foi mais suave do que eu queria, mas era necessário, por enquanto. — não vou machucá-la, meu anjo. — me abaixei sobre os lençóis negros de seda egípcia e deslizei as costas da mão na lateral do seu seio direito. Seu corpo arrepiou-se. Inclinei-me mais e abocanhei o mamilo túrgido, rolando-o

delicadamente entre os dentes. Choramingou juntando as coxas. Dei uma palmada forte em sua nádega. Gritou. — se fechar as pernas de novo vou algemar seus tornozelos também, entendeu, Cassie? — meu tom foi duro, eu estava por um fio. Meu pau louco para se enterrar logo nela, mas aqui sou eu quem manda. Ela vai entender isso. Vai entender bem rápido. Sorri perversamente e chupei o mamilo duro. Ela gemeu alto, mas não tentou fechar as pernas de novo. — boa menina. — sussurrei e beijei suavemente em seus lábios. — abra os braços. Vou algemá-la nas colunas. — Ela não discutiu e estendeu os braços.

Fechei a segunda algema e fui devagar até os pés da cama. A visão era exatamente como tinha fantasiado. Os gloriosos cabelos ruivos contrastando com o escuro das almofadas. Comecei a despir-me com gestos lentos. Levantou a cabeça e seus olhos pousaram em mim gananciosos. Terminei de abrir o último botão da camisa e a puxei pelos braços. Sua respiração travou quando viu as tatuagens. Os grandes olhos azuis vaguearam preguiçosamente pelo meu abdome. Abri um sorriso

arrogante. Eu tenho um pacote de oito, graças ao treino de boxe, três vezes por semana. Levei as mãos ao cinto e o arranquei de uma vez jogando-o na cama. Eu o usaria mais tarde. Desci minhas calças e cueca tudo junto e um som de engasgo veio da garganta de Cassie. Meu riso arrogante se ampliou. Eu sou grande e grosso. Meu corpo queimou sob o olhar dela. Fui até a gaveta do aparador e peguei uma venda vermelha. Essa comprei para ela. Reforcei meu arsenal para recebê-la. Mesmo tendo crises de consciência no fundo eu sabia que nunca a deixaria ir sem gastar toda essa tara que despertou em mim. Arquejou quando subi de joelhos na cama. Seus olhos tinham um quê de vulnerabilidade. Eles me chamavam. Não resisti e arrastei meu corpo sobre o dela, suas coxas me acolhendo abertas. Gemi quando meu corpo grande e musculoso cobriu o dela tão delicado. Minhas unhas desceram pelos seus braços com pressão, mas sem arranhar. Ela gemeu alto.

— Hoje serei mais suave, anjo. — sussurrei, mordiscando seu maxilar, meus olhos buscando os dela. Enfiei minhas mãos em sua nuca e puxei seu rosto a

centímetros do meu. — não quero te machucar, mas depois será fodida sem dó, sem trégua. Aqui nesse quarto sou eu quem manda. — puxei mais seus cabelos e rosnei perto de sua boca. — sou seu dono, seu senhor e você é minha escrava. Vai obedecer. Vai me dar prazer de todas as formas e terá prazer de todas as formas também. — suavizei meu tom no final e a beijei. Um beijo suave no início, mas sua língua provocou a minha lambendo-a. Rosnei e a beijei duro. Devorei sua boca, chupei, lambi, mordi. E eu não queria largá-la de novo. Porra! Tenho vinte e oito anos! Já tive muitas submissas aqui nesse quarto. Não sou nenhum novato! Mas essa garota está me afetando em um nível que nenhuma outra conseguiu. Meu pau nunca esteve tão ensandecido para comer uma boceta. Separei nossas bocas rudemente. Ela resfolegou. Seus olhos me dizendo que está tão afetada por essa porra quanto eu. Tratei de vendá-la o mais rápido possível para fugir daquela expressão que parecia ver dentro de mim, como eu estava me sentindo sobre ela.

Afastei-me de novo e fui até o bar. Tomei mais uma dose pequena de uísque. Minhas mãos tremiam. Porra!

Meu corpo todo tremia. Estava parecendo um maldito pirralho na sua primeira vez. Eu preciso do meu controle de volta. Tomei uma respiração profunda e virei o último gole. Voltei devagar, parando para pegar os preservativos na gaveta do aparador. Meus olhos mais encantados, fascinados como nunca estiveram em toda a minha vida. Ela era linda. Muito mais linda do que tinha imaginado. Suas coxas continuavam abertas. Seu creme estava escorrendo entre os lábios. Os pelos ruivos brilhando nas bordas. Meu pau babou pré-sêmen. Avancei sobre a cama de novo. Sua respiração alterou quando sentiu minha presença.

— Tem ideia do quanto está linda aí? Pronta para mim. — sussurrei, pairando sobre o corpo delicioso de Cassie. Seus lábios entreabriram mais inchados do nosso beijo duro. Por alguns instantes apenas bebi a visão, embevecido. Ela parecia agitada, receosa. — vai ser gostoso, meu anjo, prometo. — murmurei e minha boca desceu sobre seu pescoço, beijando, lambendo, chupando. Mordi seu ombro com força e ela arqueou as costas, ofegante. Sorri baixinho e continuei meu caminho pela

clavícula, parando nos peitos deliciosos. Os juntei com as mãos e lambi lentamente os mamilos. Suas costas arquearam saindo completamente do colchão, sendo contida apenas pelas algemas e ela soltou a porra do gemido de novo. Aquele que tira meu controle. Chupei duro, tomando as auréolas na boca. Deslizei uma das mãos pelas laterais do corpo esguio, estremeceu. Passeei vagarosamente pela barriguinha lisa, deliciando-me com a maciez, descendo até chegar à sua bocetinha linda. Linda e virgem. Ela seria meu santuário por muito tempo, porque esse nível de desejo não vai embora rápido e eu vou apreciar até o último momento. Vou gastar, derramar até a última gota do meu tesão por ela. Gemi em seus peitos quando meus dedos tocaram a umidade entre os lábios de sua boceta. Dei um tapa de mão aberta pegando o clitóris e ela gritou alto, muito alto. Sorri perversamente e minha boca desceu beijando, lambendo, mordendo a carne branca. Ela fazia um contraste sexy pra caralho com meu corpo moreno e os lençóis. Pequenos gemidos ainda escapavam da sua boca, pelo susto, pela dor, mas também pelo prazer que veio depois. Mordi forte em seu ventre.

Ela ficaria marcada. Já havia chupões em toda a barriguinha linda. Seu tom de pele vai me enlouquecer. Ela viverá marcada. Desci mais e me posicionei cara a cara com minha tara: uma boceta ruiva. Soprei suavemente em seu clitóris e ela se contorceu. Seu corpo arrepiando-se. Ela já estava muito excitada. É uma subnata. Todo o ritual a deixou na borda. Desci mais o olhar e meu pau se sacudi quando vi seu cuzinho rosado, todo melado. Eu a foderia ali também. Amo sexo anal. Ela vai me dar tudo. Absolutamente tudo. Abri os lábios e enfiei o nariz em sua vulva. Porra! Ela cheira divinamente.

— Ohhh! Jay... Oh, meu Deus! — balbuciou, estremeando, seus quadris levantando. Dei outra palmada do outro lado.

— Fique quieta! Vou comer sua boceta com minha boca primeiro. Você disse a verdade. É ruiva aqui embaixo e isso te deixa em apuros. — sorri pecaminoso, sacana. — realmente em apuros, escrava, porque não vou sair de cima de você. Vou querer gozar, lambuzar seus pelos ruivos com a minha porra o tempo todo. Ouviu? — ela

gemeu. Lambi seu clitóris devagar, circulando-o preguiçosamente. Sua respiração travou. Enfieí minhas mãos pelas suas nádegas e a trouxe para mim. Bebi todo o seu creme como se estivesse morrendo de sede. E eu estava de fato. Realmente estava. Mordi seus lábios. Gritou de susto e prazer. Olhei para cima. Ela mordia os lábios. — já me imaginou fazendo isso? Hum? Pensa em mim quando está no seu quarto, na sua cama? Responda porra!

— Deus! S-sim. — choramingou. Seu rosto vermelho. Sorri satisfeito. Ela era uma coisinha linda e tímida.

— Boa menina. — deslizei meus dedos suavemente para cima e para baixo em seus lábios e sem aviso fui metendo dois dedos. Seu canal apertado era escaldante, me sugando. Uivei e descí minha boca sobre sua boceta de novo. Lambi, chupei, mordisquei com vontade, enquanto meus dedos a fodiam com força.

— Ahhhh! Jay... Oh! — balbuciou, continuei comendo-a com golpes fortes e chupando seu clitóris inchado, até que estava se contorcendo e seu corpo se arrepiando, sua

respiração alterou-se ruidosamente e ela gritou alto e gozou, seus líquidos jorrando direto na minha língua. Tomei tudo. Ela tinha a porra do gosto mais delicioso que já provei. Meu pau nem esteve dentro dela ainda e já sou a merda de um viciado! Gemidos mais baixos continuaram escapando de seus lábios. Lambi-a lentamente e recomecei, excitando-a de novo. Minhas mãos passearam pela barriguinha lisa e subiram para os peitos lindos. Os amassei suavemente, brincando com os mamilos. Não demorou muito estava arfando de novo. Levei um dedo até seu ânus e o circulei lentamente, sem tocar no centro, só deixando-a em suspenso. Ela ronronou quando chupei bem suave seu clitóris e fui metendo o dedo em seu rabinho.

— Relaxe, Cassie. Isso... Deixe-me entrar. Vou comer você aqui também, sempre que eu quiser. Adoro foder um cu. — minha voz saiu grossa, rude de tesão. Eu estava no meu limite quase gozando, passando vergonha como um adolescente, mas eu precisava mostrar quem estava no controle. Ela relaxou e meu dedo entrou todo, rasgando seu canal estreito. Rugi. Eu vou amar o rabinho seu rabinho virgem. — vai tomar meu pau ainda hoje nesse

rabo apertado. Vou gozar nele sem preservativo. Quero encher você da minha porra. Marcá-la como minha. — Ela soltou o gemido esfomeado, suplicante que estava se tornando familiar para mim. Sorri. Puxei meu dedo e deu mais uma lambida em toda a sua boceta, seus líquidos já se derramavam de novo por entre os lábios. Eu não podia adiar mais, me privar da sua boceta. Da sua tão desejada e esperada boceta. Peguei um preservativo e o abri com os dentes. Seu corpo ficou em alerta quando ouviu o barulho do lacre se abrindo. Sorri e vesti meu pau em tempo recorde. Rastejei, me acomodando em cima do corpo macio. Gemi. Ela gemeu. Peguei meu pau pela base e passei a cabeça gorda lentamente pela sua racha melada, me lambuzando em seu creme. Ela arfou. Os lábios entreabertos em expectativa. Ela era mesmo a porra de uma deusa sexy! Tive que refrear a fera em mim, porque queria desesperadamente me afundar nela em uma única estocada forte, dura, como gosto. Apoiei-me no outro braço e olhei sua boceta. Fui afundando devagar, mas firme. — shhhh, relaxe. Assim... Abra essa bocetinha virgem para mim... — gani e girei o quadril, recuei

tirando quase tudo e voltei de novo, entrando numa estocada firme até o fundo. — ahhhhh! Porra! Que boceta gostosa! Quentinha e apertadinha. — rosnei, cerrando os dentes. Eu estava louco para fodê-la bem duro, mas teria que esperar para a próxima vez.

— Ohhh! Deus! Jay... Aiii...— miou, sua respiração suspensa pela invasão. — você é muito grande... — gemeu. Sorri e a beijei suavemente nos lábios.

— Relaxe, anjo. — murmurei em sua orelha, lambendo-a. Dei-lhe tempo para se ajustar e puxei num movimento lento de quadril. Deixei só a ponta e meti de volta, assobiando de prazer. Dessa vez, meti mais fundo. Beijei e chupei seu pescoço, enquanto meu pau entrava nela devagar, bem devagar. Ela relaxou. Senti sua bocetinha me aceitar. Sorri satisfeito e tomei sua boca num beijo lascivo. Recebeu-me ávida. Minhas mãos foram por baixo de suas costas e a puxei pelos ombros. Passei a comê-la com golpes mais fortes. Ela fez o som de lamento que era a minha perdição e suas pernas vieram ao meu redor me abraçando. Meu pau se alojou em seu útero.

Rosnei em sua boca e puxei tudo. Ela gritou quando bati de volta numa estocada dura. — você é minha, Cassie? Você é toda minha e só minha? — minha voz era dura de tesão. — responda escrava!

— Jay... Ohhhh! — choramingou quando dei outro golpe bem mais duro que o outro. — Oh! Meu Deus! Sim... — gemeu no final.

— Sim, você é minha. Minha escrava gostosa! Porra! Muito gostosa... — uivei metendo sem dó em seu canalzinho apertado e escaldante. Minhas mãos a puxavam, trazendo-a para tomar meu pau profundamente. Abaixei a boca sobre a dela de novo e me permiti desfrutar de seu beijo. Hoje, só por hoje serei quase baunilha. Empurrei todo o resto para o fundo da mente e comi sua boceta como se tivesse ficado sem sexo por um ano. Meti e meti por um tempo que fugiu ao meu controle. Tudo que eu sabia era que não queria gozar logo, mas a tempestade se formando dentro de mim era parecida com a de lá de fora. Girei meu quadril lentamente duas vezes, a respiração dela ficou presa na garganta, seu corpo

suspenso, no terceiro giro ela quebrou gozando, sua vulva vibrando em torno do meu pau. Soltou soluços entrecortados, seu corpo delicado convulsionando num orgasmo intenso. Porra! Ela chorou de prazer. Eu nunca tinha visto nada igual. Não pude evitar meu ego ir às alturas. Continuei beijando-a, fodendo sua boca e boceta com ferocidade. Os sons dos nossos corpos se chocando soando acima do barulho da chuva. Minha pélvis se colando completamente, brutalmente na dela. — isso, que gostoso essa bocetinha virgem sugando todo o meu pau! Toma tudo até o cabo, porra! Toma cada centímetro do meu pau! — rosnei, sentindo minhas bolas se eletrizarem, encolherem, meu pau inchou e eu arranquei minha boca da sua, soltando um rugido gutural, animalesco e esporrei em sua boceta. — ahhhhhhhhhhh! Santa Mãe! Cassie... Anjo... — gozei e gozei sendo tomado por tremores violentos. Porra! Isso foi muito foda! Continuei metendo até derramar a última gota de sêmen na camisinha. Meu suor pingava, melando-a. Esfreguei-me nela. Gemendo com a sensação do corpo gostoso e macio. Eu me enganei, ela não está em apuros. Eu estou em apuros, porque a Srtª

virgem foi o melhor sexo que tive em um longo, longo tempo. Na verdade não consigo me lembrar de quando gozei tão duro. Estamos os dois na merda! Não me agrada sentir esse tesão desenfreado por ela. Por mulher nenhuma na verdade. As mulheres sempre foram objetos para mim. Um meio para um fim. Gani e saí de dentro dela devagar. Gememos. Ela era um vulcão em erupção. Quem diria que a tímida Cassandra Miller poderia ser fodida tão duramente na sua primeira vez? A sua carinha de anjo com certeza enganava muito. Levantei-me e fui ao banheiro. Livrei-me da camisinha e voltei. Ela estava na mesma posição visivelmente gasta. Sorri e fui até ela, livre-a das algemas, massageei seus pulsos com firmeza. Ela ronronava como uma gatinha. Por último puxei a venda e meu coração trovejou no peito com a visão dos grandes olhos azuis ainda lacrimosos. Essa garota era muito perigosa para mim. Eu já ia me levantar de novo, mas ela segurou meu braço, um toque tão suave que parei na hora.

— Eu o agradei? Digo... Você... — seu rosto ruborizou lindamente e tudo o mais sumiu do meu cérebro. Ela me ganhou completamente ali. Seus olhos incríveis, tão

inocentes ainda, derreteram algo dentro de mim e eu me estiquei ao lado dela e a puxei suavemente para mim.

— Você nunca vai saber o quanto, meu anjo. — murmurei e beijei seus cabelos. Franzi o cenho porque nunca em toda a minha vida fiquei de aconchego depois do sexo. Não demorou muito e sua respiração indicou que havia adormecido. Saí com cuidado do círculo dos braços delicados. Fiquei lá em pé do lado da cama olhando-a incapaz de entender que porra estava acontecendo comigo. Porque essa garota tem tanto poder sobre mim. Remexeu-se, suas coxas se abrindo um pouco e meu pau deu sinal de vida de novo quando vi sua bocetinha toda inchada da recente atividade. Havia algo parecido com sangue, deixando os pelos ruivos mais vermelhos. Voltei ao banheiro e molhei uma toalha. A limpei com cuidado para não acordá-la. Puxei o lençol sobre ela e voltei para tomar uma ducha.

Olhei pela janela do meu jato. Estive no Taiti a semana inteira. Mark Springs, aquele maldito asqueroso, queria me passar à perna na compra do resort. Eu estava de olho

nesses negócios há seis meses. Só pensar nele me deixava de mal humor. Não bastava o infeliz ter infernizado minha vida enquanto estávamos na universidade? O almofadinho, filhinho de papai nunca engoliu o garoto saído das ruas que era melhor do que ele em tudo, inclusive com as garotas. O que era para ser uma birra de juventude nos seguiu até a idade adulta. Eu o odeio. Nós nos odiamos.

O piloto informou que estávamos aterrissando. Cassie... Meu lindo anjo ruivo. Sorri, expulsando o imbecil da minha mente, uma alegria tamanha invadindo-me. Uma saudade brutal dela, do seu cheiro, seus olhos azuis doces quando me olhava, seu corpo gostoso que me viciou desde a primeira noite. Hoje faz um mês. Exatamente um mês que tudo começou. Tentei ferozmente me resguardar. Não sentir nada além de prazer pelo sexo enlouquecedor, explosivo que compartilhamos, mas foi mais forte do que eu. Apaixonei-me por ela, eu a amo. Sei disso porque nunca senti nada nem remotamente parecido. Há duas semanas está praticamente morando comigo. Mas ela tem uma mãe doente que precisa de cuidados. Ela ainda não sabe que paguei todo o tratamento por um ano.

Quero ver minha menina sorrindo, livre das preocupações financeiras que a atormentavam e eu no início não me importei em me inteirar. Carl foi quem me informou. Ele também se mostrou preocupado com a natureza do meu envolvimento com Cassie. Carl é um dominador como eu. No passado, trocávamos as subs quando enjoávamos. É o mais próximo de um irmão que tenho.

No entanto, com Cassie foi diferente desde o começo. Eu a quero para mim. Permanentemente. Entrei na limusine. Meu corpo já antecipando tudo que minha deusa sexy me deixaria fazer com ela. Cassie floresceu em meus braços. Seu lado sensual aflorou. Enlouquecia-me, fascinava-me. Na empresa quase ninguém sabia do nosso relacionamento, mas pegávamos fogo. Não conseguíamos ficar na mesma sala sem arrancar as roupas um do outro. Na manhã da nossa despedida no aeroporto ela disse pela primeira vez as três famosas palavras. Meu corpo gelou na hora, mas depois um torpor tomou conta de mim e eu sorri, puxando-a para mim. Beije-a duro na frente da tripulação, como se não houvesse amanhã. Senti seu corpo relaxar contra o meu e entendi que estava com medo da

minha reação. Aquela imagem permaneceu comigo cada minuto nesses dias em que ficamos longe. Farei uma surpresa para ela. Vou rasgar o contrato que assinou e vamos começar de novo, só que agora a apresentarei como minha namorada. Nunca quis ou pensei nisso com outras, mas com ela parecia o certo a fazer. Eu a quero na minha vida. Não é algo passageiro. Como sei em apenas um mês? Eu apenas sinto. Já imagino os grandes olhos azuis se iluminando quando fizer a proposta. Quando disser que quero assumi-la publicamente. Meu telefone tocou tirando-me do meu momento maricas apaixonado. Era Carl, dizendo que tinha algo urgente para me mostrar. Seu tom parecia nervoso. Cerrei os dentes, gemi de frustração e pedi ao motorista para seguir para a King's.

— Não tenho muito tempo, Carl. — disse seco permanecendo de pé junto à mesa. — que informação importante é essa que pode atrapalhar a compra do resort no Taiti?

— Certo. — meu melhor amigo e sócio andou até sua pasta e tirou um envelope de dentro. — Veja com seus

próprios olhos. — disse com um olhar de triunfo entregando-me o envelope.

Peguei o envelope receoso e irritado. Cada segundo que passava ali era mais tempo longe de Cassie. Meus olhos saltaram quando vi o conteúdo do pacote. Que porra era aquela? Cassie estava em todas as fotos ao lado de meu principal concorrente na compra do resort no Taiti. Aparecia abraçada a Mark Springs e sorrindo de forma inegavelmente íntima... Aquilo não podia ser verdade. Procurei a cadeira mais próxima e me sentei. Meu coração sangrou a cada foto que vi. Se houvesse alguma dúvida do que aquilo significava a última foto foi como uma faca afiada sendo cravada em meu peito. Cassie e Mark se beijavam na boca em frente à sua casa. Ela estava pendurada no pescoço do homem, de olhos fechados, totalmente entregue... Não contive um gemido agoniado.

— O que diabos é isso? — indaguei fulminando-o.

— Todas as evidências levam a crer que a Srt^a Miller é uma espiã aqui dentro. — ele afirmou com evidente satisfação. — Mark Springs obteve informações

confidenciais sobre o funcionamento da King's. Ele cobriu sua oferta para o resort do Taiti há exatamente uma hora. Acabei de ser informado.

Joguei todo o conteúdo no envelope novamente e o encarei sombrio.

— Chame todos do departamento financeiro. — rosnei livrando-me do paletó e arregaçando as mangas da camisa branca. — Vamos cobrir a oferta dele imediatamente. Mark Springs vai lamentar profundamente ter atravessado o meu caminho. — e a vadiazinha que me espera em casa também. Completei em pensamento. — alguém mais sabe disso? — quis saber apontando para o envelope.

— Apenas eu. Quer que me livre dele? — ofereceu solícito.

— Não. Fez um ótimo serviço. Eu assumo daqui. — garanti sentindo a fúria crescer a um nível quase insuportável. Eu quero matar os dois! Quero o sangue deles, porra!

Entrei na ampla sala da minha casa e fui direto para o bar, servi-me de uma generosa dose de uísque. Preciso de

toda coragem para confrontar a vadia impostora que me aguarda no quarto. Havia dez ligações dela em meu celular que ignorei deliberadamente. Não tinha mais estômago para ouvir a voz sexy me chamando para a cama. Maldita! Praguejei baixinho bebendo todo o conteúdo do copo de uma vez. Subi os degraus da ampla escada de dois em dois. Ao chegar diante da porta do quarto detive-me por um momento fechando os olhos. Aquele pesadelo estava acontecendo mesmo? Respirei fundo e abri a porta devagar. O quarto estava iluminado apenas pelo abajur na cabeceira da cama. Ela estava lá... A visão do corpo alvo e curvilíneo coberto apenas por uma pequena calcinha vermelha me tirou o fôlego e os pensamentos fugiram do meu cérebro. Avancei lentamente até a cama meus olhos devorando-a contra a minha vontade. Meu pau se contorceu louco para se enterrar nela. Odiei-me por ainda sentir-me assim. Ela me traiu, porra!

Cassandra

— Olá. — sussurrei me arrastando na cama até ele. —

você demorou. Senti tanto a sua falta. — gemi espalmando o peito musculoso enlaçando-o pelo pescoço depositando um beijo em seus lábios. Ele esteve longe por uma semana. Apenas uma semana, mas quase morri de saudade. Jay permaneceu imóvel, o maxilar cerrado, parecia incomodado com algo. — Há algo errado? Por que está tão quieto? — afastei-me para olhá-lo. Os olhos escuros estavam sem brilho, com uma expressão sombria. Um frio estranho tomou conta de mim. Ele me olhou, seus olhos negros fixos em mim por um longo momento, como quisesse ver minha alma. — Jay, está me assustando. — o toquei no rosto, sentindo-o estremecer com meu toque. Então ele piscou e abriu um sorriso sexy. No entanto, esse sorriso me lembrou do início do nosso relacionamento, quando me queria apenas como submissa. Era um riso charmoso, mas frio, sinistro. Não tive muito tempo para pensar sobre isso, pois me puxou pelos cabelos da nuca.

— Não quero conversar *anjo*. — seu tom foi baixo e tive a impressão de que o apelido carinhoso foi dito com certa ironia. Olhou-me de novo, os olhos escuros duros, mas com indisfarçável desejo e sua boca tomou a minha

num beijo selvagem. As mãos grossas se apossaram de meu corpo com possessividade. Puxou-me pelas nádegas tirando-me da cama. Entrelacei as pernas em seu quadril, enquanto ele me pressionava contra o pênis enorme e duro.

— Eu te amo, Jay. — sussurrei, senti seu corpo enrijecer com minha declaração. — ficar longe de você foi uma tortura, amor. — suas mãos me apertaram mais quase ao ponto da dor e ele grunhiu, mas nada disse apenas me levou para o enorme e luxuoso banheiro depositando-me na bancada junto a pia. Com mãos impacientes rasgou a minha calcinha. Sua boca desceu brusca sugando meus seios com força enquanto separava minhas pernas com brutalidade. Gemeu introduzindo dois dedos dentro da minha vulva. Lambeu e mordeu meus seios descendo exigente pelo meu ventre. Arreganhrou minhas coxas ao limite e abocanhrou minha vagina. Mordeu, chupou, lambeu, rosnando como um animal. Introduziu mais um dedo e meteu fundo, estocando com força.

— É isso que você quer, hum? — sua voz profunda, dura reverberou no ambiente abafado. Sugou meu clitóris com força. Gritei de dor e prazer, enquanto seus dedos grossos me golpeavam impiedosos. O que havia com ele? Nem mesmo quando me levava no quarto de jogos, sentia essa fúria nele. — vou comer a porra dessa boceta que você quer tanto me dar, escrava! — rosnou e me virou fazendo-me debruçar sobre a bancada. Ouvi seu zíper sendo aberto e antes que pudesse sequer pensar estava se alinhando na minha vulva e empurrou em mim num golpe forte indo até o fundo. Gritei de novo. Ele era muito grande e grosso e sempre me dava tempo para me ajustar, parou um pouco e respirei ofegante. Então tirou tudo e bateu de volta numa arremetida ainda mais bruta que a primeira. Continuou me comendo sem trégua. Levantou minha perna direita sobre a bancada para dar maior acesso e continuou penetrando-me profundamente com movimentos furiosos. Nossos olhares se encontraram através do espelho. O meu, apesar de assustado era cheio de amor. O dele confuso, sombrio como nunca tinha visto. Deu outro rosnado e suas mãos apertaram meus quadris

me mantendo imóvel para me foder num ritmo incansável. — gosta disso? Gosta de ter meu pau rasgando essa boceta perfeita, viciante do caralho? — seus olhos eram furiosos como suas estocadas. — responda escrava! Gosta disso, porra? — Puxou-me os cabelos golpeando-me mais e mais — toma meu pau! É isso que você quer, não é? — levou uma mão para meu clitóris e o massageou suavemente. Um contraste com suas estocadas. Ele sabe exatamente onde e como me tocar. Não consegui evitar um gemido. Deu uma risada cruel o acelerou mais os golpes. Sua pélvis se chocando violentamente contra a minha vagina. Girou o quadril, deslizando por todos os pontos nervosos do meu canal. Gemi de novo. Seu agarre se manteve forte nos meus cabelos. Empurrou-me sem qualquer delicadeza até colar a lateral do meu rosto no mármore frio. — foder você é muito gostoso. Sempre foi gostoso, escrava. — sua voz era ofegante agora, mas ainda tinha um tom sombrio. Tirou tudo e foi entrando de volta devagar, bem devagar. Sua mão ainda manipulando meu brotinho inchado, já sensível. — você também sente isso, não é? Gostou de ser minha puta, minha escrava

desde o início. Adora quando está assim tomando meu pau até o cabo. — meu corpo estava em conflito. Havia algo errado com ele. — goze! Goze no meu pau! Goze porra! — ordenou e beliscou duro meu clitóris. Seus golpes aceleraram de novo e eu gozei, gritando, lágrimas descendo pela minha face. Meu corpo ficava sem controle quando me fazia atingir o clímax. Era sempre intenso demais. Solucei enquanto seu pênis batia incansável dentro de mim. Sua risada agora claramente debochada soou bem no meu ouvido. — isso, sua puta! Chora no meu pau! — rugiu e sem aviso saiu de dentro de mim e seus dedos entraram grosseiramente na minha vagina. — vou gozar nesse cu gostoso e apertado que você tem. — seus dedos logo estavam no meu ânus preparando-o para recebê-lo. Ainda estava entorpecida pelo orgasmo quando senti seus dedos sendo substituídos pela ponta espessa de seu pênis. Meu corpo estava mole embaixo do dele, completamente entregue, completamente dominado. Suas unhas desceram pela minha coluna, me fazendo relaxar e ele foi entrando devagar, me esticando numa estocada longa e funda. Arfei e relaxei mais porque ele gosta bem

bruto. Algo o contrariou, vou ser a submissa que ele precisa. Seu pênis se alojou todo dentro de mim. Jay soltou um rosnado animalesco e passou a me foder. Realmente me foder. Ele me comeu impiedoso por um tempo que não consegui cronometrar. Meu ânus já estava ardente, meu corpo todo sacudindo com a violência de seus golpes. Gemi, já me excitando de novo e ele fez um som estrangulado, como um lamento e os jatos de esperma me alagaram. Soltou outro grunhido agoniado, como se sentisse dor, seu corpo grande e musculoso estremecendo. Continuou movimentando-se agora mais devagar. Levantei o torso e nossos olhares se encontraram de novo. Eu estava despenteada, saciada, como sempre ficava após sua posse. Mas os olhos escuros ainda estavam tempestuosos. Seu olhar deslizou por todo o meu rosto e seus olhos amoleceram um pouco. Arrisquei um sorriso tímido. A expressão de aço voltou e ele saiu de mim bruscamente. Arquejei. Recompôs-se e fechou o zíper das calças, saindo do banheiro deixando-me esparramada sobre a bancada.

Franzi o cenho. O que havia com ele? Na última vez

que nos falamos ao telefone parecia ansioso para me ver. Disse tantas palavras carinhosas e excitantes... Céus! Ele não fez nada do que prometeu ao telefone. Apenas me tomou com selvageria como se algo o perturbasse. Tive a sensação que ao contrário das outras vezes, essa foi apenas sexo. O pensamento me deixou enjoada. Ele havia se cansado de mim? Não suporto sequer pensar na possibilidade porque já o amo com todas as minhas forças. Mas qualquer que fosse o problema precisava encará-lo, conclui reunindo forças para me levantar. Vesti um roupão vermelho que trouxe de casa e voltei ao quarto. Jay estava parado no limiar das portas duplas que davam acesso à sacada, o luar iluminando seus traços morenos, perfeitos. Ele virou-se na minha direção. Os olhos estavam frios e cortantes como uma navalha.

— Se vista e saia. — disse seco me fazendo sobressaltar.

— O-o quê? — retorqui sentindo-me fraca e zozza. Ele disse mesmo aquilo?

— Quero você fora da minha casa. — disse fuzilando-

me com os olhos escuros. — Fora da minha vida. Não quero pôr os meus olhos em cima de você nunca mais!

— Por quê? — quis saber num fio de voz avançando até ele, mas afastou-se indo para o outro lado do quarto. — vai me dizer o que está havendo, ou simplesmente vai me mandar embora?

Seus olhos me cortaram com dois lasers.

— Você quer conversar? — seu tom enganosamente calmo me deu calafrios. — então me diga: você sempre chora quando goza com seu amante? Ou é só comigo?

— O-o que está dizendo? — cambaleei sentando-me na poltrona mais próxima. — isso é alguma brincadeira?

— Infelizmente não. — ele riu sem humor. — estou falando de Mark Springs, seu amante! — gritou pegando o pacote, jogando em cima de mim. — achou mesmo que uma vadiazinha como você poderia me enganar? Você manteve-me bem entretido é verdade. — deu um sorriso de zombaria. — mas achou mesmo que eu não sabia quem era desde o início? Que aquele verme havia infiltrado a vadia dele na minha empresa, na minha cama para me

roubar um negócio de milhões de dólares?

Levei a mão à boca ao ver a última foto. Pelo ângulo que foi tirada dava a impressão de que eu e Mark nos beijávamos na boca apaixonadamente. As fotos pareciam ter sido manipuladas. Deus! Lembro-me desse dia. Foi no início da semana quando minha mãe passou muito mal e liguei para Mark. Ele foi à minha casa e quando nos despedimos na porta ele me abraçou e beijou meu rosto. Eu estava chorando e o abracei também, agradecendo o apoio que me ofereceu. Foi só isso que aconteceu, mas a foto distorcia tudo. Aquilo era nojento, pensei sentindo uma nova onda de náusea. Mark era meu irmão.

— Ele não é meu amante. — afirmei com voz trêmula. — ele é... Ele é... — calei-me, pois não podia dizer a verdade ainda. Mark estava certo. A imprensa cairia em cima de mim e de minha mãe como abutres. Minha mãe precisa de repouso.

— Não perca seu tempo. As fotos falam por si só. — me cortou mordaz. — que espécie de ordinária é você? Santa Mãe! Entregou-me a virgindade para me roubar!

— Não foi nada disso. E-eu te amo. Por favor, acredite em mim. — gaguejei começando a ir até ele, mas as palavras que Jay disse a seguir me fizeram parar.

— Não me importa. Nunca importou. Você foi apenas um *Cavalo de Tróia* que eu decidi montar. — despejou. Seus olhos me diziam que queria me ferir profundamente. Ele estava conseguindo. — poderia ter acabado com isso antes, mas devo admitir que foi gostoso comer você. — deu um sorriso cínico. — sempre tão disposta... Ávida para me satisfazer na cama. Tão submissa. Não pode culpar um homem por querer aproveitar ao máximo o que lhe é dado. Agora o sabor da novidade se foi, querida. Mas estou curioso. Como fazia para se encontrar com ele? Quando, se estive a maior parte do tempo na minha cama gemendo, chorando de prazer e sussurrando que me amava? Diga-me! — berrou ensandecido. — Ele sabe o quanto sentiu prazer sendo minha vadia? Que me deixou fazer tudo com você? Que a fodi de todas as formas possíveis?

Permaneci imóvel assimilando tantos golpes de uma só

vez. Então ele suspeitou de mim desde o início e me seduziu fria e calculadamente? Foi isso que ele acabou de dizer sem o menor remorso? Minha visão turvou pelas lágrimas e meu coração parecia estar sendo arrancado do peito. Uma dor estranha e nova se instalando em seu lugar. Uma dor que me fez quase vomitar sobre o tapete, mas consegui conter a tempo. Estúpida! Estúpida! Recriminei-me. Agora tudo fazia sentido. O todo poderoso Jayden Samuel King jamais se interessaria por mim, uma simples estagiária. E que história é essa de meu irmão estar disputando um negócio milionário com ele? Deus! Todas aquelas perguntas que Mark fazia sobre meu trabalho, sobre a empresa. Oh, não! Torço para não ser verdade, mas uma suspeita começou a se instalar em mim fazendo a dor que já era enorme tornar-se insuportável. Fui traída, brutalmente traída.

— Seja rápida. — ele disse seco se dirigindo ao banheiro. — ah! Já ia esquecendo. — voltou-se da porta. — diga ao seu amante que o tiro saiu pela culatra, duplamente. Eu venci. Tive o melhor sexo e o negócio que ele tanto queria, agora é oficialmente meu. — virou-se de

novo batendo a porta do banheiro com força. Nos primeiros momentos ainda tentei assimilar tudo. Não quis acreditar que aquilo de fato estava acontecendo. Fitei a porta fechada. Jay, o homem que havia transformado meu mundo, que havia se tornado meu mundo estava me colocando para fora de sua vida. Meu corpo começou a tremer violentamente e senti tonturas e náuseas de novo, mas me obriguei a pegar minhas roupas e vesti-las o mais rápido possível. As lágrimas caíam em abundância agora. Por mais que tentasse, não consegui conter os soluços. Peguei minha mochila que tinha preparado para o fim de semana e dei uma última olhada na porta ainda cerrada, nos separando. Mais lágrimas desceram, mas dessa vez elas vieram junto com uma determinação: o todo poderoso Jayden King jamais me veria de novo.

CAPÍTULO QUATRO

Rio de Janeiro, Brasil, dias atuais...

Cassandra

— Responda porra! Eles são meus? — Jayden repetiu, seu maxilar tenso, seus olhos de aço me fazendo sentir um frio na espinha. Fechei meus olhos e gemi de desgosto. Eu não posso mais esconder. Tenho que dizer ou ele vai descobrir da maneira dele, porque seus olhos estão me dizendo que quer minha cabeça. Vítor e sua boca grande, pensando que estava me ajudando acabou de jogar esse cretino de volta na minha vida, permanentemente.

— Sim, eles são seus. — meu tom foi cansado, derrotado. Algo brilhou nos olhos dele, então seus lábios se torceram num sorriso de desprezo e escárnio.

— Tem certeza? Afinal você não esteve só comigo. — os olhos escuros atiravam lascas de gelo em minha direção. — abriu as malditas pernas para o meu pior inimigo. — seu tom era mortalmente calmo. — quero ver os bebês. Agora. — acrescentou entre dentes.

— Cass, meu Deus! — a voz de Vítor me fez virar em sua direção. Eu havia me esquecido completamente dele, embora ainda segurasse minha mão. — eu sinto muito... — seus olhos azuis pálidos pousaram em mim, pesarosos. — eu pensei que... Pensei...

— Tudo bem, Vítor. — o tranquilizei, levando a mão livre a seu rosto. — você não tem culpa. — Jayden bufou impaciente. — tenho minha consciência tranquila. Mas se tiver dúvidas isso pode ser provado facilmente através de um exame de DNA. — cuspi voltando a encará-lo, os olhos negros estreitaram em mim com um toque de surpresa.

— Está disposta a fazer o exame? — seu tom era realmente surpreso.

— Não tenho nada a temer. — afirmei entre dentes. — nunca tive. — seus lábios torceram no conhecido riso cínico.

— Veremos Cassandra Miller. Veremos. — disse pegando seu terno e começando a vesti-lo com gestos elegantes. Meus olhos masoquistas não conseguiram se

afastar de sua figura imponente, dominante. Jayden era desses homens que domina um ambiente apenas entrando nele. Seu olhar escuro e intenso dá comandos sem palavras. Ele atrai todos à sua volta para si como um astro-rei. Foi assim comigo desde o início. Nossos olhares se trancaram por um instante fugaz, mas o suficiente para saber que tê-lo por perto, tê-lo de volta na minha vida seria uma verdadeira prova de fogo, porque apesar da forma cruel com que me usou e chutou para fora de sua vida não posso ser hipócrita e dizer que não sinto mais nada por ele. Não quando meu corpo ainda treme com seu olhar. É revoltante, eu sei. Achei, na minha ingenuidade que tinha esquecido. Acreditem-me, quero chutar minha canela por permitir que esse bastardo ainda me afete. Mas encontrá-lo tão repentinamente trouxe lembranças que já não estou conseguindo relegar ao fundo da mente. Lembranças do nosso breve relacionamento. Um mês. Durou apenas um mês, mas a intensidade do que vivemos me marcou para toda a vida. Era como se nos conhecêssemos há anos. Como se nunca fôssemos nos separar. Era assim que me sentia. Dele. Completamente

dele. Lembranças de como era estar em seus braços me engolfaram. Lembranças espantosamente nítidas dele tomando o meu corpo, dentro de mim, me fazendo chorar de prazer. Eu o amei de uma forma tão devastadora como nunca mais vou ser capaz de amar ninguém. Um gemido involuntário escapou da minha garganta. Seus lábios se curvaram levemente nos cantos e uma sobrancelha subiu num gesto zombador, insolente. Pisquei, obrigando-me a desviar o olhar. — vamos? — praticamente rosnou, seu tom foi seco, impaciente, como se olhar para mim fosse um sacrifício, algo desagradável para ele. Meu coração doeu. Sim, doeu. Não consigo controlar isso, ok?

— Eu vou com você, Cass. — Vítor afirmou apertando minha mão. Puta merda! Eu havia me esquecido dele de novo.

— Eu acho que não, parceiro. — Jayden pousou os olhos duros nele. — você não está convidado para nossa pequena reunião. — desviou o olhar para mim e cerrou os dentes. — dispense seu cão de guarda, Cassie. Isso é entre você e eu. — a forma como disse as últimas palavras me

fizeram tremer. Sua ira estava sendo contida sob a superfície, mas o conheço suficiente para saber que estava por um fio.

— Vítor, eu vou ficar bem. — assegurei. Claro que não era verdade, mas não posso demonstrar fraqueza para Jayden. Não mais. — ligo para você depois. — seu semblante era preocupado, mas assentiu e inclinou-se na minha direção, depositando um beijo suave em meus lábios. Jayden deu um misto de rosnado e grunhido. Afastei-me de Vítor. Os olhos escuros me perfuravam com desprezo óbvio. Seus punhos estavam cerrados ao lado do corpo. Suas narinas dilatadas, o maxilar apertado. Tive receio pela integridade física de Vítor quando Jayden falou:

— Caia. Fora. — cuspiu.

— Eu vou, mas porque essa é vontade dela, seu imbecil arrogante. — Vítor revidou. Ele estava fervendo também. Apertei sua mão e ele me olhou.

— Vá, eu ligo depois, prometo. — afirmei, ele acariciou meu rosto delicadamente, beijou minha mão e se

dirigiu à porta.

— Ah, eu já ia esquecendo. Que indelicadeza a minha. Obrigado pelas informações. — a voz de Jayden pingava sarcasmo e Vítor estacou voltando-se devagar. — outra coisa. Responda-me, costuma cuidar bem do que é seu?

— Que pergunta idiota é essa? — Vítor franziu o cenho confuso e claramente irritado. Ele não conhece Jayden. Não sabe que adora esse jogo de cercar a presa, os inimigos ou qualquer coisa que atravesse o seu caminho. Um predador nato. A risada baixa insinuante, provocadora e debochada encheu meus ouvidos.

— Apenas mantenha isso em mente, parceiro. — seus olhos pousaram em mim de novo, desceram descaradamente até meus seios. Eles arrepiaram e eu me encolhi de humilhação. Seu olhar negro, perigoso encontrou o meu de novo, havia um brilho selvagem neles. Eu conheço esse olhar. Desejo. Puta que pariu! Ele ainda me deseja e ver isso lá no fundo da íris escura atingiu-me em cheio, me atordoou. As sensações mais loucas, absurdas, carnaais e que eu, definitivamente não quero

sentir invadiram meu corpo. Puta merda! Pisquei, lutando para não arquejar sob seu olhar indecente. — você com certeza vai precisar. — completou e voltou a encarar Vítor, sua postura mudando imediatamente para uma de combate, luta. Eu não estou gostando do rumo dessa conversa.

— Não gosto das suas insinuações e menos ainda da forma como olha para minha namorada, King. — Vítor cerrou os dentes e deu passos em nossa direção de novo. Oh! Merda! Eu realmente não estou gostando disso.

— Saia. — Jayden repetiu com desprezo. — ainda não percebeu que está sobrando aqui?

— Mudei de ideia. Vou com você, Cass. — disse, mas seus olhos não me fitavam. Os dois homens pareciam prestes a voarem um no outro como cães selvagens. Puta que pariu! O que há com Jayden? Qual o sentido em provocar meu namorado? Cretino sem noção! Bufei, revirando os olhos e fui até Vítor. Ele era quase tão alto quanto Jayden, mas era bem mais magro, digo menos forte, por que Jayden não tinha um só grama de gordura, era tudo

músculo. Ok. Eu divaguei. Mas não podem me culpar. É a pura verdade. O corpo dele chega a ser ridículo de tão bonito e esculpido. Foco, Cassie. Foco! Recriminei-me e contive os avanços de Vítor. Passei a falar com ele em Português. Eu já falava e compreendia muito bem, por causa do convívio com minha tia, mas estou fazendo um curso desde quando cheguei aqui no ano passado e isso me ajudou muito. Garanti a ele que ficaria bem e que não desse tanto poder de munição ao cretino. Jayden só queria tirá-lo do sério. Vítor não pareceu muito convencido. Seus olhos me fitavam agora com um receio, um medo que não estava lá antes. Senti-me culpada. Ele com certeza percebeu minhas reações à presença de Jayden. Vítor é um bom homem, não quero, não posso magoá-lo. Voltei a garantir que ficaria bem e ele finalmente deixou a sala.

— Por que será que não é nenhuma surpresa encontrá-la fodendo com o chefe? — seu desprezo e irritação eram evidentes em seu tom. Olhei para ele, meu sangue fervendo.

— Não é da sua conta com quem eu... Com que eu... —

oh! Merda! Eu não consigo pronunciar isso.

— Com quem você fode, trepa, transa, abre as pernas?
— completou dando um riso odioso. Eu quero matar esse cretino bem lentamente. Meu rosto incendiou com suas palavras chulas.

— S-sim, é isso mesmo. — empinei o queixo, cerrando meus punhos.

— É aí que se engana querida. Se estiver falando a verdade, e os bebês forem realmente, meus as coisas serão diferentes. — seu tom me deu calafrios. — muito diferentes. Agora me leve até eles. Já perdi tempo demais com coisas insignificantes. Você não me interessa em absolutamente, Cassie. — seu tom foi duro, como se eu o tivesse irritado profundamente. — vamos! — rosnou e saiu na minha frente. Abriu a porta fazendo um gesto cínico de falsa educação para eu passar, mas não se afastou muito. Tive que passar roçando nele e seu maldito cheiro me invadiu os sentidos. Ouvi-o sugar o ar quase inaudível, mas ouvi. Meu corpo estremeceu, porque tive a impressão de que ele havia... Me cheirado? Não dei um

segundo pensamento a isso, passei para fora da sala, tentando manter a compostura na frente de Hanna e de mais dois homens sentados nos amplos estofados. Jayden não disse nada a ninguém, apenas passou por mim com seus passos de felino. Ele tinha uma forma de andar que era ao mesmo tempo elegante, arrogante, insolente, como se não se importasse com a opinião do resto do mundo sobre ele. Era exatamente isso. Ela se achava o rei. Era uma puta ironia que ele realmente fosse um príncipe. Voltei à minha sala e peguei minha bolsa, ele segurava as portas do elevador com cara de poucos amigos. Ele não podia pelo menos fingir que era civilizado? Por que estava tão zangado? Não me olhou mais. Sacou o celular e latiu ordens para seu motorista trazer o carro para frente do prédio. A firma se localizava no centro da Lapa, na Av. Mem de Sá. Era um prédio histórico, que passou por uma restauração recente. Era apenas uma das muitas empresas que a família de Vítor possuía no Rio. Ao contrário do que o bastardo insinuou não estou com ele pelas suas posses, mas porque me tratou como gente, com respeito. Não demorou muito e estávamos estacionando em frente

ao meu prédio. Numa rua estreita. Ele finalmente me olhou e eu tremi sob o poder desse olhar. Ele estava dizendo sem palavras que me faria pagar por ter escondido os filhos dele. Suspirei me sentindo drenada, cansada. Saí logo que o motorista abriu a porta. O porteiro ficou boquiaberto quando passamos pela recepção. Jayden nos meus calcanhares. Era um prédio modesto. Não costumamos receber visitas de bilionários e príncipes. Não posso bancar outro lugar. Embora tenha um pai rico, a ideia de reivindicar algo para Mark me dá calafrios. Depois que fui jogada fora por Jayden me vi obrigada a procurar por meu meio irmão. Ele riu da minha cara. Disse-me coisas horríveis que prefiro nunca mais lembrar e me escorraçou também. Por uma ironia fodida do destino ele usou as mesmas palavras de Jayden *não quero pôr os meus olhos em cima de você nunca mais*. As memórias daquele período têm voltado com força total. Não falamos uma única palavra enquanto tomávamos o elevador para o sexto andar onde ficava meu apartamento, mas eu podia sentir a fúria emanando dele.

Apressei os passos à frente de Jayden quando o

elevador parou, sentindo o tempo todo o olhar dele em minhas costas. Parei na frente da porta e o olhei temerosa, até agora meus bebês foram só meus. De repente Jayden caía de paraquedas nas nossas vidas. Meu peito doeu com expressão de aço no rosto moreno, dizendo-me que nada mais seria como antes. Ele levantou uma sobrancelha e bufou, me encarando com impaciência, totalmente insensível a meu conflito interno.

Suspirei e enfiei a chave abrindo a porta. Girei a maçaneta. Jayden adentrou a pequena sala logo que me afastei lhe dando passagem, sua atenção foi captada para o cercadinho em frente da TV. Lucas e Samuel estavam brincando entretidos. Meu cenho franziu, pois não havia sinal de Maria, a jovem que cuida deles. Então ouvi gemidos. Minha nossa! De onde vinha aquilo? Parecia que havia um casal transando dentro do meu quarto. Avancei pelo corredor, sem conseguir acreditar que ela teve essa coragem. Gelei quando escancarei a porta. Fiquei muda. Um homem bombeava duro em Maria por trás. Ela estava de quatro na cama. Na minha cama! Ele gozou num barulho feio, jogando a cabeça para trás. Oh! Meu Deus!

Esse é o marido da simpática senhora do 512!

— Mas que porra é essa? — a voz dura e irritada de Jayden soou bem atrás de mim. Os dois se assustaram e o homem saiu de cima de Maria, que pulou da cama catando suas roupas, seu rosto se tingindo de vermelho. O homem fez o mesmo. A situação seria cômica se não fosse trágica. Ela deixou meus filhos sozinhos para transar com um homem casado! Isso era inaceitável de todas as formas. — essa é a babá que cuida dos meninos? Uma vadia que não consegue manter as pernas fechadas? — me virei assustada e meu queixo foi no chão, porque ele carregava os dois, um em cada braço. Eu não estava preparada para ver essa cena e meu coração tolo perdeu uma batida. Eles ficavam perfeitos assim, os três. Obriguei-me a desviar o olhar, um nó gigantesco se formando na minha garganta. — os dois. Fora. Agora. — seu tom foi gelado, cheio de desprezo. Se há uma pessoa em todo o mundo que consegue fazer com que alguém se sinta menos que uma sujeira, esse é Jayden e ele faz isso, geralmente sem precisar falar. Os dois sem noção se vestiram apressados. O homem passou por nós sem nos encarar e Maria ainda

tentou balbuciar um pedido de desculpas, mas desistiu quando encarou Jayden. Os dois saíram e um silêncio pesaroso se instalou entre nós. Arrisquei olhar para eles de novo. A imagem era linda demais para ignorar. Lágrimas inconvenientes se formaram em meus olhos, não consegui evitar, pisquei para contê-las.

— Você estava dizendo a verdade. — sussurrou seus olhos encantados, passeando entre Lucas e Samuel. Um sorriso se abriu em seu rosto. Um sorriso lindo, livre do cinismo corriqueiro. Minha respiração falhou. Ele era tão bonito. Era doloroso olhar para ele com nossos filhos nos braços. Eu sonhei com isso por um ano inteiro. Eu acalentei esperanças tolas de que ele fosse buscar a mim e aos meninos em algum momento. Que me pediria perdão e que ficaríamos juntos. Mas isso nunca aconteceu e eu me forcei a jogar tudo para o fundo da mente. Até agora. — eles são a minha cara. — sorriu mais amplo. — exceto pelos olhos incríveis que puxaram a você. — acrescentou e meu coração saltou loucamente. Sim, não me linchem por isso. Esse homem foi uma parte importante na minha vida. Ele foi meu mundo por um tempo. Um tempo breve

demais, mas me marcou de forma irreversível. Sua expressão não se alterou. Ele não percebeu que elogiou meus olhos indiretamente. Deu-me as costas e eu o segui admirando seus ombros largos, seu corpo poderoso. O destino era realmente cruel, trazê-lo para perto de novo, quando não posso tê-lo mais. Não com tanto engano e mágoas do passado.

Jayden

Eu não estava preparado para essa sensação intensa, esmagadora de orgulho e possessividade que me invadiu quando avistei as duas cabecinhas escuras dentro desses cercados próprios para crianças da idade deles. Tudo sumiu da minha mente. A fúria enorme que me tomou desde o momento em que o babaca almofadinha deixou escapar que Cassie tinha dois filhos. Meu coração bateu freneticamente, enquanto minhas pernas me levavam até eles. Percebi que Cassie sumiu num corredor estreito, mas meus olhos ainda estavam presos neles. Devem ter ouvido algo ou simplesmente sentido a minha presença, porque as cabecinhas se levantaram e dois pares de olhos muito

azuis me saudaram. Meu peito doeu. Oh, meu Deus! Eles tinham os olhos dela. Os incríveis olhos dela. Eles eram as coisinhas mais perfeitas que já vi na minha vida. E eles eram meus. Santa Mãe! Eles são meus! Porra! Eles são meus! Repeti para mim mesmo e não contive um sorriso. Eu amo meus sobrinhos com todo o meu coração, mas isso que está se espalhando dentro de mim agora é diferente. É algo maior. Como sei que são meus? Eu sinto em cada fibra do meu ser. Além disso, eles são a minha cara. Aproximei-me mais. Meu sorriso abobalhado se ampliando. Um deles sorriu para mim, um som lindo, rico. Logo o outro acompanhou o irmão abrindo um risinho também. Pronto. Eles me ganharam. Sou oficialmente o bastardo mais feliz da face da terra nesse momento. Meus olhos arderam com o que parecia ser lágrimas. Eu nunca choro. Ok. Quase nunca. Há mais de um mês eu chorei quando meu irmão Dom foi sequestrado por uma louca. Foi realmente tenso. Não chorei na frente deles, no entanto. Claro que não. Isso deixei para o maricas do Leon. Os corpinhos rechonchudos levantaram-se apoiando nas fibras laterais do cercado. Minhas mãos foram em

volta deles num reflexo natural e os peguei. Os pequenos vieram balbuciando. Eles apontavam para o corredor e eu entendi que chamavam pela mãe. Os olhei maravilhado levantando com eles. Eram lindos, robustos, pareciam saudáveis, mas um deles estava meio quente, febril.

Tomei o corredor e quase tropeço em Cassie, que estava como se estivesse congelada, no meio do caminho. Então, a cena surgiu diante de mim. Homem de meia idade comendo uma garota de no máximo vinte anos. Meu sangue ferveu e eu os escorracei. A raiva ameaçou me invadir de novo. Como Cassie tinha coragem de deixar meus filhos aos cuidados de uma maldita vadia que mal havia saído da adolescência? Os dois finalmente caíram fora e eu não conseguia parar de olhar os pequenos rechonchudos em meus braços. Sorri, adorando que não me estranharam. Vieram comigo como se isso fosse natural, como se já fosse parte da rotina deles. Crianças pequenas podem estranhar quando pessoas ou hábitos novos são introduzidos em seu mundinho. Mas não meus filhos. Não eles. Desviei os olhos de relance na direção de Cassie e ela estava piscando, seus grandes olhos

lacrimosos. Uma expressão melancólica no rosto bonito. Era doloroso olhar para ela. Tê-la tão perto, sabendo que não era mais minha. Quando passou roçando o corpo no meu na saída da minha sala, foi necessário lançar mão de todo o meu controle para não agarrá-la e batê-la contra a porta, beijá-la. Eu estava enlouquecido de tesão desde o nosso beijo na semana passada. A porra da modelo que convidei para jantar tinha uma voz insuportável. Mande-i-a embora antes mesmo de terminarmos de comer. E assim aconteceu com todas as outras que tentei sair depois. Sempre tinham algum defeito e as mandava embora. Maldita vadia! Odeio sentir isso! Odeio que me afete dessa forma. Quero desprezá-la. Só isso. Mas quando olhos em seus olhos como agora, tudo que eu senti por ela um dia ameaça voltar com uma força que me descontrola. Ela sempre teve a porra do poder! Ela sempre me controlou. Ela que me dominava. Merda! Merda! Obriguei-me a girar nos calcanhares e sair do quarto, que de repente parecia me sufocar.

Sentei-me no tapete com eles no colo. Eu não queria soltá-los nunca mais. Minha vida passou diante de mim

como um filme em preto e branco. Todo o sofrimento nos orfanatos, lares adotivos, onde jamais me senti bem-vindo ou amado. Uma ideia fixa se formou em minha mente. Os protegerei com minha própria vida. Eles nunca passariam pelo que passei. Nunca. Olhei os corpinhos que começaram a dar sinais de impaciência. O que parecia febril estendeu os bracinhos na direção de Cassie.

— Oh, meu amor. — ela o pegou prontamente e sentou-se na ponta do pequeno sofá. O apartamento parecia um ovo. Muito pequeno e abafado. — está melhorzinho? Fale para a mamãe. — o beijou na bochecha rechonchuda e ele se derreteu todo, gargalhando alto. Logo, o que estava no meu colo se rebelou pela mãe também. Ela levantou a cabeça, os olhos cheios de amor, doces. — me dê esse ciumento. — disse rindo lindamente. Eu entreguei o bebê. Meus olhos não conseguiram sair deles. Três pares de olhos idênticos. Olhos azuis que foram a minha perdição um dia. Grunhi e me levantei acomodando-me no outro pequeno sofá em frente a eles. Preciso retomar o foco, porra! Não posso ficar aqui babando por ela, uma mulher que me traiu. Ela me traiu, porra! Entendeu bastardo? Ela.

Traiu. Você!

— Você não vai nos apresentar? — meu tom foi duro. Essa cara de anjo dela não me afeta mais. Controle de volta. Eu controlo a porra do meu pau, não o contrário. No entanto, o infeliz estava dolorosamente duro desde quando ela entrou no meu escritório. Eu salivei com a visão dela. Meus olhos passearam esfomeados pelas novas curvas que não saíram da minha cabeça toda a maldita semana. Pare aí, imbecil! Chutei-me mentalmente.

— Este é Lucas. — disse num tom meio nervoso, apontando para o *ciumento*. — e este é Samuel. — seus lábios se fecharam e meu coração deu um salto de surpresa. Ela deu meu segundo nome a um deles? Isso foi... Eu não consigo encontrar palavras no momento. Caralho! Por que ela fez isso?

— Por que colocou meu segundo nome em um deles se me detesta a ponto de escondê-los de mim? — quis saber usando um tom frio que nada revelava do meu conflito interno.

— É um nome bonito. — ela disse dando de ombros.

— não vamos perder tempo e fazer uma análise profunda sobre isso, Jayden.

— Quero meus filhos comigo. — despejei simplesmente. Era a mais pura verdade. Eu não vou mais ficar sem eles.

— O que pretende de fato? — Cassie exigiu saber. Seus olhos eram apreensivos agora. — acha que pode vir aqui do nada e tomá-los de mim? Não creio que o mero depósito de esperma o classifique como um pai.

Cerrei o maxilar e mantive seu olhar preso. Minha vontade é pegá-los e ir embora. Tirá-los dessa pocilga que chama de apartamento. Meus filhos terão o melhor de hoje em diante. Só o melhor.

— Talvez deva saber que a vadia que me deu a luz me abandonou com muita facilidade. Então, o fato de carregar um bebê no ventre por nove meses também não classifica uma mulher como mãe. — rosnei de volta. Ela quer mesmo ir por esse lado?

Cassie me olhou em choque. Eu nunca havia falado abertamente sobre a vadia que me colocou no mundo.

Odeio dramas. Mas isso só escapou. Merda!

— Eu... Eu sinto muito. — balbuciou. Dei uma risada fria meus olhos fulminando-a.

— Guarde sua piedade. Não preciso dela. — disse entre dentes.

— Olhe, sei que podemos chegar a um acordo. Se você realmente quiser fazer parte da vida deles, se...

— Não existe *se*. — a cortei friamente. — quero e vou fazer parte da vida deles. — Analisei-a intensamente outra vez. — Vamos conversar e descobrir como faremos. — dei um riso calculadamente debochado e acrescentei. — só não espere casamento, querida. Isso nunca.

— Quem disse que quero me casar com você, seu bastardo arrogante? — cuspiu. Seus olhos inflamados. Lindos! A porra da coisa mais linda! Eu preciso transar urgentemente ou vou cometer a besteira de fodê-la e isso realmente vai complicar tudo. — eu tenho amor próprio. — se empertigou toda ofendida. Sei. Bufeí.

— Isso não é mais sobre mim ou você, Cassie. — falei e ela me olhou parecendo concordar. — Tenho dois filhos

e não pretendo ficar longe deles nem mais um dia.

— E como pretende fazer isso? Importa-se de me dizer, Jayden? — rosnou, parecendo verdadeiramente chateada.

— Não fique tão desapontada porque não vou propor casamento, querida. — provoqueei-a usando o um tom frio, gélido. — ainda vai ganhar uma gorda mesada. Não vai precisar trabalhar nunca mais na sua vida. — ela empalideceu. Seus olhos adquiriram um brilho letal agora.

— Só me casarei com alguém que eu ame e que me ame de volta. — disse levantando o queixo em desafio. — você pode enfiar seu dinheiro... Você sabe onde. — ela parecia muito puta agora. Ou era apenas um pequeno teatro? Por que não usou os bebês para tirar dinheiro de mim? Isso veio subitamente na minha cabeça. Franzi o cenho. Por que não se aproveitou disso?

— Sério? — abri um riso sarcástico. — Não parece o tipo que acredita em *contos de fadas*. Podia jurar que seu estilo era mais *Bonie e Clyde*[\[108\]](#). — ela empalideceu de novo. Os olhos lacrimejaram, mas piscou e não as deixou cair.

— Seus irmãos parecem muito felizes com suas esposas. A imprensa não cansa de alardear que vivem verdadeiros contos de fadas. — Cassie ousou dizer ignorando claramente minha ironia. Ela estava mais dura. Estava lutando, duelando comigo como nunca havia feito antes. Eu não pude evitar apreciar isso. Parecia uma leoa segurando seus filhotes. Ok. Tenho que reconhecer que parece ser uma boa mãe. Os meninos eram bem cuidados e a adoravam. As crianças não ficam loucas para ir ao colo de quem as maltrata. Sei disso por experiência própria.

— Eles fazem parte de uma pequena porcentagem. Encontraram mulheres lindas. — alfinetei-a, meu tom gelado, mantendo seu olhar preso. — lindas não apenas por fora. — resfolegou. Seus olhos abaixando para o tapete. Ela se submeteu. Achava mesmo que era páreo para mim? — mulheres especiais que merecem o amor e o respeito deles. — completei mordaz. Seus olhos levantaram magoados.

— Então o que fará? — quis saber entre dentes. De

repente me ocorreu outra coisa. Onde estava o odioso Mark Springs? Por que ela o deixou? Ou ele a deixou?

— Onde está Mark Springs, seu amante? — rosnei. Falar nele me trazia tudo de volta. A dor absurda da traição. — Deixe-me adivinhar. Ele a abandonou quando viu os bebês e percebeu que não eram dele? — provoquei minha voz subindo.

— Não sei o que pensa que está fazendo, mas é um pouco tarde para vir aqui, se referindo a meus filhos como se tivesse convivido com eles o tempo todo. Você não tem esse direito! — rosnou. Os meninos a olharam e fizeram um biquinho de choro.

— Não tive a chance de estar perto deles, tive? — alterei-me. Essa mulher me tira do sério. Quero esganá-la. — você os escondeu de mim. Isso foi uma espécie de vingança? Porque se foi, devo dizer que foi muito cruel, mesmo para uma vadia ordinária como você!

Seus olhos inundaram de lágrimas. Recuou com a raiva contida em minhas palavras. Levantou o queixo de novo em claro desafio.

— Devo lembrá-lo que você me humilhou e me expulsou de sua vida? — disse entre dentes. — que você...

— Isso não é mais entre você e eu, Cassie! — explodi. — devia ter me dito que ficou grávida. Você teve dois anos para me contar! Dois anos, porra!

Ela aconchegou mais os meninos junto a si.

— Estive perto de fazer isso muitas vezes, mas tive medo de como me receberia. — revelou num fio de voz. — ainda posso ouvir sua voz berrando no meu ouvido que esperava nunca mais colocar os olhos em mim. — acrescentou e meu peito sofreu um incômodo com a expressão derrotada em seus olhos. Desviei os olhos. Merda fodida! De todas as mulheres no mundo, logo essa maldita golpista...

Obriguei-me a inspirar longamente. Preciso manter a calma. Os meninos estão quase caindo no choro dada a tensão entre nós. Santa Mãe! No espaço de poucas horas minha vida virou de cabeça para baixo. E o pior de tudo é que Cassandra Miller estaria nela permanentemente de

agora em diante.

— Ok. Cassie. — usei um tom mais conciliador. Faria isso pelos meus filhos. — vamos nos acalmar. Os bebês estão prestes a chorar. Depois conversaremos como dois adultos que somos. — tomei uma respiração alta, passando as mãos pelo meu rosto. — o que há com Samuel? Parece febril. — seus olhos mostraram surpresa por eu ter percebido no pouco tempo que o segurei.

— Ele está meio resfriado, já levei ao pediatra e estou administrando o remédio. — informou e virou para o pequeno. Seu rosto transformou-se completamente. — mas já está melhor, não é, meu bebê? Hum? Conta para a mamãe. — ele se desmanchou de novo. Lucas, o ciumento exigiu sua atenção mais uma vez. — e você, meu amor? Cuidou direitinho do maninho como a mamãe pediu? Hum? — ele gargalhou como se entendesse perfeitamente. Sem perceber abri um sorriso. Meus filhos eram completamente encantados pela mãe. Merda! Eu também. Eu estou provavelmente encrencado. Ela pousou os olhos azuis do caralho em mim. Nossos olhares se prenderam

por instantes incontáveis. Corrigindo, estamos os dois encrencados, porque essa energia primitiva, essa tensão sexual crua à nossa volta vai explodir a qualquer momento bem na nossa cara.

CAPÍTULO CINCO

Jayden

Desviei os olhos da paisagem idílica de Angra e encarei Cassie que ainda estava emburrada na poltrona em frente à minha. Ela relutou bravamente em vir comigo para o resort. Deu-me um mundo de razões, mas eu sabia que só havia uma que a prendia lá no Rio. O maldito almofadinha que enche a boca para chamar de *namorado*. Ela já sabe como trabalho. Praticamente me mudo para o local das obras. Agora não seria diferente. O projeto para a área interna dos chalés nupciais era dela. Cassie continuava sendo tão perfeccionista quanto eu. Suas sugestões eram arrojadas, requintadas. Cedeu porque também se doava até o trabalho estar pronto. Essa foi uma das muitas coisas que me encantaram nela há dois anos. Reconhecia-me nela. Apesar da sua inexperiência e timidez suas colocações eram sempre oportunas, inteligentes, ousadas, arrojadas. Visualizei uma parceria para toda a vida não apenas no sentido profissional. Eu me dei a ela de uma forma que nunca saberá. A minha

sorte é que nunca percebeu como me afetava. Como me tinha nas mãos. Aprendi desde muito cedo a dissimular emoções. De onde vim ou eu fazia isso ou sofria as consequências. Nos orfanatos ainda existiam regras, mas depois nas ruas a lei era brutal. Sobreviviam apenas os mais fortes. Eu não podia me dar ao luxo de ser ou parecer fraco. Eu morreria. Foi assim que lutei e sobrevivi. Eu venci. No entanto, era oco por dentro. Antes dela eu simplesmente não sentia. Essa é a verdade. Ela chegou e tudo mudou. Meu mundo preto e branco ganhou uma variedade de cores. Ela me fez desejar coisas que jamais havia sequer cogitado com outra mulher. Eu a quis, desesperadamente. Eu a quis tanto, que ela me destruiu com sua traição. Cassandra Miller destruiu toda e qualquer possibilidade de vir a acreditar de novo no sexo feminino. Traiu-me duplamente. Juntou-se ao maldito asqueroso para me roubar e ainda o deixou tocá-la. Lembrar disso ainda me ferve o sangue. Isso foi o que mais doeu, admito. Ela o deixou... Arg! Cristo! Por que estou trazendo isso tudo de volta? Remexi-me no assento de repente sufocando.

Ela finalmente virou-se da janela para mim, os olhos muito azuis sombreados por cílios negros e ridiculamente longos tirando toda a minha capacidade de raciocinar com sensatez. Eu estou na merda de novo! Completamente na merda porque ela me afeta. Porra! Ela ainda me afeta! Não era para eu sentir nada disso. Não depois de dois anos. Era para tê-la exorcizado, arrancado de mim, mas tudo que sinto quando estou diante desses olhos é uma vontade absurda de beijá-la, de puxá-la para mim e... Ah! Santa Mãe! Ela tem a moral mais duvidosa que uma gata de rua, porra! Meu cérebro sabia disso, mas meu pau não parecia se importar. Era um bastardo sem critério pelo visto. O maldito traidor só insiste em me lembrar do quanto sua boceta é gostosa, apertada e quente.

— Você o ama? — indaguei, obrigando-me a pôr um ponto final nos meus devaneios patéticos.

— O quê? — sussurrou e piscou como que saindo de um transe. Parecia perdida em pensamentos também. Odeio esse olhar triste, magoado que me lança como se fosse à vítima. Como se eu a tivesse traído e não o

contrário.

— O almofadinha do seu namorado, você o ama? — repeti praticamente rosnando a última palavra.

— Eu não vou ter essa conversa com você, Jayden. — falou se esticando no assento numa postura defensiva. — isso não é da sua conta. — completou. Seus olhos gélidos.

— É da minha conta sim. — tornei a falar. Eu estava ficando irritado. Irritado com toda a maldita situação. Odeio não ter o controle. Ela estava voltando para minha vida permanentemente e eu não podia fazer nada porque havia meus filhos. Meus filhos. Eu estava repetindo isso desde ontem quando descobri que os escondeu de mim. — você é mãe dos meus filhos. Preciso saber quais são seus planos com ele. Não vou permitir que outro homem crie meus filhos, Cassie. É bom que fique bem claro. — injetei meu olhar no dela. — nenhum filho da puta vai tomar posse do que é meu. — rosnei. Nem eu sabia por que estava tão zangado.

— Sim. Sou a mãe deles. — disse levantando o queixo em desafio. O olhar não se desviando ou abaixando. —

mas também sou mulher. Você terá acesso aos meninos quando quiser, mas não ouse interferir na minha vida. — seus olhos foram tomados por aquela expressão de mágoa de novo. — você perdeu esse direito quando me mandou embora grávida. Você não tem ideia do que passei sozinha, grávida e com uma mãe doente. — sua voz quebrou um pouco ao mencionar a mãe. — eu sofri para criá-los bem até agora. Reergui-me, Jayden. Você não conseguiu me destruir completamente. E onde você estava nesse período? — resfolegou os olhos azuis vítreos agora. — Você desfilava com suas putas. Fui obrigada a ver semanalmente fotos suas nas revistas de fofocas com uma mulher diferente a cada vez. — ela estava berrando agora, seu rosto vermelho incendiado com uma indignação que parecia verdadeira. — então não ouse me questionar sobre o meu namorado e o que eu sinto por ele. Isso é problema meu. E não use meus filhos para tentar me controlar. Você. Não. Tem. Esse. Direito.

Oh! Uau! Essa Cassie altiva, cheia da razão era novidade para mim. Ela estava linda toda empertigada. Certo, admito. Eu não havia pensado nas coisas dessa

forma. Ela era apenas uma garota. Merda! Ela ainda é uma garota, embora tenha amadurecido nesses dois anos, não só fisicamente, pela explosão acalorada que acabei de presenciar. Sim, não sou tão bastardo e acabo de perceber o quanto deve ter sido difícil para ela cuidar de dois filhos sozinha. O que me leva à pergunta que não quer calar: por que nunca me procurou? Por que não se aproveitou do fato de ter dois filhos meus para tirar dinheiro de mim? Isso estava queimando no meu cérebro desde ontem. Isso não batia com a golpista traidora que ela era. Mas está certa numa coisa. Realmente estive com muitas mulheres nesse período. Foram muitas por um motivo. Eu nunca mais me prenderia. Nenhuma mulher teria poder sobre mim de novo. Nenhuma. Jamais. Continuamos nos encarando, medindo forças. Ela não cedeu um milímetro. Não consegui evitar que um pequeno sorriso se abrisse nos meus lábios. Era óbvio o esforço dela para não se submeter. Ok. Vou conceder-lhe essa pequena vitória. Nicolau Maquiavel já dizia que às vezes é necessário perder uma batalha para ganhar a guerra. Os fins justificam os meios.

— Meu irmão Dom e a esposa Helena estão chegando daqui a pouco. Ofereci o resort para a lua-de-mel deles. — mudei o tema e suavizei a voz. — Vou aproveitar e apresentar Lucas e Samuel. Eles também têm um bebê de apenas um mês. Uma linda princesinha, Anna Júlia. — meu sorriso ampliou ao me lembrar da pequena. Já mencionei que amo meus sobrinhos? Eu realmente amo meus sobrinhos. Passei minha vida inteira sozinho, mas agora tenho uma família. É curioso que meus irmãos tenham chegado justamente no período mais conturbado da minha vida adulta. Os conheci logo depois do rompimento com Cassie. Isso me ajudou a passar por tudo. Leon e tio Max acolheram a mim e Dom de uma forma tão verdadeira que nenhum de nós conseguiu manter-se distante. Dom caiu logo de amores por Helena e se rendeu mais rápido. Eu ainda tentei resistir, mas acabei me rendendo também. Eles são a minha família. Eu finalmente tenho uma família.

— Sim, estou a par do casamento deles. O mundo todo conhece Dom e Helena. — Cassie falou num tom mais ameno também. Havia um brilho de diversão nos olhos

azuis agora. Ela devia estar lembrando os inúmeros vídeos do You Tube. Meu irmão é um bastardo exibicionista. Acabei abrindo um sorriso a contragosto. — Eles não são muito discretos, não é?

— Não, eles não são. — assenti e de repente o clima mudou entre nós. Nossos olhares se mantiveram presos. Passeamos os olhos ávidos por cada detalhe do rosto um do outro e voltamos a nos fixar nos olhos de novo. Ela ruborizou, mas não conseguiu desviar. Nem mesmo piscava. Eu também não. Sua boca rosada se entreabriu e ela correu a língua pelos lábios. Tive que conter um gemido a muito custo. Ela era uma provocadora do caralho e nem se dava conta disso. Uma intimidade dolorosa, nostálgica se instalou entre nós. O ar crepitava denso, cheio de desejo. Palavras não ditas, mas que estavam claras ali. Ainda nos queríamos. Um tesão latente, carnal, animal pedindo para ser saciado. Lembranças de como era absurdamente gostoso estar enterrado nela me engolfaram e grunhi. Meu pau traidor pressionou o zíper das calças, louco para prová-la de novo. Um gemido suave escapou dos lábios cheios. Ah!

Cristo! Ela era perigosa. Não posso me deixar envolver assim, pateticamente fácil outra vez. Definitivamente não. Nosso momento foi quebrado pela voz do comandante anunciando que íamos aterrissar. Cortamos o contato visual e nos viramos para a janela. Ainda ouvi um suspiro suave vindo dela.

Cerca de dez minutos depois descíamos do carro no resort. Havia me encantado pelo lugar quando estive aqui no ano passado na casa que Leon possuía em outra ilha. Lucas e Samuel foram instalados em um quarto com as babás que contratei no dia anterior. A cena grotesca que presenciei da antiga babá ainda me deixava furioso. A vadia deixou meus filhos sozinhos para foder com o vizinho. Foi uma discussão longa, mas Cassie cedeu por fim quando viu as qualificações e referências das senhoras. Eram Pedagogas e técnicas em enfermagem. Perfeitamente capazes de cuidar dos meninos. Eu disse que meus filhos teriam o melhor de agora em diante e eu definitivamente não estava brincando.

Dom e Helena chegaram ao final da tarde. Fui buscá-

los na pista de pouso. Meu irmão tinha um enorme sorriso no rosto. Helena também não era diferente. Eles estavam felizes. Permiti-me esquecer minhas merdas e compartilhar da felicidade deles. Anna Júlia dormia nos braços de Dom. Acaricieei sua cabeleira negra e beijei suavemente sua testa. Bati nas costas de meu irmão em um cumprimento de caras. Helena me abraçou e beijou meu rosto. Beijei-a de volta. Minhas cunhadas são mulheres especiais. Mas o principal é que amam meus irmãos incondicionalmente. Elas têm meu carinho e respeito por isso.

— Uau! Irmão, isso é... Isso é o que chamo de surpresa. O resto é conversa. — Dom exclamou meio atordoado quando entrei em seu quarto uma hora mais tarde carregando Lucas e Samuel nos braços. — surpresa em dobro! — acrescentou e então sorriu daquele jeito despreocupado dele. Tomou Samuel nos braços, parecendo verdadeiramente feliz. Havia falado com ele e Leon ontem à noite. A primeira reação de Dom foi cair na risada. Ele era um bastardo idiota, mas depois viu que eu não estava brincando. Leon ficou lá, em silêncio, com

aquele olhar solene que adora jogar para cima de mim. Maricas. Passado o susto inicial os dois me parabenizaram e perguntaram o que eu faria. Eu gelei, porque apesar deles não pronunciarem, a palavra estava presente no semblante dos dois, nos olhares que lançaram em mim: *casamento*. Falei que ainda era muito recente e que estava estudando uma forma de lidar com tudo. E antes que ousassem verbalizar informei que casamento estava fora de cogitação. Eles não sabiam muito sobre a mulher do meu passado, mas já haviam percebido que nosso relacionamento terminou mal. Helena saiu do quarto conjugado cortando meus pensamentos e seus olhos de uísque brilharam ao ver os meninos.

— Oh! *Dio mio!* Eles são lindos, Jay. — abriu um sorriso luminoso tomando Lucas no colo também. Os dois pequenos riam e balbuciavam interagindo com os tios. Eles eram tão sociáveis. Meu peito se encheu de orgulho. Eles são meus filhos. Meus filhos. Eu simplesmente não consigo parar de sorrir quando estou com eles. — e a mãe deles? Onde está? — meu corpo se retesou com a menção de Cassie. Helena franziu um pouco o cenho ao ver minha

reação. Batidas suaves soaram na porta. Era ela. Deixei um recado com as babás assim que peguei Lucas e Samuel. Ela estava no banho segundo as senhoras.

— Deve ser ela. — avisei. Minha voz mais tensa do que eu gostaria. Fui até a porta. Dom me olhava com seus olhos verdes maliciosos como se tivesse vendo dentro de mim. Ele adora bancar o maldito psicólogo comigo. Bastardo! Mas tudo sumiu da minha mente quando abri a porta e ela estava lá, parada. Os cabelos caindo em cachos molhados pelos ombros e cintura. O rosto livre de maquiagem. Fresca e linda. Tão malditamente linda, porra! Meus olhos desceram esfomeados pelo seu corpo como se não a tivesse visto há pouco menos de uma hora. Vestia calça jeans de cintura baixa e uma camiseta azul que destacou seus olhos. Fiquei hipnotizado, perdido nos olhos de feiticeira. Reaja, caralho! Você é um bastardo de trinta anos não a porra de um fedelho vendo uma mulher bonita pela primeira vez! Recriminei-me tentando ferozmente tomar o controle de volta. Ela arquejou levemente, parecendo tão afetada e fodida quanto eu nessa merda toda. Isso não vai prestar. Quase rosnei alto

permitindo-lhe a passagem. Santa Mãe! Ainda bem que minha camiseta estava por fora das calças porque seu cheiro de morangos invadiu meus sentidos, viajando por todo o meu corpo se alojando no meu pau. Ela entrou devagar com passos hesitantes. Meus olhos foram direto na bunda durinha, arrebitada, bem delineada pelo jeans. Dessa vez eu rosnei mesmo. Dom levantou uma sobrancelha para mim e seu semblante foi tomado pela compreensão quando pousou os olhos em Cassie.

— Você tem cachos ruivos. — disse cravando os olhos em mim de novo, seu tom tinha uma sutil provocação que apenas eu entenderia. — e olhos azuis incríveis. — acrescentou, abrindo um riso amplo e eu revirei os olhos. Vou quebrar a cara desse idiota! Ele estava repetindo o que disse a ele no dia de seu casamento há uma semana. Bastardo provocador!

— Dom, Helena. — minha voz era um pouco instável, rouca. — essa é Cassandra Miller. Ela é, hum, a mãe dos meus filhos. — verbalizar isso foi estranho. Os exames de DNA que ela fez questão que fossem feitos sairiam na

próxima semana. Mas eu já sabia. Dentro de mim eu já tinha a certeza. Eles são meus.

— Oh, Jay ela é tão jovem. — Helena veio até ela com um enorme sorriso no rosto. — prazer, *cara mia*. — Lucas estendeu os bracinhos em direção à Cassie. Ele era realmente possessivo com a mãe. Peguei-me sorrindo, porque ele era igualzinho ao pai. Dom pigarreou de leve. O olhei e ele ria de novo. Um riso sem vergonha, conhecedor da situação em que me encontrava. Bufei. — sou Helena. Você está de parabéns, Cassandra. Seus filhos são lindos.

— O prazer é meu, Helena. — Cassie retribuiu os beijinhos de mulherzinha e seu rosto estava lindamente corado. Estava claramente desconfortável na frente da minha família. Quase tive pena dela. Quase. — obrigada, apenas Cassie.

— Ela realmente tem olhos azuis incríveis, *amore mio*. — Helena sorriu concordando com Dom. O bastardo riu mais ainda adorando me alfinetar.

— É o que estou dizendo, princesa. — disse e

gargalhou. Samuel deu um risinho infantil alheio à provocação do idiota do tio. — concorda comigo garotão? Hum? Sua mãe deve ser muito assediada com esses olhos, não é? — bufei audível. — Olá, Cassie. Sou Dom, irmão desse idiota aqui. — disse indo até as mulheres, estendendo a mão livre para ela. — é um prazer conhecê-la. Você é exatamente como Jay me descreveu. — Cristo! É oficial: vou matar meu irmão na sua lua-de-mel!

— O p-prazer é meu, Dom. — ela gaguejou apertando sua mão, corando mais ainda. Os olhos me procuraram nervosamente. Eu senti ciúmes. Eu senti ciúmes do meu próprio irmão, porra! Dom era um galanteador do caralho! Não percebi o que estava fazendo. Só sei que no segundo seguinte estava ao lado de Cassie. Muito próximo na verdade. Dom olhou de mim para ela e vice-versa e um risinho malicioso, sem vergonha se insinuou de novo.

— Cassie, gostaria de conhecer nossa princesinha? — Helena chamou alheia às provocações de seu marido idiota.

— Oh, sim, eu adoraria. — Cassie abriu um daqueles

sorrisos doces que costumava dar para mim antes de toda a merda nos atingir. As duas mulheres saíram para o quarto conjugado e eu fiquei à mercê da análise agora escancarada de meu irmão.

— Hum, então casamento está fora de cogitação, irmão? — Samuel estendeu os bracinhos para mim e o peguei. Ele era o mais frágil dos gêmeos. Cassie havia me informado que nasceu por último e ficou uma semana numa incubadora. Os dois eram fortes e robustos, mas Lucas era mais ativo. Acho que Samuel tinha o temperamento doce e tímido da mãe. Ah! Merda! Eu estou parecendo um maldito maricas desde que a reencontrei.

— Sim, está. — rosnei. Ele gargalhou. Bastardo!

— Então me explique irmão. Por que está babando e ofegando atrás dela como um cachorro no cio? — ele era direto. Nós todos somos. Não tem meias palavras. É tudo preto no branco.

— Você a viu, não é? — rosnei de novo. — sinto tesão por ela. É só isso. Sexo. Puro. Bruto. — ele riu de novo.

— Eu acho que já ouvi essa frase em algum lugar. —

pausou significativamente. — ops, fui eu mesmo quem disse isso sobre Helena e olhe só como estou agora? Feliz, irmão. Feliz como nunca estive em minha vida. Alguém me disse que não era só sexo. — pausou de novo. — ops, foi você quem me disse isso. — bufei. — o que quer ela tenha feito a você, tem que passar por cima disso porque ela te deu dois filhos lindos e é neles que tem que pensar agora. Faça a coisa certa por eles. Pense nisso. — concluiu subitamente sério.

— Eu sei disso. Vou fazer o melhor pelos meus filhos, acredite irmão. Mas casar com ela não. Nunca vou me casar com ela. — rosnei e nesse momento ouvi um gemido surpreso. Caralho! Elas haviam voltado. Helena segurando Anna Júlia nos braços. Cassie me fitava com olhos magoados, o rosto pálido. Piscou os olhos muito brilhantes. Oh! Merda! Um silêncio constrangedor tomou conta de nós. Ela desviou os olhos para Lucas em seus braços e o beijou suavemente na cabecinha. Parecia frágil, buscando forças no filho. Ok. Isso foi mesmo muito ruim.

— Anna Júlia está meio enjoadinha, amor. — Helena

quebrou o silêncio vindo até Dom. — deve ser por causa da viagem longa. — Dom a pegou, aconchegando a pequena no peito.

— Foi um prazer conhecê-los. — Cassie falou num tom meio apertado, os olhos não me fitando mais. — sua princesinha é mesmo linda, Helena. — abriu um sorriso sem graça. — vou voltar ao meu quarto, depois nos falamos.

— Eu, hum, vou com você. — falei me sentindo um bastardo. Todos me olhavam acusadores. Eu sei. Eu sei que mereci porra! — nos vemos no jantar. — avisei a Dom e Helena sem olhá-los nos olhos. Eles assentiram e segui atrás de Cassie pelo corredor. A figura delicada dela segurando nosso filho mexendo comigo absurdamente. Que porra vou fazer da minha vida?

Antes do jantar liguei para o quarto dela convidando-a a se juntar a nós. Ela foi mais fria que o ártico e me disse que ia pedir serviço de quarto e ler um pouco depois. Confesso que suspirei de alívio porque ficar perto dela estava me matando. Então qual foi a minha surpresa ao vê-

la adentrar no restaurante uma hora depois toda produzida. Usava um vestido preto tomara que caia vários centímetros acima dos joelhos, abraçando as novas formas deliciosas. As pernas estavam impossivelmente longas e bem torneadas num desses sapatos foda-me que as mulheres tanto gostam. Parei o copo de uísque a caminho da boca quando entrou sorridente. Meu corpo todo tremeu, entrando em ebulição. Porra! Ela estava de cair o queixo. Meus olhos deslizaram por ela enlouquecidos e aí percebi algo que turvou minha visão: ela estava segurando a mão de um homem. Ah! Porra! Era o tal almofadinha. De onde o imbecil saiu? Meu sangue foi drenado do corpo. Virei à dose, o líquido desceu queimando minha garganta e meus olhos arderam. Eles se aproximaram e passaram diante de nossa mesa. Sabe aquelas imagens em câmera lenta? Foi dessa forma que meus olhos acompanharam. Acenou ligeiramente para Dom e Helena, nossos olhares se encontraram e se prenderam por um momento fugaz. O babaca também nos cumprimentou. Ouvi sua voz, mas não olhei seu rosto. Meus olhos não queriam deixá-la. Uma sensação desconfortável invadiu meu peito quando ele a

puçou e se dirigiram a uma mesa no canto do salão lotado, onde tinha uma fraca iluminação, íntima. A mesa era própria para casais que querem dar uns amassos. Grunhi. Os acompanhei o tempo todo sem entender que merda era isso se revolvendo dentro de mim. E a partir daquele momento, meu jantar virou um martírio. Helena e Dom o tempo todo se tocando e fazendo carinhos também não ajudou em nada. Ah! Santa Mãe! Vou desenvolver diabetes se ficar muito tempo perto deles. A cada vez que olhava na direção dos dois pombinhos dava um bufo, mas não consegui mais acompanhar a conversa com meu irmão. Meu peito se comprimia horivelmente.

— Ei, irmão, tá muito duro aí? — o tom provocador de Dom me fez desviar os olhos da mesa de Cassie e do maldito almofadinha. Eu não consegui mais prestar atenção em nada na última meia hora. — Jay, você podia ao menos disfarçar, irmão. O cara já percebeu que está comendo a garota dele com os olhos. — bufei. Odiei ouvir a última parte. Ela não era *a garota dele*, porra! Flexionei meus punhos e olhei na direção do casalzinho feliz de novo. Meu sangue ferveu. Uma ira descomunal

tomou conta de mim porque o maldito a estava beijando. Ele a estava beijando, porra! Vi vermelho. Levantei-me bruscamente, a cadeira caiu para trás. Helena assustou-se. — Jay? Irmão volte aqui! Jay, seu idiota, não vá fazer uma besteira. — ignorei os protestos de meu irmão e deixei a raiva me guiar. Avancei a passos largos na direção de Cassie. Essa palhaçada vai acabar. Agora!

Ele ainda enfiava a maldita língua na garganta dela quando cheguei finalmente à mesa e cravei minhas mãos com força em seus ombros.

— Tire as malditas mãos de cima dela, porra! — rosnei e o puxei levantando-o num golpe rápido. Logo estava segurando ele pelo colarinho, tão apertado que seu rosto ficou vermelho. Sem mais delongas mandei um soco certo no seu maxilar e o deixei ir ao chão num baque forte. Então, Dom estava me agarrando pela cintura e me puxando. Meus olhos pousaram nela. Tinha se levantado e corrido em direção ao imbecil que levantava meio atordoado. Ele ameaçou avançar para mim, mas ela o deteve, segurando-o pela cintura, falando rapidamente em

Português. Entendi perfeitamente a palavra *cretino*. Os olhos azuis pousaram em mim incendiados, lívidos.

— Você está louco? — cuspiu.

— Irmão, todos estão olhando. Jesus! Você é o proprietário, porra! — Dom grunhiu me contendo a muito custo. — se acalme. Que merda está acontecendo com você? — sim, eu sou o dono. Um sorriso de escárnio se espalhou em meu rosto.

— Isso não vai ficar assim, seu bastardo de merda! — o almofadinha berrou, massageando o queixo.

— Você tem que usar um gelo aí, parceiro. — sugeri, com deboche. Meus seguranças chegaram. Levaram um susto quando perceberam que era eu o causador da desordem. — tirem esse idiota das minhas vistas! Agora! — rosnei. Eles agiram imediatamente. O almofadinha resistiu no começo, mas não havia muito o que ser feito e foi escoltado para fora. Cassie me atirou punhais com os olhos quando passou por mim atrás do imbecil. — você fica! — bradei. Ela virou e levantou o queixo vindo até mim. Enfiou o indicador no meu peito, enlouquecida de

raiva.

— Você não manda em mim, cretino! — rosnou. Seus lábios tremendo de raiva. — fique. Longe. De. Mim. — e virou-se de novo indo atrás do *namorado*. Os seguiu até o terraço. Dei ordens expressas para levarem o imbecil para um dos chalés mais afastados. Amanhã logo cedo o despacharia para o Rio. Cassie fitou-me atônita.

— Você vem comigo, Cass? — ele quis saber. Eu odiava a forma que a chamava. Fechei meus punhos de novo. Se ela dissesse que iria eu...

— Não, não vou Vítor. Samuel está ainda resfriado. Não quero ficar longe dele. — ela disse e soltei o ar que nem sabia que estava prendendo. A expressão do almofadinha caiu e ele falou num tom que odiei mais ainda. Era um tom de deboche.

— Claro. Como posso competir com seus preciosos, não é?

— Não, nem você e nem ninguém pode competir com meus filhos. — ela afirmou numa voz apertada, quase magoada. — nos falamos amanhã. — acrescentou e deu as

costas ao imbecil. Dei-lhe um olhar que dizia *perdeu idiota!* E segui atrás dela. Lembrei-me de Dom e Helena que ficaram lá dentro horrorizados. Fui até eles e me desculpei. Mas a ira ainda estava em todo o meu corpo. A imagem do maldito a beijando como se fosse o dono dela me queimava o cérebro. Passei pelo bar. Uma música tocava animada. *Animals* do Marron 5. Torci os lábios sarcasticamente. Era assim que me sentia: um animal, uma fera enjaulada que estava arrebetando as grades.

Cassandra

Entrei no quarto, irritada. Duplamente irritada. Quem aquele cretino pensa que é, para fazer aquela cena? Por que estava se intrometendo na minha vida dessa forma? Caminhei de um lado para outro. As últimas palavras de Vitor terminaram de arruinar a noite. Ele tinha certa implicância com minha dedicação aos meninos, eu já tinha percebido. Mas nunca tinha verbalizado isso. Talvez eu deva rever meu namoro com ele. É muita pretensão dele querer concorrer com meus filhos. Devo ter o dedo podre mesmo quando se trata de homens. Malditos!

— Você vai terminar com aquele palhaço, ouviu? — virei assustada. Jayden escancarou a porta e avançou para mim, os olhos escuros furiosos, selvagens, perigosos.

— O que está fazendo aqui? — grunhi, alarmada, me afastando até o meio do quarto, enquanto ele me espreitava, rondando como um predador esperando o momento de atacar à presa. Mesmo irritada, meus olhos masoquistas correram por ele. Estava cada vez mais difícil ficar perto dele. Era impossível ignorar as reações do meu corpo quando cravava aqueles olhos negros hipnóticos em mim. Sim, é vergonhoso, mas raiva, mágoa e luxúria guerreiam dentro de mim na mesma medida. Sou humana. Gostaria de não sentir nada, mas ele ainda mexe comigo. Usava uma camiseta preta de mangas compridas, arregaçadas até os antebraços e calça escura. Seu corpo grande, poderoso, sua beleza morena, primitiva, indomável, pecaminosa me engolfou. A energia sexual crua vinha em ondas para mim. Os olhos escuros estreitaram deslizando pelo meu corpo e um riso obsceno se espalhou na boca sensual.

— Vim pegar de volta o que é meu. — rosnou. Suas narinas dilatando. O olhar me queimando, me violentando, deixando claro o que ele queria.

— Q-que seria? — gaguejei, abraçando a mim mesma. Ele voltou a andar, avançando devagar, os olhos escuros nunca deixando os meus. Arfei, meu corpo todo estremecendo sob a intensidade do seu olhar. Seu rosto de traços perfeitos tirando-me toda a capacidade de pensar ou de me mexer. Meus pés pareciam ter grudado no tapete macio.

— Nervosa Cassie? — seu tom foi mais baixo, suave, sexy. Meus seios arrepiaram. Sua voz profunda viajando por cada célula do meu corpo. — eu a deixo nervosa? — sussurrou. Seu peito musculoso parando bem na minha frente, quase tocando em mim. Oh! Merda! Seu cheiro delicioso me invadiu. Inalei ruidosamente tentando recobrar os sentidos. Sua boca se curvou num riso lascivo, seus olhos brilhando perversos. Ele sabia o que estava acontecendo comigo. — você. Eu vim pegar você. — completou. Engoli em seco com a expressão em seus

olhos e a forma como pronunciou as últimas palavras. *Eu vim pegar você.*

— Você só pode estar louco se acha que sou sua! Saia, seu imbecil! Você não tem o direito de entrar aqui no meu quarto! — berrei descontrolada, conseguindo finalmente me afastar. Ele me alcançou em um segundo e colocou meu corpo no dele bruscamente. Seu pênis duro cavou em meu ventre. Esmurrei seus ombros. Uma mão amassou minha bunda e a outra me puxou pelos cabelos da nuca, arqueou meu corpo, me imobilizando e abaixou a cabeça, nossas bocas ficando a centímetros. Meu coração galopava no peito. O dele batia forte também. Seu cheiro entrou em minhas narinas de novo como uma droga. A sensação do corpo musculoso contra o meu me fazendo gemer vergonhosamente. Ele gemeu também, moendo o pênis na minha pélvis. Grunhimos juntos. Nossos olhos travados, nossas bocas quase se tocando, respirando uma na outra. Seu hálito quente cheirava a uísque caro.

— O resort é meu. Esse quarto é meu. — mordeu meu lábio inferior. — você é minha. Negue o quanto quiser,

mas essa porra de tesão entre nós não foi embora. Meu pau enlouqueceu desde que pus os olhos em você de novo. — deslizou os dedos pela fenda do meu traseiro e cavou seu pênis mais embaixo direto na minha vulva. Um gemido desejoso, cheio de saudade, escapou do fundo da minha garganta, minha vagina latejou. Eu estava completamente dominada. Isso me enlouquece. Não sei se sou uma aberração, mas sempre gostei de ser dominada por ele. Da forma dura com que tomava meu corpo. — porra de gemido do caralho! Vai me pagar por cada vez que me masturbei imaginando você gemendo assim no meu pau. Imaginando meu pau rasgando seu rabo apertado. — minha calcinha alagou. Rosnou, puxando mais meus cabelos e mordeu meu queixo, descendo para o pescoço. Seus lábios desceram deixando um rastro de fogo até meu ombro. Deu um beijo erótico e de boca aberta e gritei quando cravou os dentes bem no ponto entre o pescoço e o ombro.

— Ahhhh! Deus! Oh! — Convulsionei descontroladamente em seus braços e meu corpo não era mais meu. Era dele de novo. Sua risada baixa, obscena,

arrepiou minha pele enquanto sua boca subia de novo, devagar. Nossos olhos se encontraram outra vez e por um instante vi algo lá. Havia um brilho diferente da raiva dos últimos dias. Eles estavam mais suaves. Ficou me olhando como que hipnotizado, como se estivesse tão afetado quanto eu. A mão que estava na minha nuca relaxou o aperto e sua cabeça foi descendo sem nunca deixar meus olhos.

— Linda. Tão linda... — gemeu deslizando a língua suavemente pelos meus lábios. Seu quadril movendo-se em mim numa dança indecente. Abri mais as pernas. Gememos com o aumento da fricção de nossos sexos. — não tenho pensado em outra coisa desde que provei seu gosto de novo. Estou desesperado para me afundar até o cabo em você. E também quer isso. Está tudo aí nesses olhos de feiticeira. Você. Me. Quer. — sussurrou com seu hálito quente, delicioso, me fazendo quase implorar para que me beijasse. Ele deve ter percebido meu desespero porque finalmente sua boca desceu sobre a minha. Um gemido necessitado, esfomeado deixou meus lábios assim que senti os seus. Oh! Merda! Isso é poderoso demais

para ser ignorado. Era isso que eu temia. Que viesse para cima de mim, porque sou ridiculamente fraca perto dele e ele sabe disso. É involuntário. Ele drena minhas forças, completamente. Eu nunca consegui resistir. À volta dele sou como uma mariposa atraída pela luz. Meu corpo tremeu, se colando mais ao dele. Seu peito duro contra meus seios. Chupou e mordeu meus lábios e língua. Rosnamos os dois e viramos uma confusão ansiosa. Minha língua passou a dançar com a dele. Nossas bocas se comendo sem nenhuma reserva agora. Minhas mãos passearam pelos ombros e costas musculosos indo se enfiar em seus cabelos macios. Uivou com meu toque, o corpo grande estremecendo. Sempre me senti sensual e poderosa pela fome carnal que ele sentia por mim. Pela sua reação ainda sente. Bom saber que não estou sozinha nesse desejo primitivo, violento.

— Vai me pagar pelas noites que sonhei que estava fodendo sua boceta gostosa e acordei frustrado percebendo que era só a merda de um sonho. — rosnou e seu tom era doloroso. — Você não estava lá. Mas você voltou. Está aqui agora, permanentemente na minha vida.

— moeu em mim de novo, girando o quadril. Soltou um grunhido angustiado. Gemi também. — vou comer você. Vou meter bem duro e forte nesse corpo gostoso até matar minha vontade. Não estou nem aí se tem a porra de um namorado. Vou. Te. Foder. Vai tomar o meu pau sempre que eu quiser. — seu tom foi duro, rouco, sua mão deixou minha bunda e se infiltrou pela barra do vestido, numa carícia suave pelo interior das minhas coxas até alcançar a calcinha. Grunhiu quando tocou o tecido todo empapado. Sua mão entranhou entre elas obrigando-me a abri-las mais. Apalpou rudemente minha vagina, friccionando meu clitóris. Miei quando afastou o tecido para o lado e um dedo deslizou nos lábios melados. Uivou na minha boca e meteu dois dedos sem aviso, rasgando minha vulva bruscamente.

— Ahhhhh! Jay... Oh! Deus... — choraminguei meu corpo virando uma massa trêmula em suas mãos. Arrancou a boca da minha e ficamos lá nos olhando, respirando com dificuldade. Seus olhos loucos, incendiados, um reflexo dos meus.

— Gostosa! Porra de boceta apertada do caralho! — ganiu e tirou os dedos, seu polegar passou a massagear delicadamente meu clitóris. Ronronei, relaxando. Meteu em mim de novo agora mais fundo. Gritei alto. Não me deu mais trégua, me comendo com seus dedos grossos, violentando minha vulva. Os olhos escuros presos nos meus atentos a toda e qualquer reação minha. Fechei meus olhos, deixando-o me foder cada vez mais rápido e forte. O som de seus dedos deslizando em meus líquidos enchendo nossos ouvidos. — abra os olhos, Cassie. Quero ver o quanto está desesperada para ser fodida por mim. — sua voz rouca e profunda reverberou em meu corpo. Os abri. Ele sorriu e sua boca tomou a minha de novo num beijo de olhos abertos. Um beijo lascivo, molhado. Puxei seus cabelos com força. Ele deu-me um puxão forte também. E viramos animais. Fodeu minha boca e vagina sem dó. Girou os dedos devagar lá dentro e um orgasmo começou a se formar. Aquela sensação vertiginosa, viciante que há muito tempo não sentia tomando meu ventre. Gemi sentindo meu corpo começando a amolecer, e ele retirou os dedos bem na hora me deixando na borda.

Choraminguei desavergonhada, esfregando minha vagina em sua mão. Sorriu em minha boca então fui levantada em seus braços. — você vai gozar muito hoje, querida. Mas vou foder você em meu quarto, na minha cama. — avisou e nos guiou para a porta. Deixei-me levar pelo corredor. Não sei como acertou sua suíte, pois sua boca não largou a minha em nenhum momento. Assim que conseguiu abrir sua porta, entramos, me pôs no chão e me bateu contra ela rudemente, seu corpo grande prendendo o meu. Suas mãos apertaram minha cintura bem forte e desceram pela bunda, cavando nelas, me levantando. Esfregou sem pênis enorme e duro direto em minha vulva. Sua boca comeu a minha de novo. Grunhimos, rosnamos. Mordemo-nos, enlouquecidos de tesão. Pôs-me no chão e suas mãos foram bruscas para o meu vestido, arrancando-o, rasgando de mim. Gritei de surpresa, excitada. O tecido caiu em trapos por minhas pernas. A calcinha teve o mesmo destino. Ele afastou-se um pouco, os olhos escuros me devorando, ardendo em cada centímetro da minha pele. Arquejei esperando. Abriu o sorriso sacana e avançou para mim outra vez. As mãos enchendo nos meus seios,

juntando-os, amassando-os. Puxou os mamilos túrgidos e sua boca quente desceu sobre eles. Rugiu, lambendo, chupando duro. Mordeu um pouco mais forte e gritei ensandecida, enfiando as mãos em seus cabelos, mantendo-o no lugar. Joguei minha cabeça para trás contra a porta, gemidos incessantes e suplicantes escapando da minha boca. Seus lábios desceram esfomeados pelo meu ventre, me chupando e mordendo como se nunca pudesse ter o suficiente de mim. Acariciou minhas coxas e as separou com ânsia. Senti seu hálito soprar no meu clitóris. Minha respiração travou em expectativa. Um gemido desesperado saiu de mim quando abocanhou minha vagina.

— Ohhhh! Deus... — balbuciei, seus dedos me abriram e sua língua chicoteou meu brotinho inchado. Eu estava na borda de novo. Meu corpo todo pedindo alívio. Enfiou dois dedos em meu canal e mordeu-me levemente. Convulsionei. Espasmos incontrolláveis tomaram conta de mim. Meus olhos arderam e não consegui conter as lágrimas. Meu corpo era dele de novo. Emoções que jurei esquecer vieram com força me levando há outro tempo.

Um tempo em que fui feliz. Muito feliz! Então eu gozei. —
ahhhhhhhhhhhh! Oh, meu Deus... — minhas pernas
amoleceram e ele me levantou nos braços atravessando o
quarto. Minhas costas desceram sobre o colchão macio.
Um clarão vindo das janelas na cabeceira da cama
iluminou seus traços. Ele pairou sobre mim. Os olhos
negros me invadindo pedindo tudo. Arfei suavemente
quando desceu a boca sobre a minha num beijo lento,
delicioso. Pingos de chuva bateram nos vidros atrás de
nós e imagens de outra noite a dois anos encheram minha
mente. Separou nossas bocas e se afastou começando a
despir-se. Meus olhos o buscaram famintos. Com uma
saudades dolorosa. Puxou a camisa pela cabeça e
engasguei com seu peito musculoso, duro. O abdome reto,
bem definido, me fazendo salivar de vontade lambê-lo.
Tirou o cinto, sua expressão um tanto dura agora. Juntou
as duas pontas e estalou o couro. Meus olhos alargaram. O
som excitando-me de uma forma que nunca consegui
compreender. Era louco, primitivo. Jogou-o em cima da
cama perto de mim. Os olhos escuros perversos mandando
uma mensagem silenciosa. Arfei levemente. Desceu o

zíper das calças e se livrou delas junto com a cueca boxer. Meus olhos foram imediatamente para seu pênis ereto, orgulhoso, longo, grosso, cheio de veias. Lindo. Absurdamente viril e lindo. Sorriu-me do jeito que sempre fazia no quarto de jogos. Um predador faminto pela presa. Virou-se abrindo uma gaveta do criado mudo e tirou vários preservativos espalhando-os na cama.

— Tem ideia de quantas vezes sonhei com isso? Hum? — subiu de joelhos na cama e pegou o cinto. Estalou de novo as duas pontas e minha vagina vibrou. Meus seios intumesceram. Abriu um riso obscuro e conhecedor do meu estado. Puxou-me pelos braços bruscamente, me fazendo ficar de joelhos também. Seu olhar correu por todo o meu rosto e voltou aos olhos. Puxou-me pelos cabelos e devorou a minha boca num beijo voraz, de posse, de domínio. Continuou me beijando e levou o cinto ao meu pescoço, rodeando-o e afivelando. Não colocou apertado. Puxou a ponta como uma coleira. Arrancou a boca da minha e seus olhos negros me diziam que o dominador estava assumindo a partir de agora. — deite-se. Vou finalmente enterrar meu pau nessa boceta perfeita

do caralho! — rosnou. Ele parecia zangado de repente. Obedeci, deitando-me à medida que o cinto ia escorregando em sua mão. Bati as costas no colchão e travesseiros. Em um segundo ele estava em cima de mim, afastando minhas pernas grosseiramente. Seu olhar passeou por todo o meu corpo. Fiquei receosa que visse as mudanças após a gestação. Engordei muito e alguns quilos não foram embora depois do parto. A mão livre encheu no meu seio direito, beliscando o mamilo, descendo pelo ventre, devagar. Franziu o cenho quando deparou com a cicatriz da cesariana. Os olhos escuros encontraram os meus, cheios de perguntas, então algo surpreendente aconteceu. Ele se abaixou e espalhou beijos muito suaves pela extensão do corte. Convulsionei quando a língua morna o lambeu repetidas vezes. — seu corpo ganhou forma. É uma mulher agora. Uma mulher linda e gostosa que vou ter na minha cama todas as noites a partir de hoje. — murmurou, mordendo forte na minha virilha. Gritei, quando abocanhou minha vagina outra vez.

Comeu-me grunhindo lascivamente até me ter tremendo, minhas mãos puxando os lençóis, meus lábios

arquejando, necessitando dele dentro de mim. Então parou o ataque e pegou um preservativo. Notei que suas mãos tremiam um pouco. Vestiu-o espantosamente rápido e veio para cima de mim. Gememos com o contato. Seu corpo grande cobrindo e dominando o meu corpo delicado. O contraste da sua pele morena com minha tez pálida era erótico. Minhas mãos se banquetearam em seus ombros fortes, descendo pelos bíceps tatuados. Amo suas tatuagens. Elas são Jayden em sua essência bruta. Seu pênis procurou minha entrada, friccionando. Minha vagina completamente inundada esperando por ele. Acariciou-me o rosto como se ainda não acreditasse que estávamos assim e senti a cabeça gorda em minha vulva. Ofeguei e ele finalmente veio. Meteu rasgando-me até o fundo. Gritei de dor e prazer. Mais dor do que prazer para ser sincera. Merda! Fazia dois anos e ele era muito grande.

— Ahhhh! Deus! Sim! Cassie... Tão gostosa... Cristo! Muito mais gostosa do que nos meus sonhos... Caralho! Deliciosa... — sussurrou, gemendo quando se alojou fundo. Gemi agoniada de novo. — Estou machucando você? — Seus olhos correram preocupados pelo meu

rosto. Uma expressão surpresa e confusa em seu semblante.

— Eu... Hum... — remexi-me desconfortável sob seu olhar. Ele parecia querer ver dentro de mim. — já tem algum tempo que não... Que não... — puta merda! Isso ficou estranho.

— Que não tem sexo. — não era uma pergunta. Algo brilhou no fundo da íris escura. Algo como satisfação. Assenti incapaz de falar. Ficamos lá nos olhando. Um tentando analisar o outro. Nossos sexos palpitando loucamente. Então abriu um sorriso enigmático, mais sexy que perverso e me beijou. Um beijo que começou suave e foi esquentando aos poucos. Ele queria trazer minha excitação de volta. Sua língua habilidosa lambeu cada canto da minha boca. Suas unhas desciam e subiam nas laterais do meu corpo, arrepiando-me. Abri mais as pernas e o abracei pela cintura. Uivou e tirou a boca da minha. Tirou o pênis devagar, deixando só a ponta e voltou mais devagar ainda, girando o quadril, tocando todos os nervos do meu canal. Os olhos parecendo

maravilhados, extasiados por me encontrar quase virgem depois de dois anos. — ahhhh! Porra! Muito apertada! Bocetinha deliciosa... Cristo! Não vou durar muito... Ohh! Gostosa! Gostosa... — gemeu sua voz tensa. Sua boca deslizou pelo meu queixo, pescoço e tomou o seio esquerdo. Chupou-o duro. Mais sucos jorraram da minha vagina. Sorrii safado contra meu seio e passou a estocar com mais força. Gemi desavergonhada, enfiando as mãos em seus cabelos e me entreguei de vez. Ele sentiu minha submissão. Puxou tudo e bateu num golpe brutal e fundo, muito fundo se alojando no meu útero. Apoiou uma das mãos ao lado da minha cabeça e a outra veio para o cinto de novo. Puxou com força, me fazendo arquear as costas. Sua boca continuou voraz buscando o outro seio. Seu pênis batendo em mim duramente agora. Rasgando-me sem dó. Comendo-me faminto, seus rosnados e grunhidos um reflexo dos meus. Passou a combinar os puxões no cinto com as estocadas brutais. Puxava-me para baixo enquanto seu quadril me encontrava. Seu pênis indo por todo o caminho me esticando quase além da minha capacidade. Deu uma mordida na auréola e lambeu

acalmando. A sensação deliciosa pré-orgasmo começou a se espalhar no meu ventre e eu soltei um gemido alto, necessitado. Puta merda! Ele percebeu e meteu com tudo, acelerando os golpes. O cinto apertou mais meu pescoço. — isso, goze! Goze no meu pau, porra! Goze minha escrava, minha putinha safada, gostosa!

— Jay! Oh! Deus... Ohhhhhhhhhhh! — quebrei gritando e gozando, meu corpo tremendo violentamente.

— Isso, escrava, geme no meu pau! Grite o meu nome, porra! Esse som me perseguiu dois anos! Dois anos inteiros lembrando-me desse gemido do caralho! — Ele afrouxou o aperto no meu pescoço e acho que desfaleci por alguns segundos contra os travesseiros. Meu corpo estava mole e caiu pesadamente. Ele se deitou completamente em cima de mim. Enfiou uma mão por baixo do meu ombro esquerdo e me puxou, a outra continuava firme no cinto. Ele adora isso. Domínio total. Continuou me comendo sem trégua, meu corpo todo sacudindo com suas estocadas violentas. — ahhhhh! Porra! Eu vou gozar... — rosnou e saiu de dentro de mim,

me puxando pelo cinto. Forçou-me a ficar de joelhos com ele. Arrancou a camisinha rapidamente e girou a ponta do cinto para trás, para a nuca. — vem e me chupe! Mama bem gostoso. Quero encher sua boca de porra. — enfiou a mão livre em meus cabelos e a outra manteve o agarre no cinto. Abaixei minha boca em seu pênis quente, latejante, deslizei meus lábios até onde consegui ir, dilatando minha garganta para alojá-lo. Gemeu, era um som lindo de desespero, fome e um toque de saudade. Seu corpo estremeceu e jatos fortes de sêmen encheram minha boca. — porraaaaaaa! ahhhhhhhhhhhhhh! — bombeou duro, mantendo minha cabeça imóvel para me foder com vontade. — tome tudo, Cassie... Ohhhhh! Boquinha deliciosa, anjo... — balbuciou e foi diminuindo a força dos golpes. Puxou-me para cima, seu pênis escapulindo da minha boca num barulho alto. Ainda estava duro. Os olhos escuros me fitaram quase ternos. — agora não há mais nenhum vestígio daquele babaca em sua boca. Só meu. — rosnou e me beijou duro... Possessivo. Nossas bocas se separaram e nossas respirações ainda tentando se acalmar. Suas mãos foram em volta do cinto e o tirou com cuidado

do meu pescoço. Empurrou-me para o colchão de novo. Massageou suavemente as marcas. Ronronei fechando os olhos. — eu ainda não tive o suficiente de você. — abri os e o olhei. Seu corpo esticado do meu lado, o pênis cutucando minha coxa. Deixei escapar um gemido. Ele é insaciável. Quero dizer, realmente insaciável. Pode fazer sexo por horas. O som da sua risada foi quase livre de sarcasmo, mas estava pingando sacanagem. Levantou-se e me puxou para fora da cama. — rosto no colchão. Mãos para trás. — seu tom voltou a ser duro. — Estou louco de saudade de comer seu rabo. — miei com suas palavras cruas e coleí a lateral do meu rosto na cama. Não amarrou minhas mãos. Mas eu sabia que não podia movê-las. — porra de bunda linda que você tem escrava. — rosnou e um tapa desceu forte na minha nádega direita. Sua língua lambeu onde tinha batido. Deu outro tapa do outro lado e repetiu o mesmo processo. Minha vagina já estava palpitando de novo. Estapeou minha bunda com vontade, sempre acalmando com a língua ou com as mãos em carícias suaves. Debruçou sobre minhas costas e puxou meus cabelos, expondo minha nuca. Beijou, chupou e sem

aviso cravou os dentes bem forte. Soltei um misto de grito e gemido. Sua risada baixa, pecaminosa, perversa soou bem no meu ouvido. Lambeu o lóbulo da minha orelha. Senti meus líquidos escorrerem entre minhas coxas. Enfiou dois dedos em minha vulva melada e levou o creme para o ânus. Saiu de cima de mim e pouco depois sua língua deslizou da minha vagina ao meu orifício. Gemi, meus quadris rebolando involuntariamente. Deu mais uma palmada dura. — eu disse que podia se mexer? Hum? Quieta, porra! — rosnou e continuou o ataque. Seus dedos levaram mais líquidos e foram forçando passagem. — relaxe, Cassie. Isso... Deixe-me entrar... Isso... — seu tom era tenso, grave. Passou a chupar meu clitóris enquanto seus dedos me rasgavam cada vez mais fundo. Rosnou e acrescentou mais um dedo. Gritei, ensandecida. Como uma viciada que foi privada por muito tempo do seu vício. Meteu a língua na minha vulva e eu estava surpreendentemente me encaminhando para outro orgasmo. Levantou-se e senti a ponta robusta se alinhar no meu ânus. Segurou forte em meus quadris, cravando os dedos na minha carne e estocou firme, rasgando-me até o

fundo. Suas bolas bateram na minha vulva. Gemi suspensa entre a dor e o prazer de novo. Abaixou-se sobre mim e lambeu toda a extensão da minha coluna. Seu pênis latejando no meu ânus completamente cheio. — Ahhhhh! Cristo! Você é a porra do pacote completo! Nunca fodi um rabo tão gostoso... Tão quente e apertado... Ohhh! — rugiu e tirou tudo, voltando de novo num impulso brutal que quase me fez desabar na cama. — aguente firme, escrava! Só vou gozar quando tiver matado minha fome desse cu gostoso que você tem. — avisou e passou a me comer sem piedade. Golpes duros. Eu estava bem lubrificada agora. Seu pênis entrando muito fundo, até o cabo. Eu estava bem perto de gozar de novo. Cada vez que suas bolas batiam na minha vagina ele girava o quadril massageando meu clitóris. Puxou minha bunda, me empinando mais para continuar tomando suas estocadas rudes. Fui devorada assim por muito tempo. Seu suor pingava nas minhas costas e bunda. Seu agarre forte nunca cedeu nos meus quadris e não aguentei mais quando levou uma mão para meu clitóris e o beliscou duro.

— Oh! Deus! Jay... Eu... — chorei na intensidade da

sensação deliciosa que tomou meu corpo indo se instalar na vagina. Gozei e os soluços me fizeram convulsionar.

— Shhhh, goze gostoso... Isso... Assim, meu anjo. — não sei se ele se deu conta do que estava me chamando. Sua voz foi apertada e ele finalmente uivou, seu pênis inchando e despejando sêmen quente no meu canal. — perfeita! Santa Mãe! Gostosa demais... — minhas pernas cederam e caí na cama com ele ainda profundamente enterrado em mim. Continuou metendo até cessar o ritmo, sua boca quente e macia espalhando beijos muito suaves nas minhas costas. Meus soluços foram diminuindo. Meus olhos foram pesando. Uma letargia tomando conta do meu corpo. Ele saiu devagar de dentro de mim. Arquejei e depois disso simplesmente apaguei.

CAPÍTULO SEIS

Cassandra

Abri os olhos devagar, esticando meu corpo. Oh! Puta que pariu! Minhas partes íntimas estavam muito sensíveis. Gemi e meus olhos se arregalaram quando me dei conta de onde e com quem estava. Para piorar, um braço moreno pesava sobre meu estômago. Virei a cabeça para o lado e meu coração sofreu um baque com a visão dele. O rosto moreno relaxado, livre do sarcasmo. Assim, adormecido, parecia um menino desprotegido. Sempre gostei do olhá-lo durante o sono. Era o único momento em que ele se desarmava completamente. Levei minha mão até bem perto do seu rosto, hipnotizada, mas recolhi antes de tocá-lo. Fechei os olhos. Ah! Deus! O que estou fazendo? Saia imediatamente dessa cama, desse quarto, Cassie. Você não pode voltar a isso. Não. Não dê a ele o poder de te machucar de novo. Retirei o braço de cima de mim com cuidado. Ele se mexeu e eu gelei. Ah! Merda! Eu não posso encará-lo agora. Ainda é muito cedo. Ainda estou frágil da sua posse de homem das cavernas.

Ele virou para o outro lado, o lençol escorregando, mostrando as costas musculosas e boa parte da bunda firme e... Nua. Ok. Joguem-me na masmorra, mas esse foi meu único homem e ele é simplesmente um espetáculo aos olhos. Não dá para não olhar! Eu sei. Patético! Mas é a verdade. Sentei-me e quase gemi de novo. Puta merda! Muito sensíveis... Levantei na ponta dos pés e fui catando minhas coisas. Um sapato aqui, outro ali. Meu vestido estava num estado deplorável, mas ainda estava escuro lá fora. Não corria o risco de encontrar alguém pelo corredor. Vesti-o rapidamente e peguei os sapatos na mão. Uma chuva fina ainda caía contra os vidros da janela. Meus olhos pousaram na cama de novo. Os lençóis brancos destacando o corpo moreno. O devorei sem pressa. Me detive nas cicatrizes que subiam em duas linhas finas da base da coluna até as omoplatas. Ele nunca me disse como as adquiriu. Torci os lábios. Ele nunca me disse muita coisa sobre si. Suspeito que seja um resquício do período em que viveu nas ruas. Meus olhos masoquistas não queriam se afastar, guardando cada detalhe com uma saudade antecipada porque eu não sei

ainda o que ou como farei, mas não posso deixá-lo me tocar de novo. Isso seria muita burrice. Praticamente um suicídio, porque não importa o quanto ele é de tirar o fôlego. Esse homem me machucou demais. Não posso deixar meu corpo idiota tomar as decisões por mim outra vez. Preciso ser forte e resistir ao seu magnetismo selvagem que infelizmente ainda me atrai.

Aconcheguei-me na cama assim que entrei no meu quarto. Ainda tinha algumas horas para dormir. Ele estava enlouquecido esta noite. Não sei ao certo quantos orgasmos tive. Acho que foram seis. Ou foram sete? Ah! Deus! Não acredito que deixei que me fodesse como uma fera enfurecida. Como vou olhá-lo pela manhã? Sim, porque para piorar tenho uma reunião com ele às dez. Gemi de desgosto. Sei que não vai perder a oportunidade de me hostilizar. Por fim, o esgotamento me venceu e adormeci.

Acordei assustada. Olhei o relógio no criado mudo e o que vi fez-me despertar completamente. Eram nove e meia! Oh! Merda! Pulei da cama e fui direto para o

banheiro. Meu reflexo no espelho da pia me fez franzir o cenho. Puta que pariu! Meu torso estava todo marcado de chupões. Esqueci que o cretino adora deixar sua marca. Um som de desgosto saiu da minha garganta. Fiz a minha higiene em tempo recorde e escolhi um vestido de linho verde água. Era discreto, mas charmoso, apenas sugeria minhas curvas. Usei meu sapato de salto oito. Nem tão básico, nem tão chamativo para o dia. Gostei do resultado. No rosto usei corretivo embaixo dos olhos, gloss, lápis e uma máscara para cílios. Ok. Acho que caprichei um pouco na maquiagem. Mas eu definitivamente não ficaria por baixo nesse encontro pós-sexo enlouquecedor. Gemi terminando de arrumar meus cabelos num rabo de cavalo. Olhei meu celular havia dez ligações de Vitor. A vergonha tomou conta de mim. Eu ainda não consigo falar com ele. Não depois de tudo... Peguei minha bolsa e saí para o quarto dos bebês. Meu dia não começa bem se eu não pegar, abraçar, beijar meus pequenos. Meu estômago roncava de fome, mas não daria tempo de comer nada antes de encontrar o *todo poderoso*. Ironizei, abrindo a porta e estaquei. Um par de olhos

escuras se fixou em mim e meu coração passou a bater descompassado. Oh! Merda! Eu não esperava encontrá-lo antes de me fazer o meu discurso mental do dia. Seus olhos prenderam os meus. Algo brilhou no fundo da íris negra e sem semblante pareceu suavizar. Seus olhos desceram por mim lentamente. Obriguei-me a entrar. Seu olhar me acompanhou até quando parei ao lado do tapete macio. Ele estava bem à vontade para uma reunião, observei. Usava camisa polo branca e short de brim, bege.

— Bom dia. — minha voz saiu muito rouca. Ah! Cristo! Quase gemi. Os cantos de sua boca subiram num arremedo de sorriso. Uma expressão surpreendentemente relaxada tomando suas faces.

— Oi. — sua voz foi apenas um sussurro. Os olhos negros flamejaram em mim. Por mais que eu tenha me dado um sermão quando deixei seu quarto na calada da noite, meu corpo simplesmente reage ao dele quando me olha assim. Ele parecia mais relaxado ali sentado no tapete, brincando com os meninos. Lucas estendeu os bracinhos para mim ao mesmo tempo em que Samuel. —

nada disso, garotão. — Jayden o puxou para si, abrindo um pequeno sorriso. — deixe seu irmão ficar um pouco com a mamãe. Deixe de ser tão possessivo. — prendeu meu olhar quando me ajoelhei junto deles e Samuel se jogou para mim. Lucas fez biquinho, iniciando uma birra. — eu sei campeão. É muito difícil não ser possessivo com ela, não é? — completou quase inaudível, mas ouvi perfeitamente. Nossos olhos permaneceram travados. Ele estava diferente nessa manhã. Havia um brilho quase suave em seu olhar.

— Ei, meu amor. — me inclinei dando um beijinho na cabeça de Lucas. Jayden continuava me olhando insistentemente. O que há com ele? Isso está estranho. — não seja tão ciumento. Já, já mamãe vai pegá-lo também, prometo. — Pisquei quebrando o contato visual e me levantei com Samuel no colo. — e você, está melhor, hum? — ele gargalhou lindamente. Já parecia livre da febre e estava bem mais animado. — sim? Conta para a mamãe, amor. — ele riu mais. Andei em direção à sacada. Eu ainda podia sentir os olhos de Jayden em cima de mim. Lucas continuou me chamando. Parei a alguns passos da

balaustrada encantada com a vista. A chuva havia cessado e o sol já reinava. Avistei várias lanchas e Jet Skis ganhando o mar aberto. Era um cenário paradisíaco. O Brasil era mesmo uma terra linda. Senti a presença dele e virei à cabeça. Ele parou do meu lado com Lucas mais calmo sacudindo um brinquedo barulhento.

— Já tomou café? — indagou num tom baixo.

— Não. Eu... Hum, não ouvi o despertador... — um sorriso brincou em seus lábios de novo. Os olhos negros incendiando como se tivesse recordando nosso sexo explosivo de ontem. Corei. — não temos uma reunião às dez? — tentei soar firme e quebrar esse clima de repente íntimo que se instalou entre nós. Não gosto nada disso.

— Sim, temos, mas a reunião será no local das obras, do outro lado da ilha. — seus olhos desceram por mim de novo sem a menor pressa. — por mais que goste de suas pernas nesses sapatos acho melhor usar algo mais confortável. — acrescentou, um sorriso enigmático e sem vergonha tomando os lábios sensuais. — você pode tomar café comigo. Acabei de pedir que enviassem o meu para

cá. — seus olhos inflamaram mais, mantendo-me cativa. — também não ouvi o despertador. — ele sussurrou a última parte. A voz insinuante, profunda, sexy como o inferno e apesar de toda dolorida, minha vagina vibrou ridiculamente. Deus! Ele não ia mesmo facilitar para mim, não é? Claro que não. Eu reconhecia esse sorriso charmoso. Esse tom de voz de quarto. Esse olhar que queimava cada centímetro da minha pele. Ele me quer na sua cama de novo. Obriguei-me a repetir mentalmente as dez razões pelas quais eu não deveria me deixar seduzir por ele de novo e assenti levemente com a cabeça.

Cerca de meia hora depois, o helicóptero descia na clareira da área onde ficavam os chalés nupciais. Sim, é claro que o idiota exibicionista pilotou. E é claro que o restante da equipe foi de carro. Só eu tive o privilégio de ir com ele. Bufei. Desci antes que ele viesse me ajudar. Eu era bem familiarizada com a forma com que me ajudava a descer. Ele se esfregava em mim descaradamente. Houve um tempo em que eu amava isso, mas não agora. Não agora. Havia trocado o vestido por jeans, camiseta e tênis. Ele levantou uma sobrancelha

quando me viu pular para o chão. Sua boca se curvando num riso debochado, conhecedor e seus olhos brilharam. Ele adora isso. A espera. A antecipação.

— Onde estão os outros? — indaguei assim que entramos no primeiro chalé. Virei e o flagrei olhando minha bunda. Bastardo! Fechou a porta atrás dele e avançou devagar. O brilho perigoso, predador tomando à íris escura.

— Devem estar chegando a qualquer momento. — murmurou, parando bem na minha frente. — incomoda você ficar sozinha comigo? — sua sobrancelha provocadora subiu de novo. A compreensão afundou em mim. Ele me preparou uma armadilha. Eu caí numa maldita armadilha! Rangi os dentes e me afastei indo até a varanda ampla, onde havia uma banheira de hidromassagem e uma mesa sob um guarda sol. Ouvi seus passos macios atrás de mim.

— Aqui na área externa pensei em aumentarmos o píer, com uma passarela de uns cem metros. — me pus a falar sobre o projeto. Eu não cairia nessa merda de clima

íntimo que estava querendo forçar. Andei até a balaustrada de madeira rústica. — essa contenção sai, deixando o espaço maior para o casal apreciar melhor a vista. Há espaço para uma piscina pequena também. Podemos...

— Já vi todas as melhorias que propôs Cassie. — seu tom foi levemente entediado. — mas pode mostrar-me as mudanças que fará na suíte. — seus olhos queimaram nos meus. E ele se aproximou de novo, um sorriso sacana brincando nos lábios.

— Farei isso quando o restante da equipe chegar. — cerrei o maxilar, minhas mãos segurando a madeira atrás de mim. Ele veio mais, invadindo meu espaço pessoal. — aquilo não voltará a acontecer, Jayden. Pode parar com esse esquema de sedução barata! — rosnei. Seu sorriso ampliou. Oh! Merda! Ele ficava lindo quando ria assim. Minha pulsação acelerou contra a minha vontade.

— Aquilo o quê? — inclinou-se, suas mãos apoiando atrás de mim, prendendo-me entre seus braços musculosos. Seu cheiro me engolfou e estremeci. — sexo

suado, quente, gostoso? Você embaixo de mim tomando meu pau duramente em seu corpo delicioso? — murmurou abaixando a cabeça ficando a poucos centímetros da minha boca. Os olhos escuros fixaram nos meus com uma intensidade enlouquecedora, fazendo-me promessas obscenas. Minha calcinha molhou. Deprimente, mas o palavreado sujo dele me excita. E ele sabe disso. — vai acontecer, Cassie. Nós dois sabemos disso. — sussurrou. Arfei levemente. — ainda sinto seu gosto na minha boca. Ainda posso sentir meu pau todo enterrado em você.

— Não, não vai acontecer, droga! Não mesmo! — juntei forças não sei de onde e o empurrei conseguindo sair de perto do seu corpo tentador. Meu coração batia ensandecido contra as costelas. Tomei uma distância segura dele.

— Então por que está tremendo? Aposto que sua bocetinha gostosa está toda molhada. — murmurou e o olhar inflamado descendo até minha pélvis e se mantendo lá. Lambeu os lábios lascivamente e voltou a me fitar. Seu cenho franziu um pouco. — quanto tempo?

— O-o quê? — balbuciei momentaneamente confusa. Uma sobranceira subiu sugestivamente e eu entendi. Ele queria saber quanto tempo fiquei sem sexo. — acho que isso não é da sua conta. — disse entre dentes. Ele abriu um riso malicioso.

— Você não transou com o almofadinha. — afirmou. Seu olhar não me deixando escapar. — por quê?

— Isso também não é da sua conta. — cuspi irritada.

— Posso responder essa. — disse naquele tom baixo que gostava de usar quando estava no quarto. — ele não é seu tipo, querida. Digo o seu tipo sexual. Você gosta de sexo bruto, de ser dominada. — arquejei e levei meus braços cruzando na minha frente. Seus lábios torceram num riso sarcástico. — ele deve ser tremendamente enfadonho na cama. Sua natureza submissa soube disso antes de você. — deu mais um risinho presunçoso. — mas estou surpreso que tenha ficado tanto tempo sem sexo. Agradavelmente surpreso, na verdade.

— Nem todos são prostitutas como você. — revidei, descendo meus braços, meus punhos cerrando do lado do

corpo. — estive grávida por nove meses, Jayden, caso não tenha percebido. Depois disso os meninos me sugaram completamente. — seus olhos estreitaram sutilmente. Sua cabeça pendeu para o lado direito me analisando astutamente.

— O que está tentando me dizer? — sua voz foi um tanto fria agora. — que ficou sem sexo desde que engravidou? Que estive sem sexo por dois anos? — sua expressão era incrédula. Oh! Merda! Esqueci que o cretino tem um cérebro afiado.

— Sim, é isso. — levantei o queixo em desafio. — você não é obrigado a acreditar. Eu com certeza não devo satisfação a ninguém. — ele apertou o maxilar, seus olhos perfurando os meus.

— Então, nesse tempo todo nunca apareceu ninguém interessado? Acho realmente difícil de acreditar. — disse num tom estranho.

— Sim, apareceram muitos *interessados*. — ironizei a última palavra. — a maioria, completos idiotas. Eu tenho o dedo podre, sabe? — dei um sorriso que não alcançou

meus olhos. — tenho uma tendência patética para atrair imbecis. — seus olhos estreitaram de novo. Então, fez algo que me surpreendeu: ele sorriu. Um riso ridiculamente bonito, quase relaxado. Maldito!

— Mas acabou dando uma chance para aquele babaca. — rosnou e seu sorriso morrendo rapidamente. — ele não gosta dos meninos. Você sabe disso, não é?

— Vítor não é má pessoa. Ele apenas... Apenas...

— Não gosta de crianças, Cassie. — seu tom foi duro agora. — você vai continuar com um imbecil que não gosta dos seus filhos? — ok. Ele tinha um bom ponto. Além disso, eu teria mesmo que terminar tudo com Vítor. Eu fui desleal com ele. Quase gemi de desgosto. Deixei me levar pelo momento e dois anos de abstinência sexual e fui realmente o que Jayden alardeava sobre mim: uma vadia. Ele me transformou de fato numa vadia. Nenhuma mulher decente faz o que eu fiz.

— Eu vou terminar tudo com ele. — seu semblante suavizou um pouco e os malditos olhos negros brilharam luxuriosos. — mas não vou ser sua puta. Você não vai me

transformar em sua puta de novo, Jayden. — minha voz saiu surpreendentemente firme e me congratulei internamente por isso. Sustentei seu olhar o máximo que pude. Eu precisava me libertar disso. Envolver-me com ele de novo seria um tiro no pé. Ouvi o barulho dos carros parando na frente da construção e deixei o ar sair devagar dos meus pulmões. Eu havia ganhado um round, mas o brilho perigoso no olhar dele e o sorriso pecaminoso, conhecedor do seu poder sobre mim me deu a certeza de que eu havia me transformado na sua caça. De novo.

Eu não estava enganada. A semana transcorreu com muitas visitas aos chalés, nas quais nunca ia ninguém da equipe conosco. Ele estava me tentando absurdamente. Numa dessas visitas ele tirou toda a roupa e mergulhou nu. O cretino mergulhou nu na minha frente. Foi impossível não ver a sua ereção enorme, pois ele não teve a mínima decência de esconder. Puta merda! Em outros momentos quando estávamos no escritório do resort, sempre dava um jeito de me tocar *acidentalmente*. Seu alvo preferido era minha bunda. O idiota era tão óbvio. Entretanto, tenho resistido bravamente. Não sei até quando. Não me levem

a mal, nem queiram me atirar pedras. Ele tem tornado as coisas muito difíceis para mim. Essa coisa entre nós só faz crescer. Piorou muito depois que provamos um do outro de novo. Portanto, não serei hipócrita de afirmar que estou completamente imune, a salvo. Quando seus olhos pousam em mim a cada manhã quando nos encontramos no quarto de Lucas e Samuel, uma força quase incontrolável me puxa em sua direção. E antes de dormir o processo se repete quando Jayden passa por lá para colocar os filhos no berço. Esse é outro aspecto que tem trabalhado contra mim. Ele é um pai maravilhoso. Não é porque ele é uma péssima pessoa em um relacionamento que vou deixar de reconhecer sua dedicação aos meninos. Nunca pensei que tivesse tanto jeito com criança, mas eu não sabia muito sobre ele, não é? Os meninos já o chamam de *papai*. A primeira vez que presenciei isso tive que sufocar as lágrimas. Ele me olhou como se quisesse ver minha alma.

Jayden

Eu estou parecendo à porra de um adolescente. Deitei-me na cama e levei minha mão ao meu maldito pau traidor.

Fechei os olhos e gemi. Grandes olhos azuis surgiram na minha mente. A boquinha rosada em volta do meu pau, mamando bem gostoso. Acelerei meus golpes. Porra! A sensação de esporrar em sua garganta quase me levou a borda. Repeti a experiência toda. Minha mão era incansável agora e eu estava fodendo seu cuzinho apertado bem duro.

— Ahhhhh! Cassie... — rosnei e o som do seu gemido quando gozou comigo enterrado em sua bunda veio nítido e me fez rugir alto, meu quadril levantando da cama, apertei mais em volta do meu pau inchado e eu gozei duro, muito duro. — oh! Porra! Ohhhhhhhhhhhh! — Santa Mãe! Tremores assaltaram meu corpo e abri os olhos. Meu esperma escorrendo por entre os dedos. Foda! Ela está me enlouquecendo. Merda! Merda! Levantei-me e fui limpar a bagunça. Eu preciso de um plano. Preciso fodê-la até tirar essa porra toda de dentro de mim. Mas ela está certa numa coisa. Fodermos complicaria tudo. Tem os meninos agora. No entanto, meu pau não entende isso. Ele a quer. Quer ferozmente e minha mão não é uma substituta à altura, nem de longe. Torci os lábios em desgosto. Por que ainda a

desejo dessa forma louca, desenfreada, primitiva? Basta vê-la para incendiar. Tudo que penso quando a vejo pela manhã é em dobrá-la na superfície plana mais próxima e fodê-la sem sentido. O destino é mesmo um bastardo cruel por trazê-la de novo para mim. Mas, ao mesmo tempo não posso lamentar isso porque ela tem meus filhos. Oh! Porra de situação fodida!

— Não se preocupe irmão. Cassie virá. — a voz provocadora de Dom me fez desviar os olhos da entrada do restaurante para ele e Helena, sentados à minha frente. — ela prometeu à Helena que viria. — deu um risinho idiota. — você já pode relaxar. — Bastardo!

— Dom, *amore mio*. — Helena repreendeu beijando-o nos lábios. — pare de provocar. — Ele aprofundou o beijo e gemeu descaradamente. Bastardo tarado! Bufei e olhei de novo para a entrada e meu corpo todo entrou em ebulição. Porra! Cassie havia acabado de entrar e parecia flutuar por entre as mesas em nossa direção. Meus olhos passearam esfomeados pelo corpo delicioso num vestido azul de um obro só se ajustando às curvas perfeitas

parando a vários centímetros dos joelhos. Meus olhos possessivos registraram olhares masculinos das mesas por aonde ela ia passando e meu sangue ferveu. Malditos bastardos! Parem de olhar para ela, porra! Finalmente chegou até nós. Levantei-me galantemente e puxei sua cadeira. É claro que tomei o cuidado de colocar bem mais perto da minha do que estava antes. Ninguém perceberia isso... Levantei meus olhos. Bem, a não meu irmão idiota que tinha um riso malicioso no rosto. Ah! Cristo! Ainda bem que vai embora amanhã. Ele estava me enlouquecendo com seus comentários nada discretos sobre meu interesse por Cassie. Essa história era minha, porra! Eu preciso arrumar um jeito de lidar com tudo. Eu. Apenas eu.

— Obrigada por ter vindo, Cassie. — Helena quebrou o silêncio que se instalou depois dos cumprimentos iniciais. Cassie estava rígida, tensa do meu lado. Minha coxa estava colada na dela. Era esse o motivo e foi por isso que fiz. Ela também sente essa coisa estalando, crepitando entre nós quando estamos assim perto. É por isso que tem corrido de mim a semana toda. Ela é muito

ingênua se acha que vai escapar de mim hoje. Servi sua taça com um pouco de vinho. Ela quase não bebe. Uma vez se embriagou com apenas duas taças. Foi hilário... Franzi o cenho para a lembrança inoportuna e tomei um gole do meu uísque.

— Imagina. Adorei conhecê-los. — ela disse abrindo um de seus sorrisos doces para Helena e Dom. — espero poder encontrá-los outras vezes. — acrescentou sorvendo um pequeno gole da sua bebida.

— Nós também íamos adorar revê-la e aos meninos, não é *amore mio*? — Helena garantiu. Dom entrelaçou a mão na dela, puxando-a para o círculo dos braços.

— Claro, princesa. — disse cravando os olhos verdes em mim, me passando uma mensagem com a palavra que estava queimando em minha mente nos últimos dias: *casamento*. — você é da família agora, Cassie. É mãe dos meus sobrinhos. Serão sempre bem-vindos em nossa casa, não é amor? — beijou carinhosamente os cabelos da esposa.

— É isso mesmo, *cara mia*. — os olhos amarelos de

Helena brilharam entusiasmados. — é da família agora. — Cristo! Era impressão minha, ou até Helena estava me pressionando?

— Obrigada, vocês são muito gentis. — Cassie agradeceu com um tom meio emocionado. Pedimos os pratos e o jantar transcorreu num clima agradável, tirando é claro as indiretas nada sutis de Dom e Helena. Introduzi temas mais amenos e a conversa fluiu. Era estranho, mas me senti bem, muito bem na verdade. Meus olhos buscavam Cassie com mais frequência do que gostaria e algumas vezes a flagrei me observando também. Nossos olhares se prendiam por instantes longos e torturantes. Meu pau estava enfurecido pressionando o zíper das calças. Hoje eu daria um fim nessa situação frustrante. Nessa ânsia louca de me enterrar nela. Ela corou sob meu olhar e tudo que deve ter visto nele. Dom e Helena se despediram mais cedo. Ele me deu uma piscada sem vergonha antes de deixarem a mesa. Revirei os olhos. Ele era tão óbvio.

— Vou acompanhá-la até seu quarto. — anunciei me

erguendo assim que se levantou. Ela estava visivelmente nervosa agora.

— N-não é preciso. — disse num fio de voz e passou por mim. Não tão rápido, querida. Apressei-me atrás dela. — já disse que não é preciso. — repetiu num tom apertado, enquanto atravessávamos o terraço para os quartos. Mantive-me calado, mas continuei no seu encalço. Ela abriu a porta com dedos trêmulos e entrou batendo-a num baque forte bem na minha cara.

Oh! Uau! Abri um sorriso e enfiei a mão no bolso. Ela teria uma surpresinha. Dei-lhe alguns minutos e girei a chave na fechadura. Entrei devagar no ambiente. Apenas a luminária perto da cama e a porta do banheiro aberta davam iluminação ao quarto. Não demorou muito ela surgiu num roupão branco e curto. Estacou quando me viu. Seus olhos arregalaram e suas mãos foram nas laterais do roupão fechando-o mais.

— O-o que está fazendo aqui? Co-como entrou? — seu tom foi de alarme total. Andei até ela lentamente e agitei a chave na sua frente.

— Sou o dono. — sussurrei, enfiando o cartão-chave no bolso de novo. Sua língua saiu lambendo os lábios nervosamente.

— Saia, seu filho da puta! Você não tem esse direito! — rosnou. Seus dedos estavam com os nós brancos da força que fazia para segurar o roupão. Sorri. Um de meus sorrisos lentos, sacanas e cravei as duas mãos em sua pequena cintura puxando-a para mim, bruscamente. Arfou quando sentiu meu pau duro em seu ventre. Os olhos incendiaram mais, só que agora era de excitação também.

— Você é uma grande tola se acha que isso irá embora me evitando. — grunhi abaixando minha boca ficando bem próximo da sua. — essa porra só irá embora quando gastarmos até o último resquício e é isso que faremos de agora em diante. — moí meu pau direto em sua pélvis. Não sei como fez, foi tão rápido, só senti o tapa acertando em cheio em minha face direita. Rosnei e cavei minhas mãos em sua bunda levantando-a do chão. Ela se debateu, seus punhos me esmurrando nos ombros. Joguei-a em cima da cama com força. O roupão se abriu e minha boca

salivou diante da visão. Cristo! Uma semana com a lembrança desse corpo perfeito do caralho! Uma semana me masturbando sem parar como um retardado! Ela ficou lá parada. As pernas levemente abertas, dando um vislumbre dos lábios inchados de sua boceta coberta por malditos pelos ruivos bem aparados. Seu peito arfava. Os seios redondos e cheios, os mamilos duros. Ela esteve excitada todo o jantar. Senti o cheiro de fêmea embriagador. Quase enlouqueci de tesão, antecipando esse momento. Avancei sobre ela, prendendo seu corpo na cama. — não perca seu tempo negando que não está tão louca por isso quanto eu. Sinto seu cheiro. Senti durante todo o maldito jantar. — rosnei e puxei seus braços para cima da cabeça. Enfiei-me entre suas coxas, obrigando-a a abri-las. Esfreguei-me em sua boceta, girando o quadril lentamente e ela soltou a porra do gemido que atíça a fera dentro de mim. — vou comer você. Está me ouvindo? Esse é o seu lugar, porra! Embaixo de mim. — desci minha boca sobre seu seio direito e o chupei duramente. Suas costas arquearam gemendo alto. Rosnei e mordi a auréola. Ela adora isso. Lambi bem devagar depois.

Segurei seus pulsos com uma mão e com outra abri meu zíper. Eu estava tremendo e gemendo com um tesão desenfreado tomando meu corpo. Tirei meu pau e o deslizei entre os lábios de sua boceta. Grunhi olhando a imagem linda dos pelos ruivos me roçando. Lambuzei a cabeça em seu creme, massageei seu clitóris. Ela arqueou as costas de novo. Sua boquinha rosada entreaberta, arquejando. Prendi seu olhar e me alinhei em sua vulva. Nós dois ofegávamos em expectativa e eu meti com força, indo todo o caminho em seu canalzinho escaldante e apertado.

— Ahhhh! Puta merda! Jay... — choramingou quando nossas pélvis se colaram. Fiquei imóvel um instante para ela se ajustar e também porque eu estava a ponto de gozar.

— Eu não consigo mais ficar sem isso, caralho! Você consegue? — rugi tirando tudo, deixando só a ponta e bati de volta numa estocada dura que a sacudiu toda. — você tem a porra da boceta mais perfeita que já fodi. Nunca quis tanto foder uma boceta! É isso que faz comigo, Cassie. — passei a fodê-la duramente. Nossas pélvis se

chocando num barulho alto no silêncio do quarto. Ela me abraçou com as pernas e me deixou meter fundo, bem fundo do jeito que ela sabe que gosto. Do jeito que ela também gosta. Miou quando girei o quadril completamente enterrado nela. Puxei seus mamilos, senti mais líquidos jorrarem de sua boceta e a fera saiu comendo-a sem dó. Montei-a enfurecido. Chupei, lambi e mordi seus peitos com vontade. Soltei seus pulsos e a levantei, ficando de joelhos na cama com ela escarranchada em mim. Firmei sua bunda e a fodi com tudo, rasgando seu buraquinho apertado. Jogou a cabeça para trás, rosnando, grunhindo. Abocanhei seu pescoço, chupando, mordendo. Seu corpo começou a se retesar no início do orgasmo. Puxei seus cabelos da nuca e trouxe sua boca para a minha num beijo de olhos abertos. Nós dois enlouquecidos buscando nossa liberação. Comi sua boca enquanto a puxava para tomar meu pau até as bolas. — toma tudo, minha escrava gostosa! Toma meu pau até o cabo nessa boceta gostosa, porra! Toma! — ela quebrou gozando, sua boceta estrangulando meu pau. Bebi seus gritos e gemidos, metendo e metendo, rasgando-a bem gostoso. —

porraaaaaa! Ahhhhh! Vou gozar! Cristo! Cassie... — me lembrei no último segundo que estava sem preservativo e abaixei seu corpo no colchão. Tirei meu pau e me masturbei freneticamente esporrando em seu ventre. — ohhhhhhhhhhh! Caralho! Gostosa! Gostosa... — uivei jogando a cabeça para trás. Meu corpo todo sendo tomado por espasmos que pareciam não ter fim. Santa Mãe! Definitivamente minha mão não era uma substituta à altura. Porra! Nenhuma outra estava à altura. Ela era mesmo a merda do pacote completo. Olhei-a lá esparramada. O rosto rubro, os olhos anuviados do gozo intenso. Linda pra caralho! Eu não posso mais me privar disso. Não posso mais me privar dela. Então eu soube que teria que considerar a maldita palavra *casamento*.

CAPÍTULO SETE

Jayden

Levei o copo de uísque aos lábios, sorvendo um pequeno gole, balancei os cubos de gelo suavemente e andei devagar até onde ela estava. Meus olhos presos na sua figura linda e nua debruçada sobre o recamier. Eu também estava nu. Depois da foda apressada para extravasar o tesão imediato eu a trouxe para o meu quarto. Torci os lábios cinicamente. A palavra certa seria, arrastei-a até aqui. O que dizer disso. Sou, digamos territorial. Gosto de estar nos meus domínios. Meu quarto, minha cama, minha mulher. Sim, vou propor a porra do casamento. Passei uma semana toda me masturbando por causa dela. Vou fodê-la até enjoar depois podemos nos separar amigavelmente e ninguém vai poder me dizer que não fiz a coisa certa. Parei atrás dela. Seu corpo tremia de antecipação. Havia selecionado a pasta de Gun's Roses no sistema de som e a música *Welcome to the jungle* estava num trecho especialmente estimulante.

You can taste the bright lights (Você pode experimentar as luzes brilhantes)

But you won't get them for free (Mas não vai tê-las de graça)

In the jungle, welcome to the jungle (Na selva, bem-vinda à selva)

Feel my, my, my, my serpentine (Sinta meu, meu, meu, meu chicote)

I, I wanna hear you scream (Oh, eu quero te ouvir gritar)

Ela estava vendada e contida nos pés e mãos. Não era o mesmo efeito do meu cavalete, mas quebraria um galho. Suas mãos estavam algemadas para frente e seus pés amarrados com uma de minhas gravatas. Meu pau estava babando para entrar logo nela. Masturbei-me devagar, meu olhar devorando sua bundinha arrebitada, empinada, deixando seu cuzinho rosado totalmente à mostra e mais abaixo a bocetinha linda. Os lábios inchados da recente atividade, seu creme escorrendo para o clitóris me deram água na boca. Não consegui segurar um gemido. Porra!

Ela era uma visão do caralho! Andei lentamente pelo seu lado direito. Deslizei minhas unhas pela extensão da sua coluna. Ela sobressaltou no início, mas depois relaxou contra o estofado embaixo dela. Um gemido baixo deixando sua garganta. Puxei seus cabelos da nuca levantando sua cabeça e me abaixei um pouco colando meus lábios na sua orelha. Ofegou quando mordi e lambi o lóbulo.

— Você pensou mesmo que podia fugir disso, escrava? — murmurei, meu tom duro, cheio de luxúria. Passei a perna por cima de suas costas, ficando montado nela, mas sem forçar o peso. Puxei mais seus cabelos e fui para a outra orelha. Minha outra mão descendo pela racha de suas nádegas. Gemeu quando meu dedo circulou seu pequeno orifício. Continuei descendo e rosnei quando toquei sua boceta melada. Ela estava arqueada para trás agora. — se eu não posso fugir. Você também não pode. Nenhum de nós pode porra! Meu pau baba por você e sua boceta goteja por mim. — gritou quando meti dois dedos em sua vulva cremosa. — você me viciou de novo nesse seu corpo gostoso do caralho! Vai pagar caro por ser tão

gostosa, escrava! Não vou sair de cima de você até estar completamente saciado, entendeu? — grunhi e a comi com golpes rápidos e duros até que estava arquejando, o corpo entrando em ebulição, pronto para gozar. Sorri lascivo e retirei os dedos. — agora não, minha putinha, minha escrava deliciosa. — Saí de cima dela e dei a volta para sua frente. Segurei meu pau pela base e o levei até seus lábios. Ela os abriu ávida, obediente, submissa. Meu corpo tremeu quando sua linguinha saiu brincando na ponta espessa. — ahhhh! Sim, Cassie... Isso... Lambe ele todinho... Porra! — me lambeu como uma gatinha ansiosa. Mantive o agarre duro em seus cabelos e fui forçando a entrada. Seus lábios se esticando em volta do meu pau. — Ohhh! Caralho! Que boquinha gostosa! Foda! — gemi e passei a estocar fundo, sua garganta relaxando para tomar o máximo de mim. — isso, escrava, mama bem gostoso no seu dono e senhor! Mama, porra! — Ela já estava sem fôlego, mas continuava lá me deixando comer sua boca ferozmente. E então ela fez o que ensinei na primeira vez que me chupou. Arrastou os dentes devagar da base até a glândula. Oh! Merda! Eu quase gozo. Tive que puxar para

fora apressado e tomar uma respiração profunda. — o que você queria com isso, escrava, hein? — puxei seus cabelos com força. Ela choramingou. — responda porra!

— E-eu só queria... Só queria que você... — balbuciou parecendo assustada. Puxei outra respiração, tentando me acalmar. Ela nem sabia o que tinha feito para mim. Nem tinha ideia do quanto me enlouquecia.

— Você queria que eu gozasse na sua boquinha linda? Hum? — minha voz suavizou e me abaixei tomando sua boca num beijo lento, com o intuito de excitá-la mais. — eu vou gozar em você todinha hoje. Meu pau é todo seu. Você é a minha putinha gostosa de novo. — gemeu quando mordi seu lábio um pouco mais forte. Chupei sua língua macia até senti-la pronta. Arranquei meus lábios dos dela e fui para trás de novo. Abri um preservativo rapidamente e me vesti. Sua boceta era uma poça de líquidos escorrendo. Abaixei-me e caí de boca, lambendo todo o seu creme, bebendo tudo, sedento. Circulei seu rabinho com a língua, ávido, querendo tudo dela. Minhas mãos estapearam sua bunda. Gritou, miou, choramingou,

enquanto combinava os tapas como minhas lambidas. Desci mais e chupei duro em seu clitóris. Ela estava quase lá de novo. Levei líquidos para seu rabo e fui alargando-o com um dedo, logo meti mais um. Sua bunda toda rosada me excitava além do limite. Passei a comer seu rabo bem forte e meti a língua em sua vulva, girando-a lá dentro. Seu corpo ondulou, sua respiração travou e ela explodiu num lamento lindo pra caralho quando gozou. Engoli tudo, meu pau se debatendo com o banquete diante dele. Eu a lambia rosnando como um animal. Dei mais um tapa em sua nádega direita e me inclinei sobre ela, me alinhando em sua vulva inchada. Ela ainda estava estremecendo quando empurrei em seu canal numa estocada funda. — ahhhhhh! Cassie... Oh! Santa Mãe! Que gostosa... — gani me alojando em seu útero. Deslizei as mãos dos ombros estreitos pelas costas elegantes e voltei aos ombros, engatando-as neles. Tirei tudo e me delicieei vendo apenas a ponta, abrindo sua vulva. Joguei a cabeça para trás e bati de volta, rasgando-a num golpe brutal. Um arquejo saiu da sua boca. Ela ainda estava mole embaixo de mim. Deitei-me em suas costas, gemendo com o contato com a

sua pele branca, perfeita e macia. Passei a fodê-la com vontade, estocando duro e profundo em sua quentura apertada. Suas pernas juntas deixavam seu canal muito, muito apertado. — ohhh! Cristo! Não vou durar... Você é gostosa demais, escrava! Muito gostosa, porra! — chupei e mordi sua nuca, ela convulsionou e gemeu. Fiz o mesmo processo por seus ombros, pescoço, costas. Ela ficaria marcada, mas a fera estava incontrolável hoje. Ela a despertou.

— Oh! Jay... Oh! Deus... — miou prensada, dominada sendo fodida duramente por mim. Ela já estava se excitando outra vez. Ela gosta disso. Somos da mesma essência. Gosto de dominar e ela de ser dominada. É isso que somos. — Estou louco para gozar em sua boceta sem essa porra de preservativo. — rosnei e girei o quadril devagar. Ela gemeu mais alto. Sua boceta vibrando, mamando gostoso em mim. — mas vou me contentar com isso, por enquanto. — puxei e meti de novo. Levei uma mão para seu clitóris e o massageei levemente. — porra! Tão apertadinha... Santa Mãe! Muito apertada. Parece um punho espremendo meu pau... Gostoso pra caralho! — A

comi assim até ela estar gemendo descontrolada caminhando para outro orgasmo. — isso, minha putinha safada! Goze comigo! Goze bem gostoso no meu pau, escrava! Goze, porra! — ela quebrou se debatendo e gemendo daquela forma suplicante, indecente, sexy para caralho que me enlouquece. — oh! Merda! Eu vou gozar... Cassie... Tão gostosa... Bocetinha deliciosa, meu anjo... Amo você gemendo assim bem gostoso embaixo de mim. — rosnei, sentindo um choque descomunal percorrer minha coluna e esporrei, gozando duro. — ahhhhhhhhhhhhhh! Deliciosa... — continuei batendo nela com golpes fundos. Mordi sua nuca outra vez e fui tentando me acalmar, perdendo a força das estocadas aos poucos. Ela soluçava baixinho agora, seu corpo todo tremendo. — não posso mais ficar sem isso. Não posso Cassie... — grunhi em seu ouvido e meus lábios desceram espalhando beijos e lambidas suaves em suas costas. Saí dela devagar e ofegamos com a perda do contato. Abri as algemas e massageei seus pulsos, fazendo o sangue circular. Fiz a mesma coisa com seus tornozelos. Levantei seu corpo mole nos braços e a levei para a cama,

deitando-a suavemente contra os travesseiros. Puxei a venda e meu coração idiota saltou quando vi a expressão perdida nos olhos azuis lacrimosos. Nossos olhares se prenderam por um longo momento. Senti-me tão afetado como na primeira vez que a tomei. Levei a mão para tocar seu rosto, mas recolhi antes disso. Desci da cama atordoado, irritado e fui ao banheiro. Livrei-me do preservativo e me encarei no espelho da pia. Que merda estou fazendo? Que porra estou fazendo deixando-a me atingir dessa forma? É só sexo, porra! Sexo, muito sexo. É só isso que quero com ela. Não posso me enfeitiçar por seus malditos olhos azuis e a falsa fragilidade que vejo neles. Ela é uma farsa. Apoiei as mãos no mármore frio e joguei a cabeça para trás, fechando os olhos. Não posso voltar a isso. Cristo! Eu não posso. Ela me desestabiliza completamente.

Dom e Helena partiram na manhã de domingo. Cassie, eu e os meninos fomos levá-los à pista de pouso. Meu irmão não perdeu a oportunidade de me jogar indiretas. Eu ainda não contei nada dos meus planos de casamento. Estou amadurecendo a ideia. No fundo queria que

houvesse outra saída, mas sei que não há. Além disso, Leon e tio Max falaram comigo ontem. Eles querem conhecer os meninos. Terei que ir à Ardócia, mas antes disso quero resolver essa situação com a mãe deles. Preciso fazer a maldita proposta.

Passamos uma semana fodendo como coelhos. Simplesmente não conseguíamos ficar perto sem arrancar nossas roupas. O tesão só aumentava. Minha fome por ela voltou com força total. Nunca era o suficiente.

— Oh! Uau! — dei um assovio baixo quando a porta do seu quarto abriu e meus olhos pousaram nela. Usava um vestido preto tomara que caia com uma saia meio solta. Curto. Porra! Muito curto, na verdade. — pensei em jantarmos na varanda do meu quarto. Tem uma vista linda e...

— Eu... Hum, vou jantar com Vítor. Ele está vindo me buscar. — revelou, nervosamente saindo e trancando a porta. O quê? Então ela se vestiu dessa forma indecente para jantar com o maldito almofadinha? Meu sangue se agitou e uma ira sem tamanho me invadindo. Nem fodendo

ela ia ver o babaca! Só por cima do meu cadáver!

— Mesmo? E você vai terminar com ele? Porque você só vai vê-lo se for para mandá-lo passear. Do contrário não vai dar nem mais um passo. — intimei e minha respiração ficou suspensa aguardando a resposta.

— Sim, Jayden. Vou terminar com ele. — disse num tom derrotado, desgostoso. Fui obrigado a me acalmar. Menos mal. Aproximei-me devagar, prendendo-a contra a parede com meu corpo. Minhas mãos puxaram sua cintura delicada e me esfreguei em sua pélvis. Ofegou levantando o rosto para mim. Nossos olhos travaram por alguns instantes e fui abaixando minha boca para a sua lentamente. Grunhimos quando nossos lábios se tocaram. Seus braços vieram ao redor do meu pescoço e saqueei sua boca. Enfieí uma mão em seus cabelos e a comi com ânsia como se não tivesse fodido seu corpo há poucas horas em cima da mesa do escritório. Moí meu pau mais embaixo, forçando-a a abrir mais as pernas. Minha outra mão amassou sua bundinha linda e foi descendo procurando a barra da saia. Infiltrei-me pelas coxas

macias e rosnei quando senti sua calcinha empapada. Arquejou quando massageei seu clitóris por cima do tecido.

— Se livre logo dele. — rugi, afastando o tecido, deslizando os dedos pela boceta melada. — vou te esperar no meu quarto. Não demore. — meti dois dedos em sua vulva. Bebi seus gemidos, enquanto a golpeava bem devagar, girando-os, cavando em suas paredes internas.

— Jay... Ohh! Deus... — choramingou seu corpo amolecendo em meus braços. Sorriu pecaminoso em sua boca, mordendo seu lábio inferior.

— Eu sei. — sussurrei, acelerando as estocadas. — sei do que precisa Cassie. Você terá assim que se livrar do imbecil. — mergulhei em sua boca de novo com mais fome, mais posse dessa vez.

— Então é isso? Está fodendo com esse bastardo? — a voz furiosa do almofadinha fez Cassie se retesar em meus braços e arrancar a boca da minha. Estávamos arfando. Eu ainda a mantinha presa contra a parede, minha mão entre

suas pernas, por baixo da saia. Abri um riso irônico, puxando os dedos de dentro dela bem devagar e levei a mão para a cintura pequena, puxando-a, colando-me a ela. O homem das cavernas dentro de mim se negava a soltá-la. Ela estava atônita, estática, os grandes olhos azuis arregalados. — você me cozinhou por seis meses! Seis meses! — ele rangeu os dentes. — e abriu as pernas para ele logo que chegou? Responda, sua vadia miserável! — meu sangue ferveu ao ouvi-lo chamá-la assim.

— Você não vai falar assim com ela, seu babaca! — avancei para ele, jogando-o contra a outra parede com força. — ela é a mãe dos meus filhos e vou me casar com ela! — ouvi o grunhido surpreso de Cassie atrás de mim. O imbecil a olhou surpreso também.

— É mentira, Cass! — cerrou os dentes. — ele está mentindo para ter você de novo. Não consegue ver isso? Ele vai transformá-la em mais uma de suas putas! É isso que você quer? Ser a puta desse bastardo? — o mantive prensado pelo pescoço e desviei meus olhos para ela. Seu corpo tremia e os olhos estavam marejados. — mas o que

estou falando... — seu tom se tornou frio, jocosos. — você já é a puta dele, não é? Ele estava praticamente fodendo você aqui onde qualquer um podia ver! Eu amei você, sua vadia! Amei! — perdi as estribeiras de vez e o arremessei no chão. Ele saiu deslizando no piso do corredor. Saquei o celular e chamei Isaac, meu chefe da segurança.

— Saia, porra! — rosnei quando se levantou avançando em nossa direção de novo. — saia, ou terá muito mais do que um maxilar roxo amanhã. — meu tom foi mortal e isso o deteve. Bufei. Covarde! Odeio covardes. — ela não quer você. Supere isso, parceiro. — não resisti a uma última provocação. Seu semblante foi tomado pela cólera e ele veio rápido para mim. Meu punho o acertou mais rápido ainda em seu supercílio e ele foi ao chão outra vez. Revirei os olhos, entediado. Era só isso?

— Chefe, já chega. — Isaac pediu, chegando até o infeliz que parecia tonto, ajudando-o a levantar.

— Ele não pode entrar na ilha de novo, Isaac. Não vou tolerar. — rosnei. Ele assentiu e puxou o babaca.

— Você dois se merecem. — o almofadinha ainda resmungou e cuspiu no chão numa expressão enojada. Sangue escorrendo do pequeno corte na sobrancelha. Olhou para Cassie mais uma vez e se deixou levar pelo corredor. Ela finalmente pareceu sair da inércia e abriu a porta do quarto. Sua postura derrotada, abalada mexendo comigo mais do que eu gostaria. O idiota não tinha o direito de falar daquela forma com ela. Ok. Ele foi traído. Eu o entendo. Torci os lábios ironizando-me. É claro que eu entendia. Fui traído também. Coincidência ou não, pela mesma mulher. Situação fodida do caralho!

Cassandra

— Saia, Jayden. Eu quero ficar sozinha. — cerrei os dentes, meu corpo todo tenso quando ele entrou atrás de mim antes que fechasse a porta. Eu estava drenada, humilhada. Vítor descobriu da pior forma. E ele estava certo. Ah! Deus! Ele estava certo. Eu sou a puta desse bastardo de novo. Então meu cérebro cansado recordou o que Jayden havia berrado lá fora. Que ia se casar comigo. Bufei. Nem fodendo ele vai se casar comigo.

Definitivamente não!

— Não vou sair Cassie. — abri um sorriso que não alcançou meus olhos. É claro que ele não vai sair. Afinal ele é o dono, não é? Cretino territorial! — o que disse lá fora é a verdade. Vou me casar com você. Vou soltar um comunicado à imprensa de Londres e...

— Não. — sibilei meu sangue fervendo pela forma como informou. Ele me *informou*. É muita arrogância, tirania e sei o lá o que mais juntas numa só pessoa. Os olhos escuros alargaram surpresos. Há! Não contava com isso? Foda-se, seu imbecil pretencioso!

— O que disse? — seu tom foi baixo, seus olhos brilhando perigosamente. Ele odeia ser contrariado. É isso aí Sr. Controle!

— Leia meus lábios, Jayden. — usei seu tom debochado. — Eu. Não. Vou. Me. Casar. Com. Você. — repeti pausadamente. Os olhos escuros me analisaram e então abriu um de seus risos sarcásticos.

— Você prefere continuar sendo a minha puta? — estremeci com a crueza das palavras. — porque por mais

que tenha odiado ouvir isso da boca daquele babaca é isso que é agora. Vai dizer não ao meu sobrenome e tudo que vem junto com ele? As regalias, o status, o dinheiro, o...

— Sim, estou dizendo não. — murmurei sentindo-me fraca. Ele parecia um rolo compressor passando por cima de mim desde que nos reencontramos. Eu não quero estar presa a ele mais do que o necessário. Estar com ele assim seria perigoso demais. Eu não conseguiria manter meu coração tolo a salvo. O que estávamos fazendo agora era sexo. Eu sabia disso e me lembrava constantemente a cada dia que amanhecia na cama dele. Mas casamento para mim é algo sagrado. Não vou brincar de casinha só porque ele decidiu que quer. — eu nunca quis o seu dinheiro ou qualquer outra coisa material que venha de você, Jayden. — nossos olhares se sustentaram. Ele ficou lá tentando me ler. Ele era especialista nisso. Seus olhos estreitaram.

— O que você quis Cassie? — seu tom foi frio. — além de me trair e tentar me roubar? — sua voz tremeu um

pouco no final. Uma emoção desconhecida brilhou no fundo da íris negra, mas ele piscou e ela se foi.

— Nada. Isso não tem importância agora, Jayden. — disse abraçando a mim mesma. Eu estava esgotada, cansada dessa merda toda. Mas principalmente revoltada por ainda desejá-lo, por não ser capaz de me controlar quando vinha para cima de mim exigindo minha submissão. Isso só pioraria se me casasse com ele. E quando o tesão dele por mim acabasse? Meu peito doeu com essa possibilidade. Ah! Deus! Senti-me sufocando de repente. Estou caindo por ele de novo. Fechei os olhos e soltei um suspiro desgostoso. — você está falando nisso agora pelas razões erradas. Não vou me casar por causa dos meninos e porque quer me foder.

— Não preciso me casar para foder você. — rebateu. — posso ter você na hora que eu quiser e nós dois sabemos disso. — seus olhos queimaram em mim. Desafiando-me a negar. — mas agora tem a porra de um título pesando em minhas costas. Quando os meninos forem descobertos pela mídia serei cobrado. Meu tio e

meu irmão maricas, que por acaso é um rei já estão me cobrando. Dom, que era o maior libertino de Nova Iorque há até pouco tempo também está me pressionando. — torceu os lábios cinicamente. — você vê outra saída? Eu não vejo. Vamos nos casar.

— Não, não vamos. — afirmei. — agora saia, eu preciso ficar sozinha. — ele deu um suspiro impaciente. Parecia cansado, atormentado com alguma coisa. Um clarão invadiu o quarto seguido por um trovão barulhento. Pingos grossos bateram no telhado. Meu corpo arrepiou com o susto.

— Você tem essa noite para pensar e mudar de ideia porque não vou desistir. — seu tom foi mais baixo e controlado. — temos mais que a maioria dos casais tem. Desejamo-nos. Ser minha mulher não será um sacrifício tão grande. Sabe disso. Temos tesão de sobra.

— Tudo para você se resume a sexo? — cuspi irritada. — não vou me casar porque tenho tesão em você. Só vou me casar um dia quando amar e for amada de volta.

Seus olhos brilharam de novo naquela emoção fugaz,

mas ele abriu seu riso desdenhoso em seguida e ela se perdeu outra vez.

— Aconselho você a tirar os óculos cor de rosa. Tesão é tudo que terá da minha parte. — seu tom e olhar foram duros agora. — é sexo, Cassie. Mesmo se nos casarmos ainda vai ser só sexo entre nós. — não era para machucar ouvi-lo dizer algo que eu já sabia, mas machucava. Eu o odiei. Odiei-me por dar esse poder a ele.

— Saia. — minha voz foi só um fio.

— Eu vou. — disse num tom apertado, irritado. — mas amanhã estará na minha cama de novo. Mesmo que faça essa bravata toda ainda virá para mim! — berrou e os seus olhos estavam inflamados. Ele odeia ter seus planos frustrados. — sabe por que, Cassie? Você ainda é minha. Será até eu dizer que pode ir, entendeu? Você só vai quando eu disser que pode ir!

— Caia. Fora. — rangi os dentes. Cretino arrogante!

— Vou dormir no chalé, bem longe de você! Sua provocadora do caralho! — rosnou sua postura dizendo-me que estava puto porque não teria seu brinquedinho

hoje. Abriu a porta e um novo clarão veio através da janela. Parecia um dilúvio. Mesmo na minha raiva ainda consegui dizer:

— Você está louco? Não pode ir até lá com um temporal desses.

Ele me fulminou com o olhar longamente e saiu batendo a porta com um estrondo. Andei nervosa pelo quarto por alguns minutos. Ah! Merda! Por que estou preocupada com aquele bastardo? Deus! Ele estava irado, exaltado. Isso não era uma boa combinação com volante, muito menos numa tempestade dessas. Uma sensação ruim começou a tomar conta de mim. Por mais cretino que ele seja, é o pai dos meus filhos. Um pai que só agora eles estão tendo acesso. Liguei no seu celular e tocou até ir para a caixa de mensagem. Andei até a janela, lá fora estava turvo. Pingos grossos batendo sem trégua. Um arrepio me percorreu de novo. A sensação ruim se agigantando a tal ponto e antes que pensasse mais sobre o assunto eu já estava do lado de fora do resort, correndo para um dos jipes destinados aos turistas. A chuva me

ensopou rapidamente. O rapaz simpático que tomava conta dos veículos me olhou incrédulo.

— O Sr. King? Por onde ele foi? — indaguei. Ele estava mudo, apenas indicou com a mão na direção da estrada de terra. Agradei e pulei no banco do motorista. Segui pela estrada estreita e escorregadia. Ah! Cristo! O que estou fazendo nesse temporal atrás de um imbecil que tem o ego maior que o Brasil? Bufei. O jipe não tinha capota e a chuva me castigava sem dó. Meus olhos quase não viam nada. Meu corpo já começando a estremecer, mas eu não conseguia parar. Algo me levava para ele. O percurso durou uma eternidade, por fim consegui chegar ao primeiro chalé. Divisei o outro jipe estacionado na frente. As árvores dançavam se dobrando, açoitadas pelo vento forte. Um barulho ensurdecador, sinistro. As luzes da casa estavam apagadas. Desci e senti meus pés afundando no terreno lamacento. Corri em direção à construção, meus olhos tentando encontrar algum vestígio dele. A chuva caía pesadamente, cegando-me. Eu estava tremendo de frio, meus dentes batendo e então o avistei. Meu sangue gelou e não foi por causa dos pingos fortes e

gelados sobre a minha pele. Ele estava caído, prensado sob um galho da árvore frondosa que ficava bem na parte de cima do chalé. Ah! Deus! Um medo feroz me invadiu vendo seu corpo ali, caído e inerte. Lágrimas terminaram de turvar minha visão. O que ele foi fazer?

— Jayden! Oh! Meu Deus! — um gemido de pavor deixou meus lábios e corri até ele. — Jayden! Cristo! Fale comigo! Jay! — as lágrimas se misturavam aos pingos de chuva agora. Ele gemeu e meus olhos correram por ele, parando na ferida aberta bem abaixo das costelas. Havia uma poça de sangue se misturando com a água no chão. — oh! Meu Deus! — grunhi de novo sem saber o que fazer.

— Cassie... — sua voz saiu fraca e ele mal abria os olhos. — o maldito galho me atingiu. — grunhiu e desviei meus olhos para a ponta fina do galho quebrado, sujo do sangue dele. — chame Isaac. — falou levando a mão à cabeça e percebi outro ferimento na sua frente.

— Não vou deixar você aqui! — neguei veementemente. — Precisamos sair daqui agora! Você está ferido, precisa de um médico! — minha voz foi

esganiçada, desesperada.

— Você não vai conseguir me levantar. — gemeu e seu tom estava doloroso e irritado. — chame Isaac! Vá! — rosnou.

— Não, droga! — eu estava soluçando agora. — não vou deixá-lo aqui ferido! — e antes que pudesse protestar, liberei-o dos galhos que o mantinham preso. Uma força hercúlea tomou conta de mim e eu só fiz. Apenas fiz. — vamos, Jayden! — chamei com meu tom firme não dando margem para contestação. — levante-se, droga! Levante-se! Se apoie em mim. — ele rosnou insatisfeito, mas se movimentou. Ficou de joelhos, levou a mão para a ferida do lado direito que jorrava sangue. Fui para o outro lado e o firmei. Minhas pernas quase cederam quando levantou e seu braço pesou sobre meus ombros. Puta merda! Muito pesado! Fomos andando, trôpegos até o jipe. O ajudei a se acomodar e tomei meu lugar atrás da direção. Meu corpo estava dormente. Eu não sentia mais nada. Não sei como consegui dirigir de volta, mas consegui.

Levei o copo de chocolate quente aos lábios. Meu

corpo ainda tremia um pouco, mas já conseguia sentir todos os membros. Puxei a manta sobre meus ombros e me sentei na antessala do posto médico do resort. Nossa sorte é que o médico não tinha ido ao Rio com o temporal que se formou. Jayden foi atendido prontamente quando chegamos. Há mais de uma hora estava na enfermaria. Parece que o ferimento apesar de feio, não foi tão profundo de acordo com o enfermeiro que veio me tranquilizar ainda há pouco. Eu ainda não consigo entender o que me deu para sair atrás dele como uma louca. Mas estava feliz que o tenha feito, porque ele poderia estar bem encrocado agora. Mais galhos poderiam cair e... Ah! Deus! Gemi e me levantei de novo. Eu não conseguia entender toda aflição que senti quando o vi machucado, sangrando. Mentirosa! É claro que eu sabia.

— O Sr. King quer vê-la, senhorita. — a voz do médico de meia idade me tirou do meu dilema interno.

— E-ele está bem? — meu tom foi ridiculamente frágil. Ele abriu um pequeno sorriso gentil.

— Sim, está. Mas poderia ter sangrado até a morte se não fosse encontrado a tempo. — revelou e eu estremeci com a mera possibilidade de Jayden... Cristo! Não! — ele a está chamando.

— Obrigada, doutor. — agradei e empurrei a porta e minha respiração travou quando o vi sentado na cama. Seu torso musculoso todo à mostra. Um grande curativo abaixo das costelas. Meus olhos passearam por ele esfomeados, sem pressa. Eu simplesmente não conseguia me acostumar com a visão dele. Quando o encarei havia um arremedo de sorriso em seus lábios e os olhos escuros me fitavam com o mesmo descaramento que eu a ele. Havia um pequeno curativo na fronte do lado direito. Mas isso não diminuía em nada seu apelo sexual, primitivo, dominador. Arfei e pus minhas pernas para funcionar indo devagar até ele.

— Você está bem? — meu tom saiu pateticamente apreensivo.

— Sim, estou. — seus olhos me prenderam, me sondando. — por que foi atrás de mim, Cassie? Não sabe que só idiotas saem de carro num temporal desses? — seu

tom foi um pouco debochado e ele riu. Um sorriso lindo quase livre de sarcasmo. Encaramo-nos por alguns instantes e eu acabei rindo também. Uma intimidade gostosa se instalou na pequena sala. Meu peito aliviado de vê-lo fora de perigo. Aquela emoção desconhecida tomou à íris escura de novo e ele ficou sério, me olhando fixamente, prendendo-me de forma intensa. — você se arriscou por mim. Por que, Cassie? — sussurrou, sua voz viajando por mim, me fazendo tremer, dessa vez de desejo, tesão, meu sexo palpitando por ele. Mas havia algo mais que me engolfou quando entrei e o vi tão lindo, imponente, inquebrável. Ele era muito. Ele sempre foi muito... E eu gemi quando finalmente me dei conta de que todo o desespero que senti ao vê-lo sair zangado, depois machucado só significava uma coisa: eu ainda o amava. Ah! Deus! Eu ainda o amava. A constatação afundou em mim. Fechei os olhos, sentindo-me fraca, impotente diante desse homem que voltava com força total atropelando minhas defesas, me deixando na lona de novo.

— Eu não sei Jayden. — menti. Seus olhos estreitaram daquele jeito sagaz dele. — você vai ficar em

observação? — mudei de assunto.

— Não. O médico me liberou. — disse. Seus olhos ainda me atravessando como lasers.

— Ótimo. Vamos? Estou exausta e preciso de um banho quente. — ele desceu da cama, se encolhendo um pouco. O amparei até chegar ao jipe. A chuva era bem fina agora.

— Cassie? — me chamou quando o deixei na porta do seu quarto. Virei para ele devagar. — eu... Hum, obrigado por ter ido lá. — meu queixo foi ao chão. Jayden King agradecendo. Acho que a pancada na cabeça foi forte. Ironizei. Seus olhos ainda tinham uma intensidade desconcertante e eu precisava correr. Esconder dele e principalmente da minha nada animadora descoberta. Eu estaria ferrada se fosse por esse caminho de novo.

— Por nada. Foi realmente muito idiota dirigir na chuva. — murmurei. Ele abriu um sorriso sexy, daqueles que usa muito quando me quer na cama dele. Aquela intimidade ridícula e inoportuna se instalou entre nós outra vez. Os olhos escuros me chamavam silenciosamente para entrar com ele. Meu corpo balançou

em sua direção. Pisquei, obrigando-me a quebrar seu feitiço e voltei a andar. — boa noite, Jayden. — falei já dando as costas. Tive a sensação de que ele ficou lá me olhando até virar no corredor.

Depois do banho relaxante de banheira, passei no quarto dos bebês. Eles já dormiam tranquilamente. Parei perto do berço. Meu coração se enchendo de amor com a visão deles. Meus lindos bebês.

— O que vou fazer agora, meus anjinhos? Hum? — sussurrei acariciando suas cabeleiras negras. — ele é muito para a mamãe. Sempre foi. — os beijei e voltei para o meu quarto. Um silêncio ensurdecedor me envolveu. Vesti minha camisola e já ia me deitar quando meu celular tocou. Franzi o cenho. Era um número desconhecido.

— Alô. — atendi intrigada. Houve um breve silêncio do outro lado da linha e repeti: — alô.

— Olá, *irmãzinha!* — eu gelei com aquela voz... Oh! Meu Deus! O tom debochado, cruel que eu não ouvi por dois anos. Minhas pernas fraquejaram e me sentei na

cama. Meu segundo maior pesadelo havia me encontrado também. Era Mark.

CAPÍTULO OITO

Cassandra

Entrei no quarto dos bebês e fui saudada com o som lindo de suas gargalhadas infantis. Meus olhos pousaram em Jayden sentado com eles no tapete. A cena se tornou corriqueira. Ele sempre chegava primeiro que eu e brincava com os filhos até à hora de irmos trabalhar. As obras nos chalés estavam bem encaminhadas. Uma semana se passou. Uma semana na qual Mark havia me infernizado ligando muitas vezes no dia. Eu simplesmente rejeitava a ligação. O que aquele traidor podia querer comigo? Como me descobriu? Jayden já tinha percebido e chegou a pensar que era Vítor. Nessa semana me mantive longe do quarto de Jayden. Mas ele não facilitava nada para mim. Investia pesado sempre que ficávamos a sós. Descobrir que ainda tenho sentimentos por ele me fez refrear meu corpo desejoso. Mas ainda tremo quando o vejo. Quando chega perto de mim. Quando sinto seu cheiro de macho alfa. Quando me olha e sorri daquele

jeito sacana, sexy e perverso que sabe que me enlouquece. Ele era um bastardo arrogante e insensível. No entanto, a cada vez que vejo sua interação com nossos filhos percebo um lado mais humano nele. Ele fazia cócegas pela barriguinha de Lucas, enquanto Samuel se pendurava em seu pescoço. Uma imagem linda que sempre me deixava à beira das lágrimas. Como se sentisse meus olhos sobre eles, sua cabeça escura se levantou e os olhos negros brilharam, devorando cada detalhe meu. Os cantos de sua boca subiram num de seus sorrisos charmosos, arrasadores.

— Uau! Olhem só campeões! — deu um assovio baixo, sexy como o inferno, os olhos me dizendo sacanagens. — a mamãe chegou. Santa Mãe! Ela está tão bonita esta manhã. Concordam comigo? Hum? — seu sorriso ampliou quando ofeguei. Bastardo! Os meninos gritaram e correram com passinhos instáveis na minha direção. Avancei, me ajoelhando para abraçar os dois de uma vez. — e eu fui abandonado. — disse descontraidamente. — mas entendo vocês, rapazes. Olhem para ela. — seus olhos flamejaram nos meus. — é covardia competir. —

completou baixinho e meu corpo traidor respondeu prontamente, minha vagina inundando. Oh! Merda! Uma sobrancelha escura subiu provocante, arrogante e seu sorriso era muito, muito perverso agora. Ele sabia exatamente o que estava acontecendo comigo. Eu sei é patético, mas meu corpo ganha vida própria quando está perto dele. Cansei de tentar entender esse fascínio, esse domínio que exerce sobre mim. Há uma energia animal, perigosa, predadora que exala dele. Isso deve assustar a maioria das mulheres, mas não a mim. Isso me puxa em sua direção com tamanha força que às vezes não dá para me segurar. Simplesmente não dá.

— Bom dia. — consegui sussurrar, minha voz rouca e um tanto ofegante. Ele encostou-se no estofado e seu riso ampliou. Babaca!

— Bom dia. — murmurou de volta, os olhos escuros ainda me devorando. — dormiu bem? — me analisou como se soubesse que há uma semana não durmo direito. Tenho travado uma batalha comigo mesma até adormecer já bem tarde. O resultado eram bolsas embaixo dos olhos.

Ele podia ao menos fingir que era um cavalheiro e deixar passar. Quase bufei. É claro que ele não faria isso.

— Sim, dormi. Por quê? — quase gemi. Meu tom foi abertamente defensivo. Os malditos olhos escuros cintilaram com clara diversão.

— Por nada. Parece um pouco cansada. — sussurrou. — como alguém que não tem dormido bem por dias. — imbecil!

— Impressão sua. — cerrei os dentes. — tenho dormido muito bem todos os dias. — Ele me fitou por longos e desconfortáveis segundos, então assentiu levemente com a cabeça.

— Fique a manhã com os meninos. À tarde iremos ver os progressos no último chalé. — algo brilhou na íris de ônix. Estreitei meus olhos, analisando-o, mas Jayden era muito difícil de ler. Chegava a ser frustrante.

— Obrigada. — ele se levantou e tomou Samuel nos braços, sua mão roçando descaradamente no meu seio direito. Contive a respiração por um instante. Abaixou a cabeça, sua boca ficando tentadoramente perto da minha.

Lambi os lábios nervosamente. Ele riu baixinho, safado, perverso e se afastou para a varanda. Eu era uma massa trêmula agora. Ah! Deus! Ele definitivamente era muito... Dei um tempo me recompondo, levantei com Lucas e o seguimos. A mesa do café da manhã já estava posta. Criamos o hábito de tomar café com nossos filhos. Ficávamos imundos depois de alimentarmos os pequenos bagunceiros, mas valia à pena. Em muitos momentos nessa semana me peguei apreciando nossa rotina e revendo o *não* que dei a ele em relação ao casamento. Talvez pudéssemos fazer funcionar. No entanto, logo a realidade cruel me fazia lembrar que ele não quer a mim. Alardeou isso aos quatro cantos. As palavras que disse a Dom ainda queimavam na minha cabeça: *nunca vou me casar com ela*. Lembrar disso me fazia aposentar os óculos cor de rosa como ele havia me sugerido. Meu celular tocou e me sobressaltei. Jayden estreitou os olhos sobre o aparelho que estava sobre a mesa.

— Não vai atender? — seu tom foi um tanto ríspido. Ele ainda achava que era Vítor. Peguei o aparelho e suspirei aliviada. Era minha prima, Sílvia. Ela era o mais

próximo de uma amiga que tenho. Sempre fui tímida e meio devagar no traquejo social. Sou uma nerd assumida e enquanto as meninas da minha idade se divertiam e sonhava com astros de cinema eu estudava. Ficamos muito tempo sem nos ver, mas nos demos bem logo de cara quando cheguei ao Brasil no ano passado.

— Oi, Sil. — atendi em português e ouvi um suspiro de alívio vindo de Jayden. Fanzi o cenho. Ele compreendia o idioma? Andei em direção a balaustrada com Lucas no colo. — desculpe não ter ligado antes é que as coisas ficaram meio intensas na última semana.

— Sim, já soube que reencontrou o pai dos bebês. — fez uma pausa. Senti sua apreensão. — papai está preocupado, Cassie. Ele achou o sujeito muito arrogante. — completou.

— Sério? — ironizei e virei para Jayden que mantinha os olhos fixos em mim. Idiota! O que ele quer com tudo isso? — Vou ligar para ele. — garanti. — fique tranquila, prima. — abaixei meu tom. — ele é mesmo um imbecil completo, mas está se mostrando um ótimo pai. Ele não

rejeitou os meninos.

— Certo. Não fique por tanto tempo sem nos dar notícias. Esse sujeito precisa saber que tem uma família. — meu peito aqueceu com as palavras carinhosas. Desde que perdi minha mãe eles eram minha única família e eu os amava.

— Farei isso, não se preocupe Sil. Diga a todos que estamos bem e que os amo. — disse emocionada.

— Nós amamos vocês também, querida. Estamos aqui para vocês, sempre. — garantiu no mesmo tom emocionado. Despedimo-nos em seguida e voltei para a mesa.

— Quem era? — ele mal esperou me sentar.

— Minha prima, não que isso seja da sua conta. — falei irritada.

— Oh, estamos estressados hoje, não é? — abriu um riso sarcástico, pretensioso. — tem certeza de que tem dormido bem mesmo, Cassie? — bufei e voltei a dar maçã amassada na boquinha de Lucas. Depois disso, encerramos o momento *família*. Ele foi para o escritório

cuidar dos negócios de Londres. Aproveitei para mimar meus anjinhos. As babás ficavam sem graça à nossa volta estranhando estarmos sempre com os meninos. Elas me disseram que estavam encantadas com a forma como Jayden cuidava dos filhos recém-descobertos, pois havia pais que acompanhavam toda a fase da mulher grávida e quando os filhos chegavam mal olhavam nas suas caras. Fiquei triste em ouvir isso. Sou muito apegada aos meus filhos. Desdobro-me para sempre dar atenção e muito amor a eles.

— O que é isso? — indaguei quando entramos no chalé no início da tarde e Jayden tirou um envelope do bolso do short.

— O resultado dos exames de DNA. Parece que se perdeu no meio da correspondência e Hanna só enviou para mim hoje. — havia me esquecido disso e ao que parecia ele também, pois não tocamos mais no assunto nessas três semanas.

— Você já constatou? — ele meneou a cabeça em negativa. — O que está esperando? Abra-o. — falei. Ele

me olhou por um longo momento e então fez algo que me surpreendeu muito. Ele rasgou o envelope em várias partes. Puta que pariu! Ele rasgou! — mas, por que fez isso?

— Eu não preciso de mais provas, Cassie. Eles são meus. — meu queixo estava no chão. Pisquei confusa com tudo aquilo. Puta merda! Ele rasgou mesmo! — sinto aqui dentro. — levou a mão ao coração. Eu amoleci, não pude evitar. — seria um desrespeito com eles seguir com isso. — abriu um pequeno sorriso. — além disso, eles são a minha cara. Meu DNA está escancarado para quem quiser ver. — eu continuei muda. Perplexa.

— Eu não sei o que dizer. Isso foi... Puta merda! Isso foi meio louco. — abri um sorriso nervoso.

— Esse sou eu. — disse com o sorriso arrogante, pretensioso tomando conta do rosto moreno. Seus olhos desceram por mim famintos e eu de repente me toquei que não tinha visto nenhum trabalhador no local.

— Onde estão os outros? — minha voz saiu esganiçada, alarmada. Oh! Merda! Ele havia me

preparado outra armadilha. Ele era assim, um predador nato. Deixava à presa pensar que estava a salvo para então dar o bote certo. Visitamos obras a semana inteira e sempre tinha um mundo de gente à nossa volta. Eu me senti segura. Grande erro.

— Eu os dispensei. Só voltam amanhã. — murmurou, avançando devagar para mim. — somos eu e você, Cassie. Pensei em experimentarmos as novas comodidades que você tão brilhantemente sugeriu. — sem tom foi baixo, íntimo, sexy, pingando sacanagem. — a suíte nupcial, a piscina, a nova vista do píer. Temos a tarde toda.

— Fique aí. — avisei, movendo-me para trás. — você e suas armadilhas são ridículas. — bufei. Seu sorriso se alargou, sabendo o quanto me afetava. — fique aí, droga! — berrei, mas já era tarde. Seu corpo grande me prendeu contra a parede num piscar de olhos. Arquejei quando suas mãos fecharam em meu pescoço. Puxou minha cabeça para ele. Nossas bocas quase se tocando. Os olhos escuros injetados nos meus, incendiados, luxuriosos. Seu

pênis duro cavou em meu ventre. Deslizou os polegares suavemente para cima e para baixo em meu pescoço e parou no ponto onde latejava. Um gemido escapou da minha boca. Um brilho selvagem tomou seu olhar.

— Você que é ridícula de pensar que pode fugir de mim. — rosnou e suas mãos desceram muito suaves pela clavícula e se apossaram dos meios seios, amassando-os por cima da camiseta. — você é minha, Cassie. Quando é que vai entender isso? — rosnou de novo, puxando meus mamilos. Resfoleguei em sua boca. Sorrii perversamente e suas mãos foram para minha cintura, puxando-me grosseiramente, colando nossas pélvis. Grunhiu moendo em mim.

— Ah! Deus! Jayden... Isso é tão injusto. Por que não me deixa em paz, droga? — meu protesto não foi mais que um choramingo. Levou uma mão para minha nuca e me dominou do jeito que ele gosta, mantendo-me imóvel.

— Sim, é injusto mesmo porra! — rugiu cavando mais embaixo direto na minha vulva. Meu corpo estremeceu antecipando tudo que faria comigo. O prazer intenso,

vertiginoso que só ele podia me dar. — é injusto ainda querer você tanto assim. Custou-me malditamente muito não invadir seu quarto essa semana. Eu quis você todas as noites. Eu queimei a cada vez que te vi. Que chegou perto de mim. Que senti esse cheiro delicioso que só você tem. — a mão da cintura desceu para a bunda e deslizou entre as bochechas. Gemi vergonhosamente, minha calcinha virando uma poça. — porra de gemido do caralho! Eu amo ouvir isso. Esse som desesperado, desejoso, suplicando para que eu te foda. — puxou meu lábio inferior entre os dentes. — é assim que me sinto também, Cassie. Louco, desesperado, ensandecido para ter meu pau enterrado em seu corpo. — e então mergulhou na minha boca, tomando, saqueando sem pedir licença. Levando tudo de mim. Devastando-me completamente. Eu choraminguei de novo e enlacei seu pescoço desistindo de lutar contra ele, de lutar contra mim. Nosso beijo cresceu selvagem, duro. Lambíamos, chupávamos, mordíamos, gemíamos, rosnávamos. Nossos corpos se esfregando como se quiséssemos nos fundir.

— Jay... — lamentei em sua boca.

— Cassie... — murmurou de volta levantando minha perna direita e moeu o pênis bem no meu clitóris. Gritei. Ele rosnou. Tornamo-nos animais. Essa atração violenta que toma conta de nós é a nossa perdição. Ele também não podia controlar isso, acabei finalmente compreendendo. Nossas mãos voaram arrancando as roupas sem muito cuidado. Logo estávamos nus, nossos olhares devorando um ao outro. Eu ofegava. Ele ofegava e voamos um no outro novamente. — gostosa... — grunhiu antes de tomar minha boca de novo, levantando minhas mãos acima da cabeça. Moeu em mim e eu levantei a perna para encaixá-lo bem no ponto. Gemeu deslizando o pênis entre os lábios da minha vagina. Manteve meus pulsos presos só com uma mão e segurou seu pau pela base com a outra. Massageou meu clitóris com a ponta robusta. Gemi desavergonhada, meu quadril rebolando, tentando puxá-lo para dentro. Sorriu em minha boca. Um som pecaminoso, perverso, delicioso. — é o meu pau que você quer? Hum? — se alinhou em minha vulva. Prendi a respiração esperando, minha vagina vibrando, gotejando. Arrancou a boca da minha, seus olhos me violentaram e empurrou

dentro de mim num golpe forte, profundo, rasgando-me, tirando toda a minha sanidade. — toma porra! Toma meu pau, minha putinha linda!

— Ahhh! Jay... Oh, Deus... — miei completamente empalada em seu pau avantajado, esticada quase ao ponto da dor.

— Toma ele todinho nessa boceta gostosa do caralho, escrava! — puxou e meteu rudemente de novo. Girou o quadril e eu rosnei, louca de tesão. Trouxe as duas mãos para minha bunda e me fez abraçá-lo com as pernas. Gritamos porque nessa posição seu pau se alojou no meu útero. Meu corpo ondulou com a sensação de ser toda esticada por ele. — vai negar que pensou em mim todas as noites? Vai negar que não quis meu pau assim, todo enterrado nessa bocetinha apertada? — rugiu e passou a me foder com desespero, batendo-me na parede. Metendo fundo, seus olhos prendendo os meus. Nossas bocas ofegando uma na outra. Seus braços fortes me levantando e abaixando grosseiramente no seu pau, violentando-me sem dó. — segure em meus ombros. — seu tom foi

apertado, tenso, duro de tesão. Tirou-me da parede e começou a andar para a varanda. Meu corpo retesou com a possibilidade de sermos vistos. — relaxe, ninguém vem para cá hoje. — Andou pelo píer e desceu a escada de madeira. Quase saltei quando a água fria do mar tocou minha bunda. Ele sorriu. Um sorriso lindo, despreocupado, livre de qualquer ironia e meu coração se apertou. Eu amo esse homem. Ah! Cristo! Eu amo esse homem. — eu fantasiei isso toda vez que estivemos aqui. — sussurrou na minha boca e me beijou, lenta e gostosamente. A água batia na sua cintura. Ele foi andando mais para o fundo e nos mergulhou rapidamente. Não parou de me beijar. Foi uma experiência deliciosa. Seu pau ainda duro, latejando dentro de mim. Meus seios colados no seu peitoral musculoso. Esfreguei-me nele e ele sorriu de novo. O som baixo, safado, perverso atijando meu lado sem vergonha.

— Você vai se mexer? — meu tom foi suplicante. Ele jogou a cabeça para trás e sorriu com vontade. Lindo! Absurdamente lindo e eu estou decididamente ferrada outra vez.

— Eu tive que diminuir o ritmo ou ia gozar muito rápido. — sussurrou e mordeu meu ombro. Enfiou uma mão em meus cabelos, arqueando-me para trás e deslizou a língua por todo o meu pescoço. Miei quando sua boca quente chegou ao meu seio direito e o sugou devagar, num ritmo torturante. Então começou a movimentar-se de novo. Seu braço musculoso enrolado na minha cintura, me levantando devagar e descendo bruscamente. Uma combinação deliciosa. — isso... Cavalga bem gostoso no meu pau. Desce essa boceta gostosa! Toma até o cabo, caralho! — Passei a me elevar e encontrar seu quadril no meio do caminho. A água ondulava ao nosso redor, acariciando-nos. O sol brilhava forte, um cenário paradisíaco e eu estaria mentindo se dissesse que não fantasiei que me tomasse assim bem aqui. Sua boca era esfomeada agora, sugando forte, mordendo as auréolas do jeito que sabe que me enlouquece. Ele adora me deixar marcada. Passou a me comer com uma ânsia louca outra vez. Rosnando, se banquetando em meus seios, enquanto seu pau batia em mim sem trégua. Entrando apertado, muito apertado. Ele era tão grande. Mas amo essa

sensação insana de preenchimento, de ser tomada, dominada, usada sem dó e ele sabe disso porque me fode como se não houvesse amanhã. Nossas pélvis se chocavam violentamente. Eu estava toda aberta, tomando suas estocadas. — porra! Que gostosa! Putinha deliciosa... — grunhiu rouco. — você adora isso, não é safada? Ama ser fodida assim bem duro, sem piedade por mim, seu dono! — seus olhos me perfuravam, seu pau me rasgando cada vez mais forte e profundo. — vou comer você a tarde inteira escrava! Vai me dar esse corpo delicioso para eu fazer o que quiser. Vai tomar meu pau em todos os buracos. — sua voz era apertada e suas estocadas brutais. — você nunca mais vai esquecer quem é o seu dono e senhor. Amo foder você... Amo, porra! — seu tom tinha um toque de desespero. Deliciei-me apalpando, cravando as unhas em seus ombros fortes. Gemi enlouquecida. Eu estava muito perto. Ele percebeu e acelerou os golpes, batendo fundo, me fodendo como se nunca pudesse ter o suficiente de mim. Sua boca tomou a minha e rosnamos nos aproximando do êxtase.

— Oh! Jay... Eu vou... — balbuciei e tremores me

assaltaram, meu ventre incendiando na sensação absurdamente perfeita, entorpecente. Meteu fundo, me fodendo sem trégua e eu gritei alto, muito alto gozando e gozando sem controle.

— Ahhhh! Porra! Delícia... Goze escrava! Grite no meu pau, porra! — suas mãos cravaram na carne da minha bunda e meteu brutalmente soltando um rugido animalesco. — ahhhhhhhhhhh! Cristo! Tão gostosa... Cassie... Anjo... Eu amo isso... Amo. — gemeu esporrando dentro de mim, o esperma quente aumentando, prolongando o efeito do meu orgasmo. Gemi e o beijei, dando tudo de mim nesse beijo. Beijou-me também, lento, gostoso. Ah! Deus! Muito gostoso. Separamos nossas bocas buscando ar, tentando regularizar nossas respirações. Olhamo-nos longamente. Foi diferente dessa vez. Seus braços me apertaram mais e ele abriu um pequeno sorriso. Sorri também. — linda... Deliciosa... — murmurou e nossos lábios se buscaram outra vez recomeçando tudo...

Jayden

Olhei para Cassie adormecida na minha cama. Estava visivelmente cansada. Mais uma semana havia passado e essa foi muito mais intensa. Algo mudou entre nós. Estávamos mais à vontade um com o outro e, claro, fodíamos como loucos. Não consegui evitar um sorriso. Cassie... Minha linda e deliciosa Cassie. Tomei um pequeno gole de uísque e me sentei na poltrona ao lado da cama. Meus olhos presos no corpo perfeito. Ela ainda estava nua. Havia praticamente desmaiado depois que ejaculou comigo enterrado em sua bunda. Ela era um vulcão. Meu pau deu sinal de vida mesmo depois de toda a atividade. Ele era um maldito ganancioso quando se tratava dela. Ela se mexeu, elevando uma perna e meus olhos desceram para a bocetinha linda e inchada da minha posse. Ela era minha outra vez. *Minha*. Essa palavra estava cada vez mais povoando minha mente. Não voltei a falar sobre o casamento, mas o faria em breve. Eu quero isso. Acho que o temos pode durar. Há os nossos filhos, agora. Precisamos pensar neles. Mas Cassandra Miller havia se transformado numa incógnita para mim. Ultimamente tenho me perguntado como alguém tão doce e

amorosa podia ter sido tão ardilosa há dois anos. Quando seus grandes olhos azuis me fitavam eu me via querendo deixar tudo no passado e seguir em frente com o que temos agora. Ela me quer. É tão louca por mim quanto eu por ela. Isso é nítido. Então, por que me traiu? Ela poderia ter tido tudo. Ela me tinha completamente.

Avancei com passos decididos pelo restaurante. Cassie estava aqui em algum lugar. Ela havia deixado o resort alegando que viria encontrar a prima. Sua postura tensa, nervosa me fez ter uma sensação incômoda no peito. Ela estava mentindo. Não resisti e vim atrás. As ligações estranhas e insistentes que recebia e nunca atendia estavam me preocupando. O que ela estava escondendo? Cheguei ao terraço e o ar foi arrancado dos meus pulmões com o que vi. Cristo! De novo não. Ela estava sentada numa mesa mais afastada com *ele*, o maldito asqueroso Springs. Eles pareciam discutir. Ela estava tensa, toda empertigada e ele rosnava algo, seu rosto cheio de cólera. O que estava havendo ali? Eu não conseguia acreditar que essa merda estava acontecendo outra vez. Quantas vezes um homem pode ser enganado pela mesma mulher? Uma

fúria cega me tomou e marchei até eles.

— Que porra é essa? O que está fazendo com esse maldito, Cassie? — rangi os dentes e os dois me encararam surpresos. — responda vadia do caralho! — ela empalideceu e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Ora, ora. O que temos aqui? — Mark falou no seu tom odioso. — o casal de bastardos juntos de novo? Então era por isso que não atendeu nenhuma das minhas ligações? — desviou o olhar cheio de desprezo para Cassie. — você abriu as pernas para ele outra vez, não é? Você não aprende mesmo, *irmãzinha*. — franzi o cenho, meu cérebro parando na última palavra *irmãzinha*.

— O que disse? — perguntei confuso. O que em nome de Deus estava acontecendo aqui? Ele me olhou. Um brilho de triunfo e profunda satisfação enchendo os olhos azuis gélidos. Desviei os olhos para Cassie que parecia muito pálida.

— O quê? Então você não contou a ele, Cassie? — Mark debochou. — não contou para *sua alteza* o quanto seu passado é sujo? — a voz alterou-se. — não disse que

a vadia da sua mãe resolveu que não queria apenas arrumar as camas dos hotéis Springs, mas também desarrumá-las tornando-se a prostituta de meu pai? Não contou que daquele caso sórdido nasceu você, uma vadiazinha bastarda que resolveu seguir o mesmo caminho da mãe e engravidou do chefe? — cuspiu as palavras venenosas com ódio nos olhos. Meu sangue foi drenado com cada palavra que proferiu.

— Está dizendo que Cassie é... Sua *irmã*? — quis saber ainda aturdido, meus olhos presos aos dela. — Então... Foi por isso que ela me distraiu enquanto você tentava me roubar à compra do resort do Taiti?

— Meia irmã! — Mark corrigiu, deixando claro seu desprezo por Cassie — Ora, por favor, olhe para ela! Parece alguém que tomaria parte num plano desses? — riu desdenhoso. — Cassie é enfadonha, certinha. Ridiculamente ingênua! Sabe o que foi mais engraçado? Ela ter realmente se apaixonado por você. Dizia-me eufórica: *oh, Mark eu o amo tanto e ele me ama também, sei que ama.* — fez uma imitação zombeteira. — Só uma

retardada podia acreditar que você manteria o relacionamento. — torceu a boca em mais um riso cínico. — vadia burra! Mas engravidou, então, talvez não seja tão burra afinal. — Meu corpo sofreu espasmos violentos com suas últimas palavras. Ela me amava? Ah! Santa Mãe! O que foi que eu fiz?

— Deus! O que eu fiz a você? Eu o amava. Achei que queria ser meu irmão... — Cassie murmurou trêmula.

— O que você me fez? — Mark riu cínico. — você existe! Eu a odeio! Odeio tudo que você representa e principalmente a fraqueza do velho idiota do meu pai. — sua voz foi fria. Ah! Deus! Ele a odiava também. Odiava a nós dois e nos separou por pura maldade. Meu peito doeu tanto quando a verdade afundou em mim. Ela nunca me traiu. Oh! Meu Deus! Ela nunca me traiu e eu a destruí.

— Você enviou aquelas fotos? Você orquestrou tudo para tirá-la de mim? — inquiri e a expressão triunfante, desafiadora dizia tudo. Ah! Cristo! Sofri uma pequena morte. Eu fui enganado. Cruelmente enganado. Eu que sempre me julguei esperto, fui um bastardo burro por não

ter averiguado as coisas. — você podia atingir apenas a mim. Como teve coragem de prejudicá-la? Ela estava grávida, porra! Grávida e foi deixada sozinha. — meus olhos a buscaram. — Cassie... Deus! Não... — minha voz continha um misto de angústia, pesar, impotência, culpa e dor profunda. Dois anos de um mal entendido terrível... Um gemido deixou minha garganta, uma dor quase física dilacerando meu peito ao vê-la abraçar o próprio corpo e abaixar os olhos, mas não antes que eu visse a dor neles. Cometi o pior erro da minha vida. Julguei a mulher que eu amava de forma brutal e equivocada não uma, mas duas vezes! Grunhi de novo lembrando que a insultei quando cheguei.

— Ela era sua criptonita, King. — ele torceu a boca desdenhoso. — pelo jeito ainda é. — deu um suspiro entediado, cínico. — Olha por mais que eu aprecie esse momento *revelação*, vamos direto ao ponto. — disse encarando Cassie. — Preciso que volte comigo a Londres, irmãzinha. Minha tia descobriu sua existência. Eu a mandaria para o inferno de bom grado, mas ela controla sessenta por cento das ações dos hotéis. Então, preciso me

submeter aos desejos da velha louca ou ela pede minha cabeça para o Conselho de acionistas. — disse debochado. — arrume suas coisas, pegue os bastardinhos, pois ela também quer vê-los. — ouvi-lo ofender meus filhos foi à gota d'água e eu finalmente saí do meu estado de choque. O levantei pelo colarinho e mandei suas costas em cima da mesa, copos e pratos sendo espatifados no chão. O encarei bem de perto. Eu quero que ele veja que vou caçá-lo de agora em diante, que vou mandá-lo para o inferno! Meu corpo tremia do ódio. Esse maldito acabou com a minha vida! Ele me tirou a única coisa com que me importei de verdade! Ele me tirou Cassie! Impediu-me de estar junto dela e ver meus filhos crescendo em seu ventre! Tirou-me dois anos da vida deles três! Eu vou matá-lo!

— Eu vou matar você! — minha voz saiu ao mesmo tempo em que meu punho acertou sua cara odiosa com toda a força do meu braço. Um estalo audível o fez grunhir de dor. Seu punho acertou bem na minha ferida que havia cicatrizado recentemente, mas ainda estava sensível. Gemi, me encolhi um pouco, mas não parei o ataque.

Mandei socos cada vez mais fortes, descarregando toda a minha ira e dor no causador de tudo. Ele me acertou alguns também, mas eu não conseguia sentir nada. Eu estava morrendo, sangrando por dentro. Essa era a única coisa que me incomodava. Ouvi os gritos de pânico de Cassie, pedindo-me para parar senão ia matá-lo. Eu não parei. Senti gosto de sangue na boca. Ele tinha me ferido também. Então, braços fortes me puxaram de cima do seu corpo agora flácido, sua cara era uma confusão de cortes. Seu nariz parecia quebrado. Sangue borbulhava em sua boca. O pátio se encheu de seguranças. Foram necessários dois para me conter. Os meus. Só agora percebi que eram Isaac e Bill quem me seguravam. Os seguranças do restaurante o tiraram da mesa e o levaram, amparando-o. Ele parecia mal, mas para mim ainda não era o suficiente. Eu vou acabar com ele! Vou aniquilá-lo! Cerrei o maxilar.

— Chefe! O que deu em você? Você quase matou o Springs. — Isaac murmurou incrédulo e fez uma careta analisando meu rosto. — ele o pegou de jeito também. Mas ele vai precisar de uma plástica com certeza. — meus olhos a buscaram, ansiosos. Ela estava lá, parada,

seu corpo ainda trêmulo, os grandes olhos azuis marejados, parecia muito mais jovem do que seus vinte e três anos. Eu quis tanto protegê-la, pegá-la no colo. Mantê-la segura. Cuidar dela. Mas eu falhei com ela. Eu falhei como homem e como pai. Eu fui tão cruel quanto Springs a mandando embora sem nunca lhe dar a chance de defesa. Um bolo se formou na minha garganta.

— Cassie... — sussurrei indo até ela. Ela se encolheu, os braços apertando à sua volta e andou apressada rumo à saída. Eu a segui e as pessoas nos olhavam estupefatas, principalmente para mim. Minha cara deve estar feia mesmo. O trajeto de volta na lancha do resort foi tenso. Ela continuou quieta em seu canto. Os olhos baixos. Pequenos soluços deixando seus lábios.

— Saia, Jayden, eu preciso ficar sozinha, por favor. — disse assim que entrei atrás dela em seu quarto. Seu tom quebrado, derrotado me dilacerou por dentro.

— Eu não posso ir. Eu preciso que me diga. Você... Você realmente me amou? — minha voz foi apenas um fio. A dor excruciante tomando-me por completo. Os grandes

olhos azuis se fixaram nos meus e eu tive a resposta antes mesmo dela falar. Estava tudo lá. A dor, a mágoa que eu, na minha arrogância causei. Ah! Cristo! Eu posso passar a vida toda pedindo perdão a ela e ainda não vai ser suficiente porque eu mandei a mulher que eu amava embora. Eu a mandei embora grávida. Ela estava grávida e eu a deixei sozinha. Era apenas uma garota. Uma garota linda e inocente que usei e quebrei. As lembranças daquela noite vieram nítidas na minha mente zombando de mim. A forma bruta como a tomei e depois a chutei para fora. Um gemido agoniado, desesperado saiu do fundo da minha alma e eu caí de joelhos diante dela. Nunca havia sentido uma dor tão grande em toda a minha vida miserável. Meus olhos arderam e lágrimas toldaram a minha visão. Doía demais. Grunhi e meus ombros sacudiram no primeiro soluço. Lágrimas grossas rolaram pelas minhas faces, botando para fora tudo que reprimi por dois anos. Eu nunca havia chorado assim em toda a minha vida. Mas meu corpo estava sem controle agora. Culpa, vergonha e arrependimento pesavam sobre meus ombros. Não havia outra forma de lidar com isso e eu

quebrei na sua frente.

— Isso não importa mais, Jayden. — disse num fio de voz. Sua postura cansada, mas seu semblante estava surpreso, chocado por ver minha situação.

— Está enganada. — rebati. — importa para mim, sempre importou. — meu tom foi estrangulado.

— Não, não importa. Você me disse isso naquela fatídica noite a dois anos. — disse de repente raivosa, seus punhos crispando do lado do corpo. — você me chamou de *cavalo de Tróia*. Disse que só se aproximou de mim por meu envolvimento com Mark. Você me usou fria e calculadamente. Meu cérebro nunca esqueceu o que me disse Jayden. — sua voz embargou no final.

— Eu menti! — exasperei-me, correndo as mãos pelos cabelos. — eu só queria feri-la da mesma forma que estava me ferindo. — seus olhos alargaram com minha revelação. Seus lábios tremeram ligeiramente, as lágrimas continuavam a cair e ela as limpou irritada.

— Quer saber se eu te amei? — seu tom foi desafiador, mas sua voz tremeu. — sim, eu te amei, Jayden! —

bradou. — eu te amei intensa e desesperadamente. — soluçou baixinho. — te amei tanto que quis morrer quando você me deixou. — mais lágrimas rolaram nas minhas e nas suas faces. — apenas reagi, uma semana depois, quando descobri que estava grávida. Eu vivi pelos meus filhos. Eu busquei forças neles. — puxou uma respiração profunda como se estivesse sentido dor.

— Me perdoe. Oh! Meu Deus! Cassie... Perdoe-me... Perdoe-me... — murmurei, entre soluços. Eu simplesmente não me importava de estar implorando, numa postura que sempre julguei inferior. Eu só precisava fazer o que é certo para ela. — você estava certa no que disse àquele maldito sobre nós. Eu te amava. Eu te amei, Cassie. — sua boca se abriu trêmula, os olhos muito arregalados. — eu te amei tanto, meu anjo. Eu quis morrer quando pensei que me traiu. Eu... Cristo! Isso é tão fodido! — grunhi, meu peito parecia estar sendo esmagado. Então, os olhos dela se tornaram vítreos e uma expressão de aço surgiu neles.

— Seu amor era muito frágil e egoísta, Jayden. Você

me julgou e condenou por duas vezes, sem me dar a chance de defesa. — seu tom foi frio, enganosamente controlado. — O tempo para declarações de amor já passou. Ficou há muito para trás. — disse mais firme e um medo feroz começou a se espalhar em mim. — mesmo depois da forma que me escorraçou como se eu fosse um monte de lixo, ainda tive esperanças no meu coração tolo. Eu sonhei com você indo me buscar e aos nossos filhos por um ano inteiro, Jayden. Mas você nunca foi. Estava ocupado demais fodendo tudo à sua volta. — meu coração afundou com suas últimas palavras e eu soube que a feri além da conta. Que talvez tudo estivesse perdido para nós. Mais soluços sacudiram meu corpo. As palavras que me disse aquela noite, seus olhos incríveis e doces, sua expressão de encantamento vieram enevoadas na minha mente. *Eu te amo Jay*. Fechei os olhos com força, meu cérebro as repetindo. Parecia tudo tão distante. Tão malditamente distante, que eu me dei conta de que poderia nunca mais ouvi-la dizer isso de novo. Eu havia fodido tudo. Eu havia perdido a mulher que eu amava. A mulher que ainda amo. Ah! Cristo! Sim, eu ainda a amo.

CAPÍTULO NOVE

Jayden

Parei um instante para tomar uma respiração aguda. Minhas mãos doíam e meus pés também. Corri meus olhos pelo quarto completamente destruído. Vasos quebrados, flores espalhadas. Aparador, cadeiras, colchão estavam num amontoado pelo chão. Minha mente foi para outra noite a dois anos quando quebrei a casa quase toda depois que mandei Cassie embora. Fechei meus olhos. Ah! Cristo! Cassie... Sinto-me morrendo cada vez que penso no tamanho do dano que causei a ela e a meus filhos. Eu preciso anestesiá-la essa dor. Eu preciso de algo que faça parar de doer. Fui até o bar e encontrei uma garrafa de uísque milagrosamente inteira. O resto era uma confusão de cacos e líquidos se misturando no chão.

Sentei-me no sofá sem me importar com o fato da almofada do assento não estar no lugar. Enchi um copo e o bebi rapidamente. Logo, a garrafa estava pelo meio. Desisti de beber no copo e levei a garrafa até a boca. O

uísque desceu queimando, rasgando, fazendo um estrago, mas essa dor era fichinha comparada a tudo que se revolia dentro de mim desde que o infeliz revelou aquela história sórdida. Gemi, pendendo minha cabeça para trás no sofá. Tudo começou a rodar. Meu cérebro era enevoadado. Fechei as pálpebras e grandes olhos azuis magoados me saudaram. Meu peito doeu ainda mais, se é que isso é possível. Meus olhos arderam e eu chorei de novo. Sim, homens choram porra! Não sou nenhum maricas por causa disso! Homens choram principalmente quando descobrem que foi um maldito bastardo com a única mulher que amou em toda a sua vida do caralho. Continuei bebendo. A garrafa vazia pendeu da minha mão. Meu corpo escorregou flácido no sofá. Minha mente entrou num estado semiconsciente.

— Cassie... Eu sinto muito, meu anjo... — balbuciei para o silêncio do quarto, minha língua enrolada. — meu lindo anjo... — meus olhos pesaram muito e eu não consegui abri-los de novo...

Abri os olhos devagar. Tentei me mexer, mas meu

corpo parecia dormente. Eu estava sobre uma superfície muito dura. Porra! Tudo doía no meu maldito corpo. Tentei levantar, mas caí de novo, minha cabeça rodando, minha boca tinha um gosto horrível, minha garganta seca. Meus olhos relancearam pelo quarto e o choque me bateu com a visão da destruição na minha frente. Gemi, miseravelmente e cobri meu rosto com as mãos. Santa Mãe... Não foi um pesadelo. Essa merda toda estava acontecendo mesmo. Fiquei algum tempo tentando reprimir a ânsia de vômito, enquanto as imagens de ontem me atingiam numa velocidade atordoante. Consegui me levantar com muito esforço e arrastei minha bunda bêbada e estúpida até o banheiro. Suspirei. Graças a Deus não tinha destruído o cômodo. Arranquei minhas roupas e mirei-me no espelho da pia, o que vi assustou-me com força. Porra! Eu estava um caco. Minha cara toda cheia de hematomas. Bufei. Meu único consolo era saber que o asqueroso Springs precisaria operar o nariz com certeza. Fui para o chuveiro. Fiquei lá embaixo da água fria até minha pele estar enrugada, meu corpo tremendo de frio. O enjoo passou, mas minha cabeça parecia ter uma escola de

samba em plena atividade lá dentro. Caralho! Vesti-me e peguei meu laptop que por um milagre estava a salvo no closet. Preciso falar com alguém ou vou explodir. Logo as caras feias de Dom e Leon apareceram na tela e a expressão em seus semblantes me disse o que eu já sabia: eu estava uma merda.

— Jay, irmão... — a voz de Leon foi apreensiva, preocupada. — o que houve com seu rosto?

— Jesus! Irmão me fale que o outro cara ficou pior. — Dom franziu o cenho em um de seus poucos momentos sérios. Bufei.

— Gostaria de afirmar isso, irmão, mas receio que eu esteja pior. — grunhi. Eles ficaram lá me observando, confusos. — eu fodi tudo, ok? Eu fui um bastardo com a Cassie. Prepararam uma cilada há dois anos para nós e eu caí como um patinho. Ela... Ela era inocente, irmãos. — pronunciar isso doía pra caralho! — estou na merda! Completamente na merda! — eles continuaram silenciosos e eu comecei a me perguntar por que diabos os chamei.

— Isso é mesmo muito ruim irmão. — Leon falou. Seus

olhos astutos me fitando. Ele tinha uma forma de encarar que fazia com que me sentisse diante de um diretor de orfanato. — conte-nos o que houve Jay. Talvez possamos ajudar de alguma forma.

— Sim, Jay. — Dom endossou. — se abra conosco, irmão. Afinal a burrice está no DNA dos príncipes Di Castellani. Todos nós fomos uns bastardos com nossas mulheres, se isso serve de consolo. — não servia, mas me senti melhor vendo sua preocupação comigo. Abri o jogo. Conversei abertamente como nunca tinha me permitido fazer com eles. Ouviram tudo atentamente.

— Eu não queria estar na sua pele, irmão. — Dom deixou escapar um suspiro. — não quero ser chato, mas eu a vi, Jay. Como diabos pôde achar que uma garota tão doce, como ela, seria capaz de algo assim?

— Dom, nosso irmão não nos procurou para ouvir sermões. — Leon o repreendeu no tom de irmão mais velho. Sim, ele adora usá-lo também. — Eu não a vi ainda, mas Helena tem falado muito sobre ela e os bebês para Júlia. Estamos ansiosos para conhecê-los. — fez uma

pausa. — traga-a para Ardócia, Jay. Dentro de duas semanas será o aniversário de Júlia. Traga-a para o seio da sua família. O que fez foi mesmo muito grave, irmão, mas tudo tem conserto. — pausou de novo e meneou a cabeça como se expulsando lembranças ruins. — sei o que deve estar sentindo agora. Está se culpando por não ter estado ao lado dela vendo seus filhos crescerem no seu ventre, dando todo o apoio na hora do parto, dividindo os cuidados depois. Passei por isso também quando julguei minha Júlia e ela fugiu de mim. Acredite, irmão, essa moça passou por maus bocados sozinha. Cuidar de um bebê já é muito complicado, imagine dois?

— Ah! Cristo! Estou me colocando no lugar dela pela primeira vez, irmão. — minha voz foi fraca, quebrada. — quando a reencontrei deixei a mágoa e a raiva direcionar meus atos. Nunca me permiti enxergar todas as dificuldades que enfrentou nesses dois anos.

— Tudo tem conserto. — repetiu com firmeza. — você vai propor casamento não é? — grunhi, sentindo vergonha pela forma como havia feito isso há alguns dias.

— Eu... Hum, já tentei isso, mas receio que não tenha feito da forma correta. — torci os lábios ironizando-me. — ela disse não e eu não a culpo. Não foi bem um pedido.

— Você sempre pode ameaçá-la, irmão. — Dom voltou a falar, abrindo um sorriso malicioso. — funcionou para Leon e para mim. — ele era um idiota!

— Não vou ameaçar a mulher que amo, seu idiota! — rosnei. — já fiz merdas demais para ela.

— Uh! Então, você a ama? — seu riso sem vergonha se ampliou. — eu desconfiei disso quando o vi salivando atrás dela, irmão. — revirei os olhos. Bastardo!

— Dom, seu idiota, sem provocações. — Leon o cortou outra vez. — receio que a situação é mais complicada. No entanto, tenho que concordar com você, se Jay tivesse conseguido se casar antes de descobrir toda essa merda seria mais fácil se redimir no convívio diário. Tive isso a meu favor e você também teve quando chantageou Helena. Bastardo! Ainda não consigo engolir isso. — completou, mas seus olhos tinham um brilho divertido. Todos nós ficamos preocupados quando Dom se

aproveitou da situação de Helena, mas eles se apaixonaram verdadeiramente e acabamos perdendo o bastardo.

— Supere isso, grande rei. Sou um homem diferente agora. — Dom retrucou com mais um de seus sorrisos convencidos.

— Sei disso, irmão. Percebi antes de você que a amava e foi só por isso que não quebrei a sua cara. — Leon falou. Eles caíram na gargalhada e eu me vi abrindo um sorriso a contragosto também. Santa Mãe! Meus irmãos são tão idiotas.

— Ei idiotas, podemos voltar a falar do meu problema agora? Seus maricas. — bufei, mas havia um riso na minha voz. Eles ficaram sérios.

— Irmão, só há um caminho a tomar agora. — Leon falou e seu tom era grave. — você vai ter que rastejar da maneira mais criativa que encontrar. Se você a ama e a quer de verdade vai deixar o orgulho de lado e implorar perdão. Não só com palavras, mas com ações. Comece trazendo-a para o seio de sua família. Ela vai sentir que é

importante para você já que nunca trouxe outra mulher aqui nos dois anos que ficaram separados. — sim, ele tinha razão. — e vai fazer tudo isso sem sexo envolvido, porque as mulheres são diferentes de nós. Elas apreciam merdas românticas. Júlia me deu o maior caso de bolas azuis da história. — completou abrindo um riso, debochando de si mesmo.

— Jesus! Não, irmão! — Dom exclamou. — quero dizer, concordo com a primeira parte do plano, você vai ter que rastejar. Mas pelo amor de Deus, Leon, como um homem pode ficar sem sexo? — ele parecia verdadeiramente insultado. Ele era mesmo um tarado! — esqueça as malditas bolas azuis, Jay. Sexo é conexão. Você não pode abrir mão disso. Meu conselho é: pegue sua mulher de jeito, irmão.

— *Dio mio!* Isso é sério, Dom. — Leon o cortou. — não ouça esse idiota insensível, irmão. Não sei o que Helena viu nele. — bufou. Dom abriu um riso sacana, os olhos verdes com um brilho sem vergonha.

— Nunca dei espaço para Helena se afastar, irmão. —

riu mais amplamente. — e quanto ao que ela viu em mim... Hum, digamos que a natureza foi generosa comigo. — levantou as sobrancelhas sugestivamente. — muito generosa, devo dizer. Não tenho culpa que...

— Cale a maldita boca, seu exibicionista! — Leon rugiu. — ela é minha irmã. Não sou obrigado a escutar isso.

— Uh! Desculpe, mas ela é minha mulher, então...

— As duas comadres vão parar de discutir e me ajudar? — cerrei os dentes. — na verdade estou me perguntando o que Júlia e Helena viram em vocês. Santa Mãe! Vocês são dois bastardos sem noção.

— *Va bene*. Sem mais provocações. — Leon falou e seu tom divertido. — nosso irmão está precisando de nós. — assumiu um ar sério e continuou: — tenha uma conversa franca com ela, Jay. Por acaso já disse que a ama alguma vez? — meneei a cabeça negativamente. Eles me olharam como se eu tivesse duas cabeças.

— O que foi? Eu não tive tempo, ok? — me defendi prontamente. — a merda toda explodiu na minha cara

antes de assumir isso há dois anos. Depois que nos reencontramos nós só... Nós só...

— Foderam como coelhos? — Dom completou com mais um riso debochado. Vou arrancar a cabeça desse bastardo assim que o vir de novo.

— Não fale assim dela seu imbecil! — rosnei. Ele gargalhou. Bufe.

— Uh! Mas foi você quem disse que...

— Eu sei o que disse ok? Eu sei porra! — ele se calou, reprimindo outro sorriso.

—Esqueça o Dom, Jay. — Leon chamou minha atenção. — precisa corrigir isso imediatamente, irmão. Abra seu coração. Mostre-se completamente, esqueça a porra do orgulho masculino. Você fez merda e precisa consertar. Mostre que quer merecer o amor dela. E não sei como vai fazer isso, mas tente não lhe dar espaço porque ela pode se afastar e isso vão causar dificuldades para o seu lado. Fique perto, se faça presente. Não preciso dizer para dar mais atenção aos meninos porque sei que deve estar babando em cima deles o tempo todo. — abri um

sorriso lembrando-me dos meus pequenos. Eu já os amo tanto. Ah! Merda! Estou tão ferrado.

— Finalmente, nosso rei disse algo interessante. — Dom tornou. — tudo isso combinado com um sexo quente, bem quente vai resolver seus problemas, irmão. É tudo que estou dizendo. — Leon bufou, mas acabou rindo em seguida.

— E é claro que você pode continuar tentando o sexo, afinal, é um Di Castellani...

Eu já me sentia mais leve por ter conseguido me abrir com meus irmãos. Liguei para a recepção e informei sobre o caos do quarto. Eu teria que me mudar para outro até redecorarem este. Fui até o quarto dos meninos como sempre fazia na primeira hora da manhã.

— Lucas e Samuel ainda dormem? — franzi o cenho quando encontrei as babás saindo do quarto deles. Elas me encararam e seus semblantes ficaram claramente chocados com o estado do meu rosto.

— Sim, senhor. Eles estão... — não ouvi o restante, já me adiantando, abrindo a porta e fechando-a atrás de

mim. O silêncio me saudou. Fui avançando e meu coração saltou quando pousei meus olhos na cama. Cassie estava lá deitada com os bebês. Os três juntinhos. Vestia a mesma roupa de ontem. Um vestido branco de malha leve. Lembrei do que me disse... Que buscou forças neles. Ela estava fazendo isso agora. Engoli em seco. Seu braço em volta deles, protetoramente. Cheguei mais perto, meu peito sendo invadido por uma gama de sentimentos. Amor, desejo, posse, arrependimento. Fiquei um longo tempo os observando dormir. Meus filhos. Eles são meus. Eu não posso perdê-los. Não agora que os encontrei. Eu teria uma batalha pela frente porque fui um crápula com a mãe deles. Mas ela é minha também. Os três são meus, porra! Não posso mais ficar sem eles. Não posso e não vou ficar sem eles. Ela se remexeu suavemente, seus olhos focaram os bebês, beijou-os e deve ter sentido minha presença do seu lado da cama. Seu rosto virou na minha direção. Choque e depois mágoa se espalhou nas feições bonitas. Havia rastros de lágrimas em suas bochechas. Meu peito se comprimiu. Olhamo-nos longamente. Um mundo de coisas sendo ditas com nossos olhares. Ela havia

implorado para eu ir embora do seu quarto ontem e eu não tive escolha. Mas começo a perceber que meus irmãos estão certos. O que há entre nós é muito forte. Puxa-nos um para o outro independente das merdas e erros do passado. Eu a quero e ela me quer. Simples assim. Tenho que me manter por perto.

— Oi. — murmurei. Ela levantou-se devagar para não acordar os meninos.

— Oi. — murmurou de volta. — você fica com eles um pouco? Eu vou até meu quarto. — disse já calçando as sandálias. Andou para longe, parecendo incomodada por estar próxima a mim.

— Claro. Espero você para o café? — meu tom foi meio inseguro. Ela me olhou detalhadamente por alguns instantes e concordou. Seus olhos amoleceram um pouco.

— Você está horrível. — deixou escapar.

— Sim, é assim que me sinto. — assenti prendendo seu olhar. Ela piscou e foi em direção a porta.

Pouco depois voltou de banho tomado, linda e fresca num vestido floral. Mas seus olhos estavam sem brilho,

mortos. Meu olhar não saiu dela enquanto tomávamos café e alimentávamos nossos filhos. Apenas os sons infantis foram ouvidos durante uma hora inteira. Estávamos perdidos em nossos próprios pensamentos. Senti-la tão distante de mim foi doloroso. Após o café, pedi para falarmos no seu quarto e deixamos os meninos com as babás. Eu estava tão malditamente nervoso. Palavras precisavam ser ditas, mas ao mesmo tempo formavam um bolo desconfortável na minha garganta. Ela abriu a porta e andou até o meio do quarto. Sua postura defensiva, apreensiva. Nossos olhares se encontraram e se prenderam. Ela arfou levemente.

— Eu sei que não mereço você. — comecei. Os olhos azuis estavam opacos, tristes, avermelhados. Odiei-me mais por ainda fazê-la chorar. — nunca mereci. Você estava certa quando disse que meu amor era frágil e egoísta. — um suspiro trêmulo saiu de seus lábios. — eu deveria ter dado uma chance a você. Mas não dei. É assim que me acostumei a ser. — tomei uma respiração ruidosa, meus olhos nunca a deixando. — eu bato primeiro para perguntar depois. De onde eu vim só os fortes

sobrevivem, Cassie. No entanto, devia ter dado uma chance à única mulher que tocou meu coração. Eu nunca vou me perdoar por isso, anjo. — sussurrei. — nunca vou me perdoar por deixá-la sozinha. — ela continuava lá calada. Nunca me pareceu tão inatingível como agora. — mas eu quero merecê-la. Quero desesperadamente merecê-la, porque eu te amo. — os olhos dela brilharam. Fugazmente, mas brilharam. — eu ainda te amo. — pronto, saiu. Senti-me mais leve ao admitir, finalmente. Sua boca fez um pequeno “O” e seus olhos piscaram freneticamente.

Cassandra

Eu estava atordoada. Eu ouvi mesmo o que acho que ouvi? Sim, ouvi. Jayden disse que ainda me ama. Não consegui segurar as batidas do meu coração. Mesmo com o rosto cheio de hematomas ele ainda era lindo para mim. Fiquei muda, apenas olhando-o, tentando identificar algum indício de sarcasmo. Nada. Sua expressão era séria e os olhos escuros continham uma expressão pesarosa, dolorosa. Eu quis tanto ouvir essas palavras dele. Sonhei

tempo demais com isso. Agora elas... A sensação que me deu é que queria reparar seu erro e eu não aceitaria esmolos. Abri minha boca, mas ele continuou antes que dissesse algo.

— Eu não conseguia entender por que depois de tanto tempo ainda sentia essa necessidade louca de ter você. — murmurou. Sua voz viajando em meu corpo, abalando-me como sempre fez desde o primeiro momento que a ouvi. — eu devia ter desconfiado que não era só sexo. Nunca foi, anjo. — seu tom foi ainda mais baixo e ele foi se aproximando devagar. Eu não conseguia me mover. Parou bem próximo. Seu cheiro me envolvendo, não me deixando alternativa a não ser querê-lo insanamente, absurdamente. — o que temos é forte demais para ser só sexo. Sempre foi assim. — levou a mão para minha face. Seus dedos deslizando suavemente pela minha pele. Ofeguei, meu corpo todo gritando por ele. — naquela fatídica noite eu estava voltando de uma viagem cansativa, conturbada. Aquele verme estava agindo na surdina tentando me roubar a compra do resort no Taiti. — pausou um instante, respirando fundo. — minha história com ele é

bem longa. Um dia vou contar a você. Por enquanto só precisa saber que o ódio. É mútuo. Enfim, eu estava voltando daquela viagem louco de saudades de você. Foi uma semana de tortura porque só conseguia pensar em você e no que me disse quando embarquei. — pausou de novo. Seus olhos brilhavam muito agora. — você disse que me amava. Eu nunca quis isso, Cassie. Nunca quis isso com outras. Mas ouvi-la dizer, me fez parar e analisar a profundidade dos meus sentimentos. Eu estava voltando feliz porque sabia que tinha você me esperando em casa. Eu não era mais sozinho. Minha vida solitária havia acabado quando você chegou. Eu mal podia esperar para vê-la, tê-la em meus braços, sentir seu cheiro, confirmar o que meu coração já havia aceitado. Que você era minha, que eu a queria permanentemente na minha vida. — senti lágrimas quentes descerem. Sua outra mão tocou meu rosto, seus polegares as limpavam. Engasguei com tudo que vi em seus olhos. Ah! Deus! Ele parecia tão sincero. Lágrimas rolaram pelas faces dele e eu me perdi de vez. — ver aquelas malditas fotos foi como um punhal sendo cravado em meu peito. Eu enlouqueci anjo. Eu... Foda! —

fechou os olhos como se estivesse recordando tudo. — enlouqueci imaginando o verme tocando você, tendo você como eu tive... Eu lidei com isso da pior forma possível e você, depois nossos filhos foram quem mais sofreram as consequências das armações daquele maldito. — sua voz era embargada, trêmula. Eu nunca o vi tão exposto. Ontem ele me chocou completamente caindo de joelhos e pedindo perdão.

Uma parte minha sempre esperou esse momento. Eu planejei tripudiar em cima dele. Mas as revelações de Mark nos colocaram quase no mesmo patamar. Fomos vítimas. Os dois. Só que eu levei a pior como acabou de assumir. Ah! Cristo! Uma batalha feroz começou a ser travada dentro de mim. Uma parte de mim quer perdoá-lo logo e acabar com tantos mal entendidos. Essa é a parte apaixonada, a parte que o ama loucamente apesar de tudo. No entanto, há a outra parte sensata, aquela que foi muito machucada me pede para pisar no freio. Abri a boca de novo, mas ele mais uma vez se antecipou.

— Estou pedindo outra chance, anjo. — sussurrou com

seus olhos brutalmente honestos nos meus. — quero merecer você. Deixe-me tentar consertar tudo, amor. — meu coração acelerou mais, meu peito aquecendo ao ouvi-lo me chamar assim. Ele não ia facilitar mesmo, não é?

— Jayden... — murmurei. — eu não acho que...

— Não precisa dizer nada agora. — silenciou-me com o indicador. — eu vou trabalhar para merecer sua resposta, Cassie. Proponho zerarmos tudo. — seu semblante caiu um pouco. — sei que sofreu muito e entendo sua reserva diante de tudo que estou dizendo. Só me permita ficar perto de você e dos meninos. Não estou propondo um compromisso.

— N-não? — balbuciei confusa. Ele abriu um pequeno sorriso, os olhos escuros deslizando pelo meu rosto.

— Não agora, anjo. — disse baixinho. — mas eu vou pedir. Eu quero você como minha esposa. Porém, só farei o pedido quando passarmos por cima de tudo. Quero que tenha certeza quando me disser o sim. Quando nos casarmos será porque nos amamos. — ele não disse *se*, disse *quando*. — Eu não aceito menos. — suas mãos me

puxaram como se fosse me beijar. Por um segundo o dominador assumindo, seus olhos inflamando, o desejo claro na íris escura. Nossas bocas ofegaram uma na outra. Fechou os olhos e se afastou um pouco, sua expressão ainda gritando que me queria. — você não merece menos. Eu vou fazer tudo, absolutamente tudo para merecer seu amor. É uma promessa, anjo. — completou. Ele nunca esteve tão lindo. Eu estava extasiada, completamente extasiada com a intensidade de suas palavras, de seu olhar, de sua promessa. — você... Você concorda em seguirmos assim?

O olhei e minhas mãos levantaram, tocando seu rosto, limpando suas lágrimas. Gemeu sob me toque. Seus olhos flamejando mais.

— E-eu concordo. — sussurrei e seu semblante foi tomado pelo alívio. Colou sua testa na minha.

— Você não vai se arrepender, amor. — murmurou e seus braços vieram em volta da minha cintura. Ficamos assim por um tempo. Apenas sentindo um ao outro. Depois ele se afastou de novo. Estava claramente se contendo

para não ultrapassar um limite que ele próprio estabeleceu. — as obras estão terminando. Minha presença aqui já não é tão necessária. — disse com certo receio. — preciso voltar a Londres, Cassie. Eu.. Eu gostaria que você e os meninos fossem comigo. Se estiver de acordo, é claro. — acrescentou um tanto desconfortável. Eu quase sorri. Isso de pedir permissão era novo para Jayden King.

— Não acha que devemos resolver nossas coisas primeiro antes de dar um passo desses? — falei na defensiva. Ele me atordoava. — eu tenho um trabalho aqui.

— Eu sou o seu chefe e estou... — parou abruptamente e então sorriu. Eu sorri também. — ok. Isso vai prejudicar tudo que disse anteriormente?

— Não, não vai. — garanti. — mas você disse que iríamos com calma e já quer me levar de volta a Londres.

— Nós vamos, anjo. — sussurrou seu sorriso se ampliando. O clima ficou de repente mais leve entre nós. Era muito louco isso. — nós vamos, prometo.

— Não sei se é uma boa voltar a Londres agora com Mark enlouquecido daquele jeito. — soltei.

— É outra coisa que quero conversar com você. — disse seu tom ficando sério. — é tão herdeira quanto ele. Não pode ficar aqui se escondendo enquanto ele nega sua existência. Vou ficar do seu lado, anjo. Terá tudo que aquele maldito roubou de você. Vamos processá-lo.

— Jayden... Eu não quero confusão com Mark. Ele me odeia. — meu tom foi cansado. — ele já me prejudicou demais. Não quero ter que lidar com aquele cretino de novo. — seus braços me aconchegaram mais e apoiei a cabeça em seu ombro.

— Muita coisa foi tirada de você, Cassie. Por acaso tem ideia do tamanho da fortuna dos Springs? Eles são uma das maiores fortunas do ramo da hotelaria. — sua voz foi bem suave no meu ouvido. — é seu direito, anjo. Se ele fosse decente teria feito o que Leon fez comigo e Dom. Cada um de nós recebeu terras, investimentos, ações, tudo que nos cabia como príncipes de Ardócia, mesmo sendo ilegítimos. É verdade que Dom e eu doamos boa parte

para a caridade porque não precisávamos. — fez uma pausa significativa e levantei a cabeça para olhá-lo nos olhos. Havia algo profundo, doloroso lá no fundo. — o dinheiro chegou tarde para mim. Eu já não precisava. — a forma como disse isso me fez pensar na extensão de tudo que viveu na infância. Ele ainda trazia marcas. Elas eram cada vez mais visíveis para mim.

— Eu vou com você. — falei antes que mudasse de ideia. Seu rosto se iluminou, a tensão se dissipando rapidamente. — já me escondi demais, você tem razão. Vou lutar pelo que me pertence. E estou falando de tudo que o cretino do meu meio irmão me roubou, sobretudo o homem que eu amo. — dizer isso me encheu de coragem de repente e eu percebi que nos últimos dois anos eu estive rastejando nas sombras como uma covarde. Estava na hora de uma virada. A Cassie coitadinha ficaria para trás. O destino está me dando outra chance. A chance de ser independente financeiramente. Senti-me idiota por nunca ter corrido atrás dos meus direitos. Um calafrio me tomou quando tive a resposta: Mark. Ele me dava medo. Nunca fui atrás por medo dele. Mas o destino também

trouxe de volta o homem que eu amo e ele estava finalmente propondo e dizendo tudo que sonhei ouvir dele. Vou agarrar essa nova chance. Vamos com calma, no entanto. Vou deixá-lo desenvolver tudo que tem em mente porque se há uma coisa sobre Jayden é que quando se propõe a fazer algo ele se entrega de corpo e alma e ele quis me passar uma mensagem quando disse que ia *trabalhar* para merecer o meu amor. Ele quis que soubesse o quanto se dedicaria. Vou esperar porque o resultado não será menos que excepcional.

CAPÍTULO DEZ

Cassandra

Fechei os olhos e gemi preguiçosamente sob a massagem nas minhas costas. Puta merda! Nem eu sabia que estava tão tensa. Eu podia sentir os nódulos de tensão sendo desfeitos através das mãos experientes da simpática massagista do spa do resort. Sim, é isso mesmo. Estou tendo um daqueles dias de princesa que toda mulher deve ter, mas que eu nunca havia me dado ao luxo, principalmente depois dos bebês. Não, isso não foi iniciativa minha. Foi Jayden quem preparou tudo e me deu o dia de folga, inclusive dos meninos. Ele tinha que passar o dia vistoriando os chalés e resolveu que os levaria junto. Eu quase sorri da cena que causaria diante da sua equipe. O engenheiro fodão com dois bebês a tira colo. Mas quando o vi carregando Lucas e Samuel meu coração cantou com a visão linda deles. Os três homens da minha vida. Eu ainda relutei, mas ele acabou me convencendo com o argumento de que agora teria com quem dividir os

cuidados com os meninos e que eu merecia ter um dia de mulher, uma vez que havia abdicado disso nos últimos dois anos. Susana e Maura, nossas babás o ajudaram prontamente quando pediu a opinião delas. Fui voto vencido e agora agradecia por isso. Fiz depilação quase completa... Mantive os pelos pubianos apenas aparados como ele gosta. Há dois dias Jayden não me tocava. Quero dizer, não tínhamos sexo. Ele parecia ter traçado uma linha em sua cabeça e permanecia atrás dela quando estávamos próximos. Eu sei, não era para eu estar desesperada por ele, mas estava. Nossa última semana foi muito intensa. Havia me acostumado a acordar nos braços dele. Estava muito difícil dormir e acordar sozinha. Minha vagina doía de saudade quando chegava perto, sentia seu cheiro. No entanto, vou deixá-lo seguir com seu plano. Porque ele definitivamente tem um plano. Os olhos escuros me diziam isso cada vez que pousavam em mim. Mas em contrapartida, não queria parecer fácil para ele dessa vez. Isso seria uma tarefa muito complicada porque ele era... Ele era muito...

Relaxamos mais na presença do outro sem toda a

loucura do sexo passional. Ontem havíamos feito um passeio pela praia particular com os meninos. O clima deu uma colaborada. Ele havia sentado na areia e feito, ou tentado fazer castelos, pois Lucas nunca o deixava terminar. Jayden era um pai maravilhoso. Seu amor pelos filhos era claro. Era sempre um evento vê-los juntos. Sonhei com isso por tanto tempo. Minha mente ainda estava processando tudo que me disse. Toda sinceridade, intensidade e certa vulnerabilidade que senti nele me intrigou. Ele estava se mostrando para mim de uma forma tão aberta e bonita. Superava todas as minhas expectativas. Mark não havia me ligado mais. Devia ter voltado a Londres depois da surra que levou de Jayden. Partiríamos também na próxima semana.

Entrei no meu quarto já ao cair da noite. Suspirei sentindo-me renovada. Minha pele estava derretendo ao toque de tão macia depois de todos os cuidados. Meus cabelos foram hidratados e cortados em camadas. Desciam em ondas suaves pelos ombros e costas. Meus olhos pousaram na cama a caminho do closet e franzi o cenho. Havia caixas e mais caixas sobre o colchão.

Aproximei-me e engasguei com a marca estampada nelas. Essa loja ficava em Nova Iorque. Era exclusiva das celebridades e dos muito, muito ricos. Havia um envelope sobre uma delas. O peguei e abri.

Meu anjo,

Sei que seu primeiro impulso vai ser querer devolver essas peças. Você não se importa com isso, eu sei, mas, por favor, não o faça. Fique com elas. Estou sonhando em vê-la com cada uma delas. Deveria ter sido assim antes de toda a merda nos atingir. Eu só quero mimá-la, vê-la vestida como a princesa que é. Gostaria de vê-la linda daqui a meia hora no nosso jantar. Hum... Sim, isso é um encontro. Estou finalmente levando minha garota em um encontro. Foi dada a largada e só há um objetivo na minha mente: ter você de volta. Minha. Completamente minha.

Amor, Jay

Ps: Isaac irá buscá-la em trinta minutos.

Caí sentada, estupefata na cama. Um sorriso bobo se abriu no meu rosto e eu li reli o bilhete me deliciando com

a letra firme e elegante de Jayden. Abri a caixa sobre a qual o envelope estava. Algo me dizia que ele a escolheu para que eu usasse esta noite. Meus olhos alargaram quando levantei o vestido de seda pura. Era branco, longo de um ombro só. Havia detalhes em dourado abaixo do busto e uma argola segurando o drapeado sobre o ombro. Esse vestido era digno das deusas gregas. Sorrio mais com meu devaneio deslumbrado. A próxima caixa continha uma sandália de um dourado opaco, quase bronze. Relanceei os olhos para o mundo de caixas e não consegui evitar fazer um cálculo aproximado. Ele havia desembolsado no mínimo duzentos mil dólares no que chamou de *mimo*. Era muito. Eu... Não podia aceitar isso. Eu... Parei essa linha de raciocínio e levantei-me num impulso. Mas o que estou pensando? Decidi há dois dias que a Cassie coitadinha ficaria para trás e é isso que farei. Jayden disse que foi dada a largada. Sim, eu também só tenho um objetivo em mente: ter o meu homem de volta e se ele me quer vestida como uma princesa não sou eu quem vai negar isso. Eu já estava maquiada. As profissionais do spa insistiram para que usufrísse do

pacote completo e só agora me ocorreu que Jayden devia ter planejado tudo. Claro. Ele era a minúcia em pessoa. Me dirigi ao closet e completei a minha transformação. Meu queixo caiu quando a mulher linda, elegante, poderosa me olhou do espelho. Meus olhos se encheram de lágrimas não consegui evitar. O tecido era tão suave, abraçava meu corpo como uma carícia. As sandálias eram tão bonitas e sexys que dava vontade de levantar a saia longa para mostrá-las. Elas devem ter custado mais que o meu salário. Ok. Último pensamento depreciativo da noite. Forcei-me a reprimir as lágrimas. Meus olhos estavam bem maquiados. Uma sombra escura, rímel e lápis esfumados nos cantos. Peguei a carteira que acompanhava o vestido e saí. Passei no quarto dos meninos e as babás ficaram boquiabertas por alguns segundos quando me viram. Abri um pequeno sorriso. Acho que valeu a pena, afinal. Eles estavam dormindo cansados da aventura com o pai. Os olhei no berço e os beijei.

— Me desejem sorte, anjinhos. — sussurrei. — a mamãe está indo em um encontro com o papai. Nosso

primeiro encontro. Demorou um pouco. — sorriu, baixinho. — mas finalmente ele está vindo para mim, meus amores. Vindo para nós.

Encontrei Isaac na recepção. Ele era um sujeito corpulento. Olhos amendoados que pareciam doces em alguns momentos, como agora quando me olhou e um sorriso brincou em sua boca sempre tão sisuda. Era amigo de Jayden desde a época dos orfanatos. Mas isso era tudo que eu sabia. Ele me guiou pela passarela de concreto que cortava os jardins e parou tirando algo do bolso.

— Eu preciso vender você, Cassie. — sua voz grossa foi quase em tom de desculpas. — ordens do chefe. — o sorriso quase saiu dessa vez. Aquiesci. A venda para mim era fichinha. Mal ele sabia... Ironizei-me. — é bom vê-lo desse jeito de novo. — ele acrescentou me olhando firme antes de cobrir meus olhos com cuidado. Tomou meu cotovelo e retomamos o trajeto. Ele me girou duas vezes. Bastardo! Estava me desorientando claramente. Sorriu quando bufei. — ainda estou cumprindo ordens. — justificou.

Meu coração saltava num ritmo alucinante, expectante enquanto seguia pelo que parecia ser um tapete sobre... Areia? Sim, era areia. Uma brisa suave tremulava a saia longa do meu vestido. A seda macia, finíssima acariciando minhas pernas era deliciosamente erótico. Pisei em falso e Isaac me firmou prontamente. Paramos e meu coração estava quase saindo pela boca agora. A venda foi puxada suavemente e pisquei ajustando minha visão, meus olhos correndo pelo espaço à procura dele até que encontrei e ofeguei, ridiculamente nervosa como se o tivesse vendo pela primeira vez. Estava de costas e aproveitei para beber a visão de seu corpo grande, poderoso, viril. Usava um terno escuro bem talhado, moldando-se à sua silhueta soberba. Então ele se virou devagar. Os olhos negros brilharam prendendo-me daquela forma intensa que era só dele, depois desceram por mim sem pressa e fez todo o caminho de volta. Nossos olhares se encontraram de novo e travaram. Minha vagina vibrou descontroladamente e minha calcinha foi completamente inundada. Puta merda! Avançou, cobrindo a distância entre nós lentamente. Parou na minha frente.

Próximo, muito próximo, seu perfume delicioso me invadiu e tudo em mim tremeu. Gemi. Um riso lindo se abriu na boca sensual.

— Obrigado, Isaac. — murmurou sem desviar os olhos dos meus. Oh! Merda! Esqueci-me completamente de Isaac. Corei. Seu riso ampliou, divertido, sacana. Isaac despediu-se e nos deixou. — oi. — sussurrou, seu olhar deslizando por mim de novo. — você está maravilhosa, anjo. Uma verdadeira deusa grega.

— Oi. — miei de volta. — o-obrigada. Você também está ótimo. — consegui gaguejar. Levou a mão à minha face, meus olhos quase se fecharam e tive que conter outro gemido. Eu era praticamente uma poça e ele mal me tocou. Patético? Não, vocês não têm ideia do que é isso entre nós.

— Correção, uma princesa grega. Às vezes esqueço que seu nome é Cassandra.[\[109\]](#) — disse baixinho. — você está como imaginei que ficaria quando Helena me mostrou esse vestido. — franzi o cenho. Abriu um riso meio encabulado. — tive que pedir ajuda, anjo. Não

entendo nada de moda feminina. — pausou um pouco, seus olhos flamejando nos meus. — mas tive um ponto a meu favor: conheço seu corpo. Cada detalhe. Cada curva... — sussurrou as últimas palavras e eu resfoleguei. Seu braço enlaçou minha cintura puxando-me suavemente. Gemeu quando me coleí mais à ele. — a partir de hoje, todos os dias a levarei em um encontro, amor. Vamos nos conhecer. Vou me mostrar a você como nunca fiz com ninguém. Vai me conhecer completamente. — murmurou bem próximo da minha boca. — e quero conhecê-la também. Quando não houver mais nada entre nós, partiremos para a próxima etapa. — ele não disse, mas eu sabia. Ele faria o pedido. Meu peito se aqueceu ansiando por esse momento.

— Parece um bom plano. — sussurrei, tentando controlar as reações loucas do meu corpo. Seu polegar deslizou sobre meus lábios, seus olhos adquirindo um brilho selvagem.

— Eu te amo. — murmurou e sua mão deslizou para minha nuca, puxando minha boca para a sua. — e vou mostrar isso de todas as formas. — completou e seus

lábios desceram suaves sobre os meus, num beijo reverente, cheio de promessas. Meus braços rodearam seu pescoço, minhas mãos entranharam em seus cabelos e gemi abrindo minha boca para sua exploração lenta, deliciosa, excitante. Nossas línguas se encontraram ansiosas, se lambendo. Gememos e nos colamos mais se é que isso era possível. Senti seu pênis duro cavando no meu ventre e me esfreguei nele desavergonhadamente. A mão da cintura desceu para minha bunda e me puxou com mais força. Grunhimos e o beijo mudou. Sua boca passou a comer a minha da forma dominante que me é tão familiar, enlouquecedoramente familiar. Ele soltou um gemido agoniado e separou nossas bocas. Sorriu colando a testa na minha. Sorriu também, nossas respirações ofegantes. — Cristo! Quero tanto você, anjo. Eu precisava te beijar, mas ainda temos um longo caminho a percorrer. — sussurrou.

— Concordo. — murmurei de volta. Eu sei que devia estar dificultando as coisas, mas olhe só para ele. Eu nunca consegui resistir. Como posso resistir agora que está me dizendo tudo que sonhei ouvir, que me olha como

se eu fosse tudo que ele mais deseja? Não me levem a mal, mas não vou garantir nada...

— Vem, temos um encontro. — tomou minha mão entrelaçando nossos dedos, puxando-me para o círculo diante de nós. Era um piso de madeira. Meus olhos se puseram a examinar tudo, já que sua presença me tirou toda a capacidade de raciocinar quando cheguei. Havia uma mesa íntima no centro. Um champanhe num balde de gelo. Um lindo arranjo de tulipas vermelhas, minhas preferidas. É claro que ele sabia disso. Um aparador com aquelas travessas que só vemos em restaurantes muito chiques. Um sofá de dois lugares de um lado e do outro... Meus lábios se abriram num sorriso bobo porque ele tinha trazido um piano. Ele sabe o quanto amo tocar. No entanto, tem mais de um ano que não toco. Tive que vender o meu quando minha mãe morreu. — ei, o que foi, anjo? Não gostou de algo? — seu tom preocupado me fez olhá-lo.

— Não, não. Está tudo perfeito. Eu só... Tem algum tempo que não toco. — falei tentando voltar ao clima

inicial. Os olhos escuros me analisaram por alguns instantes e amoleceram.

— Você tocou no nosso primeiro encontro há dois anos. — torceu os lábios, meio desconfortável. Isso era novo. Jayden desconfortável. — certo. Não foi bem um encontro. É justo que hoje eu toque para você, madame. — fez uma medida calculadamente aristocrática e engraçada e foi em direção ao piano. Meu queixo caiu porque ele nunca tocava para mim. Dizia que tocava muito mal, que não iria agredir meus ouvidos. Andei devagar, ficando na sua frente, como havia feito comigo há dois anos. Suas mãos deslizaram pelas teclas muito suaves. Franzi o cenho. Não era a postura de quem não sabia tocar. Então, seu rosto levantou, os olhos escuros prenderam os meus e as primeiras notas soaram. Reconheci a letra. *Iris* de *Goo Goo Dolls*. Debrucei-me sobre a tampa polida, apoiando minha bolsa e meus olhos não queriam deixá-lo nunca. Ah! Deus! Ele definitivamente era muito...

And I'd give up forever to touch you (E eu desistiria da eternidade para te tocar)

'Cause I know that you feel me somehow (Porque eu sei que você me sente de alguma forma)

Putaquepariu! Ele era um exímio pianista! Eu estava embasbacada. Seus lábios se curvaram num sorriso presunçoso, de quem sabia que havia me surpreendido até a próxima geração. Não consegui conter um riso também, meneando a cabeça. Ele era um maldito cretino por me fazer tocar para ele tantas vezes quando tinha talento e habilidade óbvia. Fechei os olhos deixando o som viajar por mim. Ele escolheu tudo com perfeição e a música era linda, sua forma muito pessoal de reafirmar tudo que me disse antes. Que quer se mostrar para mim.

And I don't want the world to see me (E eu não quero que o mundo me veja)

'Cause I don't think they'd understand (Porque eu não acho que eles entenderiam)

When everything's made to be broken (Quando tudo é feito para ser quebrado)

I just want you to know who I am (Eu só quero que você saiba quem eu sou)

Jayden

Encerrei a música. Minhas mãos já mais controladas.

Iniciei nervoso pra caralho. Eu nunca tocava para ninguém. O piano era uma das minhas paixões. O desejo do menino privado de tudo que havia encontrado algo bonito no meio da feiura e hostilidade dos orfanatos. Os grandes olhos azuis se abriram e nos encaramos em silêncio. Quando a vi, linda no vestido que escolhi para ela, meu coração saltou, meu peito se aquecendo com o significado daquilo. Ela estava me dando a chance de me redimir. E isso fazia com que me sentisse nas nuvens, mas ao mesmo tempo fazia-me sangrar de remorso. Espero que ela me perdoe, porque não vou me perdoar nunca.

— Você é um cretino, sabia disso? — disse, mas abriu um sorriso lindo em seguida. — puta que pariu! Você foi perfeito, Jayden! Eu... Por que nunca me disse que tocava assim? — sorri também e levantei-me indo até ela.

— Estou dizendo agora, anjo. — puxei-a para mim de novo. Minha necessidade por ela havia sido elevada à máxima potência. Será uma tortura não me afundar em seu corpo delicioso por um bom tempo, mas quero e preciso fazer o certo para ela a partir de agora. Quero mimá-la, tratá-la como a princesa que é. Ela não merece menos que

isso. — saberá tudo sobre mim. Tudo. — dei um beijo suave em seus lábios e me obriguei a me afastar até a mesa do centro. Abri o champanhe e servi duas taças. — pode me perguntar qualquer coisa.

— Minha tolerância ao álcool ainda continua ridiculamente baixa. — abriu um pequeno sorriso ao receber a sua. — hum, qualquer coisa? — repetiu e tomei-a pela mão nos guiando até o pequeno sofá. Nos acomodamos. Ela dobrou uma perna virando-se de frente para mim. Meus olhos desceram até os peitos deliciosamente cheios, bem delineados pelo vestido. Os mamilos ficaram túrgidos sob meu olhar. Engoli em seco. Porra! Meu pau estava dolorosamente duro. Grunhi. O plano das bolas azuis não me parecia mais tão atraente. Eu estava definitivamente fodido! — por que o estilo BDSM? — o quê!? Quase cuspi a bebida. Meus olhos a fitaram de novo e seu rosto estava rubro. Provocadora! Eu não precisava das imagens dela submissa tomando meu pau profundamente em sua boceta, porra! Tomei uma respiração aguda e me obriguei a responder. Afinal eu disse que poderia perguntar qualquer coisa...

— Eu pensei que isso fosse claro para você, anjo. —
prendi seu olhar. Por um momento o bastardo dominador
em mim quis fazê-la se submeter. No entanto, expulsei
esse pensamento porque estou em uma missão. Não é a
submissão do seu corpo que quero. Isso eu já tenho. Pode
parecer arrogante. Certo, é arrogante, mas é a verdade. Eu
sempre tive seu corpo. O que quero compartilhar com ela
agora transcende a tudo que já vivemos. Não será só uma
entrega de corpos. Seremos um do outro completamente.
Eu não aceito menos que isso. — geralmente as pessoas
que praticam meu estilo. Nosso estilo. — disse baixinho.
Ela corou mais, seus olhos dilatando lindamente
excitados. Santa Mãe! Ela vai me matar na porra do
primeiro encontro! — dizem qualquer coisa para justificar
suas taras. Maus tratos na infância, adolescência, abusos,
enfim, uma gama de coisas que muitas vezes não dão conta
de explicar. Pode ser que algumas pessoas realmente
tenham passado por isso e canalizaram seus traumas para
algo mais... Forte. — mantive seu olhar preso. — no
entanto, esse não é o meu caso. Faço isso porque é como
sou, Cassie. Gosto de dominar. Me excita. — sussurrei a

última parte. Ela arfou e desviou os olhos. — somos da mesma essência, anjo. — voltou a me fitar. — amo dominar você e você ama ser dominada por mim. — tomou um grande gole da bebida. Tomei um gole da minha também. Ok. Esse tema era uma bomba relógio prestes a explodir. Eu estava a ponto de pular em cima dela a qualquer momento e arruinar nosso primeiro encontro oficial. Merda! Dom tinha razão. Essa porra de ficar sem sexo é um pé no saco!

— Minha vez. — falei ficando de frente para ela também. — me fale como descobriu que era filha de Albert Springs. — a pergunta teve o efeito esperado. Sua expressão excitada diminuiu drasticamente, me senti um pouco culpado. Porém, estávamos nos conhecendo era justo que também tivesse perguntas.

— Quando cheguei à adolescência comecei a questionar como minha mãe, uma simples camareira de hotel conseguia custear meus estudos em escolas particulares. — revelou, sua voz tremeu um pouco ao mencionar a mãe. — ela sempre conseguia se esquivar do assunto até que o patrão faleceu e recebemos a visita nada

cordial de seu filho. — tomou mais um pequeno gole. — Mark nos disse coisas horríveis. Ofendeu minha mãe e a mim. Disse que cortaria todos os gastos conosco e que ela seria demitida. — sua voz embargou e quando me olhou os olhos estavam lacrimosos. — ele nos tirou tudo. Minha mãe tinha uma boa economia e conseguiu manter o padrão dos meus estudos, mas o dinheiro acabou. Acabou bem no momento em que mais precisávamos. Ela adoeceu. Não podia mais trabalhar e foi um período realmente difícil. — ficamos em silêncio por um tempo. — minha vez. — disse me tirando do meu mar de pensamentos. Abriu um pequeno sorriso. — como foi descobrir que era um príncipe?

Agradei por não perguntar algo sobre minha infância. Ela tinha mais tato do que eu nessas merdas de traquejo social. Eu diria a ela em outro momento, mas as merdas que vivi eram pesadas demais para soltar num primeiro encontro. Me permiti sorrir também lembrando como foi me descobrir *príncipe*.

— Foi hilário, inacreditável. Eu quis socar os advogados do meu tio. — meu riso ampliou quando ela

gargalhou. — esse sou eu. — murmurei. — mas eles estavam munidos de provas e decidi me submeter ao exame de DNA. Ainda assim foi um choque quando o resultado deu positivo. Eu tinha dois irmãos. Aceitar isso foi estranho.

— Mas se dão bem agora, não é? Vi como se relaciona com Dom e a família dele. — disse e levou a taça aos lábios mas já estava vazia.

— Hum, sem mais bebidas para a dama. — brinqueei. — lembra-se daquela vez em que apagou nos meus braços antes mesmo de nós... — parei sugestivamente e seu rosto corou. — Foi naquela noite que percebi que a amava. — confessei. Seus olhos brilharam como duas safiras ao me ouvir. — nunca havia sido tão prazeroso para mim dormir apenas segurando uma mulher nos braços. Eu quase não dormi na verdade. Fiquei observando você. Encantado com cada detalhe seu. — lambeu os lábios, fazendo meu pau serpentear dentro das calças. Caralho! Pigarreei e voltei à pergunta. — hum, sim, me dou bem com eles. São dois idiotas, mas eu os amo. — olhou-me surpresa pela minha declaração maricas. — não diga isso a eles de jeito

nenhum, por favor.

— Seu segredo estará bem guardado comigo. — sorriu, sua voz saiu rouca, sua excitação óbvia, estampada no rosto perfeito. As pequenas sardas sobre o nariz pequeno pediam para serem beijadas e eu não me segurei mais. Coloquei nossas taças no assoalho e avancei lentamente em sua direção. — Jay... — gemeu quando minhas mãos deslizaram suavemente pela clavícula e se fecharam em seu pescoço. Aquele som de lamento de desespero como se fosse morrer se não a beijasse agora. Porra! Era assim que me sentia também.

— Cassie... Ah! Cristo! Anjo... — lamentei, nossas bocas ofegando uma na outra. Suas mãos subiram pelo meu peitoral e gemi sob seu toque. Mandeí a porra da etiqueta para o espaço e tomei sua boquinha linda com fome. Me recebeu da mesma forma ansiosa. Nossas línguas dançaram famintas. Minhas mãos foram para sua nuca e puxei seus cabelos, me deliciando com a maciez dos cachos ruivos. Nos devoramos assim por muito tempo. Forcei-me a não tocá-la em outros lugares. Se o fizesse a foderia aqui num piscar de olhos. Eu parecia a

merda de um adolescente com hormônios desgovernados. Sou um homem de trinta anos, porra! — Santa Mãe! Eu vou morrer de tesão logo no primeiro encontro. — sorriu em sua boca, dando pequenos beijos, desacelerando-nos. — vamos jantar, amor. Preciso colocar uma mesa entre nós. — sorriu, seus olhos lindos, livres da tensão dos últimos dias. Eu quero ver esse sorriso mais vezes no rosto dela. Eu me empenharia para colocá-lo lá.

O jantar transcorreu tranquilo. A servi. Depois me servi e continuamos o nosso jogo de perguntas. Relaxamos. O clima começou a mudar. Não chovia há dois dias, mas acho que temos uma coisa com chuva. Ela nos persegue. Cassie se encolheu, estremecendo e retirei meu terno indo até ela e colocando sobre seus ombros delicados. Depois do jantar toquei para ela de novo. *Patience* do *Guns Roses*. Era um lembrete para mim. Eu estava enlouquecido por ela e não tinha a menor ideia de como ia deixá-la na porta do seu quarto sem empurrá-la para dentro e... Ah! Merda! Não me entendam mal. Eu realmente quero ir devagar, ela merece ser cortejada com todas as merdas românticas, mas meu pau estava em total

desacordo com a porra do plano das bolas azuis.

— Eu adorei, Jay. — sussurrou, virando para mim quando paramos na frente da sua porta.

— Amo quando me chama assim, anjo. — a puxei para mim e ficamos nos encarando. Seus olhos me convidando, me chamando para entrar. — estou tentando ser um cavalheiro, amor. — sorrio em sua boca. — não me olhe assim. Tem ideia do quanto é difícil para mim não ter você do jeito que eu quero? Do jeito que preciso? — grunhi cavando as mãos na sua bundinha linda. Moí meu pau em sua pélvis. Gememos. — quando estiver dentro de você de novo estaremos livres de todas as merdas, anjo. Seremos um do outro total e completamente. — aquiesceu, seus braços rodeando meu pescoço. Dei um beijo casto em seus lábios e um tapa leve em sua nádega direita. — entre.

— Boa noite. — sussurrou naquele tom rouco que vai direto no meu maldito pau. Caralho!

— Boa noite, durma bem, anjo. — murmurei de volta e me afastei. Ela abriu a porta e entrou. A olhei até a porta fechar num barulho suave. Coloquei minhas pernas para

funcionar e me dirigi ao meu quarto que já havia sido redecorado.

A semana transcorreu da mesma forma. Todos os dias a levei em encontros. Fechei um famoso restaurante no Rio e a levei de helicóptero. Fomos ao teatro. Ao cinema. Essa noite foi bem especial. Fechei o cinema só para nós também. Havia lembrado que ela adora o ator Channing Tatum. Seu novo filme ainda não tinha chegado aos cinemas, mas eu conheço alguém que conhece alguém... Então bastaram alguns telefonemas e o filme estava na minha mão em menos de vinte e quatro horas. O sorriso no rosto dela quando percebeu que filme iríamos assistir amenizou um pouco do ciúme irracional que tive quando deu os famosos gritinhos de mulherzinha diante da foto em tamanho real do maldito ator. Ok. Ele até que tinha presença. Certo, ele era bonito, admito. Todas as noites, eu a beijava castamente diante da sua porta e ia para meu quarto com uma ereção gigantesca, furiosa.

Há dois dias fomos também à casa dos seus tios no Rio. Conheci boa parte da família que havia lhe restado. O tio, James Miller se mostrou apreensivo no início, mas

o chamei para uma conversa franca e derramei minhas intenções com Cassie e os meninos. Pareceu-me mais simpático quando nos despedimos. Eu não o culpo pela reserva. Ele foi o apoio dela quando chegou ao Brasil com meus filhos recém-nascidos. Serei eternamente grato por isso. Mas agora estou assumindo minha mulher e meus filhos. Minha mulher. Adoro como isso soa. Amanhã partiremos para Londres. Mark Springs vai ter uma grande surpresa com tudo que estou preparando para ele. Cassie terá tudo que lhe foi roubado por aquele asqueroso. Vou deixá-lo na lona. Me encarregarei pessoalmente disso. Se o odiava antes, agora eu simplesmente quero dizimá-lo da face da terra. Ele pagaria por roubar dois anos das nossas vidas.

Depois disso seguiremos para Ardócia. Ela ainda não sabe. Será uma surpresa. É lá que tudo vai acontecer. Vou apresentá-la à minha família. E sim, farei o pedido. Vejam bem, eu queria sinceramente cortejá-la e mimá-la muito mais antes do gran final, mas já perdemos tempo demais e além disso, estamos a ponto de arrancar nossas roupas. Resistir tá muito foda! Eu a quero louca,

desesperadamente e ela a mim. Para que adiar, porra?

CAPÍTULO ONZE

Jayden

— Ardócia? Oh! Meu Deus! Jay! — ela corou lindamente, surpresa. — puta que pariu! Eu não vou saber me comportar... Cristo! Seu irmão é um rei! Eu... — a silencieei com o indicador e a puxei pela nuca, nossas bocas bem próximas.

— Sim, Leon é um rei, mas é gente boa. A esposa dele também é muito simpática. Estão loucos para conhecer você e nossos filhos, amor. — seu olhar ainda era assustado. Abri um pequeno sorriso. — eles são pessoas normais, anjo. Além disso, estarei o tempo todo com você. — a aconcheguei mais no meu colo, meu pau muito animado sentindo sua bundinha gostosa amassando-o. Eu quase gemi. Caralho! Por que mesmo não mando o plano das bolas azuis para o inferno? Por que ela merece ser tratada com respeito dessa vez, seu bastardo! Ah, certo. Ainda assim, o plano era uma merda!

— Eles moram em um palácio! Eu nunca estive em um

palácio, puta merda! — sorrio de novo. Adoro essas expressões espontâneas dela. Ah, Cristo! Eu amo tudo nela. Estar assim, sentindo seu corpo macio, seu cheiro viciante, perfeito pra caralho, me faz o bastardo mais feliz do mundo. Eu preciso compensá-la por cada dia de tristeza que lhe causei. Ela nunca mais vai chorar por minha causa. Nunca. Viverei para ela e nossos filhos. Serei deles e apenas deles.

— Há dois anos, nem eu, mas a gente se acostuma. — dei um beijo suave em seus lábios. — bem, o protocolo real é uma merda, mas tirando isso o resto é normal. — Ela mudou de posição, montando-me. Seus braços vieram ao redor do meu pescoço. Dessa vez eu gemi quando sua bocetinha se alojou bem em cima do meu pau. Ainda bem que usava calça jeans. — Santa Mãe... Você não pode fazer isso, anjo... — sorrio em sua boca. Seus lábios carnudos se curvaram num riso travesso, sabendo o quanto estava me torturando. Provocadora do caralho! — eu não vou foder você, porra! — grunhi e contrariando minhas palavras, minhas mãos cravaram em sua bunda e a puxei para baixo. Moí em sua boceta quente. Gememos. —

quero fazer amor na nossa primeira vez. Vou adorar, saborear cada centímetro de você, meu anjo. — sussurrei e minha boca desceu pelo seu queixo. Entranhei uma mão em seus cabelos da nuca e puxei arqueando seu torso. Lambi seu pescoço devagar. Ela estremeceu e começou a balançar em cima de mim. — caralho! Que bocetinha mais quente, anjo...

— Jay... — miou, implorando daquela forma sexy que me tem babando por ela.

— Sou tão louco por você, amor. — murmurei voltando a encará-la. — ter você assim de novo em meus braços é muito mais do que mereço. — minha voz embargou um pouco. — a maioria das mulheres em seu lugar teria me dado um pé na bunda, me mandado passear. — os olhos azuis suavizaram e ela tocou meu rosto. — em vez disso está aqui me dando outra chance e isso me faz o bastardo mais sortudo da face da terra. — abriu um riso tímido. — eu vou compensar tudo, anjo. Fazê-la feliz será a razão da minha vida, acredite. — ela piscou, os olhos muito brilhantes. — obrigado por me deixar fazer isso,

amor. Obrigado por não desistir de mim. — completei e puxei sua boca para a minha, nos beijamos sofregamente. Um beijo desesperado, que traduzia perfeitamente como nos sentíamos. Loucos para acabar de vez com todas as merdas que ainda pairavam entre nós. Separei nossas bocas tentando recobrar meu controle. — vá se arrumar. Temos uma semana longa pela frente. — dei um tapa leve em seu traseiro. Ela gargalhou e veio até minha boca e me beijou de novo, rebolando gostoso pra caralho sobre o meu pau necessitado. — provocadora! — mordi seu lábio superior. — depois que fizermos amor, aí sim, vou comer você do jeito que preciso. — gemeu. Sorrio perversamente. — do jeito que você precisa, minha escrava gostosa.

— Puta merda! Jay... — lamentou em minha boca. Meu riso ampliou. Dois podem jogar esse jogo, anjo.

— Isso é o que você ganha por ficar me provocando. — sussurrei, minha voz enganosamente suave. — esteja preparada porque vou montar minha putinha linda por horas... — acrescentei, meus olhos enviando promessas

muito, muito sujas. Arquejou, os olhos azuis incendiados, dilatados de tesão. Gemeu resignada e saiu de cima de mim. Levantei-me da cama também. Estávamos no meu quarto, na minha casa em Londres. Chegamos ontem à noite. Cassie ficou nitidamente tensa quando passamos pelos portões. Aqui vivemos muitas coisas bonitas, mas tinha sido escorraçada, arrancada da minha vida brutalmente, era compreensível sua reação. Quando paramos na frente dos degraus da entrada, seus lábios tremeram. Tomei uma decisão. Compraria outra casa. Assim que voltássemos de Ardócia iríamos para outro lugar, onde construiríamos novas memórias. Ela não tinha que passar por isso. Porra! Por que não tive a maldita ideia antes?

— Gostei do que fez no quarto. — sua voz me fez voltar dos pensamentos. Ela olhava tudo atentamente.

— Teve que ser redecorado. — me fitou, franzindo o cenho. Prendi seu olhar. — eu o destruí quando a mandei embora, anjo. — seu rosto caiu um pouco, tendo uma ideia mais clara de como me senti. — quebrei a casa quase toda

para ser sincero. Isaac e Bill me impediram de terminar tudo. — torci os lábios, ironizando-me. — eu não consigo lidar bem com a dor. — murmurei e ficamos nos olhando, as lembranças daquela maldita noite pairando como um espectro sobre nossas cabeças. Estávamos presos nessa merda que parecia não querer nos deixar nunca. Foda!

— Eu... Hum, vou me arrumar. — disse num tom forçado indo em direção à porta.

— Cassie? — olhou-me por cima do ombro. — vai dar tudo certo, amor. Vamos passar por cima dessa merda, eu prometo.

— Estou apostando nisso, Jay. — disse-me e isso aqueceu meu coração atormentado. Assenti e ela deixou o quarto.

Passamos o dia na empresa. A levei e desfilei orgulhoso de mãos dadas com ela para todos verem. Esse era o desejo que não consegui realizar há dois. Eu queria mostrá-la ao mundo como minha. Só minha. Carl teve uma reação muito estranha quando o chamei na minha sala e seus olhos pousaram em Cassie no meu colo. Seu rosto

ficou branco e os olhos cinza flamejaram com algo que não consegui identificar. Falei que ela estava de volta e dos nossos filhos. Eu não tinha falado nada ainda para ele. Eu acho que havia esquecido. Ele andava bem distante de mim há algum tempo. Não sei o que houve. Carl consegue ser mais reservado do que eu. Pode ser só impressão, mas acho que ele não gostou dos meus planos de casamento. Não sei qual o problema dele em relação à Cassie. Há dois anos também era contra que eu a assumisse. Foda-se Carl! Dessa vez ouviria apenas meu coração. Bem, meu coração e meu pau que estava malditamente babando por ela. Os três dias seguintes foram intensos. A mídia acabou descobrindo sobre Cassie e os meninos e nos perseguiu implacavelmente. Suspeito que Mark apesar de não ter dado as caras ainda, tenha nos feito essa cortesia. Maldito asqueroso. Havia um circo permanentemente armado na frente da King's e nos portões da minha casa. No entanto, não deixei isso me intimidar e continuei com o que tinha prometido a ela. A levei em encontros todas as noites. Fomos numa badalada casa noturna, dançamos, nos divertimos como nunca. Passeamos na minha moto. Eu

sempre gostei de carregá-la. Adoro as coxas suaves contra as minhas, os peitos cheios prensados nas minhas costas e a bocetinha quente se esfregando em mim. Foi uma tortura. Mas eu até que estava gostando desse jogo de espera. A antecipação. O desejo crescendo. Quando eu finalmente a tiver de novo será memorável. Vou fodê-la por horas, até nenhum de nós conseguir andar. Fomos também num jogo do seu time do coração, o Chelsea. Nunca vou esquecer a expressão linda de puro êxtase nos olhos azuis quando entramos no camarote que reservei só para nós. Nos agarramos, nos comemos como dois adolescentes. Ela também estava louca de tesão. As janelas de vidro nos dava uma visão privilegiada do gramado do Stanford Bridge[\[110\]](#). Ela gritou, proferiu uma série de palavrões o jogo todo. Eu a provoquei, porque sou Manchester United. Mas no final Fernando Torres[\[111\]](#) fez o gol que deu a vitória aos *Blues*. Me permiti festejar com ela. Para desespero de Isaac e Bill fomos tomar cerveja num dos pubs nas proximidades do estádio e nos misturamos com a massa de torcedores barulhenta. Ela estava tão feliz. Era necessário tão pouco

para deixá-la assim. Saber que não dei nem isso à ela há dois anos me rasgava por dentro. Ah! Cristo! Eu tenho muito para reparar. Tem um mundo de coisas que quero mostrar a ela. Quero colocar o mundo a seus pés.

Anelise Springs, única irmã de Albert Springs, entrou em contato comigo solicitando um encontro com Cassie e os meninos. A senhora era viúva com apenas um filho, Simon. Eu o conhecia bem. Um filhinho de papai especialista em torrar os milhões dos Springs. O idiota acompanhou a mãe na visita que nos fizeram. Eu não gostei nada da forma que olhou para Cassie. Os olhos azuis malditos brilhando de cobiça e luxúria. Anelise se emocionou quando viu a sobrinha e os sobrinhos netos. As duas se deram bem logo de cara. Durante a conversa percebemos seu descontentamento com Mark e a forma como escondeu a existência de Cassie por sete anos. Eu ainda não lidaria com aquele verme, no entanto. Contratei uma empresa de investigação para descobrir todos os podres dele e eu sei que são muitos. Quando tiver de posse de tudo vou aniquilá-lo completamente. O asqueroso nem vai saber o que o atingiu. Correção, ele

vai saber. Faço questão de olhá-lo de cima quando estiver na lona, arruinado, acabado.

Os bens dos Springs eram administrados por Anelise e ela nos contou que Mark estava investindo pesado nos últimos meses para tirá-la do controle. Mas para azar dele, a tia descobriu sobre Cassie ao ouvi-lo numa conversa ao telefone. Pressionou-o e ele abriu o jogo. Perdeu pontos com a tia. Cassie informou que buscaria seus direitos e a apoiei. O maldito Simon, que também era advogado se colocou prontamente à disposição dela. O cortei dizendo que minha equipe de advogados já estava trabalhando nisso. Ele me deu um riso odioso de afronta e reafirmou que estaria à disposição dela para o que precisasse. Meu sangue ferveu. Aquele filho da puta estava mesmo se engraçando com a minha mulher na minha cara? Ele certamente não tinha a menor ideia de com quem estava mexendo. Quase rosnei. Cassie percebeu meu desconforto e apenas agradeceu a oferta. Anelise também pareceu desconfortável com o inusitado concurso de mijadas. Marcamos outro encontro para quando retornássemos de Ardócia e encarei o imbecil passando

um recado claro. Ele não estava convidado.

O jato aterrissou em solo ardociano no final da tarde de sexta-feira. Desci com Samuel e Lucas nos braços. Um orgulho sem tamanho enchendo meu peito ao avistar Leon e Júlia nos aguardando ao pé da escada. Damien segurava a mão de Júlia e Antonella estava nos braços do pai. Meu irmão tinha uma família linda. Sempre gostei de vê-los juntos.

— Tio Jay! — a vizinha eufórica de Damien me fez abrir um sorriso largo. Ele largou a mão de Júlia e veio puxar a perna da minha calça.

— Ei, campeão! — saudei-o. Júlia tomou Lucas nos braços e Cassie que tinha acabado de descer atrás de mim, tomou Samuel. — está muito grande e forte! Quase não reconheço você, garotão! — brinquei levantando-o acima da minha cabeça. Ele se desmanchou em risos. Ele adora isso. Amo esse moleque. Então o trouxe para um abraço apertado, seus bracinhos rodearam meu pescoço.

— Irmão, é bom tê-lo em casa. — Leon estendeu a mão para mim. Demos um aperto firme e nosso abraço de

caras. — e claro, sua família também. Seja bem-vinda, Cassandra. — Cassie corou, visivelmente desconfortável. Ela estava em pânico sem saber como agir na frente de Leon.

— Obrigado, irmão. É bom estar em casa também. — falei e eu quis dizer exatamente isso. Ardócia é a minha casa. Foi um longo caminho, mas agora é assim que me sinto quando chego aqui. Em casa. — Cassie. — chamei, passando o braço pelos ombros delicados. — esses são meu irmão Leon, a esposa Júlia e meus adoráveis sobrinhos, Damien e Antonella. — disse e me curvei beijando a bochechinha rosada de Antonella, que se desmanchou em risos para mim. Loirinha de olhos verdes, aos oito meses, parecia uma bonequinha. — Leon, Júlia, esses são, Lucas nos braços de Júlia e Samuel nos braços da mãe. Nossos filhos. Essa é Cassie, minha Cassie. — minha voz saiu rachando de orgulho. Leon abriu um riso amplo.

— É um prazer conhecê-los. — Cassie conseguiu dizer firmemente. Essa é a minha garota. Passei horas

convencendo-a de que meu irmão e a esposa não eram como a realeza convencional, ou seja, chata e esnobe. Parece que ela estava percebendo agora.

— O prazer é todo nosso, *cara mia*. — Júlia aproximou-se e a beijou nos dois lados do rosto. — ela é tão jovem, Jay. — disse no seu tom doce. — e tão bonita, não é, amor? Oh, os bebês têm os olhos dela. — sorriu olhando os meninos, encantada.

— *Si, perla mia*. — Leon concordou, estendendo a mão para Cassie. — é um prazer conhecê-la. Jay é um bastardo muito sortudo mesmo. — me olhou, alfinetando: — Mas, ainda bem que meus sobrinhos se parecem com a mãe.

— Maricas. — bufei.

— Ok. Eles começaram. — Júlia disse revirando os olhos. — Cassie, venha comigo, *cara mia*. Eles vão se ofender agora. É assim que dizem o quanto se amam. — completou sorrindo. Cassie abriu um riso tímido e a seguiu para a enorme limusine. Ficamos os dois observando nossas mulheres.

— Então, como vão as bolas azuis, irmão? — Leon abriu um riso irônico. Esse bastardo é tão parecido comigo.

— Seu plano é uma merda, irmão. — rosnei. Ele gargalhou. Idiota!

— Você é um fracote, Jay. Eu aguentei três malditos meses. — torceu os lábios em desgosto. — mas minha Júlia merecia ser tratada como uma princesa, já que fui um bastardo completo quando a conheci. — olhou-me daquela forma direta dele. — e parece que esse é o seu caso também, então não reclame e faça valer a pena.

— Eu farei, irmão. Eu fiz muita merda. — grunhi. — aguentar a porra das bolas azuis é o mínimo que posso fazer por ela. — seus olhos escuros me sondaram atentamente.

— Quando encontramos a mulher certa, irmão, tudo que pudermos fazer para torná-la feliz ainda é pouco. — pausou um momento. — esse é o seu caso, não é? — meus olhos a procuraram de novo. Ela virou-se para mim antes de entrar na limusine. Os últimos raios de sol iluminando

os cachos ruivos que tanto amo. Fiquei hipnotizado por alguns instantes, bebendo-a, comendo-a avidamente com os olhos. Tão linda! Ah Cristo! Tão perfeita. Nossos olhares travaram e os olhos azuis eram um reflexo dos meus gritando tudo que sentíamos. Saudade, amor, desejo, luxúria. Santa Mãe! Eu a quero tanto. Minhas bolas acabam de atingir a mais escura tonalidade de azul. Porra!

— Sim, irmão. — admiti, abrindo um sorriso para ela. Sorriu-me de volta e entrou atrás de Júlia. — esse definitivamente é o meu caso. — acrescentei.

— É bom ver esse brilho em seus olhos, Jay. Seja feliz, irmão. — a voz de Leon me fez encará-lo outra vez. — então, quando vai parar de ser um maricas e fazer o pedido? O olhar que trocamos agora só pode ser descrito como atentado violento ao pudor. Faça logo, seu idiota! — riu cínico. Bastardo! Sorrio também.

— Vou fazer, Leon. — afirmei. — você providenciou aquele pequeno favor que lhe pedi?

— *Si*, claro. Estou louco para ver isso... — deu um riso debochado que me lembrou de meu outro irmão

idiota.

— Dom? Quando chega? — ele torceu os lábios, bufando sarcasticamente.

— Aquele idiota tarado alega que ainda está em lua-de-mel. — gargalhei dessa vez. Era a cara do Dom. — eles só chegam amanhã. — informou e fomos nos juntar às mulheres.

Tio Max se emocionou quando viu Cassie e os meninos. Meu tio era um homem especial. Nunca teve filhos, mas tratava a todos nós, como se fôssemos dele. Ele parecia muito mais animado e jovial do que a última vez que o vi. Posso estar enganado, mas apenas uma coisa deixa um homem assim: mulher. Ele estava deixando o luto? Quando perguntei a Leon, ele me disse que suspeitava que nosso tio estava namorando uma nova iorquina, pois tinha viajado três vezes para lá depois do casamento de Dom e Helena.

O jantar transcorreu tranquilo. Cassie estava bem mais relaxada na presença de minha família. Eu? Bem, eu estive com o pau duro durante toda a porra do jantar. Foi

uma tortura. Leon levantava uma sobancelha de vez em quando para mim, um risinho irônico me dizendo que sabia do meu suplício. Maricas!

— Eles são tão adoráveis, Jay. — Cassie murmurou assim que a acomodei no meu colo. Estávamos na sacada dos nossos aposentos conjugados. Leon mandou fazer uma reforma para acomodar nossos filhos. Meu irmão era um bastardo atencioso. Era um homem que valorizava a família. O admiro por isso. Dom também é um pai excelente. E o mais importante: somos três bastardos sortudos do caralho! Encontramos mulheres especiais que merecem o nosso amor e dedicação. Meu cenho franziu um pouco, lembrando que havia insultado Cassie deixando claro que não podia ser comparada com minhas cunhadas. Gemi. Se remorso matasse... — ei, o que foi esse gemido? — tomou meu rosto entre as mãos, os olhos azuis incríveis me encarando doces.

— Você me perdoa, anjo? Algum dia vai conseguir me perdoar por ter sido tão cruel, idiota, arrogante...

— Shhhh. — seus dedos me calaram suaves. — eu já o

perdoei, Jay. Estou aqui, não percebeu isso ainda? — seu olhar deslizou pelo meu rosto. Era quase a mesma expressão de adoração com que me olhava há dois anos. Mas ainda havia uma sombra lá e isso me deixava inseguro pra caralho quanto ao futuro. E se ela nunca mais voltasse a me amar? Se eu nunca mais voltasse a ouvir as três palavras da sua boca? Eu precisava ouvi-las. Ah! Deus! Como eu preciso ouvi-las. Cada vez que digo que a amo e ela apenas me olha de volta, meu coração afunda. Mas estou determinado. Nunca fugi de uma luta. Lutei a minha vida toda. Não vou me acovardar nessa que é a luta mais importante da minha vida. Eu tinha preparado uma surpresa para amanhã no baile de aniversário de Júlia. No entanto, agora me ocorreu que talvez tenha me precipitado...

— Sim, você está aqui, amor. — deslizei as mãos pelas suas costas suavemente. — e não vou deixá-la ir de novo. Nunca mais, ouviu? — meu tom tinha um toque de desespero.

— Eu não quero ir. — murmurou próximo da minha

boca.

— Eu te amo, anjo. — sussurrei. Seus olhos brilharam mais e ela sorriu docemente.

— Eu acredito. — disse baixinho, seu tom um pouco embargado. Minhas mãos foram para sua nuca e puxei sua boca para a minha. Ok. Ela acreditava. Já era um bom começo. Nos olhamos, nossos lábios se tocando, ofegando. Tomei sua boca num beijo lento, apaixonado. Reverenciei sua boca. Chupei, lambi sua língua macia. Ela me montou e a coisa esquentou, passamos a nos devorar. Usava um vestido de saia ampla que me torturou todo o jantar. Sua calcinha estava molhada quando sua boceta se esfregou no meu pau e isso me fez rosnar, mordemos, lambemos, chupamos nossos lábios. Ela deixou escapar a porra do gemido necessitado e eu quis arrancar nossas roupas e esquecer tudo que tinha planejado. Minhas mãos subiram pelas coxas macias e cravaram em sua bunda gostosa. Afastei a calcinha e enfiei os dedos no meio das bochechas, circulei seu cuzinho e ela balançou no meu pau. Porra! Estávamos

fodendo a seco. Isso era frustrante, mas era gostoso pra caralho. Nunca tínhamos namorado assim, dando só amassos. Sempre partíamos para a foda bruta. Oh! Merda! Lembrar disso não me ajudaria muito. Imagens dela amarrada sendo açoitada pelo meu chicote, depois fodida de todas as formas me deixou louco. Forcei-me a separar nossos lábios.

— Santa Mãe! Você é uma coisinha quente, não é? — sorrio safado, nossas respirações ofegantes. Ela miou ainda se esfregando em mim. — já disse que não vou te foder. — puxei seus cabelos e mordi seu queixo. Sorrio mais perverso. — ainda não, mas em breve, muito breve. — bufou. Gargalhei. — Ainda falta contar uma coisa a você, anjo. — sussurrei, ficando sério. Ela parou de se mexer e me fitou sentindo minha tensão. Delineei sua face suavemente. — vou contar como adquiri as cicatrizes nas minhas costas...

Cassandra

Foi um dia maravilhoso. Jay passeou comigo e os meninos pelos pontos turísticos da Ilha a manhã inteira.

Andamos na belíssima praia do Imperador. Parecíamos uma família normal, mas aí sempre parava alguém para cumprimentá-lo e fazer inúmeras reverências. Ele era um príncipe. Puta merda! Eu nunca havia parado para pensar na dimensão disso tudo, mas a realidade começava a ser cada vez mais assimilada. A orla me lembrou um pouco de Copacabana. Era linda, ampla. Ciclistas, skatistas transitando num fluxo contínuo. Eu ainda não acreditava que estávamos aqui. Era tudo tão surreal. O enorme palácio. Os funcionários fazendo reverência para nós, chamando-o de *alteza*. Ele jogava futebol com Lucas e Samuel agora enquanto Isaac e Bill estavam à nossa volta, atentos a toda e qualquer movimentação. Me contou tudo ontem. Ele conseguiu cumprir com sua promessa de mostrar-se para mim. Falou-me sobre sua vida nos orfanatos, nas três famílias que tentaram adotá-lo, mas não quiseram ficar com ele porque era um garoto problemático que não sabia lidar com a raiva. Ok. Ao que tudo indica Jay ainda não consegue lidar com a raiva. É brutalmente explosivo.

Aos treze anos estava de volta ao orfanato. Meu peito

dói só de lembrar a expressão em seus olhos quando revelou que muitas crianças eram abusadas por um dos *benfeitores*. Um pedófilo da alta sociedade que mascarava suas taras se infiltrando nesses locais. As doações eram grandes, então todos faziam vista grossa quando o porco levava as crianças para fins de semana em sua casa. Seu corpo tremia quando disse que acordou certa noite, num desses finais de semana sendo apalpado pelo homem. Seus punhos se crisparam e revelou que bateu no homem até deixá-lo desacordado e ensanguentado no chão. Aos treze anos já era alto e forte e além disso, treinava boxe com um campeão aposentado que era voluntário no orfanato. Isso o salvou de ter o destino das outras crianças. Ele fugiu junto com Isaac. Viveu nas ruas dos treze aos dezessete anos. Se envolveu com drogas, roubos, fez parte de gangues e foi aí que adquiriu as cicatrizes nas costas. A gangue da qual fazia parte o abandonou quando foi preso por delinquência juvenil aos dezessete. No reformatório teve que delatar os líderes e eles não perdoaram a traição. Quando Jay foi solto a gangue o emboscou, espancou e o esfaqueou nas

costas. Seu corpo foi jogado numa construção quase sem vida. Mas surpreendentemente o que parecia o fim acabou sendo sua salvação porque o engenheiro chefe o encontrou na manhã seguinte e o levou para um hospital. O tal engenheiro era John Turner, pai de Carl, já falecido. Quando saiu do hospital John o levou para casa e cuidou dele até que se recuperou. Esse homem incrível ofereceu a Jay trabalho na sua firma de construção e se transformou rapidamente num modelo para ele. No ano seguinte ele já estava cursando uma universidade conceituada ao lado do seu novo amigo Carl. E foi nesse período que Mark surgiu. Um filhinho de papai que se divertia tirando sarro dos mais humildes que dependiam de bolsas de estudo como era o caso de Jay. Os dois se odiaram de cara. Jay o espancou. Mark reuniu os amigos e o espancaram. Jay fodeu a namorada de Mark e armou para que ele os flagrasse. Mark comeu a garota de Jay... E eles seguiram se odiando até a idade adulta. Jay acabou se perdendo de Isaac, só o reencontrou quando precisou contratar serviço de segurança. O amigo havia se salvado da marginalidade também.

O olhei ali, feliz, brincando com nossos filhos e um orgulho enorme tomou conta de mim. Jayden Samuel King tinha tudo para dar errado, mas foi um lutador. Literalmente, não consegui evitar um sorriso. Ele lutou e venceu. Era um sobrevivente. Senti a última barreira se romper dentro de mim. Era hora de enterrar todas as merdas que vivemos nos últimos dois anos. O destino nos juntou de novo. Nada é por acaso. Sinto que viveremos algo grandioso dessa vez. O amor que sentíamos não morreu apesar de castigado. Vamos fortalecê-lo. Dessa vez ficaremos juntos. Nada nem ninguém vai nos separar. Vamos vencer qualquer coisa juntos, como devia ter sido. Ele virou a cabeça na minha direção como se sentisse meu olhar. Levantei-me da areia e fui em direção à eles, obedecendo ao chamado silencioso dos olhos escuros. Sim, ficaremos juntos.

— Esse vestido ficará ótimo em você, Cassie. Aceite, por favor, *cara mia*. — Júlia espalhou um vestido creme sobre a cama. Puta merda! O vestido era digno de uma princesa. Havíamos passado a tarde toda juntas nos embelezando com as profissionais que ficavam à

disposição da rainha. Ela era tão doce e simpática, nem parecia da realeza.

— Aceite, *carissima*. — Helena interveio. Ela, Dom e Anna Júlia haviam chegado ao meio-dia. Os homens ficaram à tarde com as crianças e nos deixaram nos preparar para o baile. Os príncipes Di Castellani juntos era um verdadeiro espetáculo de virilidade e beleza. Rapaz, eles eram bonitos. E eu quero dizer realmente bonitos. Eles junto com os filhos então, eram perfeitos.

— Eu nem sei o que dizer. — sentei-me na cama deslizando os dedos pelo tecido macio. Elas eram muito gentis comigo. Nunca fui tão bem tratada na minha vida.

— Não diga nada. Apenas mantenha aquele brilho nos olhos de Jay, querida. — Júlia disse suavemente, sentando-se na cama também. Helena fez o mesmo. Elas estavam no meu quarto. Helena havia me presenteado com uma sandália maravilhosa cravejada de brilhantes momentos antes. Eu estava embasbacada e com uma leve suspeita se instalando em mim. Jay esteve muito misterioso todo o dia. Leon e Dom pareciam conspirar

com ele da mesma forma que suas mulheres estavam à minha volta. Meu peito disparou só com a mera suspeita. Ele faria o pedido hoje? Eu estava torcendo que fizesse porque estar perto dele tem me matado todos os dias. Eu vivia num constante estado de excitação. Apenas ouvir sua voz, deixava minha vagina gotejando. — use-o hoje. Ah, e quando forem anunciados, desça a escada com o queixo levemente levantado. Não numa postura superior, mas é essa a postura que os convidados esperam de uma princesa Di Castellani. A descida da escada é o seu momento. Você tem que esquecer todos à volta. Concentre-se apenas no seu momento e, claro, no príncipe a seu lado. — sorriu-me com olhos travessos. Eu entrei em pânico. Puta que pariu! Eu pensei que esse negócio de descer uma enorme escada, enquanto uma multidão fica com os olhos grudados em cada movimento seu, era só nos filmes. Oh! Merda! Ferrou!

— Eu ainda não sou uma...

— Mas será, *cara mia*. — Helena cortou-me e trocou um olhar cúmplice com Júlia. — Jay quer você. E quando

um príncipe Di Castellani quer uma mulher, simplesmente não há como escapar. — acrescentou e as duas sorriram cúmplices de novo. Abri um pequeno sorriso também, sentindo que uma boa amizade estava sendo construída entre nós. Era muito fácil gostar delas. Eu não parava de admirá-las. Eram tão seguras. Altivas, duas princesas de verdade e estavam aqui me dando atenção, fazendo com que me sentisse importante, parte da família.

— Não foi fácil para nenhuma de nós, Cassie. — Júlia tornou, seu tom mais sério agora. — eles são difíceis. Os três são verdadeiros ogros em alguns momentos. — sorriu docemente, os olhos verdes brilhando. Ela era uma mulher muito, muito bonita. — mas quando amam, *cara mia*, se transformam em príncipes encantados e aí, ninguém os segura. Eles fazem coisas impensáveis para nós. — sorriu mais amplo e completou em um tom mais baixo. — só para constar, eu sempre fui louca pelo Leon mesmo quando era um ogro bastardo comigo, porque você há de concordar, tem uma *coisa* sobre o DNA Di Castellani... — seu rosto enrubescceu levemente e eu entendi perfeitamente sobre o que falava. Corei também. Puta merda!

— Isso é verdade. Dom era um cachorro vadio antes de mim. — Helena falou e suas bochechas coraram um pouco. — mas devo confessar que foi isso que me deixou louca por ele. Amo aquele jeito sem vergonha. — gargalhamos as três. As duas me encararam esperando uma confissão minha. Certo. Entrando de vez no clube da Luluzinha.

— Concordo, meninas. — admiti, meu rosto virando um tomate. — definitivamente há uma *coisa* no DNA Di Castellani. — sorrio. Já me sentia muito mais leve e à vontade. Elas são mesmo uns amores.

— Cassie, hum... É verdade que vocês, hum... Gostam do estilo BDSM? — Helena quis saber e Júlia cravou os olhos verdes travessos em mim. Puta que pariu! Que pergunta é essa?...

Paramos no topo da escadaria. Meu coração saltava descontrolado. Meus olhos correram pelo salão lotado. Tive que lembrar todas as dicas de Júlia e Helena para não deixar meu queixo ir direto ao chão. Puta merda! Oh. Meu. Deus. Sabe aqueles filmes de realeza onde ficamos

babando com a decoração, a iluminação, uma escadaria enorme com um tapete vermelho descendo pelo centro, as roupas dos convidados? Multiplique isso por dez e terá uma noção do que estou vendo agora. A mão grande e morna de Jay apertou minha cintura como se soubesse do meu pânico interior.

— É a nossa vez, anjo. — sussurrou e beijou meus lábios levemente, os olhos escuros enigmáticos, suaves, mas o tesão sempre latente. Nós estávamos quase arrancando nossas roupas. Correção, nós já havíamos arrancado nossas roupas mentalmente. Ele não parava de me olhar e nem eu a ele desde que foi me buscar no quarto. Entrou e ficamos lá, parados, mudos, nossos olhos correndo ávidos pelo outro. Ele usava um smoking branco destacando seu tom de pele morena que amo tanto. Engasguei. Ele era um príncipe de fato. Já o vi vestido em ternos elegantes, mas hoje ele era um príncipe da cabeça aos pés. Lindo, absurdamente lindo e minha vagina chorou de saudade dele. Eu virei uma poça sob seu olhar escuro incendiado, selvagem, me comendo sem cerimônia. O vestido que Júlia havia me presenteado era tomara que

caia. Fios de brilhantes desciam do busto se abrindo para a saia. Um drapeado nos quadris fez minha bunda ficar muito maior e empinada do que já era. A saia longa descia se estendendo numa pequena cauda, estilo sereia. Meus cabelos foram arrumados em cachos suaves descendo sobre o ombro direito. Júlia sugeriu que cortasse uma franja desfiada, para suavizar meus enormes olhos azuis. Ela estava jogada para o lado direito também. Amei tudo. Usava uma maquiagem não muito carregada, mas Júlia me convenceu a usar batom vermelho. Disse que combinava com meu tom de cabelos. O resultado foi Jay mudo na minha frente por vários segundos. Não quero me gabar, mas eu realmente conseguia passar por uma princesa. Certo, isso não foi nada modesto, não é? Acho que a atmosfera desse palácio, o luxo, a atenção e, sobretudo o homem na minha frente. Correção, o príncipe na minha frente está contribuindo para que me sinta assim: uma princesa. Toda mulher precisa se sentir assim pelo menos uma vez na vez na vida. Poderosa, linda, desejada, muito desejada. Era isso que os olhos famintos de Jay me diziam agora. Ele me olhava como se quisesse me comer com

uma colher. Ofeguei, voltando dos meus pensamentos quando deslizou o polegar nos meus lábios. Sua boca se curvou num sorriso sexy, arrogante, sacana e enigmático. Ele estava definitivamente planejando algo.

— Sua alteza real, o príncipe Jayden Samuel King Di Castellani e sua acompanhante a Srt^a Cassandra Miller! — a voz solene do cerimonialista nos tirou da nossa frustração sexual e me deixei ser guiada pelo meu príncipe. Cada degrau foi um suplício, tudo havia parado, a música, as pessoas, tudo. Leon e Júlia haviam descido antes. Dom e Helena foram logo depois. Eu já tinha visto isso em filmes, mas vivenciar era aterrorizante. Minhas pernas estavam moles como gelatina. Meu corpo tremia e quando finalmente pisamos no assoalho soltei a respiração. Jay me puxou mais contra seu corpo e agradei por isso. Eu estava a ponto de desmaiar. Puta merda! Isso era muito. Jay me conduziu devagar. As pessoas haviam feito duas fileiras para nos dar passagem. Ele ia acenando levemente com a cabeça para todos.

— Sorria e acene, amor. — murmurou, beijando meus

cabelos. Lembrei-me das palavras de Júlia. Não superior, mas ativa, serena. Consegui manter o sorriso e fui acenando também. Instantes depois, a orquestra voltou a tocar e Leon conduziu Júlia para o meio do salão. Jay já havia me falado que eles sempre iniciam a dança. É o que manda o protocolo real. Os dois se encararam, os olhares dizendo coisas que não apenas eles, mas todos ali entendiam: eles se amavam. Sorriram e Leon a enlaçou pela cintura. Uau! Eles eram mesmo apaixonados. A mídia não exagerava ao retratar isso. Dançaram divinamente sob nossos olhares. Leon a girou com maestria pelo salão, sempre se olhando. Eles pareciam longe, num mundo só deles. Beijou suavemente os lábios da esposa quando a música acabou e palmas encheram o salão. Ela usava um longo verde de alças finíssimas e um decote generoso nas costas. Leon usava smoking negro. Eles formavam um casal lindo. Outra música iniciou. Dom e Helena se juntaram a eles. Mais um casal perfeito. Dom usava um smoking negro também e Helena usava um longo azul marinho, tomara que caia. Ele a puxou para si e a olhou daquele jeito charmoso e sem vergonha que ela confessou

que ama e a beijou carinhosamente nos lábios antes de acertarem o compasso do jazz suave.

— Me daria a honra, madame? — o tom baixo, sexy com um toque de perversão faria molhar minha calcinha... Isto é, se eu estivesse usando uma. Abri um riso misterioso e acenei deixando-o me levar. Outros casais já começavam a dançar também e logo o salão estava cheio. Ele parou próximo aos irmãos. Seu braço forte enlaçou minha cintura e me puxou para ele, colando nossos corpos. Sorriu perverso quando gemi baixinho. Desceu os dedos abertos pela parte baixa das minhas costas, quase tocando minha bunda. Arregalei os olhos ao senti seu pau duro feito pedra cavando em meu ventre. Me esfreguei sutilmente nele. Gemeu e foi a minha vez de sorrir. Nossas mãos entrelaçaram e iniciamos o passo. Nos movemos devagar, nos deliciando com a sensação gostosa de nossos corpos juntos. Levantei meu rosto encontrando seu olhar e ficamos assim por um tempo que não consegui perceber. Eu estava vivendo meu próprio conto de fadas com meu príncipe fodão. E eu torcia desesperadamente para ele parar de bobagem e me foder sem sentido depois do baile.

Sorrio do meu desespero. Ele pareceu ler meus pensamentos, pois a mão desceu mais e apalpou minha bunda, um brilho sem vergonha, safado nos olhos escuros. — você está me tentando com esse corpo gostoso, não é? — rosnou em minha boca. — Eu preciso fazer umas coisas antes de jogá-la no meu ombro e finalmente te levar para comer até o amanhecer. — Juntei as coxas, minha vagina latejando desgovernada.

Cerca de meia hora depois tio Max foi anunciado e entrou ao lado de uma mulher muito bonita e elegante. Era uma negra alta, esguia, na faixa dos cinquenta anos. Pelo visto foi surpresa total, pois o burburinho tomou conta do salão. Leon e Jay estavam estupefatos, enquanto Dom e Helena trocaram um sorriso de cumplicidade. Tio Max parecia um adolescente deslumbrado quando informou que estavam namorando. Nicole Jhonson era seu nome. Era a psicóloga de Helena e tinha a ajudado vencer a Síndrome do Pânico. Ficamos na enorme mesa destinada à família real e membros do parlamento. Não pude deixar de notar algumas mulheres jogando olhares cobiçosos em Jay. Ele era o único solteiro dos príncipes e isso devia mexer

mesmo com a cabeça das mulheres da realeza. Bufei quando vi uma loira levantando sua taça de vinho olhando-o descaradamente num brinde mudo. Ele ficou um pouco tenso, mas retribuiu o gesto e eu quis arrancar as bolas dele e claro, os olhos dela. Os olhos castanhos dela pousaram em mim e levantou sua taça de novo, mas o sorriso que se seguiu era de afronta. Júlia e Helena haviam me alertado sobre isso. Que Jay sempre foi assediado em Ardócia. Ele fodeu essa vaca? Meu sangue ferveu e eu me levantei informando-o que ia ao toalete. Jay franziu o cenho com meu tom ríspido, mas apenas assentiu.

— Ela é ridícula. Uma sonsa, sem graça. Ora, por favor, sei que ele gosta de uma submissa, mas ela quase desaparece perto dele. Além disso, Jay é um príncipe! — ouvi a voz feminina assim que entrei no reservado. Reconheci a voz. Era a vadia loira que esteve flertando com Jay na minha cara na última meia hora. — ela parece uma corsa assustada. Coitada! Ele merece algo melhor. — gargalhou sendo seguida por outras risadas tão desdenhosas quanto a sua. Quase gemi de desgosto. Não

era preciso ser um gênio para saber de quem falavam. — se ela soubesse que ele já fodeu provavelmente todas as mulheres solteiras nesse baile. — meu coração afundou com suas palavras venenosas. Elas riram mais, ouvi o barulho da torneira e depois silêncio. Fiquei lá, me escondendo, dividida entre voltar para a festa e correr para meu quarto. Lembrei-me dos conselhos de Júlia e Helena sobre como lidar com as vadias que cercam nossos homens. Saí e lavei minhas mãos. Reprimi as lágrimas que ameaçavam cair e retoquei a maquiagem. Saber que ele fodeu tudo à sua volta nesses dois anos era mesmo uma merda, mas estávamos nos entendendo agora e eu não deixaria essa puta me envenenar.

Quando cheguei à mesa, Jay não estava. Franzi o cenho, pois todos, me olhavam. A orquestra havia parado de tocar. Sabe aquelas luzes de show de rock? Isso, essas mesmo. Vermelhas, azuis, amarelas. Uma explosão de cores enchia o palco. Puta merda! Eu ainda não conseguia fazer contato visual com Jay. Parecia ser uma surpresa de Leon para Júlia eu já ia me sentar quando meu nome foi chamado. A voz profunda, baixa, sexy fez meu coração dar

uma guinada dentro do peito. Virei-me em câmera lenta para o palco e meus olhos pousaram nele.

— Boa noite a todos. — ele tinha uma voz soberba, poderosa no microfone. — Obrigado Júlia por me permitir tomar alguns minutos nessa festa bonita que seu marido preparou para você. — disse, mas seus olhos não se desviaram de mim. Fez uma pausa. — Há dois anos uma linda garota tocou uma música para mim. — deslizou os dedos suavemente pelas teclas do piano e um riso travesso brincou em sua boca linda. Ah! Deus! Ele ia tocar para mim? Minhas pernas ficaram bambas. — eu poderia tocar para ela hoje. Mas aí, eu não teria o prazer de tê-la em meus braços. Amigos, olhem para ela. — ah! Merda! Meu rosto virou um tomate. Ele sorriu ridiculamente sexy de novo. — não podem me culpar por querer tê-la o tempo todo em meus braços. — um coro de risadas, expressões de surpresa e admiração encheu o salão. Meu coração batia enlouquecido contra as costelas e lágrimas começaram a se formar em meus olhos. — essa música marcou nosso começo, anjo. — seu tom suavizou, emocionado. — não consigo pensar em outra que

simbolize tão bem nosso recomeço. — ele desceu os degraus do palco e veio devagar na minha direção. Sua postura um misto de elegância, insolência, displicência. Ah! Cristo! Meu príncipe fodão. Suspirei, extasiada com tanta beleza e imponência. Seu grande corpo parou a centímetros de mim. O silêncio era sepulcral agora. Nos olhamos embevecidos e ele caiu sobre o joelho direito. Puta que pariu! Ele ia pedir! — eu te amo, anjo. Prometo que darei o conto de fadas que você merece. Mas não posso passar nem mais uma noite sem chamá-la de minha. Minha mulher. Case comigo, anjo. Case-se comigo, agora. Já perdemos tempo demais. — novos sons de surpresa tomaram o ambiente. O que!? Então, as primeiras notas de *November Rain* soaram. Um sonoro oh! Ecoou de novo e desviei os olhos para o palco e o choque me tomou porque era *Axl Rose* tocando. Puta que pariu! Logo a guitarra o acompanhou e nova comoção no salão. Puta merda! Era *Slash*! Oh. Meu. Deus. Meu queixo caiu. Cristo! Ele fez tudo isso para mim. Puta que pariu! Ele era louco. As lágrimas banhavam minhas faces incessantemente nesse momento. Meus olhos o buscaram

outra vez. Ele continuava lá, ajoelhado esperando minha resposta. — estou me dando a você, Cassie. Eu sou seu, amor. Pertença a você. Pegue-me e eu prometo passar todos os dias da minha vida fazendo-a feliz. Serei apenas seu e de nossos filhos. — sua voz tremeu um pouco, os olhos escuros muito brilhantes. — case comigo, amor. — repetiu e eu apenas balancei a cabeça, incapaz de falar nesse momento. Deus! Ele era muito... Malditamente muito... Sorrio entre lágrimas. Tirou uma caixinha do bolso. Leon pegou o microfone de sua mão e no segundo seguinte ele deslizava um lindo anel com um diamante azul enorme no meu dedo. Aplausos encheram o salão. Ele levantou e eu pulei em seu pescoço. Nossas bocas se encontraram num beijo desesperado, faminto que deve ter chocado a todos, pois novos Oh! E Ah! Foram ouvidos. Me levantou do chão, rodopiando comigo. Rimos como dois bobos, ainda nos beijando. Não sei o que ele faria depois, mas para mim isso aqui já era definitivamente meu conto de fadas. Me levantou nos braços e fizemos todo o caminho de volta ao palco. Havia uma mesa e um juiz de paz atrás dela. De onde ele saiu? Isso foi rápido. O resto

da cerimônia passou como um borrão. As lágrimas simplesmente não queriam parar de descer. Patético? Não, eu acho que não. Afinal não é todo dia que o homem da sua vida se declara e a pede em casamento na frente de uma multidão. Trocamos as alianças, minhas mãos tremiam muito. Tio Max entregou uma caixa retangular para Jay e engasguei quando vi seu conteúdo: uma tiara cravejada de brilhantes e diamantes azuis. Ele a pegou e sorriu-me. Arquejei, quando sua mão tocou minha face suavemente. — minha princesa. — sussurrou, emocionado. — deixe-me colocá-la, amor.

Abaixei minha cabeça e Jay colocou-a com cuidado. O salão inteiro estava em silêncio. A música havia parado durante os votos. Meu coração estava enlouquecido no peito, meu corpo tremendo de emoção, amor e desejo por esse homem lindo e imponente. Um príncipe. Meu príncipe fodão. Ele havia falado diante de quinhentas pessoas o quanto me ama e que é meu. Que pertence a mim. Quando levantei a cabeça e nossos olhares se encontraram, meus lábios se curvaram num sorriso trêmulo. Mais lágrimas derramando porque os olhos

escuros me reverenciavam, muito brilhantes com lágrimas não derramadas. Seus braços vieram ao redor da minha cintura delicadamente e levei minhas mãos para suas faces morenas, soberbamente lindas. E as palavras deixaram meus lábios como se nunca tivesse parado de pronunciá-las, porque era o que sempre esteve guardado em meu coração:

— Jay... Meu amor. — seus olhos alargaram um pouco, surpresos, depois a emoção foi tomando conta do seu rosto e sua boca desceu sobre a minha num beijo terno. Aplausos ecoaram de novo e continuamos nos beijando, nossas lágrimas descendo e se misturando. Esse beijo foi mais tranquilo. Lento, gostoso, apaixonado. — eu te amo. — sussurrei, rindo e chorando ao mesmo tempo em sua boca. Ele ficou uns segundos apenas me olhando como que tentando assimilar, então abriu um sorriso lindo.

— E eu a você, anjo. Você é oficialmente minha mulher. Completamente minha, amor. — murmurou e voltou a tomar minha boca, dessa vez com fome, levou uma mão para minha nuca e comeu minha boca sem a

menor cerimônia. November Rain recomeçou. Gemeu quando separamos as bocas e me levou para o centro do salão. Eu ouvi vagamente mais palmas, porque meus olhos estavam nele e só nele. Flutuei em seus braços. Nossos olhares trancados, felizes, mas também cheio de saudade, desejo um tesão gigantesco que tomava conta de nós.

— Procurem um quarto! — reconheci a voz provocadora de Dom.

— Cale a maldita boca, seu idiota! — Jay rosnou, sorrindo. — mas eu acho que nossa presença na festa não é mais tão necessária, anjo. — mordeu meu queixo, os olhos escuros fazendo-me promessas sujas. — Axl, Slash. Minha garota adora vocês, parceiros. Obrigado pela força. — disse displicente como não se estivesse falando com dois deuses do rock. Eu corei e acenei timidamente. Os caras riram para mim. Puta merda! Eles riram para mim! — então, Sr.^a Di Castellani, acho que temos assuntos pendentes. — sussurrou, me levantando nos braços de novo. — vou finalmente foder você.

— De acordo. — miei e atravessamos o salão. Meu

olhar encontrou a puta loira. Ela estava atônita, sem graça. Dei-lhe um sorriso tipicamente feminino daqueles que dizem *e daí se abriu as pernas para ele? Sou eu quem está usando o anel, querida!*

Mal entramos no quarto ele me prendeu contra porta. Sua boca tomando a minha, suas mãos impacientes me livrando do vestido.

— Cristo! Meu pau vai explodir se não estiver dentro de você nos próximos segundos, anjo. — grunhiu. Suas mãos enchendo nos meus seios. O vestido caiu aos meus pés. Ele se afastou um pouco para me olhar e os olhos negros incendiaram quando pousaram na minha vagina nua. — Linda! Gostosa! Você é a porra de uma provocadora! Vou te comer a noite inteira. Vou meter em você tão duro, tão profundo... — rosnou e me puxou, suas mãos cavando em minha bunda. Pulei em seu quadril e rosnamos quando nossos sexos se chocaram. Nossas bocas se uniram famintas, lambendo, chupando, mordendo. Seus dedos massagearam meu ânus. Gemi. Sorrii perverso e me depositou devagar na cama.

Tirou minhas sandálias devagar e sua boca quente e úmida beijou meu pé direito, enquanto deslizava a unha do polegar pela cavidade da planta. Um choque de excitação subiu pela perna indo se instalar na minha vagina. O som de sua risada baixa, devassa, me deixou num estado muito pior. Eu estava entrando em combustão, mas ele obviamente queria ir devagar, oh! Merda! Muito devagar sua língua foi lambendo pela parte interna da minha perna, parando para chupar e morder. Quase pulei da cama quando abocanhou minha virilha. Nossos olhos travaram e minha vagina estava latejando. Eu podia sentir meus sucos escorrendo, implorando para ser tomada. Eu quero tudo. Eu preciso desesperadamente dele...

— Ahhh! Jay... Amor... — meu corpo estremeceu, um arrepio delicioso se espalhando, quando arreganhou minhas pernas e depositou beijos molhados por toda a minha vagina. Então caiu de boca, lambendo, chupando meu clitóris duramente. Gritei quando meteu dois dedos em minha vulva. Comeu-me assim, rosnando como um animal. Estava quase gozando quando retirou os dedos. Sorriu sacana do meu lamento. Levou meus sucos para o

ânus e meteu os dois dedos lá. Sua boca quente voltou a chupar duro em meu brotinho, enquanto violentava minha bunda, metendo fundo, girando, me alargando. Mordiscou meu clitóris e quebrei gritando, gozando enlouquecida, minhas unhas cravando nos lençóis macios. Sua língua me lambeu, bebendo-me, limpando-me completamente. Fechei os olhos gemendo, ainda estremecendo quando o senti em cima de mim, sua pele quente e nua, tão gostosa. — uau! Isso foi rápido. — ronronei, quando sua boca tomou meio seio direito, lambendo o mamilo lentamente, circulando a auréola. Fez o mesmo processo no outro seio. Ah! Deus! Como ele conseguia me excitar de novo segundos depois de ter gozado? Mas fazia. Meu corpo era dele. Ele me dominava completamente. Seus lábios macios desceram lambendo, beijando, chupando, mordendo cada centímetro de mim como havia prometido. Eu estava arquejando, louca para tê-lo dentro de mim. — Jay... por favor, amor... — choraminguei quando sua língua lambeu meu clitóris de novo. Ele riu baixinho, devasso, perverso.

— O que é, meu anjo? Hum? — meteu dois dedos na

minha vulva bem fundo. — será que quer meu pau todo enterrado nessa bocetinha linda e ruiva? — me fodeu assim, os olhos escuros selvagens, dizendo o quanto estava se controlando para não pular em cima de mim. — quer que eu lambuze você todinha da minha porra? — riu mais perverso e meteu com mais força. Gritei. — vou gozar em cada buraquinho delicioso, alagar você com meu sêmen, marcá-la como minha. Quer isso? Hum? Responda, porra!

— Sim, eu quero, por favor... — gemi desesperada.

— O quanto quer isso, anjo? Diga. — sua voz suavizou um pouco e ele retirou os dedos, posicionando-se entre minhas pernas. Arquejei quando o senti deslizando a cabeça robusta de seu pau entre meus lábios e clitóris. — diga que está desesperada para ter meu pau da mesma forma que estou louco para meter bem fundo e gostoso em você. Diga! — rosnou metendo devagar.

— Ahhh! Deus! Sim, amor... — ronronei e ele veio. Meteu em mim numa estocada forte me rasgando até o fundo. Gritei ensandecida. Sorriu safado e debruçou sobre

mim, suas mãos pegaram meu rosto e ficou me olhando, o rosto moreno, lindo a poucos centímetros do meu. Minha vagina latejando em volta do seu pau enorme.

— Tão gostosa, amor. — tirou tudo e bateu de volta, me sacudindo toda. O abracei com as pernas e ele rosnou se alojando no meu útero. Gememos, nossas bocas ofegando uma na outra, nossos olhos trancados. — eu te amo tanto, anjo. — grunhiu metendo com força. Eu amo isso. Gemi sendo fodida sem dó. — amo essa bocetinha linda, deliciosa... Porra! — e tomou minha boca num beijo molhado, de olhos abertos. Bateu em mim, sem trégua, esticando-me brutalmente. Rosnamos, nos chupando, mordendo, lambendo. — ahhh! Cassie... Não vou durar, amor... Vou gozar tão duro... Cristo! Bocetinha apertada do caralho! — puxou meus cabelos da nuca e me comeu como um animal enfurecido. É assim que ele gosta. É assim que gostamos. O encontrei a cada estocada. Nossas bocas nunca se deixaram, nossos corpos se fundindo num ritmo alucinante. — minha! Você é minha, porra! — rugiu, um som rouco, lindo, sexy. Meu corpo começou a estremecer, a sensação deliciosa se formando no meu

ventre. Girou o quadril devagar e mordeu meus lábios. Voltou a meter fundo, muito fundo e o orgasmo me rasgou. Espasmos violentos tomando-me por inteiro.

— Ahhhhhhhhhhhh! Jay... Oh! Deus... — o apertei em meu interior e ele rosnou.

— Isso, amor! Goze bem gostoso, anjo! Toma meu pau até o cabo nessa boceta gostosa, porra! — elevou minha perna direita sobre seu ombro e me comeu assim, seu pau entrando muito fundo nessa posição, violentando minha vulva. O som das nossas pélvis se chocando brutalmente. Seus olhos selvagens presos nos meus. — ahhhhh! Cassie.... Amor... Eu vou gozar! — grunhiu e seu pau inchou me esticando mais. — ah! Porraaaa! Que gostosa! Muito gostosa... Ohhhhhhhhhhhh! — gritou e esporrou, alagando meu canal. Jatos fortes de sêmen derramando dentro de mim, prolongando meu orgasmo. Continuou me comendo furiosamente e deixou minha perna escorregar, se debruçando sobre o meu corpo de novo. Nossas bocas se encontraram, bebendo nossos gemidos. Seus movimentos foram perdendo a força. Sorriu ofegante na

minha boca. Sorri também. — linda! Minha mulherzinha linda, deliciosa... — sussurrou, lambendo meus lábios.

— Meu príncipe fodão... — murmurei, mordendo seu lábio inferior. Ele gargalhou.

— Príncipe fodão, anjo? — os olhos escuros brilharam pecaminosos. — gostei disso, amor. Gostei muito disso. — e me beijou de novo, seu pau ainda duro dentro de mim. — preparada? — puxou forte meus cabelos e mordeu meu queixo. Gemi. Sua risada perversa soou bem no meu ouvido. Lambeu o lóbulo e mordeu forte. — porque agora eu preciso da minha escrava. — tirou tudo e bateu de volta com força. Choraminguei. — da minha putinha safada. Vou algemar, vendar, espancar sua bundinha linda e comer seu cuzinho gostoso bem duro. Vai chorar no meu pau, escrava.

Putá merda!

CAPÍTULO DOZE

Cassandra

— Mudei de ideia. Não vou vendá-la. Quero me veja te comer por todos os ângulos. Gostou disso, escrava? — sussurrou no meu ouvido, seu tom duro, devasso, malvado me fez gemer. Sorriu baixinho, nossos olhares travados no espelho do closet do seu quarto. Ele havia prendido meus pulsos numa haste de aço parafusada na parte superior da porta do armário. Havia uma corrente com uma argola que permitia que me girasse da forma que quisesse. Parece que teve um tempo organizando tudo. Como se lesse meus pensamentos, sussurrou de novo: — sim, eu tive um bom tempo preparando tudo para você. — sua mão puxou meus cabelos da nuca e lambeu meu pescoço lentamente do jeito que me enlouquece. Os olhos escuros me diziam que não teria piedade. Seu pau cutucava minha bunda, deslizando entre as bochechas. Gemi de novo. — passei o dia ansiando fazer amor com minha linda mulher. Mas meu pau também babava para comer minha escrava. Foder bem duro do jeito que preciso. — rosnou e seus dentes brancos

afundaram no ponto entre o ombro e pescoço. Gritei, convulsionando, minha excitação escorria entre as coxas. Sorrii perversamente e sua outra mão foi para minha vagina. Massageou lentamente. Nossos olhares nunca se deixando. Meteu dois dedos e girou devagar. Grunhiu e os tirou. Levou-os à boca, chupando lascivamente. — deliciosa... — murmurou antes de puxar minha boca para a sua num beijo rude, urgente. Rosnou quando nossas línguas se entrelaçaram, dançando juntas se lambendo. Chupei sua língua sentindo meu gosto nela. Deu-me um tapa forte na nádega direita e quebrou o beijo se afastando. Olhei em volta. Onde ele foi? O closet era todo espelhado. Quando entrou no meu campo de visão meus olhos arregalaram ao ver o que trazia na mão. Seus olhos acenderam e um brilho diabólico surgiu na íris escura. — parece familiar, escrava? — murmurou e estalou o chicote de couro marrom trançado. Puta que pariu! Ele trouxe um chicote! — vire-se para mim e responda, porra!

— S-sim. — gaguejei, girando, ficando de frente para ele. Seu riso malvado ampliou. Parecia um anjo vingador. O corpo grande soberbamente esculpido. As tatuagens que

o faziam parecer um bad boy. Os ombros largos, os braços musculosos, o peitoral e a barriga tanquinho. Minha boca salivou para correr a língua por cada gominho. Meus olhos foram descendo para seu pau enorme e duro. As veias e nervos salientes. Lambi os lábios. Ouvi sua injeção de ar aguda.

— Sim o que, escrava? — seu tom foi enganosamente suave. Meus olhos voltaram imediatamente para seu rosto moreno.

— Sim, senhor. — miei, minha respiração se alterando à medida que avançava lentamente para mim. Parou bem perto, sua boca linda se curvando em apreciação à minha resposta.

— O que você é para mim agora? — estalou o chicote de novo e o som viajou por todo o meu corpo arrepiando minha pele. Seus olhos incendiaram ao ver minha excitação. Deus! Isso era muito louco, insano, excitante. — responda-me! — rosnou e quase saltei quando minha bunda foi lambida pela primeira chicotada. Ardeu, mas não muito.

— Oh! Deus! Sua escrava... Sou sua escrava, senhor.

— choraminguei. Ele afastou-se um pouco e antes que pudesse me recuperar da primeira, meus seios foram açoitados. Foi uma mais branda dessa vez. Meus mamilos eriçaram e eu gemi, juntando as pernas. Uma sobrancelha subiu e um riso perverso brincava em sua boca de novo.

— Abra as pernas! — ordenou e as abri. — mais largas! — tornou e fiz o que disse. — E o que mais, escrava? O que mais é para mim? — ele murmurou e mirou meu clitóris. Gritei insana quando o couro o lambeu. Uma dor fugaz me fazendo quase gozar. Era essa a razão do riso quando me viu juntar as pernas. Ele sabia que já estava quase lá.

— Sou sua puta, senhor. — balbuciei e uma, duas, três chicotadas me açoitaram na bunda, barriga e seios de novo. — ahhhh! Jay... Amor... Por favor... — implorei meu corpo se contorcendo. Eu estava pendurada na borda. Sua mão veio acariciando meu seio direito. O toque tão leve como uma pluma. Seus olhos se mantiveram em meu rosto quando abaixou os lábios quentes e chupou o mamilo

gentilmente. Ele sabia a medida certa entre dor e prazer. Lambeu todo o meio seio, sua língua deslizou mais abaixo na base. Eu amo isso. — Jay... Amor... — lamentei quando sua boca fez a mesma coisa no outro seio.

— O que pensa que vai conseguir me chamando assim, putinha? Hum? Um pouco de clemência, talvez? — seu tom era provocador, sacana, mas bem mais suave agora. Sua boca desceu pela minha barriga, lambendo, chupando. Mordeu-me na curva da cintura e estremeci. Meu gozo quase veio. Eu amo seus dentes em mim. — não vou ter dó de você. Vou te foder tão forte, tão duro... — sussurrou, seu hálito bem no meu clitóris. Gemi vergonhosamente, me contorcendo. Seus olhos devassos buscaram os meus outra vez e uma palmada dura desceu na minha vagina. Foi demais e eu quebrei gozando. Gritei enlouquecida, puxando as algemas de camurça que continham meus pulsos. Suas mãos subiam e desciam pelas minhas coxas, deslizando as unhas com mais pressão, mas não machucando. Sorriu e então sua boca estava em minha vagina me comendo avidamente. Seus braços levantaram minhas pernas para seus ombros e eu fiquei suspensa,

gemendo no fim do meu clímax, mas ele não me deu trégua. Bebeu todo o meu gozo, rosnando, grunhindo. Não demorou muito estava novamente sobre a borda. Só então me desceu, firmando minhas pernas no chão. Ficou de pé, seu corpo grande esmagando o meu contra a porta de vidro. Suas mãos puxaram minha cintura e gemeu, moendo seu pau entre minhas coxas. — gostosa pra caralho! Eu poderia passar horas chupando essa boceta linda. — rosnou e me beijou. Meu gosto pungente em sua boca. Sons de lamento e necessidade saindo do fundo da sua garganta. Meu tesão foi a níveis estratosféricos sabendo que me deseja tão desesperadamente como eu à ele.

— Eu quero... Por favor, me deixe... Você sabe... — implorei em sua boca. Sua risada safada soou antes de puxar meu lábio superior entre os dentes. Os olhos maliciosos, rindo do meu desconforto. Puxou meus cabelos da nuca com força.

— Não, eu não sei, escrava. — moeu mais, direto em meu clitóris. — você quer meu pau em sua bocetinha apertada? É isso?

— Eu... Hum... Quero tomá-lo... Na boca. — balbuciei. Ele riu mais amplo. Lindo, sexy, malvado, muito malvado. A íris escura incendiou.

— Quer me chupar? — assenti, ansiosamente. — me peça, minha putinha. — nossas bocas ofegavam uma na outra. Puxou mais meus cabelos. Gemi. — peça-me!

— Senhor, deixe-me chupá-lo. — pedi. Suas narinas dilataram e ele resfolegou. Seu pau duro como pedra, latejando entre nós. — eu preciso, por favor. — seus olhos amoleceram um pouco e ele me beijou duro. Suas mãos desceram para minha bunda, amassando, cavando. Depois subiram pelas laterais do meu corpo até alcançar a corrente e sem separar nossas bocas ele a regulou. Meus braços foram descendo, descendo até estar numa altura em que poderia me abaixar.

— Meu pau é todo seu, escrava. — sussurrou e minha boca desceu ávida pelo maxilar poderoso, insolente. Esfreguei meu nariz em seu pescoço. Ele grunhiu. Lambi do jeito que faz comigo. Ouvi seu riso quase divertido. Fui descendo. Beijei e lambi as tatuagens de seu peito.

Chupeí seus mamilos. Rosnou e enfiou as duas mãos em meus cabelos. Não consegui conter um gemido necessitado quando cheguei ao abdome rijo. Deslizei a língua bem devagar por cada gominho duro. Amo fazer isso.

— Ahh! Porra! — rugiu, seu corpo todo estremecendo. — Cassie... Amo sua boca em mim, minha putinha gostosa. — lambi e lambi esfomeada. Corri os dentes pelas cavidades que descem em forma de v até seu pau longo e grosso. Meus olhos o procuraram e caí de joelhos. Os olhos escuros incendiaram me vendo na posição submissa. Levei as mãos algemadas e segurei seu comprimento com as duas mãos. Ele ingeriu o ar agudamente. Suas mãos forçaram minha cabeça para baixo. — chupe logo, porra! — abri um riso travesso antes de beijar a glândula. Soltou um monte de palavrões quando deslizei a língua lentamente pela cabeça gorda. Pré-sêmen babava do pequeno orifício. O lambi avidamente. Ele rosnou e perdeu a paciência. Suas mãos puxaram meus cabelos ao mesmo tempo em que me forçou a abrir os lábios, metendo numa estocada forte. Relaxei a

garganta para recebê-lo. Uivou, seu corpo grande sofrendo espasmos. — Ah! Cristo! Isso... Me chupa bem gostoso, putinha linda... Mama bem gostoso no seu dono... Foda! — gemi e passei a chupá-lo com vontade. Os sons da sucção enchendo o ambiente. Nossos olhos continuaram trancados. Gemidos sexys deixando seus lábios, o rosto moreno sendo transformado pelo prazer. Tirei minha boca quase toda. Deliciei-me lambendo, rodando a língua, chupando só a ponta e sem aviso estiquei meus lábios descendo bruscamente. Meus dentes um pouco para fora como ele gosta. — Oh! Merda! Cassie... Amor... Eu vou gozar! — grunhiu e os primeiros jatos de sêmen jorraram na minha garganta. Quase engasguei. Ele puxou para fora e segurou seu pau pela base se masturbando freneticamente. — ponha a língua para fora, anjo. — fiz o que disse e continuou esportando em minha boca, esfregando a cabeça em minha língua. Seu esperma correu pelos cantos dos meus lábios. Lambi tudo e abocanhei-o de novo. Jogou a cabeça para trás e uivou. Seu corpo todo ainda estremecendo do orgasmo. Regoziquei-me por fazer a mesma coisa que fez comigo.

Continuei chupando-o, agora mais lento. Meu maxilar doía, lágrimas desciam pelas minhas faces, porque ele era muito grande, mas não liguei para isso. Só dar prazer a ele me importava nesse momento. Suas mãos suavizaram em meus cabelos e ele saiu de mim devagar. Me puxou para cima. Suas mãos descendo para minha cintura, me segurando tão suavemente. Nossos olhares se encontraram. Passei os braços por cima da sua cabeça.

— Eu te amo. — sussurrei e seus olhos suavizaram. Sua boca se curvou num riso maravilhoso, luminoso.

— Eu também te amo. — murmurou e me beijou lento, gostoso, suas mãos passeando pelas minhas costas, descendo pela bunda. Gemi. Amo suas mãos em mim. Voltou a sorrir, mas dessa vez o tom pecaminoso havia voltado. — vire-se para a porta. Mesmo te amando, ainda vou foder bem duro esse rabo apertado que você tem, escrava. — miei e me virei obediente. Deixou a corrente frouxa do jeito que estava. Era melhor para me apoiar. Seu corpo me prensou, meu rosto ficou colado no espelho. Acariciou minha bunda abrindo as bochechas. Minha

respiração ficou em suspenso. Riu bem no meu ouvido. — mas vou comer sua bocetinha mais um pouco, antes disso. — e antes que pudesse me preparar, seu pau estava afundando em minha vulva. Suas bolas bateram em meu clitóris. Choraminguei completamente preenchida, sentindo-o pulsar dentro de mim. Encheu as mãos em meus seios e rolou os mamilos entre os dedos. Gemi, rebolando devagar. — isso... Vem rebola essa boceta deliciosa no meu pau, minha putinha! — rugiu, metendo fundo, passando a bater incansavelmente em mim. Me comeu esfomeado. Nossos corpos suados. Minha vulva já dolorida. Ele gemeu e puxou para fora devagar. Lamentei. Seus lábios beijaram meus ombros e costas. Lambeu toda a minha coluna. Abriu minhas bochechas outra vez e grunhi quando sua língua rodeou meu ânus. Enfiou dois dedos em minha vulva, reunindo os sucos e os levou para meu orifício. — empurre de volta, Cassie. Isso... Boa menina... — sussurrou, sua voz apertada, grossa. Ele tinha muito tesão na minha bunda. Seus dedos entraram rasgando até o fundo. Relaxei o máximo e o deixei me foder assim. Mordeu minhas nádegas e lambeu depois,

acalmado. Então, puxou os dedos e eu senti a cabeça avantajada forçando passagem. Segurou meu quadril com a mão direita e levou a outra para meu clitóris, manipulando-o gentilmente. Ronronei à medida que ia se afundando em mim. — relaxe, minha putinha linda... Isso... Me deixe entrar nesse rabinho gostoso... — rosnou e meteu com tudo.

— Ahhhh! Deus! Jay... Puta que pariu! — assobieei, meu ânus ardendo, todo esticado em volta do seu pau. Ele sorriu bem no meu ouvido e seus dentes puxaram o lóbulo. Sua boca desceu pelo meu pescoço. Gemi insana. Ele me atacava de todos os lados. Lambidas e chupadas no pescoço, massagem no clitóris e seu pau enterrado em mim.

— Aguarde firme aí, escrava. Não vou ser gentil. Estou faminto por esse cu gostoso e apertado. — rugiu e tirou tudo, deixando só a ponta. — olhe para nós, Cassie. — meu rosto virou para o lado. A imagem era eroticamente decadente. Seu corpo moreno, grande poderoso sobre o meu branco, delicado. Deu para ver seu pau todo

lubrificado antes dele bater dentro de mim de novo numa estocada brutal que me fez gritar. Seu riso ampliou e passou a me foder duramente. Puxou meus cabelos e manteve uma mão no meu quadril enquanto metia em mim sem trégua, rosnando, grunhindo como um animal selvagem. Passei a rebolar, ensandecida, tão louca por isso quanto ele. — isso... Gostosa! Rebola esse cuzinho delicioso no meu pau, porra! — nossos olhares continuaram na nossa imagem no espelho. — você ama me dar esse rabo, não é? — meteu fundo, muito fundo. Gritei descontrolada, deixando-o me rasgar do seu jeito bruto. — ama meu pau todo enterrado em você, não é, escrava safada? Ama ser usada, comida, fodida pelo seu dono desse jeito bruto, não é? — girou o quadril devagar. Choraminguei. — então, toma tudo, minha putinha linda, deliciosa! Toma meu pau até o talo nesse cu gostoso do caralho! — seu agarre no meu quadril e nos cabelos se intensificou ao ponto da dor e continuou me comendo sem dó. Cada polegada dele entrando em meu ânus bruscamente. O som da sua pélvis se chocando contra minha bunda era enlouquecedor. Seu suor pingava em

mim. Meus olhos não saíam dele. Suas pernas musculosas meio afastadas, tensionadas, enquanto metia em mim num ritmo cada vez mais frenético. Seus olhos baixaram para o ponto onde nossos sexos se uniam e grunhiu de satisfação. — linda! Porra de bunda linda do caralho! Amo ver meu pau rasgando esse buraquinho pequeno... Que gostosa! Muito gostosa... — rosnou e seus olhos voltaram para o espelho. Sua expressão linda, sexy, cheia de tesão. Isso me enviou sobre a borda. Ele percebeu a mudança no meu corpo e levou a mão do quadril para o clitóris. Massageou-o devagar, contrastando com suas estocadas rudes e fundas. Soltei um gemido de lamento, meu corpo entrando na ebulição do pré-orgasmo. Ah! Deus! Eu amo esse homem. Amo isso. Amo a forma como toma meu corpo. Eu sou dele. Completamente dele.

— Ahhhh! Jay... Amor... Eu vou... Oh! Deus! Ohhhhhhhhhhh! — o orgasmo me rasgou tão intensamente que minhas pernas cederam. Suas mãos vieram em torno da minha cintura, me firmando. Entrei em colapso. Lágrimas saltaram dos meus olhos e soluços tomaram meu corpo junto com a sensação deliciosa de completude que

só ele me proporciona. Na maioria das vezes não consigo me controlar. É intenso demais o que me faz sentir. Mas dessa vez chorei porque éramos um do outro de novo. Ele se deu para mim. Isso foi demais.

— Isso, goze bem gostoso, amor! Goze, meu anjo! Chore no meu pau, porra! — grunhiu, seu tom grosso, apertado. Passou a meter muito mais fundo. Eu gemia, enquanto seu pau me esticava quase ao ponto da dor. Tão gostoso. O senti inchar dentro de mim. — ohhh! Cassie... Amor... Vou gozar... Cristo! Tão gostosa, anjo... Porra de rabo mais gostoso! Ahhhhhhhhhhhhh! — um gemido gutural saiu da sua garganta ao mesmo tempo que esporrou em meu ânus ardente. Seus dentes cravaram em meu ombro e ele continuou me comendo furiosamente, alagando-me com seu sêmen. Eu estava completamente empalada. Meu corpo amolecendo nos últimos espasmos. Sua respiração ofegante no meu ouvido, seus gemidos roucos e sexys me faziam sentir-me a mulher mais linda e desejada do mundo. — eu te amo tanto, anjo. — sussurrou ainda ofegante e espalhou beijos suaves pelo meu pescoço e ombros.

— Eu também te amo, amor. — murmurei quase sem voz. Ele sorriu baixinho e girou o quadril nos fazendo gemer, deu uma última estocada forte. Apenas abri a boca. Eu estava esgotada. Não saía mais nenhum som. Saiu de mim, me firmando no chão devagar. Libertou-me das algemas, massageou meus pulsos com firmeza para o sangue voltar a circular e me pegou nos braços. Agradei por isso. Ronronei enlaçando-o pelo pescoço, apoiando a cabeça no peito largo.

— Peguei muito pesado com você, Sr.^a Di Castellani? — seu tom foi provocador, mas estava me bajulando também. Bufe.

— Você acabou comigo, Sr. Di Castellani. — miei em seu peito. Ele riu mais. Cretino. Acabei rindo também. Depositou-me sobre a cama com cuidado e subiu também, debruçando-se sobre mim. Os olhos escuros deslizaram por todo o meu rosto. Seus dedos acariciaram minha face suavemente. Fechei os olhos, bocejando. Sorrimos de novo.

— Boa noite, meu anjo. — sussurrou e seus lábios

desceram nos meus num beijo terno, delicioso. Meus olhos pesaram.

— Boa noite, amor. — balbucieei de volta. Puxou o lençol sobre nós. A última coisa que senti foi seu braço vindo em torno da minha cintura e seu nariz na minha nuca inalando-me profundamente. Gemi me aconchegando mais à ele. Beijou meu ombro e depois disso apaguei, um sorriso brincando nos meus lábios. Nunca fui tão feliz.

Jayden

— Acorde, preguiçosa. — meu tom foi suave e bajulador. Ela gemeu quando sentiu meus lábios espalhando beijos em suas costas. Fui descendo o lençol expondo sua pele branca, imaculada. Remexeu-se, virando de costas na cama. Os olhos azuis se abriram e perdi o fôlego quando se focaram em mim. Isso sempre acontecia. Ela tem a porra dos olhos mais incríveis que já vi. Abriu um riso tímido e ronronou:

— Jay... Amor, não foi um sonho? — gemeu quando puxei o lençol expondo seu corpo delicioso para mim. — você é meu marido! Oh! Puta merda! — um sorriso

travesso tomou sua boquinha linda. — nunca vi nada mais lindo na minha vida, amor. — sua voz embargou um pouco e seus olhos brilharam muito. Avancei, debruçando-me sobre ela. Minhas mãos seguraram seu rosto em cada lado.

— Eu também não, anjo. — sussurrei e tomei sua boca num beijo lento, apaixonado. — bom dia, minha mulherzinha linda, gostosa... — disse contra seus lábios. Gemeu, suas mãos subindo pelas minhas costas devagar.

— Bom dia, meu marido lindo, dominador, delicioso... — ronronou, os olhos azuis brilhando lindamente. Abri um riso sacana e fui descendo a boca pelo queixo e pescoço. Quando abocanhei um seio ouvi batidas na porta. Merda! Esqueci que havia pedido o café.

— É o nosso café da manhã, anjo. — suspirei resignado e dei mais um beijo suave em seus lábios antes de levantar e ir até a porta.

— Onde estão os meninos? — já havia levantado quando retornei com o carrinho. Seus olhos pousaram no buquê de rosas vermelhas que trazia na mão e

amoleceram.

— Estão brincando com Damien e Antonella no jardim.
— informei e fui até ela. — são para você, amor. —
sussurrei. Ela pegou as rosas e as levou ao nariz
imediatamente.

— Júlia tinha razão. — disse, um riso lindo brincando
em sua boca. Franzi o cenho.

— No que Júlia tem razão, anjo? — inquiri enlaçando
sua cintura. Ela levantou o braço livre para meu peito e o
lençol caiu.

— Hum... Ela disse que os príncipes Di Castellani são
ogros em alguns momentos, mas quando se apaixonam se
transformam em verdadeiros príncipes encantados. —
sussurrou. Minha mão desceu para sua bunda e deslizei os
dedos pela racha. Grunhiu. Sorrio perversamente e puxei
seus cabelos da nuca, trazendo sua boca para a minha.

— Prefiro ser seu príncipe fodão. — puxei seu lábio
inferior entre os dentes. — combina mais comigo. —
gemeu e sorriu travessa.

— Eu também prefiro meu príncipe fodão. — miou se

esfregando em mim. — mas elas são tão lindas, amor. Obrigada. — porra! Eu amo essa mistura sexy e tímida. Essa coisa de anjo e pecado que ela tem.

— Você está muito dolorida? — sussurrei, mordiscando seu queixo. Merda! É claro q está. Eu a fodi a noite quase toda.

— Hum... Um pouquinho. — admitiu, seu rosto corando, mas os olhos já estavam dilatados, excitados. Grunhi e dei um tapa leve em sua bunda.

— Vá vestir uma roupa, anjo. Deixe-me alimentá-la antes de pular em você de novo. — Gemeu desapontada. Sorrio amplamente. — não me olhe assim, amor. Eu não dei trégua a você ontem. Tenho algo programado para hoje. Vá. Estou tentando ser a porra do príncipe encantado nesse momento. — ela sorriu e inalou as rosas de novo.

— Já volto. — murmurou, me beijando suavemente antes de se afastar. Me delicieei com a visão de seu traseiro redondo e firme. Me olhou por cima do ombro e deu um risinho travesso quando me flagrou de olho na sua bunda.

— Provocadora! Vá logo! — rosnei. Ela deu uma corridinha e sumiu no closet. Meu celular tocou. Saquei-o do bolso. Era Carl.

— Jay, diga-me que a notícia que estou lendo agora não é verdade. — sua voz saiu esganiçada. — você se casou ontem? Que merda é essa?

— Sim, é verdade. Soltei uma nota para a imprensa britânica hoje. — seu tom me irritou. O que ele tem a ver com isso? — Cassie é minha mulher. Isso já teria acontecido se não tivéssemos sido separados por uma maldita armação do Springs. — completei, seco.

— Você percebe que pode estar caindo em outra armadilha? Ela é irmã dele, Jay. Já parou para pensar que o ajudou o tempo todo? Pode parar de pensar com seu pau por um instante? — rosnei.

— Que porra é essa, Carl? Ele a odeia. — meu tom subiu e olhei para o closet. Suspirei e abaixei minha voz. — Armou tudo para nos separar.

— Essa garota sempre teve poder sobre você. Não percebe que...

— Essa garota é a minha mulher, mãe dos meus filhos, porra! — rosnei, muito puto agora. — eu a amo. Não ouse nunca mais tentar me colocar contra ela porque teremos um problema, parceiro. — silêncio do outro lado. — qual é sua, Carl? Por que essa má vontade toda com a Cassie? Não acredito que ainda tem uma birra porque não a compartilhei com você. Ela é diferente para mim. Sempre foi. Não era uma vadia como as outras. Eu nunca poderia compartilhá-la. Disse isso a você há dois anos.

— Claro que não é isso! — negou veementemente. — Nunca entendi esse fascínio todo que tem por ela, mas isso não é da minha conta.

— Está malditamente certo. Isso não é da sua conta. — afirmei secamente. Novo silêncio.

— Você tem certeza que ela não está envolvida nas armações do Springs? Só estou preocupado com você, irmão. — seu tom foi mais ameno e ele usou a palavra *irmão*. Ele raramente a usava. Mas éramos meio isso. Seu pai foi meu salvador e eu o amei e idolatrei como um verdadeiro pai também.

— Ouça, eu a amo. A tratei feito lixo uma vez. A mandei embora grávida, Carl. Consegue imaginar o que é uma coisa dessas para uma garota de apenas vinte e um anos? — tomei uma respiração profunda. — nada nem ninguém vai me fazer duvidar dela de novo. Nunca. Por algum milagre ela me ama. Ainda me ama apesar de todas as merdas que fiz para ela.

— Hum... Certo, Jay. Mas é que quando falou dos planos de casamento, imaginei que não seria imediatamente. — ainda havia algo em seu tom que não consegui identificar. — você foi bem rápido. Isso me surpreendeu. Ah! Merda! Eu nem dei os parabéns. — pausou um pouco. — parabéns, irmão. — Suspirei deixando a irritação sair aos poucos.

— Obrigado, Carl. — tentei soar natural. — e não tente vir com essas merdas para mim de novo. Ela é minha mulher agora. Trate-a com o respeito que merece.

— Certo. Eu só estava preocupado. — nova pausa. — prometo que vou deixar as paranoias de lado. Vou tratá-la como uma irmã se isso o tranquiliza.

— Sim, isso seria bom. — assenti.

— Assim que voltarem podemos marcar algo. Quero conhecer os meninos. — disse mais ameno e só agora me toquei que ele não tinha visto meus filhos ainda. Carl era malditamente reservado.

— Sim, claro. Vamos marcar algo. — aquiesci e desliguei após um breve até logo. Me virei e Cassie estava lá parada na porta do closet. Sua expressão preocupada. Usava uma de minhas camisetas que caía até o meio das coxas. — era Carl. — informei. Seu rosto se fechou um pouco. Andei até ela, envolvendo-a pela cintura. — os jornais estão noticiando nosso casamento.

— Ele não vai muito com a minha cara, não é? — murmurou levando os braços para meu pescoço.

— Problema dele, porque eu amo esse rostinho lindo. — sussurrei. Seu semblante desanuviou um pouco. — e sou louco, completamente louco pelo resto também. — completei com um riso sacana. Um sorriso brincou em sua boca carnuda.

— Acho bom mesmo, grandão. — ronronou. Minhas

mãos cavaram sua bunda levantando-a. Suas pernas vieram rápido ao meu redor. Cravou as duas piscinas azuis em mim, hipnotizando-me. — eu te amo. — sussurrou próximo da minha boca.

— E eu a você, meu anjo. — murmurei de volta. Ficamos nos olhando até nossas bocas se tocarem num beijo cálido. Esfregou sua boceta nua no meu pau sob a bermuda e rosnei. — você está dolorida, porra! Comporte-se. — sorriu na minha boca. Sorrio também e voltamos a nos devorar. — sou tão louco por você, amor. Você é muito gostosa, caralho! — gargalhou dessa vez. Dei um tapa em sua bunda e a coloquei no chão. — vamos tomar nosso café, sua pequena provocadora.

Pouco depois encontramos Lucas e Samuel no jardim. Eles se desmancharam quando nos viram, especialmente a mãe. Lucas fez birra para que ela o pegasse primeiro. Marrento, possessivo, ciumento como o pai. Cassie os pegou no colo e os beijou como se estivesse ficado longe por muito tempo. Era tão amorosa, o meu anjo. Samuel era sempre mais tranquilo, mas acabou entrando na onda de

birra do irmão e fez beicinho quando os deixamos. Senti-me culpado por estar roubando sua mãe só para mim, mesmo que por algumas horas.

Dirigi o Range Rover de Leon e a levei até o próximo vilarejo. Ardócia era uma ilha extensa e paradisíaca. Possuía muitos vilarejos que ainda conservavam a arquitetura romana. Quando estive aqui pela primeira vez há mais de um ano, mesmo odiando-me por isso, foi inevitável lembrar-me de Cassie. Ela sempre esteve dentro de mim. Apesar de ter lutado de todas as formas para exorcizá-la, ainda continuou lá. Meu anjo. Meu lindo anjo. Ela amou a fachada das casas e a dinâmica das ruelas. Era apaixonada por fachadas. Sempre dizia que elas falam muitas coisas sobre seus donos. Cada vez que a olhava e via os incríveis olhos azuis brilhando, parecendo uma criança na Disney, meu peito transbordava de amor por ela. Quero fazer tudo para ela. Levá-la aos melhores lugares. Dançar ao luar, caminhar ao pôr do sol. Ah! Porra! Nunca pensei nessas merdas românticas antes dela. Mas com ela, para ela, tudo parece certo. Não me sinto ridículo por pensar assim, pelo contrário, me sinto

abençoado por ainda ter seu amor depois da forma como a tratei. Eu vou cuidar dela de agora em diante. Cuidar dela e de nossos filhos é o novo sentido da minha vida.

Almoçamos numa charmosa pousada. Estava torcendo para ninguém vir me chamar de alteza e fazer inúmeras reverências. Não tive tanta sorte. O dono da pousada e sua simpática esposa só faltaram beijar nossos pés nos felicitando pelo casamento. Parece que toda a ilha já sabia. Ah! A internet! O que faríamos sem ela? Cassie havia ficado sem jeito quando lhe deram o mesmo tratamento. Eu ainda não havia me acostumado a ter tratamento especial, mas tio Max e Leon faziam questão do protocolo comigo e Dom. Passamos a tarde explorando os arredores. Os proprietários nos indicaram uma trilha que dava numa cachoeira. O homem deu-me uma piscada cúmplice quando disse que a área era privada. Aventuramo-nos no caminho rochoso bastante acidentado. Ela já cansada. Sorrio do seu esforço em me acompanhar e a carrego nas costas.

Cerca de vinte minutos depois estávamos diante de um

cenário soberbo. A vegetação rasteira parava numa pequena extensão de areia branquinha e mais à frente a água cristalina formava uma piscina não muito profunda. Meus olhos subiram para a cachoeira de aproximadamente vinte metros. A água descia constante como um véu. O barulho alto, mas ao mesmo tempo calmante, relaxante. Inspirei o ar puro e soltei devagar. Cassie soltou um *puta merda* bem no meu ouvido. A coloquei com cuidado no chão. Os olhos tinham um brilho hipnótico quando me fitaram. O lindo rosto corado, sem maquiagem alguma. As pequenas sardas do nariz bem visíveis. A porra da coisa mais linda que já vi na minha vida! Sem dizer uma palavra arranquei minha camiseta, e a joguei na areia. Logo a bermuda jeans e a cueca boxer teve o mesmo destino. Sua boca fez um lindo “O” e correu os olhos pelos arredores. Dei-lhe um sorriso arrogante, lascivo e a liberei da camiseta também. Deu um gritinho tímido, mas excitado quando puxei seu short com calcinha e tudo para baixo, mas acabou rindo e nos livramos rapidamente dos tênis. Levantei-a e joguei por cima do ombro. Gargalhou lindamente. Avancei pela areia, a água fria me saudou. A

deixei escorregar pelo meu corpo quando cheguei ao meio. Seus braços e pernas vieram ao meu redor. Mergulhei-nos por alguns segundos. Quando retornamos à superfície ela estava buscando ar. Sorrio. Seus punhos me bateram levemente nos ombros. Levei uma mão para seus cabelos da nuca e trouxe sua boca para a minha. Gememos quando nossas línguas se encontraram. Nos devoramos com fome como se não tivéssemos fodido a noite toda. Ela passou a dançar no meu pau já bem desperto. Minha boca desceu pelo seu queixo. Lambi seu pescoço lentamente. Gemeu, seu corpo estremecendo. Ela ama quando faço isso. É o seu ponto fraco. Sorrio baixinho e fiz de novo. Desci mais abocanhando os peitos cheios, deliciosos. Me banqueteei neles até estarmos rosnando como animais no cio. Não demorou muito e estava todo enterrado em sua bocetinha gostosa. Puxei sua boca para a minha, mas não a beijei, ficamos apenas assim, ofegando, nossas respirações se misturando, nossos olhares travados, nossos semblantes transformados pelo tesão gigantesco que sentimos um pelo outro, enquanto ela cavalgava no meu pau. Gozamos juntos, sussurrando eu te amo ao

mesmo tempo. Nos beijamos depois, lento, gostoso. Nunca fui tão feliz. Éramos um do outro de novo como sempre devia ter sido. Era como se todo o tempo que estivemos separados não existisse. Eu entendi por que. Eu não vivi no período que estive sem ela. Havia um buraco, uma lacuna que só ela consegue preencher. É ela, apenas ela.

— Eu amei, amor. — disse-me quando a ajudei acomodar-se no banco do passageiro. — não sabia que Ardócia tinha influência romana em sua arquitetura.

— Eu sabia que iria gostar, anjo. — sussurrei, dando um beijo nas sardas de seu nariz. Ela deu um risinho travesso. Adora quando faço isso também. — Ardócia é linda. Sua história remonta ao século XI. Há muito mais. Vou mostrar tudo a você, amor. — ela beijou-me nos lábios suavemente.

— Você se sente em casa aqui, não é? — ela tem uma sensibilidade muito grande.

— Sim, anjo. Sinto-me em casa aqui. — assenti e acaricieei seu rosto, prendendo seu olhar. — mas a minha

felicidade hoje não tem nada a ver com o lugar. — beije seus lábios, reverente. — é você, amor. Você me deixa assim. — murmurei e tomei sua boca de novo. Gemi querendo aprofundar, mas o simpático casal estava ainda nos observando da varanda. Obriguei-me a me afastar e ir para o meu lugar. Acenei mais uma vez antes de entrar e dar partida no carro. Ela sintonizou uma estação de rádio e parou numa música animada de *One Republic, Counting Stars*.

— Adoro essa música! — sorriu-me e seus olhos dançaram me procurando assim que recostou em seu banco. — vamos, amor! Cante comigo. — gargalhei. Nem fodendo! Eu canto muito mal. Não me arrisco nem no chuveiro. — vai, amor, por favor... — os olhos azuis fizeram todo o serviço por ela, porque porra! Eu amo esses olhos! E foi assim que me vi abrindo a boca e cantando junto com ela.

Lately, I've been, I've been losing sleep

Ultimamente, eu tenho, eu tenho perdido o sono

Dreaming about that things we could be

Sonhando com as coisas que poderíamos ser
But, baby, I've been, I've been praying hard
Mas, querida, eu tenho, eu tenho rezado muito
Said, no more counting dollars

Eu disse, chega de contar dólares

We'll be counting stars, yeah, we'll be counting stars

Contaremos estrelas, sim, contaremos estrelas

Alguns instantes depois, já me sentia menos ridículo. Seu sorriso contagiante, seus olhos lindos do caralho me fizeram emendar uma música na outra. Cristo! Nunca me senti tão ridiculamente feliz. Eu amo essa mulher, porra! Amo essa mulher com tudo que tenho.

CAPÍTULO TREZE

Jayden

Parei na porta do closet e fiquei lá extasiado, observando-a. Estava linda num longo azul turquesa. Os cachos ruivos presos numa trança lateral, caindo sobre o ombro direito. Uma franja desfiada a deixava com aparência de adolescente. Linda demais. Seus olhos levantaram e cruzaram com os meus através do espelho. Um sorriso lindo se abriu nos lábios cheios e meu coração disparou, louco de amor por ela. Sorrio de volta e vou devagar em sua direção.

— Oi. — sussurrei, enlaçando-a por trás. — tão linda, meu anjo. — gemi, depositando beijos suaves em seu ombro.

— Oi, amor. — ronronou, pendendo a cabeça para ao lado, me deixando arrastar o nariz pelo pescoço alvo e nuca graciosa. — você também está ótimo, grandão. — gemeu girando de frente, envolvendo meu pescoço. Nossos olhares travaram e ficamos nos olhando como

dois bobos deslumbrados.

— Você cheira tão gostoso, amor. — disse baixinho em sua boca. — quero comer você todinha cada vez que sinto esse cheiro. — ela grunhiu, os olhos incríveis dilatando. Um riso travesso tomando a boquinha linda.

— Você tem feito isso todo o tempo nos últimos três dias, seu tarado. — repreendeu-me naquele tom rouco, sexy como o inferno. Meu pau estava pronto para a ação de novo. Gargalhei e minhas mãos desceram da cintura para a bundinha firme e empinada. Soltou um gemido necessitado.

— Não pode me culpar por isso, anjo. — puxei seu lábio inferior entre os dentes. — minha mulher é a mais linda, sexy e gostosa. Muito, muito gostosa. — completei baixinho, no meu tom de quarto.

— Precisamos descer agora, amor. — lamentou, beijando-me suavemente. — o jantar é em nossa homenagem. — grunhi e a puxei, moendo lentamente em sua pélvis. Sua respiração acelerou. Sorrio, perversamente e dou um beijo casto em sua boca. Afastei-

me porque se aprofundasse o beijo nos atrasaríamos para o jantar que Leon e Júlia organizaram para nós. Apenas a mais alta nobreza e o parlamento estariam presentes e isso significava ter que cumprir o maldito protocolo real. Foda!

— Feche os olhos, anjo. — sussurrei.

— Por quê? — seus olhos fitaram-me curiosos.

— Vamos, feche os olhos, amor. Tenho algo para você. — pedi suavemente e ela os fechou, um sorriso se espalhando nos lábios. Tirei o colar do bolso do smoking e o coloquei nela. Suspirou quando minhas mãos deslizaram lentamente em seu pescoço. — pode abrir. — a virei para o espelho e os grandes olhos brilharam. Levou as mãos até o coração de diamante azul que pendia no decote generoso do vestido.

— Oh! Jay, amor... — exclamou tocando a pedra, tão linda e brilhante quanto seus olhos. — ele é tão lindo e eu... Eu, não tenho nada para você. — disse encabulada, seu rosto enrubescendo. Enlacei sua cintura e girei para mim de novo.

— Você já me deu tudo, amor. Deu-me dois filhos maravilhosos. — murmurei e seus olhos lacrimejaram. — e você se deu para mim. Aceitou ser minha. — beijei-a suavemente nos lábios. — isso não tem preço, anjo.

— Sim, eu sou sua. — sussurrou, suas mãos passearam pelo meu peito. Amo a forma como me toca. — sempre fui.

— Humm... Diga isso de novo, amor. — pedi espalhando beijos em seu queixo. Ela riu travessa.

— O quê? Que não tenho nada para você? — fez cara de inocência. Rosnei.

— Sua provocadora! — dei uma palmada leve em sua bunda. Seu sorriso ampliou. — a última parte. Adorei a última parte.

— Eu sou sua, amor. — lambeu meus lábios me fazendo gemer. Porra! — só sua.

Caralho! Não sei como conseguimos permanecer sem nos amarrotar. Mas conseguimos. Passamos no quarto dos bebês e eles já dormiam. Ficamos os dois olhando os corpinhos rechonchudos no berço.

— Fez um ótimo trabalho com eles, anjo. — murmurei, minha voz cheia de orgulho dela, mas ainda com remorso. Acho que nunca vou superar tê-la deixado sozinha com nossos filhos.

— Obrigada. — disse-me baixinho. — juntos faremos um trabalho melhor ainda, amor. — sorriu docemente. — sempre formamos uma boa dupla, não é, Sr. Di Castellani? — sorriu também. Ela percebeu meu desconforto e quer suavizar o clima. Tem como amá-la mais? Acho que não.

— Sempre, Sr.^a Di Castellani. — murmurei de volta. — sempre.

Cerca de dez minutos depois adentrávamos o salão oval, onde aconteciam as refeições oficiais. O cerimonialista nos anunciou. Odeio essa parte.

— Suas altezas reais, o príncipe Jayden Samuel King Di Castellani e sua esposa, a princesa Cassandra Miller Di Castellani! — Ok. Reformulando. Amei essa última parte. Minha esposa. Minha! Cassie estremeceu. Segurei sua cintura com firmeza e a trouxe para mim, enquanto andávamos sob a onda de aplausos até a grande mesa

central. Nos acomodamos do lado esquerdo de Leon e Júlia. Dom e Helena já estavam acomodados do lado direito. Tio Max estava no extremo da mesa com um enorme sorriso no rosto ao lado da simpática doutora Jhonson. Mais duas mesas eram dispostas nas laterais. A nobreza estava aqui em peso. Meus olhos correram rapidamente pelos presentes cumprimentando-os com um leve aceno de cabeça. Isso é entediante. Então meus olhos pousaram no Primeiro Ministro, sua esposa e sua filha, Gianna. Ela ostentava um sorriso cheio de dentes para mim. Antes que você se questione, sim, eu a comi algumas vezes. Era uma loira bonita. Gostava de sexo duro. Foi gostoso até o terceiro encontro. Depois disso perdi o interesse e o tesão, como sempre acontecia. A cumprimentei polidamente e segui minha penitência. Arg! Eu sempre quis torcer o pescoço de quem criou o maldito protocolo real. O bastardo não tinha a menor noção do que é divertido.

O jantar transcorreu agradavelmente. Estávamos agora tomando drinques em pequenos grupos espalhados pelo salão. Júlia, Helena e Cassie estavam do outro lado

conversando animadas com as esposas aristocráticas, enquanto eu e meus irmãos aguentávamos estoicamente o papo furado e enfadonho do Conde Vladimir. Finalmente ele se afastou e suspiramos os três. Meus olhos buscaram minha mulher, ansiosos.

— Devia ver a sua cara agora, irmão. — o tom provocador de Dom me fez abrir um riso safado. Eu simplesmente não consigo parar de olhá-la.

— Feliz, irmão? — inquiri sem desviar os olhos dela.

— Eu ia dizer patética, mas feliz é uma definição muito melhor, irmão. — seu tom foi livre de provocação e senti tapas leves nas minhas costas. — é bom vê-lo assim, Jay.

— Obrigado, idiota. — os olhos verdes brilharam divertidos.

— Disponha, bastardo mal-agradecido.

— Devo dizer que a ideia do casamento surpresa foi uma sacada de mestre, irmão. — Leon cortou nossa troca de gentilezas. — tem um cérebro aí dentro. Bom saber disso. — revirei os olhos. Eles são tão idiotas!

— Vocês estão se roendo porque não pensaram nisso. Superem isso, irmãos. — provoquei.

— Eu fiz uma declaração diante do parlamento e da imprensa. — Leon se pavoneou. — Obrigado, senhores. — acrescentou, arrogante, ajustando a gravata borboleta.

— E eu usei um cavalo branco. Tem ideia do quanto foi difícil me transformar na porra do príncipe encantado? — Dom fez uma cara séria. Eu e Leon caímos na risada.

— É verdade. Você tinha mesmo que usar a porra do cavalo branco? — grunhi. — vocês me deixaram praticamente sem opções. Como vou proporcionar o conto de fadas do caralho, se não tenho ideia do que fazer? — Dom abriu seu riso presunçoso.

— Ah, eu precisava sim, irmão. Fiz muita merda. Precisava me redimir completamente com minha princesa. — disse mais sério. Meus irmãos são uns bastardos, mas se há algo sobre eles é que amam suas esposas e se dedicam à elas sem reservas. Estou começando a sentir como é isso. Amar alguém tão intensamente.

— Ah, *Dio!* Nossas mulheres estão conversando com a

nonna. — Leon riu. — Ciara é um perigo, irmãos. Tem ideias muito audaciosas. É capaz da Cassie querer ser a dominatrix depois de conversar com ela. — Dom abriu um riso sem vergonha. Bufeí. Eles sabem das minhas preferências sexuais. Mas até onde sei eles não são santos. São dominantes também, apenas não usam os apetrechos e apreciam as cenas como faço. Acabei sorrindo também. Ciara era mesmo uma figura. Fazia questão que eu e Dom a chamássemos de *nonna*. Adoro conversar com ela nas vezes que coincide nos encontrarmos em Ardócia. Conversamos na próxima meia hora sobre amenidades, por exemplo o relacionamento do nosso tio. Estávamos satisfeitos que estivesse feliz, seguindo em frente com uma boa mulher.

— Uau! Os príncipes Di Castellani juntos. — o ronronar às minhas costas me fez ficar imediatamente tenso. — é um espetáculo imperdível. Majestade, altezas. — Gianna sussurrou, fazendo uma reverência charmosa, parando entre nós, muito próxima a mim. Ela usava um vestido longo que parecia ter sido costurado no corpo de tão justo. Os peitos enormes saltando para fora do decote.

Ficamos os próximos minutos os três sem graça diante do flerte descarado da garota. Pouco depois, Júlia chegou enlaçando Leon pela cintura e Helena também puxou Dom pela mão. Eles pediram licença e se afastaram me deixando sozinho com ela. Voltem aqui, seus bastardos! Cassie ainda conversava com Ciara, mas agora me encarava com uma carranca. Oh! Merda! Preciso me livrar dessa oferecida. — então, Jay. Belo casamento. Você definitivamente sabe como agradar uma garota, não é? — tocou meu antebraço, seus olhos castanhos me fitando maliciosos. Antes que abrisse a boca...

— Você não tem vergonha? — a voz enganosamente suave de Cassie soou bem do meu lado e seu braço entrelaçou no meu, demarcando claramente o território. O rosto de Gianna mostrou confusão. — eu ouvi tudo que você e suas amigas vadias disseram no banheiro, querida. Mas essa era sua intenção, não era? — deu um sorriso, mas os olhos azuis faiscavam. — ele fodeu você e as outras? Lamento por vocês. — Gianna empalideceu. Oh! Uau! O que houve com a Cassie tímida? Ela estava a ponto de saltar no pescoço da outra. — eu não quero vê-la

de novo em volta do meu marido. — sibilou, seu tom ameaçador. — ou a sonsa e sem graça aqui vai arrancar os seus olhos. Fui clara? — a loira ficou muda. Os olhos muito arregalados. Santa Mãe! Eu quase sorrio, mas Cassie não parecia estar para brincadeiras.

— Cassie... Anjo... — tentei falar e ela cravou os olhos azuis incendiados em mim.

— Cale. A. Maldita. Boca. — rangeu os dentes. Cristo! Mas eu não fiz nada! Seus olhos faiscavam de raiva, o rosto rubro. — você fodeu essa vadia? É por isso que ela fica o tempo todo o comendo com os olhos? — porra! Foi a minha vez de ficar mudo. Então, ela empalideceu lendo tudo no meu silêncio. Fulminou-me, os olhos muito brilhantes. Meu peito doeu por causar esse constrangimento à ela. Voltou-se para Gianna que ainda estava parada, tão estupefata quanto eu. — saia. — rosnou. — procure outro para afundar suas garras. — a loira saiu rapidamente. Um clima tenso desceu sobre nós. Ela puxou seu braço do meu como se sentisse nojo de mim.

— Cassie... Anjo... — tentei de novo. Antes que me respondesse um casal de condes filhos da puta veio até nós. Ficamos a meia hora seguinte abrindo sorrisos amarelos e usando monossílabos na esperança de que eles pegassem a deixa, mas não tivemos tanta sorte. A noite havia começado tão bem e agora meu coração estava pesado porque ela foi confrontada com o que fiz nos dois anos que ficamos separados. Eu realmente fodi tudo à minha volta como ela disse em outras vezes. Eu só queria esquecê-la. Não queria lembrar dela, do seu cheiro, seu gosto, da forma como me fez sentir. Suspirei derrotado. Odeio Mark Springs por ter nos jogado na merda! Mas, principalmente me odeio por ter tirado o sorriso lindo que estava no rosto dela quando fui encontrá-la no closet.

Cassandra

Subimos no elevador em silêncio. Meu peito doía absurdamente. Era verdade. Jayden tinha comido a puta loira. Senti-me humilhada, ridicularizada quando ele não respondeu nada. A vadia tinha passado todo o jantar devorando-o com os olhos. Eles devem ter se esbaldado

nas vezes que veio à Ardócia. O que era tão especial, de repente se transformou numa armadilha. Ele fodeu a filha do Primeiro Ministro. Eu teria que olhar na cara odiosa dela a cada vez que visitássemos a ilha. Eu estava sufocando quando as portas se abriram avancei, correndo pelo corredor. Ouvi sua voz, me chamando, pedindo que parasse, mas segui em frente. Entrei nos aposentos que havia ocupado quando chegamos e tranquei a porta.

— Cassie, amor... — ouvi sua voz quebrada do outro lado. — não faz assim, meu anjo. Vamos conversar, por favor. — fechei os olhos, lágrimas quentes banhando minhas faces. Não respondi nada, apenas me afastei em direção à cama. — Cassie... Por favor, não vamos brigar, amor. — pediu, seu tom meio embargado. — porra de situação fodida! — resmungou. — ok. Eu fodi aquela garota! Eu sou um maldito bastardo! É isso que eu sou! Eu passei dois anos tentando esquecer você e usei outras para isso. Elas foram só isso para mim! Corpos que usei! É isso que queria ouvir? Eu fodi muitas mulheres, porra! — berrou do outro lado. Sua voz tremia agora. Meu peito doeu mais com sua admissão. Deitei na cama, meu corpo

sacudindo com os soluços. Então, houve um baque forte e virei-me assustada. Puta merda! Ele havia derrubado a porta. Avançou para mim, os olhos negros furiosos. Estacou quando viu meu estado. Seus olhos suavizaram correndo pelo meu rosto. — anjo... Eu sinto muito. — sussurrou.

— Saia, eu quero ficar sozinha. — pedi, levantando-me, indo em direção ao banheiro, mas pegou meu braço quando tentei passar por ele.

— Olhe para mim, amor. — pediu baixinho. — olhe para mim, porra! — rosnou quando me neguei a encará-lo. — esse sou eu! Você disse sim para mim há três dias. Pensei que havíamos passado por cima dessa merda, mas você surta quando vê uma vadia que quer tirar o que estamos construindo. Que merda de amor é esse? — puxou meu queixo, forçando-me a olhá-lo. — eu te amo! Eu te amo, porra! Você! Só você! — berrou no meu rosto. — é isso que você quer? Brigar comigo por erros que cometi enquanto estávamos separados?

— E de quem foi a culpa de termos nos separado,

droga? — rosnei de volta. Seu rosto ficou pálido, o aperto no meu braço diminuiu, os olhos escuros brilharam resignados e ele me largou. Passou as mãos pelo rosto, quando me encarou de novo, havia uma expressão cansada, derrotada nos olhos.

— Eu pensei que estávamos superando isso. — murmurou. — eu realmente pensei, anjo. — completou e saiu. Meu corpo tremia e abracei a mim mesma. Deus! O que foi que aconteceu conosco? Estávamos tão felizes no início da noite. E agora... Isso. Fui até o closet e me liberei do vestido e sandálias. Vesti uma camisola branca. Soltei os cabelos e me olhei no espelho. Meus olhos pousaram no coração de diamante. Toquei a pedra, meu peito se comprimindo de culpa. Oh! Meu Deus! O que foi que eu fiz? Fechei os olhos. Ainda podia sentir a forma suave que suas mãos me tocaram quando o colocou em mim. Seus olhos brilhantes quando me olhava durante o jantar. Ah! Cristo! Eu fui uma cadela. Deixei-me envenenar pelo ciúme e pelas palavras que a vadia disse no banheiro.

Arranquei a camisola sem graça e coloquei uma preta e

sexy que Jay ainda não tinha visto. Tirei a calcinha. Ele ama meus pelos ruivos. Saí à sua procura. Entrei nos seus aposentos estava semiescuro. Avancei devagar. Parei na porta do banheiro e ouvi o barulho do chuveiro. Girei a maçaneta com cuidado e entrei. Dava para divisar seu corpo poderoso por trás do vidro do box. Andei devagar e parei diante da pequena abertura. Meu coração saltou diante da visão dele. Estava com as duas mãos apoiadas na parede. A cabeça inclinada, enquanto a água descia pelos ombros largos, costas e pernas musculosas. Lindo! Minha vagina palpitou enlouquecida, querendo-o desesperadamente.

— Jay... — murmurei. Pensei ter falado muito baixo, mas ele virou a cabeça em minha direção e os olhos negros desceram pelo meu corpo, alargando-se sutilmente ao ver meu traje. Cerrou o maxilar quando seus olhos pousaram na minha vagina nua.

— O que você quer, Cassie? — seu tom foi frio, apesar dos olhos estarem me comendo. Certo. Eu mereço sua frieza depois da forma como o tratei. Afastei a divisória e

entrei. Seus olhos continuavam presos nos meus. Levei as mãos às alças da camisola e as descí. Trincou os dentes quando o tecido caiu nos meus pés. Os olhos escuros desceram sem pressa por mim e fizeram todo o caminho de volta. Uma sobancelha negra subiu e seu olhar era perverso agora. — o que significa isso?

— Significa que fui uma idiota. — sussurrei, sentindo-me desconfortável sob seu escrutínio. Ele não ia facilitar para mim. Era o que sua expressão dizia. — eu... Eu surtei. Eu odeio que você tenha fodido àquela e outras vadias, ok? — sua expressão suavizou um pouco. — mas eu te amo e eu disse sim a você. E eu quis dizer isso... Você pode parar de me olhar assim? — um sorriso sexy, sacana brincou na boca sensual e antes que pudesse respirar seu corpo me prendeu contra a parede. Arfei, quando puxou meus cabelos, cavando seu pau duro entre minhas coxas.

— Assim como? — murmurou em minha boca. Suas mãos desceram cavando minha bunda e me levantou. Enrolei as pernas em seu quadril. — como se quisesse

comer você inteira? — mordeu meu lábio. Gemi, minha vagina inundando. Seu riso ampliou. Deslizei as mãos em seus ombros e enfiei em seus cabelos. Nossos olhares travaram. — eu devia te castigar. Te foder por horas sem deixar você gozar. — puta merda! Isso não!

— Me desculpe, amor. Eu fui tão idiota. — pedi. Ele fechou os olhos e grunhiu.

— Sim, você foi. Não percebe que te amo? Eu também odeio o que fiz. Me desculpe, anjo. — sussurrou, seu olhar passeando pelo meu rosto. — eu gritei com você. Não vamos brigar nunca mais. — gemeu quando comecei a me esfregar em seu pau. Sua boca tomou a minha num beijo urgente, molhado, gostoso. Grunhimos, rosnamos, nossas línguas duelando, lambendo, chupando, mordendo.

— Nunca mais, amor. — murmurei em sua boca. Sorrimos e nos agarramos mais.

— Gostosa... — rosnou, seu pau deslizando em minha vagina. Me firmou com um braço e enfiou a outra mão em meus cabelos. Sua boca quente desceu pelo queixo e pescoço. Lambeu o ponto que me deixa gotejando por ele.

Gritei quando abocanhou meu seio direito, chupando duro. Eu podia sentir meus líquidos descendo enquanto ele passava para o outro seio. Ele estava me torturando.

— Amor... Por favor... — miei despudorada. Sua risada safada vibrou no meu seio.

— Por favor o quê? — puxou o mamilo entre os dentes. Gritei. — vamos, diga, minha putinha gostosa. O que você quer?

— Ah! Eu quero você... — choraminguei. Gargalhou. Bastardo!

— Onde, escrava? — puxou mais meus cabelos, me fazendo arquear as costas e moeu o pau bem no meu clitóris. — quer meu pau comendo essa bocetinha linda e ruiva?

— Sim. Ohhh! Sim, por favor. — implorei. Ele riu de novo e se alinhou na minha vulva. Seu rosto veio para perto do meu. Ficou lá me encarando, apenas vendo meu desespero.

— Peça-me, escrava. Peça para eu foder sua boceta. — sussurrou na minha boca. — peça, porra!

— Ah! Jay... Amor... — deu mais um puxão em meus cabelos e gritei: — fode a minha boceta, droga! — sorriu lento, perverso e me bateu contra a parede.

— Boa menina. É isso que você quer? — rosnou e afundou em mim numa estocada forte, rasgando-me até o fundo. Gritei insana, completamente empalada. — porra! Deliciosa! — rugiu, dando-me uns instantes para me ajustar. Puxou tudo e meteu de volta, entrando mais fundo. Rosnamos os dois. — eu amo essa bocetinha quente e apertada, amor. Amo, porra! — grunhiu e passou a me comer com vontade. — cavalga bem gostoso, minha putinha linda! Vem. Isso... Toma tudo! Toma meu pau todinho... — seu braço musculoso me puxava para tomar seu pau bruscamente. Nossas pélvis se chocavam numa dorzinha gostosa. Me fodeu duramente, nossas bocas ofegando uma na outra, nossos olhares trancados. Girou o quadril lentamente. Puxou, deixando só a ponta. — olhe, Cassie. Veja meu pau rasgando seu buraquinho gostoso. — olhei e ele meteu devagar, tocando cada nervo interno. Gemi alto. Sorriu e puxou de novo. — olhe para mim. — os olhos escuros estavam duros, inflamados e ele bateu

dentro, num golpe forte. Rosnou e tomou a minha boca num beijo de olhos abertos. Agarrei-me mais a ele, minhas unhas cravando em seus ombros. Balancei com ele, o encontrei a cada estocada. Ele estava enlouquecido agora, me comendo selvagememente. Rugindo, fodendo minha boca como fazia em minha vagina. Soltoou meus cabelos e me deu palmadas fortes na nádega esquerda.

— Ohhhh! Meu Deus! Jay... Amor! — balbuciei em sua boca, sentindo meu ventre incendiar. Ele não me deu trégua, continuou cravando seu pau sem dó até que quebrei, o orgasmo me tomando violento, intenso, muito intenso. — eu te amo! Amor! Ahhhhhhhhhhh!

— Isso, goze, minha putinha! Goze no meu pau! Ele é seu, porra! — rosnou mordendo meu ombro. Gritei mais, os espasmos aumentando, lágrimas descendo pela minha face. — ahhhh! Cassie, amor! Vou gozar tão duro, anjo... Amo você chorando assim no meu pau, caralho! — ganiu metendo num ritmo animalesco e senti seu pau inchar. — oh! Porra! Gostosa! Ohhhhhhhhhhh! — gritou e esporrou, enchendo-me com seu esperma quente. Estremeci com a

sensação deliciosa de receber sua semente dentro de mim.
— Cristo! Gostoso demais gozar nessa bocetinha, amor...
— gemeu ainda se derramando, me fodendo furioso, suas mãos cravadas na minha bunda, me fazendo tomar até a última gota dele. Continuamos nos beijando até seu ritmo diminuir. Estávamos suados e ofegantes. — eu te amo, minha ruivinha ciumenta. — sorriu na minha boca. Sorriu também.

— Vou arrancar suas bolas se ver você perto daquela vaca de novo, ouviu? — rosnei. Ele gargalhou. Bati em seus ombros. — eu falo sério, droga!

— Ela não tem importância, anjo. Nenhuma teve. — garantiu-me, ficando sério. Sua mão veio suave em minha face. — é só você, amor. Só você.

— É bom mesmo, grandão. — sussurrei e tomei sua boca num beijo lento, apaixonado, delicioso. Suas mãos foram para minha bunda de novo e nos levou para baixo do jato forte do chuveiro. Continuamos nos beijando, ele ainda pulsando dentro de mim.

— Acho que mudei de ideia. — disse, um brilho sem

vergonha na íris escura. — podemos brigar todo dia se o sexo de reconciliação vai ser assim. Você sabe pedir desculpas, amor. — gargalhou. Lindo! — realmente sabe...

— Seu tarado... — murmurei, mas acabei gargalhando também.

O dia seguinte foi memorável. Passeamos no iate de Leon. A embarcação tinha o nome de Júlia bem grande em letras azuis. Fomos todos. Foi uma festa ver Lucas e Samuel interagindo com os primos. Anna Júlia ainda era muito novinha, mas logo, logo estaria no meio da bagunça também. Aproveitei para tomar sol com Júlia e Helena enquanto nossos maridos jogavam sinuca e as babás cuidavam dos bebês depois do almoço. Uma coisa que percebi era que eles gostavam de curtir os filhos, mesmo tendo pessoas contratadas para isso. Nunca me senti tão feliz. O mal-estar entre eu e Jay havia passado depois da noite de sexo selvagem. Ele realmente me castigou depois. Só me deixou gozar na última vez que me tomou. Mas foi o orgasmo, então o perdoei. Amanhã voltaremos a

Londres e sinto calafrios só em pensar que terei que enfrentar Mark pela primeira vez. Pressinto dias difíceis, mas agora tenho Jay. Estamos juntos. Finalmente juntos. Ciara, a simpática avó de Leon me deu alguns conselhos bem úteis. Nenhuma vadia vai me abalar de novo. Foram dois anos separados, não vamos deixar nada ficar entre nós dessa vez.

CAPÍTULO QUATORZE

Cassandra

— Oh! Meu Deus! Amor! Ela é linda! — rodopiei de frente da escadaria da mansão de três andares. Era muito maior e mais bonita que outra. A fachada toda em tijolos à vista. Havia uma espécie de terraço no telhado com duas torres nas extremidades. Puta que pariu! Parecia um palácio.

— Gostou mesmo, anjo? Podemos ver outra, se...

— Se eu gostei? Eu amei, amor. Ela é linda. — meus olhos correram pelos arredores, ávidos. Um jardim enorme circundava a construção. Um pequeno lago, onde cisnes deslizavam suavemente nas águas. Um cenário de conto de fadas. E havia uma casa da piscina... Meus olhos buscaram os dele em muda expectativa. Levantou uma sobrancelha e abriu aquele riso lento, sexy, safado, pecaminoso. Ok. Um conto de fadas do príncipe fodão.

— Sim, está tudo lá... — sussurrou, enquanto as babás passavam por nós com Lucas e Samuel muito barulhentos.

— Por que tudo isso, amor?

— Vida nova, casa nova, meu anjo. — disse e me levantou nos braços. Dei um gritinho surpreso. — vamos, Sr.^a Di Castellani! A tradição manda que o marido entre com a esposa gostosa nos braços. — gargalhei enlaçando seu pescoço.

— Humm, mas já havíamos acordado que é um príncipe fodão. — começou a subir os degraus.

— Sim, mas um príncipe fodão loucamente apaixonado, amor. — mordeu meu queixo. — então, vamos seguir a porra da tradição, ok?

— Humm, tão romântico, grandão. — provoquei. Os lábios sexys se curvaram num riso malvado.

— Não vejo a hora de te mostrar a casa da piscina. — rosnou no meu ouvido. Meu corpo todo vibrou com seu tom e a implicação da frase. Ele me levaria ao quarto de jogos depois de dois anos. Eu ansiava por isso.

— Nem eu, amor. — sussurrei. Passamos pela porta de madeira imponente e ele me colocou no chão. Meus olhos catalogaram a sala enorme bem decorada. Duas escadas

largas davam acesso ao piso superior. Parecia um cenário de filme.

— Bem-vinda ao lar, amor. — murmurou no meu ouvido, seus braços me enlaçaram por trás. Virei-me de frente. Ele havia percebido meu desconforto na casa onde havíamos rompido tão brutalmente. Meu amor por ele transbordou. Esse homem lindo, sexy e apaixonado fazendo tudo para me ver feliz.

— Eu te amo, sabia? — meus braços subiram para seu pescoço.

— E eu a você, meu anjo. — disse-me de volta e tomou minha boca num beijo terno. Me pegou de novo nos braços e tomamos um elevador que nem havia percebido numa coluna entre as escadas.

O quarto principal ficava no terceiro andar. Engasguei quando abriu a porta e me pôs no chão. Andei deslumbrada pela antessala com estofados vermelhos e almofadas brancas. Passei para o outro ambiente e uma cama dossel com lençóis negros que gritava sensualidade e sexo selvagem me saudou. Virei-me para ele. Os olhos

escuros fitavam-me, brilhantes, apreciando a minha reação. Enfiou as mãos nos bolsos e encostou-se no portal. Lindo! Ridiculamente lindo.

— Isso é muito, amor. — sussurrei, minha voz um pouco embargada.

— Isso é só o começo, amor. — disse com firmeza e veio para mim com aquele andar fodão dele. — vou colocar o mundo aos seus pés, anjo. — murmurou, suas mãos vieram para meu rosto numa carícia leve. — você terá tudo, amor. Tudo. — arquejei quando senti seu corpo duro, quente se colando no meu. Abriu um meio riso safado e me deu um beijo casto. Gemi.

— Quando vai me levar lá? — perguntei, meu rosto enrubescendo sob seu olhar sacana.

— Onde, anjo? — fez-se de desentendido.

— Você sabe... Lá, hum.. Na casa da piscina. — um brilho selvagem surgiu na íris escura e desceu uma mão para minha bunda, pressionando-me em seu pau já bem desperto. Miei despudorada. Sorriu perversamente moendo em mim.

— Em breve, escrava. Muito breve... — seu tom foi duro, bruto e me puxou pelos cabelos. O beijo que trocamos agora foi sexual, indecente. Estávamos ofegantes quando quebrou o contato e se afastou. — porra! Quero te foder o tempo todo! Isso é normal? — sorriu resfolegando. Sorri também.

— Acho que é, porque também quero que me foda o tempo todo. — seus olhos alargaram com meu linguajar. Corei mais ainda.

— Porra! Você está cada vez mais safadinha e atrevida, anjo — gemeu e enfiou as mãos nos bolsos de novo. — isso me agrada muito. Mas tenho que deixá-la agora. Tenho uma reunião dentro de meia hora. Carl já está me aguardando. — fiquei tensa com a menção de seu sócio. Eu não consigo confiar nele. Há algo estranho e sinistro nele. — ei, Carl é um grande cara, amor. — disse ao perceber minha mudança. — Só é meio estranho e reservado. Você vai poder conhecê-lo melhor agora. — assenti. Se Carl é importante para ele vou fazer um

esforço para nos darmos bem.

Uma semana se passou. Uma semana de acontecimentos que mudaram minha vida. Jay atacou Mark sem piedade por todos os lados. Parece que meu meio irmão estava envolvido com tráfico de drogas e outras coisas bem barra pesada há um bom tempo. Pelo menos foi isso que a investigação de Jay apontou. Mark foi pego numa negociação suspeita no *London Gateway*[\[112\]](#). A polícia tinha sido avisada e imagens dele sendo algemado e levado pelos policiais foram capa do *The Sun* e *The Guardian*[\[113\]](#). Como resultado, minha tia pediu o afastamento dele da gerência do hotel de Londres. O exame de DNA solicitado pelos advogados deu positivo e fui reconhecida oficialmente como uma Springs. Seria um processo demorado, mas minha tia e meu primo Simon ficaram do meu lado o tempo todo. Percebi que Jay está com ciúmes da atenção do meu primo e tenho tentado tranquilizá-lo. Na verdade, adoro saber que meu príncipe fodão, dominador, lindo sente ciúmes de mim. Parece um sonho. Eu sou a mulher dele. Puta merda! A ficha ainda não caiu.

— Obrigado por me receber, Cassie. — Carl, atravessou a minha sala devagar e parou em frente à mesa. Jay havia mandado fazer uma adaptação e nossas salas ficavam interligadas por uma porta que no momento estava trancada. Ambas tinham a vista para o Rio Tâmis. Carl tem tentado se aproximar de mim e dos bebês, tenho que reconhecer seus esforços. Almoçou conosco duas vezes nessa semana e inclusive passou para nos visitar uma noite quando Jay ainda estava preso numa reunião. No entanto, não consigo me sentir à vontade com a forma como me olha. Os olhos cinza flamejando. Ele é um dominador também. Será que minha natureza submissa atrai qualquer dominador, indiscriminadamente? Porque esse olhar perverso que está me lançando agora definitivamente é de desejo. Pelas conversas que rondavam nos bastidores da empresa há dois anos, Carl era bem inclinado para o lado sádico. Soube que algumas das submissas dele foram muito machucadas e ele teve inclusive que indenizá-las com somas altíssimas. Bom, pelo menos foi o que ouvi.

— Sente-se, por favor. — tentei soar o mais natural

possível. Ele me amedronta. — em que posso ajudá-lo? — acomodou-se e espalhou alguns papéis sobre a mesa.

— O projeto do nosso astro do Manchester United. — era a construção da mansão do famoso jogador de futebol, Mason Fogs. Um sujeito irritante e despudorado que não teve o menor respeito pela aliança no meu dedo quando nos encontramos há dois dias. Jay havia deixado o projeto interno por minha conta, mas agora já não estou tão empolgada com o trabalho. Não quero ter que ver de novo aquela criatura que se acha um semideus.

— Eu, hum, não sei se quero esse projeto, Carl. O senhor Fogs é digamos, difícil. — falei com firmeza.

— Mas Jay está contando com você para o projeto. — pausou um pouco. — e o Sr. Fogs pediu por você depois da reunião que tiveram. Disse que adorou suas ideias. — é claro que o idiota mulherengo adorou, não é? Bufe.

— Eu não gosto dele. — disse sucintamente. Os olhos cinza se estreitaram em mim.

— Ele a desrespeitou? O que ele fez? — me perguntou, seu tom foi um tanto duro.

— Ele é abertamente paquerador e me olha como se quisesse me comer. — revelei e seus olhos inflamaram mais.

— Bem, você lidará com isso em qualquer lugar que for. — seu tom foi baixo. — é uma mulher muito bonita, sabe disso. — prendeu meu olhar. Puta que pariu! Estava tudo lá de repente, escancarado para mim. Ele me quer. Carl me quer! A verdade me atingiu e eu fiquei paralisada diante de seu olhar. Isso era muito ruim. Jay não pode saber disso ou vai matá-lo. Não, Jay precisa saber disso. Sacudi a cabeça tentando ordenar os pensamentos. Antes que dissesse algo a porta de comunicação se abriu e meu marido entrou como se invocado por meus pensamentos. Veio direto para mim, depositando um beijo suave em meus lábios.

— Oi. — sussurrou na minha boca.

— Oi, amor. — sorriu, meu peito aquecendo com sua proximidade.

— Vamos, meu anjo? É sua primeira visita ao hotel Springs como uma Springs. — disse, seu tom orgulhoso.

— Cassandra Miller Springs Di Castellani. É um nome muito grande. Não sei se quero adotar mais um sobrenome. — seus braços me puxaram, levantando-me. Enlaçou minha cintura.

— Porra! É grande mesmo. Um verdadeiro nome da princesa. — beijou meu nariz. Sorrio mais amplo. — perfeito para minha princesa. — completou e já íamos nos beijar de novo quando Carl pigarreou e o encaramos. Puta merda! Eu havia esquecido tudo que vi antes da chegada de Jay. Mas Carl já havia colocado um riso e uma expressão neutra me fazendo questionar se tinha lido corretamente seu olhar incendiário de minutos antes. Eu ficaria mais alerta em relação à ele de agora em diante.

— Carl, desculpe, parceiro. — Jay torceu os lábios num riso encabulado. — o que tem aí? — apontou para os papéis.

— O projeto do Fogs, mas Cassie não quer mais o trabalho. — revelou e eu quis torcer o pescoço dele porque eu não dei uma resposta definitiva.

— Mesmo? Por que, anjo? — Jay cravou os olhos

negros em mim. — esse projeto vai solidificar sua carreira em Londres. O sujeito é um exibicionista e toda a obra será mostrada na mídia. Seu nome e talento serão conhecidos, amor. Confio em você para o trabalho. — oh! Merda! Eu não posso dizer não a ele quando coloca dessa forma. Meus olhos desviaram para Carl. Havia uma chama bem lá no fundo dos olhos cinza. Qual o interesse dele para que eu assuma esse projeto?

— Eu, hum, na verdade não dei uma resposta definitiva. — disse. — mas se meu marido confia em mim para o trabalho, eu o farei. — completei.

— Ótimo, meu anjo. — Jay assentiu, beijando meus cabelos. — Vamos? — peguei minha bolsa e saímos os três da sala.

Parei na porta giratória do imponente hotel Springs. Estive aqui umas duas vezes quando minha mãe era camareira. A porta girou e duas mulheres elegantes saíram. Minha mente foi para outro tempo. Eu tinha apenas nove anos e minha mãe me trouxe aqui pela primeira vez. Albert Springs estava entrando numa limusine e parou

para nos cumprimentar. Ele tinha olhos azuis gentis. Era um homem muito bonito. Essa imagem ficou gravada na minha mente. Minha mãe o amou muito. Sonhou em ser a esposa dele por anos até que ele morreu e tudo ruiu à nossa volta. Estar aqui, tomando posse do que nos foi roubado é minha homenagem à ela. Uma mulher que amou um único homem a vida toda.

— Vem, meu anjo. — Jay entrelaçou nossas mãos e me puxou para ele suavemente. Beijou meus cabelos. Ele sabia o quanto era difícil para mim. Voltei do meu recuo temporal e o olhei. Sorriu ao ver seu amor e preocupação comigo. Meu marido. Meu lindo marido. Minha mãe não foi a única a amar um só homem a vida toda. — preparada?

— Sim, estou. — falei com firmeza. Deixando-me invadir pela força que irradiava dele. — obrigada por estar aqui comigo, amor.

— Vamos, deixe de conversa fiada. Vamos entrar lá e tomar posse do que é seu. Agora. — disse, seu tom não admitia recusas.

— Sim, vamos. Estou pronta. — meu tom foi bem mais firme.

— Essa é a minha garota. — disse numa voz repleta de orgulho. Entramos e deixei que me guiasse pelo Hall. Oh! Puta que pariu! As paredes pareciam um museu com tanta obra de arte. Meus olhos estavam extasiados com tudo que viam. Mais à frente, na ampla recepção, os funcionários estavam todos perfilados. Os uniformes vermelhos com o logotipo em dourado nas golas e nos bolsos era muito elegante. Tudo aqui gritava requinte, excelência. Minha tia surgiu, descendo do elevador ao lado de Simon. Era uma senhora muito doce. Nos demos bem logo no primeiro encontro. Antes que chegasse até nós, ouvi o som de palmas às minhas costas. Virei-me e meus olhos alargaram porque era Mark. Ele havia conseguido sair da cadeia? Claro que conseguiu. Ele era um Springs, afinal. Jay ficou tenso do meu lado. Mark avançou devagar até parar bem perto de mim.

— Ora, ora. O gato sai e os ratos fazem a festa. Olhe só para você, *irmãzinha*. — torceu os lábios me olhando

de cima a baixo. — acha que conseguiu tudo, não é? Acha que conseguiu me vencer, não é? Isso só está começando, querida. Você não vai ganhar nada, ouviu? Nada, sua bastarda! — cravou as mãos em meus braços e berrou na minha cara. Jay o empurrou e ele desequilibrou-se quase caindo alguns passos à frente.

— Não toque nela, porra! — rosnou, puxando-me para seus braços.

— Só por cima do meu cadáver vai colocar as mãos no meu dinheiro, sua vadia! — Mark cuspiu com ódio nos olhos. Jay abriu um riso sombrio e sua voz foi baixa, letal quando falou de novo:

— Acredite, posso providenciar isso. — eu gelei com seu tom de voz. Seu corpo tremia e eu sabia que estava se contendo por minha causa.

— Vocês ouviram isso? — Mark levantou a voz para o saguão no qual além de nós havia hóspedes. — o grande engenheiro Jayden King ameaçou me matar. — Deus! O que ele está fazendo? — o príncipe de Ardócia, senhoras e senhores. Um príncipe me ameaçando. — balançou a

cabeça, os olhos azuis gélidos, gritando seu desprezo por nós. — já não se fazem mais príncipes como antigamente, não é mesmo? — completou desdenhoso.

— Saia, Mark. Você está afastado de suas funções até que sua situação com a justiça seja esclarecida. — Anelise falou no seu tom de chefe da família. — e jamais volte a se referir à Cassie dessa forma, está me entendendo? Eu não vou tolerar tamanho desrespeito com minha sobrinha. Ela é uma Springs. — disse me fitando emocionada. — é uma Springs e está apenas no seu direito. Senhoras e senhores conheçam Cassandra, filha do meu querido Albert. — palmas escoaram no ambiente e abafaram os xingamentos de Mark quando a segurança o escoltou para fora. Ela chamou-me para o centro e Jay apertou minha mão antes de me deixar ir. Puta merda! Meu rosto virou um tomate, tenho certeza. Odeio ser o centro das atenções. Minha tia disse mais algumas palavras de boas-vindas e passou a palavra para mim. Oh! Merda! Ferrou!

Jayden

Meu peito transbordou de orgulho da minha mulher. Ela estava lá falando com firmeza, seus olhos lindos procurando-me como que para buscar forças. Sorrio, encorajando-a.

— Quero deixar claro que não é minha intenção assumir o lugar de Mark. — houve certo burburinho quando falou. — trabalho na empresa de meu marido que todos conhecem. — sorriu lindamente. — arquitetura é minha paixão. Não me vejo fazendo outra coisa. Trabalhar com uma das mentes mais brilhantes da engenharia contemporânea é um privilégio para mim. — meu peito aqueceu com sua declaração. Meu riso ampliou, bobo, apaixonado, arrebatado. — não vou negar que ser finalmente reconhecida como uma Springs me deixa feliz, mas continuo com meu marido, fazendo o que amo. Deixo a administração dos hotéis para quem entende do assunto. Minha tia e o Conselho saberão escolher essa pessoa. — palmas ecoaram quando encerrou seu breve discurso. Ela recebeu os cumprimentos. A tia a abraçou carinhosamente. O almofadinha do primo a abraçou e beijou no rosto. Porra! Vou quebrar a cara desse idiota! Deu um sorriso

cheio de dentes para ela. Meu sangue ferveu e fui até ela, enlaçando sua cintura possessivamente. Simon me fitou e cumprimentou com o afreito de sempre. Cassie apoiou a cabeça no meu peito. Um gesto simples, mas que dizia tudo. Ela era minha e estava dando um recado para o bastardo. Adorei isso. Minha! Ela é minha, babaca!

Anelise nos mostrou todas as instalações. A senhora estava em êxtase. Havia um carinho genuíno nas feições elegantes quando fitava Cassie e a recíproca era verdadeira. A justiça havia sido feita. Cassie não viveria mais nas sombras com medo de Mark, aquele maldito asqueroso. Ele estava bem encrencado agora. Senti como se um peso saísse das minhas costas. Mark Springs estava ferrado. Eu o ferrei e isso era só o começo. Ainda tenho muito mais para ele. Quando acabar, Mark não será nada. Nada.

Já havia anoitecido quando passamos pelos portões do nosso novo endereço em Chelsea. Fomos procurar Lucas e Samuel assim que passamos pela porta. Estavam animados, enquanto uma das babás tocava o piano. Torci

os lábios em repulsa. Cristo! Ela tocava mal pra caramba. Mas nossos filhos não pareciam se importar. Estavam alegres balbuciando, gesticulando com os bracinhos e enlouqueceram quando nos viram. Levantaram do carpete e vieram correndo com passinhos instáveis. Cassie pegou Lucas e eu tomei Samuel. Os pequenos gargalharam, os bracinhos rodeando nossos pescoços. Sorrimos também e no segundo seguinte tivemos nossos rostos babados por inúmeros beijos. Esse é o melhor momento do meu dia. Me inclinei e beijei Lucas tentando tirar sua atenção da mãe. Cassie fez o mesmo com Samuel. As babás informaram que ainda não tinham jantado. Fomos até a cozinha conversando com eles. Colocamos os dois nas cadeirinhas. Me liberei do terno e da gravata e arregacei as mangas da camisa porque essa tarefa era muito, muito suja. Lucas era o mais bagunceiro. Conseguiu sujar todo o vestido de Cassie e ainda sobraram respingos da sopa para mim. Subimos e demos banho nos bagunceiros. Cerca de uma hora depois colocamos os dois já adormecidos no berço. Eles não dormem separados. Já havíamos tentado, mas os dois fizeram birra e acabamos cedendo. Deve ser

uma coisa de gêmeos. Cassie estava imunda, mas nunca esteve tão linda para mim. Era a minha mulher. Minha linda e deliciosa mulher. Prendi seu olhar assim que entramos no nosso quarto.

— Vou tomar banho na casa da piscina. — informei e seus olhos alargaram, expectantes, excitados. — espero você lá em exatamente trinta minutos, escrava. — ofegou diante do meu tom dominante. Aposto que estava exclamando mentalmente *puta que pariu!* Sorrii perversamente e me aproximei dela. Deslizei um dedo no vale entre os seios. Arquejou, lambendo os lábios. Os mamilos se eriçaram visivelmente por baixo do tecido e me afastei. Não vou tocá-la ainda. Gemeu baixinho. — vista apenas um roupão. — Me virei e a deixei lá antecipando tudo que faria com ela na nossa volta ao quarto de jogos. Minha fera estava sob controle nos últimos dias. Temos feito sexo quase baunilha. Me surpreendi com o quanto gostei de fazer amor com ela sem muitos apetrechos, apenas nossos corpos conectados na maioria das vezes. Mas preciso estar no meu ambiente também. Preciso dominá-la e ela precisa do meu lado

dominador. Tenho percebido seus olhares ansiosos na direção da casa da piscina. É assim que somos. Sexo bruto está na nossa essência. Chegou a hora de nos reencontrarmos onde tudo começou: o quarto de jogos.

Exatamente trinta minutos depois a porta se abriu e ela entrou. Linda pra caralho! Os cachos ruivos soltos sobre os ombros. Usava um roupão curto, vermelho, destacando sua pele branca e o tom dos cabelos. Não usava maquiagem alguma. As sardas do nariz me convidavam a beijá-las. Tomei o último gole do meu uísque e apoiei o copo sobre a bancada do bar. Seus olhos deslizaram pelo recinto, ávidos e pousaram sobre o piano.

— Está tudo igual. — falei baixo. Os olhos azuis me procuraram. — toque para mim, escrava. — ordenei e ela começou a andar em direção ao piano. — nua. Tire o roupão. Quero ver seus peitos e boceta enquanto toca. — miou e logo o tecido deslizava por suas curvas, caindo a seus pés. Porra! Meu pau babou com a visão dela. Eu nunca me acostumo com isso. Nunca me canso disso. — boa menina. Vá até lá, devagar. — ela obedeceu e me

deliciei com o balanço suave e sensual de seus quadris, a bundinha linda, redonda e empinada testando meu controle.

— O que quer ouvir, meu senhor? — sua voz rouca, sexy como o inferno viajou em mim. Avancei lentamente. Seus olhos me devoravam sem pudor. Um riso malvado se formou na minha boca e abri meu roupão. Seu olhar desceu pelo meu peito e abdome. Lambeu os lábios e gemeu baixinho. Ela adora meu abdome. Meu riso ampliou quando arfou ao ver meu pau pronto para ela.

— Você pode escolher, minha putinha. — sussurrei e me debrucei sobre a tampa do piano. Foi a minha vez de devorá-la. Enrubescou, os mamilos túrgidos pedindo pela minha boca. Juntou as coxas e gemeu de novo. Seus dedos passearam suavemente sobre as teclas. — abra as pernas, porra! — rosnei e ela as abriu. — mais amplo. Eu disse que quero ver sua boceta ruiva enquanto toca. — grunhiu e as arreganhou para mim, salivei quando vi os lábios inchados e os pelos ruivos que são a minha perdição. Gostosa pra caralho! — você é minha perdição, escrava.

Tem ideia do quanto estou me contendo aqui para não pular em cima de você? — os olhos azuis estavam muito inflamados, excitados agora. — sabe que será fodida sem dó, não é?

— Sim, meu senhor. — murmurou naquele tom submisso que só ela sabe fazer. A coisa mais perfeita do caralho!

— E por que está aqui, escrava? — apertei. Sua língua rosada passou sobre os lábios carnudos.

— Porque sou sua, senhor. — disse suavemente.

— Minha o quê? — rosnei.

— Sua escrava, senhor. — disse arregalando os olhos com meu tom duro. Arqueei uma sobrancelha e acrescentou nervosamente: — sou sua escrava e sua puta, senhor. — meus lábios se curvaram num riso de lobo mau e meu olhar desceu por ela outra vez bem devagar. Estava ofegando quando voltei a fitá-la. O rosto incendiado de tesão. A imagem era linda, erótica. Acho que vou providenciar uma pintura dela exatamente assim: nua ao piano.

— Você me agrada, escrava. Toque agora. — meu tom foi mais suave porque a beleza dela consegue a façanha de ativar e domar ao mesmo tempo a fera dentro de mim. Ela fez isso desde o início. Seu poder sobre mim é tão grande e ela nunca sequer suspeitou disso. Talvez agora tenha um vislumbre, mas acho que ainda não entende a dimensão do que sinto por ela.

— *Someewhere Only we Know* de Keane. — informou-me. — é linda. — sussurrou e as primeiras notas soaram. Meu peito saltou quando sua voz rouca acompanhou o piano. Porra! Ela é uma provocadora do caralho mesmo! Seus olhos permaneceram presos aos meus. Ah! Cristo! Eu a amo tanto. Abriu um pequeno sorriso, certamente ao ver minha reação embasbacada, babando sobre ela.

I came across a fallen tree (Eu encontrei por acaso uma árvore caída)

I felt the branches of it looking at me (Eu senti seus ramos olhando para mim)

Is this the place, we used to love (Esse é o lugar, onde

costumávamos nos amar?)

Is this the place that I've been dreaming of (Esse é o lugar com o qual eu tenho sonhado?)

Eu não conhecia a letra, mas ela tinha razão. Era muito bonita. Nossos olhares nunca se deixaram e continuou cantando lindamente. Quando encerrou, sua boquinha linda se curvou num sorriso ao mesmo tempo inocente e safado.

— Eu o agradei, meu senhor? — seu tom foi ridiculamente submisso outra vez. Ela sabe que amo isso.

— Muito, minha putinha. — murmurei. — venha até aqui. — ela levantou-se e estava na minha frente num piscar de olhos. — ajoelhe-se e chupe meu pau. — ofegou e caiu de joelhos. Suas mãos vieram ávidas pelas minhas coxas. Estremeci com seu toque. — sem mãos, escrava. Apenas sua boquinha gostosa. — gemeu e pôs as mãos nas costas sem que eu precisasse dizer. Enfiei as mãos em seus cabelos, forçando meu pau entre seus lábios. Ela choramingou de prazer, enquanto meu pau a esticava entrando até a garganta. Porra! Isso me deixa na borda. —

ahhh! Porra! Que boquinha quente, deliciosa... Isso, minha putinha safada... Mama no meu pau... Ohhh! Que gostoso... — rosnei e passei a foder sua boquinha duramente. Ela me chupava com o mesmo desespero que eu a comia. Rosnando, gemendo. Ela foi feita para mim. — olhe para mim. — ordenei e os grandes olhos azuis levantaram lacrimosos. Estava quase sufocando, mas continuava me chupando esfomeada. Resfolegou e lágrimas desceram pelas faces lindas e coradas. — oh! Merda! Que putinha mais gulosa! — meti mais fundo e meu pau inchou. — Oh! Porra! Vou gozar, Cassie... Cristo! Que delícia... — rugi, fodendo-a sem trégua. — Ahhhhhhhhhhhh! — um som animalesco escapou da minha garganta e esporrei em sua boca. Puxei para fora e me masturbei, mirando os peitos lindamente rosados. Gemeu, pendendo a cabeça para trás ligeiramente. Nossos olhos trancados. A lambuzei toda. Meu esperma escorria pela barriguinha lisa me excitando de novo. — muito bem, escrava. Vá para o quarto e se limpe no banheiro. — levantou-se rapidamente. Apontei a porta disfarçada no meio da estante de livros. Seus olhos sorriam para mim. Não pude evitar sorrir também e fui até

o bar me servir de mais uma pequena dose de uísque.

Quando entrei no quarto, ela já estava lá na posição submissa. Em suas mãos e joelhos do lado da cama.

— Muito bem, escrava. — elogiei e me aproximei devagar. Meus dedos correram suavemente pela coluna graciosa. Sua pele arrepiou e ela estremeceu, gemendo baixinho. — vá para lá, putinha linda. — indiquei o canto onde ficava a cruz de Santo André. Seus olhos alargaram. Ela não gostava muito de ser colocada lá.

— Senhor, eu... — balbuciou nervosamente. Eu quase cedi com o pedido nos olhos azuis. Mas aqui sou eu quem manda.

— Prefere ser açoitada pelo chicote de couro cru? — meu tom foi duro e puxei seus cabelos levantando-a para mim. — prefere passar a noite toda algemada ao pé da cama? — ofegou com as outras opções. Eu não faria isso, no entanto, mas ela não sabia disso. Abri um riso diabólico e injetei meu olhar no dela. Arfou de novo, submetendo-se.

— Qualquer coisa para servi-lo, meu senhor. —

murmurou me enlouquecendo com a forma como me olhava. Completamente entregue. Minha para eu fazer tudo.

— É isso aí. Você é minha escrava, minha puta! — rosnei em sua boca. Eu ainda não a tinha tocado e minhas mãos coçavam para sentir sua pele branca, macia, gostosa. A arrastei até a cruz e ela levantou os braços prontamente. A encarei e a expressão nos olhos azuis era linda. Muito linda. Não resisti e a puxei pela cintura para mim. Nos olhamos fixamente até nossas bocas se encontrarem. Gememos, nossas línguas se procurando avidamente. Seus braços rodearam meu pescoço e minhas mãos passearam pelas costas estreitas e desceram para a bundinha deliciosa. Amassei, cavei, bati em cada nádega e continuamos nos comendo. — minha putinha linda, porra! — rugi, mordendo seus lábios e a levantei, suas pernas vieram rápidas em volta do meu quadril. A pressionei contra a cruz. Não parei de beijá-la e puxei seus braços para os prendedores nas extremidades da parte superior. Gemeu na minha boca quando o clique das travas foi ouvido. Deixei suas pernas escorregarem até o

chão. As espalhou obedientemente. Sorrio perverso. — não vou prender seus tornozelos, escrava. Tenho planos melhores. — murmurei em seu ouvido e puxei o lóbulo entre os dentes. Solto um gemido necessitado. — eu vou cuidar de você. — minha boca desceu pelo queixo. Puxei mais seus cabelos e corri a língua lentamente pelo pescoço alvo. Estremeceu, o corpo esbelto sendo tomado por espasmos. Logo abocanhei um seio e ela gritou descontrolada. Minha mão desceu numa palmada dura em seu traseiro. — não emita nenhum som, entendeu? Ou não vou deixar você gozar. — choramingou. Dei outro tapa. — entendeu, escrava? Vai ficar calada e quieta enquanto brinco com seu corpo! — assentiu, seu rosto se contorcendo quando puxei o mamilo entre os dentes. Enchi a mão no outro seio e o apalpei, rolei o mamilo, dei um puxão forte. Meus olhos nunca deixaram seu rosto. Ela mordida os lábios agora. O rosto rosado do esforço para conter os gemidos. Juntei os dois e lambi lentamente as auréolas. Tentou juntar as coxas, mas introduzi uma perna entre as dela bruscamente e continuei me banquetando em seus peitos suculentos. Desci pelo ventre reto. Mordi,

lambi, chupei não me importando em deixá-la marcada. Sorrio lascivamente quando me ajoelhei e fiquei de frente com sua boceta. Líquidos escorriam entre as coxas, os pelos ruivos brilhando obscenamente. Porra! Enfiei o nariz em sua vulva e inalei o cheiro embriagador. Ela tremia. Estava por um fio, sua postura tensa dizia isso. Lambi lentamente seu clitóris e depois o chupei bem duro. Ela convulsionou, as narinas dilatando, sua boca abriu levemente e ela gozou. Os olhos azuis vítreos, lindos. Não fez nenhum som como ordenei. Isso me fez faminto, caí de boca e mamei, bebendo seu creme, comendo sua bocetinha linda como tinha feito no meu pau. Joguei uma perna por cima do meu ombro e abri os lábios inchados. Enfiei a língua em sua vulva e rodei lá dentro. Arfou quase imperceptível. Estava nos últimos espasmos, mas já estava se excitando outra vez. Perfeita para mim. Levei seu creme para o rabinho e meti dois dedos. Relaxou, me deixando rasgá-la. Voltei a fodê-la com a língua enquanto comia seu cuzinho com os dedos. Não demorou muito estava ofegando, seu canal sendo lubrificando. Mais uma vez pronta para mim. Dei uma palmada forte na nádega

direita e coloquei sua perna no chão. Me levantei. — você é a coisa mais linda a gostosa que já vi, escrava. — seus olhos brilharam com minhas palavras. — vou comer sua boceta bem duro. Meter tão forte que será carregada de volta para casa. — sorrio perverso, quando mordeu os lábios para não gemer. — está liberada para gemer, gritar, chorar no meu pau, porque não vou ter dó de você, putinha. — rosnei e um choramingo saiu da sua boca finalmente. Cavei as mãos em sua bunda e a levantei. Ela quis envolver meus quadris, mas meneei a cabeça. Firmei seu torso na cruz e dobrei seus joelhos até os peitos. Me abaixei, alinhando-me em sua vulva. Busquei seus olhos e os prendi. Ofegou, linda e expectante. Meti num só golpe, rasgando-a até o fundo. Gritamos. Porra! Nessa posição meu pau se alojava em seu útero. Quase gozei com seu canal escaldante e apertado.

— Ahhh! Jay... Deus! — choramingou, completamente empalada. Nossas pélvis coladas. Não havia um centímetro para fora. Puxei tudo e bati de volta. Rosnamos enlouquecidos. — ohh! Amor! Assim é tão... Tão gostoso... — miou e passei a comer sua bocetinha como se

o mundo fosse acabar. Fodi seu buraquinho apertado duramente. Meu lindo anjo tomou meu pau sem reclamar. Me deixou esbaldar-me em sua boceta pelo tempo que eu quis como a boa submissa que é. Nossas bocas respiravam uma na outra, enquanto metia em seu corpo com violência. — Ohhh! Jay... Amor! Eu vou... Ahh! Ahhhhhhhhhhhhh! — gritou alto. Ela com certeza compensou o primeiro orgasmo mudo.

— Isso, minha putinha linda! Goze bem gostoso, amor! Goze, meu anjo... — balbuciei, meu corpo já sendo tomado pela sensação incomparável que é gozar dentro dela. Seu canal me estrangulou e foi o meu fim. — ahhhh! Porraaaaaa! — meti com tudo e gozei, ganindo, esporrando em sua quentura. Deixei suas pernas escorregarem, mas continuei comendo-a até abrandar os tremores em nossos corpos. Minhas mãos foram para seu pescoço e se fecharam. Tomei sua boca num beijo saciado, reverente. Moí nela lentamente e continuamos nos beijando. Gemeu quando sentiu minhas mãos livrando-a das contenções da cruz. Seu corpo desabou no meu. Segurei firmei o seu corpo, saindo dele com cuidado

e a levantei nos braços. Suspirou quando a coloquei na cama suavemente. Sorrio. Ela estava acabada.

— Cansada, escrava? — ronronou quando me deitei atrás dela, deixando-a senti meu pau semiereto entre suas nádegas. — porque eu ainda não acabei com você. Só vai descansar quando eu gozar em rabo apertado. — miou. Mas o som era desejoso também. Não me canso de repetir: ela foi feita para mim. A virei de costas na cama e subi em seu corpo. Adoro seu corpo macio e delicado embaixo de mim. Minhas mãos seguraram seu rosto em cada lado. Nossos olhares travaram.

— Eu te amo, amor. — sussurrou, suas mãos passeando pelo meu peito e ombros. Gemi com seu toque. Amo suas mãos em mim.

— Também te amo, anjo. — murmurei e nossas bocas se buscaram num beijo lento, gostoso. Nos excitamos devagar, exploramos o corpo do outro e quando estávamos rosnando como animais no cio a coloquei de quatro e me afundei em seu rabo. — Caralho de cu mais perfeito, escrava! Morro para foder esse rabo, sabia? Sou

viciado nele, porra! — espanquei sua bunda e a fodi como se não tivesse gozado duas vezes na noite. — toma tudo, minha putinha deliciosa! Vem, rebola... Isso, rebola esse cuzinho gostoso do caralho no meu pau! — ela rebolava, encontrando-me a cada estocada bruta, deixando-me comer seu rabo do jeito que sabe que preciso. Do jeito que ela também precisa. — se toque, Cassie! Se toque, amor! Ah! Porra! Não vou durar... — rosnei e levei as mãos para seu pescoço. Apertei apenas o suficiente para excitá-la mais. Choraminguou, se tocando e acelerei os golpes. Eram brutais agora. Minha pélvis se chocando com sua bunda. Levantei uma perna por cima do seu quadril, montando-a literalmente e a comi sem piedade, entrando muito fundo nessa posição. Ela gritou e estremeceu, soluços tomaram seu corpo e isso foi a minha perdição. Ela chora no meu pau. É a coisa mais sexy que já vi na minha vida, caralho! — oh! Merda! Vou gozar, amor! Que gostoso... Cristo! Eu te amo, amor! Amo você, porra! — gritei fora de mim, esporrando sem controle em seu buraquinho quente. Caímos no colchão, nossos corpos vibrando juntos. Meus lábios espalharam beijos por seus

ombros e costas, enquanto ainda metia nela com força. Estava toda mole, ofegante embaixo de mim. Dominada. Completamente dominada.

— Eu também te amo, amor. — sua voz foi fraca, abafada. Sorrio, saindo dela devagar. Gememos vergonhosamente com a perda de contato. A puxei e ela se enroscou em mim como uma gatinha saciada. Acabamos caindo no sono. Acordei com o celular tocando. Era Isaac informando que nosso jantar já havia sido enviado para cá. Me levantei com cuidado para não acordá-la. Amo olhá-la assim adormecida, cansada da minha posse. Meus olhos deslizaram sem pressa por toda ela. Linda demais. Uma mensagem chegou e abri. Era de um número desconhecido. *Você se acha muito esperto não é? Dê uma boa olhada à sua volta e vai descobrir que não passa de um grande otário, alteza.* Franzi o cenho. Que merda é essa? Outra chegou do mesmo número essa realmente assustou a merda fora de mim. *Mark Springs está morto. Eu não gostaria de estar na sua pele agora. Você foi muito estúpido de ameaçá-lo publicamente.*

CAPÍTULO QUINZE

Jayden

Olhei a vista do Rio Tâmisa através das paredes de vidro do meu escritório. As embarcações deslizavam suavemente pelas águas. Eu estava intrigado desde ontem à noite quando recebi duas mensagens muito estranhas. A última dizia que Mark Springs estava morto, mas era mentira. Rodei por todos os jornais virtuais depois que as recebi e não havia nada sobre a morte do asqueroso. Tentei ligar para o número das mensagens e só dava número inexistente. Eu não comentei nada com Cassie. Não quero preocupá-la. Quero acreditar que tudo não passou de uma brincadeira de muito mau gosto. A porta se abriu e virei para ver Carl que acabava de entrar.

— Ei, parceiro. — franziu o cenho me analisando. — há algo errado?

— Não, por que a pergunta? — usei um tom neutro. Eu e Carl não somos muito de trocar confidências. Nos respeitamos. Somos amigos, mas nunca tivemos uma

relação fraternal. Sei a diferença porque tenho isso agora com meus irmãos.

— Parece preocupado. — disse, sentando-se numa das cadeiras à frente da minha mesa.

— Não é nada em especial. — falei lacônico e me sentei também.

— O jantar de sábado ainda está de pé? Tenho uma acompanhante. — disse abrindo um meio sorriso misterioso.

— Sim, claro, eu e Cassie receberemos alguns poucos amigos e parceiros de negócios. Apenas para apresentá-la oficialmente a Londres como minha esposa. — franzi o cenho de repente. Carl não é muito de sair com mulheres. Ele joga com elas e é só isso. Raramente é visto em ambiente social acompanhado. — quem é sua acompanhante?

— Ela chegou há dois dias à cidade. É linda, gostosa e aprecia um sexo duro. — abriu um riso perverso.

— Uau! — assoviei. — isso foi rápido, parceiro. — sorrimos os dois. Se há algo com que nos identificamos é

a dominação. No entanto, Carl é um sádico assumido. Ele se diverte machucando suas submissas. Eu não aprecio dor sem prazer. Para mim o prazer tem que ser mútuo. Já tive que livrá-lo de várias situações complicadas. Ele machucou feio duas delas há três anos e foi processado. Foi um escândalo para a empresa na época. O alertei que não toleraria mais esse tipo de comportamento abusivo e ele tem se comportado desde então.

— Como está indo o projeto do Fogs? — mudei de assunto.

— Muito bem. Cassie é perfeita. — disse, os olhos cinza brilhando de entusiasmo.

— Fico satisfeito que estejam se dando bem. — falei. — ela é minha mulher agora, Carl. É a mulher que amo mais que tudo nesse mundo. É importante para mim que seja tratada bem aqui na empresa e, principalmente por você. — ele pareceu um tanto desconfortável com minhas palavras, mas aquiesceu.

— Fique tranquilo, irmão. Estamos nos dando bem. Cassie é adorável. — disse, os olhos cinza flamejando

com algo que não identifiquei bem. — é fácil entender porque é tão louco por ela.

Abri um riso orgulhoso, arrogante e apaixonado.

— Sou completamente louco por ela. — assenti. — e ela também é por mim. Passamos dois anos separados por uma armação, parceiro. Agora vou fazer tudo para mantê-la feliz. Nada vai nos separar dessa vez. Nada. — garanti. Ele pareceu desconfortável novamente. Carl não é de falar de sentimentos. Isso o entedia. Sorrio mais amplamente da sua situação. — um dia vai encontrar uma mulher, Carl. E vai querer fazer tudo por ela. — os olhos cinza se fixaram em mim e de novo algo brilhou no fundo da íris.

— Eu já encontrei, irmão. — disse num tom baixo, contido. Franzí o cenho.

— Mesmo? É essa com quem vai no jantar? — indaguei.

— Não! Claro que não. — negou veementemente, parecendo irritado de repente. — essa é só uma foda gostosa. Ainda estou trabalhando para ter a mulher que quero. E está certo numa coisa, parceiro. Vou fazer tudo,

absolutamente tudo para tê-la. — seu tom foi um tanto brusco no final.

— Uh! Boa sorte com isso. — falei levantando as mãos, meu tom provocador. Ele abriu um riso também. — vou almoçar com Cassie. Quer ir conosco?

— Hum, foi isso que vim dizer. Cassie foi almoçar com o Fogs. — informou e a forma como disse isso me deixou em alerta. — sei que haviam combinado, mas o maldito egocêntrico exigiu que ela almoçasse com ele. Parece que quer sugerir umas alterações no projeto interno. Ela tentou avisar, mas você estava em reunião.

— Certo. — disse, minha alegria murchando. — Obrigado por me avisar. — meu celular vibrou e o peguei em cima da mesa. O havia deixado aqui antes da reunião e ainda não tinha checado quando retornei há uns vinte minutos. Meu peito se encheu de novo ao abrir a mensagem de Cassie.

Cassie: Oi, grandão. Nosso almoço vai ficar para amanhã, amor. O louco do Fogs solicitou almoçar comigo para sugerir algumas coisas no meu projeto.

Tive que aceitar porque meu marido é chefe, que por acaso é um engenheiro brilhante, lindo, gostoso, fodão, está contando comigo para o trabalho. Quero ser perfeita para ele. Vou sentir saudades. Eu te amo, amor. Muito, muito, muito, muito... Bjos.

Meu coração cantarolou, um sorriso enorme e bobo se abriu no meu rosto. Levantei o celular para Carl que franzia o cenho.

— Ela acabou de me avisar. — disse já digitando um texto em resposta.

Jay: *Oi, meu lindo anjo. Seu marido, o tal engenheiro fodão, acha você perfeita. De todas as formas, amor... Linda, talentosa e gostosa pra caralho! Vou contar as horas para ter sua bocetinha quente e apertada cavalgando bem gostoso no meu pau. Quando voltar venha direto para minha sala. Vou te foder sem sentido a tarde toda. Já estou com saudades. Eu te amo também. Loucamente. Bjos.*

Meu riso era sacana quando enviei. Ela vai ficar louquinha quando ler isso. Não demorou muito chegou

outra. Abri imediatamente. Ah! Porra! Eu pareço um adolescente. Levantei a vista para Carl e ele ficou de pé.

— Eu vou almoçar. Você vem? — disse um tanto seco. Assenti e peguei meu terno. Saímos da sala. Li a mensagem quando entramos no elevador.

***Cassie:** Você é tão malvado, amor. Não pode deixar minha vagina gotejando, palpitando por você quando ainda vai demorar mais de duas horas para que eu esteja cavalgando bem gostoso no seu pau, sentindo sua boca quente chupando meus seios, bem duro...*

Porra! Meus olhos esbugalharam. A safadinha estava me pagando na mesma moeda. Mais do que depressa digitei outro.

***Jay:** Rsss. Estou duro pra caralho, agora, minha escrava gostosa. Se você estivesse aqui, ordenaria que lambesse meu abdome todinho e depois mamasse no meu pau com essa boquinha de puta safada que você tem...*

Carl bufou quando ri alto ao enviar a mensagem. Foda-se ele! Outra chegou. Rosnei sem me importar com as outras pessoas no elevador quando li.

Cassie: *Humm, que delícia, amor. Amo lamber e chupar meu dono... Minha calcinha alagou só de pensar que vou engolir cada gota de seu sêmen, meu senhor...*

Provocadora do caralho! A merda do pacote completo. Cristo! Sou insanamente apaixonado por essa mulher. Meu pau doeu se contorcendo nas calças. Ainda ia demorar duas horas para ter minha mulher! Porra! Era muito tempo. Mandeí outro.

Jay: *Porra! Meu pau está furioso para comer você, escrava. Não posso esperar duas horas... Qual é o restaurante em que estão almoçando?*

Cassie: *Jay... Amor, o que vai fazer?*

Sorrio perversamente quando detectei o receio, a expectativa e a excitação em suas palavras.

Jay: *Nada demais. Só quero comer minha putinha como havia planejado. Me recuso a ficar sem minha sobremesa favorita... Diga-me, amor. Onde estão? Vou até aí num segundo...*

Cassie: *Rsss, seu louco. Estamos aqui perto da*

King's. É um restaurante brasileiro há dois quarteirões para o norte. Já o mostrei a você.

Jay: *Sei qual é, anjo. Me aguarde, amor...*

Guardei o aparelho no bolso antes de entrarmos na limusine na frente do prédio. Carl estava claramente mal-humorado. Caralho! O que há com ele? Já desisti de tentar entender as esquisitices dele há muito tempo, então dei de ombros e voltei meus pensamentos para minha mulher. Minha linda e deliciosa mulher. Não demorou muito estacionávamos na frente do charmoso restaurante com uma fachada em verde a amarelo. O *maître* nos encaminhou para o terraço amplo que dava para o Rio Tâmisa. Uma vista magnífica! Então meus olhos pousaram nela e a vista perdeu toda a beleza. Estava linda, no vestido azul marinho comportado, mas sexy pra caralho que a ajudei a fechar o zíper nessa manhã. Ela mostrava algo nos papéis sobre a mesa, mas Fogs estava com os olhos cravados nela, parecendo pouco interessado no que dizia. Franzi o cenho com a expressão de luxúria e cobiça nas feições do idiota. Eu sabia que era um mulherengo

descarado, mas não pensei nisso quando designei Cassie para o projeto. Tudo que vislumbrei foi a chance de mostrar todo o seu talento e ser reconhecida por isso. Era um projeto milionário e ela era perfeita para o trabalho. No entanto, comecei a me chutar mentalmente por permitir minha mulher ser alvo do maldito jogador, porque o olhar que via no rosto dele agora me fez cerrar os punhos. Avancei por entre as mesas na direção deles, uma ira tomando meu corpo. Quem esse babaca pensa que é para olhá-la desse jeito?

— Jay, o que vai fazer? — a voz apreensiva de Carl soou bem do meu lado. — ele é um cliente importante...

— Ele pode ser o príncipe da Inglaterra, está vendo o olhar dele para minha mulher? — rosnei. — vai engolir a porra daquele sorriso fabricado agora! — completei e Carl fez um som de desagrado com a garganta. Paramos em frente à mesa e o imbecil finalmente tirou os olhos de cima da minha mulher. Seu rosto empalideceu na hora pela surpresa em me ver. Voltou devagar à sua posição na cadeira, pois esteve debruçado, babando em Cassie. Filho

da puta!

— Sr. King. — disse num tom apertado. Cassie levantou a vista dos papéis e os olhos azuis se alargaram um pouco ao ver meu semblante irado.

— Oi, meu anjo. — suavizei meu tom, tentando tranquilizá-la. Ela obviamente estava alheia ao olhar cheio de segundas intenções do seu cliente. — resolvi me juntar a vocês. Quero ver as sugestões de mudança do Sr. Fogs. — meus olhos o buscaram de novo. Ele já havia recuperado um pouco da cor. — fiquei curioso. O projeto é perfeito.

— Sentem-se, por favor. — ele convidou apertando um pouco os lábios. Carl o cumprimentou e sentou-se na cadeira do lado oposto da mesa. Continuei de pé, pois o imbecil estava ocupando a cadeira ao lado de Cassie e parecia bem confortável lá.

— Espero que não se importe, mas esse lugar é meu. — falei, num tom contido, mas minha raiva ainda fervia por dentro. Ele se empertigou um pouco, então se levantou e veio juntar-se à Carl. A cadeira estava muito próxima de

Cassie. Eu estava muito puto com esse imbecil conquistador e estava bem claro que esse almoço não tinha nada a ver com negócios, pelo menos não para ele. Acomodei-me na cadeira vazia e me aproximei da minha mulher que tinha um brilho excitado nos olhos azuis. Ela gostou de me ver com ciúmes, a danadinha. Abri um meio sorriso e a beijei suavemente nos lábios. Arfou levemente. — está tudo bem, amor? — sussurrei em sua boca. Assentiu enrubescendo um pouco com meu concurso de mijadas. — então, quais são as sugestões, Fogs? — assumi um tom profissional voltando a encará-lo.

— Eu, hum, sugeri uma piscina na suíte principal e... — o idiota pomposo pôs-se a falar. Meus olhos não o deixaram nenhum segundo, analisando, intimidando, mandando um recado claro que estaria atento a ele de agora em diante. Era um sujeito bem apanhado. Certo, as mulheres devem achá-lo atraente. Era alto, forte, loiro de olhos verdes e um sorriso branco demais para o meu gosto. Seu dentista deve ter errado um tom ou dois no clareamento. Ironizei-o. Sujeitinho ridículo.

— Entendo. Você não deveria estar concentrado junto com os outros jogadores para o jogo de domingo? — mandei na lata e ele tomou um gole do seu vinho calmamente.

— É uma das vantagens de ser o astro do time, Sr. King. — deu-me um riso arrogante, seus dentes quase me cegando. Arg!

— Deve ser por isso que seu desempenho tem caído bastante nessa temporada, não é? — falei, meu tom jocoso. — aquele gol que perdeu embaixo das traves no último jogo foi humilhante, parceiro. — ele se ajeitou no assento, desconfortável agora. Ótimo! — vou ser sincero, até meus gêmeos de um ano e cinco meses fariam aquele gol. — Carl lutou para segurar o riso e Cassie fez som de engasgo ao tomar sua água.

— É só uma má fase, vai passar logo. — Fogs disse, apertando o maxilar.

— Ou talvez não. — falei adorando ver o desconforto do babaca. — o futebol é um meio muito concorrido, Fogs, não basta só o talento natural. É uma profissão. —

eu tinha sua atenção total agora. — e como em qualquer outro ramo é preciso dedicação, aperfeiçoamento, coisa que percebo, vem negligenciando em nome das farras e mulheres. — empertigou-se e ergueu o queixo em claro desafio.

— Acho que isso não é da sua conta, Sr. King. — disse entre dentes.

— Aí é que se engana, parceiro. Sou torcedor. — fez um som de desdém. — desculpe, deixe-me ser mais específico. Não um simples torcedor. Detenho ações do time. Vou doar uma reforma no *Old Trafford*[\[114\]](#) e fico realmente triste quando vejo aspirantes a astros que pensam serem maiores que toda a história do *Manchester*. — sua boca fez um “o” e ele permaneceu calado. — há outra coisa que me incomoda em você. — Cassie tocou meu braço porque já pressentia o que viria a seguir. — está vendo essa mulher linda e talentosa aqui? — os olhos dele a buscaram, mas se desviaram rapidamente para mim. — ela é minha. O que pensou que conseguiria com essa tentativa ridícula de assediá-la? Porque tudo que

disse aqui poderia ser informado por telefone. — ele ficou pálido e tomou mais um pouco de vinho. Um silêncio tenso surgiu na mesa. — de agora em diante eu ou Carl a acompanhará ao local da obra. O projeto é perfeito, mas podemos fazer as adequações que sugerir. Primamos pela satisfação do cliente. Está de acordo com as novas regras? — ele torceu os lábios. — é claro que sempre pode procurar outra empresa. — completei.

— Não é necessário tanto alarde, Sr. King. Vou continuar com sua empresa. — falou ansioso. — não há outra melhor e o senhor bem sabe disso. Eu gosto do melhor. — acrescentou. Estreitei meus olhos nele. Covarde. Bufeí.

— Ótimo. Também gosto do melhor. — entrelacei meus dedos nos de Cassie e depus um beijo suave no dorso de sua mão, prendendo o olhar do babaca e acrescentei: — não tente novamente dar uma de Dom Juan para cima da minha mulher e não terá com que se preocupar.

Cassandra

Putá que pariu! Jay simplesmente passou por cima do

jogador idiota como um trator. Minha calcinha estava empapada de excitação. Adorei ver meu príncipe fodão todo ciumento e possessivo. O almoço transcorreu num clima tenso, mas sua mão grande e calejada deslizava suavemente pela minha coxa, ameaçando ir para a minha virilha, parando sempre muito perto. Apertei sua mão entre as coxas em alguns momentos e sua cabeça virava na minha direção com aquele olhar e meio sorriso perversos, safados que tanto amo. Puta merda! Eu estava a ponto de puxá-lo para o banheiro feminino. Foi uma tortura. Fiquei o tempo todo esperando, ansiando que fizesse alguma coisa, mas ele não fez nada. Algo na expressão dele me dizia que estava me punindo por ter escondido que Fogs estava me assediando. Voltamos para a empresa na limusine. Carl voltou conosco. Parecia incomodado quando Jay entrelaçou nossas mãos e me puxou quase me fazendo sentar em seu colo. Apoiei minha cabeça no peito largo sentindo seu cheiro delicioso. Sua mão passeava preguiçosa pela lateral do meu corpo, parando bem abaixo do seio direito. Quase gemi, prendendo o fôlego. Beijou meus cabelos e senti seu hálito quente, sua

respiração um tanto pesada. Ele estava excitado também.

— Então, vamos dar uma olhada nas melhorias que o Fogs sugeriu? — Carl quis saber quando saímos do elevador no andar onde ficavam nossas salas. Jay manteve o agarre na minha cintura.

— Ela vem comigo. Temos algo a discutir. — disse, num tom duro já me puxando rumo a sua sala. Carl apertou o maxilar e assentiu virando no corredor rapidamente.

— Jay... Amor... — falei, apreensiva quando entramos e ele pisou duro até a parede de vidro dando-me as costas.

— Por que não me contou, Cassie? — seu tom foi seco, frio. — essa não foi a primeira vez que aquele babaca assediou você, foi? — olhou-me por cima do ombro. Andei cautelosamente até ele. O enlacei pela cintura. Seu corpo ficou tenso. Depositei beijos suaves em suas costas amplas. Estremeceu e suspirou.

— Não, não foi a primeira vez, amor. — revelei. Se empertigou de novo. — não contei porque não quero ser vista na empresa como aquela que sempre vai correr para

o chefe reclamando das coisas. Não quero ter regalias porque sou a sua mulher. Você confiou em mim para o trabalho e eu quero merecer sua confiança. Quero ser perfeita para você. — sussurrei. Ele soltou um palavrão e virou-se para mim.

— De onde tirou a ideia de que não é perfeita para mim? — murmurou, seus braços me rodeando a cintura, me puxando para ele. — você é a coisa mais linda e perfeita que já vi, meu anjo. — seu tom ainda um tanto duro apesar das palavras carinhosas. — você não vai mais esconder algo assim de novo, entendeu? — levou uma mão para meu queixo me fazendo encará-lo mais de perto. — aquele idiota ia continuar assediando você, querendo o que é meu se eu não tivesse ido até lá hoje. — os olhos negros tinham um brilho feroz agora. — eu não suporto ver outro homem olhando você da forma que ele olhava quando cheguei. Você é minha. Só minha. Diga! Diga que é só minha! — puta merda! Ele estava realmente chateado.

— É claro que sou sua, amor. Só sua. Sempre sua. —

murmurei em sua boca. Seu olhar correu por todo o meu rosto como que procurando comprovar minhas palavras.

— Tire a roupa. — sua voz foi grossa, rouca, dura e ele me largou, indo sentar-se no amplo estofado, cruzou as pernas e abriu os braços no encosto do sofá. Sua postura dominadora como um sultão diante de sua escrava. Os olhos negros flamejando, perversos em mim. Levei as mãos às costas e desci o zíper do vestido bem devagar. Logo o tecido escorregava pelo meu corpo, fazendo um amontoado nos meus pés. Saí do círculo e comecei a andar em sua direção. — tudo. Tire tudo. — ordenou baixinho, seus olhos nunca me deixando. Abri o fecho frontal do sutiã e meus seios saltaram livres. A íris escura incendiou vendo meus mamilos eriçados, implorando por sua boca. Arquejei. Seus lábios se curvaram num riso malvado, sexy. Enganchei meus dedos na calcinha e a desci pelas coxas. Minhas pernas trêmulas nos meus sapatos de salto alto. Joguei a calcinha no chão e voltei a andar. — não. — disse sucinto e estaquei. — em suas mãos e joelhos, escrava. — gemi com seu tom e meus líquidos escorreram pelas minhas coxas. Ele fixou o olhar

na minha vagina vendo a minha excitação escorrendo e riu daquele jeito perverso. Abaixei-me como mandou. Rosnou e livrou-se do terno, afrouxando a gravata. — venha rastejando para mim, escrava. — miei e fui me arrastando pelo tapete macio até ele. Parei na posição submissa aos seus pés. — olhe para mim, Cassie. — levantei meus olhos. — a quem você pertence, escrava? — inquiriu, abrindo os botões da camisa branca bem devagar. Lambi os lábios quando seu peito e abdome ficaram desnudos. — responda, porra!

— A você, senhor. — sussurrei, ofegante. — pertenço a você. — riu amplamente. Os dentes brancos destacando no rosto moreno. A barba por fazer dando um ar insolente, arrogante e dominador que me enlouquece. Abriu o cinto e desceu o zíper das calças junto com a cueca. Seu pau saltou orgulhoso, longo, grosso, duro, lindo. Lambi os lábios de novo.

— Boa menina, mas você me desagradou hoje. — disse no tom duro outra vez. — não vai gozar. Vou te comer a tarde toda, encher você da minha porra e não terá

permissão para gozar. — puta que pariu! Não!

— Jay... Amor... — lamentei.

— Vem, me chupa. — ordenou, segurando seu pau pela base. Avancei para ele, ficando de joelhos. Minhas mãos passearam pelo seu peito, esfomeadas. Gemeu, estremecendo com meu toque. Cobri seu peito de beijos e lambidas. Grunhiu quando fui descendo pelo abdome rijo, definido. Mais líquidos jorraram da minha vagina. Gemi, enlouquecida por esse homem lindo, gostoso, meu dominador. Suas mãos encheram nos meus seios. Gritei quando puxou os mamilos. Eu já estava pronta para gozar, puta merda! Isso vai ser difícil. Lambi a tatuagem próxima da pélvis e abocanhei a cabeça gorda do seu pau. — oh! Porra! Que delícia, minha putinha linda... — rugiu, levantando o quadril do assento. Estocou fundo, esticando meus lábios, se alojando na minha garganta. Ofeguei porque ele é muito grande e espesso. Babei no seu pau e comecei a sugá-lo com fome. Suas mãos continuaram amassando meus seios, dando beliscões suaves na carne e nos mamilos. — isso, minha escrava... Mama bem gostoso

no seu dono... Caralho! Que boquinha deliciosa...— rosnou, e enfiou as mãos nos meus cabelos num agarre dolorido. Passou a foder minha boca com golpes fortes. Lágrimas caíam pelas minhas faces, mas eu não me importava. Eu só queria agradá-lo. — para! Para, porra! — puxou da minha boca, soltando mais palavrões. — não quero gozar agora. Sente-se no sofá e abra bem as pernas. — obedeci prontamente. — segure as pernas junto aos peitos. — grunhiu, ficando de joelhos entre minhas coxas. — isso... Porra de visão linda! Sua bocetinha toda arreganhada para tomar meu pau. — rosnou esfregando a ponta avantajada entre meus lábios e clitóris.

— Amor... — choraminguei. Ele sabia o que eu queria.

— O que é, minha putinha gostosa? — abriu um riso sacana, massageando meu clitóris, numa tortura requintada. — será que você quer gozar no meu pau? Hum?

— Oh! Sim, amor... Por favor... — implorei vergonhosamente.

— Você escondeu coisas de mim, Cassie. — rosnou e

meteu com força, violentando minha vulva. Gritei, ensandecida com a dor e o prazer de ser completamente preenchida por ele. — Oh, porra! Que bocetinha mais perfeita! — puxou tudo e bateu de volta numa estocada brutal que tirou meu ar. Suas mãos se fecharam em meu pescoço e me puxou para tomar suas punhaladas duras. Seu olhar feroz no meu rosto, me ordenando silenciosamente para não gozar. — toma tudo, porra! Toma meu pau até as bolas nessa bocetinha ruiva e linda! Era isso que aquele idiota pomposo queria, Cassie. — rosnou me comendo furiosamente. — ele queria o que é meu. Nenhum filho da puta vai comer essa boceta! Só eu, porra! — ele parecia fora de si. Cristo! Me fodeu grunhindo, rosnando como um animal selvagem. Minhas pernas doíam pela posição, meus braços dormentes de segurá-las.

— Oh! Meu Deus! — gemi alto. Meu corpo sendo tomado pela sensação pré-orgasmo. Meu ventre incendiando, enquanto metia em mim, incansavelmente. — Jay... Eu sou sua, amor. Só sua. — choraminguei. — ninguém vai me ter, só você, amor. Só você. — seus olhos

suavizaram e ele gemeu, satisfeito com minhas palavras. — eu te amo tanto, amor. — arquejei e não consegui segurar mais. Lágrimas pularam dos meus olhos e eu gozei, convulsionando em espasmos incontrolláveis. Seu corpo estremeceu também e logo estava uivando:

— Eu também te amo, anjo. Eu te amo mais que tudo, porra! Ahhhhhhhhhh! — me rasgou bruscamente e gozou, me enchendo com jatos e jatos de esperma quente. Caiu por cima de mim, nos ajustando no sofá. Deitei-me completamente, minhas pernas escorregando para os lados. Ele ainda estocando com força, derramando até a última gota dentro de mim, minha vagina palpitando em torno dele. O abracei. Seus braços vieram em cada lado do meu rosto, suas mãos enfiaram nos meus cabelos e nossas bocas ofegaram uma na outra antes de seus lábios esmagarem os meus. Era um beijo de posse. O deixei saquear minha boca como continuava a fazer na minha vagina. Me comeu assim por muito tempo. Ainda estava duro. Minha vulva já ardente.

— Jay, amor... — consegui, falar, lutando por ar.

Cristo! Ele estava me assustando. Parou os movimentos e seus olhos se abriram, fitando-me como se estivesse saindo de um transe. Tive um vislumbre da noite em que me fodeu enfurecido e me mandou embora. Puta merda! Ele realmente não sabia lidar com a raiva. — o que você está tentando provar, me fodendo como um louco? — quis saber, meu tom levemente divertido. Seus olhos alargaram um pouco e ele gemeu enterrando o rosto no meu pescoço. Seus lábios quentes foram espalhando beijos suaves, descendo pela clavícula. Senti a tensão abandonando seu corpo. Ufa!

— Eu machuquei você, anjo? — levantou a cabeça e nossos olhares travaram, o arrependimento tomando a íris escura. — eu não lido bem com a raiva, amor. — sussurrou encabulado, vulnerável, até. — eu odiei a forma como aquele imbecil estava cobiçando você. Odiei que tenha me escondido isso. — suspirou ruidosamente. — eu não quero você perto dele de novo. — enterrei meus dedos em seus cabelos, massageando sua nuca suavemente.

— Eu errei, amor. Sinto muito por isso. — disse baixinho. — eu amo você. Muito, muito, muito... Pensei que soubesse disso. — seu semblante relaxou completamente.

— Eu sou tão idiota, meu anjo. — murmurou, seus dedos deslizando suavemente pelas minhas faces.

— Idiota e ciumento. — sorrio. Ele abriu um pequeno sorriso também. Beijou as sardas do meu nariz. Ele adora fazer isso. Ronronei. Também adoro quando faz isso.

— Olha só quem fala... — mordeu meu queixo. — não foi você quem ameaçou arrancar os olhos de alguém muito recentemente? — provocou puxando minha perna direita para sua cintura e girou o quadril lentamente, seu pau ainda duro e latejando dentro de mim. Gemi.

— Os olhos da vadia e suas bolas, se não me engano. — sussurrei. Ele abriu aquele riso sem vergonha, arrogante, sexy, tão familiar. A tensão se foi completamente. Meu Jay estava de volta. — não ria. Eu falei sério. Isso vale para qualquer vadia que olhar para você.

— Eu te amo, amor. — murmurou, lambendo meu pescoço daquele jeito lento e safado dele.

— E eu a você, meu grandão. — ofeguei, quando abocanhou um seio. Sua risada pingando sacanagem me fez arrepiar e estremecer de prazer.

— Vou fazer amor com minha mulherzinha linda agora. — murmurou e sua boca voltou para a minha. Nossos olhares se fixaram e sorrimos cúmplices antes de nos beijarmos lenta, gostosa e apaixonadamente. Eu amo tanto esse homem. Recomeçamos tudo... Amamo-nos a tarde quase toda. A última vez foi no amplo banheiro da sua sala. Jay me dobrou sobre a pia e comeu meu ânus com golpes fundos, bruscos, deliciosos do jeito que nós dois gostamos. Estava tremendo quando me deu uma pausa. Deu-me banho rapidamente e se banhou também. Recompomo-nos para voltar ao trabalho. Qual foi a minha surpresa ao entrar na minha sala pela porta de comunicação e dar de cara com Carl acomodado num dos estofados. Seus olhos correram por mim e inflamaram, certamente reconhecendo o que estive fazendo com Jay a

tarde toda. Avancei devagar. Ele me deixa desconfortável. Não consigo confiar nele. Há algo sinistro em torno dele.

— Carl? — franzi o cenho. — o que faz aqui? Não me lembro de ter marcado um horário com você. — meu tom foi um tanto seco. Ele abriu um riso que não alcançou os olhos e levantou-se vindo até mim. Ele parecia irritado com algo.

— Não, não marcamos nada. Eu acabei de chegar. — disse, seu olhar examinando-me minuciosamente. Suas narinas dilataram quando chegou perto. Perto demais até. Recuei um pouco. — só quero que saiba que pode contar comigo para as adequações no projeto. Quando quiser podemos começar. — estreitei meus olhos nele.

— Obrigada, mas quero fazer isso sozinha. Jay confia em mim para isso. — ele apertou o maxilar, mas acenou levemente com a cabeça. — ele confia em você também como amigo e sócio. — espero que ele pegue a indireta e pare com essa coisa estranha de ficar me rondando e secando com esses olhos cinza inquietantes.

— A recíproca é verdadeira, Cassie. Jay é como um

irmão para mim. — disse abrindo um riso simpático. Foi a minha vez de assentir. — estarei à disposição se precisar. Quero que saiba disso. Sei que é talentosa, afinal eu selecionei seu currículo para o estágio. — como? Isso é informação nova. Pisquei confusa. — sim, eu quis você desde o início, Cassie. — emendou ao ver minha confusão: — digo, para o estágio. Era a mais brilhante entre os candidatos.

— Eu, hum, obrigada. — balbuciei ainda tentando processar suas palavras. Ele acenou mais uma vez e se afastou rumo à porta. — Ah, e Carl? — ele virou-se rapidamente, os olhos cinza em expectativa. — eu agradeceria se parasse de me olhar assim. — sua boca se curvou num riso charmoso, enigmático e ele andou de volta, devagar, parando muito próximo, invadindo meu espaço pessoal.

— Assim como, Cassie? — seu tom foi baixo, sedutor. Ele é um homem muito bonito, não vou negar, mas meu corpo não reage à sua beleza. Seu assédio velado está me incomodando.

— Com desejo. — disse com firmeza, dando dois passos para trás. Isso vai acabar agora. — amo meu marido. Jay é o homem da minha vida. Sempre foi e sempre será. — ele inalou o ar bruscamente. Mas sorriu conciliador.

— Tudo que tenho feito é tratá-la bem como Jay me pediu, Cassie. — disse num tom mais baixo. — prometi a ele que a trataria como uma irmã e é isso que estou fazendo. — quase bufei. Irmã? Sei. Eu não estou louca. Vejo lampejos de cobiça, luxúria, desejo nos olhos dele o tempo todo.

— Eu sei o que vejo, Carl. Eu gostaria que isso parasse. — meu tom foi firme, decisivo. — do contrário vou ter que contar ao meu marido. — ele acenou levemente com a cabeça. Era um gesto aparentemente frio, pois seus olhos inflamaram um milésimo de segundo e ele riu conciliador de novo.

— Certo, Cassie. Não quero me indispor com Jay. — assentiu finalmente e saiu em seguida. Suspirei e fui até a parede de vidro. A visão linda de Londres me saudou,

mas meus pensamentos foram para além dela. Eu tive um vislumbre de como Jay lida com sua raiva e ciúme hoje. Me joguem na fogueira, mas eu preciso pensar melhor sobre isso antes de falar sobre minhas suspeitas sobre seu melhor amigo e sócio. Puta que pariu! Jay o mataria se visse os olhares incendiários que me lança quando não está por perto. Oh! Merda! Que situação. Meu celular vibrou na mesa. Fui até lá. Era uma mensagem. Abri com um sorriso se formando, imaginando ser de Jay, mas era de um número desconhecido. Meu sangue foi drenado do corpo com a foto que apareceu na tela. Mark deitado no chão. Os olhos levemente abertos, parecendo sem vida. Uma mancha de sangue no peito. Um pequeno furo que parecia... Oh! Meu Deus! Ele levou um tiro! Mark estava morto!

CAPÍTULO DEZESSEIS

Cassandra

Saímos da igreja e alguns paparazzi nos cercaram, mas Isaac e Bill os afastaram e nos escoltaram rapidamente até a limusine. Perguntas ofensivas iam sendo lançadas: *o que está fazendo no funeral do seu arqui-inimigo, Sr. King? O senhor teve algo a ver com morte de Mark Springs? A polícia o apontou como um dos possíveis suspeitos, o que tem a dizer sobre isso? É verdade que ameaçou Mark Springs publicamente? O senhor tem um álibi?* Eu podia sentir a tensão saindo em ondas do corpo de Jay, mas ele permaneceu calado, conforme a orientação dos seus advogados. Conseguimos entrar e suspirei aliviada. Jay estava taciturno. Esteve assim a cerimônia inteira. Estranhou quando disse que queria vir ao velório, mas veio comigo. Me deu apoio. Eu o amo tanto. Sei o quanto deve estar sendo difícil para ele estar aqui, onde todos o olhavam com expressões acusadoras, principalmente Simon que chegou a pedir que se retirasse. Minha tia interveio e os ânimos se acalmaram. Ele veio por mim. Se

manteve quieto depois do tumulto inicial. Na verdade ele tem estado introspectivo desde o momento em que entrei assustada em sua sala e mostrei a foto de Mark morto há dois dias. Era como se já... Soubesse. Sua reação não saía da minha cabeça. Eu não quero pensar na possibilidade dele... Não, ele não fez isso. Jay é explosivo, mas é um homem inteligente. Ele já havia se vingado. Deixou Mark na lona, sem prestígio, sem poder, sem nada. Mark já estava acabado. Jay perderia muito se fizesse uma coisa dessas. Ele pensaria em mim e nos meninos. Ele prometeu que viveria para nós e tem sido um marido e pai amoroso, não destruiria tudo que estamos construindo agora por uma rixa que não fazia mais sentido.

O cortejo começou a sair para o cemitério. Lágrimas desceram pela minha face sem que eu conseguisse contê-las. Minha tia esteve triste também toda a celebração, apesar de Mark ter se afastado dela na idade adulta, ela me revelou que o tinha amado. Eu também o amei. Quis que me amasse de volta. Que fôssemos irmãos além do laço sanguíneo, mas ele nunca permitiu isso. Eu acho que estava chorando mais pelo que deveria ter sido do que

pela pessoa inescrupulosa e rancorosa que ele foi para mim, para Jay, nos separando por dois anos por pura maldade.

— Eu quero ir para casa, amor. — falei baixinho, desviando o olhar da marcha fúnebre. Havia um peso inexplicável no meu peito. Os olhos escuros suavizaram ao ver minha fragilidade e a ruga que esteve no meio de suas sobrancelhas bem feitas se desfez.

— Vem aqui, meu anjo. — sussurrou me levantando nos braços, me puxando para seu colo. Enlacei seu pescoço e me aconcheguei a ele. Seu tom amoroso aqueceu meu coração. Seu cheiro me confortou. Me rodeou com seus braços fortes e beijou meus cabelos. Me senti em casa, protegida, amada. Fechei os olhos quando o veículo tomou a direção contrária do cortejo. Cochilei e acordei com Jay me carregando pela escadaria frontal da nossa casa. Tomou o elevador para nosso quarto, assim que entramos na sala. Me depositou com cuidado sobre a cama. Tirou meus sapatos devagar e se juntou a mim, puxando-me de novo para seus braços.

— Você me acha muito patética por estar chorando por ele? — disse fracamente, apoiando a cabeça em seu peito. O cheiro dele me invadindo, me acalmando. Amo seu cheiro másculo. Cheiro de homem. Meu homem.

— De jeito nenhum, amor. Ele era seu sangue apesar de todas as merdas. — beijou meus cabelos e me aconchegou mais a ele. — descanse, meu anjo. Eu estou aqui com você.

— Obrigada, amor. Sei que foi difícil para você ir até lá.

— Eu faria qualquer coisa por você, anjo. — disse, seu hálito fazendo cócegas em meu nariz. — qualquer coisa, amor. — repetiu num tom apreensivo.

— Amor, quem será que o matou? — sussurrei em seu peito. Seu corpo ficou tenso.

— Eu não sei, meu anjo. — disse um tanto seco, irritado. — havia uma fila enorme, Cassie, acredite-me. Mark Springs já foi tarde. — suas palavras finais me incomodaram. Elas eram frias como se não falasse de uma pessoa. Ele estava me assustando. Além disso, suspeito

que está me escondendo algo.

— Você... Jay, Amor...

— Eu o que, Cassie? — ele levantou meu queixo para olhá-lo nos olhos. — por acaso está achando que eu matei aquele asqueroso? — seu semblante foi tomado pela mágoa e me arrependi na hora de ao menos cogitar remotamente isso. — vontade e motivos não me faltaram, não vou negar. Ele me privou de você e dos meus filhos, tudo que mais amo por dois malditos anos. — rosnou, realmente irritado agora. — eu não o matei, no entanto. Eu posso lidar com todos me condenando, anjo, mas não você. — acrescentou e me chutei por tê-lo magoado.

— Eu sinto muito, amor. Me perdoe, é claro que não fez isso. — murmurei envergonhada. — estou abalada com isso tudo. Sei que Mark era uma pessoa odiosa, mas não consigo parar de pensar que poderia ter sido diferente se ele tivesse me aceitado e me amado. — um pouco da sua irritação foi embora e ele me beijou suavemente nos lábios.

— Quem perdeu foi ele, meu anjo. Não entendo o

porquê de estar tão abalada, mas isso só mostra como é linda aqui dentro também. — murmurou colocando a mão no meu coração. Abri um pequeno sorriso.

— Há uma coisa que sempre me intrigou. Se ele odiou a mim e minha mãe por que pagou o tratamento dela? — franzi o cenho. — não consigo entender isso. — Jay ficou em silêncio por alguns segundos, apenas me olhando como se quisesse me dizer algo, mas ponderando a respeito.

— Ele não pagou, amor. — disse, acariciando meu queixo. — eu custeei o tratamento da sua mãe, mas nunca quis aparecer. — sua revelação me fez arquear o corpo, levantando para olhá-lo. Ele pagou? Como? Por que nunca me disse isso?

— Então, foi você? Mas por que nunca me disse, amor? — inquiri, surpresa. Alegria, orgulho e amor encheram meu peito por esse homem lindo e contraditório que é meu marido.

— Eu contaria quando retornasse do Taiti. Mas tudo ruiu e nunca quis tocar mais no assunto. — disse meio encabulado.

— Você pagou por um ano. Poderia ter suspenso depois que rompemos. Por que não o fez?

— Eu nunca puniria sua mãe, uma mulher doente, por tudo que eu achei que você era, meu anjo. Isso não seria justo. — disse, me puxando para ele de novo. Ah! Deus! Eu o amo mais que minha própria vida. Ele não tem ideia do que foi aquele ano na vida da minha mãe, nas nossas vidas. Tudo teria sido muito pior se não tivéssemos tudo pago. Me senti ridícula de estar chorando por Mark, um idiota que havia mentido descaradamente o tempo todo para mim.

— Você não tem ideia do bem que fez a nós duas, amor. — murmurei, olhando-o nos olhos. — ela teve mais seis meses de vida por causa do tratamento e pôde ver nossos filhos nascerem. — minha voz embargou um pouco. Lembrar da minha mãe ainda é difícil. Acho que sempre seria difícil. Ela era tão jovem ainda quando se foi. — ela partiu feliz, amor. Eu sempre atribuí isso ao Mark. Por isso não o odiei tanto quanto deveria. — ele apenas me ouvia. — mas saber que foi você o tempo todo me deixa

feliz. Obrigada, amor.

— Eu apenas fiz o que meu coração mandou, anjo. — assentiu meio encabulado. — mas, foi Carl quem descobriu sobre a doença da sua mãe e suas dificuldades financeiras. Temos que agradecer à ele. — ele deve ter sentido minha tensão ao nome de Carl porque acrescentou: — o que foi, amor?

— Jay, eu não consigo confiar em Carl. — soltei de uma vez. Seu cenho franziu. — há algo estranho em torno dele. Você confia nele? Digo, plenamente? — os olhos negros se fixaram nos meus, analisando-me como lasers.

— Ele dificilmente concorreria ao prêmio de pessoa mais comunicativa e simpática, mas o conheço há muito tempo. — disse torcendo os lábios ironicamente. — além disso, eu tenho uma dívida enorme de gratidão com o pai dele, Cassie. John foi meu salvador, um pai para mim. Às vezes me tratava melhor do que ao próprio filho. Consegue entender por que Carl é importante para mim? — me fitou sério. Ah! Merda! Como vou contar que Carl tem segundas intenções comigo? — quando olho para ele

é seu pai que vejo. Tudo que John fez e representou na minha vida. — pausou um pouco. — eu pensei que estavam se dando bem agora.

— Sim, ele tem me tratado bem. — assenti. Mas o problema é que ele quer se dar bem até demais comigo. Tive vontade de completar. Mas por enquanto vou aguardar. Carl havia me prometido que ia parar de ficar me secando. Talvez nem precisasse contar a Jay e causar problemas entre eles. Jay ficaria louco e com a morte de Mark ele já tinha problemas o suficiente já que a polícia o listou como um dos possíveis suspeitos. Apesar de ter um álibi, isso não o descartava como mandante. A inimizade pública dos dois não ajudava em nada também. Pressinto dias difíceis.

— Eu senti um *mas* aí. — disse, sério.

— Eu realmente não me sinto à vontade perto dele. É isso. — disse uma meia verdade. — mas vou fazer o possível para convivermos bem, por você. Por que ele faz parte da sua história. — afirmei. — eu faria qualquer coisa por você, amor. — completei, meu tom insinuante,

travesso. Um riso lento foi se espalhando em sua boca linda.

— Acho que essa frase é minha. — disse no seu tom de quarto, baixo, rouco, sexy, sacana. — posso processar você por plágio, Sr.^a Di Castellani. — mordeu meu lábio inferior, me fazendo gemer necessitada. Seu riso ampliou.

— Humm, e o que exigiria de mim, Sr. Di Castellani? — passei a perna por cima dele e esfreguei minha pélvis em sua coxa dura. Ele rosnou. Foi a minha vez de sorrir.

— Oitenta anos de foda ininterruptas. — sua boca foi para meu ouvido, meu corpo arrepiou, estremecendo com seu hálito quente, suas palavras sujas. Meus líquidos jorraram sem controle na calcinha. Puta que pariu! Mieí. — gostosa... — sussurrou de novo e mordeu meu lóbulo. Um gemido indecente saiu da minha garganta e eu já estava pronta para ele.

— Hummm, eu te amo, sabia? — ronronei, acariciando seu peitoral musculoso. — te amo tanto, amor. — seu semblante se iluminou com minhas palavras, os olhos de ônix me dizendo a mesma coisa de volta.

— SÉRIO? — sorriu sem vergonha, os olhos escuros deslizando por todo o meu rosto e trouxe sua boca a centímetros da minha. — me ama mesmo sabendo que sou impulsivo, louco, marrento, e de acordo com o psicólogo do orfanato, um bipolar? — gargalhei em sua boca.

— Uau! Um bipolar? Eu bem que desconfiei disso. O que disse ao psicólogo quando o diagnosticou? — rolei por cima dele, montando-o. Suas mãos cravaram na minha bunda e um brilho lascivo tomou a íris escura.

— Eu disse: *bipolar o cacete! Vai se foder, seu babaca!* — gargalhei alto. Ele caiu na risada também. Logo estávamos rindo como dois bobos.

— Uma resposta típica do meu príncipe fodão. — murmurei, me debruçando sobre ele. Minhas mãos passearam suavemente pelo rosto moreno. — eu não mudaria nada em você, amor. — disse baixinho e o beijei suavemente. Suas mãos deslizaram pelas minhas coxas em um vai e vem excitante, gostoso, subindo o vestido preto comportado que usei para o velório. Seus lábios sugaram os meus lentamente. Ele sabia que era disso que eu

precisava agora. Seu amor. Seu carinho. Seu toque. — amo sua pele. Amo seu cheiro. — murmurei, dando pequenos beijos em seu queixo áspero pela barba por fazer. Levei meus lábios até seu ouvido. Gemeu quando lambi e mordi o lóbulo devagar. Espalmei seu peito e desfiz a gravata, enquanto espalhava beijos por seu rosto. Suas mãos grandes e mornas estavam na minha bunda nua agora, apalpando, passeando lentamente bem no meio da minha fenda. Gemi. Sua risada baixa, safada me enlouquecendo mais ainda. — amo sua pele morena e o contraste que ela faz com a minha. Amo seu corpo grande, musculoso, firme. — grunhiu quando deslizei as mãos pela pele nua do seu peito. Fui abrindo os botões da camisa. Gemi esfomeada, me deliciando nos gominhos do seu abdome. — amo suas tatuagens. — me abaixei e lambi cada uma delas devagar.

— Porra! Você vai me matar, anjo. — rosnou, entre divertido, surpreso e excitado. Puxou-me pelas nádegas bruscamente para baixo, colando minha vulva em seu pau latejante. Moeu em mim, seus olhos flamejando, violentando os meus. — você é mesmo uma coisinha

quente, não é? Hum? Minha ruivinha linda, safada... — suas mãos subiram pelas minhas costas e trabalharam rapidamente no zíper. Puxou as mangas do vestido pelos meus ombros com a mesma urgência e arqueei as costas quando meus seios foram amassados com firmeza por cima do sutiã. — Santa Mãe! Anjo, que imagem linda! — grunhiu ao me livrar do sutiã também. Seu olhar me devorando. Puxou meus mamilos suavemente e minha calcinha era uma poça agora. Seus olhos nunca deixaram os meus. Levantou seu torso e nossas bocas se aproximaram arfantes, desejosas. — o que você quer, minha putinha safada? Quer dar essa bocetinha gostosa para mim? Hum? Vai me deixar enterrar meu pau até o cabo nela? Rasgar seu canalzinho pequeno e apertado? — choraminguei e ele riu perversamente. Suas mãos trabalharam rápidas de novo e nos segundos seguintes eu estava nua montada sobre ele. Me deu palmadas fortes nas nádegas. Gritei ensandecida, rebolando nele. — tire a minha roupa, amor. Vou comer minha mulherzinha linda, bem gostoso. — apesar dos termos carinhosos, seu tom foi duro, tenso, dominante e eu obedeci imediatamente...

Jayden

Mordi sua nuca e estoquei fundo, cravando minhas mãos em seus quadris forçando-a e me tomar todo até o útero, rasgando-a com força, comendo-a ainda esfomeado nos últimos espasmos do nosso clímax. Cassie convulsionou, miando, choramingando, me deixando saquear, tomar tudo dela. Lambi, acalmando o local. Enfiei meu nariz em seus cabelos e inalei seu cheiro gostoso de fêmea saciada. Minha fêmea. Meu corpo ainda estremecia. Meu pau ainda todo enterrado em sua boceta. Porra! Gozar dentro dela é a sensação mais perfeita do caralho! Não sei como explicar, mas fica cada vez melhor. Sou louco por ela. Completamente louco. Sua bocetinha vibrou à minha volta, ordenhando até a última gota do meu esperma. Caí por cima dela, suado, ofegante. Espalhei beijos reverentes, bajuladores em seus ombros, me deliciando com a maciez da pele branca. Ela tem pequenas sardas sobre os ombros também. Amo suas sardas. É mais uma das minhas taras nessa mulher. Amo cada milímetro dela. Ela me completa de tal forma que não consigo mais me imaginar sem tê-la na minha vida. É

como se nunca tivéssemos nos separado. Nosso amor, nosso tesão, nossa loucura e necessidade de um pelo outro foram ampliados. Fodemos como coelhos o tempo todo. Nunca é suficiente. Estamos sempre famintos um pelo outro. Ela ainda não sabe, mas nos casaremos em uma cerimônia oficial dentro de dois meses em Ardócia. Júlia e Helena estão organizando tudo. Não vejo a hora de vê-la andando em minha direção, linda, vestida de noiva. Uma princesa, oficialmente uma princesa de Ardócia. Ah! Porra! Eu virei irremediavelmente um maricas! Mas quer saber o que é engraçado? Eu não me importo nem um pouco com isso. Se ela estiver comigo serei um maricas muito, muito feliz.

Pedi um lanche para nós no quarto. Comemos, um servindo na boca do outro. Nos banhamos, nos recompomos e descemos à procura dos meninos. O sol ainda brilhava no horizonte quando os encontramos com as babás embaixo da árvore mais frondosa junto ao pequeno lago. A primeira coisa que fiz quando comprei a casa foi mandar cercá-lo de grades para proteger os pequenos. Eles estavam entrando numa fase de

descoberta, de querer correr, desbravar tudo pela frente. Seria um perigo para eles.

— Mamãe! Quer meu mamãe! — Lucas foi o primeiro a perceber nossa aproximação, exclamando alto. Samuel chutou a bola e caiu de bunda no chão. Uma risada linda saiu da sua garganta e ele levantou correndo em nossa direção também.

— Mamãe! Papai! — gritou. O tomei nos braços. Gargalhou quando o ergui bem alto. — meu papai! — ah! Cristo! Eu amo ouvir isso.

— Ei, campeão! — falei, trazendo-o para mim, aconchegando-o. — e você, seu ciumento? Papai não ganha beijo também? — me inclinei para Lucas. Ele gargalhou lindamente e seus bracinhos rodearam meu pescoço e estalou um beijo na minha bochecha. Ele era realmente territorial porque começou a fazer birra até vir para meu outro braço.

— Quer papai! — exclamou assim que o peguei também. Cassie sorriu beijando a cabecinha de Samuel.

— E você, meu amor? Só controlando a bagunça do

maninho, hum? — ele se desmanchou em risos e se debruçou em sua direção. Sorrimos, enquanto Cassie o tomava nos braços. — sim? Conta para a mamãe. Lucas é bagunceiro? — ele balbuciou uma dúzia de palavras inteligíveis.

— Luca, baguncelo. — Samuel apontou para o irmão.

— Não baguncelo. — Lucas defendeu-se. — Samel, baguncelo.

— Tá bom, os dois são baguncelos. Os baguncelos mais lindos e fofos da mamãe. — Cassie sorriu, usando seu tom de mãe coruja. Ela era perfeita com eles. Amorosa. Conciliadora. Uma guerreira. Sim, porque cuidar de dois bebês não é uma tarefa fácil. Eu nunca vou cansar de agradecê-la e honrá-la por isso. Ela poderia facilmente ter se livrado deles, mas preferiu tê-los. Era uma mulher como poucas e eu o bastardo mais sortudo do mundo. Nunca me canso de agradecer a Deus por tê-la trazido de volta para a minha vida. Eu tenho tudo que mais amo aqui ao alcance do meu braço. Brincamos com eles pelo resto da tarde. Não há nada mais importante para

mim do que esses momentos com meus filhos e minha mulher.

Depois do jantar estava no meu escritório quando Cassie entrou um tanto apreensiva.

— Amor, tem dois detetives querendo falar com você.
— informou, nervosa. A calma tinha acabado.

— O que eles querem? — levantei, fechando o documento que estive analisando.

— Eles disseram que surgiu algo novo na cena do crime. — franzi o cenho. Mark tinha sido assassinado em seu apartamento. De acordo com a polícia a arma do crime não estava no local. Ele foi encontrado pela arrumadeira um dia depois de sua morte. O que me deu a certeza de que a mensagem que recebi falava a verdade. A situação ainda era uma incógnita para mim e meus advogados. Mostrei tudo à eles. A única coisa que eu sabia com certeza é que alguém estava tentando me ferrar. Isso estava claro. Mas quem?

— Senhores, em que posso ajudar? — usei meu tom de homem de negócios, assim que entrei na sala. Os dois

homens caucasianos de aproximadamente quarenta anos, meio obesos me fitaram com expressões pouco amistosas.

— Boa noite, senhor King. — o mais alto que parecia ser o líder da dupla, cumprimentou e me mostrou seu distintivo. — sou o detetive Lewis e esse é meu parceiro Marrone. — acenei levemente com a cabeça. — reconhece esse objeto, senhor? — meu sangue gelou quando levantou o saco plástico lacrado contendo um pequeno e delicado chaveiro em forma de coroa. Mas não qualquer chaveiro. Era o meu chaveiro. O meu chaveiro, porra! O que eles faziam com o meu chaveiro? Foi presente de Cassie. Era em bronze, cravejado de diamantes vermelhos. Ela disse que era a minha cara. Me deu logo depois que chegamos de Ardócia. Eu adorei o presente e estava usando desde então. Eu não havia me dado conta de seu sumiço. Ouvi uma exclamação surpresa deixar os lábios dela que estava do meu lado. Que merda é essa?

— Sim, ele é meu. Minha esposa me deu de presente há poucos dias. — afirmei, surpreso, aturdido. — como o

encontraram? — assim que a pergunta saiu da minha boca, soube que não ia gostar nada da resposta. Oh! Merda! Meu chaveiro estava na cena do crime!

— Ele foi encontrado embaixo do sofá na sala de Mark Springs. — eu não gostei do tom do detetive. — algo a dizer sobre isso, senhor? — havia definitivamente uma acusação na sua voz. Cerrei os punhos.

— Eu não sei como isso foi parar lá, senhores. Eu não tinha uma relação próxima com Mark Springs. Pode ter certeza que visitá-lo não fazia parte da minha rotina. — disse num tom contido, mas irritado.

— Mas não estamos falando de uma visita trivial, senhor. — ele tornou no seu tom acusador. — alguém o visitou e deixou uma bala em seu peito. Essa não é a visita que eu gostaria de receber. — completou irônico e o outro riu com ele.

— O senhor está me acusando? — meu tom subiu. Cassie tocou meu braço, tentando obviamente me conter. — não vou dizer mais nenhuma palavra a não ser em um depoimento formal na presença dos meus advogados. Se

não há mais nada, gostaria que os senhores fizessem a gentileza de se retirarem da minha casa. — eles se empertigaram, mas aceitaram. Isso era ridículo! Eu tenho um álibi. Estive em casa, todos me viram. Não saí para nenhum lugar na noite em que o asqueroso foi morto.

— Está certo, senhor. Mas espero que saiba que as coisas se complicaram. — o homem disse guardando o saco no bolso do casaco. — antes não havia nada que o ligasse ao crime, apenas uma ameaça que poderia ter sido vã, um impulso no calor da discussão. — pausou significativamente. — mas agora o senhor terá que explicar como seu chaveiro foi parar lá. Não estamos o acusando. Ainda não.

Suas últimas palavras ficaram pairando na sala mesmo depois que Isaac os acompanhou até a porta. Voltei para o escritório com Cassie nos meus calcanhares. Me servi de uma dose de uísque. Eu precisava extravasar toda a raiva que senti ao ver o conteúdo do saco e as expressões acusadoras dos detetives. Maldito asqueroso! Mesmo depois de morto ainda quer me ferrar. Fiquei de costas

para a porta, me apoiei no parapeito da janela e olhei para fora. O carro dos policiais cortava o jardim em direção aos portões. Uma sensação ruim insistindo em me avisar que essa merda ainda vai feder muito. Então senti os braços femininos rodearem minha cintura, seus seios macios pressionando minhas costas. Fechei os olhos e suspirei, tentando me acalmar, sentindo seu cheiro. Tomei um gole da bebida.

— Vai dar tudo certo, amor. — sussurrou, beijando minhas costas. Me virei, deixando o copo sobre a mesa e a puxei para mim também. — mas não consigo entender como seu chaveiro foi parar lá...

— Nem eu, anjo. — levantei seu queixo, olhando-a, tentando detectar alguma dúvida ou acusação em seu semblante. Eu posso lidar com o mundo todo contra mim, mas não ela. — a única coisa que está ficando cada vez mais clara para mim e que há alguém tentando deliberadamente me ferrar. — seus olhos alargaram confusos. Eu não havia falado sobre as mensagens para ela. — há algo que precisa saber que não contei a você

para não preocupá-la. Na noite em que estávamos no quarto de jogos, recebi mensagens me dizendo que Mark estava morto.

— O quê!? Como? — os olhos azuis eram visivelmente alarmados agora.

— Sinistro, eu sei. Foi por isso que não contei nada a você, amor. — falei em tom de desculpas. — fiquei intrigado pra caralho, mas depois de uma busca nos principais sites de notícias não encontrei nada e pensei que tudo não tinha passado de uma brincadeira de mau gosto. Mas era a verdade. Mark foi mesmo morto naquela noite e isso só quer dizer uma coisa: alguém se aproveitou da minha rixa com ele para me prejudicar.

— Oh! Meu Deus! Amor. — sua voz foi apenas um fio. — isso é muito pior do que pensei. Você, nós podemos estar correndo perigo? — seu tom era embargado agora. — você tem que contar isso à polícia, amor. — eu a puxei mais para mim e a abracei, acalmando-a.

— Eu já contei tudo, meu anjo. Mas pressinto que estamos correndo perigo, sim. — seu rosto levantou para

me olhar de novo. — já dobrei a segurança e os meninos não sairão de dentro da propriedade em hipótese alguma. Já falei com as babás. — seu corpo ficou tenso em meus braços.

— Você fez tudo isso sem me contar nada? Não achou que eu tinha o direito de saber de uma coisa dessas? Que alguém que não temos a menor ideia de quem seja, está tentando prejudicar meu marido? Por que não confiou em mim, amor? — seu tom foi magoado, os olhos brilhantes. Grunhi, odiando-me por ter escondido tudo. — por quê?

— Amor, não fique assim, meu anjo. — pedi, tirando uma mecha ruiva de sua testa, delineei sua face, suavemente. — eu não queria preocupá-la. Eu confio em você, amor. Mas eu estava aturdido, apreensivo. Eu não sabia como lidar com isso. Me perdoe. Me perdoe. — pedi, beijando seus lábios e sua expressão suavizou um pouco. — vamos nos prevenir, amor. Isso é tudo que podemos fazer no momento. Você não sairá sozinha de forma alguma. Entendeu, amor? — ela estava assustada, mas assentiu. — eu nunca me perdoaria se algo

acontecesse a você ou aos meninos.

— Você também não vai sair sozinho, amor. Prometa-me. — pediu, seu tom com um toque de desespero. — prometa, amor. — pediu de novo, suas mãos segurando cada lado do meu rosto.

— Prometo, anjo. — murmurei. — essa merda vai se resolver logo. Eu vou pedir ajuda aos meus irmãos. Estive protelando, mas aquele detetive tem razão, as coisas podem mesmo ficar muito ruins para o meu lado se não encontrarmos o verdadeiro assassino.

— Eu estou com medo, amor. — ela me abraçou com força, como se quisesse se fundir à mim. Seu corpo sendo tomado por pequenos tremores. — eu não quero que nada aconteça com você. Eu não suportaria...

— Nada vai acontecer, meu anjo. — sussurrei em sua boca. — essa situação bizarra será resolvida logo. Prometo, amor. — aquiesceu e me beijou. Senti seu medo nesse beijo e era por isso que não quis contar a ela. Situação fodida do caralho! Dei pequenos beijos e falei baixinho. — ainda vou ficar um pouco por aqui. Tenho um

projeto para analisar e vou chamar Leon e Dom mais tarde. Me espere no quarto, amor. Não vou demorar muito. — relutou um pouco, mas assentiu.

— Irmão, isso é bem bizarro mesmo. — Dom concordou sério, assim que contei sobre a situação, cerca de uma hora depois.

— *Si*, muito estranho. — Leon falou no seu tom de rei e os olhos escuros brilharam inteligentes. Eu podia ouvir as engrenagens do seu cérebro funcionando. — eu acho que até agora ficou muito preso às últimas mensagens, irmão.

— Como assim, irmão? — indaguei.

— É, seja mais específico, Leon. — Dom pediu.

— A primeira mensagem, Jay. É a ela que tem que se ater. — fez uma pequena pausa. — ela diz para olhar ao seu redor, irmão. — pausou de novo, cravando os olhos negros em mim. — você já fez isso? Já deu uma boa olhada à sua volta?

— Hum, entendi. Leon tem razão, Jay. — Dom anuiu. — quem mandou as mensagens é alguém que tem acesso a você. Está perto. Bom, eu acho.

— Ou alguém que sabe dos podres de alguém que está perto de você. — Leon opinou. Cristo! Eles chamaram minha atenção para algo importante. Eu simplesmente ignorei a primeira mensagem. Foquei só nas últimas. Agora minha mente estava mais fodida ainda. — irmão, o Serviço Secreto será acionado. — disse solene. — agora só me responda uma coisa.

— O quê?

— Por que diabos não nos avisou antes? — seu tom foi cheio de reprovação. Era o rei falando, não meu irmão. Em qualquer outra ocasião eu o chamaria de maricas, mas não agora. O assunto era sério demais. — é um príncipe da Ardócia, Jay. Nenhum príncipe de Ardócia terá seu nome e reputação manchada por um covarde que não tem a decência de mostrar a cara. — Dom concordou com um aceno de cabeça. Ok. Sou um idiota orgulhoso, admito. — aqui está o que vai acontecer, irmão. — disse firme e agora era o Leon falando, meu irmão mais velho. — vamos caçar esse infeliz e arrancá-lo do buraco onde está se escondendo e digo mais: Meu punho está louco para

encontrar a cara dele! — sorriu no meio de toda tensão.
Ele era tão malditamente parecido comigo.

CAPÍTULO DEZESSETE

Jayden

Saber que meus irmãos estavam comigo me deu maior tranquilidade, mas não o suficiente. Há um louco lá fora querendo a minha cabeça e eu não tenho a mínima ideia de quem seja esse infeliz. Tudo que eu sei é que vou fazer um estrago na cara dele quando descobrir sua identidade. Eu não sou santo, admito. Fiz minha fortuna e fama sendo competente, não concorrendo a senhor simpatia. Então se querem saber, a lista de pessoas que adorariam me ver na lona é longa. Entretanto, meu maior desafeto está morto e isso simplesmente me deixa sem ter para onde olhar e buscar respostas. Leon e Dom insistem que preciso observar mais atentamente as pessoas próximas a mim. Estive fazendo isso pelas duas semanas seguintes, mas até agora nada. A mente por trás disso é inteligente, tenho que admitir. Vai ser necessário mais do que olhar à minha volta. Além do Serviço Secreto, contratei uma investigação por minha conta e Dom também contratou

outra. Nós vamos chegar até esse bastardo e ele vai se arrepender do momento em que teve a ideia estúpida de me ferrar. É só uma questão de tempo.

No entanto, enquanto o covarde não dá as caras tudo parece conspirar contra mim. A imprensa enlouqueceu e tem feito ataques diários. Nunca tive uma boa relação com eles, mas agora, eu oficialmente odiava ler os jornais. Como se não bastasse toda a merda, os tabloides sensacionalistas estavam fazendo uma retrospectiva da minha vida. Desenterrando coisas que fiz quando era um delinquente juvenil. Mostram toda a corrida que fiz até o topo e parecem torcer pela minha queda. Bando de abutres! Além disso, mostram as inúmeras vadias que fodi, inclusive quando estive separado de Cassie. Ela tem surpreendentemente se mantido firme do meu lado, me apoiando. Eu não sei o que faria sem ela comigo. Ela é meu anjo. Meu lindo anjo. Apesar de toda a merda, sei que alguém lá em cima gosta de mim. Ela é a prova disso. Ela é muito mais do que mereço.

Toda essa bagunça e instabilidade à nossa volta, me fez

ficar cada vez mais paranoico com nossa segurança. Nosso jantar de apresentação foi suspenso. Não posso facilitar. Há um batalhão de seguranças por onde quer que andemos e outros tantos na nossa casa. Também prestei depoimento acompanhado dos meus advogados. Racionalmente, ou legalmente não havia nada que me ligasse diretamente ao crime. Bem, meu chaveiro foi encontrado no apartamento do asqueroso. Eu pensei inicialmente que havia perdido nos elevadores, estacionamento, qualquer lugar público, mas a perícia o examinou e descartou a possibilidade, pois o fecho era bem firme. Não havia sinais de luta na cena do crime. A pessoa que matou o infeliz foi recebida pacificamente por ele. A arma do crime também não foi encontrada. Eu não possuo armas. Meus seguranças, sim, mas os calibres não batiam com a bala encontrada no peito de Mark. Ok. Alguém realmente quer me foder e meus irmãos tem razão. É alguém próximo a mim e esse maldito tirou meu chaveiro e plantou lá para me incriminar. Meu medo era que toda essa exposição negativa do meu nome tivesse uma repercussão na empresa. Trabalhei duro para chegar

aonde cheguei e seria muito injusto essa merda me prejudicar nos negócios. Meu telefone vibrou em cima da mesa e o peguei. Um riso se abriu no meu rosto. Era uma mensagem de Cassie.

Cassie: *Oi, amor. Estarei fora a tarde toda nas obras do Fogs.*

Meu sangue ferveu ao lembrar do maldito metido a conquistador que estava de olho na minha mulher.

Jay: *Carl está com você, meu anjo? Eu não quero você sozinha com aquele imbecil pomposo. Ele quer entrar em sua calcina.*

Cassie: *Isaac está comigo, amor. Ele pode querer, mas só você pode entrar em minha calcinha, grandão...*

Franzi o cenho. Ela realmente não consegue engolir o Carl. Mas sorriu com a frase seguinte. Não resisti a uma provocação.

Jay: *Menos mal. Quando me chama de grandão está se referindo a uma parte específica da minha anatomia, amor?*

Sorrio sacana ao enviar. Não demorou sua resposta.

Cassie: *Rss, tão convencido, grandão... Impossível ignorar essa parte específica, amor... Mas todo o resto é grande também e eu amo cada centímetro de você.*

Meu riso ampliou. Ela me faz tão feliz. Mesmo no meio de toda essa merda ainda consigo sorrir por ela. Uma excitação gostosa se instalou em mim indo direto para meu pau.

Jay: *Quarto de jogos? Eu preciso foder minha escrava bem duro hoje.*

A resposta foi imediata e me fez gargalhar.

Cassie: *Ohhh! Amor, você é tão perverso... Minha concentração ficou comprometida depois disso. Vou passar a tarde inteira antecipando o que meu dono fará comigo...*

Meu pau enlouqueceu dentro das calças. Amo quando diz que sou seu dono, porra!

Jay: *Diga isso de novo, minha putinha. A quem você pertence? Hum? Para quem vai dar essa bocetinha*

ruiva, gostosa e apertada hoje à noite?

Gemi só de imaginar que já estava provavelmente toda molhadinha para mim.

Cassie: *Puta merda! Vou precisar de outra calcinha, amor... Sou sua, meu senhor. Pertença a você. Meu dono terá minha boceta e tudo que quiser hoje à noite...*

Merda! Quase gozei com essa mensagem. Safadinha.

Jay: *Porra! Que putinha mais safada... Vou cobrar isso, pode ter certeza, mas preciso ir agora, meu anjo. Bom trabalho. Eu te amo, amor. Bjos.*

Cassie: *Te amo também, meu grandão. Bom trabalho, amor. Bjos.*

Saí da sala ainda sorrindo sob o efeito das nossas mensagens descaradas. Minha tarde foi muito produtiva. As obras no edifício em Kensington[\[115\]](#) estavam bem avançadas. Mas não gostei do *design* da fachada. Era antiquado e muito contido como o engenheiro que a projetou: Carl. Eu arranjaría uma briga com ele, mas tenho a pessoa certa para consertar essa fachada. Uma

arquiteta fodona, linda, gostosa e apaixonada por fachadas. Ei, não me linchem, ok? É obvio que estou falando da minha mulher.

Tive que voltar à King's no final da tarde, pois minha secretária me informou que o Conselho se reuniria extraordinariamente. Fiquei confuso. Não me lembro de ter visto nada sobre isso na pauta do dia. Eu já me preparava para ir à sala de reuniões, quando Carl entrou na minha sala. Sua expressão era tensa. Seus olhos encontraram os meus e desviaram como se temesse me encarar por algum motivo.

— Há uma reunião extraordinária do Conselho. — disse pegando minha pasta. Ele aproximou-se devagar, enfiando as mãos nos bolsos. Sim, havia algo errado.

— Eu sei, parceiro. O Conselho está reunido nesse momento para decidir como ficará a sua situação na King's. — me informou num tom estranho, apertado, apreensivo. Tudo em mim ficou imediatamente em alerta.

— Como assim, minha situação? — cerrei os dentes. — eu sou o sócio majoritário e presidente. Essa é a minha

situação. — rosnei, encarando-o lá parado no meio do meu escritório. Algo brilhou lá nos olhos cinza e as próximas palavras dele me tiraram o chão.

— A exposição na mídia... Tudo que está acontecendo com você tem refletido negativamente na empresa. Esta semana tivemos três contratos cancelados. Eles alegam outros motivos, mas sabemos bem a razão. — pausou me analisando com expressão ilegível e me deu o golpe final: — O Conselho quer que se afaste da presidência. Pelo menos até esse momento passar. — ah! Porra! As merdas continuavam vindo para mim. Isso era o que eu temia. Minha carreira, meu nome, tudo que construí sendo abalado pelo mero capricho de um lunático do caralho.

— Por que não fui avisado sobre isso com antecedência? — estreitei meus olhos nele. Uma sensação ruim de impotência tomando-me. — você sabia disso, Carl? Sabia que o Conselho se reuniria hoje para me ferrar? Eu, o dono da porra dessa empresa? — meu tom subiu vertiginosamente no final. Ele desviou os olhos de novo e seu semblante me disse tudo: culpado! Traidor! Eu

grunhi. — você sabia. — afirmei, meu tom mais baixo, mostrando meu desagrado e decepção.

— Jay, irmão, ouça...

— Ouvir o quê? — cortei-o. — que meu sócio e amigo se uniu ao Conselho para me foder?

— Não é nada disso, Jay. — negou veementemente. — eu só estou pensando no melhor para a King's. — suas palavras afundaram como um punhal em mim. Ele estava preocupado com a empresa, não comigo, seu amigo, o cara que fundou a empresa junto com ele. Que o levou na aba o tempo todo porque Carl podia muito bem ter escolhido outra profissão dada a forma displicente com que fazia seus projetos. *Eu* sou a King's. *Eu* trabalhei duro para chegarmos aonde chegamos. Ele apenas injetou capital. Dinheiro esse que fiz questão de devolver centavo por centavo. Ele comprou algumas ações depois disso e eu o mantive como sócio por ele, mas principalmente pela memória de John. E ele me dizia agora que estava preocupado com a empresa. Com a *minha* empresa? Um silêncio se abateu sobre nós e eu analisei o homem na

minha frente. *Olhe à sua volta, irmão.* As palavras de Leon vieram na minha mente. Uma sensação pior que a anterior me embrulhou o estômago. Carl? Será? Não, não. Ele não seria estúpido o suficiente para querer me ferrar assim. Ou seria? Tentei expulsar a suspeita, mas ela já havia se instalado dentro de mim. Todos os meus instintos insistiam para olhá-lo mais de perto agora que tive um vislumbre do sua *trairagem*.

— Então vamos lá, *irmão*. — dei um tom irônico na última palavra. Ele me olhou parecendo mais receoso que tenso e me seguiu para fora da sala. O Conselho ficou de pé com a minha chegada. Tomei meu lugar à cabeceira da grande mesa oval e encarei todos aqueles filhos da puta. Meu corpo tenso, fervendo de ira mal contida. Eu queria jogar cada um deles pela janela. Eu criei a porra do Conselho. Eles pareciam esquecer isso. Eu posso dissolvê-lo quando eu quiser. Simples assim. A ideia me parecia tremendamente atraente agora que esse bando de matusalém quer me ferrar. Durante os quinze minutos seguintes eu ouvi todos exporem suas preocupações. Um deles mostrou dados da Bolsa de Valores, onde as ações

da King's estavam caindo desde quando meu nome foi envolvido no assassinato do asqueroso. Eu estava cada vez mais irritado porque ficava mais do que claro que nenhum dos filhos da puta estava do meu lado. Meus olhos buscaram Carl quando chegou à sua vez de falar.

— Eu concordo com a decisão do Conselho. — filho da puta! Traidor de uma figa! Cerrei meus punhos em cima da mesa, contendo-me para não avançar no pescoço dele a arruinar de vez minha situação. — como Vice-presidente posso assumir até que essa situação se resolva. — os olhos cinza me encararam. — é o melhor a fazer agora, Jay. Você sabe disso...

O telefone do presidente do Conselho tocou. Ele ia ignorar, mas ao ver a tela seu rosto sofreu uma transformação. Os olhos arregalaram de óbvia surpresa. Parecia até que era a própria rainha da Inglaterra chamando-o, ironizei.

— Com licença, senhores. Eu preciso atender a essa ligação. — ele disse e foi até um canto reservado. Meus olhos voltaram para Carl. A raiva cozinhando em minhas

entranhas num fogo lento. Cada vez mais a ideia de torcer o pescoço dele me parecia boa. Excelente, na verdade.

— Jay, entenda...

— Eu estou entendendo, *parceiro*. — sibilei sarcasticamente. — só um idiota não estaria entendendo tudo. — Ele já ia argumentar quando o homem retornou. Sua postura era diferente agora. Seus ombros caídos, derrotados, mas abriu um pequeno sorriso quando sentou-se de novo e me encarou.

— Era do Palácio de *Bunckingham*[\[116\]](#). Alguém que o respeita e admira muito, Sr. King. — disse num tom conciliador como se voltássemos a ser grandes amigos depois do telefonema. Coisa que nunca fomos. Estreitei meu olhar nele. — essa pessoa causou uma pequena revolução entre os acionistas e os principais clientes da King's. Eles se uniram em sua defesa e pedem ao Conselho que reconsidere seu afastamento, uma vez que o senhor ainda não foi condenado por crime nenhum. — o *ainda* me fez cerrar o maxilar.

— E nunca serei, senhor Pulman. — consegui falar

naturalmente. — eu não sou um criminoso e a justiça provará isso. — ele me ofereceu outro riso amigável. Senti asco. Velho ridículo! Momentos antes ele queria a minha cabeça e agora age como se nunca tivesse ficado contra mim.

— Ninguém aqui está pensando isso, senhor King. — disse e suas palavras soaram tão falsas como a peruca que usava para disfarçar a careca. Quase bufei. — então, vamos votar novamente, agora para a permanência na presidência de Jayden Samuel King, fundador da *King's Corporation*, principal engenheiro da empresa e várias vezes ganhador do prêmio Engenheiro do ano... — eu tive que conter um riso. Era sério essa merda que acabou de dizer? O sujeito não tinha senso do ridículo mesmo. Eu não preciso desses elogios. Eu sei quem eu sou e cada um nesta mesa também sabe. E todo o processo se repetiu. Um a um os filhos da puta traidores mudaram o voto para *sim*. Quando chegou a vez de Carl, me virei para ele e levantei a uma sobrancelha irônica.

— É claro que voto pela sua permanência, irmão. —

disse e a exemplo do senhor Pulman, sua frase soou falsa para meus ouvidos. Engraçado como o conceito sobre uma pessoa pode mudar em um espaço de tempo tão curto. O meu por Carl acaba de despencar em queda livre. Eu definitivamente ficaria com os olhos bem abertos sobre ele a partir de agora. Todos aplaudiram. Palhaçada do caralho! Os filhos da puta se reúnem aqui para me foder e porque deu tudo errado ousam me aplaudir. Eu não preciso de sua ovação, porra! Me ergui e eles se levantaram também. Ajeitei meu terno com gestos lentos. Eu faço isso quando estou muito puto e preciso de cada milésimo de segundo para me acalmar. Funcionou porque consegui encarar cada um deles com calma.

— Eu os agradeceria se tudo isso não tivesse sido uma palhaçada lamentável. — seus rostos mostraram surpresa. Talvez esperassem uma ovação em retribuição. Sim, eles eram patéticos. — alguém de fora precisou apontar tudo que todos vocês já sabiam sobre mim. Eu sou a King's. Eu a elevei ao patamar que estamos agora e que enchem os meus e não podemos esquecer, os seus bolsos com o lucro. — eles tiveram a decência de parecer

envergonhados. Ótimo. — passar bem senhores, pois depois dessa experiência deprimente eu só preciso ver minha mulher e filhos. — completei e os deixei lá. Me dirigi ao elevador.

— Jay você não está chateado comigo, está? — a voz de Carl soou atrás de mim. Chateado? Não. Isso não chega nem perto de definir meus sentimentos por você agora, seu bastardo traidor! Entrei no elevador. Ele segurou as portas. Sua expressão preocupada. É, eu estaria também no lugar dele.

— Solte as portas, Carl. — falei baixo, mas inflexível. — eu não vou falar com você agora. Estou enojado. Só preciso da minha mulher e filhos para esquecer toda essa merda. — ele soltou e recuou, uma expressão sombria no rosto. Foda-se ele! Foda-se tudo! Eu só quero chegar em casa e ver Cassie e os meninos. Eu preciso disso agora.

Cassandra

Subi pelo elevador privativo que dava direto na presidência. Eu precisava ver Jay. Saber se tudo tinha corrido bem. Meu celular havia ficado em algum lugar que

não me recordo no momento e não pude falar com ele a tarde toda. Acho q deve ter ficado nas obras do Fogs quando passei por lá no início da tarde. Talvez ainda estivesse preso na reunião do Conselho. Desde o momento em que fiquei sabendo pela secretária de Carl que ele esteve furtivamente reunido com alguns dos membros do Conselho eu fiquei em alerta. Sim, eu me certifiquei de ficar amiga dela para saber mais dos passos de Carl. Jay pode estar cego pela memória de John, mas eu não. Eu não vou deixar que Carl se aproveite de sua cegueira para prejudicá-lo. E o verme estava realmente planejando algo. Contatei um dos membros do Conselho mais acessíveis e apelei para seu senso de honra. Para minha sorte ele entregou tudo, mas adiantou que seu voto era com os outros. Covarde. Jay seria afastado da presidência sob alegação da exposição negativa da empresa na mídia e nem suspeitava disso. A primeira coisa que fiz foi ligar para Leon. Ele pediu a lista dos clientes mais importantes da King's, dentre eles ninguém menos que a rainha Elizabeth. Jay havia reformado as casas de veraneio da família real britânica. Sim, eu não estou bajulando quando

digo que meu marido é um engenheiro fodão. Ele realmente é. Reuni um balanço de todas as obras já realizadas nesse ano. Perdemos três contratos depois que ele foi listado como um dos possíveis suspeitos do assassinato de Mark, mas eram contratos pequenos, insignificantes se comparado aos contratos milionários que levam a assinatura de Jay. Leon mediou tudo com a rainha. Realeza entende realeza. Parece que ele resolveu cobrar um favor e foi atendido. A rainha ligou pessoalmente para os clientes mais substanciais e formaram uma aliança. Agora estou aqui agoniada ainda sem saber se tudo deu certo. Ele não merece ser apunhalado pelas costas dessa forma. Acho que chegou a hora de dizer a meu marido que Carl não é merecedor de sua amizade. Ele vai pirar quando souber que o verme esteve me assediando mesmo que veladamente. Saí do elevador na antessala semiescura. Aparentemente não havia mais ninguém por aqui. Ouvi um barulho às minhas costas. Meus pelos da nuca arrepiaram e não de uma maneira agradável. Então eu senti o perfume. O familiar perfume caro de Carl. Um arrepio percorreu minha coluna

ao perceber que eu estava sozinha. Sozinha com ele numa sala semiescura. Meu coração começou a bater violentamente, o pânico começando a me tomar. Ele não teria coragem de tentar algo comigo aqui. Teria? Ouvi uma injeção de ar. Ele estava me cheirando? Sim, ele me cheirou, o filho da puta me cheirou. Andei para frente com pernas um tanto instáveis e tateei o interruptor. A sala se iluminou e eu puxei uma respiração trêmula. Ele continuou lá parado com as mãos nos bolsos. A sugestão de um sorriso nos cantos da boca. Os olhos cinza brilhando com certa diversão. Ele percebeu meu medo. Carl é um predador e sim, tenho medo dele e de tudo que vejo no seu rosto quando me olha.

— Carl? Você me assustou. — disse tentando desesperadamente controlar o tremor na voz. Ele começou a andar devagar para mim. Oh! Merda! — Onde está Jay? E a reunião com o Conselho?

— Desculpe, não foi minha intenção assustá-la. — sussurrou, num meio sorriso charmoso. — eu vi você lá no estacionamento. Jay já foi embora. — Pausou um

pouco. — na verdade todos já foram. — seu tom baixo, rouco e íntimo soou como uma ameaça. Eu pensei que ele fosse pular em cima de mim a qualquer momento. Eu abri o zíper da bolsa e tateei o spray de pimenta que Jay faz questão que eu use desde que tudo isso começou. Algo brilhou fugazmente nos olhos cinzentos e ele cerrou o maxilar como se alguma coisa o desagradasse. — você está com medo de mim, Cassie? — seu tom foi desgostoso como se ele realmente se sentisse mal por isso. Eu pisquei confusa.

— Eu devo estar? — rebati ainda segurando o spray dentro da bolsa. Ele não podia ver de onde estava.

Ele abriu um riso divertido. Sua postura relaxando e se afastou.

— Você está a salvo. — disse levantando as mãos em rendição. — só vim conferir se precisava de algo. — sorriu mais e indicou minha bolsa com a cabeça. — já pode soltar o spray de pimenta, Cassie. Eu não quero machucar você. Nunca machucaria você. — eu não soltei de imediato. Suas palavras não me tranquilizaram de

forma alguma.

— Eu só vou pegar algo na minha sala. Estou bem. Você já pode ir. — o dispensei ainda sem soltar o spray. Mesmo quando ele usa um tom suave ainda sinto uma ameaça. Será paranoia minha? Me virei e me dirigi à minha sala, torcendo para que ele fosse embora. Entrei e acendi as luzes. Fui até mesa e sentei na cadeira, tentando controlar as batidas do meu coração. Há uma energia ruim em torno dele e isso me desestabiliza.

— Foi você? Só agora me toquei que perguntou sobre a reunião do Conselho. Como soube e o mais importante, o que você fez? — apesar do tom calmo, os olhos cinza de Carl ferviam quando irrompeu pela porta. O encarei e me levantei indo até ele. Foda-se! Esse idiota não vai me fazer agir como uma covarde.

— Eu apenas fiz com que o Conselho refletisse sobre quem é o engenheiro mais respeitado e requisitado aqui dentro. — seu semblante não revelava nada, mas havia algo queimando no seu olhar. — a King's não é nada sem aquele que a criou. Jay é respeitado não só no Reino

Unido, mas em toda a Europa. — pausei um pouco para analisar sua reação. — muitos clientes mostraram fidelidade e ficaram do nosso lado. Talvez queira saber que entre esses clientes está ninguém menos que a rainha Elizabeth. Meu marido não sairá da presidência porque um psicótico covarde quer prejudicá-lo. — sua boca se abriu incrédula e ele ficou mudo por um instante. Então os olhos cinza ganharam um brilho que eu já conhecia bem: cobiça, luxúria.

— Ele realmente tem muita sorte de ter uma mulher como você, não é? — puta merda! Será que tudo que sai da sua boca hoje é uma ameaça? Voltei a mesa e peguei o projeto do Fogs para não ficar tão evidente que eu não vim pegar nada e só estava me escondendo dele.

— Ele me tem. Não sei se é sorte ou não. Mas ele me tem completamente. — disse, meu tom já irritado. Fui até a porta e a abri. — se não se importa, eu quero ir para casa. Tudo que eu preciso agora é do meu marido e filhos. — seu rosto foi tomado por uma expressão gelada e ele passou por mim resmungando um boa noite. Jay precisa se

livrar desse encosto e com urgência.

Entrei em casa cerca de vinte minutos depois e percebi que havia algo errado pela quantidade de seguranças na sala. Deus! O que houve? Meus filhos? Onde está Jay? Inquiri-me avançando por entre o aglomerado de homens de ternos escuros. Seus rostos foram tomados por uma espécie de alívio ao me verem. Era como se estivessem esperando por mim. Bill se aproximou.

— Senhora, o chefe está enlouquecido lá no escritório. Ele pensou... Todos nós pensamos que havia acontecido algo ruim com a senhora. — revelou-me e eu me senti imediatamente culpada por ter mobilizado tanta gente só porque liberei Isaac mesmo sob seus protestos mais cedo. Eu queria encontrar Jay depois da reunião e vir juntos para casa. Era só isso. Puta merda! Eu não pensei muito sobre isso. Eu só queria saber como tudo terminou e estar lá para meu marido.

— Está tudo bem comigo, Bill. — garanti me sentindo envergonhada. — diga que podem voltar a seus postos e chame os outros que tenho certeza, meu marido mandou

para as ruas atrás de mim. — ele acenou levemente com a cabeça e eu me dirigi ao escritório.

Jay estava virado para a janela, sua postura gritando tensão. Isaac estava sentado numa das poltronas. Ele com certeza deve ter ouvido horrores de Jay por ter me deixado mais cedo.

— Jay, amor? — seus ombros enrijeceram e ele se virou rapidamente para mim. Seus olhos se iluminaram ao me ver, correndo por todo o meu corpo como se quisesse constatar que eu estava bem. Começou a cruzar o espaço entre nós, mas parou abruptamente, cerrando os punhos. Puta merda! Eu conheço esse olhar. Ele estava zangado. — deu tudo certo na reunião? Você conseguiu...

— Onde você estava? — quis saber conciso. — por que não atendeu o celular?

— E-eu acho que esqueci meu celular nas obras. Eu...

— Você foi realmente muito estúpida hoje, Cassie. — rosnou, meu corpo deu um solavanco com a grosseria de suas palavras. — Onde você esteve? — os olhos escuros seguraram os meus. Seu tom irritado, seu olhar duro. —

por que dispensou Isaac? — eu fiquei calada, surpresa, atordoada com sua reação irada. — onde esteve, porra? — rosnou outra vez. Encarei Isaac e ele desviou os olhos visivelmente constrangido. Pousei meus olhos de novo em Jay. Meu coração doendo pela forma desrespeitosa com que estava me tratando. Ele era mesmo a porra de um bipolar! Meus olhos arderam de lágrimas humilhantes. Minha visão turvou e eu pisquei para contê-las.

— Eu não sou sua propriedade. — grunhi, raiva me cegando. — e tampouco sou sua prisioneira. — Seu semblante mostrou surpresa com minhas palavras. Os olhos amoleceram um pouco me vendo à beira das lágrimas. Veio para mim, mas levantei a mão. Ele parou. Eu estive a tarde inteira intercedendo por ele junto ao Conselho e sou tratada dessa forma? — quer saber onde estive? Descubra por si mesmo, seu grande idiota! — rosnei de volta e marchei para fora, batendo a porta do escritório com força.

Passei pela sala, as lágrimas já banhando meu rosto. Odeio esse jeito louco, impulsivo dele! Ele me chamou de

estúpida. Cretino! Ele é o estúpido. Não eu. Fui procurar meus filhos. As babás estavam brincando de empilhar blocos com eles na sala do piano. Fizeram uma festa quando me viram.

— Oi, meus anjinhos. — me forcei a sorrir me abaixando, sendo bombardeada pelos abraços e beijos estalados dos dois. Mais lágrimas pularam dos meus olhos.

— A senhora está bem? O patrão estava louco porque não conseguia encontrar a senhora. — uma delas quis saber, obviamente preocupada com minhas lágrimas.

— Eu estou bem, obrigada. — assegurei. — podem me deixar com eles agora. — pedi e elas assentiram, seus rostos ainda visivelmente preocupados. — como estão, amores? Hum? Contem para a mamãe como foi o dia? Brincaram muito? — a sala se encheu com suas risadas lindas e eu acabei rindo também entre lágrimas.

— Bincou muto. — Lucas falou, pendurando no meu pescoço.

— Bincou muto — Samuel imitou o irmão. Me sentei

com eles no tapete, ouvi passos às minhas costas. Mesmo sem me virar meu corpo sabia que era ele, o idiota impulsivo. Me mantive lá brincando com os meninos, ignorando-o.

— Papai! Quer papai. — Lucas se agitou levantando. Samuel o seguiu quando correu com passinhos curtos ao encontro do pai.

— Ei, garotões! — seu tom amoroso me fez fechar os olhos. Meu peito ainda doendo pela forma grosseira com que me tratou na frente de Isaac. — vocês estão cuidando da mamãe para mim? Hum? — seu tom foi suave, arrependido e eu podia sentir seu olhar sobre mim, mas não me virei para ele. — papai foi tão idiota. — lamentou. — papai magoou a mamãe. Podem dizer a ela que papai a ama mesmo que seja um idiota estúpido a maior parte do tempo?

— Idota, papai. — Lucas disse. Samuel repetiu também. Eu quase sorrio da inocência dos meus lindos bebês.

— Sim, papai idota. — Jay repetiu imitando-os. —

mas ele ama muito a mamãe.

— Ama muito mamãe. — Lucas e Samuel pareciam dois papagaios. Um sorriso brincou na minha boca, mas o contive a tempo. Ok. Isso tudo é muito fofo, ele usando nossos filhos para chegar a mim, mas não vou facilitar. Ele precisa aprender a controlar a raiva. Me levantei e virei para eles. Seu semblante caiu ao ver meu rosto choroso.

— Cassie... Me desculpe, meu anjo. — murmurou, os olhos escuros pesarosos. — eu fiquei louco imaginando que algo havia acontecido, amor. — apenas assenti com a cabeça e tomei Samuel nos braços.

— Vamos dar o jantar dos meninos. — disse concisa já dando as costas a ele. Não conversamos durante a meia hora seguinte. Ele parou de tentar quando o respondi apenas com monossílabos. Depois de alimentarmos os bebês os entregamos às babás.

— Aonde você vai? — Jay quis saber quando entrei no elevador para o térreo. Havia uma urgência em sua voz.

— Vou ver uns detalhes no projeto do Fogs. — disse

apertando o botão para descer. Ele segurou as portas. Sua expressão derrotada.

— Mas você nunca trabalha em casa...

— Vou trabalhar hoje. — disse sucintamente. Ele ainda ficou lá parado me olhando, então se afastou e as portas se fecharam.

Fechei a pasta com o projeto do Fogs sobre a mesa e suspirei. Não consegui ver nada no projeto do imbecil nas últimas duas horas. Até mesmo porque não havia muito a ser visto. Eu ainda estava chateada. Eu fiquei aqui trancada, me escondendo do meu muito impetuoso marido. Pendi a cabeça no espaldar da cadeira. Eu pensei que ele viria atrás de mim. Ele não veio e isso me decepcionou. Meu telefone tocou. Sim, Jay mandou Bill e outros dois seguranças irem vasculhar as obras e eles o encontraram. O recebi de volta uma hora atrás, mas foi o próprio Bill quem bateu na porta e me entregou. Havia uma centena de chamadas perdidas de Jay. Além de mensagem de voz. As primeiras eram amorosas: *Cassie, por que não atende o telefone, meu anjo? Me ligue assim que vir isso. Amor, o*

que houve, anjo? Me ligue. E haviam as últimas: Porra! Por que não atende esse telefone do caralho? Cassandra Miller quando eu colocar minhas mãos em você... Me retorne, porra! Eu gargalhei ouvindo cada uma e surpreendentemente meu peito já não estava tão pesado e magoado. Esse homem intempestuoso me ama. Disso não tenho dúvidas. Vi o nome na tela e sorri. Era minha prima, Sílvia. Temos nos falado com regularidade. Ela ficou noiva recentemente e estava numa felicidade só. Foi uma pena eles não terem ido no meu casamento em Ardócia. Mas até então nem eu sabia que ia casar. Ah, Deus! Jay havia feito uma surpresa linda para mim. Ok. Minha raiva cedeu quase completamente com as lembranças daquela noite.

— Oi, Sil. — tentei colocar empolgação na voz.

— Oi, prima. — seu tom foi baixo e quebrado.

— Que voz é essa? — quis saber me endireitando na cadeira. As piores hipóteses invadindo minha mente. — o que houve, prima? — ouvi um suspiro trêmulo do outro lado. — por favor, Sil. Está me assustando, querida. O

que houve?

— Eu... Eu rompi com o Fábio. — revelou. Como? Eles haviam ficado noivos há menos de um mês.

— O que houve, querida? — algo me dizia pelo seu tom cheio de dor, decepção que o tal Fábio era o grande idiota nessa história.

— Eu o flagrei fodendo a secretária na sua sala de estar. — puxou uma respiração profunda. Puta merda! Isso é muito pior do que imaginei. Desgraçado, filho da puta! — não havíamos combinado nada, mas eu queria fazer uma surpresa. Cozinhar algo para ele. — pausou e ouvi soluços. — mas eu é que fui surpreendida quando entrei e dei de cara com ele comendo a vadia loira no sofá. Eles não me viram e eu fiquei paralisada, apenas lá congelada ouvindo-o rosnar enquanto a fodia, tecendo todos os tipos de elogio à sua boceta. — que cretino! Gemi, mortificada. Nenhuma mulher merece ver esse tipo de cena. Coitada da minha doce prima. — foi a coisa mais humilhante da minha vida quando ele levantou os olhos no meio do seu orgasmo e me viu. Mesmo assustado não conseguiu conter

os rosnados. Parecia um animal. Ele nunca foi assim comigo. — ouvi mais soluços.

— Eu sinto, Sil. — lamentei. — esse imbecil não merece você. Ele é quem perdeu, querida. Você sabe disso não é?

— Sim, ele é mesmo um grande imbecil traidor. Mesmo depois de tudo ainda veio atrás de mim, dizendo que foi coisa de momento. Que ela era só uma foda fácil e que eu era a mulher da sua vida.

— Babaca! Mas é claro que você não o aceitou, não é? Ele não respeitaria você depois de casado, querida. Homens assim não param. Nunca param. — disse, muito indignada com o idiota.

— Eu só preciso sair do Rio, Cassie. Ele tem me perseguido todo o tempo. Eu não quero mais ver a cara dele. — pausou um pouco. — eu queria ver se posso ir ficar com você por um tempo até colocar minha cabeça em ordem de novo.

— Mas é claro que pode, prima. Jay não vai se importar, tenho certeza. Será bem-vinda na nossa casa. —

garanti, me sentindo animada em ter alguém da minha família por perto. — vou falar com ele e vamos providenciar tudo.

— Obrigada, prima. Eu aprecio o que está fazendo por mim. — seu tom era um pouco mais animado agora.

— Vai dar tudo certo, você vai ver, querida. — garanti. Ainda nos falamos por um bom tempo e quando nos despedimos ela já estava menos chorosa. Homens... Resmunguei ao desligar e me lembrei do meu marido. Era hora de encará-lo e acabar com essa briga boba.

Entrei no nosso quarto e meu queixo caiu. Sim, foi ao chão mesmo com tudo que vi. Estava fracamente iluminado. Havia pétalas de rosas espalhadas por todo o chão. Gun's tocava ao fundo num volume agradável. Andei até a cama e meu coração gaguejou quando meus olhos focaram o que Jay havia feito lá. Sobre os lençóis brancos havia pétalas também, mas elas formavam uma frase *me desculpe, amor*. Oh! Meu Deus! Ele era o ogro mais fofo. Me virei ao sentir sua presença. Ele parou no limiar das portas da sacada, o luar iluminando suas

feições morenas. Meus olhos foram descendo ávidos pelo corpo grande e musculoso. Ele usava só a calça do pijama, pendendo abaixo no quadril. Babei. Um gemido baixo escapou dos meus lábios diante de sua beleza intimidante, crua, selvagem. Puta merda! Isso foi golpe baixo. Muito baixo. Nenhum homem tinha o direito de ser tão gostoso, droga! Forcei-me a andar em direção ao banheiro. Tomei um banho rápido e vesti um roupão branco. Voltei ao quarto e ele estava lá, me aguardando com duas taças de champanhe nas mãos.

— O que estamos comemorando? — disse me mantendo a certa distância. Seus olhos brilharam fugazmente.

— Eu sou um idiota, meu anjo. — disse, meio encabulado. Ele estava tão bonitinho assim tentando se desculpar.

— E isso é motivo para comemoração? — tentei dificultar, mas meu tom já não era magoado. Os olhos negros brilharam mais e a sugestão de um sorriso brincou na sua boca sensual. Ele já tinha lido minha linguagem

corporal e, claro meus olhos o devorando, babando em cima dele.

— Não, meu anjo. — sua voz suave, amorosa me acariciou e eu tremi, tendo que me segurar para não dar os poucos passos que nos separavam. — mas eu tenho a mulher mais linda, corajosa e leal que um homem pode desejar. — continuou, sério agora. — eu descobri tudo, anjo. Sei que estive o dia todo salvando a minha bunda e eu me odeio agora por ter explodido com você mais cedo.

— Parabéns, *Sherlock*. — falei dando de ombros. Um riso lento foi se espalhando em sua boca e ele finalmente veio para mim devagar, parando bem na minha frente. Meus olhos pousaram em seu peitoral e abdome soberbos e não pude evitar lamber os lábios. Seu riso ampliou, arrogante, perverso, safado, conhecedor do seu poder sobre mim.

— Você não vai facilitar mesmo para mim, não é? — sussurrou, entregando-me a taça. Peguei e tomei um grande gole.

— Não. Eu ainda estou com raiva. — minha voz saiu

ridiculamente baixa e ofegante. Droga!

— Não, você não está mais com raiva. — murmurou no seu tom de quarto, rouco, sexy, pingando perversão e um rio de excitação desceu do meu ventre para a vagina. — está louca para eu beijar, lambar e chupar sua bocetinha linda. — puta merda! Ele realmente joga sujo. Gemi, meu corpo balançando para ele e seu braço veio em torno da minha cintura me puxando contra seu peito duro.

— Seu ogro... — miei levantando meu rosto, nossas bocas ficando bem próximas, seus olhos queimando nos meus.

— Minha ruivinha linda, geniosa, gostosa... — gemeu na minha boca. Pegou nossas taças, colocou sobre o aparador e voltou para mim. — onde paramos mesmo? — uma mão me puxou pela cintura e a outra entranhou em meus cabelos da nuca. Choraminguei, enlouquecida por ele. — hum, sim, paramos na parte em que o *Shrek* aqui vai algemar, vender e foder sua esposa desobediente a noite toda. — Puta merda! E sua boca desceu sobre a minha num beijo lascivo, chupando, lambendo, mordendo.

Meus braços rodearam seu pescoço e o deixei me devorar. Sua mão desceu para minha bunda, apalpando, passeando pelo meio da fenda grosseiramente. Seu pau duro cavou bem embaixo, na minha vulva e miei em sua boca. Mordeu meu lábio inferior com força e arrancou sua boca da minha. Estávamos os dois ofegantes, gemendo. — eu quase enlouqueci pensando que algo havia acontecido, anjo. — sua voz tremeu um pouco. — ainda estou zangado como o inferno. Você não vai fazer esse tipo de coisa de novo, ouviu? Nem que seja para salvar a minha bunda. Eu não posso ficar sem você, amor. Eu não posso. — sua voz quebrou no final e eu entendi como isso o tinha afetado. Ele tinha toda razão de explodir comigo.

— Eu fui realmente estúpida, amor. Eu prometo que isso nunca mais vai acontecer. — sussurrei em sua boca.

— Sim, você foi. — rosnou e puxou mais meus cabelos, me forçando arquear as costas. — vou encher esse traseiro lindo de palmadas e comer seu rabo gostoso bem duro. É isso que vou fazer. Gostou disso, escrava? — meus líquidos jorraram, descendo pelas coxas. Suas mãos

foram rápidas para as laterais do roupão e o arrancou bruscamente do meu corpo. Os olhos negros fumegaram deslizando por cada centímetro de mim. Ofeguei. Um riso malvado curvou sua boca quando viu minha vagina e minha excitação escorrendo. — oh, você definitivamente gostou disso, não é, putinha safada? — suas mãos se fecharam em meu pescoço, apertando. Rosnou porque isso o excita. Então desceu lentamente pela clavícula e se apossou dos meus seios já pesados e doloridos. Amassou-os com fome, torceu os mamilos e eu enlouqueci de vez.

— Ohhh! Amor... Por favor... — implorei sem pudor.

— Por favor o que, minha escrava desobediente? — sorriu do meu desespero. — você me desagradou hoje. Me assustou pra caralho. — pausou e completou com um tom mais suave, reverente. — mas você foi muito corajosa e perfeita pra caralho ao interceder por mim e eu te amo além do que qualquer palavra poderia descrever. Só por isso vou deixar você gozar.

— Eu também te amo, amor. — murmurei e ele me levantou nos braços. Segundos depois, minhas costas

desceram nos lençóis e nas pétalas macias. Meus olhos correram por seu corpo poderoso, enquanto se livrava das calças. Seu pau saltou livre e eu arfei já no meu limite. Ele sorriu e se dirigiu ao closet. Voltou com a venda e as algemas. Elevei minhas mãos acima da cabeça obediente. Me algemou rapidamente e veio para cima de mim. Seu semblante travando uma luta.

— Seus olhos são a coisa mais incrível que já vi, amor. — sussurrou espalhando beijos em minhas faces. — amo olhar para eles. Mas minha tara inclui você vendada, algemada, imobilizada, completamente à minha mercê. Linda... Minha... — sua boca tomou a minha faminta outra vez. Era disso que ele precisava hoje. Extravasar toda tensão. Me dominar.

— Eu sou sua, meu senhor. — sussurrei e ele gemeu com minha submissão. Me vendou rapidamente e eu ativei meus sentidos como sempre faço quando estou assim, completamente à mercê do meu lindo marido, meu dono, meu dominador. Ele brincou comigo, me torturou de todas as formas. Primeiro senti algo muito macio deslizando

pelos meios seios. Pareciam pétalas. Era uma rosa. Consegui senti seu cheiro. Ele desceu pelo meu ventre vagarosamente. Suas mãos abriram minhas coxas bem largas. O ouvi puxar uma respiração aguda. Ele estava muito excitado também e isso me faz sentir poderosa mesmo aqui numa posição dominada porque ele me quer. Me quer tão desesperadamente como eu à ele. Minhas costas arquearam quando a rosa massageou meu clitóris. Suas unhas roçaram a parte interna da minha coxa direita e minha vagina vibrou à medida que ia se aproximando. Gritei quando deu uma palmada dura pegando meu clitóris em cheio. — Ohh! Deus! Eu não aguento mais, amor... Eu preciso... — balbuciei, sentindo meu creme escorrer para o ânus.

— Aguenta sim. Você sempre aguenta, escrava. — rosnou e senti seu hálito fazendo cócegas no meu brotinho castigado. Gritei de novo quando seus lábios quentes espalharam beijos molhados em toda a minha vagina. Oh! Deus! Suas mãos cavaram minha bunda por baixo e passou a me lambe preguiçosamente, num ritmo torturante. Eu estava tremendo, louca para ele me deixar

gozar, mas ele continuou. Mordeu meus lábios suavemente e quase saltei da cama quando meteu dois dedos em minha vulva.

— Ohhh! Jay... Amor, por favor... — choraminguei de novo. Ele riu. Eu amo esse som perverso, sacana que diz que sou dele para fazer o que quiser. Sua língua chicoteou meu clitóris de novo e passou a me foder com vontade. A sensação deliciosa, entorpecente começou a se espalhar em meu ventre. Eu gemia e gemia, enquanto seus dedos me comiam sem trégua e eu quebrei gozando sem controle, meu corpo sendo tomado por espasmos e tremores violentos. Puta merda! Eu ainda estava experimentando meu êxtase quando senti a cabeça gorda na minha vulva. Antes que eu sequer respirasse ele meteu com força, me rasgando até o fundo. Entrou fácil porque eu estava muito molhada, mas ainda assim minha respiração travou com a invasão.

— Ahhh! Que bocetinha perfeita do caralho... — grunhiu e se debruçou sobre mim. Minhas pernas foram dobradas até meus seios, suas mãos segurando firme na

parte de trás dos meus joelhos forçando minha bunda levantar da cama. — Santa Mãe! Que visão linda... — chiou puxando tudo e percebi que estava olhando minha vagina. Meteu numa estocada funda de volta. O senti no útero. Muito fundo. Tão gostoso. — que bocetinha mais gulosa, minha putinha... Porra! Lindo pra caralho ver meu pau rasgando seu buraquinho assim.. — eu podia sentir suas coxas fortes batendo em mim e ele me comeu esfomeado. Metendo em mim com golpes brutos. Eu só pude ficar lá deitada, imobilizada, sendo fodida pelo meu ogro delicioso. Minha excitação voltando com tudo. Ouvir seus gemidos e rosnados era um estímulo a mais. — toma, escrava! Tá gostoso assim? Hum? — suas mãos largaram minhas pernas e foram em torno do meu pescoço. — responda, porra! Tá gostoso meu pau te comendo assim, bem duro? — bateu em mim numa estocada brutal e eu gritei.

— Sim! Oh! Deus! Sim.. — eu já estava à beira de outro orgasmo e ele percebeu. Passou a combinar as estocadas com giros completos de quadril, seu pau tocando cada nervo do meu canal cada vez que deslizava

em mim. — oh! Amor... Que gostoso... — miei, minha voz entrecortada pelo clímax que se aproximava. Suas mãos apertaram mais meu pescoço e sua boca desceu sobre meu seio direito, chupando duro, mordiscando a auréola e eu me desmanchei em outro gozo intenso,

— Isso, putinha linda! Goze para mim de novo. Goze bem gostoso no pau do seu dono, porra! Vai gozar a noite toda para mim! — rugiu e acelerou, fodendo minha vulva num ritmo alucinante, violentando, sem dó. — Oh! Merda! Ohhhh! Cassie... Amor... Eu vou gozar... Tão gostosa... — meteu fundo, seu pau inchando e senti o primeiro jato de sêmen quente me inundando. — ahhhhhhhhhhhhh! Gostosaaaaa... — caiu por cima de mim e suas mãos puxaram a venda. Seus olhos queimaram nos meus, enquanto ainda se derramava em meu canal, estocando com força. Me puxou pelos cabelos da nuca, meu pescoço arqueou e sua língua lambeu-o devagar. Seu suor pingava em mim. Seu corpo grande me esmagando no colchão, mas eu pouco me importava porque amo ser o que ele precisa. Sua boca quente foi subindo pelo maxilar, mordeu-me devagar. Gemi. Era incompreensível que mesmo tendo

gozado duas vezes eu ainda o queria dentro de mim. Mesmo toda dolorida eu não quero que ele saia. Ele pareceu sentir isso porque um riso sem vergonha e conhecedor curvou sua boca e deu uma última estocada brusca. Choringuei humilhanamente. — eu me sinto assim também. Não quero sair de dentro de você. — sussurrou, lambendo meus lábios. — felizmente tenho outras opções... — riu lascivo. — ainda vou espancar e comer seu rabo delicioso bem duro, escrava. Mas antes vamos tomar um banho e jantar. — me beijou suavemente. — sim, eu sei que você não jantou porque estava muito marrentinha comigo. — sorriu em sua boca. — pedi comida naquele restaurante italiano que adora. Sim, vou mimar minha mulherzinha linda um pouco.

— Obrigada, amor. — sussurrei.

— Eu ainda não agradei o que fez por mim hoje, meu anjo. — seus dedos delinearam minhas faces reverentemente. — eu tenho muita sorte em ter você. Obrigado.

— Eu te amo, sabia? — murmurei, enquanto ele

soltava meus pulsos. Massageou-os e enlacei seu pescoço.

— E eu a você, meu anjo. — disse-me de volta e gemeu saindo de mim. Me levantou nos braços. — então, ainda está com raiva de mim? — seu tom era zombador.

— Seu convencido. — bati em seus ombros. — eu nunca poderia continuar com raiva quando armou tudo isso e ainda me esperou com esse abdome indecente descoberto. Você foi muito malvado. — gargalhou jogando a cabeça para trás. Tão lindo. — meu ogro delicioso. Meu príncipe fodão. — murmurei espalhando beijos em seu peito duro, em cima das tatuagens e fomos para o banheiro...

CAPÍTULO DEZOITO

Cassandra

Acordei com o zumbido do meu celular. Estiquei meu corpo dolorido. Humm, deliciosamente dolorido da posse do meu marido ogro, dominador, sexy, lindo. Me virei e o lugar dele estava vazio. No entanto, um riso se espalhou nos meus lábios ao ver a rosa sobre o travesseiro. Mencionei que ele também é muito fofo quando se esforça? Sim, ele é perfeito e eu amo meu ogro gostoso, fodão. Peguei-a e inalei. O celular zumbiu de novo. Era uma mensagem dele.

Jay: Bom dia, meu anjo. Dormiu bem? Rss. Fiquei com peninha de acordá-la mais cedo, uma vez que foi fodida à exaustão pelo seu marido ogro...

Rolei os olhos, meu riso alargando. Havia outra.

Jay: Vamos, hora de acordar, amor. Traga essa bunda deliciosa aqui embaixo. Eu e os meninos estamos esperando na piscina. Use aquele biquíni vermelho, sexy pra caralho. Amo o seu traseiro nele...

Digitei rapidamente uma resposta.

Cassie: *Bom dia, amor. Eu dormi muito bem quando meu marido ogro (suspiros) lindo e gostoso pra caramba, saiu de cima de mim... Rss. Só vou tomar uma ducha rápida e tomar café e sou toda sua, grandão. Ou melhor, toda dos três homens que mais amo no mundo.*

Jay: *Rsss... Gostoso pra caramba? Gostei disso, anjo. Vamos, não demore a trazer esse rabo quente para mim... E sim, nós somos seus donos. Você é nossa, embora Lucas vá discordar de mim nesse ponto... Rsss. Tal pai, tal filho...*

Cassie: *Rss, certamente, meu pequeno dominador vai discordar. Já estou descendo, amor.*

Coloquei o biquíni após o banho e descí para a cozinha. Tomei um suco com torradas e fui encontrar meus homens. Os gritinhos de Lucas e Samuel podiam sem ouvidos à distância. Desci os degraus para a área da piscina e desacelerei os passos me permitindo observá-los sem ser notada ainda. Jay brincava com eles na parte mais rasa. Usava uma sunga branca que destacava sua

pele morena. Os músculos das costas e ombros flexionando à medida que empurrava os meninos em suas boias. Havia arranhões em seus ombros e costas bem visíveis e eu corei olhando em volta horrorizada. Puta merda! Parece que fui bem selvagem ontem. Os seguranças estavam longe, na parte baixa do jardim, graças a Deus. Como se sentisse minha presença sua cabeça negra virou e arfei. Usava óculos escuros no estilo aviador. Um riso safado, perverso se espalhou na boca sensual sabendo que o estive cobiçando furtivamente. Atirei-lhe um riso atrevido e comecei abrir o roupão atoalhado andando devagar até a borda. Eu também usava óculos de sol, me senti mais confiante, uma vez que ele não podia ver meus olhos.

— Ei, ruivinha linda. — sussurrou, e mesmo sob as lentes escuras eu sabia que seus olhos estavam me devorando, assim como eu a ele. Corei e seu riso sem vergonha se ampliou.

— Ei, grandão. — murmurei de volta e deixei o roupão deslizar até meus pés. Ele deu um assobio baixo quando

virei as costas para pegar a peça no chão e colocá-la sobre uma das espreguiçadeiras. Demorei um pouco mais curvada do que o necessário. Olhei por cima do ombro e provoqueei: — era esse o biquíni, amor? — ele rosnou.

— Santa Mãe, anjo! Era esse mesmo, porr... Digo, era esse mesmo, amor. — corrigiu quando lembrou dos meninos. Gargalhei. Nós dois tínhamos que nos policiar perto deles. Nossos pequenos eram como papagaios e assimilavam rapidamente todas as palavras novas que ouviam. Joguei beijinhos para eles que já estavam enlouquecidos me chamando. Dei a volta lentamente torturando meu marido mais um pouquinho com a visão do meu traseiro até descer os degraus e afundar na água. — Cristo! Gostosa pra caralho... — grunhiu no meu ouvido, assim que tentei passar por ele em direção aos meninos. — bom dia, meu anjo. — murmurou e puxou minha boca para a sua num beijo curto, mas eletrizante. Enlaçou minha cintura possessivamente e se esfregou discretamente em mim, deixando claro o quanto apreciou meu pequeno show.

— Bom dia, amor. — sussurrei, meu tom levemente ofegante. Ele sorriu arrogante, sexy, malvado e amassou minha bunda num ângulo em que os meninos não podiam ver. Gemeu baixinho antes de me soltar.

— Ei, meus amores. Estão gostando da farra com o papai, não é? — beijei cada um e não pude evitar sorrir da forma que Jay os equipava para entrar na piscina, mesmo tendo informado a ele que os meninos nadavam desde os oito meses. Samuel tinha problemas respiratórios quando nasceu e o pediatra recomendou a natação como exercício regular. Como um não larga o outro para nada, Lucas teve que fazer também para dar segurança ao irmão. O resultado é que são dois peixinhos. Amam a água. — peixinhos da mamãe. — brinquei pegando uma das bolas e jogando suavemente para eles. Seus bracinhos agitaram. Gritos e sons nem sempre inteligíveis encheram o ar. Senti braços fortes deslizando em minha cintura e um peito duro nas minhas costas. Suspirei quando os lábios macios salpicaram beijos pelo meu ombro. Gemi baixinho, sentindo uma ereção enorme cutucando o alto da minha bunda.

— Eu não devia ter pedido para você usar esse maldito biquíni. — rosnou no meu ouvido. — estou duro pra caralho, agora. — Enfiou o nariz em meus cabelos da nuca e fungou, inalando profundamente. — amo esse cheiro de morangos, meu anjo. Tenho vontade de morder... Comer você... — estremeci quando lambeu a lateral do meu pescoço. Puta que pariu! Ele estava me fazendo ter um momento difícil.

— Não seja guloso, grandão. — murmurei, rindo suavemente. — você se fartou de mim ontem à noite. — grunhiu de novo. Um som engraçado de lamento.

— Eu nunca vou me faltar de você, anjo. — me apertou mais e gemi vergonhosamente agora. — sempre vou querer você com essa fome, esse desejo louco. É assim que somos. É assim que vai ser. Sempre. — completou e me deu um último beijo antes de se colocar do meu lado e pegar a bola que Samuel havia jogado entre gritinhos de *Bezo, mamãe! Papai, bezo mamãe!* Rimos sabendo que em breve teríamos que ter mais cuidado com nossas demonstrações de afeto perto deles, sobretudo porque seu

pai era um tarado de uma figa e sua mãe... Bem, sua mãe simplesmente não conseguia resistir a ele.

Brincamos com os meninos por um tempo que nenhum de nós cronometrou. Ainda era meio surreal tudo isso. Há três meses Jay era apenas uma parte do meu passado que eu lutava ferrenhamente para manter enterrada. E agora, ele estava aqui me dando tudo e mais um pouco. Querendo me compensar por tudo que sofri com nossa separação. Ele tem sido um pai maravilhoso e um marido atento a todos os meus desejos. E vou dar esse mérito a meu marido. Ele tem satisfeito todos eles, na cama e fora dela. Nossa vida está perfeita. Bom, quase perfeita. Ainda tem o caso do assassinato do Mark pairando sobre a cabeça de Jay, mas tenho certeza que muito em breve tudo será esclarecido e aí sim teremos nossa vida perfeita. Meu fluxo de pensamentos foi interrompido quando um estrondo ensurdecedor nos tirou do nosso momento relaxante na piscina e no momento seguinte Isaac corria para nós. Jay soltou uma série de palavrões, tomando os meninos nos braços e me puxou fortemente para baixo. Seus braços musculosos foram em volta de nós três. Seu

coração estava disparado quando apoiei a cabeça em seu peito. Um reflexo do meu. O que em nome Deus estava acontecendo? Esse barulho foi dentro da nossa propriedade? Eu não conseguia ver nada sobre a borda, só ouvia a agitação dos seguranças gritando uns com os outros. Meus ouvidos ainda zumbiam. Posso estar enganada, mas o barulho horrível parecia uma explosão. Oh! Meu Deus! Jogaram uma bomba na nossa casa?

— Venham! Entrem na casa da piscina! Rápido! — o tom de Isaac me deu calafrios. O que estava havendo? Saímos rapidamente. Isaac me protegeu com seu corpo e nos esgueiramos, abaixados até entrar na segurança da casa. — mantenham-se abaixados. Não sabemos o que há lá fora.

— Venha, meu anjo. — Jay me chamou se acomodando no carpete com os meninos que começavam a fazer beicinhos, sentindo a tensão em volta. Ele beijou minha cabeça, murmurando que ia ficar tudo bem, mas um horrível pressentimento insistia em me dizer o contrário. Quando Isaac estava se virando para sair, ele o chamou:

— Isaac? Eu preciso de uma arma. — Isaac o olhou com surpresa por alguns instantes, mas então assentiu e levou a mão às costas tirando uma arma pequena — eu não entendo muito de armas — e a entregou a Jay. — vá lá fora e pegue o responsável por isso, parceiro. Vá!

— O que está havendo, amor? — minha voz foi só um fio trêmulo. Ele me puxou para seus braços de novo e ficamos lá, amontoados.

— Eu não sei, anjo. Mas não parece bom. — suspirou, rangendo os dentes. Pela sua postura ele queria estar lá fora indo atrás de quem quer que seja o invasor, mas ele sabe que sua presença é mais necessária aqui nos protegendo. — Isaac logo vai voltar com notícias. Vamos ficar aqui e aguardar. — ele estava se forçando a transmitir uma calma que não sentia para não me ver em pânico.

— E se...

— Se alguém que não seja um de meus seguranças ousar passar por aquela porta, anjo, eu meto bala primeiro e pergunto depois. — disse ferozmente. — eu não vou

deixar ninguém ferir vocês, amor. Eu protegerei você e nossos filhos com a minha vida se for necessário. — eu assenti e o abracei. Lágrimas quentes banhando minhas faces, pedindo silenciosamente a Deus que isso jamais fosse necessário porque eu nunca poderia viver sem ele.

Jayden

Pareceu uma eternidade desde que Isaac nos deixou aqui na casa da piscina e saiu para ver o que diabos tinha acontecido no portão principal. Sim, o barulho veio de lá. Ainda me recuso a acreditar que algum bastardo maldito teve a ousadia de lançar uma bomba na minha casa, porra! Eu não disse nada disso a Cassie, no entanto. Mas eu conhecia o barulho. Era uma maldita bomba e isso irritava a merda fora de mim. Qual o propósito disso? Começo a pensar que não estou sendo alvo apenas de calúnias. Quem quer que seja o bastardo por trás dessa merda quer me ferrar completamente. E nesse momento eu começo a temer não só pela minha vida, mas da minha mulher e filhos. Só em pensar nisso faz meu peito doer. Cristo! Eu não posso deixar nada de ruim acontecer a eles, nunca. Eu

jamais me perdoaria. Ela ainda está tremendo nos meus braços. Os bebês já estão esperneando, querendo se levantar e correr em volta. Que situação fodida é essa em que me encontro? Um movimento no trinco da porta me fez imediatamente alerta. Destravei a arma e apontei na direção. Cassie soltou um gemido aterrorizado. Eu sinto muito, meu anjo. A adrenalina foi a mil, meu dedo sobre o gatilho. Pareceu que os segundos de merda se arrastaram até que a porta começou a abrir e Isaac gritou:

— Sou eu, companheiro! — soltei a respiração pesadamente, Cassie fez o mesmo, mas ainda estava bem agarrada à mim e não fez qualquer movimento de me soltar. Abaixei a arma sobre o sofá. Minhas mãos levemente trêmulas. Eu nunca tive medo de nada quando vivi nas ruas. Eu vivi, fiz muita coisa barra pesada e minhas mãos jamais tremeram. Mas lá era apenas a minha vida, que na minha opinião não valia muito. Aqui eu tenho todo o meu mundo. Acho que agora posso dizer que sou completamente humano. Eu tive medo, porra! Muito medo. — A situação já foi contornada e chamamos a polícia. — Isaac disse sentando-se no estofado. Embora as palavras

tenham feito com que eu e Cassie nos levantássemos imediatamente, o semblante dele nos dizia que algo não estava certo. Continuei o encarando e seus olhos brilharam muito antes de murmurar numa voz quebrada: — Bill está morto, Jay. — meu sangue gelou nas veias.

— Oh! Meu Deus! — Cassie gemeu e eu a trouxe para meus braços de novo. Soluções tomaram seu corpo esguio. Esfreguei suas costas, um bolo enorme se formando na minha garganta. A merda era pior, muito pior. Isaac passou os minutos seguintes nos informando como aconteceu. Um pacote foi entregue por um furgão com o logotipo dos correios. Os seguranças da guarita ligaram para Isaac que pediu a Bill para apanhá-lo no portão principal. Os momentos seguintes foram de puro terror. Bill teve seu corpo completamente dilacerado quando a bomba explodiu a poucos metros da guarita. Isaac estava se culpando, percebi pelo seu tom desgostoso. Cristo! Bill era o filho mais novo de três irmãos. Tinha apenas vinte e seis anos. Vinte e seis anos, porra! Ele ainda morava com os pais, um casal de idosos muito simpáticos. Eu não pude deixar de me sentir culpado também porque essa merda

era direcionada a mim. Ou não. Talvez o psicopata queria me mandar um recado. Um recado fodido do caralho! Nunca me senti tão inútil e impotente como agora.

— O senhor está insinuando que meu marido explodiu um de nossos seguranças e amigo pessoal para se safar da acusação de assassinato e desviar o foco? É isso, detetive Lewis? — Cassie levantou-se do sofá, crispando os punhos. Ela estava bem puta pelo seu tom. Levantei-me também e passei os braços em seus ombros trêmulos. Estávamos há uns vinte minutos respondendo aos questionamentos dos detetives Lewis e Marrone. Eles haviam chegado pouco depois do ocorrido com alguns agentes do esquadrão antibomba e não estavam ajudando em nada os nervos da minha mulher.

— Perdoem minha mulher, senhores. Ela está muito abalada com o que aconteceu. — forcei-me a usar um tom conciliador quando tudo que eu queria era arrancar as expressões acusatórias de merda das caras odiosas dos dois imbecis na minha frente. — ela está certa, no entanto. Fomos vítimas de um ataque, senhores. Um ataque que

tirou a vida de um de nossos seguranças. Não apenas um segurança, mas nosso amigo. Estou aqui tentando processar como vou encarar os pais dele e dizer que seu filho mais novo morreu em serviço protegendo a mim e minha família. — pausei um pouco para continuar calmo. — então, não venham com essas expressões irônicas e esse interrogatório de merda porque o assassino não está aqui. Quem vocês procuram não está aqui. — cerrei os dentes. — Inocente até que prove o contrário, soa familiar para vocês? Então aqui está a coisa, senhores, ou começam a trabalhar para resolver essa merda, ou vou mover um processo por assédio moral e uso abusivo de autoridade contra vocês. Eu sou a vítima nessa história, porra! — acabei me exaltando no final, mas valeu as caras estupefatas que os dois idiotas tinham agora.

— Estamos trabalhando nisso, senhor. — o detetive Lewis anuiu um tanto desconfortável. É isso aí, seu imbecil. Não vou mais aturar suas merdas! Tive vontade de berrar, mas isso não seria aconselhável. Eu poderia ser preso por desacato. — vamos deixar uma viatura permanentemente na propriedade. Isso foi muito sério e...

Bem, fora dos padrões. — deu um longo suspiro. — não estamos o acusando senhor. Só estamos tentando chegar a uma solução para o caso.

— Então façam isso sem que eu me sinta um merda no processo, senhores. — disse num tom seco. — sou um empresário respeitado, tenho residência fixa e nunca me neguei a colaborar nas investigações. Gostaria de não ser julgado ou discriminado pelo que fiz na minha adolescência. Eu paguei toda aquela dívida com a justiça há muito tempo. — seus semblantes me disseram tudo. Malditos preconceituosos. — Sou um cidadão inglês que paga devidamente seus impostos. Gostaria de ser tratado com mais respeito na próxima vez que entrarem na minha casa. — eles assentiram e pouco depois voltaram para fora.

Carl chegou logo depois oferecendo seu apoio. A notícia se espalhou na internet e ganhou as manchetes dos principais jornais. Em outros tempos eu ficaria contente com o apoio de meu suposto amigo, mas agora ele já não me parecia confiável. Ele ficou o dia inteiro conosco

apesar da minha frieza. Ele parecia querer se redimir da traição com o Conselho. Eu não tenho tempo para falar com ele sobre isso, mas em algum momento vamos ter essa conversa. Meus irmãos me chamaram preocupados também querendo vir a Londres. Eu os tranquilizei. A polícia estava cuidando de tudo. Além disso, Dom e Helena estavam em Las Vegas comemorando um ano de casados, não seria justo atrapalhar suas vidas. Fiquei agradavelmente surpreso quando ele me informou que tio Max também estava lá e que havia se casado com a namorada Nicole. Fiquei feliz por ele. Ao menos uma notícia boa em meio ao caos em que me encontrava. Leon e Júlia estavam numa viagem diplomática na França. Eu precisava resolver minhas merdas sem interferir na vida deles. Eles já estavam fazendo muito por mim. Isso não seria justo.

Os dois dias seguintes foram de tristeza angustiante. Providenciei tudo para o enterro de Bill e ofereci apoio emocional e financeiro à família dele. Ainda era chocante para mim assimilar que ele não estaria mais conosco. Que não o veria mais com seu sorriso sempre franco e aberto.

Ele gostava muito dos meus filhos. Brincava sempre com eles. O bastardo por trás disso realmente me atingiu. Isaac estava inconsolável também. Os dois eram muito amigos e parceiros. Cassie mesmo abalada foi meu porto seguro. Na verdade buscamos forças um no outro. Eu prometi a ela um conto de fadas, mas tudo se transformou de repente em um cenário de terror. Eu não consigo deixar de me culpar por toda essa merda.

Depois do enterro, Carl veio conosco para casa. O idiota traidor acha que vai recuperar o que tínhamos. Eu acho que não. Talvez seja a hora de cada um seguir seu caminho. Já o levei na minha asa por tempo demais. Leon me fez perguntas estranhas sobre a minha relação com Carl na nossa última conversa. Eu conheço meu irmão. Ele definitivamente queria me dizer mais, mas apenas me informou que ainda não podia falar nada, pois o Serviço Secreto estava trabalhando com uma nova linha de investigação. O questionei e ele disse que não é a toa que o Serviço Secreto tem esse nome. Bufei, mas aceitei sua explicação, por enquanto.

Saí do escritório à procura de Cassie e os meninos. Ouvi as risadinhas infantis vindo da sala do piano. Meu peito aliviou um pouco. Amo esse som. Meus pequenos tão inocentes, alheios à toda essa confusão a nossa volta. Um sorriso se abriu no meu rosto e avancei pelo corredor. Meu sorriso congelou no rosto com a cena que se desvendou quando parei nas portas da sala. Cassie estava sentada sobre os calcanhares, envolvida numa brincadeira com Lucas e Samuel. Seu vestido subiu, deixando boa parte das coxas brancas e firmes de fora. Ela estava quase de costas para a porta, enquanto fazia cócegas nas barriguinhas dos meninos deitados no tapete. Até aí tudo bem. Isso era corriqueiro. O que me teve intrigado foi ver Carl ali parado alguns passos atrás dela, abrindo e fechando os punhos como se a cena o incomodasse de alguma forma.

— Carl? — minha voz fez ambos virarem as cabeças na minha direção. O rosto de Cassie mostrou genuína surpresa, arregalando os olhos. Estreitei meus olhos vagando entre eles. Cassie travou a respiração como se estivesse com... Medo? Por que estaria com medo? Carl

por outro lado, enfiou as mãos nos bolsos das calças e tentou livrar-se de toda a carga estranha que pairava sobre ele quando entrei. Os olhos cinza ainda estavam visivelmente dilatados, inflamados e mais uma suspeita entranhou em mim. Essa doeu muito mais. Ele estava observando, cobiçando minha mulher furtivamente? Era isso? Cerrei os punhos e avancei devagar, meus olhos nunca o deixando, analisando a mínima mudança em seu semblante que já havia voltado ao normal, mas eu já havia visto toda a tensão a sua volta. Tensão sexual? Sim, era isso. Sou homem. O olhar dele quando me encarou ainda era de desejo. Porra! Eu vou comer o fígado desse infeliz! — eu pensei que tinha ido embora. O que faz aqui? — comendo minha mulher com os olhos, seu bastardo sem noção? Tive vontade de completar, mas me contive a tempo. Vou deixá-lo se explicar. Na verdade estou ansioso para isso.

— Eu já estava realmente de saída, mas ouvi as risadas dos meninos e vim me despedir deles. — disse-me dando de ombros.

— Ah é? Então por que estava aí parado apenas observando como se não quisesse ser notado? — seus olhos alargaram sutilmente e ele sorriu quase natural. Quase.

— Cassie estava tão entretida e eu não quis atrapalhar o momento deles. — Hum, uma explicação bem plausível. Mas não me convenceu. Havia definitivamente mais que isso. Sua postura não era de alguém satisfeito com a cena. No entanto, não vou pressioná-lo agora. Haverá o momento certo para isso e não será na frente de Cassie e dos meus filhos. A coisa pode ficar bem feia.

— Oi, meu anjo. — fui até ela e deposei um beijo suave em seus lábios. Sim, isso é uma demarcação de posse. Ela é minha. Encarei Carl por cima do ombro. Ele cerrou o maxilar, mas relaxou em seguida. Me sentei junto com a minha família e passei a fazer cócegas nos dois pequenos que me saudaram com a euforia típica deles.

— Eu, hum, vou indo, então. — Carl disse num tom baixo. O encarei de novo.

— Amanhã tire a primeira hora para falarmos, Carl. —

informei-o. Seu semblante se anuviou um pouco, mas assentiu antes de murmurar boa noite e sair. Meus olhos voltaram para Cassie que me encarava um tanto apreensiva. — há algo que você queira me contar? — quis saber analisando-a de perto. Os grandes olhos azuis piscaram tremulamente e ela aquiesceu. — encontre-me no nosso quarto. — falei conciso e me levantei. As babás entraram para levar nossos pequenos e eles fizeram birra não querendo sair da farra. Os beijamos e saí da sala com uma Cassie muito silenciosa atrás de mim.

Entramos no quarto e parei no meio me virando para encará-la. Ela permaneceu de pé junto à porta assim que a fechou, seu rosto pesaroso.

— Há quanto tempo isso vem acontecendo, Cassie? — rosnei baixo. — há quanto tempo Carl tem pairado a sua volta, fodendo você com os olhos? — seus lábios se abriram trêmulos e suspirou rendida.

— Desde quando voltamos de Ardócia. — murmurou e meu peito ardeu com sua confissão. Ela sabia disso o tempo todo e não me contou? Ela sabia, porra!

— Há um mês então. — sibilei tentando controlar a ira e decepção que me invadia. — agora a pergunta que não quer calar. Por que nunca me disse nada sobre isso? — meu tom ainda foi baixo, mas ela sabia que eu estava puto. Sua postura culpada, seus ombros curvados, os olhos brilhantes a delatavam.

— E-eu tive medo da sua reação, amor. — sussurrou, torcendo as mãos nervosamente. — mas eu sempre disse que não confiava nele. Você sabia que eu...

— Você gostou do assédio dele, foi isso? — a cortei, cravando meu olhar nela, tentando entender essa merda.

— Oh! Deus! Não! — seu rosto demonstrou choque e asco com minha pergunta e eu me arrependi das palavras. — como ousa me perguntar algo assim quando sabe que te amo? Como ousa...

— Quem ama confia, Cassie. — grunhi, me sentindo traído de alguma forma. Como ela pode esconder algo tão sério de mim? Seus olhos alargaram e ela suspirou derrotada.

— Eu sei. Eu realmente mereço que fique chateado

comigo. — disse aproximando-se devagar. — mas o motivo de não ter contado antes é que tive medo da sua reação. E agora já tem coisas ruins o bastante para você lidar.

— Isso ainda não responde a questão da confiança, Cassie. — disse, meu tom mais duro. Ela parou a poucos centímetros na minha frente.

— Eu confio em você, amor. Eu só...

— Confia? Sério? — rosnei de novo. — Então por que infernos não me disse isso antes, Cassie? — levantei a voz, não conseguindo mais me conter. Prendi seu olhar. Ela piscou assustada. Ótimo! Fique mesmo sua pequena desobediente do caralho! — eu vou matar aquele filho da puta traidor! Como pode não me contar antes que estava sendo assediada pelo meu maldito suposto amigo e sócio, Cassandra Miller? — rosnei avançando para ela encurralando-a contra a porta. Arfou quando a parede dura de meu tórax esmagou seus seios. As piscinas azuis dilataram, lambeu os lábios sexys do caralho e eu não pude me manter indiferente. Ela está com raiva pela minha

explosão, mas excitada porque embora reclame, a submissa nela ama o ogro em mim.

— V-você está sendo um ogro de novo... — disse ofegante. Sorriu perversamente apoiando as mãos na parede em cada lado do seu rosto.

— Você ainda não viu nada. — rosnei em sua orelha. — vire-se para a porta, escrava! — ela gemeu e se virou. Puxei seus pulsos para trás, prensando-a. Arfou com o rosto colado na porta. — sabe qual é a minha vontade agora? — virei, mordendo seu ombro. — arrastá-la até o quarto de jogos, chicotear e te foder bem duro por horas sem deixar você gozar. — ela miou, esfregando a bunda em meu pau. — você ia gostar disso, escrava? Hum? — moí em sua bunda grosseiramente. — só eu gozando, te enchendo de porra e você sempre pendurada na borda? — choramingou. — mas não vou fazer isso. Estou muito puto e decepcionado com você. — disse e me afastei de seu corpo tentador do caralho. Meu pau pedia satisfação, mas vou me negar isso. Ela me escondeu por duas vezes que era assediada. Duas vezes, porra! — saia da porta,

Cassie. Vou sair.

— Sair? — repetiu alarmada, virando-se para me olhar. — aonde você vai, amor? — eu quase fraquejei com seu tom preocupado.

— Vou arejar a cabeça. — disse e ficamos nos encarando por um tempo, então ela afastou-se e eu abri a porta.

— O que você vai fazer? — sua voz foi apenas um fio. — Jay, amor...

— Eu preciso me acalmar. — disse ainda sem olhá-la. Ela suspirou e eu saí do quarto. A princípio eu quis ir para algum bar, mas a ideia não parecia boa. Não com toda essa bagunça girando ao meu redor. Me servi de uma dose de uísque e foi para a sala do piano. Tomei quase tudo num gole e me sentei em frente ao instrumento. Tocar era meu refúgio quando as coisas pesavam no orfanato. E isso era quase sempre. O piano velho caindo aos pedaços me oferecia o conforto e a fuga que eu precisava. Deslizei meus dedos pelas teclas suavemente. Comecei a tocar. Iniciei por *Bach*, passei por *Chopin* e me demorei mais

em *Beethoven*. Não sei quanto tempo fiquei lá absorto apenas sentindo a melodia, deixando meu velho amigo fazer sua mágica. E ele fez. Estava na nona sinfonia quando ouvi um ruído atrás de mim. Eu não precisava me virar para saber que era ela. Meu corpo zumbiu sentindo seus olhos em mim. Toquei as últimas notas e alcancei o copo tomando o restante do uísque. Continuei imóvel. Eu já não estava com raiva, mas saber que escondeu algo tão grave de mim ainda me incomodava. Ouvi as portas se fechando e o som da chave girando. Fiquei em alerta, mas me mantive na mesma posição. Seus passos suaves foram se aproximando e seu cheiro delicioso de morangos me envolveu quando parou ao meu lado.

— Você vai me ignorar pelo resto da noite, grandão?
— sua voz foi só um sussurro. Seu timbre rouco, sexy pra caralho viajou por mim indo se alojar em meu pau. O bastardo traidor acordou, louco para entrar em ação. Me virei para olhá-la e salivei com sua visão. Usava uma camisola vermelha curta e transparente, sob um penhoar no mesmo tom, aberto, quase pendendo dos ombros. Porra! Provadora do caralho! Os cabelos ruivos soltos

numa massa de cachos, a tonalidade acentuada pelo vermelho da camisola. Ignorar? Cristo, como se isso fosse possível com ela toda linda e gostosa, uma deusa ruiva na minha frente. Cravei meus olhos em sua boceta perfeitamente visível por trás do tecido fino. Arquejou quando viu onde meu olhar estava. Subi os olhos devagar até chegar em seu rosto que era um reflexo rosado. Um riso lento e perverso se espalhou na minha boca.

— Ignorar, meu anjo? — murmurei no meu tom de quarto. As piscinas azuis dilataram lindamente. — como ignorar se sua boceta linda está bem na minha cara? — um riso brincou em seus lábios rosados e ela franziu o nariz.

— Você não está mais com raiva. — não era uma pergunta.

— Por quê? — levantei uma sobrancelha provocadora. — só porque veio me provocar com sua boceta gostosa? — sussurrei. Ela mudou ainda nervosa de uma perna para outra, juntando-as sutilmente. Meu riso se alargou vendo sua excitação.

— Não. Você me chamou de meu anjo. — disse-me e

ficamos em silêncio por um tempo, apenas nos olhando. — eu sinto muito, amor. — completou baixinho e meu coração derreteu com seus olhos incríveis implorando sinceros para mim. Assenti e levantei a mão.

— Vem aqui, meu anjo. — ela abriu um sorriso brilhante e segurou minha mão. A puxei para meu colo. As teclas do piano fizeram barulho. Sorrimos e abaixei a proteção. — eu precisava me acalmar. — sussurrei delineando sua face macia. Lambeu os lábios e meus olhos baixaram para sua boca.

— Eu te amo. — murmurou, deslizei o polegar em seus lábios. Entreabriu-os e sugou meu dedo suavemente.

— Eu também te amo, anjo. — murmurei de volta e ela sorriu travessa engolindo meu dedo, chupando duro. Puxou o penhoar e camisola tudo de uma vez e os jogou no chão. Mudou de posição, montando-me. Caralho! Gemi com sua boceta quente e nua bem em cima do meu pau.

— Hum, parece que alguém veio em uma missão. — provoquei sugando seu lábio inferior. Ronronou e suas mãos acariciaram meu peitoral, abrindo os botões da

minha camisa, deslizando pelos meus ombros bem devagar. A peça caiu e ela gemeu amassando os meus músculos duros. Sorrio, cravando minhas mãos em suas coxas macias e firmes. Subi lentamente pelas laterais, passando pela cintura fina, me banqueteei nos peitos cheios, amassando a carne tenra. Nossos olhos trancados, falando coisas sacanas um para o outro. Puxei seus mamilos suavemente e ela gemeu de novo, passando a rebolar em mim numa fricção enlouquecedora. — o que você quer minha escrava gostosa? Hum? Me diga. — sussurrei ofegante em sua boca.

— Eu quero você, meu senhor. — miou enquanto minhas mãos se fechavam em seu pescoço alvo.

— Diga-me tudo. — segurei seu pescoço só com uma mão e desci a outra pelas costas e nádegas. Infiltrei dois dedos em sua fenda e massageei seu cuzinho. Gemeu mais e senti sua boceta molhar minhas calças. — veio aqui para me dar essa bocetinha gostosa?

— Ohh! Sim, amor. — choramingou moendo gostoso pra caralho.

— Diga todas as palavras, Cassie. — minha voz foi mais dura, grossa de tesão. — repita comigo: quero dar minha boceta e rabo gostoso para você, meu senhor. — sem aviso dei um tapa seco em sua bunda. Gritou e miou, rebolando mais. — diga, putinha safada!

— Oh! Deus! Sim! — grunhiu. — quero dar minha boceta e rabo gostoso para você, meu senhor. — abri um riso malvado e massageei suave onde tinha batido.

— Boa menina. — murmurei. — vou pegar o que minha escrava veio me dar. Vou meter bem duro e profundo em você. — mordi seu lábio superior. — não vou ter dó. — gememos e tomei sua boca num beijo indecente, de olhos abertos. Chupei, lambi e mordi sua língua macia. Rosnamos, nossas bocas se devorando com fome. Nossas mãos explorando o corpo um do outro. Quando separei nossos lábios estávamos arfando. Segurei sua bunda e a sentei sobre a proteção do piano. Suas costas arquearam, os peitos lindos ficando bem na minha cara. Livrei-me do restante das minhas roupas rapidamente e debrucei, pairando acima dela, olhando-a

nos olhos lindamente inflamados, dilatados, a pupila quase engolindo o azul. Puxei seus cabelos da nuca expondo seu pescoço e lambi da clavícula até o queixo. Miou, sua mão procurando meu pau. Assobieei quando me masturbou lentamente, espalhando o pré-sêmen que caía da ponta. — provocadora... — chiei cerrando os dentes e puxei mais seus cabelos. Lambi de novo sua pele acetinada descendo para os peitos. Me banqueteei neles, beijando, lambendo, chupando, mordendo enquanto ela se contorcia e gemia bombeando cada vez mais rápido em mim. — chega! — rosnei tirando sua mão de mim. — só eu vou tocar e comer você. Vai ficar aí quietinha enquanto faço o que quiser com seu corpo, entendeu? — assentiu rapidamente com a cabeça e gemeu quando minha boca faminta desceu pela barriguinha lisa. Sua respiração travou quando cheguei à sua boceta. Cravei as mãos por baixo de sua bunda e a puxei para baixo. Gemi quando minha língua se lambuzou no seu creme, deslizando entre os lábios e clitóris.

— Ohhh! Amor... — ganiu, e mais sucos jorraram na minha língua. Sorrio baixinho e passei a comê-la com

vontade. Ela já estava estremeçando caminhando para um orgasmo. Parei a sucção e ela chiou, lamuriosa. — Amor... Por favor...

— Eu disse quieta! — rosnei e dei um tapa na outra nádega. — só vai gozar quando eu disser que pode, ouviu? — concordou pendendo a cabeça para trás no tampo do piano. A imagem era decadente, hedonista e linda! Seu corpo branco contrastando com a madeira escura e polida. — boa menina. — sussurrei e continuei chupando seu brotinho, comendo sua boceta doce, me lambuzado todo, grunhindo, rosnando. Ela estava se contendo de novo, tenho certeza. Sorrio e parando outra vez, esperando seu lamento. Ela só suspirou tremulamente. — vou comer sua boceta agora. — avisei me debruçando sobre seu corpo de novo. Escancarei suas coxas e me alinhei em sua vulva escorregadia. Ofegou quando fui me afundando lentamente até estar completamente enterrado. Rolei os olhos. — deliciosa, porra! — rosnei puxando tudo. Mantive suas pernas amparadas. — olhe para mim, Cassie! — sua cabeça levantou e nossos olhos travaram. Meti com tudo até o cabo, minhas bolas batendo em seu

rabo.

— Ahhhhh! Jay! Amor... — lamentou, sua boceta vibrando à minha volta.

— Isso, minha putinha linda! Mama no meu pau bem gostoso com essa bocetinha perfeita do caralho! Mama, porra! — ela contraiu seu canalzinho várias vezes e eu estava quase gozando. — como posso ficar zangado com você? Hum? — rosnei, passando a comê-la rudemente. Meu pau entrando e saindo com força, martelando-a sem dó. — como, se você veio me dar essa porra de boceta quente e gostosa? Toma! Toma meu pau todo! — meti com tudo, nossas pélvis se chocando num barulho alto. Ela gritando, seu corpo todo aberto para me satisfazer. Só a mim. Só a mim, porra! — gostosa... — gemi e puxei para fora, abaixando suas pernas. Ela choramingou com minha perda. Sorrio perverso. — vem, se curve sobre o tampo. Vou te comer por trás. — ela desceu meio trôpega e foi para o outro lado dobrando-se lindamente, obediente. Me posicionei atrás e puxei suas nádegas forçando-a e empinar mais a bundinha linda. Deslizei entre seus lábios

e bati dentro de novo, quase gozando conforme sua quentura me recebia todo. Amo essa posição. Meu pau vai profundo. Cravei os dedos em sua bunda e voltei a fodê-la esfomeado, batendo forte, bruto indo me alojar em seu útero a cada estocada. Olhei seu rosto corado colado na madeira, seus lábios arquejantes. Ela estava perto outra vez. — não goze, Cassie! Não goze, porra! — rosnei e puxei para fora. Enfiei dois dedos em sua vulva e mordi suas nádegas. Ela quase saltou. Lambi depois acalmando-a e descí a língua para o cuzinho rosado. Lambi seu buraquinho com vontade, enquanto meus dedos comiam sua boceta. Ela ronronou, rebolando. Tirei meus dedos e levei o creme para seu rabo, forçando passagem. Entrou fácil, com ela empurrando de volta. — isso, boa menina. É aqui que vou gozar, escrava. Bem duro e gostoso. — rugi metendo fundo, alargando-a.

— Jay... Por favor, amor... — sorri do seu desespero. Ela estava por um fio. Caralho! Eu também. Levantei-me e lambi sua coluna, até a nuca, cravando meus dentes na pele macia. Gritou, estremecendo. Voltei a me posicionar agora na sua outra entrada. Afundei a cabeça e gememos

os dois enlouquecidos para gozar. Dei tapas em suas nádegas e me enterrei numa estocada forte até o fundo, minhas bolas batendo em sua boceta melada.

— Ahhhhh! Foda! — assobieei, mantendo-me parado uns instantes tanto para ela se ajustar quanto para me impedir de gozar. — Cristo! Não vou durar... — gemi e comecei a me mexer. Segurei seus quadris com força e passei a comer seu rabo apertado dando tudo, cada polegada de mim. — oh! Deus! Que delícia... — ela passou a rebolar também, vindo me encontrar a cada golpe brusco, me dando tudo, me deixando rasgá-la ferozmente. A perfeição do caralho! — isso, minha putinha gulosa. Vem, rebola esse cu gostoso no pau do seu dono. Vem, porra! Me dá tudo! — rosnei comendo-a sem piedade. Ela gritando, gemendo, miando sendo fodida duramente por mim. — oh! Merda! Cassie... Amor... Eu vou gozar! — levei uma mão para seu clitóris e o manipulei suavemente, enquanto estocava duro e profundo. — goze comigo, amor! Goze, meu anjo! — gemi e minhas bolas expandiram num choque que subiu para meu pau. Ela arquejou e seu corpo foi tomado por

tremores violentos e explodimos juntos, gemendo, gritando alto. Santa Mãe! Ainda bem que a sala era a prova de som. Jatos e jatos de sêmen jorraram em sua quentura apertada. Meu corpo todo arrepiado, arrebatado, mas ainda martelando contra o dela, montando as últimas ondas do nosso orgasmo mais que excepcional. Um riso se abriu na minha boca. Preciso retardar mais vezes. Minhas pernas fraquejaram. As dela também. Debrucei-me sobre suas costas, beijando suavemente, fazendo uma trilha pelos ombros e pescoço. A observei, pequenos arquejos deixando seus lábios e lágrimas descendo pelas suas faces. Puxei seu queixo para mim e meu coração gaguejou com seus olhos lacrimosos. Sua expressão saciada, afogueada. Linda pra caralho e minha. Só minha. Beijeia-a suavemente, apaixonado, reverente. — você é a minha perdição, meu anjo. — abriu um pequeno sorriso. — é você quem me domina. Sempre foi. — sussurrei em sua boca. — eu te amo.

— Te amo também, amor. — murmurou, sua voz um pouco embragada e gemeu quando dei um último selinho saindo de dentro dela devagar. — então, ainda está com

raiva de mim? — riu travessa imitando o que fiz a uns dias atrás. Gargalhei e a levantei nos braços levando-nos para um dos sofás. Deitei-me com ela quase por cima de mim. Suspirou e beijou meu peito. — eu acho que isso quer dizer um não.

— Eu fiquei muito puto e decepcionado, mas *Bach, Chopin e Beethoven* me ajudaram a entender que seu argumento era aceitável. Eu sou muito instável. Eu poderia quebrar a cara bonita do Carl se soubesse e isso iria me prejudicar mais ainda. — seu rosto levantou para me olhar apreensiva. — vou conversar com ele amanhã sobre tudo. Vou desfazer nossos vínculos. Eu não confio mais nele.

— Eu sinto muito, amor. — sussurrou, acariciando minha barba por fazer. — sei que o considerava um amigo. Ainda tem o respeito que sente pelo pai dele...

— Esse foi o meu erro, anjo. Sempre olhar para o Carl imaginando seu pai e tudo que fez por mim. Mas esse que está aí não é nem remotamente parecido com John.

— Amor, há outra coisa que já devia ter falado com

você, mas os últimos acontecimentos me desnortearam. Minha prima Sílvia está precisando da minha ajuda. Ela rompeu o noivado. O tal Fábio a tratou como merda e ela está muito mal. Eu gostaria de tê-la aqui em casa por um tempo até que coloque sua cabeça e coração em ordem.

— Meu anjo, não acho um bom momento para sua prima nos visitar. — suspirei desanimado. — toda essa instabilidade à nossa volta. Esse ataque ousado... Você quer trazê-la para o meio dessa confusão?

— Está certo. Vou explicar nossa situação para ela. Se ainda quiser vir eu gostaria que aceitasse, amor. — disse-me. Ela estava distante da sua família. Eu tinha que me lembrar disso. Claro que era importante ter a prima por perto.

— Se ela aceitar, amor, eu não faço objeção. Apenas informe que sua vida aqui por enquanto será praticamente de reclusão. Não podemos facilitar.

— Obrigada, grandão. — disse baixinho. Beijou meus lábios ternamente e bocejou em seguida.

— Por nada, ruivinha linda. — sussurrei, abrindo um

riso sacana quando vi seus olhos pesando, lutando para se manter abertos. Minha mão desceu pelas costas esguias indo parar na bunda firme. — que tal um cochilo antes da segunda rodada? Acho que ainda devo alguns orgasmos. — um sorriso brincou em seus lábios, sua mão passeando preguiçosamente pelo meu abdome.

— Fechado, amor. — murmurou, antes das pálpebras pesarem de vez. Meus braços a estreitaram mais em mim. Enfiei meu nariz em seus cachos sedosos e me permiti relaxar, livre da tensão dos últimos dias. Eu lidaria com a merda amanhã. Agora só quero ficar assim com minha mulher em meus braços.

CAPÍTULO DEZENOVE

Jayden

Deixei Cassie nas obras do Fogs e segui para a empresa. Isaac e mais dois seguranças ficaram com ela. Eu não confiava em outro para guardá-la fora de casa. Outros três estavam comigo e um batalhão estava em casa, junto com dois policiais que o décimo primeiro Distrito designou para permanecer na propriedade. Depois do ataque que matou Bill há três dias estávamos mais preocupados com nossa segurança. Ainda era muito doloroso olhar para Isaac sem ver o parceiro do seu lado. Eu sei que ele estava sofrendo como um condenado se culpando por ter enviado Bill para pegar o maldito pacote. Mas ele não teve culpa. Nenhum de nós teve.

Leon e Dom avisaram que virão a Londres na próxima semana. Pela conversa que tivemos suas investigações já apontam numa direção. A empresa de investigação que contratei também me informou que estão seguindo uma linha que acharam suspeita. Eles não quiseram me dizer

nada ainda, no entanto. Preferem confirmar suas suspeitas primeiro. Por que tudo tem que ser tão sigiloso? É a minha vida, porra!

A conversa com Carl estava marcada para logo que chegássemos. Minhas têmeoras davam pontadas por toda raiva que eu precisei reprimir. Não consigo tirar da cabeça a imagem dele cobiçando minha mulher. Maldito fura olho! Eu pensei que ele havia superado o desejo por ela. Carl a viu primeiro e sei que a queria como submissa antes que eu me encantasse completamente por ela e ela por mim. Qualquer outra eu compartilharia com ele, mas não ela. Não meu lindo anjo de olhos azuis. Desde o início senti-me possessivo com ela como nunca havia me sentido com outras. Estávamos predestinados. Ela nasceu para ser minha.

Entrei na minha sala e me concentrei na nova fachada do edifício em *Kensington*. Ainda não falei nada a Cassie sobre isso, mas sei que vai amar fazer o projeto comigo. Só o fato de pensar nela era o suficiente para um sorriso se instalar em meu rosto. Meu celular tocou. Era uma

chamada dela. Atendi prontamente, meu riso mordendo as orelhas.

— Saudades de mim, ruivinha linda? — ronronei, girando a cadeira para as paredes de vidro diante do Rio Tâmisa. Ouvi seu riso lindo do outro lado.

— Sempre, grandão. — sussurrou. — mas quero confirmar o horário que Sil vai chegar. Isaac vai buscá-la, amor. Eu não estarei livre até às dez. Você poderia ir com ele? — franzi o cenho. Eu ainda não conseguia entender por que essa maluca resolveu vir a Londres no meio dessa confusão toda em que nos encontramos, mas Cassie estava radiante com a chegada da prima, eu não tiraria a alegria dela.

— Claro, meu anjo. Minha manhã está vaga, tirando a conversa com meu amigo fura olho. — ironizei no final. Ouvi um suspiro do outro lado.

— Amor, prometa-me que vai se segurar e não vai fazer nada que o coloque em problemas. — pediu preocupada. Foi a minha vez de suspirar. Isso seria uma tarefa difícil.

— Eu vou tentar, anjo. — falei sincero.

— Não é o suficiente, amor. — falou, agora mais preocupada. — eu preciso que me prometa, Jay. Prometa, amor. — foda! Dei mais um longo suspiro.

— Eu prometo, amor. — cerrei os dentes. — farei isso por você. Mas minha vontade é quebrar a cara dele por andar comendo minha mulher com os olhos às minhas costas.

— Eu sei, amor. Mas não seria apropriado se envolver em algo assim na sua situação atual. Você não precisa de mais publicidade negativa, grandão. Você pode e vai se controlar. Converse com ele exponha tudo e rompa a sociedade. É só isso que tem que fazer, amor.

— Sim, anjo. Eu vou fazer isso. — garanti, fechando os olhos por um momento buscando calma no seu tom de voz lindo, rouco, sexy pra caralho. — hum, então, o que ganho por bom comportamento, ruivinha linda? — provoquei-a. Ela sorriu baixinho.

— Hum, vá pensando em algo interessante durante o dia, grandão. — murmurou sedutora. Abri um riso sacana.

— Ah, eu vou pensar em algo bem sujo, perverso, quente, suado e gostoso para minha escrava safada. — ela puxou uma respiração aguda. Meu riso ampliou.

— Quarto de jogos, meu senhor? — miou e eu soube que já estava antecipando tudo. — estou ansiosa para atender todos os desejos do meu dono. — merda! Foi a minha vez de resfolegar. Meu pau imediatamente duro com seu timbre excitado e a menção do quarto de jogos.

— Eu escolho, escrava. Não coloque palavras na minha boca. Sabe que posso dominá-la e fodê-la em qualquer lugar, não necessariamente no quarto de jogos. — ouvi um suspiro de decepção. Sorrio, mais adorando provocá-la. O barulho da porta se abrindo me fez virar e retesei-me com a visão de Carl entrando um tanto hesitante na sala.

— Eu sei que pode, grandão. — deu um pequeno sorriso e acrescentou: — preciso desligar, amor. Eu te amo, sabia?

— Eu sei. Te amo também, meu anjo. — respondi com uma satisfação primitiva no meu tom, enquanto meus olhos

continuavam presos em Carl. Ele parou à frente da minha mesa e eu indiquei a cadeira. — eu preciso ir. Fique bem, amor. — mandamos beijos e eu desliguei. Chegou a hora.

— Você queria falar comigo? Sobre o quê? — ele se adiantou, recostando-se na cadeira, uma expressão cuidadosamente neutra no rosto.

— Sim, Carl, nós precisamos ter uma conversa que não será muito agradável para nenhum de nós. — falei de cara. Ele mostrou surpresa, mas a disfarçou bem no momento seguinte.

— E o que seria, Jay? — indagou com sua cara de pôquer. Quase bufei da sua dissimulação.

— Isso não está mais funcionando, Carl. — soltei. — eu quero desfazer a sociedade. Comprarei suas ações e vamos seguir caminhos separados de agora em diante. — sua boca se abriu em choque e os olhos cinza me fitaram por longos instantes.

— Por que isso agora? É por causa do episódio com o Conselho, Jay? — cerrou o maxilar. — eu só fiz o que julguei melhor para a empresa, irmão. — minhas

entranhas se revolveram com o uso daquela palavra.

— Acho que esse termo não cabe mais entre nós, Carl. — disse seco. — não o use mais. E sim, um dos motivos é o lamentável episódio do Conselho. Você estava lá junto com eles para me ferrar. Não tente negar isso agora porque tudo deu errado. Eu sou assim. Você me conhece bem. Ou você está comigo ou está contra mim. Naquele dia pude ver algo que eu não vi até então em você, porque a memória de John sempre atrapalhou meu julgamento. — pausei e ele empalideceu um pouco. — o outro motivo é que você anda cobiçando a minha mulher e isso é a pior coisa que podia fazer. Eu não vou tolerar essa merda! — praticamente rosnei ao fim do discurso, obrigando-me a lembrar do pedido de Cassie.

Ele ficou lá parado me olhando por longos e inquietantes segundos, então fez algo que irritou a merda fora de mim. Ele riu. Um riso irônico, debochado. Eu já ia explodir quando falou finalmente:

— Ah, Cassie... — odiei a forma como disse seu nome. Lento, sussurrado com nítido desejo. — Sim, eu a quero.

— ele se manteve me encarando, os olhos cinza inflamados. Meu sangue ferveu com a admissão sem rodeios. Ele suspirou e acrescentou: — eu sempre quis. Você a roubou de mim. Você é o único desleal nessa porra toda, Jay! Você a roubou de mim! — oh! Merda! Vi vermelho.

— Cale a maldita boca, seu traidor dos infernos! — cerrei os punhos forçando-me a não avançar até ele e quebrar seu corpo em pedacinhos. — eu o levei na asa por anos! Por anos acreditei que era um amigo e você vem me dizer que quer a minha mulher? A minha mulher, porra?

— Cassie seria minha se você não tivesse se intrometido entre nós...

— Eu vou quebrar cada osso do seu maldito corpo se falar o nome dela de novo, porra! — rugi me levantado, batendo os punhos na mesa. Ele se levantou também, ajeitando o terno tranquilamente. A porta se abriu e Isaac irrompeu sobressaltado indo até nós. Pisquei confuso. Ele nunca fazia isso. Cassie. Ela o mandou já prevendo meu descontrole.

— Algum problema, Jay? — inquiriu, mas seus olhos estavam em Carl.

— Nenhum problema. — Carl disse e torceu os lábios num riso cínico, provocador. — a não ser que nosso amigo aqui está me chutando para fora porque finalmente descobriu que desejo a mulher dele. — mal as palavras saíram da sua boca eu estava contornando a mesa. Isaac pulou na minha frente, detendo-me.

— Ei, Jay! Não entre na dele, amigo. — disse num tom apertado. — você não precisa disso. Controle-se. — forcei-me a tomar uma respiração profunda tentando desesperadamente me acalmar.

— É, *parceiro*, controle-se. — o imbecil repetiu, um brilho frio tomou conta dos olhos cinza e virou-se para a porta, mas parou no meio da sala. — alguma vez se perguntou por que Cassie nunca disse nada do meu assédio a você? Vamos, você é inteligente, Jay. Meu pai vivia rasgando elogios à sua inteligência e perspicácia. Não me decepcione agora, *irmão*. — cuspiu essa palavra e eu me dei conta de algo que nunca sequer tinha cogitado.

Ele devia ter ressentimento de mim por ter me tornado o preferido de seu pai. Porra! Como pude ser cego por tanto tempo? — ela nunca disse nada porque sente tesão por mim. — as palavras me atingiram como um soco no estômago. Não! Ela não sente, porra!

— Eu vou matar você, seu maldito traidor! — rosnei e Isaac me abraçou, me contendo enquanto eu tentava com tudo chegar até Carl. Lutamos, Isaac fazendo o seu melhor para me conter e o sorriso debochado do traidor soou outra vez.

— Viva com isso, *parceiro*. — ironizou. — seu lindo anjo me quer e em breve estará num passeio bem duro e selvagem no meu pau. — meus ouvidos zumbiram e eu me liberei finalmente de Isaac com um rosnado alto. No segundo seguinte eu estava dando uma cabeçada com toda força no nariz do imbecil. Ele caiu no chão pesadamente, soltando um gemido de dor que foi música para mim. Mas antes que eu continuasse o serviço, braços fortes me rodearam outra vez.

— Porra! Jay! Porra! Não vê que era isso que esse

infeliz queria? — Isaac rosnou atrás de mim. Eu ainda me debatia, louco para alcançar aquele monte de lixo estendido no chão. Seu nariz sangrava. Sangue jorrando, descendo pela boca. Mas eu queria mais, muito mais. Ele se levantou cambaleando, sacudiu a cabeça. Os olhos desfocados, provavelmente zozzo pela pancada.

— O quanto será que isso complica sua situação, grande engenheiro? — disse cuspidando sangue. Sua camisa branca sendo ensopada até o peito. Isaac soltou um som de desagrado e eu gemi de desgosto porque eu quebrei a promessa que fiz a Cassie. Ah! Deus! Fechei meus olhos contando até dez, cem, mil. Qualquer coisa para exorcizar a adrenalina de dentro de mim, essa fúria assassina que me tomou com as insinuações que saíram da boca do infeliz. — acho que encerramos. Por hora. — sua voz aparentemente fria me fez abrir os olhos e encará-lo. Os olhos dele ferviam contradizendo a calma aparente. Ele era assim. Um dissimulado do caralho! — mas mantenha uma coisa em mente. — seu queixo tremeu com o obvio esforço que fazia para não se descontrolar. — isso ainda está longe de terminar. Só há um desfecho para mim. —

cuspiu mais sangue no tapete. — e você agora já sabe qual é.

— Saia! Saia, seu pedaço de merda! — bradei, mas a luta já tinha me abandonado. Eu não complicaria mais minha situação. Ele obviamente iria prestar queixa e eu estava caminhando para estar verdadeiramente fodido! Porra!

Meia hora depois que o infeliz fura olho deixou minha sala eu já estava no meu normal de novo. Torci os lábios me ironizando. Se é que posso ser considerado *normal*. Coloquei gelo na minha testa e pendii a cabeça no encosto do estofado, fechando os olhos. Isaac estava calado. Perturbadoramente calado no outro estofado em frente a mim.

— Jay, você precisa buscar ajuda, amigo. — disse pôr fim. Abri os olhos encarando seu semblante preocupado. — precisa saber como controlar a raiva...

Fechei os olhos de novo. Eu já havia cogitado isso. Mas me recuso a ficar deitado em um divã, enquanto um doutor babaca fica tentando desvendar minha mente. Isso é

muito maricas, porra!

— Você teria certamente matado aquele monte de lixo se estivesse sozinho. — ele falou. Pendi minha cabeça, cerrando os olhos de novo. As palavras de Carl vindo com força na minha mente. *Ela sente tesão por mim*. Cristo! Não! Isso não. Não é verdade, eu sei que não é, mas me feriu mesmo assim ouvir essa merda.

— Eu vou ver isso, amigo. — disse resignado e me levantei indo até o banheiro me recompor para ir buscar a louca que estava vindo para o meio de tudo isso. — agora temos que buscar a maluquinha brazuca. — ouvi o riso dele às minhas costas. Era bom ouvir esse som de novo. Ele esteve uma merda nos últimos dias.

Cerca de vinte minutos depois uma ruiva num vestido azul parou à minha frente no terminal de desembarque do aeroporto *Heathrow*[\[117\]](#). Ela sorriu e seu rosto me pareceu familiar.

— Sílvia? — murmurei, franzindo o cenho. A garota diante de mim não lembrava em nada a imagem que eu tinha da prima de Cassie. Era ela, no entanto. — você

está... Diferente. — falei estendendo a mão. Ela a pegou e um riso brincou nos cantos da boca, os olhos azuis esverdeados ganhando um brilho ousado, quase malicioso.

— Eu mudei os cabelos. — disse-me como eu pudesse não notar que seus cabelos antes negros eram agora de um ruivo gritante. O que diabos deu nela? — você gostou? — sua voz baixou um tom. Estreitei meus olhos e soltei sua mão.

— Se você se sente bem com uma cor de cabelos que não é a sua, quem sou eu para gostar ou não gostar? — respondi, enquanto Isaac lidava com suas malas. Seu rosto ruborizou um pouco. Ok. Devo ter sido um tanto rude. Amo as ruivas. Certo, corrigindo, amo uma certa ruivinha linda, mas ela é original. Um riso brincou na minha boca ao lembrar de detalhes que comprovam isso. Sílvia deve ter interpretado mal minha mudança de expressão porque ronronou outra vez:

— Sei que gosta de ruivas, Jay. Não precisa ficar com medo de me elogiar por causa da minha prima. — sussurrou e seus olhos brilharam em flerte

desavergonhado. Olhei Isaac ocupado com as malas me perguntando se ele também ouviu o tom de vadia da prima, que agora era uma imitação grotesca da minha mulher. Estreitei meus olhos nela novamente. Sim, com os cabelos ruivos ela se parecia muito com Cassie. Mesmo tom de pele, praticamente o mesmo corpo. Que porra é essa?

Cassie

Coloquei os meninos no berço e beijei cada cabecinha escura. Eles sorrindo para mim, os olhinhos bêbados de sono. Jay fugiu de mim o dia todo e eu sei o porquê. Pressionei Isaac e ele me disse que Jay não conseguiu se segurar afinal e fez um estrago na cara bonita, mas odiosa do Carl. Minha prima chegou hoje pela manhã. Estou tão feliz com sua chegada. Ela parecia ainda tão abalada quando nos encontramos. Chorou muito. Coitada. Nenhuma mulher merece passar pelo que ela passou. Vou oferecer meu apoio até que consiga se curar. Talvez Jay possa arrumar algo para ela na King's, ou minha tia nos Hotéis Springs. Eu vou fazer o meu melhor para ajudá-la.

Devo isso a meu tio. Se não fosse seu apoio quando minha mãe partiu teria sido muito mais difícil para mim e os meninos.

Entrei no nosso quarto e não havia sinal dele. Um riso se abriu na minha boca. O quarto de jogos. Ele estaria lá? Mas não me mandou nenhuma mensagem. Nada. Tomei uma ducha e coloquei um vestido leve. Desci. Fui até o escritório. Nada também. Mandeí uma mensagem e pouco depois ele respondeu: *casa da piscina*. Só isso. Franzi o cenho. O que havia com ele? Me dirigi rapidamente para lá.

Abri a porta devagar correndo meus olhos pelo ambiente fracamente iluminado. Ele estava debruçado sobre a bancada do bar. Um copo de uísque vazio junto dele.

— Jay? Amor? — sua cabeça girou na minha direção, os olhos escuros pareciam cansados, incomodados. Fui até ele me colocando em sua frente. — você está bem? — seus lábios se curvaram num riso fraco e acenou com a cabeça. Ele não parecia bem.

— Você deve estar chateada comigo e tem toda razão, anjo. — murmurou, o olhar passeando pelo meu rosto. — eu não consegui me controlar e quebrei o nariz daquele monte de merda. — rosnou. Ah! Deus! Ele estava pensando que estou com raiva dele por isso. Isaac me contou como o imbecil o havia provocado até ele não suportar mais. Contornei a bancada e fiquei do lado dele, bem próximo.

— Ei, venha aqui, grandão. — o puxei fazendo-o virar para mim. — eu não estou com raiva. Isaac me contou como aconteceu. — levei as mãos aos lados do seu rosto, seus olhos suavizaram com meu toque. — meu marido me defendeu, por que estaria chateada?

— Sério? — seus braços vieram ao redor da minha cintura, me puxando mais para ele. — eu sou um barril de pólvora, meu anjo. Acho que preciso fazer terapia ou alguma merda assim para aprender a me controlar. — não consegui conter um riso. Era tão ele falando assim. — você está rindo de mim? É isso, anjo? — ele acabou rindo também e abaixou a boca para a minha. Ficamos nos

olhando, nossos lábios quase se tocando. — eu quero você, agora. — sussurrou, chupando meu lábio inferior. Gemi. Ele riu mais. Seu jeito arrogante voltando. — eu preciso da minha ruivinha linda agora.

— Eu estou bem aqui, grandão. — provoquei, espalmando seu peitoral duro preguiçosamente. Gemeu, os olhos de ônix brilhando de desejo, mas amorosos, ternos. — faça o que quiser, meu senhor. — sussurrei. Ele puxou uma respiração aguda e suas mãos subiram pelas minhas costas, passando pelo pescoço devagar e pararam em meu rosto. Seu toque muito suave.

— Eu quero baunilha, anjo. — disse e sorriu lindo, quase vulnerável. — hoje eu preciso da minha mulher. Só isso. Eu e você, mais nada. — meu queixo caiu. Jay nunca era baunilha totalmente. Sorrio de volta.

— Se meu marido lindo, dominador, sexy, fodão quer baunilha quem sou eu para dizer não, amor? — murmurei. Ele deu um sorriso completo. Daqueles que amo, o som reverberando entre nós. — eu te amo. — completei já ofegante em sua boca. Ele gemeu.

— E eu a você, meu anjo. — disse baixinho antes de tomar minha boca num beijo lento. Sua língua deslizou suavemente encontrando a minha. Lambeu, chupou devagar, explorando-me deliciosamente. Subi as mãos para seus ombros passeando até sua nuca, enfiei em seus cabelos macios e os puxei devagar. Grunhiu em minha boca. Sorriu, mordiscando meus lábios juntos e as duas mãos desceram todo o caminho pelas minhas costas indo se instalar na minha bunda. Moeu seu pau duro bem na minha pélvis. Foi a minha vez de grunhir. Sorriu também e ele me levantou nos braços. — nunca pensei que diria isso, mas vamos fazer amor no quarto de jogos, ruivinha linda. — gargalhei e ele me beijou de novo já nos levando para a porta camuflada.

Me colocou junto à cama de lençóis vermelhos e almofadas negras. Era estranho estar aqui sem todo o clima de dominação e submissão. Ele foi para trás de mim e suas mãos passearam suaves pelos meus ombros. Afastou meus cabelos para um lado e minha calcinha alagou quando seus lábios quentes tocaram meu ombro num beijo de boca aberta. Gemi alto. Ele sorriu no seu

tom perverso, consciente do poder que tem sobre meu corpo. Acho que nem tudo pode ser arrancado dele, afinal. Lambeu lentamente meu pescoço e mordiscou minha orelha. Lambeu-a depois e suas mãos foram descendo o zíper do vestido na mesma lentidão torturante da sua boca. Puxei meus braços fora das alças e suas mãos foram acompanhando, empurrando o tecido, fazendo um rastro de fogo pelas laterais do meu corpo. Minha cabeça pendeu em seu ombro. O vestido caiu aos meus pés e suas mãos subiram pelas coxas, arranhando com as unhas dos polegares. Estremeci em seus braços.

— Jay... Amor... — lamentei contra seu pescoço. Riu baixinho e continuou sua tortura, infiltrando as mãos entre minhas coxas. Afastei-as avidamente. Parou uma mão em meu clitóris e a outra subiu pelo meu ventre até os seios. Puta merda! Meu marido dominador sabe fazer baunilha! Gemi desavergonhada quando começou a desenhar círculos lentos por cima da calcinha em meu brotinho sensível. — cristo... Vou gozar antes de chegar na cama, amor... — miei e ele abandonou o contato. Não! Volte! As duas mãos engancharam nas laterais da calcinha e foram

tirando-a gentilmente, descendo-a pelas coxas. Me desvencilhei dela e ele me tomou nos braços. Minhas costas tocaram o colchão e eu estava em êxtase com essa nova faceta do meu marido imprevisível. Seu rosto veio bem perto do meu, olhando com reverência cada detalhe de mim. Arqueei-me louca para que ele me beijasse, mas foi ao mesmo tempo em que estava se afastando para despir-se. Me apoiei nos cotovelos para ver o espetáculo. Nunca me canso de vê-lo se despir. Sou louca pelo seu tom de pele, seus músculos duros, firmes e a forma como seu corpo grande se encaixa no meu. Um gemido escapou dos meus lábios quando seu pau saltou livre, duro, pronto para mim. Lindo. Jay era sem sombra de dúvidas o homem mais bonito, sexy, viril que eu já vi. Bom, não que tenha visto outros homens nus, mas sei que não há outro igual. É só ele. Seus lábios levantaram nos cantos naquele riso sem vergonha, safado ao me pegar babando nele. Lambi os lábios, cobiçando seu abdome. Seu riso ampliou e ele veio, subindo de joelhos na cama.

— Hoje não, amor. — sussurrou, tomando meu pé direito e o levando à boca. Rolei os olhos quando lambeu

a planta lentamente. — hoje preciso disso. Adorar cada centímetro da minha mulher. — chupou todos os dedos um a um. Minhas mãos entranharam nos lençóis. Minha vagina era uma poça agora. Sua boca quente subiu pelo interior da perna deixando um rastro eletrizante por onde passava. Puta que pariu! Gemi alto quando mordeu suavemente em minha virilha. Ele riu sem vergonha e se deitou ficando cara a cara com minha vagina. Minha cabeça levantou para olhá-lo. A expressão dos olhos negros era mais que desejo. Era de total veneração enquanto abriu meus lábios e olhava-me atentamente.

— Ohhh! Meu Deus! — choraminguei quando sua língua deslizou preguiçosa no meio da minha racha. Sorrii mais, o hálito quente indo direto no meu clitóris. — amor... Aprese-se! Por favor... — implorei, precisando de alívio. Mas é claro que ele não se apressou. Continuou comendo minha vagina no ritmo que estabeleceu esta noite. Ele mordiscava, lambia, chupava, beijava e eu tremendo, louca para gozar. — amor... Por favor... — pedi de novo. Rosnou e meteu dois dedos na minha vulva enquanto chupava meu brotinho necessitado. Passou a me

comer como gosto. Com golpes fortes e eu quebrei gemendo e gozando sem controle. — ohhhhhhhhhhhh! — minha cabeça caiu contra os travesseiros e tremores me atravessaram impiedosos. Ele não parou continuou me chupando e fodendo agora mais devagar. Ficou assim até construir tudo de novo. Eu tenho uma fome, um tesão louco por esse homem que conhece meu corpo melhor do que eu. Quando estava arfando, puxando os lençóis mais uma vez, ele subiu beijando, lambendo, mordendo meu ventre. Se banqueteu nos meus seios, juntou-os e lambeu lentamente as auréolas. Arrepiei-me. Ele gemia, rosnava baixinho. Seu pau duro cutucando minha coxa.

— Abra as pernas para mim, amor. — sua voz foi grossa de tesão. Abri imediatamente. Ele se acomodou em cima de mim. Gemi desavergonhada com seu peso sobre mim. Sua língua deslizou da clavícula até meu queixo, enquanto suas mãos entrelaçavam nas minhas elevando meus braços acima da cabeça. Ofeguei quando senti a ponta robusta se alinhando na minha entrada. Nossos olhares trancaram e ele foi afundando em mim muito devagar. Oh. Meu. Deus. — cristo! Nada se compara a

isso, meu anjo. — disse arfando quando bateu em mim até o fundo. Parou uns instantes apenas me olhando e puxou quase tudo, mas voltou num impulso mais firme, mais forte, deslizando por todos os terminais nervosos do meu canal completamente esticado à sua volta. Gememos quando enfiou até as bolas. Nossas bocas ofegando uma na outra. — eu não posso ficar sem isso nunca. Não posso viver sem você. — disse numa agonia que não consegui entender, mas eu precisava tranquilizá-lo.

— Você não vai precisar, amor. — minha voz saiu entrecortada pelas estocadas que tomaram força agora. — estou aqui. Sempre vou estar. Eu te amo. Muito, muito, muito... — repeti enquanto ele metia em mim com tudo. Me comendo com a fome familiar. Enrolei minhas pernas em seu quadril e ele gemeu indo fundo, muito fundo. Girou o quadril lentamente e pegou ritmo outra vez. Seus olhos nunca deixando os meus. — Ohhh! Deus! Que gostoso... — balbuciei enterrando a cabeça nos travesseiros, arqueando o queixo, com a força com que metia em mim.

— Amo você também, meu anjo. — sua voz saiu tensa.

Ele estava perto. — tanto, amor! Oh merda! Eu vou gozar, amor! — grunhiu estocando duro, suas mãos apertando as minhas e bateu em mim esfomeado, rosando, gemendo baixo. — goze comigo, amor! Goze bem gostoso comigo, meu anjo... — girou o quadril de novo e minha respiração travou, meu ventre incendiando com outro orgasmo se formando. — isso, meu amor. Goze comigo... — sussurrou rouco e tomou minha boca num beijo apaixonado, nossas línguas dançando juntas e eu explodi gozando, gemendo, chorando em sua boca. Seu esperma quente me alagou enquanto ele rugia também. Continuamos nos beijando, bebendo nossos gemidos. Seu quadril ainda martelando em mim até que foi perdendo a força e ele gemeu parando completamente. Nossas bocas se separaram. Nossas respirações alteradas. Não dissemos nada por alguns minutos. Sua boca desceu pelo meu queixo e pescoço e ele me lambeu devagar.

— Puta merda! Eu amo baunilha, grandão. — falei sorrindo ofegante. Sua risada baixa arrepiou meu pescoço.

— Eu amo tudo com você, amor. — suas mãos vieram

suaves para os lados do meu rosto e voltou a me encarar. Antes que eu questionasse o porquê disso tudo ele me beijou de novo. Empurrei as perguntas para o fundo da mente. O enlacei pelo pescoço e me deixei ser o que ele precisava. Eu sempre serei o que ele precisar.

Carl

— Sim, seu idiota! Vamos dar início à segunda fase do plano! — rosnei ainda muito puto. O maldito bandidinho de rua arrebentou meu nariz. Filho da puta! Bastardo! — qual foi a parte que você não entendeu? Eu o quero fora do caminho! Não me importa como você vai fazer, porra! Eu só posso tê-la com ele fora do caminho. Ele precisa sumir! — desliguei o celular e o joguei sobre a minha cama. Andei até as paredes de vidro do meu quarto. A cidade iluminada me saudou. A uma hora dessas, aquele maldito está com ela. A família perfeita. Torci meus lábios em escárnio. Eu o odeio com todas as minhas forças. Meu maldito pai nunca deveria ter trazido um delinquente de rua sujo, imundo para a nossa casa. Mas o maldito trouxe e não obstante, o transformou em gente. Era

para ele ter continuado lá. Era para ele ter morrido lá,
porra!

CAPÍTULO VINTE

Cassandra

— Você está linda, prima. — a voz deslumbrada de Sílvia me fez levantar a cabeça, terminando de ajustar os brincos de rubis que meu marido atencioso tinha me presenteado hoje de manhã. Depois de uma sessão de sexo matinal enlouquecedora eu os encontrei na minha gaveta de lingerie. Havia um envelope dentro da pequena caixa com o seguinte comando: *há um vestido combinando no seu closet. Use-os hoje à noite.*

— Obrigada, Sil. — disse virando-me completamente para ela. — você está melhor, querida? — seu rosto parecia um pouco mais animado hoje. Ela havia chegado apenas ontem, mas espero que se recupere logo da canalhice do ex-noivo.

— Sim, eu vou ficar bem, Cassie. — assentiu, mas sua expressão caiu um pouco. Ela me chocou completamente quando há vi ruiva. Agora se parecia muito comigo.

Éramos da mesma estatura, mesmo corpo. O que nos diferenciava antes eram os seus cabelos negros e olhos azuis esverdeados. Ela era tão linda. Não entendo porque mudou sua aparência tão radicalmente. Deve ter ficado abalada com a traição e quis mudar, num desses arroubos femininos. Talvez a entenda de alguma forma. Quando Jay me deixou eu ficava vendo as inúmeras mulheres com quem foi fotografado e sonhando em ser igual a elas. Mesmo cabelo, corpo. Arg. Sacudi a cabeça, expulsando essas lembranças. Tudo isso ficou no passado. Dentro de poucos minutos estarei com ele, meu marido. Sim, valeu à pena passar por tudo para tê-lo agora só para mim. — você tem muita sorte, prima. — soltou num tom meio estranho que não me escapou, voltei a encará-la enquanto calçava as sandálias de tiras.

— Sim, eu me considero sortuda apesar de tudo que já passei. — ela sentou-se na cama deslizando os dedos pelos lençóis.

— Essa casa que mais parece um palácio. — sussurrou. Meu cenho franziu. — os milhões que recebeu

dos Springs. Jay, que beija o chão que você pisa. — travei meu olhar no dela. Um silêncio incômodo se instalou em seguida. O que era tudo isso? Por que esse tom quase de despeito que minha prima usou ao falar da minha vida?

— Não se trata do dinheiro, Sil. — falei finalmente, terminando de ajustar as sandálias e me levantando. — o fato de meu marido ser rico não influencia em nada o que sinto por ele. Nunca influenciou. — garanti pegando minha carteira combinando com o longo vermelho.

— Ora, Cassie. — ela bufou, rindo em seguida. — seu marido não é só rico. É um bilionário e príncipe. — deitou-se na minha cama, espalhando-se sonhadora. — quer que acredite que isso nunca influenciou? — isso ficou estranho. Minha prima parece estranha. Por que está agindo assim?

— Prima, se não se importa, meu marido está me esperando. — falei. Meu tom mostrando meu aborrecimento quando abri a porta. Ela levantou da cama imediatamente e andou parando um instante na minha frente.

— Divirta-se prima. — sorriu docemente, parecendo ser ela de novo. — aonde vão mesmo? — quis saber quando já estávamos nos dirigindo ao elevador.

— É surpresa. — murmurei e um riso expectante de antecipação se abrindo no meu rosto. — te vejo depois, prima.

Cortei o jardim em direção ao helicóptero. Isaac me escoltava. Ele se recusou a me dizer o que meu marido tinha planejado para hoje. Homens... Quando pisei no cimento, Jay saiu detrás da aeronave e minha respiração travou. Puta merda! Ele estava arrasador num smoking negro. Andou a até o lado do passageiro e ficou lá me esperando. Meus passos diminuíram. Minhas pernas ficaram instáveis. Seu olhar passeou por mim lentamente até nossos olhos se encontrarem. Arfei levemente quando parei na sua frente. Eu usava o vestido que escolheu. Um longo vermelho tomara que caía que acentuava cada curva do meu corpo. Sensual, mas elegante também. Usei os cabelos soltos com a franja jogada para um lado. Ele adora meus cabelos soltos.

— Sr.^a Di Castellani. — murmurou com um meio sorriso brincando nos lábios. — está arrasadoramente linda esta noite. — sorri do seu comentário. Foi exatamente isso que havia pensado dele.

— Foi a mesma coisa que pensei ao vê-lo, Sr. Di Castellani. — disse baixinho, meu tom ofegante. Ele sorriu amplamente, mostrando os dentes brancos e retos, destacando o rosto moreno. Eu acho que nunca vou superar essa reação de adolescente apaixonada perto dele. — aonde vamos, amor? — tomou minha mão esquerda e beijou sobre a aliança suavemente. Um tremor me percorreu o corpo. Ele sentiu e seus olhos brilharam safados.

— É surpresa, amor. — disse e me deu um beijo de leve nos lábios. — venha, suba. — e ajudou a me acomodar, suas mãos bobas apalpando meu traseiro mais do que o necessário. Deu-me outro sorriso sem vergonha quando ajustou o cinto, passando os dedos *acidentalmente* sobre meus mamilos. Deu a volta e tomou seu lugar no comando. Logo estávamos ganhando o céu

noturno de Londres. Eu amo vê-lo pilotar. Parece que o helicóptero é uma extensão dele. Ele faz tudo com perfeição. O observei o tempo todo, concentrado, suas mãos fortes controlando, dominando tudo. Os cantos de sua boca subiram num riso convencido, ciente do meu olhar sobre ele. Homens e seus brinquedos... Sorri também e voltei meus olhos para a paisagem lá embaixo. Sobrevoávamos o Rio Tâmisa. Ele tem uma coisa sobre isso. Adora essa rota. Já apreciei essa vista muitas vezes, mas é sempre fascinante ver as luzes da selva de pedra refletidas nas águas calmas. Dá uma sensação de poder. Se eu sinto isso daqui do meu humilde banco, imagine ele pilotando essa águia de aço. Esse é Jayden King. Poder é uma das palavras que o define bem. Pousamos no heliponto do edifício onde ficava meu restaurante favorito. Ele me ajudou descer daquele jeito safado me deixando escorregar em seu corpo. Entrelaçamos as mãos e descemos as escadas para o terraço majestoso, onde uma cascata caiu suavemente numa pequena piscina. Havia uma mesa reservada posta para dois. Um lindo arranjo de tulipas vermelhas no centro. Não havia mais

ninguém ali. Meus olhos deslizaram por todo o espaço deslumbrada. Uma brisa mansa nos envolvia. Jay me puxou para seus braços, as duas mãos segurando meu rosto.

— Somos apenas nós, meu anjo. — sussurrou bem próximo à minha boca. — eu queria dar uma festa enorme e mostrá-la ao mundo como minha esposa, mas isso não pode ser feito no momento.

— É perfeito só nós dois amor. — murmurei, passeando as mãos pelo seu peitoral. — eu amei. — ele assentiu e beijou a ponta do meu nariz.

— Vem. — me levou em direção à mesa. Puxou a cadeira e me acomodei. Eu estava encantada pela surpresa e pelo homem magnífico na minha frente. Um garçom surgiu do nada à sua direita. Sim, porque eu não conseguia desgrudar meus olhos do meu marido. O rapaz serviu um pouco de vinho e Jay o provou fazendo aquela coisa de saborear devagar. Abriu um riso cordial para o garçom e ele despejou a bebida na minha taça primeiro, após a aprovação de Jay. O jantar transcorreu tranquilo, enquanto

um jazz suave enchia o ambiente, tornando tudo íntimo, especial. Estávamos completando um mês de casados. Parece que já fazia tanto tempo e com tanta coisa acontecendo na nossa vida, no entanto, ele quis me dar esse momento. Eu o amei há dois anos, mas agora parece algo muito além. Ele se transformou sob as minhas vistas. Amo absurdamente o homem que ele se tornou. Mesmo quando é dominante ainda sinto suavidade na forma que me olha, me toca.

— Um dólar por seus pensamentos, madame. — provocou-me e eu o encarei tomando um pequeno gole do vinho delicioso.

— Estava pensando que amo absurdamente o homem que você se tornou. — seu olhar malicioso amoleceu um pouco e ele também tomou da sua bebida. — há uma suavidade em você agora que não havia há dois anos.

— Meu anjo, não espalhe isso ou minha reputação de fodão será arruinada. Ok? — ele brincou e eu sorri. Seu semblante suavizou mais ainda, me olhando por alguns instantes. — eu te amo, amor. Eu te amei há dois anos,

mas o que sinto agora parece não caber mais nessas três simples palavras. — arfei, meus olhos sendo inundados de lágrimas, porque mais uma vez ele se antecipou aos meus pensamentos. — é imenso. — sussurrou levantando-se e parando do meu lado. Fez um gesto com a mão e a introdução de *Only You* de Elvis Presley substituiu o jazz. Estendeu a mão para mim. Pisquei para conter as lágrimas. Eu não queria chorar. Esta noite era toda de alegria. Sobre nossa vida juntos que está apenas começando.

Aceitei sua mão e ele me puxou suavemente para seus braços. Ronronei inebriada pelo seu cheiro picante, de macho e perfume caro. Os olhos de ônix brilharam ainda mais com minha reação deslumbrada, apaixonada. Ele estava realmente de babar no seu smoking escuro. Meu príncipe lindo, indomável, fodão.

— Dança comigo, Sr.^a Di Castellani? — pediu, deslizando as mãos para minha cintura.

— Com prazer, Sr. Di Castellani. — enlacei seu pescoço e começamos a nos mover preguiçosamente. —

música linda, amor. — sussurrei, ainda sob o efeito da sua declaração emocionada.

— Sim, ela é. — concordou, seu tom cheio de significados e se moldou mais a mim. Ficamos lá perdidos nos olhos do outro. Ele começou a sussurrar a letra para mim. Virei uma poça em seus braços.

Only You (Somente Você)

Only you, can make this world seem right

Somente você, pode fazer este mundo parecer certo

Only you, can make the darkness bright

Somente você, pode fazer a escuridão brilhar

Only you, and you alone, can thrill me like you do

Somente você, e você somente, pode me emocionar como você faz

And fill my heart with love for only you

E preencher meu coração com amor somente por você

A música acabou e continuamos nos movendo, sem querer sair do nosso casulo.

— Humm, esse jantar romântico... A música linda... — sorri travessa, levantando as sobrancelhas. — por acaso está se transformando em... Baunilha, grandão? — provoquei em sua boca. Um riso lento e malvado se abriu em seus lábios sensuais me entorpecendo mais ainda.

— Não abuse da sorte, ruivinha linda. — rosnou puxando meu lábio superior entre os dentes. Então, seu olhar suavizou correndo por todo o meu rosto. — feliz aniversário, meu anjo.

— Feliz aniversário, amor. — murmurei antes de sua boca descer sobre a minha. Sua língua encontrou a minha numa dança lenta, sensual, enlouquecedora. Sorrímos mordiscando nossos lábios e senti seu puxão duro na minha nuca. Rosnou e o beijo ganhou outro significado. Puxou-me ainda mais, colando nossas pélvis e moeu desavergonhadamente em mim, enquanto comia minha boca vorazmente. Gemi, puxando seus cabelos também, minha vagina incendiando, líquidos alagando minha calcinha sem controle. Puta merda! Hoje definitivamente não seria baunilha. Quando arrancou sua boca da minha muito tempo, depois estávamos arfando. Nossos olhos se abriram e travaram. Os dele era uma promessa lasciva, perversa.

— Hora de levar você para casa e te foder bem duro por horas seguidas, Sr.^a Di Castellani. — sorriu malvado,

rouco de tesão.

— Oh, isso não foi nada romântico, Sr. Di Castellani.
— provoquei, me esfregando nele. Deu-me um tapa na nádega direita. Miei.

— Vou gozar no seu rabo dizendo que te amo. — disse arrogante. — parece romântico agora, ruivinha?

Bufei, mas não consegui conter um riso. Ele me levantou, tirando meus pés do chão e comeu minha boca de novo. Nossos olhos abertos. Não quero nem pensar onde o garçom estava numa hora dessas. Então, como num passe de mágica as luzes se apagaram. Seu corpo ficou tenso e ele parou o beijo me colocando no chão. Agarrei-me a ele, o pânico ameaçando me tomar. Odeio escuro. Eu perco o fôlego. Parece que vou sufocar até morrer. Sempre foi assim desde criança.

— Jay... — lamentei, tentando manter minha respiração regular.

— O que diabos foi isso? — rosnou. Não enxergávamos muito. Mas percebi que os prédios em volta estavam iluminados. O apagão foi apenas nesse,

aparentemente. — vou chamar Isaac. — sacou o celular e o visor iluminado aliviou um pouco minha tensão. Antes que o fizesse Isaac surgiu do nosso lado com seu novo parceiro, Greg, empunhando lanternas e... Armas. Cristo! — que merda foi essa? — Jay sibilou baixinho.

— Vamos escoltá-los até o helicóptero, Jay. — Isaac disse conciso, mas seu tom era preocupado como no dia em que a bomba foi jogada em nossa casa. — vamos! — tornou a falar, cobrindo a mim e Jay com seu corpo. Greg ficou na retaguarda, enquanto praticamente corríamos para o heliponto. — vá, companheiro! Tire sua mulher daqui! Essa merda pode não ser coincidência. — completou e voltou para junto de Greg, os dois empunhando as armas, esquadrinhando todo o espaço do terraço. Oh! Deus! Quando isso vai acabar? Eu estava tremendo agora e não era no sentido bom. O trajeto foi feito em silêncio. O clima gostoso, sensual havia sido brutalmente quebrado. Jay estava tenso, eu podia sentir a ira saindo por todos os seus poros.

Jayden

Entramos em casa, o clima que criei para Cassie totalmente arruinado. Eu estava fervendo por dentro. Que merda fodida era essa que tomou conta da nossa vida? Estaquei ao dar de cara com os detetives Lewis e Marrone. Sério? Você tem que estar brincando comigo. Minha noite estava completamente arruinada agora. Cassie sentiu meu humor piorar e apertou minha mão pedindo calma silenciosamente. Soltei um suspiro aborrecido e descemos os degraus para os amplos estofados. Os dois homens se levantaram nos examinando com aqueles olhos treinados. Sílvia estava sentada em um canto. Eu não consigo engolir essa garota. Não sei por quê.

— Sr. King, senhora. — os dois nos cumprimentaram. — podemos falar em particular? — franzi o cenho. Eles estavam diferentes hoje. Nada da postura arrogante e acusatória das outras vezes em que vieram até aqui.

— Sim, vamos ao meu escritório. — concordei e me virei para Cassie. — não vou demorar meu anjo. — murmurei e beijei-a de leve nos lábios.

— O que o senhor pode nos dizer de Carl Turner? — Lewis soltou assim que entramos no escritório. Fechei os punhos. Merda! O maldito filho da puta prestou queixa contra mim. Bastardo do caralho!

— Nada. — rosnei. — a não ser que mereceu ter o seu nariz quebrado. — os dois homens se entreolharam com expressões confusas. — oh, merda! Não foi por isso que vieram aqui? — o detetive Lewis pendeu a cabeça para um lado e me analisou por um momento. Então, fez algo que me surpreendeu. Ele riu. Não um de seus risos irônicos. Esse era quase simpático. Essa noite estava mesmo estranha.

— O senhor quebrou o nariz de seu sócio? — inquiriu-me. Bufeí.

— Ex-sócio. — corriji. — sim, e faria de novo. — afirmei indo até o bar, me servindo de uma pequena dose de uísque. Levantei a garrafa oferecendo, mas eles recusaram em uníssono. Claro, estavam a trabalho. Grande, Jayden! Você pode ser acusado de tentar alcoolizar detetives em serviço.

— Por que, senhor King?

— Ele não era quem eu pensava e... O bastardo teve a ousadia de dizer na minha cara que quer a minha mulher. Então, quebrar o nariz dele foi pouco, se querem mesmo saber. — os dois riram dessa vez. Era um entendimento típico de caras.

— Ele não prestou queixa, no entanto. — Lewis revelou e isso me surpreendeu pra caralho. Por quê? Ele deu a entender que faria isso. Os homens ficaram sérios de novo.

— Rastreamos as ligações de Mark Springs nos últimos três anos, senhor. — Lewis informou.

— E? — parei o copo perto da boca.

— Carl Turner apareceu com frequência em seus contatos. — e agora eu estava verdadeiramente surpreso. Carl tinha contato com o asqueroso? Que porra é essa? — o senhor não tinha conhecimento disso pela sua reação.

— Não, não tinha. — falei, tomando o restante da bebida.

— Há outra linha de investigação nesse momento, senhor King. — ele continuou no seu tom de homem da lei. — e seu sócio pode ser apontado a qualquer momento como um dos suspeitos do assassinato de Mark Springs. — oh! Uau! Meu queixo caiu aberto. — mas não é só isso. Eu e meu parceiro achamos que há algo mais em torno disso. Acha que seu ex-sócio pode ter roubado seu chaveiro? — ele fez uma pausa dramática. Senti-me num dos episódios de *CSI*[\[118\]](#). Ironizei. — pode nos dizer novamente tudo o que fez no dia do assassinato do Springs? — eu recuei atordoado com tantas perguntas. Isso era um giro e tanto. Carl, um assassino? E o pior de tudo, me incriminando em seu lugar?

— Eu já disse tudo em outros depoimentos, senhores. — passei a mão pelos cabelos, frustrado. Lá se vai minha noite romântica com a minha mulher. Os levei para as poltronas e nos sentamos. Pus-me a contar todos os meus passos no dia que o asqueroso foi morto.

— Pode nos fornecer mais detalhes da sua relação com o senhor Turner? — ele pediu. Eu estava a ponto de

explodir agora. Minhas têmporas começavam a latejar e eu precisava ver Cassie. Perder-me nela para esquecer essa merda. Esses dois eram uns malditos empata foda!

— Éramos amigos. — parei e torci os lábios cinicamente. — pelo menos eu pensei que fôssemos. Seu pai me salvou das ruas. — suspirei cansado sem saber onde queriam chegar. — essa história é de conhecimento público, senhores. A mídia não cansou de alardear como um garoto de rua foi salvo pelo famoso engenheiro John Turner e mais recentemente como esse mesmo garoto se descobriu um príncipe. — abri um riso sarcástico. — parece que sou a cinderela de calças, não é? — eles riram brevemente. Isso estava ficando realmente estranho. Eles nunca foram tão simpáticos comigo.

— Voltaremos a conversar senhor King. — Lewis informou e estendeu a mão para mim. Isso também era novo. Quando a peguei ele me deu um aperto firme. — por enquanto, basta ficar atento a tudo e a todos a sua volta, especialmente seu ex-amigo. — disse-me sério.

— Detetive? — chamei quando ele já estava na porta.

— obrigado. — ele acenou brevemente saindo seguido pelo parceiro. Pouco depois saí, mas decidi ir a piscina dar umas braçadas para relaxar e arejar a cabeça. Não quero levar toda essa tensão para o quarto. Ainda tenho planos de salvar a noite. Cortei o jardim rapidamente e arrancando todas as roupas mergulhei. A temperatura estava boa, quase fria, mas agradável. Dei várias braçadas submerso, tentando limpar minha mente. Funcionou. Depois de um tempo senti meu corpo relaxando. Apontei na superfície já pronto para sair e me vestir e quase gritei de susto.

— Oi. Desculpe se assustei você. — Sílvia ronronou a poucos centímetros de mim. Merda colossal. Eu estou pelado. Eu só nado há essa hora assim. Cobri minhas partes. O olhar dela estava direto no meu pau. Que. Porra. É. Essa? — relaxe, grandão...

— Primeiro, que porra está fazendo aqui? — rosnei. — segundo, só minha mulher me chama assim, mais ninguém.

Os olhos azuis esverdeados se alargaram um pouco,

assustados. Mas abriu um riso sedutor no instante seguinte, daqueles de vadia profissional e levou as mãos para trás da parte de cima do minúsculo biquíni que usava. Eles mal cobriam seus peitos, caralho! Merda! Eles caíram na água e ela levou as mãos para a calcinha. Segurei seus pulsos com força e a impedi de tirá-la também. Meus olhos se mantiveram em seu rosto e a afastei, soltando-a com repulsa.

— Aqui está a coisa, querida. — cuspi, entregando a parte de cima do seu biquíni. Minha voz saiu enganosamente calma. — faça essa merda de novo e sua bunda vai estar no próximo avião para o Brasil. — ela empalideceu. Bom. Muito bom. — fui claro? Por que diabos acha que me contentaria com uma imitação grosseira quando tenho a original? — ela subiu a parte de cima do biquíni cobrindo os peitos, os olhos faiscando, me atirando adagas. Torci os lábios, desdenhoso e completei: — vê se se enxerga, garota. Se dê o respeito e não abuse da minha hospitalidade e, principalmente da minha mulher que está verdadeiramente feliz em tê-la aqui. — nadei em direção à borda e saí vestindo as calças

apressado, nem me importei de colocar a cueca ou o resto. Marchei para longe da vadia oferecida. Porra! Como vou dizer a Cassie que a prima é uma puta de primeira? Cristo! Agora entendo um pouco do que ela passou ao me esconder o assédio do maldito fura olho.

Entrei no quarto no mesmo momento em que ela saía do closet. Engasguei com a visão dela. Usava uma camisola preta transparente sem nada por baixo, dessas que me tem salivando prontamente. Sorri sentindo meu mundo entrar no eixo outra vez e meu pau subir às alturas. Seu olhar faminto desceu pelo meu peito e abdome nus. Lambeu os lábios. Cristo! Somos dois esfomeados.

— Você demorou grandão. — sorriu travessa e veio devagar para mim. As mãos estavam atrás das costas como se escondesse algo. Parou na minha frente quase me tocando. Seus olhos buscaram meu torso nu de novo. Oh, cara, eu amo a forma como ela me olha. Como se nunca fosse ter o suficiente de mim. Seus olhos dilataram e suas narinas inflaram sentindo meu cheiro. Quando nossos olhares se encontraram novamente ela trouxe as mãos para

frente me entregando o cinto de couro. Porra! Meu pau se contorceu ganancioso. — Eu vou fazer você se sentir bem, meu senhor. — disse baixinho naquele tom submisso que me escraviza e caiu de joelhos. Caralho! — me ordene e eu faço. Qualquer coisa para meu dono.

Santa Mãe!

Carl

— Ele não pode ser seduzido. — ouvi a voz hesitante do outro lado da linha.

— Como não pode? — bati o punho na mesa, causando uma dor latejante de imediato. — todo homem pode ser seduzido, porra!

— Ele não, caralho! — elevou a voz. A vadia estava elevando a voz para mim? Ela não faria isso se estivesse na minha frente. Tomei uma respiração profunda e me sentei na borda da mesa do meu escritório.

— Diga-me o que exatamente você fez. — pedi, tentando manter a calma.

— Ele a ama. — deu um bufo desdenhoso. — os dois

são pateticamente apaixonados. O jeito que a olha, que a toca. Eu nunca vi isso antes. Nunca pensei que existisse esse tipo de amor...

— Cale a boca, vadia do caralho! — silvei muito puto agora. Eu não tenho interesse nessa merda! — apenas diga-me o que você fez. — Ela pôs-se a falar da cena ridícula na piscina. Eu gargalhei mesmo sem querer. — você é muito burra, porra! Qual foi a parte de Jayden King é um predador que não entendeu? — silêncio do outro lado. — ele odeia vadias oferecidas. Sempre detestou. Ele gosta de caçar. Todo homem gosta, sua estúpida. Era para se insinuar aos poucos, não mostrar os peitos logo de cara. — suspirei vencido, por enquanto. — não sei por que fui dar ouvidos àquele idiota e trazê-la. Você é um inútil pedaço de merda!

CAPÍTULO VINTE E UM

Jayden

— Ohhh! Jay! Amor... Oh, Deus... — Cassie balbuciou com seu rosto rubro colado no colchão, suas mãos entrelaçadas nas costas, o corpo começando estremecer. Segurei seu quadril com uma mão e levei a outra para o cinto em volta do seu pescoço como uma coleira. Ela adora isso e eu também, porra! Dei um puxão na correia trazendo-a para tomar meu pau. Arremeti com mais força, me afundando até as bolas em seu rabinho gostoso e apertado.

— Isso, escrava! — tirei tudo e estoquei duro de volta, o som da minha pélvis contra sua bunda ressoando alto no quarto. — é gostoso assim? Hum? Responda putinha! — peguei um ritmo frenético, brutal, comendo-a sem dó. Dei um tapa forte em sua nádega. Solto um gemido alto, animalesco. Porra! Ela ama isso. — é gostoso me deixar foder seu cuzinho assim? Deixar-me comer minha puta do jeito que bem quiser? Diga escrava! Diga porra!

— Sim! Oh, meu Deus! Sim... Eu amo isso! — chiou, sua voz entrecortada. — amo isso, meu senhor. — rosnei com sua admissão. — segure na cama, minha putinha. Isso vai ser muito duro. — miou e firmou as palmas na borda do colchão. Girei o quadril bem devagar. Gemeu enlouquecida. Sorri e mordi suas costas, convulsionou e voltei a meter com fúria, sacudindo-a toda. Eu estava perto. Um choque gostoso tomou conta das minhas bolas. Deslizei minha mão pelo seu torso, amassei seus peitos, puxando os mamilos e descii para sua bocetinha melada. Dei um tapa de mão aberta. Gritou, sua bunda vindo me encontrar em cada golpe. Toquei seu clitóris suavemente e o massageei.

— Ahhh! Cassie... Amor, eu vou gozar! Agora, anjo! Goze comigo! Goze amor... — rugi, sentindo meu pau expandir dolorosamente. Enterrei-me com tudo até o fundo e ela soltou o primeiro soluço, seguido de um gemido lindo pra caralho quando gozou. Foi o meu fim. O primeiro jorrou saiu e esporrei duro em seu canal escaldante. — ohhhhhhhhhh! Caralho! Que rabo mais gostoso, meu anjo... Cristo! Delicioso... — grunhi, meu

corpo todo sendo tomado por espasmos violentos. Fechei minhas mãos em seu pescoço e continuei arremetendo. Nossos gemidos e grunhidos se misturando. Seus braços cederam e caímos no colchão. Meus movimentos foram acalmando até parar completamente enterrado nela. Ela só arquejava agora. Deslizei o nariz em suas costas parando na nuca e fiz uma trilha de beijos até o ombro direito. Puxei seu queixo e nossos olhares se encontraram. Eu nunca me canso disso. Essa imagem dela saciada, dominada embaixo de mim. Os olhos azuis incríveis anuviados de prazer. — obrigado, meu anjo. — sussurrei antes de tomar seus lábios num beijo suave, saciado. — eu precisava disso hoje.

— Humm... — ronronou. Ri baixinho, mordiscando sua boca.

— Peguei muito pesado, Sr.^a Di Castellani? Você parece bem fodida.

— Humm... — concordou, rindo fracamente. Gargalhei.

— Você só vai dizer isso? — provoqueei em sua boca.

— Humm... — ronronou de novo.

— Muito eloquente, amor. — zombei, beijando a ponta de seu nariz e saí dela devagar. Levantei suas pernas e a acomodei no centro da cama. Tire o cinto com cuidado, massageando seu pescoço. Fui até o banheiro, me limpei e peguei uma toalha úmida. Limpei-a, sorrindo baixinho dos sons que fazia mesmo estando completamente gasta. Aconcheguei-me a ela por trás e puxei o lençol sobre nós. — eu te amo, meu anjo. — sussurrei, beijando seu ombro.

— Também te amo grandão. — murmurou de volta, gemendo languidamente em meus braços. Caímos num sono profundo momentos depois.

Acordei com os zumbidos do meu celular. Tateei e o peguei sobre o criado-mudo.

— Dom, irmão, diga que é algo importante para me acordar a essa hora, seu bastardo. — rosnei. Ele riu do outro lado.

— Sim irmão. Estamos aqui na sua sala, seu bastardo mal-humorado. E já são oito horas, para seu governo. — havia um riso malicioso em sua voz quando completou: —

vejo que a noite foi bem agitada, irmão... — bufei me levantando. Cristo! A tensão toda de ontem e depois a longa sessão de sexo gostoso me fez apagar. Não costumo dormir até essa hora.

— Cale a boca, idiota! — grunhi, mas já estava rindo. Espreguicei e olhei minha linda mulher adormecida. — já estou descendo. Só vou, hum, acordar Cassie e... — ele gargalhou dessa vez. Idiota!

— Hum, noite realmente agitada, hein, irmão? — provocou outra vez.

— Vou quebrar a sua cara bonita quando chegar aí, irmão. — rosnei e desliguei.

Cerca de meia hora depois, descemos do elevador direto na sala. Dom virou na nossa direção e um sorriso enorme tomou seu rosto. Ok. Eu já não quero quebrar a cara dele. Eu amo esse bastardo provocador. Helena se levantou do sofá com a pequena e rechonchuda Anna Júlia nos braços. Minha sobrinha estava linda. Ela ria e olhava tudo a volta com olhinhos verdes curiosos.

— Dom, que surpresa, irmão. — disse quando me

aproximei. Ele me puxou para nosso abraço de caras, enquanto Cassie se dirigia à Helena cumprimentando-a. — pensei que chegaria junto com Leon na semana que vem. — algo passou rapidamente nos olhos dele, mas ele sorriu em seguida.

— Resolvemos antecipar nossa visita, Jay. Leon chega daqui a pouco também. — revelou e virou para Cassie que beijava a cabecinha de Anna Júlia. — E como está minha mais nova cunhada? — Cassie sorriu estendendo a mão. Ele a puxou para um abraço afetuoso e a beijou na face.

— Eu vou bem. Como vai, Dom? — ela disse tranquila. Fui até Helena a abraçando e beijando. Tomei a princesinha sorridente nos braços. Ela havia crescido muito. É incrível como apenas um mês faz muita diferença para os bebês.

— Vou bem, querida. — disse, num tom mais sério agora. — ficaremos todos muito melhor em breve quando todo esse circo que criaram para o Jay for desfeito. — ela assentiu e nesse momento as risadas de Lucas e Samuel

foram ouvidas. Logo as babás entraram na sala trazendo os dois bagunceiros pela mão. Eles não queriam mais colo, preferiam ficar no chão, desorganizando tudo à sua volta. Sorri, indo até eles com Anna Júlia.

— Ei, campeões! Vejam só quem chegou? — me abaixei ao nível deles, mostrando à pequena. — priminha.

— Pimia! — disseram os dois de uma vez. Dom e Helena vieram até eles os levantando nos braços. Depois disso foi uma algazarra.

Leon, Júlia e os filhos chegaram no início da tarde e a creche estava completa. Damien se jogou em mim como sempre fazia e a pequena Antonella fez o mesmo com Helena, sua madrinha. Meu peito estava bem mais leve em tê-los aqui comigo. Meus irmãos são grandes caras e estão realmente empenhados em me ajudar a chegar ao fundo dessa situação fodida. Sei que ambos têm novidades para mim, mas não tocamos no assunto na frente das nossas mulheres. Permitimos a nós, por enquanto, apreciar esses momentos em família. O resto seria resolvido depois, estou bem confiante nisso. Dom nos distraiu com

suas aventuras em Las Vegas. Ele e Helena foram flagrados de novo em uma sacada. Não faziam sexo dessa vez, graças a Deus. Mas ainda assim as fotos eram bem ousadas. Essa irreverência dele era algo que ninguém tiraria. Contou-nos detalhes do casamento de nosso tio. Leon o acusou de ser má influência para tio Max e todos gargalharam. Dom era mesmo o mais impetuoso de nós três. Estávamos todos envolvidos na conversa quando Cassie recebeu uma ligação de um de nossos encarregados de obras informando de um problema na obra do Fogs.

— Eu preciso ir conferir isso de perto, amor. — avisou, levantando-se do sofá, tentando conter os avanços de Lucas para seu colo. Sim, o colo da mãe eles ainda querem. Meus filhos não são nada bobos.

Eu a entendo perfeitamente. Somos tão parecidos nesse aspecto. Ela ama sua profissão e é malditamente perfeccionista, assim como eu. Nem ousaria pedir para deixar isso para amanhã.

— Vá com Isaac e Greg. — disse baixinho puxando-a

para meus braços. Ela sorriu, corando meio encabulada com os olhares de meus irmãos e as esposas em nós. Sorri perverso e a beijei. Não um beijo suave. Devorei sua boca. Assovios soaram e não precisava olhar para saber que eram de Dom. Bastardo! Risos discretos foram ouvidos depois. — não demore anjo e qualquer coisa me chame. — ela apenas assentiu, seu rosto em chamas pela minha performance de homem das cavernas. Ela subiu para o quarto e pouco depois desceu numa calça jeans e camiseta azul. Linda pra caralho. Sem maquiagem alguma e ainda era a mulher mais linda que já vi. Despediu-se de todos e soprou beijos para nossos pequenos e os sobrinhos. Nossos olhares se prenderam por alguns segundos. Deu-me um riso meio travesso, meio tímido e me soprou um beijo também antes de se virar e ir em direção à porta. Meus olhos a seguiram relutantes em se afastar. Fui tragado para a conversa outra vez, no entanto, uma saudade inexplicável, um sentimento de perda momentânea se instalou em mim com sua saída.

— O Serviço Secreto descobriu uma movimentação em duas das contas privadas de Mark Springs há dois dias. —

Leon me informou assim que entramos no escritório pouco tempo depois que Cassie saiu e minhas cunhadas subiram para seus quartos. Isso com certeza teve minha atenção imediata.

— Que merda é essa? — rosnei indo em direção ao bar. — mortos não movimentam contas até onde sei irmão. — peguei três copos e nos servi pequenas doses de uísque.

— Oww! Jay tem alguma coisa fodida acontecendo, irmão. — Dom, exclamou, pegando seu copo. — também tenho algo muito suspeito.

— *Si*, mortos não movimentam contas. — Leon concordou recebendo seu copo também. — Mas que tal um comparsa que tivesse acesso a tudo do Springs? — seus olhos brilhavam e eu podia ouvir as engrenagens funcionando. Algo passou lá na íris escura e ele franziu o cenho. — ou pode ser que... — sacudiu a cabeça. — não, essa hipótese é muito fantasiosa.

— Fale Leon. — Dom e eu pedimos ao mesmo tempo. Ele nos encarou sério.

— Pode ser que Mark Springs tenha forjado sua morte.
— oh! Isso era realmente assustador. Por que diabos ele faria isso? — já pensaram que depois de ser descoberto em seus esquemas, preso, perdendo todo o prestígio... — pausou de novo. — foi o que eu disse irmãos. É fantasioso, mas essa hipótese já me ocorreu. Ele estava metido com tráfico e isso não é incomum nesse meio. Traficantes trocam de identidade o tempo todo e alguns chegam ao extremo de forjar a morte apenas para se manter incógnitos.

Eu e Dom ficamos momentaneamente mudos. Era de fato uma ideia bem louca, mas podia fazer sentido. O asqueroso ficaria livre e de quebra ainda provocaria um caos na minha vida, como de fato aconteceu depois da sua morte, ou suposta morte. Virei-me para Dom.

— Então, o que descobriu irmão? — ele ficou sério também.

— Carl aparece como sócio em um resort do Springs na Tailândia. — Cristo! Esse verme esteve mesmo rastejando à minha volta o tempo todo e eu nunca fui

capaz de perceber nada? — minha suspeita é que estavam ou estão juntos nessa, irmão. Se quiser saber eu nunca engoli aquele cara.

Leon rosnou e concordou. Minha cabeça dava voltas com tantas suposições e nada de respostas concretas. Situação fodida do caralho! Eu alimentei uma cobra esse tempo todo, porra! Abri o jogo sobre os últimos acontecimentos entre eu e o maldito fura olho. Eles ficaram tão possessos quanto eu ao descobrir que o imbecil estava de olho na minha mulher.

Meu interfone tocou e a governanta informou que os detetives Lewis e Marrone me aguardavam na sala. Cristo! Espero que tenham boas notícias. Pedi que os acompanhasse ao escritório.

— Irmãos, esses são os detetives Lewis e Marrone, encarregados do caso Springs. — disse assim que entraram. — esses são Leon e Dominic, senhores, meus irmãos. — Houve cumprimentos rápidos.

— Temos novidades, senhor King. — Lewis se adiantou. Ele é bem direto. Gosto disso. — e não parecem

boas. — tornou muito sério me entregando um envelope. Franzi o cenho e o abri. Eram fotos. Muitas fotos. E as merdas não paravam de chegar, rosnei ao ver a primeira imagem.

— Reconhece a garota nessas fotos? — santo Deus! Era Mark e... Sílvia, a porra da prima vadia. Estava com os cabelos negros, mas era ela. Tenho certeza. Que porra é essa? Qual a relação dessa puta com o asqueroso? Então, a próxima foto me respondeu. Eles estavam num beijo indecente no que parecia um estacionamento. — foram tiradas no Rio há um mês. — me informou o detetive. — onde está a prima de sua mulher, senhor? Precisamos conversar com ela.

Boa pergunta. Ela não deu as caras o dia todo. Pensei que estivesse no quarto, envergonhada pela cena ridícula na piscina. Franzi o cenho, aquela sensação de perda quando Cassie saiu se intensificando. Saquei o celular.

— Traga Cassie de volta, Isaac! — bradei começando a entender que tinha mais uma cobra sob o meu teto. A vinda dela tinha um propósito e essa merda não era boa.

Ninguém em sã consciência viria para o meio de um fogo cruzado. Ela estava nisso e Cassie precisava saber.

— O que houve Jay? — inquiriu alerta do outro lado da linha.

— Aconteceu algo, amigo. — suspirei pesadamente. — traga minha mulher para casa, parceiro. Agora. — meu tom foi mais seco do que gostaria. Ele não discutiu, assentiu e desligou em seguida.

— Que prima é essa, Jay? — Leon estreitou os olhos.

— Um encosto que chegou a dois dias do Brasil. Eu não engoli a história que contou a Cassie. — suspirei mostrando as fotos a ele e Dom. — mas agora faz sentido. Ela está nisso. Porra! Ela tentou me seduzir ontem. Uma puta do caralho! — cerrei os dentes, muito irado. Ela foi plantada aqui dentro da minha casa. Quem sabe o que ainda iria fazer se não tivéssemos descoberto? Meus filhos. Cristo! Meus filhos estavam expostos e nós nem sequer desconfiávamos. Eu vou matar essa vadia!

Subi enfurecido até o quarto que estava ocupando, mas não a encontrei. Estava silencioso. Olhei seu closet.

Ainda estava tudo lá. Não há vi o dia todo. Minhas mãos coçavam e eu não responderia por mim quando a encontrasse. Ela se aproveitou do bom coração de Cassie. Maldita puta!

Cerca de dez minutos depois Isaac me chamou.

— Jay... — seu tom foi sinistro. — ela não está aqui dentro, parceiro. — meu mundo desabou quando ouvi as palavras seguintes. — e o mestre de obras está... Morto. — meu coração acelerou e meus ouvidos zumbiram. Oh! Meu Deus! Alguém a levou. Alguém levou a minha Cassie.

Cassandra

Desci do carro na frente da mansão do Fogs. As obras estavam a todo vapor. Nesse ritmo entregaremos antes do prazo. Detive-me uns momentos olhando a fachada inspirada na arquitetura grega. Ficaria linda. Isaac parou do meu lado.

— Não há necessidade de me acompanhar lá dentro, Isaac. — falei, mas ele meneou a cabeça em desagrado.

— Jay nunca me perdoaria Cassie. Sinto muito, mas

vou segui-la a cada passo que der lá dentro. — disse conciso. Revirei os olhos e o deixei me seguir para o interior da casa. Cumprimentei os ajudantes. O encarregado estava lá na suíte, me informaram. Subimos as escadas, o pó subindo a cada passo que dávamos. Qualquer mulher odiaria isso, mas eu não. Eu amo essa fase de construção, aonde tudo vai tomando forma. Paramos na porta e eu tentei mais uma vez.

— Isaac, isso é ridículo. O homem lá dentro vai ficar sem jeito com você me seguindo por todo o cômodo. — ele bufou. — fique aqui na porta se isso o faz sentir melhor. Qualquer coisa eu grito, pode ficar tranquilo. A casa é toda cercada pela segurança do próprio Fogs. Eu não corro risco aqui. — ele suspirou vencido e concordou encostando-se na parede contrária como um sentinela. Sorri-lhe e girei a maçaneta. Silêncio me saudou. Andei até a varanda e nada do homem. Dirigi-me até o banheiro enorme dividido em dois espaços. Não havia nada no primeiro. Fui até o espaço da banheira e um grito teria escapado da minha garganta se eu não tivesse sido arremessada com força contra a parede, uma mão grande

me cobrindo a boca e o nariz. Oh! Meu Deus! O encarregado de obras estava caído sobre a borda. Um buraco de bala no meio da testa. Seus olhos estavam abertos, esbugalhados. Um cenário de horror. O ar estava deixando meus pulmões, só então percebi que havia um pano úmido na mão que me asfixiava. Um odor forte entrando nas minhas narinas, fazendo meus olhos revirarem. Cravei minhas unhas nos antebraços duros do meu agressor. Mas eu não tinha mais forças. Não consegui lutar contra a inconsciência. Meu corpo foi amolecendo, meus olhos se fechando e a escuridão me tragou de vez.

Senti tapas moderados nas minhas faces. Gemi, tentando me mexer. Meus pulsos estavam contidos por algemas. Algemas? Meus olhos se abriram e os fechei de novo. A claridade me cegando momentaneamente. Tentei movimentar as pernas, mas também estavam contidas com meus tornozelos amarrados afastados. Eu estava presa numa cama. Gemi de novo. Oh! Meu Deus! O que é isso? Onde estou? Meu cérebro atordoado trouxe as últimas imagens e arregalei os olhos, um grito saindo finalmente da minha garganta ao lembrar o horror. O encarregado

morto, uma figura forte me asfixiando. Eu devo ter desmaiado.

— Hum, vejo que a bela adormecida acordou finalmente. — minha cabeça girou na direção da voz. Uma voz conhecida. Ela entrou no meu campo de visão e eu franzi o cenho. Sílvia? O quê? — você dormiu por horas, querida. Já estávamos preocupados. — disse, mas seu tom não era de preocupação e seus cabelos estavam pretos de novo. Então, um lento sorriso foi se abrindo no seu rosto, junto com uma expressão sinistra que eu nunca havia visto antes. — é isso, prima. Você foi sequestrada. Há alguém que quer você. Quer muito, na verdade. — torceu o nariz me analisando de cima abaixo com desdém. — embora eu não consiga imaginar o que ele viu em você. Você é tão sem graça, prima. Nada pessoal. — levantou as mãos como em desculpas.

— Q-quem me sequestrou? — gaguejei molhando os lábios. Tentando puxar meus tornozelos, mas eles estavam bem firmes. — Sílvia, que brincadeira de mau gosto é essa? Por favor, o que está acontecendo? — lamentei.

Meus olhos enchendo de lágrimas. Oh! Deus! Isaac. Eu não devia ter insistido em entrar lá sozinha. Gemi de desgosto. Então o barulho da porta se abrindo me fez olhar na direção e o ar fugiu dos meus pulmões. Meu sangue gelou nas veias quando ele levantou a cabeça. Bile me vindo à boca. Oh! Deus! Não!

Ele ficou lá aos pés da cama me olhando. Seu olhar flamejando em cima de mim com algo selvagem, perverso, mas não da forma que Jay me olhava. Esse olhar era quase doente, obsessivo.

— Demorou um pouco, mas eu finalmente tenho você onde sempre quis, Cassie. — disse entre dentes. — eu quis você por dois malditos anos! Dois anos, porra! — se alterou e começou a afrouxar a gravata. — agora você é minha. Minha! Aquele maldito bandidinho de rua a roubou de mim. Agora estou pegando de volta!

— Oh! Meu Deus! Não! Por favor! — gritei entre soluços, o pânico tomando conta de mim porque ele estava vindo me estuprar. Tirou o terno e já desabotoava a camisa. Eu me sacudi freneticamente agitando meus pulsos

e tornozelos. Eles doeram. Senti as algemas cortando a carne. Gritei de dor e pavor. Oh! Deus! Jay! Onde você está? Ele não descobriu o que houve ainda? — oh! Deus! Jay! — berrei a plenos pulmões. Ele gargalhou jogando a cabeça para trás. Sílvia o seguiu. Os dois gargalhando. O som doentio, odioso. — pelo amor de Deus! Você não pode deixá-lo me estuprar! Sil, você é minha prima. Temos o mesmo sangue. Não o deixe, por favor, eu te imploro... — chorei os soluços sacudindo todo o meu corpo. Minha cabeça latejando. O odor da substância que inalei ainda muito forte em minhas vias nasais.

— Não há nada que ela possa fazer meu anjo. — zombou terminando de abrir a camisa. E nesse momento a porta foi aberta de novo. Pela segunda vez eu pensei que ia vomitar de pavor porque o homem na minha frente era alguém que pensei que nunca mais veria na minha vida, especialmente porque ele estava morto.

— Santo Deus! Mark? — ele andou até um dos lados da cama, os olhos azuis pálidos me fixaram com o ódio e repulsa característicos. Eu estava zozza, devo estar vendo

coisas. — você morreu. Co-como está...

— Olá, *irmãzinha*. — sorriu friamente. — vejo que se encontra numa situação difícil, não é? — oh! Deus! Era ele mesmo. Mas como isso era possível? Eu fui ao velório dele... Então, me ocorreu que o caixão esteve lacrado o tempo todo. Ninguém viu o corpo.

— Por quê? — sussurrei sentindo minhas forças me abandonarem. Ele meneou a cabeça e olhou na direção de Carl que continuava a se despir com um único propósito em mente.

— O que pensa que está fazendo, seu imbecil? — sibilou.

— O que está vendo, parceiro. Eu vou ter a mulher que aquele maldito me roubou há dois anos. — rosnou puxando o cinto com violência. Um frio deslizou na minha espinha eu comecei a rezar freneticamente para que Jay entrasse a qualquer momento pela porta e me tirar desse cenário de terror.

— Não, não vai. — Mark rosnou de volta. — vista sua roupa, porra! — bradou, cerrando os punhos. — eu não

sou um estuprador de merda! Ela está aqui por uma razão. Atrair o maldito King para mim! Você não vai tocá-la, seu monte de lixo doente! — isso deveria ter me aliviado, mas não funcionou porque agora sei o que Mark quer. Ele com certeza não quer uma reunião amigável. Isso é um maldito acerto de contas. Oh! Meu Deus! Ele quer matar o Jay! Carl rangeu os dentes e voltou a se vestir. Soltei o ar devagar. Jay, amor, eu fui tão burra. Perdoe-me, amor. — você pode me agradecer depois, bastardinha. — voltou a me olhar. — essa foi por pouco, não foi? — riu cínico. — ele não vai tocá-la, querida. — disse e seu rosto se contorceu num riso maquiavélico quando acrescentou: — desde que você traga seu marido para mim. Temos assuntos pendentes, como mandá-lo para o inferno, por exemplo. — novos soluços irromperam na minha garganta. — você tem duas horas para pensar. Tenho assuntos a resolver e vou levar Carl comigo. Isso te dará mais tranquilidade, estou supondo. Mas pense logo porque não vou ser capaz de segurar a obsessão que o imbecil tem por você por muito tempo. — ele se virou na direção de Sílvia e fez um movimento com o indicador, chamando-a.

Ela abriu um sorriso enorme e no segundo seguinte os dois estavam se comendo num beijo asqueroso. Meu queixo caiu aberto e vômito veio na minha boca pela enésima vez hoje. Ela realmente era uma traidora. Ah, Cristo! Eu fui tão burra em abrir as portas da minha casa para ela. Meu sangue, meu próprio sangue. Os dois. Mais lágrimas pularam dos meus olhos e eu pedi a Deus fervorosamente que me deixasse voltar para meu marido e filhos. Eu não posso fazer o que eles querem. Nunca vou trazer o homem que eu amo para uma emboscada. Duas horas. Eu tenho duas horas para pensar em algo antes deles voltarem. Isso era tão injusto. Imagens de nós ontem no nosso jantar encheram minha mente. Ele dizendo que o que seus sentimentos vão além das três famosas palavras. A música que cantou para mim. Eu chorava copiosamente agora, um medo descomunal de nunca mais vê-lo, senti-lo, me paralisando. Não é justo tudo isso. Eu daria tudo para voltar no tempo e ter permitido Isaac entrar comigo naquele quarto. Perdoe-me, amor. Por favor, me perdoe...

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Cassandra

— Não foi dessa vez, Cassie. — Carl veio até mim. Meu corpo retesou quando tocou meu rosto. Tentei livrar-me, mas ele segurou meu queixo com força e passou os dedos grosseiramente sobre os meus lábios. Os selei, impedindo-o de introduzi-los. Enfiou uma mão na minha nuca e puxou meus cabelos com força. Não tive outra opção senão gritar e ele aproveitou para enfiar dois dedos na minha boca. — chupe vadia! Chupe porra! — rosnou, os olhos cinza enlouquecidos presos em mim. Sem pensar duas vezes eu cravei meus dentes com força em sua carne até sentir gosto de sangue. — sua puta do caralho! — berrou e empurrou minha cabeça para baixo no colchão com brutalidade. Sua mão levantou e eu fechei os olhos esperando o golpe. Oh! Meu Deus! Ele vai me bater!

— Chega porra! — a voz de Mark o parou a poucos centímetros do meu rosto. — qual foi à parte de você não vai tocar nela que não entendeu Turner? — seu tom era

gelado, mortal. — você é um amador de merda! Quer colocar tudo a perder por causa de uma boceta? — Carl se afastou rangendo os dentes. Eu teria ficado aliviada, mas as próximas palavras de Mark me gelaram dos pés à cabeça: — você vai tê-la, seu imbecil. Ela será toda sua depois que o King não existir mais. Consegue focar nisso, agora? Hein? Será que tenho sua atenção para a porra do plano agora?

— Por favor, não o matem. — implorei, sentindo-me fraca, estúpida, burra por ter colocado meu marido nessa situação. — eu... Eu faço qualquer coisa... Mas por favor, por favor, não o matem... — minha voz quebrou em soluços. Um frio rastejando em minha coluna. Oh, Deus! Não deixe Jay vir até aqui. Não deixe. Eu não me importo de ficar aqui, mas não o traga para morrer.

— Que tocante *irmãzinha*. — Mark desdenhou. — você ama aquele bastardo tanto assim? Tem ideia do que Carl quer fazer com você, querida? — seus olhos frios se fixaram nos meus. — vou te dar um parâmetro. Carl fará o King parecer uma bichinha suave. — arregalei os olhos.

— entendeu agora? Ele vai devorar você, literalmente. — comecei a tremer. Ele riu e se voltou para Carl. — se quer aliviar um pouco da tensão. — pegou o cotovelo de Sílvia e a empurrou na direção de Carl. Ela quase caiu a seus pés. — dê prazer a ele, docinho. Ela é bem gostosa. — eu levantei a cabeça para ver melhor. Sílvia parecia assustada, chocada, para dizer a verdade. Seus olhos procuraram ansiosos por Mark.

— Mark... Eu... Por favor... — seu tom foi relutante, seu sotaque bem pronunciado pelo nervosismo. Obriguei-me a observar tudo atentamente.

— Você disse que faria o que eu quisesse meu amor. — Mark disse suavemente, mas não havia a menor emoção em seu olhar quando a fitou. Minha prima abaixou os olhos e assentiu, seus ombros caídos. Eu sei que não podia estar me compadecendo dela na situação em que me encontro. Chamem-me de coração mole. Mas o fato é estou quase com pena. Sílvia acaba de ter uma decepção pelo que percebi. O olhar no rosto dela era de uma mulher que acabou de perceber que não é tão especial na vida de

seu homem. — essa é a minha garota. — Mark bajulou e se aproximou dela. Tomou seu rosto entre as mãos. — eu te amo você sabe disso, não é? — quase bufei. Puta que pariu! Nunca ouvi algo soar tão falso! Ela lambeu os lábios, ansiosa. — responda! Sabe disso, não é? — ela apenas balançou a cabeça. — isso, meu amor. Dê alguns momentos de prazer a nosso parceiro. — olho na direção de Carl. — pegue leve com ela, Turner, ou vai se entender comigo. — mas ele disse isso sorrindo. — vou esperar por você no carro. — completou saindo do quarto e Carl puxou Sílvia pela cintura. Ela olhou na minha direção e meu peito apertou. Ele foi levando-a para fora do quarto. Oh! Meu Deus! Ele vai machucá-la. Sei que ela concordou, mas é assim que ele é.

Um grito ficou preso na minha garganta porque eu não podia intervir e chamar a atenção dele sobre mim de novo. Nunca pensei que diria isso, mas com Mark por perto me sinto mais segura. Meus olhos a seguiram até o último momento e antes que a porta de fechasse completamente, Carl a deixou semiaberta. Os olhos cinza prenderam os meus me mandando uma mensagem clara.

Era a mim que ele queria. Oh, Sil, por que, prima? Forcei meus ouvidos a ficarem atentos. E então, os sons começaram. Sons de tecido se rasgando. Meus olhos se encheram de lágrimas. Minhas vísceras se revolvendo com tudo que se seguiu. Eu não podia vê-los, mas ele a estava tomando de forma brutal. Ela gritava muito. Eram gritos de dor, não de prazer. Sons de pélvis se chocando violentamente. Depois de uns vinte minutos de terror, Carl deu um rugido horripilante quando gozou, dizendo que ela realmente tinha um rabo gostoso. Eu chorava mais e mais. Meu corpo todo tremendo diante de tanta violência. Tudo ficou quieto. Uma porta bateu e depois de alguns segundos ouvi fungados. Ela estava chorando. Cristo! Nenhuma mulher merece isso. E eu comecei a me sentir culpada por ter me acovardado e ficado quieta. Mas então eu não poderia livrá-la disso. Ninguém podia, a não ser ela mesma. Eu parei, analisando a situação. Estávamos sozinhas e ela estava vulnerável depois da forma como foi tratada. Essa era a minha chance.

— Sil? Você está bem? — chamei com minha voz trêmula. — venha até aqui, querida. Ele a machucou

muito, não foi? — silêncio total, até os fungados pararam. — Sil, eu sei que a garota que brincava de bonecas comigo ainda está aí. — tentei desesperadamente chegar até ela. — não sei o que houve prima. Mas podemos resolver tudo, querida. Eu posso pagar um advogado e...

— Cale a boca, sua cadela! — ela berrou e eu gelei quando sua figura chegou à soleira da porta. Deus! Seus cabelos estavam desganhados. Um corte no lábio inferior gotejava sangue. Mordidas e chupões em seu pescoço e colo. O vestido em frangalhos, mal cobrindo seu corpo. Meus olhos continuaram sobre ela estupefatos. As coxas tinham escoriações e arranhões. Sua calcinha estava apenas com o elástico em volta da cintura. — não ouse tentar me confundir com sua aparente bondade. — lágrimas caíram por suas faces. — Mark me ama. Vamos embora para bem longe daqui quando tudo isso acabar. — havia um tremor em sua voz. Era como se ela estivesse tentando convencer a si própria. Isso seria difícil, constatei. Ele a levou na conversa. Ela é uma vítima de Mark.

— De verdade, Sil? — tornei a falar, meu tom mais suave dessa vez. — de verdade acredita que aquele homem que a entregou na mão de um cara sexualmente violento sabendo exatamente como seria tratada, te ama?

Seu rosto torceu em desdém e ela deu um passo, fazendo uma cara de dor. Meu peito apertou mais quando ela veio arrastando a perna direita. Cristo! Ela estava muito machucada! Aquele monstro deveria estar preso.

— Você não ouse me olhar com esses olhos penosos! — grunhiu, cerrando os dentes, pairando acima de mim. — teria pena de mim se soubesse que seu marido me fodeu ontem na sua piscina? — meu sangue gelou. Jay havia entrado no quarto vestindo apenas as calças, parecendo angustiado. Oh! Deus! Não, isso não pode ser verdade. — é verdade, querida prima. — sibilou, rindo em seguida. — o encontrei nadando nu. Meu Deus! Que homem! — provocou-me. — fiquei nua também. Ele não resistiu. — deu de ombros. — os homens são assim querida. Nós fodemos por horas enquanto você esperava por ele no quarto. Ele é realmente gostoso, não é? Todas

aquelas tatuagens. Aquele tanquinho de babar... — lambeu os lábios e gemeu quando tocou o ferimento. Isso era uma mentira deslavada. Ela estava se utilizando de uma estratégia para se manter à distância. Meu marido me ama. Ele jamais me trairia, tenho certeza disso. Eu caí numa risada histérica e ela se empertigou toda, me fuzilando. — por que está rindo, sua louca? Eu falo que seu marido me comeu e você ri?

— Eu conheço meu marido, Sil. — tentei ir devagar de novo. — ele jamais me trairia. Jay me ama de uma forma que Mark jamais vai amar você ou qualquer outra mulher. — seus olhos brilharam magoados. — e não é culpa sua, querida. Mark é oco por dentro. Ele não tem sentimentos. Pelo menos não sentimentos bons. — ela desviou os olhos dos meus. No fundo ela já sabia disso. — me solte Sil. Ajude-me e vamos sair daqui juntas. Você é tão prisioneira quanto eu nesse momento. Ele a manipulou querida... Ele...

— Eu posso fazê-lo me amar. — disse, sem muita convicção. Seu olhar voltou para mim de novo. —

estamos juntos há mais de seis meses, desde que ele esteve no Brasil à primeira vez. Essa é a primeira vez que ele me compartilha. Mark é sempre carinhoso e atencioso.

Gemi. Puta merda! Ele fez uma lavagem cerebral nela.

— Sil, querida. Ouça-me, por favor. — pedi. — Mark só se envolveu com você porque descobriu meu paradeiro. Ele está usando você, prima. Eu sinto muito...

— Não! Não é verdade. — negou veementemente. — ele só descobriu há bem pouco tempo. Eu não sabia dessa história de vocês. Mas ele me contou tudo. Sua mãe foi uma vadia que tirou o juízo do pai dele. — meu sangue ferveu ouvindo seu desrespeito com minha mãe morta. Sua tia. A esperança começou a deixar-me lentamente. Ela não vai me ajudar. — e Jay o prejudicou além da conta. Ele só quer acertar tudo antes de iniciar outra vida longe de Londres. — completou.

— Ele quer matar meu marido, Sil. — minha voz quebrou. Pronunciar isso era doloroso. — por favor, Jay é a vítima nessa história. Mark o odeia gratuitamente. Eles...

— Eu realmente sinto muito que tenha que ser assim,

Cassie. — ela disse começando a se afastar mancando, gemendo. — eu já escolhi um lado quando me juntei a meu namorado.

— Não, Sil! — me desesperarei. — por favor, prima, me solte. Oh! Meu Deus! Você ouviu tudo que eles têm planejado para Jay e para mim. — ela deixou o quarto e fechou a porta. — não! Sil! Volte! Por favor, volte! — deixei minha cabeça pender contra o colchão. Eu agora só posso contar as horas até que estejam de volta.

Jayden

Parei para respirar e caí de joelhos, meu corpo todo tremendo de fúria, dor e medo. Um medo que nunca havia sentido antes na vida, tirando meu ar. O escritório estava uma bagunça. Mesa virada, cadeiras e garrafas quebradas. Leon e Dom se ajoelharam na minha frente. Eles não me impediram de extravasar minha raiva, quando Isaac e Greg voltaram sem minha Cassie e a realidade me bateu duramente. Alguém a levou de mim. Eu estava sufocando, meus pulmões queimando. Meu lindo anjo estava agora

nas mãos de um bastardo infeliz que me odeia e já deu provas de que é capaz de tudo para me atingir. Encarei meus irmãos e quebrei diante de suas expressões angustiadas. Não me importei mais com a porra do orgulho masculino. Eu chorei copiosamente. Chorei como um bebê, sons de lamento e dor profundos deixando meus lábios.

— Eu não posso ficar sem ela, irmãos. — grunhi, entre soluços. Leon me puxou para seu ombro, enquanto Dom passava a mão com firmeza pelas minhas costas, me oferecendo conforto. Eles não disseram nada, mas seus olhos estavam brilhantes também. Eles sentiam a minha dor. — isso é tão injusto, porra! Ela já sofreu tanto... Prometi amar e cuidar dela, mas eu falhei. Oh! Meu Deus! Perdoe-me, meu anjo. Perdoe-me, amor. — Cassie... Pedi silenciosamente para que Deus não deixar que lhe fizessem nenhum mal. Eu não suportaria ficar sem ela. Eu não posso ficar sem ela. Ficamos os três lá no chão até meus tremores passarem. Minha cabeça latejava. Minha mente recordando da imagem dela saindo pela porta. Linda. Tão linda. — eu morro sem ela, irmãos. —

completei num fio de voz.

— Nós vamos pegá-la de volta, irmão. — Leon disse com determinação. — ouça Jay. — segurou meu rosto nos dois lados, os olhos negros enfurecidos. — você não vai ficar sem Cassie. Vamos trazer sua mulher de volta. Eu prometo irmão.

— Sim, irmão. — Dom segurou forte no meu ombro, os olhos verdes lívidos. — nós vamos pegar o responsável por essa merda e fazê-lo se arrepender de ter nascido. — eu nunca o havia visto tão sério e furioso. — você precisa canalizar essa raiva e se manter de pé, firme. Assim que tivermos uma pista, qualquer uma, nós vamos atrás da sua mulher, irmão. Nós três. Vamos trazê-la, Jay. Nós vamos. — assenti. Eles se levantaram e me ajudaram em seguida.

— Eu sinto muito, Jay. — Isaac falou pela milésima vez. Ele e Greg haviam retornado há poucos minutos, trazendo apenas o telefone celular dela. Agarrei-me a ele como se fosse ela. Minha Cassie... Eu quero sair pelas ruas caçando beco por beco o infeliz do Carl. Porque só pode ter sido ele. Quem a levou sabia da saída de

emergência projetada na suíte do Fogs. Ela dava direto no portão oeste. Mas não era só isso, o maldito deve ter entrado e saído disfarçado para driblar a segurança. Os detetives Lewis e Marrone saíram agora a pouco depois de conversar com Isaac e Greg. Eles têm homens disfarçados seguindo Carl há duas semanas. Como não perceberam nada até agora? Eu não posso ficar aqui parado enquanto minha mulher está em algum lugar precisando de mim.

— Junte quantos homens você conseguir, Isaac. — ordenei, limpando meu rosto. Uma nova determinação tomando conta de mim depois do meu descontrole. — vamos sair agora! Vasculhar cada maldito canto da cidade! Eu não vou ficar aqui parado esperando que a polícia faça seu trabalho. Eu vou atrás da minha mulher!

— O serviço secreto está seguindo Carl desde a semana passada, irmão. Deixe-me checar se já tem alguma novidade. — Leon informou-me já no seu tom solene de rei. — sair sem nada concreto é um tiro no escuro, Jay. Nesses casos, o sequestrador sempre entra em contato e...

— Isso não é a porra de um sequestro comum, irmão!
— rugi. — quem a levou quer me prejudicar. Ferrar-me!
Enquanto fico parado aqui, Cassie pode estar sofrendo...
— eu me calei sem coragem para pronunciar todos os cenários que me vinham à mente. Ele assentiu cerrando a mandíbula.

— Apenas me deixe checar, ok? — tornou e sacou o celular. Dom veio me bater nos ombros de novo, enquanto Leon conversava com seus homens. — o que!? Quanto tempo? Tem certeza disso? — seus olhos me buscaram e havia uma onda de fúria queimando nas profundezas escuras. — *si*, muito suspeito. Minha cunhada sumiu há mais de uma hora. Achamos que foi sequestrada... *Dio mio!* Pode ser ela! Reúna todos, entendeu? Eu quero todos empenhados nisso. *Grazie*. — desligou e suspirou. — meus homens seguiram Carl até uma casa no subúrbio. Eles acharam a movimentação suspeita. Carl chegou no início da tarde. Logo depois um homem entrou no local, usando boné e óculos escuros, acompanhado de uma mulher também de chapéu e óculos escuros. Mas o que lhes chamou a atenção mesmo aconteceu há mais de uma

hora. — prendi a respiração à espera da continuação. — um furgão de uma lavanderia parou na frente da casa e dois tipos vestidos com macacões da suposta empresa desceram com um enorme cesto e o levaram para dentro.

A suspeita começou a se firmar dentro de mim.

— Você acha que... — minha voz sumiu.

— *Si*, irmão. — Leon assentiu. Seu rosto uma máscara letal. — eu acho que Cassie estava no maldito cesto. — cerrou os dentes.

— Filhos da puta! — Dom sibilou do meu lado.

— O endereço, Leon. — pedi, cerrando meus punhos. Eu vou matar esses filhos da puta um por um bem lentamente, porra! Júlia e Helena entraram no escritório nesse momento. Seus olhos correram assustados pela destruição da sala, voaram para seus maridos e depois para mim.

— O que houve aqui? Ouvimos um barulho estranho... — Júlia foi até Leon.

— Algo muito ruim, *perla mia*. — ele sussurrou

beijando-a nos cabelos. — Cassie foi sequestrada. — ela sobressaltou-se levantando o rosto para olhá-lo e depois a mim.

— Oh! *Dio mio!* — Helena gemeu, enquanto Dom a puxava para seus braços. — como?

— Acabamos de ter uma pista, princesa. — Dom falou e pegou seu rosto nas mãos. — nós vamos buscá-la, amor. Fique aqui com nossa pequena. Nós precisamos estar nisso com nosso irmão. — Helena assentiu, os olhos de uísque se enchendo de lágrimas.

— Tenha cuidado, *amore mio*. — disse num fio de voz. Ele a beijou nos lábios suavemente e apenas balançou a cabeça.

— Tome cuidado, meu rei. — Júlia pediu também, antes de Leon se pronunciar. — ficarei aqui com Helena e nossos pequenos. — Eu me senti mal vendo meus irmãos terem que deixar suas mulheres, suas famílias para lutar uma batalha que era minha. Eu não posso deixar isso acontecer.

— Irmãos. — chamei e todos eles me encararam. —

não é justo que deixem suas mulheres, seus filhos para irem comigo. Eu...

— Besteira! — Leon bradou como se tivesse sido insultado.

— É isso aí, irmão. Que porra é essa, Jay? — Dom cravou os olhos magoados em mim.

— Você é nosso, irmão. Nosso sangue. — Leon tornou, sua voz tremeu um pouco. — é um Di Castellani! Ninguém mexe com um príncipe Di Castellani e fica impune! — eu me senti mais mal ainda depois desse discurso. — então, entenda de uma vez por todas, porra! Você não está sozinho. — assenti e ele completou: — vamos! Vamos pegar sua mulher de volta e fazer esses bastardos sufocarem com seus próprios dentes!

O percurso até o endereço era exaustivamente longo. Isaac e Greg estavam na frente do SUV azul marinho. Eu e meus irmãos estávamos no banco traseiro. Isaac conseguiu reunir cinquenta homens da sua empresa de segurança. No carro logo atrás de nós estavam os seguranças pessoais de Leon e Dom, além de agentes do Serviço Secreto. Os

detetives Lewis e Marrone também já se dirigiam para o local. A orientação era que fôssemos discretos nas proximidades para não levantar suspeita nos ocupantes da casa, pois havia segurança fortemente armada. Os agentes acabaram de informar a Leon que Carl e o outro homem haviam saído, mas acabaram de retornar. E eu recommencei minhas preces outra vez. Não deixe que eles façam mal a ela, meu Deus. Não deixe. Meu celular tocou. Era um número desconhecido. Meu coração acelerou tanto que pensei que fosse explodir. Levei ao ouvido, algo me dizia que era o infeliz por trás de tudo isso. Eu apenas sabia.

— Alô. — tentei dar neutralidade no meu tom, mas minhas mãos tremiam. Silêncio do outro lado. — tem alguém aí? — depois de outro longo silêncio a voz soou e meu sangue fugiu do corpo.

— King? Será que você perdeu alguma coisa? — Merda fodida! Era a voz do maldito asqueroso! Fechei os olhos, tentando acalmar o tumulto de emoções dentro de mim. Fúria, amor, dor, medo. — King? Ainda está aí, ou desmaiou ao ouvir minha voz? — sorriu odiosamente. —

surpresa! Eu estou vivo. Bem vivo velho amigo e tenho algo muito precioso para você. Sim, sua bastardinha está comigo. — cerrei o maxilar com tanta força que senti gosto de sangue na boca. — então, aqui está a coisa. Você virá até o endereço que vou passar e vamos acertar nossas contas ou ela morre. — riu de novo e as próximas palavras que proferiu fizeram a bile subir na minha garganta. — mas antes disso, tem outro velho amigo seu que está louco para se divertir com ela. Sim, Carl. Já deve ter deduzido, não é? — fez uma pausa e depois me passou o endereço. Era o mesmo que os agentes descobriram. Estávamos a apenas alguns minutos do local. — ah, e não tente nenhuma gracinha como chamar a polícia, por exemplo. Se eu sentir qualquer trapaça da sua parte já sabe qual será o destino dela. Espero você dentro de vinte minutos.

— Seu maldito asqueroso! — gritei. — eu não tenho como chegar aí nesse tempo! — meu cérebro ainda funcionava. Tentei despistar que já estava nas redondezas. Ele riu de novo.

— Dê seu jeito, King! — sibilou e desligou. Minhas mãos tremiam quando guardei o celular no bolso. Informei tudo a meus irmãos e eles me olharam claramente preocupados. O celular de Leon tocou e ele atendeu prontamente. Falou num italiano rápido que não consegui acompanhar e desligou.

— Temos três agentes dentro da propriedade. Eles renderam os seguranças dos fundos. — isso me acalmou um pouco. — os outros estão se preparando para invadir.

— Não! — berrei. — eles não podem perceber nada anormal ou eles vão matá-la! Mark me quer lá dentro e sozinho. Pare o carro, Isaac! Pare a porra do carro! — ordenei, já conferindo minha arma e a coloquei atrás, por dentro das calças. Isaac parou o carro, freando bruscamente. Leon e Dom falavam ao mesmo tempo tentando me demover da ideia de ir até lá sozinho. Tirei o cinto e pulei para fora. — irmãos, digam-me sinceramente. — pedi, meu tom era exasperado. — se fosse Júlia ou Helena lá dentro, pensariam duas vezes antes de ir lá? — eles me encararam sérios e suspiraram,

vencidos.

— Droga, Jay! Claro que não, porra!

Assenti. Eles acenaram também.

— Estou indo lá, irmãos, nem que isso signifique a minha morte. — disse com firmeza.

— Jay, ganhe tempo, irmão. — Leon falou puxando sua arma e Dom fez o mesmo. — eles não vão te receber a bala. Eles têm algo planejado, isso está claro. Então, ganhe tempo de qualquer forma que puder. Nós vamos entrar depois, conforme a orientação dos meus agentes. Você não está sozinho, irmão. — disse ferozmente. — em breve estaremos chutando as cabeças desses bastardos!

Assenti mais uma vez e andei pela calçada, tentando parecer um transeunte normal. Não que tivesse muito movimento nesse bairro esquecido por Deus. Andei dois quarteirões e avistei a casa. Os muros desgastados e pichados, um cenário típico de periferia. Parei uns instantes na esquina, contando os minutos para dar o tempo estipulado pelo infeliz. Nunca os minutos se demoraram tanto. Já havia escurecido. Um frio deslizou na

minha espinha à medida que me aproximava dos portões. Eles se abriram sem que eu fizesse nada. Dois brutamontes me abordaram, me puxando bruscamente para dentro e os portões foram cerrados de novo. Revistaram-me e eu cerrei os punhos quando puxaram a arma das minhas costas. Era ser otimista demais pensar que me deixariam entrar armado. Deram-me sorrisos debochados e me empurraram para uma pequena varanda. Outro brutamonte abriu a porta se antecipando outra vez. Fui empurrado para dentro de uma sala minúscula com móveis muito velhos. O odor de mofo era grande. Meu coração foi aumentando o ritmo novamente à medida que tomamos um corredor semiescuro. Minha mente insistindo em colocar imagens grotescas diante de mim. Meu corpo enrijeceu e resfoleguei quando paramos em uma porta. Oh! Deus! Minha Cassie está aí dentro? Por favor, não deixe que... Meus pensamentos foram interrompidos quando a porta se abriu bruscamente e Carl surgiu na soleira. Um riso lento se abriu em seu rosto. O nariz ainda trazia um corte e estava arroxeadado ao redor. Tive que me segurar para não quebrá-lo de novo.

— Sempre pontual, não é *parceiro*? — zombou, abrindo passagem para mim e meus olhos pousaram nela e apesar de toda a merda, meu peito aliviou só com a mera visão dela. Ela estava viva! Oh! Meu Deus! Obrigado! Ela está viva.

— Jay! Amor! Oh! Meu Deus! — ela clamou entre soluços. Oh! Cristo! Ela estava presa na cama, seus olhos inchados e vermelhos de chorar. Eu não me importei que ele segurasse uma arma, eu só precisava chegar até ela e segurá-la contra mim.

— Cassie! Meu anjo! — entrei, empurrando-o fora do caminho, mas Mark saiu das sombras chegando ao lado da cama, apontando uma arma para a cabeça dela. — não! Não faça isso, pelo amor de Deus! Eu estou aqui, porra! Não era isso que queria seu maldito? — implorei. Novas lágrimas me cegando.

— Mantenha a compostura, King. — ele zombou. — você parece à porra de um veadinho, agora! Você realmente a ama, não é? — seu olhar brilhou diabolicamente e ele disse friamente. — algeme-o na

grade da janela, Carl. — Carl me puxou pelo braço e eu dei um soco me livrando de seu agarre. Mark engatilhou a arma e encostou o cano na têmpora de Cassie. Ela fechou os olhos, lágrimas descendo pelas faces rubras. — mas uma gracinha e os miolos dela voam seu bastardo de merda! — me deixei levar até a grade e o outro infeliz me algemou com um riso triunfante, odioso no rosto. Oh! Deus! Então é isso? Meus olhos correram pelo quarto pequeno e avistei a puta traidora em um canto. Ela estava pálida, os olhos mortos, sem expressão. Franzi o cenho intrigado. Mark se afastou de Cassie e veio devagar até mim. — a sensação é muito melhor do que eu pensei King. — sorriu e no segundo seguinte bateu com a arma no lado direito do meu rosto, antes mesmo que me defendesse. Cassie gritou. O sangue jorrou na minha boca. Cuspi, grunhindo. — eu adoraria ficar para a festa. Mas tenho um voo particular para pegar. Eu venci bastardo. — puxou meus cabelos com força e falou no meu ouvido: — sabe o que acontece agora? Carl vai foder sua mulher na sua frente uma vez, depois de novo e de novo. Será a última imagem que verá antes dele mandá-lo para o inferno! — a

bile me veio à garganta outra vez. Não! Deus! Não! Não permita que isso aconteça. Soltou-me com força e tive que segurar-me para não bater com o rosto nas grades.

— Seu maldito fodido! Você não vai sair dessa, seu monte de merda! Eu vou comer o seu maldito fígado! — rosnei, ele apenas riu e se dirigiu à Sílvia.

— Você foi perfeita, docinho. — disse sem emoção. — mas nos separamos aqui. Você não se encaixa no meu estilo de vida. — ela começou a ir até ele, mas ele estendeu a mão parando-a. — nada pessoal querida. Tenha uma boa vida. — ele mal disse as palavras uma arma foi engatilhada e a próxima cena me chocou completamente: Carl atirou em Mark pelas costas. Seus olhos se arregalaram e ele levou a mão às costas. Carl disparou outra vez e Mark caiu pesadamente no chão. Andou até ele, chutando sua arma para longe e sorriu, olhando o comparsa de cima. Putz! Aproveitei o momento para testar a firmeza das grades. Segurei-as e dei um solavanco. Pó caiu na minha cabeça. A casa era velha. A estrutura com certeza não estava tão firme. Dei mais dois solavancos,

meus olhos nunca deixando a cena grotesca e inusitada na minha frente.

— Talvez seja à hora de dizer a você que aquele voo está reservado para mim apenas. — Carl disse friamente, enquanto Mark apenas arquejava. O sangue se espalhando à sua volta. — é isso, *parceiro*. Você foi apenas um brinquete em minhas mãos. Seu ódio me ajudou a separá-los a primeira vez e agora me foi bastante útil de novo. — sorriu mais e acrescentou: — ah, deve saber também que transferei todo o dinheiro das suas contas para as novas contas em meu nome. Você não vai precisar dele para onde está indo. — levantou a arma e mirou na testa do infeliz quase morto e deu o tiro de misericórdia. Sílvia havia se encolhido no seu canto tentando conter seus grunhidos agonizados. Talvez pensasse que era a próxima. Carl a encarou e bufou: — não tenha medo, querida. Meus planos para você não incluem tiros. — e sorriu maliciosamente. Ela parecia inacreditavelmente mais assustada com suas últimas palavras. Continuei minha luta contra as grades. A qualquer momento ele ia voltar sua atenção para mim. Cristo! Onde estão meus irmãos? Carl

virou o rosto na minha direção e abriu um sorriso doente. Então, começou a andar em direção à cama.

— Não! Seu filho da puta! Não toque nela, porra! Vou matar você! — berrei a plenos pulmões. Segurei as grades com mais força e as sacudi. Mais pó caindo no meu rosto, me cegando. Virei para Sílvia, indicando silenciosamente a arma no chão para que ela a pegasse. Ela sacudiu a cabeça, seus olhos assustados presos em Carl. Havia algo muito errado com ela, mas não pude analisar isso, porque meu maior pesadelo estava tomando forma. Carl chegou até os pés de Cassie e desamarrou seus tornozelos.

—Não! Jay! Amor! Oh! Meu Deus! Não! — ela se debateu, seu grito já rouco de tanto chorar. Dei mais solavancos. Os gritos dela me cortando por dentro.

— Cale a boca, sua vadia! — Carl deu um tapa com as costas da mão na sua face esquerda e ela tombou meio grogue no colchão. Eu vi vermelho!

— Eu vou matar você! Seu monte de lixo! Vou te matar! — berrei desesperado e um ódio mortal tomando conta de mim. Fiquei lá repetindo as palavras, me

pendurando nas grades, meus pulsos já doendo como o inferno. — lute meu anjo! Lute amor! A ajuda está chegando! — onde estão meus irmãos? O maldito deu um puxão no cóis da calça Jeans e a arrancou bruscamente pelas pernas de Cassie. Oh! Deus! Isso não! Não! Eu e ela éramos uma confusão de gritos agora. Quando ele rasgou sua calcinha eu puxei as grades reunindo todas as forças do meu corpo e ela cedeu um lado. Ele rasgou sua blusa. Dei mais um puxão. Uma força descomunal invadiu-me e eu rosnei alto libertando a fera dentro de mim. Consegui finalmente arrancar toda a haste. Marchei em direção a ele. Uma fúria assassina guiando meus passos. Eu vou matá-lo, porra! Vou arrancar sua pele! Nesse momento, houve um grande estrondo e o forro cedeu. Leon e Dom pularam no chão e foi tudo muito rápido. No segundo seguinte, Leon arremessou Carl violentamente contra a parede. Dom foi até Cassie. Homens vestidos de preto, encapuzados pularam também. Muitos deles! Meu peito subia puxando respirações rápidas. Dom tirou a camisa e cobriu o corpo desnudo de Cassie. Ela tremia freneticamente.

— As chaves estão com ele. — disse e meu tom mortalmente calmo, mas meu corpo sofria espasmos de ira. — pegue-as e me solte irmão. — Dom foi até Carl que já se encontrava preso pelo pescoço contra a parede. Leon rosnando que queria matá-lo. Não, irmão. Eu farei isso. Meus olhos pousaram nela. Minha mulher. Meu lindo anjo que esteve prestes a ser... Cristo! Eu nunca me perdoaria se algo assim acontecesse a ela. — isso vai acabar agora, meu anjo. Você nunca vai passar por isso de novo. — garanti com minha voz tremendo. Ela deve ter visto tudo nos meus olhos porque seus olhos azuis arregalaram e ela me pediu.

— Não, Jay... Não, amor... Você não é um assassino. — disse num fio de voz. Dom voltou com as chaves e me soltou. Cassie foi à próxima. Andei até a cama e a tomei nos braços. Estávamos os dois tremendo. — você é um príncipe, amor. Um príncipe. Nunca se esqueça disso. — sussurrou. Acariciei suas faces e rugi ao ver o hematoma do lado esquerdo. Beije-a com desespero. Nossas lágrimas se misturando. Nunca vou agradecer suficientemente por termos impedindo o pior a tempo.

— Eu te amo mais que a minha própria vida, anjo. Nunca se esqueça disso. — murmurei colando minha testa na dela. Então me levantei e marchei em direção ao causador de toda a minha dor nos últimos dois anos. Ela me gritou rouca, mas eu não parei. Eu não vou parar até que ele esteja aniquilado.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Jayden

Avancei, crispando meus punhos. Os agentes se afastaram, abrindo-me passagem. Leon ainda mantinha o monte de lixo suspenso, preso à parede. Ele já parecia roxo.

— Solte-o, Leon. — grasnei atrás dele. — chegou à hora de acertar minhas contas com esse monte de merda! — Leon enrijeceu com meu tom. Virou-se devagar e seus olhos escuros me disseram sem palavras o que Cassie já havia dito: *eu sou um príncipe*. Sim, eu sou, mas sou um homem antes de tudo. Um homem que teve sua vida covardemente alterada nos dois últimos anos por uma criatura mesquinha, invejosa, inescrupulosa. Ele teve a ousadia de tocar minha mulher, de... As imagens não saíam da minha mente. Os momentos de terror a que nos submeteu. Cristo! Tive tanto medo... Carl Turner era um monstro e eu faria um favor ao mundo mandando-o para o inferno! — solte-o, irmão! — rosnei de novo. Leon

obedeceu dessa vez. O corpo do maldito deslizou pela parede. Tossiu freneticamente. Eu mal podia me conter. — levante-se, seu filho da puta! Levante-se e lute com alguém do seu tamanho, seu monte de lixo do caralho! — fez-se silêncio imediato, sendo quebrado apenas pelos fungados de Cassie. Eu sinto muito, meu anjo, mas eu não posso parar. Ele se levantou e seus olhos cinza me focaram lívidos, doentes.

— Você acha que conseguiu me impedir, não é? — disse abrindo um riso frio. — eu a fodi no minuto em que foi trazida para cá, *parceiro*. — meu sangue gelou. — essa era a segunda rodada, eu... — meu punho acertou sua cara antes de terminar. Ele caiu de novo, rindo.

— Não! É mentira, amor! Não acredite nele! — Cassie gritou rouca. O puxei pelo colarinho e o levantei. Meu punho encontrou sua cara em socos pesados, cheios de ódio. Ele nem teve tempo de se defender, já estava arremessando-o no meio do quarto. Caiu, tentando se levantar, mas fui para cima outra vez.

— Você me enganou por muito tempo, seu maldito, mas

não agora! — bradei e chutei suas costelas. O som de ossos sendo esmagados foi alto. — me chamava de *irmão!* — mais um chute. Ele se encolheu, grunhindo de dor. — eu confiei em você! — outro chute, mais ossos quebrando. — e você o tempo todo agindo nas minhas costas. Tirou de mim a única mulher que amei! A única que importava para mim! — rosnei, numa sucessão de chutes. *Ele vai matá-lo!* Ouvi alguém dizer, mas eu não parei. O cobri de chutes furiosos por todo corpo. O último atingiu a cabeça e ele parou de se mexer. Apenas arquejos saindo da sua boca. Sua cara era uma massa sangrenta, agora, mas eu queria mais. — dê-me sua arma, Leon! — disse sem tirar os olhos da figura inerte no chão. Carl abriu os olhos e pela primeira vez vi medo lá. Abri um riso frio. Eu quero que sinta todo o terror que nos fez passar. Quero que sinta na própria pele toda dor que nos causou.

— Jay, irmão... — Dom me chamou. Virei à cabeça em sua direção. Ele ainda estava na cama, segurando Cassie nos braços. Os grandes olhos azuis estavam aterrorizados. Meu peito doeu com a cena. Mas meu ódio me guiava nesse momento.

— Jay, companheiro. — a voz preocupada de Isaac me fez olhá-lo, só agora percebendo sua presença no quarto. É claro que ele estaria aqui. Meu fiel amigo.

— Jay, irmão. — Leon bateu nos meus ombros e o encarei. — ele não vale à pena. Acabou para ele. Deixe a justiça se encarregar disso, irmão. Você é um príncipe Di Castellani. Não há sangue em nossas mãos. Não...

— Dê-me a porra da arma, irmão! — rugi, enfrentando-o. Ele me olhou por muitos segundos, então me entregou a arma. Os olhos escuros me fizeram um pedido silencioso uma última vez. Virei para o maldito outra vez e mirei-a bem no meio da sua testa. Ele grunhiu, os olhos sendo tomados pelo pânico. Engatilhei. Todos lamentaram em voz alta. — implore por sua vida, seu filho da puta! — rosnei ensandecido. Grunhiu de novo. — Implore. Por. Sua. Vida. — repeti enganosamente calmo. Minha mão tremia, mas eu não erraria. Não dessa distância. — implore porra!

— Deus! Não me mate! — ele explodiu entre soluços e gemidos de dor. Extasiei-me com o terror vindo dele. Eu

não conseguia sentir nada além do ódio e nojo. — por favor, não me mate! — repetiu e todos no quarto fizeram sons de angústia, enquanto aguardavam o desfecho.

— Então, diga-me! Será que você realmente tocou na minha mulher quando ela chegou aqui? — ele se encolheu e suspirou, gemendo.

— Não, porra! Eu não a toquei. — alívio correu em mim. — Mark não me deixou. Ele queria que eu fizesse tudo na sua frente. — meu sangue ferveu. Isso era doente, porra! Um plano doentio e cruel, mas que acabou agindo em nosso favor, porque nos fez ganhar tempo. Nunca poderia suportar ver algo assim. — eu não a toquei.

Meus olhos se desviaram para Cassie de novo. Meu lindo anjo. Ela estava calada, a cabeça encostada no peito de Dom. Aquela imagem quebrou de alguma forma a névoa densa de ira à minha volta e eu gemi ruidosamente. Meu peito ainda se expandia em respirações rápidas, mas a fúria foi deixando meu corpo. Eu não podia fazer isso. Estaria me igualando a eles. Eu não sou um assassino. Sou um príncipe. E antes disso sou marido e pai. Minha

mulher e filhos, minha família não merecem passar por isso. Senti vergonha de sequer ter cogitado algo tão extremista. Nossos olhos ficaram presos e ela sentiu a mudança. Desvencilhou dos braços de Dom e sua voz suave terminou de acalmar a fera dentro de mim.

— É isso, amor. Você não é como ele. É um homem honrado. Um marido, um pai amoroso. — estendeu os braços me chamando. — vem. Venha para mim, amor. Nossos filhos estão esperando por nós em casa. — fui abaixando a arma lentamente. Todo o quarto soltou um grande suspiro aliviado. Leon chegou perto de mim e a tirou da minha mão sem resistência da minha parte.

— Eu realmente pensei em meter uma bala na sua testa, seu infeliz. — disse, voltando a olhar o monte de lixo a meus pés, meu tom mais baixo e contido. — mas eu não posso fazer isso com a mulher que amo mais que a mim mesmo. — ele só grunhiu parecendo aliviado, mas seu corpo quebrado estava longe de lhe oferecer esse alívio. — a morte para você agora seria um prêmio. Você se afundou na merda. Não vou junto. Estaria dando a vitória

finalmente a você. — olhei bem dentro de seus olhos. — seu castigo vai ser ficar vivo. Apodrecer atrás das grades, lamentando cada dia em sua vida maldita. Lamentando porque podia ter tido tudo. Podia ter sido meu amigo, meu irmão, mas escolheu me odiar e tentar tirar o que me pertence. — suspirei subitamente cansado. — eu venci. Terei uma vida plena e feliz com minha mulher e filhos, minha família. Não há mais nada que possa fazer sobre isso. Vai morrer lá, trancafiado, sozinho, acabado. — Leon me bateu de leve nos ombros.

Meus olhos se desviaram para ela. Lágrimas silenciosas desciam pelo rosto tão amado e minhas pernas tinham vida própria agora, indo em sua direção. A única coisa que me salvou de fazer uma besteira colossal. Ela e o imenso amor que transborda em cada célula do meu corpo, do meu ser.

— Sinto muito, meu anjo. — murmurei, me sentando na cama, puxando-a para o meu colo com desespero e vergonha. Ela se agarrou a mim imediatamente.

— Shhh. Acabou, amor. — sussurrou, segurando meu

rosto com as duas mãos. — acabou. — repetiu e seus lábios selaram os meus. Abracei-a mais forte, mantendo-a protegida no círculo dos meus braços, beijando-a num misto de doçura e fome. Sim, acabou. Finalmente acabou. Um som de pigarro nos fez cortar o beijo. Levantei meu rosto a contragosto e dei de cara com os detetives Lewis e Marrone e a expressão em seus rostos dizia que tinham chegado a tempo de ver meu descontrole.

— Detetives... Hum, será que... — comecei, temendo encrenca pelo estado que deixei o infeliz estendido no chão.

— Fez a coisa certa, senhor King. — Lewis foi direto como sempre. Havia simpatia em seu semblante. — eu não vi nada. Você viu alguma coisa anormal, Marrone?

— Não sei do que está falando, Lewis. — Marrone torceu os lábios num meio sorriso. Meu choque deve ter transparecido no meu rosto, pois Lewis continuou:

— Apenas leve sua mulher para casa, senhor. Deixe que nos encarregamos de limpar a bagunça. — um sorriso brincou em sua boca. — o senhor tem irmãos leais. Leais

e tão implacáveis quanto o senhor. — consegui esboçar um sorriso. Sim, eu tenho. — vá. Vá para casa. — ajustei a camisa grande de Dom no corpo delicado de Cassie e me levantei com ela nos braços.

— Obrigado, detetives. — disse e eles assentiram. Deixamos o quarto. Os agentes foram nos escoltando, o que já não era necessário, pois o cenário estava cheio de policiais e muitos corpos sangrando no chão. Cassie escondeu o rosto no meu peito diante do caos. Reconheci os brutamontes que me trataram feito lixo. Eu não senti nada além de alívio ao vê-los perfurados de bala.

Muitas viaturas estavam a postos do lado de fora, os faróis me cegando momentaneamente. Havia um cordão de isolamento e atrás dele um batalhão de repórteres. Flashes espocaram em nós. Porra! Esses malditos têm um radar para esse tipo de merda? Isaac se colocou na minha frente impedindo que mais fotos fossem tiradas. Os agentes e os seguranças de meus irmãos nos cercaram, fazendo uma espécie de barricada e nos escoltaram até o SUV. Fecharam as portas e suspirei aconchegando minha mulher

nos braços. Leon tomou o assento da frente. Dom, eu e Cassie fomos atrás porque não havia a menor possibilidade de soltá-la pelo próximo milênio. Ela ronronou como uma gatinha se ajeitando no meu colo. Isaac deu partida e o carro nos levou para longe daquele cenário de terror. Quando entramos em casa, Júlia e Helena nos aguardavam na sala, suas expressões angustiadas se transformaram e as duas correram para seus maridos, cobrindo-os de atenção e beijos. Depois de constatarem que estavam bem, vieram até mim e Cassie. Com os olhos lacrimosos as duas sussurraram palavras de carinho e conforto para nós. Agradecemos. Estávamos os dois exaustos e precisávamos de um banho urgentemente. Desculpei-me, pedindo que jantassem sem nossa companhia. Iríamos nos recompor, jantar no quarto e depois desceríamos. Eu precisava cuidar da minha mulher.

— Eu quero ver Lucas e Samuel primeiro, amor. — ela sussurrou no meu peito.

— Vamos nos livrar dessa sujeira primeiro anjo. — ela

me olhou e entendeu que falava de tudo que vivemos nas últimas duas horas, não só da sujeira física. — Júlia e Helena disseram que já estão dormindo. Não vai fazer muita diferença ir lá agora. — ela assentiu. Entramos no nosso quarto e a levei direto para o banheiro. Tirei a camisa enorme que vestia e me despi também. — você foi tão corajosa, meu anjo. — sussurrei, deslizando meus dedos pelo lado esquerdo do seu rosto. Estava levemente roxo no seu maxilar. — nunca poderia me perdoar se algo acontecesse a você. Eu...

— Shhh. — me calou, tocando meu rosto, onde devia ter um hematoma feio. Gemi sob seu toque. — você também foi amor. Foi lá me salvar como sabia que iria. É só isso que importa agora. Eu te amo tanto, amor. — murmurou. Os olhos incríveis marejados de novo.

— E eu a você, anjo. Você é tudo para mim. Tudo. — sussurrei de volta e a puxei para mim, colando nossos corpos. Ficamos assim, apenas sentindo o outro. — vem, vamos nos livrar de vez dessa sujeira. — a banhei com infinito cuidado. Seus pulsos estavam bem vermelhos,

cortados em alguns pontos. Cerrei os dentes, ainda abalado pela violência que sofreu. Os lavei devagar. Tomei banho também. Meus pulsos estavam bem piores. Estavam em carne viva. Até agora não sei de onde tirei forças para arrancar aquelas grades. Tudo que sei é que se deixasse o maldito tocar nela nunca mais seríamos os mesmos. Ele teria conseguido nos destruir de alguma forma. Enxuguei-a, vesti seu roupão e fiz o mesmo comigo. Cuidei dos seus pulsos com antisséptico e pomada. Os meus precisavam de curativos, além do meu supercílio que estava aberto pela pancada que o asqueroso me deu. Ela fez isso para mim. Vestimo-nos e fizemos um lanche rápido, que nos foi enviado, pois nenhum de nós estava com muito apetite depois de toda a merda vivenciada nas últimas horas. Em seguida fomos ver nossos filhos.

— Oi, meus anjinhos. Sentiram falta da mamãe? — Cassie sussurrou beijando suavemente as cabecinhas escuras dos nossos bebês adormecidos. Eles se mexeram e as boquinhas formaram um arremedo de sorriso como se conseguissem sentir a presença da mãe mesmo no sono.

— Eu acho que eles sabem que está aqui, amor. — murmurei e os beijei também. — sim, a mamãe está aqui campeões, como o papai prometeu. — completei. Ela abriu aquele riso lindo, os olhos iluminados, presos nos dois pequenos adormecidos.

— Amor. — chamou e levantou a olhar para mim. Seu tom hesitante me intrigou. — vai me achar muito estúpida se eu quiser oferecer um advogado para minha prima?

Ok. Isso me intrigou pra caralho!

— Por que faria isso, meu anjo? — mantive meu tom suave. — ela traiu você de todas as formas possíveis. — dei um suspiro e acrescentei: — ela tentou me seduzir na piscina ontem. — seu rosto não mostrou surpresa. Ela já sabia?

— Eu sei amor. Ela me disse. — suspirou triste. — Sílvia foi uma vítima de Mark. Ele a levou na conversa e a colocou nisso. Ela fez péssimas escolhas é verdade, mas algo dentro de mim me diz que minha prima pode aprender com seus erros e ser uma pessoa diferente no futuro. — pausou me olhando suplicante. — ela só precisa

de outra chance, amor. — A puxei para mim, acariciando suas faces. Meu lindo anjo de coração puro. Era inacreditável que depois de tudo que a maldita garota fez ela ainda quisesse ajudá-la.

— Você não é estúpida, meu anjo. — disse baixinho, dando beijos suaves em seus lábios. — você é a coisa mais linda que já vi. — seus olhos amoleceram e ela riu encabulada. — faça o que seu coração manda amor. Talvez esteja certa. — franzi o cenho me lembrando da atitude estranha de Sílvia quando entrei no quarto do terror. Ela parecia longe dali. — aconteceu algo com ela? Porque parecia aterrorizada por seus próprios comparsas. — seu semblante caiu.

— Carl a estuprou. — disse num fio de voz, um leve tremor percorrendo seu corpo. — foi horrível. Eu ouvi tudo, amor. Nenhuma mulher merece passar por aquilo. — isso me chocou. Porra! Era mesmo ruim, mas foi melhor que tenha sido ela e não minha mulher que não tinha nada a ver com os dois asquerosos. Sílvia fez péssimas escolhas e acabou sofrendo as consequências. Posso estar

sendo insensível, mas não consigo sentir pena, não quando minha mulher esteve prestes a ter seu corpo violentado pelo mesmo maníaco.

— Tem razão, anjo. Nenhuma mulher merece passar algo assim. Faremos o que você quiser. — eu a apoiaria se era isso que queria. — Posso colocar meus advogados nisso se a deixa mais tranquila. — ela concordou e após beijar nossos filhos outra vez, saímos do quarto. Quando nos preparávamos para entrar no elevador Júlia e Helena nos abordaram.

— Que tal uma reunião de meninas, enquanto seu marido vai se juntar aos dois que já estão lá embaixo trocando gentilezas? — Helena se dirigiu à Cassie. Ela sorriu sabendo que esse era o *modus operandi* dos irmãos Di Castellani. As provocações nos ajudaram a construir essa camaradagem que temos hoje. Irmão que é irmão insulta mesmo, porra! Bom, pelo menos eu adoro alfinetar os meus.

— Vá com elas, amor. — disse beijando sua bochecha. — eu preciso mesmo dizer algumas coisas para aqueles

dois maricas. — elas rolaram os olhos. Sorri tomando o elevador.

— Eles estão no escritório. — Júlia informou enquanto as portas se fechavam.

Entrei e os dois estavam em pé na bancada do pequeno bar. Dois copos de uísque à frente deles. Suas cabeças viraram na minha direção, seus rostos se iluminando por me ver bem, no controle de mim de novo. Bem, não completamente no controle. Quase. Eu ainda não agradeci a eles. Ainda não disse o quanto os amo e me sinto honrado em tê-los como irmãos. Porra! Isso é muito gay. Preciso mesmo dizer isso? É claro que precisa seu bastardo! Uma voz gritou na minha mente. Uh! Ok. Certo. Eu vou fazer.

— Suas mulheres acabaram de me roubar a minha. — disse chegando até e eles e me servindo de uma pequena dose também. Não pude conter uma provocação. — é impressão minha ou vocês estão deixando a desejar no quesito mantê-las ocupadas? — os dois se empertigaram e bufaram.

— A princesa não tem do que reclamar, seu bastardo.

— Dom falou levantando as sobrancelhas, sorrindo maliciosamente.

— *Mia regina* também não, seus maricas. — Leon defendeu-se e seus olhos me fixaram com a preocupação de irmão mais velho, não se deixando enganar pela provocação. — você está bem, irmão? — acenei e tomei um pequeno gole.

— Eu... Hum, acho que ainda não agradei por tudo que fizeram por mim, irmãos. — Dom me encarou. Eu tinha a atenção dos dois agora e um bolo se formou na minha garganta. Isso era tão malditamente difícil. — vocês realmente honram o que tem entre as pernas. — provoquei de novo, mas minha voz tremeu. Eu nunca poderia ser grato o suficiente.

— Irmão isso foi grosseiro, muito grosseiro, seu bastardo! — Leon falou, mas não conteve um riso.

— Vocês estiveram comigo o tempo todo. — pausei um pouco, minha voz de repente embargada. — mesmo depois que fui salvo por John eu nunca me senti da forma

que me sinto desde que me descobri irmão de vocês. Deve ser... Hum, essas merdas que dizem sobre laços de sangue. — eles estavam sérios, me observando atentamente. Nunca fui tão eloquente com meus sentimentos, a não ser com Cassie. Isso deve está os assustando pra caralho. — me senti sozinho grande parte da minha vida. Mas precisam saber que não me sinto mais desde quando os encontrei. — puxei uma respiração ruidosa, meus olhos ardendo. — Eu... Eu sei que nunca disse isso e provavelmente sou um grande idiota. — eles continuavam me encarando, sentindo minha emoção. Seus olhos muito brilhantes. — eu amo vocês, irmãos. Eu me sinto honrado por termos o mesmo sangue. — eles ficaram mudos por alguns instantes, suas feições muito emocionadas. Devo tê-los chocado completamente. Caralho! Eu disse mesmo que amo dois marmanjos?

— Jesus! Irmão, você está uma confusão de hormônios. Por acaso está na TPM? — Dom zombou, mas sua voz era levemente trêmula.

— Dom, não o provoque, seu idiota! — Leon o

repreendeu e veio até mim, me puxando para um abraço apertado. — nós também te amamos, irmão. — disse, dando tapas nas minhas costas. Dom também veio e nos puxou para um abraço igualmente apertado.

— É claro que eu te amo, irmão. — disse baixinho, emocionado. — nos te amamos, apesar de ser um bastardo marrento às vezes. — não conseguimos segurar o riso. Esse era o jeito Dom de resolver as coisas. Nunca perdia a piada. Bastardo provocador!

Colamos nossas testas, rindo, tentando disfarçar que estávamos chorando também, parecendo três maricas abraçados em meio a declarações melosas. Mas quer saber? Eu não me importo mais. Esses bastardos são meus irmãos, meu sangue. Eu realmente amo esses caras.

Cassandra

— Eu nunca fui com a cara daquele Carl, embora o tenha visto poucas vezes. — Júlia revelou quando entramos na sala do piano.

— Eu sentia uma energia estranha vindo dele também. — Helena endossou antes de nos acomodarmos nos

estofados. Minha relação com elas é algo espontâneo. Embora tenhamos nos encontrado apenas uma vez, temos nos falado regularmente e posso dizer que construímos uma boa amizade. Não poderia ser diferente. Elas são muito fáceis de gostar. Além disso, há uma ligação muito forte entre nós. Amamos aqueles três homens lá embaixo. Três príncipes aparentemente nada encantados, mas que nos amam de volta intensamente. Cada uma delas viveu seu próprio inferno pessoal antes de ter o verdadeiro conto de fadas. Temos isso em comum também. Eu agora posso suspirar aliviada porque finalmente eu e Jay podemos ter paz e reconstruir tudo que nos foi tirado há dois anos.

— Sim, eu nunca confiei nele. Sempre falei sobre isso com Jay, mas ele se sentia em dívida com John e isso prejudicou seu julgamento a respeito do verdadeiro caráter de Carl. — revelei.

— Felizmente acabou *cara mia*. — Helena e Júlia falaram quase em uníssono.

— Sim, felizmente. — concordei.

— Vamos falar de coisas mais alegres, então. — Júlia tornou no seu tom calmo e suave. — como o aniversário do tio Max no final do mês. — completou e trocou um olhar cúmplice com Helena.

— Verdade? Jay não me falou nada sobre isso. — parei um instante. — também não posso culpá-lo, não é? Esse mês foi muito intenso para todos nós, mas ele sofreu as pressões diretamente. — elas sorriram compreensivas diante da minha defesa.

— Jay está tão mudado. — Helena falou, seu tom orgulhoso. Elas realmente gostavam do meu marido. Eu podia sentir o carinho delas. — o destino pode trabalhar de formas tortuosas, porém, quando duas pessoas se pertencem, *cara mia*, não importa quantas voltas, quantos desencontros, elas vão se encontrar em algum momento.

— Também penso assim, Helena. — assenti, emocionada com suas palavras. — quando nos reencontramos e resolvemos nossas coisas foi como se nunca tivéssemos nos separado. — sussurrei. Júlia concordou.

— Foi assim comigo e meu rei. — disse, os olhos muito verdes já brilhantes. Ela consegue ser mais emotiva do que eu pelo que percebi.

— Mesmo com toda essa tensão à nossa volta, nosso relacionamento permaneceu intacto. Estamos mais fortes dessa vez. Muito mais fortes. — as duas acenaram. — mas me contem sobre o aniversário do tio Max. Eu quero fazer algo. Como vai ser? — elas trocaram aquele olhar cúmplice outra vez e meus olhos estreitaram. Lembrei-me da forma como agiram antes de Jay me chocar completamente com o casamento surpresa. — não é só o aniversário do tio Max, não é? — elas me encararam por longos momentos então riram conspirando.

— Não, não é. — Júlia revelou, enquanto a curiosidade me corroía. — Jay quer que seja uma surpresa, Cassie. — riu travessa. — outra surpresa.

— Júlia! — Helena a repreendeu, mas ria também. — Jay nos fez prometer que não contaríamos nada. — puta merda! Agora eu estava oficialmente arrancando os cabelos pela informação, embora uma desconfiança esteja

rastejando em meu íntimo.

— Um segundo casamento? O casamento de conto de fadas que ele me prometeu há um mês? — quis saber, meu coração já acelerando antes mesmo da resposta. Ah, Jay... Meu amor. Elas assentiram. Seus rostos se iluminando de entusiasmo. Meus olhos arderam. Meu lindo príncipe fodão.

— Nossa ideia é a seguinte. — Júlia começou, seu tom era baixo como se tivesse mais alguém além de nós na sala. — você já foi surpreendida uma vez, *cara mia*. — minha confusão deve ter transparecido, pois acrescentou: — achamos que desta vez Jay deve ser surpreendido.

E assim, a pequena reunião feminina se transformou num grande complô feminino. Meu queixo caiu quando me revelaram suas ideias. No entanto, aceitei. Sim, ele já me surpreendeu e continua fazendo isso a cada dia. Dessa vez eu sei que é para sempre. Eu farei isso para ele. Por ele. Ainda conversamos bastante, falamos dos nossos trabalhos e por fim, não poderíamos deixar de fora as últimas descobertas de nossos filhos. Outro ponto que

temos em comum.

Quando entrei no quarto, Jay já estava lá. Estava procurando algo no sistema de som e uma melodia suave encheu o ambiente. Virou-se ao me ouvir entrando e seus olhos foram para o balde de gelo que eu trazia nas mãos com seu vinho preferido dentro. Surpresa tomou seu semblante, então um arremedo de sorriso subiu os cantos de sua boca e ele veio para mim, devagar, me deixando apreciar seu porte alto, imponente. Ainda vestia a calça escura e a camiseta preta de gola v de mangas compridas arregaçadas nos antebraços musculosos. Eu amo a forma como ela se agarra ao seu peitoral e abdome definidos. Quando nossos olhares se encontraram novamente, havia um sorriso arrogante de satisfação masculina em seu rosto. Ele era tão soberbamente bonito. Nem o pequeno curativo no seu supercílio direito e um hematoma na bochecha tirava sua beleza. Pelo contrário. Esse era o meu homem. O homem que me defendeu ferozmente. O homem que possui meu corpo, coração e alma.

— Ei, ruivinha linda. — murmurou, parando na minha

frente. — quer ajuda com isso?

— Ei, grandão. — um riso bobo se abriu em meu rosto. Eu amo quando me chama assim. — sim, definitivamente sim. — ele tirou o balde e as taças das minhas mãos e levou ao aparador. Habilmente abriu a garrafa e antes que saísse do lugar já estava de volta com as taças. — eu adoraria dizer que a ideia foi minha. — sorri sentindo meu rosto corar. — Júlia convenceu a mim e a Helena de que deveríamos mimar nossos maridos um pouco hoje. — uma sobrancelha negra se ergueu e ele riu meneando a cabeça.

— Uma rainha sábia, minha cunhada. — sussurrou e tomou minha mão me levando para os estofados, sentou-se e me puxou para o seu colo. — mas hoje eu quero mimar minha mulher. — disse beijando meus cabelos. Tomamos nosso vinho em silêncio por alguns momentos apenas ouvindo a letra da música em Espanhol. Era linda e intensa, falava de um tipo de amor que achei que achei que só existisse em livros. Mas isso foi antes de ter esse homem lindo, intenso, imprevisível e apaixonado de volta

na minha vida. Agora eu sei que isso existe. Ele mostra todos os dias.

— Enrique Iglesias? — murmurei, levantando meu rosto para ele, vendo toda a emoção nas íris escuras. Assentiu e colocou nossas taças na mesinha próxima. — é linda, amor.

— Você que é linda, meu anjo. — sussurrou na minha boca e me reposicionou em seu colo me fazendo montá-lo. Meus braços rodearam seu pescoço e gemi quando senti seu pau semiereto. — *Por Amarte*, achei meio gay quando ouvi a primeira vez, mas agora ela traduz perfeitamente tudo que sinto por você. — não contive um riso com seu comentário machista e romântico. Só ele mesmo para conseguir tal façanha. — você faz isso para mim, amor. Só você.

Amar es una cosa especial no se viene y va

Amar é uma coisa especial, não é uma coisa que vem e vai

Amar solo te pasa una vez pero de verdad

Amar só acontece uma vez, porém de verdade

Amar es cuando solo piensas en donde estará

Amar é quando você só pensa "aonde ela estará?"

Amar es como un milagro muy difícil explicar

Amar é como um milagre, muito difícil de explicar

Amar es cuando la proteges de la lluvia y el viento

Amar é quando a protege da chuva e do vento

Amar es cuando tu la abrasas y te olvidas del tiempo

Amar é quando você a abraça e esquece do tempo

— Humm, eu amo quando fica assim todo romântico, grandão. — ronronei, rebolando lentamente no seu pau já totalmente desperto. Uau! Isso foi rápido.

— Anjo, nós não precisamos fazer nada... Digo você passou por uma situação fodida hoje. — disse baixinho, seu semblante de repente cheio de preocupação. — eu só quero segurar minha mulher assim nos meus braços. — gemeu quando moí de novo mais forte dessa vez. — Cristo! Mulher! Eu não sou de ferro... Porra! Pare de rebolar essa boceta quente em cima desse bastardo ganancioso! — rosnou. Sorriu desavergonhada. Ele sorriu também e suas mãos infiltraram em meus cabelos da nuca. — estou tentando pensar com a cabeça de cima amor e você está dificultando pra caralho, sabia disso? Hum? —

mexeu o quadril moendo bem no meu clitóris e mordiscou minha boca, chupando meus lábios juntos. Minha calcinha inundou completamente. Gemi alto e ele sorriu safado, malvado antes de sua boca se apossar da minha num beijo apaixonado, necessitado, gostoso. Nossas línguas se encontraram e se lamberam em uma dança erótica. Suas mãos desceram pelas minhas costas e foram se instalar na bunda, me puxando com força contra seu volume grande e furioso sob as calças. — Porra! Você é tão gostosa, meu anjo. — lamentou ofegante, não parando de me beijar e moer gostoso direto na minha vulva. — me diga que está tudo bem mesmo, amor. Eu... — sua frase foi interrompida quando arranquei meu vestido rapidamente por cima da cabeça. Eu estava sem sutiã, meus seios bem na sua cara era melhor que qualquer argumento. — Santa Mãe! Você tentaria um santo com esses peitos lindos do caralho! — sorriu vitoriosa, desafiando-o com meu olhar. Seus olhos escureceram mais e a luxúria assumiu suas feições.

— Eu quero você, amor. — murmurei em sua boca. — tome-me. Eu sou sua. Vamos expulsar aquilo das nossas mentes nos amando. — gemeu quando lambi seus lábios.

Suas mãos apertando minhas coxas. — preciso de você dentro de mim, afirmando que sou sua, que pertenço a você. Só a você. — grunhiu e nos girou ficando por cima de mim no sofá. Meu sorriso se transformou em um gemido lamurioso quando sua boca quente desceu sobre o seio direito, chupando, lambendo as auréolas da forma que me enlouquece. Puxei sua camiseta bruscamente, ele me ajudou a se desvencilhar dela. Minhas mãos correram esfomeadas pelo seu peitoral duro e musculoso, passando pelo abdome. Eu simplesmente não me canso de ver seu corpo grande e moreno, duro, musculoso assim, em cima de mim me dominando, me consumindo. Gritei quando mordeu meu seio esquerdo e repetiu tudo que fez no outro. Rosnava se livrando das calças e pouco depois estava nu, quente e gostoso em cima de mim. Seu pau deslizando na minha vagina, coberta pela calcinha encharcada. Sua boca desceu pelo meu ventre chupando, mordendo, lambendo. Prendeu meu olhar quando deslizou a calcinha bem lentamente pelas minhas pernas. Mordeu minha panturrilha direita. Gritei. Lambeu depois sorrindo perverso e arreganhou minhas coxas ao máximo. Por alguns

momentos ele ficou apenas me olhando. Minha vagina palpitando de expectativa. Então finalmente seus olhos pousaram nela e um rosnado animalesco escapou de seus lábios ao ver minha excitação escorrendo.

— Porra! Que visão linda, meu anjo... — grunhiu, seu hálito bem no meu clitóris, me deixando a ponto de gozar. — amo saber que essa boceta é só minha. Sempre será.

— Ahhhh! Jay! Amor... — choraminguei quando sua boca desceu sobre mim com fome. Puxou-me pelas nádegas e comeu-me com vontade. Sua língua me torturando, girando na minha vulva, cavando o creme, indo para o clitóris, mordiscou-o e comecei a convulsionar me aproximando do orgasmo. Meteu dois dedos e fodeu-me com golpes rápidos e fundos. — amor! Oh! Deus! Ohhhhhhhhhhhh! — gritei gozando e gozando, enquanto ele bebia meu gozo, gemendo, rosnando. Minha cabeça desabou contra o estofado, ainda envolta na névoa de prazer, meu corpo estremecendo. Ele não me deu trégua, continuou me comendo. Eu sentia meu creme escorrendo para o ânus. Logo seus dedos estavam

forçando a passagem e me fodeu lá, enquanto sua boca devorava minha vagina construindo minha excitação outra vez. Era tão rápido. Ele conhece meu corpo tão bem. Não demorou muito eu era uma massa desejosa, miando, implorando por ele. — amor, por favor... — ele sorriu baixinho e se arrastou, esfregando em mim, prendendo-me estofado. Seu rosto excitado, perverso e lindo a centímetros do meu. Puxou-me pelos cabelos da nuca me fazendo arquear e lambeu lentamente da clavícula até meu queixo. Gemi ensandecida. Eu era uma poça agora. Fechei os olhos.

— Abra os olhos, amor. — pediu, sua voz era tensa. Ele estava louco também, mas gosta de estar no controle. Os abri e ficamos assim nos olhando. Seu pau cavando entre meus lábios, massageando o clitóris enlouquecedoramente. O abracei com as pernas, tentando trazê-lo para dentro. Riu de novo. Presunçoso, safado, malvado. — É isso que você quer me anjo? Hum? — sussurrou se alinhando e empurrando devagar. Ofegamos na boca um do outro. — quer me dar essa bocetinha gostosa e apertada? Hum? — recuou e gemi num lamento.

— diga para mim, amor. — seu tom foi bajulador agora.
— Quer meu pau te fodendo bem gostoso? Hum? —
Mordiscou meu queixo e voltou a me olhar. — toma meu
anjo! — grunhiu e se afundou numa estocada firme indo
todo o caminho até o fundo. Gritamos.

— Ohhhh! Jay! Amor... — miei, minha vagina
palpitando a sua volta, completamente esticada,
preenchida. Minhas unhas cravaram nos músculos duros
das suas costas.

— Porra! Bocetinha mais perfeita, amor... — ficou lá
parado por uns momentos. E puxou tudo, voltando com
tudo, batendo com força. Gememos alto. Sua boca tomou a
minha num beijo lascivo, molhado de mordidas e
lambidas e passou a me comer com a fúria que é parte
dele. Seu quadril martelando duramente na minha pélvis.
Seu pau se alojando no meu útero a cada estocada
profunda. Rasgando-me, me devorando gostoso.
Absurdamente gostoso. Meu corpo sacudindo com seus
golpes. Nossos gemidos e rosnados sendo engolidos por
nossos lábios colados, famintos. — amor, não vou durar

muito... Ohhh! Gostosa! Gostosa pra caralho! — grunhiu não largando minha boca, me comendo completamente. Perdemos um no outro, nos fundimos, já suados, seu corpo escorregando no meu. Suas mãos vieram por baixo dos meus ombros e me puxaram bruscamente para tomar mais dele. Gritei sentindo meu corpo entrando na ebulição do segundo orgasmo. Ele percebeu e tirou tudo batendo de volta numa estocada brutal. Dor se misturando com prazer e eu quebrei gozando, tremores violentos me assaltando. — isso, meu anjo! Goze amor! Porra! Que gostoso... Vou gozar tão duro... Eu vou gozar! Anjo, amor... Ahhhhhhhhhhh! — sua boca foi para meu pescoço e mordeu-me enquanto gozava me enchendo de esperma quente, aumentando meu prazer. Continuou gemendo rouco, ainda estocando, derramando até a última gota em mim. Seus movimentos foram se acalmando até parar. Levantou o rosto para me olhar, nossas respirações alteradas. Abriu um sorriso lindo, saciado, arrogante, mas ao mesmo tempo terno e amoroso. — Cristo! Meu anjo. Isso foi fodidamente gostoso. — sorri também. O puxei pelo pescoço, trazendo sua boca para a minha e o beijei.

Beijamo-nos lentamente até nossas respirações regularizarem.

— Foi perfeito, amor. — sussurrei em seus lábios.

— Sim, foi. Mas com você sempre é, anjo. — segurou meu rosto dos dois lados e vi seus curativos sangrando.

— Amor, você está sangrando. — ele olhou os pulsos e deu de ombros.

— Eu faria de novo. — murmurou e nós dois sabíamos que não falava só do esforço de agora.

— Eu te amo, sabia disso? — minha voz embargou um pouco.

— E eu a você, ruivinha linda. — sorriu tentando não quebrar nosso clima. Deu-me mais um beijo e saiu de cima de mim devagar. — vem, meu anjo. Vamos para a cama. — me levantou nos braços. Logo estávamos na cama, ele me puxando para seu peito. — nós vamos para Ardócia no final do mês, amor. É o aniversário do tio Max. — o abracei, acariciando seu peitoral. — será uma data especial. — completou.

— Humm, sim. Sei que será muito especial amor. — murmurei, tentando não entregar que já sabia e havia conspirado contra seus planos.

— Você já terá concluído a obra do Fogs e quando voltarmos vai assumir a fachada do edifício em *Kinsington*. — oh! Puta merda! Eu ouvi direito? Levantei meu rosto para olhá-lo.

— Amor, sério? — ele riu e acenou. — oh! Meu Deus! Amor! — o cobri de beijos por todo o rosto tomando cuidado com seus machucados. — quer dizer, puta merda! Aquela é uma obra muito grande. — parei, minha euforia diminuindo um pouco. Eu não sei se estou pronta para algo assim. — Jay, amor, há muitos engenheiros e arquitetos mais experientes do que eu na King's, eu não...

— Eu li o seu currículo, Sr.^a Di Castellani. — sussurrou com uma expressão sem vergonha tomando seu rosto. — você é talentosa, brilhante, uma arquiteta fodona, apaixonada por fachadas. — sorriu safado. — essa foi uma das razões que a escolhi para o trabalho.

— E a outra? — sorri boba, sabendo o que viria a

seguir.

— A outra é que você tem uma boceta linda e ruiva. — me beijou suavemente. — contra isso nenhum deles pode competir. — bufei.

— Aquela entrevista foi estranha, amor. — sorri em sua boca.

— Eu estava louco para foder você. Não teve nada de estranho para mim. — bufei de novo e ele gargalhou.

— Sim, você gosta de ruivas, não é? — cutuquei seu peito com o indicador.

— Ai! Não existe mais plural, meu anjo. — me puxou para cima dele. — amo apenas uma ruivinha linda que me teve babando por ela desde o primeiro momento. — disse bajulador.

— Hum, acho bom mesmo, grandão. Meus planos para suas bolas continuam muito ruins, caso... — minha frase foi interrompida pela sua boca quente. Firmou-me pela nuca e me devorou como se não tivéssemos acabado de ter um clímax de tremer a terra há poucos minutos. Deu-me um tapa forte na bunda com a mão livre.

— E meus planos para seu rabo gostoso continuam muito... Muito ruins, ruivinha. — riu perverso e rolou por cima de mim...

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Um mês depois. Ilha de Ardócia...

Cassandra

— Alteza, a senhora não pode chorar. Está dificultando nosso trabalho. — a maquiadora pediu suavemente. *Alteza*. Eu ainda não me acostumei a ser chamada assim, mas aqui em Ardócia é assim que somos tratados. Como não chorar quando o homem que você ama perdidamente está lhe proporcionando um lindo conto de fadas? Quando esse homem ama você de forma tão intensa e incondicional como meu príncipe me ama? Quando tudo que uma mulher sonha secretamente está se tornando realidade? Ah! Deus! Mais lágrimas me encheram os olhos. Ela sorriu compreensiva e as enxugou delicadamente com um lenço antes que arruinassem a maquiagem. — pronto! Sem mais lágrimas. A senhora está linda. O príncipe Jayden ficará extasiado. — sorriu-me e as duas estilistas se aproximaram com o vestido digno de princesa. Uma renda quase invisível revestia o colo e se

estendia nas mangas até os punhos. A parte de trás era toda comportada para compensar a frente ousada. Era de seda finíssima. O corpo cheio de detalhes em espirais cravejados de brilhantes. A saia era ampla, mas não com aspecto de bolo de aniversário. Lindo, sem ser chamativo. Eu o amei à primeira vista. Me ajudaram a vesti-lo. Ajeitaram o véu de dois metros sob a tiara de diamantes brancos e azuis. Meus cabelos estavam presos em um coque desfiado. A franja caía suavemente na testa. Mirei-me no espelho do closet e meu corpo tremeu com o que vi. A renda era tão fina e delicada que parecia um modelo tomara que caia. Eu parecia uma princesa de conto de fadas. Eu seria oficialmente uma princesa de Ardócia daqui a poucos minutos.

Havíamos chegado há uma semana. Jay foi obrigado a revelar seus planos porque há uma tradição que impede os noivos de dormirem juntos na semana antes do casamento. Dom o tinha provocado dizendo que inventou um casamento surpresa para se livrar da tradição. Sorrio ao lembrar a cena de ontem. Dom veio tirar meu marido muito frustrado sexualmente do meu quarto para escoltá-lo

até seus aposentos, zombando de sua irritação, dizendo que só estava devolvendo o favor. Jay fez o mesmo com ele antes de seu casamento com Helena. Eles eram tão bobos. Deixei o closet e voltei ao quarto. Júlia, Helena e minha tia Marta estavam lá me aguardando. Suas expressões se emocionaram quando me viram. Minha tia veio devagar até mim e pegou minhas mãos nas suas.

— Sua mãe estaria tão orgulhosa de você, minha filha. — disse-me com voz embargada. Meus tios haviam chegado ontem na ilha. Ainda estavam decepcionados e envergonhados por tudo que Sílvia fez, mas estavam agradecidos também porque Jay colocou sua equipe de advogados no caso e eles estão otimistas quanto à redução da pena. Fui visitá-la uma vez e voltei péssima para casa. Jay não me deixou ir mais naquele lugar. Acho que minha relação com ela nunca mais será a mesma. Mas não posso deixá-la sofrer mais por suas escolhas ruins. Ela terá sua nova chance e talvez um dia possamos voltar a nos relacionar. Mas agora é muito cedo. Ainda me sinto traída apesar de saber que foi manipulada. Ela tentou seduzir meu marido, isso não posso perdoar. Por enquanto vou

apenas oferecer apoio jurídico e psicológico. Informei aos advogados que sofreu violência sexual e está sendo acompanhada devidamente na prisão. Meus tios me entenderam quando expus meus sentimentos a eles. Eu os amo. São minha família. Mas minha prima não fará parte disso. Ainda não.

— Obrigada, tia. — murmurei, lutando para seguir o conselho da maquiadora. Mas lembrar da minha mãe tornaria a tarefa impossível. Ela amou um único homem a vida toda e nunca foi amada de volta. Pelo menos não da forma que merecia. Eu fui agraciada com o amor do homem que amo e seria feliz por nós duas. Prometi intimamente. — eu sei que ela está me vendo de algum lugar. — completei. Ela assentiu e me abraçou com cuidado, depois deixou o quarto.

— Pronta para se tornar oficialmente uma princesa Di Castellani? — Júlia perguntou sorrindo-me docemente. Ah! Sim. Definitivamente sim. Acenei, minhas mãos já tremiam. Cristo! Acho que vou desmaiar antes mesmo de chegar à Basílica. Meu celular zumbiu em cima da cama e

andei até ele. Meu peito aqueceu e sorrio, boba. Era uma mensagem de Jay.

Jay: *Ei, ruivinha linda. Dentro de poucos minutos será irrevogavelmente minha. Como se sente sobre isso?*

Como sinto? Absurdamente feliz! Digitei rapidamente.

Cassie: *Ei, grandão. Eu já sou irrevogavelmente sua. Como me sinto sobre isso? Sou a mais feliz das mulheres. Mas, puta merda! Estou tão nervosa, amor.*

Jay: *Rss. Também estou nervoso pra caralho, meu anjo. Nervoso e com uma ereção furiosa... Estou tão louco por você, amor. Diz para mim, anjo, sua bocetinha está tão louca pelo meu pau como ele está por ela?*

Putá merda! Minha vagina necessitada palpitou e não conteve um gemido. Levantei os olhos para Júlia e Helena. Elas tinham sorrisos maliciosos nos rostos. Senti meu rosto esquentar, mas acabei rindo. Elas conhecem bem os irmãos Di Castellani.

Cassie: *Oh, amor, pare de ser malvado. Sabe que minha calcinha alaga quando fala sujo... Rss, mas a boa*

notícia é que não estou usando nada por baixo do vestido...

Enviei, sorrindo escancaradamente agora. Um pouco do nervosismo tinha até ido embora. Eu amo as mensagens sacanas que trocamos.

Jay: *Porra! Mulher! Você não pode dizer isso a um homem que esteve a porra da semana inteira privado da sua bocetinha quente e apertada. Vou espancar e foder bem duro esse seu rabo insolente. Vai aprender a se comportar, escrava.*

Cassie: *Humm, estou contando as horas, meu senhor. Eu aceito o castigo que meu dono achar melhor.*

Jay: *Porra! Vou gozar nas calças e arruinar meu traje! Rss, não demore a levar esse rabo lindo e quente para a Basílica, amor. Estou louco para vê-la andar em minha direção. Até daqui a pouco. Eu te amo, meu anjo.*

Suspirei, extasiada, inebriada com suas últimas palavras e digitei de volta.

Cassie: *Também estou louca para isso, grandão. Até*

daqui a pouco. Eu também te amo, amor.

Júlia e Helena suspiraram junto comigo quando enviei. Sorrimos cúmplices. Elas estavam lindas. Júlia vestia um longo verde musgo. Ela gosta dessa cor. Combina com seus olhos. Helena vestia um longo azul celeste. As duas usavam pequenas tiaras em suas cabeças. Eu estava me tornando uma delas hoje. Oficialmente. A porta se abriu e três homens elegantes entraram. Tio Max, Leon e Dom. Sorriram ao me ver.

— *Bella, figlia mia.* — tio Max se aproximou, tomando minhas mãos nas suas. Sorriu, apreciando seu carinho comigo. — Jay soube escolher bem sua *moglie*. Tão jovem ainda, mas já tão madura, responsável. Mãe e esposa amorosa. Jay, de todos os meus sobrinhos foi o que mais passou por dificuldades. — disse, a voz cheia de emoção. Ele os amava como filhos. — Isso deixou muitas marcas nele. Mas o homem que entrará naquela igreja hoje é um homem diferente. A mudança é visível. Devemos isso a você. Ao amor que meu sobrinho sente por você. — beijou, delicadamente minhas mãos. — faça-o feliz e seja

feliz também, *bambina*. Os dois merecem depois de tantos enganos.

— Obrigada, tio Max. — murmurei, emocionada. — viverei para fazê-lo feliz. — assentiu e se afastou. Leon se aproximou. Ele era tão parecido com Jay. Os olhos negros sagazes, inteligentes, penetrantes.

— Bem-vinda, irmãzinha. — Disse, repetindo o gesto do tio. — aquele bastardo realmente soube escolher. — sorrio da sua provocação. Sorriu-me também. — ele a ama muito, mas não significa que não vai ser um idiota marrento às vezes. — sorrimos de novo. — apenas tente lembrar que o idiota a ama e tudo ficará bem. — ficou sério e acrescentou: — Jay é um grande homem e agora terá uma grande mulher ao seu lado. — pisquei para conter as lágrimas. Ah! Cristo! Não sei como eles conseguem ser ao mesmo tempo intimidantes e fofos. Todos os três.

— Obrigada, Leon. Eu o amo da mesma forma. — garanti. — tudo ficará bem. — acenou e beijou-me suavemente na testa. Foi a vez de Dom. Ele estava em um

dos seus raros momentos de seriedade.

— O que dizer, irmãzinha? — tomou minhas mãos trêmulas e frias nas suas. — parece consenso que Jay é um bastardo, mas soube escolher bem sua mulher. — todos riram. Ele tem um humor contagiante. Seus olhos verdes brilharam divertidos. — é consenso também que nosso irmão a ama muito. — falou e uma expressão travessa tomou seu rosto. — se há alguém com poder para chutar a bunda dele é você, então, prometa-me que vai fazer isso de vez em quando. — todos gargalharam.

— Dom, comporte-se, *amore mio*. — Helena pediu ainda rindo.

— Desculpe, não consegui resistir, princesa. — ele piscou charmoso para a esposa. — falando sério. Seja bem-vinda, irmã. Faça meu irmãozinho feliz e seja feliz também. Vocês merecem depois de tantas merdas que passaram.

— Eu farei, Dom. Obrigada. — deu-me um beijo suave na bochecha e se afastou.

Os dois beijaram suas mulheres e rumaram para a porta

com tio Max.

— Tem certeza que vão seguir com o plano? — Leon inquiriu antes de fechar a porta. — Jay vai surtar. Digo, no bom sentido. — sorriu, com certeza já pensando na zoação que fariam com meu marido depois.

— Sim, vamos seguir. Farei isso para ele. — afirmei.

— Isso vai se divertido. — ouvi a voz de Dom antes da porta se fechar.

— Chegou a hora, *cara mia*. — Júlia murmurou e veio com Helena ajeitando meu véu. — sabe o que isso significa? — parou na minha frente pegando minha mão direita e Helena tomou a esquerda.

— Significa que seremos irmãs também, *cara mia*. — Helena completou, seus olhos de âmbar emocionados. Ah! Cristo! Jay me verá parecendo um urso panda com certeza. Tomei uma respiração bem lenta para conter as lágrimas. — estaremos unidas pelo amor aos príncipes Di Castellani.

— Princesas Di Castellani, irmãs de coração, *cara mia*. — Júlia reforçou, no seu característico tom suave.

Nunca me senti tão querida e acolhida como agora. Essa era a minha nova família.

— Sim, minhas queridas, irmãs de coração. — repeti me sentindo em casa, verdadeiramente em casa. Elas acenaram e tiraram pequenos lenços das bolsas. Cuidaram dos meus olhos com cuidado, depois dos seus próprios. Ficamos ali num entendimento tácito, tentando refrear as emoções porque não podíamos nos abraçar e nem chorar para não estragar nossas maquiagens. Coisas de mulher. — eu estou pronta. — anunciei e mais uma vez a porta foi aberta. Meu coração se encheu de amor ao ver meus lindos bebês entrando com as babás. Já prontos, vestidos a caráter. Lindos em seus minis smokings. Eles se animaram todos se debruçando na minha direção. — oh, meus anjinhos, mamãe não pode pegá-los agora. — os dois fizeram beicinho, já iniciando uma birra. — ei, não, meus amores, não chorem. Nós vamos encontrar o papai. Ele está esperando por nós. — seus semblantes se iluminaram de novo. Samuel bateu palminhas, rindo lindamente.

— Papai! Quer meu papai! — exclamou. Lucas o seguiu batendo palmas e chamando pelo pai. Novas lágrimas se formaram. Meu peito não cabendo mais tanta felicidade.

— Vamos, anjinhos. Vamos encontrar nosso príncipe. — eles riram, o som infantil enchendo o quarto. Eles amam quando falo que seu pai é nosso príncipe.

— Papai é nosso pínci! — Lucas exclamou. Foi um trabalhão conseguir que ele mudasse o pronome possessivo *meu* por *nosso*. Não contive um riso. Meu pequeno dominador, tão parecido com seu pai.

Quando saímos do quarto, meu queixo caiu. Duas moças derramaram pétalas de rosas à minha frente. Sorrio surpresa, deslumbrada porque aquilo era coisa do meu lindo marido. Elas foram à frente deixando um caminho perfumado para mim até a carruagem na escadaria frontal do palácio. Eu sabia que aquilo não fazia parte da tradição. Era o meu príncipe tornando esse dia ainda mais perfeito. Ah, Jay... Meu amor. Amo tanto esse homem. Amo esse homem com tudo que tenho. Não sei como

chegamos até aqui, nos amando e necessitando um do outro como precisamos do ar para respirar, mas é assim que é o amor que sentimos agora. Forte, intenso, incondicional, inabalável.

Me senti como se tivesse entrado numa das muitas histórias de príncipes encantados e suas princesas que havia lido quando pequena. Havia uma multidão contida por cordões de isolamento em todo o percurso até a Basílica. O povo saudava e gritava palavras em italiano na minha direção. Só entendi as mais fáceis como *bella principessa*. Eu entendia muito pouco o idioma. Vou precisar aprender urgentemente. Acenei de volta o tempo todo com um sorriso nos lábios. Durante o percurso outra surpresa do meu lindo príncipe. A cada esquina, uma criança veio até mim com um lindo buquê dos mais variados tipos de flores. Em cada buquê havia um envelope com uma declaração de amor linda dentro. Cada vez que recebia as flores a multidão ia à loucura. Ah! Cristo! Meu lindo príncipe fodão. Ele realmente havia se transformado no príncipe encantado que Júlia e Helena falaram. O último buquê eram as minhas preferidas,

tulipas vermelhas e a frase foi a que mais me tocou também: *Meu lindo anjo, dizer que te amo se tornou um hábito. Mas, nunca será corriqueiro. É uma extensão natural de mim, de nós. Vou repetir isso até meu último suspiro, amor. Você vai sentir em todos os momentos da nossa vida como é especial e a melhor coisa que aconteceu para mim. Te amo.*

Tio James me ajudou a descer da carruagem na frente Basílica. Os flashes espocaram em mim. Os jornalistas gritando perguntas. Não respondi, apenas acenei e sorri. Eu teria que me acostumar com esse assédio. A imprensa persegue os príncipes Di Castellani. Agora, no bom sentido, se é que podemos dizer assim. Jay não era mais atacado como no último mês. Helena nos ajudou com isso. Ela é uma excelente relações públicas. Meu marido voltou a ter o prestígio de antes. Enlacei o braço do meu tio e subimos a escadaria. Quando as portas se abriram na minha frente tomei uma respiração profunda e obriguei minhas pernas a funcionarem. O interior estava lotado e todos se viraram na nossa direção. Sons de violinos soaram e avançamos devagar até o altar. Minhas pernas

tremiam. Puta merda! Meu corpo todo tremia. Chegamos finalmente. Tio James beijou minha bochecha e tomou seu lugar. Me virei para a igreja lotada. Meus olhos pousaram na minha tia Annelise. Sim, ela veio. Temos nos tornado cada vez mais próximas e eu gosto muito dela. Sinto que a recíproca é verdadeira. Ela sorriu-me docemente, os olhos lacrimosos. Sorrio de volta. Simon não veio. Foi melhor assim. Ele é um esnobe, paquerador e não é uma das pessoas bem-vindas à minha casa. Acabei tendo que colocá-lo em seu devido lugar na última vez que me jogou palavras dúbias. Depois disso ele só me diz estritamente o necessário quando nos encontramos.

Lucas e Samuel foram trazidos para mim e naquele momento as portas se abriram de novo. Meu coração trovejou contra as costelas, a expectativa me tomando. Segurei as mãos dos meus pequenos homenzinhos e levantei os olhos para a entrada. Então eu o vi e meu coração parou de bater por um momento. Oh. Meu. Deus. Ele estava absurdamente lindo. Um príncipe. Puta merda! Um príncipe de verdade com farda e tudo. A farda negra com divisas douradas o deixou com um aspecto surreal.

Usava uma pequena coroa na cabeça. Uma espada pendia na cintura. Ele era uma mistura de príncipe de conto de fadas com um pirata sexy, musculoso, viril, perigoso. Minha vagina enlouqueceu. Deus! Aqui não é o lugar para me sentir assim, mas não posso evitar essa reação. Meu corpo inteiro canta de prazer quando o vejo, quando me crava com seus olhos escuros penetrantes, intensos. E era assim que me olhava agora. Ele parou um instante, com certeza atordoado com tudo isso... Então, meneou a cabeça levemente e sorriu. Um riso lindo, sexy, lento que mesmo à distância fez minha vagina alagar completamente. Puta merda! Murmurou algo para Leon e Dom que estavam um pouco atrás dele e deu o primeiro passo. Os acordes de *November Rain* soaram no piano acompanhado de violinos. Ele foi avançando. Nossos olhares presos. Meu lindo príncipe fodão vindo para mim, para nós. As lágrimas que consegui evitar antes, já transbordavam de novo. Apertei suavemente as mãozinhas de Lucas e Samuel. Os olhos escuros se desviraram para nossos filhos. Uma onda de ternura tomou seu rosto. Ele piscou e sorriu. Os pequenos bagunceiros se soltaram das

minhas mãos e correram com passinhos instáveis em direção ao pai. Jay colocou um joelho no chão e foi bombardeado pelos bracinhos rechonchudos dos pequenos em volta do pescoço. Os presentes soltaram exclamações de surpresa e diversão. Eu acho que o protocolo real não será seguido hoje. Eu já o havia quebrado inicialmente para começo de conversa. Meu rosto foi banhado por lágrimas quentes. Eu não me importava mais. A imagem na minha frente é algo que vai me emocionar sempre. Jay segurando nossos filhos, um em cada braço. Voltou o olhar para mim quando se levantou e veio devagar, nossos olhos presos. Eu arfava levemente. Tão lindos. Tão lindo. Cristo! Ele era muito... Definitivamente muito.

Jayden

Eu quase tive uma parada cardíaca quando as portas se abriram e eu a vi lá no altar. Ela e nossos filhos esperando por mim. A imagem mais linda que já vi na minha vida. Me senti a porra do bastardo mais amado em todo o mundo. Ela era inacreditável. Meu anjo. Meu lindo anjo me surpreendendo pra caralho com essa linda prova de

amor. Só uma mulher confiante no amor do seu homem faria algo assim. Mas é assim que somos agora. Confiantes no imenso amor que sentimos um pelo outro. Somos inabaláveis. Olhei para trás e meus irmãos tinham sorrisos cúmplices em suas caras. Bastardos! Eles sabiam de tudo e não me disseram nada. Sorrio e não contive uma alfinetada.

— Irmãos, vocês estão perfeitos de *damas de honra*. — eles bufaram baixinho e seus risos se ampliaram arrogantes me deixando saber que me dariam as respostas para isso mais tarde. Meus olhos voltaram para minha mulher. Meu peito inflado de amor e orgulho. Eu estava mais nervoso com a nova situação. Porra! Isso é inusitado. Me repreendi mentalmente por estar pensando palavrões na casa sagrada e avancei em direção à ela, a mulher que me possui completamente. *November Rain*, a nossa música soou ao piano e violinos. O véu finíssimo cobria seu rosto, mas era possível ver seus olhos incríveis cheios de emoção, amor e tesão. Sim, temos essa reação um no outro não importa o lugar. Quando nossos olhares se cruzam é fogo puro correndo em nossas veias. Meus

pequenos homenzinhos correram para mim e me abaixei tomando-os nos braços, beijando-os extasiado.

— Vocês também sabiam disso, campeões? Hein? — sussurrei, meus olhos ardendo de emoção. Eles riram como se soubessem realmente. Levantei-me com eles e completei o trajeto chegando finalmente até ela. As babás tiraram Lucas e Samuel de mim. Eles protestaram, mas logo se acalmaram quando se juntaram à Damien na primeira fila, junto com tio Max e a esposa.

Meus olhos voltaram para ela. Lágrimas banhavam as faces ruborizadas. Levantei o véu devagar. Um *oh* foi murmurado pelos presentes. Toquei suas faces limpando-as suavemente. Minhas mãos tremendo. Meu corpo todo em ebulição, emocionado como jamais estive em toda a minha vida. Arquejou levemente com meu toque. Me aproximei mais, nossos rostos bem próximos, nossos olhos presos.

— Eu te amo. — sussurramos ao mesmo tempo. Sorrimos tremulamente e quando nossas bocas iam se tocando ouvimos um leve pigarrear. Era o arcebispo.

Sorrio, recordando que meus irmãos haviam feito a mesma coisa em seus casamentos. Colei minha testa na dela e murmurei em sua boca: — obrigado por essa linda surpresa, meu anjo. — ela assentiu e sorriu-me. Outro som veio do arcebispo e enlacei seu braço, tomando nosso lugar perante o altar.

— O amor de Jayden e Cassandra os guiou até aqui. — as palavras solenes do arcebispo iniciaram a cerimônia. Meus olhos estavam presos nela e só nela. — ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos e não tivesse amor, seria como o metal que soa e o sino que tine. — os grandes olhos azuis transbordavam. A emoção crua, latente. Todo amor que sente por mim estampado no lindo rosto. Suas emoções um reflexo das minhas. Abri outro sorriso trêmulo. Meus olhos ardendo, minha visão turvando. Tudo em mim reverenciando essa mulher. Essa linda mulher que se deu para mim tão completamente. Minha mulher. Sim, o amor nos trouxe até aqui. — o amor nunca falha, tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta...

Não desviamos os olhos um do outro. As palavras do arcebispo afundando em nós, traduzindo tudo. Nossa história turbulenta, cheia de enganos, armações e sofrimento. Mas o amor venceu. Nós vencemos. Chegamos até aqui apesar de tudo. E chegamos incrivelmente mais fortes. Trocamos as alianças já chorando copiosamente. Porra! Eu sabia que ia ser emocionante, mas estou a ponto de desmaiar como um maldito maricas! Pedi perdão de novo pelos palavrões na minha mente. Era impossível manter o controle, no entanto. Nos beijamos sofregamente sob aplausos, sentindo o gosto das nossas lágrimas misturadas. Percorremos o caminho para a saída devagar. Flashes espocaram em nós quando chegamos do lado de fora. Tio Max, sua esposa, meus irmãos, suas esposas, nossos filhos e os tios de Cassie se juntaram a nós. Muitas fotos foram tiradas. Cassie ria e chorava. Linda demais. Linda pra caralho! Isaac estacionou em uma Harley-Davidson de frente à escadaria, chamando nossa atenção e da imprensa. Cassie me olhou surpresa, mas compreendendo tudo. Um riso arrogante se espalhou em minha boca.

— Amor, você... Sêrio? — murmurou meneando levemente a cabeça.

— É isso aí, amor. — sussurrei em sua boca. — o cavalo branco não combina comigo, concorda?

— Plenamente, grandão. — disse abrindo um sorriso travesso que fez meu pau mais duro ainda. — meu príncipe fodão. — completou, os olhos azuis me dizendo que estava tão louca por mim quanto estou por ela. Porra! Ainda tínhamos que passar por toda a recepção! Eu só queria jogá-la na garupa da moto, carregá-la direto para o nosso quarto e fodê-la duramente sem me importar com nada mais além do meu pau enterrado até o cabo em seu corpo. Ouvi assovios do nosso lado. Sorrio encarando os bastardos dos meus irmãos.

— Uh! Irmão, vejo que encontrou algo apropriado. — Dom me provocou.

— Não me leve a mal, irmão, mas a porra do cavalo branco é gay pra caralho! — ele bufou e riu debochado.

— Foi lindo, *amore mio*. — Helena o consolou.

— Jay, irmão, você conseguiu pensar em algo. Estou

surpreso que tenha um cérebro. — Leon não perdeu a oportunidade. Maricas!

— Cale a boca, seus maricas! — rosnei, rindo também.

— Achei perfeito, Jay. — Júlia elogiou no seu tom carinhoso.

Levantei Cassie nos braços e desci os degraus. Os flashes espocando em nós. A imprensa enlouquecida buscando o melhor ângulo. Montei na moto que era uma réplica da que tenho em Londres. Nosso primeiro encontro foi em uma moto. Bom, não foi um encontro. Eu a atrolei. Achei apropriado para esse momento e combina muito mais comigo. Isaac a ajudou a se acomodar na minha garupa. Gemi quando seus braços vieram em torno da minha cintura e os peitos deliciosos se colaram nas minhas costas. Amo tê-la assim grudadinha em mim. Coloquei a máquina em movimento e deslizamos por entre os batedores da guarda real. Eles formaram uma barreira à nossa volta, nos protegendo. A guarda montada veio logo atrás. Seguimos no cortejo sendo aclamados pelo povo. Meu povo. Essa recepção calorosa dos ardocianos

me emociona a cada vez que estou na ilha. A sensação se ser aceito, de ser um deles sempre me bate forte. Não há mais nenhuma dúvida de que aqui é minha casa também.

A recepção foi perfeita, exceto pelo fato que demorou pra caralho. Tocamos *Thousand Years* de *Christina Perri* ao piano. Nós dois. Isso rendeu provocações dos bastardos dos meus irmãos. Cassie escolheu e aprovei de imediato porque fala da nossa história. Porra! Essa cena deve parecer muito maricas aos olhos dos espectadores, mas foda-se, eu faria quantas vezes ela quisesse porque amo esse sorriso no rosto dela. A cada nota nossos sentimentos se derramavam. O salão ficou todo em silêncio nos ouvindo. Tenho certeza que ouvi alguns fungados.

And all along I believed I would find you

E o tempo todo eu acreditei que te encontraria

Time has brought your heart to me

O tempo trouxe seu coração pra mim

I have loved you for a thousand years

Eu tenho te amado por mil anos

I'll love you for a thousand more

Te amarei por mais mil

Aplausos encheram o salão quando encerramos e nossas bocas se encontraram num beijo apaixonado, gostoso. Tivemos que nos separar a contragosto porque ainda tinha a primeira dança. Dançamos ao som de *November Rain*. A mantive bem perto o tempo todo deixando-a saber o quanto estava desesperado para me enterrar nela. Nos perdemos no momento. Nos olhando como dois bobos, completamente encantados, não nos importando com o resto do mundo. Tudo sumiu à nossa volta. Éramos só nós dois e as promessas sexuais cruas que nossos olhos faziam. Arquejou quando mordisquei seu lábio inferior. Sorrio safado, esfomeado. A música acabou, mais aplausos soaram e outra se iniciou. Leon e Júlia, Dom e Helena se juntaram a nós. Mais casais tomaram o salão. Dançamos, bebemos, circulamos. Nos divertimos com nossos filhos e sobrinhos. Lucas e Samuel bagunçaram bastante com Damien, enquanto Antonella adormeceu nos braços de Leon e Anna Júlia fez o mesmo no ombro de Dom. As babás não demoraram a levar todos os pequenos para a cama. Permanecemos um bom tempo ainda na festa. Boa parte da nobreza europeia e chefes de

Estado estavam presentes. Júlia e Helena fizeram um excelente trabalho. Minhas cunhadas são mesmo mulheres especiais. Meus irmãos são dois bastardos sortudos. Meus olhos pousaram na minha mulher de novo. Sorrio. Correção, somos três bastardos sortudos. Elas estavam do outro lado do salão numa conversa aninada com Ciara. Pelos sorrisos em seus rostos estavam numa daquelas famosas conspirações femininas.

— Jay, disfarce esse sorriso gay, irmão. — Dom zombou ao meu lado.

— Ele já não consegue, Dom. — Leon endossou a provocação. Idiotas!

— Estava olhando nossas mulheres e pensando que somos três bastardos sortudos, irmãos. — sorrio os encarando.

— *Si*, nós somos, não é? — Leon concordou desviando o olhar para Júlia.

— Totalmente de acordo. — Dom murmurou, seus olhos buscando Helena.

Suspiramos os três e tomamos nossas bebidas.

— Vocês tinham razão. Quando encontramos a mulher certa fazemos tudo para ela, por ela. Não importa se isso vai parecer ridículo aos olhos dos outros. — eles acenaram, ainda olhando suas mulheres.

— Estou feliz por você, irmão. — Dom se virou para mim, sério agora. — construiu uma linda família.

— Verdade, Jay. Também estou feliz que encontrou Cassie e os meninos a tempo de resolver tudo. — Leon se voltou para mim também. — família é tudo na vida de um homem, irmão. Os Di Castellani estarão bem representados com nossos filhos e os filhos deles...

— Obrigado. Não esperem que repita aquela merda que disse a vocês há um mês, seus bastardos. — bufaram divertidos. Acabei rindo também. — crescemos separados, mas nossos filhos crescerão juntos, como irmãos. Nossa família unida pelo amor e pelo sangue. — ergui minha taça. — vida longa aos Di Castellani, irmãos! — tocaram suas taças na minha.

— Vida longa aos Di Castellani, irmãos! — repetimos em uníssono. Nossas mulheres se despediram de Ciara e

voltaram para nós.

Meus olhos devoraram Cassie todo o percurso até parar na minha frente. Meu riso de lobo prestes a devorar o cordeiro se abriu lentamente.

— O que foi esse sorriso, grandão? — murmurou, um brilho atrevido nos olhos azuis.

— Estava pensando que eu e meus irmãos somos bastardos muito sortudos. — murmurei, puxando-a pela cintura delicada, alojando meu pau dolorido em seu ventre. Arfou, os olhos dilatando lindamente. Os lábios se entreabrindo. Meu riso predador, perverso se alargou. — eu acho que já podemos sair de fininho, Sr.^a Di Castellani. Já cumprimos com o protocolo. Agora minha mulher precisa cuidar de um probleminha que me incomodou a semana inteira. — gemeu, mas riu travessa se esfregando em mim sutilmente, enlaçando meu pescoço.

— Humm, eu não chamaria de *probleminha* isso que está pressionando minha barriga, grandão. — mordi seu queixo, rindo arrogante.

— Vamos, ruivinha linda. Mal posso esperar para

comer minha putinha safada por horas. — gemeu, mordendo o lábio. Sorrio baixinho, sussurrando em sua boca, mantendo seu olhar preso. — é isso aí, escrava. Foda pervertida, suja, suada, primeiro. — um gemido indecente pra caralho escapou de sua garganta. — mas vou fazer baunilha com minha mulherzinha gostosa, prometo. Depois que esse bastardo ganancioso aqui estiver mais calmo. — miou, sua respiração entrecortada. Desviei os olhos para meus irmãos. Eles estavam com as mesmas caras de tarado que eu devia estar. Abraçavam suas mulheres, sussurrando em seus ouvidos. Provavelmente coisas sujas também. Definitivamente temos o mesmo sangue. Orgulho masculino me encheu. Como se sentissem que os observava, levantaram os olhos para mim. Um entendimento típico de caras se passou entre nós. Rimos. Acenei e me esgueirei com minha linda e deliciosa mulher para nossos aposentos.

Mal entramos e a empurrei contra a porta, minhas mãos se fechando em seu pescoço. Meus olhos injetados nos dela. Arquejou em minha boca. Cavei meu pau em sua pélvis, ela gemeu abrindo as pernas para aumentar o

contato. Abri um riso malvado. Ela se submete tão rápido. Uma submissa nata. Perfeita. Feita sob medida para mim. Moí bem gostoso, mantendo-a cativa, meu corpo grande pressionando sua maciez. Nossas bocas quase se tocando. A fricção de nossos sexos me enlouquecendo. Seu cheiro de fêmea, louca para ser tomada, fodida pelo seu macho incendiando minhas narinas.

— Porra! Meu pau vai explodir nas calças de tanto tesão por você, escrava. Vou meter bem fundo... Montar minha putinha gostosa bem duro. Encher você da minha porra. — rosnei, mordendo seu queixo. — diga. A quem você pertence? Hum? Quem é o seu dono? — meu tom foi duro e deslizei as mãos para sua nuca, puxando seus cabelos. Ela já estava sem véu, usava apenas a tiara. Os cabelos estavam soltos também. Eu pedi que os soltasse depois da cerimônia. Amo a tonalidade, a maciez, o cheiro embriagador dos seus cachos ruivos. Um som lamurioso, aquele que me pede para fodê-la duramente saiu de seus lábios. — responda! — rugi mordendo seu lábio inferior.

— Pertença a você, meu senhor. — rebolou gostoso no meu pau. — você é o meu dono. Só você. — Porra! Eu amo essas palavras em sua boca. Amo seu tom submisso. Cristo! Sou louco, desvairado de amor por essa mulher!

— Bom, muito bom, escrava. — rosnei e minha boca se apossou da sua num beijo indecente, molhado. Sua língua veio encontrar a minha ansiosa, desejosa. Devorei sua boca, esfomeado, chupando, lambendo, mordendo. Gememos, grunhimos, suas mãos puxavam meus cabelos. Viramos animais nos devorando. Me esfreguei com força entre suas pernas, cavando, imitando o ato sexual. Gemeu, estremecendo, rebolando comigo. Sorrio baixinho, mordiscando seus lábios inchados e forcei-me a parar o beijo. Lamentou em meus lábios. Sorrio perversamente e a virei de frente para a porta. — você está linda pra caralho nesse vestido. Estive duro toda a cerimônia. Me fez pecar tendo pensamentos obscenos na igreja. Tudo que eu pensava era nas maneiras que a faria gozar bem gostoso no meu pau. — meu tom foi mais suave, sussurrando em seu ouvido. Seu corpo tremeu. Sorrio safado, mordendo sua orelha, lambendo o lóbulo depois. Miou, quando enchi

as mãos em seus peitos e fui descendo até cavar na sua boceta por cima das camadas de tecido. Segurei-a com força e grunhi em seu ouvido, louco de tesão, alojando meu pau em seu traseiro. — vai dar essa bocetinha perfeita para mim? Hum? Vai dar bem gostoso para o seu marido, seu senhor, seu dono? — vibrou, seu gemido apenas um chiado. Afastei seus cabelos para um lado e fui abrindo os botões bem devagar. Puxei as mangas expondo seus ombros e congelei com o que vi no meio das omoplatas quase na nuca. *Jay*. Ah! Cristo! Ela fez uma tatuagem. Uma tatuagem. Meu nome estava gravado nela, porra! Meus olhos arderam. Uma emoção sem tamanho me enchendo. O homem das cavernas rugindo dentro de mim. Faltam-me palavras para descrever tudo que sinto por essa mulher. Nesse momento falta-me até a porra do ar! — Santa Mãe! Meu anjo. — beijei a tinta suave e reverentemente, ela ondulou, gemendo. Ainda devia estar sensível. Devia ter uma semana e ela a fez aqui na ilha porque eu teria visto isso, quando a comi de quatro no quarto do jato. Sim, não sou nada bobo. Eu sabia dessa tradição do caralho e aproveitei bem as horas de voo... —

você gravou meu nome em seu corpo, amor. Porra! Isso me faz selvagem, anjo! — ela sorriu. — me faz querer manter você presa na minha cama para sempre.

— Eu já estou presa em sua cama para sempre, amor. — sussurrou-me. Porra! Minha mulher me tem preso pelas bolas.

— Acho que teremos baunilha primeiro, amor. Uma baunilha turbinada. — sorrio sacana, mordiscando seu ombro e terminando de tirar o monte de tecido. — porra! Mulher! Você não está mesmo usando calcinha! Você vai me fazer enfartar na noite de núpcias! — dei um tapa em seu traseiro nu. Choramingou, rindo do meu desespero. — Vai ficar com as sandálias e a tiara. Seu príncipe quer foder você assim. — a ajudei a sair da ilha do vestido e cravei as mãos em sua bundinha firme e empinada. Suas pernas vieram ao meu redor. Sua boceta nua e quente se alojando em cima do meu pau necessitado. Esfregou-se nele desavergonhada. Gememos. — te amo tanto, amor. Sou a porra do bastardo mais feliz com tudo que fez para mim hoje. — sussurrei em sua boca, olhando-a bem dentro

dos olhos. Seu semblante amoleceu, os grandes olhos azuis gritando a mesma coisa antes das palavras saírem de sua boca.

— Eu também te amo, amor. — murmurou, emocionada. — eu sou sua. Só gravei na minha pele o que sempre estive no meu coração. — ah! Deus! Sim, ela vai me matar na porra da noite de núpcias.

— Deliciosa... Vem, vou comer minha putinha linda agora. — gemi e nossas bocas se encontraram de novo. Nossas línguas duelaram, se lambendo apaixonada e obscenamente. Caminhei devagar em direção à cama, minhas mãos amassando sua bunda, esfregando sua boceta no meu pau, infiltrando os dedos no meio da sua fenda, massageando seu cuzinho gostoso. Miou na minha boca. Lamentou quando a deposei no centro da cama e me afastei para me despir. Sorrio baixinho, malvado. Adoro provocá-la. Já havia me livrado da espada depois da cerimônia. Aquilo incomodava pra caralho, mas é a tradição. Os príncipes de Ardócia se casam assim. Eu reclamei do traje até as portas da Basílica se abrirem e

Cassie me comer com seus olhos incríveis. Ela adorou o traje, me disse depois.

— Posso despi-lo, meu senhor? — pediu no tom submisso que atíça a minha fera, seu olhar correndo por mim, cobiçoso. Ficou de joelhos da cama. Meus olhos devoraram seu corpo perfeito. Os peitos cheios e suculentos, a barriguinha plana. A porra da boceta ruiva mais linda que já vi. Cristo! Como negar um pedido dela assim toda gostosa e submissa na minha frente? A encarei, um riso lento, safado, conhecedor tomando meu rosto. Eu sabia o que ela queria e meu pau se sacudiu antecipando tudo. Acenei e ela veio rastejando até a borda do colchão. Ela sabe que amo quando rasteja para mim. Ficou de joelhos e suas mãos passearam pelos meus ombros, descendo para o peito. Gemi sob seu toque. Desabotoou a farda devagar e rosnei quando a puxou expondo meu torso. Lambeu os lábios, seus olhos ávidos no meu abdome. Sua boquinha gostosa desceu espalhando beijos e lambidas suaves. Estremeci e enchi as mãos nos peitos lindos, massageando, puxando os mamilos túrgidos. Gemeu e foi descendo por cada gomo do meu pacote de

oito. Trabalhou rápido no zíper das calças e as desceu com cueca e tudo. Meu pau saltou furioso, inchado, babando pré-sêmen da ponta. Sua língua serpenteou a cabeça, lambendo o líquido e eu enlouqueci.

— Chupe logo, escrava! — rugi, puxando-a pelos cabelos da nuca. — está louca para mamar no pau do seu dono, não é? Minha putinha safada. — forcei meu pau em seus lábios e ela os abriu me deixando entrar, deslizando até a garganta. Soltei um gemido gutural. — ohhhh! Cristo! Que boquinha gostosa! Isso, escrava... Me chupa bem gostoso... Assim. — passou a sugar com força do jeito que eu gosto. Deslizando os lábios até a base, arrastando os dentes de volta. Segurei sua cabeça e comi sua boquinha com vontade. Meti com tudo, batendo no fundo da garganta. Suas mãos cravaram nas minhas nádegas e mamou esfomeada, me deixando foder sua boca duramente. — ahhhh! Que delícia... Boquinha deliciosa, meu anjo. Não vou durar, amor. Porra! Mais forte, anjo! Isso! Oh! Merda! Vou gozar! — bombeei duro e ela arrastou os dentes mais uma vez. — Ahhhhhhhhhhhhh! — gritei, meu pau inchando, esticando seus lábios ao limite e

esporrei em jatos fortes na boquinha molhada. — Gostosa...Tome tudo, amor... Isso... — grunhi, ofegante. Lágrimas escorriam pelas faces rubras, mas ela continuou mamando, lambendo, limpando até a última gota. A perfeição do caralho. Meus golpes foram parando, meu corpo ainda tremia, minha respiração alta no silêncio do quarto. E então um clarão surgiu na sacada no nosso lado direito. Bem na hora. Sorrio puxando de sua quentura e terminei de me despir. Ela estava extasiada, os olhos presos na chuva de fogos de todos os formatos e cores que cortava o céu do palácio. — são para você, amor. — sussurrei e fui deitando-a de volta na cama.

— Tão lindo, amor. Obrigada. — murmurou, encostando nos travesseiros. Os cachos ruivos esplendorosos espalhando-se. Nunca vou me cansar dessa visão. Ela na minha cama, pronta para ser tomada por mim, seu marido, seu senhor, seu dono. Pairei acima dela, acariciei sua face ainda rubra, seus olhos lacrimosos, os lábios inchados de me chupar.

— Vão durar uma hora. Isaac selecionou os menos

barulhentos. Não queremos perturbar a ordem, não é? — sorrio perversamente antes de entranhar as mãos em seus cabelos, fazendo-a arquear. Abocanhei seu seio direito. Gritou. Dei um sorriso safado e continuei chupando devagar. Lambi a auréola e mordisquei. Dei o mesmo tratamento ao outro seio. Me banqueteei nos montes brancos, leitosos, redondos e incrivelmente firmes mesmo depois de ter amamentado nossos dois filhos. Não que me importasse se não estivessem tão firmes. Ela alimentou meus filhos. Isso me excita. Saber que gerou meus filhos faz com que ame mais que o corpo dessa mulher. Amo a sua essência. Ela é minha. Completa e irrevogavelmente minha.

— Ohhh! Jay, amor, por favor... — choramingou, quando puxei um mamilo depois o outro entre os dentes.

— Vai gozar no meu pau vendo fogos de artifícios, literalmente, meu anjo. — minha língua traçou um caminho lento até seu queixo. Gemeu sexy pra caralho. Ela adora isso. Cobri seu corpo com o meu, nossos olhares travando, falando de luxúria, tesão, mas acima de tudo do

amor que sentimos um pelo outro. Lambi seus lábios, ofegou e a beijei reverente, gostoso. Minha essência fresca em sua língua, fez meu pau ainda duro vibrar, cavando no meio de suas coxas. Ela as arreganhou, me acomodando. Gemeu quando deslizei a ponta em seu clitóris, massageando-o. Adorei sua boca com a minha, lambendo cada recanto, chupando sua língua macia. Suas mãos passeavam pelas minhas costas, suas unhas arranhando minha pele, me fazendo rosnar. Sorrindo, cortei o beijo. Nós dois ofegando na boca um do outro.

— Amor, você é tão malvado... Eu quero você. Ohhh! Deus! — seu corpo convulsionou quando minha boca ávida desceu pelo queixo e mordi o ponto entre o ombro e pescoço. Continuei meu assalto pelos seios, barriguinha, chupei-a e mordi deixando marcas. Nós dois amamos isso. — Ahhh! Jay! Eu não vou aguentar... — chiou quando arreganhei suas coxas e mordi sua virilha esquerda. Ela estava pendurada na borda. Qualquer estímulo e quebraria. Soprei seu clitóris e ela resfolegou, levantando a cabeça para me olhar. Dei-lhe um olhar sujo e lambi lentamente toda a sua racha até seu brotinho

inchado. Sua respiração cortou. Sorri e meti dois dedos ao mesmo tempo em que abocanhei o montinho chupando duro. Bombeeí duas vezes bem fundo e ela estremeceu gritando alto gozando e gozando na minha língua. Bebi tudo, sedento, como ela fez comigo. Seu corpo arqueou, vibrando e caiu de novo no colchão. Continuei entre suas pernas, comendo sua boceta doce até trazer sua excitação de volta. Não demorou muito já estava miando meu nome, implorando pelo meu pau. Me arrastei pelo corpo delicado, gemendo com a maciez da pele branca. Puxei uma perna para meu quadril, me alinhando em sua vulva. Arquejou em suspenso. Olhei-a bem de perto e fui me afundando nela.

— É isso que você quer, minha putinha linda? — girei o quadril e estoquei fundo. Gritamos os dois. Trinquei os dentes. — porra! Tão quentinha e apertada. — puxei quase tudo e meti de volta bem duro até o cabo. — toma tudo! Toma meu pau todo nessa bocetinha gulosa, escrava! — ela me abraçou com as duas pernas e me alojei em seu útero a cada estocada. Entranhei as mãos em seus cabelos e a puxei para mim. Olhos nos olhos, bocas ofegantes, Seu

corpo arqueando enquanto a comia sem dó. Meti bem fundo e gostoso, rosnando, rugindo como um animal, fodendo seu canalzinho apertado bruscamente. Dei uma estocada dura e saí devagar. Choraminguou me puxando e volta. Sorri e bati na sua bunda. — fique de quatro. Vou gozar no seu rabinho vendo meu nome em suas costas. — ficou prontamente na posição. Acaricieei suas costas esguias, afastei os cabelos para o ombro direito e rosnei ao ver a tatuagem de novo. — porra! Isso vai ser gostoso pra caralho! — dei outro tapa na nádega esquerda. Me abaixei beijando e lambendo suavemente onde tinha batido. Lambi toda a bundinha linda. Abri as bochechas e minha língua viajou do clitóris até o buraquinho pequeno. Enfieei dois dedos em sua vulva e continuei lambendo seu rabinho. Ela gemia indecente, mais líquidos jorrando em meus dedos. Levei-os até seu ânus e fui forçando a passagem. — abra para mim, putinha linda. Isso... — ronronou, relaxando e eu meti até o fundo. Cuspi em seu buraco. Acrescentei um terceiro dedo, alargando-a. Ela gemia e rebolava. Não aguentei mais e substituí os dedos pelo meu pau. Cravei meus dedos na carne de suas

bochechas firmes e fui me enterrando devagar. Puxei quando estava na metade e fiquei assim, entrando até a metade e saindo devagar. Miou rebolando gostoso, pedindo silenciosamente para eu foder mais duro. — que rabinho guloso! Quer tomar meu pau até as bolas, não é? Hum? Diga, minha escrava gostosa. — fiquei torturando-a mais um pouquinho. — gosta de me dar esse cuzinho gostoso? Ama ser fodida bem duro pelo seu dono, não é? Responda e eu dou o que você quer.

— Ohhh! Sim, meu senhor! Amor... Sim! Eu amo isso... — lamentou, seu rabo tentando me sugar mais. Rosnei e estoquei duro, rasgando-a até o fundo, minhas bolas batendo em sua boceta melada. Gritamos os dois ensandecidos. Os fogos continuavam clareando o quarto, um caleidoscópio de luzes coloridas e eu a montei. Realmente a montei. Fodi seu rabo com golpes fortes e fundos. Meus olhos se dividiam entre a tatuagem e seu buraquinho estreito engolindo meu pau até o talo. Meti e meti selvagememente nela. Me abaixei, mordendo e lambendo suas costas. Minha pélvis se chocando brutalmente contra sua bunda. Seus braços cederam e seu

rosto colou nos travesseiros. A boca entreaberta, arfando, gemendo. O rosto afogueado. Os olhos azuis incendiados. Linda demais.

— Ahhh! Que gostosa! Gostosa... — girei o quadril devagar duas vezes e peguei o ritmo outra vez. Meti nela incansável. Nós dois já suados. Eu estava perto. Levei uma mão para seu clitóris e o manipulei suavemente, enquanto a comia esfomeado, impiedoso. Levantei a perna direita por cima da sua bunda e meti bem fundo nessa posição. Ela gritou se desmanchando em soluços embaixo de mim. — isso, anjo! Goze bem gostoso para mim! Goze, meu amor. — seu corpo vibrou violentamente. Era lindo pra caralho vê-la gozando e chorando no meu pau. Isso sempre me leva para a borda. Dei mais duas estocadas fundas e rugi, meus olhos cravados na tatuagem. — ohhhhh! Cassie! Amor, vou gozar tão duro, anjo! Caralho! Que rabo mais perfeito... Delicioso... Gostoso demais. — minhas bolas eletrizaram, a sensação deliciosamente familiar se espalhou para o meu pau e explodi dentro dela uivando, gozando duro, enchendo seu canalzinho estreito de esperma. Continuei comendo-a furioso, despejando até

a última gota em seu rabinho guloso, meu corpo todo tremendo. Joguei a cabeça para trás, meu quadril foi perdendo a força. Saí devagar de dentro dela, que desabou na cama. Sorrio baixinho, saciado, feliz, abobalhado. Me debrucei e espalhei beijos reverentes em suas costas. Beije a tatuagem suavemente. Ronronou. Os olhos fechados. Completamente gasta. Desprendi a tiara com cuidado, colocando-a sobre o criado-mudo. Livrei-a das sandálias, massageando seus pés. Ronronou de novo, um sorriso lindo se abrindo em seus lábios. Ela adora ser bajulada depois do sexo bruto. Deitei-me e a puxei para mim. O espetáculo dos fogos ainda continuava, agora mais fraco. Levantei seu rosto para o meu. Os olhos azuis abriram lacrimosos, ainda anuviados de prazer. Nossos corpos ainda vibravam. Nos olhamos longamente.

— Melhor noite de núpcias, grandão. — sussurrou na minha boca. — eu te amo tanto, amor. — sua voz embargou um pouco.

— Foi perfeito, amor. Você é perfeita, meu anjo. — disse baixinho. — e eu te amo louca, intensa e

desesperadamente. — abriu um sorriso lindo antes de nossas bocas se tocarem. Nos beijamos bem lento, apaixonado. Ficamos assim por algum tempo e os fogos finalmente cessaram. — acho que minha foda pervertida pode ficar para amanhã no iate do Leon. — ela me olhou curiosa. Eu ainda não tinha revelado como ou onde seria nossa lua de mel. Sorriso enigmático. Revirou os olhos, mas sorriu também. — vamos começar passando uma semana no mar de Ardócia. Depois voltamos, pegamos os meninos e seguimos para nosso resort no Taiti, onde passaremos outra semana.

— E as outras duas, amor? Você é tão malvado. Me...

— Você vai escolher o local, ruivinha linda. — cortei sua queixa. Seus olhos se iluminaram como duas safiras. Lindos! Linda. — então, aonde vamos, meu anjo?

— Eu quero voltar à Angra. — disse suavemente. — eu amei o Brasil. — acariciou meu rosto, sua voz emocionada. — além disso, foi lá que nos reencontramos, amor. Vou querer ir sempre que pudermos.

— Eu nunca vou ser capaz de agradecer o suficiente a

Deus por ter nos colocado juntos de novo. — beijei a ponta de seu nariz e um sorriso sem vergonha se abriu na minha boca. — podemos ir lá sempre que quiser, meu anjo. Tudo que você precisa fazer é me comprar com sexo, muito sexo, porque não me vendo barato, já vou avisando. — Bufou. — faço o que você quiser se o bastardo aqui embaixo estiver a maior parte do tempo dentro de você.

— Seu tarado. — bateu no meu ombro, mas riu lindamente. — amor repete para mim a frase do último buquê de rosas. Eu amei cada palavra. — seus olhos incríveis se fixaram em mim e quando ela me olha assim eu não consigo negar nada.

— Meu lindo anjo, dizer que te amo se tornou um hábito. Mas, nunca será corriqueiro. É uma extensão natural de mim, de nós. Vou repetir isso até meu último suspiro, amor. Você vai sentir em todos os momentos da nossa vida como é especial e a melhor coisa que aconteceu para mim. Te amo. — falei devagar. Seus olhos estavam transbordando, a puxei, colocando-a sobre mim.

Minhas mãos deslizaram pela coluna graciosa. Espalmou as mãos em meu peito e espalhou beijos muito suaves. Quando seus olhos levantaram para os meus, suas faces estavam banhadas. — não chore, anjo. — pedi, mas minha própria voz era embargada.

— Meu lindo príncipe fodão. — sussurrou, entre risos e lágrimas agora. Adoro quando me chama assim. — estou chorando de felicidade, amor. Nunca fui tão feliz.

— Se acostume, ruivinha linda. — rocei nossos narizes. Ela riu mais. — isso é só o começo, anjo. Fazer você feliz é a meta da minha vida. — seu semblante amoleceu com minhas palavras.

— Amor, o que acha de termos mais um filho ou dois? — pediu depositando pequenos beijos em meus lábios. Meu pau semiereto adorou a ideia, começando a levantar de novo, empolgado para o trabalho.

— Acho perfeito, amor. Teremos quantos filhos você quiser, meu anjo. — murmurei e seu rosto se iluminou lindamente. — eu prometo mergulhar de cabeça nesse trabalho. — dei um riso lento e perverso. — literalmente.

— rimos e logo estávamos gargalhando.

— Tão safado, grandão. — murmurou, se esfregando descaradamente em meu pau. O bastardo acordou de vez.

— Tão safada, ruivinha linda. — sussurrei, minhas mãos descendo para sua bunda. Ficamos nos olhando e nosso riso morreu. Levamos as mãos aos nossos rostos.

— Eu te amo. — murmuramos juntos pela segunda vez hoje. Sorrimos e nossas bocas se encontraram num beijo onde derramamos tudo. Nosso tesão, loucura um pelo outro, mas também nossa fé no futuro, porque agora teremos tudo. Dessa vez, será para sempre. Eu não aceito menos que isso. — para sempre, meu anjo. — completei, sem parar de beijá-la.

— Para sempre, amor. — repetiu e meu peito expandiu. É, a vida finalmente deixou de ser uma bastarda comigo. Eu tenho tudo que um homem pode querer. Não, não estou me referindo a fama, dinheiro e títulos. Me refiro a essa mulher em meus braços. A única mulher que atravessou minha armadura e me fez sentir de verdade. Minha mulher. Meu lindo anjo.

EPÍLOGO

Um ano e meio depois...

Cassandra

— Porra! Tão gostosa, escrava! Ohhhh! Muito gostosa... — Jay grunhiu se debruçando sobre minhas costas, estocando com força em minha vulva. Sua pélvis batendo brutalmente contra minha bunda. Girou o quadril devagar, arrastando, massageando cada nervo e ponto sensível do meu canal. Eu gritei estremecendo sem controle. — isso, goze, putinha linda! Goze bem gostoso no meu pau! Goze, meu amor... — minha vagina vibrou, o orgasmo me rasgando impiedoso, forte, intenso. Gritei alto, gozando e gozando, enquanto ele continuava me comendo rosnando, grunhindo. — ohhh! Vou gozar, amor! Vou gozar! Porraaaaa! — Mordeu meu ombro e seu pau inchou. Rasgou-me em mais dois golpes duros e fundos e senti o primeiro jorro quente. — ahhhhhhhhhhhhhhh! — gritou, esporrando em meu canal ardente, ainda me fodendo rápido e forte. — Santa Mãe! Anjo... Que

gostoso... Deliciosa. — gemeu rouco, um som lindo de prazer, saciedade. Gemi de volta, extasiada por meu orgasmo e por provocar essa reação nele. Por dar tanto prazer a ele. Seus movimentos foram arrefecendo e ele parou enterrado em mim. Seu grande corpo em espasmos sobre o meu, me mantendo prensada na maca. Seu nariz arrastou para minha nuca e me cheirou profundamente. Espalhou beijos suaves até minha tatuagem. Lambeu-a. Ronronei. Ele já adorava me tomar por trás. Depois que fiz a tatuagem ele ficou obcecado. Tão dominador, meu lindo marido. — Cristo! Qualquer dia desses corro o risco de estampar os jornais com a seguinte manchete: engenheiro famoso desmaia sobre o corpo da esposa. Motivo? Ela é gostosa demais... — sussurrou, me bajulando, sorrindo baixinho, deslizando a língua pela minha coluna. Sorriu fracamente sob seu peso enorme. Ele riu mais e saiu de cima e de dentro de mim bem devagar. Gemi vergonhosamente. Ele também. Desamarrou meus tornozelos que estavam bem abertos e presos nas pernas da maca. Massageou-os com suavidade e firmeza ao mesmo tempo. Beijou minhas panturrilhas e veio para a

minha frente. Meus pulsos foram soltos das algemas. Desde o episódio com Carl, Jay só usa algemas revestidas para não me machucar. Cuidou dos meus pulsos e os beijou. Amo essa bajulação que faz comigo depois do sexo bruto. Ronronei quando me ajudou a sair da maca, que apesar de ser acolchoada já estava incomodando. Me levantou nos braços fortes e me levou para a cama. Estávamos no quarto de jogos. Temos vindo com menos frequência depois que nossas filhas nasceram há quatro meses. Mas sempre que dá nos refugiamos aqui. Jogar está na nossa essência. Ele gosta de me dominar e eu amo loucamente ser dominada por ele, meu marido antes de tudo, mas sempre será meu dono, meu senhor.

— Temos meia hora antes das meninas acordarem para mamar, amor. — murmurei em seu peito quando me puxou para seus braços, assim que nos deitamos na cama.

— Hum, ainda tenho meia hora para mimar minha ruivinha linda. — sussurrou, levantando meu queixo e me beijando ternamente. — você me faz tão feliz, meu anjo. — os olhos de ônix seguraram os meus, cheios de amor,

devoção. Então um riso arrogante se abriu em sua boca.
— nós realmente conseguimos fazer gêmeos de novo?

— Humm, nós conseguimos, grandão. — murmurei, rindo também.

— Eu amo minhas ruivinhas. — riu emocionado agora.
— todas as três ruivinhas lindas.

— Nós também te amamos. — sussurrei em sua boca.
— eu e nossos pequenos.

— Nós conseguimos, não é, anjo? — disse depositando pequenos beijos em meus lábios. — nós temos uma família linda.

— Sim, amor. Nós conseguimos. — concordei e aprofundei o beijo. Ele rosnou, rolando por cima de mim.

— Meia hora? — sorriu perversamente, abocanhando meu seio esquerdo. Gemi. Sorriu mais.

— Seu tarado. — miei, já me derretendo sob ele...

— Elas são tão perfeitas, amor. — Jay falou ninando e beijando a cabecinha de Samantha, meia hora depois. Eu quis homenagear minha mãe e o nome é lindo também.

Sorrio amamentando Emilly. As duas eram ruivinhas, mas os olhos eram escuros como os do pai. Parece que somos bons em nos misturar nos nossos filhos. Dom havia nos provocado no hospital quando as meninas nasceram dizendo que juntos éramos muito perigosos. E se continuássemos nesse ritmo teríamos um time de futebol misto. Jay o encarou arrogante e disse que estava se roendo de inveja porque só fazia um de cada vez. Leon acabou entrando na troca de gentilezas, enquanto eu, Júlia e Helena ríamos deles.

Meu grandão foi um marido perfeito, amoroso e atencioso na minha gestação. Ele conseguiu se redimir da ausência com Lucas e Samuel. Às vezes o sentia tão conectado com minhas necessidades que adivinhava meus pensamentos e desejos. Meu lindo príncipe fodão.

— Elas são. — assenti, retirando o seio da boquinha de Emilly. Ela já dormia tranquila de novo. — dê-me Samantha, amor. — pedi depositando o pequeno pacote adormecido no berço. Me aconcheguei na cadeira de balanço e ele me entregou minha pequena. Esse é um

momento tão especial. Acaricieei a penugem ruiva da sua cabecinha e sorrio, enquanto ela começava a sugar suavemente. Quando levantei os olhos, Jay estava nos olhando. Um misto de amor, ternura e orgulho em suas feições morenas. Ah! Deus! Amo tanto esse homem. Seu olhar me disse a mesma coisa quando encontrou o meu.

— Papai. — desviamos nossos olhos para a porta do quarto conjugado ao ouvir a vozinha de Lucas. Ele e Samuel estavam lá, parados. — tem um monstro embaixo da nossa cama. — disse baixinho.

— Ei, campões. — Jay foi até eles e os levantou um em cada braço. Eu nunca me canso de ver essa cena. — eu pensei que tivesse expulsado esse monstro a semana passada. — disse sorrindo ternamente para eles.

— Mas ele voltou. — Samuel falou. Os dois grudaram no pescoço do pai. — você vai expulsar de novo, papai?

— O papai vai com certeza. — disse solene. — essa é uma das minhas tarefas. Expulsar monstros intrometidos do quarto dos meus garotões. Vamos lá chutar a bunda dele? — os dois riram lindamente. Eu também sorrio. Ele

tinha tanto jeito com criança. Dessa vez ele me pegou olhando-os. Abriu aquele riso lindo, arrogante, másculo e sexy que me tem de calcinha molhada a maior parte do tempo e acrescentou: — vamos, digam boa noite para a mamãe.

— Boa noite, mamãe. — os dois disseram ao mesmo tempo.

— Boa noite, meus anjinhos. Mamãe ama muito vocês. — disse com minha voz um pouco embargada. Eu sou uma manteiga derretida quando se trata dos meus filhos. Além disso, eles estavam meio enciumados pelas meninas. Eu e Jay temos nos desdobrado para não deixá-los sem atenção.

— Também te amo, mamãe. — Lucas se adiantou como sempre.

— Te amo também, mamãe. — Samuel falou e meus lindos homens deixaram o quarto. Eu suspirei e encostei a cabeça no espaldar da cadeira.

Nossa vida havia entrado nos eixos. Amanhã é o casamento de Sílvia. Sim, ela também conseguiu seu final

feliz. A equipe de advogados do meu marido é perfeita, fodona mesmo. Minha prima aprendeu a dura lição e aproveitou bem sua segunda chance. Ela saiu da prisão há seis meses, mas ainda presta serviços comunitários em um abrigo de mulheres vítimas de violência. Costumo dizer que ela teve duas segundas chances, porque o advogado principal do caso se apaixonou por ela. Um conto de fadas, não é? Um lindo e destemido príncipe matando dragões pela mulher amada. Ok, isso provavelmente foi sentimental demais. Mas é assim que costumo pensar na grande virada na vida de Sílvia. Ela se apaixonou pelo cavaleiro de armadura brilhante também. Certo, divaguei outra vez. Mas não podem me culpar. Não é nenhum crime ser romântica, é? Bom, resumindo, Leonard e Sílvia oficializam a união amanhã. Eu e Jay seremos os padrinhos. Sim, não há mais mágoas em meu coração. Ela provou que é uma pessoa diferente agora. Pedi perdão a nós dois e resolvemos dar-lhe esse crédito. Somos família de novo. Balancei suavemente e meus olhos foram pesando. Devo ter adormecido porque nem senti Jay tirando Samantha dos meus braços. Acordei com o cheiro

delicioso do meu marido. Meu rosto colado no peitoral poderoso e nu. Ele riu quando me percebeu acordada. Depositou-me suavemente na cama e puxou o lençol sobre nós.

Jayden

— Boa noite, ruivinha linda. — sussurrei puxando-a para meu peito. Ela ronronou e se aconchegou mais.

— Ainda me acha linda mesmo com seis quilos a mais, seios de atriz pornô e uma barriga que ainda não voltou ao normal? — murmurou em tom de brincadeira, mas detectei um *que* de insegurança. Ela não tem ideia de como parece linda para mim agora. De como adorei vê-la desabrochar na gravidez. Ver sua barriga crescer. De como quase morri de susto e alegria quando o obstetra nos disse que teríamos gêmeos de novo. Ah! Nada do que ela descreveu a faz feia aos meus olhos. Ela sempre será linda para mim. Sempre. Levantei seu queixo, forçando-a me encarar.

— Nada disso que falou agora a faz feia para mim, meu anjo. — disse suavemente, mas sério. Não a quero com coisas assim na cabeça. — você é e sempre será linda

para mim, amor. Sempre. — seu rosto se iluminou com minhas palavras. Os olhos incríveis brilhando de amor por mim. Não resisti a uma provocação, no entanto. — além disso, tenho um plano de atividades físicas que vai fazer você suar muito e entrar em forma bem rápido, amor. — ela bufou.

— Você só pensa em sexo, seu tarado. — sorriu.

— Não, você é quem tem a mente pervertida, meu anjo. — franziu o cenho. — estou falando do boxe. — gargalhei quando corou encabulada. — você vai treinar comigo. Que tal? — levantei as sobrancelhas sugestivamente. — nós dois suados e ofegantes no ringue... — tenho certeza que as imagens que rondaram sua mente não tinham nada a ver com boxe. Ok. Confesso que na minha também não. — Mas é claro que sexo está definitivamente incluso nesse programa, ruivinha linda.

— Claro que está, grandão. — revirou os olhos, mas sorriu, beijando-me suavemente. — boa noite, amor. Você é o melhor marido que uma mulher pode querer. — sussurrou na minha boca. Não falei? Ela sempre será linda

para mim.

— Boa noite, anjo. — murmurei de volta. Nossos olhares presos. — você também é a melhor mulher que um homem pode querer. Linda por dentro e por fora, uma mãe excepcional, esposa dedicada e amorosa. — pausei um pouco, não resistindo a mais uma provocação. Ela tinha um riso brincando nos lábios cheios. — e ainda gosta de foder duro. Que mais um homem pode querer? — chiou, batendo no meu peito, mas caiu na gargalhada. Seu riso lindo, contagiante. Ri também. — você é a porra do pacote completo, amor. Eu nunca tive a menor chance contra você. Sabe disso, não é? A partir do momento em que vi esses olhos incríveis eu fui seu, anjo. Não importa o que houve. Todo o tempo que ficamos longe. — levei sua mão ao meu coração. — aqui dentro sempre foi só você, amor. Só você. — seu riso foi sendo suprimido pela emoção. Ela piscou, lágrimas se formando em seus olhos.

— Como consegue ser tão machista e romântico ao mesmo tempo? Eu amo isso, grandão. — murmurou, rindo tremulamente. — eu te amo tanto, amor.

— Também te amo, meu anjo. Mais do que qualquer palavra consegue definir. — sussurrei e nos beijamos lenta e apaixonadamente. — vem, vamos dormir, amor. — a aconcheguei mais a mim e não demoramos a cair no sono.

Parei na porta do closet e fiquei olhando-a. Meus olhos apaixonados bebendo cada detalhe de sua silhueta visivelmente mais cheia, mas ainda assim, elegante, linda. Seus olhos levantaram e cruzaram com os meus através do espelho. Sorriu-me suavemente.

— Ei, amor. — sussurrou, enquanto colocava os brincos de brilhantes. Avancei devagar, me deliciando com a visão da sua bunda empinada no longo azul marinho.

— Ei, meu anjo. — murmurei, enlaçando-a por trás. — esse decote traseiro é indecente, amor. Todo maldito homem no casamento vai ficar de olho na bunda da minha mulher. — rosnei. Ela sorriu, divertida. Sorrio também, beijei a tatuagem bem exposta pelo coque elegante que usava. Isso acalmou a fera dentro de mim. — meu consolo

é que todos podem ver a quem você pertence. — mordisquei suavemente seu ombro e pescoço. — porra! Fico louco de tesão toda vez que vejo meu nome em você, amor.

— Vamos, grandão. — miou quando esfreguei meu pau bem desperto em sua bunda. — somos os padrinhos. Não podemos nos atrasar. — suspirei resignado.

— Feche os olhos, ruivinha linda. — pedi. Seu rosto foi tomado pela expectativa e ela os fechou, rindo suavemente. Tirei a gargantilha de brilhantes e preendi em seu pescoço reverentemente. — pode abrir, anjo. — seus olhos se iluminaram como safiras. Tocou a joia emocionada.

— Oh! Amor! Ela é linda. — murmurou quase para si mesma. Nossos olhos se encontraram outra vez pelo espelho e uma expressão calculadamente submissa cruzou seu semblante. — como uma coleira, meu senhor?

Oh! Merda! O bastardo ganancioso dentro das minhas calças se rebelou, louco para brincar em seu playground. Ela adora me provocar.

— Sua provocadora de pau! — rosnei, dando um tapa suave em sua bunda. — é uma gargantilha. Mas já que tem a mente poluída, vai usá-la sempre que eu quiser te foder no quarto de jogos. — choramingou, os olhos muito dilatados. Sorrio, perversamente. — está usando calcinha? — meu tom foi duro. Ela acenou. — tire-a. Quero olhar para você a festa toda imaginando essa bocetinha perfeita toda melada para mim. — grunhiu e levantou o vestido fazendo obedientemente o que pedi.

Passamos nos quartos dos nossos filhos e demos um beijo em cada um. Cassie já havia amamentado as pequenas e armazenado leite para as próximas quatro horas, quando elas acordariam. Minhas ruivinhas eram um relóginho.

A festa estava animada. A pista de dança no jardim de Leonard, estava lotada de casais. Sílvia havia tirado a sorte grande. Mas justiça seja feita, ela havia deixado de ser uma vadia depois de tudo. Se desculpou conosco. Aguentou um ano enjaulada. Acho que precisava disso para repensar seus erros. É uma pessoa muito melhor

agora. Isso salta aos olhos. Quem diria que Leonard, um solteirão convicto iria cair tão rápido por uma boceta? Não contive um riso com esse pensamento. Eu não sou o mais indicado para criticar isso. Caí duramente por uma boceta. Uma linda boceta ruiva. Apertei mais a cintura delicada de Cassie e a coleí a mim, nos movendo no compasso suave do jazz.

— Ei, o que foi esse sorriso safado, grandão? — murmurou na minha boca.

— Estava pensando que nós homens, não temos chance quando encontramos a boceta perfeita. — ela bufou alto.

— Amor, por que não me beija e para de tentar ser romântico? — debochou, rindo abertamente de mim.

— Uh! Por acaso está dizendo que seu marido não é romântico, meu anjo? — finjo-me de ofendido.

— Amor, você é uma mistura maluca de ogro com *Shakespeare*. — riu mais alto. Alguns casais olharam para nós.

— Vai dizer que não gosta, ruivinha? Hum? — mordeu seu lábio superior, meu olhar prendendo o dela, mandando

mil mensagens sujas. Arquejou. Sorriu malvado. — oh, você gosta, não é, Sr.^a Di Castellani?

— Eu amo isso, Sr. Di Castellani. — miou e tomei finalmente sua boca não me importando onde estávamos. Desci as mãos da cintura para onde acabava o decote na parte baixa das costas e me pressionei sutilmente nela. Gememos e nos beijamos deliciosamente até ficarmos sem fôlego. Separamos as bocas para respirar e colamos nossas testas, arfando, rindo como dois bobos. Amo tanto essa mulher. Porra! Eu amo fodidamente essa mulher!

Estávamos voltando para casa, quando Isaac freou a limusine bruscamente, uma pancada fraca soou e um corpo pequeno e ágil rolou sobre o capô.

— Oh! Merda! O garoto se jogou na nossa frente! — Isaac rosnou, já saindo do carro. Saí também, seguido por Cassie. Não era exatamente um bom horário para ficarmos expostos assim na rua. Já passava das duas da manhã. Isaac o ajudava a se levantar quando chegamos à frente do carro.

— Me solte, seu babaca! — rosnou o garoto

maltrapilho, distribuindo socos e pontapés. Isaac o dominou torcendo seu braço para trás. Antes que eu abrisse a boca fomos cercados por uma turma de cinco adolescentes. Esses eram maiores e tinham canivetes nas mãos. Pavor deslizou na minha coluna quando compreendi a situação. O garoto estava pálido e tremendo. Porra! Ele estava fugindo. Imagens de um passado distante tomaram minha mente. Um adolescente perdido nas ruas correndo de uma gangue inteira. Sendo encurralado, espancado e esfaqueado nas costas. Eu. Tremi com essas lembranças.

— Solte o nosso irmão, imbecil! — rosnou o maior e mais encorpado. O garoto parou de lutar, visivelmente apavorado.

— Você é irmão deles, garoto? — inquiri, sem tirar os olhos dos delinquentes à nossa frente.

— Sim, ele é, babaca! — o enfezado rosnou de novo. Cerrei os punhos, a ira se espalhando em meu corpo. Tudo dentro de mim se rebelando em favor do garoto que era obviamente o alvo de um acerto de contas. Eles achavam mesmo que cinco garotos mal saídos das fraldas iriam me

amedrontar? Sorrio friamente.

— Responda, garoto. — grunhi e virei, puxando Cassie para mais perto de mim. — é irmão deles? Ou eles querem machucá-lo? — o garoto desviou o olhar apavorado para a turma e pânico passou em seu semblante, mas se empertigou todo, levantando o queixo para mim.

— Somos irmãos de rua, idiota! — disse com arrogância, mesmo se encontrando em desvantagem. Eu admirei isso nele. Porra! Eu me vi nele. Garoto insolente. Marrento. Tive que conter um riso porque gostei desse merdinha. Gostei muito.

— Vão embora. — falei calmo, mas mandando uma mensagem clara para a gangue com meu olhar. O mais afoito veio para cima empunhando o canivete. Empurrei Cassie para trás de mim e em dois tempos ele estava gemendo no chão com o nariz sangrando. Outro veio ainda mais afoito. Bufei entediado antes de torcer seu pulso, fazendo-o se ajoelhar gritando de dor. Solto o canivete. Dei um chute no seu traseiro magro e o empurrei para

cima do outro. — será que tem mais algum valentão aí? — grunhi para os outros. Eles se entreolharam chocados. Menearam as cabeças freneticamente e se viraram correndo como loucos. Os dois idiotas no chão se levantaram e saíram cambaleando. Sumiram todos dobrando a esquina. Ajeitei meu terno devagar e voltei a olhar o menino com mais atenção.

— Uau! Cara! Você parecia o *Van Dame*. — disse entusiasmado, mas então sua expressão se fechou percebendo que havia baixado a guarda. Ao menos tinha me chamado de *cara* em vez de *idiota*. Era um começo. O observei mais atentamente. Era franzino, mas tinha um porte altivo, arrogante. Era moreno, cabelos e olhos escuros. Eu definitivamente me vi nele. — por que está me olhando assim? Tire uma foto que dura mais, palhaço! — rosnou. Isaac gargalhou. Eu o segui. Porra de garoto insolente! Cassie riu suavemente atrás de mim.

— Ele me lembra alguém, amor. — murmurou para mim. A encarei e um mundo de coisas foram ditas sem palavras. Seu semblante ficou chocado inicialmente, mas

depois seus olhos ficaram brilhantes, emocionados.

— Eu acho que a história está se repetindo, meu anjo.
— sussurrei para ela. — você me apoia nisso? Vamos fazer isso juntos, amor? — ela pousou os olhos marejados no garoto, seu semblante suavizando como quando olhava nossos filhos. Me encarou de novo.

— Estou com você, amor. — afirmou sem vacilar. Peguei suas mãos e as beijei reverenciando essa mulher inacreditável. Sei que pode parecer loucura. Só vi o garoto por uns cinco minutos, no máximo, mas eu sinto que devo fazer algo por ele. Eu farei. Nós faremos. Talvez ele tenha uma família e esteja apenas solto nas ruas. Esse pensamento tirou um pouco da minha empolgação.

— Pode soltá-lo, Isaac. — assim que foi solto se empertigou todo, ajeitando o casaco velho de moletom que ameaçava engoli-lo. Andei até ele. — sou Jayden King. — estendi a mão. Ele ficou lá me olhando como se eu fosse louco, então a compreensão encheu seu semblante.

— King? O tal engenheiro do edifício em *Kensington*?

— o edifício rendeu vários artigos em revistas e um prêmio a Cassie pela fachada moderna. Ela havia combinado vidros que mudam de cor de acordo com a posição do sol e das estações do ano. O resultado é um jogo de cores impressionante quando avistamos o prédio. Eu rachei de orgulho dela. Minha arquiteta fodona.

— Sim, sou o tal engenheiro. — sorriu. — e essa é a arquiteta que projetou a fachada. Minha esposa, Cassie. — Um riso ameaçou se abrir pela primeira vez em seu rosto e ele limpou a mão nas calças sujas e finalmente pegou a minha mão, apertando-a firmemente.

— Porra! Aquilo foi demais, cara! — então desviou o olhar para Cassie ao meu lado e sorriu, meio encabulado, quase tímido. — desculpe, senhora.

— Sem problemas, querido. — Cassie disse sorrindo-lhe.

— Sou Mike. — falou e soltou a minha mão, ajeitando o casaco de novo, se preparando obviamente para ir embora. — eu, hum, obrigado por me salvarem daqueles caras. Eles provavelmente iriam me esfolar vivo, mas

agora preci...

— Quantos anos tem, Mike? — Cassie tomou a frente. Os olhos escuros do garoto se estreitaram um pouco, resabiado, sua postura gritando que sairia correndo a qualquer momento.

— Vou completar dez amanhã, senhora. — disse e seus ombros caíram um pouco ao mencionar isso.

— Me chame de Cassie, por enquanto, querido. — ela sorriu docemente e tomou minha mão na sua. — meu marido e eu gostaríamos de saber um pouco mais sobre você.

— Por quê? — perguntou à queima roupa. — senhora, isso tá ficando estranho pra cacete. — ficou sem jeito de novo. — merda. Desculpe. — revirou os olhos ao cometer outra gafe. Todos nós sorrimos. Ele esboçou um leve sorriso. — obrigado por tudo. Eu vou indo.

— Para onde vai, Mike? — falei às suas costas. Ele apenas olhou-me por cima do ombro, seguindo seu caminho. — eles vão pegá-lo no momento em que o deixarmos sozinho. Sabe disso, não é? — isso o fez parar.

Seus ombros caíram e ele se virou para nós. Havia medo, mas também havia orgulho em suas feições. Ele não queria caridade. Caralho! Muito parecido comigo! — venha. Nós te damos uma carona até sua casa. — ele cerrou os punhos ao lado do corpo.

— Eu já estou em casa, caso não tenha percebido, riquinho. — cuspiu. Isaac riu de novo. Porra! Esse garoto precisava aprender lidar com a raiva. Insolente. Bom, é melhor riquinho do que idiota, babaca e palhaço.

— Você teria interesse em entrar para um time de futebol misto? — disse e Cassie riu do meu lado.

— Cara, você é doido ou está drogado? — desviou os olhos para Cassie. — seu marido é sempre assim? — ela sorriu mais.

— Meu marido tem uma história parecida com a sua, querido. — os olhos dele se arregalaram, incrédulos. — o que me diz de ir conosco até nossa casa? Você está com fome? Posso fazer um lanche. Você se alimenta e pode passar a noite em segurança. Amanhã conversamos. Se quiser entrar para o time de futebol misto vou ficar muito

feliz. — ele a olhou desconfiado, mas não fez a mesma pergunta desrespeitosa que fez para mim. — você pode confiar em nós, querido. Meu marido está certo quanto àqueles garotos. Você está seguro conosco, prometo. — ele ponderou uns momentos e assentiu quase imperceptível.

— Isaac vai acomodá-lo na limusine. — falei e ele me olhou ainda em guerra consigo mesmo, mas andou lentamente em direção ao veículo.

— Porra! Irado aqui dentro! — exclamou assim que entrou no banco traseiro.

— Garoto, você tem uma boca muito suja. Vamos ter que trabalhar nisso. — rosnei.

— Desculpe, cara. — respondeu sorrindo.

Isaac se acomodou na direção e puxei minha mulher para meus braços antes de entrarmos.

— Você está mesmo bem com isso, meu anjo?

Seus braços rodearam meu pescoço, os olhos incríveis me encararam cheios de amor e orgulho.

— Você tem um grande coração, amor. — beijou-me suavemente. — meu lindo príncipe fodão. — sussurrou. Sorrindo, aprofundei o beijo. Agradecendo-a por ser essa mulher especial e me entender como nenhuma outra pessoa faz. Dei pequenos beijos e separei nossas bocas, nossos olhos se abriram e nos encaramos, rindo da nossa indiscrição. Isaac devia estar rindo de nós também.

— Vem, ruivinha linda. — sussurrei em sua boca. — depois que cuidarmos do marrentinho, prometo te mostrar outra parte da minha anatomia que é grande também. — estremeceu e sorriu baixinho. Entrelaçamos nossas mãos e entramos no carro. Eu teria um trabalhão com Mike, mas eu definitivamente o queria no meu time misto. Sem contar que dobrar o merdinha vai ser divertido...

CAPÍTULO BÔNUS

Quatro anos e alguns meses depois...

Cassandra

Andei na direção do pequeno lago na nossa propriedade. Os últimos raios de sol dourando o entardecer do outono. As risadas dos meninos enchiam o jardim. Parei uns momentos e fiquei apenas os observando. Meus filhos. Ou o time de futebol misto que Jay e eu montamos como diria Dom, meu muito irreverente cunhado. Não consigo conter meu riso orgulhoso, feliz pela linda família que construímos. Júlia e Leon passaram no início da semana a caminho de uma visita diplomática em Paris e deixaram Damien, Antonella e o pequeno Max conosco. Damien é muito apegado à Jay e acaba influenciando os irmãos. Anna Júlia e Felipe estavam aqui também, enquanto Dom e Helena faziam uma visita aos trabalhos da Fundação Príncipes Di Castellani na Colômbia. Jay é tão coruja com os sobrinhos. Todos eles fazem farra quando encontram o tio. Nos

encontraríamos na próxima semana para deixar os pequenos em Ardócia e seguir para Las Vegas. Sorrio ao imaginar o que o Dom preparou para seu aniversário de casamento. Logo depois retornaríamos à Ilha para o aniversário de casamento do tio Max. Um gritinho infantil, seguido de choro me faz virar a cabeça e vejo Mike correndo para levantar Antonella da grama.

— Ella! Ei, pronto. Shhhh. — ele murmurou pegando-a no colo. Ella é a forma como Damien a chama e todos nós acabamos adotando. — não foi nada, pequena.

Aproximei-me dos dois e passei os olhos pela pele branca da pequena. O joelho direito estava com uma escoriação leve. Ela fazia beicinho, os lábios muito vermelhos, os olhinhos verdes cheio de lágrimas. A acalmei beijando o ferimento.

— Tá doendo muito. — reclama, seu rostinho contorcendo. Sorrio, beijando seus cabelos.

— Foi só um arranhão, Ella. Já, já vai passar, querida.

— Eu vou passar um remédio, boneca. Não vai doer nada, você vai ver. — Mike disse suavemente. Ele sempre

a chama desse apelido. Ella realmente parece uma bonequinha. É tão amoroso com seus irmãos e primos. — eu já volto, mãe. A senhora fica com esses bagunceiros? — ri para mim. Meu coração se enche de amor e orgulho cada vez que meu menino marrento me chama assim. Foi um longo caminho, mas Jay e eu conseguimos integrá-lo ao nosso time. Às vezes me pergunto se ele não é um filho biológico perdido do Jay de tão parecidos fisicamente e na personalidade. Mas não, são apenas muitas coincidências, como o fato de Mike também ser um produto de orfanatos e lares adotivos onde nunca foi aceito e amado, exatamente como meu grandão.

— Claro, querido. Vá cuidar de Ella. — assenti e fiquei olhando-o se afastar com a pequena nos braços. Ele era tão bonito. Seu porte já é alto e forte e ainda nem tem quinze anos. Quer ser engenheiro como seu pai. Eu sei que vai ser um homem lindo, talentoso e íntegro porque tem nos mostrado isso a cada dia. Suspirei e me virei para meus bagunceiros preferidos.

— Mamãe! — Samantha me grita, mas para, rindo e

colocando um dedinho nos lábios num gesto de silêncio e antes que pudesse perguntar, braços fortes me rodeia a cintura. — papai chegou! — ela grita e logo os outros a seguem fazendo uma festa ao nosso redor.

— Ei, ruivinha linda. — Jay sussurra no meu ouvido, meu corpo todo treme com seu tom profundo, seu cheiro, seu peito duro e musculoso se moldando às minhas costas. É incrível como ainda somos tão intensos na cama como no começo. Agora precisamos fazer alguns arranjos porque temos muitos filhos que exigem nossa atenção e amor dobrados. Mas nossa necessidade um pelo outro não diminuiu e acho que não vai diminuir nunca. A quantidade com certeza vai arrefecer com o tempo, mas a intensidade, a necessidade sempre estará conosco. Eu o amo com todo o meu coração e ele me ama da mesma forma.

— Ei, grandão. — miei, sorrindo um tanto ofegante, sentindo-o espalhar beijos quentes em meu pescoço e ombro. Virei-me em seus braços, apoiando as mãos em seu peito. Ele estava tão sexy ao final de um dia de trabalho. Havia se livrado do terno e a gravata estava

frouxa. Nossos olhares se encontraram e ele riu perversamente vendo a luxúria em meus olhos.

— Casa da piscina ou treino de boxe? — murmurou na minha boca, um brilho safado tomando a íris escura. Ele levou a sério sua proposta de recuperar minha boa forma no boxe e eu... Bem, eu amo cada treino de boxe. Ele me faz suar muito... Não consigo conter meu riso guloso de antecipação e o provoquei usando meu tom submisso que adora:

— Boxe, meu senhor. — os olhos de ônix brilharam duros, lascivos e sua mandíbula apertou. Eu sei que vai me punir mais tarde por provocá-lo assim na frente das crianças. Eu mal posso esperar. — preciso manter minha barriga e bunda firmes.

— Seu traseiro está firme pra caralho, escrava. — rosnou, e sussurrou no meu ouvido. — minha mão e meu pau estão coçando para abusar dele mais tarde, uma e outra vez, bem duro, até você aprender a não ser tão atrevida. — gemi baixinho. Seus olhos voltaram para os meus. — isso é o que você ganha por me provocar, meu

anjo. — ri amplamente ao ver meu estado, beijando meus lábios suavemente.

— Papai, vamos jogar futebol? — Lucas grita e nos viramos para os meninos no pequeno campo que Jay havia feito para eles. Samuel, Damien, Max e Felipe endossam o pedido.

— Não, o papai vai brincar de casinha comigo, a Sam e a Anna. — Emilly gritou do outro lado. Jay riu indo até as meninas e pegando nossas filhas, uma em cada braço.

— Deem-me alguns minutos, campeões. — pediu para os meninos, que fizeram caras de poucos amigos, dois pares de olhos azuis, dois negros e um âmbar, muito contrariados. — garotas ruivas são muito geniosas. — revirei os olhos rindo da sua provocação. — vamos, princesinhas. Vamos brincar de casinha. — elas fizeram festa cobrindo o rosto do pai de beijos.

— Será que eu consigo substituir o papai nesse jogo? — perguntei para os meninos, seus rostinhos se iluminaram e eu fui até eles.

Brincamos até o sol se pôr com a turma agitada.

Depois que as babás cuidaram de cada um deles, eu e Jay fomos nos preparar para nosso treino de boxe. Olhei-me no espelho do closet e um riso se abriu no meu rosto. Meu corpo não só havia voltado à boa forma, como havia ganhado músculos mais firmes e levemente aparentes. Não considerem isso como vaidade, por favor. Vocês já deram uma boa olhada no meu marido? Hum, então conseguem entender porque preciso estar bonita para ele. Jay é a perfeição masculina. Sou louca por cada centímetro daquela pele morena, daqueles músculos duros, fortes. Minha boca já saliva só em pensar na minha língua correndo pelo abdome que tanto amo.

Sacudo a cabeça para expulsar meus pensamentos lascivos, avançando pelo corredor do segundo andar, onde fica nossa academia particular. Abri a porta devagar e entrei me encostando à ela. Jay já estava lá no ringue. Puta merda! Nunca me acostumo com essa visão. Ele em seus shorts de treino. Hoje usava um branco que destaca sua tez morena. Ele estava debruçado sobre as cordas, certamente aguardando a minha chegada. Um riso perverso se espalhou em sua boca, enquanto observa

minha caminhada em sua direção. Os olhos negros brilham deslizando por todo o meu corpo. O desejo claro em suas feições e isso me deixa em apuros, porque já estou ofegando e ainda nem começamos o treino. Ele ri mais, se divertindo em me deixar excitada. Tão malvado... E eu adoro isso.

— Traga esse traseiro gostoso aqui, ruivinha. — ri, se dirigindo para o meio ringue. Ele faz aquela coisa de lutador profissional, pulando e socando à sua frente. Lindo demais! Sorrio içando-me para o tablado suspenso. Rolei por baixo das cordas e coloquei-me de pé rapidamente num movimento ágil que ele havia me ensinado logo no primeiro dia. — uau! Amei esse top, Sr.^a Di Castellani. — seu tom soa muito bajulador e seus olhos descem famintos pelo meu colo no top vermelho e muito justo. — é novo? Seus peitos parecem que vão saltar a qualquer momento e eu estou louco para ver isso. — ri perversamente, enquanto seu olhar segue pelo meu ventre agora reto e tonificado. Seu maxilar trinca quando para no monte entre minhas coxas. O short combinando com o top é escandalosamente justo. Jay tomou uma respiração

aguda e me encara. — provocadora... — rosnou antes de tomar sua posição de combate.

— Que bom que gostou, meu senhor. — sussurro, preparando-me também. Ele rosna outra vez.

— Continue assim e será fodida antes do treino, escrava. — ai, Deus.

Sorrio e o ataco num gancho de direita. Ele esquiva e sorri, lindo, arrogante, superior. Continuo tentando acertá-lo, mas ele é muito mais rápido e tem anos de treino. Cerca de meia hora depois, já estou ofegante e seu corpo grande está me distraindo. Não consigo me concentrar direito com seu peitoral musculoso, tatuado e seu muito impressionante pacote de oito descobertos bem na minha frente. Soltei um gemido. Gargalhou e bloqueia mais um soco, girando meu braço, me puxando com força contra seu peito. Gemi de novo, lamuriosa, quando senti seu pau bem desperto na minha bunda.

— Porra! Você está tirando a minha concentração com esse top e short indecentes do caralho, anjo. — grunhiu no meu ouvido. Suas mãos passeando pelo meu ventre. Gritei

de luxúria quando uma desceu apalpando minha vagina e a outra puxou meu seio direito para fora do top. — vamos suar de uma forma bem mais interessante agora, minha putinha gostosa. — mordeu meu lóbulo, moendo, cavando no meio do meu traseiro. — é isso que você queria o tempo todo, não é? Tomar o pau do seu dono nessa bocetinha gulosa. — deu um tapa em minha vagina. Gritei, meu short molhando com minha excitação.

— Sim, era isso que eu queria, meu senhor. — miei desavergonhada. Ele me deu um tapa forte na bunda e riu perverso, mordendo meu pescoço.

— Tire a roupa e fique de joelhos, escrava. — rosnou, seu tom dominante me fazendo tremer as pernas. Me liberei rapidamente das roupas, mas não caí imediatamente na posição que ordenou. Meus olhos correram esfomeados pelo peitoral e abdome suados e lambi os lábios. Ele riu malvado, arrogante, sabendo o que eu queria fazer, o que amo fazer. — vá em frente, faça o que sei que está louca para fazer. — Sorrio, não me importando com seu sorriso sem vergonha e convencido. Me aproximei mais e deslizei

as mãos pelos músculos firmes do peito. Ele rosnou baixinho com meu toque.

— Você é tão lindo, amor. — murmurei quase para mim mesma e minha língua saiu ansiosa, desejosa, lambendo a pele suada. Ele soltou um gemido tão esfomeado quanto o meu. Rio, me sentindo poderosa de afetá-lo assim. Fui descendo, lambendo, beijando, me deliciando com cada gomo do seu abdome, seus músculos se contraindo com meu ataque.

— Chega, sua provocadora! — grunhiu, arrancando seu short, o pau enorme e grosso, erguido, babando pré-sêmen da ponta. — de joelhos, escrava! — cravou as mãos em meus ombros e eu caí obediente diante dele. — sem mãos, use apenas essa boquinha perfeita. — ordena e recolhi as mãos atrás das costas. Ele segurou seu eixo e esfregou a ponta espessa em meus lábios. — abra-os! Mama bem gostoso no seu dono, minha putinha! — rosnou e caí de boca. Estiquei os lábios à sua volta e chupei a cabeça, lambendo devagar. Ele assobiou, seu corpo estremecendo. Enfiou as duas mãos em minha nuca e me puxou

rudemente, metendo até a minha garganta. — ahhhh! Porra! Tão gostosa, escrava... — puxou meus cabelos e passou a me foder com vigor, obrigando minha mandíbula a relaxar e tomar o máximo possível dele. Lágrimas enchem meus olhos e já estou sem ar, mas continuei chupando-o, deixando me comer como ele precisa. — chega! Quero gozar na minha bocetinha ruiva. — Soltei-o, gemendo, ele riu perverso e me puxou para cima, tomando a minha boca num beijo urgente, lascivo. Comeu-me nesse beijo. Quando separou nossas bocas, me olhou num misto de ternura e luxúria. O marido e o dominador se alternando em suas ações. Acariciou meus lábios. Gemi. Seus olhos incendiaram. — de quatro, putinha! — choraminguei e me pus na posição subserviente.

Jayden

Linda pra caralho! Não me canso de ver minha mulher assim, entregue, rendida, submissa, pronta para ser possuída por mim, seu dono, seu senhor, seu marido. Me masturbei lentamente, me deliciando com a visão de sua bunda firme, empinada. Ela recuperou a forma e ainda

ganhou músculos tonificados depois do nascimento das nossas filhas. Eu sei que ela pensa que me importo com isso, mas não. Eu amo essa mulher de uma forma tão louca, intensa e transcendental que não me importa se está em forma ou acima do peso. Para mim sempre vai ser ela, apenas ela.

— Isso, boa menina. — bajulei-a, me abaixando, deslizando as mãos pelos ombros macios, joguei seu rabo de cavalo para o lado, expondo a tatuagem. Meu peito enche de amor e meu pau é tomado pela luxúria sempre que vejo meu nome gravado em sua pele branquinha e delicada, perfeita. — a quem você pertence, escrava? — murmurei, mais suave agora, descendo as mãos pelas costas esguias, numa carícia lenta.

— A você, meu senhor. — gemeu, quando acariciei os globos firmes do seu traseiro. — você é o meu dono. — dou um tapa forte na nádega direita. Gemeu lascivamente e intercalei palmadas com massagens e lambidas na pele rosada. Linda! A perfeição do caralho! Meus dedos desceram sondando sua boceta. — porra! Tão meladinha,

meu anjo. — minha voz é apenas um rugido. Meti dois dedos, rasgando-a bem fundo. Nós dois gememos. Me abaixei mais e caí de boca em sua linda boceta. Intercalei lambidas com estocadas, ela já estava tremendo, seu corpo se preparando para o orgasmo. Retirei os dedos, deixando-a pendurada. Rio com seu lamento. Dou mais dois tapas fortes em seu traseiro e puxo seu rabo de cavalo. — quieta, escrava! Você só goza quando eu quiser. Se eu quiser, entendeu! — ela soltou um suspiro baixinho e acenou com a cabeça, obediente. Isso sempre me derrete. Ela me domina e nem se dá conta disso. — boa menina. — ronronei e beijo onde bati. Me alinhei em sua vulva melada e cravei as mãos em cima da carne gorda da bunda. Sua respiração travou na expectativa, rio baixinho e me enfiei numa estocada forte até o fundo. Gritamos os dois. — caralho! Que bocetinha perfeita, meu anjo. — rosnei, puxando tudo e me enterrando de novo até as bolas. Peguei ritmo, comendo-a ensandecido, rosnando, uivando de tesão. — rebola gostoso, minha putinha linda! Vem, rebola no meu pau, porra! — ela fez o que ordenei e continuei metendo fundo, bem fundo, rasgando-a com

brusquidão a cada golpe.

— Ahhh! Deus! Jay, amor... — lamentou, seu corpo todo arrepiando. Ela estava perto, bem perto. Levei uma mão para seu clitóris e o massageei enquanto a outra mantinha o agarre em seu quadril e a fodi com mais força, sacudindo-a toda e ela gritou, se desfazendo no gozo. Não parei de martelar brutalmente, montando-a enquanto gozava. Puxei seu rabo de cavalo outra vez e meti sem dó, perseguindo minha liberação.

— Gostosa! Porra! Cassie, meu anjo... — grunhi, olhando meu pau rasgar furiosamente seu pequeno buraco. — ahhh! Vou gozar, amor... Porraaaaaaaa! — rugi, minhas bolas eletrizando e estremeci, esporrando direto em seu útero. Continuei comendo-a até ir perdendo as forças. Me debrucei sobre suas costas e beijei a tatuagem. Ela ronronou, rindo fracamente, ofegante, seu rosto rubro. Linda! — amo treinar com você, ruivinha linda. — murmurei em seu ouvido. Bufou, rindo mais em seguida.

— Eu amo mais, grandão. — miou visivelmente esgotada. Saí de dentro dela devagar e deitei no tablado

puxando-a para mim. Se aninhou no meu peito, nossas respirações ainda alteradas. Beije seus cabelos. — eu te amo, amor. — sussurrou, levantando o rosto para mim.

— E eu a você, meu anjo. — murmurei de volta, beijando-a suavemente nos lábios. Aprofundamos o beijo. Nossas línguas dançando devagar, gostoso, apaixonado. Dei pequenos selinhos e a apertei mais contra mim. — está animada para nossa viagem à cidade do pecado na próxima semana? — sorrio em sua boca. Ela ri também.

— Não quero nem pensar no que o Dom tem preparado, amor. — disse e gargalhou. Com certeza meu irmão exibicionista vai nos chocar. Isso é fato.

— Descrição não é com o meu irmão, anjo. Podemos esperar algo bem espalhafatoso. — gargalhei também. Dom havia insistido para eu, Leon e nossas esposas nos juntarmos à ele e Helena em seu aniversário de casamento. Eles comemoram e repetem o ritual a cada ano em Las Vegas. Nós concordamos, mas tanto Leon quanto eu estamos receosos com as loucuras que nosso irmão pode aprontar na cidade do pecado. — acho que vai ser

interessante, na pior das hipóteses, ele nos levará para saltar de paraquedas. — rimos mais.

— Concordo, acho que será interessante, grandão. — acena.

— E como foi nossa turminha bagunceira, hoje? — ela ri, seus olhos se enchendo de ternura e amor pelos nossos filhos e sobrinhos. Eu amo ter toda a farra desses merdinhas aqui em casa. Agora que estão maiores, sempre que meus irmãos podem, os mandam para cá. Os nossos também vão sempre visitar os tios e primos. É uma promessa que eu e meus irmãos fazemos questão de manter. Nossos filhos serão criados como irmãos, convivendo o máximo de tempo juntos. Mesmo nosso marrentinho Mike já está completamente entrosado com os tios e primos. Ele foi um achado. Será meu sucessor na King's um dia. O merdinha quase me fez chorar quando me chamou de pai pela primeira vez. Cassie não conseguiu segurar as lágrimas. Tão amorosa e sensível, meu lindo anjo. Eu não poderia ter encontrado melhor mãe para meus filhos e melhor mulher para mim.

— Agitados como sempre, mas eu amo ter a turma toda junta, amor. — suspirou no meu peito. — além disso, Mike tem tanto cuidado com eles.

— Eu também, meu anjo. — concordei. — nós fizemos a coisa certa com nosso marrentinho, não foi, amor?

— Sim, amor, nós fizemos. Ele é nosso filho agora, um Di Castellani do coração. — sussurrou, seu tom levemente embargado.

— Isso mesmo, anjo. Nosso pequeno homem tem mostrado a cada dia que fizemos a coisa certa. Ele é nosso. — garanti e caímos em um silêncio confortável, saciado.

— Pronto para o segundo *round*, grandão? — Cassie murmurou, me fazendo abri os olhos. Eu havia cochilado. Rolou para cima de mim, montando-me. Porra! Gostosa pra caralho! Meus olhos despertaram, bebendo seu torso esguio, a barriguinha plana, linda, tonificada. Os peitos fartos, cheios, a cinturinha perfeita, a boceta ruiva, alojada em cima do meu pau que já estava acordando pronto para atender sua dona. Sorrio safado, correndo as

mãos pela tez macia e branca. Encho-as em seus peitos. Gemeu, arqueando as costas, um riso atrevido se abrindo nos lábios cheios. — meu lindo príncipe fodão. — ronronou, plantando as palmas das mãos em meu peito e rebolou, torturando meu pau. Rio e abaixei uma das mãos para tocar seu brotinho inchado. Ela estava molhando toda a minha virilha do nosso gozo combinado.

— Vou mostrar o fodão em toda a sua glória, ruivinha linda, safada... — rosnei, dando um tapa em sua bunda. — vem, monta o meu pau, anjo. Afunda essa boceta quente e gulosa no meu pau, porra! — ela gemeu e levantou os quadris prontamente...

Ilha de Ardócia, dezesseis anos depois...

Ela me enlaçou pelo pescoço e nos movemos no compasso do jazz suave. Ainda me perco na intensidade das piscinas tão azuis. Sempre vou me perder nela. Aos quarenta e quatro anos minha mulher é esplendidamente linda. Usava os cabelos um pouco abaixo dos ombros agora, dando-lhe um ar maduro e sofisticado.

— Eu te amo, ruivinha linda. — sussurrei, minhas mãos acariciando preguiçosamente suas costas no decote baixo demais para o meu gosto. Digo, em público. Em privado ela pode usar o que quiser. Na verdade, prefiro-a nua...

Suas mãos delicadas passeiam suavemente pelos meus cabelos da nuca, enquanto seus olhos amolecem completamente fitando os meus. Eu vejo tudo o que sente mesmo antes das palavras deixarem seus lábios.

— Eu também te amo, grandão. — sussurrou, seu tom emocionado. — obrigada por me dar um conto de fadas e o mais importante, me dar o seu coração. — a puxo mais para mim, colando nossos corpos. Ela me faz tão feliz.

— Meu coração sempre foi seu, meu anjo. Só seu. — a beijei suavemente. — você é minha dona. — murmurei, ela ri lindamente porque sempre reforço que sou seu dono. — o que é tão engraçado, amor?

— Amo meu príncipe fodão na versão encantado. — sorri mais, dando-me pequenos beijos.

— Só para você, meu anjo. — sussurrei.

— Eu sei, amor e é por isso que é tão especial. — assentiu. — obrigada pelo lindo aniversário de casamento. Foi tudo perfeito.

Temos alternado nossas comemorações de casamento. No ano passado não comemoramos. Nosso amado tio Max nos deixou há um ano e meio. Faleceu de problemas cardíacos e suspendemos as festas em respeito à ele. Tio Max foi um pai para mim e meus irmãos. Sua viúva, Nicole, voltou para os Estados Unidos para junto dos dois filhos, mas continuamos mantendo contato e tratando-a como parte da família, pois ela fez nosso tio muito feliz nos seus últimos vinte anos de sua vida. Esse é o primeiro baile no palácio depois do longo período de luto. Leon ficou arrasado, eles tinham uma ligação muito forte. Eu e Dom estivemos nos revezando em tentar animá-lo a sair do luto. Ele está bem agora e voltou a sorrir como antes. Tio Max seguirá conosco, seus ensinamentos, sua serenidade, seu bom coração, sua nobreza. Além disso, Leon e Júlia fizeram uma linda homenagem em vida, dando seu nome ao filho caçula. Sim, sua linhagem, história e descendência seguirão em cada um de nós, seus

sobrinhos e em nossos filhos.

Continuamos dançando por mais algum tempo. Desviei o olhar para a nossa esquerda e vi meus irmãos dançando também com suas mulheres. Ambos riam e sussurravam, suas feições amorosas e apaixonadas a exemplo de mim e Cassie. Eles viraram em nossa direção. Trocamos um sorriso de cumplicidade, felicidade. Somos homens realizados, plenamente realizados. Acenei e voltei a olhar minha mulher. Agora só nos resta pedir a Deus que nossos filhos sejam tão afortunados quando seus pais e encontrem os seus felizes para sempre. Porra! Isso soou muito gay! Acho que a idade está definitivamente me amolecendo. Ironizei-me. Bom, a idade e a linda mulher em meus braços. Ela riu, os incríveis olhos azuis brilhando, fazendo meu peito aquecer, me enchendo com seu amor. É a segunda opção. É tudo por causa dela. Somente ela.

Encerramos a dança ao mesmo tempo em que meus irmãos e seguimos para a mesa reservada para o rei, que por acaso é o maricas do Leon.

— Jesus! Vocês estão ofegantes, irmãos. — Dom soltou

assim que nos sentamos, seu tom provocador como o bastardo que é. — será que estão ficando velhos? — abriu o riso irreverente que é sua característica. Leon e eu bufamos.

— Cale a boca, idiota. — Leon devolveu e riu zombeteiro, apontando as têmporas de Dom. — seu cabelo está salpicado de neve, ou quê? — todos nós rimos, inclusive Helena.

— Anna me disse ainda há pouco que sou um coroa enxuto. — Dom se gabou, mencionando a filha.

— Ah, pelo amor de Deus! — rio, entrando na nossa velha troca de gentilezas. As mulheres bufam, mas riem, pegando bebidas com o garçom que parou prontamente na mesa. — Emilly e Sam me dizem a mesma coisa, idiota. Ella deve dizer também ao Leon. Isso não conta como elogio.

— Bom, minha princesa repete isso todas as noites... — riu malicioso, olhando safado na direção de Helena. Ela riu, suas bochechas ficando vermelhas, meneando a cabeça.

— Dom, comporte, *amore mio*. — murmurou debruçando-se para ele, beijando-o nos lábios.

— *Mia regina* também não tem do que reclamar... — Leon se gabou, puxando a esposa para mais perto, beijando-a suavemente, os olhos dizendo sacanagens para ela.

— Você continua perfeito, meu rei. — Júlia sussurrou assim que se afastaram.

Cassie me olhou e riu travessa.

— Você não vai mesmo me dizer o que tem preparado para mim daqui a pouco? — abri um riso perverso e murmurei em sua orelha:

— Garanto que vai gostar, escrava. — gemeu baixinho. Meu pau deu uma sacudida. Eu diria que também sou um coroa enxuto pelas coisas que ainda fazemos na cama. — não vejo a hora de ter você de joelhos...

— Por falar em nossos filhos, onde estão eles? — Leon inquiriu, nos tirando do nosso momento cheio de lascívia. Meus olhos correram pelo salão abarrotado de nobres chatos pra caralho.

— Damien e Max já estão circulando por aí. Ella e Mike ainda não desceram. — Júlia informou.

— Como se fosse possível chegar num baile no palácio na surdina, não é? — Dom rolou os olhos. Cada membro da família que desce a bendita escadaria é anunciado. Concordo com esse idiota. O protocolo real é um pé no saco. — Anna e Felipe também já estão por aí. Ela com certeza já deve ter dado o fora em alguns príncipes enfadonhos. — completa, orgulhoso do temperamento irreverente da filha. Todos riram. Anna Júlia é o Dom de saias, costumamos dizer.

— Lucas, Samuel, Sam e Em já estão por aí também. — Cassie anuncia.

— Sabe o que pensei quando estávamos dançando agora há pouco? — murmurei, seus olhos brilharam na expectativa.

— O que, amor?

— Que agora precisamos pedir a Deus para nossos filhos encontrarem os seus felizes para sempre. — seu semblante amoleceu. — como encontramos o nosso, amor.

— murmurei e ela se debruçou para mim, lançando os braços no meu pescoço, as duas safiras marejando. Nos beijamos suavemente, esquecendo o burburinho à nossa volta.

— Eu te amo. — sussurramos ao mesmo tempo, nossas bocas ainda juntas. Rimos, porque isso sempre acontecia. É uma conexão profunda, intensa, perfeita. Sim, peço a Deus para nossos filhos e os filhos de meus irmãos possam ser tão felizes no amor quanto seus pais são. Foda-se, se soou gay!

Antonella

Londres, seis meses antes...

Acendo as velas sobre a mesa da cozinha. Está tudo perfeito! Ele vai chegar a qualquer momento e meu coração está disparado a cada minuto que passa. Amanhã meus tios farão uma festa para ele, mas hoje quero comemorar só nós dois. É o aniversário de Mike, meu lindo, protetor, viril e sexy primo. Eu o amo secretamente desde os quinze anos. Ele nunca pareceu notar isso, continuou me tratando como a sua bonequinha, a

menininha com quem brincou e protegeu inúmeras vezes enquanto crescíamos. Sei que acha que sou uma pirralha porque é mais velho dez anos. Mas isso vem mudando desde o último ano. Mike enlouqueceu quando arrumei um namorado em Harvard. Ele chegou ao cúmulo de voar vários finais de semana seguidos para Boston só para demarcar território, o que, aliás, tenho feito muito ao longo dos anos, espantando suas vadias. É claro que o garoto não aguentou mais meu *primo* na minha cola e terminou o namoro. Não que eu me incomodasse com o término. Fiz tudo só para provocar meu delicioso primo e ter certeza de que ele também sente o que eu sinto. Ele sente. Está cada vez mais difícil manter nossa atração em segredo. Há uma tensão sexual enorme entre nós. Ele me olha como se quisesse arrancar todas as minhas roupas e me tomar selvagemmente.

Eu sei que Mike deve ser intenso, rude, viril no sexo. Seu corpo grande, moreno, pinga testosterona por todos os poros e eu sonho com isso. Sonho com o dia em que me fará sua. Sei que isso está próximo, muito próximo de acontecer porque no mês passado quando estive em

Ardócia nosso status de relacionamento mudou consideravelmente. Infiltrei-me no seu quarto e fiquei nua o esperando sair do banheiro. Sim, isso foi muito ousado. Minha prima Anna me encorajou. Ela sempre foi mais descolada, despudorada do que eu. Mike quase morreu de susto quando saiu usando só uma pequena toalha branca, seu peitoral e abdome definidos salpicados de pingos d'água. Palavrões saíram em série da sua boca, mas seus olhos corriam pelo meu corpo com uma fome animal. Trincou os dentes e meu olhar desceu para a tenda que se formou na toalha. Arregalei os olhos, maravilhada e um pouco assustada porque ele era parecia ser muito grande e grosso exatamente do jeito que sempre imaginei.

— Ella... — gemeu, seu tom muito tenso, seu olhar escuro cravando no meu. — o que pensa que está fazendo, boneca? — eu amo esse apelido e a forma suave, reverente que ele o usa. Criei coragem e me aproximei mais, tão perto que meus seios tocaram seu torso nu.

— Cansei de fingir. — sussurrei, minhas mãos tocando seu peitoral amplo e duro. Seus músculos contraíram e ele

gemeu baixinho. — eu quero ser mais que a sua priminha. Quero ser sua.

— Princesa... Você é só... — grunhiu quando me esfreguei nele, sedutoramente.

— Só o quê? — murmurei.

— Só uma criança. — seu tom foi zangado. — não tem ideia dos meus gostos sexuais, boneca. Sou velho e experiente demais para você...

— Toque-me. — implorei, sem me importar com o amor próprio. Eu sabia o que estava vendo em seu olhar. Desejo sexual cru, primitivo. Ele me queria também. Peguei suas mãos e as coloquei sobre meus seios. Nós dois gememos. — veja que não sou mais a sua bonequinha, Mike. Sou uma mulher agora. Uma mulher que quer você. — um rosnado deixou sua garganta e as mãos grandes e calejadas se fecharam na minha carne. Minha excitação desceu pelas coxas.

— Porra, boneca... Você tentaria um santo com esse corpo perfeito, essa pele de seda. — grunhiu, amassando meus seios, puxou os bicos e abriu o riso charmoso,

perverso que tanto amo quando choraminguei, arqueando as costas, me oferecendo sem pudores ao seu toque. — essa boca carnuda, vermelha. — rosnou e enfiou as mãos em meus cabelos da nuca, puxando-me bruscamente para ele. Arquejei quando senti sua enorme ereção em meu ventre. Ele riu, os dentes brancos, certinhos fazendo meu coração galopar, descompassado. Tão lindo. Um macho alfa. Meu macho. — você não tem ideia das coisas que quero fazer com você, princesa. Das coisas que já fiz com você em pensamentos. — miei, louca para que me beijasse. Eu também já havia imaginado nós dois tantas vezes. Tantas que perdi a conta. — você é como uma flor delicada, uma porcelana cara de valor inestimável, Ella... — sussurrou bem próximo da minha boca. A ponta da língua deslizou pelo meu lábio inferior e meu corpo começou a tremer sem controle. — eu a estragaria, mancharia se pegasse o que está me dando. Eu a amo e respeito demais para ser egoísta e te foder do jeito que eu quero.

Ah, *Dio*. Ele estava me dispensando. Lágrimas de humilhação queimaram em meus olhos. Eu não devia ter

feito uma loucura dessas. Onde eu estava com a cabeça?

— Você não me quer? Mas eu pensei que... — balbuciei, tentando me desvencilhar, mas ele não me soltou. Os olhos negros brilharam, percorrendo todo o meu rosto, agora banhado de lágrimas.

— Boneca, você não ouviu tudo que acabei de dizer? — seu tom era mais suave. — eu sou louco de tesão em você desde que completou dezoito anos. Sim, eu percebi quando se transformou nessa mulher linda, perfeita que é agora. — rosnou muitos palavrões e fechou os olhos brevemente. — mas eu não posso tê-la, entende? Você não é para mim. Há um príncipe encantado para você lá fora, princesa. — seu semblante estava tenso, quase resignado. — eu não sou digno de sua pureza, Ella.

— Não! Eu não quero outro! — chiei, não me importando de estar sendo ridícula e um tanto mimada. — eu quero dar a você. — ele esbravejou de novo, impaciente. — faça comigo tudo que tem pensado. Se me deseja tanto, então prove, Mike. — seus olhos brilhavam perigosamente me alertando que eu estava ultrapassando

os limites, brincando com fogo. — faça tudo o que quiser comigo. — murmurei. Ele rosnou e suas mãos apertaram mais em meus cabelos. Seu olhar consumiu o meu, causando um frisson no meu ventre. Sua boca desceu sobre a minha, o hálito quente me embriagando e ele me beijou. Finalmente me beijou. Nós dois gememos com esse primeiro toque tão esperado.

— Ella... — disse meu nome com reverência e enfiou a língua habilidosa na minha boca. O abracei pelo pescoço e a partir daí viramos uma confusão de mãos e gemidos. Ele me apalpou em todos os lugares como se não soubesse onde tocar primeiro, cintura, seios, bumbum. Eu já havia experimentado muitos beijos, mas nunca um me incendiou tanto. Nossas línguas se lambiam com pinceladas provocantes em um momento para no seguinte, nos comermos outra vez. Eu pingava e contorcia-me contra o corpo musculoso. Amassou minha bunda com força, moendo na minha pélvis. Arranquei sua toalha. Ele sorriu, o som profundo, reverberando em meu centro. *Dio!* Tudo nele me excita. — Cristo! Princesa... Você é tão gostosa quando sonhei que seria... Posso ir para o inferno, mas

vou lamber e chupar cada centímetro dessa pele de porcelana. Eu vou cuidar de você, boneca. — me levantou nos braços e me levou para a cama.

E ele cuidou, mas não da forma que eu queria. Gozamos a noite quase toda só com toques e sexo oral. Conhecemos o corpo do outro em cada minúsculo detalhe. Ele gozou na minha boca, seios e barriga, mas um senso ridículo de moral o impediu de me penetrar. No entanto, repetimos a experiência todas as noites da semana que passou conosco. E é por isso que estou aqui agora na sua cobertura para fazer uma surpresa na véspera do seu aniversário de trinta e um anos. Eu mesma preparei o jantar. Tenho aulas de culinária desde os quinze anos e hoje eu vim com uma missão: impressionar e conquistar meu homem definitivamente. Percebi que ficou meio estranho depois que se deixou seduzir em Ardócia. Deve estar com os pensamentos ultrapassados de que eu preciso de um príncipe porque sou uma princesa. *Ah, per amor de Dio!* Estamos em pleno século 21. Não quero um príncipe enfadonho, certinho, esnobe, argg! Eu quero meu moreno alto, musculoso, sexy, viril. Meu bad boy...

Meu fluxo de pensamentos foi interrompido pelo barulho do elevador privativo. Meu coração saltou loucamente e puxei o decote do vestido vermelho soltinho que ia até o meio das coxas. Sandálias pretas foda-me, faziam o conjunto. Não quero parecer metida ou coisa assim, mas sou bonita. Tenho a altura e um corpo esbelto de modelo sem me esforçar muito para isso, exatamente como minha mãe. Se Anna estivesse aqui agora estaria dizendo: *ai, garota!* Sorrio e ajeito meus longos cabelos loiros sobre os ombros e deixo a cozinha. À medida que vou avançando ouço vozes baixas. Um gemido. Parecia ser um gemido... Feminino? Minha suspeita se confirmou quando estaquei na entrada da sala. Lágrimas pularam dos meus olhos com a cena inesperada diante de mim: Mike, o meu Mike chupava o pescoço de uma morena peituda, enquanto sua mão trabalhava freneticamente por baixo do seu vestido. Ela abriu mais as pernas e gemeu alto. Ele gemeu também e eu morri. Uma dor absurda invadiu meu peito e as lágrimas desceram sem controle. Devo ter soluçado alto, tamanha a dor que me invadia porque as cabeças escuras viraram na minha direção. Mesmo no meu

estado de torpor reconheci a mulher. Era uma engenheira recém-contratada da King's e ele estava fodendo com ela. Ele. Estava. Fodendo. Outra. Mulher. Horror estampou o rosto de Mike, que largou a mulher imediatamente. Ela gritou de susto, arrumando a saia e o decote que mostrava quase tudo.

Avancei até o sofá onde havia deixado a minha bolsa e a peguei. Eu não conseguiria falar com ele agora. Talvez nunca. Me dirigi ao elevador, ainda em silêncio. Que bom que ele também parecia não encontrar a voz.

—Ella... — sua voz foi apenas um sussurro. Eu parei de costas e fechei os olhos, meu corpo tremendo, minhas pernas ameaçando me derrubar dos saltos altíssimos que agora pareciam ridículos. A quem quero enganar. Eu sou ridícula. Fui ridícula todos esses anos sonhando com um homem que nunca vai ser meu. — por favor. Me deixa explicar. — ele pede, sua voz um tanto embargada.

Eu o olho por cima do ombro, reunindo o que me resta de coragem e consigo articular algumas palavras:

— Eu fiz o jantar. Seu vinho preferido está no freezer.

— tomo uma respiração para não desmoronar na frente deles. — feliz aniversário, Mike!

Entro no elevador e viro. Antes das portas se fecharem tenho um último vislumbre de Mike. Ele tinha os olhos cheios de lágrimas e um pedido de perdão saindo dos lábios. Mas nada disso ameniza a minha dor. Eu caio, escorregando pela parede assim que as portas se fecham e me sento no piso frio. Então, eu choro, soluços altos deixando a minha garganta porque havia chegado a hora de seguir e abandonar meu sonho adolescente.

Mike

Colômbia, América do Sul, dias atuais...

Sento-me na borda da cama e meus olhos bebem devagar cada detalhe do corpo adormecido. Ella está dormindo ainda sob os efeitos dos sedativos que a obriguei a tomar há duas horas. Só agora com ela aqui em segurança meu corpo relaxou. Quando Damien me avisou que a princesa estava num dos assentamentos da Fundação Príncipes Di Castellani localizados na selva colombiana e que um grupo guerrilheiro similar às FARC[119] estava

em conflito com algumas ONGs que operavam em seu território, eu tive um surto de adrenalina. Tomei um dos jatos da King's e voei para cá imediatamente. Encontrei Damien e os agentes do Serviço Secreto na capital Bogotá e nos embrenhamos na mata mais densa e assustadora que já vi. Levou um dia e meio descendo o Rio Amazonas. A zona estando em conflito não era seguro o uso de helicópteros. Corríamos o risco de sermos abatidos. Quando finalmente chegamos ao local a cena era de horror. Os guerrilheiros haviam destruído praticamente tudo. As tendas foram incendiadas, os medicamentos e mantimentos saqueados.

Graças a Deus não deixaram mortos, mas alguns ficaram feridos. Um deles foi o namorado de Ella, Paolo. Pelo que entendi, ele reagiu e foi severamente espancado. Fizemos o percurso de volta por terra, usando os caminhões da Fundação. Estávamos armados e bem protegidos pelos agentes. Ainda assim foi a viagem mais tensa que já fiz na vida, mas conseguimos chegar à próxima cidade e locar helicópteros para Bogotá. A médica responsável pelo acampamento, a

supreendentemente jovem e corajosa Dr.^a Isadora Moretti havia prestado os primeiros socorros e levamos todos os feridos para o hospital. As mulheres não tinham ferimentos. Eles não tocariam em Ella, não sem causar um incidente diplomático. Isso foi apenas um aviso para a Fundação recuar como já havia acontecido em outras zonas instáveis como no Continente Africano, por exemplo.

Enfim, todos foram medicados, Paolo em estado mais grave foi internado. Ella precisou ser sedada, pois teve um ataque histérico assim que chegamos. Um surto pós-trauma. Isso é muito comum. Ela pode querer parecer durona, mas eu a conheço como ninguém. É frágil e sensível. Quando acordou três horas depois, Damien a mandou vir comigo para a cobertura que alugou na semana passada quando eles haviam chegado à Colômbia. Ele ainda estava possesso com a irmã por ter desobedecido e se enfiado na mata com a Dr.^a Moretti. Aliás, Dam e a bela doutora pareciam ter uma espécie de antipatia.

Ella suspirou tremulamente, me tirando do meu fluxo

de pensamentos. Não consegui me segurar mais e levei a mão ao rosto rosado, gemi ao sentir a maciez da pele perfeita.

— Mike... — sussurrou quase inaudível. Meu peito aqueceu. Ela estava me chamando mesmo em seu sono. Isso me encheu de esperança.

Fazia três meses que a vi pela última vez na Ilha. Foi apenas um vislumbre, ela estava acompanhada do namorado, que é também um duque italiano, um franguinho mal saído das fraldas, mas que me olhou de cima como se fosse mais importante do que eu. Bufo. Sim, ele era. Não pelo seu título, mas porque estava com a mulher que eu sempre amei em silêncio. A única que eu quis e ainda quero com todo o meu coração, mas fui um idiota e a afastei. Ella sempre foi para mim um sonho inatingível. É uma princesa em todos os sentidos da palavra. Eu amava a bonequinha loira de olhos verdes e lábios vermelhos que sempre procurava proteção nos braços do primo mais velho. Sempre tivemos uma ligação forte. Estive por perto como estive de todos os meus primos, desde que meus

pais adotivos me deram uma família. Porém, entrei em conflito quando Ella foi se transformando ao longo dos anos. Vi-me com um novo sentimento crescendo dentro de mim cada vez que a encontrava. Isso começou quando fez dezesseis anos. Eu já era um homem de vinte e seis e me senti um pervertido por sentir tesão naquela menina que vi crescer. Isso só foi ganhando força nos últimos anos. Um sentimento louco, abrasivo toma conta de mim quando a vejo. Quando ela fez dezoito começaram as provocações por parte dela e eu fui jogado no inferno. Porra! Ella é a personificação da beleza feminina. Linda é uma palavra sem graça para defini-la. É uma boneca. Minha boneca. Perfeita.

Depois do episódio na minha cobertura em Londres há seis meses, ela me bloqueou, se desligou de mim completamente. Não atendeu mais nenhuma ligação e me evitou nos encontros familiares. Eu só posso culpar a mim mesmo por ser tão estúpido e cabeça dura. Depois de ceder aos últimos avanços da minha boneca sedutora, entrei em crise me amaldiçoando por tê-la tocado. Eu me odiava por ter sucumbido e me fartado em seu corpo

inocente e imaculado. Beijá-la, tocar cada parte de sua pele de porcelana era minha fantasia proibida. Mas fui além disso, como o idiota egoísta que sou. Eu a fiz gozar de todas as formas e permiti que ela me fizesse também. A imagem mais erótica da minha vida adulta é com uma garota dez anos mais jovem e inexperiente. Parece piada. Já tive minha cota de mulheres. Mulheres lindas, gostosas, mas nenhuma jamais me tocou como Ella. É impossível esquecer a sensação da boca carnuda e vermelha mamando meu pau. A forma ávida com que me chupou e engoliu cada gota do meu sêmen me enlouqueceu. Consegui a muito custo refrear o desejo insano de penetrá-la, foder seu corpo, marcá-la como minha como sempre quis. Foram os momentos mais loucos, intensos, perfeitos que já vivi. Mas eram proibidos. Ela não era para mim, eu vivia repetindo, me lembrando e cobrando. Numas das minhas tentativas de seguir em frente e acabar com essa obsessão, levei uma colega da King's para a cobertura e cometi o pior erro da minha vida, pois afastei Ella de vez. Sim, sou um maldito bastardo! A imagem dela ali na minha frente, seu rosto cheio de decepção, dor, lágrimas

banhando as faces delicadas me cortou ao meio e me fez enfim, aceitar a verdade. Eu amo essa menina-mulher. Foda-se se ela é uma princesa. Eu preciso dela. Ela é minha e não vou mais fugir disso. Vou finalmente reivindicá-la para mim e não me importa se vou enfrentar príncipes, duques, condes ou até mesmo o rei. Eu não vou mais me afastar.

— Mike... — ela chamou de novo, mas ainda inconsciente.

— Eu estou aqui, boneca. — respondi baixinho, acariciando sua face devagar. — e não vou a lugar algum sem você, Ella...

Continua em breve... Princesa da Inocência



[1] Deus em Italiano.

[2] A **Rocinha** é um [bairro](#) localizado na [Zona Sul](#) da cidade do [Rio de Janeiro](#), no [Brasil](#). Destaca-se por ser a maior [favela](#) do Brasil, contando com cerca de 70.000 habitantes.

[3] A **Universidade de Cambridge** (em [inglês](#): *University of Cambridge*) é uma tradicional [instituição de ensino superior](#) do [Reino Unido](#) considerada uma das mais prestigiadas e importantes do mundo.

[4] Santo Deus em italiano.

[5] São Paulo Fashion Week (SPFW) é o maior evento de [moda](#) do [Brasil](#) e o mais importante da [América Latina](#).

[6] Maldição em italiano.

[7] Linda, lindíssima!

[8] Angra dos Reis é um município brasileiro situado no sul do estado do Rio de Janeiro. Localiza-se a uma altitude média de seis metros e possui, em seu litoral, 365 ilhas.

[9] Minha pérola em italiano.

[10] Minha linda em italiano.

[11] Tesouro.

[12] Cantor e compositor Italiano.

[13] Minha delícia em italiano.

[14] Santo Céu em italiano.

[15] Significa amada, querida em italiano. Nesse contexto Leon o usa com sarcasmo.

[16] Sim em italiano.

[17] Querida em italiano. Na frase Leon o usa com sarcasmo.

[18] Deliciosa em italiano.

[19] Prostituta em italiano.

[20] Saudação italiana. Pode significar “olá” e “até logo”.

[21] Seu pai está aqui em italiano.

[22] Meu pequeno, meu filho.

[23] Banda de rock brasileira.

[24] Vinícolas de Leon.

[25] Cidade localizada no Sudoeste da França, a segunda maior região produtora de vinho no mundo.

[26] O The Oprah Winfrey, talk show da tv norte americana de maior sucesso no mundo todo. Estreou em 8 de setembro de 1986, e em 25 de maio

de 2011.

[27] Sensibilidade para o momento certo de realizar ou ocorrer algo.

[28] Tudo bem em italiano.

[29] Linda, você é muito linda.

[30] Princesa em italiano.

[31] O **Reino Itálico** (em [latim](#) *Regnum Italiae* ou *Regnum Italicum*) foi uma entidade política da Alta [Idade Média](#). Na península Itálica naquele período não existia um verdadeiro e próprio [Estado](#) que pudesse impor sua autoridade. Este período durou desde a queda do [Reino Lombardo](#) em mãos de [Carlos Magno](#). Ardócia foi fundada por um dos generais de Carlos Magno. A ilha viveu todas as revoluções daquele período e o idioma oficial é o italiano.

[32] Pelo amor de Deus!

[33] Meu amor.

[34] Meu filho, minha criança.

[35] Princesa de Gales, falecida em acidente de carro em 1997.

[36] Vocalista da banda inglesa de rock alternativo Cold Play.

[37] Graças a Deus em italiano.

[38] Sua mãe.

[39] Maldita!

[40] Meu coração.

[41] Minha linda princesa.

[42] **Vale do Loire** (em [francês](#): *Vallée de la Loire*) é conhecido como o *Jardim da França* e o *Berço da Língua Francesa*. É também de realçar a qualidade do seu património arquitectónico, nas suas cidades históricas, como [Amboise](#), [Angers](#), [Blois](#), [Chinon](#), [Nantes](#), [Orléans](#), [Saumur](#), e [Tours](#), mas em especial para os seus mundialmente famosos castelos, como o [Castelo de Amboise](#), [Chambord](#), [Villandry](#) e [Chenonceau](#) e dos seus vinhos famosos.

A paisagem do Vale do [Loire](#), e mais particularmente nos seus muitos monumentos culturais, ilustra um grau excepcional dos ideais do [Renascimento](#) e do [Iluminismo](#) na Europa Ocidental. O Vale do Loire é uma

excelente paisagem cultural de grande beleza, contendo, vilas e aldeias históricas, grandes monumentos arquitetônicos, os seus muitos [castelos](#) e os seus [vinhos](#).

[43] Minha querida em Francês.

[44] Leon utiliza o termo aqui fazendo referência à origem de seus irmãos, tendo nascido fora do matrimônio.

[45] **Primogenitura** é a tradição comum de herança de toda a riqueza, estado ou função dos pais pelo primeiro filho; ou, na falta de uma criança, por parentes próximos, de forma a manter o *status* da linhagem familiar.

[46] O **Principado do Mónaco** ou **Principado de Mônaco** é uma [cidade-estado soberana](#), e, portanto, um [microestado](#), situado no sul da [França](#).

[47] O *Guinness World Records* (antigo *Guinness Book of Records*, lançado em português como *Livro Guinness dos Recordes*) é uma edição publicada [anualmente](#), que contém uma [coleção](#) de [recordes](#) e superlativos reconhecidos internacionalmente.

[48] Como você está meu tesouro?

[49] Vovó.

[50] Eu vou bem. Muito melhor agora.

[51] Meu filho.

[52] Sua mulher?

[53] Está bem, está bem.

[54] Essa moça brasileira.

[55] Senhor.

[56] Tudo é uma perfeição.

[57] Um homem bonito.

[58] **Universidade Harvard** (em [inglês](#): *Harvard University*) é uma [universidade privada](#) membro da [Ivy League](#), localizada em [Cambridge](#), [Massachusetts](#), [Estados Unidos](#), e cuja história, influência e

riqueza tornam-a uma das mais prestigiadas [universidades](#) do mundo. Fundada em 1636 pela Assembleia Estadual de Massachusetts e logo depois nomeada em homenagem a [John Harvard](#) (seu primeiro benfeitor), Harvard é a mais antiga instituição de [ensino superior](#) dos Estados Unidos.

[59] Minha rainha

[60] Meu rei.

[61] Ao meu rei tudo.

[62] O pronome de tratamento utilizado para duques e duquesas é geralmente Sua, Vossa Graça, mas além de nobre, Helena é membro da Família Real também, por isso, recebe o tratamento de alteza.

[63] A síndrome do pânico, na linguagem psiquiátrica chamada de transtorno do pânico, é uma enfermidade que se caracteriza por crises absolutamente inesperadas de medo e desespero. A pessoa tem a impressão de que vai morrer naquele momento de um ataque cardíaco, porque o coração dispara, sente falta de ar e tem sudorese abundante.

[64] Uma das maiores ilhas da Península Itálica, entretanto, não é considerada território italiano por muitos.

[65] As Mil e uma Noites é o título de uma das mais famosas obras da literatura árabe, é composta por uma coleção de contos escritos entre os séculos XIII e XVI.

[66] É um hotel mundialmente famoso, sediado em Nova Iorque, Estados Unidos. O Waldorf-Astoria ocupa um quarteirão inteiro em Nova York, entre Park Avenue e Lexington Avenue e 49th Street e 50th Street.

[67] Meu Deus!

[68] Malditas.

[69] Amada, muito querida.

[70] Famoso bairro de Nova Iorque.

[71] Síndrome de Estocolmo é o nome dado a um estado psicológico particular em que uma pessoa, submetida a um tempo prolongado de intimidação, passa a ter simpatia e até mesmo sentimento de amor ou amizade perante o seu agressor.

[72] Maldição!

[73] **Bellagio** é um luxuoso [hotel](#) e [casino](#) da cidade de [Las Vegas](#), [Nevada](#), nos [Estados Unidos](#). O Bellagio localiza-se na famosa [Las Vegas Strip](#) em frente ao também requintado [Paris Las Vegas](#). A construção do hotel foi inspirada pelos [resorts](#) do [Lago de Como](#), na [Itália](#).

[74] Famosa capela onde começaram com a ideia de “Elvis Presley” celebrar o casamento.

[75] Prostitutas em italiano.

[76] A síndrome do pânico, na linguagem psiquiátrica chamada de transtorno do pânico, é uma enfermidade que se caracteriza por crises absolutamente inesperadas de medo e desespero. A pessoa tem a impressão de que vai morrer naquele momento de um ataque cardíaco, porque o coração dispara, sente falta de ar e tem sudorese abundante.

[77] Olá, minha querida.

[78] People é uma revista semanal norte-americana fundada em 1974 que publica notícias sobre cultura popular e celebridades. A publicação talvez seja mais conhecida pelas suas edições especiais anuais que listam "Os 50 Mais Belos" e "Os Mais Bem Vestidos".

[79] O **homem de Neandertal** (*Homo neanderthalensis*) é uma espécie extinta, [fóssil](#), do género [Homo](#) que habitou a [Europa](#) e partes do oeste da [Ásia](#), desde cerca de 350 000 anos atrás.

[80] Arnês (cadeirinha, arreio) é uma espécie de [cinto de segurança](#) para a [escalada](#), paraquedismo, [espeleologia](#), [iatismo](#) etc.

[81] A represa Hoover teve um papel transcendental no desenvolvimento alcançado por Las Vegas, pois gera a eletricidade consumida pela cidade, que

ao cair da noite se torna o ponto mais iluminado sobre a face da Terra.

[82] Sim, também te amo, meu querido.

[83] Famosa patricinha norte-americana.

[84] O **aeroporto John F. Kennedy** (em [inglês](#): *John F. Kennedy International Airport*), também conhecido como **JFK**, situa-se em [Nova York](#), na seção sudeste do [Queens](#), na baía Jamaica. Ele fica a 25 km da cidade pela estrada de Midtown Manhattan.

[85] Bugatti Veyron 16.4 Super Sport (2,4 milhões de dólares) - Com caixa de câmbio de embreagem dupla e sete velocidades.

[86] O carismático, criativo e exigente Daniel Boulud é o nome por trás do DANIEL, restaurante localizado na 65th Street, quase esquina com a Park Avenue, em Nova York. Com três estrelas no Guia Michelin, o estabelecimento é um dos maiores ícones da gastronomia mundial.

[87] Nossa Senhora!

[88] **Universidade Harvard** (em [inglês](#): *Harvard University*) é uma [universidade privada](#) membro da [Ivy League](#), localizada em [Cambridge](#), [Massachusetts](#), [Estados Unidos](#), e cuja história, influência e riqueza tornam-a uma das mais prestigiadas [universidades](#) do mundo.

[89] **Software**¹ [sóftuer],² **logiciário** ou **suporte lógico** é uma sequência de instruções a serem seguidas e/ou executadas, na manipulação, redirecionamento ou modificação de um dado/informação ou acontecimento. "Software" também é o nome dado ao comportamento exibido por essa sequência de instruções quando executada em um computador ou máquina semelhante além de um produto desenvolvido pela [engenharia desoftware](#).

[90] Jogos, em Inglês.

[91] Um **website** ou **site** (**site eletrônico** ([português brasileiro](#)) ou **sítio**, **sítio eletrônico/web/da internet** ([português europeu](#))) é um conjunto de [páginas web](#), isto é, de [hipertextos](#) acessíveis geralmente pelo protocolo [HTTP](#) na [internet](#).

[92] **Maître** é uma palavra de origem [francesa](#) que originalmente significa "Mestre". Em português é o nome dado ao responsável por agendar os clientes em restaurantes, coordenar quem vai servir qual mesa - garantindo máxima eficiência no atendimento - e lidar com as reclamações dos clientes.

[93] Significa ter senso de oportunidade de encontrar a hora oportuna para a ação.

[94] O **Trump International Hotel and Tower** é um [arranha-céus](#) na 401 N. Wabash Avenue no centro de [Chicago](#), [Illinois](#) nomeado pelo famoso promotor [Donald Trump](#).

[95] O **Aeroporto Internacional Midway** (em [inglês](#): *Chicago Midway International Airport*) é o segundo [aeroporto](#) mais importante da cidade [americana](#) de [Chicago](#), localizada no estado de [Illinois](#).

[96] *The Fast and the Furious* (no [Brasil](#), *Vélozes e Furiosos*; em [Portugal](#), *Velocidade Furiosa*) é um [filme americano](#) de [2001](#), do gênero [ação](#), dirigido por [Rob Cohen](#). Seu conceito foi inspirado por um artigo da revista [Vibe](#), *Racer X*, de Ken Li, sobre [corridas de rua](#) em [Nova York](#). O filme, que foi distribuído pela [Universal Pictures](#), é estrelado por [Vin Diesel](#), [Paul Walker](#), [Michelle Rodriguez](#) e [Jordana Brewster](#). Atualmente está na sétima edição.

[97] **Charles Spencer Chaplin**, [KBE](#), mais conhecido como **Charlie Chaplin** ([Londres](#),³ [16 de abril](#) de [1889](#) —[Corsier-sur-Vevey](#)¹, [25 de dezembro](#) de [1977](#)), foi um [ator](#), [diretor](#), [produtor](#), [humorista](#), [empresário](#), [escritor](#), [comediante](#), [dançarino](#). Chaplin foi um dos atores mais famosos da era do [cinema mudo](#), notabilizado pelo uso de [mímica](#) e da [comédia pastelão](#).

[98] A casa Sanchez em Inglês.

[99] Filme americano rodado em 2000, onde as garçonetes dançavam e

cantavam em cima do balcão.

[100] Santa Mãe de Deus em espanhol.

[101] O *habeas corpus* nasceu historicamente como uma necessidade de contenção do poder e do arbítrio. Os países civilizados adotam-no como regra, pois a ordem do *habeas corpus* significa, em essência uma limitação às diversas formas de autoritarismo.

[102] **Gone with the Wind**, ou *...E o Vento Levou*, é um [filme norte-americano](#) lançado em 1939. Trata-se de um [romance dramático](#) dirigido por [Victor Fleming](#) e com [roteiro](#) de Sidney Howard, adaptado do [livro homónimo](#) de autoria de [Margaret Mitchell](#).

[103] Irmã em Italiano.

[104] A perfeição em Italiano.

[105] **Four Seasons Hotel George V** é um hotel de luxo em Paris, capital da França. A partir de 2014, o Four Seasons Hotel George V entrou para o rol dos hotéis mais caros do mundo, com taxas a partir de USD 1.322 dólares por noite. A suíte presidencial chega a 50 mil.

[106] O Rio Tâmis (em [inglês](#): *River Thames*) é um rio do sul da [Inglaterra](#) que banha [Oxford](#) e [Londres](#) e desagua no [mar do Norte](#).

[107] Distrito localizado na parte oeste de Londres.

[108] Casal de assaltantes de bancos norte americanos.

[109] **Cassandra** (em grego: Κασσάνδρα) é uma personagem da [mitologia grega](#), uma dos dezanove filhos do rei [Príamo](#) e da rainha [Hécuba](#) de [Troia](#), sendo, portanto, irmã de [Heitor](#), [Páris](#), [Polixena](#) e dos demais filhos do casal real.

[110] Stamford Bridge, a casa do time do Chelsea, é o mais central dos estádios de futebol de Londres.

[111] Jogador de futebol, espanhol, um dos principais jogadores do Chelsea. Apelidado de *El Ninho*.

[112] É um novo terminal portuário localizado ao norte do rio Tâmis, nos

arredores de Londres. Por ter águas profundas naturais, é capaz de receber e operar os maiores navios de contêineres do mundo, bem como é o local de um dos maiores parques logísticos da Europa, oferecendo acessos rodoviários e ferroviários.

[113] Dois dos principais jornais de Londres.

[114] O **Old Trafford** é um [estádio de futebol](#), localizado no bairro [Trafford](#), município de [Grande Manchester, Inglaterra](#). É a sede do [Manchester United](#), clube da [Premier League](#) inglesa. Com espaço para 76.212 espectadores, o Old Trafford é o segundo maior estádio da Inglaterra em termos de capacidade, atrás somente do [Estádio Wembley](#), o terceiro maior no [Reino Unido](#), e o décimo primeiro na Europa.

[115] Bairro de Londres, Inglaterra.

[116] O **Palácio de Buckingham** é a residência oficial e principal local de trabalho do [Monarca do Reino Unido](#) em [Londres](#). Localizado na [Cidade de Westminster](#), o palácio é frequentemente o centro de ocasiões de estado e hospitalidade real. Ele já foi o foco do povo britânico em tempos de alegria nacional.

[117] Existem cinco aeroportos internacionais em Londres. Os vôos do Brasil geralmente desembarcam em Heathrow, que é o maior aeroporto de Londres e também um dos maiores do mundo.

[118] *CSI: Crime Scene Investigation* (*CSI: Investigação Criminal* ou como é conhecido popularmente *CSI: Las Vegas* no [Brasil](#) e *CSI: Crime Sob Investigação* em [Portugal](#)) é uma popular e premiada [série dramática americana](#) exibida pelo canal [CBS](#).

[119] As **FARC Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – Exército do Povo**, que opera mediante táticas de [guerrilha](#). São consideradas uma [organização terrorista](#) pelo governo da Colômbia, pelo governo dos [Estados Unidos](#), [Canadá](#) e pela [União Europeia](#). Os governos de [Equador](#), [Brasil](#), [Argentina](#) e [Chile](#) não lhes aplicam esta classificação.